

TESTEMUNHAS DE UMA BARBÁRIE:

uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas
do estado de exceção, Brasil 1964-1988



CASTOR M. M. BARTOLOMÉ RUIZ
SOLON EDUARDO ANNES VIOLA
(ORGANIZADORES)



TESTEMUNHAS DE UMA BARBÁRIE:

uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas
do estado de exceção, Brasil 1964-1988

Castor M. M. Bartolomé Ruiz
Solon Eduardo Annes Viola
(Organizadores)

TESTEMUNHAS DE UMA BARBÁRIE: UMA PERSPECTIVA DA INJUSTIÇA A PARTIR DAS VÍTIMAS DO ESTADO DE EXCEÇÃO, BRASIL 1964-1988

Castor M. M. Bartolomé Ruiz
Solon Eduardo Annes Viola
(Organizadores)

Editoração: Casa Leiria.

Apoio: CNPq



Os textos dos testemunhos foram retirados da página da Comissão da Verdade do RS: <http://www.comissãodaverdade.rs.gov.br/> durante os meses de abril e maio de 2015.

Ficha catalográfica

T347 Testemunhas de uma barbárie: uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas do estado de exceção, Brasil 1964-1988 / Organização de Castor M. M. Bartolomé Ruiz, Solon Eduardo Annes Viola. — São Leopoldo: Casa Leiria, 2016.
1 DVD

ISBN 978-85-61598-99-0

1. Perseguição política – Brasil – História. 2. Direitos humanos – Brasil. 3. Brasil – História – 1964-1988. 4. Brasil – Política – Governo – 1964-1988. I. Ruiz, Castor M. M. Bartolomé (org.). II. Viola, Solon Eduardo Annes (org.). III. Título.

CDU 342.7(81)

Catálogo na Publicação

Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB 10/973

Está autorizada e liberada a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio, seja para uso individual ou coletivo e para qualquer finalidade que tenha por escopo dar a conhecer com objetividade o conteúdo deste livro. Solicita-se que toda reprodução indique a referência bibliográfica de onde foi retirada.

TESTEMUNHAS DE UMA BARBÁRIE:

uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas
do estado de exceção, Brasil 1964-1988

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	17
TESTEMUNHO INDIZÍVEL DOS MORTOS E DESAPARECIDOS	25
JOAQUIM PIRES CERVEIRA (1923-1973)	26
JORGE ALBERTO BASSO (1951-1976)	28
JORGE OSCAR ADUR (1932-1980)	31
JOSÉ HUMBERTO BRONCA (1934-1974)	32
TESTEMUNHOS DA TORTURA	33
TESTEMUNHO – BRUNO MENDONÇA COSTA	34
TESTEMUNHO – CALINO PACHECO FILHO	89
TESTEMUNHO – CARLOS ARAÚJO	97
TESTEMUNHO – FÉLIX SILVEIRA ROSA NETO	124
TESTEMUNHO – IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER	180
TESTEMUNHO – INDIO BRUM VARGAS	205
TESTEMUNHO – JOÃO CARLOS BONNA GARCIA	236
TESTEMUNHO – PADRE ARNILDO FRITZEN	315
TESTEMUNHO – RAUL CARRION	340
TESTEMUNHO – RAUL JORGE ANGLADA PONT	365
TESTEMUNHO – UBIRATAN DE SOUZA	393
TESTEMUNHO – NILCE AZEVEDO CARDOSO	424
TESTEMUNHO – AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA	445
TESTEMUNHO – ADÃO DOMINGOS	481
TESTEMUNHO – ARAKEN VAZ GALVÃO	518
TESTEMUNHO – ELIANA LORENTZ CHAVES	552
DEPOIMENTO – PAULO MALHÃES	568

SUMÁRIO

RELATÓRIOS DA REPRESSÃO	977
LOCAIS DE REPRESSÃO E DETENÇÃO CITADOS NOS DEPOIMENTOS À CEV/RS:	978
A REPRESSÃO AOS MILITARES LEGALISTAS	980
O CERCO MILITAR AO ACAMPAMENTO DA ENCRUZILHADA NATALINO	997
A REPRESSÃO AOS INTEGRANTES DOS GRUPOS DE ONZE	1000
O CASO DO “HERZOG GAÚCHO”: A MORTE DE ÂNGELO CARDOSO DA SILVA	1007
PORTO ALEGRE: OS “ANOS DE CHUMBO”	1014
TABELA PARCIAL DAS VIOLAÇÕES – COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE RS	1029
TESTEMUNHOS E NARRATIVAS DA REPRESSÃO	1033
TESTEMUNHO DE ANTÔNIO CECHIN	1034
TESTEMUNHO DE BONNA GARCIA	1037
TESTEMUNHO DE JAIR KRISCHKE	1041
TESTEMUNHO DE NILZE CARDOSO	1042
TESTEMUNHO DE RAUL PONT	1046

APRESENTAÇÃO

O que se oculta pelo esquecimento tornará a repetir-se como barbárie

A violência contra um ser humano atinge, de muitos modos, a todos nós. Eis porque a condição das vítimas nos responsabiliza. A interpelação do sofrimento das vítimas torna-se apelo num duplo sentido, de um lado demanda a justiça devida (e possível) e, concomitantemente, há uma exigência de encontrarmos dispositivos que neutralizem os desdobramentos contaminantes de toda violência.

O primeiro passo para efetivar a justiça exige fazer memória do acontecido. Sabemos, por triste experiência, que a impunidade caminha da mão do esquecimento. Os vitimários sempre pretendem ocultar a injustiça como meio de fugir das responsabilidades. A melhor estratégia para ocultar a injustiça é seu esquecimento. Para tanto promovem-se infinidade de dispositivos de esquecimento com objetivo de ocultar ou dissimular a injustiça perpetrada. O primeiro passo costuma ser a criação de discursos de legitimação da violência como algo necessário, inevitável ou até merecido. O segundo passo é conseguir que a violência e sua injustiça conexa seja esquecida o mais rápida e totalmente possível. Se conseguidos esses dois movimentos, os vitimários terão obtido uma dupla vitória e, com isso, cometido uma dupla injustiça contra as vítimas. A primeira injustiça aconteceu no ato da violação das vítimas, a segunda injustiça no seu esquecimento.

De modo inverso ao esquecimento, a memória apresenta-se como práxis da justiça. A memória repõe no presente um passado que nunca passou plenamente, já que a injustiça cometida perpassa diacronicamente o tempo e a história. A memória das vítimas atualiza um passado de injustiça que interpela o nosso presente, precisamente porque ele permanece carente de justiça. O passado que pretendeu negar-se pelo esquecimento, sobrevive como demanda de justiça para o presente. Nosso presente é responsável, sempre, da interpelação histórica pela injustiça não resolvida. Isso porque nós, no nosso presente, também nos aproveitamos de muitas formas daquelas injustiças cometidas contra as vítimas. Seu sofrimento propiciou que nosso presente seja o que é, por isso a demanda por justiça persiste ao longo do tempo como um eco diacrônico que o tempo cronológico não consegue apagar. A memória é um dispositivo para fazer a justiça possível às vítimas da história.

A primeira demanda da justiça histórica advém do reconhecimento de sua existência. Reconhecer a injustiça cometida, nomear as vítimas, olhar no seu rosto, trazê-las ante nós como parte de nossa contemporaneidade, esse processo de rememoração é já um primeiro ato de justiça. Insuficiente, sem dúvida, porém necessário para os passos subsequentes.

Esta modesta obra que colocamos ante o leitor pretende contribuir, modestamente, através da memória das vítimas, para a realização da justiça histórica de todos aqueles que sofreram a repressão, a tortura, a morte e o desaparecimento durante o estado de exceção no Brasil de 1964 a 1988. A justiça envolve muitos elementos, a saber, reconhecimento anamnético da injustiça, reparação do mal cometido, punição do culpáveis. Nesta obra não almejamos desenvolver a complexidade dos três passos, mas desejamos contribuir através do testemunho das vítimas para que sua memória seja reposta como forma primeira de justiça, na espera e na expectativa de que contribuir com isso à realização mais plena de justiça devida às vítimas.

O segundo aspecto que motiva esta obra inspira-se na convicção de que toda violência, quando ocultada, tende a repetir-se. A violência tem um potencial mimético que induz a sua repetição. Por isso, a violência que se oculta pelo esquecimento tende a repetir-se como barbárie. O modo de neutralizar a violência é conseguir expor, pela memória das vítimas, a barbárie de seus métodos e a inumanidade de seus efeitos.

Entre outros efeitos, a violência induz uma dinâmica mimética que, se não for neutralizada, conduz a uma cultura da violência em cujo ápice operam dispositivos de normalización, sob argumentos de que o ser humano é natural e inevitavelmente violento.

A potência mimética e destrutiva da violência incrementa-se quando esta é impulsada desde uma racionalidade estratégica, principalmente quando se arquiteta como violência de Estado. Quando o Estado, que possui o monopólio legal da violência com objetivo de defender os cidadãos, decide utilizá-la como ferramenta política para neutralizar opositores, inicia-se uma dinâmica de violência estrutural que tende a contaminar os aparatos do Estado e as pessoas responsáveis, promovendo a violência como uma atitude le-

gítima que desemboca num hábito normalizado em muitos agentes do Estado. Os argumentos para legitimar uma política de violência estrutural ao longo dos tempos são dos mais variados, contudo seus efeitos nefastos são similares na medida que produzem um corpo interno de agentes de Estado violadores e violentos que, por sua vez, praticam e espalham a violência institucional como uma técnica habitual no controle político dos variados tipos de opositores.

El motivo inicial de esta obra, “*Testemunhas de uma barbárie: uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas no Estado de exceção, Brasil 1964-1988*”, provem da interpelação das vítimas da violência institucional perpetrada durante o golpe de Estado no Brasil em 1964 e que perdurou, em diversos graus, até 1988. Essa violência estrutural obedeceu a um rigoroso planejamento de “limpeza” social dos considerados opositores políticos ou ideológicos do novo regime militar. Centenas foram mortos e desaparecidos. Dezenas de milhares dos detidos foram submetidos às mais diversas torturas através das quais agentes militares, policiais e políticos que colocaram em prática as técnicas apreendidas em escolas especializadas em tortura e interrogatório de prisioneiros, como a famosa Escola das Américas, patrocinada pelos EEUU para treinar militares latino-americanos nas táticas de tortura. Centenas de milhares de pessoas sofreram a repressão política através de inúmeras prisões, exílios, sanções administrativas, perdas de emprego, etc.

A obra apresenta inicialmente alguns relatórios de mortos e desaparecidos, da Comissão Estadual da Verdade do RS. Os mortos e desaparecidos marcam com seu silêncio um testemunho que é indizível. A indizibilidade do seu testemunho torna-o um espaço privilegiado de verdade e memória. O vazio de sua ausência não pode ser preenchido por discursos nem liturgias oficiais. Seu vazio excede toda palavra, por isso sua ausência sentida, nomeada, recebida torna-se o verdadeiro testemunho. A indizibilidade desse vazio opera como o testemunho de um sofrimento que excede qualquer figura de linguagem. Não entanto, ele interpela pelo silêncio, na medida que é reconhecido e acolhido como presença ausente. Com esse objetivo, oferecemos alguns relatórios de mortos e desaparecidos a fim de que, na sua interpelação, o vazio de sua ausência torne-se o verdadeiro testemunho. O relatório não vale tanto pelo que diz, mas pelo vazio

que deixa ao não poder dizer tudo que deveria ser dito e que só os mortos e desaparecidos poderiam dizer. Esta é nossa primeira homenagem de memória, que replica como interpelação de justiça devida aos mortos e desaparecidos.

Num segundo capítulo reproduzimos alguns depoimentos de pessoas que sofreram a repressão e a tortura durante o último estado de exceção no Brasil. São depoimentos provenientes da Comissão Estadual da Verdade do RS. Eles foram retrabalhados na sua transcrição dos áudios gravados até onde nos foi possível, mostrando algumas lacunas e até palavras difíceis de compreender. Mas o essencial destes depoimentos é que neles atualiza-se a injustiça sofrida como uma realidade que ainda permanece desconhecida para muitas pessoas, ocultada por muitas instâncias e negada por muitos agentes. O depoimento detalhado dos métodos de repressão e tortura traz para luz da história a verdade que os torturadores quiseram ocultar de muitas formas. Os porões do DOPS e as diversas dependências de tortura eram ocultos, invisíveis para a sociedade, com objetivo de que a barbárie da tortura fosse também invisibilizada para a história. Os depoimentos revelam que a tortura não era uma excrecência do estado de exceção, mas a sua essência. A barbárie que se praticava na escuridão era o verdadeiro rosto do estado de exceção que se envergonha, até hoje, dessa prática e por isso a nega. O negacionismo histórico da tortura como uma prática de Estado contribui para que ela permaneça como prática habitual em muitos agentes e instituições do Estado brasileiro. O depoimento dos torturados é um primeiro ato de justiça histórica que os reconhece como vítimas de uma barbárie. Contudo, seu depoimento excede a individualidade de sua pessoa. Ao trazer para a luz de nosso presente a barbárie oculta da repressão e da tortura, os depoimentos contribuem para que esta prática não seja mais aceita sob nenhuma justificativa nas diversas entranhas de um Estado de direito. Nada justifica hoje, como não justificou ontem, o uso da tortura como método. Fazer do sofrimento humano uma prática habitual do Estado é abrir as portas para a barbárie total.

Num terceiro capítulo oferecemos diversos relatórios da repressão, um listado de locais onde, no RS, foram praticadas as torturas e uma tabela de violações elaborada pela Comissão Estadual da Verdade do RS. Estes documentos contribuem para iluminar de for-

ma mais evidente o alcance destas práticas de tortura e morte. Estes documentos mostram que estas práticas obedeciam a estratégias de Estado e não a irregularidades pontuais de agentes públicos. A tortura e morte sistemática de opositores do regime militar não foi um ato isolado ou uma iniciativa individual de alguns agentes públicos. O que se mostra é que havia uma estratégia global de violência de Estado que desencadeou todas as operações, forneceu locais, agentes, infraestrutura, logística, informação, etc. Por tudo isso, as torturas, mortes e desaparecimentos cometidos no último estado de exceção no Brasil foram um autêntico “crime de Estado”.

No quarto e último capítulo oferecemos um trabalho mais complexo e elaborado de testemunhos de vítimas da repressão e da tortura gravados em vídeos. Durante três anos fizemos seminários para gravar estes testemunhos de forma pública para que eles fossem um ato de memória no seminário e ficassem como arquivo de memória para a história nesta obra. Os vídeos recolhem os testemunhos de cinco pessoas: Irmão Antônio Cechin, Bonna Garcia, Jair Krichke, Nilze Cardoso, Raul Pont. O testemunho em imagem é uma tentativa de reconhecer as vítimas pelo rosto e pelo olhar. O rosto e olhar das vítimas interpelam mais incisivamente que o mero nome anônimo. As palavras ditas, o tom da voz, o olhar sentido e o rosto vivenciado são signos que comunicam simbolicamente algo que escapa muitas vezes à palavra escrita. O olhar no olho do outro tende pontes de empatia entre o passado que sofreu e a interpelação que nos oferece. Quisemos contribuir para deixar para a história a voz, o olhar e o rosto de algumas vítimas da repressão, com intuito de que eles contribuam para que esta barbárie nunca mais se repita.

Por último agradecemos a colaboração de muitas pessoas que fizeram possíveis a parte técnica dos seminários e gravaram os depoimentos. Agradecemos ao CNPq pelo apoio que deu a este projeto acreditando que a pesquisa acadêmica pode e deve ser um meio de reconstruir a história. Agradecemos à Comissão Estadual da Verdade do RS pelo trabalho feito e o material produzido. Agradecemos à Comissão Estadual da Verdade do RJ pela disponibilização do depoimento de um torturador. Agradecemos também à Comissão Nacional de Anistia pela parceria em muitas oportunidades, registrando nosso reconhecimento pelo excelente trabalho feito e que está

fazendo para restituir a memória das vítimas e reparar minimamente a injustiça devida. Uma vez que a lei brasileira impede o julgamento sumário dos torturadores, resta a luta por continuar a exigir tal julgamento, e na sua impossibilidade restaurar a memória das vítimas como ato de justiça de Estado.

Castor M. M. Bartolomé Ruiz

Dr. Filosofia

Coordenador Cátedra Unesco de Direitos Humanos e
violência, governo e governança.



INTRODUÇÃO

*Quem é esta mulher que canta sempre este estribilho?
– Só queria embalar meu filho que mora na escuridão
do mar (Angélica, Chico Buarque de Holanda, 1981)¹*

Zuzu Angel, como tantas das mães de minha geração, não podia mais embalar seu filho que havia sido jogado dos céus do Rio de Janeiro para “morar na escuridão do mar”. A última vez que vira o rosto do filho fora em cartazes expostos, pelos órgãos de segurança, em ruas, rodoviárias e aeroportos de diferentes lugares do Brasil com dizeres nada surpreendentes para aquele período de exceção: Terroristas Procurados. Stuart Angel, como tantos outros latino-americanos, morrera assassinado sobre tortura em um quartel do Rio de Janeiro. Revi seu rosto em um dos cartazes reproduzidos já neste século pelo mesmo Estado que o condenara a morte sem julgamento, porém, agora, com a intenção de anistiá-lo.

Nestes cartazes reconheci a foto de outros companheiros além de Stuart Angel – o filho que Zuzu buscou enquanto viveu. Um deles, Fernando Santa Cruz, conheci nas andanças clandestinas da Ação Popular e nas incertas reuniões para a recriação clandestina da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), colocada na ilegalidade, – assim como a UNE e muitas outras organizações da sociedade civil – após o primeiro de abril de 1964.

Fernando foi torturado nos DEOPS de São Paulo e do Rio de Janeiro. No Rio seu corpo já sem vida seria queimado nos fornos da Usina de cana de açúcar do então vice-governador do Estado. Seus algozes ainda agora tentam esconder sua história baseados em uma política de esquecimento que pretende, desde sempre, apagar a memória das ações coercitivas do Estado. Talvez para que esqueçamos “dos passos no porão da assombração” e das “almas com perfumes de jasmim” (Buarque de Holanda, Maninha, 1977).

Em 2012 conheci e pude abraçar Dona Elzita Santa Cruz no dia em que ela recebeu um prêmio Nacional de Direitos Humanos do Estado brasileiro. O mesmo Estado que perseguira e assassina-

1 Angélica é uma homenagem feita por Chico Buarque de Holanda para Zuzu Angel assassinada pela ditadura brasileira ao sair de um túnel no Rio de Janeiro, em uma emboscada feita pelo terror organizado nos organismos de repressão do Estado Brasileiro. A música faz parte do disco chamado *Almanaque* gravado em 1981.

ra seu filho agora a homenageava. Na cerimônia Dona Elzita, aos 99 anos, perguntava as autoridades da República – aonde está meu filho?² Desde 23 de fevereiro de 1974 ela fez da busca do filho sua razão de viver. Próxima de 100 anos de idade ela só queria, como Zuzu Angel, agasalhar seu filho e “deixar seu corpo descansar” (Buarque de Holanda, 1981)³.

No início de 1964, com 15 anos de idade, meus pais mudaram de uma pequena cidade da região de colonização italiana para uma cidade de porte médio na região do Planalto. Uma das mais significativas experiências de então foi encontrar no novo colégio um jornal chamado Brasil Urgente e no mesmo espaço no qual o jornal era distribuído, um cartaz que avisava: **Brasil Urgente é um jornal comunista. Não Leia.** Para mim era estranho pois entre os editores estava, entre outros nomes de religiosos, o de Frei Carlos Josaphat.

Em casa ouvia rádio e acompanhava, com meus pais, as notícias intensas dos conflitos políticos. Percebia uma oscilação nos humores da família ora esperançosa com as propostas das reformas de base, ora receosa com as trevas que se anunciavam nos discursos de ódio de Carlos Lacerda e nas ameaças, nada veladas, das marchas com deus, pela família e contra o comunismo.

Estava muito distante de perceber que aquele golpe, que se desenhava, não só inundava a sociedade com ódios de todo o tipo, como estava ancorado num projeto internacional vinculado a guerra fria e respaldado pela doutrina de segurança nacional e que nesta doutrina todos os riscos a democracia, e todos os crimes contra a humanidade, seriam aceitos desde que se garantisse o triunfo da economia do livre mercado e a implantação do modo americano de vida.

2 Para conhecer a história de Dona Elzita e de Fernando Santa Cruz leia-se o livro **Onde Está meu filho** (Cepe Editora, 2012)

3 Em razão das citações seguidas o poema citado está aqui reproduzido na íntegra “Quem é essa mulher que canta sempre esse estribilho Só queria embalar meu filho que mora na escuridão do mar. Quem é essa mulher que canta sempre esse lamento? Só queria lembrar o tormento que fez o meu filho suspirar. Quem é essa mulher que canta sempre o mesmo arranjo? Só queria agasalhar meu anjo e deixar seu corpo descansar. Quem é essa mulher que canta como dobra um sino? Queria cantar por meu menino que ele já não pode mais cantar. Quem é essa mulher que canta sempre esse estribilho? Só queria embalar meu filho que mora na escuridão do mar.

Ao ir para o colégio na manhã de 1 de abril daquele ano, tive outro encontro estranho. Meu pai retornava do trabalho e me disse que não precisaria ir à aula e que voltaríamos para casa. Surpreendido voltei com ele. Fechamos a porta, fomos ao pátio e, por algum tempo, que penso não ter sido muito longo, queimamos jornais, entre eles o *Brasil Urgente*, de Frei Josaphat.

Não cheguei a pensar que o cartaz da escola tivesse razão e lamentei queimar os jornais que anunciavam um mundo mais justo para a vida que se desenhava a minha frente, quando ainda podia “xingar padre e pedra lambendo podres delícias, sem pecado, sem pavor, o medo em minha vida nasceu muito depois” (Nascimento e Brant *Conversando no bar*, 1979).

Antes que o medo se instalasse, como em tantos outros, sai em busca das razões que nos levaram a queimar os jornais, a não sair de perto do rádio, a não ir à escola. Depois quis saber das injustiças, da fome em meio à abundância, do morro com palácios de um lado e casebre de outro. Redescobri *Brasil Urgente* escondido nas prateleiras da casa de um amigo. Ouvi falar de Che e seus projetos para a América Latina, e li os pensadores europeus de Mounier à Sartre.

Soube das cordilheiras cubanas e das ruas do *Quartier Latin*. Passei rápido pela Juventude Estudantil Católica e logo li o documento base da Ação Popular (leia-se neste livro os depoimentos de Nilce Cardoso de Oliveira e do Irmão Marista Antônio Cechim). Havia um lugar, uma esperança – daquela que não pode esperar – de que se nos colocássemos em movimento – seria possível recriar a UNE, a UBES, os sonhos de igualdade, os desejos mais intensos de liberdade, de compreender a América Latina. Mesmo que, para tanto, tivéssemos que “passear na floresta escondida... passear na avenida..., há uma cordilheira sobre o asfalto” (Velo, *Enquanto seu lobo não vê*, 1968).

Em pouco tempo os sonhos ficaram maiores que a Escola, e passei a fazer parte do movimento estudantil; João Carlos Bonna Garcia (veja-se o depoimento de Bonna neste livro) foi parceiro de viagem como outros tantos entre secundaristas e universitários. Entre eles, Luis Eurico Tejera Lisboa, Fernando Santa Cruz e Staurt Angel, mortos sob tortura pelos organismos de repressão. Sem dúvida uma política de controle e medo como demonstra o tímido relatório

da Comissão Nacional da Verdade CNV, reconheceu, em nome do Estado, mais de 400 mortes e desaparecimentos e um número significativo de presos políticos. Além das prisões, muitos dos companheiros de movimento conseguiram fugir e no exílio “erravam cegos pelo continente, levavam pedras feito penitentes erguendo estranhas catedrais...” (Buarque de Holanda, Vai Passar, Chico Buarque, 1984).

Nos primeiros meses de 1970 também pensei em um autoexílio. Já não fazia parte do movimento estudantil e me desligara da Ação Popular, que se esfacelava em razão da repressão e de divisões internas (leia-se neste livro os depoimentos de Nilce e de Raul Carrion), mas não conseguira – e por longo tempo não conseguiria – me livrar das sombras nas ruas da cidade e das inesperadas “intervenções” nos empregos com os quais tentava sobreviver. O medo já estava arraigado em mim e não foram poucas as vezes que sonhei que tinha gente lá fora batendo no portão (Julinho da Adelaide, 1974).

Foi em outubro de 1969, indo para um congresso clandestino da União Brasileira de Estudantes Secundaristas, com Cleber Consolatrix Maia, um jovem militante da AP de Minas Gerais, que encontrei o que poderia ter sido o fim da linha. Fomos presos no “ponto” – termo usado na época e descrito em praticamente todos os depoimentos deste livro – de contato. Por um mês fiquei preso em São Paulo. Era uma sucursal do inferno como se pode ler nos depoimentos - tanto dos que lutaram contra a ditadura, como no de um dos torturadores da época – que este livro traz.

Em uma das noites – a do assassinato de Carlos Marighella – eram tantos os presos nas celas que precisávamos revezar a ocupação do espaço entre os que ficavam em pé ou sentados. Entre os presos da cela ao lado estava Frei Tito de Alencar, um dominicano cearense que não conseguiria suportar as marcas da tortura e cometeria suicídio durante o exílio. Recentemente, em Fortaleza, Tito foi homenageado pela população. Sua estátua é um monumento à memória das lutas pela democracia que a sociedade de então travou contra o medo, a violência e o terror do Estado. Monumentos como o de Tito estão espalhados pelo Brasil. Em São Leopoldo/RS a cidade homenageou João Carlos Hass Sobrinho desaparecido durante o processo repressivo do Araguaia.

Em 24 de novembro, um mês depois de minha prisão, em um pequeno bimotor da Força Aérea Brasileira fui transportado para Porto Alegre. Meu braço direito preso por algema ao braço esquerdo de Cleber. No mesmo voo estava Frei Catão superior dominicano que havia sido preso com os freis Tito, Fernando e Beto.

Em Porto Alegre nem mesmo a solitária me pareceu assustadora. Naquela distante primavera de 1969 fomos levados para o DEOPS, na esquina das Avenidas Ipiranga e João Pessoa. Ali não passamos pelas violências descritas neste livro por aqueles e aquelas que para lá foram arrastados algum tempo depois. Prestei alguns depoimentos, alguns no próprio DEOPS, outros na Polícia Federal. Respondia quase sempre as mesmas perguntas; que interrogavam sobre a União Brasileira de Estudantes Secundaristas, sobre a Ação Popular e sobre um instigante panfleto contra o imperialismo americano. Sobre o último nada sabia, sobre a UBES e a AP não reconhecia ninguém.

Em uma manhã de dezembro, já fora da solitária e confinado em uma cela especial, junto a um sacerdote alemão de quem não recordo o nome, vi meu pai e um tio a conversar com algum delegado. Para ir ao banheiro era necessário chamar o carcereiro que nos acompanhava. Quando vi as despedidas na sala do delegado chamei o carcereiro. Encontrei meu pai e meu tio no corredor. A incomunicabilidade estava rompida. Sabiam aonde eu estava e que estava vivo. O pequeno ato teve três consequências imediatas e leves: 1) voltei para a solitária; 2) o carcereiro, mesmo tendo me ameaçado com sua voz de trovão e sua pistola destravada, foi suspenso e ficou um tempo afastado; 3) dois dias depois pude, enfim, trocar as roupas ainda manchadas de sangue.

Na manhã de 24 de dezembro, próximo de dez horas da manhã, atravessei uma porta lateral do Palácio da Polícia. Caminhei inseguro até a Avenida João Pessoa e olhei cuidadoso para atravessar a Ipiranga. Não sei quanto tempo demorei para chegar ao Parque Farroupilha, e ao apartamento no qual moravam meus familiares. Lembro que respirava fundo a cada passo e que seguidamente olhava para trás. Hábito que mantive por muito tempo e que, ainda agora, me percebo a repetir.

Às vezes, nos pesadelos de outubro, ainda sinto as sombras ao meu redor. Talvez porque tenham sido minhas companheiras por

um tempo longo demais. Talvez porque tenham sido minhas colegas nos tempos de estudante universitário e gravado minhas primeiras aulas de professor iniciante.

Fui julgado em três processos pelo Tribunal Militar. Nunca soube das datas dos julgamentos. Pude ler os processos quando solicitei anistia. Encontrei os documentos, bem organizados e numerados, no porão do Tribunal Militar em Brasília. Eram muitos os boletins e os feitos aparentes.

Alguns correspondiam ao meu envolvimento com as lutas pela liberdade. Outros, por certo, haviam sido redigidos pelas sombras na ânsia de justificar seu emprego e sua função. De qualquer modo os processos só se justificavam por vivermos sob ditadura. Fui absolvido das acusações, mas quando o resultado de um dos processos – aquele relativo ao Congresso da UBES – foi noticiado em Porto Alegre pelo jornal Correio do Povo fui imediatamente demitido do emprego que tinha na ocasião. Compreendi então que a cultura autoritária está desde muito tempo arraigada em setores de nossa sociedade.

Mas, enfim, já eram novos tempos, os tempos de refazer tudo, de aprender a fazer renda (Gil, Refazenda, 1975), de ter esperança que as aprendizagens que ficaram sejam suficientemente fortes para não permitir que outra longa noite de terror venha a bloquear nossos movimentos por democracia e justiça social.

O livro, ao qual o leitor agora tem acesso, é um livro de depoimentos, alguns colhidos a partir de um projeto coordenado pelo professor Castor Ruiz com quem tive a oportunidade de cooperar. Outros documentos foram recolhidos, e são documentos públicos – tão importantes como os que foram citados nesta apresentação – disponibilizados pela Comissão da Memória e da Verdade do Rio Grande do Sul.

São textos densos nos quais mulheres e homens que lutaram pela liberdade e a democracia, revelam suas histórias e demonstram o quanto os crimes cometidos contra a humanidade compuseram uma política produtora do medo. Política que envolveu nossa América e que acrescentou – a violência que marca a história do continente – uma doutrina internacional de terror batizada de Doutrina de Segurança Nacional.

O depoimento que conclui o livro também é um texto público, recolhido pela Comissão da Verdade e da Memória do Rio de Janeiro. Nele o terror é descrito com parcimônia e seletividade. No entanto, nenhuma nem outra, conseguem esconder as práticas de violência e negação da condição humana daqueles que organizaram, e colocaram em funcionamento uma máquina de morte criada desde o Estado militar e que por 21 anos cobriu de trevas e horrores nossa sociedade.

Minha esperança – ainda agora a esperança que não espera – é de que a leitura deste livro se constitua em uma possibilidade de nunca mais.

Prof. Dr. Solon Eduardo Annes Viola
PPG em Ciências Sociais – Unisinos

TESTEMUNHO INDIZÍVEL
DOS MORTOS E DESAPARECIDOS

JOAQUIM PIRES CERVEIRA (1923-1973)¹

Local de nascimento: Santa Maria, em 14/12/1923.

Filiação: Marcelo Pires e Auricela Goulart Cerveira.

Local de morte/desaparecimento: Clandestinidade,
em 1973.

Organização política: FLN.

Casado, tinha filhos. Major do Exército Brasileiro, passou à reserva pelo ato institucional nº 1, de 1964. Conforme documentos encontrados nos arquivos do antigo DOPS/SP foi preso em 21 de outubro de 1965 e encaminhado à 5ª Região Militar e entregue ao Coronel Fragomini. Em 29/05/1967 foi absolvido pelo Conselho Especial de Justiça da 5ª Auditoria, da denúncia do processo 324, por crime de subversão. Foi preso novamente, em 1970, com sua mulher e o filho, que foram torturados no DOI-CODI/RJ.

Foi banido do país em junho de 1970, quando do sequestro do embaixador da Alemanha no Brasil, viajando para a Argélia com outros 39 presos políticos.

Preso em Buenos Aires em 11/12/1973, juntamente com João Batista Rita, por policiais brasileiros, provavelmente comandados pelo delegado Sérgio Fleury.

Ambos foram vistos por alguns presos políticos no DOI-CODI/RJ quando chegavam trazidos por uma ambulância. Estavam amarrados juntos, em posição fetal, tendo os rostos inchados, esburacados e repletos de sangue na cabeça.

A nota do ministro da justiça Armando Falcão esclarecendo os casos de desaparecimentos no Brasil, dava conta que Cerveira estava banido do país, nada esclarecendo sobre seu paradeiro.

Em matéria publicada no jornal “Folha de São Paulo”, baseada em entrevista com o general de responsabilidade comprovada dentro dos órgãos de repressão política, a morte do major Cerveira e outros 11 desaparecidos é confirmada.

No arquivo do DOPS/PR, o nome do major Cerveira foi encontrado numa gaveta com a identificação “falecidos”.

¹ Disponível em: <[http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1560/joaquim-pires-cerveira-\(1923-1973\)](http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1560/joaquim-pires-cerveira-(1923-1973))>. Acesso em: abr./maio 2015.

Fonte: *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964, Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Instituto de Estudo da Violência do Estado – IEVE – Grupo Tortura Nunca Mais – 1995, páginas 318 e 319.*

JORGE ALBERTO BASSO (1951-1976)¹

Local de nascimento: Buenos Aires (ARG), em 17/02/1951.

Filiação: Sara Santos Mota e Jorge Victor Basso.

Local de morte/desaparecimento: Buenos Aires,
em 15/04/76.

Organização política: POC.

Estudante brasileiro que tinha nascido em Buenos Aires, Jorge Alberto tinha sido militante do POC, no Rio Grande do Sul, e desapareceu na capital argentina em 15/04/1976. No final da década de 60, morava em Porto Alegre e participou ativamente do Movimento Estudantil gaúcho, como aluno do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Pertenceu à direção da UMESPA – União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre.

Em 1971, viajou para o Chile durante o governo de Salvador Allende. Naquele país, cursou História na Universidade do Chile. Com o golpe militar que derrubou o presidente chileno em setembro de 1973, seguiu para Buenos Aires, não constando nos documentos da CEMDP mais informações sobre atividades políticas desenvolvidas a partir de então. Foi preso no dia 15/04/1976 em um hotel do centro de Buenos Aires, nunca mais sendo visto.

Na época, uma Carta da Amnesty International, datada de 01/06/1978 abordou o seu desaparecimento: "argentino-brasileiro, Jorge Basso, estudante que desapareceu na Argentina após ter sido oficialmente detido juntamente com o jornalista suíço Luc Banderet, em abril de 1976. O jornalista foi mais tarde posto em liberdade, e temos tentado localizá-lo, ora no México onde se encontra, na esperança de que este confirme os detalhes que já conhecemos e nos forneça fatos novos sobre a prisão e desaparecimento. Amigos de Jorge Basso acreditam que este esteja preso na prisão de segurança máxima, a Unidad Penal Numero 6, Carcel de Rawson, na Província argentina de Chubut. Todos os mandados de habeas-corpus impe-trados em seu favor foram, como tem sido, negados pelos tribunais argentinos.

¹ Disponível em: <[http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1562/jorge-alberto-basso-\(1951-1976\)](http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1562/jorge-alberto-basso-(1951-1976))>. Acesso em: abr./maio 2015.

Nos arquivos secretos do DOPS/SP, com carimbo de 1972 e a anotação manuscrita “Equipe do Dr. Haroldo”, foi encontrado um documento contendo referência a Jorge Alberto Basso. A Comissão de Representação Externa para os Mortos e Desaparecidos Políticos, da Câmara dos Deputados, quando esteve em Buenos Aires, em junho de 1993, recebeu a informação de que Jorge teria sido visto na Penitenciária de Rawson.

No Relatório do Ministério da Marinha, apresentado em 1993 ao ministro da Justiça Maurício Corrêa, consta sobre Jorge a seguinte informação: preso em um hotel no Centro de Buenos Aires... (DOU nº 60 de 28/03/81 – DOU/SP).

Pela internet é possível acessar, hoje, no endereço <http://www.pontodevista.jor.br> o seguinte depoimento de um colega de Jorge Basso em Porto Alegre, que assina o texto como WU na edição 23 do blog:

“Militei com Jorge Basso (nome de guerra ‘Felipe’), tanto no Movimento Estudantil como, posteriormente, nas portas das fábricas de Porto Alegre, em incansáveis tentativas de organizar células de base do POC (Partido Operário Comunista). ‘Felipe’ era um dos integrantes da Coordenação Regional Operária, grupo responsável por todo o trabalho de base da organização. Distribuíamos um jornal (mimeografado) de nome.

Resistência Operária, quase todo escrito por nós mesmos, com notícias das lutas dentro das fábricas. ‘Felipe’ foi talvez, pelo menos aqui no Sul, um dos poucos militantes a, de fato, entrar para uma fábrica metalúrgica na condição de operário. Perseguido em nosso país, ele foi para o Chile. Estudava história na Universidade do Chile mas, com o golpe militar contra o governo Allende, Jorge Basso seguiu para Buenos Aires, onde morava seu avô. O governo era de Isabelita Perón. Durante algum tempo, sem sofrer qualquer tipo de perseguição, escrevia para jornais da Europa, em especial para periódicos da Suíça. Com o golpe militar e a posse do general Rafael Videla, sua situação mudou; pois, quase que imediatamente, passou a ser procurado. Sua mãe, Sara Basso, a partir de algumas poucas informações, vasculhou Buenos Aires durante um mês, porém não conseguiu nenhuma pista sobre o que de fato aconteceu com ‘Felipe’. Ele se dizia – e era – um intelectual orgânico da classe operária. Ia para as

portas das fábricas. Estudava muitas horas por dia. Tinha sempre um livro dentro de uma velha pasta, da qual nunca se separava. Contando um pouco de sua história às novas gerações, homenageamos um brasileiro internacionalista que acreditava na possibilidade de construirmos um mundo mais justo. (wu)”.

Na CEMDP, o requerimento apresentado por sua família foi indeferido porque Jorge desapareceu na Argentina e não foi possível localizar depoimentos ou documentos que efetivamente comprovassem a participação, direta ou indireta, de agentes do Estado brasileiro nesse caso.

Fonte: *Direito à Memória e à Verdade – Comissão dos Mortos e Desaparecidos Políticos – Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, páginas 416 e 417.*

JORGE OSCAR ADUR (1932-1980)¹

Local de nascimento: Entre Rios, Argentina, em 19/03/1932.

Filiação: Não identificada.

Local de morte/desaparecimento: Uruguaiana/RS,
em 26/06/1980.

Organização política: Ordem dos Agostinhos de Assunção.

Nasceu em 19/03/1932, na província de Entre Rios, Argentina. Militante e capelão montonero, ordenou-se sacerdote em 1961, pela Ordem dos Agostinhos de Assunção, em Olivos, Buenos Aires. Em junho de 1980, veio ao Brasil por ocasião da visita que o papa João Paulo II faria ao país. Portava uma lista de desaparecidos que havia recebido das Madres de Plaza de Mayo e pretendia entregá-la ao pontífice em Porto Alegre/RS.

Viajava em ônibus da empresa General Urquiza e foi preso em 26/06/1980 na fronteira da Argentina com o Brasil, em Uruguaiana/RS, último lugar em que foi avistado vivo.

Fonte: *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul 1964-1985, Volume 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”, páginas 280 e 281.*

1 Disponível em: <[http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1561/jorge-oscar-adur-\(1932-1980\)](http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1561/jorge-oscar-adur-(1932-1980))>. Acesso em: abr./maio 2015.

JOSÉ HUMBERTO BRONCA (1934-1974)¹

Local de nascimento: Porto Alegre, em 08/09/1934.

Filiação: Humberto Atteo Bronca e
Ermelinda Mazaferro Bronca.

Local de morte/desaparecimento: Clandestinidade,
em 13/03/74.

Organização política: PC do B.

Fez o primário na escola do Rosário e o curso de mecânica de máquinas na Escola Técnica Parobé. Formou-se em mecânica de manutenção de aeronaves e trabalhou na Varig durante vários anos e, mais tarde na indústria Michelletto.

Foi desportista, dedicando-se ao ciclismo, motociclismo, natação e remo, tendo neste último esporte conquistado várias medalhas. Teve várias outras atividades profissionais, chegando inclusive, a trabalhar em um circo como equilibrista de motociclo.

Sua militância política é anterior ao golpe militar de 64. Logo após o golpe, foi para o exterior, ficando durante algum tempo na China. Em 1966, foi viver na clandestinidade no Rio de Janeiro.

Homem muito simples, vivia num pequeno quarto em São João do Meriti, onde seus únicos haveres eram uma troca de roupas, uma esteira, um pequeno fogareiro e uma gaita.

Foi dos primeiros a chegar na região do Araguaia. Foi vice-comandante do destacamento B das forças guerrilheiras até ser deslocado para a Comissão Militar, onde fazia parte da guarda.

Visto pela última vez por seus companheiros em 25/12/73, quando ouve um ataque das forças armadas ao local onde estavam acampados.

O relatório do ministério da marinha diz que foi “morto” em 13/03/74.

Fonte: *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964, Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Instituto de Estudo da Violência do Estado – IEVE – Grupo Tortura Nunca Mais – 1995, páginas 321 e 322.*

¹ Disponível em: <[http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1563/jose-humberto-bronca-\(1934-1974\)](http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1563/jose-humberto-bronca-(1934-1974))>. Acesso em: abr./maio 2015.

TESTEMUNHOS DA TORTURA

TESTEMUNHO – BRUNO MENDONÇA COSTA¹

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque aí o senhor certamente vai contribuir mais né, aí o senhor me diga quando é que eu posso começar. Tá, isso, agora o senhor diga o seu nome e se qualifique assim como a gente diz na língua política né, e comece né, está pronto. Você é que manda aqui. Agora sim.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Então, eu hoje estou aqui para fazer o meu depoimento perante a comissão estadual da verdade o que para mim como cidadão é uma honra e um dever eu acho que todos nós, ex-presos políticos, deveríamos ter o dever de prestar contas à sociedade a população brasileira, com relação a esses fatos que são da mais extrema significação para todos os cidadãos brasileiros. Eu tenho hoje setenta e seis anos, a título de identificação então, sou casado, psiquiatra, sou residente domiciliar, 56m apartamento 113, aqui no centro de Porto Alegre, os meus telefones 3225-0841 e 3225-0982, eu posso dizer a respeito dos meus títulos além de médico psiquiatra eu tenho mestrado em farmacologia pela universidade da Saúde de Porto Alegre, Universidade Federal da Ciência da Saúde de Porto Alegre, ex-Faculdade Católica de Medicina, mestrado em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria, e também por esta mesma Universidade Federal do Rio de Janeiro eu sou doutor em psiquiatria, sou aposentado pelo Estado do Rio Grande do Sul, como médico e também como professor adjunto da psiquiatria da Universidade de Ciências da Saúde de Porto Alegre, sou também diretor do Sindicato Médico de Porto Alegre atualmente e com muita honra eu digo isso com muito carinho e muito agradecimento também a parte também sou cidadão honorário da cidade de Porto Alegre, feito então essa identificação Presidente, eu gostaria de dizer que faço uma dedicatória que é aos meus queridos netos, Ana Carolina Rossedo Costa, quatorze anos, Rayane Rossedo Costa, nove anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não Costa.

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1529/depoimento---bruno-mendonca-costa>>. Acesso em: abr./maio 2015.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Laura Costa Rangel, dez anos que representam o futuro do Brasil, que Brasil que nós queremos para esses meus netos e para todas as crianças, um Brasil pacífico justo democrático que jamais (incompreensível) qualquer tipo de ditadura, eu gostaria, se o presidente me permite que o meu filho Alexandre lê-se o texto pequeno que ele fez hoje e que me tocou muito a respeito do aniversário que eu passei doze de junho, você também né, exatamente no centro de tortura que foi um dos piores da América Latina, a OBAN, por favor filho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu vou ter que conectar aqui primeiro pode.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu depois vou falar a respeito da minha experiência então na OBAN, começo por esse tópico, depois vou citar algumas coisas que estão referidas nesses livros só para os senhores da comissão terem conhecimento (incompreensível) do meu depoimento, tem coisas interessantes, inclusive, a respeito do seu próprio pai, um documento (incompreensível) com data de mil, novecentos e sessenta e seis, o discurso do Doutor Deputado Jorge, de Passo Fundo e todas essas coisas eu vou tentar dizer de uma maneira sucinta e não entrar em muitos detalhes, depois da minha no INSS, a Eunice minha esposa que perdeu o emprego no Banespa, depois então eu entro na prisão em mil novecentos e sessenta e um, duas partes aqui no DOPS de Porto Alegre, depois na OBAN, o tipo de tortura, e depois eu termino então com a apresentação de alguns laudos psiquiátricos que eu trouxe aqui como contribuição para a comissão, está pronto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Estou pronto, então vou ler o que eu escrevi, nos últimos dias de Brasil em que multidões de jovens foram as ruas o tempo parece atropelar a história, é como se o país mergulhasse em um túnel e os mais de vinte anos de ditadura militar se emendassem no cotidiano de manifestações que tem feito o Brasil tremer de norte a sul, nem bem começamos a trazer à tona sobre as verdades soterradas pela ditadura militar e já temos novas mentiras no subterrâneo da pátria amada, é nesse cenário em evolução que meu pai Médico Psiquiatra Bruno Mendonça Costa, vai

prestar seu depoimento à comissão da verdade, meu pai vai relatar a sua prisão naquela inesquecível, naquele inesquecível sábado do mês de maio de mil novecentos e setenta e um quando foi retirado de nosso apartamento na Rua Setembro no Bairro (incompreensível) seu coração gigante irá encontrar forças para suportar a lembrança daquele dia que foi levado por policiais para as dependências do DOPS, na capital gaúcha e depois para São Paulo na OBAN, durante estes meses, por diversas vezes, meu pai sentiu o gosto amargo da morte, resultado da tortura da violência dos choques e da brutalidade de interrogatórios ao qual foi submetido. Meu pai passou seu aniversário na OBAN e minha mãe nunca o abandonou, apesar de não ter sido autorizada a vê-lo, foi ela que levou o bolo de aniversário para que compartilhasse a data querida, mesmo naquele ambiente repleto de hostilidade. Havia apanhado muito, estava magro, a ponto da calça só não lhe cair da cintura, por ter sido presa com barbante bem firme, daqueles utilizados para embrulhar pão, apesar das dores no corpo e das mãos tremulas comemorou seu aniversário com o singelo bolo, trancafiado entre paredes gélidas que guardavam tristeza e destroçavam sonhos. Até aquele dia estava incomunicável e o bolo era um sinal que assim como minha mãe, todos sabiam onde ele estava, naquele momento o bolo de aniversário representava a esperança de permanecer vivo, é isso, obrigado.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Obrigado, então presidente eu gostaria também de fazer uma saudação aos demais membros da condição, nas pessoas, Doutora (incompreensível), da Professora, Celi Regina Jardim Pinto, do Professor, Oneide Bobsin, e vossa Excelência que preside essa comissão. Eu gostaria de continuar então, dizendo algumas coisas então a respeito desses aspectos que eu levanto aqui em que eu vou me auxiliar desses livros, um deles é o livro, do Carlos Alberto Brilhante Ustra, cujo título é Rompendo o Silêncio, Carlos Alberto Brilhante Ustra, foi um dos meus torturadores, os outros dois que eu saiba não tem livros, são Pedro Selling e Nilo Ervelha é muito interessante ler esse livro para se saber exatamente, aquilo presidente, que o senhor dizia em sua introdução a respeito que nós nunca mais, tomara que exista em nosso país que a ditadura de sessenta e quatro e que findou em mil novecentos e setenta, por aí, olha o que o senhor pode constatar com relação a dedicatória do Ustra e

que eu folhei alguns pedacinhos aqui, para salientar como existe uma deformação nas pessoas quando elas ficam com uma convicção a respeito daquilo que estão defendendo. No caso um homem de extrema direita e que defendia a ditadura e inclusive participava das torturas feitas na OBAM. A quem é que ele dedica o livro dele? Este livro é dedicado aos jovens do meu país, porque dedica aos jovens, porque eles são o futuro, o novo Brasil, professor o senhor podia dizer as mesmas palavras, não é sobre a mentira que se alicerça o futuro desse país, é exatamente que nós dizemos aqui que depoentes disso, que vários depoentes né, quero dizer, porque nós estamos atrás da verdade e esse é um momento histórico e devo contribuir para alguma coisa com relação a verdade. Eu sei que é um grãozinho tão pequeno mas se nós juntarmos esses grãozinhos todos que temos pelo país, nós temos a oportunidade de montar aquilo que realmente aconteceu. O que que então nós podemos dizer em seguida, é o livro do Jornalista José (incompreensível) que fala a respeito do segredos da direita e da esquerda na ditadura militar, ele cita a mim e cita o Ustra, qual é a data, dois mil e sete, na página cento e noventa e um, está dito assim, Bruno foi torturado na cadeira do dragão sobre comando do Ustra, o quê que o Ustra diz, ele rejeita a acusação e diz que Bruno está mentindo, nunca torturei ninguém. Então tem duas hipóteses, ou eu sou um mentiroso, ou o Ustra é mentiroso. Evidentemente, o Ustra é o mentiroso, porque todos nós sabemos que ele (incompreensível) foi o torturador. Em outro livro, os médicos tem a mania de se intrometer em vários assuntos, até nas (incompreensível) então esse livro aqui serviu para que os médicos escrevessem alguma coisa. Eu tenho um artigo aqui que diz respeito a tortura e dissociação de personalidade, a tortura é algo tão cruel que deforma as pessoas, deforma as pessoas e faz com que as suas personalidade, fiquem completamente diferente do que eram primitivamente, todos os laudos psiquiátricos que estão aqui eles demonstram isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor perdão, senhora presidente, o senhor está se referindo a dissociação de personalidade do torturador.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Do torturador e do torturado, de certa maneira houve uma dissociação também eu acho que há uma

dissociação pior por parte do torturador, porque como eu disse no início ele deforma a sua personalidade no sentido de que ele acredita naquilo que ele está fazendo. A propósito disso tem então uma citação de um pensador que diz assim, os culpados perderam a memória, a informalidade, é nem sempre, mas quase sempre uma construção posterior, com a qual os culpados se escondem não só dos outros, mas também de silêncio mesmo, declarando-se inocentes, eles não mentem mas estão convencidos de que são inocentes. Ferdinando Camom citado em *La Nación* de quinze de janeiro de mil novecentos e noventa e cinco, sobre perda de memória das pessoas que colaboraram com os nazistas, o Ustra, o Pedro Selling e o Nilo Ervelha certamente dirão na frente dos senhores e dos demais, quando forem convocados, que eles tem convicção de que são inocentes.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uma espécie de mitomania, ele acredita na própria mentira.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele acredita na própria mentira, então aqui nós temos, nós temos aqui, acredito, ele acredita, não é uma questão de racionalidade, então eu tenho aqui no meu arquivo, títulos, o homem se transforma e as instituições se deformam, há uma compra de consciências não é, o torturador ou o torturado ele tem ideias (incompreensível) depois eu vou falar sobre um deles, a ponto de se achar inclusive o salvador dos demais e uma dedicação com o agressor, sobre quem que é, sobre quem é que eu falo a respeito disso, é do jovem que estava na minha cela, que poderia se chamar Paulo, ou poderia se chamar Edgar, não interessa o nome. Ele era um guerrilheiro, foi instruído e foi treinado na China, olha conheceu o Chin Wai, apertou a mão do Chin Wai, ele se orgulhava disso, nós ficamos na cela juntos e ele me contou bastante a seu respeito, então ele contava tudo que aconteceu com ele, e evidentemente eu já era quase psiquiatra, eu estava no finalzinho do curso e eu logo constatei que ele estava doente o rapaz, pode ser que (incompreensível) não sei mas ele sem dúvida nenhuma estava doente né, condições precárias naquela cela, as vezes se enchia tinham doze, quinze, era em alta rotatividade, por aí passava e depois a qualquer dia, o quê que acontecia, todos falavam com o Edgar e o Edgar tinha uma hora de sol, generosamente instituída pelo Coronel Ustra, a quem dizia que

era um homem bom, e durante esta hora de sol, ele conversava com o Ustra e dizia para o Ustra o que ele tinha colhido lá na cela. Então, evidentemente que a primeira coisa que diziam quando entrava um companheiro, era dizer, fica quieto, se cuida com o Edgar, este é um homem que se deformou totalmente e quem é que não se deformaria ele foi preso em Santos, uma metralhadora na mão, deu tiros para cima dentro de casa, a polícia prendeu, veio tomando choques nesses anos aqui em São Paulo, continuou tomando choque na corrente elétrica direto quando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele veio tomando choque desde Santos até São Paulo, continuou tomando choques em São Paulo e depois inventou uma ideia brilhante que eu chamo aqui, que era o seguinte, se ele dissesse quem eram os seus companheiros, ele estaria salvando os companheiros, para que não acontecessem com eles, o que estava acontecendo com ele e se tornou um informante da própria polícia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essa ideia brilhante chegava a racionalizar eles todos.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sem dúvida ele dizia com toda convicção, o seguinte, se o que eu estou fazendo engana, (incompreensível) e eu digo que ele está lutando contra a ditadura esse tempo todo (incompreensível) se eu digo no início que ele é preso ele praticamente não vai ter crime nenhum porque vai ser muito ego, portanto eu estou fazendo, o que eu estou fazendo (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma espécie de síndrome de (incompreensível) pervertido.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mais ou menos isso, exatamente, outra coisa é que nada deve ser visto como uma coisa que cai do céu, tudo tem uma história, os jovens, historiador, sociólogo ou cientista quiser fazer uma pesquisa por exemplo a respeito dos laudos psiquiátricos que (incompreensível) por exemplo ele tem que ver que há uma continuidade da história, não é, então essa continuidade é assim. Desculpe doutor, mas o senhor nasceu em que ano?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mil novecentos e cinquenta e três.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Cinquenta e três, então em sessenta e um perdeu a legalidade. Aqui em falo então em um outro artigo sobre, também, esses mesmos livros né, sobre o (incompreensível) a legalidade, como é que os acadêmicos daquela época se comportaram eu chamo de crônica de uma época, como é que se portou o povo no palácio, quando eu falo do palácio eu falo Brizola, do heroísmo do Sargento Crispin, que furou os pneus dos aviões e impediu que os oficiais decolassem e bombardeassem o palácio não é. Como é que os acadêmicos se organizam em que se distinguiu o presidente da Ferrorus na época que era meu grande amigo Doutor, Engenheiro Rubens Celso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor na época era estudante de medicina já ou era ainda (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Naquela época eu era estudante de medicina, estava terminando o curso né, de medicina.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na UNIS.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Na UNIS, eu terminei em sessenta e três e um grande comandante lá do (incompreensível) que é um colega seu, você deve conhecer, Doutor Victor Douglas Nunes, ele era o comandante lá do (incompreensível) e naquela época só para recordar foi feito o hino da legalidade que eu vou ler, avante brasileiros de pé, unidos pela liberdade marchemos todos juntos, com a bandeira que prega a lealdade protesta contra os tiranos, por recusa a traição, que um povo só é grande, se for livre a sua nação. Eu acho espetacular esse hino.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nosso Pereio.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Paulo Cezar Pereio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (incompreensível)

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele cita os autores aqui e termina essa crônica assim, tem-se a impressão de que apesar de todo mundo moderno, o Brasil da maioria continua apegado aquela situação política da década de sessenta como o que paralisado num passado, cujas lutas não chegaram a uma etapa final esperando talvez esteja agora, que novas forças sociais, se levantem e continuem uma trajetória que ficou no meio do caminho, eu acho que isso aqui foi escrito em noventa e cinco.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor me permita (incompreensível) na legalidade ali, o senhor como estudante, já listou, participou, nessa época, o senhor tinha algum (incompreensível)

BRUNO MENDONÇA COSTA: Naquela época eu pertencia ao Partido Comunista Brasileiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que estava na esquerda do (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso que depois se dividiu e passou a ser Partido Comunista Brasileiro e Partido Comunista do Brasil eu passei então passei para o Partido Comunista do Brasil, quando eu fui preso em setenta e um, eu era PC do B.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do PC do B, mas nessa época da legalidade o senhor estava no partidão ainda.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Estava no partidão, como todos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como meu pai.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso, seu pai também, seguindo os livros, livro espetacular, A Internacional Capitalista do Renê Dreifus, o quê que eu retirei nesse livro que parece importante dentro desse espírito da continuidade da história, que existem organizações, brasileiras, nacionais, mas também estrangeiras que insuflam o não desenvolvimento, não progresso do Brasil ou seja eles são de direita e evidentemente qualquer governo da esquerda, que está aí, eles vão de alguma maneira tentar fazer com que esse governo caia.

Isso existe esse risco me parece até atualmente, essas grandes marchas que estão sendo feitas, devem ser vistas realmente como uma

manifestação da democracia brasileira, que isso jamais num ambiente de ditadura, seria feito. Então isso mostra que existe um ambiente democrático em que todas as pessoas podem se manifestar livremente mas evidentemente que já é demonstrado desde muito tempo que esses grupos não querem que o negócio vá para diante. Nesse sentido nós temos que dá todo apoio a atual Presidente Dilma para que conclua o seu mandato, que possa governar até o final e que haja eleições, que permaneça um estado democrático de direito no Brasil e se aperfeiçoe. Ou seja queremos mais democracia ainda do que existe, esse livro demonstra que o Renê Dreiffus, demonstra que naquela época havia uma comissão de deputados em mil novecentos e sessenta e três, setembro de sessenta e três, o golpe foi em sessenta e quatro, constituída por deputado José Aparecido de Oliveira, Eloi Dutra, João Onório, Benedito Sequeira, e Rubens Paiva ou seja o Rubens Paiva era um ativista político da esquerda e estava sendo tão marcado, tão marcado que até hoje o corpo dele não foi localizado e hoje está provado que ele foi morto pela ditadura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Estava com o José Aparecido.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Estava com o José Aparecido, que era católico, alguma coisa assim, católico, era o católico da esquerda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso e por último eu quero lembrar esse livro emocionante, antes do passado O silêncio do (incompreensível) da Liliane Arqui Brum que é sobrinha do Silon Brum (-) que foi morto ;no Araguaia - numa carta que ela, dentro do seu talento de escritora, é a história de uma vó que recebe a carta, é a mãe do Silon, seu filho Silon não foi enterrado, foi semeado, deixado em cima da terra, como grão que uma dia vai germinar, exatamente como diz outro poema aquele que o pai e os tios colocaram na lapide que aguarda Silon em Hebrom, o corpo não localizado é um dos desaparecidos políticos, o quê que: diz mortos, quem disse se vivos estão, não morre a semente jogada na terra, os frutos virão, tal qual diz o poema. O tio foi semeado, porque, porque o Silon ficou preso aos cuidados dos militares em um galpão onde estavam as pessoas que serviam

os demais presos, num belo dia foi algemado depois de um ano ali naquele local, completamente sem possibilidade de qualquer tipo de reação, desarmado, colocado num helicóptero que desceu em algum lugar próximo da floresta amazônica, lá fuzilaram, o Silon e deixaram em cima da terra, nem sequer enterraram, claro que o corpo não foi localizado até hoje. Hora, isso, que é um crime muito cruel, revela o seguinte, que todos os presos, todos os presos, todos que ergueram do Araguaia, foram condenados a morte, porque todos morreram, só não morreu o que hoje é deputado, quem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O José Genoino.

BRUNO MENDONÇA COSTA: José Genoino, e tem mais outros dois que conseguiram fugir da prisão né, eu não quero prolongar muito por que sei que estou talvez cansando os meu ouvintes.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, o senhor não está não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então esses dois que fugiram o senhor...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Esses dois, está escrito em um dos livros de Araguaia, eles estão identificados, estão vivos, estão em São Paulo e pertencem ainda ao PC do B, eles conseguiram sair e uma das críticas que eu fiz ao tal do PC do B, ao qual eu não cortei, foi de que ir dentro da própria ideia que se faz a respeito da guerrilha, esses companheiros tinham que ter sido retirados de lá da região, se o João Amazonas podia chegar lá é sinal que também os demais poderiam ter saído e se esse dois saíram e atravessaram rios e conseguiram chegar em São Paulo, é porque os demais companheiros poderiam ter feito o mesmo e isto no meu modo de ver, com todo respeito eu acho que foi um erro do PC do B, porque ele não mediu as consequências, do enfrentamento, que eram oitenta homens contra milhares de soldados que estavam disseminados na região e que evidentemente massacraram aqueles companheiros que hoje poderiam estar servindo e muito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando o senhor foi preso, essa frente do Araguaia, já tinha sido aberta.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor nunca foi convidado para ir lá, seus militantes eram (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Fui convidado e, ironicamente, fui salvo pela minha prisão, porque eu iria me juntar ao João Carlos Hass pessoa que eu também homenageio porque ele foi um contemporâneo, nosso presidente do Centro Acadêmico da medicina. Depois, quando o Petracco era o presidente, o João Carlos Hass morreu. Até hoje não se sabe da morte como ocorreu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma sobrinha dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na época era uma criança, (incompreensível) referente a uma época, o senhor podia falar um pouco mais assim, a respeito das ideias o que aconteceu (incompreensível) a nossa condição.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Existiam duas grandes peças, uma era a teoria do foco que era a do Che Guevara e outra a guerra popular. Nós éramos contra, o PC do B era contra a teoria do foco, sempre foi assim, assalto ao banco, qualquer tipo de procedimento desse tipo, fizemos uma crítica a respeito das outras organizações que fizeram isso. Mas nós éramos contra, nós acreditávamos que a revolução tinha que ser feita pelo povo e que o povo deveria se organizar naquela região como de fato eles tentaram organizar, eles estavam lá, seguramente aproximadamente uns cinquenta. Eles foram como se fossem pessoas, que uns foram fazer farmácia, outros foram fazer medicina, o João Carlos Hass, e foram preparando aqueles roubos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tenho uma sobrinha que.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Está atrás do corpo já convidado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É a mesma que.

BRUNO MENDONÇA COSTA: É a mesma, eu me dou muito bem com ela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É irmã.

BRUNO MENDONÇA COSTA: É sobrinha minha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sobrinha.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, é irmã.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já passaram sobrinha também.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Pode ser, a sobrinha é essa aqui, do Silon né, que é a Liliane, o Silon era daqui, era gaúcho daqui também, de São Silvestre, a Eunice conheceu quando criança.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Sharlete.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu conheci como terceiro, porque (incompreensível) do Che Guevara.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim, eles são (incompreensível) a esperança montada em cima do (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É estranho porque tem fazendeiros comunistas, pelo menos tinha, é uma contradição bárbara.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Meu tio avô.

BRUNO MENDONÇA COSTA: como é que um fazendeiro pode ser comunista?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O partidão todo é formado por fazendeiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Meu pai era fazendeiro, meu avô.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É formalista comunista, mas ia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uma pequena burguesia que uma pequena parte dela fundou o partido comunista

aqui, especialmente do interior, profissionais liberais, (incompreensível) que era um filho de um fazendeiro, então uma série de amigos de meu pai falam (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele inclusive era da elite.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E inclusive daí eles fizeram (incompreensível) fizeram edifícios lá na praia (incompreensível) onde o Manuel morava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era da ala (incompreensível), ala direita, depois teve toda uma caminhada rumo ao cerco que é esquerda né, (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não quero cansar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, que talvez é importante essa pergunta ao senhor também.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Minha família, a quem eu agradeço o comparecimento disse que eles tinham toda liberdade do mundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, o seu depoimento está muito interessante.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Porque, porque para eles não deixa de ser um novo sofrimento recordar todas essas coisas mas eles fizeram questão e eu agradeço minha filha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu também uma bela aula de história do Brasil.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na bela ala da política brasileira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pior do que lembrar, muito pior é o silêncio.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Exatamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Por isso que a pergunta do ambiente foi muito oportuna, porque enfim quando a gente vai enfrentar para ver essas divergências que haviam, há em relação ao PC do B, uma curiosidade da minha parte, que meu filho (incompreensível) tem me ajudado a apreender um pouco, que é essa parte de PC do B que ficou em um trabalho político na cidade, ela se aproxima da (incompreensível) popular.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que é de origem católica, cristã, então como é que é essa, como é que fica essa aproximação entre comunistas de um lado e esses cristãos que vieram.

BRUNO MENDONÇA COSTA: A maior parte dos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Calma, cinco minutinhos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Está uma desordem muito interessante aqui.

BRUNO MENDONÇA COSTA: A maior parte dos militantes, dos partidos comunistas eram (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na hora que o senhor quiser ir também, (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O ambiente está muito ansioso agora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nos outros depoimentos eu tinha vontade de fazer uma pergunta (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas aquilo foi o, assim. Dessa aproximação do PC do B e da AP que o senhor ia nos dar uma explicação histórica. É. 10 marxistas e outros eram cristãos filosoficamente chegaram à conclusão que o objetivo no final eram muito semelhantes e muitos da AP se transportaram para o próprio PC do B na época até havia a AP e AP do B.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: AP do B.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E há um episódio interessante que diziam em meios de prova como dizem os cadeira vermelha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Delegados.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Esses de ações populares que aderiram ao PC do B teriam feito a autocrítica de Deus, a coisa era por aqui, que era a expressão jocosa com que se referiam

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eu ia lhe perguntar, o Raul Carrion? (incompreensível) mas o Raul Carrion primitivamente era de direita como o pai dele também era de direita, o pai dele continuou de direita até morrer, mas felizmente como era o filho dele, não era eu, ele prestou um grande auxílio para que a gente felizmente fosse liberado do DOPS, ele fez isso com o Raul e me levou também de carona, então ele que se empenhou no alvará além da atuação Doutor Eduardo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas o Raul veio daí pela AP.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Veio pela AP, que eu saiba foi assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então vamos ouvir.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Como o próprio João Carlos assumiu também eles eram cristãos, o João Carlos era muito mais, iam na missa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor sabe se...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Toda a família do João Carlos era católica.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E sabe se ele tinha influência da França?

BRUNO MENDONÇA COSTA: É possível.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Para os franceses.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acho que sim..

BRUNO MENDONÇA COSTA: Para os franceses ele sim é uma tradição pastoral de convivência, eventos comunitários. Tinham aquelas famílias que foram para a França e depois apareceram e os da França tinham que voltar para o Brasil, saíram para voltar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: o Presidente? Porque o governador ele se coloca como presidente.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu sou um mero coordenador.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Presidente coordenador para mim um coordenador como Vossa excelência é um presidente, mas então, eu ainda tenho vários tópicos aqui que eu vou procurar acertar.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mas às vezes se esclarecimento podem ajudar, para depois entrar na propriamente dita minha prisão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, mas é que às vezes esses esclarecimentos vão ser importantes para a ... Eu acho que como um aspecto...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma retrospectiva, não é?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, com aspecto histórico, então é que eu tenho um documento muito interessante evidentemente tem 24 folhas, olha como eu sou perigoso doutor 24 folhas em informações do serviço de investigação política que existe no Brasil.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deles sobre o senhor?

BRUNO MENDONÇA COSTA: É. Diz que todos os países necessitam ter um serviço secreto, então é muito importante a gente lê como funciona o serviço secreto e como às vezes os agentes são agentes duplos, então vamos envolver a figura que temos aqui, que é um médico que vai aparecer, que era um agente duplo, mesmo protestante, então aqui temos a investigação a respeito do Bruno Mendonça

Costa, em todos os momentos que eu poderia estar presente e poderia não estar presente eles me amolaram, é muito interessante, existe um número aqui que é o meu número, então vou ler assim alguns só para dar uma ideia, por exemplo, eu era perito na justiça do trabalho e o senhor sabe que naquela época era muito muito ativo com o advogado o Doutor Araújo e depois o Carlos Araújo aqui então tem um assim o médico PMC, que sou, estiveram incitando os operários da metalúrgica para a greve, deve ser , perito da justiça do trabalho vem procurando agitar os operários naquela empresa, os advogados AA e CA, () e Carlos Araújo, também contribuíram para o ambiente de agitação, foram e estão sendo realizadas reuniões de cunho subversivo na Paróquia do Cristo Redentor tendo o Padre Tadeu como mentor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E verdade?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso é verdade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Todos os detalhes.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Então tinha um lá que ia na paróquia e que fornecia as informações e quem nega ele. Essa audiência pública nós vamos fazer exatamente eu tenho uma entrevista com o Carlos, que tenho que acertar depois das duas da tarde para ir lá na casa dele. Não, ele já prestou depoimento para nós duas vezes, nós vamos ter uma conversa com ele para nos indicar os operários que ainda existem em prol da Italian, dessa operação nós queremos levar um metalúrgico para depois dessa greve que é um fato

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Imprescindível.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Importante (incompreensível) não é, então isso aconteceu por exemplo em 23 de setembro de 69 está bem organizado, aqui 21 de outubro de 69, eu fui preso em 71, 21, com trinta dias eles já sabiam da minha existência, estrutura da ala vermelha do PC do B, depois eu vi um na ala vermelha do PC do B na ala vermelha do PC do B militava o Edgar, que eu falo que hoje é uma dissociação da personalidade que se tornou um informante, então eles tinham a estrutura da ala vermelha do PC do B no Rio de

Janeiro ex Guanabara, evidentemente esses da ala que foram presos foram dedando os companheiros do Brasil que conheciam.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mantemos.

BRUNO MENDONÇA COSTA: PC do B no Rio Grande do Sul, 30 de julho de 71, na época que eu estava preso relatório do inquérito sobre então a prisão e os companheiros daquela época e a surpresa que tiveram instaurado pelo DOPS, que apurou as atividades do PC do B no estado do Rio Grande do Sul, aqui diz assim:

“Declarações prestadas em código do segundo exército”. Isso em 2 de julho de 71, então quando eu já estava na OBAN. Isso tudo tem vida E microficha operação MF2, quer dizer um pesquisador, historiador que pode o que quiser fazer qualquer tipo de trabalho está tudo organizado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E filmado.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Microfilmado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse foi o arquivo nacional o que ele deu?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Só pegando um pequeno parênteses disso aí, o Cláudio (incompreensível) que aliás quando ele estava na força nacional, esteve aqui a pouco na aula do Carlos Araújo, depois nós fomos almoçar e ele contou o seguinte, que o Lula pediu, ele nunca entendeu isso, numa certa conversa informal teria pedido para o Jobim: “vê lá com os militares que o arquivo do SNI”. Estava mandando, simples. Isso em 2006 ou 2007, ele não entende como é que é como teve aquele famoso desaparecimento do arquivo, não sei como é que é 16 milhões de documentos estão todos lá, o Fonteles fica pesquisando, lá escuta os parênteses só para mostrar que que é que esses arquivos estão todos lá. E eles deve entregar. 15 de julho de 79 é a data do boletim, não é? do registro o que eles fazem com uma coisa que aconteceu acho que anteriormente, acho que não foi nesse dia, não foi, diz assim: Se o FPA Carlos Franklin Paixão de Araújo foi preso desde 12 de agosto de 72, acusado de atividades subversivas o nominado militante (incompreensível) prestou inúmeras reuniões,

presidiu inúmeras reuniões em várias localidades no Brasil, para onde viajava com vultosa quantia em dinheiro pertencentes a Marco Palmares, Carlos Araújo foi citado nas declarações de uma porção deles, e que eu não estou nessa, estive em São Paulo com a sua atual companheira DVRR, não sei o que Linhares, aproveitando o comparecimento dela a uma reunião na ocasião o nominado manteve encontro com as seguintes pessoas: e aí diz quais são as pessoas que apareceram, mas porquê disse isso aqui, porque eu nunca me reuni com o Carlos Araújo, isso aqui foi um erro, nós temos que denunciar esse erro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso é absurdo. Quando estava em Tiradentes não tinha contato? O senhor percebeu outros erros?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim, O que faz perceber vários acertos também, a maior parte tem acertos, aqui por exemplo acerto: 4 do 11 de 1980 eu fui reintegrado ao (incompreensível) de onde tinham me expulsado, então eu fui reintegrado, olha que coisa incrível aconteceu com um cidadão brasileiro, 29 de setembro de 82, ele o E, que eu não consegui identificar, foi gravador do jornal esquerdista não sei de quê, em 62 frequentou o curso do marxismo, que era do (incompreensível) e o pensamento social contemporâneo era ministrado por JG, não me lembro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Jacó Gorender.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Em 10 de 76, eu em 10 de 76, viajou para Paris França, ocasião em que indicou BMC, JG teria indicado elementos esquerdistas, o PMC para substituí-lo no cargo que exercia junto ao INSS e o PP aqui está tudo errado, tudo não, mas partes estão errados, não tinha nada a ver com o INSS, INPS e muito menos com o PT.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E tu nunca foste a Paris, não é? Não tinha ido ainda.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu nesta época não fui a Paris, eu fui depois, eu não sei de onde é que eles tiraram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O que era o PP?

BRUNO MENDONÇA COSTA: O PP é a unidade psiquiátrica, que eu era o chefe tinha 16 psiquiatras, alguns eram subordinados à mim a chefia e quando eu fui demitido, essa é o PP

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É uma confusão grosseira.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mas assim, é porque é importante corrigir isso porque é uma coisa que vários depoimentos mostram, eles tinham um sistema metódico, eu acho que tinha alguém no meu pé, a Nice e Inês nos depoimentos delas lá fizeram isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fica curioso.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Que acho que eles, os jovens militantes da época expressavam, não na verdade os caras eram organizados, tinham um método, tinham um sistema, só que a polícia costuma fazer isso,

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já que não é muito esclarecido (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: 15 de abril de 86 realizou se em 2 de setembro de 85 na sede do movimento de justiça e direitos humanos em Porto Alegre o lançamento de não sei o quê no estado, organizo tendo por objetivo denunciar a opinião pública. As torturas praticadas no período o que repressão política, esse é o (incompreensível), então lá tinha alguém que estava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso foi em que ano?

BRUNO MENDONÇA COSTA: 85, setembro de 85.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já era da nova era, já tinha oficialmente terminado a ditadura.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Era o Sarney já. E aqui é muito interessante o desrespeito com o Doutor Franklin Cunha vocês conhecem de nome, a anotação de 17 de abril 86, eleições para direto-

ria da associação médica do Rio Grande do Sul, os médicos gaúchos elegeram em 22 de agosto de 85 a nova diretoria da (incompreensível) tendo sido vitoriosa a chapa liberada por GHC, que era Guerda de não sei o quê, (incompreensível), Franklin João Marco Antônio da Cunha, candidato derrotado quando conhecido por resultado desfavorável denunciou publicamente através da imprensa a existência de um integrante na chapa vitoriosa com participação em torturas contra ativistas políticos em 1970, BMC também derrotado confirmou a denúncia, acusou o médico (incompreensível) Rodrigues e em função disso o (incompreensível) constitui uma comissão especial para investigar os fatos e concluiu pela improcedência das denúncias o (incompreensível) abriu um processo ético profissional contra o Franklin e contra o Bruno por denunciarem um colega (incompreensível) Rodrigues, infringindo a ética ao levar a conhecimento público e sem fundamento a denúncia, quer dizer o Franklin apenas anunciou, eu fiz a denúncia porque eu acho que tem que ser assim, existem torturadores? quem são? É o Ustra, é o (incompreensível), é o Linha Vermelha, tem que dar nome e sobrenome, porque se não fica uma coisa generalizada, eu reconheço o médico, o médico era um apoiador das torturas e por incrível que pareça tinha junto com ele, segundo dizem, mais 27 colegas médicos que atendiam os presos políticos na mesma época.

Vários dos torturados aqui no DOPS doutor, desculpe interromper, mas é um ponto importante, referem a presença de médicos, falam o que um médico velho, uma pessoa que eles não sabem identificar, uma pessoa mais idosa de 60 ou 70 anos, falam de outro que aparecia encapuzado e o senhor é o primeiro que refere, não, já referiu, mas sempre importante, esse nome específico o senhor tem certeza dessa pessoa?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desse Raul?

BRUNO MENDONÇA COSTA: É. Absoluta, ele entrou com uma ação contra mim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse Raul (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Lahori com H, ele entrou eu tenho inclusive um processo, não é? Ele entrou com uma ação contra mim eu me defendi, ganhei em primeira instância perdi em segunda instância o que eram 3 de juízes, e ganhei no supremo por 15 a 13, naquela época eram 15 desembargadores, agora parece que tem 25 ou 30. É Lahori, como é o sobrenome?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lahori Rodrigues.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Esse Lahori deveria... Queria só lembrar que a minha madrinha foi torturada, meu pai ouvia os gritos dela e quem atendeu a minha madrinha a Frida foi esse médico também. A Frida Ldevin era companheira também do PC do B mas já faleceu e ela sempre contava isso e depois ela foi minha testemunha no processo, no processo ela também contou, mas ela nunca conseguiu provar porque ela não tinha receita, infelizmente ela não guardou a receita, então tinha a palavra dela que está lá no processo, o que aconteceu? Ela sofria do coração, então Lahori receitou a (incompreensível), a (incompreensível) tem uma janela em que existe a efetividade do medicamento, que é entre uma vírgula dois miligramas até no máximo uma vírgula oito se ultrapassa esses miligramas se torna um veneno, remédio e veneno, ela pode ser um veneno e pode matar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A droga e o tóxico são muito próximos?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Muito próximos, se toma mais mata e ele colocou número de comprimidos que se ela obedecesse a prescrição ela teria morrido.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De hemorragia.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E ele tinha vínculo no DOPS?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era amigo do Pedro Seelig, ele ia tomar chimarrão junto com ele.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E ele tinha vínculo funcional?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era inspetor de polícia aposentado. Fez medicina depois?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Fez medicina e se formou lá, o Lahori deveria ser convidado a fazer um depoimento. Por isso que eu lhe pergunto. Mesmo que ele negue, não tem importância, mas pelo menos ele vai ter oportunidade de poder dizer alguma coisa a respeito dessas coisas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Amigo do Pedro Seelig.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Amigo do Pedro Seelig, é importante isso porque até por razões muito parecidas, boa parte dos torturados não conseguia identificar aqueles médicos, por outro lado... A pessoa que fala que é o Calino Pacheco, não é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Calino já foi ouvido aqui.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Na ocasião teve a Mara Loguércio que se pronunciou através da zero hora, também identificando como a pessoa que havia sido examinada pelo Doutor Lahori Rodrigues, eu lembro, porque isso eu já estava na faculdade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já que o Calino e a Mara.

BRUNO MENDONÇA COSTA: A Mara eu não estava presente. Da Mara eu lembro que ela foi a Zero Hora e se colocou como uma pessoa que havia sido examinada. A Mara foi minha testemunha também nesse processo graças a essas testemunhas que eu acabei tendo vitória no primeiro turno, agora esse médico mais velho provavelmente foi o que atendeu o Calino Pacheco, aliás eu perguntei para ele e ele não sabia quem era o médico, o Calino é um dos que não souberam identificar que esse médico mais velho era o chefe da equipe esse era...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor também não consegue identificar?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, era uma pessoa da elite médica Porto Alegrense, (incompreensível) mas nunca se teve certeza a respeito do nome dele, então não convém que se diga, que talvez seja o Fulano e não ter provas, há muitos anos me falam e eu não pergunto para a pessoas porque sem nenhum embasamento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Calino Pacheco é citado também no livro do Ricardo Vargas e esse escrito “Na vida era pra ter coragem” ele escreve sobre a história da Dilma, o Calino Pacheco também é citado.

BRUNO MENDONÇA COSTA: O Calino foi a primeira pessoa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Prosseguindo então, depois nós refundamos o PSB em que eu lancei a candidatura do governador o que é o Quixote, não era o Dom Quixote, mas com isso conseguimos restaurar o partido socialista brasileiro e afinal hoje tem até um vice-governador, está aqui registrado então, muito interessante isso, em 10 de julho de 86 quando nós criamos a frente popular,

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso já era no governo Sarney depois na convenção do PSB.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Espionando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vai votar em mim Doutor.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele é perigoso, é médico. Depois da relação dos candidatos do PSB, do PT e do PC do B, do PCB e candidatos do PMDB ligados com organizações (incompreensível) tudo isso ia lá para os registros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vamos ver esses outros aqui, depois que eles também relacionam todos os militantes oficialmente filiados ao PCB, PC do B, PSB.

BRUNO MENDONÇA COSTA: PS?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: PSB.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não sei, 16 zonas eleitorais, quer dizer: “esses aí tem que ter cuidado”. Como quem diz assim, não é? novamente depois de uma viagem ao exterior, que é esta que o senhor fez mesmo, aqui é interessante sobre o registo de um painel realizado na sede do PSB no dia 15 de julho 88 onde eu estava presente, esse teve mesmo, sobre culpa diz assim: “as fitas pertencem a PAMA” que eu não sei quem é, e ao Bruno Mendonça Costa. Isso é verdade, eu fiz mesmo isso tem razão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui, viagem ao exterior, 25 de novembro de 88, sabiam os locais de destino às datas das viagens, o número dos passaportes, tudo direitinho.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mas isso já era normal, eu já estava na faculdade. Em 88. Registro de saídas pela polícia marítima e aérea das fronteiras pela polícia federal, quer dizer todos os momentos que eu saí estão lá, é interessante para mostrar que a polícia federal mandava para o FMI essas informações. João Amazonas vem para Porto Alegre, faz uma conferência no TRT que é o departamento já não sei o que é do trabalho delegacia regional do trabalho e lá estou eu, tinha 300 pessoas, isso eu estou mesmo, então é isso Doutor (incompreensível), terminamos por aqui agora vamos para mais rapidamente aqui, outro registro, Doutor Manuel Albuquerque, uma pessoa excepcional que eu nunca canso de agradecer e que ele faz uma comunicação da prisão com advogado Eduardo (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele faz como presidente da (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Presidente da (incompreensível), no dia 1º de junho do corrente em 71, atendendo a comunicação feita pelos familiares, no caso a minha esposa que foi lá, ele então pediu uma audiência para o secretário de segurança da época e o secretário de segurança então confirmou a prisão e a incomunicabilidade do Bruno Costa e que quando fosse permitido as visitas ele avisaria, isso aqui é a providência tomada pela Dona Nice que está aqui do meu lado, a minha querida esposa, ela e as demais pessoas o que eu tenho

certeza absoluta que me salvaram a vida, porque isso aqui foi quando eu fui transferido, eu já estava em São Paulo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Você já estava em São Paulo.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Tem também as viagens a São Paulo e aí a Eunice a Rosângela foram à São Paulo e forçaram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tinha?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sete anos e forçaram as visitas lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Veementemente.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Dentro dos quais o meu filho falou.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da qual ele escreveu um material um conto que se chama...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu comi bolo junto com o Edgard.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu te pergunto uma coisa doutor, essa prisão que foi feita na sua casa, quanto tempo o senhor ficou no DOPS aqui estadual antes de ser mandado? Pouco tempo?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu fiquei cerca de 25 dias, mais ou menos, depois fui para São Paulo e no final de julho me mandaram de volta com avião da FAB, e aí depois eu vou contar um episódio muito interessante a respeito de uma personalidade, o Coronel Lúcio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essa prisão aqui no DOPS? Ninguém sabia onde o senhor estava? Não foi nesse momento que o Manoel fez o ofício?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, fez essa data aqui ouvir a comunicação por parte da Eunice que ficou...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Imediatamente que ele foi preso.

BRUNO MENDONÇA COSTA: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Queria saber se o dia 28.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele estava no hospital São Pedro, vim almoçar e quando ele ia chegando em casa, as crianças estavam junto, já estavam na frente e levaram o Bruno, então eu pedi que tirassem as crianças, levassem para minha mãe e fiquei me movimentando, porque aí tinha outro lá que eu conheci que estava também preso e aí que eu pedi auxílio para o Doutor Manoel que colocou uma mesa com todos os médicos da associação médica das seitas e eu contei todas as torturas, porque aí eu já estava sabendo das torturas.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E o Manoel nesse momento tirou uma resolução, tirou uma comissão. Tirou uma comissão que foi me visitar no DOPS.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí eles tiveram... Ah, aqui no DOPS eles ainda tiveram, o senhor ainda teve...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não eu estava em São Paulo quando eu vim e essa comissão se apresentou foi muito importante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só para esclarecer bem a ordem das coisas, no momento que a Associação médica fez essa ficha, esse ofício, o secretário de segurança não estava aqui?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não estava aqui, estava desaparecido. já estava desaparecido aí eu fui no doutor Alves, eu liguei para São Paulo, antes do DOPS primeiro. Não, primeiro no DOPS um pouco de dias, e depois para São Paulo e depois para Porto Alegre.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: então a secretaria demorou um tempo até responder?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Demorou.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu tinha que voltar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando responderam o senhor já estava em São Paulo?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Aí eu pedi auxílio para o Doutor Afrânio, o que eu poderia fazer, como eu sabia que a Marieta mãe do Carlos estava lá, ele disse: “então você vai para o hotel Itamaraty que a Marieta vai te dar todo apoio. E aí viajou a Eunice a Marieta e eu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De volta?

BRUNO MENDONÇA COSTA: A Marieta já estava lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fomos a São Paulo, a Marieta já estava lá, nós que nos encontramos com ela lá e fomos para a OBAN atrás do Bruno que ninguém conseguia visitar porque não deixavam. Eu temo que o Professor (incompreensível) já esteja cansado.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Posso fazer uma...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu por exemplo na ocasião tive uma situação bem difícil para uma criança, na OBAN, no primeiro dia que foi o dia do bolo, foi a promessa de que no outro dia nós poderíamos nos visitar porque sempre prometiam num dia e aí a gente chegava lá naquele dia e ficava para o outro dia e aí a Eunice minha mãe, incansável dizia que voltaria no outro dia, nesse segundo dia levaram para que ela fosse de por também e eu fiquei sozinha lá, completamente sozinho no banquinho e aí a única coisa que eu tinha clara era o Hotel Itamaraty onde estava Marieta que era a mãe do Carlos, que eu pensava: “bom, se prenderem minha mãe também” porque é a minha fantasia infantil iam prender todo o mundo, se já tinham prendido meu pai.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era nem fantasia.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Era uma realidade também, porque essa situação e se confundem na cabeça de uma criança, então nesse momento liberam muito tempo depois, eu acho que estava lá

como aqui duas da tarde e liberaram minha mãe como 5 horas da tarde e eu fiquei no mesmo lugar esperando até que ela surgisse de volta, então essas situações na nossa família é a importante a gente contar, a gente teve que em algum momento juntá-las porque cada um lembrava de um pedaço da situação e cada um tinha, a minha mãe Eunice preocupada e ela não podia estar comigo, porque ela estava dando o interrogatório, o Alexandre era pequenininho...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele conta que passou e ele olhou: “Cadê o meu pai”.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele estava com a minha mãe. Depois olhou para trás e ficou decepcionado que não era o pai dele. (incompreensível) eu já pensei assim Carlos, que em outro momento, porque agora a gente não tem tempo, devia fazer depoimentos dos familiares, a tortura não afeta só o indivíduo, mas toda a família.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É notório, e hoje em dia eu sou psicóloga e psicanalista, é notório que isso provoca um stress, no mínimo estresse pós traumático.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mas cada um vai desenvolver. Foi tão curto tempo, o que para ela foi meia hora ou uma hora, foi 20 minutos, porque o máximo que eu ficava com Bruno, me mostravam o Bruno era 10 minutos assim, ou se não é só dizer ou me mandava e falava me manda um (incompreensível), me mandava na farmácia, ele tinha dores, claro, torturado e eu saía, então nesse tempo que ela fala de meia hora eram 15 minutos ou 20 minutos, porque eu não ficava mais do que isso porque eles não deixavam, aí um dia de um eletricista arrumando telefone quando ela disse assim moço o senhor viu pode mostrar o meu pai, se o senhor me mostrar o meu pai eu danço Balé. Essa é uma situação bem pontual que a mãe traz, que não é o eletricista, tu está confundindo, o eletricista não era eletricista, era uma fiação de telefones, isso foi anterior, o policial do exército se emociona porque eu era bailarina e eu peço então o Alexandre Costa, o meu irmão e escreve agora na atualidade um conto que se chama “A bailarina” em minha homenagem, eu era uma menina e digo o policial do exército que vou dançar para ele mostrar o meu pai: “se eu dançar o senhor mostra me o pai?” E eu danço.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas tem uma situação que eu não queria deixar o que te falar.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E essa situação é uma situação muito importante, nesse dia nós conseguimos ver o pai, que dessa sala tinha uma fiação de telefone, que tinha um dos torturadores, foi uma situação de emoção no olhar, porque o torturador que havia torturado meu pai me chama para me aproximar dele e o meu pai com o olhar me pede que eu não me aproxime dele e eu fico então parada próxima da minha mãe e nós então nesse momento conseguimos ver o pai pela primeira vez em São Paulo, é só uma parte. Eu queria mencionar uma situação, que é uma gravidade muito...a minha irmã, em um determinado dia em uma situação em que houve na prisão e ela foi avisar então essa minha madrinha, a Frida e aí ela chegou no prédio da minha madrinha junto com a irmã da minha mãe e ela foi subindo como fazer sempre, e aí encontrou a porta aberta, entrou quando ela chegou dentro a casa estava revirada, e tinha policiais lá dentro, a minha irmã se assustou e foi para o parapeito da janela, eu vou deixar ela falar. Então após relatar, já que os familiares foram citados eu vou relatar, a Frida Levin que era a parceira do pai, claro que estava sendo procurada para ser presa também, minha mãe pede que eu vá com uma tia até a Rua Riachuelo porque eu circulava nesse apartamento todos os finais de semana, ela era nossa madrinha, era nossa amiga de família, então minha mãe disse: “Rosângela, você vai com a sua tia Laureci até a Rua Riachuelo e avisa a Frida que ela saia de lá que ela vai ser presa, quando eu chego na Riachuelo a porta do apartamento da Frida estava entreaberta, a minha tia, e eu quero fazer um parêntese, nesse momento que entra, nós tínhamos que conversar porque eu não sabia se eu tinha imaginado isso ou se isso realmente havia acontecido, e aconteceu, a minha tia então entra no apartamento junto comigo e o policial sai de trás da porta e com uma arma me diz: “Essa arma aqui é da moradora daqui, ela é uma subversiva, ela tem um revólver? e eu digo: “não, essa arma não é da minha dinda eu venho nesse apartamento e ela não é o que você está dizendo e eu quero ir embora com a minha tia. Porque a minha mãe já havia me dito: “olha se acontecer alguma coisa muito estranha tu vem embora com a sua tia não fica lá”. E começou a acontecer uma coisa muito estranha, tinham dois policiais dentro de um apar-

tamento todo revirado dizendo que a minha tia tinha aquela arma e eu na mesma hora digo: “eu vou subir na janela se o senhor não me tirar desse apartamento”. a minha tia urina perna abaixo porque ela se assustou muito e eu realmente a cavalo no parapeito, sento, como qualquer criança tivesse numa gangorra, sento e digo: “se o senhor não abrir a porta pra que eu e minha tia”...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual andar?

BRUNO MENDONÇA COSTA: 7º, 8º, 10º.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Oitavo andar.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sento e digo: “Se o senhor não abrir a porta para que eu e a minha tia saíssemos já eu vou me atirar daqui”. E o policial então abre e nós vamos embora, eu e minha tia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso em que idade que você tinha?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu tinha 7 para 8 anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E essa foi depois que o Doutor Bruno foi preso?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim ele já estava preso, ele já tinha sido preso e nós tentávamos avisar a Frida que talvez, que já tinha sido presa pelo DOPS que ela já não estava mais no apartamento, então estas situações também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E a arma era dele também.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Também são mentirosos, porque a Frida nunca tinha uma arma e eles se assustaram, porque imaginaram no centro das cidade despencar uma criança do 8º andar, 7º, 10º andar, como é que eles vão explicar que caiu uma criança, de onde saiu aquela criança de um médico que estava desaparecido, então assim, todo mundo trabalha, inclusive as crianças no momento, isso que eu acho grave no ponto social.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Por isso você acha que é uma política terrorista.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E é uma política terrorista, isso eu posso afirmar e ela perdura por gerações. A dona Maria a mãe do Carlos Araújo então estava no hotel junto comigo, eu não podia ir na Tiradentes e ela disse assim: “Eunice vai junto porque o Bruno vai sair da OBAN e vai para Tiradentes, então tu já entra em contato com aquele povo que entra na fila para visitas”. Bom então nós fomos a Marieta até visitou a de um que não podia né? aí ia ter uma audiência do Carlos. Que eu entrei escondida. Na auditoria militar que eu entrei escondida porque não tinha com quem ficar. Aí tiraram a Rosângela ele disse assim: “agora, quando terminar audiência o Carlos sai com o camburão que está lá embaixo, vamos sair um pouquinho e vamos ver se conseguimos falar com Carlos, ver o Carlos”. Aí o motorista deixou conversar, aí eu fiz uma pergunta para o Carlos: “Carlos você foi torturado”. Eu me lembro para o senhor, ele levantou uma camisa dele (incompreensível) olha ele tinha um vergão e eu falei: “Carlos que é isso”? ele diz: “foi com arame quente”. Eu nunca me esqueci dessa cena, aí ele foi para o camburão, nós fomos para o hotel loucas de medo tinha, medo que eles roubassem a Rosângela, eu não deixava ir na portaria ou qualquer outra coisa, eu fiquei com a Marieta todo tempo (incompreensível), então eu devo muito ao Doutor Afrânio e a Dona Marieta que já são mortos. A Marieta e o Afrânio eram de uma humildade impressionante, essa senhora é muito humanitária. Vamos adiante se não o depoimento fica muito grande.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode continuar.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu queria apresentar e o melhor de ar também meu advogado é o Eduardo (incompreensível) em que eu apresento um documento em que ele faz a inspeção da (incompreensível) após a morte do sargento Manoel Raimundo Soares, o relatório chama a atenção para a deterioração da celas em número mais ou menos 10, dos presos lá encontrados onde não eram presos políticos, apresentando o péssimo estado físico sem capacidade para se comunicarem, vestidos com andrajos, que o doutor Eduardo (incompreensível) no seu relatório diz assim: “Os 11 detentos todos

os maltrapilhos a maioria deles seminus, vestindo apenas cuecas ou calções rotos, alguns abrigando os lombos com velhos e sujos sacos de linhagem, dentre eles há um moço, filho de alto funcionário do estado, constando na ficha policial que lá estava perdido dos seus familiares, sua vestimenta rota e precária, pobre se distingue dos companheiros sendo diferente deles por ser dos mais jovens, desse consegue se arrancar apenas monossílabos e seu face revela só medo e os estigmas da (incompreensível) de grau avançado, por outro lado a segregação desses elementos sem culpa formada brutalizados na aparência física e nas reações psicológicas, já conta meses alguns mais de 5 meses, a ilha ele conclui é uma excrescência do sistema jurídico e penal, autêntico tumor de superfície, era um local de domínio do DOPS, o qual por sua vez estava subordinado e obedecia às ordens do exército.” Isso tudo está no o relatório dele que fica aqui, sobre a visita no DOPS no segundo andar, então não é mais na ilha, no palácio da polícia informaram o seguinte, Referindo as três celas consideradas especiais: “Informou um militar que nos foi apresentado como coronel Rieth superintendente do departamento, que a escuridão da célula se destina a ação psicológica sobre os detentos e o engenho da sua montagem foi a resultante de orientação tratada traçada por técnicos do OBAN. Essa visita ele foi o relator indicado pela OAB para acompanhar a CPI no caso da (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso. Então vamos deixar aqui junto.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Mas sabia que já estava só começando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Bom, agora então... Vamos isso o senhor conseguiu (incompreensível). Até para elaborar o trâmite, não deve ser fácil.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Bom aqui eu demonstro a minha demissão do INSS, eu fiz concurso para (incompreensível) e para o INSS e dos dois eu fui demitido, só que esse aqui do INSS eu tinha sido reintegrado e aí eu fui reintegrado e optei por ser reintegrado por anistia política, porque me davam maior prazo do que funcionalidade, e um deles, ou melhor, esse daí que eu fui demitido eu fui

reintegrado em 95 o processo levou 25 anos, agora eu não entendo porque as minhas coisas demoram tanto até hoje esse processo da justiça federal sobre as minhas demissões ele continua lá eu acho que tem alguém que dar um jeitinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deve ser o SNI ainda, eu acho.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Deve ser, aqui está o último registro é de 89, 90 já estamos em pleno estado democrático, eu vou até pedir de novo para saber se não tem mais alguma coisa e depois vou pedir que eles parem com essa história se acharem que eu sou, (incompreensível) porque eu não sou, agora com relação a Eunice, a Eunice é anistiada política, ela foi demitida do banco do estado de São Paulo porque ela foi demitida? Porque se casou comigo, então eu levo essa culpa nas costas, em razão disso ela fez um pedido para comissão anistia política e foi contemplada com o que ela não queria, mas aceitou, foi a liberdade dela, foi anistiada pediu para ser reintegrada e eles concederam a parcela única e não a reintegração.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso a comissão de anistia Federal. Eu fui anistiada.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu não aceitei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu aceitei;

BRUNO MENDONÇA COSTA: A única, porque eles fizeram a mesma coisa comigo e eu pedi a reintegração, por gosto, porque eu acho que é uma questão de dignidade, eles me demitiram e tem que me reintegrar, depois nós vamos ver a questão legal, mas eles têm que me dar essa chance de eu fazer a opção e até agora eu não recebi os 100 mil que me colocaram à disposição, a comissão de anistia, pode ser que eu morra e não consiga receber esse 100 mil mas está lá, e o processo está andando, quem sabe? mas com relação a Eunice além da bravura dela na época que eu fui preso, nós também quando eu estava em Constantina pela clínica eu fui preso em Passo Fundo, eles não fizeram uma ligação do Bruno Costa em Porto Alegre, com Bruno Costa do...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso é em 62?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Em 64 ou 65.

BRUNO MENDONÇA COSTA: 1965, e aí Eunice estava grávida, então ela não perdeu só emprego, ela perdeu o nosso filho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Teve um aborto porque...

BRUNO MENDONÇA COSTA: Posso?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, deixa que eu falo. É que você se emociona.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu sei, deixa eu me emocionar, então o que aconteceu, ela teve um aborto e, portanto, o nosso filho foi proibido de nascer, eu queria dizer isso pra ela, isso foi a maior perda que tivemos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É que a nossa casa foi invadida por militares.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Em Passo Fundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Em Constantina.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Quando eu estava tirando, quando o Bruno chegou do hospital e eu disse: “Bruno, nossa casa está cercada de (incompreensível) de Porto Alegre, que achou que era uma ligação de porto alegre com aquilo ali, mas sim uma história de um moço lá. quando eu fui tirar (incompreensível) que nós tínhamos comprado, eles me disseram: (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi um estresse assim. Aí levaram o Bruno e foi aquela coisa toda, eu achava que tinha ligação com Porto Alegre e não era e aí soltaram o Bruno,

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu fiquei 14 dias preso em Passo Fundo e aí me soltaram, mas veja, isso aconteceu depois que eu voltei, o aborto e ela não parava de sangrar, único médico era eu numa situação de inverno muito difícil de sair da cidade, era um risco inclusive deslocar a que eu tive que levar para o hospital e eu próprio fazer a curetagem para acessar, um horror, então seguindo adiante, eu tenho aqui documentos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Perdão doutor, só para caracterizar mais ainda o absurdo dessa situação, dessa prisão não deu processo e não deu em absolutamente nada?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Em absolutamente nada, eu inclusive eu procurei a brigada militar para pedir uma certidão dessa ocorrência não tem nada registrado, mas aí eles me deram, infelizmente eu não achei ainda mas vou achar, um documento em que estava cheio de carimbos, quer dizer Bruno Costa estava sendo procurado em todo o Rio Grande do Sul, naquelas cidades que eram mencionadas e eu já estava em Porto Alegre, quer dizer, só foram me encontrar em Porto Alegre em 71, quando eu fui preso, eu e o Carlos Alberto (incompreensível) ele já fez o depoimento?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Pois é, existem os desaparecidos políticos e os que desaparecem, eu não consigo localizar o Franklin, ele deixou uma série de documentos que pretendíamos fazer um trabalho conjunto a respeito desse tema e como eu não o encontrei, eu resolvi pelo menos trazer esses documentos que são dessas pessoas que não são do Rio Grande do Sul, Ana Gomes Almeida, Rodrigo dos Santos, Aldonar Lara Rever, deve ser parente do (incompreensível) e Vera Maria Shimith, que também foram barbaramente torturados em hipóteses é o Carlos Alberto é irmão (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu posso continuar?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Vamos até o fim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na semana passada eu já conversei com um grupo aqui tranquilo.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Na Matriz não é? Mudaram o local para a esquina democrática. Acabaram de dizer que mudaram o campo. A custa do sofrimento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Depois falamos então, boa tarde.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Bom, a seguir eu junto aqui 65 laudos psiquiátricos, são diferentes companheiros que foram examinados, por psiquiatras, 4 psiquiatras e que relatam a prisão e as torturas a que foram submetidos, quer dizer os mais variados tipos de torturas, são os laudos que referiam (incompreensível). Exatamente, tem que saber juntá-los.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: São laudos seus?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não são meus são de colegas que relativamente...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quantos?

BRUNO MENDONÇA COSTA: 65.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Estou escutando que assim (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Então aqui tem 65 laudos psiquiátricos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor não está conseguindo abrir a porta?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu não sei interromper só um momentinho, não sabe interromper, mas tem que dar uma pausa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não mexe, vai deixar essa pasta não? Vai?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor quer levar os laudos? Tem cópia disso tudo, não é?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Tem, é tudo cópia, seguindo então adiante, eu queria me referir sobre o documento de um colega que prezo muito e que tenho muito carinho por ele que é o (incompreensível) Doutor Jorge o que é pediatra em Passo Fundo, o (incompreensível) Jorge foi paraninfo da turma de 70 em Passo fundo, em 75 eu perdi o emprego no INSS, ele no seu discurso seja justo ou não seja justo me colocou com um paradigma, tratou com ética, não é? Eu queria citar alguns trechos a respeito do discurso dele, ele dizia assim a respeito do Bruno Costa: “viu a alegria e a tristeza, viu a saúde e à doença, viu a vida e viu a morte, viu que os donos da terra eram poucos, viu o que os camponeses eram muitos, viu o que é a alegria de poucos era a tristeza de muitos e que os doentes eram muitos e que os sadios eram poucos, cresceu e perguntou que descobriu a injustiça e foi clamado por justiça, encontrou a resposta e escolheu a bandeira, descobriu o seu papel no termo social e aceitou o objetivo, em aceitou as consequências de suas ideias, que participou da luta e tornou se líder e tornou se história e tornou se um ser útil, conscientemente útil sem vaidade, a honra está em sermos úteis sem vaidade”. Muito bonito o discurso dele o doutor, claro que ali estava a polícia política, ele quase foi preso na saída, teve que sair pelos fundos protegido pelas autoridades.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era a formatura da (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Era a formatura, quase foi preso, depois e não mexeram com ele mas mexeram comigo aqui e eu fui demitido então da UPP. Depois daqui no final junto dessa argumentação toda, que tem todo o meu prontuário do DOPS, os interrogatórios dos companheiros que eram presos na época que foram citados aqui a Frida e o Raul Carrion, a (incompreensível), ah e eu não sei quando ela foi presa e aqui está também o julgamento pelo tribunal superior militar nos absolveu a todos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui o senhor foi condenado?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Aqui eu não fui condenado, os juízes houve uma até uma crítica do superior tribunal militar em que

um capitão acusou de ter presidido o julgamento, na época foi 4 a 3, quase que eu fui condenado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então o recurso foi do Ministério Público Militar.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Acho que era recurso normal que esse processo (incompreensível) é o mesmo recurso do Raul Carrion.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o mesmo processo?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Depois que ele foi solto, pelo seu advogado me aconselhou que eu não ficasse. Ele era bem jovem o Raul Carrion (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ocorreu a rebelião no processo dele.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Só para terminar então eu queria contar a respeito da minha prisão em 71 a prisão consistiu em uma parte no DOPS de Porto Alegre e outra parte em São Paulo, foram 64 dias no total, começou em maio e terminou no início de agosto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: o total Só para eu anotar?

BRUNO MENDONÇA COSTA: 64 dias.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Dias preso não é?

BRUNO MENDONÇA COSTA: 25 primeiros dias no DOPS, depois quanto tempo lá em São Paulo? O restante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah tá, quando o senhor foi enviado para Porto Alegre o senhor foi solto?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com o Raul.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Fui solto uma semana depois. Daí quando eu vim de São Paulo eu fui colocado em uma dessas celas especiais, era uma cela solitária que se chama. Lá no DOPS mesmo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na ilha o senhor não esteve preso?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, na ilha não, só uma semana na solitária.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É importante isso nesses primeiros 25 dias o senhor foi torturado como e por quê?

BRUNO MENDONÇA COSTA: No primeiro dia eu fui levado para o DOPS, no momento que eu entrei no palácio da polícia logo depois me colocaram um capuz preto na cabeça e eu caminhei longamente pelo que eu achava que era um corredor, depois me colocaram em uma sala e a partir daí eu reconheço por causa da voz o (incompreensível) Que me dava tapas na cara depois disse que eu tirasse a roupa e ficasse nu, me chamava de filha da puta, porque psiquiatra ou louco, e continuava me surrando, e depois finalmente queria saber se eu era o Álvaro, que ele já sabia que meu codinome era Álvaro e eu negava que fosse o Álvaro, depois ele se comunicou com outro uma outra pessoa e três ou quatro me levaram para o pau de arara e me torturaram durante muito tempo no pau de arara, tanto tempo que eu fiquei sem movimentar as pernas, eu não sentia as pernas, então um dos presos políticos que estavam lá me auxiliou caminhando na sala em círculos durante bastante tempo, isso provavelmente ativou a circulação dos membros inferiores e lá eu fiquei, naquela sala que era uma sala de passagem dos policiais que trabalhavam lá e durante a noite me colocavam algemas, essas que eram presas no pé da mesa de modo que eu tinha que me adaptar para dormir com capuz e com essas algemas, de tal maneira que eu pudesse conseguir dormir, o que é evidentemente era muito difícil, isso foi uma situação tão difícil que eu emagreci 10 quilos em um período de 10 a 15 dias que foi como a Eunice me encontrou em São Paulo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Perdão, desculpe, o senhor ia falar alguma coisa?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu ia dizer o seguinte que em determinada noite um deles que eu não sei quem é, me disse: “olha vão te levar para São Paulo”. e eu conseguir dizer: “por favor então me ajuda, telefona para minha mulher e diz que eu vou para São Paulo vou ser levado para São Paulo”. E ele telefonou e era policial. Telefonou para mim de madrugada. Incrível, não é o primeiro registro e essas surpresas. não, e de São Paulo para Porto Alegre, não, primeiro daqui para lá. Não, esse foi o segundo recado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Interessante.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Interessante, aí tem outro episódio interessante em relação ao policial porque nesta sala ficava sempre um policial me cuidando, esse policial não praticava torturas, mas numa bela noite chegou o (incompreensível) que provavelmente era o autor da tortura que estava sendo feita em alguém que gritava muito e em seguida trouxeram um, me tiraram para colocar, trouxeram corpo que foi jogado na minha frente que era do Raul Carrion, o Raul Carrion estava com as costas azulada de tanta madeira dava a impressão de que era uma madeira com a qual eles batiam nas pessoas e não respondia não falava e eu na ocasião eu disse para o (incompreensível): “se esse jovem morrer o senhor vai ser o culpado pela morte dele”. Ele ficou furioso me deu um soco que eu voei em direção a esse policial que me cuidava durante a noite e esse policial felizmente interferiu e conseguiu evitar o que o doutor (incompreensível) continuasse a me bater, numa outra ocasião eu estava em uma outra sala, o que o (incompreensível) me levou e ele começou a me bater, eu fui indo cada vez mais para trás e ele veio de longe me deu um soco na testa, ele tinha um anel, esse anel penetrou aqui e me fez um ferimento que eu fiquei sangrando a ponto do próprio Pedro Sene ficar meio preocupado eu acho, porque chamaram o médico para mim. Porque sangra muito, mas isso caracterizava bem a fúria do Miller.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor psiquiatra as informações que o senhor tem é de que ele era na verdade um sádico?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Ele era sádico.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor fala também do (incompreensível), chegou a pegar o (incompreensível)?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que é o carioca que vem (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, esse eu não cheguei. Gente que batia, não tinha o que fazer e ia lá bater.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso é bom relatar com relação as torturas lá na OBAN, e aqui, além do Miller (incompreensível), o senhor identificou o (incompreensível)? Ele participava diretamente das torturas?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Sim participava, ele participava estava sempre presente, numa dessas ocasiões em um suposto laudo psiquiátrico meu, em uma das ocasiões eles me levaram assim, eu com capuz preto, dava a impressão que eu estava sendo levado para um local onde eles disseram: “Aqui não tem paredes você não se movimente muito que você pode cair”. Como se eu estivesse em algum lugar que a frente ou atrás qualquer movimentação que eu fizesse eu poderia cair do prédio não é? e depois eles me retiraram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Então é uma forma também de me ameaçar, de ameaçar o doutor? Eu acho que em relação à DOPS termina. Esse policial, por exemplo, que intercedeu, esses que ficaram para cuidar eram policiais civis também ou eram Brigadianos.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Que eu saiba eram policiais civis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não eram fardados?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eram civis, um deles se intitulava capitão, poderia ser até o próprio (incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor se lembra de mais algum agente que tenha, que antes de ir.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cardosinho?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, aí depois quando eu voltei de São Paulo eu fui colocado em uma solitária, onde ninguém falava comigo, a ordem havia sido essa, como é que eu voltei, voltei com um Ustra, o Ustra, no avião, nós éramos mais ou menos dez presos políticos que estavam regressando para o Rio Grande do Sul.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não estava não.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu não conhecia os demais, não sei quem eram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Raul?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Era da família dele. É, e cada um dos presos também tinha um policial que acompanhava, porque nós éramos muito perigosos e na frente ficava o Ustra, e o Ustra quando nós tomamos o avião foi no campo de Marte no avião da FAB, o piloto que era o coronel fez uma reverência prolongada ao Ustra como autoridade importante, pediu desculpas porque tinha se atrasado 30 minutos, então o avião decolou para cá e o Ustra levava uma cesta, dessas que a gente leva para piquenique de criança e durante o voo ele abriu aquela sexta e ali tinha ovos cozidos, tinha sanduíche, ele foi oferecendo para cada um dos presos políticos e para os policiais e todos aceitaram, o que para mim foi uma decepção, eu estava louco de fome e eu digo: “eu não vou aceitar nada desse cara”. Como de fato não aceitei, eu acho que ele se surpreendeu, numa segunda rodada ele me ofereceu de novo e eu novamente não aceitei, aí se deu uma coisa interessante eu fui levado para a solitária, se passou aquele dia, no outro dia de manhã, provavelmente ele já está voltando para São Paulo, foi lá me oferecer chimarrão e eu disse para ele eu não tomo chimarrão, aí ele se despediu, foi embora eu não tomei chimarrão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o senhor tomava?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Claro e evidente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eu me pergunto por que o senhor voltou para São Paulo, qual era a sua importância dentro?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu era, eram três dirigentes do PC do B e eu era um dos dirigentes do secretariado regional, eu era um dos dirigentes eu o Raul Carrion e o Delfino, que era um operário, então nós que organizamos o PC do B quando lançou, eu sabia o nome e a localização de todos os companheiros do Rio Grande do Sul e não dei o nome de ninguém.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles sabiam? Que o senhor admitia isso?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Descobri por aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor só admitia a condição de militante e eles queriam arrancar que o senhor era mais que militante, que era dirigente e o senhor negava,

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu negava, mas eles tinham o depoimento dos demais e tinham o depoimento desses da ala vermelha do PC do B lá do Rio de Janeiro, eles já tinham toda estrutura.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O que eles queriam especialmente te mandando para o São Paulo era o que o senhor admitisse que era dirigente e a partir daí entregasse seus companheiros?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu tinha contribuintes aqui do PC do B em nome de mais ou menos 100 pessoas eu era o responsável pelo financiamento de dois políticos profissionais que nós mantínhamos esses dois políticos evidentemente tinham despesas. Viagens. Eram viagens para o interior, a própria manutenção aqui em Porto Alegre e também o apartamento onde um deles vivia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando o senhor diz políticos profissionais eram parlamentares?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, são profissionais do PC do B.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eram militantes profissionais?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eram militantes profissionais, que não trabalhavam, eles só reivindicavam a política do partido e nós sustentávamos, esses dois componentes fizeram um belo trabalho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se sustentavam com dinheiro próprio, porque o PC do B não participava das ações de desapropriação?

BRUNO MENDONÇA COSTA: De jeito nenhum, isso aí nós éramos contra, nós não participávamos de assalto a banco, nem de sequestro e nada desse tipo, nós éramos pela guerra popular que estava sendo então cogitada lá naquela zona do Araguaia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vamos a São Paulo, mas antes eu queria citar porque eles te mandaram? Para fazer o serviço lá que não tinha conseguido aqui?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Isso, lá eles queriam juntar as peças, então o que caracteriza uma coisa interessante é que a tortura em São Paulo era diferente da tortura no Rio Grande do Sul, eu diria assim, ela era mais científica entre aspas do que era aqui, então por exemplo, o preso estava na sua cela duas horas da madrugada tentando dormir ou estava dormindo, chegava o carcereiro, retirava da cela e levava para um torturador que o colocava num pau de arara, batia e trazia de volta para a cela, sessões pequenas. Aqui no Rio Grande do Sul era por um tempo interminável, a ponto de que quase que eu perdi a movimentação das pernas, enquanto que lá era uma coisa rápida e era de propósito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E em horas incertas, não é?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Em horas incertas, era tanto de manhã quanto à tarde quanto à noite e eram diferentes também, às vezes era uma tortura coletiva, ou seja, um sujeito ficava no meio,

o torturado ficava no meio, e cinco torturadores ao redor, fazendo perguntas atrás de perguntas, o torturado tinha que responder essas perguntas, naturalmente eles não davam muito tempo para ter qualquer resposta, aí um deles poderia ser destacado e levado para o pau de arara ou levado de volta para a cela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá o senhor foi submetido.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Aqui também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui é ou lá o pau de arara também era com Maricota e choque elétrico?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui e lá?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Aqui e lá, a mesma modalidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ia para pau de arara e para Maricota também?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Para Maricota também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E em várias partes do corpo?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Colocavam os fios nos ouvidos, nas narinas, na boca, nos mamilos, na uretra, no ânus.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não era isso que queria perguntar, mas tem que...

BRUNO MENDONÇA COSTA: É cadeira do dragão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá em São Paulo.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Lá em São Paulo, aqui não tinha cadeira do dragão, que eu saiba, lá tinha cadeira do dragão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor passou por ela?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Foi torturado na cadeira do dragão com o Ustra na minha frente e do lado tinha o que eles chamavam de enfermeira, era uma pessoa com uma avental branco e no dia que eu fui, eu fui duas vezes na cadeira do dragão, em um dos esse personagem estava com uma seringa de 20 centímetros com líquido dentro e o Ustra perguntou: “Tu sabe o que é isso aqui”? Eu digo: “Olha, provavelmente um (incompreensível)” que é o pentotal não é? O pentotal em dose baixa faz com que a pessoa fique sonolenta e facilite as respostas mediante as perguntas que são feitas, eu imaginei que fosse pentotal, e eu perguntei: “Tu acha que é perigoso? Qualquer dose em volume maior, a pessoa pode morrer e o senhor tome conhecimento de medicamento que as vezes pode me matar”. E ele não me deu o medicamento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E era um homem de branco, para chamar de enfermeiro.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não era branco, eu acho que não eram enfermeiros, era uma auxiliar de tortura, o Ustra então começou a fazer os choques e os choques eram de tal intensidade, e foram muitos, que me retiraram a consciência.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele mesmo aplicava no senhor?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Acredito que sim, eu não sei como é que era o mecanismo eu sei quem estava na minha frente eu não sei como é que era.

Ele estava presente na frente do senhor? Estou me perguntando porque outras ilustres pessoas torturadas pessoalmente por ele, o Carlos Araújo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Ubiratan (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: O Bira, passaram pela cadeira elétrica com ele, ele fazia um teatro não sei que aconteceu com o senhor, ele chegava como se: “Parem com isso, não façam isso”.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, comigo não.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E aí mandava, via que a pessoa continuava insistindo em não depor.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com o Ubiratan isso?

BRUNO MENDONÇA COSTA: É, fizeram com o Bira e com o Raul isso. É, porque comigo não houve teatro, então eu ficava inconsciente e recobrando a consciência ele continuava com as perguntas, depois dava choque de novo até eu ficar inconsciente, e a sensação é terrível para a pessoa, por que tudo fica completamente preto, não se distingue nada, literalmente morre, e aí começa a ouvir a voz longe e aquilo vai se aproximando e a pessoa recobra a consciência, essas foram as torturas lá na OBAN.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor não entregou nada?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Nada, absolutamente nada. Só uma pausa de cinco minutos para eu levar minha mãe. Não, posso continuar, eu já sei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor esteve preso com ele?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não sei se ele estava lá porque eu tinha acesso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até desfalecer então, várias vezes?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Até desfalecer, até tem algumas coisas aqui que eu anoto, embora tenha registro aqui, depois (incompreensível), destaques assim interessantes: “Foi preso uma pessoa que havia jogado fezes, um saco de fezes numa guarita, onde estavam dois soldados do exército, fazendo a guarnição daquela guarita”. Prenderam imediatamente e levaram para a OBAN, provavelmente teria sido subversivo e muito perigoso, dada gravidade do delito, ai eles chegaram à conclusão que esse personagem parecia a Elo, como

eu sou psiquiatra então eles pediram que eu entrevistasse o (incompreensível), ele era provavelmente um esquizofrênico, e até me disse que esteve no hospital espírita Em São Paulo, que eu não sei se existe ou não existe, mas estava lá, depois eles colocaram esse mendigo na solitária, que lá dizem que era terrível a solitária, deixaram o mendigo pelo menos uma semana para ele não fazer mais isso, porque ele dormia num túmulo no cemitério, e de manhã ele fazia suas necessidades num jornal, enrolava essas fezes no jornal embrulhava e aí passou na guarita e deu na cabeça dele de jogar as fezes na guarita, outro episódio interessante, era uma cela de alta rotatividade, a OBAN, não se dedicava somente aos presos políticos, se dedicavam também às drogas, e aí foram presas cinco pessoas por tráfico de drogas, um deles foi para a cela que eu estava, sujeito devia ter um metro e noventa, enorme, era policial do estado, em São Paulo, na intimidade da cela, ele estava nervoso e tinha necessidade de conversar, e aí ele ficou conversando, eu até dei uma camisa para ele, porque mal consegui entrar aquela camisa nele, por causa da diferença de corpo, mas ele aceitou, ele estava nervoso, mas com frio, na cela era muito frio, e aí ele me contou que de fato fazia tráfico de drogas e que as pessoas que cuidavam do tráfico e faziam os negócios eram pessoas da alta sociedade, e que não tinha dúvidas de que uma senhora, ele não me disse na época quem era que iria lá à OBAN e falaria com o Coronel Ustra e que em seguida eles seriam todos eles liberados, de fato, dois dias depois eles foram liberados.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinham outros?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Tinham mais quatro policiais que foram liberados.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E eles não foram torturados?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, eles não foram torturados apenas devem ter tirado a identificação, ou seja, como é que ele fazia o tráfico de drogas? Ele tinha uma forra de pneu e colocava a droga dentro dos pneus entre duas câmaras, e deve ter havido uma denúncia, por isso que a polícia rodoviária então o prendeu claro que o esquema falhou, e por isso foram presos, mas isso era habitual da

parte dele, eles distribuíam as drogas em São Paulo e Santos e essa senhora inclusive tinha lupanares em São Paulo e em Santos, e atendia uma clientela respeitável. Essa foi a parte boa, até para relaxar um pouco, digamos da sua passagem pela OBAN, que foi aprender sobre a criminalidade graúda do senhor. O outro episódio foi muito interessante também foi de um médico, o médico digamos que se chamava Carlos Frederico da Silva Matarazzo, no final Matarazzo, aí ele só se identificava como Frederico da Silva, e começou a vomitar sangue por que tinha uma úlcera no estômago.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E ele estava preso?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Preso, na cela.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E qual era a acusação?

BRUNO MENDONÇA COSTA: A acusação de que ele tinha recebido Chico Buarque de (incompreensível) na casa dele e feito uma festinha, Chico Buarque de (incompreensível), era subversivo e que isso ele não podia ter feito, a outra acusação que também pesava sobre ele, era a suspeita de que um preso político tinha ido ao hospital dele e ele tinha facilitado a fuga desse preso político, essa era a mais grave, aí o que aconteceu, ele começou a vomitar sangue, eu tinha umas (incompreensível): “você não pode continuar dizendo que você é Carlos Frederico da Silva, tu tens que dizer que é Carlos Frederico da Silva Matarazzo”. Dois dias depois ele saiu, ou seja, como é importante ter um nome da elite.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele era parente do nosso companheiro o senador.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu tomei a liberdade apenas.

EUNICE: A esposa dele estava na sala de espera junto comigo (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não leve a mal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Absolutamente, eu estou dizendo que pode ser parente do Suplicy.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

BRUNO MENDONÇA COSTA: É, é Matarazzo, mas não é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas não é Matarazzo, Matarazzo, eu não me lembro, era da elite. Pensei que era só Carlos Frederico.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu não me lembro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu sei que era Matara-zzo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele (incompreensível) da tática.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu não me lembro, eu só quis caracterizar que era uma pessoa da elite e mudava o tratamento, como mudar o tratamento se ele fosse somente da Silva, um operário, era diferente. Ele tinha úlcera e a mulher dele estava na sala de espera comigo de me contou. Doutor Carlos Frederico (incompreensível), eu acho que isso que eu poderia contribuir nesse momento, eu quero me entrar de dois nomes Carlos Alberto Frank, e do seu irmão Paulo Roberto Frank, eu acho que o Carlos Alberto Frank tem que ser localizado para que falar sobre esses documentos aqui, que eu também coloquei aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os irmãos Carlos Alberto.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu lhe confesso o Paulo Roberto (incompreensível)?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, o Paulo Roberto infelizmente morreu.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu tinha impressão que era. O Paulo Roberto foi barbaramente torturado pelos policiais do DOPS aqui em Porto Alegre, e levado para um mato, não sei se em Caxias, para

algum lugar, e fizeram um requinte de tortura nele que está aqui descrito no laudo psiquiátrico.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele foi um dos (incompreensível).

BRUNO MENDONÇA COSTA: Apenas que essa semana nós já tínhamos ouvido algumas pessoas que estiveram com ele, o senhor sabe que antes um pouquinho da tentativa de sequestro com o (incompreensível) houve um assalto ao Banco do Brasil no qual participaram o M3G, que organiza (incompreensível) a (incompreensível), e frente a libertação nacional a Eliene, então esse daí foi um processo meio guarda chuvas, foi uma denúncia muito grande, de 18 graus se eu não me engano, e onde tinha a Inês, o Paulo de Tarso Carneiro, o Paulo Roberto Frank, uns foram para a DPE, do requerente Dario e o outro Jorge Fisher Nunes e outros que vão pelo (incompreensível), pela turma do... São vários réus não é? Até nesse processo aí o Pai defendeu a Martinha o Egeu Menegon e uma terceira pessoa que eu não me lembro, tem bastante aqui na pasta do pai, vários já prestaram depoimento sobre isso aí, o Paulo de Tarso pode ser uma pessoa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele tem nos ajudado a trazer muita gente.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Achar o Carlos Alberto e ele trouxe inclusive aqui essa semana foram ouvidos na semana passada algumas pessoas mais de extrato popular que participaram moravam na Vila Santa Isabel. Aqui tem então formamos um charlatão que usa as filhas, a filha do Tenente Dario, e a filha do Jorge Fisher, inclusive eles querem fazer uma audiência pública conosco, lá na Vila Santa Isabel, porque ali foi preso também esse rapaz, o Ângelo, é o que a imprensa está chamando agora de (incompreensível) gaúcho, que foi o que apareceu enforcado, foi preso junto e apareceu enforcado, também é um suicídio absolutamente desmoralizado, então nós podemos chegar no Frank pelo Paulo de Tarso porque ele tem o contato com essa gente.

BRUNO MENDONÇA COSTA: O Frank era cabo depois foi aposentado como sargento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Paulo Roberto?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Não, o Carlos Alberto, o Carlos Alberto ficou quatro anos preso, e qual foi o crime e do Carlos Alberto? ele participou de uma patrulha em Bagé que ele comandava, e houve a ordem de que ele atirasse no povo, e ele teria dito: “eu no povo não atiro”. Imediatamente foi presa e a partir daí ficou quatro anos preso, e relata então colocavam areia na comida dele e essas coisas. E ele está vivo o Carlos Alberto?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Está vivo.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu fiz uma reportagem com Frank onde ele conta tudo, caso seja necessário eu encaminho. Claro sempre é bom, mas eu vou tentar pelo Tarso, porque ele tem contato. E aí a gente pode até comparecer aqui também. É isso que eu digo, o Paulo de Tarso veio trazer essa senhora, assistiu aqui, ele já tinha deposto e veio acompanhar elas aqui. O Paulo Frank, irmão do Carlos Alberto ele tem uma vida incrível, porque ele foi muito perseguido, foi para o exterior, para a Dinamarca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele é trocado, não é?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Parece que sim, aí ele voltou para Brasil com a democratização, mas aqui antes de conseguir sair do país ele foi muito torturado e o requinte que eu estava começando a falar da tortura consistiu no seguinte, colocaram um fio de náilon na base do saco escrotal e puxavam o fio de náilon do Paulo por esse fio de náilon, como se ele fosse um cachorro assim, então ele sentia muita dor, gritava muito e no final dessa operação de tortura o testículo dele foi fragmentado, ele ficou com uma infecção nos órgãos genitais, ele disse que foi terrível, contado pelo Carlos Alberto, acho que é importante, esse tipo de tortura não consta nos outros laudos, foi uma cópia especial para ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor teria mais alguém para indicar? Mais alguma pessoa ali?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Olha, todos esses aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor vai nos deixar esse documento?

BRUNO MENDONÇA COSTA: Claro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso aqui é perfeito para você, isso aqui.... Todas as vezes. É advogado como médico.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Então todos esses daqui atualmente podem ser encontrados.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O senhor nos deu uma contribuição doutor, como nós não imaginávamos, até superou.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Olha, que beleza.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque o senhor fez um relato, o senhor entrou por outro lado, pelo lado histórico, sociológico e antropológico também.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E consegui me controlar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi muito rica a sua contribuição.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Nem sequer chorei.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Inclusive todos se emocionam.

BRUNO MENDONÇA COSTA: Eu vi o Bonna se emocionar, porque todos têm uma. É difícil quem não se emociona. (incompreensível) a vida do Bira. Eu tive que segurar o choro. O Bira me deixa contar, o Bira era...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cintia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Oi.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tu dá um pulinho aqui faz o favor? O Bira era da VPR, era o braço direito do (incompreensível), altamente perigoso.

BRUNO MENDONÇA COSTA: E era mesmo. E era mesmo, aí ele veio do Paraná para cá, não tem onde se esconder, se lembrou de nós, de mim e Eunice, o irmão dele, que (incompreensível) me procurou.

TESTEMUNHO – CALINO PACHECO FILHO¹

CALINO: Meu nome é Calino Pacheco Filho, eu sou ex-preso político, pertencia à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, a VAR-Palmares, e estive preso no DOPS, na ilha, de 1970 a 1972.

No início, no início de 1970, caiu o pessoal da direção da VPR, da Vanguarda Popular Revolucionária, no Rio de Janeiro. Uma dessas pessoas, sob tortura, abre que havia áreas de treinamento no Vale da Ribeira, e que também tinha uma área onde o pessoal da VPR, o Lamarca e os guerrilheiros que estavam com treinamento no Vale da Ribeira viriam para essa área, no Rio Grande do Sul. Uma área no Alto Uruguai, que num primeiro momento a repressão não tinha maiores detalhes, porque essa pessoa que foi presa no Rio não tinha os detalhamentos ainda. Mas logo em seguida, um mês depois, cai um grupo da VPR aqui, que tinha tentado sequestrar o Cônsul norte-americano aqui em Porto Alegre. E aí através da queda desse grupo, o então Capitão Malhães que desce do Rio com toda uma equipe do DOI-CODI consegue as informações detalhadas sobre a área lá do Alto Uruguai, que era em Três Passos, mais propriamente, no Distrito de Esperança, da Barra do Turvo. Esperança na época era um distrito de Três Passos. Essa área lá é uma área que une três países: Uruguai, Argentina e o Paraguai, a três estados brasileiros: o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná.

A VPR tinha montado todo um esquema de infraestrutura na região. Instalou uma empresa de pesca no Rio Uruguai e tinha um grupo de militantes da VPR (de vinte a trinta militantes) naquela área, e com muitos, muitos simpatizantes na região ali, não só em Três Passos, como em Passo Fundo, em Irai, em Frederico Westphalen, toda aquela região.

Com a queda do pessoal da VPR aqui e a consequente queda do pessoal lá no Alto Uruguai, o Capitão Malhães, a sua equipe do DOI-CODI do Rio, auxiliado por agentes do DOPS aqui do Rio Grande do Sul, baixam naquela região, prendem os militantes da VPR, praticamente todo mundo que estava na área, os simpatizantes de

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1530/depoimento-?-calino-pacheco-filho>>. Acesso em: abr./maio 2015.

toda região e muita gente que tinha algum contato (até um contato comercial, por amizade e tal) com algum dos guerrilheiros que estavam na região é presa e passa por uma coisa que o Capitão Malhões instaurou como regra geral: a tortura.

De dia eles organizavam... porque esse centro de tortura, organizado pelo Malhões, foi organizado na Brigada Militar, na sede da Brigada Militar da cidade. Que hoje, esse local lá onde era a Brigada, funciona o Hospital de Caridade da cidade.

Então nesse local, eles concentraram o pessoal preso: homens, mulheres, jovens. De dia eles faziam um relatório sem tortura. Pegavam depoimentos e aí de noite colocavam o rádio a todo volume e o “pau comia”. E era uma área bem povoada, inclusive próxima ao centro da cidade. Próxima, inclusive, algumas quadras (umas seis quadras) da praça central da cidade. E de noite era aquela gritaria, que o som alto do rádio não conseguia abafar os gritos do pessoal que estava sendo torturado.

Então ali, o pessoal estima que de 50 a 100 pessoas de Três Passos e da região tenham passado por esse centro de tortura, onde a regra era o pau-de-arara, o choque elétrico e todas essas coisas que estão circunstanciadas no relatório.

O comandante da VPR na região era um italiano naturalizado que mora na região, do outro lado, mora na Argentina, mas ali próximo da região atualmente, que se chama Roberto de Fortini. Ele é italiano, naturalizado brasileiro e vive na Argentina há muitos anos. Participou do ato que nós realizamos na cidade, na praça que leva o nome do prefeito, o Reneu Mertz, que na época da queda da VPR lá, era integrante da VPR e era vereador do MDB. O MDB tinha dois vereadores na cidade, o Reneu e um outro que era um cara de esquerda, era um cara do MDB na época, mais combativo, um setor mais combativo contra a ditadura, mas não era da VPR. Mas ele, quando soube de todo o esquema da tortura, lá no quartel da Brigada, ele denunciou na Câmara e foi preso também. O Reneu, que era o vereador que era integrante da VPR, foi preso, torturado e depois se elegeu prefeito da cidade. Inclusive a praça central, onde a gente realizou o ato lá Três Passos leva o nome do Reneu. E nesse ato participaram o Fortini, esse outro vereador que foi preso na época também, as irmãs do Reneu (que era esse que depois se tornou prefeito), as filhas e os

netos dele. Inclusive, uma das falas foi de uma das filhas dele (que vocês vão acompanhar na filmagem que foi feita, que é muito emocionante). Foi um ato que atingiu... foi uma comoção na cidade inteira. E aí aquelas coisas né, fora alguns presos políticos e familiares de presos, a sociedade em si que na época sabia que havia um esquema de tortura ali pelos gritos (o pessoal pelo menos da redondeza ouvia, a cidade toda falou), praticamente esqueceu.

Por isso é importante o trabalho das Comissões da Verdade, da Nacional, das Estaduais e dos Comitês de apoio a Comissão da Verdade, para que venha à tona e para que nunca se esqueça e para que nunca mais aconteça uma coisa desse tipo.

Então o nosso trabalho é nesse sentido. Esse ato lá a gente organizou junto com o pessoal da cidade, com os familiares dos presos políticos, principalmente os familiares do Reneu, e foi organizado por nós, do “Comitê Popular Memória, Verdade e Justiça”, basicamente contando com o apoio do pessoal do Levante da Juventude da região. Porque nós organizamos dois atos simultâneos. O ato lá em Três Passos e o ato aqui onde foi o antigo quartel da PE. E o pessoal do Levante aqui de Porto Alegre participou do ato aqui, e o pessoal do Levante da região lá, participou do ato lá, inclusive o ato foi basicamente sustentado e agitado, pelo Levante, com participação de outros movimentos, inclusive o pessoal da Via Campesina, alguns sindicatos da região lá. Mas basicamente com apoio do Levante popular da juventude. A gente foi para lá um pouco antes organizar, depois voltamos lá e organizamos um ato.

E a gente está propondo que seja uma audiência pública na cidade, para ouvir o pessoal que foi preso lá nesse centro de tortura e os familiares.

GUAZZELLI: Tem muita gente ainda?

CALINO: Tem bastante gente. Tem bastante gente. A gente enumera algumas pessoas no relatório, e a gente tem contato principalmente com as irmãs. Tem uma das irmãs do Reneu, que foi colega minha ali na Fundação de Economia e Estatística da FEE, que inclusive é historiadora também, a Marli Mertz.

CÉLI: Eu conheço a Marli....

CALINO: Conhece a Marli?

CÉLI: Sim, foi minha aluna.

CALINO: Ela é irmã do Reneu e participou do ato. As irmãs do Reneu, todas participaram. São cinco ou seis, duas filhas e umas netas e netos lá.

GUAZZELLI: O ato foi feito na praça central que leva o nome dele ou na frente da Brigada lá?

CALINO: É assim: primeiro fizemos o escracho silencioso, na frente do hospital. Silencioso, no hospital. Só não teve som. A gente falou também, houve já um ato ali. Dali nós saímos em passeata até a praça.

GUAZZELLI: Isso foi num sábado?

CALINO: Não, foi durante a semana, não me lembro... (alguém diz “foi no dia da Lei da Anistia”). Dia 28 de agosto! Nós organizamos os atos exatamente no aniversário da Lei da Anistia (fajuta), assinada pelo Figueiredo.

GUAZZELLI: E teve bastante gente? Foi concorrido?

CALINO: Teve bastante gente. Como cidade do interior foi muito concorrido. Mas claro, na verdade tinha mais gente de fora da região ali. Foram dois ônibus do pessoal do Levante e do pessoal do MPA, e também tinha gente da região. Tinha cerca de 150, 200 pessoas pro ato assim.

GUAZZELLI: Vocês foram na imprensa local? Rádio?

CALINO: Rádio. Rádio, da cidade e da região.

GUAZZELLI: Saiu no jornal local?

CALINO: No jornal eu não sei, depois eu não tive conhecimento se saiu. O jornal de Frederico Westphalen eu sei que andava atrás do contato com o Fortini para fazer uma entrevista. Mas eu dei entrevista em duas rádios.

CÉLI: O Reneu foi prefeito quando?

CALINO: Eu não sei exatamente o período.

CÉLI: Mas mais ou menos? Não nessa época?

CALINO: Não, foi depois. Nessa época ele era vereador, depois se elegeu prefeito. Vão perguntando, porque aí tem alguma coisa que pode ficar fora e tal...

CÉLI: Eu queria saber, (que tu estavas falando) que tem muita gente, pessoas que sabem da história ou pessoas que foram presas e estavam ligadas à guerrilha?. Tem alguém lá além do Roberto de Fortini?

CALINO: Tem, tem. Tem um companheiro inclusive, que nós estivemos visitando ele. Esse companheiro foi preso, era bem jovem na época (acho que devia ter uns 18, 19 anos), era da VPR e foi preso. Foi muito torturado. Inclusive esse companheiro foi duas vezes prefeito de uma cidade que tem na região chamada Braga. Que é o Alberi Mafi. O Alberi é uma daquelas pessoas vítimas não só da tortura, que ficou com sequelas sérias, com problemas, agora mais recente ao alcoolismo e, de coisas assim. Nós tentamos levar ele no ato lá, não conseguimos. A gente foi em Braga, fizemos contato com ele, ele ficou muito emocionado. Mas eu acho que agora nós temos que tentar fazer uma entrevista com ele quando houver...

GUAZZELLI: Tem mais gente que sofreu?

CALINO: Tem mais gente, tem mais gente.

GUAZZELLI: Inclusive, gente que (tu fizeste o relato), gente que não era envolvida com a VAR- Palmares e que “entrou no pau”?

CALINO: Teve gente, teve gente na região. E teve mais esse vereador que também falou no ato. Esse vereador que denunciou. Que é um senhor bem velhinho já, mas está lúcido, falante, e também pode ser entrevistado. E lá é uma cidade com muita história. Inclusive lá no ato, tinha dois companheiros que participaram do “Levante do Jefferson”, da chamada Guerrilha de Três Passos. Que também podem.... Que estão participando até hoje e que podem dar depoimento sobre aquele episódio específico, que também está dentro do período.

GUAZZELLI: Coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório.

CALINO: Alencar Osório. Tem dois companheiros, um militar e o irmão dele (que não era militar, que era um professor), que participaram, foram presos, ficaram alguns anos na cadeia, foram torturados e tudo. Mas isso lá em 65.

DESCONHECIDO: E os nomes, as pessoas que torturavam?

CALINO: Bom, se sabe mais o nome do chefe, que é o Malhães. Tem um tenente, que não se sabe bem, tem uns que chamam de Fradim, outros de Cabral, que era da equipe do Malhães. Não se sabe bem os nomes de quem do DOPS foi para lá e dos outros integrantes do DOI-CODI, não se sabe. E o pessoal também... eles também se chamavam por codinomes.

GUAZZELLI: Mas o Malhães tem certeza?

CALINO: O Malhães é certo. O Malhães é certo. O Malhães torturou gente aqui em Porto Alegre.

GUAZZELLI: E ele não escondia a identidade?

CALINO: Não escondia. E o seguinte, ele ficava dias torturando, não dormia. O pessoal presume que ele se chapava para ficar não sei quantos dias só torturando, humilhando. Com relação ao Malhães tem vários.... Aquele livro que eu estava falando antes do Fischer, fala bastante coisa sobre a forma com que ele...E esse pessoal, essa equipe do Pedro Seelig, do Nilo Havelha... toda aquela equipe do DOPS, ele que tramou. E isso tem gente que foi presa aqui, que está vivo. Inclusive alguns participaram de uma ou outra reunião nossa. Tem inclusive um advogado que é o Antônio Carlos Araújo Chaves, que foi da VPR, que também está disposto (acho) a dar depoimento também. Ele foi preso aqui no DOPS.

GUAZZELLI: O Chaves era menor?

CALINO: E torturado pelo Malhães.

GUAZZELLI: O Chaves era menor, eu tenho que procurar o Chaves.

CALINO: Não, eu tenho contato com ele.

GUAZZELLI: Tem o cartão dele. Vai defender o Chaves.

CALINO: Sim, ele participou de uma das reuniões nossas.

GUAZZELLI: Mais alguma pergunta?

DESCONHECIDO: Eu acho que a gente vai ver esse relatório aí.

CALINO: É, o relatório (INELEGIVEL) Mais algum detalhe depois a gente pode esclarecer. Eu naturalmente não falei o nome das pessoas que sob tortura falaram, e abriram lá o Vale, e as pessoas também que abriram a área (inclusive com detalhes) porque a tortura é uma coisa muito delicada.

GUAZZELLI: E o nosso objetivo não é esse.

CALINO: Então eu não entro em detalhes assim, e nem no sentido de que a pessoa que abriu sob tortura, se é delatora ou não, isso eu passo por cima. O que não dá para passar por cima é dos colaboradores. Dos que torturaram e dos cachorros, que aqui tem também. O Fischer, no livro dele, fala muito num cachorro que atuou aqui que foi um daqueles do movimento brizolista e depois passou a ser torturador do DOPS. E esse era um os cachorros, era aquele... esse cara se passou, ele era do movimento, se passou, e se infiltrou e passou a ser torturador inclusive. Esse é o caso do cachorro mais completo assim.

DESCONHECIDO: a audiência do dia 10 tu vistes? (Referência a prestar depoimento à Comissão Nacional da anistia)

CALINO: Na audiência do dia 10 (em princípio ficou para o dia 10 aquela reunião com a Rosa), eu já entrei em contato com a região. O pessoal para variar, está envolvido na campanha, mas já coloquei os detalhes.

GUAZZELLI: Seria o fim de semana anterior ao dia 13?

CALINO: Sim, o sábado anterior ao dia 13. Para o pessoal já pensar nos nomes, na seleção dos nomes a serem entrevistados, na questão de infraestrutura e tal, questão de divulgação na região. E a partir de

segunda, a partir da semana que vem, eu retomo isso de novo. Aí a gente pode combinar os detalhes de como é que a gente vai fazer lá. Eu coloquei que está sinalizada a data do dia 10 que a gente depois passa por uma confirmação nossa, que depende também da Rosa e do pessoal da nacional.

Vocês têm mais alguma coisa?

CÉLI: Acho que não.

TESTEMUNHO – CARLOS ARAÚJO¹

CEVRS: Vai ser com gravação mesmo?

CARLOS ARAÚJO: Não tem problema de nada.

CEVRS: Pode ter alguém da cia enrustido aqui. Infiltrado.

CARLOS ARAÚJO: E na nossa vida cotidiana não adianta nada.

CEVRS: Hoje está muito na moda a infiltração.

CARLOS ARAÚJO: Não altera nada na vida da gente.

CEVRS: Mas então Carlos estamos te ouvindo.

CARLOS ARAÚJO: É o seguinte eu aqui no Rio Grande do Sul eu fui preso em São Paulo fiquei um tempo preso em São Paulo cerca de uns 4 meses aí fui transferido para o Rio de Janeiro no rio eu fiquei preso cerca de 6 a 8 meses e retornei a São Paulo eu já tenho mais ou menos um ano de cadeia, aí em São Paulo eu fiquei mais um ano lá no Tiradentes, e aí que eu vim para o Rio Grande do Sul pela primeira vez na Rua Celeste Martins.

CEVRS: Isso é que ano?

CARLOS ARAÚJO: Ano de 70 eu fui preso em 70 em agosto, isso é o meio do ano de 72, que eu vim para cá, era inverno quando viemos eu e ela para cá, por que ela era daqui também, mas como já estava preso há bastante tempo nós aqui não fomos conduzidos para tortura, para depoimentos e nada disso, tínhamos uma passagem pelo Polícia Federal que nos trouxe para cá e depois fomos para o DOPS, ficamos ali pouco tempo e não houve nada de anormal, fui para a ilha, o presídio, eu recordo que era inverno por que aqui no inverno, o Rio quando tem muito vento parece mar, a lancha para a ilha saía daqui onde ficavam as barcas antigamente, na Avenida Passos.

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1531/depoimento-?-carlos-araujo>>. Acesso em: abr./maio 2015.

CEVRS: Perto dos bombeiros.

CARLOS ARAÚJO: Perto dos bombeiros, então era um barquinho pequeno da polícia, eles me pegaram umas 5 horas da tarde era mês de agosto e muito vento, e era um perigo as remadas para lá, era só eu na barca, e aí eles foram, para poder chegar na ilha tinha que ir costeando, o Guaíba, até um pouco para Ipanema, para pegar um pouco mais o vento, e entrando conforme o vento porque de frente virava não é? Aí eu me recordo sim, era na ilha nessa época, devia ter os 40 presos políticos, estava o Raul Pont preso, os mais conhecidos assim, o presidente atual do PT, o Rui Falcão, o Minhoca, que morreu a pouco tempo estava preso também, era o mais jovem da cadeia.

CEVRS: O Índio também? O Índio Vargas?

CARLOS ARAÚJO: O Índio foi preso antes e saiu, tenho até uma história engraçada posso contar a história engraçada?

CEVRS: Pode.

CARLOS ARAÚJO: Vocês só cedem agora, não é? Mas teve uma história do Índio, sempre o Índio tem uma história engraçada sobre ele, na ilha eu vou contar também uma história engraçada para vocês, já que é a comissão da verdade tem que ser a verdade mesmo, embora não seja o foco da comissão, pelos problemas que tinham também, nós, vamos dizer assim, isso é uma coisa secundária, mas não deixa de ser interessante no aspecto mais geral, particular, quando eu cheguei na ilha nesse dia de inverno, a ilha com uma cara, vocês conhecem a ilha? Conhecem, mas a conheceram quando ela estava de pé ainda? Porque agora ela está demolida, quando ela estava de pé aquelas paredes da ali que vocês conhecem de pedra, de quase um metro de pedra é para impedir a umidade, que era a casa da pólvora não é? No século passado quando ela foi construída, no século retrasado, a pólvora era a arma mais poderosa, nos anos 1870 e 1980 quando ela foi construída, então ali guardava os barris da pólvora para ser inacessível aos inimigos, e a pólvora não podia ficar úmida e aqui é muito úmido, então eles faziam aquela parede forte, mas só com uma entrada não tinha mais nada não tinha nem uma janela então, eu chego ele naquela entrada ali estava o pessoal ali os presos de algum

lugar todo mundo ali para ver como é que é saber notícia como é que está o estado e tal, eu sentei à tarde às cinco e meia da tarde para conversar e eu fumava muito e até tenho enfisema pulmonar hoje, aí um companheiro falou: “olha”. Como viu eu fumar o terceiro é o quarto cigarro falou: “é o seguinte, estou vendo o que o companheiro fuma muito e queria advertir que tem regras internas daqui sobre fumar, não pode fumar mais de uma carteira por dia.” aí eu perguntei: “mas porque está faltando cigarro?” ele falou: “não, é autodisciplina o coletivo decidiu isso”. e eu disse: “bem eu quero dizer para você que eu estou fora do coletivo, estou fora, estou comunicando que estou fora mesmo, eu vou ficar nesse coletivo aí? eu já vim para dentro de uma cadeia já tem a repressão e agora uma repressão dupla”. aí conversamos discutimos e foi tudo tranquilo isso não tinha brigas, nem punidades, aí terminou aquela e vieram: “Veio a janta”. Aí fomos se preparar para a janta, por que só tinha uma peça que era um pouco maior que era a mesa de jantar e nessa peça nos estávamos conversando, aí eu falei: “então tá, vou para a janta”. E catei, “não, aqui o coletivo decidiu que não entra trago”. e eu falei: “poxa, mas o coletivo vai deixar eu dar um traguinho mesmo?”, “não entra trago”. “olha, mais uma vez eu não vou ficar no coletivo, porque amanhã vai ter cachaca para quem quiser, a guarda é só pedir que eles vão trazer, vocês vão ver aí”. então dispersamos ali, aí um sujeito que eu não conhecia, na maioria eu conhecia, estava o Carlinhos Pacheco, o minhoca, o piu-piu, vocês sabem quem é o piu-piu ou não? O piu-piu era um fotógrafo que tinha aí: “Meu nome é piu-piu”.

CEVRS: O irmão do Sobrosa?

CARLOS ARAÚJO: É Sobrosa.

CEVRS: É o Julio Sobrosa.

CARLOS ARAÚJO: Era uma pessoa muito interessante, era fotógrafo, aí esse senhor baixinho me procurou e falou: “vem cá, vamos no banheiro junto ali”. Eu nem sabia onde era o banheiro, eu estava chegando ali: “Não, vamos ali, olha, esse tal de coletivo aí podem ser comunistas, é tudo contra o povo, e eu aqui gosto de fumar um traguinho e não posso fumar, eu tenho sessenta anos de idade, há quarenta anos eu fumo um traguinho antes da janta”. E proibiram

ele “mas eu tenho um escondido, se o senhor quer eu lhe dou um pouquinho, só que é meio complicado o trago, porque tem vigilância aqui, não da polícia, deles aqui”. “Qual é o teu trago?”. É OLINA com Aqua Velva”, que podia entrar, OLINA e Aqua Velva podia entrar, falei: “Tá, me dá um pouquinho”. Mas era uma bomba terrível, vocês sabem do que Aqua Velva, e OLINA, então esse era um sargento, depois eu fiquei muito amigo dele, era um sargento do PTB, depois faleceu, mas um excelente companheiro, então tinha essas brigas entre nós, internamente, e aí outra coisa que tinha, é aqui entre nós que eu estou falando não é? (incompreensível), Tudo bem que tinha as regras do coletivo, também tinha o livro do coletivo para estudar, e estuda porque a repressão pode baixar aqui de novo, de cadeia todo mundo precisava, é, mas aqui não, tinha uma gurizada, o minhoca e mais uma gurizada de dezoito e dezenove anos ali, que não tinham nem o secundário ainda “como é que esses meninos vão ficar aqui, como e que vão fazer um vestibular, como vai ser a vida”? Quem sabe prepara- lós para um supletivo, tinha gente para dar aula de qualquer matéria ali dentro, Naves (F), daí nós fizemos um supletivo na cadeia, fizemos um curso de marxismo na cadeia e nada, os caras não estavam interessados nisso, e até de certa fora achava gozado, eu vou emendando as histórias e até tem umas coisas interessantes aqui, aí a Dilma foi solta nesse tempo que eu estava na ilha fiquei seis meses na ilha nesse tempo que eu fiquei na ilha ela foi solta, cumpriu os dois anos e pouco de cadeia dela e veio para cá, lá em São Paulo quando eu vim do Rio eu fiquei no presídio dela e no presídio lá tem lei estadual tem aqui e tem lá, que familiares que estão presos podem receber visitas juntos eu e ela sempre vivíamos juntos na coletividade nós vivíamos juntos, estavam cansados de saber, quem era casado oficialmente podia ter visitas juntos uma hora de visita, nós não nós requeremos para nós isso e negaram, negaram dizendo que nós não vivíamos juntos, não tinha documento, não tinha nenhum papel não tem: “estão cansados de saber nós somos torturados por causa disso, vocês mesmos torturaram a gente por causa disso e agora...” “Não vai ficar”? Mas o preso tem um aliado imbatível que é a mãe não tem nada igual a mãe, a repressão é quem mais odeia a mãe, torturador de ojeriza a mãe, é verdade, porque mãe está ali, não sai dali, não tem jeito, não há quem tire, as mães nossas fizeram coisas notáveis,

deviam fazer uma comissão da verdade das mães, é verdade, porque é impressionante o que essas mães fizeram e nós pressionamos, a Dilma, a gente não conseguia se ver, foi tanta pressão e o diretor do DOPS, que era o senador Tuma da República do PMDB, o PTB, e depois o PMDB, os advogados também, aquele negócio, que eles resolveram pegar a minha mãe é a mãe da Dilma, ouviram o DOPS, faziam um processo administrativo que as duas eram testemunhas que nós vivíamos juntos e assinaram, então a certidão de casamento minha e da Dilma é assinada pelo DOPS, é verdade, é a única que nós temos, é real isso, mas aí quando chegamos aqui a Dilma pediu para me visitar e não deixaram, não reconheciam a certidão de casamento do DOPS de São Paulo, na repressão também tinha essas contradições, temos aqui uma coisa de São Paulo, um papel aqui e não reconheciam, então pressionamos, o manda chuva da repressão aqui na época era o Marquinhos Mansur, era Major J.

CEVRS: Cabo Major Leivas J.

CARLOS ARAÚJO: Cabo Major Leivas J era um homem muito rico um homem uma das pessoas mais ricas do Rio Grande do Sul, grande fortuna de berço, casou com uma mulher rica também, eu não o conhecia, mas o conhecia já de antes, eram meus amigos, alguns parentes dele excelentes amigos, inclusive o pessoal o irmão dele de esquerda, ditador aí e se não me engano queria que o DOPS nos recebesse, eu na ilha preso e a Dilma preso para explicar porque ela não podia me visitar, lá em São Paulo podia ter visita comum, aí me levaram um dia no comando do exército na Rua da Praia, me levaram lá e daqui a pouco colocaram numa sala imensa que tem lá aquelas coisas muito bonitas as salas, grande num cantinho lá tinha um mesinhas e uma cadeira e duas cadeiras, que a sala era muito bonita, só que pessoas dentro ficavam muito pequenas, a sala abafava a gente, fiquei lá esperei um pouquinho, chegou o Major, cumprimentou: “vamos conversar aqui”. Foi muito cordial, aí conversa vai conversa vem ele disse: “me conta uma coisa, como é que está a minha barra na ilha? como é que está a barra com os presos não é?” “Não, o senhor quer que eu enfeite a pílula o quer a real?” “Não, eu quero a real” “Então a sua barra está muito suja, está sujíssima, todo mundo diz lá que o senhor que mandava torturar todo mundo, isso que fala

lá dentro, o senhor não torturava pessoalmente, mas mandava, é o que fala o povo lá”. Disse: “eu sei disso eu nunca tive nada a ver com esse absurdo, nunca tive nada a ver com isso, é um absurdo eu sei que eu tenho que limpar a minha barra e vou dizer para o senhor, já estou providenciando limpar a minha barra”. porque o que ele vai fazer? “sou candidato a diretor social do Grêmio e tenho um plano todo eu agora o J Grêmio, eu vou levar várias dúzias de rosas e vou distribuir, eu pessoalmente, na ala social entende? Na social e há de melhorar e isso realmente aconteceu ele foi diretor social e tu imagina como é que era, ele é hoje uma pessoa muito rica, a riqueza dele é riqueza de berço de negócios, não é vinculada à corrupção da repressão mas aí deu a ordem, mas essas coisas curiosas que ocorrem, ocorreu aqui assim uma coisa muito importante, aconteceu comigo e com outro companheiro no dia 31 de dezembro de 72, de 71 para 72, já tinham ido embora saído presos da ilha todos só fiquei eu e o Elói Martins, você sabe quem é o Elói Martins, é um velho comunista daqui, negro, uma pessoa maravilhosa, que era mineiro tinha 47 foi deputado pelo partido comunista, depois foi cassado, foi eleito por ser mineiro, votos das minas dos colegas dele, os companheiros dele, era uma pessoa maravilhosa a família, a senhora dele, a filha, até escreveu um livro depois antes de morrer contando a história dele na cadeia, saíram todos os presos da cadeia ficaram só eu e o Elói só na ilha, aí dia 31 de dezembro eu e o Elói cozinhávamos, ele cozinhava, gostava de cozinhar: “vamos cozinhar para preparar amanhã um almoço bom para o pessoal vir nos visitar, a família, a família levava coisas mas a gente também queria fazer alguma coisinha ali, aí no dia 31 estamos nós dois se , daqui a pouco vem a Bárbara, quando vinha a Bárbara a gente não gostava, ela era a anjinha da polícia, chegaram e disseram: “olha, viemos buscar vocês, arruma as trouxas de vocês que eu vou embora”. “Embora para onde?” “Estamos em dezembro, amanhã a família vem aqui. “eu não sei, mandaram buscar”. aí nós sentimos a coisa, primeiro tinham esvaziando toda a cadeia e deixaram só nós dois, segundo, á tarde no dia 31 de tirar dele sem as famílias saberem de nada, eu perguntei: “cadê a ordem do juiz”? “ah não tem ordem do juiz, isso é questão da polícia”. aí chegamos no DOPS, conseguimos pegar pessoas do DOPS para comunicar as nossas famílias, que nós estávamos sendo sequestrados, e aí o pessoal de noite chegavam e

levaram você de madrugada, sem saber para onde e aí nossa família muito tempo depois foi à frente do DOPS, ficou pressionando, começou uma confusão e tinha assumido a pouco tempo, tinha substituído o Pedro Seelig, um delegado chamado Pinto.

CEVRS: Jair de Souza Pinto.

CARLOS ARAÚJO: O Jair de Souza Pinto sucedeu Pedro Seelig, mas esse senhor, eu não sei a história dele, só sei que ele não entendia nada desta questão que ele estava metido ali de delegado no DOPS, porque ele não fazia as coisas, todo desarticulado, uma coisa de tipos diferentes, não é botar um para mim um ignorante, mas aquela questão estava ali, então nós íamos ser transferidos de madrugada e vimos que eles tentaram nos matar, nós sem nada, só a roupa do corpo, aí realmente às 4 da manhã vieram pegaram nos tiraram desceram por uma escada no DOPS que tem secreta, não sei se vocês foram lá no DOPS tem uma saída secreta, que era por uma escada em círculos lá nos fundos que a gente nem conhecia, eu conheci naquela noite e nos botaram no camburão, estava eu acho que naquela época não tinha horário de verão ainda, estava clareando o dia, nós fomos vendo ficamos ali curiosos no camburão, olhando para todos os lados, o paralelepípedo, o sol, aí daqui a pouco abriram o camburão e estávamos no aeroporto, aí abrem o negócio está Ustra, eu conheci o Ustra porque o olho fica quando assumiu arropa eu era o único preso da OBAN, somente eu ele não estava prendendo muita gente na época e eu fiquei preso ali os 40 dias sozinho, eles não tinham muito o que fazer não estavam conseguindo prender, isso os que tinha falado comigo a toda hora eu chegava ali e conversava e eu acabei reconhecendo ele e ele não me torturou nem nada, já tinha passado essa fase de tortura e não tinha mais preso e ele me contou aquela história, eu vim para cá para não ter mais torturas, era o papo que ele batia agora, vai ser somente investigação, tudo bem, aí esse dia eu nunca mais vi o Ustra, eu saí de lá e fui para o presídio nesse dia, abri o camburão e eu vejo o céu é um avião aí eu fui e comecei a gritar chamando o major e ele veio e eu disse: “mas o que está havendo” ele disse: “olha o Elói, é que você conhece o Elói, eu nem vi o que está havendo, “o senhor tem ordem do juiz para nos levar daqui?”. “Não, não tenho ordem de juiz nenhuma, nós que estamos levando”. “vai dar um pepino

na sua carreira, é um baita absurdo de ser ignorante desse Jair Pinto, botaram um delegado que não sabe de nada aqui e esse cara inventou uma história que vocês dois estavam fugindo, estavam com plano de fuga aí mandou buscar para levar você para São Paulo para ficar numa cadeia que você não pudesse fugir, mas aí é um pepino absurdo eu falei para o senhor ver sem ordem de juiz como é que o senhor vai me apresentar no presídio de lá como é que fica eu vi esse monte de gente aí só de preso só eu e ela aí de preso tem esse monte de gente do exército para nos levar é só isso que eu tenho que saber para pegar a diária nós trabalhamos só pra pegar a diária aí então vamos fazer o seguinte eu disse olha a minha família está louca Adão Domingos também estamos há dois anos presos o que é isso já depositamos várias vezes já tem condenação num processo já tem outro processo em andamento é uma barbaridade mesmo isso não podia ter sido feito, mas esse cara eu achei que era verdade e nem vi mas nem perguntei quem era, agora que eu estou vendo que é tu e o Elói, eu não teria feito isso vocês, são presos velhos.” gente e a minha família e a do Elói como é que fica não podem ligar para eles quando eu tiver um telefone que você liga para dizer que não está acontecendo nada pode falar no meu nome não então o senhor fala o primeiro avião que eu conseguir eu trago e realmente ocorreu isso se quiser eu mostro um pouquinho também um pouco a desorganização deles a confusão deles e nós fomos para São Paulo e voltamos mas eu acho que é aquilo no fundo era uma tentativa de sequestro até hoje eu acho isso não posso exagerar eu nunca pensei em coisas além da realidade não gosto de pensar nada mas com o passar dos anos eu comecei a achar ter a convicção que eles iam sequestrar eu e o Elói aí como foi denunciado já os caras do DOPS avisaram a nossa família aqui em porto alegre a família foi lá para frente então não Foi bem feito e eles resolveram dar uma recuada eu acho que foi, mas para a minha felicidade e do Elói foi bom foi bom e até houve uma coisa engraçada na volta quando eles diziam nos trazer de volta a São Paulo veio alguns aspectos curiosos tem que saber todos os aspectos eu acho posso falar de tortura também mas tortura todo mundo fala e aí já sabem razoavelmente bem mas eu quero mostrar muito esse aspecto das contradições dele internas deles quando eu vim de São Paulo daqui a pouco nos pegaram eu e o Elói para voltar para o negócio passaram

3 ou 4 meses chegamos lá 8 camburões 8 camburões para levar eu e o Elói aí já disse pega e leva lá para o aeroporto em Guarulhos, fomos eu e o Elói no camburão, mas não nos botaram no camburão nos botaram na parte da frente do camburão do banco de trás algemados e o urso na frente com o motorista aí quando chegou lá em Guarulhos fomos indo para o acostamento os carros parados lá de manhã ainda umas 10 horas da manhã pararam e queriam ter um papo comigo e o Elói, só nós três vamos conversar ali fora do carro: “é o seguinte vocês viram que nós estamos aí com 8 camburões aí, nós vimos ficamos preocupados com esse monte de camburão aí não é o seguinte você sabe vocês lendo jornal que nós ganhamos oficiais do exército muito pouco então quando tem uma oportunidade dessa de transferência de presos no caso agora nós procuramos mudar de área para todo o mundo então eu trouxe 25 comigo aí agora se eu chegar com 25 caras no aeroporto na aeronáutica no campo de marte o que é o comando da aeronáutica de São Paulo e tu e o Elói algemado de 25 caras para tirar você e o Elói eles vão sair todas as notas da aeronáutica acusando a nossa cara do exército a competência do exército para cuidar de dois caras trazem 25 então não podemos passar por essa humilhação a saída que tem se vocês concordarem nós vamos algemar 12 dos nossos com vocês aí vieram doze caras algemados de São Paulo algemaram 12 chegamos na aeronáutica algemados com os caras aí os caras foi fantástico coisas meio que tudo horrível toda coisa horrível terrível ainda tinha toda essa pantomima que eles faziam deixa eu te interromper um pouquinho eu acho que a parte de garotos da tim pitoresca já está mais do que esclarecida nós estamos pensando em colocar na internet uma espécie de formulário que permita às pessoas colocarem datas locais responsáveis pelas simulações a fonte é a prova mas eu acho que muitas pessoas talvez não queiram colocar isso então eu te perguntar ia o seguinte acho bom para quem quiser eu até me disponho se tivermos tempo assim de vir aqui porque eu acho que tudo isso que tu colocaste deve estar deve ser comentado em alguma parte deve ter documentação que fale sobre isso nós a sede de Vitor e lia o arquivo público tenho uma série de coisas lá em São Paulo lá deve ter coisas e nós temos ainda esperança de que é comissão nacional da verdade e ela tem poder para isso vai requisitar do terceiro exército tudo isso que o senhor colocou eu acho que

era bom se pudesse pegar então a minha pergunta para ti é a seguinte a coisa onde mais está travando lá nessa comissão de todo o mundo que tem comissão os responsáveis por essas atrocidades, estes Jair dos eu conheço pouco dos responsáveis eu só posso falar daquilo que aconteceu comigo, se eu falar o que ouvir dizer eu sei muita coisa concorda comigo pessoalmente eu não fui torturado aqui eu fui preso aqui eu cheguei aqui fiquei sobre as ordens pois é o mesmo colocasse as coisas como é a ordem do juiz disse que o Pedro sene e eu por cima do judiciário e mandava prender eu estou dizendo do meu caso eu vim para cá por determinação judicial eu ia responder processo aqui e aí como eu morava aqui eu já fiquei então é que essa questão essa relação entre ijuís repressão também é outra coisa complicada tem que ser investigado como um caso meu eu estava na cadeia na cadeia eu estava lá há muito tempo preso e começou a pesar um pouco para mim mas pelo fato de eu ter um julgamento que havia começado em agosto de 73 e cada vez que ia para julgamento um juiz do supremo pedir vistas e foi pedindo vista até meu pai morrer ficou faltando estava 5 a 4 contra mim o julgamento era o seguinte era comunista nacional estadual é verdade que o seguinte porque a gente esta questão tem que ver a verdade a questão jurídica os neguinhos que estão passando aí por bonzinhos estavam lá no (incompreensível) de Ceará abril alguns casos não sei quantos foram muitos casos que abriu e cada estado que passou eles abriram um processo as acusações eram as mesmas nessa época eu tinha alguém te defendendo não é não eu só tive alguém me defendendo quando eu fui preso e aí quando eu fui preso eu fiquei sabendo dos processos em relação à tortura que já existiam contra mim aí eu contratei para me defender a Maria Cardoso podia pegar o teu advogado na ordem da comissão da verdade nacional porque isso tudo que tu colocaste por exemplo as ordens de prisão que foram todas ilegais isso tudo deve estar em algum mas veja o seguinte deixa eu te contar a história então eu fiquei então preso eu fiquei sabendo dos processos quando eu fui de São Paulo para o rio que tinha um processo para responder o primeiro que eu ia no Juiz eu e a Dilma casualmente eu e ela juntos no mesmo processo pela primeira vez que nos vimos depois da prisão dela e da minha eles colocaram na barão de mesquita naquele inferno e dali saímos para depor aí eu vi no processo quando tinha um monte de

gente que eu não conhecia tinha uns 50 réus eu acho mas era uma gurizada só virá mulher maioria mulher maioria mulher porque essa gente e aí começamos a falar com os outros a maioria eram filhos de militares que atuavam mesmo a gente não conhecia mas atuavam e a maioria filhos de militares esses caras não vão dar condenação para ele daqui não vou dar aí vocês vão pegar uma condenação baixa aí realmente eu peguei uma condenação de 3 anos e a Dilma de 2 anos e 2 meses eu falei não vamos recorrer para tentar pegar coisas julgadas por mais processos porque todos eram iguais acusação e acusação era essa vocês são comunistas eram os subversivos era o que eles falavam na época mas não tinha nenhum fato objetivo eu sei que tal coisa participaram de organização proibida no máximo de 2 mínimo estavam no processo mas vê a história do direito aí nós combinamos eu e a Dilma de fazermos isso os nossos advogados começaram os outros processos e depois julgaram aceitaram como julgada em todos os processos menos no meu e não recorremos daquela pena então a Dilma ficou com 2 anos e 2 meses e eu com 3 anos para mim foi bom porque eu já tinha 2 de cadeia para ela também estava bom dentro das circunstâncias todas em São Paulo não foram julgados e me deram 4 anos de condenação, veja a coisa interessante 4 anos de condenação absurda disseram que era meu primo um subversivo paulista, era subversivo paulista tudo bem, eu recorro pelo (incompreensível) confirma a decisão de acordo com o supremo não tinha um julgado nenhum caso desse e foi advogado pelo pleno para formar a jurisprudência e o pleno o juiz relator vota me condenando o revisor votou me absorvendo, começou em agosto é isso aí foi até meados de junho o que que é isso que está arrumando na televisão deixa isso com a Marisa, isso prejudica, eu acho, tá bom, tudo bem esse julgamento, meu é o presidente do supremo, era meu padrinho, meu padrinho de batismo direito, meu padrinho, amigo do meu pai meu pai era um comunista escrachado e ele é muito conservador e os dois eram muito amigos jogavam xadrez juntos gostavam de jogar xadrez foi secretário de educação de dos governadores que eu não me lembro mais quem antes de ser ministro do supremo ele foi eu não sei quem é que ele foi acho que o professor na faculdade de direito isso foi até quando o pai morreu a doutora foi ao julgamento e por voto de empate foi 5 a 5 e não foram me libertar mas foi 5 a 5 outra coisa

interessante das coisas que eu acho que tem que ser olhadas mesmo eu quando estava preso aqui em porto alegre já não aguentava a cadeia 3 anos e meio por causa disso vai sair amanhã estou jogando o supremo aí não sair amanhã vai sair e não sai aí a cadeia começou a ficar pesada eu estava de saco cheio a hora que alguém pegava no meu pé de qualquer coisa eu quero ficar um dia fora da cadeia aí eu falava com o eu passar lá hoje em dia não tem o que era médico do grêmio na época a sua amiga querida são pessoas queridas minhas, o cabo (incompreensível) outra pessoa muito querida, me operou no início resolver a operação do ministro fui operado pelo ministro naquele tempo não era como hoje, face a operação e no outro dia já vai para casa ficava 15 dias no hospital Edonia aquilo e aí ele me deu um atestado que tinha que fazer fisioterapia depois de ficar no hospital os 15 dias duas vezes por dia então eu tinha que ficar em casa aí o Toninho que era o juiz veja como são as coisas o Doutor Toninho me deu, meu advogado Luiz (F), ano que é um excelente advogado uma excelente pessoa também defendeu muita gente de graça o doutor Luís Dariano pediu para ficar em casa o requerimento lá e o Toninho permitiu então eu vim para casa e fazia a fisioterapia, também mas estava em casa precisava ver de novo e tal um belo dia eu estou em casa me prendem vem aqui, não vai voltar para a cadeia como é que o senhor está aqui estou aqui por causa do juiz não o juiz não deu ordem nós somos lá falar com ele e ele não deu não mas eu tenho aqui eu tinha ficado em casa com uma cópia eu tenho aqui autorização do juiz o senhor falsificou e cada um de vídeo lá e falou isso que o senhor falsificou a assinatura dele eu compreendi na hora que o Toninho tinha condições de enfrentar a repressão e ele se curvou Hilda liana chamou ele veio aqui correndo lá teve uma briga e anda com ele e o homem não voltou atrás ele nem ligava assinatura de medo que ele tinha da repressão aí voltei para o presídio então essas coisas também ocorreram essas coisas o judiciário sempre se curvou à repressão na minha época não houve judiciário no brasil com exceção de alguns juízes raro mas alguns juízes especialmente no rio de janeiro os juízes que foram até cassado como o caso do flap mas os juízes foram cassados antes disso aí foi que foram cassados não por razão da repressão o Flávio foi cassado porque ele era um homem progressista um homem de esquerda e por ações que ele teve lá em processo

que tinha interesses militares mas não era um processo da justiça militar não era um processo que eles chamavam de subversivos entendi todos os teus foram da justiça militar todos da justiça militar nenhum da justiça comum nenhum todos nós somos julgados pela justiça milita e tu e a Dilma passaram pelo tal IPM aqueles sempre pelo inquérito policial militar agente é preso e qual era o procedimento vai preso te torturam e espancam bastante e quando eles acham que não sabe mais nada que você não presta mais eles te mandam para o DOPS para fazer cartório aqui no Rio Grande do Sul (incompreensível) já fazia lá é a mesma coisa depois tinha o DOPS que fazia cartório aqui já fazia tudo junto ali era a tortura terminava a tortura e você ia abrir o processo fazia parte do inquérito e depois dessa parte do inquérito sempre eles faziam mandavam para a justiça militar mandavam para a promotora da justiça militar o ministério público militar para ver se oferecia denúncia ou não sempre oferecia era raro o caso que não oferecia e aí a gente respondia pelo processo então na justiça militar que tinham o devido processo legal começava com a condenação já começava no pau na tortura que coisa a confissão de tudo era confesso de tudo aí quando chegava na frente do juiz quando me levaram para São Paulo o primeiro Juiz porque esse juiz do rio na primeira foi do rio ele também não perguntava nada não queria saber de nada lá em São Paulo queria esse do rio eu tenho uma foto muito bonita da Dilma onde saiu na folha que os caras escondendo a cara é uma foto muito ruim porque eu estava recente na tortura eu já estava há tempos na tortura e os caras escondendo a cara eles tinham com vergonha do que estavam fazendo tenho vergonha eles não conseguiam lá em são paulo o juiz interrogava mais longamente mas eles tinham vergonha eles tinham vergonha daquilo ali que eles estavam fazendo eles diziam que era uma absurdidade o que eles estavam fazendo e nós tivemos pessoas de coragem que foram testemunhas nossas em um processo uma pessoa que foi testemunha a minha foi a Eva Vilma o marido dela que morreu agora a pouco tempo várias pessoas foram tiveram coragem de ir lá podiam ser presas mas tiveram as pessoas com dignidade que fizeram isso o processo era uma farsa na realidade era uma farsa no dia já estava com a condenação era carta marcada era carta marcada quando eles diziam condenar alguns poderiam condenar menos ou mais mas eu

estava com carta marcada é claro que tinham pessoas que eram absorvidas viram que não tinha interesse também porque o envolvimento não era grande não tinha um dados sobre a pessoa não tinha elementos principalmente quem não foi preso que estava em processo mas eu tive um caso comigo aqui consta que não ouvi isso mas dada a dimensão da coisa quando eu estava sozinho na urbana foram presas umas pessoas mais procuradas talvez as mais procuradas que tinham eles tinham mais sódio o que haviam matado com tiroteios tinham matado alguns eu não sei se foram militares ou civis as pessoas mais procuradas do brasil um belo dia eu estou na cela sozinho largam o bacuri aí um cara ali ruim e aí (incompreensível) falou para mim olha esse é o bacuri ele está meio morto ver se você ajuda ele o teu companheiro subversivo com você aí por que largavam os caras na cela com a gente e eram muitos presos largavam (incompreensível) avião da tortura meio morto o companheiro das ela começava a fazer massagens começavam a fazer as coisas para ajudar largaram o bacuri e eles queriam escrever num papel aquilo que foram torturados barbaramente não conseguiam estava dilacerado aí tinha escrito um bacuri era pouco alfabetizado e não conseguia escrever então eu escrevo se você ir me dizendo e se livrar daquilo ali aí passou uns dias mandaram embora e ficou com ele ali sozinho vão matar esse cara e aí na angústia dele é que a mulher dele também tinha sido presa um pouco antes e estava grávida e já tinha nascido uma filha na subversiva nasceu uma filha e ele disse será que vão deixar eu conhecer a minha filha? E aí um dia depois que eu já tinha saído dali ele estava sozinho pegaram ele e levaram para conhecer a filha aí depois o levaram olá para o DOPS votaram numa cela no fundo meio escondido da gente o levaram para conhecer a filha e nós fizemos um plantão porque na cela tem assim um corredor tinha a entrada aqui um pequeno corredor a primeira célula era das mulheres depois tinha 5 telas de homem e no fundo tinha uma cela de castigo solitária três pequenas solitárias e ele entrou nos vimos que era ele quem tinha entrado estava na solitária de capuz não dava para ver o rosto e aí nós fizemos plantão se tiraram daqui vão matar ficamos de plantão de madrugada (incompreensível) tinha uma gritaria uma confusão foi um rolo e no dia assim no outro saiu falou que a tia dele no estádio da folha dizendo terrorista tentou fugir foi morto como é que é

aquela praia depois de Guarujá ali passando que a gente ama muito ele (incompreensível) morto em Bertioga porque tentou fugir e aí hoje sem nenhuma unha uma coisa terrível mesmo sem me intrometer mas se me permite eu queria falar um negócio e assim está me preocupando é o seguinte você é da comissão vai haver vários casos cruzados desse problema do relatório o testemunho do estado com outro próximo mesmo na hora que vai ter o caso da Maria Celeste que foi presa junto está lá em São Paulo ela foi procurada até em São Paulo e vai ter o caso da Eliana chaves que foi torturada aqui está no rio de janeiro tem o ex ministro Fernando Pimentel que foi torturado aqui está em Brasília então o presidente do PT o Rui Falcão foi condenado foi condenado a quê mas tem que ouvir foi torturado aqui foi condenado aqui e ele a mulher e eu, penso que é até o Carlos não vai se deslocar até São Paulo para fazer esse relato depois da Maria Celeste a Eliana chaves esses nomes todos eu já passei para você já está naquela lista aquelas que o comitê está mandando acho que são as pessoas que já se comprometeram a fazer o Pimentel o Félix, Eliana Chaves, Maria Celeste Martins o Pimentel não eu não falei com Pimentel sobre isso Enem com qual é o outro que eu citei então assim eu acho o que é que é uma reunião de oportunidade única de vocês estarem aqui todos num esforço bárbaro de estar aqui nesse momento como o Carlos não vai a São Paulo fazer isso que é estratégico que ele pelo menos aqui e relaxe nem que seja 5 minutos as graves violações que ele foi vítima em São Paulo eu sei mais ou menos o que ele vai dizer não é muito complicado então isso fica isso é avocado na comissão nacional que depois se quiser manda para a de São Paulo mas eu acho super importante isso neste momento aqui não vai ter outro momento eu acho que na verdade a ideia era dar ênfase à aqueles acontecimentos no que diz respeito à nossa atividade mas é lógico que é importante que tenha esses documentos nós estamos atuando em apoio a comissão da verdade também essa é a ideia então se puder nos relatar a sugestão é que seria eu fui preso em São Paulo em uma manhã de inverno de agosto de 1970 foi de manhã 8 horas da manhã ia me encontrar com um companheiro de uma outra organização que já estava preso na tortura falou dos nossos encontros dali eu já comecei a ser espancado dentro da própria caminhonete que me retiraram pele eu já tinha um instrumento de tortura na cami-

nhonete que era para dar choque chamado Maricota eles colocavam na mão da gente os fios na língua nos órgãos genitais começavam a tortura ali. Eles queriam rapidez dali me levaram para o DOPS, e lá eu fui ouvido. Aí hoje ele me perguntou onde é que eu morava e eu morava na época com o Raul era vizinho em São Paulo morava numa Vila eu e ele ia ficar fora uns dias acho que estava na minha cabeça 3 ou 4 dias então não podia de 3 a 4 dias dizer onde eu morava aí ele perguntou onde eu morava e eu disse na rocinha no rio de janeiro ele viu que era mentira ele sabia que eu trabalhava com o Cerimar e seguia as ordens do boicote que o (incompreensível) era uma organização que tinha em cada estado dirigida pelo exército por um coronel do exército ou major que então fazia parte do Exército, a Marinha, a Aeronáutica, a Polícia Civil, a Polícia Militar, Bombeiros, a Polícia Federal e tudo que é tipo que comandava o exército e todo o preso tinha que ser entregue a ele e o agir por conta própria em São Paulo ele não se subordinava a eles porque ele tinha um esquema de corrupção confirmar que era da marinha ele entregava os presos para a marinha não entregaram então tinha uma briga interna entre eles violentíssima eu fui preso por essa equipe dele eles mesmos me entregaram o boicote ficaram comigo lá e me torturaram começaram a tortura imediatamente passei o dia sendo torturado a tortura de pior tipo possível no pau de arara argentino pega um fio e botão no dedo do pé na mão na língua nas orelhas nas extremidades nos órgãos genitais ligar o pc na televisão e vão passando passavam de canal era uma descarga elétrica terrível jogam água na gente e vão dando cacetadas ainda porrada, os torturadores. Os torturadores eles, volta e meia paravam esse do pavão isso é um outro aspecto que tem que ser examinado os caras se do pavão para fazer tortura eles mesmos não aguentavam tinham que se dopar para continuar torturando e era dia que não aguentava tortura depois de muitas horas algumas horas então a única coisa que eu acho que qualquer pessoa que é torturada e também tomaria a mesma decisão que eu tomei a única coisa digna a fazer e se matar não tem outra saída eles não dão chance para você se matar Jadson você preso tiram a sua sinta o seu sapato tudo o que possa não é mas eles sabiam que eu estava muito vinculado com o Lamarca e eles queriam muito aprender olá marta lá pelas tantas eu falei olha eu vou encontrar com o Lamarca mais ou menos na tortura

eu estou falando e isso ocorreu um lugar em São Paulo fácil da gente marcar muito fácil numa rua de bastante movimento passavam qualquer tipo de carro eu falei para ele me encontrar em 8 horas da manhã aí já era noite ocorre que quem é torturado o dia inteiro não consegue ficar de pé mais não fica embora o médico estivesse ali do lado tentando sempre para te botar de pé e no outro dia de manhã tinha que fazer a noite inteira massagem usavam toda a equipe dele então passaram a noite fazendo massagens para ficar mais ou menos direito de manhã e eu acabei ficando em direito formas para esse local me colocaram cercaram a região toda eram tudo feito de forma discreta e eu fiquei ali eu sabia já tinha informe dos companheiros presos que tinha mandado para nós que o máximo que eles deixavam ali era 5 minutos então eu estava desesperado contando na cabeça os minutos e você não vê saída vai ter que te matar era só fazer assim com um corpo no meio fio era um ônibus qualquer tipo de coisa e eu não tinha a lucidez do que fazer entregava os pontos a gente perde a lucidez mas quem sabe me atiro debaixo de um carro e ele me salva e eu não morra a primeira ideia que me ocorreu foi a baixar aí eu olhei vinha um ali aquele lá é muito baixinho e ele ia me arrebentar todo ele era mais baixo e como tinha um aqui em porto alegre eu abaixei a cabeça e vi que era alto eu já vi que era muito pesado e eu estou na queda e vi um cara com a Kombi e vinha uma pessoa com a Kombi e eu me atirei em baixo da Kombi e aí foi aquela confusão em um lugar muito movimentado e eu senti que eu não tinha ficado muito machucado assim na cabeça um pouco de sangue escorrendo pelas pernas um pouco de sangue no abdômen e eu estou ralado é o pior agora mas os caras achavam que eu estava muito machucado e me levaram para o hospital das clínicas no hospital das clínicas sabiam também por que mandaram na cadeia e tinha médicos que nos ajudaram também sim é o médicos que eram descendentes eram direitos e realmente quando eu cheguei ali eu senti um ambiente que eles iam ajudar os caras quiseram ficar na sala junto na sala de atendimento médico eles não queriam deixar mas ficaram de fora e aí eu fiquei um tempo eu fazia exames mas não dá para falar porque o médico não deixava até que um dia chegou o exército souberam da prisão do acontecimento e foram lá me pegar pegaram e me levaram para o hospital militar aí eu não sabia não tinha informação do hospital mi-

litar aí vai ser bravo chego lá me coloca em uma cela que tinha um cara estava escuro tinha um sujeito lá na cama e gemendo eu não conseguia o ver estava muito escuro colocaram ali aí umas pessoas começaram a me ouvir eu podia dar o depoimento da Dilma tinha do Espínola pessoas de empresa tinha o depoimento dele tinha um mandado para nós e tinha decorado aquele depoimento eu não sabia o que dizer para a bater naquele depoimento e eu comecei a dar o mesmo depoimento e esses dois que estavam me ouvindo chegavam e diziam um para o outro não tem nem como quando foi lá para meia noite no inverno estava muito frio entrar no 4º ali uma mulher de cada cão de peixe toda bonita eu cara bem vestido também meu nome de guerra era Max Maximiliano e aí chamavam de Max para ficar mais simples qual o nome de guerra ficava não sabia que não ia colocar perguntava qual nome eu coloco aí é uma companheira falava a coloca o nome do meu avô qual o nome do seu avô Maximiliano então tá coloca Maximiliano aí para não falar Maximiliano falavam Max aí o cara chega e já me dar um soco de cara chegou ali bem arrumado a filha de uma puta e os caras reagiram e falaram para com isso aqui a senhora que estava com ele também reagiu para um pouquinho não para nada ele está colaborando tudo o que ele fala aqui bate com os depoimentos da Dilma do Espinosa esse cara está enrolando você vocês são uns babacas ele está conversando com vocês comigo não tem essa comigo é só no pau de arara como agora você vai chegar em mim em 2 dias para o seu comandante do Jim e vai ver o que é bom para tosse e aquele que está ali gemendo no escuro ele está a 6 meses gemendo você vai ficar igual aquele ali aí a mulher dele falou o senhor está desde de manhã sem comer aqui é tudo bem eu vou lá trazer uma maçã para o senhor foi lá e trouxe uma maçã aí foi embora o cara os outros dois chegaram e começaram a falar para mim também a o cara é um estúpido um animal isso aí é um louco não é bem certo eu não sabia quem era porque ali você não sabia direito aí no outro dia me passa um para uma cela no hospital e aí vem esse cara que tinha me batido vem ele é a mulher dele para me torturar com a equipe dele começam a me torturar ali com a maquina e eu começo a berrar e daqui a pouco vem a (incompreensível) correndo e faço um estardalhaço no hospital aqui ninguém vai torturar ninguém é uma confusão com os médicos e os caras tiveram que ir em-

bora tudo bem eu vou ter uns dias aqui no hospital e eu precisava passar 4 dias e acabei aí chamei falei para os caras o coronel que atendia a lei do exército o médico diz que eu tenho que ficar 15 dias contei a situação o que eu estava sendo torturado contei tudo para o cara me deu vontade de fazer isso eu não posso vão descobrir e eu vou ser torturado também então eu acabei ficando uns dias necessários para e fui para o DOPS de volta e foi aí que eu fui para a OBAN fiquei uns dias ali e nesse dia esse cara tinha me torturado pau e o Capitão Albernaz que era um capitão daqui (incompreensível) da família Albernaz de Santa Maria Albernaz o maior torturador do Brasil é um dos maiores torturadores do Brasil e a senhora que ia com ele quem era a mulher dele até hoje eu não sei a Bernard e o outro era o Homero o homem era chefe de uma outra equipe o que é como é que era o boicote o boicote era um coronel ou um major quem dirigir se era o major debaixo tinha três equipes 24 horas cada equipe comandada por um capitão do exército o major também era do exército e esse cara que ficava 24 horas na equipe dele e ele tinha duas equipes uma equipe de tortura só torturavam é uma equipe de busca que eles diziam que pegavam a gente equipe de operação de busca operações que pegava a gente na rua em qualquer lugar e levava para ser torturado no meu tempo uma equipe dessas era dirigida por esse cara que chegou (incompreensível) que foi sem dúvida um dos maiores torturadores do Brasil e ficou louco depois virou vigarista começou a aplicar golpes foi expulso do exército mas como o golpista não por torturador veja só como são as coisas foi expulso por ser golpista não por ser torturador outro era o Homero, Capitão Homero, que não me torturou o que nunca porque ele conviveu comigo ali era difícil um cara que convive no hospital conviveu comigo é muito difícil um cara que convive com outro tortura quando eles inventaram o capuz e não sabiam quem torturava para não olhar nos olhos um do outro o capuz foi para isso porque essa relação do torturado com o torturador era muito complicada eles olham um no olho do outro e começam a ficar complicado é exatamente mas fica complicado a gente sabe disso então quer dizer bota logo um capuz e acabou com essa complicação coloca a carapuça e a outra equipe era de esse daí que você citou esse é o Bernard é o Homero não era um gaúcho não o Bernard era gaúcho mas o Albernaz Homero não e o outro comandante de equi-

pe agora me deu um branco aqui eu esqueci era um pessoal uma gurizada da perdigão a essa gurizada que fez um ato aí na frente da casa dele que mora levante e se foi que teve uma outra equipe chefiada por ele o que é o como é que é o nome do capitão a capitão ele torturou muito a Dilma o capitão aquele cara que o levante fez lá em Guarujá na casa dele que mora um torturador que era outro mano chefe da equipe do Abernaz mas o capitão o homem é o Bernardo do terceiro (incompreensível) era o chefe deles música é o chefe o terceiro daqui a pouco eu me lembro o nome ele teve que se mandar teve que se mudar porque o levante veio na casa dele e os vizinhos vieram em cima 24 horas bem essa estrutura é esse Cláudio do livro aquele da memória lícita muito um tal de perdigão que me disseram perdigão eu não sei dizer o Perdigão foi um dos maiores torturadores do Brasil no Rio de Janeiro Perdigão r1 Perdigão foi torturador na casa de Petrópolis na casa de Petrópolis uma das maiores torturadores era o Perdigão é o que tirava braço decapitava as pessoas pegava e incinera vá mandava ensinei foi maior centro de tortura do brasil foi na casa principal a casa da morte a casa da morte é claro que o decote de São Paulo era o centro de tortura bárbaro todo centro de tortura foi bárbaro todos foram os bárbaros essa gente toda que o senhor citou o senhor acha se algum dia ainda é vivo se esse perdigão ainda vive vivi eu tinha visto ele devo ter visto ele deu uma entrevista a mulher dele deu entrevista dizendo pra deixar ele em paz que ele não quer falar a senhora dele deu uma entrevista um outro deu entrevista para o companheiro dele deu uma entrevista dizendo tudo agora na comissão da verdade lá no rio então por aí a cada capitão trouxe a biografia do cara que mais me torturou ele era comandante algum se do pavão na frente ali o nome dele era Jesus Cristo Jesus Cristo era o apelido dele usava um cabelão parecia crente e agora cada capital esses dias faço 16 meses atrás ele na foto atrás que é um delegado da delegacia de São Paulo ele acariciado tem problema nenhum e era muito comum na época de transferirem de um lugar para outro e ninguém tinha segurança jurídica porque eles não respeitavam o judiciário e os viciados não se fazia respeitar poucos dias mas no inverno é isso que se fizeram respeitar pelo juiz do rio eram os juízes que logo deram um jeito nele era de uma vistoria Damares a vistoria se divide ou não é e as vistorias quando é cidade grande rio de janeiro e

São Paulo tinha Marinha, Exército e Aeronáutica aqui no Rio Grande do Sul acho que só tinha auditoria para tudo não tem muito tem muitos militares do exército mas não tem das outras áreas então eu acho que aquele era com a esquina como é que é o nome daquela rua ali bem na praça altar luz Cipriano Ferreira não depois da (incompreensível) lado da pracinha esqueci o nome daquela rua ali aquela que tem a luz forte é uma depois o que eu posso contar é isto daí claro é por isso que eu estou fui realmente não sei acho que todos nós estamos vendo o que os fatos que o Carlos nos traz aqui são extraordinariamente importante para nós então eu te perguntar ia o seguinte porque nós estamos sofrendo lá naquele site que eu te falei uma das coisas que nós queremos deixar muito claro é a fonte nós estamos tendo aqui uma fonte uma fonte oral mas tu deve ter assim pela tua lembrança algumas coisas que nós pudéssemos documentar fica difícil não é inclusive eu não tive acesso a documento nenhum mas com os responsáveis que você citou mas com o processo o que pode fazer eu acho uma fonte boa que são os processos da Justiça Militar os processos na Justiça Militar é isso que eu estava querendo chegar os processos deve ter imagina até hoje guardado por que você já prestou depoimento na comissão nacional não é não prestei ainda a não porque nós estamos confiando que é a comissão nacional em oficiando aí para o terceiro exército nos consiga tanto é o que é o DOPS arquivo como as cotas dos inquéritos Policiais Militares é eu acho que o que teve na Justiça Militar tem material bom eu acho que tem bastante material se eles não botaram fora né vocês estão acabando de comum acordo com a comissão nacional sim a comissão nacional veio conversou bastante com o radar se o que é o nosso governador ele teve que viajar mas o (incompreensível) início conversou bastante com Fontenelle (incompreensível) é o bom cara eu acho a Holly também é uma boa cara trabalharam juntos inclusive eu não tenho mais contato com a rosa o contém é um ótimo também ela esteve aqui e aí trabalhar em comum acordo. O Michigan contou planalto secretaria de segurança não tem absolutamente nada relacionado com isso daí e ele sabe bastante talvez ele saiba bastante o Michigan deve saber bastante cuidado que tem dois Michigan ah não sei qual é não é aquele eu estou falando no secretário de segurança não aquele Promotor homicídio em que eu falo é o Michigan jornalismo e a gente

padece um pouco por essa falta de dados isso é difícil não vai ser fácil os dados tirar muita coisa eu acho está bom o senhor relata e os depoimentos são fundamentais para nós porque esses são os nossos mais difícil quanto menor os lugares mais difícil ele é porque fica muito personalizado todo mundo conhece lá no Rio e em São Paulo dá para pegar bastante coisas no arquivo nacional tem muita coisa lá o desembargador daqui que está trabalhando agora com o Maria do Rosário não me recordo o nome dele agora foi lá tem 8 milhões de documentos 8 milhões de documentos é o Manoel não o Castilho é um advogado tem muitos livros sobre ele direitos humanos eu não sei se é ou a Rosário com a comissão nacional ele está trabalhando com a Rosário pode ser aquele negócio da comissão foi a Brasília trabalhar e veio aqui e pediu para conversar com a Rosário e a Rosário eu não quero esse cara aqui e voltou para ajudá-la com os direitos humanos ele queria.

CEVRS: para ninguém te encher o saco, aqui principalmente na central (incompreensível). Então ajudou muito na minha formação (incompreensível) verdade.

CARLOS ARAÚJO: E para ter pessoas (incompreensível) pesadíssimo, pesadíssimo, a cadeia foi muito pesada para mim.

CEVRS: Além do (incompreensível) e do índio tu terias mais alguma indicação do pessoal que esteve aqui no presídio para a gente ouvir?

CARLOS ARAÚJO: Olha, uma figura que vocês conhecem que é muito (incompreensível) preso também (incompreensível) o Eliberto Barros.

CEVRS: Ah, é?

CARLOS ARAÚJO: O Eliberto (incompreensível).

CEVRS: Ele era meu amigo, nem sabia que ele tinha ido preso.

CARLOS ARAÚJO: Foi preso. Ele está meio exilado agora (incompreensível).

CEVRS: Ele ganhou uma indenização boa.

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: Ele está vendendo cavalo agora?

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: Está vendo, eu tinha me esquecido do Eliberto.

CARLOS ARAÚJO: Vendendo cavalo.

CEVRS: (incompreensível) deixa eu ver quem mais esteve preso, tem o (incompreensível) podia ser uma pessoa interessante para ser ouvido eu acho (incompreensível).

CARLOS ARAÚJO: Quem?

CEVRS: O Vladimir (incompreensível). Era professor lá mesmo (incompreensível). Uma figurante interessante, é interessante, é uma figura interessante. Vladimir Vilareti.

CARLOS ARAÚJO: Tem uns que estão em outro estado, a comissão tinha que pedir oitiva desses que estão (incompreensível).

CEVRS: (incompreensível) Vladimir.

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: O Vladimir (incompreensível).

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: (incompreensível) pessoa importante.

CARLOS ARAÚJO: Eliana Chaves.

CEVRS: Tudo passou por lá (incompreensível).

CARLOS ARAÚJO: Rui Falcão, Rui Falcão, a esposa dele, o Prado, a esposa do Prado, o Durão a esposa do Durão (incompreensível).

CEVRS: (incompreensível) presidente da fase (incompreensível)

CARLOS ARAÚJO: Acho que são pessoas que realmente deveriam

ser ouvidos, essas pessoas que acho que é importante serem ouvidas. (incompreensível) na sei, nunca pensei nisso, mas é capaz (incompreensível) gente de fora daqui com os daqui (incompreensível). Muita gente de fora (incompreensível) o que houve, porque isso? Normalmente no estado quem foi mais torturado foi gente de fora do estado. A gente trocava de estado para fugir.

CEVRS: A tática era essa?

CARLOS ARAÚJO: Era essa (incompreensível) no estado como é que ia ficar? Tinha que ir embora para outro lugar.

CEVRS: E ficava mais vulnerável?

CARLOS ARAÚJO: Ficava mais vulnerável porque não tinha as relações sociais, (incompreensível).

CEVRS: O Daliano trabalhava (incompreensível) na época, não é?

CARLOS ARAÚJO: Não, trabalhava sozinho.

CEVRS: Sozinho?

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível) ele foi para o Ministério Público (incompreensível) foi uma pessoa maravilhosa.

CEVRS: (incompreensível)

CARLOS ARAÚJO: Foi defender praticamente (incompreensível) preso, torturado (incompreensível) um homem maravilho, maravilhoso (incompreensível)

CEVRS: Por exemplo o Pimentel na entrevista que ele gravou para mim ele disse que nesse momento de abril, maio de 70 tinha mais de 300 pessoas sendo torturadas ao mesmo tempo simultaneamente.

CARLOS ARAÚJO: Entre abril e maio de 70?

CEVRS: É, quando cai a VPR, a tentativa de sequestro (incompreensível) um MCR que tinha. Por isso que foram habilitando presídios comuns para depositar gente, começaram pelo central, começaram a

habilitar quartéis.

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: Só para os novatos não estarem ainda ali a vista.

CARLOS ARAÚJO: O Carlos (incompreensível).

CEVRS: Embaixo da fumaça ali tem uma coisinha no meio.

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: O Cesar Derré e o Cláudio disseram que em uma semana naquela delegacia de Petrópolis onde é a 8ª.

CARLOS ARAÚJO: A 8ª.

CEVRS: Tinha 150 pessoas.

CARLOS ARAÚJO: Colocadas no porão.

CEVRS: Empilhadas (incompreensível) ali no meio das casas?

CARLOS ARAÚJO: Nós esquecemos esse momento, o senhor podia contar para nós.

CEVRS: (incompreensível) atuando assim (incompreensível).

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível)

CEVRS: (incompreensível) Rui Falcão, Pimentel, Jorge Eduardo, pessoas que gostam de colaborar (incompreensível) tal, (incompreensível) sabe como fazer. Mas daí a pouco pode (incompreensível) pegar dez depoimentos.

CARLOS ARAÚJO: O Índio o senhor sabe quanto tempo ficou ali?

CEVRS: O Índio?

CARLOS ARAÚJO: O Índio (incompreensível) contar essa história (incompreensível). O Índio estava na primeira leva de presos aqui na ilha, sabe? Aí nessa primeira leva alguns caras foram soltos (incom-

preensível) o Índio e uma turminha foram soltos. (Incompreensível) processos eles soltos. E processo respondeu processo em liberdade. (Incompreensível) e eram uns trinta, quarenta réus, aí foi para julgamento no ano de 1973 (incompreensível) julgamento daqueles caras que tinham sido presos (incompreensível) um ano de cadeia, uma ano e meio, meio ano. Entre eles o Índio. Vai para julgamento foi transmitido pelo rádio. (Incompreensível) estava ouvindo no presídio. Aí veio o veredicto lá pelas onze da noite, todos foram condenados à pena que já tinham cumprido ou absolvidos. E o único que prenderam foi o Índio (incompreensível). (risos)

CEVRS: E o Índio (incompreensível) foi o único que foi de gravata no julgamento (incompreensível) advogado e foi o único condenado. Agora imagina o cara ser preso, solto, ter que voltar para a cadeia.

CARLOS ARAÚJO: Eu acho que (incompreensível) segunda tortura.

CEVRS: É.

CARLOS ARAÚJO: (incompreensível) presídio (incompreensível) central ouviram o julgamento daí há pouco (incompreensível) não conhecia pessoalmente. E no presídio central quando eu fui para lá tinha muita tortura à noite. Os presos (incompreensível) preso aquelas coisas de. E a gente no presídio (incompreensível) muitas coisas lá, abriu o curso de supletivo lá (incompreensível) professor aqui de fora, a própria Dilma foi dar aula lá, vários outros de graça. Aí foram muitas coisas lá, nunca houve nada, não teve fuga, briga. Mas às vezes torturavam presos. (Incompreensível) não é possível essa tortura até a noite, o senhor sai daqui (incompreensível) os presos chamavam ele de (incompreensível) mesmo. Falei “Olha, não dá, o trem de noite aqui está bravo.” (Incompreensível) todos os presos no pátio agora, tinha 800 presos na cadeia, 900. (Incompreensível) ter uma discussão lá. (incompreensível) lá, chegamos ali ele falou (incompreensível) quando eu saio (incompreensível) ele começaram a aplaudir, aplaudir, aplaudir, gostavam dele, davam vivas para ele. (Incompreensível) tomou uma decisão, de dia eu sou o diretor, a hora que eu saio daqui à noite até a hora que eu voltar de manhã o diretor é o Carlos Araújo. (risos). Eu levei um susto ali. (Incompreensível) também (incom-

preensível) (risos) Aí de noite eu tinha essa coisa de ficar lá. Então eu mandava na cadeia mesmo. E de dia os presos gostavam da gente porque eu fazia todas as vontades para eles. A gente chega na cadeia (incompreensível) da noite e nós éramos sete, oito presos lá levou uma janta ali (incompreensível) fome (incompreensível) julgamento. (Incompreensível) do jeito que preso pode fazer, nossa festa ali era tomar uma Coca-Cola (incompreensível). E fui lá para frente, no presídio. E a nossa cela caminhava uns mil metros, mais ou menos. Passava várias galerias (incompreensível). Lá na frente (incompreensível) nem nada, mas eu não conhecia. Aí fui lá na frente, falei para os presos lá (incompreensível) político (incompreensível) da manhã, vamos acompanhar aqui. Fui passando abrindo aquelas galerias, porta por porta, por porta. Então chegaram no final na nossa cela aí (incompreensível) conhecia e tinha melhor, nós não conhecíamos, não sabíamos quem era. Aí para o pessoal (incompreensível) deixei ele ali e fui providenciar alguma coisa (incompreensível), policial camarada esse aí. (risos). Ele achou que eu era um policial. E lá no presídio fora do local do presídio do prédio do presídio (incompreensível) tinha algum lugar para fazer esporte, mas a maioria (incompreensível) naquela época. Então tinha (incompreensível) que os presos cuidavam muito bem. E tinha uma determinação que ninguém podia sair para fora a não ser aqueles que trabalhavam na horta. E um dia eu estou lá chega um cara correndo na cela disse “Olha, (incompreensível) foi preso.” O cara está preso, mas é a linguagem da cadeia que ele ia para o castigo. Tem que botar (incompreensível) na carceragem porque o mandante da guarda ali para tirar ele da cadeia. Eu fui correndo (incompreensível) Índio, estão prendendo o Índio. Não, (incompreensível) ele viu uma porta aberta e foi saindo. (risos). Devia saber tudo. Aí o coitado ficou abatidíssimo (incompreensível). A cadeia sempre pesou muito para ele dentro da cadeia depois todo preso fala seu artigo, o preso (incompreensível). 171 (incompreensível) todo mundo trata assim deles. E o Índio queria fazer o simpático queria saber (incompreensível) perguntava para os caras lá “Qual é teu artigo?”, aí apelidaram o Índio de Qual é teu artigo dentro da cadeia. (risos)

CEVRS: Nós temos que agradecer muito (incompreensível).

TESTEMUNHO – FÉLIX SILVEIRA ROSA NETO¹

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vamos começar pela tua militância, só quis fazer uma introdução pra te dizer que a militância nos interessa na medida em que vai se relacionar com tudo aquilo. Então tu ficas à vontade para falar a extensão que quiseres.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O meu pai era do Banco do Brasil. Eu nasci em Rio Grande. Ele já trabalhava no Banco naquele dezembro de 1942. Trabalhou em outros lugares antes, era economista, tinha trabalhado em empresa inglesa e falava inglês, além de francês, arranhando no alemão. Era culto e mantinha posições políticas claras! A Agência do Banco do Brasil em Itaquí foi aberta por ele. Quando minha família morava em Camaquã eu andei interno em colégios de Pelotas e de Porto Alegre. Depois eu fiz concurso para a antiga Escola Preparatória de Cadetes, onde hoje é o Colégio Militar. Então, naquela posição ali, já se era militar, sujeito ao Regulamento Disciplinar do Exército. Havia até soldo e a graduação (não o soldo) equivalia a de sargento.

Em 61, na *Legalidade*, eu estava naquela EsPPA. Aquilo me marcou muito. O meu pai já havia falecido. Então era um tempo difícil. Minha mãe com 39 anos, tinha outros quatro filhos mais jovens. Moravam relativamente próximo de onde era a Escola, ali perto do Pronto Socorro.

Aí deu a *Legalidade*, começando no 25 de agosto, que era o Dia do Soldado. Teve o desfile da Escola, e depois tinha um churrasco, sei lá, almoço lá dentro. Eu fui ao alojamento e tinha um colega que estava de plantão no alojamento com radinho de pilha na mão que disse “olha, o Jânio renunciou”. e eu “bá, o Jânio renunciou então eu vou indo embora, porque isso vai dar em prontidão”. E já saí dali e nem fui pegar a sobremesa (risos) tinha gente sei lá, fazendo xixi, alguma coisa, já vesti o uniforme de passeio e saí.

Aí no meio da tarde apareceu um soldado [depois cabo, o Alpheu] lá em casa. Aquele soldado era encarregado da sala de armas da 1ª

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1532/--depoimento-?-Felix-silveira-rosa-neto>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Companhia. Um baixinho. “Ó, o capitão tá lhe convocando. Estamos em estado de prontidão”.

Aí passamos no bar do Beto (que não era onde é agora. Era na esquina e não se via muito lá dentro). Tomamos uma cerveja e eu disse: “é, agora que vai ter”.

O que a gente queria... ir pra guerra era tudo o que a gente queria naquela idade e naquela escola!

Porque no começo, naquela virada do fim de semana ali, o Brizola estava na expectativa né.

Segunda-feira vai o (...como era o nome dele?) ... Comandante do 3º Exército...Machado Lopes! O Machado Lopes era um veterano da Itália muito respeitado. Era ele, o Oromar Osório, Comandante da Cavalaria na Fronteira e o Santa Rosa, que tinha sido Comandante dos Paraquedistas. (O Flávio Tavares acho que conta bem essa história...).

Aí quando o Brizola bota a Brigada sob comando dele, que ele tava do lado, aí logo vêm os canhões antiaéreos de Caxias. Aquele negócio todo! A escola ficava de luz apagada, saco de areia na frente, aquele negócio todo; era guerra e era tudo o que a gente queria, estando do lado certo.

Depois eles prenderam alguns oficiais que não estavam de acordo e levaram pra lá. Eles ficaram presos dentro da Escola, daí às vezes digo: “eu já fui carcereiro” (risos) Tirávamos guarda...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ah, o colégio militar tinha detidos?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Do III Exército inteiro acho. Ou somente da guarnição de P. Alegre, quem sabe?! A Escola respondia ao Ministério da Guerra, para Diretoria de Ensino, mas foi assumida pelo III Exército.

E estava ali, era arma com munição dentro, todo o serviço, era aquele negócio todo. E para gente que tava ali praquilo, e dentro de uma causa nobre...

Aí aconteceu...aquele negócio, deu certo, em termos, porque houve aquela negociação para o Parlamentarismo...

Deu o desfile de Sete de Setembro e a Escola representou o III Exército. A Escola de Cadetes da Brigada representou a Brigada e uma uni-

dade lá da 5ª Zona Aérea representando a FAB. Era bem pouquinho, compactado. E ainda não se sabia bem o que era então, pura emoção. Normalmente o fuzil vai desmuniado em desfiles, mas foi fuzil com munição. Cheio de instrução para qualquer coisa...só que a população tava empolgada que tinha dado aquele negócio certo.

E aí aquele episódio histórico me marcou muito...

Depois, eu não fui para a Academia, fiz concurso para o Banco do Brasil e fui para a Faculdade de Arquitetura também, mas não logo em seguida. O Banco do Brasil [que] foi logo em seguida. A Arquitetura foi mais adiante.

Aí eu fiquei fazendo algumas coisas que eu já praticava. Eu já treinava um pouco de judô, essas coisas. Aí tinha um antigo ginásio o *Sparta* ali na João Pessoa, na esquina quase com a Bonifácio, e eu fiquei ali praticando algumas coisas, também praticava tiro ao alvo noutro clube, lá na estrada Juca Batista. Depois passei a fazer karatê, me dedicando a essas lutas marciais.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu tentaste fazer a Academia?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não, eu desisti. O meu pai faleceu, eu não ia ir...

Aí, eu fiquei com a família. Até aconteceram algumas coisas gozadas. Naquele tempo não era como hoje, com uma *academia* (de ginástica) a cada esquina. Era aquilo ali, no *Sparta*, (um caminho de água fria não tinha nem chuveiro)

Tinha muita gente da antiga Polícia de Choque, apelidados de *Cardeais*, que frequentavam o *Sparta*. Seu quartel era lá na Riachuelo, os caras de cinza com o quepezinho vermelho. O Pedro Seelig foi desses; o Jorge Fischer (ex-prespo político e já falecido) também.

E tinha um camarada lá, eu brinco no meu livro - em gestação: Se eu chamasse ele de afrodescendente lá, na hora ele me batia. E ele era do choque. E eu [dizia]: “Pô Juarez se essa gurizada te encontrasse na rua como é que ia ser?”. Mas eu no tatame, de quimono e ele de calção. Aí, “vamos experimentar”, ele disse, “então vem pro tatame”, aí eu fui “então vamos”: Ele me pegou com uma mão aqui pelo lado, começou a me apertar, parecia uma torquesa (risos)... Mas era gozação de todo mundo.

Aí quando na faculdade começou aquele movimento de ir para a rua, eu me lembro nitidamente que numa passeata em frente a Prefeitura, me convidaram pra fazer uma primeira linha de frente ali, eu fiquei... daqui a pouco quando vai, era a Brigada que tava reprimindo (e tinha trânsito pelas duas mãos da Borges, nem interromperam). Quando eu olhei, não tinha ninguém do meu lado. Mas eu já tinha visto umas viaturas pelo cantinho, ali pela Uruguai e de outras pela Sete de Setembro. Naquele tempo eu já estudava, “*a bigorna e o martelo*” tática que comprime um grupamento móvel contra uma base maior, geralmente entrincheirada “bah, vai ser na bigorna e no martelo”, então eu rumei pro outro lado.

Aí quando eu vou indo assim, meio olhando pra trás... caiu uma menina. Aí veio um cara correndo com o cassetete. Pensei: “agora que eu vou ser o herói”, fiz assim para aquele “Vem?”, e ela no chão ali. “Agora eu vou ser o herói, porque essa de aparar o braço do cassetete e completar com um *uquigochi*, eu tava acostumado”. Aí eles se foram. Aí eu convidei a guria: “Vamos lá pro lado do mercado?”. Ela me olhou com uma cara de indiferença, (pô! Eu tinha sido o herói!) e ela continuou para lá, para confusão. (Risos). (Aí eu digo, deve ser daquelas militantes brabas, que acha que né... a mão invisível do mercado não seria a solução digna).

Depois, um dos companheiros (que era pra estar ali, que era da Arquitetura como eu), encontrei na Faculdade de noite. Tava ele esticado, no Centro Acadêmico, meio que sangrando... tinha apanhado, as gurias botando cerveja nele (Risos). O pilantra não cumpriu e ainda tava se dando bem... Chamava cerveja de *néctar*, como se estivesse no Olimpo!

Mas, enfim, aí começaram umas coisinhas assim...

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: E isso que ano era?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu acho que era em 66.

Aí, aquele menino secundarista, o Ico – (Luis Eurico Lisboa) (a Suzana já falou dele), era *Mário* o codinome dele...

O gozado era que todo mundo se conhecia, mas todo mundo usava codinome, eu não entendia muito o porquê... mas ali, entre eles, eu era *o Ramiro*. As vezes eles iam lá no Banco. “Só no balcão do Banco não me chamem de *Ramiro*...”

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas aí já era maior? Organizado?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eles eram organizados, mas eu não. Daí eles me pediam ajuda para algumas coisas.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês eram quem?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eram eles os “Brancaleones”. Oriundos do Júlio de Castilhos. Esse apelido “Brancaleones” foi o Flávio Koutzi que botou neles.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Esse “Brancaleones” foi o pessoal aquele que fez o Grêmio Estudantil do Júlio de Castilhos.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Era. Oriundos de lá, o Beto, o Gutierrez, esses nomes...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Segundo o texto do Dante, a primeira ação armada é a deles. Contra a casa do Coronel, o furto das armas do Coronel.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah...do Ilha F. O. Moreira. Pode ser... mas nós tivemos uma, por incrível que pareça. Será que foi antes ou depois?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É MR26, não é?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não não. MR26 é outra coisa. MR26 é daqueles sargentos, ligados ao Brizola, andaram lá por Caparaó...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tá, então como é o nome dos “Branca”? Eles tinham?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eles eu acho que não tinham nome entre eles. Eu nunca ouvi. Mas pode ser que nas bordas do MR26... mas não, porque o MR26 eram uns caras adultos. Num 26 de março acho que foi a tentativa de Caparaó, não foi daí que está homenageado o 26 de março? Acho que foi isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então tu tinhas essa relação?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eles apelavam para mim. Então nós tivemos duas ou três escaramuças urbanas aí... (Esse depoimento era pra ser mais frio, mas é engraçado, porém se eu não contar as coisas como elas vem de dentro de mim...). Eu lia muito. Qualquer coisa eu ia para o manual. Como é que é? Tem que estudar, estudar... Ah! Foi cliente do Dr. Eloar, o Amorim. Ta pegando ele para falar também (se dirigindo ao Guazzelli)?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não, não tinha pensando....

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele era meu colega de escola militar, de ano, mesma turma e tudo; e ele era ligado ao Lamarca, um era padrinho do filho do outro, essas coisas assim. Ele até me passava manuais, e coisas assim, através do consultório da irmã dele, que era minha dentista. Então eu estava... muito conhecendo as coisas, e li tudo o que era possível e me lembro de umas histórias sobre o Vietnã, bem no começo, que tinha o Vietnã do Sul, Vietnã do Norte; os americanos ainda não estavam na guerra e eles mandavam assessores. Então eu me sentia igual àqueles caras, só que os assessores dos americanos eram para as tropas do Vietnã do Sul. Vietnã do Norte não entrava lá, mas tinha a guerrilha Vietcongue na área. De vez em quando eles cercavam lá uma tropa qualquer do Vietnã do Sul em treinamento, e normalmente – americano não podia entrar na guerra – mandavam helicóptero ir retirar o assessor, deixando os caras da tropa. E teve uma situação relatada em que um Sargento americano, de origem índia, apache ou sioux, sei lá o que era... ele estava ali e tinha brio. “Não, eu não vou embora, to comprometido com os caras aqui” e ele orienta aquela tropa toda para a base deles, a salvo do cerco dos Vietcongues. Bom, aquele cara foi uma referência para mim, e lá pelas tantas eu estava me sentindo como aquele cara, em função de ajudar os Brancaleones.

E aí as coisas iam acontecendo. Numa ocasião:

- “Nós precisamos de um Banco”
- e eu digo “é o que que eu tenho a ver com isso”
- “não, é que nós precisamos de um carro”

- e eu continuando perguntando, “o que que eu tenho que ver com isso?”

- “não, é que...nenhum de nós é motorista”

- “mas vocês acham que eu vou?”

- “é que o motorista do dia vai ter, mas nós vamos pegar um carro antes, não dirige pra nós?”

- “Sim, mas que carro?”

Aí, veio um com uma argola cheia de chaves falsas. Então nós saímos. E uma chave, e outra chave. Não dá. Ta, ta bem, vamos pra mão grande. Aí fomos lá perto da Hidráulica, tinha casal assim...e eu cheguei para eles e disse: “Vamos precisar do teu carro”, e eles pelo lado da outra porta. Mas quando a mulher me olhou, e eu a ela, báh, nos conhecemos. Só que eu dei sorte, ela morava bem perto da casa da minha mãe, era mulher de um policial, daquelas toda enfeitada.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Estava com outro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Estava com um cara do Pronto Socorro. Só para te dar uma ideia. Mas ela saiu feito louca, empurrando a porta. O problema dela ali seria muito maior.

Mas ela em seguida avisou a BM, e dali a pouco já havia duas viaturas atrás. “Bah, e agora?” Aí eu fui dar um drible neles numa esquina, fiz que ia reto e entrei à esquerda. Batemos na quina dos muros já sobre a calçada, mas eles passaram.

Aí eu comecei a subir a rua correndo a pé. Eu botei de propósito antes, um casaco bem clarinho por cima de camisa escura. E quando eu comecei a correr tirei o casaco, joguei por cima dum muro e dobrei a esquina, fui caminhando bem devagarinho. Daqui a pouco encostou uma [viatura] ali: “Que tu tava correndo?”. “Não, parece que deu uma confusão lá embaixo”.

Me pegaram mesmo assim e me levaram lá para eles. Estavam o Gutierrez e o Bento já em cana na outra. Aí eles fizeram como se não me conhecessem. Falei para os brigadianos: “olha, minha identidade, qualquer coisa. Mas tu me vê me metendo com esses aí...?”

Uma outra vez, era lá um 8 de outubro, e resolveram panfletar. “Félix, nos ajuda”. Teve um carro dum amigo meu e fomos no Instituto de Educação, colar ali. Depois, lá na Senhor Dos Passos, onde é o Pla-

zinha, tinha uma parede grande, paramos ali, e eu no carro. Daqui a pouco encosta um jeep da Polícia. Mas era perto de eleições e eu havia proposto; “vamos disfarçar um pouco esse negócio e peguei uns cartazes dum cara candidato a Vereador, Sommer de Azambuja, e botei em cima. [Polícia:] “Então é política? Deixa eu ver aí”. Quando eles mexem, pegam debaixo do Sommer cartazes com a cara do Guevara.

- “Báh, hoje as Delegacias estão cheias de gente para pegar coisas assim”.

(Mas eles eram da Polícia de outras coisas, não estavam nem aí para a subversão)

- “Mas vamos resolver isso de outra maneira... eu propus e assim foi”.

Resumo: um ficou com os documentos de todo mundo e eu ia levar uma grana no outro dia para eles.

Mas naquela hora que nós estávamos meio ali, e os donos da financeira onde trabalhava esse meu amigo que emprestou o carro estavam descendo a rua e falaram: “Pô, o que que há aí?”, e eu disse “não não, está resolvido, o carro estava com um probleminha mas já está resolvido, a polícia também ficou de acordo”.

Eu estou dizendo por que? Porque quando eu não queria fazer algumas depois... eu não queria participar... o Mao Tse Tung dizia que a população tem que ser como um mar pro peixe, que ele se ajeta, então, a população tinha que ser pro guerrilheiro como o mar para o peixe. Mas no meu caso era um aquário. De vidro! Não tem coisa que eu faça em Porto Alegre, que não seja visto por alguém! (Risos).
Aí já na VPR...

Aí ficaram todos os documentos, meus e dos outros. E naquele tempo tinha bonde ainda, então tem o abrigo ali na Praça, marcamos ali. E eu fui lá. “Iracema, tu me dá uma mão, pois os caras podem querer me chantagear pelo resto da vida, tu me dá uma mão”. Uma maquininha fotográfica pequena, ninguém sabia dela mesmo. Registra quando o cara tiver ali me devolvendo e tal... assim eles não vão ter como continuar o acaque. Mas os caras eram “profissionais”, o cara passou por mim sem parar, e disse “entra naquele bonde, que meu colega esta lá”. Aí eu entrei, o cara estava na frente, aí eu quis me certificar que ele estava com os documentos, dei o dinheiro, voltei e Iracema não viu nada (risos).

Como guerra paramilitar urbana aquilo estava ficando um negócio que me parecia que não ia dar certo. Aí, nós estávamos caminhando pela Osvaldo Aranha, os dois... (Iracema e eu).

Ahhh antes eu encontrei um cara do Rio, lá da VPR, através dos Brancaliones, eles disseram: “Félix, vai lá no ponto com ele”. Laércio era o cara, o nome verdadeiro desse cara era Wilson Favas, bem no começo da VPR. Ali no cinema São João, na Salgado Filho. Aí eu fui ali perto, que íamos num escritório que iam recebê-lo e nós íamos ter uma reunião com aquela menina ousada. Só que esse cara já era então da VPR, aí já era adulto, da barra pesada, havia um núcleo de militares na VPR.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu não tinhas feito nenhum contato até então, com esses outros grupos maiores?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não.

Aí chegou esse cara, Wilson Favas. Aí eu o peguei, fui com ele lá, levei-o até o encontro (“*ponto*” se dizia então), participei do encontro... Por que eu comecei a contar o negócio da Legalidade pra vocês? Ah porque eu achava que embaixo da ponta do iceberg tinham que estar todos aqueles generais: Machado Lopes, Oromar Osório, aqueles caras todos. Tem que ter oficiais, ninguém pode estar aguentando esse negócio. O meu ponto de vista era mais do ponto de vista da questão da Legalidade, afronta a experiência que eu tinha vivido e tinha sido exaltada inclusive nas participações, ainda mais sob esse ponto de vista.

Embora hoje as críticas que aparecem “ahh, mas os caras eram contra a Ditadura mas queriam a Ditadura do Proletariado, queriam impor uma Ditadura, uma Cuba no Brasil”, aquele negócio todo que costumam pretextar.

E eu tive sempre pensando nisso, com o tempo dá para se refletir, e aí eu penso: a resistência francesa e a resistência italiana, não estavam infiltradas de comunistas? Porque abriu o campo para essa possibilidade, claro que é algum ajunte social, qualquer um entra.

Quando eu fui pro Banco do Brasil, fui trabalhar no 4º andar, e praticamente metade daquele pessoal era do PC, Partido Comunista. O Uraspitino Ramos, (acho que vocês não chegaram a conhecer, era

um dos mais antigos...). E começavam aquelas discussões, trabalhando ali. Como serviço, davam títulos pra se conferir cada IVC (Imposto sobre Vendas e Consignações, hoje ICM). Naquela área fechada com pouco balcão, todo mundo falando entre si.

E já começaram a me dar livros. Eu me lembro que naquele tempo não tinha ainda O Capital em português, mas tinha um resumo. Aí, História da Riqueza do Homem...e começando uma visão já ideológica. Ideológica sob ponto de vista do capitalismo, comunismo, que vai entrando. Porque a minha visão inicial, eram duas coisas: Ir para a praça, para provocar os “homens” para apanhar? Eu dizia, não vamos encarar. Achava as coisas diferentes. E a meninada tinha muito mais profundidade, achavam que o agito se faz e vai embora.... Então, eu comecei a estudar.

Eu voltei nisso por que?

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: 66...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Reunião com a VPR...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah é isso, do Wilson Favas.

Aí eu fui com ele ali, as coincidências acontecem... (dois livros que eu recomendo, recentes e são muito bons; um é “A Lógica do Cisne Negro” e o outro é “O Andar do Bêbado”, para ver como fatores aleatórios podem mudar a vida da gente. Porque a gente fica determinista a partir da religião católica, da Bíblia, e de outras religiões também; e do ponto de vista do materialismo dialético, materialismo histórico, a gente acha que criadas as condições...e as vezes um fator de nada, uma coisinha ao acaso...cuida só).

Dois ou três dias depois, eu andava com a Iracema na Osvaldo Aranha, lá pelo outro lado da calçada do Instituto de Educação, mais ou menos por ali, tinha uma agência de automóveis, que estava expondo um carro, que eu não lembro se era Renault Dauphine ou Gordini... entramos os dois ali, e quem é que tava ali? Tenente Rui Amorim de Lima, que foi cliente do Dr. Guazzelli. Estava ele e a esposa. Entramos ali, ele disse discretamente:

- “Preciso falar contigo”

- “Ah, fala...”

- “Ah, outra hora...”

- “Vai lá no Banco, trabalho lá, assim e assim”

- “Mas é um assunto reservado”

Aí fui pra um cantinho.

- “Che, fala, o que que é?”

- “Aquele dia lá na Salgado Filho..”

- “Que dia?”

- “Um dia assim, tu recebeste uma pessoa ali na Salgado Filho”

Bah, eu gelei né, um Tenente dizendo aquilo! De que lado está esse cara?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Da onde é que tu conhecias o Tenente Amorim?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Meu colega de aula, de tudo. Entramos juntos na escola militar, e ele seguiu pra Academia. Depois ele foi pro 4º RI com o Lamarca, depois ele veio aqui, tava no 18º. Meu amigo, digamos assim.

Mas o que que esse cara quer...como é que eu vou saber? Eu cogitei e gelei.

Ele disse assim: tu pegaste um cara assim e assim...vamos simplificar. Aquele cara ta hospedado na minha casa e fui eu que levei ele lá.

Aí ele me passa um novo contato (...eu tinha medo até de sonhar com esse no DOPS), um cara que era amigo dele e do Lamarca, um Major do Exército, em São Paulo, na casa dele. Eu até vou omitir o nome dele porque eu não sei até hoje o nome completo dele. O apelidei intimamente de *Esquilo Rei*. Fui mais de uma vez na casa dele em São Paulo, a gente conversava bastante. E parece que um dos lugares que o Lamarca ficou um pouco quando saiu do Vale da Ribeira, foi naquela casa. Agora tu imagina...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E esse nunca pegaram?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Que eu saiba nunca pegaram. Eu tenho vontade de falar com ele. Pelo que eu vi agora, parece que ele mora em Belém do Pará. Mas deve estar com uns 90 anos, uma idade bem avançada, era Major naquela época.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então foi por via do Tenente aquele primeiro encontro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É esse Major. Aí, quando esse povo veio...

Quando o *Laércio* chegou, ele veio falando da VAR-Palmares. Da Colina, disse tudo. Então de alguma forma, foi ali que pouco depois eu digo, “bom agora eu encontrei a parte de baixo do iceberg, deve ter uma baita estrutura”. VAR-Palmares, foi aí que eu ingressei na VAR-Palmares, como *Felipe*.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não era na VPR então?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não era ainda na VPR. Na VAR-Palmares, não tinha mais a VPR. A VAR tinha se constituído das duas, Colina e VPR.

Aí eu fico na VAR-Palmares, como militante de base. Foi aí que eu conheci o Fernando Pimentel, como *Chico*.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Tu nasce ideologicamente convertido lá dentro do Banco do Brasil, com os “comunas”?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu diria que eu fui entrando na borda. Porque não era só a luta anti-ditadura, mas já uma comunho ideológico. O que me chamava a atenção, a partir de uma posição assim, era esse fracionamento da esquerda. Pô, tem que estar tudo junto, se é uma Ditadura. Tudo junto já vai ser difícil. Mas é uma raça difícil, depois todos apertados na Ilha (do Guaíba) também não se juntavam.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só pra deixar claro, aí tu entra na VAR-Palmares, mas o Amorim era da VPR?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, o Amorim não era de nenhuma. Ele era só da relação. Ninguém sabia dele, só eu. Vamos ser bem claros sabiam dele, aquele povo que saiu do 4º RI.... Aliás, depois ele foi identificado por um deles, um ex-cabo do Exército.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tá, mas quem é que faz a ponte contigo e a VAR-Palmares?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O *Laércio* ali, aquela menina da da época, e aí logo em seguida o Fernando Pimentel. E tem outro

cara, que era o *Bruno* cujo nome é Benjamim Vieira Liszt, foi deputado, acho que até periga ser ainda do Partido Verde ali no Rio.

O que que aconteceu. Pouco tempo depois, houve o Congresso em 69, final do ano de 69, o congresso aquele lá no Rio de Janeiro, famoso, em que deu o *racha*. Aí desce do congresso pro RS, Raul Elwanger, o *Gaspar*.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu foste no Congresso?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, eu recém tinha entrado. Quem foi, foi o *Bruno*, esse Benjamim Vieira Liszt e o Raul Elwanger. Foram os dois.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Recém tinha havido o *racha*?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É eu entrei um pouco antes, subiram os dois e voltaram. Aí o Raul Elwanger convocou uma reunião que foi lá no sítio da família dele, um pouco no entorno de Porto Alegre.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu já conhecias o Raul?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Já tinha tido um contato direto com ele. Claro, o Raul era famoso, mas contato direto eu já tinha tido um. Aí ele começou a falar e veio com uma posição toda de VAR-Palmares. Eu e o Pimentel nos olhamos: vamos esperar a volta do Bruno pra ver.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Desculpa te interromper de novo, o Pimentel, como é que apareceu, é mineiro?

Félix –O Pimentel veio pela VAR-Palmares, dentro da organização. Eu o conheci aqui, como vindo de outro lugar. Ele é mineiro, e era procurado pela Polícia lá, já veio dentro da Organização.

E teve outro que veio também, que era o Edmauro Gopfert, o *Jair* que depois foi para o Vale da Ribeira.

Então, bem no comecinho, nós ficamos com o pé atrás, com o Raul, vamos conhecer outras posições. Aí chegou o *Bruno*, e o *Bruno* ficou com a VPR no *racha*. Trouxe uma carta do Lamarca para mim e uma

do Juarez de Brito para o Pimentel. O Pimentel conhecia já o Juarez há bastante tempo.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Mas tu não era tão iniciante assim, se o Lamarca já estava escrevendo...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Porque nesse meio tempo o Major de São Paulo já tinha, a gente já tinha estado.... Depois nós trocamos farta correspondência. Muita coisa, muita coisa não, totalmente foi fora, uma pena. Mas trocamos muita correspondência.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu e o Lamarca?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu e o Lamarca.

Aí ele para mim, “nossa posição é essa” e o Juarez de Brito, do comando nacional da VPR, que depois morreu num tiroteio...ele mandou para o Pimentel.

Aí, convocaram uma reunião em São Paulo. Fui eu e o Pimentel, o Benjamim (o Bruno) já estava lá. Nessa reunião foi o Ladislau Dowbor (*Jamil*), foi a Maria do Carmo Brito (*Lia*), a Iara Iavelberg (*Cláudia*). O Bruno apareceu também. Lá em São Paulo, ficamos uns dias num casebre, na quebrada de São Paulo, para fora. Quase todo o armamento do 4º RI estava lá: aquele monte de fuzil, granada etc. Para me dizerem que o comandante estava me botando no comando aqui no Rio Grande do Sul. “Que jeito! Eu, nem militar era mais...”. Mas eu ainda mantinha uma visão um tanto militarista. “Está mandando tem que fazer”, e vamos ver o que dá para fazer.

Então eu voltei de São Paulo comandante da VPR aqui. E uma coisa que aconteceu na prática. Quem restou como VPR no RS? O Pimentel e o Gopfert. O *Bruno* ficou em SP O Pimentel tinha muito contato dentro da VAR-Palmares, então ele estava procurando quadros para nós. Por exemplo, a Eliana (*Marisa*), ele conseguiu que a Eliana ficasse na VPR, embora fosse companheira do Raul (*Gaspar*). Ela era companheira afetiva do Raul, e ficou na VPR.

Tinha outro (até motivo de uma brincadeira), o cara do Sindicato dos Alfaiates, (como era o codinome dele? Esqueci... ah, *Barroso*) todo mundo brincava que era o único operário que tinha em toda VAR-Palmares, e o Pimentel para mim: “olha, ficamos com o operário para nós” (risos). O Pimentel sedutor, aquele jeitão dele.

Aí começam a acontecer coisas em paralelo, ao mesmo tempo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu estavas no Banco e na faculdade?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: No Banco do Brasil. Na faculdade eu não ia mais... ia lá de vez em quando, de fachada, mas Faculdade de carreira não.

Aí pessoas de outras organizações estavam querendo. E eu também tinha relações através do Sindicato. Eu fui eleito para um cargo no Sindicato dos Bancários. E aí, a Delegada do Trabalho na época, anulou aquela eleição. Me elegeram Diretor de alguma coisa, não lembro bem o que que era, acho que até era financeiro, mas não tenho muito certeza. Era o Mazui que foi eleito para Presidente, aí ela anulou aquela eleição. Eu não me candidatei de novo, porque estava precisando ficar mais sossegado, mas Mazui foi eleito de novo com outro diretor.

Mas muita gente ali, eu já ia vendo, porque era a ideia de engajar outros.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas tu não tinhas uma vida na clandestinidade?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não. Essa era uma coisa híbrida, muito chata, porque lá pelas tantas tu começa a ter duas situações. Era pior. Tu começa a ir armado, trabalhar em lugar que não pode. Então, bah, era um negócio complicado. A pasta da arquitetura não podia largar de muito alto que fazia um barulho! Então tinha umas coisas assim.

Nós começamos a engajar.. (ahh um cara que tu devias... Evaristo Teixeira do Amaral, já tentaste? Eu não tenho mais contato com ele) Ele era presidente da Federação dos Bancários do RS, funcionário do Banco do Brasil, e integrante do POC (*Partido Operário Comunista*). E a minha preocupação assim, sobre esse engajamento massivo, oriundo dessas organizações mais políticas, mais abertas, numa clandestina, armada, é complicado. Porque a gente não tem o controle da segurança das outras. Então, o pessoal veio do POC, e tinha um pessoal conhecido que rachou e ficou com a VAR-Palmares.

É por esse caminho que vai dar todo o desastre, depois vai aparecer... Ah, trocou o Cônsul estadunidense em P. Alegre. Eu estudei bastante

tempo no Instituto Cultural Brasil/EUA, estudava inglês no Edifício União. Eu via o outro Cônsul, quando deu a troca de Cônsul, deu a notícia no jornal (porque a gente fazia informações, pegava recortes de jornal) e eu estava com o Pimentel lá no Joe's, (recentemente fechou né?).

E Mr. CCC chegou, num carrão preto, assim, loiro, jovial, saiu ali, foi lá pediu um sorvete que saiu lambendo. Eu disse para o Pimentel, olha aí, esse é o Cônsul (sem escolta). Está aqui no jornal...

E uma prioridade estabelecida pela VPR era libertar militantes presos. Tinha muita gente presa. Passou uma lista (bom, a Dilma tava presa, para dar um exemplo).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso era 1969?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: No início de 1970, já tinha dado o racha, aquele negócio todo. Aí eu disse pro CN (Comando Nacional): “bom, vocês vem fazer isso aqui não é?, nós podemos fazer uma logística boa, a gente acha lugar, faz a parte de informações, segue o cara”.

Mas, aquele povo achava que qualquer um poderia sequestrar um diplomata estadunidense, sabe? Essa gurizada, assim, todo mundo fazia todas as coisas. Tipo futebolista peladeiro, de fim-de-semana! Eu já tinha outra visão mais militar da coisa, tinha que treinar tática. (Lembro vagamente do Marx no Anti-Dühring, mencionando Napoleão: [algo como] um francês a cavalo, perde para um mameluco; cinco franceses, perdem para cinco mamelucos; mas 100 franceses ganham de 500 mamelucos. Claro porque tinha a menor unidade de combate dele, e partir daí ele fazia...).

E o chefão [Lamarca] mandou dizer, vocês têm que fazer um. Um pouco antes da gente (eles queriam fazer vários sequestros), um pouquinho antes do nosso, fizeram o sequestro do Cônsul Japonês em São Paulo, com dois *fuscas* e pegaram o diplomata. Aliás o cara escreveu um livro, elogiando seus sequestradores. O Sequestro do Diplomata é o nome.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas por que eles queriam o Cônsul Americano?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Bom, ele tava dando sopa, (ou uma relação dificuldade/benefício) vamos falar assim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A partir dos teus informes?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: A partir dos meus informes. Mas o informe não propunha nós fazermos. Aí veio a ordem: Façam! Foi quando nos aproximamos do 26 de Março. O *Bruno* Benjamim Vieira Liszt, volta e diz: “Bah, *Frank* temos um encontro com um pessoal aí, tem sargento, tem gente que saiu do Exército e vem um cara bem experimentado. [Que eu te disse que tu deverias ouvir, e eu não trouxe o telefone e os dados dele, que é o Gregório Mendonça (*Leônidas*). Que era do 26, está na praia, um daqueles caras, maiores vítimas disso tudo, depois a gente fala.

Então tá, então é o 26. Fiz contato com eles. Então eu pedi assim, “pô me arrumem aí uma casa, discreta e tudo mais”. Aí passaram uns tempos, a casa era lá na Lomba do Pinheiro, uma casa sobre pilotis, no meio duma vila, quase favela. Tenha paciência...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A tal casa que era do caseiro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, a casa que seria para a gente levar o Cônsul. Eu disse, “tenha paciência! Imagina a gente chegando aqui, cheio de informantes no meio, policial! báh ... tchau, não interessa...”

Aí achamos aquela casa naquela avenida, ali no bairro Petrópolis, avenida Taquara se não me engano, não me lembro bem, uma casa muito boa e alugamos a casa. Mas eu ainda insistindo que os do comando nacional viessem fazer a coisa, e eles “não, que não podem”. Pô, aqueles mesmos caras que fizeram o Consul Japonês um mês antes, na maior tranquilidade, o Liszt e o Ladislau Dowbor. Como diz a Maria do Carmo, o Liszt tinha sido intérprete na Embaixada Americana, e o Ladislau fala seis línguas. Falavam inglês melhor que o Cônsul japonês.

“Venham fazer aqui!”, [VPR] “não, não. Vocês”. “Como é que eu vou fazer isso”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Desculpe a indiscrição, tinha havido alguma ação já depois que tu entraste na VPR aqui, alguma ação que tenhas participado?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Tinha havido, aquele Banco, o carro pagador em Canoas do Banco do Brasil.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu tinhas participado?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu não. Naquele dia a Maria do Carmo (*Lia*) tava aqui...Eu era contra, aí que vem a história do aquário de vidro. Eu não posso, eu cheguei a dizer lá em cima: “Vocês acham que eu estou vacilando? Me convida pra fazer algo em São Paulo ou no Rio e eu vou cumprir. Mas lá em P. Alegre é um aquário”. Agora tu imagina, os bancários, eu quase diretor do Sindicato, tendo sido até eleito por votação geral... eu chegar no Banco e... também não poderia me mascarar a luz do dia.

Aí tinha esse levantamento antigo, do tempo dos Brancaneones, desse carro pagador do Banco, e eu “ah porque tem que fazer?”. Sabe a pressão de cima e a pressão de baixo? “A organização se faz durante a ação”, vinham os avisos lá de cima. Aí eu no meio daquele sanduíche. (Eu estava acertado... eu tinha marcado para depois aparecer num encontro lá...em São Paulo. Aí fui preso e não compareci.

Aquele Major lá em São Paulo dizia, “pô, o Rio Grande do Sul é uma área de fuga boa, de proteção, logística” (a gente conseguia muita arma). Achava que também não se devia provocar a repressão por pouco proveito, que eu estava certo, não devia né, fazer ações assim. Bom, mas aí tinha esse Banco Brasil e a base, Pimentel, o Bonna... então está bem, faz. Mas se resistirem, deixem passar.

(Eu não ia botar isso no meu livro, porque parece assim... se fazer generoso depois da guerra). Aí, recentemente, eu estava consultando no Superior Tribunal Militar lá em Brasília, alguns depoimentos, e está o Bonna dizendo: “O comandante disse que se resistisse, deixasse passar”, o Pimentel também registrou isso. Não tinha sentido não é?, acertar os bancários e tal, com o carro lá só porque... O Bonna “erro mas eu vou te matar” não, a bravata para o cara afrouxar a mão vale a pena, mas puxar o gatilho nele estaria errado. Eu achava não é? Na borda da luta contra a ditadura muita gente também né....

Mas aí, houve essa ação com êxito. Pegaram o dinheiro do carro para a nossa revolução. E aí ficaram né, aí né...o que que tu achas? Ficaram “se achando”!

Tem um grande mestre enxadrista que diz ‘que o peão depois da 4º casa, o *peão passado*, tem aspirações próprias’ (Risos) Por que se alcançar a 8ª é transformado numa peça de maior valor. Mas eu até brinquei, porque eu usei essa citação desse cara lá no livro, digo, mas no máximo que ele vira é dama, nunca rei. (Risos)
Bom, mas tem que...aí, deu no que deu....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A pressão estava forte demais...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: A pressão, inclusive emocional, pois havia companheiros presos sendo torturados, estava forte. O Cônsul era uma fábula. Os caras levantaram bastante, eu fiz pouco levantamento dele...

Uma vez sentamos eu e o Pimentel bem perto dele e da mulher no cinema, os dois de dedinhos trançados assim...eles tinham um monte de filhos. Eram uma simpatia, (não podíamos nos envolver), mas era um cara... saíam os dois bem abraçadinhos do cinema e tudo...
E a gente sempre seguindo, seguindo aqueles caras.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eles moravam no Moinhos de Vento? Auxiliadora?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não...ali é a rua Dona Laura, tu sobe...tinha esquina... Vasco da Gama, é ali.

E aí a gente começou a seguir o cara. Parava um carro com dois *dops* lá, e ele.. saía de manhã... no dele. Os do DOPS o seguiam.

Uma vez... “vamos ver esses caras”, aí o Bonna foi lá, se fazendo de caipira: “Sabe a rua tal?”. Aí um que tava do lado já sacou a arma... (aí eu digo ‘muito embora não me pareça correto o jeito desses caras, porque tinha que ser um no carro e outro no lado de fora, como é que o cara vai sacar a arma depois que o cara chega...Mas, não vamos fazer isso’).

Outra coisa: no trajeto da casa dele até o Consulado no Edifício União, nós teríamos que parar num lugar, como faziam no Rio de Janeiro e São Paulo (mas aquilo eram cidades grandes, impessoais), vamos parar lá? Com essas caras? Ou nós vamos andar mascarados na rua? Não dá.

Fim de semana ele saía. Ele saía sozinho. “Bom, tá aí a hora”. Mas as vezes com ameninada junto, que complicava também.

E naquele fim de semana que deu o ‘vamos, vamos ter que fazer’, já estava com a casa esperando o negócio todo, apareceu um cara novo. Um gringo que ia no banco de trás. “Bah, tá aí a charada. Ele andava sem segurança, e agora tá com um segurança americano”.

Eu, como é que eu vou dizer...eu era sócio de clube de tiro, treinava constantemente, treinava pensando sempre nessas coisas, nessa possibilidade das coisas acontecerem. Eu tomava uma garrafa de café, o que agita a gente, botava a silhueta nos 15 metros: “poom, poom, poom” a mão tremendo...eu vivia assim, treinando sempre.

Tá, porque... do jeito que nós combinamos o Cônsul, eu que ia falar com ele ali. Mas eu digo “não, eu vou ter que cuidar desse cara novo”. Então, nós...o Irgeu estava dirigindo o carro que eu estava. O Fernando Pimentel e o Gregório Mendonça, esse que eu disse...o *Fumaça*, o *Leônidas*...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas nesse dia tu já saiu para fazer?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Fim de semana já saímos... num sábado não deu, depois no outro dia deu. Porque parecia que ele estava com as crianças. Ele foi lá na Tristeza, lá pra onde tu mora, lá pra aquela tua região...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês seguiram...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, seguimos, mas aí os banquinhos de longe davam a impressão que havia crianças no carro...” aborta, deixa passar”.

Aí de noite eles saíram, saiu o casal e com esse cara novo. E eles ficaram ali perto duma travessa da Independência ali, e aí...quando eles vieram embora... (ah e um dos carros nós tínhamos “tomado emprestado” também... de um cara gozado, que o cara disse que tinha ido num jogo do Grêmio não sei o que...que estava com a namorada. Mas na versão dele com a Polícia, no jornal, saiu outra [risos]). Fusca né, que tem esse monte de gozação.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse fusca famoso, que nós vamos ver, esse Fusca famoso é o tal que foi roubado ou o Fusca era de um de vocês?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, tem dois Fuscas. Esse Fusca foi roubado. Depois o carro, claro, nós não podíamos ter carro... o que aconteceu aliás, se estragasse o carro, tivesse parado...já chega que ficou cheio de digital lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o outro Fuca? De quem era o outro Fuca?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O outro era nosso, mas com nome falso comprado. O Pimentel que tinha comprado, mas com nome falso. Se desse alguma zebra, não estava. (Mas o outro meio que se perdeu no trânsito noturno). Mas aí o Irgeu...eu disse: “Passa do Cônsul e vai diminuindo a velocidade”. E o outro carro era para vir por trás da camioneta dele.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso era de noite?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: De noite, onze, meia –noite, sei lá...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: De um domingo pra uma segunda?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: (Domingo pra segunda...) era dia 5, de um sábado para um domingo.

ARAMIS NASSIF: O que vocês estavam fazendo agora, seguindo o Cônsul, era ali na travessa com a Independência?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele veio e continuamos atrás dele. Porque a gente estava usando... Porque esse carro, esse 2º carro que a gente tinha tomado, a gente tinha muito medo de uma barreira policial. Então o pessoal ficava no carro com o nome falso, para avisar-nos, eles estavam seguindo de perto. E a gente estava usando o radiozinho de comunicação (naquele tempo não existia celular), o rádio de comunicação, *walkie-talkie*, e fazendo como se fosse uma

gincana, tinha gíria de gincana assim, pra qualquer captação né. Aí eles avisam: “O cara tá saindo, assim...”. Bom, então é agora.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Ele estava com a mulher?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele estava com a mulher e com o cara no banco atrás.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: E ele dirigindo?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele dirigindo. E um cara atrás da esposa dele. (Nunca vou esquecer que ele tinha sido capitão na Coreia e então eu não sabia).

Aí o Irgeu, em vez de ultrapassá-lo e interrompe-lo, deu-lhe uma fechada enviesada e bateu do lado. O que me dificultou abrir porta pra sair. Aí eu fui lá pro lugar que tinha combinado, atrás da camioneta dele, atento ao *gringo* do banco traseiro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas eu pergunto Félix, desculpe te interromper, que rua é essa?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu posso te dar, depois eu te passo o detalhe, eu não lembro. É na rua no caminho da casa dele, a subida.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É aquela que sobe? É a Vasco da Gama.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não é.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: É na Mostardeiro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Dona Laura, não é?. É Dona Laura.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É a dos Caixeiros Viajantes, é isso?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É. Mas eu na Zero Hora fui com eles, fotografaram até ali onde foi. Mas agora assim de cabeça eu não me lembro. (Ta aí um dos exemplos das coisas...)

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Eu tenho impressão que era na Mostardeiro ...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É a que subia para casa dele.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: É, a que subia para casa dele, que diz que era numa esquina.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E era na subida? Isso é importante.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Era.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então o Irgeu fechou antes o carro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ainda não tinha começado a subir e ele fechou. Fechou assim, em vez de ir pra frente dele e parar.

ARAMIS NASSIF: Qual era o carro dele?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Era uma Plymouth...Sabe de uma história divertidíssima dessa Plymouth? Depois eu conto...eu esqueço. Ou tu já sabe disso? É que ele vendeu essa Plymouth e não sei quem lá andou fechando alguém com essa Plymouth...Essa Plymouth foi vendida, foi embora, não sei o que. E o cara fez alguma coisa de trânsito contra outro carro. E aí o dono marcou. Um dia a Plymouth está parada num posto não sei o que, e o cara que tinha que tinha sido batido, de bronca foi lá e quebrou o vidro. Em resumo: o DOPS investigou, tendo interpelado a motivação política do vândalo. Dá para imaginar o susto do motorista irressignado?! me contou foi o pessoal da ZH na época. Foi aquele fotógrafo da ZH, O *Kadão* que me contou. Foi ele agora eu me lembrei. Mas enfim, o Irgeu fechou.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então, ao fechar ele bateu?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Bateu. Ficou assim né O outro carro não veio atrás. Aí eu desci, me postei lá atrás de olho no gringo recente, suposto como segurança.

ARAMIS NASSIF: O gringo parou daí?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O gringo cônsul? Sim, naquele primeiro momento ele parou. Ficou assim nessa situação. Ele depois disse que ele não sabia o que era ainda no começo. Quando ele viu as armas ele se deu conta. Aí eu estava atrás mais para o lado do motorista, o Irgeu permaneceu no carro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: No outro carro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, nesse nesse.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu desceste...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu desci e me postei lá atrás, conforme o combinado para ver o comportamento do que me parecia ser o segurança dele. Eu até disse: “esse vai dançar se se mexer” (o cara era um banqueiro amigo do cônsul e ficou quieto).

O Gregório Mendonça, que é um cara muito treinado, treinamento em Cuba tudo, foi militar aqui no Brasil, soldado cabo ou sargento; saiu e encostou a metralhadora no vidro da mulher do Cônsul. E o Pimentel desce pra fazer a volta, que a ideia era algemar o cara fortão, que ele saísse assim. Quando ele viu armas, tal e coisa, ele arranca. Depois eu soube, nem me lembro por quem, lá pelo Pronto Socorro, que ele tinha tomado muitas. (Porque aquilo, eu digo que hoje em dia um pivetizinho, um menino com uma arminha de brinquedo para qualquer um numa sinaleira, e o Gregório com uma metralhadora apontada pra mulher dele. Então!).

É a hora que ele refere (o cara é um cavalheiro, impressionante) que quando o Gregório faz “clack” (engatilha a metralhadora), ele olha para mim e ouve um “não”. Aí ele tocou em cima do Pimentel e eu fui obrigado a apertar a tecla do gatilho. Pegou no ombro nele, atravessou.

Depois vai ter... na hora do meu interrogatório essa parte vai ter uma coisa interessante.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Pimentel é atropelado?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim e rola por cima do capô, meio que cai com uma perna na sarjeta, porque a camionete um pou-

co subiu a calçada, passando por cima do pé do Pimentel (um pouco depois ficou desse tamanho), e o nosso carro ficou ali sem jeito de andar muito.

Aí, faltou luz ali na cidade. Então estava complicado...ah, saída do Cine Moinhos de Vento, não sei o que, estava complicado de pegar táxi, e eu disse: “eu levo o Pimentel para o meu *aparelho*”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês abandonaram os carros?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Aquele carro ficou abandonado. Tiraram algumas coisas dele, não tiraram tudo...cheio de digitais. Eu não queria que se usasse luva, porque meu medo maior era de uma abordagem normal de polícia na rua e todo mundo de luva, luva cirúrgica, né, difícil de explicar. Então não vou correr esse risco para limpar. E ali, devia estar cheio de digitais.

Aí eu puxei o Pimentel e aí o outro carro chegou. Então o Irgeu e o Gregório seguiram no outro carro. Foram lá para casa em que o Cônsul iria. Eu peguei o Pimentel fui levar ele para um apartamento que a gente tinha lá de aparelho, eu tinha alugado. E aí o grande valor da Nana, a Eliana, que ela sabia onde era, e ela é presa e ela não diz (mesmo sob tortura), ela não diz aquele apartamento onde o Pimentel estava ferido. Que era na General Auto, quase na esquina da Demétrio Ribeiro, na descida do Palácio.

Era divertido, as vezes eu chegava com a caminhonete com armas e deixava ela na frente... Tinha um sentinela do Palácio lá embaixo... e eu pedia-lhe que ficasse de olho. Ele fazia sinal de positivo.

Mas ai eu fui com o Pimentel, mais um daqueles episódios (não era à toa que tinha os Brancaleones), o Fernando foi esfregado um pouco no chão, tinha sangue aqui, pé torto...E báh não tinha táxi nada, entrou um ônibus por ali por perto, vamos entrar no ônibus. E eu: “Fernando, para todos os efeitos” e eu abraçado nele, “para todos os efeitos a gente estava jogando futebol de salão” e diz ele assim: “É, mas acho melhor tu esconder essa granada de mão que tu está aí!” [Risos] E aí eu tirei botei num bolso de baixo...aí ele foi para lá. Eu tinha conhecido estudantes de medicina com razoável confiabilidade...

Depois eu saí, deixei ele ali um pouco. Peguei o carro, que era aquela caminhonete GM-Veraneio, fui comer um...fui onde os outros foram,

estava tudo bem. Depois fui no Zé do Passaporte comer alguma coisa e levar um pro Fernando. Ali que eu ouvi, já estava saindo notícia. Sabe o Cachorro Quente ali perto do Pronto Socorro? Quão perto estavam novamente, autor e vítima?! Então foi assim.

Aí o Fernando foi para lá, pé muito inchado, machucado ali também e tal.

Bom, depois continuou a vida. Eu ia ao Banco trabalhar. Só que eu troquei minha 6.35 por uma 45 que era muito mais pesada. Que era a própria do tiro no Cônsul, para andar todo dia. Não sei se isso foi certo ou errado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu andavas com a própria 45?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Com a própria. Aquilo que eu já devia ter levado no Guaíba e jogado longe. Mas por outro lado o poder de parada dessa arma era muito grande. A outra, a Walter 6.35, dando três tiros no mesmo lugar era mais ou menos o impacto dum tiro de 45. Porque não adianta ficar atirando na barriga do cara, ele se mantém perigoso no momento, mesmo que morra uma semana depois...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o tiro pegou na clavícula do cara?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O projétil atravessou-o. De certo passou por carne sem osso e alojou-se no painel. O cara era do ramo. Ex-capitão da Marinha na guerra da Coreia (o que antes não sabíamos). Ele teria dito pra mulher: “Lá vamos nós”.

Tu não viste as declarações dele? Nunca leste? Além dele ter feito lá no Departamento de Estado tudo, quando ele saiu... Porque esse cara era boa gente. Ele, no DOPS, eles acharam... que o agradariam... aí contavam todas as torturas que nos faziam. Daí ele foi lá nos ver, naquele de espelho.

E depois ele lascou pro Departamento de Estado: “Bah, as torturas que estavam fazendo com a gente”. A carreira diplomática dele dançou. E ele diz assim: “Em compensação tenho duas cicatrizes pra me lembrar do Brasil, a entrada e a saída do projétil”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu nunca viste ele?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Os gringos não me deram... não me dão visto de entrada...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Pensei que ele pudesse ter vindo ao Brasil...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah não, não que eu saiba. Eu até pensei de pedir pra ele fazer o prefácio do meu livro. Quem sabe...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É vivo o cara?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não sei, deve estar com uma boa idade. Mas teve reportagem recente que saiu na IstoÉ ele dizendo, que não com 40 anos e um monte de filhos, mas que com 22 anos ele faria a mesma coisa contra a ditadura no Brasil. E uma repórter idiota: “Mas não ia pegar um fusca?” e ele “é, quem sabe”, “mas quem sabe se pegasse um general” umas coisas... E era uma bobagem, porque os generais tinham pactos. Se um caísse, azar. Azar o deles, imagina eles darem segurança pra tudo que é general, não adiantaria pegar general.

Outra coisa, ele legitima a nossa luta dizendo meio assim: “Dizer que eles estavam errados é o mesmo dizer que aqueles que estavam contra a ditadura do Hitler também estavam...”. Provavelmente lembrando da *Operação Valquíria*, ele declarou isto à repórter.

(E aí eu vou aproveitar um gancho desses: bom, mas se um partisan italiano precisasse sequestrar alguém lá na época, o que valeria mais? Um Cônsul alemão ou um general italiano? Fazer a mesma lógica então. Em Roma... Imagina o que o Hitler faria por Mussolini...).

Mas ele diz: “olha, o cara impediu a rajada, mirou minuciosamente e me atirou. Graças a isso eu estou com duas cicatrizes pra me lembrar do Brasil”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele percebeu que tu suspendeu o tiro do Gregório?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele declarou isso (Se bem que o Gregório olhou pra mim). Aí a grande vantagem de ter tido o Gre-

gório ali, essa coisa que eu falo desde o começo, “treinamento, treinamento”. Eu tinha um cara com treinamento em Cuba e tudo. Ele não fez sangue, ele engatilhou e olhou pra mim: “Não!”. E o Cônsul ouviu, e ele relata isso. Grato, claro!

A Zero Hora iria sair colorida com uma rajada cortando uma loirinha daquelas pelo meio...

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: E ele também né?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim, conforme levanta o braço, pegava mais.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Félix, e o Pimentel ficou com quem nesse apartamento?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ele ficou nesse apartamento, era o meu. E a Eliana ia ali e dava ajuda pra ele. Eu aluguei, era um aparelho alugado, eu morava ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu não estava morando lá com a Dona Almehy?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não. Não morava lá na Ramiro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu estavas numa semiclandestinidade então?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, porque eu não quis justamente comprometer a Dona Almehy

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E esse apartamento era conhecido da família?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O Glenio sabia, uma vez ele me deu uma carona. O Glenio foi preso. E daí, quando eles ameaçaram minhas irmãs e tudo, lá no DOPS, ele disse “não sei, é pra aqueles lados”. Depois que eu tirei o Pimentel de lá porque a Eliana caiu, (eu soube que ela estava presa, pela mãe dela) eu levei os caras lá, (eles queriam a caminhonete, queriam saber do apartamento). E

aí eu levei eles lá. E eles: “ahh, bem que o irmão dele disse que era mais ou menos por aqui”

Porque a coisa até aqui tinha sido mais ou menos folclórica. Mas a hora braba... eu fui em casa, da minha mãe...se eu soubesse que a Eliana ia... ela furou ponto. Foi correta. Aí eu fui na casa da mãe dela, aí cheguei lá, bati e ela: “Ah Félix...” (eu passava por namorado dela) “Ah Félix, tem uns policiais do DOPS aí, levaram a Eliana e tão aqui, tu não quer falar com eles pra explicar que não tem nada?” eu digo “não, não, não”. Aí eu já descí pela escada, nem fui pelo elevador

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas ela te disse na porta ali?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ela me disse na porta. Eu não sei como é que os caras não foram lá, rapaz...eu não sei o que daria também, eu já andava ali pronto para qualquer uma... Mas enfim, báh, descí, tinha um jipe embaixo, um jipe meio velho...sabe aqueles jipes (hoje nós estamos em 2013, digamos que ele tivesse com placas 2009 assim...), só a polícia que pode andar com esses negócios... de placas desatualizadas.

Bom, aí então eu sabia que ela estava presa...e a tentação de ver os caras no jipe, ver quem é que chegava, era grande, mas o Pimentel estava lá, a gente não sabia quanto tempo a companheira ia resistir...e eu fui no apartamento, tirei o Pimentel de lá e pouca coisa mais, ligeiro...báh, poderia ter esvaziado aquilo, um monte de bobagem que não devia estava lá.

Aí eu tinha uma carteira de... um cara da imprensa e com outro nome. Eu tirei o Pimentel (*Jorge* na VPR) e passei para os outros, para outra estrutura...porque eu disse: “A caça da vez sou eu agora”. Então nenhum lugar que eu soubesse poderia ser frequentado por uns tempos. Eu tinha pontos com ele, *Jorge*, mas eu não sabia onde ele ia estar, os outros que o abrigavam. Então eu tinha uma carteira de jornalista, que era até lá de Santa Maria, de uma rádio de Santa Maria (eu tenho até hoje, uma hora dessas eu acho), eu tinha esses espelhos de identidade que eu tinha deixado na casa da mãe bem escondidinhos (tanto é que os caras não acharam) e eu queria rasgar umas fotos recentes, dizer pra todo mundo... Mas nesse meio tempo, o José Keniger, (conhece o José Keniger?, o Zeca Keniger, o irmão da Suzana Lisboa), ele era ao mesmo tempo um cara Brancalone assim,

do POC e ao mesmo tempo um executivo lá da adubos Trevo... e a Suzana e o L. Eurico tinham ido pra São Paulo, para a ALN e se assustaram, quiseram voltar e vieram me pedir ajuda... como bem nos tempos de Brancaneones. Quando eles foram para lá, eles já foram com a ajuda da VPR na saída. Nós levamos até Caxias...(porque o Frei Betto quando foi preso aí, entregou o Gutierrez e o Ico, de sair no jornal assim e tudo), e aí a gente ajudou, levou-os até Caxias de carro, fizemos documentos falsos pra eles tudo, na VPR, a Suzana e o Ico. Eles pegaram o ônibus a partir de Caxias e se foram. Nesse meio tempo deu o rolo lá em São Paulo e o Zeca, irmão da Suzana, me pedindo ajuda. Então eu marquei um ponto com ele na Igreja Santa Terezinha. Aí eu brinco hoje em dia que aquilo já foi um erro técnico, porque o Zeca é judeu, ele já era fichado no DOPS e eu não. Eu tinha que ter marcado numa sinagoga não é, porque se a “tartaruga está na árvore, quem é que botou não é?” (risos). Eu não era marcado, se eu estivesse na sinagoga e me vissem ninguém ia... mas o Zeca, ajoelhado do meu lado na Santa Terezinha... se o polícia vê: “ih, aí tem coisa”, eu brinco. Mas não deu, falei “ah eu acho que não vai dar, já prenderam uma companheira”. E “eu acho que não vou poder ajudar vocês...”. E eu saí dali...

ARAMIS NASSIF: Tu tinhas que dizer que tu que estavas precisando de ajuda?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, mais ou menos...eu estava ali. Bom, a minha idéia era a seguinte. Eu sabia que ia ter mais sequestros. Eu boto o nome dela na primeira lista (tanto é que pouco tempo depois teve o do alemão [embaixador]). Mas nesse meio tempo ela estaria sendo torturada. O que eu vou fazer! Minha cabeça estava um pavor... quem era, a gente supunha a mais frágil de todo mundo ainda, né. Como é que nós vamos fazer isso... O nome dela numa lista para o próximo sequestro eu botaria, mas até lá não é, até lá estavam demolindo a menina. E eu disse pro Zeca, “nada, olha, eu nem sei o que que vai acontecer...”. Aí dali, como era Santa Terezinha, eu fui para o apartamento da minha mãe.

Claro que todo mundo diz, assim, na internet, “pô, que amor filial não é”. Eu fui lá para fazer coisas que eu tinha que fazer. Tirar fotos, deixar dito duas ou três coisas, pegar coisas que eu tinha lá que eram

importantes para entrar na clandestinidade... Claro que eu ia dar tchau para minha mãe, mas...cheguei lá, o zelador estava embaixo assim, o zelador meu conhecido...volta e meia emprestava carro pra ele assim, o Rafael... aí num domingo o cara ali... dia 12, o domingo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: 12 de abril?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: De abril, de 70. Aquele elevador do edifício... ah, eu tinha uma combinação com a Lígia, que se desse qualquer...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Lígia era a irmã dele.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É. Qualquer... me procurassem... tinha um poste lá adiante que ela saía, como quem não quer nada, olhava para um lado e para o outro, e pegava um batom assim e botava uma marquinha ali. E eu passei ali e não tinha marca de batom. Eu vim com o segundo carro da tentativa de sequestro, aquele que tava em nome do Pimentel, porque depois que a Eliana caiu, eu escondi uma caminhonete que a gente tinha, a GM-Veraneio, porque ela conhecia tudo...era a regra. E eu peguei esse carro, com o nome falso do Pimentel, que era Fuca begizinho assim, cor de café com leite. Mas não parei na frente, passei pela frente olhei, tal e coisa... parei...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso é na Ramiro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É. Mas eu parei numa praçinha que tem lá adiante. E vim olhando, aí cheguei, estava o zelador ali (eu estava armado, claro), mas eu botei terno e gravata. Disfarce que ninguém usava. Todo mundo andava com aqueles kichutes. Esse Cabral que eu disse para vocês que depois me interrogou, galhofava que prendendo todos que usavam o tal kichute na rua iriam pegar muitos militantes da esquerda. Aí o zelador estava ali embaixo. E aquele edifício tinha dois elevadores, um para os andares pares e outro para os ímpares.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Onde era o Edifício, desculpa?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Bem na frente da Faculdade de Odontologia. Aí o primeiro que tava ali era dos andares pares. Se eu

tivesse pego o dos ímpares provavelmente eu não teria caído naquela oportunidade. Por que? Porque eles tinham prendido a Lígia e seu noivo C. Guilherme Rheingantz; a Marieta; e o Glênio. E eu pensei, depois na hora da prisão, que a minha mãe também houvesse sido presa. Só que a minha avó estava de aniversário e ela foi a Camaquã. Então eu peguei o dos andares pares e apertei no 12, e era no 11 que eu tinha que ir. Era no 11, se aperto na emergência, ele abre a porta na passagem. E o dos andares ímpares a Ligia já tinha marcado com batom. Então eu digo, as coisas fortuitas, assim não é... Porque a vida teria mudado... uma coisa daquele zelador...

ARAMIS NASSIF: O cara sabia?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim. Porque eles vieram com fotografia minha pela rua toda. Foto exibida a vários zeladores de edifícios da quadra... Depois uns amigos meus foram lá dar uma carraspana nele., Eu estava preso. Não se faz isso com o cara, imagina a pressão de um pobre cara daqueles. Um espanhol, Rafael...Bom, mas aí...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele ficou pressionado que não te contassem, como é que eles, os policiais, teriam garantia dele, de que ele não ia te avisar?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah...isso eu não sei....É eles vieram pela rua...

Aí eu, não sei, aquela intuição, aquela coisa... A porta tá aqui não é, em vez de eu ficar assim que é o normal, eu desabotoei o casaco aqui e me distanciei um pouco aqui assim. A aba do meu casaco estava... Mas eu não precisava esconder arma da minha mãe. Eu era praticante de tiro, costumava chegar com várias armas diferentes em casa, para ir fazer tiro ao alvo. Aí tinha um cara bem na frente, tava desarmado, um policial do DOPS, e eu levei, e puxei o “cão” e aquele *cachorro* (cão da Colt) não veio o suficiente (tu conhece?) eu apontei e, os olhos do cara, rapaz, era um negócio desse tamanho assim...Não aconteceu nada. E claro, aí ele saltou em cima de mim aí o segundo veio com a metralhadora já, mas não podia atirar no cara, daí começou a fazer a volta... aí eu levei o braço por baixo dele procurando

o da *matraca*, e novamente aquela *néga*. Aí caíram vários em cima de mim, contra o chão. e daí já começou a me doer o braço... aí eu brinco hoje que eu guardei minhas reservas de dor para as próximas horas”. (risos). Aí um cara foi pegar a arma eu disse: “Não, isso é uma 45, você não sabe como funciona” eu disse para o policial. Um baixinho puxa-saco, depois ele estava no DOPS. Aí me levaram para dentro de casa... Perguntei por minha família e alguém disse: “Lá no DOPS você vai ver!” Ah, eu pensei: esse é o meu ponto fraco... o cara falou grosso e eu não vou perguntar mais, não adianta perguntar...Aí um baixinho puxa-saco foi lá na mesa de cabeceira, uma lâmpada de cabeceira assim, e já desmontou lá “vamos dar choque nele aqui mesmo”. Eu digo “báh, que mistério”. Aí o Malhães: “que, tu quer matar o cara?” O Malhães: “ Não, vamos levar ele para a maricota”. Eu digo, “báh, o que será?” Foi a primeira vez que eu ouvi a palavra maricota. Eu sabia de muita tortura, mas nunca ninguém tinha falado nessa expressão. Já sabe não é? Um gerador de telefone do Exército, de telefone de campanha, quanto mais manivela, mais aumenta... diziam que dá até 500 Volts aquela tralha, com uma amperagem baixinha... “Báh, e agora?” Mas eu pô, nem eu sabia... Mas enfim, essa hipótese eu já tinha pensado muitas vezes na vida...mas assim, aquele apartamento, eu achei que minha mãe ia estar ali...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E como é que eles tinham tanta certeza que tu chegarias?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu não sei se eles tinham certeza, porque eles estavam olhando, revistando tudo, mexendo em tudo. Não sei até se eles estavam preocupados comigo ou seu eu estava... Mexeram em tudo quanto é coisa na casa...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eles tinham acabado de descobrir a tua casa...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, porque eles foram ali...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Provavelmente eles estavam lá mais pra tentar te prender se tu estivesse na casa e já estavam limpando a casa.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É... sim, eles vão no zelador: “é aqui, é aqui”. E aí o que o cara faz? Pô, a quantidade de indícios, de fontes de informações, parentes, tudo...chegaram ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Para a minha intenção Félix, o fato de estarem dois caras da importância. Provavelmente eles estavam fazendo a diligência de achar a tua casa.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Os dois que estavam, os dois importantes eram o Pedro Seelig e o Paulo Malhões, com mais quatro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mais uma coincidência azarada, que provavelmente se tu não tivesses chegado naquela hora, eles deixariam alguém cuidando, mas não estariam eles...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Então cuida só. Mas aí, está, me levaram. Aí deixaram um cara lá. O “tio Enio”. Esse tio Enio (eu tenho o nome dele também completo, velhinho já assim...) ele até trabalhou nas drogarias lá que eu acho que eram dos pais do Raul, da família Ellwanger. Porque um cunhado meu, casado com a Maria da Graça, trabalhou e ambos se conheciam. Só que ele estava no DOPS já nessa época. Aí eles me levam, tiraram um capuz, me meteram em cima da cabeça assim, me levaram lá por baixo... deixaram esse cara lá no apartamento. Eu na hora nem soube que eles tinham deixado. E deixaram um rádio militar, desses maiores assim. E eles estavam com o meu pessoal lá no DOPS. Lá pelas tantas, acho que por me levarem, lá pelas tantas soltaram. Me pegaram cedo, mas soltaram-nos depois do almoço, porque eles até ofereceram comida (meu cunhado aceitou e comeu lá, mas a Ligia, o Glenio, ninguém queria saber de comer). E voltaram.

Eles deixaram o tio Enio lá, esse, com o radio. E o Pimentel, veja só, ele andou pela região ali e viu aquele carro lá e disse, (depois ele contou): “pô, companheiro caindo e o Félix vai almoçar em casa no domingo, com a família...”. (Irresponsabilidade, é isso o que eu disse, a militância precisava ter um treinamento muito mais duro. Eu estava aflito, quando eu propus a reunião lá em São Paulo...todo aquele negócio de liderança que estava aparentemente faltando... quando eu levar para uma área de treinamento eu me garanto. Porque eu tinha

não é, experiência de ginástica, lutas marciais, de escola militar, de tiro, ia botar aquele negócio como tinha que ser, tinha muitos manuais militares também. Mas nem deu tempo!). Aí ele vai olha aquilo, e resolve ir lá. Aí ele bate na campainha, estava o tio Enio. Quando tio Enio abre a porta já apontando o revolver para ele. E aí prende o Pimentel e leva para sala ali. Aí ele vai usar o rádio militar e não consegue, não tinha experiência. E ele está tentando... (o Pimentel, não vamos esquecer que o Cônsul passou em cima do pé dele, então o pé estava roxo, mal) e o tio Enio meio que se atrapalhou um pouco no rádio e o Pimentel saltou nele. Entraram em luta e o cara atirou duas vezes...uma ricocheteou na parede e outra furou o refrigerador, parou dentro de um pudim. E a minha família depois quando volta: “tu ainda tem aquele pudim baleado?” (risos) Volta e meia eles brincavam depois com o Fernando nas visitas...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E quem domina quem?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: O cara dominou, o Fernando estava muito mal, não é? Além de não ser assim digamos... praticante. O Fernando era um menino, tinha por volta de 18 anos... que tu vai fazer militância...

Uma coisa que me chamava atenção quando entre os Brancaleones, e eles me olhavam estranho por isso: “Bom, vocês querem fazer guerra” (Então, todo mundo queria “fazer curso na ilha”, como eles diziam) “Pô meu, curso na ilha, o trabalho que vocês vão dar para o Fidel só para o preparo físico para vocês subirem e descerem à montanha, porque vocês não fazem nada! Que dirá ir para a ilha. Por que vocês não vão engajar nos paraquedistas, nos fuzileiros, coisas assim, que vocês vão ficar bons nesse trabalho. Por que curso na ilha? Além de tudo vão ganhando gente lá dentro... dessas unidades”. Eles todos olhavam para mim. A esquerda na época era avessa a fazer serviço militar. E depois era o contrário, querer tirar (o próprio Lamarca), tirar o cara que estava lá dentro para fora. “Báh, é lá dentro que eu te quero”.

Mas enfim, o Pimentel também não era digamos um cara experiente para aquelas coisas, mas era corajoso, era metido...mas todo machucado. Aí o cara atirou duas vezes, dominou o Fernando e aí depois o Fernando foi preso para lá. E por que aconteceu aquilo ali? Eles

procurarem ali? Por que a Eliana - E como é que eles acharam a Eliana? O Gustavo Buarque Schüller...quando deu o racha, a VPR vai fazer ações armadas e a VAR é movimento de massa. Mas movimento de massa precisa de dinheiro também, não dá para fazer rifa entre estudantes e colaborações. Mas ficaram sem arma. Aí o Gustavo me pede uma metralhadora, “mas vem cá, para que tu quer arma?” (Naquele tempo era tudo muito gozado também, de brincadeiras) “Vocês vão fazer para quem?”. Aí eles foram fazer aquele negócio lá, aquele assalto do Banco do Brasil em Viamão. Aí depois ele marcou pra me devolver. Lá em cima, a cidade era diferente, ia pra Petrópolis, dobrava à direita lá pela Protásio... era um vazio assim, um pouco descampado, uma quadra ali...ele marcou e trouxe. E eu fui com essa caminhonete Veraneio, que era da VPR, (que tinha área lá em Três Passos, a gente precisava de carro grande pra levar umas coisas lá no Alto Uruguai) mas só que eu não quis chegar nela ... eu cheguei a pé com ele, mas a Eliana parou longe com a caminhonete, para me pegar depois, porque uma metralhadora entrar em ônibus... (no fim poderia até ter entrado, porque ela estava bem enroladinha, bem direitinha) Mas eu peguei, tá, tá... e vou saindo uma quadra adiante sei lá, mas nesse meio tempo a combinação era pegar no início...ela seguiu e foi me pegar uma quadra adiante. Mas quando ela passou, ele a conheceu. Porque ela tinha sido da VAR- Palmares, e ela era a companheira do Ellwanger, *Gaspar*.

Aí, sob muita tortura... e aí o Paulo de Tarso vai me falar (provavelmente vai contar pra vocês) eles foram presos em função de Viamão. Aquele negócio lá, foi um dominó, o chacareiro, isso e aquilo...tenente Dario...um montão de coisas. E do dominó chegaram no Gustavo. Torturaram muito. Eu sei que ele tinha a admiração dos agentes do DOPS então, porque aquela tortura à moda antiga, pau de arara, aquele monte de troço...eu cheguei lá ele estava bem deformado inclusive. E... porque eu fiquei dentro do DOPS uns tempos, por causa de uma tentativa de suicídio (então não queriam que eu morresse mais) então eu ficava ali. E lá pelas tantas a convivência, e aqueles agentes, muitos falavam as coisas, ideologicamente nem eram muito assim pra ser bem claro. Aí o Paulo de Tarso ouviu quando o Major Átila ligou. Não sei em que circunstância o Paulo de Tarso estava perto, ouviu ele ligando (ele era a interface com o Exército) : “Tem

que me mandar uns caras, esses caras daqui não sabem investigar”. (Em função do evento do Cônsul). E aí, eles mandam o Malhães e o Cabral. Aí que chegam o Malhães e o Cabral. E aí um dia o “Bixo”, o Gustavo, é levado assim meio apoiado até por uns agentes lá na sala do Átila quando os dois chegam. E ele conta que um deles, não sei qual lá fez a volta e disse “o rapaz está inteiro ainda, ainda dá para um interrogatório”. E ele estava todo deformado já, o Bixo. Aí começa...aí que chegou a maricota, eles não usavam antes.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: O Malhães que trouxe...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, o Malhães e o Cabral trouxeram. E os caras do DOPS disseram para ele, para o Bixo (que de alguma forma eles tinham um pouco de admiração, porque tu sabe como é polícia, eles admiram um pouco o preso que aguenta muito), eles disseram que ele gritasse bastante, “esses caras não gostam de grito, grita bastante!”. Isso ele me contou lá e tudo. Pelo que eu sei, eles tentaram...deram até coisa para ele dormir, comprimido para dormir e quando ele ia dormir davam choque. E ele teria... e aí a história está um pouco vaga, vou dizer como é que eu sabia. Ele teria dito então que a companheira do Gaspar (que era o nome de guerra do Raul Elwanger), tinha ficado na VPR, e ele tinha entregue a metralhadora pro *Felipe* (eu na VAR) e para companheira do Gaspar (que acho que nem nome de guerra assim ele sabia dizer), que foram numa caminhonete assim e assado. E aí... “mas quem é a companheira do Gaspar?”. Lá pelas tantas, o Gaspar estava meio aberto, *Gaspar* e Raul, tava meio aberto e souberam quem era. Pelo que contavam lá, e assim da informação, pegaram algumas namoradas do Raul. Primeiro foi pegar um cara dum restaurante, que outro dia eu estava comentando com o Raul, eu digo “parece que era do Bramhs”; “não, não podia ser, então era não sei o que...”, teria tido namoradas assim, “mas quem é namorada desse cara?”, cara famoso né, e lá pelas tantas eles chegaram na *Nana*. O que eu sei foi assim. Mas em resumo... quando eles me prendem, então eles começam a me chamar de *Felipe*. O nível de tortura do Gustavo...olha, tem cara do próprio exército treinado assim, Cabo Mariani, (que é o cara que entrega depois o ten. Amorim e um capitão lá do Rio até), treinado e tudo que não aguenta essa tortura, imagina ali o *Bixo* ali, o rapaz. E eles queriam assim,

como um fato dramático como esse do Cônsul. Então eu chego lá, eles me levam pra fossa, e para mim a minha família estava lá toda e mais a *Nana* que eu sabia. Então eu sabia que eu tinha que puxar o interrogatório para mim, e que eu não podia dizer coisas que fossem importantes, operacionais para o momento ali, aquele negócio de furar os pontos, por exemplo com o Pimentel, que eu fiz. E ao mesmo tempo também...a minha vantagem é que eu sabia o que eles queriam e eu sabia toda estrutura, eu sabia o que podia ser desimportante de tudo pra ali.

Antigamente, lá naqueles tempos, a literatura sobre interrogatórios e até o que se falava, tinha duas escolas: a *turca* e a *francesa*. A turca é aquela, resiste no braseiro e não fala absolutamente nada; e a francesa diz coisa desimportantes ou mente pra ganhar tempo. No lado de fora, todo mundo dizia que ia encarar uma “turca”. Eu digo, no meu caso ali eu pensei “mas será que um turco pensa assim se a mãe do turco e os irmãos do turco estão na grelha, é assim ou não?” Mas qual é a tática que eu ia escolher? Bom... Eles começaram por mim, eles escolheram por mim... Tiraram a parte de cima da minha roupa, um banquinho assim, um mochinho, algemado nas costas uma distância mais ou menos como essa tua, tinha uma mesa, a maricota, e estavam o Malhães e o Cabral. Aí...o Malhães estava com a maricota...

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: E você estava sem capuz?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sem capuz. Eu cheguei lá encapuzado, mas nem era capuz, era com fronha lá de casa mesmo, que me botaram na saída.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E quando tu chegaste eles liberaram tua família? Ou mantiveram?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não me disseram nada e nem perguntei...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu não chegou a vê-los?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não vi não. Não saiu ninguém, não vi nada. Eles disseram que ouviram um agito muito grande do lugar que eles estavam, depois me disseram. Ou eu ou alguém... que entraram. Eles fizeram ameaças lá, tudo...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu foi direto para a fossa?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu fui direto pra fossa. Eu passei vários dias sem saber o que era feito da minha família. Um agente que um dia abriu para mim, para que eu não me preocupasse. Aí veio o Malhães com os fios na mão aqui assim... ahh... e o Malhães acendeu um cigarro, aí eu me lembrei desses filmes assim, eu fiquei olhando para o cigarro dele assim, como se eu tivesse vontade. Aí ele perguntou: “Quer? Quer um cigarro, quer fumar?” (Eu não fumo, mas naqueles filmes de interrogatório os caras não dão...tudo que fosse pra ganhar tempo...) olhei pra ele: “Não, não”. Aí ele veio com os fios na mão, e enquanto ele veio para cá o Cabral tocou, deu choque nele. Aí eu me lembrei dum Coronel francês que na Argélia ele se tortura assim mesmo pra justificar o interrogatório de 3º grau dos argelinos. Agora eu me esqueci o nome do Coronel. Aquele cara que fez a repressão na Argélia dura...não me lembro. Mas enfim, me lembrei daquilo. Aí, o Cabral dizendo pra mim do efeito da eletrólise, que eu era um cara inteligente, que ele ia me fazer ficar uma passa de uva, que eu ia perder toda água... aí ele começou a dar choque. E eu não dizendo nada... aí lá pelas tantas o Cabral, diz ele:... (o Fischer, o Luis Augusto Fischer, meu guru literário aí pra gente escrever, ele acha graça hoje do que eu digo, eu digo assim: che, não fosse tão dramático teria até farplay, porque o Cabral cantava a Marselhesa) além disso ele falou assim: “Felipe, vocês tudo são ateus, vocês não acreditam em Deus não é...mas pelo amor de Mao, diz alguma coisa pra nós!”. (risos). Aí eu fico pensando, porque que esse raio desse cara escolheu o Mao? Podia ser o Marx, o Lamarca, o Guevara, o Fidel Castro...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele era Sargento esse cara?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Esse cara tinha uma pose...Eu sempre achei: “Esse cara deve ser Polícia Federal”. Pega o Malhães milico, devem ter colado um Federal daqueles bem no capricho do lado dele, mas agora pelo nome e por tudo... e ele foi fazer Escola das Américas depois disso, portanto ele não veio treinado de lá. Pelos dados que eu tenho dele, acho que se trata de C. P. Cabral.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Algum treinamento ele deve ter...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah claro, claro, ele era do PIC, do Pelotão de Investigação Criminal da PE/RJ. Todas as PE tem. Ele era da do Rio e passou pro DOI-CODI. A propósito eu já vi livro escrevendo CIEX, como Centro de Informação Exterior e não é, era Centro de Informação do Exército, naquele tempo. Se mudou não sei.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só pra localizar bem o Cabral, esse Cabral era Sargento do Exército?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu só descobri agora, olha, não faz muito tempo, faz um ano sei lá, um negócio que eu vi nisso e que eu pego como sendo ele... por tudo que eu vi... eu e o Pimentel até, um dia furungando...Tu vê, pouco depois pegam o Pimentel, e o Cabral, vozeirão assim, (o Pimentel... acho que é Chico, ou eles diziam Pimentel, pra mim chamavam de Chico) [Com voz grave]: “Eu admiro muito vocês. Vocês são patriotas, vocês são isso, aquilo assim”. Aí tocava a maricota [Voz efusiva]: “Mas eu quero os pontos e os aparelhos!” (risos). Mas a francesa tava escolhida por eles. E eu to pensando ali, eu tenho que... eu tenho que... e eles queriam pontos... não tem ponto nenhum... ponto eles sabem que eu tinha aquilo... a diferença desses caras é que eles vinham com jargão, eles já sabiam como é que funcionava a esquerda, interrogavam a esquerda lá em cima, coisa que os policias do DOPS não sabiam: Penduram o cara no palanque e ficam batendo para o cara dizer alguma coisa qualquer que ele nem sabe se tem importância ou não. Eles usavam toda...ou seja, já tinha diálogo ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eles sabiam o que era VPR, VAR-Palmares, POC?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim, sim, eles sabiam tudo. Sabiam rachas, sabiam tudo. Então eles tinham diálogo, e aí dava para eu andar nas bordas da coisa. “Como é que o negócio do Cônsul?”; “ah, vieram uns caras aí e fizeram...”. Mas passou um tempo lá...(e eu digo, não, eu sei o que é o principal, tem coisas que eles vão achar, se me pegarem de mentiroso...) “Não, o Cônsul fui eu...aquela 45...”

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas isso depois de alguns dias?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, no primeiro dia. Eles vão descobrir mesmo, porque vão fazer o teste de balística (Eraldo Rabello, Dois Volumes Balística Forense, eu li aquilo (risos). Aí... Essa é gozada, passou uma semana depois...a francesa continuou a discussão, conversas e coisas...continuou assim nesse nível. Eu só fui torturado por esses dois no primeiro dia e nunca mais fui torturado por nenhuma informação. Eu só fui apanhar bastante do Átila lá na ilha porque ele queria dólares... que eu não ia sair vivo. Mas só nesse primeiro dia ali, do choque. A partir dali ficou à francesa a coisa. Então, para dar um exemplo, passou uma semana mais ou menos, o Malhões chegou para mim (aí eu já era Frank): “Frank, por que você deu bem ligeiro aquela do tiro no Cônsul? Aquela 45, por que nos destes tão ligeiro?”; eu disse para ele “prova de balística, não é”; diz ele assim “eu tinha certeza que era isso, pois você sabe que deu negativo? Porque ela perfurou e parou no painel e eu tive que mandar fazer de novo?” (risos). Gozou da minha cara ainda! (Para dar um exemplo).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas aí, se tu admitisses que estavas ali, que tu deste, como é que tu fizeste pra não dizer quem eram os outros?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Deu um racha, me deram um bando de caras... E lá pelas tantas.. “o que é aqui?”; eu digo “não, eu sou o coordenador dessa confusão que ficou aqui, eu não sei nada... tudo com os caras, só porque eu sabia atirar que fizeram...”. Aí depois levei na caminhonete... Eu tinha (eu não esvaziei o apartamento...tirar muito ligeiro alguma coisa...), e eu tinha anotado um ponto...tudo que era com muita antecedência, com muito tempo, as vezes eu anotava. Mas eu botava duas horas de diferença sempre. Então tinha um ponto às 18h e eu anotei como às 20h. E aí, eu sabia que eu sempre tinha que tirar duas horas antes. No City Hotel, no bar do City Hotel. E eu usei aquilo muito bem para me preservar. Eu disse, era com um cara, um capitão médico de unidade de São Leopoldo, que a Maria do Carmo, o Benjamim Liszt e um outro cara que era até amigo dele, agora me faltou o nome...Angelo Borghese era esse capitão médico...

(de certo não vai querer nada com vocês, falar aqui...) e ele teria um plano de assalto à uma unidade...e no caso, como não era de onde eu estive preso, do 19º, só poderia ser do 6º BO, o 6º aquele Batalhão de Obuses que tem lá em São Leopoldo, só podia ser. Mas enfim, era um negócio maluco (agora aquele bando, assaltar quartel... tu imagina?), mas enfim, eu tinha ponto com esse cara. E era às 18h e eu tinha anotado como às 20h. E eles pegaram, “ah um ponto que eu tenho, no City Hotel, no bar do City Hotel assim”... tu vê, aí vem o Malhões e o Cabral, “e qual é o sinal de tudo bem?”. Porque claro, tu podia ir para o ponto, mas já...e eu digo, “é a minha gravata aqui por cima da do ombro e coisa...”. Olha só, ninguém bateu na minha carinha, fiquei de cara boa, me botaram minha roupa de novo e eu fui com a polícia lá no City Hotel. O Omar foi um dos que foi, Omar Fernandes (nome que já deve ter aparecido por aqui), e aquilo lá estava cheio de polícia. Cuida que eu passei o dia sem comer e beber (ah, durante o choque, eles me ofereciam leite, e o babaca aqui pensou ‘báh, não vou, vai que tem alguma coisa nisso’, depois eu pensando ‘sou uma besta, porque se fosse para dar alguma coisa eles tocavam boca abaixo e não precisava...’, devia ter tomado o leite, que a gente desidrata um pouco durante o interrogatório...), aí fui lá. Aí o garçom chegou:

- Senhor?

- Um uísque.

- Simples ou duplo?

- Duplo.

- Nacional ou importado?

- Importado (risos).

Fiquei tomando. Daqui a pouco a gravata caiu e o Omar “grrrrrr”; ”ah tá..” (eu botei a gravata no lugar...Daqui a pouco veio o garçom outra vez, pedi outro (risos). Fiquei ali, alonguei o tempo, não apareceu ninguém; me levaram de volta.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas aí quando frustrava a diligência, não te davam mais porrada?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Quando frustrava durante o dia, quando frustrava alguma coisa que vier rola...choque. Um pouco. Mas ninguém da polícia, ninguém me tocou fora o choque do Malhões e do Cabral. Ninguém, nem o Pedro Seelig

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E os choques eram só o Malhães e o Cabral?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Comigo sim. Devem ter ensinado a usar a maquininha pra lá...Mas só o Malhães e o Cabral. Eu voltei acho que eles não estavam mais lá, porque eles me botaram numa cela fechada que tem lá. Tinha uma cela, entra no corredor rumo à fossa, a fossa ficava à esquerda bem na frente, então a cela à direita, que era uma cela assim com alguns beliches, e dela abria a porta pra uma outra que era totalmente fechadinha. Tinha uns buraquinhos assim pra rua, mas o cara não enxergava a rua...era só pra fazer ventilação, e tinha um banheiro ali. Bom aquela farsa não ia durar muito. Minha mãe, minhas irmãs, meu irmão...eu sabia que aquilo tinha que ter um fim e estava na hora da turca não é? Aí não tinha jeito mais. Mas como é que eu ia fazer aquilo? (Lembre-se que eu tinha tomado o uísque da coragem também). Aí saiu a notícia que eu usei uma barbatana de camisa (a cicatriz é essa aqui). Efetivamente eu tirei a barbatana da camisa, mas ela não fez nada. E tinha um banheiro ali, com esses registros redondos assim, e tem uma propagandinha de alumínio da Deca, redonda. E eu vi o parafusinho, “a coisa vai estar enferrujada”, e não estava, e aí eu quebrei aqui assim e cortei aqui assim, me estiquei um pouco numa cama que eles deixaram. Aí eu resolvi que eu tinha que escrever alguma coisa na parede assim não é. Molhei em tinta vermelha, me levantei para escrever, uma passagem que eu tinha estudado da Literatura Francesa, Alfred de Vigny, *La Mort du Loup*. Esses tempos encontrei o cel. Berthier que foi meu professor e contei para ele. A Iracema estava junto. Bá! Ele lacrimejou.

E... não esqueço que eu estava na Escola Militar, meu pai tinha morrido, ficou a mãe. Então tem uma passagem que o lobo está com a loba e os lobinhos assim não é, e vem os caçadores com os cachorros. Então ele põe a loba com os lobinhos bem debaixo duma árvore, bem quietinho assim; então ele vai, se apresenta e mata um cachorro e vai...e esse verso, esse poema, seria escrito pelo caçador num breve momento olhando os olhos do lobo como se o lobo estivesse falando. E tu vê, passados tantos anos eu guardei: “... *seul le silence est grand; tout le reste est faiblesse...*”. E aí eu fui, se eu errei, não sei o que que aconteceu, porque quando eu acordei eu não estava no inferno, mas

o diabo estava, o Jaime Mariath, me olhando, já ia para o Pronto Socorro...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele era o Secretário de Segurança?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Secretário de Segurança, que os caras do DOPS lá chamavam de reizinho. De fato tinha uma revista com um reizinho, que era meio gordinho, era parecidíssimo...

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Desculpa, a tua tentativa de suicídio foi uma tentativa mesmo? Não uma tentativa de criar um...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Olha, no meu inconsciente não sei, porque eu não morri. Mas eu não sobrevivi por vontade própria. Aquele sangue saía e eu não fiz nada para interromper ou clamar por socorro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foi um ato de desespero?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, eu não podia... vamos voltar um pouco. Mas enfim, estava com uma... eu não sabia... ou eu entrego (no dia seguinte eu sei que eu não ia conseguir levar minha farsa adiante), ou eu entrego ou morro. Ou vão pra minha família... Aí seria “tchau”. Era muita gente, não tinha... Eu escrevo que não foi uma “queima de arquivo”, era para ser uma “hemorragia de arquivo” o que eu tentei.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eles te acharam em seguida?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Aí eu não sei, porque... aí estava lá pelas tantas... porque eu não sei nem que horas era isso, porque aquilo era fechado...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim, mas eles não te contaram depois como é que foi?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eles contaram que um agente depois, viu sangue embaixo da porta e que disse.(porque teve um

cara lá que tinha se suicidado, o chacareiro do Dario, Alvimar, e que o cara teria dito “mais um”, uma coisa assim...um troço assim, bom, foi o que eles comentaram assim). Aí, continuando, eu estava num catre, era até bem no começo da entrada do DOPS, era até a sala de visita, um catre baixinho assim, eu estava deitado ali... Depois, lá pelas tantas, estavam chegando o Pimentel com o Malhães...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Félix, deixa eu só te fazer essa pergunta que eu estava precisando fazer. Tu disseste agora que tu foste preso de manhã e o Pimentel de tarde. Mas até então tu não sabias que o Pimentel tinha sido preso?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não sabia. No outro dia, eu estava na porta de entrada do DOPS, onde visita entra, todo mundo entra na entrada principal... E vem o Malhães de um lado e acho que um agente (não me lembro muito bem), e eu estava ali todo melado era sangue para tudo que era lado... e o Pimentel jogou o Malhães para um lado e o outro para o outro, “o que fizeram com o meu companheiro?!”, eu tenho esse tributo até hoje. Isso não era para qualquer um, jogar o Malhães longe...” Foi ali... e o maior ato de respeito do próprio Malhães: “Frank, diz para ele que não fomos nós”. E deu dois ou três passos para trás, deixou o Pimentel chegar bem perto de mim assim, e eu disse, “é, não dá mais né, melhor a gente dizer tudo, mas para não complicar, eu só que digo”. Eu até hoje com o Pimentel lembro da piscadinha que ele me deu... Pô, não era para qualquer um fazer o que fez aquele piá ali!

Daí em diante eles me botaram um “*personal guardian*” (como eu hoje brinco). ...Jaime Mariath, Secretário, não queria aquilo de mortes mais

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não te levaram para o Pronto Socorro?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não me levaram. Embora tenha tido notícia que me levaram, não me levaram. O Pronto Socorro que foi lá. Não me levaram. Aí, eu fiquei ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quem era do HPS que foi lá?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah, nem sei. Não dá pra saber. Da mesma forma que eu não sei o nome desse cara que eu vou te dizer agora que eu tinha a maior vontade de saber. Eles me botaram sempre um cara ali perto. E no começo era uma cara da Brigada, um Sargento. Eles me deram soro, então eu acho não é, precisando dar uma mijadinha assim, por causa de muito soro... mas aí já tinha passado tudo, só estava eu e o brigadiano ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E esse brigadiano ficou sempre contigo?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sempre comigo, naquele dia. Sempre tinha alguém comigo. Mariath não queria que o negócio...e depois daquilo do Pimentel e o Malhões, “o que que é o que é...”. “Não tem outro caminho”, eu disse assim qualquer coisa para ele. Eu acho que pintou um respeito ali. Mas enfim, eu estou ali, e me deu vontade de fazer um “xixizinho” assim, mas para levantar estava difícil, o brigadiano meio que me ajudou, mas eu não ia no banheiro, ele pegou uma lata de lixo e trouxe pra mim. E aí, eu estou em pé, eu comecei a urinar, e desmaiei. Aí quando eu acordo meio caído, ele está todo molhado. Ele disse que eu atirei o mijo nele...” báh, os caras te torturam agora vou ser eu!..”. Eu nessas horas... aí ele pegou e me deu um abraço, “tu acha que eu vou fazer como esses covardes?”. Ficou abraçado comigo assim. Queria ter o nome dele, infelizmente naquelas circunstâncias... Então, muitas coisas assim aconteceram. A minha síntese assim, filosófica digamos assim, (está no livro), foi que o maniqueísmo foi aguçado muito naquele tempo, então o que estava do nosso lado sempre era bom e do outro nunca... Mas já começava pela faculdade, as meninas que não nos namoram são umas burguesinhas, que estão do outro lado. E pode ver, a música popular, tudo. Entre partidos políticos: era uma coisa ou outra. Tempos depois, eu cumprindo pena na PEJ e o Dr. Eloar, impressionado pela consideração com que me tratavam: “parece incrível né, numa ditadura, o melhor lugar pra um preso político é o presídio comum”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nessa época tu já tinha procurado o escritório?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, nesse comecinho não. O escritório de vocês não foi o primeiro que foi procurado. A mãe procurou o Lia Pires, assim. Até as meninas do Lia Pires, a mãe costurava para fora... e eu me dava com elas, até porque eu tive uma namorada que era amiga delas. E ele não quis, que ele não advogava na Justiça Militar e tal... Depois ele vai defender a Eliana. E quando ele vai defender a Eliana, a minha mãe na Auditoria: “pô, o que que foi Dr.? O dinheiro falou mais alto?” Ele: não d. Almehy é... amizade lá...

E a Eliana conseguiu ficar como não militante. Eu me lembro do Dr. Lia Pires na Auditoria aproveitando o meu depoimento e dizendo “se ele passou pelas duras penas dessa lei draconiana, de Segurança Nacional”, “as duras penas”, ele enfatizou, dizendo que ela não era militante. E quando começaram...tem ela, o Evaristo, eu consegui por intermédio disso...em último caso, eu cheguei para o Malhães. “vem cá, vamos ser bem claros: se eu era o comandante, quem diz quem é militante ou quem não é sou não é? Então é isso, ela não era”. Então tem umas coisas assim, é militante ou não é? Alguma coisa assim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que sustentava aquela história dela da “inocente útil”...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim sim, não é militante. Não sabe nem o que está fazendo, aquele negócio todo. O Evaristo ele disse, ah é um simpatizante, foi do POC. E também, eles ficam praticamente sem pena lá. Tentando assim...

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Em que ano foram julgados?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: 71. Mais ou menos em abril de 71. (Eu tenho impressão que o tempo está estreito).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas agora sim, deixa eu só te perguntar uma coisa que é importante...

ARAMIS NASSIF: Desculpa que eu levantei, que eu tenho que seguir o exemplo do meu chefe maior, que é o Barbosa, que ele tinha problema na coluna então ele fazia os julgamentos atrás da cadeira...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah, nós temos uma coisa em comum ele e eu, que é a coluna. E a outra coisa em comum é um

processo com ele lá, que eu fui no Chefe de Gabinete dele, o Marco Aurélio Lúcio, eu digo “pô, não estraga o meu verso”; “mas por que?”; eu digo, eu to escrevendo um livro, e essa parte da anistia minha, da indenização sobre a anistia está enrolada. O Governador foi Ministro, tudo passou por cima (embora tenha sido meu advogado até no processo), todo mundo passou por cima. E eu tenho um capítulo assim, “Enfim Joaquim”, porque todo mundo já estava quase indo embora, cheio de advogado e não é com nenhum *Data Venia* que eu vou ganhar essa. Fui no Marco Aurélio Lúcio, “Enfim Joaquim” eu disse, “se ele for embora, cuida só: ‘Enfim Lewandovski’, não dá rima né” (risos). Mas não ganhei, está pendurado lá o meu processo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Félix, eu te pergunto assim. Tu falaste no Malhães e no Cabral. Que afinal de contas é muito bom esclarecer isso, não é o Delegado Cabral que vai aparecer...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, não é.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas esse vai aparecer noutros processos, noutras situações. Então isso esclarece muito, porque na audiência lá, falava em um Cabral, e parece que é um carioca. Então tu terminou esclarecendo bem. O Malhães e o Cabral que vieram do Rio, a pedido do Major Átila.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Segundo o Paulo de Tarso, do Átila.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Do Átila, que estava de “saco cheio” de amadores.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Mais ou menos isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Em quem mais? (Tu falaste há pouco um outro nome) Quem mais tu te lembras? Que trabalharam lá? Que torturaram os outros? Que te torturaram? Ou que não torturaram?

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Depois que tu fostes julgado, não foste mais torturado?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Teve o episódio na ilha...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim sim, eu fui torturado somente antes de julgado. Só no primeiro dia que eu levei choque...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Do Malhães e do Cabral, mas quem eram os outros que tu vai te lembrar, tu falaste um nome há pouco...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim, tinha o Omar Fernandes, todo mundo conhece. Outros andavam por lá. Mas eu não sei, parece que eles tinham ordem de não se meter comigo. Tinham umas balas de metralhadora muito novas que eu tinha conseguido. “O Exército vai querer isso”, o Pedro Seelig uma vez disse, mas ele mesmo não me fez nada pra dar o exemplo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mais algum nome dali?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Eu posso te dar um monte de nome depois...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E esse episódio da ilha? Isso era outra coisa que eu ia te perguntar.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Quando houve o sequestro do Embaixador alemão, que eu sabia que iria ocorrer e depois eu até achei que não ia mais...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E nessa altura tu estás no Quartel em São Leopoldo?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não, eu vou muito tempo depois pro Quartel. Eu estava no DOPS. Os outros presos tiveram no Presídio Central, e eu sempre no DOPS, próximo a meu “personal guardian”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo no DOPS?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Bom, o Embaixador alemão foi em junho. Depois eu voltei da ilha pro DOPS (teria que recordar um pouco). Mas para não perder o fio da história, a VPR, eu tinha

dito para vocês, pretendia fazer uma série de sequestros para tirar presos. Então seria o Embaixador alemão, por exemplo, quando deu o negócio com a Eliana eu ia lá e dizia “no próximo bota...” (eu não sabia que era o alemão, eu sabia que ia ter um), “bota a Eliana”. Eu sabia que viria depois. Aí aconteceu o Embaixador alemão, o sequestro. O Juarez de Brito que era o Comandante do Rio de Janeiro, da Unidade de Combate lá do Rio de Janeiro, ele morreu lá... no tiroteio lá, e ele se matou, inclusive. (Não vamos alongar pra não esticar muito) Aí pô, parece que não vai acontecer. E acharam até o plano, além de carta do Lamarca pra mim. Só que aí deu o seguinte, a polícia achou o plano (que se todo mundo sabia), “não vai acontecer” e o pessoal fez, mesmo assim, justo porque ele se tornou improvável fizeram. E pediram, sai a Maria do Carmo, por exemplo, e todo mundo achou que eu ia sair. Bom, eu estava no DOPS, o DOPS parado, todo mundo na ilha e eu no DOPS, por causa do negócio da tentativa de suicídio. Aí eles estão ouvindo o rádio, não era para eu saber notícias, jornal nada, mas eles deixavam ali, por relaxamento... Aí deu a notícia do Embaixador. Aí daqui a pouco, de noite isso, tipo oito horas, uma coisa assim da noite, chega o Pedro Seelig lá no DOPS: “O que tu acha que vai te acontecer?” ele pra mim assim, e eu digo “eu? Eu acho que vou ver a final no México”. (Te lembra que era a Copa?). “Eu acho que vou ver a final no México”, eu disse pra ele assim. Aí daqui a pouco, toca o telefone, ele atende assim: “É, ele disse que vai ver a final no México” meio debochado. No outro dia eles me mandam para a ilha... ahh lá no DOPS nessa época eles pegavam tudo que era coisa que eles não sabiam levavam no DOPS. Tinha um libanês lá, que diziam que era um negócio de pedras preciosas mas outros diziam que ele na verdade não havia dito e tinha que matar alguém. Mas tinha de tudo, acontecia... eu vou contar tudo para vocês o tempo vai longe, o cara que se fazia de médico em um lugar ia para lá... tudo o que eles não sabiam levavam para lá até ficar. Aí estou eu e esse cara, e um policial deles preso (um policial deles preso, que dava carteira falsa, não sei o que). Aí nos levam no outro dia para ilha. Aí eu estou lá na ilha, não tinha nem cama para todo mundo, então me botaram na cela do Bonna, do Fischer, do Miguel KGB. Tinha dois beliches assim, um negócio mais ou menos desse tamanho, dois beliches assim... e um catrezinho no chão bem baixinho. As portas ficavam abertas entre as

celas, fechavam a porta (igual galeria de presídio) e eu fui dormir ali. E não tinha roupa de pijama nem nada, fui debaixo das cobertas... cueca e camiseta ali... Aí no meio da noite eu senti um “tuum” na cabeça aqui assim, e daí aquele gosto, uma lanterna na cara. E aí era o Átila, com um guarda-costa, daqueles assim... me focando a lanterna, meio que dando um abraço nele ele por trás, de vez em quando eu vislumbrava o coldre de uma pistola aqui, meio que assim, e ele me chutando, me chutando. Aí ele pegou, me levou, seguiu um corredor até o fundo, num lugar em que tinha um banheiro lá no fundo e lá começou a me bater bastante. Eu até brinco que eu me lembrava do meu treinador de karatê, que ele dizia que o brasileiro quando vai levar um soco na barriga tem mania de fazer assim (encolher o ventre)... que tem que ser ao contrário, e ele mandava eu deitar no chão e ele caminhava e pulava em cima da minha barriga e eu fazia assim pra segurar aquele monte de soco na minha barriga. Aí lá pelas tantas... ele queria dólares, dólares... “tu não sai vivo daqui”, que ele achou que ia ser trocado pelo alemão e ele queria dólares, que eu não sairia dali, etc. Aí ele me botou numa cela lá do fundo sozinho...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele imaginava que tu tinha dólares?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: É, ele me botou na cela lá do fundo sozinho e depois saiu, e eu semi-nu naquele frio de junho da ilha...e que ia me matar. Aí um pouco depois que ele vai embora, o Fernando Pimentel numa cela lá adiante pega um pedaço de papel e diz: “Nós declaramos que dia tal, as tantas hora tal, o Félix está vivo aqui assim ta ta ta ta ta...”. E foi passando de cela em cela, ele assinou, todos da cela dele... iam passando de cela em cela, aí, faz um jeitinho joga pro outro lado das outras celas. Mas eles queriam que eu assinasse também, mas aí tinham várias celas de distância até lá. Mas tinha um brigadiano que eles botaram a caminhar (porque aí eles fecharam todas as celas e aí botaram um brigadiano a caminhar), aí eles pediram pro brigadiano. O brigadiano levou pra mim, ele o brigadiano levou pra mim, eu assinei que eu estava vivo e olhou pra mim e assinou embaixo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Teu segundo brigadiano...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Meu segundo brigadiano (risos). Assinou embaixo. Aí no outro dia, ele me levou...querem me levar para o DOPS. Aí eu me lembro...mas aí lá no DOPS sabe como é... Aquele dia ele estava com um bafo de bebida, o Átila, eu acho que ele estava lá tomando uísque, sei lá alguma coisa... Eu brinco que ele tinha um guarda-costas, debocho um pouco, porque ele parecia até meio abraçado pelo cara...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E os outros presos viram?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Aí é que está. Depois eu vou dançar numa proposta de fuga...Quando eles tiveram...ele ali assim né, duas camas... Se um cara teve coragem um pouco, foi o KGB. Quando o major me levou lá para o fundo, o KGB se fez de bobo, foi lá como se fosse no banheiro ali... tomou-lhe umas corridas de lá e tentou... foi o único da minha cela que tentou fazer alguma coisa. Depois queriam fazer um plano de fuga, que a gente assaltaria a guarda não sei o que e o escambau...eu digo “po não pegaram ali, por trás, com arma com tudo!” Aí eu olhei para a cena no meu tempo da escola de Cadetes, três, quatro saem pra rua, um começa a apanhar, se os outros não vão, não entram na escola de volta. Não tinha isso, era tudo solidário, tudo Espartano.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Essa foi tua única passagem pela ilha?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Não. Aí eu fui pra lá, fiquei um pouco lá. Aí eu me lembro que um dia ele levou a mim, lá pro gabinete dele. Tinha um sofá assim, e a Eliana já estava ali e ele sentou ali. Aí ele veio a falar de novo: “Eu vou mandar vocês saírem fora da área de influência familiar que vocês tem aqui e aí vocês vão ver”. E eu fiquei com medo que a Eliana acreditasse e eu fiz assim para ela....e ela fez... daí eu vi que ela não tinha acreditado no blefe.

Porque inegavelmente eu tive apoio forte. Tu sabes não é... eu estava...aí no interrogatório...tem muita coisa assim...Eu estou lá em uma cela fechada e chegou um agente e me disse “olha, amanhã vai ser brabo a coisa pra ti aqui”. Aí veio aquela moça que entregava comida para gente ali, e eu disse “pô, tu levaria um bilhete lá na minha casa?” Passei pra ela “amanhã vai ser brabo”, isso vai dar um apoio.

(Tempos depois o Paulo de Tarso encontrou essa moça num comício do PT, “pô eu sei o que vocês passaram”) Aí ela levou lá em casa. Aí meu pessoal procurou meus ex-professores na Escola de Cadetes, o Volnei Trevisan, que faleceu, e o Túlio Perozzi, que era professor de geografia e o Volnei Trevisan de desenho. Quando ele dava aula, eu tinha facilidade não é, eu fazia na pedra e ele falava, então nós ficamos muito amigos. Depois que eu saí, eu fui fazer vestibular de arquitetura, “pó, Volnei, me dá um reforço de geometria descritiva”, ele me deu, eu quis pagar e ele “não, que isso!”, “Silveira”, ele continuava me chamando por Silveira. Eu tirei o primeiro lugar no vestibular de arquitetura, ele ficou muito orgulhoso (pô, to devendo). Aí, mas não era nada...era o Job, era a máquina, o Sargento e a máquina, não era tortura. Mas chegaram os dois fardados de Coronel.

Aí o Volnei, “pô Silveira, isso aí é muito mais difícil que geometria descritiva hein qua qua qua”, me batendo nas costas. Aí ficaram ali, falaram um pouco e tudo. Na saída o Túlio virou pro Job e disse assim: “Olha, eu só tenho uma filha mulher e o Félix para mim sempre foi como um filho, desde que o pai dele morreu quando ele estava na Escola”. Então era assim...

Quando o meu pai faleceu, ele foi fazer uma cirurgia, (e sempre achou, nas coisas dele, que podia acontecer alguma coisa) e ele deixou uma carta para cada filho para ser aberta em circunstância. E a minha quando eu recebesse a espada nas Agulhas Negras... eu não fui. Quando eu abri, “essa espada, o povo está te dando” um monte de coisa assim...E essa carta estava no apartamento da minha mãe que foi vasculhado e o Malhães pegou e levou, e ele dizia para mim: “pô, que carta bonita e tudo...”.

Durante muito tempo o Pedro Seelig pensava que eu era filho de militar, pais militares. Porque pelo o apoio desses dois, pela história daquilo tudo, então eu digo, meu pai me protegeu muito até depois de morto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não sei porque Félix, eu achava até hoje que o teu pai era militar. Ele era do Banco do Brasil também?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Banco do Brasil. Ele estava em Camaquã, na gerência lá, e o Jango o nomeou para a Sumoc, que era

a antiga, antes do Banco Central, Superintendência da Moeda e do Crédito. E ele assumir e antes ele resolveu, que ele estava tendo muita cólica, lembra como era antigamente essas cólicas biliares tinha que abrir, aquele negócio todo, tirar vesícula... hoje em dia se faz com cateter. E ele teve um choque de anestesia, deu embolia pulmonar e tudo. Ficou ainda uns dez dias e depois faleceu.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E era moço, quarenta e poucos...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sim sim. Ele é de 18, isso foi em 60. A minha mãe 39 anos, com cinco filhos. Eu era o mais velho, com 17 anos. E eu sempre pensava, quando deu o golpe de 1964, no Banco do Brasil, aqueles caras do meu andar...Laci do Prado Aguiar, um anestesista até bem conhecido aí, estava estudante medicina, mandaram ele lá para o fim do mundo. Lá pelas tantas o pessoal disse, volta, larga o Banco e se cotizaram pra mantê-lo aqui, para terminar medicina e tudo. Disseram para mim, que o gerente do Banco do Brasil na época, que veio do Paraguai, que era o gerente no Paraguai e veio pro Jango (?), que foi muito torturado e tudo...e eu pensei, báh o meu pai seria um, do jeito que eles fizeram, meu pai seria um. Então foi uma das coisas que aquele processo de tortura e interrogatório que eu comecei a ver dentro do Banco do Brasil, em 64, 65... Foi uma das coisas que causou a minha revolta, quando ainda não era uma coisa assim digamos ideológica.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Assim, só para completar, para fechar o depoimento, essa relação de pessoas que tu queres indicar para depor, que tu estás citando pessoas que não são as que nós temos, mas daí tu me diz no relato escrito. Só pra fechar assim, até para que fique registrado, então eu gostaria só que tu dissesse até o quando tu ficaste no DOPS na volta, o tempo que tu, só o tempo, que tu ficaste lá em São Leopoldo, e aí o resto, quando é que tu foste para o Jacuí?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Mais ou menos, ligeirinho assim, agora... Dessa vinda do DOPS um pouco depois, daí me mandaram pra Ilha de novo, aí eu fiquei um pouco na Ilha, esse pouco na Ilha os caras articularam lá, queriam fazer um plano de fuga da Ilha,

uma invenção. Que eu não acreditava naquilo, mas eu também não podia me negar... era um tempo difícil, né? Eu ficava ali... E Paulo Arthur, Arthur Paulo de Souza, sabe quem é? Um traidor aí. Entre as coisas que os caras queriam fazer eram umas granadas que usavam gesso, né? Então entrava, e a cozinha a gente estava administrando lá. Entrava maisena, mas não era, era gesso. Entrou Arthur e quando ele abriu e ele viu, ele avisou a polícia. Aí eles tiraram uns que seriam a liderança ou coisa assim e fomos 6, meia dúzia, pro DOPS, e depois, não... fomos vários, 10 pro DOPS, e aí depois eles repartiram. Eu quero crer no palpite que isso foi assim, no final de setembro, não tenho muita certeza, no final de setembro de 70, que eu fui para o quartel de São Leopoldo. Do quartel de São Leopoldo eu fiquei quase até o julgamento, aí lá pelas tantas, aí eu é que estava tentando sair de lá e me mandaram para o quartel do 18, que agora a PUC tomou conta. Do quartel do 18 eu fui pro Presídio Central, do Presídio Central...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Para o Jacuí?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Agora antes disso eu já, eu andei pelo interior, eu tive um pouco no quartel de Passo Fundo,.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: Quantos anos tu ficaste preso?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: 7 anos, 7 meses e 11 dias. Então eu tive no quartel do interior assim, por pouco tempo, não é? No processo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Félix foi condenado a trinta anos e seis meses, aí a pena foi reduzida a quinze anos.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: O Félix, o senhor sabe, eu fui muito amiga de uma pessoa que foi muito amiga do Félix. Tenho grande, grande admiração por ti, sabe a Ana Maria Filipouski.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Ah, a Ana.

CÉLI REGINA JARDIM PINTO: É, a Ana é a minha melhor amiga. E aí eu sempre sei a tua história, porque ela fala muito isso...

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Quando a mãe começou a me visitar no Jacuí, ela ia de barco lá, e a Ana ia com ela assim, seguido nos domingos ia lá com ela. A Ana foi no Chile, ela e o Halley foram no Chile uma vez e eu estava pensando em ir embora, aí eu juntei uns retratos para me fazerem uns documentos, o Bonna fez lá umas porcaria de uns documentos que os estelionatários do Jacuí acharam graça, “báh nós te damos um monte de documentos melhor que isso aí”, eu digo, bom, está terminado, se eles estão desse jeito, sem uma logística lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chega, se é pra falar de amorismo. Bom, só para ficar...sete anos?

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Sete meses e 11 dias. Tu era para saber isso detalhadamente!

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Em fevereiro eu fiz o pedido do livramento condicional. O Félix não foi anistiado porque a anistia não foi ampla, geral e irrestrita. Como o crime dele envolvia sangue, então ele foi o preso político que cumpriu a maior pena do estado do Rio Grande do Sul.

FÉLIX SILVEIRA DA ROSA NETO: Aquela de 79 não livrou os torturadores, não é? Ali, né? Me excluiu.

TESTEMUNHO – IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER¹

AUDIÊNCIA PÚBLICA MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA

MESTRE DE CERIMÔNIA: Damos início ao ato de abertura da audiência pública intitulada: “Mulheres na resistência à ditadura”, relatos à Comissão da Verdade, alusiva ao Dia Internacional da Mulher. Acompanha a mesa de honra os senhores Coordenador da Comissão Estadual da Verdade, o Procurador Público Carlos Frederico Guazzelli, Secretário-chefe da Casa Civil do Estado, deputado Carlos Pestana, neste ato representando sua excelência o Governador do Estado Tarso Genro, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Cláudia Baldino Maciel, Sub Defensora Pública Geral do Estado, Luciana Kan, senhor secretário de Estado da Segurança Pública Airton Michels, representante da secretaria de Estado da Justiça e dos Direitos Humanos, Tâmara Biolo Soares, vereador Pedro Ruas. De imediato passamos a palavra ao Coordenador da Comissão Estadual da Verdade, o Procurador Público Carlos Frederico Guazzelli.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Bom dia a todos. Eminente Secretário da Casa Civil, Dr. Carlos Pestana Neto e cujo nome quero saudar todas as autoridades presentes à mesa, desembargador Cláudia Baldino Maciel, Dra. Luciana, minha querida colega Defensora Pública, Dr. Airton Michels, meu amigo e colega desde os tempos da Faculdade de Direito da UFRGS, Dra. Tâmara e o vereador Pedro Ruas, antigo advogado e militante dos direitos humanos nessa cidade. Antigo, o que não quer dizer velho. Eu gostaria de receber a todos. Vejo com satisfação que estão presentes aqui todos os meus colegas da Comissão Estadual da Verdade, também estão presentes os representantes dos Comitês da Sociedade Civil que atuam aqui na área da memória da verdade antes da nossa criação inclusive. Estão presentes advogados e advogadas, antigos defensores e defensoras

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1521/depoimentos?--audiencia-publica-mulheres-na-resistencia-a-ditadura---ignez-maria-serpa-ramminger>>. Acesso em: abr./maio 2015.

dos direitos humanos e de cidadania. Nesse momento quero lembrar que a Comissão Estadual da Verdade foi criada em nosso Estado para auxiliar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, criada por lei e cujos membros atuam por mandato, diferentemente de nós que recebemos a incumbência do Governador do Estado. Nossa Comissão, portanto se destina a averiguar a grave violação dos direitos humanos ocorrida no Rio Grande do Sul contra cidadão aqui residentes ou mesmo fora do Estado, quando cometidos contra naturais, no estrangeiro ou em outras unidades da federação. Já recolhemos, em nossa sede, o depoimento de pessoas muito importantes sobre fatos inclusive inéditos ou pouco conhecidos. Temos sido incitados pela Sociedade Civil e pelos Comitês que atuam na área a fazermos também audiências públicas para recolher depoimentos de pessoas que sofreram violações a seus direitos humanos pela ousadia de resistir à ditadura militar. E essa é a primeira audiência pública que realizamos e decidimos, por unanimidade, por sugestão do meu eminente e querido amigo Jaques Távola Afonsin, que nos honra com a sua presença lá na Comissão da Verdade. A ideia é fazermos audiências ao ensejo de datas significativas no Movimento Internacional de Luta pelos Direitos Humanos e de Cidadania. Assim, o Dia Internacional da Mulher nos permite juntar a um tempo depoimentos que são objeto de nossa ação, relatos circunstanciados de graves violações aos direitos humanos e ao mesmo tempo fazer a necessária conexão com as questões de gênero. Porque também a brutalidade com que as mulheres resistiram à ditadura militar e também a brutalidade com que elas foram reprimidas está atravessada pela questão de gênero. As mulheres quando são reprimidas, quando foram reprimidas no nosso caso, no Brasil, na década de 60, de 70, de 80, a pretexto da subversão. Mas as mulheres sempre quando reprimidas nesse país a pretexto da criminalidade comum, e eu e a Dra. Luciana trabalhamos com isso, Dr. Cláudio Baldino Maciel também, no dia a dia da nossa atuação como defensores e juízes criminais, também são elas reprimidas de forma diferenciada e diferenciada a pior. Por isso nós escolhemos três bravas mulheres gaúchas que resistiram e militaram em organizações que ousaram enfrentar o sistema militar, a ditadura e o esquema repressivo montado especialmente a partir do ato institucional número cinco. Nós vamos recolher hoje de manhã o

depoimento da Inês Maria Cerpa Hanninger, a Martinha, como era conhecida. De tarde vamos coletar o depoimento da Nilce Cardoso Azevedo e no início da noite o depoimento da Eliana Lorain Chaves, que veio do Rio de Janeiro, de onde ela vive, por sua conta e risco. Quero fazer um agradecimento. De um lado ao Comitê Carlos de Ré, de maneira muito especial a um integrante seu, o Raul Ellwanger, que além de um músico muito talentoso, foi e continua sendo um bravo combatente pela memória e a verdade nesse Estado e no País. Quero fazer esse agradecimento especial porque os contatos com as nossas três depoentes foram feitos por eles. Quero fazer um agradecimento também aos órgãos do governo, ao grupo de apoio que foi constituído também por decreto e que contam com funcionários da casa civil, da secretaria de direitos humanos e da secretaria de segurança pública, da assessoria superior do Governador. De qualquer maneira quero fazer um agradecimento muito especial na pessoa do secretário Carlos Pestana, do secretário Airton Michels, da Dra. Tâmara ao apoio que os órgãos do Estado nos proporcionaram para a realização deste evento. Um agradecimento também especial à secretaria de comunicação, aos seus funcionários e ao Dr. Aristides Germani, pois sem esse apoio técnico indispensável esse ato não ocorreria e nós temos certeza que o nosso evento será coberto de sucesso em função dos presentes aqui e do depoimento de nossas convidadas. Muito obrigado.

MESTRE DE CERIMÔNIAS: Com a palavra o Secretário-chefe da Casa Civil do Estado, Sr. Carlos Pestana.

CARLOS PESTANA: Bom dia a todos. Gostaria de fazer uma saudação ao presidente da Comissão Carlos Guazzelli e em nome dele saudar todos os outros membros da Comissão da Verdade Estadual que vem desenvolvendo um belo trabalho aqui. Saudar o desembargador Cláudia Baldino, o secretário Airton Michels, o vereador Pedro Ruas, sempre militando nessas causas sociais. Uma saudação especial a Dra. Luciana e a minha colega de governo Tâmara pelo dia de hoje, dia das mulheres. Em função das muitas atividades que envolvem o dia das mulheres está a explicação da ausência do Governador a este evento, mas ele tem uma preocupação já de longa data com esse tema. A participação dele no Ministério da Justiça já colabora com

isso e a iniciativa que nós tivemos aqui durante o nosso governo. Em março de 2012 foi instituída a Comissão da Verdade Nacional, em julho, através de um decreto foi constituída a Comissão Estadual. Fomos um dos primeiros Estados a tomar essa iniciativa pela relevância do tema e do compromisso que nós temos pela luta de buscar a verdade, colocar luz nesse período sombrio da ditadura militar. Quero aqui destacar como extremamente positiva a iniciativa da Comissão da Verdade Estadual de promover essa primeira audiência já aproveitando o dia 8 de março. Queria registrar que para nós é muito importante a composição da Comissão, feita por pessoas que não têm nenhuma vinculação com o governo. A gente já trabalhou com essa ideia de que ela tenha essa autonomia, estabelecendo com ela uma parceria com a Comissão da Verdade Nacional com a qual sob o nosso ponto de vista está também prestando um excelente trabalho. É fundamental que passados os dezoito meses da Comissão a gente consiga apresentar para a sociedade gaúcha um conjunto de fatos desse período que é um período tão triste da nossa história, mas que é importante que seja do conhecimento de todos e de todas. Então, nós enquanto governo, estamos muito satisfeitos com o desempenho e com o trabalho que vem sendo desenvolvido e acreditamos que no final desses dezoito meses teremos um balanço e um belo trabalho a ser apresentado. Certamente, com os depoimentos que ouviremos aqui uma boa parte dessa verdade já será revelada. Então, desejo a todos um bom trabalho, pois ele é fundamental para que se recupere essa verdade no período da ditadura militar. Bom trabalho a todos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS: Nesse momento, a mesa de honra será desfeita para darmos prosseguimento aos trabalhos dessa audiência que serão presididos pelo Coordenador da Comissão Estadual da Verdade, o Procurador Público Carlos Frederico Guazzelli.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Senhoras e senhores, vamos retomar as atividades dessa audiência. Vamos convidar para compor a mesa a senhora Inês Maria Serpa, médica veterinária e sanitarista, funcionária pública municipal, militante de movimentos populares e de saúde pública, e ex-militante do Partido Operário Comunista, da VAR-Palmares, presa em 5 de abril de 1970. Antes de passar a palavra para a Inês eu gostaria de comunicar a plateia sobre o andamento dos

trabalhos. Ela terá um tempo de 30 a 40 minutos para fazer os seus relatos. Depois, a Comissão poderá fazer algumas perguntas complementares. Esse depoimento está sendo gravado e nunca se esqueçam de que ele integrará o relatório circunstanciado que a Comissão Estadual da Verdade remeterá ao final dos seus trabalhos à Comissão Nacional da Verdade e ficará uma cópia gravada aqui no arquivo público do Estado. Depois das perguntas, o Comitê Carlos de Ré nos pediu um espaço para fazer a divulgação do seu trabalho e após as pessoas da plateia poderão fazer perguntas que deverão ser feitas por escrito. O nosso pessoal de apoio coletará essas questões e elas serão por nós apresentadas a Inês para que ela responda. Espero que todos desfrutem e aproveitem bem o relato que ela nos dará, que certamente tem um valor histórico e existencial. Então, com a palavra a Inês.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Bom dia a todos, é um prazer estar aqui com vocês. É difícil para quem viveu aquele período, recordar certas passagens. Mas eu quero falar um pouco sobre a nossa militância e depois o período da prisão. Eu sou de Uruguaiana e vim para Porto Alegre, no dia primeiro de janeiro de 1959. Eu tinha 10 anos. Ou seja, passei minha infância em Uruguaiana e a adolescência em Porto Alegre. Meus pais vieram antes, em julho de 58 e eu fiquei morando na casa de uma tia-irmã da minha mãe durante o segundo semestre em função do colégio. O meu tio Ulisses Câmara Vilar, que era dirigente do Partido Comunista, que sempre foi uma referência marxista e comunista para mim. Eu tinha já naquela época dúvidas sobre a pobreza e meu tio sempre me respondia. Eram as minhas primeiras aulas sobre marxismo. Quando vim para Porto Alegre, no ginásio, meu tio logo me perguntou se eu não queria uma bolsa para ir para a União Soviética, que ele tinha como me conseguir. Então eu disse que queria e fui estudar russo. Ia ficar oito anos lá depois do ginásio. Claro que eu era um quadro político em preparação, isso era óbvio. Aí deu o golpe militar e eu fiquei muito desasada. Eu tinha um projeto de vida, estudar russo não era fácil, ainda mais para uma guria de 14 anos como eu. Com o golpe, meu tio vai para o exílio, no Uruguai e eu virei pombo-correio. Ia de trem minuíano até Uruguaiana e de lá pegava o ônibus para Livramento. E de lá eu trazia a correspondência para o Partido Comunista, entregava para o poeta Lacy Osório e ele fazia a distribuição. E as outras coisas que eu trazia,

como livros e textos, eu colocava em sacos de bolacha grandes. Assim começou a militância. Depois quando entrei para a universidade é que entre para o POC, Partido Operário Comunista. Lá tive mais algumas aulas. O Marco Aurélio Garcia foi meu professor dentro do POC e nesse meio tempo houve uma eleição no DCE livre, porque dentro da universidade o POC tinha um braço que era o MUC, Movimento Universidade Crítica. O Raul Pont fazia parte do POC, obviamente, e a gente milita junto desde aquele tempo. Nós concorremos com uma chapa para o DCE livre, porque o DCE era indicado pela reitoria naquela época, havia uma intervenção. Então a gente concorria ao DCE livre. Era o voto direto dos estudantes. Nossa chapa ganhou. Mas nesse meio tempo eu já estava em contato com colegas do movimento estudantil que faziam parte da luta armada. E a gente também já discutia sobre certos livros da época. Mas o que me fez decidir entrar para o grupo de luta armada foi a repressão que havia ao movimento estudantil. Quando a gente fazia passeata, vinha toda aquela repressão, a gente apanhava, sempre na frente da prefeitura. Essa violência toda, principalmente na última passeata que conseguimos fugir para um edifício onde ficava a Embaixada Americana, na Uruguai. Acabamos no telhado do edifício ao lado e daqui a pouco eram tiros em cima das nossas cabeças. Aqueles tiros me fizeram decidir pegar em armas. Cheguei à conclusão que não adiantava fazer movimentos pacíficos, só fazendo debates, distribuindo panfletos. A população não enxergava o que estava acontecendo. Entrei em contato com um colega que já tinha meio que me abordado, discuti com ele e acabei entrando para a VAR Palmares. Nesse período que entrei estava ocorrendo a separação VPR Var. Os documentos eram assinados com pontinhos pois não havia nome ainda. Quando entrei, fiquei em contato com Atanásio Horr, que conheci por outro nome, que morreu nos anos 70 em um acidente de carro. Ele era marido de uma das irmãs do Minhoca, que também morreu em acidente. Fiquei em contato com o Aurélio, que era o nome de guerra do Cláudio Galeno Magalhães Linhares, que na época ainda era casado com a Dilma Linhares, ou seja, a Dilma Rousseff, nossa atual presidente. Eu o namorei e não sabia que ele era casado. Bem, eu não sabia nem o nome verdadeiro dele. Aí o Galeno foi fazer uma ação que foi o sequestro de um Boeing da Varig. Aí ele foi embora para Cuba e eu só

fui vê-lo anos depois quando fui a Paris. Depois eu conheci dentro da organização o Gustavo Buarque Schiller, que foi meu namorado. Conto isso para mostrar que a gente estava na militância, mas agente também amava. Aliás, eu prezo muito o amor. De qualquer tipo. Seja homem e mulher ou amor humanitário. A gente estava naquela luta porque acreditava em transformação social, também era uma forma de amor. Conheci o Gustavo, no comando de operações, que foi para onde eu fui. Fui para lá porque eu era paraquedista, esportista, tinha um baita preparo físico. Como eu estava no Comando de Operações, aí eu fiz treinamentos na Lagoa dos Patos, de tiro, de sobrevivência, de um monte de coisas. Eu participei da organização e do planejamento foi a ação de expropriação do Banco do Brasil de Viamão. Eu fui fazer levantamento lá do banco. Essa ação era na verdade de treinamento com o Edmur Péricles Camargo, que era de outro grupo e ele já tinha muita experiência em ação armada e agente queria aprender. Ele foi nosso professor, aprendemos muito sobre estratégia militar. Também aprendemos com um militar que hoje está na reserva e que eu nunca disse o nome, e não vou falar. Se ele quiser, ele fala. Tenho o maior respeito por ele. Ele que nos deu treinamento de sobrevivência na selva, de tática de guerrilha, de como fazer bombas. Inclusive um dos nossos companheiros, Cláudio Menegussi, queimou a mão e não pode participar da ação de Viamão por isso. Nós não estávamos para brincadeira, queríamos fazer uma revolução. E na época estávamos imbuídos de uma luta armada para enfrentamento da ditadura. Depois da ação de Viamão, o Gustavo foi preso porque nós cometemos um erro primário. O caseiro do sítio do Tenente Dario, que foi o lugar onde o Edmur tinha ficado escondido, e o DOPS descobriu isso. Então eles prenderam o caseiro no sítio, lá na Lomba do Pinheiro. Nós tínhamos por princípio sempre ajudar as famílias e nunca deixá-las desassistidas. E o Gustavo foi lá levar dinheiro para a família, mas como ele era uma pessoa de direção, ele não poderia ter ido. Ele foi e foi preso. Com a prisão, a VPR se sentiu em perigo porque ele poderia contar algo. A VPR estava montando uma ação de sequestro do Cônsul daqui do consulado. A ação deu no que deu, não teve sucesso e aí é que o pessoal do DOPS se deu conta de que o Gustavo era alguém importante. Foi aí que o Gustavo revelou onde ele morava, o Maeth Boff, que morava com ele, já tinha

limpado o aparelho. Era assim que a gente falava. Mas esqueceu do lixo, ou seja, era outro erro primário. Estou falando dos erros porque se algum dia acontecer uma revolução, é preciso saber das mancadas que a gente deu para não repetir. Eu ainda acredito em uma revolução. Mas democrática, tá? Com isso eles pegaram o final de uma nota de garagem que tinha o final da placa. Como eles sabiam que havia um corcel branco na parada, como nós fizemos a ação de Viamão, nós usamos um carro expropriado, mas na troca de carro, usamos um corcel com o meu nome verdadeiro. Tinha sido comprado com recurso da organização. Outro erro. Eles foram até lá e ficaram só aguardando quando fossem pegar o carro. Outro erro. A organização tinha orientado ao Catarina, João Batista Rita, que era do grupo do Edmur, que foi sequestrado e morto. Ele foi um dos que foi exilado para o Chile e foi, com o Major Cerveira, militar também exilado, depois do golpe de Pinochet, ele estava em Buenos Aires, aguardando o salvo conduto para ir para o exílio na Europa. A polícia foi sequestrar o Major Cerveira na operação Condor, e por acaso os João Batista estava junto e eles foram sequestrados juntos em Buenos Aires e trazidos para o Brasil. Anos depois quando eu estava no Comitê Brasileiro pela Anistia, fazendo um levantamento dos mortos, a gente pegou testemunhos do Rio/ São Paulo que estavam presos e descobrimos que eles tinham sido levados para o OBAN em São Paulo. Há todo um rastreamento que foi feito. Voltando a questão do carro, eles pegaram meu nome verdadeiro, pegaram o companheiro Paulo Teles Frank e a partir dele pegaram o Batista Rita e a partir dele pegaram um monte de gente. E por aí vai. É uma rede. Só sei que fui presa ali em função dessa história do carro. Quando o Gustavo foi preso e quando deu a ação de tentativa de sequestro que não deu certo, o Atanásio Horr me disse que eu não devia voltar para casa porque certamente eu estava correndo risco. Ele marcou um ponto comigo, queria me dar dinheiro, identidade, essas coisas, porque eu ia sair de Porto Alegre. Mas eu cometi o erro de ir em casa, senti que precisava falar com a minha mãe. E quando eu falei para ela que eu ia embora foi um horror. Tive que ficar apaziguando a minha mãe. E nesse meio tempo o DOPS chegou lá em casa. Era um domingo de manhã. Estavam lá os meus três irmãos e a minha mãe. Também um amigo dos meus irmãos que tinha dormido de sábado para domingo. Foram

todos presos. Todos fichados no DOPS. E aí eu fiquei muito preocupada, com receio do que podia acontecer com eles. Quando descesmos do carro, foi a última vez que os vi por um bom período. Me levaram lá para o terceiro andar e era um lugar com salas de escritórios. A primeira pessoa com quem eu falei foi o Pedro Seelig. Falou normal, perguntando. E eu negando tudo. Aí trouxeram o Gustavo. Ele estava todo reventado, cheio de hematomas, todo machucado. Ele me olhou e os músculos do rosto não fizeram nenhum movimento de reconhecimento de nada. Imóvel, estático. O olhar que o Gustavo me deu foi o que me fez pensar: como é que eu vou agir. Porque tu não sabes como vai reagir nessas situações. Teu instinto de sobrevivência é muito forte nessas horas. Somos animais, temos instinto. Me deixaram de molho lá o resto da tarde. E eu só escutava gritos e mais gritos. De noite é que eles me levaram lá para baixo. Me encapuzaram e quando tiraram eu estava numa sala completamente escura, com apenas uma luz focada bem no meu rosto. Aquilo te ofusca a visão. Eu via vultos apenas. Aí começaram a fazer perguntas e a me dar choques elétricos com a Maricota. Era um aparelho que prendia nas mãos, em um dedo, no outro dedo. Conforme a voltagem, teu corpo pula e dói tudo. Os músculos se contraem e dá uma dor muito forte. Palavrões, coisas horríveis. Depois, quando eu saí de lá. Eu não sei quanto tempo eu fiquei lá e quantas vezes eu entrei naquela sala. Eu descia dois lances de escada, sempre com o capuz, e eu não vi as pessoas que estavam ali. Só escutava vozes. A partir da segunda ou terceira vez que me levaram para a tortura, eles ficaram sabendo, não sei como porque eu não falei, que o Gustavo era meu namorado. Como o Gustavo e o Francisco Martinez, nome de guerra Fernando, um espanhol que alguns chamavam de Paco, nós tínhamos feito parte da ação de Viamão e eles queriam saber detalhes. Então nós três fomos torturados juntos várias vezes. E as torturas eram terríveis. Nos faziam ficar de mãos dadas para todos levarem choques ao mesmo tempo. A corrente elétrica passava por todos. Outra era a pancadaria, pauleira. Me lembro que uma das vezes que me levaram para lá eu descia as escadas chorando, aquele choro histérico. Depois eles passaram a torturar só eu e o Gustavo juntos. Aí eles torturavam a mim para fazer o Gustavo falar e vice-versa. Essa tortura era pauleira, pendurar no pau de arara, choque, palavrões. As torturas ficaram

piores quando o Paulo Malhões veio. Aí piorou. Ele era mais sofisticado na tortura dele. Eles faziam a gente ficar parada horas com os braços para cima. Dá uma dor violenta nos braços. Se tu baixasses, levava uma paulada. E para a gente que é mulher eles sempre pegavam pesado na parte sexual. Porque a nudez, eu tinha 21 anos na época, nos deixava vulneráveis. Por exemplo, eu não podia ir no banheiro sozinha. Então, para urinar ou defecar, eu tinha que ir com um brigadiano junto. E ele se negava a ficar de costas, então eu tinha que fazer tudo na frente dele. Se eu fosse tomar banho, a mesma coisa. Eu ficava me contendo. Às vezes me urinava na hora da tortura. Com o choque elétrico nos genitais eu me urinava toda. E para ir para o banho o cara ficava te olhando, tomando banho. Era para te desmoralizar mesmo. Então eu não tomava banho. Fiquei lá, imunda, fedendo. Aí eu menstruei. Queria fazer higiene e sempre o brigadiano junto. Nos chamavam de imunda, de fedida, os palavrões eram terríveis. A tortura foi de degradação. Para te aniquilar como pessoa. Porém mal sabiam eles que eu sou o tipo da pessoa que quando tu me provoca aí mesmo que eu fico com raiva, aí mesmo que eu não faço. Eu achava aquilo de uma falta. Era inadmissível que um ser humano fizesse aquilo com outro. Ver a tortura dos outros é pior ainda. Tu está na mão do torturador. Tu não tem vontade de nada, tu é uma coisa. A sensação é horrível. Como sequela disso, hoje, eu sou uma pessoa que presa profundamente a minha privacidade. Eu não consigo ir ao banheiro perto de outras pessoas. Gosto muito de ficar em casa, sou mais reclusa. Gosto de sair, de festa, mas prefiro ficar em casa. Só que essa questão da tortura não terminou por aí. Quando terminava a fase da tortura, eles mandavam o preso para o presídio e aí não torturavam mais. Regra geral. Mas no meu caso não. Eu fui mandada para o Madre Pelletier, junto com a Iara Prado, a Maria Aparecida Donda Falcão, que era casada com o Rui Falcão na época. A gente chamava de Maria chorona, porque ela estava sempre chorando. Mas ela foi solta logo porque ela era só companheira do Rui. Ela não fazia militância. Eu fui com as duas meninas e mais a Helena Rudolf. Na ida para lá eles nos levaram de noite, sem explicar nada como sempre fazia. Quando chegamos, eles deixaram as gurias descer e eu fiquei dentro. Depois passou um tempo, eles rodaram e depois me deixaram sair. Era uma porta de ferro. Depois eu fiquei sa-

bendo que deixaram as gurias na frente do presídio e eu fui direto para a solitária. Quando entre em uma daquelas celas, veio uma mulher do presídio, para fazer uma revista íntima. Colocava a mão dentro da minha vagina e do meu ânus. Eu estava presa no DOPS fazia um tempão. O que eu levaria escondido? Aquilo era só para humilhar ainda mais. A tortura era permanente nos atos dos agentes. Me deixaram naquela cela e depois de algumas horas eu comecei a ouvir as vozes das gurias. A gente batia nas paredes para conseguir se identificar, sabíamos que estávamos perto uma das outras. Elas não sabiam o que tinham feito comigo e eu não sabia o que tinha acontecido com elas. Foi bom nos identificarmos. A gente tinha, no presídio, uma hora de sol. Mas aí a Iara foi transferida junto com o marido para São Paulo, os dois eram de lá. A Donda Falcão foi liberada. O Rui Falcão foi transferido para São Paulo junto com o Antônio Prado e a Helena e eu ficamos juntas mais um tempo. Ela saiu depois de um tempo e eu fiquei sozinha lá. Durante este tempo em que eu fiquei sozinha na solitária do presídio volta e meia eles vinham me buscar para me levar para o DOPS e me torturar de novo. Cada um que caía e falava alguma coisa, falavam no meu nome, me buscavam de novo para ser tortura. Meu período de tortura levou meses e meses. Mesmo no período de inquérito eu fui torturada. Acho que eles pararam com essa história mais no final do segundo semestre. Fiquei um período sozinha lá, não tinha outra mulher. Nesse período, eu não me lembro muito bem, a Eliana foi presa e levada para lá. Que é a última de nós que vai falar hoje. Aí me levaram para o DOPS, e lá já estava numa época mais light. Light que eu digo é que estava mais aliviado para a gente que tinha sido preso fazia mais tempo. Lá encontrei o Félix e encontrei outros companheiros. Lembro que a gente estava tomando um sol na varanda, caminhando para lá e para cá e o Félix me passando um monte de informação para eu falar para a Elaine. Eram informações sobre ela, para que ela não entrasse em contradição e fosse liberada logo. Quando voltei para o presídio, escrevi tudo num papel, dizendo para ela ler e jogar fora. Passei para que ela tivesse conhecimento do que falaram dela. Nós tínhamos conseguido fazer uma rede de colaboração entre os brigadianos que ficavam no Pelletier e lá nas ilhas. Naquela época que fiquei sozinha, o pessoal se preocupa comigo, especialmente com a minha saúde mental. O que

estará acontecendo com a Martinha? Aí um dos companheiros ficou responsável por fazer debate político comigo por carta. Era o Valdir Isidoro da Silveira. Ele me escrevia, me mandava trechos de livros pelos brigadianos. E esses brigadianos também se arriscavam, pois levavam correspondência para a gente sem passar pela censura. Mas eles faziam isso. Era um apoio. Teve um tempo em que eles colocaram uma psicóloga para falar com a gente e aí podia se mandar correspondência, mas era tudo censurado. A verdadeira correspondência nós passamos com a ajuda dos brigadianos. Tem um certo tipo de tortura que eles fizeram que é meio ruim de contar. Mas é essa que tem a ver com a questão sexual. Eu só quero dizer para vocês que não me sinto em condições de descrever, porque isso me faz um mal tremendo. Quero dizer que em função do que aconteceu, eu fiquei com um trauma durante um período, que eu agradeço muito ao meu ex-marido, pai dos meus filhos, pela paciência que teve comigo. Eu não conseguia transar. Ele foi muito paciente comigo. Graças a ele recuperei minha sexualidade, minha sensualidade. Eu ficava com medo, ficava apavorada. Tudo isso por causa das violências que eu sofri lá. E as coisas que eu vi também. Eles judiaram muito do Gustavo também, muito na minha frente. Teve uma vez que eu já estava no presídio que eles me levaram... Pessoal me desculpe... eu não consigo falar. Foi muito difícil para mim. É que a Comissão precisa saber... (Martinha se emociona e começa a chorar)

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não queremos te torturar de novo, Martinha. Não é nosso objetivo saber detalhes. Ficou claro em teu depoimento que existia uma ação específica para torturar, e em especial isso acontecia com as mulheres. Era mais forte ainda com as mulheres. Então se tu não quiseres prosseguir em mais detalhes não há necessidade. Porque a brutalidade aconteceu. Se não quiseres continuar porque é muito doloroso, por favor, não há necessidade.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Eu quero apenas complementar uma coisa. Eu era muito jovem, tinha apenas 21 anos e estava no segundo ano de Medicina Veterinária da UFRGS. Uma coisa eu aprendi. Se de um lado eu descobri esse lado nefasto e sádico de algumas pessoas, o principal deles o Paulo Malhões, que foi quem mais me torturou. De ele ensinar, inclusive, nos usando como co-

baías, aos inspetores como fazer tortura. Nós servimos inclusive de aula prática para os caras. Eles treinaram no nosso corpo. Mas em contrapartida eu conheci e vivenciei uma grande solidariedade, um companheirismo extremo. Até me emociono porque hoje em dia é muito difícil encontrar pessoas tão solidárias. Mesmo hoje em dia os movimentos de esquerda ficam muito na competição de um com o outro. No entanto, nós, naquele momento, éramos extremamente solidários uns com os outros. O extremo companheirismo. Essa uma lição, uma experiência que eu levarei para o resto da vida. Embora tivesse toda aquela repressão, meus companheiros serão sempre meus companheiros para o resto da vida. Eu amo esses companheiros profundamente, todos eles. Porque nós fomos extremamente unidos naquela época. Não me importa em que partido eles estão agora. Eu sou petista, todo o mundo sabe. Mas os meus companheiros podem estar em qualquer partido e sempre serão meus companheiros. É isso que eu queria dizer. Obrigada. (Aplausos)

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Alguém quer fazer alguma pergunta, fazer alguma complementação?

CÉLI REGINA PINTO: Talvez eu queira falar porque eu sou a única mulher da Comissão, mas eu acho que o que nós acabamos de ouvir hoje é um relato para a história. É um momento fundamental na história do Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul. História presente. Não é uma história passada. É história da minha geração e dos pais de muitos que estão aqui presentes. Nós somos responsáveis para que isso nunca mais aconteça. Eu queria perguntar para ti, Inês, a seguinte questão. A gente sempre falou de torturadores. Mas não é só de torturadores que faz a tortura. Eu quero saber se na época em que tu estivesse lá havia outro tipo de profissional que colaborava para que a tortura existisse? Estava ao redor de vocês? Eu acho que a gente tem que ver o Estado como um todo e saber, além dos profissionais policiais, quem esteve na tortura? Quem colaborou, quem deu aval, quem ajudou. Tu conhecestes esse tipo de pessoa? Profissionais da área da saúde, profissionais religiosos. Quero saber se também existia esse grupo de profissionais que também estava lá a serviço da tortura.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Tinha sim. Tinha aquele médico que não lembro o nome dele. Gente eu era aluna da medicina veterinária. Era minha segunda opção. Eu tinha feito vestibular para medicina e naquele ano em que eu fiz vestibular, em 68, foi o primeiro ano que fizeram o vestibular unificado, de cinco faculdades federais e não federais juntas. Era Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Eu passei na de Pelotas. Só que eu não tinha como me manter financeiramente na em Pelotas. Então eu resolvi fazer o vestibular para veterinária. Então eu tinha uma ideia da medicina que não combinava com a atitude daquele médico que estava lá a serviço da repressão. Ele chegava e vinha examinar a gente para ver se a gente tinha condições de continuar a ser torturada. Ele presenciou as torturas. Digamos que ele não estava junto na hora da tortura, mas ele era chamado, ele nos examinava e dizia, pode continuar. Era o Godoy. O Paulo de Tarso Carneiro estava preso na mesma época que eu e lembrou.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele era de mais idade? Pergunto porque já tivemos referência em outro depoimento de um cara mais jovem, que hoje não é mais jovem. Mas também não quero induzir o pensamento de vocês. Espero que esse homem apareça. (áudio fica confuso, outras pessoas começam a falar ao longe, não é possível escutar)

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: O nosso era um cara mais velho.

ARAMIS NASSIF: Ignês, primeira vez pela coragem e desprendimento por enfrentar não apenas na época da ditadura, mas agora, em enfrentar todos esses fantasmas que estavam escondidos no armário e que surgem com tanta força. O fato de estar integrando a Comissão da Verdade está me fazendo passar por um constrangimento terrível, estou me sentindo muito mal com o fato de que não tinha percebido dessas ocorrências todas. A gente ouvia falar mas não tinha a preocupação de ir a fundo no negócio. Agora, ouvindo vocês falarem, a gente fica até com um certo sentimento de culpa por tanta omissão. Era muito fácil naquela época, agente lia livros como, O Capital, não entendi nada, mas li e me vangloriava disso. Nós éramos da esquerda festiva, famosa na época. Depois a gente saía, tomava uma cervejinha

e era isso. Por isso quero declarar publicamente, numa oportunidade como essa, o quanto tudo isso está sendo importante para mim. Como pai e como avô. Porque a minha função dentro da Comissão é o fato de dizer que essa história não pode se repetir. As pessoas gostam de dizer que na época da ditadura que era bom, eu ouvi isso como juiz muitas vezes. Mas a gente não tinha ideia do quanto foi bandida toda a ditadura e a repressão. Esses eram os maiores bandidos, que estavam lá torturando homens e mulheres por ideias. Eu faço de pronto um agradecimento para tomar consciência do que aconteceu e poder passar para os meus filhos e netos os acontecimentos todos. Parabéns pela tua coragem.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O pessoal da plateia já está querendo fazer algumas perguntas. O Vermelho pergunta se tu conhecias ou pode apontar os nomes de outros agentes do processo que levou a prisões e torturas? Conhece algum promotor, juiz, empresário, que tenha colaborado com essa repressão.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Sinceramente, eu não conheço. Talvez outros companheiros saibam. Mas eu não conheço.

HOMEM NÃO SE IDENTIFICA: Martinha, não se se me perdi nas informações. Mas você poderia precisar o ano da prisão, esses dados?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Eu fui presa em 1970, em 5 de abril de 1970. Depois fiquei com prisão preventiva decretada até 1971. Um ano depois nos deixaram com liberdade vigiada. A gente tinha que ir uma vez por semana lá na auditoria militar assinar um livro ponto, quando a gente saísse de Porto Alegre, tinha que pedir autorização por escrito para onde tu ias e quanto tempo ia ficar. E também onde tu ias ficar. Tu chegando no lugar, precisava se apresentar no QG militar, na autoridade militar da cidade para dizer que estava lá. Se não era dado como foragido.

HOMEM NÃO SE IDENTIFICA: Bom só para complementar o teu relato sobre a tua prisão, a época em que tu ficaste no DOPS e depois a tua ida ao presídio. Tu disseste que sempre que algum companheiro falava no teu nome eles te pegavam lá e te telavam ao DOPS para mais uma sessão de tortura. Isso só parou no segundo semestre, em

70. Outra coisa que eu gostaria de complementar, não para ser dedo duro, mas para que eu possa me orientar. Eu estudei o teu processo ontem de noite e li essa ação. Só para esclarecer bem. Essa ação do Banco do Brasil, que dentre outras tu desse mais destaque, foi a que resultou em processo contra ti e contra mais umas 16 pessoas. Está entre elas o Péricles, o Edmur. Queria saber quais eram as organizações que participaram.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: As organizações que participaram dessa ação foi a VAR Palmares e o M3G, que era o grupo do Edmur. Só esses dois. A gente fez todo o planejamento lá nos autos, então eu posso falar. Fizemos todo o planejamento lá no sítio que eu mencionei. O levantamento da área foi feito por mim e pelo Gustavo. Fui caracterizada quando fui fazer o levantamento. Eu tinha um cabelo bem curtinho e coloquei um cabelo bem comprido, óculos grande, tudo para me disfarçar. A gente achava que ficava diferente, mas até parece que não iam nos reconhecer. (risos)

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Me sinto esclarecido, com todos os detalhes que eu queria saber. Os meus colegas também. Então até por sugestão da própria Christine, do Comitê Carlos de Ré, eles farão a manifestação depois das perguntas. Então faremos as perguntas da plateia.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Vou aproveitar a pergunta do Vander, do Carlos de Ré, para te dizer, Martinha, que estamos com sérias dificuldades lá na nossa Comissão de descobrir nomes dos responsáveis pelas torturas, os autores, as datas e também os locais. Para o relatório final que complementa o relatório da Comissão Nacional da Verdade esses dados são fundamentais, porque nós não perdemos a esperança, ainda que remota, que a lei de anistia seja modificada e que essas pessoas possam responder, aqueles que estiverem vivos, pelos maus tratos que praticaram. Então esses dados são fundamentais. Então te pergunta, além do Malhães, quem eram os outros torturadores? Ele até sugere mais dois nomes: Seelig e Átila.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Eu nunca fui torturada pelo major Átila, não vi ele torturar ninguém. Pode ser que tenha, mas eu não vi. Agora, o Pedro Seelig, sim, o Nilo Havelha, sim. E

o Malhões foi o pai de todos para mim. E eu, por exemplo, quando estavam completando o inquérito político-militar, quem estava lá era o Major Leiva Job. Eles nos chamavam formalmente para depor. Ele olhou para mim e disse: tu tens uma carinha de anjo, mas tu és um demônio. E se levantou e me deu dois tapas na cara que me deixou marcada. De nada, por razão nenhuma. Para mim isso também era uma tortura. Tinha um Cabral, delegado Marco Aurélio que só acompanhava e registrava. (Alguém fala no nome de Barbedo na plateia) Barbedo, eu não me lembro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Um detalhe muito importante conforme o Dr. Jaques falou é o lugar. Essas torturas eram no Palácio da Polícia, no DOPS e aconteciam lá em baixo à noite e não nos cartórios, não é?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Isso! Era em baixo, à noite, em uma salinha que era só de tortura. Era lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Carlos de Ré também está perguntando: para nós é muito importante o nome de outras vítimas. Eu não peguei direito. Lá no presídio estava contigo a Iara Prado e uma senhora com o sobrenome Falcão, qual era o outro nome? Maria Aparecida.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Estavam comigo lá a Iara Prado e a Maria Aparecida Falcão. Depois, vieram a Vera Lúcia Huebra Neto. Depois ela casou e virou Sarveda Durão. Helena Rudolphi também. Depois as mineiras: a Vera Lúcia e a Mara Alvarenga. Teve a Eliana, a Sônia. É que elas passaram rápido por lá. Quando a Sônia veio, eu já tinha saído de lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Estou reunindo duas perguntas aqui. Uma não diz o autor, outra é da Vanessa Menezes, historiadora do Arquivo Público. A tortura era só contra os resistentes ou envolvia os familiares? Porque eles era utilizados na tortura contra vocês. Só para esclarecer bem isso. E se vocês sabiam quando eles eram libertados ou não.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Bom, no dia em que eu fui presa, como já relatei, minha mãe, meus três irmãos e o amigo do meu irmão foram todos presos também. Foram todos fichados. O que eles sofreram os quatro naquele momento foi coação. Não teve tortura física, apenas psicológica. Libertaram eles algumas horas depois. Mas o caso de terem sido fichados prejudicou meu irmãos depois. Eu tenho dois irmãos que são advogados e isso no início da carreira apareceu e atrapalhou. Um deles se tornou juiz estadual e já aposentado veio a falecer há um ano. Mas o outro está até hoje na ativa. É delegado da Polícia Federal. Aqui em Porto Alegre não tenho notícias de que familiares foram torturados. Sei que aconteceu no Rio e em São Paulo e lá para cima. Aqui em Porto Alegre eu desconheço. Acho que não era prática aqui. Agora, colegas meus que eram da faculdade, a gente sempre tem amigos mais próximos, eles prenderam e deixaram pelo menos uns dois dias presos. Para dar um susto.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Mais uma pergunta. Essas pessoas que participam da tortura faziam parte de um conjunto? Tipo uma estrutura que pudesse ser bem definida? Incluía o governo do Estado e o Governo da União?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Acho que incluía tudo. Tinha polícia civil e militar, tudo misturado. Então se misturava também os governos estadual e federal.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Existem mais duas perguntas que acho que são mais direcionadas ao Comitê do que a Ignês. Na violação de direitos que ocorreu no período da ditadura, qual a sua opinião sobre a restrição de acesso aos documentos oficiais do Estado para a sociedade?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Antes de chegarmos nesse nível de questionamento, tenho uma outra questão aqui. Gostaria que falasses da ação das religiosas no Madre Pelletier, como elas tratavam vocês?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Olha, eu vou dizer uma coisa com toda a franqueza. Nós ficamos separadas das presas comuns. Elas nos deixaram na solitária que era o único lugar onde podíamos

ficar separadas. Havia as presas comuns e as presas políticas. A diretora do presídio era uma mulher muito dura, muito seca. Nunca me tratou mal, mas era bem “secona”. Tinha uma irmã, que eu não lembro o nome, que era bem novinha, e que se preocupava muito com a gente. Ela conversava, visitava. Essa freirinha, fiquei sabendo tempos depois, ela me falou que todas as vezes que eles vinham me buscar para o DOPS ela corria para a capela para rezar para pedir proteção. Havia um boato de que eu estava marcada para morrer. Numa das vezes em que eu fui torturada junto com o Gustavo, eles colocaram uma faca grande no meu pescoço e disseram para o Gustavo que era a última vez que ele ia me ver. E me levaram com a faca no pescoço até dentro da Kombi. E eles apertaram tanto aquela faca que chegou a fazer um machucado no meu pescoço. Estava escuro, não enxergava para onde eu estava indo. Eles rodaram, rodaram e depois pararam num lugar. Ficaram discutindo entre eles, mas eu não ouvia nada. Depois me levaram para o presídio de novo. Eu digo para vocês que aquele dia eles iam me matar. Um queria dar sumiço em mim e o outro não. Isso ficou claro para mim naquele momento. Com relação à freira, tenho lembrança daquela novinha. As outras não nos tratavam mal, apenas nos tratavam como tratavam outras presas, com distância. Tinha as agentes penitenciárias. Algumas eram mais grosseiras, outras eram doces. Não era coisa da instituição. Era algo mais pessoal. Assim como tiveram brigadianos que nos ajudavam, que serviam de pombo-correio.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Queria te perguntar. Lá no Pelletier tinham as freiras e as agentes penitenciárias e os brigadianos. Já que tinham várias presas políticas, não havia ninguém da polícia política? Alguém do DOPS?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Não porque as freiras faziam esse papel. Pelo que me consta havia até um parentesco da Madre Superiora com o Major Átila. Se não me engano, ela era prima dele. Quando colocaram a psicóloga nada mais era do que mais um controle para cima de nós. Ela conversava com a gente e se colocava como amiga. Até levava algumas coisas para os guris lá da ilha. Na verdade, os guris é que queriam mandar coisas para mim. Mas tudo era censurado. Não me lembro do nome dela.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Era uma ação em família, então? Vou elucidar o nome. Era Coronel Átila Rohrsetzer, não sei como escreve em alemão. Quero transmitir mais uma pergunta interessante. Podes falar sobre sequelas que ficaram nos companheiros que já faleceram?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: Os dois companheiros que foram torturados comigo. O Gustavo se suicidou em 85, quando voltou do exílio. Ele foi um dos que saiu dos 70 que foram para o Chile. Aí com o golpe do Pinochet ele foi para a França. Lá ele fez faculdade, estava fazendo doutorado em economia internacional quando houve a anistia. Então ele voltou. Ele estava casado com uma gaúcha que ele conheceu lá em Paris mesmo e aí ele se suicidou lá no Rio de Janeiro. Se jogou do oitavo ou nono andar de um edifício lá em Copacabana. Isso é seqüela da tortura. Ele ficou com uma propensão muito grande a depressão. O outro companheiro, o Paco. Ele entrou no alcoolismo violento. O que não deixa de ser um suicídio lento. Ela morreu de cirrose hepática. Como eles diziam para a gente: nós temos que destruir vocês. Se não matarmos, temos que destruir. E esse era o objetivo. Destruir psicologicamente. Então, de qualquer maneira, com os guris, eles conseguiram isso. Eu acho que consegui sobreviver psicologicamente e até escrevi uma vez sobre isso. Todos tinham ideologia, inclusive os guris. Porque não é a tua ideologia que te faz sobreviver. É uma coisa que vai muito mais além. Eu acho que foi a maternidade. O fato de eu ter sido mãe. Quando minha primeira filha nasceu, ela tinha 20 dias quando fui a julgamento. Psicologicamente aquilo mexe muito contigo. Meu leite até secou, não conseguia mais amamentar o meu bebê. Quando eu saí da prisão, não conseguia andar na rua. Eu me recolhia. Eu ia só para a faculdade e um professor me conseguiu para trabalhar no laboratório. Eu fiquei muito tempo assim. Faculdade, trabalho, casa. Aí logo em seguida eu me casei e engravidei. Aliás, naquela época, tinha dois casais com os quais a gente era muito unido. Paulo de Tarso Carneiro e a Helena Rudolphi, que são meus grandes amigos até hoje. Também a Crista Bergmann e o companheiro dela. A gente nunca deixava de querer estudar, né, Paulo? Estávamos lendo a MARTA Hainnin, a chilena, para estudar O Capital. A gente fazia grupos de estudo e numa dessas vezes foi a primeira vez que a minha filha mexeu na minha barriga.

Aí foi aquela festa. Aí as duas se entusiasmaram e logo tiveram seus filhos também. O amor, a união foram fundamentais. (Termina muito emocionada. Aplausos).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não temos mais perguntas, mas tenho aqui uma colocação do Wilson. Os torturadores eram pessoas. Átila, Seelig e Job eram os organizadores e os instrutores dos quadros de tortura. Ficou engraçado porque dá a entender que os torturadores eram pessoas e os três não. Ficou bem assim, eu acho.

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: O Átila não bateu em mim, mas eu sei que ele bateu na Vera Lúcia e que jogou ela contra um móvel e saiu muito sangue da cabeça dela. O Selling me torturou.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que outras pessoas tu viu ou soube que foram torturadas nas mesmas condições?

IGNEZ MARIA SERPA RAMMINGER: O Félix, o João Batista Rita, o Bonna Garcia, o Fernando Pimentel, o Atamázio Horr, o índio Vargas, o Edmur também, mas ele ficava separado. O Engel Menegon, o Cláudio Perruci, mais tarde. O Valdir foi bem depois. A Eliana eu encontrei com ela só no presídio. O Paulo Frank Teles. O Valdir Isidoro da Silveira ele se entregou meses depois. Ele foi lá no DOPS, com um advogado, o Werner Becker. Eu não sei se foi torturado, isso teria que perguntar para ele. O Francisco Martinez, que eu já falei, porque eu fui torturada ao lado dele. O tenente Dario, o Ataíde. O caseiro foi morto, mas eu não estava na prisão quando ele foi morto. (... áudio longe. Alguém fala ao fundo)

PAULO DE TARSO CARNEIRO: Ela foi presa no dia 5 e eu no dia 6 de abril, eu e a Helena, minha mulher na época. Foi posto o Major Átila na minha frente, eu apanhei dele também. O Major Átila representava a instituição do Exército Brasileiro nesse processo. Pelo rádio ele fez um contato com o QG, se queixou que o Pedro Seelig era muito fraco e que a turma dele não sabia interrogar e pediu a presença de profissionais capazes porque achou que nós estávamos enrolando ele. Foi então que entrou o Malhões, com o codinome de Pablo, o Cabral e dois coronéis. (... áudio longe. Alguém fala ao fundo).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mais alguma pergunta? Bom, nós é que quase torturamos a Inês. Vou passar a palavra agora para a Cristine, do Comitê Carlos de Ré.

CHRISTINE RONDON: Bom dia a todos. Meu nome é Christine Rondon, estou na coordenação do Comitê Carlos de Ré. Acho importante dizer que o Comitê tem uma representação muito maior que a minha tanto na questão da resistência quanto no palco político atual. Mas eu sigo o centralismo democrático e estou aqui falando em nome de todos. Então, na pessoa do Dr. Guazeli a gente agradece o espaço cedido pela Comissão. A gente preparou para essa ocasião, a exemplo do que fizemos com a Comissão Nacional da Verdade, um exemplo muito curto, mas que traz as nossas expectativas e os requerimentos formalmente apresentados. Eu queria fazer então em nome do Comitê Carlos de Ré a leitura desses requerimentos. O Comitê Carlos de Ré da Verdade e da Justiça, em audiência pública ocorrida em 8 de março de 2013 da Comissão Estadual da Verdade do Rio Grande do Sul requer o estabelecimento formal de uma lista oficial de cidadão mortos no Rio Grande do Sul e cidadão desse Estado mortos fora de seu território, inclusive no exterior como resultado de ações de terrorismo de Estado realizados pelo regime civil, militar e brasileiro, entre 61 e 85. Igual procedimento com relação às vítimas do crime continuado de sequestro, desaparecimento forçado ou ainda em curso. Igual procedimento para as vítimas de privação continuada de liberdade, tortura física, psicológica, violência sexual, ocultação de cadáver e privação de defesa jurídica. Idêntico comportamento quanto aos mesmos crimes, incluída a deportação ilegal de cidadãos brasileiros e estrangeiros no interior dos países, entre os países que participaram da Operação Condor. Fixação de uma lista formal dos responsáveis por cada um de tais crimes na condição de executores, facilitadores, omissos, mandantes, cúmplices e acobertadores em todos os níveis de cadeia de mando hierárquico, seja no âmbito civil, militar, policial, autárquica, cartorial, médico-legal, legislativa ou como resultado de interação entre eles. Uma ação formal entre os cidadãos responsáveis pelos crimes acima elencados, de sua condição de executores oficiais do crime de lesa humanidade conforme as convenções internacionais das quais o Brasil é signatário. Que a oitiva das testemunhas seja acompanhada por representantes da

Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos e Comitês Cívicos, na mesma condição de depositários da memória e das informações completas e abrangentes para qualificar e dar densidade aos testemunhos com interação imediata no curso dos depoimentos, respeitado o sigilo apenas em casos excepcionais. Que a Comissão Estadual da Verdade assuma como seu dever a elucidação de todos os casos em parceria com a Comissão Nacional da Verdade, retirando das vítimas o ônus de petição, busca e prova. Que a Comissão Estadual da Verdade determine com máxima brevidade uma política normativa de busca, preservação, guarda e acesso a todos os arquivos pertinentes. Que a Comissão Estadual da Verdade tenha como foco principal o conjunto orgânico da repressão massiva ocorrida entre 70 e 73, declarando caracterizado o terrorismo de Estado. Que o relatório final, além da expressa caracterização da ocorrência de terrorismo de Estado e de crimes de lesa humanidade, conste as necessárias orientações para que se faça justiça. Essa é a nossa manifestação. A gente também parabeniza aqui a Inês Maria Serpa, a Martinha, pela coragem do testemunho e também pela grande ajuda que nos deu com a identificação da penitenciária feminina Madre Pelletier, que foi um local de tortura na nossa cidade. A gente apresenta nesse exemplo da identificação do Pelletier uma parte do trabalho que a gente realiza no Comitê. Ficamos abertos à Comissão Estadual da Verdade para viabilizar no que for possível, no que nos competir, a conquista desses objetivos que são de toda a sociedade e abertos a todos vocês para quem quiser conhecer o nosso trabalho e participar da nossa militância por memória, verdade e justiça. Obrigada. (aplausos)

HOMEM NÃO IDENTIFICADO: Dr. Guazelli, um registro. É possível. Ontem ocorreu um episódio muito grave. Gostaria de ler nossa posição, a do Comitê. Ontem explodiram mais uma bomba na seccional carioca da OAB. Mais uma porque estou lembrando daquela nos anos 80. É inacreditável isso. O presidente atual da OAB carioca é o Felipe Santa Cruz, filho do desaparecido político Fernando Santa Cruz. Ele desapareceu aos 24 anos, já era pai do Felipe. Para orgulho nosso, o Felipe, aos 42 anos, é presidente da seccional carioca da OAB e representou o Comitê o Lousada no evento de posse. Ontem explodiu essa bomba lá e isso é muito perigoso. Isso só ocorre por conta da impunidade que ainda existe. Rapidamente, nós estamos

divulgando a partir de hoje a seguinte manifestação. Boletim do Comitê Carlos de Ré, da Verdade e da Justiça. Ante ao evento gravíssimo ocorrido no dia de ontem com a explosão de uma bomba na sede da OAB seccional Rio de Janeiro, o Comitê se solidariza com os advogados do Brasil e em especial com aqueles da terra carioca. É inaceitável que depois de décadas de lutas cívicas para democratizar nosso País, certos agentes da obscuridade tentem nos assustar com seus métodos terroristas de que se valeram durante a última tirania civil e militar imposta ao Brasil de 1964 a 1985. O atentado contra a sede da entidade dirigida por Felipe Santa Cruz exige a mais séria tomada de medidas por parte do Ministério da Justiça, do Governo Federal, pois revela a disposição de certos setores de voltar a usar a mesma violência que destruiu a democracia em 1964, que se viciou com a tortura, com sequestros, com assassinatos, com desaparecimentos, perseguição e amedrontamento a milhares de brasileiras e brasileiros durante décadas. A impunidade dos crimes de ontem estimula a ação dos criminosos de hoje. A democracia exige respostas oficiais e que os delinquentes que ora acendem o pavio dos atentados sejam identificados, julgados e percebam que não têm mais lugar em nosso País. A memória foi, a verdade é e a justiça será. Comitê Carlos de Ré. Obrigado. (aplausos)

BARBARA CONTE: Bom dia a todos, o meu nome é Bárbara Conte e eu primeiro gostaria de agradecer e falar da importância desse momento e estou aqui com outros colegas para poder participar também nesse momento importante. Para poder aparecer no depoimento dessas pessoas, para poder quebrar esse momento de silêncio, poder saber o que foi a experiência de cada um de vocês nesse processo. Nós somos um grupo de psicanalistas, temos uma instituição, fizemos parte de uma licitação nacional para um projeto do Ministério da Justiça e da Comissão de Anistia que se chama Clínicas do Testemunho. Esse projeto é nacional, o nosso grupo foi escolhido para representar a região sul. O projeto consiste na escuta das pessoas vítimas da tortura e seus familiares e também a capacitação de profissionais que visem trabalhar com isso e quem sabe possam dar sua contribuição diante de uma política pública para que seja aberta esta condição de trabalhar o trauma. Esse projeto vai ser lançado nacionalmente na Semana dos Direitos Humanos que é agora

na primeira semana de abril. Aqui em Porto Alegre ele será lançado no dia 3 de abril, às 19h30. Faremos uma divulgação pública, com a presença de pessoas da Comissão da Anistia, de Brasília. Estamos começando um trabalho que possa contribuir. Esperamos também poder contar com a participação dos grupos que trabalharam até agora dentro dessa perspectiva da quebra do silêncio e da possibilidade de transformar essa experiência naquilo que seja não só do conhecimento, mas também da possibilidade de que seja utilizada de uma outra maneira. Que isso possa ser aberto e utilizado para que profissionais possam trabalhar em uma política de atendimento. Nesse sentido, gostaria de agradecer o que a gente ouviu e fazer um convite a todos para que possam participar das atividades que passaremos a divulgar e que são públicas. (aplausos)

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Agradeço. A Comissão está à disposição para que em momento oportuno possa divulgar suas atividades. Gostaria de agradecer a presença de todos, muito especialmente da Inês, que além da bravura de ter enfrentado a ditadura, de não se deixar destruir como seus algozes queriam, e ter ainda a dignidade, a integridade, a clareza, a lucidez de nos prestar esse importantíssimo relato. Muito obrigado. (aplausos).

TESTEMUNHO – INDIO BRUM VARGAS¹

CEV/RS: (incompreensível), o livro da Mara, conhece o personagem, o (incompreensível) deu uma mudadinha no nome, para não dar na cara que era ela. Bom, então eu vou, nós estamos aqui reunidos hoje, 22 de agosto, para ouvir o Doutor

ÍNDIO VARGAS: Vargas que agora tem a palavra. O senhor declara seu nome, como quiser, fique a vontade, e nós temos muito interesse, especial interesse na prisão, no que aconteceu na prisão. Muitas vezes é doloroso, mas é importante porque é objeto do (incompreensível) para a Comissão Nacional da Verdade e da Comissão Estadual, que o objeto da nossa apuração são (incompreensível). É claro que a pessoa não chegou lá nos altos de paraquedas, e para que então, seria interessante contextualizar e contar da sua militância né? Bom, então devemos começar pelo início. É meio complicado isso aí, porque parte da minha vida mais ativa, porque eu venho do interior né? Eu vim do interior (incompreensível), nasci lá, dia 1º de janeiro de 1938. As margens da (incompreensível), lá, duvido que exista um lugar (incompreensível), somos habitantes, desde o início, (incompreensível) aí. Então, nosso (incompreensível).

CEV/RS: Que ano o senhor veio para cá?

ÍNDIO VARGAS: 1951. Em 1951 eu andei (incompreensível). Aí eu fiz o serviço militar, fui e aproveitei para fazer admissão (incompreensível), a noite. Fui lá, (incompreensível).

CEV/RS: Não é o mesmo Manoel, que virou (incompreensível)?

ÍNDIO VARGAS: Não. (incompreensível).

CEV/RS: O senhor tinha alguma militância?

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível). Mas ele, já no período do Getúlio, o Getúlio, ele era getulista. Aquela fase do (incompreensível).

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1534/depoimento-?-indio-brum-vargas>>. Acesso em: abr./maio 2015.

22, 23 anos estava aqui, dirigindo os velhos, (incompreensível). Fundados sobre a inspiração, da doutrina dos (incompreensível). (incompreensível) aquele negócio, (incompreensível). Arrumaram aquilo, puseram (incompreensível), era coisa difícil, (incompreensível), modelo nacional. Um dia funcionou, (incompreensível), as coisas pelas quais (incompreensível) estado importante devido a ação, eram eles (incompreensível). Os políticos na época, ou eram republicanos ou eram do partido (incompreensível). Bom, eu sou (incompreensível), era uma disputa permanente de poder porque o Júlio e (incompreensível) são considerados homens (incompreensível), ninguém nunca pegou um tostão, mas a faca funcionou, com muito (incompreensível). A degola foi muito grande, não podia divergir do Doutor Júlio, mas (incompreensível).

CEV/RS: Foi nessa época que criaram os coronéis né?

ÍNDIO VARGAS: Sim, claro. (incompreensível).

CEV/RS: E o senhor morava bem perto ali, senão (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível). Os Mesquita, em São Paulo, no estado de São Paulo, fizeram uma revolução, financiada e dirigida por eles. (incompreensível), eles já tinham uma posição, de um choque, da Revolução de 30, (incompreensível), a bomba não servia. E os Mesquita não queriam (incompreensível), para dirigir o Brasil. (incompreensível), não tanto quanto eles, que eles tinham o poder. (incompreensível), dito isso, eu fui (incompreensível).

CEV/RS: Então o senhor não teve militância até vir para Porto Alegre?

ÍNDIO VARGAS: Não. Aí vim pra cá e entrei, fiz curso aí, estava fazendo curso de jornalismo e entrei em um jornal. Tinha o jornal A Hora, (incompreensível). O jornal lá, era um jornal moderno, a cores e (incompreensível). Segue na página tal, não tinha isso? Foi uma grande descoberta, então entrei lá. (Incompreensível), queria pleitear, que estava na faculdade.

CEV/RS: Tinha faculdade onde?

ÍNDIO VARGAS: Essa...

CEV/RS: Essa que virou a FAMIG depois?

ÍNDIO VARGAS: É.

CEV/RS: FAMIG? A PUC?

ÍNDIO VARGAS: É. O jornalismo foi na PUC. Então eu estava lá, fui me apresentar e fiz (incompreensível), sobre o descobrimento do Brasil. (incompreensível), falou isso. (incompreensível), grande, loiro, (incompreensível), então deu uma versão nova, uma versão nova dele, que de nova não tinha nada, era tudo mais ou menos (incompreensível). (incompreensível), professor da universidade, entrei lá, pelas mãos do doutor (incompreensível). Puseram o texto (incompreensível), as observações que um, qualquer um faria (incompreensível). Me tornei jornalista, (incompreensível) no Ministério do Trabalho e tal (incompreensível). Meio assustado, sem saber (incompreensível), então eu cheguei aqui meio que fora. E aí, eu estava lá, e no dia, Lauro (incompreensível) era secretário, chamaram o secretário, o editor, o editor chefe (incompreensível), está chegando um avião aí no aeroporto Salgado Filho, que veio com um grupo grande de artistas de cinema, que se diziam artistas de cinema, vai fazer um pouso técnico e no qual vem, entre outras, (incompreensível) Morron. Então, queria gente para dizer (incompreensível). Quem é essa francesa aqui? (incompreensível), está estudando (incompreensível) francesa. (incompreensível). Eu sei que eu fui para o aeroporto, peguei o Jipe, peguei o Jipe e fui pra lá. (incompreensível), havendo um boicote (incompreensível). (incompreensível) do circuito.

CEV/RS: Já foi bom mais tarde.

ÍNDIO VARGAS: Ahm?

CEV/RS: Não foi 51, foi bem mais tarde.

ÍNDIO VARGAS: Não, isso foi 56, eu acho. (incompreensível), e ela não sabia, uma mulher como aquela, vinha e veio de Paris, de Punta Del Este, o avião vinha de Punta Del Este né? (incompreensível) para num lugar assim, no aeroporto (incompreensível), e nem era aquele

lá, era um outro mais acanhado. (incompreensível). (incompreensível) porque o filme foi, todo o circuito, antes eles passaram uma sessão especial para jornalistas e autoridades, inclusive, chamavam autoridades eclesásticas. Mandou uma equipe lá, pra ver o que ela falava né? (incompreensível). Posso dizer o porque?

CEV/RS: Foi a primeira insinuação de sexo oral no cinema no mundo.

ÍNDIO VARGAS: É. (incompreensível), ela é bonita. Peguei (incompreensível), eu fiz um sucesso por lá porque (incompreensível). Sim, eu estou aqui, estou aqui (incompreensível). No outro dia eu cheguei lá na (incompreensível), o professor disse, hoje eu não vou dar aula, o senhor que vai contar como foi esse encontro. Mas (incompreensível). (incompreensível), ela e o par dela estão se beijando, beijou, beijou, e passou pelo (incompreensível) e de repente desaparece a cabeça dele e ela entra em lugares, agora pode falar, (incompreensível). O pior é que o diretor da censura, (incompreensível), o governador era o Brizola, o diretor da censura era amigo do (incompreensível). Sempre ficou com aquela coisa né? Sempre frisei que (incompreensível). Muito bem feito né?

CEV/RS: Aí tu viraste uma celebridade né?

ÍNDIO VARGAS: Aí fiquei lá meio conhecido e já comecei...

CEV/RS: Só que aí não tinha militante?

ÍNDIO VARGAS: Não, não tinha nada. (incompreensível).

CEV/RS: Você sabe quando?

ÍNDIO VARGAS: 1961, quando Jânio renunciou e o Brizola pegou o microfone do (incompreensível).

CEV/RS: O amigo já trabalhava lá.

ÍNDIO VARGAS: Não, não, trabalhava no Diário de Notícias. Assis Chateaubriant. (incompreensível). Aí o (incompreensível) assumiu aquela posição, mesmo porque ele tinha motivo (incompreensível),

aquela foi a grande, o grande feito, aquela foi a, o momento mais importante e mais significativo para ele, para sua personalidade, determinada, autoritária, corajosa, tomou a posição em favor da liberdade.

CEV/RS: Porque?

ÍNDIO VARGAS: Porque era a favor da lei, da constituição. A favor do estado democrático, (incompreensível). E aí eu fui, eu fazia cobertura no Palácio Piratinga, (incompreensível), e o diretor (incompreensível), o jornal inimigo. Era inimigo (incompreensível), inimigo até o Brizola (incompreensível), governo nenhum briga com o governador, só louco. Aí, ele (incompreensível), diretor me chamou e me deu umas (incompreensível). Diretor não chama repórter para dar conselho. (incompreensível). Eu fui vendido junto com o, o que eles queriam mesmo era o maquinário, o equipamento moderna do A Hora, (incompreensível) umas máquinas velhas. (incompreensível) comprou e eu fui junto com o material todo.

CEV/RS: Quando fechou o A Hora que o senhor foi...

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível). Aí o governador era o Brizola, até então não fazia (incompreensível), não cheguei a votar (incompreensível), não fazia partido, e achava os políticos muito ruins. (incompreensível) já naquela época. (incompreensível) uma certa contensão, (incompreensível). Aí fiquei ali (incompreensível), acompanhar o passo a passo que ele vai centralizar (incompreensível). E era o Fernando Ernesto Corrêa, (incompreensível).

CEV/RS: Aquele Fernando Ernesto Corrêa?

ÍNDIO VARGAS: O Ernesto Corrêa, (incompreensível) o filho dele. O Ernesto, o velho. E aí então eu fui lá, (incompreensível) a empreitada que me deram, pra fazer cobertura, (incompreensível), eu falei (incompreensível)

CEV/RS: (incompreensível), foi minha paraninfa no ginásio.

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível) era professora. Então o (incompreensível) disse assim, não (incompreensível), de gabinete, assessoramento (incompreensível). Assessoramento, planejamento,

(incompreensível). Só um detalhe muito importante, é o Brizola que introduz a estrutura moderna de planejamento público no governo do estado. A partir daí, (incompreensível). E eu fui pra lá e não vi o Brizola, abri a porta e (incompreensível) o telefone eram muito ruins, tanto é que ele (incompreensível). Os americanos largaram tudo (incompreensível), que puderam, largaram. (incompreensível), mas general, esse é um momento histórico general, nós estamos defendendo o estado democrático de direito, nós estamos defendendo a constituição, as leis e a ordem e a sua instituição general. O exército é guardião da constituição, general, este é o nosso momento.

CEV/RS: O que quê o general, esse general estava (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Era o general Omar Osório. O general Omar Osório tinha um irmão que era professor de matemática na escola de cadetes aqui já (incompreensível). Então chegou a ver (incompreensível). E o general, comandante do terceiro exército, quando veio, vieram as primeiras notícias, ele reagiu, ele tomou uma posição (incompreensível), quando foi consultar (incompreensível), ele não tinha mandado (incompreensível). Um soldado não discute ordens, um soldado cumpre, (incompreensível). Aí, é que ele fez, pegou lá e já entrou (incompreensível) que era comandante, esse (incompreensível), era comandante da primeira divisão de cavalaria e o (incompreensível) era o comandante da segunda divisão de infantaria, que era a maior do Brasil. (incompreensível), uma guerra entre Argentina e Uruguai juntos (incompreensível). Quiseram inverter (incompreensível). Bom, então aí, quando eu vi que ele estava tentando convencer (incompreensível), porque não tinha mais condições, o apoio popular foi tão grande, porque um fato que revela a unanimidade (incompreensível), foi ali que eu me, tomei uma decisão política. O momento de massa (incompreensível). E o amigo me mostrou um telegrama, naquele tempo o partido libertador, era um partido pequeno, (incompreensível). Eles tinham um ódio, Brizola veio de uma região muito ruim, muito pobre, sem expressão, sem nada. Então eles achavam que o governo era para eles, (incompreensível). (incompreensível), não sabia dizer, nem falar (ININTELIGIVEL). E o Brizola até fazia umas coisas que os outros nunca fez, que o Brizola fez (incompreensível), que deu curso para ele, técnico agrícola e tal e ele queria condições legais de fazer um vestibulo-

lar, e ele queria fazer uma engenharia, e aquele curso com uma matemática muito ruim, física, química, matemática, tinha nem (incompreensível). Fez vestibular, saiu engenheiro já (incompreensível). Aí ele falando para aqueles generais, (incompreensível), chegou no palácio para fazer um encontro entre os dois, o Jango, o Jango já estava, não, o Jango tinha vindo, (incompreensível) no Uruguai e aí, eu me lembro muito bem, ele chegou mas o pessoal não sabia muito bem porque até o próprio Brizola, ele escondia um pouco a mudança que houve no comandante, na maneira de encarar essa situação, cada comandante desse exército sabia que (incompreensível), que não ia abrir (incompreensível), psicológico. E quando o comandante chegou, uma multidão (incompreensível). E eu me lembro muito bem que eu cheguei assim perto da porta, ia saindo um fazendeiro (incompreensível). Aliás, os ricos (incompreensível) em volta dele, principalmente os pobres. Em volta dele, não gosta de rico. E aí, por algumas coisas, é claro. Aí (incompreensível), se esse general não veio me apoiar, (incompreensível). Mas aí, daí a pouco (incompreensível). E a ultima hora, a ultima hora (incompreensível), com dinheiro até do Conde Matarazo. Matarazo deu dinheiro para fazer (incompreensível), dos recursos para fundar, para fazer funcionar (incompreensível), foi o Conde Matarazo, que disse, eu deu porque eu quis, o dinheiro, o dinheiro era meu, e não quis saber de recibo e nem de retorno, (incompreensível). Então, bom, difícil (incompreensível), ficou decidido (incompreensível), porque a ordem para (incompreensível) o palácio, isso está escrito, está tudo documentado, não tem nada que não seja (incompreensível) dentro do palácio, decidido (incompreensível). E quando veio a ordem de (incompreensível) para bombardear o palácio (incompreensível). Pegaram, por rádio amador, tudo isso pegaram. Naquele tempo a gente não tinha, hoje em dia (incompreensível), querendo esconder para não atentar, mas tudo documentado. Então aí que eu vi então realmente (incompreensível). O Jango achava que era dever dele (incompreensível). Eles são parceiros do negócio (incompreensível).

CEV/RS: Depois que tinha terminado o governo do Brizola?

ÍNDIO VARGAS: Depois que tinha terminado o governo do Brizola. Aí eu fui para Brasília para ajudar a fazer a reforma agrária. Aí o Jango já não era mais parlamentarismo, era presidencialismo, tinha

feito plebiscito. Tinha feito plebiscito e o plebiscito foi muito bem feito né? (incompreensível).

CEV/RS: E como era o nome desse homem?

ÍNDIO VARGAS: Superintendência (incompreensível). E eu fiquei lá, eu estava já fazendo a cartilha porque o grande governo da reforma agrária, para ensinar para o povo, para os que vão receber e até os que vão ter as suas terras desapropriadas, para efeito da reforma agrária. O que é bem isso aí? Como que vão fazer isso aí? Era o que eu queria fazer (incompreensível), estava esperando um livro chamado Jeca Tatu, Monteiro Lobato. Que era distribuído gratuitamente dentro do (incompreensível). (incompreensível), que eu acho uma maravilha, (incompreensível), porque ele entrou na literatura, falando mal, (incompreensível), com atraso, que era aquela postura inteligente, e esse livro, que é um livro (incompreensível). Na verdade marca (incompreensível), que aquele cidadão é a causa do atraso, ele é consequência do atraso (incompreensível). (incompreensível) que dirigia a campanha do petróleo, (incompreensível) era um fazendeiro (incompreensível). E eu estava fazendo aquilo ali (incompreensível), eu estava no auge do livro, (incompreensível). Cheguei aqui e comecei a ver (incompreensível), e eu vi um vazio (incompreensível), que estava no diretório metropolitano do PTB, aí eu já estava diretório político, estava sem emprego, agora eu faço campanha, mandato (incompreensível).

CEV/RS: Deixa eu lhe perguntar porque isso importa, eles caçaram nesse momento ou só extinguiram (incompreensível)?

ÍNDIO VARGAS: Aí então, eu vi que estava vazio e me candidatei, a (incompreensível). Estava na campanha e tal, (incompreensível), a ditadura já estava em pleno funcionamento, não tinha (incompreensível) ainda, que ali foi o grande (incompreensível). Aí eu me candidatei a (incompreensível), e tinha o horário político que tinha na televisão cujo sinal (incompreensível), eu fui pra lá e notei esse cara. Esse cara me dava muito trabalho e eu não podia mentir né? Se eu pudesse mentir. (incompreensível).

CEV/RS: (incompreensível) para a candidatura né?

ÍNDIO VARGAS: Aí eu fui para a televisão, primeiro pronunciamiento, antes de entrar na (incompreensível), como candidato a vereador pelo PTB, eu quero fazer uma comunicação, (incompreensível). Ontem, foi preso em São Paulo, em um lugar chamado Ibiúna, mil e cento e tantos estudantes da UNI que estavam reunidos em uma propriedade de uns religiosos para eleição do presidente da UNI nacional, que se chama José Dirceu. Fizem isso ontem, amanhã não vai ser só cento, mil e cem, sabemos que serão presos toda a nação, o povo brasileiro vai ser preso, metido nas grades e aí comecei, o sujeito que estava lá na câmara disse (incompreensível), fiz alguma coisa e saí. Sabei isso. Isso foi (incompreensível), eles servem, todos (incompreensível) servem, se alguém diz alguma coisa que eles não querem, eles já prendem lá na saída, é o que vai acontecer contigo. (incompreensível), eu quero sair daqui, por essa porta aqui, essa porta aqui vai dar no corredor que vai sair lá na barranca que vai dar pra vila dos policiais. (incompreensível). Eu tinha um comitê na rua Doutor Flores, (incompreensível), fiquei dois dias sem ir lá, (incompreensível). Aí fui lá, tinha umas 50 pessoas, eu saí e aí foi apoio de tudo quanto é lado, foi (incompreensível). Naquele tempo era muito duro, (incompreensível). Aí, feita a eleição e eu fui o segundo mais votado, (incompreensível). Isso foi em 68. (incompreensível), candidato a vereador de Fortaleza, (incompreensível). A palavra tese, é importante no (incompreensível), porque já não interessava, outra explicação não precisava. E a tese neutraliza um pouco, eu achei até que (incompreensível).

CEV/RS: E nesse período, o seu trabalho, aquele na supra, (incompreensível)?

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível), o pessoal fugiu tudo.

CEV/RS: E nesse período o senhor viveu de quê? Trabalhou?

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível). Eu era, quando fui para Brasília, que o Doutor João (incompreensível) era o presidente, me convidou para ir para fazer o negócio da reforma agrária, eu nem sabia ainda (incompreensível). Fazia várias reportagens sobre os colégios, dos sem teto, e eu fazia muito, eu gostava muito disso daí. Fui pra lá (incompreensível), eu que sou empregado do (incompreensível). E esse

concurso, suspendeu o concurso em um decreto, o Getúlio fez aquele decreto com base (incompreensível). Aí eu fui no (incompreensível), estava lá na Caixa, trabalhava na Caixa. Quando eu fui candidato, eu estava licenciado para a Caixa, para fazer a, eu voltei para a Caixa. Eu não queria voltar, sabe porque? Porque a Caixa estava, é federal, e eu não queria voltar para a Caixa pelo seguinte, porque disse eu não vou me aposentar, vou morrer só para (incompreensível) e estou bem aqui, já tinha começado a (incompreensível) né? (incompreensível), muitos anos, vinha gente de (incompreensível) e aí eu assumi, fui eleito, fui diplomado. Assumi, é, fui empossado e quando eu assumi, 20 dias depois de eu ter assumido, eu fiz dois cursos, que eu fiquei só 20 dias, (incompreensível), me cassaram o mandato, suspenderam meus poderes políticos por 10 anos e me tiraram o emprego. Meu primeiro emprego federal, (incompreensível). Fiquei sem nada. (incompreensível).

CEV/RS: Essa altura o trabalho de jornalista (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível) já não é (incompreensível). Eles me cassaram em um dia, no outro dia eu já estava procurando (incompreensível). Eu era muito ligado a esquerda, (incompreensível). E então eu fui, fiquei sem nada, mas comecei a agir.

CEV/RS: Começou a trabalhar na profissão (incompreensível)?

ÍNDIO VARGAS: Mas não (incompreensível), logo depois que ouvi o (incompreensível), antes mesmo de eu ser candidato, eu já fui a Montevideo, eu e o (incompreensível). Depois eu fui sozinho, (incompreensível), me liguei muito ao Brizola, que ele articulava um grupo para insurreição contra a ditadura. Eu estava lá e tinha um grupo de pessoas que conversavam comigo, que iam lá (incompreensível). Porque é muito sério os horários, a chegada, a saída e tal, enfim, a segurança, (incompreensível).

CEV/RS: Esse encontro foi em Montevideo?

ÍNDIO VARGAS: Montevideo. Aí eu comecei (incompreensível). Só a natureza do serviço e a gente entrando no ônibus Só a natureza do serviço e a gente entrando no ônibus ininteligível, tinha assim muitas notas, tudo porcaria de seis mil essas, mas fazia volume e (incom-

preensível) tinha uma senhora assim: “Não, o senhor está com esse saco aí, como é que leva?” “Então, você faça o favor”. Os remédios, uma senhora mais de idade aí foi e quando chegamos perto da santa casa todo mundo desceu e eu desci também e fomos lá para (incompreensível) para ver o que tinha. Quer dizer então que a coisa era muito romântica não é? (incompreensível), tinha assim muitas notas, tudo porcaria de seis mil essas, mas fazia volume e (incompreensível) tinha uma senhora assim: “Não, o senhor está com esse saco aí, como é que leva”? “Então, você faça o favor”. Os remédios, uma senhora mais de idade, aí fomos e quando chegamos perto da santa casa todo mundo desceu e eu desci também e fomos lá para (incompreensível) para ver o que tinha. Quer dizer então que a coisa era muito romântica não é? (incompreensível).

CEV/RS: Dessa ação do banco do Brasil de participação era furto de gaveta ou não?

ÍNDIO VARGAS: Não, o que falhou foi o carro (incompreensível). Porque ele não pegou na hora.

CEV/RS: Mas nessa participou o Ângelo para dar fuga para o Senhor(F) o rapaz que então morreu.

ÍNDIO VARGAS: Não, o que deu a fuga foi poleiro de muro, porque poleiro de muro tinha, aí é que está ele tinha sempre dois de esquerda, ele não tinha uma alternativa só, “Deixa eu só sair por aqui”. E se ali tiver alguém? Então ele já tinha uma pessoa que o esperava também após a própria ação para caso ocorresse o que ocorreu com a minha qual o meu bondinho não era meu era da organização aí que ele pegou o carro do Ângelo.

CEV/RS: Aí que ele escapou com o carro do Ângelo?

ÍNDIO VARGAS: É.

CEV/RS: Ele foi para o viaduto (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Eu arrumei um aparelho com o Edmundo dos (incompreensível) do acidente o senhor já... Não só para atender a comunidade, na denúncia os acusa de terem praticado essas (incompreensível) para o Jorge Frank e o (F).

CEV/RS: Mas esse aí (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Mas acabamos que estamos falando.

CEV/RS: Não, estamos falando na (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Ah tá (incompreensível).

CEV/RS: (F) de Cachoeirinha, aí já tinha o entre jeito, (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Ah, a segunda foi de cachoeirinha, porque lá do (F) o seu nome não está como participante da ação de (incompreensível).

CEV/RS: Eu não concordei com o negócio. Mas ali naquele processo o senhor entra como pela militância política, a gente tem essa acusação que.... Não sei (incompreensível). Porque eles reuniram, fizeram todos os processos que foi de uma militância só, inicialmente houveram duas denúncias, uma dos assaltos, de vários assaltos e uma só pela participação na organização e essas duas denúncias foram juntadas e recorreu no processo de uma instrução só e uma sentença só no âmbito. Então nessa organização do M3G, de trabalho político, nessa o senhor foi denunciado por um homem que iria fazer a cabeça dos moradores da Vila Santa Isabel.

ÍNDIO VARGAS: Não. Professor que comparecia, fazia as reuniões políticas, não sei se quer falar sobre isso, se havia essas reuniões políticas. Não, havia sim, porque o Edmundo gostava muito de por a mão (incompreensível) ficou trancado lá no (F), com o Coronel (F), nós pedimos: “tem que ter uma pessoa com níveis de cálculo ideal e é pessoa (incompreensível)”. E eu preciso contar se e vou dizer a verdade o (F) cai, aí eu vou demonstrar que era muito motorizado, o Gustavo ia participar do circular. De circular não é? E era um homem clandestino, mas sempre circulava por tudo.

CEV/RS: Esse homem foi preso em que ano?

ÍNDIO VARGAS: Eu fui preso em 70, em abril de 70 dias 8 de abril de 70 estava no curso dando aula lá quando chegou o pessoal do DOPS, (incompreensível).

CEV/RS: Ainda da prisão, só pra ver essa questão da militância então pelo Edmundo ainda frequentava a vila Isabel lá, já tinham saído?

ÍNDIO VARGAS: Sim, já tinha saído de antes.

CEV/RS: De antes, não é?

ÍNDIO VARGAS: Sim, depois nós nos encontramos lá na prisão da(F).

CEV/RS: Vê que interessante como essas coisas são importantes eu acho até que fique gravado.

ÍNDIO VARGAS: Eu estou fazendo uma pesquisa mais aprofundada agora do caso do Sargento Manoel Arlindo Soares, e descobri que o sargento Manoel Arlindo Soares foi morto entre outras coisas porque não era pouca coisa que ele estava muito metido na organização estava chamando aquele Edgar para a morte e acharam eles, estavam escondidos, onde acharam o esconderijo a tal chave que depois complementaram a (incompreensível) do Pinheiro, (incompreensível).

CEV/RS: Temos uma informação que o senhor conhecia Raul soares?

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível) que ele saiu em um caixão do necrotério, que o povo trouxe em uma mão, que atravessou a (incompreensível) a redenção ali, e perto da pilha, quando tinha pilha agora não tem mais (incompreensível) então aí quem comandava o cortejo, ou seja, o enterro, as pessoas que acompanhavam foram até o cemitério a pé, era o Alvarez, o João Alvarez, e eles: “pare um momento que nós vamos fazer um marco aqui”. E em seguida deram uns tiros nos operários ali e aí já tomaram um cavalete daqui e o outro de lá, botaram umas (incompreensível) daqui e aí falou o Alvarez, depois falaram um ou dois e continuou o enterro foi até o necrotério ali atrás da santa casa até o são Bernardo o necrotério era ali atrás.

CEV/RS: Perto do centro de engenharia?

ÍNDIO VARGAS: Perto do centro de engenharia. A gente tinha medo de passar ali.

CEV/RS: É.

ÍNDIO VARGAS: Então vamos a pé desde o começo, fomos a pé até lá e num discurso à pilha.

CEV/RS: E o senhor disse que no major Faria na época não era coronel ainda?

ÍNDIO VARGAS: Não, era Major. Homem corajoso.

CEV/RS: Bom, mas então voltando e falando em homem corajoso também voltando a seu caso, e claro que já conhecida, mas é a sua frequência ali na vila santa Isabel era verdade mesmo.

ÍNDIO VARGAS: Era verdade, a Senhoria ia muito lá porque lá era berço de esconderijo, ali era uma coisa mais discreta, mas acontece que as pessoas falam muito, começa aparecer carros (incompreensível) e tira a rotina e eles vão à rotina pessoas que não sabem o que dizer, e as pessoas não se identificam provavelmente por que estão clandestinas

CEV/RS: E essa aproximação de três, porque segundo anunciaram ali, três diferentes grupos, o M3G, o do Palmares, tal de FBI, Frente Brasileira (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Não, mas a (incompreensível) VPR, Vanguarda Popular Regional.

CEV/RS: Não, nesse ele não participou, este defasado isso.

ÍNDIO VARGAS: Ele não participa.

CEV/RS: Participa a Vara Palmares, o M3G e uma tal de Frente, não sei.

ÍNDIO VARGAS: Tinha um pessoal de são Paulo e que trouxe (incompreensível), da qual um dos componentes (incompreensível) e agora é presidente do PT, está disputando uma eleição está bem dividido era nosso porta voz junto à guarda.

CEV/RS: Esse aí é um preso numa circunstância, muito interessante, em seguida (incompreensível), mas é uma outra circunstância que ele é preso ele é preso depois da outra ação.

ÍNDIO VARGAS: Parece que é o...

CEV/RS: Pode o deixar contar. Mas isso é outro assunto, é isso, por isso eu queria voltar ao seu assunto.

ÍNDIO VARGAS: Bom, e aí houve essa aproximação desses três grupos aí.

CEV/RS: (incompreensível) Mas eu quero uma coisa... Não, mas o senhor (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Eu não participei porque o Edmundo fez umas coisas que eu não queria fazer que, eu achava, então... (incompreensível).

CEV/RS: (incompreensível) um desses grupos especificamente ou não?

ÍNDIO VARGAS: Não, todos os grupos. Sim eram obrigados (incompreensível) repartir o dinheiro (incompreensível) O (F) não fazia mais fez com esse dirigente aí da (incompreensível). Era o grupo que apoiava o Dutra Mar ligado ao PTB e que tinham o que fazer uma ligação para (incompreensível) inserção no meio do campo, porque ele era forte não é? As tropas eram grandes na cidade bem pequena.

CEV/RS: Então o senhor não chegou a ser (incompreensível)? Era mais do...

ÍNDIO VARGAS: Não, eu não era nada(incompreensível).

CEV/RS: Não.

ÍNDIO VARGAS: Era aliado, era um processo normal eu era aliado, em termos estratégicos.

CEV/RS: Tá, e da ação do Banco do Brasil especificamente tu não participaste?

ÍNDIO VARGAS: Não, essa do (F)?

CEV/RS: Tá, então vamos para a prisão então, e passou que ela... Passou por causa dela (incompreensível). Ela ficou sabendo?

ÍNDIO VARGAS: É eles acharam que eu era um dos homens de farda, acharam, e queria saber, eles tinham muita... Porque aí eles ligaram para essa ação do Banco do Brasil à tentativa de sequestro do Consul americano, ligaram, eram dois fatos importantes, o Consul americano era muito mais importante não é? Segundo os americanos (incompreensível). Sim, e aí tiraram.

CEV/RS: Tem depoimentos não é?

ÍNDIO VARGAS: (incompreensível) ele comandou e o Félix Itamar na época. Não sabia nada (incompreensível) sim, estou mais receptivo, eu trabalhei, ele trabalhou junto comigo e tudo para advogado, e era (incompreensível) são ele foi reintegrado ao Banco do Brasil depois houve um atentado, depois ele entrou com uma demanda na Comissão de Anistia e ganhou parte e a mulher dele ganhou parte, deu certo desgosto político, mas ele Mora em (F), ali com a família (incompreensível).

CEV/RS: Esta bem.

ÍNDIO VARGAS: Está bem, estou forte, eu encontrei com ele, ele trabalhou lá no escritório comigo, aí há uma particularidade que ele (incompreensível) a sala do sindicato, numa tentativa de sequestro, parte das armas usadas na tentativa de sequestro do cônsul americano são armas da Vargas palmares, usadas no Banco do Brasil, foram passadas, a Vargas Palmares passou para a VPR, para usar, então na verdade uma investigação poderia levar a outra para terminar isso, mas aí...

CEV/RS: Mas na época ali, houve essa ação e o senhor soube dela ali? Antes de ser preso soube?

ÍNDIO VARGAS: Ah não, soube inclusive do sequestro, da tentativa de sequestro do Consul.

CEV/RS: Do cônsul?

ÍNDIO VARGAS: Americano, porque o nome para entrar na lista, com as pessoas que seriam pedidas a liberdade e era no Rio de Janeiro, o filho do (F) Menezes, que estava sendo muito procurado e eu dei o nome, depois que eu liguei a viseira (incompreensível).

CEV/RS: E aí nesse meio tempo então houve as duas ações? O senhor estava na moita?

ÍNDIO VARGAS: Eu estava na moita, não queria dizer nada, aparecia meu nome lá, e eles achavam que eu tinha que ter, eles queriam uma coisa que fundamentasse aquela prisão, eles me prenderam no cursinho, me pegaram, me levaram e eu fiquei um ano e meio lá na ilha e depois eu cumpri o resto de pena no (F) com o Carlos Araújo e o... Aquele...

CEV/RS: Bom, então foi preso, você lembra-se da data em que foi preso?

ÍNDIO VARGAS: Dia 8 de abril de 1970.

CEV/RS: E foi levado para o DOPS.

ÍNDIO VARGAS: Fui levado para o DOPS.

CEV/RS: Se quiser confrontar as circunstâncias, o que houve na prisão, para nós é muito importante.

ÍNDIO VARGAS: Ah bom, aí eu fui para o DOPS, fiquei lá, eu e um companheiro meu que sempre estava nas horas, e ficamos ali.

CEV/RS: Pode dizer o nome desse companheiro ou não?

ÍNDIO VARGAS: Carlos Resque (incompreensível) esse Carlos, então estávamos ali, eu chegando lá eu (incompreensível) eu fui ser ouvido na (incompreensível), naquele tempo não era, hoje o Medeiros é Delegado de Polícia.

CEV/RS: E nesse meio tempo, tu chegaste e lhe botaram onde?

ÍNDIO VARGAS: Deixaram-me em uma sala lá.

CEV/RS:: Não lhe torturaram nesse primeiro momento?

ÍNDIO VARGAS: Não, nada, chegaram e me colocaram com o Carlos, perguntei o que ele achava do governo, ele disse: “Olha, sou contra esse governo, sou contra e faço o que estiver ao meu alcance para”...

CEV/RS: E esse delegado era aquele (F) Medeiros que foi vereador depois.

ÍNDIO VARGAS: É.

CEV/RS: É aquele? Que é filho do (F) Medeiros.

ÍNDIO VARGAS: E aí ele falou: “Nem precisa perguntar para ti que eu já sei o que vai responder”. Aí ele todo corajoso: “Faço minhas as palavras do companheiro aqui”. Eu não posso entregar muito (incompreensível), aí foi indo, até que me levaram para uma sala de interrogatório primeiro, isso lá pelas duas da manhã, e eu já estava com os olhos vendados, chegando lá tirei, e eles me levavam pelo braço, achei estranho isso, porque eu caminhava e não chegava nunca no fim, onde eles me levavam eu não parava, eles de vez em quando me diziam assim: “Olha a escada”. E faziam sinal e eu caminhava, eles perdem o controle, e não era, eram uma brincadeira (incompreensível) esses caras põem um homem (incompreensível) por causa de uma brincadeira, e eu convivi, (incompreensível) uma brincadeira não tem sentido numa hora dessas, não tinha sentido para mim, mas para eles que estão ali, era um serviço (incompreensível) comum aquilo ali, acostumados a andar, e foi indo, interrogatório, sempre querendo me ligar a VBR, o tal do sequestro do cônsul e ao Banco do Brasil também, (incompreensível) aí vieram saber do Lamarca e eu falei cada detalhe porque eu não conhecia esse tal de Lamarca, o Félix mesmo (incompreensível) e então eu dei os detalhes assim. Eles diziam que tinha que ser por dentro eu não podia passar por inocente totalmente eu tinha que dar uma amenizada alguma coisa eu tinha que ter feito então eu fui dizendo quando chegou na hora em que eles viram que eu não ia falar mais nada eles começaram a tortura

bateram e quando viu que a batida não mudava eles passarão para um choque agora isso tudo (incompreensível), fica frio totalmente frio isso é um clima de alta tensão tudo é imponderável tudo é incontrolável tudo está na mão de não se sabe de quem tudo está na mão (incompreensível) não se sabe bem quem é quem, não sabia nada, aí ele como era nos choques, aí que eles entraram, pegaram tiraram a venda eu vi as paredes da sala ou no quarto todas com colchões assim para amortecer os barulhos, eles colocaram os fios nos órgãos sexuais e nas pernas e começaram a dar choque, o choque (incompreensível) que eu ia dar uma explicação, ele dizia assim: “Cala a boca, esta mentindo, isso aqui não é a câmara para você discursar, tudo aqui, tem que falar as coisas, porque aconteceram”.

CEV/RS: E quem era?

ÍNDIO VARGAS: Isso eram pessoas que eu não conhecia. Aí foi, quando chega a um ponto do choque elétrico a pessoa perde a consciência, e tem médicos para dar, e pega isso, pega aquilo, o estetoscópio e não sei o que, eu sei dizer que quando eles viram q eu tinha perdido a condição de falar, de me expressar, que não tinha condições de dizer as coisas, perde a condição de falar, a pessoa fica tonta, aí eles pararam, veio o médico e eu fui para outra sala (incompreensível) e um sujeito de uma voz (incompreensível) que falava (incompreensível) começou a me interrogar de novo, (incompreensível) batiam esses cinzeiros, (incompreensível) grande, (incompreensível) batia, gritava, e depois disso, Nilo, esse Nilo é Nilo (incompreensível) era um, carioca que dizia para o (incompreensível).

CEV/RS: Era o Magalhaes?

ÍNDIO VARGAS: O outro: “Vou te entregar esse aqui”, aí o Nilo começou a me bater de novo, e aí eles viram que eu já tinha dito o que eles queriam, o que eles queriam era se eu participava de alguma coisa e tal, essas coisas eu não explicava muito bem, então ele mandou me levarem para baixo, era terceiro andar para o térreo e a tal de Fozzi, onde se tortura também ali e no pau de arara.

CEV/RS: Lá embaixo?

ÍNDIO VARGAS: E na água também, para botar a cabeça, e mandaram-me tirar a roupa, tiraram a venda e eu estava ali para ser torturado no pau de arara para ver se conseguiam mais coisas, porque eles achavam que eu era aliado do estado: “isso aqui na é a câmara” (incompreensível) e não sei o que, e eu vi que o pau não estava conseguindo, e mandou eu tirar a roupa para ser preparado para ser enganchado no pau de arara, enquanto estavam fazendo aquilo chegou uma pessoa lá e disse: “Não, esse não, eu vim aqui avisar que esse não, tira esse”. Eu estava com os olhos fechado, porque tem horas que eles tiram para a gente ver que a coisa é feia mesmo.

CEV/RS: Então o senhor não chegou a ser colocado no pau de arara?

ÍNDIO VARGAS: Não cheguei a ser, eu ia ser colocado quando chegou alguém e disse que eu não, porque eles tinham certo controle, a medida das coisas, líderes para fazer ou desfazer assim, eles tem uma...

CEV/RS: É científico não é?

ÍNDIO VARGAS: Não, eles têm, mas a essa altura já tinham chegado e os (F), aquele pessoal que vieram do Rio (incompreensível).

CEV/RS: Sotaque carioca.

ÍNDIO VARGAS: Eles tinham sotaque carioca.

CEV/RS: Esse era o Malhães?

ÍNDIO VARGAS: Não era o Malhães.

CEV/RS: Não, era outro, era o tal de s(F).

ÍNDIO VARGAS: Não era o s também era outro que em seguida foi embora desapareceu e eu não vi mais.

CEV/RS: E esse que tirou o senhor ouviu a voz aqui?

ÍNDIO VARGAS: É, ah não (incompreensível).

CEV/RS: O senhor chegou a reconhecer esse cidadão?

ÍNDIO VARGAS: Não eu não o conhecia ele que me conhecia.

CEV/RS: Mas pela voz chegou a reconhecer?

ÍNDIO VARGAS: Não era dele aí vinha gente do exército também à paisana a segunda sessão atuava muito lá dentro do DOPS, o dá piz-zaria tudo que a terceira seção do exército determinada.

CEV/RS: Não houve mais pessoas além dessas?

ÍNDIO VARGAS: Doutor assim sai eu assisti muita coisa fiquei muito tempo eu fiquei 60 dias eu fui para o hospital militar para ver se melhorava um pouco.

CEV/RS: Mas chegou a conhecer o Malhães e o Cabral lá?

ÍNDIO VARGAS: Sim, eu conheci.

CEV/RS: E o delegado Pedro Sene.

ÍNDIO VARGAS: O delegado Pedro Sene era o chefe lá.

CEV/RS: Era o chefe? Participou dessas seções?

ÍNDIO VARGAS: Eu fiquei muito tempo acho que foram seis meses fiquei dois meses com ele dentro da sala, ele tinha a sala de pia sala para receber as pessoas e eu ficava (incompreensível) vários chegaram lá para depor de gravata e tudo ele nunca usou gravata para ver se aparência modificava um pouco fiquei até com pena porque essas pessoas não podem passar por isso, muito sensíveis, muito avessas a esse tipo de violência não aceitam isso aí para ele é um tormento desestrutura tudo (incompreensível) eu ficava com ele ali às vezes apesar de que eles não tinham condições para fazer o interrogatório não sabiam fazer um interrogatório depois foram aprimorando e eu vi interrogarem (incompreensível) ali, tudo junto não é? Eles estavam muito mais preparados tecnicamente para levar o interrogatório até o ponto em que queriam é verdade que houve um ou dois que não falaram absolutamente nada, mas sofreram muito e ficaram prejudicados por isso.

CEV/RS: Pode lembrar quem? O Paulo (F) Freitas?

ÍNDIO VARGAS: Não, o Paulo Freitas eu me lembro sim, era um homem muito duro, foi (incompreensível).

CEV/RS: E o senhor se recorda, esta sabendo quem é essa pessoa?

ÍNDIO VARGAS: Ele era um (incompreensível).

CEV/RS: Se alguém estava lá, um jovem que eles chamavam de Bicho?

ÍNDIO VARGAS: Ah, o Bicho ele era um dos (incompreensível). Foi torturado.

CEV/RS: Era muito torturado, porque ele era o organizador esse daí não era o lá de São Paulo?

ÍNDIO VARGAS: Não, era carioca. O bicho era organizador.

CEV/RS: Consta que apanhou muito.

ÍNDIO VARGAS: É eu apanhei, mas não tanto quanto outras pessoas porque eu vi que eles tinham certo cuidado pelo fato de eu ter sido vereador. É, por que: «Sai, sai». O povo fez uma reportagem, (incompreensível) sobre mim então aí é que está.

CEV/RS: Então se sempre era bom ser vereador, era uma coisa boa ser o Ângelo.

ÍNDIO VARGAS: O Ângelo era só filho de vereador, (incompreensível).

CEV/RS: Então eu te pergunto uma coisa depois dessa primeira sessão que você passou tiveram algumas outras sessões de tortura?

ÍNDIO VARGAS: Não, especificamente não eles chamavam algumas vezes para fazer uma acareação.

CEV/RS: Mas não bateram?

ÍNDIO VARGAS: Não, aí a agressão era de outro tipo que as coisas importantes que eles queriam tirar de mim se eu tivesse, porque eu não tinha, o vínculo que eu tinha era indireto, por exemplo, dei o nome para a pessoa, sabia que iam sequestrar o cônsul americano,

sabia que eu fazer a desapropriação do banco do Brasil, mas não participei.

CEV/RS: Mas não sabia o nome do (F), por exemplo.

ÍNDIO VARGAS: Não sabia, fui saber do (F) na cadeia, agora a grande maioria, olha, eu estava com o Félix numa sela bem pequena mínima não dava sol eu e ele ficamos 20 dias ali de repente então dois meninos um era o minhoca e o outro o nosso amigo Luiz Goulart, eu já estava meio assim chamando de tudo (incompreensível) o Félix comprou que ele e o Pimentel tinham conversas com o Malhões, Martinho, conversas então o Luís disse: “mas delegado você já estão prendendo o jardim de infância aqui, não tem mais gente adulta para vocês prenderem? Acabaram então os políticos contra um novo sistema”?

CEV/RS: Tu já conhecias o Luiz?

ÍNDIO VARGAS: Não eu nem sabia quem era aí eu fiquei sabendo (incompreensível) eles faziam uma panfletagem lá por Porto Alegre?

CEV/RS: E esse da panfletagem sabe quem foi o terceiro a ser preso?

ÍNDIO VARGAS: Foi a primeira prisão do Luiz essa daí.

CEV/RS: Não deu cadeia, mas teve outra que deu.

ÍNDIO VARGAS: Nessa foram presos o Luiz, o minhoca e o Antônio Brito, que era...

CEV/RS: Mas depois o Luís teve um envolvimento maior aí ele passou dois meses no DOPS e depois foi para o presídio, foi julgado e depois absolvido. E aí tu não ficaste todo o tempo no DOPS?

ÍNDIO VARGAS: Eu fiquei 60 dias no DOPS e depois eu fui para o hospital militar porque acharam q eu criei uma fuga, acharam que eu ia fugir.

CEV/RS: Como é que conseguiu convencer a levá-lo para o hospital?

ÍNDIO VARGAS: Aíeu tive uma influência muito grande de um professor meu, o senhor Vitor (F) professor da faculdade de filosofia.

CEV/RS: Irmão do Carlos (F).

ÍNDIO VARGAS: Irmão do Carlos (F) professor de antropologia e aí ele assumiu muito conhecido muito humano muito solidário incapaz de qualquer coisa que fugisse as regras, então ele me deu apoio, me visitava, e o Jorge era primo dele, e ele pediu para o Jorge (incompreensível) e disse assim: “Não precisa ser médico para dizer isso que eu estou dizendo, qualquer um diz”. Aí o Jorge mandou.

CEV/RS: O Jorge já era coronel na época ou era major?

ÍNDIO VARGAS: Era major.

CEV/RS: E eu fui lá.

ÍNDIO VARGAS: E tinha um pano de fuga.

CEV/RS: Tinha um plano de fuga (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: Tentei, não cheguei a fazer (incompreensível) e na hora não, porque eu tinha um guarda (incompreensível) antigo na porta do quarto, eu ia tomar, mas eu estava meio fraco mesmo, esse período tinha aqueles (incompreensível) enormes não é? Era meio frágil e eu ia pegar (incompreensível) não ia pegar nunca, e eu sei, porque eu achava que estava muito ruim (incompreensível), tanto é que num plano de fuga participavam 10 pessoas era difícil.

CEV/RS: Mas lá na ilha?

ÍNDIO VARGAS: Na ilha, (incompreensível) o Valdir.

CEV/RS: Perdão só para situar, já que falou o coronel que era major então e falou que tinham muita gente do exército lá porque o DOPS estava subordinado, quem era os militares que tu te lembras de que atuavam que estavam sempre lá? O Jorge...

ÍNDIO VARGAS: O major, aquele...

CEV/RS: Átila.

ÍNDIO VARGAS: Átila, e um coronel médico, esse coronel em seus depoimentos assim, a parte mais processual assim, o filho dava uma assistência médica ao preso, eles tinham muito cuidado para não deixar o preso morrer, escapa se, e o Ângelo escapou por exemplo.

CEV/RS: E esse coronel médico você não lembra o nome dele?

ÍNDIO VARGAS: Não, nem queria, eu fiz uma espécie de resistência contra essa gente que eu fiquei muito traumatizado, aliás, até acho que se bem, porque houve suicídios de pessoas que saíram de lá, dois, o (F) e o Atanásio, dois alemães e italianos, um era alemão e o outro italiano, fortes, esse Atanásio, ele enfrentou no Dops, duas pessoas no DOPS ele quebrou a mão a socos, num enfrentamento físico, desarmado, então eles tinham muito medo disso daí, então as coisas se agravavam, eles sabiam que era isso, eles diziam, cansei de dizer, eu era orador ali da prisão: “Os presos de hoje serão os governantes de amanhã”. E eles me diziam o chefe da repressão: “Eu sou funcionário público, cumpro a ordem de quem está mandando”.

CEV/RS: O senhor foi julgado então e condenado?

ÍNDIO VARGAS: Sim, eu fui condenado, eu fui para o julgamento achando que já tinha um ano e meio, não sei não me lembro, quase um ano, e eles soltaram, acredito que a ditadura estava quase banida.

CEV/RS: Tá, mas antes de chegar, ficaram sessenta dias no DOPS e ficaram quantos dias no hospital militar?

ÍNDIO VARGAS: No hospital militar fiquei quarenta dias.

CEV/RS: E daí foi para a ilha ou para o presídio?

ÍNDIO VARGAS: Para a ilha.

CEV/RS: E na ilha quanto tempo?

ÍNDIO VARGAS: Um ano e três meses.

CEV/RS: Sem julgamento?

ÍNDIO VARGAS: Sem julgamento.

CEV/RS: Um ano e três meses na ilha e quantos no presidio?

ÍNDIO VARGAS: No presidio fiquei três meses, pai o negócio é o seguinte, eu fui para o julgamento achando que eles iam me dar pena que eu já tinha cumprido, porque eu já estava solto e eles dobraram a pena, sabe que eu tive que depois eu mesmo tive que recorrer, recorreu em razão própria.

CEV/RS: O resto do processo eles mantiveram solto, mas pegou uma pena maior.

ÍNDIO VARGAS: É eu recorri a nível universal, não é?

CEV/RS: Mas chegou a se recolher preso para recorrer?

ÍNDIO VARGAS: Não, recorri em liberdade.

CEV/RS: Mas admitido?

ÍNDIO VARGAS: Admitido, porque eles sabiam que tinha um. O Toninho era um juiz (incompreensível), eu sabia, eu senti quando (incompreensível).

CEV/RS: Sofreu a condenação, recorreu e a pena foi diminuída no STM ou foi absolvido, foi só admitido?

ÍNDIO VARGAS: Admitido, absolvido não, já tinha cumprido a pena, não tinha sentido, eu não ia querer também ser absolvido, agora, é o seguinte, disso pai em termos de indenização eu recebi uma coisa aqui que o estado fez (incompreensível). O resto de tudo, que eu fiz um processo daquele, eu não queria fazer, minha mulher quem insistiu, fiz aquele processo e eles negaram, diz que eu estou aposentado pela caixa econômica.

CEV/RS: Ah, fez o pedido à comissão de anistia e não ganhou.

ÍNDIO VARGAS: Não, eu falei (incompreensível) e quando eles negaram eu expus.

CEV/RS: Tem uma segunda estancia.

ÍNDIO VARGAS: Tinha a segunda estancia, que era deles lá no coletivo.

CEV/RS: Isso.

ÍNDIO VARGAS: E o Doutor Tarso, pessoalmente, eles são amigos, e o Tarso ele veio pessoalmente numa assembleia para dar um negócio, para aquela comissão fazer os julgamentos locais.

CEV/RS: Tinham as caravanas da Anistia.

ÍNDIO VARGAS: As caravanas da Anistia, e aquilo tudo, os preferidos ali (incompreensível) foi uma coisa assim muito (incompreensível) depois ele foi candidato, antes ele era do TRC, (incompreensível) o contrato, o Joao era ministro, ele se considera ministro, o Tarso, (incompreensível) em cima da lei (incompreensível) te deram dois anos e meio de recusam.

CEV/RS: Pois é, vocês tem toda documentação?

ÍNDIO VARGAS: Tem a sentença aqui. Eu sei, e aí eu cheguei lá para cumprir o resto da pena, encontrei o Araújo, encontrei aquele que era da (incompreensível).

CEV/RS: Já estamos caminhando para o final, não sei, eu acho que o básico, o fundamental que o Doutor Índio deu.

ÍNDIO VARGAS: Ficou bem claro aí que eu não tive absolutamente nada.

CEV/RS: Sim.

ÍNDIO VARGAS: Agora (incompreensível).

CEV/RS: Mas o senhor tem a aposentadoria da caixa, o senhor não recebeu o tempo que o senhor não trabalhou na caixa?

ÍNDIO VARGAS: Não.

CEV/RS: Não?

ÍNDIO VARGAS: Depois eu entrei com um processo contra a CAIXA atualizado, eles atualizaram, há dez anos quinhentos e setenta reais, até hoje é isso daí, eu não me animo a fazer, eu acho que até essa altura se for fazer tudo o que eu tenho direito em matéria de judiciário eu vou entrar numa paranoia itinerante, que é uma categoria mal vista pela justiça.

CEV/RS: Nossa justiça também está mal vista, entrar nessa paranoia de itinerante não vai afetar nada.

ÍNDIO VARGAS: Não, até o Israel, advogado Bacharel, um advogado de larga experiência, não é preciso dizer isso, mas é importante registrar essa questão da anistia, porque muitos que depõem aqui fazem esse registro, não se consideram sábios, não tem queixa, embora a comissão da verdade não tenha nenhum poder, nenhuma competência, mas a gente registra, porque faz parte do registro, da memória da verdade, recolher o sentimento e a opinião das pessoas que enfrentaram a ditadura sobre o tratamento que o país lhes deu.

CEV/RS: Olha aquele rapaz que era o chefe dessa comissão.

ÍNDIO VARGAS: Paulo Abrão. Paulo Abrão, o Tarso depois de encontrar o Malhães falou comigo, e disse: “Não recebi nada”. Eu disse: “Não, mas eu te dei na sua mão, eu não enlouqueci, não estou com amnésia”. E depois ele falou para o Paulo Abrão, eu lembro que eu fiquei com uma renda de treze mil e oitocentos reais, aqui o cheque da caixa, enquanto os outros estavam progredindo lá, (incompreensível). A reforma agrária, eu saí pela reforma agrária.

CEV/RS: Mas a pergunta que a Professora (F) fez aí, nem os atrasados da CAIXA?

ÍNDIO VARGAS: Não recebi.

CEV/RS: No período que o senhor esteve fora da caixa?

ÍNDIO VARGAS: Não, a (F), porque tinha a (F) tinha um órgão previdenciário.

CEV/RS: O senhor foi readmitido na CAIXA?

ÍNDIO VARGAS: Fui readmitido. Mas eu custei muito a ser readmitido, porque quando deram à anistia, os aliciados tinham que ir lá para provarem que estava incluído, eu foi lá, mas não providenciei na reintegração, porque eu achei que não ia voltar à democracia, porque poderia no piso do salário mínimo do INSS, perdi tudo isso daí (incompreensível) sobre o salário mínimo. Eu achei que não ia precisar de aposentadoria. Só lembrar que não é paranoia de (incompreensível), eu tem isso até nessa aula, (incompreensível), eu registrei isso e tenho recebido bastante material nas pesquisas que fazemos aqui, é muito interessante, porque não só o STJ como o Supremo, absolutamente pacífica a tese de que é imprescindível a ação cível por reparação de danos causados, por maus tratos devido à ditadura militar, o mesmo supremo que prefere considerar que a lei de anistia fez prescrever (incompreensível) dá integralmente e diz que não tem prescrição (incompreensível), que não tem interrupção, não tem nada, então, o Supremo e o STJ, Tribunal Regional Federal, todos dão, só que demora, nós que estamos com o pescoço duro aqui, eu acho que se quiser entrar com ação vai terminar bem, porque é um entendimento também incrível não é, o mesmo supremo, civilmente é (incompreensível) e criminalmente não pode mexer o mesmo supremo, incrível não é?

CEV/RS: Dos crimes comuns nas ações, o cível comum aí era cinco anos o penal não é?

ÍNDIO VARGAS: A união já nem envolve mais no penal, envolve a (incompreensível) e perde, porque assim, as ações (incompreensível) e não prescrevem, no ponto de vista civil para reparação do dano, eles lhe reparam financeiramente, agora voltando à cadeia e os torturadores do senhor não, incrível, não é?

CEV/RS: Incrível, mas o melhor é que (incompreensível). Tá, eu só quero avisar vocês que o deputado Raul Carrion, ele que marcou às 16 horas semana que vem, eu tinha sugerido, mas é isso ou sexta-feira, então o senhor já fica convidado, existe a possibilidade de a gente ouvir os dois (F) antes. (incompreensível). Ou ouvimos os (F) antes, dá para vocês (incompreensível). (incompreensível) atrasa, fica tudo, (incompreensível). Vamos pensar melhor e falar com os filhos

da gente. (incompreensível). Tchau, (incompreensível) obrigado. Foi um prazer conhecer o senhor.

ÍNDIO VARGAS: Prazer foi meu, esse depoimento deveria ser um depoimento articulado, que tivesse texto, um bom depoente, um bom entrevistado, no caso depoente é (incompreensível).

CEV/RS: (incompreensível).

ÍNDIO VARGAS: É articulado.

CEV/RS: Tem gente que traz escrito, mas aqui a gente vai transcrever depois, porque isso aqui vai ficar em CD e o pessoal transcreve, quando estiver feita a transcrição a gente tira no nosso umas conversinhas, a gente enxuga mais, para ver se quer corrigir depois, se o senhor quiser aí ele fica mais enxuto, assim que nós fizemos com o Félix e outros aí também, o próprio Carlos ainda não está, tem que transcrever do Carlos.

ÍNDIO VARGAS: Do Félix está pronto, do Ângelo não, ele estava viajando. (incompreensível).

CEV/RS: Eu acho que o do Carlos Araújo e do Félix foram os dois maiores. Isso que eu ia falar quarenta e cinco minutos (incompreensível), a gente foi na casa dele e ele falou separado, foi muito bonito o depoimento dele.

ÍNDIO VARGAS: Tem uma historia de vida muito bonita, um depoimento maravilhoso e bonito foi o do Bira, o Ubiratan de Souza, falou de uma época, tem toda essa trajetória, que conta inclusive da morte desse rapaz, que foi premiado, vai começar a passar, esse filme que vai passar reparem bem, da cantora e cineasta (incompreensível), que é sobre a morte do Bacuri, (incompreensível), do Bira é interessante porque é uma trajetória de vida, foi um dos voos (incompreensível), é muito rica, a do Félix também.

CEV/RS: Foi tudo bom, foi todo mundo bom (incompreensível) cada um contribui com uma coisa diferente e muito interessante.

ÍNDIO VARGAS: O Paulo de Tarso foi muito interessante também,

do Paulo estávamos em uma audiência pública, os das mulheres foram impressionantes, acho que foram os mais comoventes.

CEV/RS: É.

ÍNDIO VARGAS: Da Martinha, da Nice, o da Eliane, muito bonitos, está em boa companhia, eu acho que já está pronto aqui, e depois mesmo que ele não saia nós vamos ficar aqui (incompreensível).

TESTEMUNHO – JOÃO CARLOS BONNA GARCIA¹

CEVRS: Nós estamos recebendo hoje dia 30 de abril de 2014 na Comissão Estadual da Verdade João Carlos Bonna Garcia ex-militante da resistência à ditadura, magistrado aposentado, figura política muito conhecida em nosso estado. E que vem depor hoje basicamente sobre dois temas, meu Caro João Carlos. O tema fundamental essas são as graves (violações aos) à Direitos Humanos Ocorridas no passado recente no Estado ou fora dele, mas contra os seus naturais, os seus residentes. Então o tema fundamental que nos interessa é a repressão de que tu foste vítima e testemunha. Mas como tu não chegaste de paraquedas lá, o que não significa que a gente concorde com o que eles fizeram, sempre nos interessa também saber da tua militância que foi, vamos dizer assim, a causa desta repressão. Então tu fiques bem à vontade, nós sempre gostamos de deixar os nossos depoentes ao par desses dois eixos, vamos dizer assim, do seu depoimento. Fica à vontade para nos contar da tua militância, eu sei que tu militaste na época da prisão tu estava na VPR, mas se tu quiseres falar do período anterior, do período de estudante, em geral as pessoas começam daí. Aí contam da sua militância na época da prisão, os incidentes da prisão, as coisas que aconteceram e aí naturalmente tu estás com a palavra.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ok. Muito obrigado pelo convite, Doutor Guazzelli nosso amigo de longa data. Vamos começar então do início, Guazzelli, começar falando sobre a questão do golpe, não é? O golpe dado, entendeu, pelos militares aqui no Brasil evidentemente com apoio de uma grande parte da sociedade civil, com apoio de uma grande parte quase na sua totalidade dos meios de comunicação que preparavam o ambiente para o golpe. Com uma grande parte de outros setores como igreja, enfim todos setores que participaram que convocaram os militares a dar o golpe. Isso aí não foi algo que veio com o governo só do João Goulart, isso aí já vieram N tentativas antes. Isso aí foi fruto do final da Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria naquele período, o interesse dos Estados Unidos em manter essa área sob o seu domínio já que o mundo estava pra-

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1535/depoimento-?-joao-carlos-bona-garcia>>. Acesso em: abr./maio 2015.

ticamente repartido. E de não permitir nenhum tipo de governo na América Latina que pudesse representar qualquer indício de organização dos trabalhadores, da massa, dos operários, dos camponeses, enfim, isso aí era assim tachado já de antemão como um governo perigoso e um governo comunista. Então a palavra comunismo era algo assim que era um selo para quem quisesse manifestar qualquer vontade em termo de organizar naquele momento que era importante a classe produtiva no país principalmente a classe trabalhadora. E porque era necessário? Para você industrializar o país você tinha do outro lado organizar não só o capital, mas organizar a mão de obra. E para organizar a mão de obra você precisava criar as leis, entendeu, que favorecessem a isso. E isso tudo veio por incrível que pareça por falta de uma liderança maior do meio vamos dizer assim industrialário aqui do Brasil veio de um latifundiário que era o Getúlio depois de um outro latifundiário que era o Jango. Porque eu estou colocando isso? Porque tentaram uma época tachar o Governo do Jango de Comunista. E que eu quero neste depoimento dar minha impressão sabendo dos fatos, participando naquele período que o Jango não passava nem perto da porta do comunismo, nem perto, não tinha nada a ver com comunismo. O quê que o Jango queria? Um governo desenvolvimentista buscando mais os interesses do capitalismo brasileiro, mais do capital nacional vamos dizer assim. Então algumas coisas que ele fez, por exemplo, de cuidar o envio de remessas de capital, entendeu? Estrangeiro de volta para o seu país já todo mundo já ficava alertado “Mas isso já é comunismo.” Então tu não podia fazer absolutamente nada. Se você fosse organizar os sindicatos já eram também perigosos. Então naquele período que foi um período também muito rico em termos de novos ventos para a sociedade a nível mundial porque veja bem, não era só Brasil, não era só América Latina, não era só, entendeu, era nos Estados Unidos, era na Europa, era na África, entendeu? Então havia uma espiral muito favorável para que as pessoas buscassem discutir o seu meio de vida, a sua forma de viver, o sistema político e como eles gostariam de viver. Bom, aí acabou culminando com a renúncia do Jânio, do Jânio Quadros, o Jango era um vice eleito, já aí os militares não queriam que ele assumisse. E o quê que houve, ele foi indo pelas bordas e negociando. Então o Jango só assumiu graças aqui ao Brizola, graças ao movimento.

CEVRS: Da legalidade.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Da legalidade. Agora por outro lado também o que tem mais praticamente o mesmo peso, porque o Jango negociou, o Jango abriu mão do poder, entendeu? Ele diminuiu.

CEVRS: A negociação do parlamentarismo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Para vir o parlamentarismo. E só assim ele conseguiu com os militares tampando o nariz.

CEVRS: O grande negociador é o Tancredo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tancredo Neves que foi o Primeiro Ministro.

CEVRS: O Primeiro Ministro.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então o seguinte, tudo isso foi ajustado. Infelizmente na nossa história tudo é ajustado.

CEVRS: Mais um exemplo da combinação das elites?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, da combinação das elites. Aí o Jango assume e ao mesmo tempo que ele é obrigado, se não fosse o Jango seria outro, mas ele é obrigado a levar adiante a política de desenvolvimento do país onde ele teve seu plano de metas com auxílio de Celso Furtado e outros. Porque o ministério do Jango era muito bom, pessoas vamos dizer assim da mais alta.

CEVRS: Darci Ribeiro.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Da mais alta capacidade. Era melhor elite que tinha pensando naquela época.

CEVRS: Inclusive vários gaúchos, Cibilis Viana.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso. Cibilis e vários outros. Então o seguinte o que passou? Com isso ele foi aguçando cada vez mais

e num caminho sem volta dentro de seu, vamos dizer, assim seu objetivo para governar. E os militares olhando isso já começaram junto, entendeu, com o embaixador americano aqui a buscar dinheiro. Porque os Estados Unidos acabaram financiando o golpe, foi o grande financeiro foram os americanos através do IPES que era comandado pelo Golberi.

CEVRS: Pelo Ibade (?)

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E pelo Ibade que fazia o trabalho mais sujo.

CEVRS: Sujo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era para comprar.

CEVRS: Só para ver a coincidência, desculpe te interromper, nós acabamos de rever porque nós já tínhamos visto numa audiência pública nossa há pouco, fizemos há pouco tempo para ver a situação dos advogados. O Flávio Tavares foi de noite e passou o filme do filho dele, não sei se tu já viste o filme?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não consegui.

CEVRS: E agora nós fomos num evento na Câmara de Vereadores de Esteio eu fui falar lá e passaram, o jovem vereador que estava lá passou o filme nós vimos junto com a gurizada agora um filme que eu te recomendo e que é a mesma análise que você está fazendo. Inclusive recomendo o livro que eu estou lendo, exatamente essa análise que você está fazendo. E depois dela eu só quero te fazer uma pergunta sobre isso.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então o seguinte, aí veio deram o golpe, o Jango como ele era uma pessoa que era um conciliador.

CEVRS: Então mais um pouquinho, um pouquinho antes de falar do golpe. Eu quero te fazer essa pergunta, nessa época, eu não sei em que grau de envolvimento político tu já estavas, se tu tinhas essa percepção naquela época ou se isso (trecho incompreensível)

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu vou colocar a percepção que nós tínhamos na época. Então o seguinte, todo esse caldo fazia com que a juventude naquele momento, porque eu comecei a trabalhar muito cedo, eu comecei com 14 anos trabalhando. E eu sempre fui aluno noturno, então quase sempre estudei à noite, a época de ginásio e tal eu estudei à noite, então o seguinte.

CEVRS: Quando deu o golpe que idade tu tinhas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ai, ai, ai, tem que fazer a conta, estou com 68, deixa eu ver de 46 para 64.

CEVRS: Tinha 18.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu tinha 18 anos. Então o seguinte, naquele período de efervescência, um pouquinho ali, nós começamos, entendeu? Já a sair para fora, entendeu? Nós queríamos participar, nós queríamos fazer alguma coisa. Na esquerda em Passo Fundo naquela época.

CEVRS: Deixa eu te perguntar, você estava em Passo Fundo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estava em Passo Fundo. Na esquerda naquele período o quê que tinha de organizado? Era o partido comunista que estava organizando naquele período.

CEVRS: Já tinha o partidão ativo já?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O partidão já tinha há muito tempo.

CEVRS: Tu eras secundarista?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Secundarista.

CEVRS: já tinha contato com eles?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha contato com o pessoal do Partido Comunista, mas que também já estava, entendeu, mais ligado a uma dissidência porque também estava incomodado dentro do processo querendo avançar com (trecho incompreensível)

CEVRS: Nessa época sempre é bom situar que o Partido Comunista estava ativo dentro do PTB.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estava ativo.

CEVRS: Participando do governo e tudo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, sim, sim. Inclusive nas reuniões na Câmara largavam foguete para chamar o pessoal. E também quando começou o movimento estudantil, a discussão mais assim, foi mais em termo de discussão. Mas movido por aquela, vamos dizer assim aquela espiral que tinha no mundo inteiro, notícias que vinham. Porque para nós qual era o nosso molde, Revolução Cubana, a história também do Che. Porque o Fidel claro que era importante, mas para nós a figura do Che era mais emblemática, entendeu? Era mais como líder.

CEVRS: Mais internacionalista também?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mais internacionalista. Então Che para nós era uma bandeira e aí nós ficamos todos ouriçados também, faceiros quando foi condecorado o Che, estive na ordem depois recebeu a condecoração na época.

CEVRS: Do Jânio ainda?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Do Jânio Quadros. Então tudo aquilo ali para nós alimentava. E a gente começou a discutir, entendeu? A ler, a ler os clássicos, entendeu? Já começou uma participação maior. E dentro do colégio o quê que a gente queria da escola, o quê que nós queríamos? Nós queríamos, entendeu? Dentro do colégio, uma melhoria do ensino. Ele começou assim não foi só puramente cem por cento político, não. Nós queríamos melhorar, entendeu, a situação do ensino. Porque havia aquele debate, entendeu? Também da presença americana no ensino brasileiro e tal que era o.

CEVRS: (trecho incompreensível)

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: (trecho incompreensível – Acordo MEC-USAID) entendeu? Aquela discussão. E aí o seguinte, e começamos esse debate dentro dos colégios.

CEVRS: Que colégio tu estudavas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: No Colégio Estadual Nicolau de Araújo Argueiro.

CEVRS: Que esse era estadual?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estadual.

CEVRS: Era colégio público?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu sempre estudei a maioria em colégio público.

CEVRS: Que tinha importante colégio de padre?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: De padre que era o Marista.

CEVRS: Que o Brizola estudou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, o Marista. Então o seguinte, nisso aí nós começamos a dar uma participação maior ligada ao movimento estudantil, mas ao mesmo tempo fazendo panfleto, distribuindo ligado ao pessoal do partido comunista. Então o panfleto naquela época a gente fazia ainda cortando borracha e fazendo carimbo que era bem, muito primitivo. Depois quando chegou o mimeógrafo.

CEVRS: Não tinha mimeógrafo? Ainda não tinha? Pré mimeógrafo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pré mimeógrafo, um mimeógrafo já foi um avanço danado, entendeu? O nosso ainda era muito rudimentar. Então o seguinte, aí nós começamos e tal, mas o golpe cada vez que ele vinha arrojando nós também por outro lado arrojava do nosso lado, entendeu? Então o seguinte, chegou num momento que nós começamos a mobilizar o estudante, entendeu? Fazer greve, aí fizemos greve, fizemos passeatas. E em Passo Fundo existia.

CEVRS: Isso já depois do Golpe?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Depois do Golpe. Em Passo

Fundo existia, tinha lá como o comandante da unidade do exército lá que era a cavalaria um militar que foi muito emblemático na cidade pela sua truculência, pelas suas poucas luzes, por razão que chamasse Grey Belles, ele era Capitão Grey Belles. Era uma pessoa extremamente vamos dizer assim linha dura, mas burro ao mesmo tempo. Mas todo mundo chama era tipo um mourão, era uma vaca fardada, era um cara assim, sabe, de poucas luzes, mas muita grosseria, entendeu? E tal. E quando a gente fazia qualquer coisa ele ia para a rádio pedia para os pais não deixarem os filhos saírem, participarem dos movimentos nossos. E isso fazia com que todo mundo fosse queria saber que tipo de coisa estava fazendo e engrossava o movimento cada vez mais. E aí ele vinha com a cavalaria e tal. Nisso aí nós acabamos expulsos.

CEVRS: Como era o nome desse capitão?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Grey Belles, Grey Belles, Grey Belles, Grey Belles. Ele está no Rio hoje.

CEVRS: É vivo ainda?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É vivo. Inclusive depois pela estupidez dele trataram de tirá-lo de lá também porque ele foi tão desastrado em termos de repressão, de parcelar jornais.

CEVRS: Nacional?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nacional, impressionante, ele prendeu jornalistas lá.

CEVRS: Nacional na época era o velho Múcio de Castro?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Múcio de Castro.

CEVRS: Pai?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, o pai. Pai do Mucinho e pai do Tarso.

CEVRS: E do Tarso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso. Então veja bem.

CEVRS: Ele era meio comuna, não é, ou simpatizante?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não, não era não.

CEVRS: O filho?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ah não, quem era não o velho, quem era nem o Mucinho, o irmão dele.

CEVRS: O Tarso, só o Tarso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Tarso sim.

CEVRS: O velho não era um pouco?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não.

CEVRS: Nem trabalhista?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Bem mais ligado ao trabalhismo .

CEVRS: Ao trabalhismo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mais ligado ao UDN, vamos dizer assim, mais trabalhismo mais UDN vamos dizer assim.

CEVRS: Mas foi oprimido?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, foi oprimido.

CEVRS: Aquela mais de esquerda da época?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mais de esquerda, é.

CEVRS: Da UDN?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Esse Grey Belles que sentia qualquer faísca para ele já era uma bomba incendiária para os comunistas. E por outro lado na cidade também a igreja era muito conservadora e muito também ligada à direita burra, entendeu? Que tinha

de anticomunista que era o Dom Cláudio Colim que depois virou arcebispo aqui.

CEVRS: E o Dom Cláudio era Bispo lá?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era bispo lá. Então o seguinte, e o Dom Cláudio homem de muitas posses e muitos uísques, charutos e reuniões também.

CEVRS: Única coisa cubana que ele gostava era o charuto?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o charuto.

CEVRS: Desculpa te interromper.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: (trecho incompreensível)

CEVRS: Desculpe te interromper, desculpe te fazer uma interrupção aqui, mas tem uma questão que é importante para um futuro, para uma audiência pública que nós estamos preparando sobre a questão da repressão dos militares. Então eu queria te perguntar e abrigado o assunto, a repressão aos brigadianos, fies aos Brizola, por exemplo. Sabe alguma coisa disso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A Brigada sediou.

CEVRS: E como ela sediou o Menegueti?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ela sediou o Menegueti.

CEVRS: Isso.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Bateram continência para o Governador na época. Que a brigada também tem um detalhe aí ela é muito legalista, a brigada é muito legalista. Ela é fiel ao seu governador.

CEVRS: Mas ela tinha um racha ali entre (trecho incompreensível) e Brizolistas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha, tinha, tinha sim. E também foi repressiva com quem.

CEVRS: Com quem tinha apoiado a legalidade, por exemplo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha apoiado a legalidade.

CEVRS: Isso que eu ia te perguntar.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sem dúvida nenhuma. Eu estive respondendo porque depois que a gente fez o movimento lá nós acabamos expulsos do colégio estadual.

CEVRS: Foram expulsos?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A gente foi.

CEVRS: No terceiro ano?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. A gente foi estudar num colégio, num instituto de educação que a gente começou aí começou a saga de prisão. Então eu fui preso e fui preso também na brigada lá para responder. Estando na brigada.

CEVRS: Aqueles (trecho incompreensível) aquelas coisas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, aquelas bobageiras. E também começou fechar mais o cerco porque cada movimento, cada ação que ia ter na cidade de alguma coisa comemorativa, qualquer coisa assim, o Grey Belles esse me mandava carta para a minha casa para que eu não saísse naquele dia. Então quando tinha.

CEVRS: Uma coisa pessoal?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. Quando terminou vamos dizer assim o científico aí eu vim para Porto Alegre fazer engenharia, mas antes disso lá nós já queríamos já estava uma discussão política bem adiantada porque eu discutia também com o pessoal que tinha feito o movimento universitário antes, já tinha fechado a agronomia e o meu cunhado era um dos líderes dos estudantes da agronomia na época que ele namorava minha irmã. Então você já começava a discutir, entendeu? Política mais do ponto de vista filosófico. E isso aí também tinha, você tratava discussões políticas já, não era só um movimento contra a ditadura, não, começamos a ter.

CEVRS: Vocês estudavam?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estudávamos, já tinha um fundo de como você queria a sociedade. E aí em contato com o Raul Pont aqui em contato com o Flavio Koutzii e na época era (trecho incompreensível) ali perto da faculdade que tinha.

CEVRS: Então deixa eu te perguntar aí, desculpe eu interromper assim, tu falastes lá pelas tantas que vocês antes vocês tinham começado uma perseguição (?) com os comunistas e tal. Inclusive com os jovens que eram dissidentes e eram do POC que é o pessoal do POC?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não era do POC, o POC não existia ainda.

CEVRS: Mas era, tu citou duas figuras aí.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eram pessoas que ficavam assim, entendeu, era (trecho incompreensível)

CEVRS: Tinha o extrato do partidão, mas eram críticos do partidão?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Críticos do partidão. E aí o que passou?

CEVRS: Aí tu já estavas em Porto Alegre?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não, estava em Passo Fundo ainda, tudo no Movimento Secundarista. E aí o que passou? Aí nós começamos a querer fundar um partido, aí acabamos fundando o POC lá em Passo Fundo em conjunto com o pessoal aqui em Porto Alegre. Então eu fui um dos fundadores do POC em Passo Fundo. E eu consegui, entendeu? Arregimentar gente lá para o POC que foi o Bruno Piola, a família dele, o Roberto de Fortini, o Sergio e N pessoas era um grupo muito vamos dizer assim grande, não era um grupo pequeno. É isso, porque eu estou contando isso aí.

CEVRS: Então em repete alguns nomes, Roberto Fortini?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Roberto Fortini, o Bruno Piola, entendeu?

CEVRS: O Bruno Piola é esse que foi líder?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, tinha vários.

CEVRS: É vivo o Bruno Piola ainda ou não?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estão todos vivos.

CEVRS: Todos vivos?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mora na Itália.

CEVRS: o Roberto de Fortini provavelmente nós vamos ouvir lá em Três Passos sobre o episódio de lá. Ele está na Argentina, ele já veio, já estamos adiantando para fazer uma audiência pública.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na casa dele lá onde ele mora?

CEVRS: Lá na Argentina.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Lá na Argentina.

CEVRS: Ele já veio para uma identificação, mas com os comitês.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: (trecho incompreensível)

CEVRS: Desliga um pouco, desliga.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu vim embora para fazer engenharia em Porto Alegre, e já fiz algumas ações no POC que ele usa se reunia para discutir posições políticas, para discutir, sobre a lei, sobre coisas assim.

CEVRS: Muita discussão e pouca ação, coisa assim!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É nós queríamos mais ação, nós queríamos mais confrontar a ditadura, isso foi no final dos anos 60.

CEVRS: Você estava na engenharia?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É que já estava na engenharia, e foi o seguinte, o que a gente queria? Aí a gente começou a fazer

contato, com pessoas que estavam com ideia de formar aqui uma unidade de ação da VPR. Aí eu fui para Passo Fundo, e trouxe toda a minha bagagem para VPR. Então o pessoal que estava lá veio, inclusive uma pessoa que não quer dizer o nome.

CEVRS: Essas pessoas estavam organizando a VPR aqui, antes do racha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Antes do racha, e aí aqui em Porto Alegre tem o Félix.

CEVRS: Tinha o Félix e quem mais?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha o Félix, entendeu, tinha.... Não, não, esse aí fui eu quem trouxe, até morava comigo.

CEVRS: A Bela?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Também bem depois.

CEVRS: A Intel (?)

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A Intel estava junta, em Porto Alegre, está o Reynoldo, que depois desmanchou e falou sobre mim. E aí veio o Castanha, o Borges.

CEVRS: O Castanha por trás, por baixo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Castanha já estava aqui, porque nós já morávamos juntos ele era estudante.

CEVRS: O Félix você veio conhecer ele aqui?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aqui. Então o seguinte, esse pessoal que era da base de Passo Fundo, já em contato depois com a direção da VPR daqui, já foi para Três Passos montar...

CEVRS: Ah, era pessoal da região?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Da região, já foi para Três Passos, para montar um local, para ter a disponibilidade que seria e poderia de vir ser procurado no estado de São Paulo, o Lamarca.

CEVRS: O Lamarca, deu o sinal verde para essa base? A ideia surgiu de você?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Lamarca, não, a ideia Sérgio com a Lia do Rio e São Paulo.

CEVRS: Dizem que a Lia, é que em uma tortura, que a Lia teria falado que foi assim que o Malhões veio parar aqui. Então os relatos que de como o Malhões chegou aqui, não seria esse que o Atila estava negociando o sequestro que não sabia quem era o Frank e aí o Atila teria chamado. Mas eu acho mais provável que, ele tem a informação que era para ter se matado desse marido. Tem um relato bem sério, só que eles quando veio, o Malhões sabia de era de Três Passos, mas não sabia que era o Franklin e ele já veio procurar o Félix, e depois foi para lá?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso.

CEVRS: e ele já apareceu aqui!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E aí o Félix foi preso e eu fui preso logo depois.

CEVRS: No mesmo o Félix e depois o Betel e você foi depois. Então a ideia da base é de vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não a ideia surgiu daqui do pessoal que recebeu do Rio e de São Paulo, que era o Jamil, que em contato com o Félix...

CEVRS: E o pessoal já conhecia o Rio todo, e o Rio Uruguai e que deu a ideia, do rio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O que a gente fez lá, a gente montou uma unidade pesqueira, uma unidade de pesca, e aí nós tínhamos um caminhão de frigorífico e a gente trazia arma de lá. A gente comprava arma.

CEVRS: Comprava na Argentina?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, do próprio exército que a gente comprava.

CEVRS: Estava bem de dinheiro então.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então nós fazíamos expropriação bancária ao qual eu participei. Então, o seguinte formava esse grupo e a gente começou a atuar aqui, e tem um fato interessante, porque nós temos. Eu morei aqui perto da... Eu tinha um apartamento de passagem aqui perto de João Pessoa, e tinha um que era um que morava na Rua Lageado.

CEVRS: E o outro era?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aqui na João Pessoa. Mas aqui na Lajeado era onde a gente tinha muita arma e era onde a gente morava lá, o Castanha, o Pimentel.

CEVRS: Esse do Lajedo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É morava lá.

CEVRS: Esse era do Lajedo, era o tal que era preso pela imprensa. Preso no rio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, ninguém foi preso. E morava também o Jair, o menino que veio acho que de Minas, São Paulo. O Jair acho que veio junto com o Pimentel.

CEVRS: O Pimentel que manda para cá

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, o pessoal. E aí que depois ficou lá morando um que está aqui, perto da praia, perto de pinhal, o Gregório.

CEVRS: O Gregório, já foi ouvido. O Gregório veio no final.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Gregório Mendonça.

CEVRS: Ele chegou a ser da ADPL ou ele chegou a ser do IML.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É.

CEVRS: Ele era meio emprestado vamos dizer. O Gregório morou ali,

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, e ali que tinha armamento e tudo. E esse só de cobriram esse apartamento, esse local. Só descobriram, porque acharam na cesta de lixo, não é para criticar, mas para mostrar como é que você na questão de segurança. Na cesta do lixo, o meu nome e endereço, acharam na casa do Reynoldo. Porque acharam na cesta de lixo o meu nome André e o meu endereço, que era o meu nome de guerra.

CEVRS: Como é o seu nome de guerra?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: André.

CEVRS: Então junto com a chave, estava escrito André...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não era chave. Era um papel com o nome André e o endereço, e aí o que descobriram no dia... Bom então eu te conto o que eu fiz com a chave. Onde é que nós estávamos, que agora eu me perdi.

CEVRS: Não, você estava contando da casa.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A organizar essas ações aqui no Rio Grande do Sul, nisso a gente estava na ação de buscar carro.

CEVRS: a primeiras ações, quais foram?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi a do carro pagador, da Ultragaz.

CEVRS: Que é o tal de atirar ou não atirar. Quer dar uma resumidinha para nós?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pode. Que eu participei e o Fernando, o Fernando de um lado e eu do outro, para atirar e também mais o João Mennegon.

CEVRS: Quem dirigia era o Tião ou não?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Que pegou o carro depois? Quem entrou com o carro, mas cortou a frente dele foi o Eugênio.

CEVRS: E vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estávamos escondidos, cada um do lado da rua.

CEVRS: Que rua era essa?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era uma rua lá em Canoas, naquela época não tinha asfalto.

CEVRS: Você tinha...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tínhamos um roteiro, um levantamento.

CEVRS: E aí fechou, era uma rua meio deserta?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era meio deserta, tinha umas casas, mas separadas, era trabalhador. Quando o carro travou, nos pulamos dele.

CEVRS: E era carro ou caminhão?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era carro.

CEVRS: Vocês chegaram.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Chegamos, abrimos as portas, e aí que eu falei para o cara, para ele sair porque senão eu ia atirar. Mas ele pegou.

CEVRS: Que armas vocês tinham?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olha eu tinha uma metralhadora dando cobertura, arma pesada, mas eu tinha um trinta e oito, o Fernando eu não me lembro se ele tinha uma automática.

CEVRS: O Fernando era bem gurizinho.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É devia ter uns 18 anos por aí.

CEVRS: E aí que o cara diz, atira como que é!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu cheguei para o cara, encostei a arma nele, disse para ele sair do carro, que era um assalto. O cara em vez de tomar uma ação de alguém que está na eminência de um assalto. O cara amoleceu, ele era uma pessoa pesada, se arriou dentro do carro, e me olhou com uma cara muito tranquila e disse - não saio! E aí me bateu um pânico, porque, ele inclusive tinha levado um óculos escuros que estava quebrado, então eu enxergava duas ruas, dois carros, e tirei e fiz de cara limpa essa ação. Com a minha cara mesmo, e aí que eu puxei me deu um frio danado, engatilhei o revólver e fale: - olha meu amigo infelizmente vou ter que atirar em você, vou ter que te matar, mas gritando. E aí ele começou a se mexer, mas aquilo que eu, ele não parava de sair do carro, era um cara de dois metros de altura, largo, grandão, e eu ali apontando a arma para ele. Mas quando ele saiu fiquei tão feliz que me deu vontade de largar tudo, jogar tudo fora, abraçar o sujeito, muito obrigado, você não sabe o sufoco que você está me tirando. Mas aí o cara saiu, eu mandei o cara se jogar, tinha uma valeta perto e o cara ficou ali sentado e a gente pegou o carro e eu vim dirigindo.

CEVRS: Nervoso.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí os outros foram de carro de apoio e eu vim sozinho.

CEVRS: e era só esse cara, que estava, mas não tinha...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha outro do lado, mas ele saiu quando viu a cara do Fernando, acho que a cara dele era mais feia, que saiu imediatamente. Era uma pessoa de mais idade. Aí eu vim no carro, até perto da PUC, que eu estudava ali, e em uma rua mais tranquila deixei o carro, tirei as impressões digitais, e peguei que era um saco...

CEVRS: um malote.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Um malote de 1 metro de altura, com dinheiro que passei para o cara que estava passando de cobertura.

CEVRS: Com esse dinheiro. Era o Gil, Fernando e você nessa ação.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É o que mais atuou era nos três que participamos, e tinha mais apoio que eu nem lembro o nome dele. E também nem vou citar porque nem sei se estava preso.

CEVRS: E me diz uma coisa a PUC já era lá na Ipiranga?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Já era lá, era no início da PUC, só tinha dois ou três prédios, eu fui para aula, eu já não escutava mais nada era um zum, zum.

CEVRS: Essa foi a sua primeira ação?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Essa foi a minha primeira ação, não em termos de ação armada. Carro não, carro, inclusive carro aqui naquela época não tinha muito motel, a gente ia namorar ali no morro da Tetê e a gente ia lá e pedia licença e pegava o carro.

CEVRS: O Félix contou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Contou!

CEVRS: É que achou uma vizinha, acho uma policial que era do bairro dele...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A gente fez isso, e depois você troca as placas e colocava ali, mas era uma coisa muito amadora, não pode. Por isso que eu digo, nós não tínhamos muita coisa lá, só a nossa vida mesmo. Porque imagina você, eu trabalhava desde os 14 anos, o meu pai que era daqui, era daqui...

CEVRS: O que significava fazer um furto.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O que significava chegar lá e pegar um carro...

CEVRS: Por isso que você tinha que dizer que era uma expropriação, porque você não podia admitir que aquilo era um assalto.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não, nos falávamos assim, e nós convencíamos que era assim.

CEVRS: Também não era um crime comum.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, ninguém mexe com dinheiro, eu nunca vi o dinheiro.

CEVRS: tanto que nenhum de vocês desenvolveu a vida criminal depois.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não e outra coisa, ninguém tinha acesso ao dinheiro. O dinheiro ia para comprar arma, para manter, vamos dizer a guerrilha. Não tinha acesso, cada um vivia com o que tinha.

CEVRS: mas é uma coisa tremenda, porque você não foi treinado, preparado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Evidente e o contrário, você foi preparado para o contrário. Eu era conhecido no meio político.

CEVRS: Vê assim que esses dois me disseram tanto o Félix, quanto o Paulo Bittar, por exemplo, que preparavam algumas dessas ações contra banco, vocês não podiam participar, porque participavam de sindicato, era conhecido pelo meio bancário.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, em parte, ai vai um pouquinho de dirigente, para participar. Porque eu era conhecido, participei e fui da cara aberta. Então vamos devagar.

CEVRS: E o Paulo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E eu era extremamente conhecido, na minha cidade. Então o seguinte, dentro da própria organização de esquerda, tinha o pessoal que ia mais de linha de frente ou não. Essa é verdade. O Félix participou depois, participou do sequestro.

CEVRS: Mas ele diz que pelo menos com o banco, é exatamente o que você está falando, ele tinha esse problema, porque ele trabalhava no banco.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele trabalhava em banco, então eu não aguentei fazer essa ação com aquele óculos que estava me incomodando, com aquele óculos escuros. Eu joguei fora, o que eu quero colocar é o seguinte, eu estava a fim de fazer a revolução, eu estava a fim de engajar e dar a vida. Não chegava a ser outra era, mas era alguém que estava jogando no tudo ou nada. Eu podia ser morto, podia dar um tiroteio e podiam me acertar.

CEVRS: E vocês tinham essa consciência de que não era treinado, de que vocês estavam lidando contra gente que era treinado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Que era treinado, agora qual era a diferença. Ai que está a grande questão, qual era a diferença! Em primeiro lugar, a autoria entre a gente era muito grande, ou seja, você desejar um mundo perfeito, melhor. Segundo, o romantismo que nós tínhamos era algo assim, fantástico. Terceira a própria imagem de doação que tem um negocia meio que cristão, que não tenho nada ligado, questão religiosa, mas era uma coisa meio que carregar a cruz, ou seja, você se imolava, meio que mecânico.

CEVRS: Um pouco mecânico.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É mecânico. Isso aí estava na nossa cabeça.

CEVRS: E o desses espero de não ter outra forma de atuação eles fecharam todas as formas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eles fecharam todas as formas, não tinha. O único meio era esse.

CEVRS: Eu vi um depoimento outro dia desses na comemoração do DOPES, uma fala muito bonita do Flávio, que ele estava falando isso. Quer dizer para a geração de vocês, quais foram os grandes nortes, os modelos, os paradigmas? Então tinha para a esquerda, a revolução russa era mais antiga, o do mal para a revolução o que falou para a geração de vocês foi Cuba que estava aqui. E esse ideal estava aqui, com que deu certo em Cuba. E aqueles jovens que chegaram no Gramma eram que nem vocês!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era igual. E isso era mais louco ainda.

CEVRS: Se deu certo com vocês, porque se a gente olha em volta, olha a geração do meu pai, por exemplo, que se dedicou boa parte do tempo para a defesa, uma das coisas, que ele lamentava que deplo- rava. Que ele via uma geração generosa, jovem e isso se sacrificando por um ideal, e dizendo que eles não têm a menor chance, eles não têm a menor chance, mas eles vão. Vários delegados, pessoal mais antigo na polícia, vinham conversar na polícia. E dizia olha alguns a gente entende, mas você! Para um cara humilde, família pobre, que trabalhou desde criança, entende. Que estudava engenharia. Que na- quele época era um negócio que era engenharia, direito, medicina, que quando você tinha aqueles canudos, como prêmio. Então o se- guinte, aquilo era um atrativo para as meninas, para as mulheres. Ai você pega isso tudo, e bota no lixo, e vai pegar um negócio e vai fazer expropriação! Sujeito a levar tiro, depois preso. Não entendiam.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eles não entendiam! Eles di- ziam como é que você se mete nisso! Segundo eu sempre fui uma pessoa simples, então na minha convivência, dentro da cadeia, dava para todo mundo sentir isso. Que eu era uma pessoa mais humilde, mais simples, não era a classe dominante. Uma coisa, ninguém fala, o que eu vou falar. Classe dominante é dominante em todos os lugares, inclusive nos partidos, inclusive nas organizações.

CEVRS: de outra forma falada, depois eu falo no final do depoimen- to. O que dá a impressão, teve algumas pessoas falaram, depois eu vou te falar mais no final.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Gregório, também era uma pessoa humilde.

CEVRS: Então, esse foi o seu batismo de fogo, desapropriação. Você participou de outra depois?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olham, mais em transporte de armas, carros, coisas assim. E participei do levantamento da vila do Consul. Na casa dele, os hábitos, eu fazia campana na casa, não lem- bro mais a rua.

CEVRS: E quem é que decidiu quem é que participaria, por exemplo, a ação quem decidiu que iria fazer a ação foi no Rio, São Paulo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu creio que sim.

CEVRS: E quando é que você ia se comunicado, para fazer esse levantamento.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A gente fazia a campanha, não isso ai a gente desde início a gente já sabia.

CEVRS: Mas foi quando vocês tomaram conhecimento da mudança do Cônsul, ou vocês pediram e foi falado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não isso ai, foi o seguinte, nós queríamos imitar um pouco a polícia militar. Então nós fazíamos a expropriação. Monta-se uma área então, nós vamos montar, aliás acho que a única área que foi montada, foi aqui em Barranca do Sul, essa é a verdade. Agora eles faziam sequestros, nós fazíamos também.

CEVRS: Eles queriam também.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eles queriam também, o sequestro como o do americano que a população estava satisfeita...

CEVRS: E deu visibilidade.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Deu visibilidade, o povo gostou, sequestraram o americano. Era visível, saia na rua e conversava com as pessoas e você via isso. Então nós também decidimos fazer.

CEVRS: E a VPR, depois do americano, teve a do japonês em São Paulo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Teve em São Paulo.

CEVRS: e você sabia?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A gente sabia.

CEVRS: Porque a imprensa não divulgou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sabíamos sim. E aí o seguinte.

CEVRS: veio à ordem para fazer o levantamento.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Veio à ordem de levantamento, foi feito tentativas.

CEVRS: Não podemos perder o bonde de vista, nesse meio termo, qual era a faixa do Bonna era o estudante, e quem estava trabalhando também?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Dava aula também particular para poder sobreviver.

CEVRS: Dava aula particular.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aula particular de matemática e era estudante.

CEVRS: quando você veio para cá, você já veio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu vim fazer a esteira do abatedouro do meu pai, e ele me dava um pouco de dinheiro para sobreviver. Bom, eu estava fazendo caratê e judô nessa época, porque eu sempre gostei de praticar. Até porque sabia que ia ser necessário um dia, e em uma demonstração aqui, eu mais por medo, do que por valentia e força, tinha um professor japonês.

CEVRS: O Vatanar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não me lembro quem era ele vinha dar o golpe e segurava, e falava treinamento, treinamento, e eu louco de medo dele me derrubar e dali a pouco ele me deu um golpe e me jogou longe no tatame. E isso foi na época, de fazer o levantamento. Não sei que não sei se foi por isso ou não, mas...

CEVRS: Foi por isso que você ficou fora?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pode ser que sim, pode ser que não, não sei mais eu estava fora de combate. Aí nós morávamos legalmente e procurando um lugar para aguardar o, antes do acerto com

o Emitir (?). Que nós fomos, não sei se o Félix falou, nós fomos em Itapuã, até atolamos a caminhonete lá, que tem uma areia danada.

CEVRS: A imprensa que falou. Eu agora não tenho tanta certeza.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Quando foi feito esse levantamento.

CEVRS: Como é que foi feito esse levantamento com o MMM.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Esse eu não participei.

CEVRS: Mas esse o Gregório participa com a metralhadora.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, esse ele guardaria.

CEVRS: Nesse lugar lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É que um fazia e o outro guardava. Não, não era nesse lugar, num lugar ai, quando fosse feito o acerto é que guardaria. Até era mais sensato, porque você não sabe onde que estava. E ai veio o Gregório. Ai quando o Félix foi preso e começou a cair todo mundo, que ai ouve o assalto do banco.

CEVRS: O assalto foi ai? Ou foram três semanas antes do Banco do Brasil.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, antes do Edmur, banco no bairro Tristeza.

CEVRS: foi no fim do ano.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi no fim do ano.

CEVRS: mas a grande ação que eles tinham a ver foi do dia 18 de março de Viamão.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: De Viamão.

CEVRS: que ali foram as armas da VPR.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ali para mim, a derrocada começou ali.

CEVRS: foi exatamente. É o que deu a entender.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A arma nos derrubou, não vai dizer que a ação nessa, acabou pegando. A consequência é ir junto.

CEVRS: Eles sabiam isso para mim foi bem claro. Pode ser pelo jeito que o Paulo disse, pode ser pelo outro jeito. Mas a verdade que eles sabiam que tinha uma conexão entre a ação de Viamão e a tentativa do sequestro do Consul e a conexão eram as armas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso.

CEVRS: tanto que eles sabiam, que eles botaram Eliana de frente para o Bicho lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É muitas coincidências, o Rui Falcão, que hoje é presidente do PT, ele teve que sair de São Paulo, correndo, ele e outro companheiro.

CEVRS: Por isso que eu pensei que foi a prisão que você tinha falado. E foi o seguinte, o Rui Falcão, veio para o Rio Grande do Sul, e ninguém e ninguém sabia, alugaram o apartamento que já tinha sido sob aparelho.

CEVRS: E aí a Martinha, sob pau é obrigado a levar para um lugar que ele tinha alugado, e aí estava toda a imprensa lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Veja bem, essas coisas também existem, bom, mais aí o seguinte.

CEVRS: Esse episódio chega a ser hilariante.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Quando prenderam o Félix e o...

CEVRS: Quando deu a ação, você ficou sabendo do fracasso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, sim.

CEVRS: quando eles chegaram a casa lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu tinha uma residência oficial, que era uma residência que era aberta que era oficial, que era de estu-

dante onde eu morava. Na casa do estudante, na mocadema (?), que tinha um pessoal que também da VPR, porque aonde você ia tinha gente também. Estava o Valdir e estavam outros caras que eram da veterinária, da agronomia que aonde você ia era tudo.

CEVRS: O Valdir era o Gustavo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, era outro. Que também participava no movimento, que quando a polícia veio para me prender, o endereço que eles sabiam onde eu dei era lá dessa casa do estudante, não tinha nada! Então, eles acharam que eu morava ali, eles nunca sonhavam que eu tinha outras casas. E um fato interessante, que vale a pena levantar, até do ponto de vista histórico de como que eu aluguei esse apartamento. Porque a pessoa que nós conseguimos...

CEVRS: qual apartamento?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O da Lageado. E nós precisávamos de um fiador, e aí me apresentaram a uma pessoa para ser fiador. Que ia ser fiador, eu nem me lembro se falei diretamente ou não. Mas aí vai que quando eu volto para o Brasil, estou trabalhando na assembleia e ela era secretária executiva do PMDB. Eu estou descendo com o Chairman aqui pela Borges, na câmara dos vereadores, que era ali perto do mercado público, e que nós íamos convidar o Mendes Ribeiro para assinar a ficha no PMDB, o Mendes Filho.

CEVRS: a câmara estava funcionando aqui perto do comendador (?) ali.

Isso, atrás da prefeitura. Na volta nos encontramos um deputado que não quis mais concorrer, um ex-deputado, que era membro do ministério Público, chamava-se Sanfelice Neto. O Cheramam (?) foi procurador geral de justiça.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na época do (governo Pedro) Simon, aí o Sanfelice chegou ao Chairman e disse o seguinte: eu quero te apresentar aqui, a pessoa que quando eu era estudante escutava o discurso dele e eu fui candidato a deputado por influência dele, eu o achava fantástico o que ele falava, um grande tribuno e me apresen-

tou. Aí o Chairman perguntou para ele: Sanfelice me conta porque nunca mais você quis ser candidato? Aí ele disse: olha, eu vou te contar, na época no final dos anos 1960 eu fui fiador de um apartamento e depois o apartamento caiu que era de um pessoal terroristas e me incomodaram muito. O Dopes me incomodou de- mais, e eu decidi que depois daquilo, nunca mais ia me meter com política. E nunca mais concorri.

CEVRS: e você ficou quieto?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E aí depois que ele terminou, falei para o Sanfelice, que aquele terrorista que ficou de ser fiador era eu. Ele começou a chorar de emoção. E disse olha eu tenho guardado uma cópia do contrato que eu quero te entregar. Que loucura, você veja como é a vida!

CEVRS: e quem é que indicou, conta que ele tinha sido indicado por um deputado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pois é foi deputado, eu não me lembro quem é que indicou, depois fiquei sabendo que ele foi o pai do Castanha.

CEVRS: Nem sabia que ele tinha sido deputado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não me lembro quem é e quem foi.

CEVRS: E ele diz que naquela época ele foi incomodado, não chegou a ser torturado?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, foi muito incomodado. E aí ele decidiu não mais concorrer e abandonar a vida pública. E depois ficou meu grande amigo infelizmente ele morreu depois.

CEVRS: eu sabia que ele era um cara que tinha simpatia pela causa. Quando fracassou a ação você foi... Não limpavam a casa lá?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, porque ficou lá o Gregório ainda na casa, então aquelas armas não podiam aparecer de jeito

nenhum, até porque o Gregório ainda ficou lá um tempão. O que foi uma falha dele. Eu falei isso para o Gregório.

CEVRS: E por isso ele escapou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Porque a casa só caiu depois, então o seguinte.

CEVRS: ele teve muita sorte.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Agora eu vou te dizer o final da casa.

CEVRS: bom mais ainda quando você foi preso. Você foi para a residência oficial.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Deixa eu te contar, eu fui para a residência oficial, passei por Passo Fundo, fiz contato com o pessoal também, mas eles estavam fechando o cerco. Passei pela cidade de Lajeado, falei com meu cunhado e minha irmã que também me davam apoio, sempre.

CEVRS: E quando o Félix foi preso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele ainda estava aqui. Quando ele foi preso e o Fernando, qual era a ideia, era fazer outro sequestro.

CEVRS: Perdão desculpe te interromper, então houve mais ou menos uma semana que nem de vocês foram presos, o fato dia 5, o Félix foi preso dia 12.

Isso. Então essa semana que você vai para Passo Fundo, daqui e ali, o Gregório vai para lá, o Félix tirou o Fernando Pimentel que estava machucado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu fui levar dinheiro para a guerrilha em Três Passos, estava tudo comigo, nós tínhamos contatos.

CEVRS: mas estavam na moita toda.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estava na moita toda, depois que eles foram presos, nós tivemos a ideia de fazer um sequestro, mas nós íamos sequestrar outra pessoa. E aí a gente precisou da caminhonete que estava em uma garagem.

CEVRS: era perto da rua Espírito Santo por aqui, tinha um aparelho aqui perto.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu não me lembro.

CEVRS: então quando prenderam o Félix e o Pimentel, você disse quem era?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o Elizeu, eu e o pessoal que sobrou. Íamos fazer outro sequestro, a ideia era tirar os companheiros presos. E aí nós fomos pegar a caminhonete, só que, essa caminhonete, esse local, eles tinham aberto, jamais pensava com a ingenuidade toda, que nós íamos pegar a caminhonete. Pensávamos que eles não tinham aberto. E quando o Elizeu e eu chegamos nós estávamos armados, mas eles estavam de campana dentro e fora.

CEVRS: e que local era esse?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era em uma garagem, eu não me lembro mais não. E quando nós entramos eles pularam em cima. Tanto que eu não pude pegar a arma que estava dentro de uma sacola, e nem o Elizeu pode pegar a dele. E aí já nos encapuzaram, colocaram dentro de um carro, pisaram em cima, nós no chão e nos trouxeram para o DOPS. No DOPS a gente entrou de manhã.

CEVRS: você foi lá à caminhonete.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É e nós começamos a levar pau já ali encapuzados.

CEVRS: isso algum dia depois de terem levado o Félix?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, quando a prisão do Félix, aí tudo me queimou com cigarro, soco, pontapé e tal. E eu sempre com capuz, algemado. Uma hora me deram um soco muito forte e eu

caio longe, cai rolando e me deixaram um pouco quieto. E eu comecei a colocar a Mão e vi que era uma escrivaninha.

CEVRS: era a sala do Atila?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o Atila era no outro compartimento, e nisso eu tirei a chave desse apartamento da rua perigosa e botei e fui Tateando e coloquei dentro da fresta.

CEVRS: mas era uma chave sem..

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sem nenhuma identificação, era puramente uma chave. Tirei e coloquei, porque eles não viram que era uma chave só.

CEVRS: ou seja, com isso, impediu que ele te torturasse para tentar descobrir o que era aquela chave.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí botei lá dentro e depois me pegaram de novo, veio o chefe de polícia, na época, e aí o chefe de polícia mandou tirar o capuz. E olhei cheio de sangue na parede, parece que alguém tinha tentado suicídio, ele chegou para mim e falou vai ou não vai falar? Eu fiquei quieto, aí ele falou pode torturar que ele não vai falar. Deu dois minutos e ele falou vai falar ou não vai falar.

CEVRS: e o Malhões?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí o seguinte, começou e bateram muito no Fernando e depois ele acabou reconhecendo que eu era o André enfim, mas eu consegui manter uma história de como eu cheguei à organização porque eu debitava junto com o outro menino que depois chegou para a polícia e contou tudo, quebraram os dentes dele, ameaçaram a mulher dele que estava grávida.

CEVRS: e o Reynoldo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Reynoldo, eu tenho um companheiro, tudo nome de guerra, eu estava na universidade, fiz contato e acabei participando, mas nunca falei da história do DOPS e nem do pessoal.

CEVRS: e ele falou que você tinha participado da ação?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nada.

CEVRS: ele só disse que você era do grupo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E começou a cair. A primeira questão a cair, foi à questão do carro pagador, que um companheiro reconheceu que eu já tinha participado. E esse companheiro estava muito quebrado.

CEVRS: era o Reynoldo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não.

CEVRS: era o Elizeu?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o Fernando. Hoje eu...

CEVRS: aqui é lugar de contar a verdade, ninguém aqui quer heroísmo de ninguém.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele estava muito quebrado, aí começou tortura para cá, tortura para lá e um domingo as 23h00min da noite, chega uma notícia já no setor do exército e aí já entra o Malhães e o Cabral interrogando os dois. E nisso aí não era a frieza, mas eles conheciam mesmo o que faziam, e eles diziam que essa história não fecha. Vamos fazer você contar ou vamos te matar.

CEVRS: o Malhães dizia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Malhães, eu vou te matar, você vai contar porque essa história não bate, eu na minha. Aí na noite...

CEVRS: Mas você chegou a ser torturado por ele, interrogado por ele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Interrogado por ele.

CEVRS: e como é que ele te torturou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Malhães?

CEVRS: É.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Malhães era choque só.

CEVRS: era só choque.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era, a tortura mesmo que eu faço questão da denúncia veio na área militar, que veio pelo Atila que chamou um companheiro meu, companheiro esse que não quer que cite o nome dele, tudo bem, não vamos citar. E que diz que nós sabíamos tudo do pessoal de Três Passos, que eu que tinha contatado todo mundo, que eu que tinha fundado o DOPS e eu não. Mas aí o Atila nos pegou as 23h00min com o capuz.

CEVRS: mas não foi o DOPS?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não no DOPS, porque é o seguinte, no DOPE, tinha duas alas, tinha uma ala direita que era dope, no palácio da polícia. E tinha uma ala, para cá que era forças armadas, exercito. Funcionava tudo no DOPS.

CEVRS: sim, o DOPS era subordinado ao exército.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ao exército, então o seguinte nos pegaram lá o pessoal lá nos pegou até o Atila, inclusive estava o inspetor que vou lembrar depois o nome dele.

CEVRS: Era o Havelha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não o Joaquim, que inclusive ele quando foi me buscar estava com os olhos cheios de lágrimas. E aí entrou lá quando ele tira o capuz, estava o Atila, um médico do exército, um médico, não sei se era do exército. E mais tanto ele dava choque com o aparelho, e aí ele começou falando dos filhos e da mulher e escutando música clássica.

CEVRS: o próprio Atila.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. E começou a dar choque aí sim, foi tanto choque.

CEVRS: Atila e o tal médico.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, e o médico servia naquela época a moda era bico fino, então ele batia com o bico do sapato no meu rosto e dizia, ih esse guri é forte pode bater.

CEVRS: e tinha outro também?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, só os dois, o Atila e o médico. E o Atila, enlouquecido ele tinha prazer em torturar e dando choque, foi tanto que me queimaram as orelhas, que ele dava muito choque na cabeça.

CEVRS: inclusive choque na corrente.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na corrente que corria risco de matar, saia fogo nos cabelos, saia faísca nos cabelos, na cabeça. Era tão violento que ele dava choque e eu ia parar do outro lado. E depois dava nas mãos, queimou os dedos.

CEVRS: e não estava o Malhões.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, só ele e o médico. O médico te examinava para não deixar você dar um piripaque ou alguma coisa.

CEVRS: e quem levou, segurava vocês, deixava amarrado?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Algemava e encapuzava, tirava o capuz só para pôr os fios. E cansava, porque você não aguentava, aí eles colocavam você para escrever. Pega aí e escreve sobre o pessoal que está lá e tal. Como não tinha, porque eu não falava nada, eu dava a folha sem nada. E aí pau de novo. E aí ele batia no outro e quando cansava no outro, me pagava de novo. Então isso aí foi tanto, que nos apagamos.

CEVRS: Você e esse companheiro que não quer que fale o nome?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, apaguei eu não conseguia nem assobiar, não saia mais nada. Não saia voz, nada que estava tudo seco. Bom, e quando ele chamou os outros para me levar para a cela,

que estava o inspetor Joaquim e o outro que eu não me lembro. O Joaquim que estava com os olhos cheio de lagrimas, ele me disse, calma que isso aí passa. Porque tinha dentro do DOPS inspetores que eram simpáticos ao Brizola. E aí me levou de volta não era o Joaquim que era chamado de Tio Enio, que quando não aguentou e passou para a polícia, que nos denunciou em uma tentativa de fuga da ilha, que me pegou e trouxeram para o DOPS, ele me disse esse seu companheiro está tomando cafezinho com o delegado, ele me falou que era o Enio. Um senhor de idade já, que não aceitou torturá-lo, esse cara que passou é o Paulo Artur. E aí seguinte.

CEVRS: E o Reynoldo você acha que passou também?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Reynoldo não aguentou e passou também. Até porque ele falou tudo sobre mim.

CEVRS: mas colaborou ali, sobe tortura ou... que são coisas diferentes, uma coisa, estar na tortura e outra coisa é ir para o outro lado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sob tortura, não tenho dúvida nenhuma, o Reynoldo foi sob tortura, foi sob pau. Ele disse para as pessoas que me disseram que não aguentou mais porque ameaçaram a mulher que estava grávida, diz ele. Mas eu acho que ele não aguentou mesmo. Bom, mais aí eles me deixaram em uma cela, que antigamente todo mundo fumava e tinha uma escavadeira do lado, e eu estava tão mal que fiz dessa escavadeira travesseiro e dormi. O companheiro que estava comigo falou, como é que pode fazer da escavadeira e dormir. Mas era cansaço mesmo entendeu.

CEVRS: Quer fazer uma interrupção?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não. Aí ele dizia, poxa... Esse Atila era uma pessoa completamente doente e eles fizeram muita maldade com o Índio, com a mulher do Índio.

CEVRS: Mas tinha o mesmo do Malhães, mas o Malhães era mais tímido assim.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Malhães era um robô.

CEVRS: mas diziam que ele tinha prazer em bater.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mas toda pessoa que bate, tem prazer. Agora prazer como tinha o Atila, era difícil viu. O Pedro Seelig, por exemplo, depois do outro que a gente estava completamente quebrado, liquidado. Descubrem o endereço do apartamento na cesta do lixo na bancada no local onde o Reynoldo tinha.

CEVRS: aí o papel tinha o endereço do André na Rua Lageado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí o Pedro me chama.

CEVRS: e você pensou que já estava aliviado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Trás a bobona aqui, e aí colocou os fios de novo e dá lhe choque na cabeça. Aí me deu uma reação.

CEVRS: pelo próprio Pedro Seelig.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É aí me deu uma reação tão forte que eu arranquei aquele fio, que comecei a enlouquecer, aí foi de filho da puta para cima, o que você quer filho da puta. Aí ele disse, bom, descobrimos que seu aparelho e chamou o inspetor aquele que era completamente maluco o...

CEVRS: Oliveira.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Oliveira, lá de machado. Esse aí era doente, sádico. Quebra tudo, quebra a porta. Então eu disse: Pedro não seja tão estúpido a chave desse apartamento está na tua gaveta. Aí ele enlouqueceu, ficou possesso, tanto que me largou de mão e saiu.

CEVRS: e acharam a chave?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Acharam a chave, e quebraram tudo. Depois vieram com o meu relógio, as minhas coisas. Limpou, porque eles se dividiram em cada apartamento que eles pegavam eles distribuía, era a divisão do Butim. Agora com relação ao procurador, era o seguinte, são pessoas doentes, que o regime, o Estado, não

é como ele dizia do porão. Era comandado pelo presidente da república, ele sabia, o Malhães tem razão disso daí. Por exemplo, o caso da bomba do Rio Centro eles sabiam 30 dias antes. Não foi desorganizado, eles sabiam da bomba na OAB foram eles que colocaram tudo, para dizer, olha...

CEVRS: O Malhães, depois ele se orgulhava do trabalho dele. Foi para o Rio Grande do Sul, depois de 74 ele estava no gabinete do exército. 74 foi o primeiro partidão ele estava lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso. O estado usou essas pessoas...

CEVRS: recrutou e treinou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Usou essas pessoas, que eram pessoas completamente doentias, porque eu não acredito que uma pessoa normal faça o que eles fizeram. Agora o seguinte, depois de vários dias, semanas, um tempo de tortura. Tinha duas salas, uma identificava todo mundo empoleirado ali, e um colchão que todo mundo colocava a cabeça ali e dormia com o corpo no chão. E foi ali que o Elizeu tentou o suicídio, comendo o braço, mascando o braço. E o Ageu começou também a entrar em parafuso, porque um dia ele chegou para mim e ele disse bom amanhã é segunda e eu tenho que trabalhar! Ai que eu não aguentei e disse: - poxa espera ai, nós estamos presos, meu amigo -. E ele - não que eu tenho que trabalhar segunda-feira -. Ai que eu vi que ele não estava bem. Aí ele ficou quieto no canto e eu não me aguentei e comecei a rir. E quando eu vi, ele estava chorando e arrancando o braço com os dentes, e eu chamei os caras pelo amor de Deus.

CEVRS: E o Félix já tinha tentado suicídio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, e aí tiraram o Elizeu de perto da gente e começaram a simular um fuzilamento. E eu acho que isso aí acabou enfraquecendo cada vez mais.

CEVRS: por isso ele...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele acabou...

CEVRS: e separaram ele de vocês, ele estava fragilizado?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estava fragilizado e simulavam o fuzilamento, e tal. E no final, ele cometeu o erro que foi o capital. Como a gente tinha que assinar que aceitava sair do país, ser banido. O Elizeu colocou que não ia sair, porque ele achava que ia sair de qualquer jeito. E eu perguntei: Elizeu, o que você escreveu? E ele disse que não eu disse que queria sair. Mas ele tinha escrito que não ia sair, eles não tiraram, e a gente. Então foi o seguinte...

CEVRS: você sai...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, espera aí, vamos continuando. Ai.

CEVRS: por isso que você acha que ele vai para o arrependimento?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Vai para o arrependimento, depois disso, nós estávamos lá...

CEVRS: depois que vocês estavam presos, vocês souberam lá da coisa do arrependimento, como que era a reação?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, aí o seguinte nos víamos a sala da fossa. E era o seguinte, ou você estava sendo torturado ou você escutava o grito das pessoas. Era dia e noite, e aí vem à síndrome da chave, inclusive o Rui Falcão, lembro bem que ele começava a gaguejar, quando você escutava o barulho da chave todo mundo parava, ninguém falava, porque alguém ia ser chamado para tortura. Aí fizeram misérias com as pessoas. Depois dali, tiraram a gente dali e levaram para o presídio, foi aberto uma ala onde nós ficamos lá na solitária.

CEVRS: a tortura do barulho da chave.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, chegava o barulho da chave aquilo... Para você ter ideia, teve preso lá com a gente um sírio libanês que veio aqui para o Brasil, para acertar umas contas e foi até a

cidade de Pelotas e como foi no hotel, viram que ele tinha um revólver e estava armado, e o pessoal de hotel era obrigado a informar ao DOPS qualquer coisa suspeita. E o DOPS foi lá e prendeu o cara, e colocaram o cara junto com a gente, e era um cara forte, grande e tal. E só de ouvir a tortura ele começou a pirar. E ele me perguntou: mas vão fazer isso comigo? Eu falei, provavelmente sim. E aí cada vez que ele ouvia o barulho da chave, ele corria para o banheiro e dava disenteria, para você ver como que era o clima. Para uma pessoa que estava de fora. Teve outra pessoa de fora também, que era de umbanda, batuqueiro que jogaram pólvora na casa dele para fazer os rituais, bateram tanto nesse cara, que o que eles queriam ele confessava, mas ele não tinha nada. Ele não tinha nada! Depois que bateram quase mataram o cara é que descobriram que para ele não ser torturado ele dizia que sim. Mas ele era um cara da vila, aqui de Porto Alegre, que bateram e pegaram pólvora na casa dele, alguém deve ter denunciado, mas era para fazer o serviço do batuque.

CEVRS: quanto tempo você ficou no DOPS ali?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olha eu não me lembro devo ter ficado um mês, ou pouco mais.

CEVRS: e aí você foi para o presídio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí nós vamos para o presídio. No presídio, eles abriram uma ala para os presos políticos e eu fiquei em uma cela junto com o Eugenio, inclusive em uma cela que não tinha água, que a gente tinha que tomar água da privada. Até que desocupasse a ilha.

CEVRS: quando você foi para o presídio central, o Ângelo já tinha morrido?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Já tinha morrido.

CEVRS: você não estava lá quando ele tinha morrido. Você chegou depois dele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu não me lembro.

CEVRS: você estava no presídio preso, quando ele apareceu morto lá

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu acho que eu já estava no presídio quando ele apareceu morto, eu estava junto, ele estava com a gente lá. Acho que foi por enforcamento, que disseram que ele tinha se enforcado. Estava todo mundo.

CEVRS: Vocês ficaram lá um tempo, com o pessoal da ADPL (?) lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim, todo mundo.

CEVRS: E o Edmur.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Edmur estava junto. O João Batista estava todo mundo junto.

CEVRS: O tenente também?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Todo mundo.

CEVRS: e aquele pessoal foi para a ilha com vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi para a ilha.

CEVRS: e inclusive o Edmur?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Inclusive o Edmur.

CEVRS: e lá no DOPS, é verdade que o Edmur ficava em um lugar separado de vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olha eu não vi.

CEVRS: que teve um tratamento separado?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olha, tem essa história, eu ouvi essa história dentro da cadeia.

CEVRS: então você não via sendo torturado com você dentro da cadeia em uma sala do lado da fossa?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não me lembro.

CEVRS: Temos um depoimento que o senhor...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Assim como, o Félix tinha um tratamento diferenciado.

CEVRS: é o Félix mesmo disse depois dessa tentativa de suicídio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele fazia um pouco.... Até que ele parecia um pouco difícil. Mas os caras me descobriram não sei por que eu não vi essas pendências, eu não sei de que maneira eles acabaram descobrindo, mas eles começaram a manejar muito com ele, não que ele tenha entrado na deles ou não. Mas ele tinha um tratamento especial.

CEVRS: e ele diz que depois da tentativa de suicídio os dois coronéis fizeram uma visita para o Atila e a partir dali mudou o tratamento. E ele conta o próprio Paulo de Tarso, que der repente ele estabelecia uma relação de camaradagem, conversava e depois dava uma bordada também.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não ele, discutiui muito comigo documento da ADPL, e a gente era tão ingênuo, tão que discutia política com ele, aí depois ele parava e pegava.

CEVRS: e deu para perceber uma especial fixação no Lamarca? Que teria uma disputa desde o tempo da academia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Olha a fixação dele para mim era essa, dismantelar a guerrilha.

CEVRS: mas ele falava mal do Lamarca?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, nunca falou. Para mim ele era robô, então colocaram na cabeça dele que ele tinha que acabar com a guerrilha.

CEVRS: e fez o trabalho?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. Agora o evidente era militar, campeão de tiro.

CEVRS: que ele era do tal do filho da mãe, movimento anticomunista que era um movimento que tinha antes do DOPS.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É.

CEVRS: diz-me uma coisa, antes de ir para ilha. Ali no presídio, alguma vez eles te levavam de volta para o DOPS?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não, ali foi uma passagem.

CEVRS: até arrumarem a ilha.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Até arrumarem a ilha. Arrumou a ilha, nós fomos.

CEVRS: vocês ficaram o que uns 15 dias no presídio?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É mais ou menos por ai. Até quando trouxeram os presos comuns para a ilha, trouxeram pedaços de gente. Pedaços de calça, camisas em tiras, lençóis tudo sujo.

CEVRS: eu conheço do relato que o Índio tem um livro sobre isso. Mas tem o relatório de quando eles começaram a arrumar a ilha para o presídio pro MML (?), e ai quando aparece o Raimundo é feito uma CPI, e o doutor Eduardo vai como representante da OAB, e do instituto. E ele relata as condições que viu lá, e não eram presos comuns, eles eram a escória humana. Eles atiravam lá, os mendigos, os menores abandonados, os loucos, os moradores de ruas. Então era gente assim e essa descrição eu conheço a que é feita pelo relatório que integra a CPI, e depois o juiz federal que condenou a união federal em uma ação movida pela viúva ele transcreve literalmente. E ele transcreve o relatório que o pai fez no DOPS, sob a cela que vocês passaram que estava sendo montada nos anos 1966. Mas era horrível a situação dessas pessoas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era horrível.

CEVRS: mas eles não estavam mais quando você chegou lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, só estavam meia dúzia que ajudava na comida. Porque nós ficamos ali presos em celas.

CEVRS: vocês não podiam passear.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tem horários que sim, e horários que não.

CEVRS: vocês ficavam naquela cela lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na cela tinha um buraco no meio e servia a comida ali.

CEVRS: quantos foram para a ilha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A ilha estava cheia, devia ter umas 40 a 50 pessoas.

CEVRS: era uma população mais ou menos permanente. O Raul chegou a morar lá?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Raul, depois.

CEVRS: O Carlos?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tudo depois da gente.

CEVRS: mas tinha como pegar eles lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, mas já tinham saído por causa da tentativa de fuga.

CEVRS: Quem era então que estava lá, o pessoal da VPR?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Da VPR, Avivar (?), M3G. Agora tem uma coisa, o Gaúcho ele foi sequestrado.

CEVRS: Depois eu vou te contar o que o Claudio Fonteles me contou. É por isso que a situação ainda não chegou nele, depois eu te pergunto. Por isso que eu te pergunto, e ele esteve na ilha com vocês.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Esteve na ilha.

CEVRS: e lá se comportou igual. Vocês mesmos se organizavam, faziam a comida?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não tinha nada. Quando começaram a liberar as visitas com muito custo, o pessoal conseguia levar lá, na barca que o estado trazia e que está aqui no deprec.

CEVRS: é um barquinho que está até hoje aí.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu não sei, é um bom barquinho.

CEVRS: no posto do... ah essa é outra.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então é o seguinte, lá nos fomos os primeiros a chegar, os primeiros a colocar o pé na ilha. Então, lá nós nos organizamos, tinha o coletivo que nós criamos que quando recebia cigarro ou alguma coisa a gente colocava no coletivo, tinha o KGB.

CEVRS: o KGB estava aonde com vocês. Ele já estava na ilha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, nós fomos juntos, o KGB estava no DOPS.

CEVRS: ai ele foi preso por que tinha relação de amizade.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi.

CEVRS: você conheceu um Dam (?), hoje está um velhinho que era um sapateiro de Canoas que oferecia a casa e o galpão para o M3G, você pode não se lembrar.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, foram tantos que.

CEVRS: se bem que ele esteve preso lá com o Carlos.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ele foi preso depois.

CEVRS: foi preso depois. E organizaram o coletivo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O coletivo foi depois.

CEVRS: Sim, mas vocês organizavam o coletivo, mas a comida não era vocês que preparavam.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não a comida era deles.

CEVRS: já vinha pronta essa comida?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pronta.

CEVRS: tinha hora do sol?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha hora do sol.

CEVRS: e as celas ficavam fechadas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Fechadas.

CEVRS: Vocês ficavam...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha hora que a gente abria e nos interagíamos com todo mundo, inclusive o seguinte eu tenho uma gravação que fiz na ilha muito bem feita, que tem um depoimento meu. Tem um DVD isso aí, se quiser depois eu passo.

CEVRS: Se eles não me derem eu posso te pedir?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pode.

CEVRS: E quem era lá dentro era a brigada?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era a brigada, fazia o controle externo. Toda a parte de cima com metralhadora, tudo era a brigada, as guaridas, tudo era a brigada.

CEVRS: quem entrava na cela, para vocês interagir?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso era a polícia.

CEVRS: a polícia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A polícia do DOPS.

CEVRS: do DOPS mesmo, e ele viam abriam e vocês saiam e voltavam.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, por exemplo, quando vinha a barca, todo mundo agachava e todo mundo parava, ninguém mais falava.

CEVRS: e nunca era torturado lá, era torturado no DOPS.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era no DOPS. E aí o seguinte, a minha mãe estava aqui, no DOPS, e foram me buscar. O Niquevele amarrava um cano no meu pescoço amarrado, e ele com o gatilho segurando, o meu medo era que ele tropeçasse e arrancava a minha cabeça fora.

CEVRS: Podia estar descarregada?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, descarregada uma ova, era para matar mesmo. O incrível nisso tudo aí, que era a questão da ditadura, que o estado ele é dono da nação e da vida das pessoas, essa é a grande diferença. E os outros poderes para contrabalancear todos eles ficam amordaçados, e aí vem o judiciário fica amordaçado, o Ministério Público nem se fala. O legislativo fica amordaçado, eles caçavam quando tinha a maioria.

CEVRS: a imprensa censurada.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A imprensa era censurada, a imprensa apoiou o dope. Os grandes conglomerados da imprensa se beneficiaram com a ditadura, nunca ganharam tanto dinheiro. A Globo nunca ganhou tanto dinheiro, a Folha nunca ganhou tanto dinheiro.

CEVRS: e agora ganhou a redação e as máquinas de última hora, em maio de 1974, ainda criaram em cima do legado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Em cima do legado.

CEVRS: por isso que eles não dão uma linha para o trabalho da comissão da verdade.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Uma linha, nada, nada! Então o seguinte...

CEVRS: então o barulho da barca era que nem o da chave era o pavor.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, e a noite, como era perto do inverno tinha muito água pé. E ali eles ficavam atirando a noite toda nos água pés no ponto cinquenta.

CEVRS: e também para apavorar, também

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E tinha muitas dificuldades dos olheiros que se aproximavam. Inclusive tem um capitão - comandante Comodoro - que me falou que várias vezes tentou chegar perto até porque o vento levava, mas os caras começavam a atirar no barco dele que ele tinha que se mandar.

CEVRS: houve um episódio que o Paulo do Couto Silva, aquele famoso que pagava anuncio na Zero Hora, para falar mal de político. O Paulo estava passeando de lancha, ele foi muito conhecido na época, com seu filho pequeno. Que hoje é um advogado, que tem escritório, foi metralhado. Primo do Golberi, reacionário, ficou um bagaço que ele ficou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então o seguinte, o nosso plano de fuga era tomar a ilha...

CEVRS: Ta agora nós vamos chegar ao seu plano de fuga. Junta esses conspiradores e deixa a ilha, logo surgiu o plano de fuga.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, porque quando eu estava na cadeia, ali nós estávamos indiciados em mais de 20 e tantos artigos na lei de segurança nacional. Ali era cada um de doze há tantos anos, então não tinha como, era fugir ou sequestro. Era essa a esperança que a gente tinha. Então nos arquitetamos esse plano de fuga, ao qual fomos denunciados pelo Paulo Artur.

CEVRS: esse Paulo Artur quem era?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era um dos presos.

CEVRS: ele era da AVPL?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não ele era ligado ao major Silveira, não sei se ele era ligado, ele transitava a AVPL...

CEVRS: era daqui do Rio Grande do Sul?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era gaúcho, eu acho que ele foi preso em São Paulo. Ele veio de lá e veio para cá.

CEVRS: e qual era o plano de vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O plano era tomar a ilha e sair armado, e dificilmente era inverno.

CEVRS: de lá pegar a barca.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não tinha barca, ou então ficar aguardando quando viesse a barca.

CEVRS: os planos eram meio vagos então. Não tinha nada concreto.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pois é, nós estávamos arquitetando o plano quando desse oportunidade a gente ia fazer. Passava uma graxa no corpo isso aí, oportunidade para a sobrevivência era muito pequena de sobrevivência. Mas essa que era a história, e ao mesmo tempo nos conseguimos fazer uma relação de nomes, para quando sairmos fazer o sequestro.

CEVRS: e conseguiram passar para fora, pelos brigadianos, pelos parentes.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu consegui passar pelos parentes mesmo.

CEVRS: e a lista foi...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Acabou caindo no Lamarca, no sequestro do embaixador.

CEVRS: você saiu na tussisi.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi.

CEVRS: quer dizer que o Fernando Pimentel, não saiu por que...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não foi o Fernando, ele não saiu, estava na lista, porque foi tinha participado da tentativa de sequestro. E ele e o Félix, também estavam na lista.

CEVRS: o Félix e o Fernando Pimentel, não aceitaram por que...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eles tinham participado da tentativa de sequestro.

CEVRS: mas antes de chegar lá, o plano era tomar a ilha e fugir armado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Fugir armado.

CEVRS: e aí o Paulo Artur.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Denunciou-nos, fez a denúncia.

CEVRS: E o que aconteceu, foram tirados da ilha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: No dia tal, quando vimos chegou à barca com o aparato todo, nos chamou. Não me lembro quem eram as pessoas, eram umas oito pessoas.

CEVRS: ah, então não levaram todo mundo, só levaram os cabeças.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Só os cabeças do negócio.

CEVRS: e quem era?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o Félix, o Fernando, eu.

CEVRS: eram os sargentos do DOPS que vieram?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eram mais...

CEVRS: Não era o Índio não?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, levaram o Vitor e... E o Paulo Alberto. Isso aí que eu lembro

CEVRS: como que era o nome?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era Vitor Leticio.

CEVRS: Esse já ouvi falar. E aí vocês foram sendo colocados em quartéis não é isso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, nos levaram para o DOPS, e aí ficamos um tempo no DOPS e nos dividiram e passamos um

tempo. Uns foram para a serraria e outro foram para a infantaria 19 de São Leopoldo. Eu fui para a infantaria 19 de São Leopoldo, junto do Félix, o Vitor, com o Wilco que estava lá.

CEVRS: para o 19º não era, regimento infantaria de São Leopoldo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso.

CEVRS: os outros foram para a serraria, Fernando Pimentel foi para a serraria.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, Paulo Franco, para a serraria, Elizeu para a serraria, não me lembro mais quem foi com eles. Bem aí, no quartel, você sabe que quartel a gente era tido como...

CEVRS: terroristas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nós éramos tidos como perigosos, então era uma burocracia terrível, quando um familiar ia nos visitar, eles tiravam todas as roupas, olhavam o anus para ver se tinha alguma coisa escondida. Você ficava em um canto da sala, no meio ficava o oficial e no outro o familiar. E aí você falava a distância, com o oficial no meio. E quando o seu familiar ia embora, eles te revista-
vam de novo, olhava o anus de novo, eu dizia pô você está gostando. Mas também tinha uma conquista que a gente tinha o maior trunfo, a maior arma para um preso era esconder uma colher. A colher tem um valor enorme, você faz tudo com a colher, você corta carne, faz tudo com a colher, então quando a gente conseguia esconder uma colher era uma alegria, era alegria da semana, até que descobrisse e pegava a colher de volta. Agora era interessante, um dia nos chamaram e nos deram banho de sol, que nós ficamos em uma alegria danada, por ter tomado banho de sol. Quando nós voltamos o único espaço que a gente tinha para olhar para fora era em uma janela pequena, os caras tinham lacrado a janela e reviraram todas as coisa que a gente tinha, tiraram um livro, um joguinho de xadrez que a gente tinha então aquilo para nos foi terrível. Foi mesmo que não ter nada. Então não tinha contato com o exterior, não tinha contato com o mundo, não tinha contato com nada. Agora nesse final aí, Pedro Célio e Marco Aurélio, foram interrogados no quartel, e eles disse-

ram o seguinte, nós vamos te tirar daqui e nós vamos te matar, porque agora a gente sabe a verdade, que o Reynoldo contou a verdade, a gente sabe é assim, assim assado. E eu não, não foi. E eles não, nós vamos te tirar. Mas nisso aí...

CEVRS: e lá no dia que te interrogaram na cela em que você estava?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, eles te tiravam e levavam para outro lugar, mas junto com o oficial, porque ele era o responsável pela gente. E nisso eles nos tiraram, nos separaram e nos colocaram em uma solitária escura.

CEVRS: Marco Aurélio Reis.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É eu fiquei um tempão em uma solitária escura, que pode ser vista no filme.

CEVRS: vi o trailer, claro que tem que assistir.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E no filme aparece bem, ali na solitária no escuro...

CEVRS: solitária dentro do 19º...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tampava tudo, não enxergava nada, ficava no escuro. Porque, tinha saído do sequestro. E aí o Pedro Seelig volta lá de novo para me interrogar, só que o oficial do dia vai lá.

CEVRS: esse último sequestro é do Ficou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. O delegado fulano quer te levar, eu disse que não, então eles vão te interrogar aqui, porque você é responsabilidade nossa.

CEVRS: esse era o oficial de dia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E eu tudo bem. E eles - nós vamos te arrancar daqui e vamos te matar. Sabemos a sua participação. E cuidado. Mas eu olhava o oficial do dia, sentado, com uma 44. E eu

dizia não, mentira do cara não é verdade. Bom aí o seguinte, os dias iam passando.

CEVRS: mas você não sabia ainda do sequestro?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não sabia do sequestro, só que um dos guardas um dia, foi até a porta da cela e botou o radinho do lado da bota e colocou a pena dele atrás da grade e estava me dando a notícia que estavam falando do sequestro, foi aí que ficamos sabendo do sequestro.

CEVRS: uns dias depois.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Uns dias depois. Foi um tempo que demorou um mês o sequestro para dar certo. E nisso, nos levam para o DOPS, mas com todo o cuidado. Colocaram pano nas algemas, coisa que nunca fizeram, nos trouxeram para o DOPS, que estava de novo o Atila, o médico que participou da tortura, para fazer o corpo de delito, para saber se eu estava bem. E o Atila chegou e me disse o seguinte, junto com o médico. Bom.

CEVRS: o cara era médico mesmo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era médico. O Bruno Costa sabe o nome dele.

CEVRS: isso ele me deu aqui, isso Bruno Costa nos contou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu não me declarei vi a foto e eu sabia para mim 99% era o Serra, mas eu agi como eu agi no tribunal, se não fosse 100% eu não condenei. Eu nunca condenei ninguém, prefiro deixar a fazer uma injustiça, porque é o estado que está fazendo injustiça.

CEVRS: não, claro.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então o seguinte...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e levou um mês essa negociação?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Levou um mês, aí nós voltamos, nos reunimos e falamos que tem que assinar porque nós temos que sair, e os caras nos ameaçando de morte, porque nós vamos encontrar o embaixador e nós vamos matar vocês. Dessa vocês não vão escapar. Aí nos levam de volta para o quartel aceitando o papel.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. Aí quando eu chego ao quartel vai um oficial que eu não sei quem era...

CEVRS: perdeu um Bonna, antes disso quem era que estava lá dentro? Era você...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era... eu. O Franklin, o Bruno Piola, que havia contado depois, o Roberto Fantini, a mulher do Bruno, com o Gustavo...

CEVRS: Ah, o Bicho estava nisso. E ele estava preso na ilha nesse meio tempo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Estava o Bicho estava preso na ilha.

CEVRS: não foi levado como...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Bicho saiu algemado daqui, na base aérea, porque lá também foi ameaçado de morte e não ia sair ninguém vivo.

CEVRS: então não deu nem para comemorar!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Edmur saiu, o João Batista vivo.

CEVRS: mas aí não dava nem para comemorar, porque não sabia se iam sair vivos no caminho.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não dava.

CEVRS: mas tinha uma experiência de qualquer forma.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na base aérea, mas tinha esperança de sair. Quando eu voltei para o quartel...

CEVRS: ah, voltaram para o quartel.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O oficial do dia me disse que estava muito triste comigo, que você é um cara brasileiro, lutador, quer melhorar o país, mas você cometeu um erro grave.

CEVRS: o oficial de dia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, o oficial de dia, você aceitou deixar o nosso país. Ai a mim não aguentei, eu falei seu oficial, olha onde eu estou eu estou em uma furtada, no escuro, dois metros por um e pouco, não tem nem onde fazer necessidades, eu tenho que pedir. Implorar para me levar ao banheiro e quando eu vou vai cinco ou seis militares, vai mesmo, abaixa o calção e faz na frente de todo mundo. E olha onde eu estou, mas eu vou lhe dizer eu amo esse país, mais hoje eu prefiro sim continuar vivo.

CEVRS: você disse o que para ele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Que eu prefiro assim continuar. Tomar banho. Aí eu volto o cara fica na cela, depois chega o outro que assumiu o lugar dele, pega um lápis e um papel, e diz agora escreve uma carta e me dá o endereço de algum familiar seu que eu vou entregar. Aí eu peguei e escrevi para a minha tia...

CEVRS: o cara já disse que era para Argélia ou para o Chile.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não ele não tinha certeza, estava entre Argélia e o Chile. Nós fomos para o Chile.

CEVRS: ah, vocês não foram para o Chile, a Argélia foi anteriormente.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não teve só. Aí está bem mandei para a minha tia uma cartinha...

CEVRS: para a sua mãe não?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não porque a mãe morava em Passo Fundo.

CEVRS: oficial também.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Oficial.

CEVRS: mas vamos fixar bem, esses oficiais lá nunca torturaram vocês, ou bateram em vocês?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não o exército não, apenas levar listas.

CEVRS: tinha até essa relação assim?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha até o respeito.

CEVRS: tirando os rigores que era da prisão que eram obrigados.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era, mas tinha os mais bobinhos que deixava a gente sem comer, mais isso aí foi o de menos.

CEVRS: bom vocês foram para a base aérea.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Fomos para a base aérea e de lá para o Rio, o Galeão.

CEVRS: e essa turma aí vocês era uns dez mais ou menos?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, éramos sete. E do Galeão, nos encontramos o resto do pessoal. Eu não me lembro porque ainda está faltando gente.

CEVRS: Bonna Fontaine, o Bruno, a esposa dele, Gustavo Argel, Edmur e João Batista.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, isso.

CEVRS: O Franklin.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É ele não voltou. E aí, nós fomos para lá, e não teve jeito porque descobriram entrar porque senão matariam o embaixador.

CEVRS: foi que eles deixaram e os caras ainda fugiram. Saíram no carro e tal e deram um tiro, foi sensacional! Dera um tiro sensacional neles!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi sensacional.

CEVRS: e quem era que estava ali, era a VPR mesmo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era a VPR mesmo.

CEVRS: Era o próprio Lamarca?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o próprio Lamarca.

CEVRS: eles não conseguiram pegar, alguém que escapou da repressão que eles não tenham conseguido pegar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Teve está morando no Paraná.

CEVRS: esse não foi torturado, tirou gente.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tirou.

CEVRS: sobrou e escapou ileso. Sensacional, esse cara, você tem contato com ele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tenho contato com ele, ele vai sempre lá.

CEVRS: se eu precisar você me dá, que o pessoal da comissão do Paraná, está ouvindo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Te dou.

CEVRS: ele está em Curitiba?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Em Curitiba.

CEVRS: como é o nome dele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu te dou depois.

CEVRS: que raiva eles tinham do Lamarca!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí foi o seguinte, eu sai para o Chile, lá eu trabalhei.

CEVRS: o Bira estava lá, te recebeu lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Quem?

CEVRS: o Bira.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: O Bira.

CEVRS: O Bira saiu anteriormente.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não o Bira saiu comigo!

CEVRS: ah, o Bira saiu nesse?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi nesse.

CEVRS: A o Bira é desses que sai!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí o Bira, o Atila foi para São Paulo.

CEVRS: Ah, é o Atila dá um depoimento emocionante, a sua também é. A recepção de 400 pessoas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Para você ver como que é, foi fantástico, e mandou representar o governo e nosso querido poeta, que foi a primeira vez que andei de avião.

CEVRS: e teve toda aquela angustia de saber no vôo que o Bira descreve, porque não sabiam para onde iam.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu fui algemado com o Bicha ate.

CEVRS: daqui até o Rio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É até o Chile. Depois lá a gente...

CEVRS: e disse que era uma simpatia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, era muito querido!

CEVRS: e esse foi levado ao suicídio.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nós moramos juntos, ele morava comigo.

CEVRS: o relato que tem é que ele foi destruído na tortura.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, obrigaram Martinha à namorada dele a...

CEVRS: a coragem dela de contar, ela contou em público aqui, nessa audiência das mulheres. Quem dava aula de anatomia, o próprio Malhões falando, coloca aqui, bota ali.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Mais aí o seguinte.

CEVRS: mas só no Aeroporto do Galeão você teve a certeza que ia escapar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Só no Galeão, só quando estava lá dentro. Primeiro os militares foram juntos e tentaram descer no território. E a primeira ordem era o seguinte policial em solo chileno.

CEVRS: deixou abastecer e foram embora. Mandou tirar a algema?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso. Segunda coisa, o representante do governo era o nosso poeta, aquele.

CEVRS: Thiago de Melo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Thiago de Melo. O Thiago pegou a bandeira brasileira. Inclusive está na foto ele com a bandeira, agachado de óculos. Eu tinha 23 anos. Eu fiz 23 anos na cadeia e 24 no Chile. Ai, o governo nos recebeu lá. O Thiago foi importante, porque o seguinte teve um fato agora, no ano passado, maravilhoso que eu estava no estado de Minas Gerais, com o pessoal em Minas no restaurante às 12h00min um restaurante que tem em Minas como que é... Rocinha. E quando eu vejo assim, uma pessoa de cabelo branquinho, toda de branco, sentado e eu olhei e fiquei... E falei esse é o Thiago.

CEVRS: pele bem morena e cabelo branco.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É o nosso querido poeta Thiago de Melo, o senhor não vai se lembrar de mim, mas eu sou aquela pessoa que te entregou a bandeira e ele se emocionou.

CEVRS: ele e você também.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Uma loucura nós saímos juntos dali, eu dei carona para ele, ele me deu um beijo, foi um negócio fantástico! Os caras que estavam comigo não entendiam, mas como? Foi muito bom. Então no Chile eu trabalhei lá, e como eu precisava trabalhar e sempre trabalhei. A primeira coisa que eu fiz foi buscar trabalho, então, eu acabei no Chile encontrando um monte de gente da VPR, com medo. Só que o Bira era mais do aparato, e eu era mais de sair. Porque a minha mulher, a minha namorada que faleceu eu escrevi para ela, através do meu cunhado quer vim, mas a situação é complicada porque só tem uma cama, e mais nada. Moro com tantas pessoas, inclusive na casa tinha curso de guerrilha, aí fizemos guerrilha.

CEVRS: e o Bira chegou a ir para Cuba e depois voltar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Depois, depois. E aí a gente fez a guerrilha na montanha.

CEVRS: e você não tinha trabalho lá.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu já tinha, logo, logo a gente foi trabalhar.

CEVRS: Em que?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Fui trabalhar para o governo no ministério do desenvolvimento social, que organizava o povo. Eu trabalhei como, ator de teatro e jornalista e não entendia coisa alguma, mas fui trabalhar para organizar o povo nas vilas, da unidade popular. Isso aí para mim foi um divisor de águas na minha vida, porque eu aprendi a fazer política no Chile. Primeiro o seguinte, nos debates que nós íamos, eles sabiam muito mais da história brasileira,

e a questão da marcha de prece do que nos. Nós éramos muito bons, na resolução russa, revolução cubana, mas do Brasil...

CEVRS: menos do Brasil.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É menos do Brasil. E nas vilas eu aprendi a fazer política com o povo chileno, me integrei com o povo, gostei do povo. E eu peguei um terremoto que destruiu todas as casas, nós trabalhamos nas construções das casas, então, nós fomos nos integrando com o povo chileno. E ao mesmo tempo em contato com a nossa organização brasileira. E a organização chegou e me colocou contra a parede, e vamos que você foi selecionado para fazer guerrilha na serra do norte, e tinha o que foi o imperador do plano de governo. Aí eu digo não vou! Por duas razões muito simples. Primeiro, chegou a minha namorada para morar comigo aqui ela rompeu com a família para ficar comigo, eu não vou largar ela, como é que eu vou! Terceiro, se o problema é voltar para o Brasil eu estou mais perto do que vocês. Aprender a dar tiro isso aí eu sei, o treinamento que eu fiz. Então para mim, isso aí é mais lá do que cá, por essas razões que eu não vou. Terceiro, acho que nós temos que ter uma discussão na VPR que não dá mais, eu acho que já deu, não tem condições para voltar para o Brasil. Era uma condição de fé, que tinha que repetir todos os dias que tinha que voltar para o Brasil. Só que eles não podiam dizer que sabiam do meu comportamento na cadeia. Que ninguém foi na minha casa, ninguém foi preso, nada. Eles sabiam da tortura. Tanto que, nunca, nenhum policial desses aí, nem o Pedro, o Atila ninguém veio me oferecer se eu queria passar para o lado deles. Como já ofereceram para a grande maioria.

CEVRS: que era o que o Malhães fazia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, o que o Malhães fazia.

CEVRS: na casa da morte, coisa assim.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nunca me ofereceram. Então sabiam da minha posição. E aí tudo bem. E eu fui um dos que ajudei a terminar com a VPR depois. Fui eu, achando que não tinha sentido, só que aí ficou alguma coisa para trás, que eu acho que até hoje está lá e aí quando é que vocês decidiram encerrar.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Quando eu estava na Argélia. Porque aí o seguinte, depois...

CEVRS: você conseguiu a convencer a ficar no Chile.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eles foram embora e eu fiquei no Chile.

CEVRS: mas eles foram, porque o Bira foi para a Coréia!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi o Bira, foi o Antunes, foi o...

CEVRS: treinaram em Passo Fundo e voltaram.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, é longa história, quando eles voltaram não tinha mais Chile. Ai que eles foram parar em Cuba, e eu ajudei o irmão do Bira, foi lá em casa na França para ajudar a tirar o Bira de Cuba.

CEVRS: para ir para Portugal.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Então o seguinte, eu fiquei lá, estava trabalhando, até que veio o golpe. Eu fiz contato ainda com o a Gil, com a Lia, marcamos ponto. Só que eu ia ao ponto e não tinha mais ninguém.

CEVRS: no ponto no Chile.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Lá no Chile. Começou a fechar o cerco, eles estavam matando mesmo, os vizinhos eram obrigados a denunciar.

CEVRS: e você tinha documento chileno?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Só o passaporte chileno.

CEVRS: morando na vila?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Morando na vila.

CEVRS: com a sua namorada que tinha ido.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu já tinha um filho na época, filho pequeno.

CEVRS: e que já tinha nascido aqui?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, no Chile, nasceu no Chile. Que inclusive, eu tinha muitas armas, porque essas armas a gente fazia treinamento, muitas estavam na minha casa. E eu passei para a casa do vizinho para ele esconder e depois o exército começou a bater de casa em casa, eles aí ele mandou o sobrinho dele entregar as armas.

CEVRS: isso era em Santiago?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Em Santiago. Aí bateu aí sim, me bateu aquele medo, nós vamos ter que sair que eles vão matar todos aqui em casa. Meu filho, minha mulher. Foi aí que eu consegui, coloquei dentro e fui furando o cerco e chegando a uma ponte e joguei fora. Era um toque de guerra! Se eles tivessem me pegado tinham me matado.

CEVRS: e como escapou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi o seguinte, eu consegui tirar a minha mulher e meu filho, e em padre aqui do Lajeado foi através da congregação dele que eu consegui tirar.

CEVRS: mas como é que você fez esse contato?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Meu cunhado que fez.

CEVRS: o seu cunhado é um personagem chave do depoimento, você tem que me dizer o nome dele.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Leopoldo Chaves. Inclusive o Leopoldo foi o personagem do filme também. E depois prenderam.

CEVRS: ele é daqui de Porto Alegre?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não de Lajeado, mas já trabalhou em Porto Alegre. Aí o Pedro Seelig prendeu ele, conseguiu tirar ele do serviço público, isso antes aqui?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso antes. Aí o seguinte o cara foi lá, conseguiu tirar a minha mulher e meu filho. E eu fiquei sozinho.

CEVRS: e a sua mulher e seu filho vieram para Porto Alegre?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Vieram para Passo Fundo, o exército bateu na casa dela, ela fugiu de novo, e foi para a Argentina. Seguinte, ele tinha 10 meses de idade.

CEVRS: E lá...ai você ficou sozinho.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí fiquei sozinho, e teve um grupo suicida, que atacou um grupo que tinha perto de casa, e isso foi à noite toda, e eu fiquei deitado no chão, balas voando. E aí no outro dia eu não vou ficar aqui, porque os vizinhos já estavam me pedindo para sair, senão iam me denunciar, porque quem não denunciasse, corria perigo na lei de segurança nacional de lá.

CEVRS: e eles passavam de avião, atiravam coisas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o seguinte era gente de moto, na rua.

CEVRS: já estava arrependido de ter jogado fora todas as armas.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É. E o seguinte, o que eu fiz, coloquei uma roupinha legal, fui ao vizinho e tinha um carrinho velho lá dei para ele, e fui embora. Fui para casa de um jornalista de um cineasta que tinha lá, que o nome dele não me lembro se era Antônio Santos. Mais aí o seguinte, o filme eu tenho isso aí bem direitinho. Eu bato na casa dele e ele se apavora. Como é que você está aqui! E tem que sair daqui o exército está procurando gente, você está sendo procurado. O exército saiu daqui para o Chile na operação condor.

CEVRS: e você tinha saído do sequestro.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso. Todo mundo me procurando, a polícia chilena me procurando, o exército me procurando, e o Brasil me procurando. Aí eu vou para uma parte da ONU, que eles me falaram, olha você não pode ficar aqui, porque estão te procurando e não tem como garantir a sua sobrevivência.

CEVRS: mas você conseguiu entrar na ONU?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Entrei, e.

CEVRS: mas não era esse mesmo que vários refugiados ficaram ali.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É esse mesmo.

CEVRS: como é que você conseguiu entrar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu consegui, cheguei até lá e me levaram perto, só que os caras me disseram não dá para você ficar aqui, porque eles vêm aqui todos os dias para ver se tem gente que é procurado e vão te achar e vão te pegar. Ai por coincidência do horário que era 15h00min da tarde passou o Jean Marc, de carro. O Jean Marc era um cidadão suíço. Ele me disse eu sei que você não pode ficar aí porque vão te pegar, então você vai para a embaixada. Nós vamos tentar te colocar na embaixada Argentina, porque nós temos a informação de que vão abrir o portão que vai sair daqui o embaixador. Aí nós vamos embora, entrei no carro, me deixaram na praça e no meio da rua. No meio da avenida. Toda a parte em frente estava fechada, e no portão eles abriam para sair o embaixador tinha dois caras de metralhadora. Está bem no filme, o filme está bem explicado. Aí eu vi o caminhão no meio, sabia que eu não tinha chance, ou eu entrava ou eu morria. Era tudo ou nada! Ai quando eu cheguei bem no meio do portão que eles ficaram me olhando. Poxa esse cara é louco! Eu dei uma corrida tão forte que eles se atrapalharam e eu bati entre os dois...

CEVRS: mas eles eram militares chilenos, mas eles não podiam ficar do lado de dentro da embaixada!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eram militares chilenos. Do lado de fora, estavam de fora.

CEVRS: e aí o portão abriu para o carro passar.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E eu corri tudo, e eles tentaram me agarrar, não conseguiram eu joguei os dois para um lado e fui. Eu corri tanto que, de gozação o jardineiro da embaixada disse em espanhol, para porque senão você vai pular o mundo! Eu entrei lá dentro tinha mais ou menos umas 440 a 500 pessoas na embaixada.

CEVRS: viram o momento em que você entrou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu fiquei, consegui uma cadeira onde eu morei em uma cadeira. Eu dormia tudo na cadeira. Não tinha mais lugar. E aí não tinha comida para todo mundo, eu ajudava na cozinha e ganhava uma cebola e comia uma cebola crua. E aí tem histórias se você quiser eu tenho o meu livro, eu te dou. Eu devia ter trazido o meu livro, eu me esqueci de trazer ele. No livro coloca muito bem isso aí. Inclusive o próprio livro poderia servir como...

CEVRS: sim, sim o livro, o filme, estamos reunindo bastante material. Eu posso arrumar o livro, mas você tem que me dar o autografo, mas ele está esgotado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Está esgotado eu tenho em casa e eu te dou.

CEVRS: claro com todo prazer.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí o seguinte, na Argentina, depois demorou certo tempo e tal. Da Argentina eu só com uma muda de roupa, eu tirava ficava sem camisa, lavava e colava para secar e colocava a camisa e por aí vai. Só a situação da embaixada da um filme talvez saia à questão da embaixada. Ali negociação para cá, negociação para lá a gente acabou na Argentina. Mas a Argentina não nos deu asilo político e nos deu 10 dias para abandonar o país. E lá que ficamos no Paraná, primeiro em Santa Fé, no Paraná.

CEVRS: Ah, então você não foi direto para Buenos Aires?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não.

CEVRS: E como é que foi?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E dali nós fomos para Buenos Aires.

CEVRS: Como é que eles levaram você para a Buenos Aires?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pegaram um avião.

CEVRS: Até onde?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ali na saída eles já me revista-ram e me deixaram pelado, olharam tudo e me tomaram o documen-to chileno. Eu cheguei na Argentina sem nada, só com uma roupa e mais nada. Nos levaram para a cidade do Paraná.

CEVRS: mas a cidade foi, qual foi à cidade que vocês foram?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Paraná.

CEVRS: Paraná.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na cidade do Paraná, a gente ficou ali uma semana, e aí nos levaram para Buenos Aires, só que aí a gente.

CEVRS: só com a roupa do corpo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Só com a roupa do corpo, sem nenhum documento. Aí nós tínhamos que buscar na embaixada para conseguir asilo político. Só que nenhum da embaixada me dava asilo político, nenhuma, eu procurei todas. Que tinha ali. Por quê? Porque eu era um terrorista, por causa do sequestro. Foi isso que eu contei ali, que eu fui ajudar e disseram que eu não podia porque eu não era do PC. Aí eu fui na outra disseram que eu era comunista. Não tinha escapatória, fui na França e aí ninguém deu. Ai o Alberi começou a me visitar e visitar.

CEVRS: então você ficava na casa de alguém, em alguma casa.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu tinha me mantido na casa, todos os asilados ficavam lá. E lá que depois estava o João Batista e o Silveira que sequestraram e trouxeram os dois. E eu marquei um encontro com o Alberi, porque eu comecei a desconfiar do Alberi. Porque ele tinha passaporte, estava com o Jäder e estava no Brasil. Então eu sabia que era por aí. E eu sabia que estavam me buscando na fronteira, porque a Célia me disse que estavam me buscando na fronteira do Brasil.

CEVRS: e a Célia estava aqui?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, ela estava na Argentina, nós nos encontramos lá com meu filho. Inclusive eu fazia comida para ele em uma...

CEVRS: e ela levou algum documento seu?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nada, não tinha nada! Ai o seguinte lá eu marquei um encontro no centro de Buenos Aires e já macaco velho eu fui chegando aos poucos de longe. E quando eu vi era uma cilada que em todas as esquinas tomada de gente estranha que você sente.

CEVRS: O Valdemir que arrumou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi o Valdemir que arrumou e eu ia ser sequestrado. E quando eu senti que era um sequestro, cai fora e imediatamente eu ligue para o Miguel Arrais. Porque o Miguel eu tinha entrado na Argélia em 1971, que eu já estava na VPR, e eu fui resolver problemas na Argélia. Eu fui com o Mario Japa e o Jamil.

CEVRS: que lá você fez contato com ele.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: De lá nós ficamos juntos com o Arrais. Foi lá que roubaram os meus documentos onde a gente foi tomar banho no mar Mediterrâneo e aí foi onde eu fiquei só de cueca e me prenderam na Argélia. Aí nós tínhamos o contato do Arrais e foi lá. Eu fiquei sem documento na Argélia, então eu não podia voltar para o Brasil, porque o Arrais ainda havia conseguido um passaporte falso para o Chile. Aí eu consegui um passaporte falso para eu poder vir para o Chile.

CEVRS: aí você em Buenos Aires conseguiu dar um jeito.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Consegui ligar para o Miguel Arrais. Eu falei Arrais, me consegue um jeito de chegar aí, porque tentaram me sequestrar e em lugar nenhum me aceitam. O Arrais me disse vai daqui a dois dias no consulado que eu vou arrumar um que te aceita.

CEVRS: e ele tinha influencia?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha. Dali eu fui para o consulado, e estava o cpac (?) e aí o governo da Argentina me deu a passagem e me deu a passagem para o meu filho.

CEVRS: o governo argentino.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Me deram a passagem, e aí o avião passava em Madri. Aí nós fomos presos dentro do avião, escoltados até chegar.

CEVRS: mais aí você ficou preso no aeroporto.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É, até o avião da Argélia.

CEVRS: porque tiraram vocês, esse avião tinha escala? Era escala para Argélia?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, era um avião que ia de Buenos Aires a Madri.

CEVRS: só que Madri você não podia descer.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não tinha voo direto.

CEVRS: você não podia descer em Madri.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não podia descer me tiraram do avião, o cara falou no alto falante e me levaram para um local de um restaurante do aeroporto e ficamos lá.

CEVRS: dali veio o voo de carreira?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era voo de carreira normal, nós entramos e nos levaram para a Argélia. Na Argélia nós entramos como heróis da revolução, da resistência. Que estavam esperando o levante do general do sul, mas que no final não veio nada. Então o seguinte. Resumindo, eu fiquei em Las Vegas, fiquei um ano lá. Junto com a equipe do Paulo Freire, só que não era uma organização, era uma empresa, Argelina, só que eu queria participar da política aqui. E na Argélia era complicado.

CEVRS: era Bumedienne?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era o Bumedienne. E aí.

CEVRS: mas o Arrais tinha bastante influência.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha bastante influência e morava dentro de um palácio.

CEVRS: e eles estavam construindo a nova Argélia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso.

CEVRS: Tinha um amigo meu que estava lá, o Edgar, você chegou a conhecer o Edgar, que era do partidão, ele era professor da universidade de Brasília e da equipe do Niemeyer.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A gente fez reunião com o Niemeyer tinha até um cara com barba muito do esquisito que ele dizia que no Brasil tinha que jogar muita maconha, lá dentro era um cara muito loucão que era um dos arquitetos.

CEVRS: na Argélia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Na Argélia eu ia estudar, mas aí nasceu outro filho meu, que foi complicado também. E aí eu acabei indo para França.

CEVRS: tudo clandestino (?).

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, aí lá eu ganhei documento argelino, só que tudo era escrito em árabe, e também ninguém me dava visto para lugar nenhum, imagina eu dizia que era brasileiro, com documentos árabes. Só pode ser palestino, terrorista.

CEVRS: mas cara tinha um pouco.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha um pouco. E aí o que eu fiz com um passaporte falso fui para França.

CEVRS: Esse passaporte tinha que nacionalidade?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Acho que era equatoriano se não me engano. Aí fui para França e a Célia ficou com os meus filhos esperando eu arrumar para ela ir para lá. Na França eu me virei, pedi ajuda a alguns amigos brasileiro e um Frances que era escritor no jornal *Le Monde* conseguiu uma casa com um vizinho dele, para que eu ficasse morando até conseguir trabalho. Na ONU eu pedi e contei a minha história e falei que precisava do asilo, e que minha esposa estava chegando com o meu filho e eu precisava fazer alguma coisa e outra a senhora pode ligar para o organismo da Argélia e confirmar. E o cara confirmou um cara sensacional! Ele chegou e tinha participado e me encaminhou para conseguir asilo na França. E minha esposa foi para lá com meus dois filhos e eu fiquei até de madrugada para conseguir trabalho.

CEVRS: e o asilo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E o asilo.

CEVRS: em que você trabalhou na França?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu trabalhei em rádio, no instituto de pesquisa agrônômica, fazendo enquete. E eu não tinha dinheiro e eles me deram um ticket para comer em uma funerária. Eu ficava olhando o morto ali.

CEVRS: você morou em Paris?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso em Paris, na banque (?). Primeiro eu fui morar com uma brasileira que viajava muito e eu disse é o seguinte eu pago o aluguel da sua casa, que eu já estava trabalhando e você me dá um quarto, me deixa usar a sala e a cozinha. E eu pago o aluguel para você. Ela disse está perfeito. Ela tinha saído com a gente que era a Nazareth.

CEVRS: era toda socialista.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era toda socialista.

CEVRS: isso era em que tempo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era final de 1974.

CEVRS: antes de o Castanha ir.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Antes de o Castanha ir, porque depois ele ficou morando na minha casa. Porque o Castanha eu passei a minha casa para ele.

CEVRS: na...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era a minha casa.

CEVRS: e nessa casa morou a minha prima ali.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim eu sei.

CEVRS: aí ele chamou a Maria Jose e o Valdir, que era o médico do Paraná. E a filha do João Otavio que era filha do Agrônomo era ecologista.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sabe que eu não conheci.

CEVRS: Pois é a minha mãe e a minha irmã estiveram nessa casa.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Depois eu lutei para ir para lá, porque morava o Aarão Reis que era professor e escreveu um livro sobre a ditadura militar, morava lá ele e a Soninha que depois me convidaram para morar lá e que ia conseguir a creche e tal. Aí eu batalhei até que eu consegui arrumar um apartamento lá, era antigo nessa época.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim.

CEVRS: habitassem Maria. Bem démodé.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aí eu consegui uma habitação lá, comecei a vida lá, montei uma equipe para distribuir panfletos nas casas, e eu comprei um carro. E montei uma estrutura e depois fui para a faculdade.

CEVRS: isso era.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Final de 1974.

CEVRS: sim, mas isso era... ah, tá era a mesma só que não era aquela casa!

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não o apartamento que eu dei, porque eu me mudei por causa dos guris que iam na creche.

CEVRS: ao todo quanto tempo você ficou na França?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu fiquei ao todo uns seis anos. Até a anistia, depois eu fui embora.

CEVRS: a anistia te pegou?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Sim.

CEVRS: mas você tinha feito ação armada?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Pegou todo mundo ali.

CEVRS: em 1979 não, porque eles excluíram. Porque eles depois alargaram. Aquela de 79 ficou terrorista, tanto que o Félix saiu foi eu quem fez o pedido de livramento condicional, que eu era deputado naquela época. Porque ele não pode, mas depois ela foi alargada.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi. Então o seguinte.

CEVRS: então você ficou na França de 1974 a 1980.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso, sempre trabalhando. Depois eu fui trabalhar no instituto água grande, trabalhei com o Jorge e depois fui dar aula, então eu formei e trabalhei. E quando a Célia formou em enfermagem.

CEVRS: você formou em que?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu fiz economia e fiz mestrado, depois a Célia se formou em enfermagem, trabalhou nos hospitais. Só que aí o Brasil começou a ficar longe, ficou cada vez mais distante. As crianças foram crescendo, já falavam Frances continuo e perguntava em português e respondia em Frances, tentava ler, mas não entendia nada.

CEVRS: ou voltava ali, ou não voltava mais.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: É.

CEVRS: e vocês tinham muitas saudades?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Tinha, sempre teve. Mas era o compromisso de voltar, não tinha tantas saudades era mais o compromisso.

CEVRS: e vocês acreditavam que ali, com essa anistia, com o Figueiredo. Você acreditava que ia ser levado para ser ouvido, para ser interrogado.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Quando eu voltei no aeroporto nós já ficamos retidos ali, e como nós vamos ter que atualizar o negócio. Demorou mas resolveu ali, para resolver o nome. Nós chegamos em Porto Alegre e tinha uma recepção grande e aí que eu fiz as denúncias das torturas, tanto da polícia civil, como o DOPS.

CEVRS: e o Pedro Seelig tentou te processar?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nunca.

CEVRS: Porque o Lombardo processou.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não.

CEVRS: o Luizinho teve que defender ele, defendeu ele, só foi absolvido em segundo grau.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nunca me processou.

CEVRS: sim, e também escreveu outro livro que falou e ele?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, quieto.

CEVRS: Nem o Atila?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nem o Atila.

CEVRS: nem o Havelha?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Nada e ninguém. É o que eu falei do Atila, minha nossa senhora!

CEVRS: eu queria te perguntar, quanto tempo, você ficou preso, só para resumir. Você ficou no DOPS... Entre DOPS, presídio, ilha e quartel foi quanto tempo até você ser solto?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Deixa eu ver...

CEVRS: entre março e setembro?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foram 11 meses.

CEVRS: entre março de 1970 e janeiro de 1971. Foram 11 meses. Isso daí dá o que 11 meses. e a sua condenação no processo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não teve.

CEVRS: como você foi banido.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Como eu fui banido, eu estive em uma auditoria militar, inclusive algemaram os pés e as mãos e aí veio o juiz que foi um juiz que quando eu estavam muito mal, eu estava todo arrebitado, ele foi visitar os presos políticos. E quando disseram que era um juiz, a gente disse opa, senhor juiz estão nos matando aqui dentro. Ele se virou e se mandou.

CEVRS: se chamava Dorvalino Toni?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Esse aí. E depois eu estive aqui que ele tentou forçar o testemunho do chofer do carro, ele dizia esse cidadão do carro ele virou para mim e disse que nunca viu essa pessoa.

CEVRS: o motorista? Aquele cidadão grande?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Aquele cidadão grande.

CEVRS: não te reconheceu?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não me reconheceu. Reconheceu mas não falou. O olhar que eu dei para ele, ele devolveu naquele dia, viu como são as coisa.

CEVRS: e quando ele não te reconheceu o Toninho, o que disse?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Ah, o Toninho ficou bravo, ficou irado. E o pior, ele me perguntou se eu tinha alguma coisa a declarar, eu disse que tinha. Que tinha sido torturado tanto no exército, quanto no DOPS. Ai o Toninho ficou bravo de novo. E ele disse que eu pegasse um advogado, e ao sair dali apanhei de novo.

CEVRS: quem te defendeu lá, você chegou a ser interrogado?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não me lembro o nome dele.

CEVRS: se você não constituiu um advogado, então foi um advogado de ofício.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, meu pai pegou um advogado, não me lembro.

CEVRS: não foram os velhos, não foram os mais conhecidos. Nem o doutor Dariano?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não foi. Meu pai era uma pessoa humilde, não queria. Naquela época sabe como era. Seu filho lutou contra o regime? Sim. Ele queria derrubar o regime? Sim. O senhor está arrependido? Não, faço de novo. E nós éramos assim.

CEVRS: para o seu pai deve ter sido brutal você ser preso.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi terrível, na cidade, tanto que ele se mudou da cidade por causa disso.

CEVRS: Vocês são de Passo Fundo?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: De Passo Fundo. E ele se mudou de lá por causa disso.

CEVRS: e depois você foi morar com ele, ele entendeu? Entre vocês ficou uma sequela disso?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não ficou nenhuma, meu pai sempre foi legal comigo.

CEVRS: ele era meio Brizolista.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não é isso, a sociedade isolada. Pai de terrorista, pai de comunista. E o meu pai sempre foi uma pessoa íntegra conhecida.

CEVRS: você quer me dizer mais alguma coisa?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Depois da anistia viemos embora e começou tudo de novo. Eu só quero dizer uma coisa, que depois que eu cheguei aqui, o exército ficou me seguindo, me fazendo relatórios por oito anos.

CEVRS: você pegou as fichas?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Peguei as fichas na biblioteca pública com mais de 500 páginas, a minha vida até 1978.

CEVRS: e o que surpreende a gente, é que tinha gente naquela reunião política que a gente estava...

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Era tudo verdadeiro, eu não me lembrava mais.

CEVRS: mas tem algumas que é fantasia.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não, não! Foram coisas que eu participei mesmo. Eu fui candidato a prefeito na cidade de Passo Fundo e eles não queriam que eu fosse. Tanto que eu fui entrei no exército, marquei com eles e eles me disseram você não vai ser candidato. E eu disse, agora que eu vou ser candidato! E eles fizeram tanta pressão que o PMDB, não me deu nem vice, eles conseguiram um vice no último minuto, porque ninguém queria ser vice e fomos os mais votados, só perdemos na soma das legendas. Mas fomos os mais votados.

CEVRS: ah, porque tinha legenda.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Segundo, quando o Simom ganhou o governo ele disse que eu para o palácio. Quando souberam que o Simom, ia me indicar para subchefe da casa civil, o comando veio para o Simão e disse você não vai nomear o cara.

CEVRS: era batizado de chefe mesmo.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: E o Simom, mas como... E o não, não. E eu fui anistiado, e aí o Simom me nomeia. Para você ver como que era.

CEVRS: sim, depois que o Venceslau saiu.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Eu assumi depois a casa civil no governo Brito.

CEVRS: sim, mas que ficou como chefe da casa civil quando Venceslau saiu?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Foi o Chairman. E depois foi sindicato dos bancos.

CEVRS: sim, e o desaforo foi supremo no tribunal militar.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Isso saiu no Brasil inteiro. Único caso no Brasil.

CEVRS: e como os seus colegas, lhe receberam aqui.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: A base do mandado de segurança. Sabia! Entram com o mandado de segurança para não assumir. E aí teve um desembargador que rejeitou não concedeu à liminar e eu assumi. E eles entram com a liminar às 11h00min da manhã e a posse estava para 14h00min da tarde. Aí eu assumi que eu fui um juiz muito técnico e muito eficiente, foi uma experiência fantástica. E depois que eu fui candidato a vice eu tive um adversário eu ganhei no voto. E aí eles entraram com outro mandado de segurança, só que o supremo nem reconheceu.

CEVRS: Ah, você foi vice-presidente?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Fui vice-presidente, e depois que eu fui candidato a presidente todos votaram em mim, inclusive a maioria dos militares que tinham entrado com o mandado de segurança. Só que um deles, falou eu voto em você, só que não vou ficar com o senhor presidente. E antes de eu assumir ele pediu aposen-

tadoria. Ótimo, não tem problema nenhum! E na época eu fui falar com o Brizola e aí o cara do DEM, ligado ao PT.

CEVRS: Quem?

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Me deu um branco. Aí que nome é complicado para mim lembra. Aí eu fui lá, e tinha uma mulher que estava no tribunal, aí eu chamei ele lá e dei posse no gabinete. E eu disse você topa! É meio complicado você assumir. Bom, na hora, então toma aqui, tomou posse.

CEVRS: Bom, então aqui para encerrar, eu gostaria de ficar registrado, de agradecer o seu rico depoimento, que será engrandecido com o filme, com o livro que a gente junta.

JOÃO CARLOS BONNA GARCIA: Não fique só no depoimento, mas é importante o filme e o livro junto.

CEVRS: Tem muita gente que trouxe material, o doutor Bruno, nós não conseguimos ler tudo que ele trouxe. Ele trouxe inclusive laudos médicos, laudos psiquiátricos de como a pessoa ficou após a tortura. O efeito a seqüela, ele nos trouxe muito material. Tem gente que tem o relato por escrito, o Bira fez assim, o outro que fez assim foi o Maete (?) que foi preso no Chile. O Maete (?) escapou daqui e era da vara e participou da cessão de Viamão. Foi para o Rio e da São Paulo, lá ele participou de ações e depois caiu fora. E foi para o Chile e foi escapando de tudo, lá no Chile ele foi torturado por agentes brasileiros. E eles nos trouxe por escrito.

TESTEMUNHO – PADRE ARNILDO FRITZEN²

CEV/RS: Padre Arnildo Fritzen, com quem tive o privilégio de conviver com os pequenos produtores, desde o começo da luta pela terra, embora tivessem outras. Padre se apresente aqui.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Bom, eu sou o Padre Arnildo Fritzen, que tive o privilégio na verdade de conviver com os pequenos produtores, na Encruzilhada Natalino e desde o começo da ação. Da luta pela terra, embora tivesse outras manifestações anteriores, essa era a mais forte na sequência. Já os estudos na área indígena do planalto, como o governo do estado não nos atendeu em 1979, como eles reivindicaram do governo terras, e tiveram que sair das terras indígenas, eles acabaram depois de vários debates chegaram à conclusão que deveriam ocupar a fazenda Maçai e logo em seguida a fazenda Brilhante que era área do Estado. E que o governador não cedeu para eles porque tinha arrendado para empresas privadas.

CEV/RS: em que época era isso?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Isso em 1979. A entrada...

CEV/RS: quem era o governador na época?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Era o Amaral de Souza, eu mesmo conversei com ele, ele nos prometeu que na Maçai e na Brilhante e eles saíram daqui entusiasmadíssimo, e ele daria quase 30 dias. E na verdade passou os 30 dias e nada fez. E aí eles decidiram no começo de setembro ocupar a Maçai. E aí foi a primeira a usar de violência, a haver agressão, polícia militar foi acionada, e aquele tumulto, mas graças à organização, deu para enviar eles para cá, porque o governador disse que iria liberar para nos, e como não fez nos entramos e ele mandou segurar. E começou uma negociação e acabaram ficando na área do Estado na Maçai. No mesmo mês, eles podendo ficar lá, outro grupo ocupou a Brilhante, que são áreas indígenas. E a repressão foi muito mais violento aí já começou a cruzar movimento de agi-

2 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1528/depoimento-?-padre-arnildo-fritzen>>. Acesso em: abr./maio 2015.

tação, e começou a apontar o comunismo. Mas, como os primeiros ficaram eles também conseguiram ficar, o estado obrigou, não tinha nenhuma justificativa na área do estado, até porque nos termos de hoje eram 1600 hectares.

CEV/RS: a brilhante?

PADRE ARNILDO FRITZEN: A Brilhante também caiu.

CEV/RS: porque você falou em valores era área do estado?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Era área do estado, e o estado cobrava um aluguel no mês. E a Maçai era alugada por uma empresa que era chamada por Maçai. E também, por esse preço simbólico.

CEV/RS: que eram empresas apoiadas pelo regime militar.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Exatamente.

CEV/RS: e pessoas da região também?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Isso. E ai, quer dizer na verdade isso tudo com um objetivo, porque eles queriam assentar. E como esse povo que veio da área indígena acabou ocupando, se viram obrigados a ceder as terras para eles. Mas isso deu muita briga na época. E esse pessoal acabou ficando, mas muitas pessoas da área indígena acabou ficando para trás, não entraram junto. E assim que nasce a Encruzilhada Natalino. Na beira da estrada e eles começam a acampar bem junto à estrada da Maçai, com o argumento de que eles estão aqui e nós temos os mesmos direitos. Claro que nessas alturas foi planejado, foi estudado e muita gente se envolveu em ajudá-los, a não ficar nas favelas e ter o mesmo direito que os outros tiveram. E foi assim que surgiu a Encruzilhada Natalina. Em fins de 1980.

CEV/RS: O acampamento organizado, planejado, ou seja, havia uma organização política para que isso acontecesse. Inclusive o João Pedro Stédile era um jovem estudante, procura o padre Arnildo, para ver a situação dele junto com os sem terras.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Muito bem, esse acampamento foi engrossando, até o fim de maio até termos 600 famílias.

CEV/RS: de maio de 1981.

PADRE ARNILDO FRITZEN: De 1981, exatamente. 600 famílias, e aí começou o fato da imprensa a bombardear dizendo que o acampamento era um movimento de agitação, comunista, e começou a entrar os padres e a igreja que eram os mentores e agitadores. E conseguimos organizar em julho, que é o dia do agricultor. Que é em 25 de julho, a organizar uma manifestação no Natalino, com o apoio dos sindicalistas, e neste encontro, o fato foi a reunião bastante gente. Na época nós falávamos em 20 mil pessoas, que eu vejo no relatório aqui. Foi a primeira grande manifestação, na época organizada pela Comissão Pastoral da Terra CPT, na parte da manhã fizemos uma organização e já tinha infiltrados que eram do esquema de segurança nacional. E na parte da tarde foi que tínhamos identificado o Curió nessa manifestação. Ele veio nesse momento, para fazer o seu mapa geográfico foi onde ele ia colocar as suas forças. Porque logo em seguida, no dia 28 de julho ele baixa o seu *staff* o seu esquema de segurança nacional e cerca o acampamento e transforma aquilo em... e a brigada e a polícia federal, transforma aquilo em um verdadeiro campo de concentração. Passamos aí então, um mês de tortura todos os dias, com fatos concretos e para mim as coisas que mais fazia as pessoas sofrerem era aquele alto falante, que todos os dias ele anunciava: 'Quem não sair daqui, vai ser queimado'. E cortou toda a alimentação.

CEV/RS: E esse fato, foi após anistia, é a questão da prescrição que a lei da anistia não abona esse fato que foi em 1981.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Então assim começou a prender as pessoas todas sob pressão. Tinha uma carreta grande, que na época era a Cobalto que distribuía a comida, e mantinha o povo na beira da estrada, um sol. E eles de manhã até de noite, para ganhar um punhado de comida. E muitos tinham que voltar no outro dia. E quem ia buscar a comida para os seus familiares, não podiam voltar. Era impreterivelmente proibido. Quem saiu, saiu e quem entrou, entrou e não tem mais saída. Da nossa parte, eu entrava todos os dias, mas todos os dias eu tinha que me apresentar, na barreira, me seguravam mais de meia hora para me identificar. Todo o dia era a mesma lada-

inha, e o senhor como que é o nome mesmo? Assim, essa tortura era todos os dias.

CEV/RS: o senhor chegou a conversar com ele? Ele não sabe disso, saiu na feira do livro saiu, e tem uma foto muito curiosa que vem escrito mata!

PADRE ARNILDO FRITZEN: Eu tinha que me apresentar na barreira todos os dias, e de lá eu tinha que ir ao comitê central do Curió para ver se ele aceitava de ficar ali o dia todo. E ai, tinha uma sequência de pessoas, que eu trouxe e faço questão de deixar para vocês, os 20 estragos que o Carlos Vargas escreveu e por onde a gente o andava estava do nosso lado, com foto, gravador, com quem eu falava com quem eu dizia o que se dizia, enfim uma repressão...

CEV/RS: e o livro entrega muito.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Mas é muito interessante ligar os fatos. Quando ele entra o coronel, e ele aprendeu com o Curió, e continua essa pratica até hoje essa mesma pratica com o movimento sem terra. Bem, e o Curió eu tinha que falar com ele todos os dias, porque eu não podia dar um passo sem o aval dele. E ele me delimitava muito, quando eu dizia vou fazer uma missa, ele dizia: eu sou ministro da eucaristia' e ficava lá e ele se dava o direito de ser ministro, eu não dava muita bola para isso, mas era uma maneira de pressionar as pessoas. Você não podia falar lá na missa nós líamos as cartas de apoio, que eu tenho algumas, e muitíssimas, e lia-se muitas no culto e esse cara estava lá. É por isso que eles têm no relato de quem apoiava.

CEV/RS: e esses infiltrados ao qual o senhor se refere os infiltrados entravam abertamente, eles não se ocultavam?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não, eles eram fardados.

CEV/RS: o senhor não tinha ideia de que eram infiltrados?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Você percebia a pratica, porque toda hora eles com o gravador e vai ali tem outro. Evidente que eles chamavam muita atenção.

CEV/RS: foi ai que o senhor percebeu que lá, que esse pessoal já estava?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Já estava, presente.

CEV/RS: o coronel se apresentava como funcionário do INCRA. E ele que cadastrava as famílias de Mato Grosso, ele teria sido padrinho de 30 crianças do acampamento. Por esse jeito de ter infiltrado, por ter conquistado a confiança das pessoas.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Então, essa pratica deles foi terrível, e era todo dia, todo dia. Nós estamos sempre naquela apreensão, mas a irmã Aurélia e eu conseguíamos entrar todos os dias. A Irmã até mais do que eu, porque nos apresentamos ela como enfermeira e a enfermeira não podia deixar. E claro, que para nos ela foi muito importante no sentido de, arrecadou.

CEV/RS: a irmã?

PADRE ARNILDO FRITZEN: A irmã Aurélia.

CEV/RS: Qual que era a nacionalidade dela?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Ela era italiana e daí no final, da atuação do Curió, até ele chegou à conclusão, o que é muito importante em nos vemos o terceiro manifesto do Curió, com o Paulo Marcão, mas que saiu na imprensa em que foi amplamente divulgado. Onde ele fez uma análise, como ele não conseguiu derrotar o acampamento, ele conseguiu fazer uma infiltração do comunismo da igreja, através da igreja no Brasil todo. Foi citando, o estado do Recife, a Casa Daí no Mato Grosso. E para acabar dizendo que a encruzilhada natalina era a irmã Aurélia e o Arnildo, os mentores e representantes do comunismo. E que era agitar o povo para seguirem as ordens do governo. E a atuação dele nesse mês ela foi, terrível, não deixando entrar alimentos, as pessoas tinham que submeter a todo instante as suas ordens, não podia fazer reunião em lugar nenhum. E estrategicamente a gente tinha que sair a noite, pelas laterais, pelos fundos, para poder conversar. Os cavalos eles colocavam dentro das fontes, que buscavam água para a sua sobrevivência. E aquilo foi terrível.

CEV/RS: quantas pessoas tinham no acampamento?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Eram 600 famílias acampadas. Mais esses infiltrados, mas tinha muito mais que isso. Em cada ponto que a gente ia eles filmavam, tiravam fotos, pressionando. Quando morreu a primeira criança, que eles não deixaram sair para levar para o hospital. Ai então foi feito aquele símbolo dos acampados que é a cruz, nós fizemos o velório da cruz e aí, a coisa mais bonita, vamos dizer assim, foi às pessoas concluírem que essa criança morreu, mas estava conosco. E foi colocado um pano branco na cruz, que quer dizer que este presente na nossa vida, ela não simplesmente morreu e acabou. Ela está aqui presente. E ele fez um discurso para dizer que isso aí era uma ofensa a Jesus Cristo. Mas fez um terror! Mas nós continuamos na parte religiosa e ninguém se impressionou por ele, mas foi muita tortura em cima da própria morte da criança. Depois morreu uma segunda criança, e ele de novo, no velório nós fizemos uma oração, confortando a família e ele tortura a pessoa, foi quatro crianças nesse acampamento que morreu e na verdade todas elas morreram, porque não puderam levar elas para o hospital que ficava uns 15 a 16 quilômetros. Ele não deixava sair, aquela tortura que ele impôs lá, o tempo todo. E depois de tanto massacre ele consegui levar alguns para o Mato Grosso, e alguns saíram e nenhum aceitou de boa vontade ir para lá, e no final sobrou muito pouca gente no Mato Grosso.

CEV/RS: foi um desastre me falaram.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Eu pessoalmente pude visita-los depois, mas não chegou a dez famílias que estão lá de quase 100... Lucas vieram e nasceu com a cidade.

CEV/RS: E é verdade isso que eram 280?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não eram 280, ele distribuiu assim, mas não tinha uma divisão certa. Quando eu fui lá eles já tinham dividido as terras e no norte.

CEV/RS: era terra pública?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não tinha nem escritura.

CEV/RS: e esses ele levou?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Mas torturou os outros que ficaram os fiéis, os outros eram todos agitadores, bandidos.

CEV/RS: inocentes úteis.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Eram usados, sempre falei isso. E usavam e espalhavam como a conflitassem com o correio e recortava as falas de quem falasse contra eles e especialmente as autoridades, ele falou várias vezes e em todas as cidades ele xerocou e distribuiu, atacando as pessoas que estavam lá.

CEV/RS: o senhor sendo da igreja, nunca teve problema com a hierarquia.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Tive problemas demais. Na verdade, a igreja é dividida em sociedade. Então, os que eram a favor nosso sempre nos juntamos. E teve um belo grupo de colegas meus que sempre nos apoiaram, nos ajudaram e do outro lado que o Don Claudio que era o Bispo.

CEV/RS: Don Claudio era o bispo de Passo Fundo.

PADRE ARNILDO FRITZEN: É. E ai quando estava à determinada o meu enquadramento na lei de segurança nacional, Don Claudio que interveio negociou ai para dizer que era justamente o momento dele ser transferido de Passo Fundo. Então ele dizia ‘como que eu vou me apresentar em Porto Alegre, se tem um dos meus padres presos enquadrado na lei de segurança nacional?’ e ai ele me chamou, que você não vai mais para a cabana, você está proibido.

CEV/RS: proibido oficialmente.

PADRE ARNILDO FRITZEN: É proibido oficialmente, proibido de rezar a missa, essas coisas assim. E outro sacerdote, o Padre Sarandi, e eu então tinha que ficar no resguardo.

CEV/RS: em troca de não ser preso.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Em troca de não ser preso, exatamente. Mas eu não sabia naquela época, fiquei sabendo depois.

CEV/RS: para ele você não servia.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Ah, Deus me livre! Quando o dia era para eu ser enquadrado na lei de segurança nacional, o povo fez uma manifestação muito bonita, muito grande. cinco mil pessoas para protestar, para apoiar os padres, sobre a lei de segurança nacional. Na verdade esses fatos aqui foram o que deu o maior respaldo. Acredito que não tocaram a mão em mim lá na época com medo do povo.

CEV/RS: mas nessa altura tinha repercussão nacional.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Tinha, exatamente. Isso foi no dia 16 /02/1982. Muito bem, então a repressão dele...

CEV/RS: o senhor era padre e ainda dava aula.

PADRE ARNILDO FRITZEN: O fato que o Natalino pertence a (incompreensível)

CEV/RS: (incompreensível) concorrência em que quer fugir (incompreensível) mas me diz uma coisa o Jurere junto?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Isso foi feito de manhã (?).

CEV/RS: e detalhes dessa sentença foi muito inteligente, por que ele não citou um artigo sequer. Antes de você continuar, ele cria para nós, antes da sua chegada essa papelada toda, eu estou dispondo.

PADRE ARNILDO FRITZEN: A única coisa na verdade que eu considero são esses documentos aqui, que eu considero eles de vital importância. Essas manifestações populares, aqui tem abaixo assinado, essas manifestações públicas que a minha conclusão eu não fui preso pela lei da segurança nacional. No que o povo acampou e ficou ao redor da casa e não saiu até a conclusão. Porque o fato foi uma barbaridade.

CEV/RS: desculpa interromper, mas como é que conseguiram resistir tanto tempo, sem alimentos?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Então assim, de tanto o pessoal insistir ele teve que dar, ele distribuiu. 30 dias tinha um caminhão.

CEV/RS: e isso tinha um contrabando?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não quase (não?) se conseguia alguma coisa, mas se pegasse. Pensávamos em fazer direto.

CEV/RS: um castigo físico que os soldados praticavam?

PADRE ARNILDO FRITZEN: O que foi de tirar as crianças

CEV/RS: isso é uma tortura mesmo, tortura contra as crianças em primeiro lugar.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Levaram as crianças e largavam em uma praça, a cidade enlouqueceu, não achavam as crianças. E diziam em autofalante, foi encontrado.

CEV/RS: isso é um crime.

PADRE ARNILDO FRITZEN: E ai então esses pais estavam liquidados.

CEV/RS: não largavam mais.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não largavam mais.

CEV/RS: teve também o do ônibus, que cinco ficaram feridos e oito com ferimentos leves, que eles atiraram no ônibus que estavam acampado.

PADRE ARNILDO FRITZEN: No confronto, exatamente.

CEV/RS: Rio de Janeiro em 1982, com a brigada militar. Tinha um ônibus que parava sempre na...

PADRE ARNILDO FRITZEN: Ônibus de linha, que parava que vinha de Passo Fundo.

CEV/RS: um Encruzilhada que vem de Passo Fundo até Sarandi, a brigada entrevistou e mandou atirar para dois quilômetros para frente, um dia os agricultores falaram que iam embarcar aqui, e ai a brigada atacou com gás, cassetetes, teve cinco colonos feridos, gravemente feridos.

PADRE ARNILDO FRITZEN: É eu lembro. Bom na forma de romper com esse círculo do Curió, aí foi um dos companheiros ainda lembra que conseguiu o Habeas Corpus para entrar, mas alguns de nós conseguiu com a cruz e eles acampados eles rompiam com a polícia. Quando vinha aqueles caminhões, com várias comissões, o pessoal ia com a cruz e ia atrás da barreira policial com a cruz atrás. Aquilo foi tão bonito que a cruz abria caminhos e eles não tinham como impedir.

CEV/RS: isso foi uma violência, até para a comunidade.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Foi uma das formas que conseguiu entrar naquele cerco, e o bispo ajudou imensamente para o pessoal ter forças e enfrentar esse terror que fomos (?). Bom a bandeira, erguia a bandeira e todo mundo cantava o hino nacional, de manhã e de noite. E quem não fosse já estava infiltrado e iam lá queimar o barraco.

CEV/RS: chegou a queimar algum barraco?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Sim, lá eles levavam para dentro da estrada e anunciava: 'quem não sair daqui até tal dia nos vamos queimar os barracos. E quem continuar teimando nós vamos queimar as pessoas junto'. Essas torturas eram o dia todo. E no final quando se despediu fez aquele discurso do terceiro comunicado, como quem faz aquela análise do comunismo todo do Brasil, e aponta os culpados.

CEV/RS: deixa eu te interromper um pouquinho, ali antes da sua entrada você tem uma vista das pessoas. O que nos interessa aqui é se podemos identificar agentes políticos da ditadura, além do Curió, esses papéis todos dão esses nomes né!

PADRE ARNILDO FRITZEN: Sim.

CEV/RS: Seirute.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Exatamente. Faz dois anos tem pouco, em dezembro de 2010 que o Wagner publicou as figuras e nomes.

CEV/RS: esses nomes que vocês reafirmam que são esses aí. Tem livro até escrito.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Exatamente. O que está nas fotos, aqui na primeira página.

CEV/RS: porque uma das nossas dificuldades aqui é de localizar os responsáveis.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Aqui é onde eles estavam quem são eles. E eles contam a forma como eles agiam em relação a mim, era a tarefa deles era me pegar em flagrante em qualquer coisa, na lei moral. Enfim era uma coisa impressionante.

CEV/RS: se nós tivemos assim, só para sem querer misturar, eu sei que a situação é dolorosa para você, mas assim do Moacir Druziano Machado, vocês teriam o fato que caracteriza a agressão por ele praticada? mas está no livro, está tudo contado no livro. Esse artigo está no livro e aí ele começa a contar mais detalhes. Eles falam! Mas ele fez um trabalho nesse sentido muito bom, foi excelente, porque ele foi atrás e localizou cada um. Localizou todos, e entrevistou todos, e eles contam?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Eles contam abertamente, táticas e estratégicas para tentar...

CEV/RS: se vangloriando.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Se vangloriando, exatamente.

CEV/RS: esse depoimento é incrível. E esse seu representante fica com a gente? Eu consegui agora, nessa semana, isso é um resumo de todos os processos que tem no arquivo nacional, que cita o Danilo. Mas aqui na verdade tem todos os históricos nos inquéritos contra a igreja católica, no período, na verdade é a um relato. Dom José Gomes, e de certa maneira vai confirmando o que ele diz que é a passagem da missa. 'Comemoração, do dia em Nodal, em 25 de julho e com o apoio da igreja, de AFLN (?), realizou-se a festa...

PADRE ARNILDO FRITZEN: Os nomes ele sempre dava uma abreviada.

CEV/RS: AFLN (?), relatório elaborado por AFLN, realizando o seu trabalho junto com os colonos sem terra, para Santa Rita. Com a mobilização da chapa que foi infiltrado. esta confirmando tudo o que o senhor disse, os caras confessam o que fizeram. Os outros inquéritos é só sobre o movimento dos direitos humanos. Que cita, por exemplo, que o nome de vocês esta citado. Um dos inquéritos que aparece o senhor, como participante, eu tive a felicidade de entrevistar...o que ele perseguia a pessoa, como se ele fosse o dono da lei, e ele era da Goiás?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Sim.

CEV/RS: o Curió recebia muito bem... aquelas barracas de oficial, alto distinto. Não vocês podem entrar, tem chimarrão, e tal. Porque tinha gente da OAB, tinha gente jornalista, tinha professores universitários. Então ele conversava muito bem-educado. Ele apostava em outras práticas de persuasão, para que as pessoas abandonassem, ele não foi simplesmente à repressão. Não ele era treinado. Isso tudo que o padre fala aqui, mostra que ele era um homem altamente treinado. Ele fazia ameaças, e fazia (tortura) psicológica. Ele se apresentou como enviado da presidência da república e que já tinha desmanchado...

PADRE ARNILDO FRITZEN: É ele era especialista. E quando ele foi a nome do presidente da república, e ele repetia isso continuamente. E falava com a presidência da república direto, e se apresentou assim. E falava com a população assim.

CEV/RS: ele tinha um de sedução tremenda, e acabou sendo um incômodo para a população. Ele foi para Serra Pelada lá, e de certa forma ele foi intocável, e ninguém arriscava mexer nele. A despedida dele até foi muito interessante. Ele recolheu todo o seu staff, com aquela capa famosa do que ambos os colonos pediram a palavra e trouxeram o cipó cheio de no. Ele disse 'o senhor desmanchou' 15, mas o nosso 16 o senhor não conseguiu' e a piada celebre que era o Curió no canto. (risos)

PADRE ARNILDO FRITZEN: Depois então com a saída dele, de fato ficou com uma dificuldade muito grande, porque ali a imprensa

se misturou, o que não quiseram terminou. E aí, manter o ânimo das pessoas foi muito difícil, porque foi uma fase de inverno muito difícil, no mês de setembro e outubro. E ali é que nascem às discussões, as reuniões, aquele apelo brasileiro, de fazer um gesto completo de que apoiavam, mas era coisa muito pequena fazer um gesto pequeno de sair da beira da estrada e que estão entrando na estrada de terra vermelha.

CEV/RS: e aqueles frios sequíssimos, mas era uma terra...

PADRE ARNILDO FRITZEN: E um calorão! Todo o estrago que fizeram com a água, mas as pessoas não aguentavam. E se multiplicavam as doenças, e aí se pediu para as igrejas a ajudar a comprar uma área. Que foi comprada 108 hectares de terra, e transferiram a aldeia para a barragem de Passo Fundo. E lá deu uma articulação, as pessoas começaram a pressionar o governo depois que comprou áreas para assentar. Em 1983 no final que foram assentados todos eles.

CEV/RS: assentados na região.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Assentados na região, foi comprado umas áreas, não foram todas compradas. Áreas menores ruins, mas foram comprando todas. E no começo de 1974 daí então, da reunião de experiências do povo de Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e nos aqui do Natalino, nos reunimos em Cascavel e aí no dia 09 de janeiro é que nasce oficialmente o Movimento dos Sem Terra.

CEV/RS: de 1984.

PADRE ARNILDO FRITZEN: De 1984. Dia 09/01/1984.

CEV/RS: só uma pequena coisa, em 1983 não era o governo do Simom, e sim do Jair Soares.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Isso, perdão. Então foi pressionado por que...

CEV/RS: mas explica a coisa que o governo do Simom começou uma prática que no começo parecia bom, mas depois, foi à compra de terra, e aí a pressão ficou muito grande e não tinha dinheiro. Criou uma expectativa que não podia cumprir. Eu acho que não escapa da

competência da comissão, da vitória. Tem um vídeo seu que a TVE de vez em quando apresenta, onde você conversa com as famílias assentadas, onde a gente pode encontrar isso?

PADRE ARNILDO FRITZEN: O vídeo?

CEV/RS: é.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Não sei.

CEV/RS: na TVE, podia fazer essa pesquisa com a Letícia, a assessora de imprensa da casa civil. Porque isso mostra, como a vitória apesar de tudo, mas foi uma derrota, não é verdade, porque era 600 famílias em julho de 1981, as famílias não existiam quando a entrada do Curió. Agora quando o governo do Estado assume a repressão em seis meses, a situação estava insustentável, eram 200 famílias desistindo. Então as famílias iam desistindo, e dia a dia iam desistindo. Então foi uma saída honrosa que a Igreja conseguiu, porque não foi derrotado, porque o nosso diz no dia que as famílias foram saindo do acampamento do Natalino e foram para Nova Ronda Alta que era um terreno adquirido pela Igreja, no assentamento provisório para romper essa barreira, sem água, sem comida. Isolada politicamente, a imprensa não cobria mais e cercada por policia. Elas estavam sufocados, ou elas saiam ou acabava com o acampamento então foi uma fuga que historicamente passa por uma vitória. Graças a esse movimento da Igreja para emitir essa saída honrosa, da aí no dia seguinte, que saiu no jornal, no dia seguinte que as famílias saíram ele pôs fogo nas barracas, tirou uma foto e mandou para Ministério Público. E acabou completamente em março de 1982. Foi um símbolo como vitória, porque os militares consideram que derrotaram o acampamento, porque de fato aqui está a foto do acampamento queimado. E a gente poderia considerar que seria uma derrota que esse período de um mês que ele fez isso não serviu como um treinamento para as ações futuras? Foi um aprendizado?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Exatamente, o coronel Curió, aliás o Seilute toda a pratica, ele incorporou o que o Curió fez lá.

CEV/RS: O Seilute, eu digo que deve ter sido um profissional, para testar essas técnicas de desgaste de guerra psicológica, dissimulação e ali

o senhor sabe melhor do que eu, que na verdade era em certo sentido... Do ponto de vista militar, o espaço geográfico é isso, eles tomaram o espaço, mas depois eles tiraram o acampamento do Natalino, colocaram fogo e tiraram foto e mandaram para Ministério Público, dizendo oh, desalojamos o inimigo, missão cumprida, é o que o Seilute fala em 2010, no INCRA. E do Toninho eu tenho o relatório do comitê estadual da tortura, atesta que a ação comandada por ele, constituiu tortura. E eles escreve nesse mesmo ano um dossiê. Isso em 2006 a dois anos atrás, que aí que ele escreve um dossiê e com base nesse dossiê o Ministério Público de Carazinho denúncia. Eu acho que, embora a turma toda fala que estamos limitados a isso, eu acho que o Leandro podia nos ajudar ainda, nesses outros três fatos que ele documentou sobre as revoltas dos motoqueiros, o grupo dos onze, quantas pessoas foram torturadas, desapareceram por causa disso. Será que não valeria a pena abrir um espaço para o Leandro contar isso aí. Será que ele não teria condição de falar isso.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Na verdade a revolta dos motoqueiros aconteceu em Passo Fundo, em 1979, isso após o sequestro dos uruguaios o motoqueiro ele fala de uma blitz em Passo Fundo, porque ele estava sem a carteira de motorista, participava de uma associação de motoqueiros em Passo Fundo. E a brigada saiu em perseguição dele, não consegue alcançar ele e ao chegar a casa ele é fuzilado pelas costas nos braços da mãe dele. Chegando a casa, no livro tem o nome dele e tudo. Isso causa uma revolta popular em toda a cidade, e no dia seguinte tinha 10 mil pessoas na rua em Passo Fundo, em 1979, cidade de 100 mil habitantes, ou seja, mais de 10% da população em passeata nas ruas, e suando, cerca o centro da cidade onde era o posto da brigada. E a brigada é obrigada a abrir fogo contra a multidão, mais duas pessoas assassinadas, Carlos de Castro, fundador registra o fato. Filho do Lucio, mas conhecido por fundar o movimento. Então esse é o episódio. Então houve um processo contra os militares, um processo na justiça estadual, os familiares foram perseguidos, foram ameaçados. Eu conheço a irmã Carminha que é uma das pessoas que ajudou o padre, e o sobrinho dela um dos que foram assassinados, e foram obrigados a ir embora de Passo Fundo para o Mato Grosso, pela pressão, dos policiaes que mataram os jovens ficassem impune ao crime. Tem um romance sobre a história dos motoqueiros, tem matérias jornalísticas, e são episódios...

CEV/RS: não certamente eles foram julgados na época (inaudível) então três assassinatos que a polícia naquela época em função de como a polícia não sabia lidar como a questão a movimentação da população, que foi injusta.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e nós temos os nomes dos responsáveis?

CEV/RS: dos assassinados sim, dos jovens. As datas, os nomes, nós temos que buscar o processo judicial e o processo militar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: acho que em relação a isso nós temos um precedente dos fatos de violência oficial, que a gente vai fazer uma menção do relatório final e uma investigação pela falta de.. juntaremos isso para ver o que fazer. Nós tivemos aqui no caso Varella, então nos prevalece o que fica mais prudente assim, enquanto não tiver claramente a violação política e nem por isso a gente vai desconsiderar. A gente reúne mais elementos que aqui em relação ao caso Varella nós temos do Instituto Médico Legal que ele foi o médico na carreira de medicina legal, confirmando que o rapaz foi morto por afogamento e que havia uma motivação.

CEV/RS: sim, mas uma motivação política!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: todos nós aqui, advogados. Nós como advogados temos essa preocupação de mostrar como essa impunidade esse esquecimento, esse perdão indevidamente dado a violência dos policiais, fez com que a motivação não sobre esse tema, mas sobre os demais. Como a desordem, a criminalidade, esteja completamente intocada e impune essa pratica em torno à violência social. E nós queremos fazer esse gancho aqui, o fato de nós não termos feito a verdadeira reconciliação nacional, pela memória e pela verdade, pelo ocultamento dos culpados na época, faz com que, essa polícia continue violenta e continue abusiva. Inclusive práticas como essa, de matar jovens para serem castigados, matando gente porque fugiu da barreira. Entoa nos interessa sim, documentar isso. Embora, não fiquem inicialmente, mas que fique uma consequência e nos interessa sim. Eu não sei se esse é o caso, mas tem um caso muito parecido que o nome é do Pedro Gonçalves. Pedro Gonçalves

começou a relatar que eu comecei a me lembrar, que o caso de usa de como a própria classe fica subvertida. Inclusive ele era filho de um brigadiano. Até que...

CEV/RS: e detalhe foi o seguinte, era um jovem que passou a barreira, só que era carro. Esse jovem era da família toda do Treier, então ele era conhecido no local. O pai era coronel do exército. E os brigadianos deram um tiro na nuca. Foi para a justiça militar, que não sei se era Passo Fundo, não tenho certeza, foi absolvido e mantiveram isso até o final, para mostrar que até no tribunal, davam em aula isso para mostrar que até a lógica de classe fica para trás. Na hora da corporação defender, público humilde era absolvido. Porque tem que absolver ele junto à brigada, não interessa se o cara era poderoso. A família toda constitui advogado, porque essa lógica subverte até a lógica de classe no sistema.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: agora a comissão poderia recomendar a extinção de a justiça militar, para ver esse caso.

CEV/RS: esse tipo de policiamento militar é que precisa nós temos que ter uma polícia fardada, mas não importa se é o tatu, nessa hora qual eles enxergavam a população civil com menina, essa é a lógica militar. Completamente contraria a lógica policial, a lógica policial não pode ser assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Outro fato de Passo Fundo é a operação Farroupilha. Saiu agora no ano passado um TCC que conta a história da transferência do governo do Estado no dia do golpe de Passo fundo. Que era uma operação que foi planejada com anterioridade e documenta todo esse fato. E lá em Passo Fundo a brigada militar, onde foi à sede de governo ali por 36 horas, 30 horas que o Meneghetti, até hoje tem um museu comemorativo no dia 01 de abril de 1964. e o prefeito de Passo Fundo apoiou o golpe, o bispo apoiou o golpe, então ele documenta quem apoiou o golpe.

CEV/RS: e tem a volta triunfal dele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e Passo Fundo recebe o título de capital da liberdade, porque era colhido...

CEV/RS: o Pastor Dinei, ele conhece o seu trabalho, eu conheço o trabalho ele deixou um abraço, mas infelizmente ele teve que fazer uma cirurgia nada grave. E ele deixou um abraço, ele é pastor e professor de teologia em faculdade e bem entranhado no assunto. Antes de encerrar esse episódio te interessa em Passo Fundo.

PADRE ARNILDO FRITZEN: A Irmã Carminha que trabalhou muito com o Padre Arlindo, inclusive ela está em Passo Fundo. Então ela seria uma pessoa de muito proveito para a comissão se a gente ouvisse ela também. Muito... a Aurélia foi embora você sabe?

CEV/RS: a Aurélia está no Uruguai.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Ah, no Uruguai.

CEV/RS: Ela foi expulsa e foi deportada. E dois bispos usaram esse papel em benefício do governo, eles chamaram o superior na Itália e acertaram que ela tinha que voltar para o superior chamar ela. Foi trágico isso, saiu daqui e os bispos usaram isso, você tinha falado sobre o grupo dos 11, né. Mas esse episódio de Passo Fundo, interessa sobre maneira, nesse livro na ditadura nacional da segurança do Rio Grande do Sul, foi feita uma investigação feita pela escola administrativa que é muito interessante que eu estou utilizando para mim. E ali o artigo da Claudia Vassermam sobre a situação do Rio Grande do Sul, anterior ao golpe ela que é colega do departamento do estado... Vassermam. E ela começa com o artigo dela com a volta triunfal do Meneghetti e conta como tinha sido a ida e a volta. (Incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: é ele analisa aqui uma operação que não esta planejada, e essa ação foi optada por Passo Fundo, pelo ponto de vista estratégico, porque o efetivo da brigada é maior que o efetivo do exército, e que também para a chegada das tropas do país pelos entroncamentos que tinha em Passo Fundo.

CEV/RS: esse detalhezinho ela não lembra, porque o que é muito interessante que a postura do Meneghetti que era muito para cima, distraído, entrava dinheiro e não sei o que... mas na verdade ela levanta e faz artigos dele completamente metido na conspiração. Ele tinha escrito um artigo 15 dias antes, não sei se foi no JB, ou no Estadão já

pela legalidade, já estava envolvido, o Rio Grande dessa vez... então a gente fica relevando ele como uma figura meio folclórica e tal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: mas não tinha nada disso.

CEV/RS: é aquele velho político do partido do PSD, que ele era. Mas na verdade ele estava metidíssimo na conspiração e fazia parte disso já mostra no artigo, que havia uma disputa muito grande nos jornais e assim como, de parte do governo a intenção do Jango por montar as reformas sobre os custos, e não sei o que... da mesma forma o tom estava subindo muito do lado conservador, dos artigos dele. E aí figuras como Ademar e Meneghetti, foram completamente figuras da conspiração e era uma conspiração imensa, esses episódios aí, foi bem interessante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e identifica as pessoas claramente que tem sido na história.

CEV/RS: a brigada era muito dívida. Tinha uma brigada que era toda brizolista, e uma brigada que era toda hierarquiza.

MEMBRO CEVRS: sim e uma era inimiga da outra.

CEV/RS: que foi aqui, inclusive já havia uma disputa interna dentro da brigada. E de perseguição da turma que o Meneghetti em 19(5?)8, foi antes do golpe político, inclusive o âmbito da nossa investigação era o decreto de 61. Que era para pegar isso, que já havia um processo dentro da brigada da ala mais brizolista. E que Passo Fundo entra nesse esquema.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: o prefeito era do PSD, disse bem, não era PTB. Tudo isso foi descobrindo. O primeiro trabalho acadêmico, inclusive uma procuração foi de 2010 que esse aluno da UBES

CEV/RS: da UBES?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: da UBES.

CEV/RS: e ai é interessante saber se tem gente viva lá ainda, para contar como que foram as coisas lá. Tu não tem nada assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: não, só esse fato que tem um documento e esse fato para identificar o lugar do golpe do ponto de vista civil e da brigada do estado. Tem que se identificar o lugar, esse local. E essas responsabilidades civis como, prefeito de Passo Fundo, governador..

CEV/RS: esse movimento eu acho muito interessante, porque ai que está a origem da ação, o comportamento extremamente...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e tem um museu lá com fotos, a comemorativa do golpe em 2012.

CEV/RS: só falta convidar os superintendentes e chamar a banda toda... (incompreensível) o coordenador da Comissão é de Passo Fundo foi o Gilson Dipp.

PADRE ARNILDO FRITZEN: Ah é, o Gilson Dipp.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: já é o segundo mandado que perdeu a sucessão, o outro caso é do grupo dos onze em Erechim. Em que tem um livro do historiador da região que documentou e entrevistou. Eu mesmo já acompanho o comitê estadual das organizações de ex presos, eu tinha dois processos de agricultores que receberam indenização por terem sido preso. Era duzentas retenções na região de Erechim e supostos integrantes do grupo dos onze.

MEMBRO CEVRS: interessante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: prisões de mais tempo, foi em torno de 10 a 20, vereadores cassados ali, com filho em São Valentim por serem integrantes do grupo dos onze. E ai houve sim de fato tortura contra os presos. Tanto é que, os agricultores ficaram com sequelas, um se suicidou, o outro tem pânico psicótico para o resto da vida. E pelos depoimentos dos familiares. E eles não eram do grupo dos onze! Eram pessoas simpático ao Brizola, que ouviam o programa da rádio do Rio de Janeiro, que assinaram as listas a seguir da confirmação do Brizola e essas listas pararam na mão do coronel

da brigada e prendeu 200 pessoas para averiguação e para empenho nos tops aqui no estado que está no arquivo histórico. E tem identificado quem é o coronel da brigada que é responsável por isso, que é o Frederino Gonçalves...

MEMBRO CEVRS: Frederino?

PADRE ARNILDO FRITZEN: Gonçalves. Isso está no arquivo histórico.

MEMBRO CEVRS: Frederino ou Frederico?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Frederino. E foi inclusive, criado um grupo, uma CPI entre março e agosto de 1964 que averiguou esses fatos aqui na assembleia, tanto que tem uma documentação sobre isso.

MEMBRO CEVRS: São 200 detenções?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: são 200 detenções. Prisões que ficaram vários dias, até aproximadamente 20. E vários casos de tortura e agressão.

MEMBRO CEVRS: Eu não peguei o sobrenome, é Frederino?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Gonçalves.

MEMBRO CEVRS: Gonçalves?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Gonçalves. Que foram criadas, voltando à brigada militar. Foram criadas então, 10 grupos volantes da brigada. Que era o embrião dos que estão ai nos sem teto, sem terra, para criminalizar o movimento social. E foi esses grupos volantes que lá tinha era chefiado por esse coronel que fazia a proteção policial.

CEV/RS: isso era brigadiano.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: brigadiano.

CEV/RS: É aqui vai muita coisa, grupos volantes. Isso aí é outro arquivo, tem bastante coisa que estamos digitalizando, que está no arquivo em Passo Fundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e esses agricultores, esses dois casos que eu estive lá eles eram analfabetos, eles não sabiam nem o que era o grupo dos onze. Apenas ouvia o rádio e era simpático ao Brizola e ao assinar as listas que caiu na mão desse coronel, prendeu todo mundo e eles foi para o pau de arara dar depoimento.

MEMBRO CEVRS: aqueles que se suicidaram estão aí, os onze que morreu esta ai também.

CEV/RS: esse episódio que você tem, tem como fazer um relatório dele, para a gente pensar em um alargamento...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: ele tem umas 20 páginas com resumo aqui.

MEMBRO CEVRS: nós não podemos inaugurar esse convênio da comissão estadual com essa... comissão de direitos humanos em Passo Fundo, tudo isso e acho que todo esse material a partir da execução do convenio, nós poderíamos ir trocando ideias, a investigação não sei, estou pensando em voz alta, fazer outros contatos com outras regiões em que teve esse grupo dos onze, por exemplo, parece que foram vítimas em Pelotas, Santa Maria, Moji.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Desculpa. Coronel Gonsarino de Carvalho. Gonsarino de Carvalho. E o governo do Meneghetti ele logo após ele criou 10 tratamentos votantes da brigada a fim de manter a ordem no interior do estado. Por isso, desses tratamentos comandados por esse coronel que fez a repressão militar pela brigada de 200 detenções, que cobrava da capital o comercio fechou, ninguém mais ficava nas casas, pelo clima da região, enfim.

MEMBRO CEVRS: torturava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: era pitoresco, porque o outro deputado dizia que não, não era assim! Mas houve sim, essas

20 prisões permanentes, cassações do PTB, usavam alguns homens e teve isso documentado dos processos da comissão estadual que concedeu as indecisões dos agricultores da região. Dalrama, pai e filho, São Valentim.

MEMBRO CEVRS: será que ainda vivo está?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: vai saber.

CEV/RS certamente, mas de todo jeito, vai estar proposta, nós vamos registrar aqui, vai ficar na ata. Certamente seremos a favor, nós vamos responder para vocês. Mas o que nós vamos fazer é uma coisa menos pomposo, por exemplo, nós vamos fazer um convenio com a USP, para a contratação de estagiários. Bom não estou pedindo... nós vamos fazer um termo de protocolo para fazer essa investigações na região, certamente nós vamos dar uma prestação formal, que essas coisas tem que ter a ata. Tem que ter um relatório, para...

MEMBRO CEVRS: são quatro meses a menos que a comissão nacional.

CEV/RS: então a gente tem que ter isso tudo formalizado porque no Máximo interesse, foi muito enriquecedor para nos foi o relato, talvez a pessoa mais atualizada que soube de um episódio que foi pouco investigado nesse ângulo. Que era o nosso das informações do Direitos Humanos, que institucionalizado como estado terrorista, que era um estado que utilizava técnicas terroristas que os senhor viveu lá. Então foi extremamente rico para nos. Esses outros episódios tem grande valor histórico para nos, e, por exemplo, se você conseguir alguém... porque essa questão do grupo dos onze isso pega a coisa lá de 1971....

MEMBRO CEVRS: exatamente porque ela existia era importante. Para mim o meu pai era do grupo dos onze, isso eu nem sabia, porque nós éramos menores e não tem nenhum documento, porque era uma proposta revolucionaria. (incompreensível várias pessoas falando ao mesmo tempo)

CEV/RS: e ai o pessoal do tribunal, todas as moças alvoroçadas e continuam doutor... (incompreensível)

MEMBRO CEVRS: foi muito rica esse depoimento que o senhor está fazendo para todos nos. Para mim que vivi em Passo Fundo que passava em água branca, que quando chovia era um terror. E com certeza estamos à disposição aqui.

CEV/RS: eu já vou deixar o relatório aqui que tem... (incompreensível várias pessoas falando ao mesmo tempo)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: porque a comissão nacional, eles criaram um grupo de trabalho que é a violação dos direitos em relação à terra, que era coordenada pela Maria.. esse caso natalino pelo fato do Curió ele é um caso que a comissão nacional interessaria a fazer um convenio entre comissão estadual e comissão nacional.

MEMBRO CEVRS: a comissão nacional e comissão estadual já tem um termo que é institucional.

CEV/RS: nós já temos um termo de cooperação que está em andamento. Eles mandam um padrão que a gente fez uma pequena proposta ali, e a Casa Civil mandou para decidir e nós vamos assinar aqui ou em Brasília.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: o que eles definirem os casos que a comissão nacional decidir eles não vão investigar, eu...

CEV/RS: tem umas coisas que eles fazem...

OUTRO MEMBRO CEVRS: nós vamos investigar e passar para a comissão nacional isso.

CEV/RS: e eles irão julgar uma audiência pública ali, o que seria interessante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: e eles tem esse caso que dialoga com o presente, esse caso do acampamento dos sem terra é um caso nacional, que em todo o Brasil a polícia age da mesma forma.

CEV/RS: e nos interessa muito fazer essa relação com esse acampamento... isso, essa criminalização dos movimentos populares, essa

atitude intolerante de pouco negociador da brigada, no nosso caso aqui das polícia militar. Toda essa política da militar que foi imperada durante a ditadura e intocada. Como foi os auxiliares do exército que foi exatamente como foi o exército.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É muito interessante.

CEV/RS: e não vai ter esse nome meio pomposo até porque a gente fez isso com os outros comitês que vieram aqui, já acertamos uma forma de ação conjunta. Não soube nos reportar de jeito nem, mas pelo contrário...

TESTEMUNHO – RAUL CARRION¹

LOCUTOR: 29 de agosto de 2013, a comissão Estadual da verdade vai ouvir o relato do Deputado, ativista político, Raul Carrion com a palavra o deputado.

RAUL CARRION: Saudando a todos eu vou começar relatando um pouco a trajetória porque os 21 anos de ditadura militar eu atuei politicamente. Então, além de ter sido preso em 1971, em todos os momentos eu participei o arbítrio do regime militar e é importante citar. A militância começou em 1963, como estudante do 3º ano científico do colégio Anchieta quando na rua Duque de Caxias, na ocasião eu ingressei na Ação Popular (AP) que acabara de ser constituída. Uma organização revolucionária criada pela juventude brasileira, que tinha uma relação muito forte com a Ação Católica. Desde Juc, Joc, Jec, Jac. Mas era independente pela pressão da alta hierarquia da igreja contra a militância de uma série de pessoas na Juc que eram chamados pelos altos mandatários e que eles não podiam organizar a entidade. Eu entro na AP nesse período, e quem realmente me contatou foi o Jose Luciano o conhecido, Paulo Renato Souza, estava ali também, desde o início eu tinha 17 anos. Em 1964, eu estava fazendo o curso de engenharia química quando ocorreu o golpe militar em 31 de março, o golpe militar. A um intento de resistência e tal, mas a coisa não vingou, o golpe militar acontece. Desde o início da Ação Popular surgiu à tese, da hibernação, vocês sabem Ação Popular hibernar porque vem uma ditadura aí, preservar os quadros, e uma serie de pessoas que eram anteriormente referencias, para a entidade, Paulo Renato Souza por exemplo, então todos se refugiam. E surgem então, os que persistem na organização popular, inclusive eu. Então logo a gente passa a ser do comando regional que era como se chamava que a direção da Ação Popular. Bem, as primeiras lutas são lutas do movimento estudantil mais ou menos desde o início ela atua e enfrenta a ditadura. São as lutas para tomar os centros acadêmicos, mas nós perdemos a primeira eleição, após ditadura, do centro acadêmico, por poucos votos. A direita toma conta, mas na engenharia havia

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1536/depoimento---raul-carrion>>. Acesso em: abr./maio 2015.

uma tradição, que na época o partido comunista do Brasil tinha uma força ali, e havia tradição grande de esquerda. Então, um fenômeno interessante que foi logo depois, cerca de 65 a 66, surge à legislação da ditadura para as entidades estudantis, então a União Nacional dos Estudantes (UNE) é considerada extinta e a ditadura cria o diretório nacional de estudantes. Os centros acadêmicos são substituídos por diretórios acadêmicos, as integrações são substituídas por DCE, diretorias centrais. Mas tinha que fazer uma assembleia, mudar o estatuto e adaptar. E se lê até hoje tem o centro acadêmico de estudante universitário. Assim, como o direito na filosofia, porque eles nunca conseguiram de uma forma geral mudar o nome. Bem, cheguei a ser indicado a ser a candidato ao DCE, que houve uma candidatura da UEE, que foi o candidato Bosne (?), que ele foi a uma frente do candidato da ação popular. Então a ação popular para o DCE nas urnas ia ser o partido comunista da época. E daí o PCDB, em uma das alas colocaram vários candidatos era o Flávio Koutzii e eu. E fizemos debates e acabou prevalecendo o Koutzii e eu não fui candidato. Bom, o que eu posso dizer mais em 1965 passo a atuar na ação popular de 65, eu também passo a ser o representante do Rio Grande do Sul, na direção do comando nacional da Ação Popular, tinha um núcleo mais fixo. Tinha o Betinho, o Aldo Arantes, o Haroldo Lima, o Duarte Pacheco, Paulo Wright antes de ser morto, todos conhecem e tal. E vamos dizer os membros que eram dos estados, que eu passei a representar a ação popular nesse núcleo. Em 1966, eu posso recordar assim dessa trajetória contra a ditadura, uma grande manifestação que foi o enterro do sargento, Manoel Raimundo Soares, que puxava essa grande manifestação e o Coronel Alvarez que se deslocou para a Praça da Alfândega, para um grande comício. As manifestações estudantis que eram bastante intensas, eu que era uma grande situação que era a passeata dos bichos. Que era uma verdadeira manifestação contra a ditadura, que tinha cartazes.

LOCUTOR1: ainda não estava na universidade não, mas eu era estudante. Eu me lembro das passeatas.

RAUL CARRION: Passavam os bichos, parava a cidade, para assistir era uma crítica dura, tanto que acabou. Bem, esse período a Ação Popular vamos dizer, como dirigente estadual no princípio tinha di-

versos militantes como, Andre Foster, Carlos Augusto de Souza, toda essa turma ai, fazia parte da Ação Popular e outros nomes que eu não me lembro. Bom, eu passei já em 66, 65 já, que bem, me lembro do comando regional do RP, que era eu, o Jose Freire, que era um metalúrgico que já faleceu, o Helio Corbeline, O Heron do Clos e o Gilberto Bos ao qual já me referi. Esse era o núcleo central. Bem o nacional eu já falei alguns dos nomes principais. Passei a atuar em 1965, junto com os metalúrgicos de Porto Alegre, onde o conheci o Pedro Alves Machado.

LOCUTOR: me desculpe interromper, mas é preciso fixar isso. Nessa época em que houve então a decisão para entrar para a produção?

RAUL CARRION: Não mais adiante, eu atuava como dirigente da ação popular, junto com o movimento dos metalúrgicos...

LOCUTOR1: você continuava na universidade?

RAUL CARRION: Continuava na universidade.

LOCUTOR2: licença, mas está um calor insuportável.

LOCUTOR2: Ah, muito obrigado.

RAUL CARRION: Então a gente atuava em apoio tanto com o Freitas, quanto na Joc, então tentaram fazer uma chapa de oposição ao sindicato dos metalúrgicos o candidato era para ser o Pedro.

LOCUTOR: aquele que o pessoal.

RAUL CARRION: Não conseguiu atestado ideológico, nos colocamos o... Vou me lembrar o nome dele. O pessoal colocou a Cher, é o sindicato de metalúrgicos, vamos dizer que era o Carlos que. E eu passei a atuar junto aos calçadistas, junto ao pessoal mais do PCB, nesse caso ai que atuava ai. E tinha o sindicato do calçado em Porto Alegre, que não existe mais nada disso, que era chamado de Hoteleiro e nos montamos. Eu fui o cara que montei uma chapa, junto com Adão da Graça que seria eleito presidente. A partir daí nós abrimos um canal de trabalho entre os calçadistas, a principal região de ramo de (incompreensível), então eu tinha contato. Então esse

contato com os metalúrgicos e com os calçadistas fez uma faixa no calçado e tivemos um conjunto no vale dos sinos. Também lecionei em um cursinho durante aquele período de lutas estudantis por mais vagas, por mais verbas e a luta contra os expurgos na Une. Ocorreu, também a luta contra o aumento do RU que era uma coisa que movimentava muito os estudantes, com passeadas, choque de polícia, etc. Em 1967 eu tranco a matrícula na UBES (?), para poder me dedicar mais ao trabalho. E aí passa a me vincular ao trabalho, no vale do sinos, lá tinha um pessoal com um forte trabalho, realizando esses contatos com os seminaristas do Cristo Redentor, fazia reunião lá nos seminário também, discutir contra a ditadura e ação popular comunista. O que eu disse?

LOCUTOR: Cristo Rei.

RAUL CARRION: Eu quis dizer Cristo Redentor.

LOCUTOR: os jesuítas.

RAUL CARRION: Também tinha umas reuniões lá, tinha os jesuítas eram preferente (referência?), depois eu tive uma reunião com eles. E realizamos uma reunião em ia pé (para tratar da AP?). E em 1967, também destaco que tinha um movimento intersindical, inúmeras mobilizações, pancadaria ali na Rua da Praia, Barbosa e o pau comendo. Foi também um período no movimento contra a ditadura em todo o Brasil, que está metido nesse bolo todo. Em 1968, vou começando a ter um distanciamento político em relação à ação popular, por um lado porque esse núcleo mais sindical, mais operário ele vai se aproximando do Marxismo, estudando e tal. O Freitas era um funcionário que tinha uma informação Marxista mais excipiente(?). Mas, o período coincide um pouco com a revolução cultural chinesa, que se caracterizou lá com os seus reflexos, as esteiras um tanto, não digo grevista, mas um pouco. E ADP uma corrente que ganha força que na verdade, defende a visão até um pouco mais, de que a ação popular tinha que ser um partido proletário. E para se transformar em um partido proletário, o militante tinha que ir para a produção para lá que são os vidros da classe operaria. E nós começamos a questionar, porque tínhamos a visão marxista, a pequena burguesia não

podia se dirigir até a classe operaria. Ela pode ir lá colocar a sua teoria para contribuir, mas não pode criar as lideranças.

LOCUTORI: era um vírus, já estava inoculado o vírus.

RAUL CARRION: É. E aí, nessa discussão árdua com divergências nós fomos afastados, o Altino Dantas que eu considero uma ideia equivocada, depois ele vai sair da ação popular para o PTR, PTC, sei lá. E nós, nos afastamos da direção e naquele momento, a gente discutindo dentro dessa outra visão que cabia um asilo para a classe operaria, não para quem dirigia, mas contribuir na sua formação, proletária, etc. eu me desloco para o vale dos sinos, onde eu já tinha criado uma certa relação. Tranco a matrícula e no primeiro momento era mais ajudando no trabalho sindical e no segundo momento então, eu passo a trabalhar de uma forma mais integrada, mas não naquela visão que a ação popular desenvolvia. Então eu me integro na produção, mas não dentro da política da ação popular.

LOCUTORI: mas não havia saído da AP?

RAUL CARRION: Não, ainda não.

LOCUTORI: e aí nesse período você se emprega lá?

RAUL CARRION: Terminei, tive problemas de documentação, veja bem, minha mãe é de São Leopoldo, e minha família era dali da região que era muito complicada. Para ter uma ideia, até eu estava em uma fábrica para fazer um teste, estou ali na máquina trabalhando com um professor de física e eu andei para o banheiro era socialmente complicado. Eu ia a Porto Alegre passava o final de semana aqui, a gente anda sempre com medo. Chegava à rodoviária e encontrava um colega da engenharia era uma situação muito complicada. Mas, a gente foi levando, trabalhei, mas na fábrica, mas trabalhei na área metalúrgica.

LOCUTOR: em que cidade?

RAUL CARRION: Novo Hamburgo. Um pouco na região, meu nome lá era Antonio Ferreira da Costa, a documentação que eu fiz lá na época de trabalho, acho que quando eu voltei do exílio e encon-

trei a com a Cristina no Brasil. Quando eu fui para Goiás e deixei a minha documentação antiga e eu fiz uma nova, que eu fui encontrar em uma mala dentro e possivelmente caiu na pedra e nunca mais tive. Essa documentação fria, eu não tenho acesso, a outra eu tenho em Goiás.

LOCUTOR1: Ferreira da Costa ai.

RAUL CARRION: Exatamente. Porque era suficiente que eu tinha sido absolvido, então eles podiam estar esperando o retorno com outras provas e outros companheiros que caíram, nós não sabiam o que tinha ocorrido nessa caminhada, e quando você chegava você podia ser preso tranquilamente. O fato de ser absolvido não significava absolutamente nada! Bem, ai em 1969, é interessante... alguns nomes serviriam muito para vocês dos calçadistas seria uma liderança muito importante, o Renatinho, Astrogildo, Nelson Sá, depois foi um dos fundadores do PT, depois em Nova Hamburgo, o Sebastião Melo que esta ai até hoje, vivo. Filiou ao partido. Em 69 foi um movimento forte.

LOCUTOR2: sempre vai ter, em 69.

RAUL CARRION: Em 1969, nós fizemos fruto de trabalho acumulado, era o sindicato hoteleiro, vamos dizer que teve uma certa corrente de oposição, que existia clandestinamente e nós conseguimos fazer uma grande mobilização em torno do dissídio e fizemos. Nós discutimos, fizemos um núcleo de uns 10, 15, mais fechados, mas de influência de uns 30 a 40 que atuavam e passamos a organizar um dissídio e fomos a uma assembleia. Cheguei a ir a uma assembleia falar na assembleia e tal. Mas, ai organizou 40% em 69 logo após o Ato Institucional nº5. Ainda vinha aquela subida, mas ainda estava em outro momento. Nós tínhamos jornalzinho, que a gente editava.

LOCUTOR: e estava morando em Novo Hamburgo?

RAUL CARRION: Morando em Novo Hamburgo. E ai fez uma estratégia de cinco mil panfletos e como que a gente ia distribuir isso! Como estava em clima de dissídio, a gente passava na porta da fábrica e tomando um sol e dava umas 150 olha distribui para a turma ai! E

aquilo foi entrando na massa e 40% aderiu, então pegou. Chegaram à véspera da assembleia, eles prenderam 10 lideranças, da nossa turma o Renatinho foi preso. Eles foram buscar os caras em casa, levaram os dez para o Dops. Em uma assembleia no dia seguinte nós nos reunimos e o que fazemos. Se nós não fizermos nada agora... primeiro eles pegaram os cabeças, ou então nós estamos ralados. Segundo, desaba tudo, então, decidimos fazer um segundo panfleto convocando para a assembleia e fomos distribuir. Então fizemos um esquema de distribuir na calçada, na madrugada antes que os peão chegassem na hora. Então eu fui escalado. Peguei aquele monte, mais ou menos as 04h30min da manhã e tem um morro ali eu larguei ali e tudo direitinho eu ia com a janela aberta o pessoal cruzava eu ia... Foram umas 20 fabricam assim, uns 15 minutos de carro uma distância grande. Eu só ia a Porto Alegre fiz tudo isso em Campo Bom... até Canudos, até Porto Alegre em 25 minutos. Tranquilo, não aconteceu nada, depois em contato. Ah os caras ficaram possessos não sei o que... Cantaram até alta horas da noite, em um frio danado, que era inverno. Quando foram embora amanheceu tudo... Chegaram no dia 700 peões para a assembleia. Quem falou eles prenderam. Eu cheguei a pensar em assembleia, eles falaram não vai porque isso foi uma besteira ter ido. Para nos era interessante como que se dava a repressão, como que se dava a luta, perder 30 peões em uma assembleia, e foi tiro, uma pressão e tal. Não tinha nada, os caras não podiam defender o aumento. E evidentemente isso acusou um certo, recuou.

LOCUTOR: não saiu a greve?

RAUL CARRION: Não saiu. Porque foi um momento que não teve prejuízo que o pessoal foi preso e ter detectado a estrutura da ação popular, nem nada. Bem, esse processo está se dando, e claro esse trabalho que nós fazíamos ia por toda a Porto Alegre, e vai havendo um afastamento da ação popular, não vou entrar no detalhe de como se dá à discussão final, mas nós rompemos com a ação popular praticamente o movimento sindical da ação popular. O que eu posso acrescentar aqui.

LOCUTOR1: isso foi em 1969?

RAUL CARRION: 1969, só para ter aquela questão que eu falei antes, mas não é a preocupação de vocês, a história quando cresceu o trabalho fabril e eu sai para me dedicar mais para fazer um jornal, para poder organizar o que tinha que ser feito. Vieram para a ação popular 20 companheiros, e foi a análise da direção da ação popular, recuamos, na integração da produção, porque o único que integrava saiu. Não era assim se tinha ou não de origem operaria. Era quem não tinha origem não operaria não estava na produção. A visão que dava a entender. Bom, ai eu sofri um acidente de trabalho, porque eu trabalhava em uma prensa, e foi consumido nisso, me afastei pelo tempo de recuperação. Com a indenização eu comprei uma carabina, eu fazia um treinamento lá com dois irmãos e a coisa avançando e vendo que a...

LOCUTOR: e não tinha saído, rompido formalmente com a AP.

RAUL CARRION: No final de 69, em meados de 1969, foi que nós rompemos com a AP. Não só eu, Freitas, Pedro, toda essa turma que estava no movimento sindical, rompeu com AP e começou a discutir com outras forças para que lado nos fosse, desde o POC, com o Flávio Kutzi, essas forças. E houve um processo de aproximação com o PCdoB. Primeiro que deu o passo foi o Pedro e depois... Não era coletivo, cada um tinha que decidir. Em ingresso em 69, mais no final de 1969. Bem, com o meu ingresso discuto com o PCdoB, eles propõem que eu retorne para Porto Alegre, e que eu retorne ao movimento estudantil porque eles queriam consolidar o movimento estudantil que estava ineficiente. Ai eu retornei, porque eu tinha suspenso a matricula em 67, 68 e 69. Eu retomei a matricula em engenharia química, e voltei a estudar. A direita continuava dirigindo a engenharia, e a gente constitui um núcleo de oposição era eu, Peter Pen, que foi na cidadania, foi o Chimitão, o Padre Arnildo, uma serie de pessoas ai. E a gente começa a fazer um trabalho para tomar em segredo. E também claro com uma organização do PC do B. Então a gente constitui o partido para ter uma base ali, uns 15 a 20 companheiros, começou a se organizar na filosofia o Luis Oscar do PCdoB, o Marasquim, então a gente vai fazendo o movimento era o momento que o decreto 477 era o grande terror, principalmente nos cursos técnicos. Que era um curso difícil, então nos levantamos a luta contra o 477

e aquilo nos deu um empuxe para retomar os principais comunistas, o pessoal falava assim, é tudo comunista, mas vamos votar neles que os outros são... nos vamos ralar se eles não forem. Ganhamos a engenharia, ganhamos a economia, acho que direita era mais que esquerda e a filosofia tinha se mantido, e ganhamos mais alguns e foi à eleição que ganhamos da direita desde 1964. Ganhamos os principais centros, fomos para o geral os caras sumiram com o livro de ata, e tudo mais. Então os caras, turma pesada, esse livro foi jogado pela janela que depois de 5 minutos apareceu o livro. Fizemos a ata vencemos o DCE, ganhamos a diretoria e vamos à maioria do movimento estudantil ganho do DCE da PUC, e tivemos uma retomada muito forte e passamos a dirigir as entidades sindicais. Em fim de 1970, começo de 1971 ali em janeiro nesse ano também teve a morte do Oscarito, vocês devem ter ouvido falar, o filho do Oscarito que era o professor de cálculo decimal. Ele morreu na base. E fizemos um movimento forte, esse movimento levou a cassação do Mario Squim (?), levou a cassação do Dagmel (?), e de outros companheiros. E nos, tivemos alguns episódios interessantes, de panfletagem, nós tivemos que usar a panfletagem, sem ela nos tínhamos as impressoras. Que na época era gráfica, que nós ficamos de noite em uma escada bem grande, que quando fecharam tudo, na praça e tinha uma porta que eles fechavam e lá saímos de noite e escalamos e imprimimos tudo, na faculdade. No outro dia nos panfletamos. Era o Don Natalício, que dava aula de filosofia.

LOCUTOR: não ele estava na reitoria.

RAUL CARRION: A reitoria estava ali, ai nós decidimos que o Mario Squim (?) ia fazer um comício relâmpago na reitoria. E nos preparamos e tinha segurança, cinco ou seis caras com 38 na cintura, fomos lá e o Mario estava...

LOCUTOR: Na época eu estava lá.

RAUL CARRION: É porque na época ele estava foragido, ele estava escondido e tinha sido cassado com o 477. E ele subiu ali no palanque que nos improvisamos, e falou e, mas falei é coisa rápida, de 5 a 10 minutos, como é que a gente atuava também. Bem, nesse conselho nacional, se dá então, no final do ano. O conselho nacional foi o últi-

mo conselho nacional da UNE, ainda estava estou Guimarães (?), então fizemos o encontro. Era o único delegado do Rio Grande do Sul, o outro tinha em Salvador. Então o PCdoB, da economia, era o único delegado que nós enviamos para lá que no caso foi eu. Estivemos lá no encontro, todas as dificuldades que ocorreram e encerramos lá antes do final por medida de segurança. Então, portanto todo mundo se manda.

LOCUTOR: isso final de 70?

RAUL CARRION: Isso foi no final de 70 ou começo de janeiro se eu não me engano. Eu passo a fazer parte do comitê regional do PCdoB, foi em final de 70. Eu passo a ser membro da comissão estadual e como secretário da organização.

LOCUTOR: o doutor Bruno também?

RAUL CARRION: Estava o secretário geral era o Nelson, nome de guerra, eu só sabia por relatório mesmo, não sabia. E o Gurgel que hoje é professor universitário em Ijuí, eu tenho o nome dele. Ele era metalúrgico naquela época, ele se formou, esqueci o nome dele, mas vou me lembrar daqui a pouco. E o Bruno era o antigo secretário geral tinha sido o Delfino Lobo, que era ferroviário de Santa Maria, que depois vai ser preso na queda da direção. Faço o vestibular para química, eu estava cursando engenharia e faço para química, nesse período eu passo a dar aulas, nos colégios, etc. e nós fazíamos inclusive, por isso que era bom nos reunirmos o partido PCdoB, no apartamento do Olívio Dutra. Que havia vindo para, era amigo do partido, não sei se ele sedia para o PCdoB fazer as reuniões.

LOCUTOR1: esse apartamento era ali...

RAUL CARRION: Então ele colocava uma geladeira super barulhenta, para caso alguém passasse ali fora não escutar nada. Ainda em 1971 um detalhe não muito importante, no aniversário da ditadura, nós fizemos uma ação de propaganda como chama, que foi pe-lar ele (?). Pintamos ele, abaixo a ditadura. Ele era ditadura de plantão (ele quem?).

LOCUTOR: 71 né?

RAUL CARRION: Pintamos o porco e largamos na rua da praça e era um companheiro nosso que vinha com aquele saquinho no ombro e eu mais outro armado e largaram o porco. Saiu os brigadianos atrás do porco, ele se meteu debaixo de carro e tal, aquele negocio. E ai, quando a gente improvisamos um artigo sobre o porco, foi preso, torturado, não sei mais o que! E me pegaram justamente com esse folhetim do jornal que eu fui preso. Nos tínhamos um jornal que era o proletário, que era um jornal para a classe operaria. 28 de maio de 1971, eu vou para a casa de João Flores da Silva, a mulher dele era Flávia Rosa, era um funcionário da Petrobras. Tinha sido da ala vermelha e na casa dele era aonde se fazia a conexão para a produção do material. Acho que a esposa dele datilografava. Chego lá com um folhetim que o porco tinha sido torturado e eles chego lá os caras já tinham pego ele, e cheguei preso acho que era de noite. E foi direto para o palácio da policia. Chego lá, o João Flores da Silva, já tinha acertado tudo para ser torturado, acho que conhece o São Tomé, que os dois se seguram que a eletricidade sai do braço dele e sai por aqui. Começou a tortura, ele já estava digamos, dizendo tudo que precisava e o que não precisava e mais eles tinham encontrado na casa dele. Uma munição de guerra, não sei se tinha ou se tinha ficado alguma coisa, descobriram que o pessoal do Foquismo. Não sei se foi o Tavares (?) ou o Palmares (?), estavam querendo desovar e consultaram se a gente queria ou não queria. E eu recebi em Porto Alegre a pessoa que trouxe e levamos para a casa dele para ser encaminhado para nível nacional, e se fosse necessário. E claro que ele disse que foi eu que entreguei para ele. Então, ai o nível de acusações e estava preso um dentista e um funcionário do INCRA que era o João Barbosa, que o João Flores, digamos assim que ele teve um comportamento inadequado. E ai eles, não me entregaram por que eles não sabiam que onde eu morava. Eles entregaram o Bruno, o João Golfinho Lobo, entregaram o outro o Delfino Reis que era um agrônomo da região das missões lá, era um cara muito bom. Então, estava esse time lá e o pau comeu. O Bruno era o meu tesoureiro e o Carrion era o secretário de organização.

LOCUTOR: que era você.

RAUL CARRION: Era os dois que tinham o mapa do partido, então vamos dizer que eu e o Bruno erámos os únicos alvos deles principais. Nós passamos em torno de 10 dias, a queda foi dia 28, nós só fomos presos o dia 06. 10 dias, submetidos a todo tipo de tortura, dia e noite, pau de arara, telefone, espancamento, eletricidade, execução simulada, tudo que tem direito e mais.

LOCUTOR1: só me perdoa a interrupção que é só para esclarecer um detalhe importante, o choque elétrico era mediante fio ou era aquela máquina chamada Maricota?

RAUL CARRION: Sim, a Maricota é a máquina. A Maricota qual era a diferença, eles não colocam na rede, que pode te matar. Não tem voltagem nenhuma, te mata e o que eles querem é informação. Maricota era um eletricidade estática, então ela tem aquele motorzinho, que ela tem uma alta tensão, ou seja, em torno de 400 volts, depende da velocidade que você dá. 400 300 volts, etc. só que ela era de baixa amperagem, então, o que mata não era a voltagem. Pode a voltagem matar, porque se você pega um cara que sofre do coração ele pode pegar e matar. Mas, o que mata é a corrente. Como a corrente é baixa, você leva um choque, mas você não morre. Entende, ela é muita mais alta que a corrente comum. A corrente comum é 110, e você leva 400, são quatro vezes mais. Então calcula o choque.

LOCUTOR: e como a corrente comum é continua você leva só o choque.

RAUL CARRION: Esta é uma rotina, da corrente da tomada e pode dar um choque. Essa ai são milhas ampares a corrente baixa, você leva um choque, mas não morre!

LOCUTOR: e eles torturaram vocês com a Maricota?

RAUL CARRION: Com a Maricota, direto, ouvido, cabeça.

LOCUTOR: e faziam essa associação da Maricota com o pau de arara?

RAUL CARRION: Sim, era torturado no pau de arara, primeiro te deixavam horas no pau de arara, dormência de circulação, dores

musculares, porrada, choque, etc., etc. e espancamento, mais violento que tive, estudante de engenharia sabe como é, sabia os riscos e tudo mais. Jovem tinha 26 anos, fazia esporte, pau desse cai cabeça para trás eu abaixava a cabeça e tal. Estava tudo bem, eu estava aguentando ali. O choque para a minha felicidade não era muitíssimo, e agora vou dizer o momento mais duro, foi o espancamento. Em um determinado dia, eles juntaram seis mais ou menos com porrete de borracha, para não quebrar, só para ficar a marca. E foi meia hora, uma hora, espancaram me jogaram no chão, chutaram. Tanto que eu fiquei, desacordado depois eu fui tomar um banho desacordado. Eu diria que foi a mais violenta. Uma questão que, é interessante referir que eu vou referir para vocês. O programa pela decisão foi o mais difícil, eu fui preso a noite e tinha acertado com o Nelson que nos tínhamos um ponto de manhã, vamos dizer que era 07h00min da manhã, ali em frente ao instituto de educação ali, e que se eu não tivesse um ponto nos íamos aos encontra na casa do João, e agora. Que você faz? Porque o tempo estava bem fechado, nos estávamos sentindo que a pressão estava muito grande. Nosso ponto era da seguinte forma, eu estava esperando a pessoa chegava, não ia falar comigo, ela me via e seguia. E eu saíria e abordava ela. Era um ponto que seria mais seguro. Ela chegar e ir ao outro. Eu disse bem, só tem uma maneira, é fazer que ele se dê conta que eu estou preso. Eu estou apanhando toda noite lá, e tal, levando choque. Eu tenho um ponto, eu vou lá para tentar. Tenho um ponto marcado. Já tinha alta descrição do Nelson e o escambau, eu tomei uma decisão extremamente arriscada, que era contar para a polícia o plano, eu corria o risco de ser o delatante. Ai eu dei as dicas para os caras, outro cidadão, e fui. Nem me penteie nada, estava todo arrebetado na noite de tortura, fui lá. Colocaram os caras na campana, e eu estou ali, daqui a pouco desce outro cidadão que não era ele, e vem oh, Carrion, vamos bater um papo tal. Conversei, tchau e fui embora. Daqui a pouco desce o Nelson, e fez o que tinha que fazer. Veio e tal, e firmou e o cara se deu conta e os bestas dos policiais não se deram conta. Porque me viram com outro conversando e sou muito conhecido, sou estudante e ele saiu e os caras não pegaram. E ele se deu conta, não foi na casa desse cidadão.

LOCUTOR: esse não foi preso?

RAUL CARRION: Não foi preso. E seria preso inevitavelmente se eu não tivesse evitado, e nisso até a ideia de resistir não é uma coisa de falar, mais complicado, eu vou contar um outro episódio também. Bem, o cara não veio e tal, dormi a noite toda, aí acho que caiu a ficha para os caras deram conta, esse cara nos enganou. Acordei no pau, tomei uma surra que nem um cachorro sai. Aí vamos quase dez dias debaixo de pau, o Bruno teve um ataque do coração, que quase foi também. Bem, depois disso, eles comunicaram evidente, não preciso dizer. Eles nos enviaram para (incompreensível) eu. Aí dia 06 eu acho que de manhã, não me lembro mais, embarcamos no BC3 da base área, primeira vez que fui de avião, algemando, estropiado.

LOCUTOR: avião da força área?

RAUL CARRION: Avião da força área, só tem aqueles banquinhos. E saiu em uma reportagem que eu tinha sido torturado dentro do avião.

LOCUTOR: e a sua família, você não estava morando com a sua família nesse período?

RAUL CARRION: Não, eles foram lá, revistaram, eu tinha toda a minha papelada, escrita, inclusive em envelope e em um armário dentro do meio das roupas. Eu estava trabalhando e tinha colocado dentro das minhas roupas. Que eu tinha em Porto Alegre e morava junto com o contador.

LOCUTOR: nesse caso você já tinha voltado?

RAUL CARRION: Já tinha voltado.

LOCUTOR: e sua família ficou.

RAUL CARRION: Claro, meu pai era uma pessoa bem relacionada. E aí, quando eles estavam quando eles viram aqueles pacotinhos em cima do armário, pegaram. E o pior, tinha as datas para servirem de lembrete, não ficou um de lembrança. E essa de lembrança estava dentro de uma pasta. E cruzou e tive que dar explicação até o fim da vida sobre essa pasta.

LOCUTOR: e todo o material estava ali dentro?

RAUL CARRION: Comigo só, eu só não me lembro bem, se o Flores falou das malas que eu tinha levado para ele, se eles encontraram as malas na casa dele. Eu não me lembro disso.

LOCUTOR: mas os caras ficaram sabendo.

RAUL CARRION: Ficaram sabendo. E depois eles voltaram outra vez, porque eles foram revisar o quarto do pai, aquele negócio todo, revisaram o sótão que tinha a alma a parte de baixo da carabina. Eles encontraram e perguntaram onde que estava à arma, estava com os companheiros. Pela carabina que eles encontraram etc. bem, chegamos à OBAM, Brilhante Ustra ficamos quase dois meses.

LOCUTOR1: quase dois meses?

RAUL CARRION: É. Lá foi mais alternada a tortura, no Dops aqui foi dois dias seguidos. Teve refresco para o cara dormir para no outro dia dar outro pau.

LOCUTOR: só interrompendo que esses fatos a gente ficou sabendo pelo Bruno que eles tinham equipes.

RAUL CARRION: Aqui também, qualquer hora era para te torturar, que não tinha refresco. Tinha o Pedro, serio. Tinha a figura do bonzinho, que chegava lá.

LOCUTOR: não havia militar do exército.

RAUL CARRION: O Atila foi lá para reclamar e ele falava não eu estive lá com ele, foi bem tratado, está lá tomando cafezinho, vendo televisão, tal. Sendo que eu estava debaixo de pau o tempo todo.

LOCUTOR1: o coronel José não estava lá?

RAUL CARRION: Olha era mais o pessoal do Dops. Eu conheci o Pedro Seelig, não sei bem quem era, mas fiquei sabendo o nome. Tinha outros caras.

LOCUTOR1: tinha um tal de Cardozinho.

RAUL CARRION: Eu fixei bem os nomes, e o Atila eu já conheci ele, no tipo de ameaçar.

LOCUTOR: o Atila participava da sessão de tortura?

RAUL CARRION: Não via participando da sessão.

LOCUTOR1: e o Pedro Seelig?

RAUL CARRION: Sim. Eles me torturavam e me encapuzavam, mas dava para reconhecer as vozes.

LOCUTOR: E o Brilhante Ustra participava diretamente?

RAUL CARRION: Não via, ele participando diretamente.

LOCUTOR: mas vocês foram interrogados por ele?

RAUL CARRION: Não sei dizer, porque a gente não sabia quem era direto. Eu acho que ele não foi direto. Bem, lá a gente encontrou o Heloi Martins (?), que estava preso lá, o Altino chegou com a esposa, foram todos eles torturados, todas as mulheres foram torturadas. Nos tínhamos conhecimento de tudo que existia, tinha um baita traidor que era o Edgar, que ele era morava lá com um pessoal, que ele chegava e falava que lembrava onde tinha um pessoal que mora não sei aonde, vamos lá pegar os caras.

LOCUTOR2: isso o doutor Bruno contou.

RAUL CARRION: Deve ter sido o Almeida Martins, ele se justificava porque ele entregava os companheiros. Ele justificava que ele entregava para apanhar menos, porque se ele não entregasse as pessoas seriam mais torturadas e poderia ser preso mais adiante. Primeira vez que eu tive foi rompida a incomunicabilidade foi meu irmão que foi lá, que depois, foi Francisco Henrique Cardoso, bispo, arcebispo, cardeal, conseguiram meses depois da prisão. Incomunicabilidade totalmente ilegal, isso faz parte. Acabei retornando para Porto Alegre em 16/07, cheguei aqui no aeroporto, já fui direto para a tortura. Ai estava preso um estudante que era o Nei, e ele estava sendo torturado e dizia o seguinte: não, quem me pediu para consegui um local para

o Nelson foi o Carrion. Não podia ter sido eu, porque o Nelson tinha escapado, depois das prisões, podia ter. Não, e o que aconteceu eles começaram a apertar o Carrion eu vi que o cara não estava aguentando, e botando lenha, eu tinha negado. Se eu não seguro a peteca vai o cara ficar livre ai. Não ate posso ter um dia tal, talvez tenha sido. Ai aliviaram o cara e nisso a maneira da gente agir nesse momento é mais complicado do que se eu tivesse dito não a tudo. Porque às vezes jogue ar. Depois deu uma aliviada, nesse meio tempo os advogados estavam trabalhando, não tinham conseguido nenhuma prova.

LOCUTOR: mas já tinha quebrado a incomunicabilidade?

RAUL CARRION: Sim. Tanto que um irmão meu conseguiu falar comigo lá. Mas quando eu vim para cá, ai tive a visita da família, etc. mudou o quadro! Dia 2 de agosto, então a primeira auditoria militar concedeu a libertação para mim e para o Bruno, que era o que eu acho que ainda estava preso, por falta de prova mandou soltar, soltaram em dia 02 de agosto. Qual é a realidade eu vou fazer contato com o partido, vou fazer uma militância que não tem nenhuma perseguição de militar. O que tem a possibilidade de complicar o meio de campo, não vou poder ficar aqui e não vou poder atuar aqui e não vou ficar mais vulnerável. Então articulamos evidentemente de sair, eu tinha que me apresentar toda semana. Esperei apresentar na segunda feira, e o plano terça de manhã já estava em disparada. Articulei com o Francisco.

LOCUTOR: Francisco daqui né?

RAUL CARRION: Claro. Trabalhou aqui foi deputado.

LOCUTOR: não foi antes de ele ir para França.

RAUL CARRION: Eu acho que ele já tinha ido para França, não sei exato. Mas eu acho que ele morava aqui, mas ele já tinha ido lá, não tenho certeza absoluta, mas acho que sim. E ai como a região tinha um parente em São Gabriel, passar o final de semana, nos arquiteta-mos uma história, e começamos a espalhar. Dava alguma coisa nisso, nós estamos nessa!

LOCUTOR: se soubesse que fazenda tinha diretores da fatura até hoje.

RAUL CARRION: Ai nós tocamos para Riveira, algumas coincidências, um carro vinha atrás, a gente dava uma parada e o carro parava depois a gente arrancava o carro também. E depois paramos em outro boteco o carro parou, ficamos desconfiados e depois descobrimos que era um entregador de jornal. Ai chegamos sem problema, cruzamos a rua, só que quando você cruza a você não tem a entrada em outro país né! Eu fui à delegacia do Uruguai, fiz a entrada no Uruguai.

LOCUTOR: mas você fez a entrada com nome falso. Tinha perdido documento ou qualquer coisa?

RAUL CARRION: Não, tinha documento. Não me tiraram o documento eu tinha, identidade.

LOCUTOR: isso era em 71?

RAUL CARRION: É em 71, e ai entrei no Uruguai, fui para Montevideú. De Montevideú, cruzei para Buenos Aires, não me lembro bem, mas acho que ali pelos países baixos, a impressão foi isso. De Buenos Aires, peguei um avião, desci no Chile. No Chile o Ernani e a família, o cunhado do meu irmão. E ai fui morar na casa do Paulo Renato.

LOCUTOR: com o cunhado do Paulo Renato.

RAUL CARRION: Exato. Meu não era do meu irmão. Ai passei lá um tempo e ali a parte do exílio.

LOCUTOR: fingiram que iam para casa de uma irmã e foram para a casa da outra em Santiago no Chile.

RAUL CARRION: Está certo. Ai me inscrevi na Universidade Católica do Chile, contatei o partido de lá. Que lá encontrei o Amarildo que foi o percentual de 43, e constituímos um núcleo do partido lá. E ai passamos a traduzir a classe operaria traduzir os documentos dos partidos, fazer contatos, adotei um apelido de ruivo. E ali acabei co-

nhecendo a minha atual esposa, que ela era sobrinha neta de um dos fundadores do partido chileno. E através disso passamos a ter uma relação bastante grande com o pessoal do partido comunista lá, com o Alan, era ex-combatente e ela estudou na União Soviética.

LOCUTOR: e você vivia de que, lá?

RAUL CARRION: Bem, no primeiro momento tinha uma certa ajuda da família, basicamente isso. Tinha um câmbio muito favorável que o Chile estava naquela crise, golpe etc. em 62, eu fiquei sozinho na pensão e depois fui morar com a professora química na universidade do Chile e tocamos o barco. Já no Uruguai tinha que ter um documento do partido, e só porque eu tinha uma canetinha dessas que não são transparentes, escrevi em um papel de seda, adorei aquilo e foi eloquente. Estive na Albânia mais a atração principal era de denúncia da ditadura no Brasil, fui fazer um trabalho de solidariedade nacional. Depois foram para lá o Jonis Arruda, Dineias Aguiar, penso eu que foi uma tática do partido de não ter toda a direção no Brasil porque era muito perigoso. Então distribuía alguns dirigentes, para no caso de uma queda como foi o caso na Lapa, não estar toda a direção dizimada. Então os dois foram designados a estarem no exterior, e digamos fortalecer esse trabalho. A minha intenção era quando eu sai era sair para ter condição de entrar clandestinamente igual foi para entrar. A ida dos companheiros foi discutida e foi de não retornarmos ao Brasil e ficar lá fazendo esse trabalho de solidariedade. Bom, não vou entrar em muitos detalhes sobre o trabalho no Chile. No segundo ano, deixei de participar no curso, e em compensação eu consegui um documento frio de que eu estaria trabalhando em um jornal de um partido socialista. Então eu passei a estar como um trabalhador e não como um estudante. E quando eu fui renovar... Ai eu tive que renovar que no dia que me deram para dar para pegar o documento de permanência temporária 11 de setembro. 11 de setembro vários golpes no Chile, os aviões bombardeando e o escambal. Você acha que eu ia buscar o documento lá com uma funcionária dos Estados Unidos? Evidente que não! Ou seja, no dia do golpe eu fiquei ilegal lá. Não tinha mais documentação legal lá, nos ficamos mais ou menos uma semana, os rádios denunciam os estrangeiros que estão na sua casa, os terroristas, não sei o que... cheio de

material na minha casa, nos temos que desovar, nos morávamos em um conjunto de apartamentos. Jogamos no lixo o que deu. Chegou lá em uma semana, não em como continuar aqui, ai estava o Arruda, a esposa do Arruda, que era grande artista plástica, Terezinha Costa Rêgo, continua viva é mais jovem que o Arruda. E a Tereza foi para a minha esposa, ficar com a minha esposa. E eu, o Amarildo, a esposa do Amarildo, e o Jorge decidimos nos exilar na baixada Argentina. Os caras não se fechavam totalmente no Chile, eles queriam se livrar de alguns. Ficamos alguns dias ali, com armas em casa para ver se ia ter resistência. Eu tinha dois revolves, que o Paulo Renato nos passou. Que ia se livrar os dois estavam pendurados em um poço de ventilação, era difícil a gente colocou uma cordinha para elas ficarem escondidas. Ai saímos de manhã para a embaixada, quando chegamos à porta, entramos. Dentro da embaixada já tinha uns 500 brasileiros. Toda esquerda, tinha uns cinco mil brasileiros, na América Latina tinha uns 30, 40 mil, no Uruguai, Argentina, Bolívia, Peru. Mas nos estávamos em 500 mais ou menos, no campo. O Campora já tinha sumido Perón já tinha assumido, e o Campora não aceitou nos receber. Então ficamos quase dois meses na embaixada, 500 pessoas dormindo em um colchonete, cozinhando. A ONU, no sentido que nos responsabilizou que os exilados seriam enviados para outros países com bolsa de estudo, ai o governo argentino aceitou (não consegui entender esta frase). Nós viajamos primeiro para Corrientes que tem um belo hotel. E praticamente em novembro de 73 já, nós conseguimos ir para Buenos Aires, eu me esqueci de dizer que fui sozinho, sem a esposa. Ali, depois que nós ficamos no alojamento geral, depois teve uma intoxicação porque não limpavam bem as panelas, deu diarreia. Depois que nos permitiram em ir para apartamentos em hotel, a minha esposa foi ela e minha filha. Estava tudo pronto para ir para França, bolsa de estudo por quatro anos, dinheiro tudo, meu irmão estudava lá Eduardo. Ai voltando vou lá para a Europa como é que eu vou voltar para o Brasil. O que eu fiz, não podia ficar o combinado era que eu tinha que sair. O Dione foi para a França. Ai nesse meio tempo nos fizemos contato com o pessoal de esquerda, e consegui um trabalho em uma livraria como vendedor, sempre com os meus documentos, eu conheço em Buenos Aires uma das grandes livrarias. A minha esposa estava conseguindo já que ela era química,

um emprego e nos simplesmente saímos e fechamos contato com a Quinor e fomos com uns amigos que nos albergaram por uns dias. Então ficamos em uma situação de ilegalidade por um tempo, depois ela conseguiu um emprego ela segurou a peteca, claro que eu trabalhava também, mas era um emprego menor. Conseguimos alugar um apartamento e eu dei um jeito de sair para o Uruguai, e retornei para sair porque eu não tinha documento. Essa foi ai meio complicado, só que eu não estou lembrado, acho que eles tinham uns dados ou documentos provisórios alguma coisa. E ai eu retornei como turista valia como três meses. E a cada três meses eu pedia uma renovação para seis e eu saia de novo, entrava de novo e assim fui levando. Dois anos e pouco desse jeito.

LOCUTOR: no Uruguai você não teve problema.

RAUL CARRION: Não, já no Uruguai eu não tive, mas eu ia da colônia. Mais da colônia mesmo. Ai fiquei trabalhando nesse trabalho ai, minha esposa trabalhando. Depois ela arrumou um trabalho razoável. Criamos um núcleo lá, durante um tempo, porque até irmos para a França deu um tempinho. Para ter todas as tramitações, o Dionne Arrudas, o Carlos Loreta Valadares, Osmar Terra, fazendo parte do núcleo e outros que eu não me lembro mais. E retomamos esse trabalho de denúncia da ditadura. Ficamos dois anos lá que foram trabalhos ia tos(?), etc. março de 1976, golpe do Gilbar (?), três A, o pessoal da comissão, nós tínhamos contato lá, mataram gente. Bom vocês devem ter estudado sobre o golpe dos três A. ficou pior a Argentina do que o Brasil chegou à hora de retornar, não tem mais o porquê ficar aqui, não tem mais trabalho, não tem mais como fazer trabalho de solidariedade nem nada. Então, acertei o retorno para o Brasil, com a família, o partido. Retornei por Nova Iguaçu, ali em Julho ou Junho, com a minha documentação normal, portanto sem nenhuma cobertura. Ai o que eu fiz, como naquele tempo, se exigia documento para entrar no ônibus o que eu fiz, para evitar risco fui só de trem. O trem não tinha essa exigência, só que o trem era brincadeira! Dez dias para chegar a São Paulo. Quando cheguei tinha um ponto pré-marcado em Santos, fui ao encontro. Deu tudo certinho, ai já fui para o comitê central. Fui a São Paulo e tive um encontro com o Haroldo Lima, Sergio Miranda. E na fase final tive uma reunião

com Pedro Tomaz sem saber quem era ele. Ai acertamos que eu ia para o centro oeste, Goiás em Goiânia, e me organizei para trabalhar em Goiânia. E nesse tempo trabalhei em Campinas, eu tinha feito um curso como eu falei de técnico em eletrônica, o que o curso de técnico em eletrônica me daria mais flexibilidade, poderia trabalhar por conta, como empregado eu trabalhei. Coisas assim, interessantes, só para a gente entender as dificuldades. Mas não me dei conta que as minha roupas, as etiquetas eram da Argentina, do Chile, pequenos detalhes. Lá pelas tantas eu cortei as etiquetas todas. Depois eu fui para o Rio, como que a gente fazia a identidade ia ao cartório pegava, e lá na empresa tem um cidadão que ele parece que era nascido em... mas ele nunca fez identidade? Não, nunca fez a identidade. Ele nasceu em dezembro o nome dele é tal, cara como que a gente vai achar isso, vai ter que olhar os livros todos! Não, mas eu ajudo você me passa os livros e eu acho o nome dele. Ia lá, ou seja, um cara mais ou menos a sua idade e você escolhia um, marcava bem o nome, anotava o dia que ele nasceu, passava uns dias, e você voltava. Cara tem um cidadão assim, nasceu no dia tal, o nome dele é tal, onde nasceu. Perguntava onde que nasceu? Nasceu no dia tal. E o cara achava lá e te dava a certidão. Com a certidão, começava toda a documentação. Ai fui a Campo peguei a certidão, e fui fazer a carteira no Rio. Chegando lá, já que nós não tínhamos documentos nem nada, nós ficamos na hospedaria que ficava os caras da FEBEM. Os caras ficavam lá, uma espelunca completa. Eu cheguei lá, documento. Não tenho vou fazer o documento, sou do interior, nunca fiz. Fui a polícia, quando que volta? Não, tal dia. Dois ou três dias voltei. Cheguei lá, para o cara, vim buscar a carteira. Ah, ta, espera ai um pouco. Passou 15 minutos, passou 20 minutos, eu to indo né! Até porque eu não poderia facilitar porque tem alguns que tem controle, fui embora. Fui para o Paraná, pedi uma outra certidão, fui fazer uma faculdade em Goiás, em Goiânia, o negócio mais atrasado...

LOCUTOR: sua mulher e sua filha tinha vindo junto?

RAUL CARRION: Não, não! De jeito nenhum.

LOCUTOR: estavam em Buenos Aires.

RAUL CARRION: Claro, lá ela tinha emprego, não sou louco de trazer, não sabia o que podia acontecer. Bem, aí eu acabei indo para Goiânia, contato nunca tive. Fiz contato e não sabia quem era, evidentemente, isso devia ser outubro mais ou menos. E marquei, conversando, nesse meio comecei a trabalhar que poderia ser mais fácil, peguei uma pensão, e marcamos. Dia tal, ponto, se houver alguma falha a cada mês repete nesse dia tal hora, assim, assim. Fui ao ponto, o cara não veio, falei o cara não vem. Faz parte, aí marquei para um mês depois voltar. Aí marque no jornal da esquerda, que tinha era o jornal movimento. Banco central, PCdoB, sem contato sem nada. O cara contou mesmo sob a tortura e aí perdi o contato com Goiás. Como que me toma desse jeito, aí começou um ligação, comunique com a esposa, com a família, tinha um esquema do cara. Alguns meses para retomar o contato. Bem, o Dineias Aguiar estava no Chile, estão lá em janeiro de 1977 ou 78 só em 78 que consegui aí eu viajei para a Argentina. Aí larguei emprego, falei que ia voltar para o Paraná, não sei o que... Aí eu fiz o contato na Argentina, lá onde morávamos. Contatei o Dineias Aguiar, o Miranda e contactei com o partido. O partido que foi para lá, perdeu o contato com os regionais, estava perigosa a coisa, alguns foram presos, outros fora do país. E quando eu fui para Argentina, em começo de 78, eu depois voltei para o Rio Grande do Sul, e estabeleci o contato com o comitê central com o Rio Grande do Sul, aí marcamos pontos. Sempre através de sistema de pontos, continuados e fiz Argentina, marquei um ponto em Goiânia e contactei o Rio Grande do Sul, eu voltei de novo para Goiás. Consegui um emprego de novo, não quis perder um bom profissional evidentemente e fiquei. Um fato que aconteceu em Goiás, que eu trabalhei em uma empresa.... Bem a gente criou lá uma associação de técnicos, mas sem contato com sindicato. Não tinha muita política para fazer, aí fiz um curso de aperfeiçoamento da Philco, de televisão. E a empresa queria que eu fosse o subgerente. Mas tinha que ter curso médio, aí bom, acabou. Aí eu vou fazer o 99, não sei como que chamava aquele curso. Só que eu ia fazer tudo, primário, secundário, está bem. Passei de primeira, peguei o meu título de segundo grau, apresentei.

LOCUTOR: que nome era esse que você tinha lá?

RAUL CARRION: Silvio Augusto tenho esse documento, ainda não passei, mas vou passar. Esse tem carteira de trabalho, tem tudo. Ai um dia eu trabalhando lá tranquilo na empresa, vem o dono, polícia federal quer falar com você. O que eu faço! Pensei, vou encarar com o sangue frio. O senhor está intimado para comparecer tal dia. Falei está bom! Fui lá, procurei os caras do PMDB, falei com o meu chefe, eu tive uns problemas estudantil, não sei o que é. O que eu vou fazer. Ele falou não vou te levar para conversar com os caras do PMDB. Eu não me lembro o cara era senador, foi governador, da época da esquerda. Santilho Paes. Ai os caras colocaram advogados a disposição, eu fiquei constrangido, eu ainda ganhava pouco, fiquei pagando ele não sei quanto tempo lá. Tudo bem, advogado é assim mesmo! Cheguei lá o negócio é o seguinte houve uma fraude nesse curso, nesse exame aqui, e nós estamos vendo, o senhor passou de primeira. Os caras fraudaram a prova, entendeu! E como eu passei os caras desconfiaram. Mas por sorte quando fazia as provas, você entregava as perguntas, eu tinha tudo calculado ali, eu tinha feito mesmo a prova. E ai eu mostrei e os cara se convenceram. Se eu disparo ali porque eu acho que era alguma coisa, os caras podiam até ter chegado mais ai eu ia ter uma complicação. Os episódios que vão acontecendo. Até porque tenho escrito o resumo, agora eu vou dar uma atropelada rápida. Eu só fui contatar o partido de novo em Goiânia já em setembro de 1979. Que tinha passado. A minha esposa voltou em começo de 79, já estava mais estabilizado a coisa, ai nos encontramos em São Paulo, fomos para Goiânia, nos juntamos lá tudo tranquilo. Sem contato com o partido, a gente cumpria religiosamente, veio à anistia em agosto.

LOCUTOR: e toda a sua família já sabia que você estava no Brasil e sua esposa?

RAUL CARRION: Sim, primeiro eu tinha voltado em 78, e contatei a família. Nós tivemos encontro em Curitiba, até para ter contato quando eu, na verdade eu retornei à família quando teve a queda da Lapa, em junho, a marca da Lapa foi em julho e eu só voltei a contatar em 77. Ai eu vou para Porto Alegre em outubro já com a anistia, e imediatamente eu aproveito a minha formação em eletrônica e passo a trabalhar em definir de atuar no movimento sindical metalúrgi-

co. Passo a atuar no movimento metalúrgico. Ativamente, durante muitos anos autuei, até que basicamente em 87, eu recebo uma justa causa, porque eu atuo na ação partidária. Em 87 eu recebo uma justa causa, em atividade sindical, e o processo corre 10 anos e eu só vou ganhar a causa. A sentença é muito gozada, eu só vou ganhar a causa 10 anos depois, e aí meio que viabilizou a questão da categoria metalúrgica, não mais do que isso, veio o partido me colocou em outras tarefas e eu passo a sair da categoria. Vou ser candidato a prefeito em 88. A candidato a vereador e é outro período.

LOCUTOR: não retornou à universidade?

RAUL CARRION: Cheguei a retomar, mas já estava em outra. E depois eu concluo fazendo um curso de história na UFRGS, que é minha graduação até hoje. E claro, o período de 79 a 87, diretas já, luta contra a ditadura, greve geral, tudo que tem direito a gente atua permanentemente na direção do partido tal. Então a trajetória é essa, as peleias são essas.

LOCUTOR: uma trajetória muito rica!

TESTEMUNHO – RAUL JORGE ANGLADA PONT¹

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sempre sabendo que o foco principal é esta questão. Como foi preso, quando foi preso, o que aconteceu lá, a autoria, as pessoas que tu te lembrás, as pessoas que atuavam lá e falar sobre militância. De vez em quando a gente vai fazer alguma pergunta. Fique completamente à vontade. Quer começar, falando sobre sua militância de estudante, quando vieste de Uruguaiana...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Raul Pont, deputado estadual, fazendo aqui uma gravação para a Comissão da Verdade, recuperando um pouco da trajetória pessoal minha, nos acontecimentos dos anos 60, 70 e posteriores. Eu comecei minha militância na universidade. Vindo de Uruguaiana/RS em março/abril de 1963, exatos 50 anos atrás. Consegui transferência do Banco que eu trabalhava em Uruguaiana, Banco Rio-Grandense de Expansão Econômica. Trabalhava no Banco e terminei o 2º Grau em 1962, na época “científico”, e vim para cá em busca da universidade, melhores empregos que Uruguaiana não ofertava, não tinha. A família também não tinha como me manter em Porto Alegre, tinha que vir trabalhando ou conseguir um emprego aqui (Porto Alegre). A vinda como bancário do Banco Rio-Grandense já era muito bom. Trabalhei na matriz ali na Rua Uruguai durante um tempo. Depois fui para agência ali da Azenha, em frente à Casa Catraca. Nesse período, em 1964, entrei na universidade. Fiz vestibular para o curso de História em 1964 e imediatamente levamos um “choque”. Para mim que não tinha uma militância política maior, tinha uma preocupação cultural, gostava de ler, gostava principalmente de história, sociologia, tinha um interesse de cinema. Essa era minha preocupação, meu tempo de lazer, de folga, eu dedicava mais ao basquete, ao esporte lá em Uruguaiana. Quando cheguei aqui, também me integrei à equipe do Cruzeiro, que na época tinha um departamento de basquete, o Cruzeiro Clube de futebol e que também tinha na época basquete. Então, digamos, o Golpe mudou minha vida. As consequências ali, a cassação de pro-

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1537/depoimento-?-raul-jorge-anglada-pont--->>. Acesso em: abr./maio 2015.

fessores da Universidade, a intervenção, o (Flávio) Koutzii era presidente do Centro Acadêmico e foi cassado. Para nós isso eram uma violência, uma agressão e um ato incômodo. Para nós era incompreensível, porque a Universidade e ali era atingida por um negócio tão longe, qual era a alegação de uma coisa com a outra. Então, para mim e para aquela geração ali, vários colegas meus da História se engajaram na defesa do Centro Acadêmico. Essa foi minha entrada na vida política e o início de uma tomada de consciência do que era o Golpe, o que ele significava. A participação no Centro Acadêmico, eu já trabalhava, portanto, era bancário, já sentia também as questões da política salarial, não era um militante sindical, mas eu já ia nas assembleias. Na época o Sindicato fazia as assembleias ali no (Cinema) Baltimore e frequentava o Sindicato como militante, como um bancário da base. Mas foi no Centro Acadêmico que eu comecei a ter uma participação maior. Na gestão seguinte, nós já conseguimos fazer eleição, no final do ano ainda, exigindo e conquistando, só mais tarde que vai ser proibida eleição para DCE, para UE e DE, que a própria ditadura tinha criado e “descriou”. A tentativa de substituir e ter entidades mais sobre o controle não deu certo. Em 1967, também foram proibidos, mesmo os DE’s passaram a não ter mais eleições, os DCE’s passaram a ter eleições indiretas. E neste período eu me integrei na gestão do André Foster, comecei a participar do Centro Acadêmico. Há cinquenta anos que eu não parei mais de militar diuturnamente. Ainda consegui até 1968, ainda jogar até 1968 no Cruzeiro, cada vez com menos tempo para treino, mas era uma forma ao menos de praticar esportes, de não parar, de manter uma atividade esportiva. Quando eu assumi o DCE Livre em 1968, daí sim. Fui eleito presidente do DCE Livre, era livre porque fazia eleição, o DCE foi proibido de ter eleições. Então a Reitoria montava uma maioria artificial, na época foram criados alguns centros acadêmicos, chamados diretórios acadêmicos, um pouco artificiais, vieram dois de Pelotas/RS para votar aqui.

CÉLI PINTO: Quem era o Reitor da época? Era o Palione?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não já não era o Palione não.

CÉLI PINTO: Porque quando eu estava na universidade era o Farrah aquele, o engenheiro...que a gente quer fazer uma investigação também...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Nesta época tem aquele “livrinho” que a ADURGS [...] (membros da comissão comentam sobre quem seria o reitor). Agora não tenho certeza, os nomes são familiares ali, mas agora eu não situo exatamente. Lá na Filosofia isso era sentindo. Um dos professores lá, eu estava fazendo uma cadeira opcional, de política com o (Prof.) Schauz (Leônidas Xauza?), e se foi o Schauz. Como, por que, era é um dos melhores professores que tinha lá. (membros da comissão comentam sobre o professor Xauza). Foi bem no início, não foi naquela de 1968, 1969. [...] Foi uma surpresa, nos levou a ocupar a Filosofia, em solidariedade, ainda que ninguém reconhecesse nele um cara de esquerda, ele era um liberal/democrata. Mas enfim, essas cassações e a repressão ao Centro Acadêmico nos colocaram na resistência, no protesto, na oposição ao Governo Militar. E a gente começou a frequentar, eu comecei a frequentar o Centro Acadêmico com outras pessoas. Naquela diretoria estavam o Müller, a Ioli Druke, Flávio Aguiar, Aurélio Guerra da Filosofia, a turma da Física, Zeca Knigger, o Baixo, Joca e Cláudio Dalmeida. Enfim, neste período começamos o debate, a discussão ia politizando a gente e a gente ia ampliando a consciência e o conhecimento do que estava acontecendo. Como a Reitoria e os professores eram símbolo e sinônimo da própria repressão, não todos, mas a Instituição não tinha nenhuma autonomia em relação ao Regime, então eram pouquíssimos os professores com quem tínhamos confiança em falar, conversar, porque outros, ou estavam omissos, quietos, ou aderiram, eram defensores do Golpe. Então, nós não tínhamos muito espaço nem dentro da sala de aula. Nosso refúgio era o Centro Acadêmico. E quando tinha outro professor que sentava conosco no Centro Acadêmico, este era uma virada. Começamos um processo de conscientização, enfrentamento. A UNE aprovou o Movimento Contra a Ditadura (MCD), toda uma estratégia de enfrentamento, disputa, de ir para rua para fazer o debate, para fazer a denúncia na sociedade contra o Regime Militar. Um setor amplo da classe média, que tinha apoiado o Golpe, desiludi-se muito rapidamente, setores da Igreja também. Nesta época, 1964, 1965, 1966, neste período. O MCD é de

66, e foi aprovado no Congresso, muito homogeneizado pela Ação Popular (AP), que era o braço político dos antigos movimentos da JEC, JUC. E num certo trabalho da Igreja. A AP era a principal força política no Movimento Estudantil, até porque até 1964, era uma espécie de contraposição à esquerda, ao Partido Comunista, no campo do progressismo, no campo da esquerda, ainda com o caráter um pouco anti-comunista, anti-PC. E logo depois a AP vai virar marxista-leninista, APML. Enfim, ali o debate, o enfrentamento com o Regime fez uma reviravolta em todos esses grupos e organizações. O PCdoB também se divide, era maoista nesta época, a ala vermelha do PCdoB rompe também. Nós que éramos do PC, eu comecei a militar no PC. Primeiro ali na Filosofia, com as pessoas que se identificam mais com a linha do Partido Comunista. Quando eu fui para a Economia em 1966, passei de maneira mais orgânica, já militando numa célula, lá na “filo”, nos já tínhamos em 1965, já tínhamos uma célula, que tinha umas 30 e tantas pessoas. Tu imagina o que era numa época de ditadura tu se reunir com 30 pessoas (risos).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Me diz uma coisa, tu foste para a Economia em 66, mas não saíste da História?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Eu parei o curso. Como já trabalhava não tinha como fazer os dois, então suspendi, temporariamente, ou até ter condições de fazer cadeiras lá na História. Fui para Economia, mas daí coincidiu que eu fui demitido do Banco, eu e outro funcionário. Em 1965, por exemplo, fizemos uma greve, eu estava na matriz ainda, acho que foi a primeira greve, em plena Ditadura, do Movimento Sindical aqui em Porto Alegre dos bancários, mesmo sem o Sindicato, que estava muito reprimido. A direção do Sindicato não era totalmente favorável, dividia a diretoria. Sei que a greve saiu de qualquer jeito. Conseguimos parar alguns bancos. Também eu já começava a ser visto dentro do Banco como uma figura não muito bem vista e com o movimento estudantil, começava a aparecer. Era preso em uma passeata, mas sempre coisas que tu ficavas preso uma hora, fazia um cartório ali e era liberado. Ou inventava uma história, não tinha uma repressão maior, digamos do que, ainda as garantias individuais tinham algum respeito e..,

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E a tua demissão do banco foi em virtude da tua militância?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É mas... lá no, é que lá no Banco deu um problema com o cliente lá na Azenha. O Banco aproveitou para demitir quem era chefe das contas correntes. O contador da Agência também foi demitido. Aproveitaram para demitir os dois, não teve um caráter, um cunho, abertamente, ou diretamente, de perseguição política. Não teve esta característica. Mais quando eu vim trabalhar no IPE quando era ali em cima, na Borges, que eu fiz concurso. Saí do Banco e daí fiz concurso para o IPE e para a Petrobras. E fui aprovado nos dois, mas a Petrobras demorou muito e não chamava, aquela coisa toda. Eu comecei a trabalhar no IPE.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu chegaste a assumir no IPE?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Sim, sim. Trabalhei no IPE um ano e pouco entre a Rua Fernando Machado e a Demétrio Ribeiro, no prédio antigo. Claro, ali já começou este problema, na época não existia o assédio moral, eu já era mais conhecido. E tinha gente lá que também era da faculdade, estudantes da universidade que trabalhavam no IPE, ou temporariamente ou concursados também. Ali eu tentava e procurava separar bem minha atividade lá no Centro Acadêmico, minhas coisas e o emprego/trabalho, porque eu tinha que sobreviver. Mas ali no IPE, como as pessoas tinham problema de salário, de reivindicação, nós organizamos por fora da associação dos funcionários uma paralisação. Foi muito engraçado, porque pessoas que trabalhavam comigo na seção, a gente envolveu pessoas que foram na coragem, que não tinham muita vida sindical, mas foram porque precisavam, achavam que o salário estava, e tinham uns 10% que achavam, que tinham prometido, e que não pagou, e isto era o “motim”, porque o Instituto era autarquia, tinha dinheiro e não pagou, porque era orientação do governo. O famoso 10% nos levou lá a um enfrentamento. Aí conseguimos com, era meu professor de economia (Alberto André), e eu consegui emprestado com ele a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI). O Professor me emprestou ali. Ele era, se não me engano, professor de Introdução

ao Direito, alguma coisa parecida. E ele não era o catedrático, ele era um auxiliar, assistente, naquele antigo sistema dos catedráticos que tinha. Nós fizemos a assembleia que encheu de gente ali na ARI. Foi um escândalo, enchemos de gente. Nunca tinha acontecido isso. Começamos a trancar a entrada e a saída ali, para distribuir panfleto. Daí eu fiquei muito marcado por isso e me trocaram de setor. Daí fiquei muito marcado com isso, me trocaram de setor, e já começam a aparecer a ação direta, me colocaram lá no canto, sem contato com público, em um serviço completamente absurdo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nesta época tu já eras Presidente do DCE?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, fui eleito em 1968 para o DCE. Eu saí do IPE quando eu fui preso em Ibiúna/SP. Eu fui para o Congresso de Ibiúna.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foste como presidente do DCE LIVRE?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Sim, foi em setembro/outubro de 1968. Eu estava. Foi muito próximo. Não me lembro exatamente o mês da eleição, mas era, ou foi no mês da eleição ou já estava em disputa eleitoral. Eu sei que no Congresso de Ibiúna eu fui como delegado daqui. Era uma delegação grande daqui para Ibiúna. Fomos todos presos. Quando eu voltei para cá não tinha mais clima. Eu simplesmente nem fui mais trabalhar no IPE.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chegaste a ser demitido?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Eu nunca fui ver exatamente qual foi a figura ou como este negócio foi encaminhado. Era uma situação, assim que também, talvez, não sei, se isso ia gerar. Mas as condições que já existiam dentro do trabalho eram péssimas, muito ruins. Era um clima insuportável tu ficares em um canto lá, fazendo um trabalho completamente absurdo que eram reproduzir umas fichas de papel, os benefícios pagos, um por um, aquilo era um castigo, uma coisa irracional. Nós dizíamos que aquilo era uma irracionalidade, ficar alguém passar um dia, ficar lá fazendo mecanicamente as

coisas, porque naquela época não existia computador. De modo que tinha que fazer isto aqui de tempo e tempo. Não tinha cabimento, era um castigo, ficar reproduzindo números e fichas aqui como controle, etc. Bem, daí eu saí do IPE e a repressão começou a aumentar, porque esta história do DCE, que já era bem mais visado. No final do ano o AI-5 complicou ainda mais a vida, porque se ainda tinha, me lembro quando a polícia cercou o Centro Acadêmico da Filosofia e queria levar o (José) Loguercio de qualquer jeito, porque o Loguercio era o Presidente do Centro Acadêmico, numa luta de excedentes, porque estavam lá pais, mães, avôs, era um “troço” tranquilo. (membros da comissão conversam entre si). A figura do excedente, porque o cara passava no vestibular e não tinha vaga. Então, no Centro Acadêmico nós fizemos acampamento ali na Geologia. Então teve uma reunião numa noite e tudo era desproporcional ao fato. A polícia cercou, fechou e lá dentro estava todo mundo: pai, mãe, tio, lotado de gente aquele Centro Acadêmico. E a polícia cercou, devia ser 7, 8 horas da noite, e daí ninguém entrava e ninguém saía, e nós colocamos um cadeado na porta. Acho que já era 1967/1968 (Gestão). Eu me lembro que a negociação final foi liberar as pessoas. Eles queriam principalmente a diretoria, em especial o Loguercio, acabou negociando que haveria advogado e familiares, que ele iria se apresentar no DOPS no dia seguinte acompanhado de advogado e família. Saímos no empate, meio como ocupação.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas era o (José) Loguercio, o irmão da Mara?

CÉLI PINTO: Sim, aquele que esteve aqui.

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, tinha..na ocupação em 1967, na ocupação do RU também, a gente, o Pedro Américo (Leal) comandava as tropas do DOPS e da Brigada, ele era o delegado do DOPS naquela época, e daí conseguimos negociar um acordo de madrugada de empate. Quer dizer, nós saímos e não prendiam ninguém e nós abandonávamos o prédio lá pelas 4, 5 horas da madrugada. E que ainda tinha um grau de negociação, que acabou depois de 1968. Daí meu apartamento foi invadido, levaram livro e o clima começou a ficar muito difícil. Mas nesta época eu tinha feito concurso e estava esperando ser chamado na Petrobras.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu não estavas trabalhando então?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Eu sobrevivia dando aula em cursinho, eu fazia uns “bicos” no Centro Acadêmico da Economia que tinha lá uma produção de polígrafos, tinha lá uma pequena “off-set”. E o custo de reprodução era muito baixo. A gente comia no RU, morava numa república na Rua da República, num apartamento, e com mais dois ou três colegas, uruguaianenses que também estavam na Universidade, que também já estavam trabalhando. Um trabalhava no Banrisul e outro no Banco do Brasil. Bem, a gente ia levando. Daí me chamaram, porque o concurso começou a chamar, fui chamado e fiz todos os testes, fiz todos os exames e marcaram data para mim começar a trabalhar. E daí fui, muito satisfeito, porque entrar na Petrobras era uma boa e eu já estava no segundo ano de Economia. Optei pelas Ciências Econômicas, o curso ali tinha Contábeis e Administração. Mas no dia que eu comecei a trabalhar, me deram um “chá de banco”, me chamaram de novo no departamento pessoal dizendo que havia dado um pequeno problema, um engano, e que eu ia ficar num cadastro de espera por mais um tempo, por mais uns meses. Dois, três dias depois eu me encontrei com um conhecido, que por sinal, por coincidência tinha sido colega aqui no IPE, que também tinha feito concurso, tinha feito concurso e já estava trabalhando. E daí ele: “olha, o problema lá não é de engano. O problema lá é que tem o coronel que diz quem entra e quem não entra. E a tua ficha lá já está carimbada”, tua ficha já está lá marcada e lá tu não vai entrar. Fui no Sindicato e coloquei o problema. O Sindicato disse que iria ver, mas este tipo de situação era muito difícil de reverter. Se, têm óbices ideológicos contigo, nós vamos perder tempo, porque na Justiça vão alegar Segurança Nacional, vão alegar terrorismo, ou subversão, etc...mas tudo bem, vamos tentar. E o Sindicato ficou de abrir um processo para ver com um advogado que dava para fazer. E eu esperando ser chamado e nunca fui chamado. Depois quando eu fiz um processo de indenização, na época que deu a anistia e a gente entrou, eu fiz meu processo pela Petrobras e não pelo IPE, achando que era mais fácil provar e evidenciar. Nesta época eu fui no Sindicato e consegui recuperar o edital, a lista, todos os aprovados, foram 37, 38 aprovados, e provar que na época pularam meu nome e depois todos

foram chamados. O único que não foi chamado fui eu daquele lote. Enfim, estava sobrevivendo deste jeito: dando aula em cursinho e fazendo curso. Mas em 1969, com o DCE comecei a ser muito visado, deu esse problema de invadiram o meu apartamento, o clima estava muito ruim, e quando deu a prisão do Pila Vales, a gente não sabia qual era a razão, o porquê, que informações a polícia tinha e como o Pila militava conosco, na mesma organização.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Qual era a organização?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Nesta época nós já tínhamos saído, nós rompemos em 1966/ 1967, onde foi um período meio longo de disputa interna, de discussão e debate, e nós saímos do PCB e formamos aqui uma corrente que se chamava Dissidência Leninista do PCB, que ficou como uma dissidência durante um tempo. E início de 1968 nós fizemos uma fusão com a ORM-DS, ORM-POLOP.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: No início de quando?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Acho que foi março, abril de 1968, foi no primeiro semestre, foi quando teve um congresso de fusão dos dois grupos. Isso deu origem ao ORM-POLOP (Política Operária). Era conhecida a sigla como POLOP.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E isso deu origem ao POC?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Deu origem ao POC, se agregou também algumas pessoas de dissidências do “Partidão” no Paraná e pouquíssima coisa em São Paulo. O POC começou a ter uma certa estrutura em estados, via Movimento Estudantil a gente cresceu rapidamente. No Congresso de 1968 de Ibiúna a gente já tinha uma representação e formamos com os outros grupos e correntes, que já tínhamos feito uma aliança no congresso da UNE de 1967, em Valinhos. A UNE e o Movimento Estudantil eram o grande canal de contato, porque a clandestinidade dos grupos, que sobreviviam espalhados pelo país, tinha dificuldade enorme de comunicação. As comunicações eram muito mais difíceis, inimagináveis hoje com a internet, com celular, etc... Aquela época não tinha nada disso, tu tinhas que se encontrar fisicamente com a pessoa. Mas também isso

era uma forma de proteção, era mais difícil a polícia grampear telefone, era mais cinematográfica ainda para polícia brasileira.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A UNE e o Movimento Estudantil funcionavam como um canal de comunicação entre os organismos clandestinos?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Porque quem era de uma organização levava e trazia informações para quem já não estava na Universidade, ou dirigentes, ou grupos que atuavam mais no sindical. Este processo me levou daqui. Tive que sair daqui.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A prisão do Pila, que era do POC, foi a gota d'água?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Foi mais cautelosa. Depois se confirmou que as questões e perguntas do depoimento dele não envolvia a gente. Consegui dar um “desdobre” e acho que logo em seguida ele saiu do Brasil. Mas quem estava na época na coordenação do setor universitário nosso, a orientação foi “vamos sair de cena”. Foi na época que o Matoso saiu daqui, que o Koutzii, a Maria Regina saíram daqui um pouco antes. E a orientação era de que como eu estava no DCE, e tinha terminado de ter eleições, e a gente perdeu. O DCE Livre perdeu para o Loguércio, que era candidato da AP, já apoiado pelo PCdoB. Nosso candidato foi o Matoso. O Matoso e a Beth também saíram. E eu fui para São Paulo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E isso é 1969?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, foi no início de 1970. Eu nem cheguei a voltar para a universidade em 1970..porque..

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Janeiro ou fevereiro? O início das prisões

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Um pouco...não as prisões aqui acho que foram mais tarde, foram lá para o meio do...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Março, começo de abril? Depois da tentativa do sequestro.

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, eu saí, acho que foi bem no início do ano. Se não me engano foi início de 1970 ou fim de 1969. Início de 1970 é mais certo. Fui para São Paulo e na solidariedade do grupo e da organização. Fui para um apartamento de um casal de companheiros. Ele era um cara que militava também na área de igreja episcopal, tinha estudado Teologia, mas tinha também na “cara limpa”, no que fizeram nas faculdades de Teologia em São Paulo em 1968, na Metodista e na Episcopal. Teve cursos que chegaram a ser fechados, alegando que as faculdades de Teologia de algumas igrejas eram antros, centros de formação subversiva. E ela era estudante da USP de História. Sueli e Milton. Mas a gente não se conhecia. Eles militavam no POC e a gente não se conhecia por nome, era só codinome. Eu fiquei fechado até a Copa do Mundo de 1970 no apartamento. Quando saía, saía cheio de cuidado para não saberem onde eu estava. Só mais tarde depois que eu vim conhecê-los pelo nome e saber onde eu fiquei ali no “Sumarezinho” em São Paulo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Avisaste a família?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, eu avisei a família que eu estava indo para São Paulo e não dei muitas informações. A família já estava preocupadíssima. Já vivia uma tensão permanente do que podia acontecer. Daí, lá na organização, começamos a ver um grau de implantação. Eu não ia ficar fechado em um apartamento. Até porque eu também não tinha nenhum processo ainda formal. Já era perseguido, visado e sofria perseguições deste tipo: no emprego aqui, no emprego na Petrobras. Mas, daí fomos morar em Osasco, junto com outros militantes também. Ali perto da Cidade de Deus, perto do Bradesco. E alugamos um apartamento, que não estava no nosso nome, estava no nome de pessoas que já tinham saído do Brasil: Helena Hirata e o companheiro dela. Estava no nome deles e o aluguel. Eles não tinham nenhum risco, porque já estavam em Paris, estavam na França. Nós fomos morar lá para montar m trabalho em Osasco. Um companheiro da Física, que faleceu depois na Nicarágua em acidente, num jipe, anos depois no exílio, e um companheiro que era metalúrgico, que depois acabou vindo para o Rio Grande do Sul e foi preso, com as pessoas do POC daqui. E depois nós nos reencontramos na Ilha como presos políticos. Estanislau foi preso aqui, mas

militava lá. Quando prenderam o Régis Andrade e o Araújo, e havia alegação que o POC vinha reunindo com a VAR-Palmares. A partir da prisão do Régis Andrade, que era professor da USP, ele era o cara que fazia os contatos conosco. Quando ele furou um, dois encontros, nós saímos do ar, porque esta era a regra, era a orientação. Tivemos que sair na corrida de Osasco, fiquei lá alguns meses só. Acho que o Polaco (Estan) veio em seguida para o Rio Grande do Sul. Eu fui para uma pensão no bairro Higienópolis em São Paulo. E neste meio tempo, como não consegui trabalhar em Osasco, cheguei a fazer uma seleção em Banco e enquanto esperava resultado, consegui dar aula em um Cursinho. Fiz um teste e comecei a trabalhar em um cursinho em São Bernardo: Curso Bandeirantes, que tinha curso pré-vestibular e preparação de exame para primeiro e segundo graus. Era um curso para quem era politicamente de esquerda era importantíssimo, não que isso fosse planejado pelos donos, que não eram militantes, mas eles montaram o curso de acordo com o horário das fábricas. Então, para quem queria fazer trabalho político. Eu tinha a turma da GM, da Mercedes e da Ford. Eu dava aula para grupos bem homogêneos, porque pegava as turmas que estavam nos horários bem complicados. Eram horários que não eram tarde ou noite, eram no meio da tarde, no meio da noite, das 10 h à 1h 30 min, 2 horas. Os horários estavam montados de acordo com os turnos da fábrica. Eu trabalhei lá até ser preso. Claro, que lá tive que abandonar. Neste período eu consegui também trabalhar no centro. Peguei outro Cursinho: Santa Inês, que um curso grande e muito conhecido em São Paulo. Eles trabalhavam com “madureza”, com 2º grau e daí abriram um pré. Bem perto, por coincidência, de onde é hoje a Sede Nacional do PT.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Lá tu estavas trabalhando com outra identidade?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não. Lá eu estava trabalhando com a minha identidade, porque eu contava com a sorte, digamos, que a polícia brasileira não era nenhum exemplo. E também não tinha o que tem hoje.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E a prisão? Como é que chegaram?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: A prisão foi quando eu comecei a trabalhar no curso Santa Inês e isso me deu possibilidade e eu já estava estabilizado financeiramente. Eu saí da pensão e fui morar em um apartamento pequeno lá atrás do Museu Ipiranga. (risos) E o Museu do Ipiranga ficava bem no meio do caminho, porque eu trabalhava na Sé e em São Bernardo. Então, o Bairro Ipiranga era no meio do caminho. Ou pegava um ônibus para ir para São Bernardo, em Rude Ramos e não era nem no Centro, ali onde é a Universidade Metodista, na época era um bairro de São Bernardo e o curso funcionava ali. E no Centro era ali no lado da Praça da Sé, ali na Tabatinguera. Era ali que funcionava o Santa Inês. Eu não sabia, mas tinha outro militante do POC que também era professor lá. Mas nós não nos conhecíamos. A gente não sabia. Até que um dia, tinha um companheiro que estava em São Paulo e que ia para o Chile, que ia precisa ficar. Esses companheiros, este casal que eu fiquei na casa deles um tempo, eles saíram do Brasil. Os dois conseguiram sair e foram para o Chile. Mas tinham outro companheiro que ficou, acho que dois, três dias, duas, três noites lá no meu apartamento, e a gente já se conhecia daqui. Ele ia passar por Porto Alegre para ir para o Chile também. E foi a famosa coincidência de que quando passaram por Porto Alegre, deu uma prisão grande de membros do POC aqui em Porto Alegre, e ele estava junto. E foi aí que eu imagino que apareceu meu nome e uma identificação por onde eu andava. Ainda que na época lá, o apartamento, não sei qual é o grau de identificação que ele podia fazer, porque ninguém entrava ou saía sem estar com olho fechado. Era um esquema de tentar manter. Quando eu tinha combinado, isso que me deu segurança de que foi por este caminho. Eu tinha deixado um encontro marcado com a possibilidade de alguém que viria do Rio Grande do Sul para São Paulo. E nós marcamos o ponto e ele era o responsável por passar esta informação. Eu fui ao encontro. Mas como tinha muita gente e estava chovendo, prenderam o cara errado, ou seja, eu escapei assim, lá no Cine Bruni de Santo Amaro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chegaste a ver o cara ser preso?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, eu tive notícias depois na OBAN o quanto o coitado apanhou para dar explicações. E por azar

ainda o cara tinha uma carteira do cultural Brasil-União Soviética. Mas o cara não tinha militância e não tinha nada. É que o cara tinha mais pinta de subversivo do que eu. Ele estava de jeans, estava barbu-do. Nós entramos juntos no Bruni – Santo Amaro. Ele é um corredor e lá no fundo que têm lanchonetes, lojas, etc. Achei estranho um cara no meio da chuva e no meio da calçada, tendo uma calçada que dividia e um canteiro central. O cara preso está lá dentro do camburão. E quando eu entrei os caras apontaram e este do meio passou para a equipe que estava com o Bruni. E nós entramos juntos na lanchonete e o cara, nem terminei de fazer o pedido, e caíram quatro, cinco caras em cima do sujeito na lanchonete e já tocaram ele na parede, metralhadora e pistola. Foi aquele burburinho, tumulto na lanchonete. Dei a volta e saí caminhando. Um cara saiu atrás de mim, acho que meio desconfiou. Até algemarem o cara eu saí. Caminhei duas, três quadras e dobrei à esquerda. Eu até conhecia aquela rua, porque tinha um amigo meu que morava lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o cara atrás de ti?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: E o cara veio atrás de mim. Quando eu dobrei a esquina. O cara não veio sozinho atrás de mim, não sei se achou que eu podia estar armado ou alguma coisa, e o sujeito voltou. Eu desci a rua. Eu conhecia a rua, por causa de um colega, uma coincidência dessas. Era um cara colega meu aqui na Economia, que foi transferido do Banco para São Paulo e era um cara que eu visitava de vez em quando. Quando eu vi que não tinha ninguém me seguindo eu fui até a casa dele. Entrei e fiquei uma hora, uma hora e pouco. Depois saí e voltei. Daí era evidente que o apartamento eles também já sabiam. Então eu não voltei mais para o apartamento. Confirmei que o apartamento já tinha sido invadido, porque liguei lá para o Bandeirantes e fiz uma conversa mole, uma conversa fiada. Eles brincavam muito comigo com história de gaúcho. Daí um dos diretores me disse: “ontem sentimos tua falta e não apareceu. Até veio umas visitas ontem para ti. Uns senhores bem arrumados vieram atrás de ti e queriam falar contigo”. Nunca mais voltei a São Bernardo, nunca mais voltei ao curso. Ficou aberto o Bandeirantes na minha carteira e o Santo Inês, aí eu...eu tive...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Abandono de função e depois abandono de emprego... (Parou em 58:)

RAUL JORGE ANGLADA PONT: E no Santo Inês, eu imaginava que eles iriam encontrar também, porque eu fazia apostilas, polígrafos, aqueles negócios para o cursinho. Daí eu contatei com um professor, um colega no Santa Inês e me disse: “ó cara, bateram aí, a polícia pegou um cara ligado ao POC, parece que era um professor”. Eu conhecia o cara, conhecia por codinome, já tinha visto, mas não sabia, porque ele trabalhava em um horário. E aí dançou né? não posso voltar em nenhum dos empregos. E daí eu contei aquela história. Eu voltei de dia na rua, na Amador Bueno, se não me engano, não lembro o nome, na direita do Ipiranga vai, e todo o fluxo que vem de São Bernardo vem pela rua debaixo. Peguei o ônibus e vim caminhando pela rua debaixo, olhando, porque o meu apartamento, os fundos, eu morava em um apartamento de fundos, eu deixava sempre a persiana entreaberta. E tinha uma roupa pelo lado de fora, só eu morava lá. Cheguei e fiquei em um boteco na esquina que dava para ver bem, parei para tomar um café, fiquei olhando e tal. A janela estava fechada e a roupa retirada do troço, eu digo: “bah, se foi também a minha roupa, se foi os meus livros, se foi tudo”. Eu estava com a roupa do corpo e resolvi ir para um conhecido em São Caetano, que era sogro da minha irmã. Era um metalúrgico velho e aposentado, mas que tinha sido militante do Partidão, inclusive. Depois casou, sua mulher era muito religiosa, ele também largou o Partidão e se aproximou da Igreja Metodista por causa da mulher. Mas o cara tinha uma consciência, tinha clareza e sabia do que estava acontecendo no país. Eu fui lá e disse o que tinha acontecido, se posso ficar ali alguns dias lá. Disse que estava me preparando para voltar para o RS e acho que vou ter que sair do país. Disse para mim ficar, porque a casa era grande e os filhos já tinham saído e casado. E eu fiquei lá com este casal de sogro e sogra da minha irmã, que ninguém conhecia e que ninguém sabia. Para me achar lá era impossível. Mas daí confiei muito na sorte, achando que sem emprego e sem apartamento. O drama que as prisões em São Paulo também estavam aumentando. E eu tinha contato com o pessoal da USP e tinha um ponto marcado. E eu fui para dizer o que tinha acontecido: perdi o emprego, as coisas estavam desandando e como vou sobreviver aqui. A organização estava cada

vez mais de termos laço constantes e permanentes e regulares. Neste meio tempo eu tinha ido até para o Rio de Janeiro e fiquei um tempo para tentar, baixar a bola, diminuir e ver se dava para ficar no Rio. Mas a situação também era complicada e daí voltei.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A casa desse casal era no subúrbio de São Paulo?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Era em São Caetano. Aí no dia que tinha esse encontro com este cara da USP, uma menina japonesa, e um cara eu acho da Geografia. A gente tinha combinado um laço que eu tinha com a Organização de longo prazo, para caso desse desencontro. Não sabia nome, nem endereço. Ninguém sabia onde o outro morava: eram regras básicas, mínimas. E este encontro era no Iguatemi na Av. Faria Lima em São Paulo. No meio da manhã, um horário morto de shopping. Marcamos um encontro no segundo andar, no mezanino, e eu fui. Não sabia e o cara tinha sido preso já, o cara estava preso, o sujeito deu a mancada de passar pela USP. Estava proibido de ir a USP e tinha resolver não sei o quê, foi lá e acabou sendo preso. E ele na tortura abriu que ia ter um contato comigo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O contato tinha sido marcado por telefone, ou pessoalmente?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: A gente sempre deixava uma alternativa de tempo em tempo, se furava uma, ali com o Matoso também....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Um pré-agendamento?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, uma forma de a gente ter pontos de referência...

CÉLI PINTO: Até para não se perder completamente do grupo...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Ah, furava um encontro, às vezes podia dar um acidente, algum problema, atrasa, perde aquele contato e não acha mais. Canais transversos....

CÉLI PINTO: Te prenderam no Iguatemi?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É. Quando eu subi a rampa eu vi que tinha umas figuras meio estranhas. O famoso cara lendo o jornal em um canto, outro que não era típico consumidor de shopping em outro canto. Mas quando eu subi a rampa eu senti que eu estava cercado. O encontro era eu, este cara e a japonesa. Aí eu chego na rampa assim, e a japonesa veio em minha direção, um pouco longe num hall grande, e eu apavorado. Como vou dizer que estou aqui cercado também e comecei a fazer um gesto assim... Não olhava para ela e continuava a fazer gestos. E ela deve ter entendido alguma coisa e eu fiz questão de ir em outra direção contrária a ela. E atrás eu vi que conforme eu passava os caras iam saindo de suas posições.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ela deve ter visto...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, fui...tinha uma lanchonete, eu nem fumo e comprei uma carteira de cigarro. Entrei no quiosque e pedi um cigarro. Mas nem terminei a frase. Tinha cara em tudo que era canto com escopeta e metralhadora. Uma equipe toda da OBAN me prendeu. E a cara escapou. A cara continuou caminhando e eu nunca mais vi a japonesa. (risos) Tive notícias depois. Ela não foi presa. Nem sabia o nome também, ela tinha um codinome também. Aí fui preso neste período clássico da Operação Bandeirantes. Quinze, vinte dias de pauleira...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu pode nos precisar o dia, o ano?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: 1971, foi agosto, setembro de 1971. Quando eu cheguei tinha uma comoção lá, porque havia dois, três dias ou uma semana que tinha morrido lá o Merlindo, do POC, que era jornalista também e de Santos, que é uma família que até hoje entra na justiça contra o Ustra e que manteve uma luta permanente. Levaram-me para Tutóia, que na frente era uma delegacia de polícia e nos fundos era um negócio do Exército, era um negócio sob o controle do Exército. Se não me engano, tem ali nos fundos ou atrás, tem um negócio do Exército que até a entrada era...a fachada, a frente da rua Tutóia era uma delegacia de polícia que até hoje acho que ainda está lá. Delegacia de polícia da PM, esse troço, uma delegacia comum, mas nos fundos tinha um departamento, tinha uma

divisão: celas. Tinha cela assim, tinha uma parede no meio, um vão aberto, e aqui tinha um outro corredor de celas e ali tinha uns quinze dias, umas duas semanas...todo mundo ficava ali em uma fase de interrogatório. Não sei todos os casos, mas tu chegavas levando pau para saber onde estava. Te davam umas pauladas e o troço assim fisicamente, mecanicamente já para saber que não....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só para saber, que tipo de violência? Era soco, pontapé, só para saber....

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Quando me identificaram ali né? porque já tinham minha identidade e o codinome que eu usava, comentaram o caso do sujeito que tinha sido preso por engano na equipe lá. “Ah, tu escapo, mas dessa aqui tu não escapa”. Logo em seguida me botaram na solitária, que era um esquema também, conversando com os outros, usado com quase todos para te quebrar aos poucos, para te sentir impotente. Daí tu ficava à disposição, porque eles tinham um esquema quase científico, onde equipes giravam, quase sempre comandadas por alguém da Aeronáutica ou do Exército, quase sempre capitães, e o comandante da OBAN neste momento usava o codinome de Major Tibiriça, que era o Carlos Alberto Brilhante Ustra. E aí tu não tinha hora para depois de dois dias de solitária te tiravam de lá para o choque, cadeira do dragão, cadeira eletrificada, pontapés, soco e pau-de-arara. Eu achava o pior a cadeira do dragão, que era uma cadeira metálica, eletrificada, ou combinando isso com pauleira pura né? De assim, pontapé, soco....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o pau-de-arara?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Também, usavam a Maricota... eu acho que pior era ao menos... o pior foi a Cadeira-do-Dragão, que era uma cadeira metálica, eletrificada, uma sensação que te descola por dentro. Parece que descolava a pele, era uma sensação muito desgraçada...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Desculpe eu te perguntar, mas eles te colocavam nu ali?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Sim, é sempre tinha também esse negócio que era outra forma de te manter...os interrogatórios quase sempre eram...tu chegava já tinha que ficar nu, tinha que tirar a roupa.

CÉLI PINTO: De capuz?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Nos interrogatórios não, o primeiro dia... eu acho que na OBAN tinha um sentimento de impunidade e de poder. Um dia que eu estava na cadeira do dragão, que o Ustra entrou diretamente na sala, e ele também depois conversando com outros, que não era uma tática incomum. Ele entrava e dava uma bronca em todo mundo: “o que estão fazendo com este rapaz, olha os hematomas, traz uma pastilha, dá um copo de leite”. Ele vinha com uma conversa mole que um bom tratamento era possível, desde que você colaborasse ou dissesse alguma coisa. Então se tu não dizias nada, voltava a “pauleira”, no caso concreto, reiniciou com ele mesmo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso é importante, e eu também já sabia...ele mesmo participava das torturas?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Num dia ao menos em que, depois os interrogatórios, a moda lá, o ruim, tinha esse esquema de ter equipes, o tensionamento, a sensação que tu sofrias de não saber se tu ias ser levado, de manhã, de noite. Tu eras chamado para interrogatório e cada vez que tu tinhas que dar, ou inventar, ou levar para encontrar alguém num endereço que era exigido, se tu inventava ou não acontecia nada, porque te levavam, as condições que a gente ia, já era um elemento de afastar de qualquer um. Eu fui. Me botaram lá porque eles queriam um cara que era da Abril e eu conheceria. Depois de muito apanhar e eu sabia que o cara não estava mais na Abril, que ele já tinha saído, eu dei um ponto. Disse que me encontrava com ele sábado à noite na frente do cinema lateral na Praça Roosevelt, e eu digo: “eu sei o nome”, “ah, mas tu sabe”, eu: “não sei, não sei”, “não sabe?”, “não sei”, e pau e pau.. “não sei, eu me encontro com ele às vezes, a gente passa lá, não me lembro a hora, dez horas, no meio da sessão”. Aí me levaram lá e botaram, estava cercado, e me deixaram sozinho no lado da bilheteria na porta do cinema. Mas eu estava todo

marcado, barbudo e sujo. Assim, por uma coincidência desgraçada, ali tem um supermercado na praça, e sai do supermercado um cara que tinha sido um colega daqui. Felizmente o cara não me viu e eu vi o sujeito atravessando a rua...o cara, esse desgraçado vai me cumprimentar, vai parar para falar comigo...pois nós não nos vemos há tanto tempo, mas o cara não tinha nada que ver com nada, o cara estava saindo do supermercado. Mas assim, o sujeito....

(final da primeira gravação, início da última parte).

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Chegava ali e apanhava de novo, porque não deu certo o ponto. Levaram-me em São Caetano, São Bernardo. Era o jeito da gente dar uma aliviada e uma escapada. E inventava umas histórias. Este foi o período da OBAN. Foram quinze dias que a gente...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo tu ficaste lá?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Olha, de quinze á vinte dias. Não sei precisar exatamente. Não foi menos que duas semanas que a gente ficava na OBAN. E aí foi quando o meu velho....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Um pouquinho antes, só... já vou chegar neste ponto. Tu és capaz de reconhecer as equipes? Como o Ustra, tu consegue identificar mais alguma pessoa?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Um cara que estava lá na época e que até saiu uma reportagem há pouco tempo atrás com ele, trabalhando na polícia do interior de São Paulo ou de Minas, que era o “JC (Jesus Cristo)”, apelido. Era um dos piores torturadores. Foi bem na época que identificaram que o Lamarca estava na Bahia ou sei aonde. No meio do interrogatório ele entrou para falar com o capitão, que estava comandando. Ele estava fazendo o registro em uma máquina que eu reconheci porque era uma máquina que era igual a minha, a letra era daquelas pequenininhas, Olivetti, que eles estavam batendo um informe do Lamarca. E ele lamentando, porque queria ter estado ou porque queria ir. Era o registro da morte do Lamarca, e ele se lamentando porque não pode estar presente, porque era a presa que ele mais desejava.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: (pergunta sobre a identificação deste “JC”).

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Ele está identificado, porque aquela lista que nos publicamos no “Em Tempo” com 400 torturadores. Esta turma está identificada. Tinha um tal de Adelmo, se não me engano, um dos capitães. Primeiro, eles usavam codinomes, mas tem esses levantamentos da época do jornal. Quem eu marquei mesmo, por ser o comandante, e depois quando eu saí e voltei para Porto Alegre, eu comecei a trabalhar na Unisinos. Em 1977, eu entrei para dar aula na Unisinos, e por essas coincidências da vida, um dia eu estou no ônibus e abro o jornal e está lá na coluna social Comandante do quartel de São Leopoldo, o Ustra, comandando aqui não me lembro, o 19º, acho que é o 19º que ficava no lado da Unisinos. E na coluna social, dizendo que era um pai de família, muito querido na cidade e um cidadão exemplar. Jogando tênis no clube. Até comentei com uma aluna minha, que estávamos voltando de ônibus para Porto Alegre, e a guria teve um choque, porque a guria disse que conhecia ele e também frequentava o clube. A guria teve um treco, quando eu digo: “olha, esse cara aqui comandava a Operação Bandeirantes lá em São Paulo”. Depois ele sumiu daqui e reapareceu lá em Montevidéu, quando a Bete Mendes denunciou que ele estava lá de adido militar, pois tinham dado um gelo nele para sair de cartaz. Mas os outros não eram as mesma equipe, trocavam as equipes. Se não me engano tinha um tal de Maurício, capitão Maurício. Eu sei que os caras se apresentavam, isso não escondiam. Teve um inclusive, que já nos últimos dias, já não tinham muita informação do que querer arrancar de mais informação, e o cara resolveu dizer que tinha um colega dele, um milico lá, um general, que tinha feito um plano de colonização para a Amazônia. E como eu era professor, e tinha sido preso como professor, às vezes tu inventava umas histórias mais cumpridas para escapar da tortura, eu era estudante universitário. Meu negócio era estudar o país, entender o país, a economia. Era uma forma de tu nos depoimentos “encher linguiça” e fazer conversa. E dar palpite sobre a política, sobre o troço, em um padrão que te retirasse a acusação absurda sobre terrorista e subversivo, de agente não sei do que. Por isso, inclusive, um desses caras que participava tomou a iniciativa, nesse dia até, tu tinha que subir em umas latinhas abertas, tinha que ficar

com os braços estendidos, eles diziam que era “chinês”, “não deixa marca”, só se caia os braços um pouco tu tomavas choque, e com os pés em uma lata. E eles diziam: “Essa aí é suave, não reclama, essa aí é chinês”. Bom, tu fica 5 minutos, 2 minutos depois tu não aguenta.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que tipo de violência especificamente o Ustra fez?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Em uma sessão que eu estava na cadeira do dragão, ele chegou lá e deu, nos primeiros dias, o papo “que estão machucando este rapaz, e não pode fazer isso, olha essas marcas aí”, porque eu já estava com as marcas e hematomas da paulada, nos braços e nas costas. Este “Jesus Cristo”, no dia que eu cheguei, deu-me uma paulada que eu achei que tinha arrancado o pulmão. Não perguntou nada, só para saber onde tu estás chegando. Este “Jesus Cristo” usava um cabelão comprido, talvez daí que viesse o apelido, era um cabelo escorrido comprido. E era um dos mais... eu me lembro das equipes, que tinha um tal de “Americano”, que era um marginal. Eles viam conversando baixarias, quase sempre histórias de mulher, quem come e quem não come, as conversas daquelas equipes da OBAN eram um lixo, E um dia esse Americano disse: “se mudar este troço aí, te lembre de nós, se tiver que, nós somos profissionais aqui, se um dia vocês chegarem ao poder, etc, nós somos profissional...”. O apelido dele era Americano, e era um das equipes da OBAN que eram uma escória, era um negócio. Eu me lembro que quando eu estava no DOPS, saí da OBAN e fui pro DOPS, em um final de semana prenderam um cara errado, prenderam um subgerente do Bradesco, porque ele foi procurar um mecânico em um cursinho, porque tinha prometido entregar o carro dele antes das 18h, e o cara chegou na oficina, e o carro não estava pronto e sujeito foi em um cursinho onde mecânico estudaria e o cursinho estava vigiado. Era um cursinho que tinha gente AP e o cara chegou lá com um jeito diferente, metendo a cara na porta para ver se achava alguém, não sei o que, os caras grampearam ele na saída, e não adiantou desfilar dez cartões de apresentação. Chegaram lá no DOPS e não tinha mais delegado, chegou como suspeito e daí enfiaram o cara na cela. Nesta cela tinha uns caras do PC da Vila Matilde, tava o japonês que eu conhecia já da POLOP, o Senso Kamaiane, que está em São Paulo e, se

não me engano, trabalha no metrô. Estava o Luis Hirata, aquele que mataram, que era estudante de Agronomia da USP, foi preso como um cara de base da AP, APML. Prenderam ele, e o irmão de uma cara que estava sendo procurada porque queriam o marido dessa mulher, que era dirigente da AP. E a equipe de Fleury levou o Hirata, depois de quatro, cinco dias, preso e sem nenhum interrogatório. Daí levaram e meio que esqueceram o cara no pau de arara. E o sujeito quando voltou para cela, deu problemas nos rins e começou a inchar. Nós conseguimos tirar o cara da cela de madrugada por apelo porque tinha um sargento da PM que era nisei também, e meio na linha da identidade de raça, conseguimos convencer o cara que não tinha ninguém responsável lá de noite. O sujeito tirou o cara e levaram para o Hospital, e ele morreu no Hospital. O tio dele era deputado da Arena em São Paulo, primo da Ariane.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Gerente aquele? Aquele largaram lá?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Esse chorava como uma criança. Levaram ele porque ele reagiu à prisão porque ele estava convencido que ele estava sendo sequestrado por assaltante, pelo aspecto físico. Primeiro disseram para ele que tinha uma cela vazia, e titubeou e resolveu na cela que tinha gente. Aí ele entrou, e começou a contar uma história inacreditável. E a gente: “mas não é possível”, “sim, eu sou subgerente”. E esse desmanchou em lágrimas e chorava, chorava. “A minha mãe, eu moro com a minha mãe, ela vai ter um ataque, ela não sabe onde que eu estou, o que vai acontecer, e eu preciso de um advogado, não tenho advogado”. Estava ali, fodido, preso. Esse coitado só na segunda-feira que venho gente do Banco, começaram a procurar, a mulher foi na polícia, para dizer que tinha desaparecido. O aspecto dessa turma era tão marginal. O cara estava convicto que era um bando de terrorista, que iam pegá-lo porque ele era subgerente, era assalto ao banco. Ele reagiu, gritava, gritava, e esperneou, aí os caras deram um pau nele: “ah filha da puta, agora tu vai” e tocaram lá no DOPS.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E tu estavas lá no DOPS quando isso aconteceu?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Foi porque essas histórias de cadeia, que passa junto na hora ali...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tá, mas era isso que ia te perguntar, tu estiveste uns quinze, vinte dias na OBAN e foi pro DOPS ali...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, para começar, ali no DOPS era o cartório, só que, como teve um voo para o Rio Grande do Sul trazendo uma turma da ala vermelha do PCdoB, e mais não sei quem que estava preso, eu sei que aproveitaram esse voo para me colocar no mesmo voo, porque eu estava pedido também aqui pelo DOPS daqui.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esta altura que teu pai já estava? Sabia que tu estava preso...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, o sogro da minha irmã ligou para Uruguaiana, entrou em contato e disse: “olha o Raul estava aqui, não voltou mais, não deu nenhum telefonema, não me avisou”, provavelmente pelas coisas que eu tinha colocado para ele, “eu acho que ele foi preso”. Daí o pai se apavorou e foi para São Paulo. Sem rumo e sem orientação se foi para São Paulo e acabou conseguindo informação que eu estava vivo através da Maçonaria. Os contatos que ele em São Paulo eram da Maçonaria e chegaram até um oficial lá, aí o cara, no fim não deixaram, ele não foi na Tutoia. Apenas disseram que eu estava vivo, que eu estava preso e que eu ia ser transferido para o Rio Grande do Sul. Mas não deram data e nem dia, nem coisa, mas que ele podia ficar mais tranquilo, que eu estava preso e que ia ser transferido para o RS. Aí eu fui, teve esse episódio lá de passar pela, pouco tempo ali, fiquei pouco tempo ali, não fiz o cartório. Daí me trouxeram para cá e fiquei mais um tempo no DOPS, fizemos cartório aqui no DOPS me levaram para a Ilha.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Perdão, e no DOPS aqui, tu sofreste violência?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, aqui só fui preso. Na época o Pedro Seelig era dirigente.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso que ano é? Era 71 ainda?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Sim, é que a turma do POC que tinha sido preso em 1971 já estava todo na Ilha. Não sei se eles achavam que não tinha mais nada para levantar, perguntar, se tinha desinteresse nisso, ou se estavam interessados em outra investigação.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quando tu chegaste, eles avisaram teu pai?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Quando eu cheguei, a minha irmã veio a Porto Alegre e ela e o filho pequeno na época, era o mais velho dos filhos dela. Foram lá e foi a primeira vez que tive a possibilidade de conversar e ver alguém da minha família. Tenho até foto no pátio do DOPS aqui de Porto Alegre, aí dei um relato para ela, o que tinha acontecido, que tinha passado por poucas e boas, mas que estava vivo que estava aqui e daqui para frente a tendência não vai piorar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo tu ficaste no DOPS?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Fiquei um mês mais ou menos, aí fui para a Ilha já era quase final de ano, já verão, eu lembro que eu cheguei lá já estava começando o verão. E pouco depois chegou uma ordem que eu voltaria a SP para fazer cartório, a formalização do processo. Daí, voltei e me levaram lá para o Tiradentes, eu passei no DOPS um dia, dois dias, e me levaram para o Tiradentes.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E neste período não foste mais torturado?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, o período mesmo de tortura foi na OBAN. Lá no DOPS fui formalizar lá um processo no cartório e aí...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ficaste preso no presídio Tiradentes?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Sim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Fiquei no Tiradentes mais...acho que um, eu me lembro que eu cheguei lá, uma coisa que eu me lembro bem, acho que foi bem no final do ano que por coincidência a cela que me botaram caiu no dia do sorteio da televisão, tinha um sorteio que era uma televisão que passava de cela em cela, e eu gravei isso porque era o dia da São Silvestre, dia 31 de dezembro. Nós assistimos a São Silvestre pela TV, que era um dia que aquela cela estava com direito a TV e troço, que era cela do lado onde estavam o Frei Tito, o Frei Beto, que era a cela dos freires, dos capuchinos.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chegaste a ficar um ano lá?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Não, fiquei lá acho que um mês, por aí, e me trouxeram de volta para Porto Alegre, e já direto para a Ilha e fiquei até dezembro de 1972, que foi quando deu o julgamento.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu só tiveste processo só aqui na auditoria de Porto Alegre?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: É, eu acho que o processo de São Paulo veio para cá, ou foi arquivado. Eu nunca mais voltei a responder ele lá em São Paulo, o meu processo....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu voltaste para o Tiradentes? O teu pai já...sim daí tu já estavas localizado. Teu pai já tinha procurado advogado, já estava sendo defendido aqui...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Por sinal o “Seu Guazzelli”, (risos) mas ai já tinha contato, porque lá, apesar do, como o pai e mãe não podiam vir porque moravam em Uruguaiana, mas aí tinha visita na Ilha aos domingos, dos presos mais antigos. Ali tinha uma rede de informações, uma rede de contatos, uma rede de recados e fluxo semanal. O pai e mãe vieram ao longo do ano, umas duas, três vezes...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tinha dia de visita lá na Ilha?

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Domingo. Os domingos eram dia de visita, mas dependiam da barca, se o rio estava com vento e coisa,

era suspenso. Ou às vezes eles inventam umas batidas de segurança, só para “encher o saco” da família, e às vezes endureciam a revista, outras vezes afrouxavam. Mas isso foi um ano, fiquei até dezembro e sai de lá para a Auditoria Militar. Porque denunciemos o processo, a peça acusatória, todos os do POC que estavam no processo juntos, a gente denunciou, criou uma situação complicada, porque o juiz era aquele Toninho e outros quatro oficiais militares, a cena, uma palhaçada aquilo, um troço, uma farsa...a gente, lida a peça acusatória, a gente levantou em coro, em loco, aquilo tudo tinha sido tirado sob tortura que ao valia nada, não tinha prova, não tinha acusação e daí criou um clima, e o Toninho acabou dizendo que o julgamento seria com base no discurso do promotor lá, no discurso do cara que acusava. O Fabinho, o Fabio Marengo, irmão do guri ali, da política, do Andrezinho, o Fabinho foi o único que continuou preso, porque ele foi o único que foi condenado a três anos, dois anos e meio, três anos. Os outros todos saíam no dia. Fui condenado à 4 meses, cinco meses, já tinha cumprido um ano e meio. Os outros também, a condenação foram em média 4 meses, 5 meses, 2 meses, não sei o que... eu me lembro que do nosso processo, o Fábio foi o único que ficou, porque pesava sobre ele acusações de que ele era de um grupo armado do POC, que teria feito desapropriação, mas também sem provas, sem evidências, mas ele ficou, aí depois ficou um pouco aqui, se não me engano, foi transferido para São Paulo, porque a mulher dele, na época, depois separaram, ela estava em São Paulo, uma cara que era arquiteta. E eu cumpri uma parte aqui, agora não me lembro. Mas é isso, neste período, claro que as seqüelas disso... arrumar emprego depois, inserir socialmente, para dar explicação para as pessoas não é mole. E isso acho que o grande prejuízo, é exatamente o fato de que tu ficas com uma marca, não tem história de mocinho e bandido, na sociedade, o cara fica com a marca de preso, não interessa se é político, não é político...e na época além disso, tinha todo um, pra conseguir um emprego depois...

CÉLI PINTO: (inaudível)

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Boa conduta....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nós agradecemos muito a tua disposição, vai ficar devendo para a professora Céli o teu encon-

tro, como tu conheceste a presidenta Dilma no Tiradentes lá (risos)... tu estava falando e eu “mas como é que foi aquela história”

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Ué eu fiquei lá e estava com um quisto e já não conseguia dormir e tinha que dormir sentado para diminuir a pressão sanguínea, e aí o Beto, o Frei Beto, lembrou que tinha uma companheira dele que era dentista que estava no outro pavilhão. E como eles não davam assistência médica, assistência odontológica no Tiradentes.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tinha até no gabinete...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Tive que convencer o cara lá, o chefe da guarda lá que me liberasse da cela, os caras me acompanharam até o gabinete odontológico e a companheira era realmente... quando ela estava extraíndo um dente no seco assim porque não tinha...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: mas é engraçado que tu constate que tinha um gabinete odontológico...

RAUL JORGE ANGLADA PONT: Tem, tinha, tinha um gabinete mas que não tinha dentista, e não tinha também..

CÉLI PINTO: Esterilização.

TESTEMUNHO – UBIRATAN DE SOUZA¹

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O nosso trabalho aqui são as graves violações dos direitos humanos. Mas como vocês não chegaram lá de graça tem que falar da militância. Peço que relates tua militância e depois se deter com mais detalhes na prisão e posterior tratamento “humanitário” que recebestes.

UBIRATAN DE SOUZA: Meu nome é Ubiratan de Souza. Sou economista formado pela UFRGS em 1984. Depois que voltei do exílio, porque tive que interromper todo este período, porque tinha entrado na UFRGS antes. Integrei a Vanguarda Popular Revolucionária, comanda pelo capitão Carlos Lamarca. Participei do movimento de resistência contra ditadura em São Paulo, Rio Grande do Sul, na guerrilha do Vale da Ribeira, na Serra do Mar entre a divisa do Paraná com São Paulo, onde está ali a cidade de Registro. Depois nos saímos do Vale em função de um cerco militar, depois militei em SP e fui preso em 03 de outubro de 1970. A minha militância, como eu disse, eu com 16 anos, quando deu o Golpe de 1964, já tinha pleno conhecimento. Meu pai era trabalhista (PTB) e dentro de casa a gente já era a favor das reformas de base. Mesmo com 16 anos já estava atuando ali e conscientemente. O primeiro ato de indignação foi o Golpe. Ou seja, nós ficamos muito impactados, eu e a minha geração que acompanhava aquele governo. Nossos pais inclusive, que estavam acompanhando, que tenham dado um Golpe de Estado em um governo democrático. E que foi golpeado não pelos seus defeitos e sim pelas suas virtudes. As reformas de base, acho que ia já começa... a Comissão da Verdade em nível Nacional ou Estadual tem que resgatar esta violação de um processo político que poderia ter mudado a história do Brasil e das pessoas. Se tivesse existido um processo democrático...pela experiência nossa no Brasil, e mesmo na América Latina, as elites civis e os militares, se eles não concordavam com o governo do Goulart, eles deveriam esperar as próximas eleições e ganhar. Problema que eles não são democráticos, eles vão para o Golpe, porque isso aconteceu no último governo do Getúlio e com o próprio Juscelino. Acho que isso é um elemento fundamente

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1538/depoimento-?-ubiratan-de-souza>>. Acesso em: abr./maio 2015.

das elites brasileiras, que chamam os militares quando não estão de acordo com as transformações que se dão democraticamente a favor da soberania nacional, nacional-desenvolvimentista e com distribuição de renda. Então este foi o primeiro contato com o Golpe, no primeiro dia do Golpe. Depois em 1967 eu e os outros colegas estávamos cursando o segundo ano científico no Colégio João Neves da Fontoura, em Cachoeira do Sul. Fizemos uma chapa para concorrer ao Grêmio Estudantil. Nesta chapa, nós defendíamos, fizemos um programa contra a reforma universitária, que unificou todo o movimento estudantil no Brasil. Eu estudava em escola pública e que tinha um nível de ensino muito bom, e o Golpe era contra a escola pública, tanto em nível de básico e secundário, como universitário. A outra questão era a própria ditadura, a liberdade de expressão de pensamento. Na época nós também colocamos neste manifesto que defendíamos a autodeterminação dos povos, em função da Guerra do Vietnã. Um país como os EUA não podiam invadir um outro país e determinar o que aquele país iria fazer, evidentemente que havia interesse de geopolítica e tudo. Então, nossa chapa foi cassada. Depois que nós distribuimos o Manifesto e tínhamos possibilidade de ganhar as eleições do Grêmio Estudantil, foi cassada e nós fomos suspensos por três dias e não conseguimos concorrer. E eu como estava fazendo o serviço militar obrigatório, que é o período que tu chegas aos 18 anos e tinha que fazer, eu fui chamado porque eu era cabo topográfico. Eu passei no curso de cabo neste período e o capitão da minha bateria me chamou. Como ele sabia o que tinha acontecido lá na Escola? Então para mostrar essa ligação que já existia entre os órgãos de segurança do exército e o que acontecia na vida civil. Ainda me indagava quem tinha redigido o manifesto. Como o manifesto tratava desde questões como o Acordo MEC-USAID, Reforma Universitária, Soberania e Autodeterminação dos Povos. Eles (diziam?) que não tinha sido nós que tínhamos redigido. Eu dizia que nós estávamos no segundo científico o porquê? Nós apreendemos o que era a história universal e a história do Brasil e sabíamos redigir. Daí ganhei detrimento (uma detenção?) no quartel por uma semana por ter participado disso aí.

CÉLI PINTO: Agora interessante isto aí, porque mostra uma coisa bem clara. Quem denunciou foi a diretora da Escola. A sociedade civil colaborando.

UBIRATAN DE SOUZA: E o cara tinha o manifesto da mão e me perguntava sobre o manifesto. E como eu era um soldado bem querido no quartel com os outros companheiros, com os soldados e eu era cabo. Tinha passado como primeiro lugar no curso de cabo topógrafo. Então, passado o detimento eles não fizeram, até porque a participação por um Grêmio estudantil, eles ficaram mais na vigiância. Depois eu vim para Porto Alegre, em 1968, e tirei o terceiro científico aqui em Porto Alegre para fazer o vestibular na UFRGS. Lá já tínhamos, eu e mais alguns companheiros, tínhamos nos incorporado no movimento estudantil secundarista. E, em Porto Alegre, em 1968 também nas grandes manifestações. Daí nós vamos ter a mesma luta contra a reforma universitária e por liberdades democráticas e chega ao auge das grandes manifestações de 1968 no Rio de Janeiro com 100 mil pessoas. Com a morte do Edson Luiz no calabouço, secundaristas e universitários, nós nos unimos em grandes manifestações, em todo o País e aqui em Porto Alegre. Nós tivemos uma manifestação em frente à Prefeitura de Porto Alegre, naquele Largo e fomos cercados pela polícia. Os brigadianos vieram baixando, o secretário de Segurança na época era Ibrain Moreira, que mandava baixar o cacete. E tinha uma companheira que ia ser agredida por um brigadiano e eu empurrei ela para sair fora, entrei e o cara me deu uma cacetada aqui na nuca. Não senti nada na hora, só senti um puxão, e daí dispersamos. Subi a rua Uruguai em direção à Rua da Praia e um cara bate nas minhas costas e disse que eu estava todo ensanguentado. Daí que me dei conta que aquilo dali tinha aberto um rombo ali. Na época, se tu entrasse no Pronto Socorro ferido depois de uma manifestação, tu eras preso pelo DOPS, na entrada ou na saída. Daí entrei na Sete de Setembro no jornal Zero Hora e disse que estava passando pelo Largo da Prefeitura, fui agredido pela polícia e fiz a denúncia. Daí os repórteres me levaram até o Pronto Socorro. Entrei lá e depois saí pelos fundos. Daí foi um outro contato com a repressão. O ano de 1968 foi um ano emblemático por dois sentidos. Primeiro porque a luta de massa contra a Ditadura ela existiu, ela tinha substância, tinha apoio estudantil, tinha apoio da classe média e dos trabalhadores. Ou seja, teve a Greve de Osasco em São Paulo e a Greve de Contagem em Minas Gerais. O Ato Institucional nº 5 se dá não porque alguém estivesse fazendo alguma ação armada nada, até

porque a luta armada não tinha se estabelecido. Podia ter os grupos clandestinos já, em função da repressão do período do Golpe desde 1964. Então, naquele momento a Ditadura dá um golpe dentro do golpe, em 13 de dezembro de 1968 quando dá o AI-5. O AI-5 retira qualquer possibilidade de luta pacífica contra a Ditadura, como até então dava. E que estava de massas contra a Ditadura, porque ele tirou o direito de *habeas corpus*, não precisava de ordem judicial para prender, tu entras na casa de qualquer pessoa e prende, além de prender, pode roubar inclusive as coisas que tínhamos dentro de casa, e ali se estabeleceu um regime oficial de terror. Por isso que eu acho que uma das coisas importantes é que a partir daí, o AI-5 foi decretado pelo Costa e Silva antes de morrer, em seguida ele tem um AVC, que as circunstâncias não se sabem até agora, a própria morte do Castelo Branco, que morreu em um acidente, não se sabe direito, que foi o primeiro Ditador-Presidente, em circunstâncias não muito bem esclarecidas. Depois assume a Junta Militar e depois o Médici na sequência. Daí a repressão começou a ser institucionalizada a tortura. A tortura já existia. Quando deu o Golpe, eu era, já relatei aqui, não sofria a não ser a repressão no movimento estudantil. Mas os que tinham participado no Governo João Goulart, tanto no governo como nos movimentos sociais e sindicais, estes sofreram torturas e tudo. Só que tem um diferencial a partir de 13 de dezembro de 1968, porque a tortura vira uma instituição, ela é uma ordem do Estado e do Governo. Bom, daí o choque elétrico, o pau-de-arara, cadeira do dragão e assim por diante. Então aí, eu considero, a partir daí, a experiência de ter tido uma cacetada na manifestação aqui, levei oito pontos, a aí com o Ato institucional nº 5, não restava...tu não tinha mais direito nem de reunião, se tu reunisse três pessoas na esquina, tu já corria risco. Se numa aula tu tivesse, um professor que tivesse numa aula de História e o professor dando uma análise, uma avaliação dos períodos da História do Brasil, com a conotação dos fatos, já era considerado subversivo. Se fizesse alguma consideração sobre o Estado atual daquela época também. E o estudante da mesma maneira. O próprio professor Lucas de Oliveira, que fez o depoimento na Comissão Nacional da Verdade que nós vimos, que relatou que foi preso na frente dos alunos. A partir dali tu não tinhas direito a nada. Portanto, não tinha como fazer manifestação, nem reunião e nem coisa algu-

ma. Então, o ato da clandestinidade e ir para a luta armada foi um ato de legítima defesa dos direitos individuais e liberdades democráticas que nós lutávamos. Portanto, a ditadura militar instituiu o terror oficialmente e a partir dali a única forma, principalmente o período que vai de 13 de dezembro de 1968 até 1974, a única luta possível ali era a luta armada e clandestina. A luta política clandestina também, não necessariamente armada, mas também clandestina. Já em 1964, com a crise econômica do milagre econômico brasileiro, e com as eleições, a população deu uma resposta à Ditadura nas eleições de 1974, abriu um novo período de luta tanto clandestina quanto semi-ilegal a partir de 1974, que vai depois também chegar em 1978 e 1979, ali que são as grandes manifestações de massa. Aquilo que nós tivemos em 1968, mas com uma nova geração de trabalhadores e sindicalistas vão fazer para o fim da Ditadura. Então, eu entrei na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e fui destacado para ir para o Vale da Ribeira.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como foi esta aproximação com a VPR?

UBIRATAN DE SOUZA: A aproximação com a VPR foi através do movimento estudantil. Eu tinha ligações com o Grupo Brancalones, este que tu tinhas relato antes, que nós éramos do movimento secundarista. A partir dali tive contato com o Carlos Araújo inclusive e depois com o Fernando Pimentel. E depois das dissidências que tiveram no Partido Comunista, no movimento estudantil, a Colina, a VPR já existia em São Paulo, a VPR foi fundada a partir de um racha da Política Operária (POLOP), mais o Movimento dos Sargentos, Cabos e Soldados que também entraram na VPR e os sindicalistas do ABC. Pessoal que fez a greve de Osasco entrou também na VPR e o movimento estudantil. Então, entrei nesta organização e neste contexto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Antes do famoso racha?

UBIRATAN DE SOUZA: Não. É que houve a tentativa de unir a VPR, que já havia sido fundada, com a O... (pontinhos) Por que era O...(pontinhos)? Porque não tinha nome ainda, mas o Carlos Araújo, que aqui era dissidência do Partido Comunista, do Partidão, mais o nosso movimento estudantil, já estávamos juntos com o Carlos aqui.

A gente fez uma conferência estadual aqui, que eu ajudei a organizar esta conferência para tirar as delegações, tudo clandestino, para tirar os delegados para a conferência nacional e a fusão da O...(pontinhos) com as dissidências de Minas Gerais e a VPR do Rio de Janeiro também. Então, na fusão deu racha. Daí quando voltaram, o Fernando Pimentel foi como delegado, quando voltou fez o relato e eu optei por entrar na VPR. Por que? Porque eu achava mais eficaz. A VPR tinha uma visão de fazer a guerrilha rural. O próprio capitão Lamarca, que tinha saído do exército, já tinha saído com armamento e com tudo, e com possibilidade de ir para o campo. Naquela época a população brasileira estava a grosso modo no campo 70% e 30% na cidade. E nós tínhamos também a influência contemporânea da Revolução Cubana, que a partir da guerrilha rural tinha, não foi uma insurreição clássica, foi a partir de uma luta guerrilheira. Mesmo que tenha tido uma insurreição no último dia lá, quando tomaram Havana. E a própria luta da Revolução Chinesa que venho (vinha) do campo para a cidade. Então, ademais a luta argelina contra o (colonizador) francês, nós tínhamos uma experiência que nós apreendemos com os argelinos que a cidade era o cemitério do guerrilheiro. A guerrilha urbana é difícil não ser morto ou preso aqui. E a experiência argelina nos mostrava isso na luta contra o colonizador francês. Quando eles tinham a guerrilha na cidade foram massacrados, só se recuperaram quando foram para o campo. Então optei pela VPR e aí fui para o Vale da Ribeira. Fui mais ou menos em dezembro de 1969 para o Vale da Ribeira. Lá conheci e convivi com o capitão Carlos Lamarca, que era uma figura muito carismática e de uma caridade muito grande. Vivemos coletivamente lá em plena Serra do Mar. Fizemos novamente o treinamento de guerrilha. A partir dali, na base de treinamento nossa, nós estávamos em um lugar na montanha que nem palmitero entrava. Ninguém podia nos achar lá. Mas o sítio que nós tínhamos de apoio na zona já desmatada na Serra do Mar, onde nós nos abastecíamos, tinha caído pela repressão ali. Daí, tivemos que tentar sair da região, mas ao tentar sair já estava cercada. Tanto o cerco tático, que era buscar o contato conosco, o exército nos cercando taticamente, como o cerco estratégico em toda a região, que pegava as BR's e que ligavam Paraná, Santa Catarina, São Paulo e as estradas vicinais. Daí nós conseguimos furar o cerco.

CÉLI PINTO: Eram quantos lá?

UBIRATAN DE SOUZA: Nós éramos dezoito guerrilheiros. Na época estava conosco a Iara Iavelberg, que tinha saído um pouco antes de ter caído na área, porque ela teve uma pequena doença lá, enfermidade e teve que sair. Mas nós éramos dezoito e daí a gente conseguiu furar este cerco.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eram vinte mil soldados?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, vinte mil soldados que fizeram este cerco, tanto o tático como o estratégico...a gente conseguiu furar esse cerco e...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nenhum de vocês foi preso?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, nenhum. Nessa escaramuça da gente furar o cerco aí, tiveram companheiros que foram presos: o sargento Darci e o Lavequia, que era um companheiro sapateiro e que fazia parte da base de apoio nossa no sítio. Também o companheiro Alberto foram os três presos e mais o companheiro Edimauro. Depois na sequência como houve o sequestro do embaixador alemão, eles entraram na lista para serem trocados pelo embaixador.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como caiu o sítio? Houve denúncia?

UBIRATAN DE SOUZA: O sítio caiu em função do processo de tortura... e houve também...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Alguns companheiros foram presos na cidade?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, houve prisões do pessoal em São Paulo e houve o caso do Ungaretti aquele, que depois foi para televisão, que sofreu torturas e tudo, e que depois foi para televisão. A Ditadura quando conseguia dobrar o cara na tortura, os arrependidos levavam para televisão. E ele deu a localização da área que estaria nossa área de treinamento.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É Vladimir Ungaretti?

UBIRATAN DE SOUZA: Ungaretti. Não é este daqui não. É outro. Este é paulista e tudo. Não, não...não bota isso na conta dele (risos). Então a gente conseguiu furar o cerco e eu vim para o Rio Grande do Sul. E daqui do RS eu voltei para São Paulo para tentar contactar a parte urbana da organização, porque daí eu fiquei sem contato. Depois voltei para São Paulo e voltei a militar em SP, na unidade de combate que nós tínhamos em SP. O capitão Carlos Lamarca estava em SP, clandestino também. Nós saímos do Vale da Ribeira em torno de abril de 1970 por aí...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Estava acontecendo muita coisa em abril, houve aqui a tentativa de sequestro...

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, exatamente. Quando nós furamos o cerco do Vale do Ribeira e eu voltei para Porto Alegre, eu cheguei aqui e estava nos jornais tinham caído os irmãos Lousada na capa da Zero Hora presos. Aí tinha também o episódio da tentativa de sequestro do cônsul. Eu consegui entrar na clandestinidade aqui com contato com a minha família e tive apoio de alguns companheiros, inclusive do PCdoB, Bruno Costa que nos solidarizou também nos escondendo. Aí eu voltei para SP e entramos no processo guerrilheiro da luta guerrilheira na zona urbana, que é o cemitério do guerrilheiro. Tivemos um trabalho tanto político como militar de ações armadas e ações de propaganda política, e fui preso...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Neste período que tu voltaste para lá e realizaste essas ações armadas na cidade de SP o Lamarca ainda estava lá?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, ainda estava lá. Daí eu passei a militar em SP, coordenava um grupo que estava subordinado a umas seis pessoas, porque na clandestinidade tu tens que fracionar em células. Nós não podemos saber os nomes das pessoas porque no caso de uma tortura, além de tu teres que resistir, é melhor não teres muita informação. Meu nome de guerra lá no Vale da Ribeira era Gregório. Depois em SP nós tínhamos a unidade de combate que era comandada pelo “Ioshitame Fugimura”, um japonês que tinha estado no

Vale da Ribeira conosco, um excelente companheiro de uma lealdade muito grande e honestidade política. Daí eu caí em uma batida policial em 3 de outubro de 1970.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como era teu nome em SP ali na cidade?

UBIRATAN DE SOUZA: Era Maurício, mas como tinha gente que me conhecia do Vale da Ribeira, acabavam me chamando de Gregório.

CÉLI PINTO: Era homenagem à Revolução de 1930?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, na verdade eu coloquei Gregório porque tinha que ter um nome, em homenagem ao Gregório Bezerra que era um lutador, que 1964 no Golpe ele foi preso em Recife e arrastado pelas ruas da cidade, uma pessoa de um valor muito grande. Então, fui levado por uma camionete C14.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foi uma batida comum?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, tinha um companheiro que tinha aberto um ponto frio, perto de onde eu tinha um ponto. Eu cobri o ponto e não tinha ninguém. E ao descer na rua seguinte eu vejo este companheiro na parada de ônibus e eu desço para falar com ele. Pronto, aí me pegaram. Na verdade foi um certo liberalismo meu que não devia e sim passado direto. As camionetas eram aquelas cedidas pela Folha de São Paulo, C14.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Folha da tarde...

UBIRATAN DE SOUZA: É do grupo Folha de São Paulo. Aí bom, chego na Operação Bandeirantes (OBAN), a gente já sabia que existia tortura, nós tínhamos inclusive, estudado alguns manuais de como resistir na tortura, na experiência argelina, uma delas, era não provocar o torturador e ficar quieto, tinham outras escolas, mas eu preferia a escola argelina, que era ficar quieto e não falar nada. Mas mesmo a gente preparado, teoricamente, para enfrentar a tortura. Tu chegas lá e os caras te tiram toda a roupa e uma brutalidade. Tu não acreditas, só tu sofrendo isso. Te botam em uma sala, na Rua Tutoia, era uma

fachada de delegacia da Polícia Civil. E nos fundos da fachada da delegacia funcionava um sobrado com celas de prisão no pátio e no andar de cima eram as torturas. Bom, eu vou direto para a sala de tortura. Aí tiram a roupa, deixam a gente nu, daí é soco, palmatória e que queriam saber meu nome. Viram meu nome verdadeiro pelo documento de identidade e queriam saber. Eu não tinha aberto nem que eu tinha estado no Vale da Ribeira, até porque se eu digo que estive no Vale da Ribeira com o Lamarca, porque este era um dos mais procurados. Daí a tortura iria ser pior. Tentei passar que não tinha envolvimento com a organização e que eu era apenas um simpatizante da luta contra a Ditadura e tal. Mas depois eles reconheceram que eu tinha estado no Vale da Ribeira. Daí a tortura funcionou 48h seguidas. Ou seja, quando chegou de noite no primeiro dia eles tinham cansado, de madrugada pelas 2h da manhã. Foram dormir e deixaram só um cara ali para me cuidar atirado no chão na sala da tortura. Como foi a tortura? Tiraram-me toda a roupa, colocaram na cadeira do dragão, que é uma cadeira de metal que tu senta e tem uma tranca nos pés, uma tranca nos dois braços, fio elétrico na orelha, fio elétrico nos órgãos genitais e a máquina de tortura, e aí, dá-lhe tortura. Tiraram-me da cadeira do dragão e me colocaram no pau-de-arara. No pau-de-arara, é um negócio assim: tu tens um cavalete e daí bota uma barra de ferro. Amarram a barra de ferro entre as pernas e os braços, botam no pescoço e tu ficas de cabeça para baixo e com choque. Se fosse só o pau-de-arara não tinha problema, o problema era o choque elétrico. Em alguns determinados momentos eles paravam com o choque elétrico e ficava quieto ali. Estava achando bom até, porque daí não tinha a o choque elétrico. A pior tortura é o choque elétrico, porque entra na musculatura toda e tu sentes uma dor em todo o corpo. Eu fui preso com 21 anos, em 3 de outubro de 1970 eu já tinha 21 anos, mas meu coração não parava e estava sempre firme. Eu estava louco que me desse algo no coração para que parasse a tortura. Ou até morrer, eu não tinha medo de morrer. Como eu tinha convicção que eu lutava contra uma ditadura e que outras gerações iam continuar a luta, não tinha problema de morrer. Também funciona a formação pessoal da gente e não só a convicção ideológica. O problema era que não morria, e não dava parada cardíaca nenhuma e a dor continuava. O maior problema da tortura para mim passava a ser

a dor. E os torturadores percebendo isso não me davam alívio. Daí quando eu ficava quieto no pau-de-arara sem choque. Eles ficavam, inclusive, brabos. Diziam que eu era “ioga” e que eu ficava dormindo no pau-de-arara.

ONEIDE BOBSIN: O Sr. lembra de nomes de torturadores?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, os torturadores ali. O comandante da OBAN era o major Ustra, que hoje é coronel aposentado. Ele comandava a operação da tortura e a rede toda. Tinham três equipes de tortura, cada dia tinha uma equipe de tortura. Ele comandava a rede toda. Eu fui preso por equipe de busca que tinha uma equipe de tortura lá de plantão. Esta equipe me torturou, eu fui preso por uma equipe de busca. Essa equipe de busca me torturou, eu fui preso no início da tarde, até a madrugada e o outro de manhã. E no outro dia, entrou uma segunda equipe que continuou a tortura igual até o outro dia. Eu fiquei 48h nesse negócio. Daí no terceiro dia entrou outra equipe, inclusive eles até brincavam dizendo: “ó gaúcho, nós vamos descansar, mas tu vai continuar porque vai entrar uma equipe novinha aqui pra te pegar”. A equipe que vinha estava toda descansada, continuavam a falar, e que ia me pegar de novo. O major Ustra entrava na sala, eles paravam, e dizia que era de Santa Maria.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele se apresenta como teu conterrâneo?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, exatamente. A impunidade que eles achavam que iriam ter na Ditadura, esse é um elemento importante, porque eles tinham tanta segurança que a Ditadura ia se estabelecer para sempre, que o cara não tinha nem cuidado de disfarçar nada.

CÉLI PINTO: Principalmente nesses anos aí.

UBIRATAN DE SOUZA: Eles diziam que o gaúcho tinha a mania de não querer falar, mas que lá não adiantava querer ser “macho”, dizia que era de Santa Maria e que eu tinha que falar. E se eu não falasse, eles iriam continuar a tortura. Então, ele orientava inclusive, porque a tortura tem dois personagens. Um é a pessoa que tortura e o outro é quem para a tortura para conversar, que é o “bonzinho”. Mas este

mesmo que para a tortura agora, em uma outra situação, inverte a situação. Então, essas primeiras 48h era uma tortura sem parar, a não de madrugada quando eles cansavam, e com o efeito do pau-de-arara e da palmatória – a palmatória eles deram na mão aqui, isso aqui que é uma pele sobre osso ficou inchado, eu nem imaginava que podia ficar inchado isso aqui, com as mãos todas roxas e nem podia mais mover os dedos -, e o joelho com o pau-de-arara não podia espichar as pernas, por causa da posição constante dobradas. Daí, fiquei atirado no chão durante a madrugada. No terceiro dia já entrou a outra equipe e continuou a tortura. Pela primeira vez fui baixado para a cela. Mas deixa eu pegar os nomes de quem coordenavam as equipes: era o capitão Albernaz, que já é morto, eu acho que foi uma queima de arquivo que aconteceu com ele, capitão Homero e capitão Maurício. Eram os mesmos que torturaram o Carlos Araújo. O Carlos tinha sido preso uns meses antes, portanto tinha pegado a mesma equipe. E o Raul Pont, que foi preso um pouco depois eu acho, deve ter pegado a mesma equipe. Eles não tinham mudado. Então, o comandante da tortura era o Ustra.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como chamavam o Ustra?

UBIRATAN DE SOUZA: Chamavam de Brilhante Ustra.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chamavam ele de Tibiriçá também?

UBIRATAN DE SOUZA: Ah sim, e de major Tibiriçá também.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esses nomes, Maurício e tudo, eram nomes ou codinomes?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, eram nomes.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eram do Exército?

UBIRATAN DE SOUZA: O Albernaz era nome, era capitão e era do Exército. O Homero e o Maurício também. O capitão Maurício tinha uma particularidade: tinha servido na tropa da ONU brasileira em Suez. E o Lamarca tinha estado naquela tropa. O Lamarca era um oficial muito destacado do Exército. Ele tinha sido campeão de

tiro, primeiro lugar no campeonato de tiro, nos exercícios militares, nas manobras, era ele que comandava a força insurgente. No Vale da Ribeira, uma vez ele nos contando, isso aí, que uma vez em uma manobra ele era grupo insurgente e deixaram o acampamento dos insurgentes, dos guerrilheiros, toda descoberta para a força oficial do exército os prendessem, só que não tinha ninguém ali. Enquanto isso, ele fez um roteiro pela montanha e pegou o comando da manobra. Prendeu todo o comando. O Lamarca era oficial do Exército que tinha tudo para fazer uma carreira brilhante e chegar ao generalato. Um cara inteligente, de uma capacidade intelectual boa, inclusive quando ele sai do Exército, era muito estudioso e acabou, antes de ir para o Vale da Ribeira, ele ficou muito escondido em aparelhos, em apartamentos e ele lia as obras do Lênin, do Mao Tsé-Tung, economia e tudo. Quer dizer, ele além da formação da escola do ensino médio e da escola de oficiais, tinha toda uma formação intelectual que estava em formação.

CÉLI PINTO: E este capitão Maurício?

UBIRATAN DE SOUZA: Este capitão Maurício tinha estado em Suez com ele e tinha inveja dele. Serviu depois no quartel de Ibiúna e tinha inveja dele. Quem ele sabia que era da VPR e tinha estado ainda com o Lamarca, bom, daí ele tinha mais gana ainda. Então ele pegava e torturava com gosto. Os outros torturadores tinham que pegar ele e tirá-lo da máquina, se não o cara não parava. Então, para vocês verem as três equipes mais ou menos assim. Daí a tortura passou a ser uma coisa mais diária. Bom, como eu tinha pontos, eu tinha tido um ponto com Lamarca antes, no dia anterior, e tinha mais o contato com o Ioshitame Fugimura, que fazia ligação do meu núcleo com os outros, que era o comandante da unidade combate. Eu não abri nenhum ponto: aguentei. As torturas nas primeiras 48h são violentas, porque é o ponto de encontro que tu tens. A partir de 48h o ponto caduca, porque daí o companheiro sabe que tu caíste e não aparece no ponto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso eles já sabiam?

UBIRATAN DE SOUZA: Claro, Eles sabiam que tu tinhas ponto e quando souberam que eu tinha estado no Vale da Ribeira, bom, eles

disseram que eu tinha contato com o Lamarca. E, casualmente, eu tinha contato com o Lamarca. Nem deveria ter, porque o Fugimura que deveria ter. Mas o Lamarca, no dia anterior, tinha pedido para falar comigo. Daí, acabei tendo e ele me relatou que ia para o Rio de Janeiro depois. Imagina se eu falo que o Lamarca vai para o Rio, os caras fazem uma parada, na BR entre São Paulo e Rio. Bom, não abriu nada e a tortura passa a ser mais seletiva: uma vez por dia. E mesmo esta tortura, uma vez por dia, ela é ruim também, porque tu não sabes a hora que vais ser torturado. Então, tu vais para a cela e passa a manhã, passa a tarde, os caras não te levaram ainda e tu sabes que vai de noite, e os caras, te torturam.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como eram as celas?

UBIRATAN DE SOUZA: As celas eram no andar térreo da delegacia essa. Tu tinhas uma guarita que era da Polícia Militar. Nesta parte tinha as celas, um pátio grande e um sobrado que tinha a tortura. Daí, tu baixavas para cá. Eu nos primeiros dias estive preso no cofre, que era uma cela solitária. Só tinha um banheiro “turco” ali, um negócio estreito e só tinha uma janela, que tu abres apenas quando o cara ia te levar uma comida. Fiquei três dias na solitária e depois o Vinícius Caldeira Brand, que tinha sido preso (presidente) da UNE, foi preso, não sei porquê, eu acho que ele era do PCdoB ou da AP. Eu sei que me aparece o Vinícius lá no cofre, que também tinha passado por sessão de tortura. Depois eu consegui falar com o Vinícius depois de umas duas horas na solitária e eu fui para a outra cela, na cela que estavam os outros presos.

ONEIDE BOBSIN: Era uma delegacia comum?

UBIRATAN DE SOUZA: Era uma delegacia comum que tinha umas quatro prisões. Tinha esta solitária e mais umas três celas assim. Três ou duas, agora eu não sei precisar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eram escuras também?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, esta tinha grade também, grades de cela também. Era da Polícia Civil. Eu estava como desaparecido, minha família não sabia onde eu estava. Meu irmão, Carlos Augusto de

Souza, que era advogado, e tinha também sido líder estudantil, que foi presidente do Centro Acadêmico do Direito e já era advogado, foi a São Paulo tentar me achar e o meu pai. Eu sei que um dia estou na cela e vem o soldado, que era da Polícia Militar e estava na guarita, na frente da Delegacia, e perguntou quem era o Ubiratan de Souza. Disse que era eu e ele disse que ia me passar um chocolate e que meu pai tinha estado ali, tentou falar contigo e que eles tinham dito que eu não estava ali. Disse que meu pai estava desesperado, contou que eu estava desaparecido, começou a chorar e o soldado disse que começou a chorar junto com ele. Daí ele disse que venho me trazer o chocolate, mas ninguém podia saber. O soldado era da Polícia Militar e estava destacado ali. Então, em um regime de terror, mesmo assim, eles não podem controlar todo mundo. Mesmo lá no centro de tortura, estava um soldado que não estava envolvido e que tinha humanidade. Isso aconteceu em campos de concentração, no Chile aconteceu muito isso também, na repressão que teve no Golpe de Estado que ocorreu por lá, que eu acabei também tendo que entrar na clandestinidade no Chile. A partir dali eu soube que a minha família estava perto. Daí, tinha uns guris simpatizantes da VAR-Palmares, que tinham sido presos antes de mim, e um dos guris iria ser solto. Eu escrevi o telefone aqui de Porto Alegre e pedi para eles ligarem e dizer que eu estava preso. Os guris fizeram isso e daí eles souberam que eu estava preso em São Paulo na Operação Bandeirantes. Depois eu fui para o DOPS, e no DOPS teve um episódio...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo tu imaginas ter ficado na OBAN ali?

UBIRATAN SOUZA: Eu fiquei de até de 03 de outubro até perto de 24 de outubro na OBAN. Não sei precisar exatamente o dia, mas eu sei que no dia 26 de outubro de 1970 eu já estava no DOPS de São Paulo, onde era comandado pelo Fleury e pelo Romeu Tuma, esse Tuma que depois virou senador. Ali tem um episódio interessante que eu disse para a Comissão Nacional de Verdade. O Jornal da Tarde, da Folha de São Paulo, publicou a fuga do companheiro “Bacuri”, companheiro que era do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), que eu tinha conhecido em algumas operações armadas que nós tínhamos feito junto com a VPR, mas quando eu cheguei lá, ele

já estava preso na solitária e já não conseguia caminhar por causa do pau-de-arara. Bom, nós estamos nas salas do DOPS, que agora não sei se já não é museu de memória, tu tens um corredor, as celas ao lado e no fundo a solitária, que nós chamávamos de “fundão”, que era a última cela. O “Bacuri” estava no fundão e de manhã o carcereiro nos passou o Jornal da Tarde, aliás, no início da tarde, e tinha a seguinte manchete: “Eduardo Leite (Bacuri) foge”. Eles contam a história que ele tinha sido levado a um ponto, para reconhecer o Joaquim Cano Ferreira (Toledo), que teriam um encontro e nesse encontro teria fugido. E o cara estava preso ali dentro do DOPS. Bom, no momento que nós pegamos aquele jornal, nós nos comunicamos entre todas as celas, ficamos de plantão e naquela noite ninguém dormia, porque sabíamos que iam tirar o “Bacuri” de lá. Chegou de madrugada, lá pelas 2h da manhã, eles entram para tirar o “Bacuri”. Daí nós fizemos uma manifestação, em cada cela nós batíamos com garfo e faca nas grades. Fizemos um estrondo lá e gritando ”assassinos vocês vão matar o Bacuri”. Daí, eles vieram com o “Bacuri”, passando por todas as celas, não tinha outro caminho e o “Bacuri” dando a mão para nós se despedindo. No outro dia, o Jornal já tinha noticiado a fuga. Depois eu fui para o Presídio Tiradentes e fiquei em uma cela com pessoas que já estavam cumprindo penas. Meu irmão, Carlos Augusto, neste período que eu estava no DOPS, já tinha conseguido falar comigo. Ele foi lá, acho com o pessoal do DOPS administrativo, e falou comigo. Aquilo era uma segurança para mim. Depois eu fui para o Presídio Tiradentes. Quando tu estás no Presídio, naquela época, é como se tu estivesses em uma colônia de férias. Eu fiquei em uma cela onde tinha uns 50 companheiros políticos, tinham uns três, quatro que eram delinquentes comuns que tinham assaltado banco, eles consideravam como Lei de Segurança Nacional e botavam os caras juntos. Aquele pessoal que foi ali já tinha treinamento político, formação política, alfabetização, eu dei uma palestra sobre nossa guerrilha no Vale da Ribeira para o pessoal da cela. Bom, estava frouxo ali. Daí, caiu um companheiro aqui no RS, e eu não tinha aberto nenhuma ação que eu tinha participado também. Eles só sabiam que eu tinha estado no Vale da Ribeira. Quando trazem para SP este companheiro, ele abriu uma ação que eu tinha participado. Uma ação de uma rádio patrulha de alguma autoridade que nós tínhamos levanta-

do. Nós pegamos a rádio patrulha, que era um fusca e tinha dois brigadianos, nós sabíamos que cada brigadiano tinha um revólver 38 e uma metralhadora. Nós sabíamos e fizemos a ação. Tiramos os brigadianos de dentro, pegamos as armas e incendiámos a viatura. Aquela ação tinha saído no jornal, mas eu não tinha aberto. Mas como foi aberta, os caras me pegaram de volta para a OBAN. Daí foi ruim. Porque aí, quando tu já passaste por tudo e voltar, tu já estás relaxado. Então, foi um negócio terrível. Eu chego lá e está o companheiro sentado na cadeira do dragão, cheio de fios na orelha e órgãos genitais, e eles entram comigo. A equipe que estava torturando não me lembro se era do capitão Homero, e disseram que então eu não tinha participado de nenhuma ação armada e diziam que eu era muito mentiroso. Agrediam verbalmente e falavam que agora eu ia dar choque elétrico no companheiro, porque eles tentavam fazer isso. Eu disse não, não dou choque elétrico nem em companheiro e nem em ninguém. Isso não é humano e não vou fazer isso. E eu disse que eles podiam tirar os fios dele e colocar em mim. Na mesma hora pegaram, tiraram ele da cadeira do dragão, me sentaram ali e tocaram ficha. Depois desci para cela depois, e o companheiro também. Levantou a moral do companheiro inclusive. Mas daí iria começar a rotina de novo, uma vez por dia. Daí eu pensei que dali eu não iria sair mais. Segundo dia de novo, a tortura de novo, com a equipe do Albernaz, depois na equipe do Maurício e quando chegou o quarto dia, voltei para esta equipe de novo. Um dos caras responsável pela equipe dele, que era responsável por fazer, disse-me que naquela equipe eu não seria mais torturado. Bom, eu nem perguntei o porquê. Eles disseram o que eu tinha feito aquele dia de mandar tirar os fios e colocar em mim, e eu sabendo o que era a tortura, já tendo passado por aqui, que era coisa de Jesus Cristo. E que eu não seria mais torturado ali. Tinha uma ética dos torturadores do cara que não abre, daí eles passavam a respeitar, no caso dessa atitude. Quando chegava o dia deles, eu não era torturado. Isso é um elemento interessante, porque na lógica, os caras são uns verdadeiros monstros na tortura e tudo, mas acabava dando verdadeiros hiatos. Daí, eu não saía da OBAN, todos os dias. Dia 13 de dezembro de 1970, eu fui preso 03 de outubro de 1970 na OBAN, depois uns dias antes do dia 26 já estou no DOPS, presencio e sou testemunha do caso “Bacurí”, depois Tiradentes, depois em no-

vembro volto para o Presídio Tiradentes e volto para a OBAN. Dia 13 de dezembro de 1970, este dia não vou esquecer, estava na cela embaixo e não tinha subido ainda para a tortura, e um pessoal de outra organização que tinham sido presos e estavam lá, disseram que eu seria solto porque estava na lista dos 70 que seriam trocados pelo embaixador suíço, eles estavam tudo em revoltosa lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu sabias do sequestro?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, não sabia não. Eu não sabia nada.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso foi que dia?

UBIRATAN DE SOUZA: 13 de dezembro de 1970.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aniversário do AI-5

UBIRATAN DE SOUZA: É, exatamente, para mim foi uma alívio. No outro dia os torturadores começaram a chegar lá e diziam que não iam me subir e que eu iria fazer uma viagem longa. Dava a entender que eu seria trazido para RS para ser torturado aqui. Mas como eu já sabia, não esquentava muito a cabeça.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Qual era o embaixador?

UBIRATAN DE SOUZA: Suíço. Depois de uma semana eles me levaram para o DOPS. E do DOPS para o Presídio Tiradentes. Daí, voltei para a “colônia de férias”. Foi uma espera para que eles não encontrassem o embaixador. Em 2011 nós comemoramos 40 anos do “Voo da Liberdade”, no Rio de Janeiro, em um restaurante em Copacabana com o pessoal que estava vivo ainda, com os 70 e mais os companheiros que tinham sido trocados por outros embaixadores. E venho também uma companheira e dois companheiros que participaram do sequestro do embaixador. Daí, nós tivemos o relato da companheira Zenaide. Por que demorou a negociação? Por que já tinham tido vários sequestros: o americano, o cônsul japonês e o alemão. Então os caras já estavam “meio descolados” e já sabiam quais seriam nossas exigências, que publicassem um manifesto em todos os jornais do País, gêneros alimentícios nas favelas do Rio de Janeiro, isso eles sempre cumpriram e mais...(continuação da segunda parte do áudio)

UBIRATAN DE SOUZA: [...] quando chegou o Pitanguy, quando chegou na vez dela entregou a carta e entregou para imprensa. Daí, começaram as negociações.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele não teve que dar explicações por isso?

UBIRATAN DE SOUZA: O Pitanguy? Não, pelo que sei não. Passou e a Ditadura não publicou, mas aceitou negociar com os 70 prisioneiros, que em alguma ação armada tinha tido alguma morte de algum agente de segurança na ação, eles vetaram na lista. E eles tentando encontrar o local do embaixador. Chegou dia 31 de janeiro (13 de dezembro) e nada. Daí, o pessoal, pelo relato da Zenaide, no dia 31 de janeiro para 01 de fevereiro, como quem estava com o embaixador era um casal nosso, da VPR, moravam há muito tempo ali e ninguém sabia que eles estavam envolvidos, deram uma grande festa de final de ano e convidaram a vizinhança. O embaixador estava em quarto separado, festa rolando e a polícia rondando o RJ. Consegui passar o ano novo e tudo. E o Lamarca, inclusive, participando da festa. Teve um episódio no comando do sequestro, que eu vou relatar e não tem a ver comigo, mas a dimensão da figura do Lamarca. Como eles não estavam aceitando, não me lembro, mas acho que eram sete companheiros da lista dos setenta, e não tinham cumprido as exigências todas de publicar o manifesto e tal, o comando da operação tinha decidido, à medida que a Ditadura não negociava, justificar o embaixador. E o Lamarca, como era o comandante da organização, nós tínhamos o comando nacional, mas o comandante como se fosse o chefe do Estado-Maior. Daí, ele tinha o poder de veto, isso nós tínhamos no estatuto da organização, que o comandante tinha poder de veto. E ele vetou a decisão dizendo que nós estávamos em plena Ditadura, com censura, a população não tinha conhecimento que eles não estavam cumprindo as exigências e que não estava legitimado para a população um justicamento nesses moldes. Ele vetou, foi acatado e isso dá a dimensão política do Lamarca.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foste solto finalmente?

UBIRATAN DE SOUZA: Em 13 de janeiro de 1971.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como chega isto para vocês?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu estava no Presídio Tiradentes, nós estávamos aguardando e chega pelo rádio, porque a gente tinha rádio de pilha nas celas, porque daí tu já estás no presídio e não em um centro de tortura. Foi aquela festa, um dia antes do dia de 13 de janeiro, os caras do DOPS vão nos buscar no Presídio Tiradentes. No Presídio Tiradentes tinha eu, tinha mais o Frei Tito estava lá também e mais meia dúzia de companheiros que estavam lá. O Presídio Tiradentes tinha as celas, um pátio interno onde as celas todas davam para este pátio e onde a gente tomava sol uma vez por dia. Quando a gente saiu no pátio, estavam todas as celas cantando a Internacional, abanando lenços vermelhos ou qualquer coisa que pudessem abanar pelas grades, e daí foi uma despedida emocionante. Fomos para o DOPS, dormimos ali naquela noite e no dia seguinte fomos para o RJ, no Galeão. Mas antes disso que fez a chamada dos que estavam no DOPS? Tinha vindo gente de outros lugares do país também, que se concentrou em SP, tinha gente do nordeste que estava na lista e do RS. Era o delegado Fleury, fazendo a chamada de cada um. Daí, chamava pelo nome pelo nome de guerra. No meu ele chamou “Ubiratan de Souza, “Gregório” e como ele não tinha me torturado, como havia uma competição entre os órgãos de repressão, se a OBAN foi quem me torturou, eles não me largaram para Fleury. Como não tinha tirado nenhuma informação, largaram e Fleury não se interessou também. O Fleury disse que se eu voltasse, seria banido do País. Foi cassada a nacionalidade.

CÉLI PINTO: Pena de banimento estava no AI-5.

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, estava no AI-5. A pena de banimento só tinha tido no movimento do Tiradentes, eu acho. Saímos do País sem nacionalidade. Dizia ele que se eu voltasse seria morto. Fomos para o Galeão e dormimos mais uma noite no Galeão.

CÉLI PINTO: Vocês sabiam para onde iam?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, sabíamos que estava em negociação a Argélia e o Chile. Aí dormimos uma noite no Galeão, sempre algemados de dois em dois com uma algema de plástico. Tínhamos que

dormir em uma cama de lona, uma do lado da outra, sempre com os braços espichados

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Na base aérea do Galeão?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, na base aérea do Galeão. O Fleury entrou conosco na base aérea do Galeão e não pediu licença para nada. Ele tinha copa livre. Era um comandante civil reconhecido pelo Exército. Então, na noite do dia 13 nós tiramos uma foto, aquela que foi publicada nos jornais do Brasil. Embarcamos e não sabíamos para onde íamos, setenta presos, todo mundo algemado dentro do avião. Os policiais que nos levaram, logicamente, não eram os policiais que nos torturavam, eram outros. Mas assim eles tinham medo e achavam que nós podíamos pegar eles por vingança. Mas nem estava passando pela nossa cabeça isso. Começamos a cuidar o cruzeiro do sul para ver para que lado estávamos indo. A gente viu que estava indo para o sul...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O voo era noturno?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, noturno, lá do Rio de Janeiro. Quando estávamos chegando perto, eles disseram que era no Chile, que era o governo do presidente Salvador Allende. Aterrizamos de madrugada e o Ministério das Relações Exteriores do Chile estava nos esperando, do governo do Allende, e não permitiu que nós descêssemos algemados, fizeram com que eles tirassem as algemas. Eles nos levavam até a escadaria do avião, tiravam e daí a gente descia. Eles tinham levado dinheiro para comprar souvenir no Chile e o governo não deixou eles descerem. Mandaram eles abastecerem e voltarem. Fomos recebidos por muitos exilados brasileiros lá, inclusive uns 100, 150 brasileiros que já estavam exilados no Chile. Bom, aí fomos bem recebidos pelo governo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês não tinham documento nada, só com a roupa do corpo?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim, só com a roupa do corpo, literalmente. O governo chileno nos colocou em um centro social, no Parque Cousin, onde hoje é o Parque O'Higgins, bem perto do centro de

Santiago. Lá recebemos assistência médica e odontológica. Uma semana depois fomos a Valparaíso, e o Allende estava governando em Valparaíso, ele estava fazendo um governo descentralizado, saí de Santiago e ia para algumas províncias, e daí recebeu uma delegação de dez pessoas das setenta, eu era um deles. Tive a honra de conhecer o presidente Salvador Allende. Ele nos ofereceu se nós não queríamos ir para Cuba, porque iria sair um navio de Valparaíso naquela semana para quem quisesse ir e quem quisesse permanecer no Chile, podia permanecer. Nós decidimos permanecer no Chile, porque havia um processo democrático muito rico em direção ao socialismo. O governo era praticamente uma ilha na América Latina e nós ficávamos mais perto do Brasil, para ajudar os companheiros que ficavam no Brasil. Optamos por ficar por aqui. Como a gente era “gato escaldado” e a imprensa vinha nos perguntar sobre o processo chileno, o Partido Socialista, o Partido Comunista, o MIR, e nós dizíamos sempre que tinha que haver um processo de muita organização popular e com apoio de alguns setores das Forças Armadas para que não ocorresse Golpe por lá. À medida que os interesses norte-americanos estavam sendo contrariados, o cobre tinha sido nacionalizado, a companhia telefônica também tinha sido estatizada. Então, a conspiração já tinha ali e tinham, inclusive, antes da posse do Allende matado o General Schneider. Então, a gente sempre falava nisso. Mas a gente ficou, E o processo chileno acabou. Participamos do processo chileno, apoiando os partidos da Frente Popular, militando no processo e começando a se entregar no processo produtivo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que tu trabalhas lá?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu trabalhava em uma fábrica que estava na área social. Porque lá acontecia o seguinte: como o processo da nacionalização do cobre e estatização da companhia telefônica e o processo de reforma urbana e agrária tinham avançados, os empresários começaram a boicotar e fazer desabastecimento. Então tinha empresas que fazia blecaute, ou seja, não era greve dos trabalhadores, mas greve dos patrões e desativavam. Os sindicatos dos trabalhadores, passaram à medida que essas empresas eram paralisadas, o sindicato tomava a empresa. Eu fui trabalhar em uma dessas empresas que foram tomadas pelos trabalhadores, e o Allende criou a figura

da área social. Essas empresas que os empresários boicotavam, paralisaram, eram tomadas como área social, mas não como estatais, de propriedade social administrada pelos trabalhadores, sindicato e por um interventor do governo. Eu participei do *Consórcio Nietos Hermanos*, que era uma indústria de conservas de doce de *mermillo* (*marmelo*), de abacaxi e de outras frutas. E foi lá que depois eu acabei pegando o Golpe do Pinochet. Para encurtar um pouco a história, porque eu acho que eu estou me alongando aqui. Quando tem o Golpe, em 11 de setembro, nós tínhamos a orientação de ficarmos nos centros de trabalho para resistir, e também nos bairros populares, e ficamos aguardado.

CÉLI PINTO: Ficaram todo este tempo trabalhando nesta empresa?

UBIRATAN DE SOUZA: Sim. Eu entrei nesta empresa na verdade em 1973. Porque em 1971, eu estou encurtando porque não interessa tanto para a Comissão aqui, eu recebi uma carta do Lamarca logo depois que eu cheguei do sequestro, que o Serkis levou a carta dele, com a letra dele, me nomeando o responsável da VPR no Chile, e para levar os companheiros da VPR para Cuba para complementar o treinamento. Daí eu fui para Cuba e em 1972 nós voltamos para o Chile. O Lamarca tinha sido morto no Brasil, repressão violenta dos anos 1972 e 1973, praticamente tu não tinhas condições para voltar para o Brasil, porque o nosso intuito era voltar para a luta clandestina.

CÉLI PINTO: Tinham muitos brasileiros?

UBIRATAN DE SOUZA: Tinham milhares de brasileiros, argentinos, uruguaios, equatorianos, venezuelanos, tinha de tudo. Era uma mescla latino-americano. Eu optei por entrar no processo produtivo. Eu queria apreender a profissão de torneiro mecânico. Eu entrei como aprendiz de torneiro mecânico na fábrica. O Golpe nos pega lá e tem todo um processo de organização popular, dos cordões industriários e dos sindicatos que unem com os movimentos comunitários. Em termos de apoio popular, o Governo tinha todas as condições de resistir. Só que as Forças Armadas, houve a tentativa de Golpe do *Tancazo* em junho de 1973, que o Congresso Nacional conspirava para derrubar o Governo, e a partir do *Tancazo*, o General Prates sufocou o Golpe, que era leal e legalista. Depois desestabilizaram o General

Prates com manifestação de oficiais, mulheres de oficiais na frente da casa do Prates e ele pediu renúncia. O Allende colocou o, imediatamente ao Prates, colocou o General Pinochet, que jurou lealdade ao Allende.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Prates vai para embaixada?

UBIRATAN DE SOUZA: Não, o Prates vai para a reserva. Quando dá o Golpe, a gente esperava que tivesse uma divisão no Exército. O problema é que quando houve a divisão no Exército foi no *Tancao*, que daí o Prates sufocou. Daí o Allende, com uma visão democrática não quis, porque logo depois do *Tancao*, houve uma grande manifestação que eu participei e o povo também, na frente do Palácio *La Moneda*, pedindo a renúncia, a destituição do Congresso e pedindo novas eleições, porque o Congresso estava conspirando. Eles faziam *impeachment* de ministro todas as semanas e queriam limpar as Forças Armadas. Queriam carta branca para que o Gen. Prates limpassem as Forças Armadas. O Allende optou por não fazer isso.

CELI PINTO: Os acordos políticos do Allende eram muito quebrados entre eles também né?

UBIRATAN DE SOUZA: Não. O Allende foi eleito com 32% dos votos. E quando tem as eleições parlamentares de março de 1973, a Unidade Popular chega a 43% dos votos. Isso foi um elemento que levou ao Golpe, porque em uma reeleição do Allende, ele ganharia a eleição. O Allende a partir do *Tancao* vai propor uma reforma constitucional e tenta ampliar a base com uma facção da Democracia Cristã, que é o Radomiro Tomic que daria apoio a isto daí. Ele chamaria um plebiscito dia 11 de setembro para saber se o povo queria a reforma da constituição e que daí chamaria uma constituinte para a reforma da constituição. Porque a Constituição era muita defasada para o processo todo o processo de transformação, inclusive, a possibilidade do Parlamento fazer *impeachment* de ministro. Tinha ministro que tinha passado na educação, na saúde, porque eles tinham que fazer rodízio. Qualquer motivo, qualquer pretexto faziam *impeachment*, com apoio da mídia e do Congresso. Então, 11 de setembro o Allende vai chamar o plebiscito e o Pinochet avisa, porque o chamamento que ele fazia do plebiscito para a nova Constituição

era 11 de setembro, mas isso aí estava só o Governo sabendo e nem a opinião pública sabia, mas o Pinochet sabia e daí eles deram o Golpe dia 11 de setembro. Não houve divisão das Forças Armadas, o Allende resistiu e tentou ver se alguns generais eram leais, mas já tinham limpado. O Prates já tinha feito o serviço...

CÉLI PINTO: Vocês foram presos?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu não, mas muitos brasileiros foram. Nós estávamos na fábrica, no caso eu, todos os dias nós ficamos entrincheirados lá e em outros lugares também. As notícias que chegavam é que o Allende não tinha conseguido e que eles estavam bombardeando o Palácio de *La Moneda*, já estavam incendiando o Palácio. O movimento sindical resolveu sair dos lugares de trabalho, porque se não iriam ser massacrados. Eu fui para o bairro São Miguel, que era um bairro popular e de grande votação do Partido Socialista. E nos sumimos ali. A partir dali, eles deram o toque de queda: tu só tinhas duas horas para circular por dia na rua. Eles passam pelas ruas da cidade, as patrulhas do Exército parecia um exército de ocupação alemão ocupando a França e os países da Europa. Largavam os panfletos dizendo para denunciar o primeiro estrangeiro que eles vissem, porque tinha trazido o germe do comunismo e do marxismo. A guirizada recolhia, porque sabiam que nós estávamos ali na casa de alguns vizinhos e diziam para nós não sairmos na rua, porque estavam distribuindo aquilo dali. Então, uma solidariedade muito grande da população, porque o Chile tem uma segregação social muito grande na população. Tem o bairro Alto, onde moram a classe média e alta, e a partir da alameda central para o oeste é de população de trabalhadores. Sumimos ali e entrei na clandestinidade. As embaixadas já estavam todas vigiadas, mas teve brasileiro que já tinha entrado desde o início. Os que ficaram para ver se haveria resistência, quando entraram as embaixadas já estavam todas lotadas com o exército na frente. Daí, as Nações Unidas fizeram uma espécie de refúgio, uma embaixada no Convento Padre Hurtado, que fica alguns quilômetros de Santiago, através de um escritório que eles tinham em Santiago que eu consegui acessar, em novembro de 1973 e depois eles levavam para um refúgio. Chegando lá, tinham umas 1.500 pessoas: uruguaios, brasileiros, etc. Já estava organizada a vida comunitária quando eu cheguei lá. Depois eu saí em dezembro de 1973 para Cuba.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como tu conseguiste?

UBIRATAN DE SOUZA: Através das nações unidas, através da ONU.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Colocaram-te no avião?

UBIRATAN DE SOUZA: Nos levaram para o aeroporto, nos embarcaram no avião e os militares tudo em cima, mas não podiam nos tocar. O povo cubano também nos recebeu em uma solidariedade, para vocês terem ideia, o povo cubano tinha déficit habitacional, tomaram a decisão que as micro-brigadas que eles tinham de construção de apartamentos, que a cada um desses edifícios doaria um apartamento para os exilados latino-americanos que haviam vindo do Golpe do Chile. Daí sim nós sentimos o que era o exílio, porque no Chile a gente ainda tinha contato com o Brasil, com os meios de comunicação da imprensa escrita e estava em um processo político muito rico. Na Ilha bloqueada pelos norte-americanos não se tinha informação e nada. Bom, daí passei a ter uma vida mais sedentária, muito rica com relação à convivência com o povo, uma vida cultural muito intensa com teatro e cinema.

CÉLI PINTO: Quanto tempo ficaste?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu fiquei quatro anos até dezembro de 1977. Passei o Ano Novo lá e no dia seguinte viajei para Lisboa. Nossa saída lá, nós não tínhamos documento também e daí os cubanos me deram documentos, porque no Brasil já havia luta pela Anistia aqui. Eu resolvi ir para Europa para trabalhar para pegar alguma grana e facilitar a volta. Buscar um recurso para reconstituir a vida no Brasil. Porque nós não íamos sair com divisa cubana.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que tu trabalhavas?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu trabalhei primeiro na construção civil ajudando nas vivendas populares, depois em um laboratório biológico contra as pragas da cana-de-açúcar e outras culturas para combater não com produtos químicos, mas uma luta biológica e ecológica lá. Então, eu saí trabalhador de vanguarda, porque lá o Sindicato se

reúne a cada final de ano, e os trabalhadores que se destacam escolhem três ou quatro para serem naquele ano e eu fui escolhido naquele ano. Contam as horas de trabalhos voluntários, a atitude diante do trabalho e daí é eleito coletivamente. E como prêmio eu ganhei uma noite no Tropicana de graça. (risos). No Cabaret Tropicana que na realidade era um teatro de revista. Nós tínhamos documento, passaporte cubano, mas ninguém dava visa para nós. Daí o bloqueio quando tu chegavas à embaixada britânica, diziam não e só se tu falasses mal de Cuba. Não, mas meu cargo não é este.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas em Lisboa?

UBIRATAN DE SOUZA: Daí uma brasileira, paulista, casada com o cônsul português em Havana, nós fizemos amizade com ela, e ela nos conseguiu uma visa no passaporte cubano, através do Cônsul, de uma semana em Lisboa. Uma semana cheguei em Lisboa, havia outros exilados nossos lá em Lisboa. Eu queria ir para França e daí eu pegue o passaporte de um brasileiro que havia sido banido nos 40, que era de origem portuguesa, colocamos minha foto ali em um processo que já havíamos apreendido nos cursos feitos. Eu fiz uma viagem de trem de Portugal, passando pela Espanha nos Pirineus, depois entramos na França chegando até Paris. Em Paris, a gente acaba entrando também no pedido de asilo político em função da Ditadura brasileira.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo ficou em Paris?

UBIRATAN DE SOUZA: Daí, fiquei de janeiro de 1978 à novembro e 1979: um ano e onze meses. Agosto foi a Anistia e daí já comecei a me preparar para voltar. Eu morei no início em uma cidade chamada “Bain et Son” com a minha mulher. No início a gente já com a Anistia, nós mudamos para Paris. Eu fiz um curso de francês, que era um dos melhores da França, um curso de intensivo e em três meses tu aprendias a falar francês. Voltei ao Brasil em 1º de novembro de 1979. Chegando de Paris ao Galeão, mesmo aeroporto de onde eu havia saído. Meu irmão, Carlos Augusto de Souza, estava me esperando, já era deputado estadual na época no MDB e já estavam formando o PDT, porque o Brizola já havia voltado, que na época

ainda era o PTB. Ele buscou direto no Galeão. Por quê? Mesmo com a Anistia, os caras podiam inventar que eu tinha um processo, disto ou daquilo. E ele estava lá com a certidão da minha anistia, porque a Anistia não tinha sido geral e irrestrita ainda. Embarquei no voo para Porto Alegre, cheguei aqui e voltei a lidar política, pelo fim da Ditadura e anistia dos companheiros.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vou te fazer uma pergunta de advogado: tu respondeste a processo na Auditoria Militar?

UBIRATAN DE SOUZA: Não tinha processo nenhum. Como eu fui preso em 03 de outubro pela OBAN, depois DOPS/Tiradentes, depois volta para OBAN, eu estava na tortura quando vem o sequestro. Então, não tem processo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não chegaram a mandar o inquérito?

UBIRATAN DE SOUZA: Eu acho que sim. Porque quando agora, como eu fui preso em São Paulo e teve a lei de indenização em SP, que eu me habilitei lá, e o pessoal do governo de SP disse que havia um dossiê enorme contra mim lá de ações que eu nunca havia participado, mas se eu quisesse pegar aquilo poderia pegar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Pode ter ficado só na base do inquérito.

UBIRATAN DE SOUZA: Deve ter ficado só na base do inquérito, até porque eu não fui em nenhuma audiência porque eu já estava fora do país.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A não ser que o DOPS começasse mesmo, se não começa pela OBAN, na verdade era o DOI-CODI e depois toda a parte de inquérito ia para DOPS, foi o que aconteceu com o...

UBIRATAN DE SOUZA: Eu fui banido e o processo de banimento me tirou a nacionalidade. Mas mesmo assim, eu acho que ocorreu alguma coisa na Auditoria, porque na certidão da Anistia veio. Como eu vinha na Comissão da Verdade eu trouxe alguns elementos até para ficar gravado e depois vou mandar por escrito.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês querem fazer mais alguma pergunta, questionamento? (os membros da comissão respondem negativamente, começam a falar assuntos internos administrativos brevemente)

UBIRATAN DE SOUZA: Eu quero sugerir à Comissão da Verdade do Rio Grande do Sul, como eu sugeri já na CNV, alguns pontos: 1) Investigar e apurar todos os casos de mortes e desaparecidos, as circunstâncias e os responsáveis; 2) Os torturadores e o crime hediondo, que não tenha anistia e nem prescrição; 3) O STF tem que revisar sua decisão sobre a Anistia dos torturadores e, portanto, tanto a Comissão Nacional, quanto as estaduais podem fazer um procedimento, a OAB também pode fazer, um requerimento no sentido de revisar e provocar o STF para fazer isso; 4) Investigar a relação dos órgãos de repressão com a mídia, exemplificando o caso do Eduardo Leite (“Bacuri”), que houve uma articulação do Jornal da Tarde divulgando a fuga, que não tinha existido, e depois, eu me esqueci de relatar para vocês, que depois ele aparece morto, não em seguida. Quando tem o sequestro do embaixador dia 07 de dezembro, ele aparece morto dia 08, daí diziam que tinham achado ele e mataram em uma praia de São Paulo, do estado de São Paulo. Quer dizer, estavam com ele vivo ainda e mataram ele porque ele tinha saído na relação do sequestro. Esse processo está documentado, o pessoal da CNV já me disse que tem outros relatos que trazem isso e eu acho que é um caso exemplar. E teve outros casos e, portanto, tem que investigar a relação da mídia com os órgãos de repressão.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu pode me repetir o nome dele?

UBIRATAN DE SOUZA: Eduardo Leite, e apelido “Bacuri”

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era militante do quê?

UBIRATAN DE SOUZA: Era do Movimento Revolucionário Tira-dentes. Continuando: 5) Investigar a relação dos empresários no financiamento dos órgãos de tortura e repressão, porque, por exemplo, a comida que nós recebíamos na OBAN era da Ultragás, que oferecia. Eles ofereciam prêmio em dinheiro para a morte do Lamarca, para a

morte do Marighella, do Joaquim Câmara Ferreira, do Mário Alves, e assim um conjunto de pessoas. O próprio Carlos Araújo denunciou aqui a relação do empresariado, inclusive, que iam assistir tortura nos locais. 6) Operação Condor, buscar documentos das relações estabelecidas entre os governos ditatoriais na América Latina. Eu acredito que esses documentos podem existir, porque algum documento sempre fica guardado, tanto que o cara que morreu aqui em Porto Alegre por um crime comum, descobriram aqueles documentos do Rubens Paiva, então esse é um outro elemento. 7) Identificar os sítios de prisões e torturas, os prédios para transformar em sítios de memória, o caso do “Dopinha” aqui, eu acho que isso que é um elemento importante. E, por último, 8) colocaram nos currículos escolares a história de luta contra a Ditadura Militar. Isto tem que colocar no currículo, porque tu fazes memória hoje, mas para que todas as gerações futuras possam ter esta memória, elas têm que estar no ensino médio, na História do Brasil e, obrigatoriamente, contada esta história, porque nós vamos fazer uma História para todas as gerações.

CÉLI PINTO: A memória sobre o golpe, sobre a ditadura no Brasil eu estou falando neste momento na universidade, na aula de história. A maioria dos alunos não sabem nada.

UBIRATAN DE SOUZA: É exatamente.

CÉLI PINTO: Mas assim ó, nada. Eles ficam muito impressionados

UBIRATAN DE SOUZA: Por isso que tem que pegar desde o ensino médio, até a universidade. E isso eu acho que é um trabalho que as comissões, a comissão nossa aqui da verdade pode reforçar para a Comissão Nacional

CÉLI PINTO: Advogados do curso de história que chegam para mim e dizem: tu tem certeza que houve tortura, porque eu não acredito.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Achei muito sugestivas as suas recomendações, e em algumas delas nós já estamos trabalhando. Só para ter um controle assim, não que seja proibido a gente investigar isso mas, a operação condor está sendo tratada diretamente pela Comissão Nacional da Verdade, eles têm um GT lá que trata só disso....

UBIRATAN DE SOUZA: Ah sim o caso do João Goulart, da morte do João Goulart.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Até quero comentar um caso com vocês, eu fui convidado gentilmente, porque o pedido da família foi feita aqui em uma audiência pública conjunta que nós realizamos com a Comissão Nacional, então eu já tinha pedido para a Comissão Estadual do Rio, onde está a Nadine Borges...

TESTEMUNHO – NILCE AZEVEDO CARDOSO¹

AUDIÊNCIA PÚBLICA MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu gostaria de antes de passarmos para nossas atividades da tarde, registrar a presença para a nossa satisfação da Secretária Estadual de Administração e Recursos Humanos, Stela Farias, bem como do representante da Procuradoria Geral do Estado, que está desde a manhã conosco, Dr. Carlos César Delia que é também Coordenador da Comissão de Direitos Humanos da Procuradoria Geral do Estado e que representa neste ato o Dr. Kaipper, Procurador Geral do Estado. Nós continuaremos a coleta dos depoimentos a que nos propusemos na parte da tarde. Chamamos aqui à mesa Nilce Azevedo Cardoso, que está aqui aguardado desde a manhã. A Nilce é psicopedagoga clínica, professora, oficineira (como ela faz questão de falar) e educadora popular. Foi militante da JUC, Juventude Universitária Católica, e da AP, Ação Popular, Organizações de Resistência na Luta contra a Ditadura. Foi presa em 11/04/1972 e ela vai nos apresentar um relatório agora sobre a sua militância e as violências que sofreu em consequência dessa sua ousadia e coragem.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Boa tarde. Aproveitando que estou nervosa e preciso deixar de ficar, agradeço a presença de todas as pessoas amigas que ao longo da minha vida, antes da militância, durante a militância e após da militância, foram fundamentais para a minha recuperação e para o meu trabalho que continuo fazendo até hoje. A presença de vocês, os que estão aqui e os que me mandaram mensagem, é muito significativa, porque a amizade é realmente um sustentáculo de vida. Agradeço muito, particularmente aos meus filhos, que não puderam estar presentes hoje. À minha família, minhas netas que me deixam muito feliz. Como o dia de hoje é muito especial, eu falo indignada porque no Dia Internacional das Mulheres,

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1522/depoimentos?--audiencia-publica-mulheres-na-resistencia-a-ditadura---nilce-azevedo-cardoso>>. Acesso em: abr./maio 2015.

que poderíamos estar vibrando com as conquistas (e estamos vibrando porque se formos comparar com alguns anos atrás sabemos que as mulheres estão melhores), mas se a gente observar em qualquer meio de comunicação, 70% de todas as mulheres já foram ou serão agredidas. Então, pessoal, há muito o que comemorar porque existem muitas vitórias. Porém temos ainda um longo percurso, com mulheres indefesas que buscam seus direitos, junto com homens femininos, pois é disso que vamos falar ao longo do meu depoimento. Falo também de algo que gostaria de ler: “Certificamos que Nilce Azevedo Cardoso é anistiada política do Brasil, nos termos da lei 10.559, de 13 de novembro de 2002, o Estado brasileiro reconhece o seu direito de resistência contra o regime autoritário em prol do restabelecimento das liberdades públicas e da democracia. Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça. Data de 26 de outubro de 2012, ano passado, quando fui anistiada em Curitiba”. Eu tenho muitos problemas de lembrar dos acontecimentos. Eu assistia a doce e brilhante exposição da Inês e fico pensando eu tenho ainda muitos lapsos de memória. Gostaria que não fosse assim, pois queria lembrar do rosto de todos os torturadores e de todas as caras que andei vendo para poder realmente contribuir mais com a justiça nesse País. Vou contar hoje com a presença de Antônio Ramos Gomes, estivemos presos juntos, muito obrigada por estar aqui. Nós poderemos falar desse terrorismo de estado que vivemos. O Brasil ainda precisa aprender a virar essa página. Não se termina um livro sem virar a última página. O problema é que nós não lemos porque ainda faltam pedaços. Muitas lágrimas já foram e nos atrapalharam na leitura, mas nós precisaremos delas e talvez de mais ousadia e audácia, pois precisaremos de justiça. Ainda conversávamos com nossos amigos e colocamos nossa indignação pelo presidente eleito da Comissão de Direitos Humanos Nacional, nos machuca, nos irrita. De repente temos um homofóbico presidindo essa pasta. É uma ousadia que nos dias de hoje nós tenhamos que ver isso sem poder fazer nada no momento. Mas nós podemos espernear, denunciar. E é isso que faremos. Há muito o que dizer, mas gostaria de lembrar de um artigo que saiu no dia 21 de junho de 1998, quando comecei a tomar a decisão, já mais consciente, pois passei um tempo fora da casinha, trabalhando sem parar, de achar que fazia parte da minha militância a denúncia de

tudo o que tinha me acontecido. A denúncia de tudo o que tinha sido feito pelo estado brasileiro. Então, eu dei uma entrevista e a partir daí começaram a surgir algumas questões. Meus filhos já eram mais velhos, estudavam no Julinho, e deram entrevistas que vocês poderão achar na Zero Hora, de Loraine Luz, em que Cemiramês e Paulo puderam dizer: nós nos orgulhamos deles. E é deste lugar, fazendo todo um trabalho que faço no consultório ou nas oficinas com mulheres, que tratam da reconstituição de traumas, que vou partir e é de onde pretendo me posicionar. Eu fui presa em 11 de abril de 1972. Sou paulista e tinha vindo aqui para reconstruir, já que sabemos que houve muitas quedas a partir de 1971. Mesmo pessoas que não eram do nosso partido, mas o Estado estava sob uma intensa repressão. Muitos dos nossos também já tinham caído. Eu vim do Movimento Estudantil, sou de Orlândia, uma cidade no interior de São Paulo, próximo de Ribeirão Preto. Entrei na USP para fazer Física e fiz. Minha primeira faculdade. Em paralelo, fiz algumas disciplinas de vida, como eu chamo, junto ao pessoal da JUC, conhecer o nosso povo. Aos 17 anos eu era muito jovem, queria ser bailarina. Infelizmente tive um pai muito revoltado, era vereador, não tive um aprendizado muito bom. Ele era mesmo muito revoltado contra qualquer corrupção ou cerceamento de liberdade. Então, foi assim que eu cresci. Cheguei à universidade junto com os tanques, em pleno golpe de 64. E essa outra universidade me ensinou o que é estar junto nessa luta de povo, o que é lutar por liberdade no dia a dia. Participei das passeatas, das pichações, dos comícios relâmpagos. Tinha um namorado na época que dizia que eu participava porque achava divertido. Eu achava mesmo. Mas também achava que era o que podíamos fazer. Mas tinha gente que já pensava diferente. Os comícios relâmpagos aconteciam a todo o momento. Subia-se em um poste e ao ver o primeiro cavalo, a gente saía correndo. Eu morava no CRUSP, que era o Centro residencial da USP. E lá moravam todos os estudantes que vinham do interior. Nós fazíamos discussões políticas e discussões das atividades todos os dias. Mas também fazíamos bailes, namorávamos, tínhamos uma vida normal e uma vida revolucionária. A vida acadêmica era muito intensa naquela época. Continuei estudando, me formei e comecei a dar aulas de Física. Nisso, os repressores invadem o CRUSP e prendem todos que estavam lá. Eu já havia saído, mas na

listagem estava o meu nome. Coincide com uma política de ação popular que era chamada de Integração na Produção, ou seja, eu acabei sendo integrada junto aos operários. Essa é a verdadeira universidade que eu me formei e é disso que sou mestre e doutora. Aprendi muito com as meninas na fábrica. Aprendi a dureza de bater ponto, de ter horários rígidos, de ser tratada como uma coisa pelos chefes. Aprendi a ser hábil no fazer. Sempre fui para lugares metalúrgicos. Essas meninas me ensinaram o valor da vida e da solidariedade. Eu já conhecia, da família. Mas essa era uma solidariedade forte, de gancho, de morte. E por falar em morte, foi nessa época que conheci o significado da morte. Eu nunca tinha visto um bebê morrer. E morriam muitos daquela época. Era uma realidade muito dura que elas viviam. Descobri que a vida tem seus ritmos. Enfatizo isso porque quando eu estava muito arreventada, fora da casinha e traumatizada, saber disso foi muito importante para continuar. Poder levantar de manhã e ir trabalhar, mesmo estando psiquicamente torta, como eu dizia, e seguir a vida. De São Paulo eu vim para Porto Alegre com o objetivo de fazer uma reestruturação da ação popular, queríamos recompor o movimento operário, que ficou comigo. Também tive novas aprendizagens, inclusive com pessoas de outros partidos. Aprendi muito com o pessoal do PCB, que tinha esses núcleos de trabalho. Fizemos muitas coisas juntos. Eu fiquei com a parte do movimento operário e eu não militava muito mais. Ficou com o Toninho a parte dos estudantes e dos intelectuais. Essa vivência com os operários me trouxe vantagens para a minha vida, hoje posso dizer. Me deu sustância. Neste contexto de Brasil, com essa ditadura civil-militar cada vez mais acirrada, nós víamos muita violência. As pessoas eram sequestradas, as torturas matavam. Diariamente a gente ficava sabendo dos amigos que foram presos e torturados. Era muito angustiante. Nosso partido optou por não entrar na luta armada, mas sempre que possível ajudávamos em infraestrutura e também ajudando pessoas. O que fica do dia 11 de abril de 1972 é que Mauro Vasconcelos estava em São Paulo e entrega um ponto que eu fazia de conexão. Ponto era o lugar de contato entre os militantes. Tinha uma senha e uma contra-senha. Quando alguém caía no ponto era porque alguém tinha entregue o ponto. Ninguém caía por acaso. Então, naquele momento veio um rapaz com uma peruca que eu achei estranha. Ele me deu a

senha, eu dei a contra-senha. Naquele momento ele passou o braço pelas minhas costas e eu já percebi que tinha caído. De repente acontece a prisão. Imediatamente aquele aparato de guerra se faz. A rua era a Carlos Barbosa, me colocaram dentro de um Fusca. Perguntei o que estava acontecendo e logo vi que o Pedro Seelig estava dentro do carro e me virou um soco. Já senti o sangue no meu rosto. Sabia que devia manter aquela história de “não sei o que vocês estão falando, me pegaram por engano, erraram”. Sou levada para o DOPS que era no Palácio da Polícia. Alguém me perguntou hoje de manhã: “Mas o governo sabia?”. O governo mantinha a ditadura. Era o governo que mantinha. Lá no DOPS, que ficava no fosso, imediatamente me colocaram um capuz e me mandaram entrar naquele lugar. E quem disse que eu andava? Tive uma crise histérica de medo, de pavor. Aí levei um empurrão e fui parar lá não sei onde. Descobri, assim, que a gente anda de qualquer jeito. Interessante isso porque é uma defesa que a gente tem. No fundo a gente sabe que o que está por vir é chumbo grosso. Já fui direto para o tal do quarto, era de manhã cedo. Mas lá dentro era muito escuro. Entrou muita gente, aquele bando de homens. Me disseram para tirar a roupa e eu fiquei em choque. Mas eles não esperavam. Eles arrancavam a roupa da gente. E essa Comissão da Verdade, que eu espero que seja da verdade mesmo, da justiça, precisa saber desde já que qualquer coisa a partir dali já era tortura. Não há nível para tortura. Era um pânico, misturado com um ódio tão grande. Até hoje meus dentes são moles por trancá-los de ódio. Vocês não sabem o que é ouvir tudo aquilo que uma mulher escutava na época. Eu nunca tinha ouvido nada parecido. Era inacreditável. Eles me perguntavam o nome e eu dizia. Mas aí já vinham bofetadas, murros, tudo. E eu só estava dizendo a verdade, meu nome.. Por muito tempo, passei um tempo sem conseguir dizer meu nome. Porque a cada momento que me perguntavam eu fui esbofetada, esmurrada. Eles me pegaram pelos cabelos e bateram muito. Murros e murros até quebrarem meu esterno. De repente um deles me disse: “Como você vai provar que foi torturada?”. Nós não vamos precisar provar. Eles é que vão ter que provar que não torturaram. Nós não temos o ônus da prova, eles é que têm. Eles é que tem que dizer que não sumiram com os nossos companheiros, o que fizeram e o que não fizeram com a gente. Mas na hora que tirem um raio-x do meu corpo eles terão

um roteiro de tudo o que eles fizeram, de tudo o que eles quebraram e de tudo o que eu venho consertando ao longo dos anos. Mas naquele momento eles tinham quebrado o meu esterno e eu com os dentes doendo de tanta raiva. Alguém pode perguntar: “Quanto tempo isso durou?”. Um minuto, um segundo, um século. Não tem tempo. O tempo é uma coisa que eu já trabalhei. Tive que fazer 17 anos de divã. O tempo para mim não existe, nem uso relógio porque ele não funciona. O relógio na minha mão para, é incrível. Aí eles resolveram me dar choques. Um deles disse: “Será que nós não pegamos a mulher errada?”. A gente escuta de tudo. Eu escutava coisas até de outra sala. Pensei, então, em seguir nessa linha, que estava indo bem. Mas então começaram os choques. Eu nua, eles com os fios, colocando em todos os buraquinhos. Não teve um buraquinho que eles não tentaram dar choque. E eu cada vez mais muda. Essa é a minha personalidade, quanto mais irritada eu fico, mais muda. Nós tínhamos uma posição diferente da de outros grupos. Nós achávamos que devíamos ficar quietos até a morte. Hoje eu vejo que era errado. A gente podia inventar uma historinha, mas como eu fazia um trabalho de serviços, eu sabia achar os dirigentes nacionais, que era quem eles estavam querendo. Eu sabia achar os principais dirigentes nossos aqui. Eu tinha os operários todos nas casas, as reuniões eram nas casas deles. Então eu sabia que não podia inventar nada ali porque haviam coisas que só eu sabia. Eu sabia que dali, o passo seguinte era a morte. Isso vai ter consequências psíquicas muito sérias. Viver próxima da morte. Fiquei ali, toda machucada, até que eles resolveram me botar no pau de arara. Eu estava cheia de dúvidas porque tinha muita gente na sala. Pedro Seelig, Nilo Havelha, que comandava naquele momento. E outros que não me lembro. Era uma equipe que batia. Mas e os outros? Não eram torturadores? Sim, eram. Eles eram coniventes, todos que estavam ali. Mas não lembro deles. Lembro da presença asquerosa. Daquele olhar. Ser colocada no pau de arara é uma coisa incrível. Eu sabia como funcionava, tinha lido, fazíamos preparação para aguentar aquilo tudo. Mas ninguém imagina a dor. Dói tudo. Braços, pernas, juntas, tudo. É inacreditável. É algo que é feito milenarmente, eles não inventaram essa tortura. Dois cavaletes e um pau. Eles penduram a gente ali e ficamos jogadas naquele estado. Indescritível o que eles fazem. Você fica ali entregue porque eles podem fazer

o que quiserem com você. O corpo não é um corpo. É nada. Acho que era assim que eles se organizavam para bater. Eles não me conheciam, não sabiam quem eu era, tinham alguns que estavam na dúvida sobre quem eu era. Imagina ter que seguir dando choque pelo corpo. Quando a gente desfalece eles tiram o preso dali, carregam para outro quarto, chama os médicos que só serviam para dizer: “Não, ela aguenta”. Aí a gente voltava. Essa ida e vinda fazia com que a gente entrasse em uma outra esfera. A gente saía da normalidade. Mas algumas coisas a gente percebe. Como, por exemplo, que eles haviam dado três almoços e duas jantãs. Eles comiam. Comiam no meio daquilo tudo. De uma mulher nua, toda ensanguentada. Eles comiam como se nada tivesse acontecido. Porque quem me levava lá para apanhar eram mulheres. Elas não batiam, mas ficavam ali ajudando. Então eles resolveram que como eu não falava nada, ficava cada vez mais muda, eles foram ficando mais irritados. Meu psiquiatra disse, depois, que eu devia ter gritado, como todo o mundo. Mas eu não conseguia. Então eles resolveram me queimar por dentro. Isso é uma coisa dolorida, mas que eu quero deixar registrado para que nunca mais aconteça. Eles queimaram meu útero com choque. Só que para isso eles enfiavam a mão, eu diria até que estupro é pouco numa hora dessas. A gente pendurada, com toda a genital a mostra para que eles fizessem e o que tinham vontade. Então o sangue começou a jorrar e eles colocaram uma bacia em baixo para não sujar tanto a sala. Isso é um absurdo. A gente pensa que não existe, mas existe. Está ainda nas delegacias. Enquanto nós não fizermos uma reviravolta nisso tudo, vai continuar existindo. Por isso, temos que ter Comissões da Verdade, Comissões de Justiça para que isso não venha a acontecer mais. Toda essa mortalidade de jovens acontece porque existe um torturador lá. Eu trabalhei isso na análise para poder falar. Porque eu não conseguia falar, sentia uma revolta, um asco tão grande. Então, naquele momento, depois de um tempo eles tiravam a gente, chamavam o médico e ele é quem dizia se dava para continuar ou não. Choque por todo o corpo. Nem um lugar do meu corpo ficou sem levar choque. Outra coisa revoltante era saber que médicos, que atuam na sua especialidade, conseguiam fazer isso. Dizer “pode continuar”. Esses mesmos médicos me deram psicotrópicos para eu ficar mais atrapalhada ainda do que eu já estava. O processo todos foi acontecendo

e eu continuei sem dizer nada até que entrei em coma. Passei oito dias em coma e quando eu voltei o pessoal do movimento já tinha caído todo. Eles tinham caído em São Paulo. Otto Figueiras, que é um jornalista que está escrevendo sobre a ação popular, diz que a nossa queda foi por acaso porque eles estavam procurando um pessoal que tinha feito sequestros, assaltos. Mas eles tinham dado uma ordem de dizimar toda e qualquer resistência. E a ação popular entra nesse processo. Quando volto do hospital, quem sabe a Comissão vá até lá, pois fui internada com meu próprio nome no Hospital Militar, do Cristal. Lembro que eles me encapuzaram e falaram que iam me atirar no rio. Por isso sei que passamos pela av. Beira Rio. Aliás, não é de hoje que estou tentando procurar o prontuário. Mas a gente não consegue chegar lá. Não temos autorização. Quem sabe usando da influência conseguimos alguma coisa. Quando eu estava ali, quase entrando em coma, falo porque me lembro, eles botaram um balde de água e eles diziam: “Você sabe o que aconteceu com o preso das mãos amarradas? Vai acontecer o mesmo com você”. Isso ficou na minha cabeça. Quando cheguei eles tiraram um raio-x para ver o que estava quebrado e aí entrei em coma. Esse momento ficou parado na minha memória, pois como entrei em coma e fiquei oito dias ali sendo tratada, não lembro de muita coisa. Já trabalhei muito sobre isso porque algumas falas ficaram guardadas. Estudei que quando a pessoa está próxima do coma, algumas coisas ficam na memória para quando ela retornar. Quando eu volto, o pessoal todo já tinha caído e eu retorno para o processo todo, já que ainda não tinha falado nada. Pancadaria, etc, etc. E aí a gente conversa e decide montar uma pequena história e fico mantendo até o fim. Eu usava uma carteirinha, que eles devem ter pego lá na minha casa, era de uma pessoa negra que não tinha nada a ver comigo, mas eu usava para poder buscar a correspondência nacional. Meu processo, aliás, é só em cima dessa carteirinha porque eu usava um nome frio. Era só o que tinham contra mim. Aí eles me mandaram para São Paulo. Não sei se vamos falar das torturas na OBAN, que é outro departamento. Porque eu chego lá muito mal. Fisicamente mal. Importante dizer que aqui eu peguei uma infecção. Claro, enfiaram de tudo na minha vagina e ovário, só podia ter pego mesmo uma doença. Para me tratar me deram muitos remédios. Eles davam muitos remédios. Essa quantidade de

medicamentos foram determinantes para causar muitos dos meus transtornos psíquicos. O médico ia lá e me enchia de remédios. A Delci de Paula, que estava presa comigo dizia para eu não tomar, dizia que estavam me dopando. E eu passei a não tomar mesmo e foi a minha sorte. Sabemos que quem toma muitos psicotrópicos e para de repente, começa a alucinar. Foi o que aconteceu. Nisso, sou levada para São Paulo. Tiraram toda a medicação e, é claro, eu cheguei alucinando. Estávamos num avião, algemados na cadeira. Cheguei completamente alucinada. Ficamos em um banheiro e a Delci era quem me dizia, agora você faz tal coisa porque eu não tinha comando do meu corpo. A tortura não tem por objetivo só arrancar informação. Ela também quer terminar com aquele ser humano, terminar com a resistência humana. Ela acaba psicicamente com a pessoa. É preciso fazer tratamento após. Até porque faltam algumas informações dos sobreviventes. Quantos de suicidaram? Quantos foram atropelados porque a gente fica meio perdido mesmo? Quantos tiveram problemas de joelho? De quais doenças morreram? São pesquisas que poderiam ser feitas para poder denunciar mais. Fizemos tratamento individual, cada um dos presos. Mas seria preciso fazer esse trabalho para saber o quanto isso nos atingiu física e psicicamente. Eu tive sorte porque o meu segundo marido era um cara tranquilo. Ficou preso dois anos, foi barbaramente torturado, mas foi acolhido pelos companheiros e acabou se fortalecendo. Antônio Norival Soave, meu marido, me ajudou muito. Quando eu estava muito enlouquecida, especialmente quando meus filhos eram pequenos, esse cuidado, essa solidariedade dele foi fundamental. Eu trabalhava demais e ele, operário e quase cego, tinha dificuldades em conseguir nosso sustento. Mas eu podia ajudar como professora eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite. Porém, a possibilidade de se organizar psicicamente foi muito difícil. Só melhorei quando comecei a estudar a psicopedagogia. Fui para Buenos Aires sabendo que lá tinha um grupo de reconstrução de pessoas. Alícia Fernandes me ajudou muito, pois eu fui fazer um trabalho de reconstrução cognitiva, afetiva, que é o que faço no consultório ultimamente. Com esse trabalho pude me encontrar, buscar minha identidade e aquela unidade do próprio corpo e da cabeça. E até hoje eu trabalho nessa reconstrução. Minha monografia foi sobre suicídio porque até agora não me conformo que mui-

tos de nossos companheiros não conseguiram continuar suas vidas e acabaram se suicidando. Por que há uma possibilidade, tanto que estou viva. Fizemos de tudo, por exemplo, para que o Sobrosa não se suicidasse. Trabalhamos com ele e sua família. Mas a família foi inteiramente presa. Para achar o Lamarca, eles prenderam toda a família do Sobrosa. Mas não me conformo de não ter conseguido ajudá-lo. E tem muitos outros. Essas pessoas que estão se suicidando não aguentam mais sobreviver com toda essa realidade dura, aquele ódio, aquele asco, aquele terror. Não pensem que para falar aqui eu dormi tranquilamente nos últimos dias. Eu dormi quase nada. Mesmo depois de quase 20 anos de divã, eu ainda não consigo ter uma tranquilidade para sair. Eu brinco, eu recupero minha alegria com facilidade por conta de muito trabalho e por saber que essa é a única maneira que tenho de sobrevivência. As pessoas que não conseguem, se trancam em um quarto e lá se isolam. Os monstros entram dentro do quarto porque estão na cabeça das pessoas. O Sobrosa me dizia: “Eles moram do meu lado, eu encontro com os torturadores todos os dias. E aí o que fazer?”. Se nós fizéssemos o que outros países fazem que é justiça. Colocar no campo dos réus, pegar os responsáveis. Não podemos deixar por isso. Temos que exigir justiça para honrar todos os nossos companheiros que morreram. Temos legado que é de uma geração inteira de legiões de pessoas muito generosas que deram suas vidas por uma causa. Fiquei cinco anos clandestina, eu sabia que podia não voltar. A gente sabia que era urgente terminar com aquela ditadura, terminar com aquele horror. Agora vemos nas novelas umas coisas e outras acontecerem, umas partes verdadeiras e corajosas diante de todas as ferramentas de torturas. Porque o que foi feito em São Paulo também merece ser contado. O que meu marido sofreu junto ao Fleury tem que ser revelado. O Fleury tinha um gosto especial pela família do Sobrosa, porque é impressionante tudo o que ele fez com essa família. Ainda gostaria de dizer que talvez vocês devam pegar lá no arquivo público, os informes, como eles deviam torturar, o que deviam fazer, tudo. Há uma necessidade de vocês terem um pouco mais de documentação. Todos os que foram presos e os que foram elencados na nossa queda, ou seja, 77 pessoas. Estão todos em uma lista. Há uma necessidade de que isso seja socializado e deve ser isso que os comitês estão fazendo. Fica aqui a

minha sugestão.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nós já temos cópias, tem algumas documentações no arquivo histórico, já estamos analisando. Outros 140 arquivos já estão separados lá. Gostamos da sua sugestão.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Eu deixo alguns documentos. Já foram feitos muitos trabalhos nas universidades. Na PUCRS, com a Zezé, acho que já saíram vários. Depois com o Padrós na UFRGS, na Unisinos também. Eles têm dados documentados e por isso acho importante que vocês peguem. A minha história saiu em primeiro lugar em 1997, no relatório azul. Eu não trouxe o último, que está na Assembleia Legislativa, mas eu trouxe o encarte. O professor Solon tinha me entrevistado e o Tiago, também, e eles exigiram. Peçam o encarte. Acho muito oportuno que vocês peguem.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não conseguimos viabilizar, por questão de tempo, esse material. Mas essa era a nossa ideia inicial. Nós vamos pegar lá na Assembleia e queremos distribuir na audiência pública com a Comissão Nacional. Se não me engano será aqui mesmo. E isso foi uma feliz ideia da Nilce que, além de tudo, nos dá boas sugestões.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Eu gostaria de deixar registrado também que estamos muito empenhados, junto com a Comissão de Mortos e Desaparecidos, de achar os corpos. Felizmente foi criada essa Comissão. Suzana Lisboa é uma das nossas conhecidas e há uma necessidade da gente situar as pessoas sobre onde estão os corpos. Já há uma versão do livro do Guerra dizendo que incineraram todos, mas já sabemos que todos não. Talvez alguns, mas não todos. Mas vamos atrás. Uma das coisas que eu peço que seja feito um DNA para saber onde está o corpo de Paulo Stuart Wright. Porque ele tem nome, sobrenome, Pedro Tim, está na Unicamp, está localizado e o que é que está acontecendo que não estão identificando? Porque durante todos esses anos ainda não foi feito um DNA? Esse é meu pedido oficial. Ele foi meu dirigente, foi deputado, tem um significado na história brasileira muito grande. O encontrei depois que eu saí, infelizmente não falei com ele. Depois de percorrer mui-

tos pontos em São Paulo, para depois ter a segurança de que eu não o entregaria, nós entramos em um bar, ele me deixou uma flor e eu nunca mais o vi. Realmente foi um grande homem. E para acabar com a história dele, hoje em dia inventa-se de tudo. Até que estava na CIA. Vão querer acabar conosco, se não de um jeito de outro. Querem que os de esquerda briguem entre eles. O que é isso? Nós todos estávamos lutando, de uma maneira ou de outra, para acabar com a ditadura no País. Se tivemos erros, e certamente tivemos porque somos humanos, vamos acertar agora. Tenho me empenhado e muito para que nada daquilo aconteça de novo. Fico em dívida com a minha mãe que tem uma carta, algumas pessoas até já escutaram porque gosto muito de ler. Um triste depoimento, Zilda Azevedo Cardoso. Uma das mulheres mais fortes que conheci na minha vida. Minha mãe foi forte sempre e na mão dos torturadores ela foi de uma firmeza e de uma elegância nas respostas. Ela esteve do meu lado durante todos os meses em que fui torturada. Aqui e lá em São Paulo. As consequências familiares foram grandes. Meus irmãos tentaram me ver e não conseguiram por motivos pessoais. Minha irmã conseguiu entrar no DOPS e me viu. Até hoje não conseguiu se organizar. Teve um surto catatônico no ano seguinte que me viu e desde então vem sendo tratada. Ela não conseguiu imaginar tudo o que ela viu após 40 dias de tortura, depois que pude me comunicar novamente. Ela me viu muito quebrada. Um triste depoimento da minha mãe. Primeiro choque. Minha filha está presa. Fui para Porto Alegre com o Nelson para vê-la, dar-lhe nossa força e dizer-lhe que estamos juntos. Segundo choque. Depois de muita demora me deixaram vê-la. Fiquei aniquilada, estarecida, quase não a reconheci. Entrou na sala arrastando os pés. Roxa, estranha, tão mal tratada, martirizada mesmo. Pensei em não aguentar ver tanto sofrimento. Até hoje o meu coração está sangrando. Não quero nem pensar nesses homens, animais ferozes, desalmados. Depois ela teve amnésia. E o medo constante, pois sentia-se vigiada, assim como a família. Custou a dominar o pavor e eu ia a todos os lugares com ela. A recuperação foi lenta e foi preciso muito amor e muita dedicação dos irmãos e dos amigos para ela não se sentir só. Com a ajuda da psiquiatra ela retornou à vida. Ela sempre foi e é uma pessoa boa. Sempre pensando em como ajudar os outros.

Confio na justiça que lhe será feita. Uma mãe sofrida. Muito obrigada. (emocionada – aplausos no final).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não sei alguns dos colegas quer fazer alguma pergunta ou esclarecer algum dado. Eu só gostaria de fazer uma pergunta. A Nilce referiu que aqui no DOPS haviam algumas mulheres que não participavam das torturas, mas ajudavam a levar da tortura e para a tortura. Tens ideia de quem eram essas mulheres?

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Imagino que sejam funcionárias do DOPS, não só da limpeza. Teve um caso até que eu me lembro. Elas se chamavam inspetoras. Eu fiquei muito tempo sem receber água ou comida e perdi muitos quilos por conta disso. Tiveram várias pessoas que me alcançavam alguma coisa, como um torrãozinho de açúcar. Uma das inspetoras fez isso. Essa eu gostaria de saber o nome. Ela ficou em conflito absoluto, pois ela também participou do sequestro da Lilian Celiberti. E ela ia denunciar o Pedro Seelig quando casualmente ela morreu do coração.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Peço desculpas por insistir na questão. Mas vocês percebiam o que essas mulheres faziam normalmente lá?

HOMEM FALA AO FUNDO: Serviços burocráticos. A ditadura colocava naquela época os interinos para trabalhar. Se alguém entrava em férias, eles nomeavam alguém para o lugar. Tinha também o pessoal da limpeza. Elas faziam qualquer serviço, ficavam datilografando. Outras eram contratadas como cozinheiras. (...) Tinha uma que se chamava Terezinha, acho que era um codinome que deram para ela. (...) Ela dizia que era investigadora e isso é interessante porque naquela época não existiam os cargos. Oficialmente não tinham mulheres na polícia.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que quero caracterizar com essas perguntas é que existia uma organização clandestina montada fora da lei dentro do Estado porque não existia ainda oficialmente a figura da policial feminina aqui. Quis com isso mostrar o grau de autonomia que essa organização tinha no Estado.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Essa lista que eles têm lá vinha assim. Uma lista confidencial deles. Várias vezes eu não conseguia fazer algumas coisas, sempre tinha que limpar minha ficha. Até que uma vez sumiram com meus documentos, não conseguia nem provar que eu tinha sido presa. Aqui diz Nilce Azevedo Cardoso, codinome Mônica Regina Vera Cida, filha de Álvaro Cardoso e Zilda Azevedo Cardoso, natural de Orlândia, nascida em 22 de janeiro de 1945, morando na rua Venâncio Aires, 281, apartamento 316, em Porto Alegre. Atuação: em 1968 iniciou sua militância na organização subversiva Ação Popular do Brasil, em São Paulo. Em 69 veio para o Rio Grande do Sul a fim de dirigir os trabalhos da organização AP, ficando como responsável do setor operário. 1970, voltando para São Paulo e no final do ano voltando para o Estado no final do mesmo ano. Com a vinda de Ivan a Porto Alegre, a nominada ficou responsável como coordenadora do setor operário. Fazia os contatos com a direção nacional em São Paulo. Era responsável pelas finanças da organização e do comitê seccional R1. Em 70, participou da reunião do Comitê Seccional Ampliado. Usava a carteira de identidade de Ana Maria Pinto Mourales, nome frio, para tirar correspondência que lhe era enviada pelo comando regional e nacional. Em 71, trabalhou como professora de matemática no Educandário Cecília Meireles, na rua Venâncio Aires. Em 71, a nominada reuniu-se na praia de Atlântida Sul com Antônio Ramos Gomes, codinome Fábio, com Catarina Meloni, codinome Dora, Emílio Bolsari Assirati, codinome Paulo, e Paulo de Tarso Loguércio Viera, codinome Eduardo. Para discutirem os seguintes temas: luta armada da organização Ação Popular em resumo da linha geral de organização popular. Posteriormente, fizeram outra reunião no bairro Petrópolis (vocês imaginam). Recebeu no ponto de chegada, situado na avenida Carlos Barbosa, nas imediações do campo do Grêmio, as seguintes pessoas: Catarina Meloni, codinome Dora, Emílio Bolsari Assirati, codinome Paulo, Delci Gonçalves de Paula, que caiu na nossa época e de codinome Ruth, Arnol de Holanda Cavalcanti, codinome Carvalho, Paulo Stuart Wright, codinome João, Maria Nacano, codinome Fernanda, Eurico Taramira, codinome Luiza, José Augusto Fidelis Sarno, codinome Márcio, Gildásio Westin Cozença, codinome Rui, e um indivíduo de

codinome Afonso. A nominata foi detida em 11 de abril de 1972 e liberada em 20 de julho de 1972. Isso é o que consta lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Antes de passar a palavra para o Raul que quer fazer uma pergunta para a Nilce, gostaria de registrar a presença da deputada Ana Afonso, representando a Comissão de Educação.

RAUL: Nilce, a senhora referiu que existiam muitas outras pessoas na organização. Pensando que talvez houvesse uma estrutura organizada, verticalizada que poderia ir da Avenida Ipiranga até o Palácio do Planalto, em Brasília, que necessariamente não poderia ser composta pelo inspetor, pela moça da limpeza nem mesmo por delegados de terceira ou quarta classe. Eu pergunto se a senhora percebia nesse momento a organização multilateral, de diversos níveis, em que se incluíam particularmente militares, já que a senhora não referiu militares. Dava para perceber isso? A segunda pergunta é se eles passavam a sensação de atuar em absoluta tranquilidade quanto à impunidade de seus atos e o futuro, inclusive. O que aconteceria com eles, já que era uma ilegalidade dentro de uma estrutura ilegal. Não estava escrito que um suspeito político deveria ser sequestrado...

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Vou começar pela impunidade. Realmente eles imaginavam serem impunes, impossível... Nós vemos isso atualmente em nossa política, tanto que o Bolsonaro ta aí né? Vemos isso a todo o momento, inclusive em nosso momento político nos dias de hoje. Não havia dúvidas de que eles estavam fazendo o que bem entendessem e que nada aconteceria a eles. Com relação aos militares, me parece óbvio, já que estávamos dentro de um regime ditatorial, dentro do palácio da polícia. Me parece que tudo estava absolutamente claro para eles. Mas nós tínhamos o comandante do Cenimar, hoje a gente já sabe que não era, vai sair no livro do Otto, ele não era comandante. Era oficial. Ele tinha um livro grande e tudo o que acontecia em Ação Popular estava naquele livro. A gente nem podia explicar. Onde quer que fosse ele ia interrogar o pessoal da Ação Popular, onde fosse.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Perdão Nilce, isso aqui em Porto Alegre, do Cenimar, ou lá em São Paulo?

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Aqui! Veio para cá para nos interrogar....(homem fala ao fundo). É....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era um especialista em AP.

HOMEM FALA AO FUNDO: (várias vozes) Qual era o nome dele?

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Era...o Otto descobriu. Ele me falou....bom, procurem o livro que vai sair sobre a Ação Popular de Otto Filgueiras, que tem o nome dele e tem toda a história, depois eu passo para vocês, ta? é...nossa senhora, ele me deu o nome ontem, mas realmente, eu tenho que escrever porque a memória....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Malhães estava aqui nessa época, pelo menos contigo tu não....

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não cruzaste com ele?

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Não me lembro.

HOMEM FALA AO FUNDO (sobre Pedro Seelig).

NILCE AZEVEDO CARDOSO: O Seelig e o Havelha estavam.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas isto já está registrado, esses “nasceram aqui”.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: É esses “nasceram, agora, o comandante esse, ele vinha com este “livrão”. Ele desmanchava qualquer história possível, ele sabia de tudo, de todo Brasil. Ele tinha alguma coisa com a Ação popular, porque quando nós saímos daqui e fomos para a Oban, ele foi atrás. Ele foi atrás para saber o que a gente tinha falado lá. Aí quando ele chegou lá e foi me interrogar, com o tal do livrão, porque aquele livrão tinha fotos, tinha tudo, e aí, sempre que ele chegava, eu tinha a mesma atitude. Ficava muda. Essa foi a minha atitude. Eu ficava muda. E ele “essa mulher não fala?”. E eu ficava muda como se não falasse mesmo, e não tinha intérprete (risos). E aí....

ALGUÉM FAZ UMA PERGUNTA AO LONGE.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Pois é, mas é que eu não saberia te dizer, eu sabia do Átila porque ele era o representante “Mor”, as ordens vinham dele, mas ele nunca entrou lá na nossa época. Talvez porque ele achava que Ação popular não tinha nada a ver, entendeu?. Ninguém entende todo esse aparato que eles montaram de grande repressão. Nós temos 10 mortos por tortura que eram estudantes. Nenhum tinha feito ação armada. Não tinha ação armada sobre nós. Mas eles sabiam que nós queríamos uma educação popular, uma educação de povo que lutasse por sua liberdade, que lutasse por uma outra sociedade. Esse comandante devia ter entendido a razão pela qual a gente tinha mais de 20 mil militantes, que o Otto tem dentro do telegrama, e esses nomes todos estão aí. Os nossos que foram mortos são os grandes. E os operários que morreram? Nós não sabemos. Nós temos muita gente que foi morta e não temos isso tabulado. Essas Comissões vão acabar levantado uns e outros que levaram em seu entorno gente que foi morta, fora os que são depois de consequências, né?. Mas o Átila fazia parte da estrutura do Estado, nós já sabíamos quem ele era, mas ele não participou da minha tortura pessoalmente, não entrou lá no DOPS, se era isso que você perguntava.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu gostaria de complementar aqui uma, o teu relato, só para situar assim. Estas série de prisões, específicas de militantes da AP foram desencadeadas ao longo de 1972? Principalmente? Que tu contaste que vocês vinham para cá para refazer os..

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Já tinha caído gente antes.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Pois é para mim é importante, a partir de 1971 então? Final de 71? (homem fala ao longe). Só para completar, há em 1970 uma grande rasia aqui contra os militantes da VPR, Var-Palmares, né?

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Sim, mas aqui eles concentravam por causa dos...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E os da AP foram um pouco depois? Para precisar isso...eu quero.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: A nossa grande queda mesmo foi em 1972. Em 72 lançam a ofensiva de dizimar a Ação Popular, vai aparecer esse documento no livro do Otto, de dizimar com a Ação Popular. E aí, eles vão dizimando mesmo, quem fosse possível ia sendo cooptado, ou o que fosse, mas vão dizimando. Por que? Porque estava tudo aberto, conhecido, e aí em 1973 com a morte do Paulo Stuart Wright e de outros dirigentes eles vão mesmo terminando mesmo com a Ação Popular.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Essa é uma pergunta e uma resposta importante para nós. Vai se observando pela sequência de prisões e pela origem que o sistema repressivo atuava com método. Eles tinham um método que mostrava focos. Eles partiam de uma organização para outra. Não caía por acaso. Depois pegaram o partidão em 1974,1975 (mulher fala ao fundo), eles foram pegar o “partidão” quando não tinha mais ninguém para pegar.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Não, eu acho que teria uma certa correção nesse ponto. O pessoal do PCB eles foram presos desde...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não, eu estou falando da década de 1970. O primeiro objeto de repressão é o “partidão” e o PTB. Mas eu estava me referindo aqui na década de 70.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Sim, porque estava preso comigo o Djalma de Oliveira que era do PCB. E todo o pessoal que foi preso do PCB foi solto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim, sim, eu sei, não era proibido prender. O que eu acho que a gente tem que caracterizar é assim: o grosso das prisões, por exemplo, lá em 1970 foram de diferentes organismos. Se tu vai olhando, eles tinham um método.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Ah, certamente... (perguntas ao fundo)

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu acho que primeiro a Jane lá, e depois o senhor.

JANE (não fala o sobrenome): Em 70 começa a conversação do PC do B com a AP porque eu fui presa aqui já no PC do B. Quando começou o Araguaia, começa o entendimento da AP com o PC do B. Em 71, já não tinha mais AP.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Como? Eu sou presa política...

JANE: Ah mas as lideranças tu lembra que já estavam....

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Não é verdade, isso é que vocês contam, espera só um poquinho. **(risos)** Em 72, começam as quedas de AP. Já tinha tido um racha, alguns já tinham entrado no PC do B. Tanto que o Paulo Wright vai ser preso e assassinado em setembro de 73. Ele é preso no dia 04 de setembro de setembro. Agora, voltando um pouco, eles sempre foram muito organizados. Os documentos mostram os detalhes que eles tinham. Que não era “a La louca” não. Eles eram uma ditadura organizada, programada para ser para sempre. E se não fosse o nosso movimento de luta por abertura e anistia e eleições diretas depois, eles ficariam aí para sempre, esse era o desejo deles.

LUIS ANTONIO GRASSI: Só para uma reconstituição histórica, meu nome é Luis Antônio Grassi. Em um primeiro movimento após o golpe, em uma fase antes de 68, numa fase um pouquinho mais light da ditadura, realmente as primeiras prisões foram muito voltadas uma parte para o Partidão, mas principalmente para as prisões de JUC e AP. Eram prisões ainda com pouca tortura, gente que era presa ficava só alguns dias presa. Em Porto Alegre nós tivemos José Luis Fiori, Dilma de Souza, “Crochemore”, que era o presidente da UER, toda a coordenação nacional de JUC e mais alguns foram presos num apartamento no Rio de Janeiro. Todo o ano de 64 foi muito mais essa camada, de lideranças estudantis fundamentalmente. Só para complementar por que é uma fase anterior a história.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E que na verdade, a palavra está colocada, claro que esclarecimentos sempre sejam oportunos, é que eu quis fazer este registro para destacar bem, porque este depoimento integrará um relatório circunstanciado, e eu quis fazer o devido destaque dessa ação que não era uma ação “a La louca” como

disse a Nilce. Não foi minha intenção ficar corrigindo exatamente os maiores detalhes. De qualquer maneira, foi bem colocada a sua observação, e a própria Comissão da Verdade está sempre à disposição para aprender sobre isso, do senhor e de outras pessoas. Agora a professora Carla:

CARLA RODHEGUERO: Boa tarde, deste rico depoimento da professora Nilce eu queria destacar a dificuldade que ela falou de encontrar documentos no DOPS que comprovem a sua passagem por lá e também a sua menção de que a Comissão deve entre as suas ações buscar documentos. Então faço uma pergunta que é mais direcionada aos membros da Comissão, do que propriamente à você, que é assim: Todo o mundo sabe que durante o governo do Amaral de Souza houve um momento em que o DOPS foi desativado e sua documentação foi queimada, inclusive existem fotos dessa queima. Gostaria de saber o que existe de oficial com relação a isso e se a Comissão pensou na possibilidade de se dirigir às autoridades competentes, no caso a Secretaria de Segurança para que alguma pessoa de lá se responsabilizasse para buscar as informações, buscando pessoas que estavam próximas e faziam parte daquele governo para que se preste contas do que foi feito da documentação do DOPS.

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Antes que você fale oficialmente. Toda a informação que nós tivemos quando começaram a aparecer essa história de queimas, eu estava naquela época procurando os meus depoimentos no DOPS e nós ficamos sabendo que tinha sido tudo microfilmado. Então podiam queimar, porque estava tudo microfilmado. Nós temos mesmo é que pegar todos esses microfimes que estão na mão, que é o que ele estava falando agora, ele vai dar de novo o esclarecimento.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu vou postergar essa resposta. Não é o objetivo aqui dessa audiência. Não estou fugindo, mas uma das histórias, um dos episódios que nós temos que apresentar no relatório circunstanciado final é o destino do famoso arquivo do DOPS. Já estamos providenciando e mais que isso eu não posso te dizer fazer uma reconstituição histórica dos trabalhos do DOPS. Esse é um objeto da nossa investigação e mais do que isso não posso te

dizer. Só gostaria de dizer que alegada queima é em si um fato que constitui uma grave violação aos direitos humanos, à memória e a verdade deste povo. Se essa farsa é verdadeira, por si só ela já constitui a confissão de um crime. Mas essa história e tudo o que a gente descobrir será devidamente integrado ao relatório e será remetido ao Arquivo Histórico. O que eu posso dizer é isso. Estamos procurando reconstituir a história institucional do DOPS. Sobre o depoimento da Nilce, alguma pergunta mais? Me desculpem, não quero atropelar. Eu recebi, desde que estamos montando este evento, de diversos e qualificados interlocutores, recados das organizações feministas e de direitos humanos de que não ultrapassássemos às 16h porque haverá uma marcha comemorativa ao Dia Internacional da Mulher e esse é um evento que integra no nosso viés específico e integra as comemorações e não está aí para atrapalhá-la. Por isso estou fazendo essa condução. Além do que a partir das 19h teremos o nosso terceiro ato aqui. Haverá um pequeno coquetel, que é uma forma de atrair a juventude que está em fase de crescimento e precisa renovar suas proteínas e sais minerais e etc. E às 19h30, alegres e satisfeitos, ouviremos outro depoimento tão emocionante, que será da Eliana Lorentz Chaves, comovente e necessário como foi o da Nilce. Muito obrigado. (aplausos)

TESTEMUNHO – AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA¹

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Meu nome é Airton Antônio Castagna, sou nascido em 16 de janeiro de 1952. Hoje sou engenheiro agrônomo, aproveitei a minha estada na França para fazer o meu mestrado e o meu doutorado. Fiquei lá trabalhando, inicialmente como professor concursado no Instituto Nacional (inaudível) de Paris e seis meses depois de ter iniciado troquei e fui trabalhar como formulador e logo em seguida como compradores de *comodities* de uma empresa nacional, a (inaudível). Mas eu comecei com a política lá em 1964, por força da própria Revolução. Eu não tinha nenhuma militância política, inclusive um ano antes eu chorei durante vários dias porque eu tinha feito concurso de admissão para a escola militar de Porto Alegre, e o meu grande sonho era fazer a escola militar e me tornar um militar. E passei, passei em terceiro lugar no concurso de admissão para a escola militar, mas na época precisava de uma carta de recomendação de um militar da ativa, e eu pedi essa carta para o meu tio, irmão da minha mãe, que não me deu. Por combinação com meu pai ele não deixou a carta, porque o meu pai havia feito o seguinte acordo comigo: eu fazia vestibular (vestibular não, concurso de admissão da escola militar de Porto Alegre), mas também tinha que fazer concurso de admissão no Três Mártires, em Palmeira das Missões, que era um colégio estadual. E fiz e também passei, em primeiro lugar, e tinha tomado uma decisão ali que já que eu não tinha conseguido entrar no ginásio, então no científico eu iria entrar na escola militar porque eu queria ser milico. E veio o golpe de 1964 e eu fiquei contra, digamos assim, o golpe, porque o meu pai era contra o golpe, mas eu contra ou a favor pouco importava, e fui candidato a vice-presidente do grêmio, depois a vice-presidente da União Palmeirense dos Estudantes, junto com o Armando Pereira Rodrigues, então era uma espécie de aliança PSD/PTB que ganhou as duas [risos], o Grêmio Estudantil Castro Alves (o GECA) e depois a UPE (União Palmeirense dos Estudantes), que juntava os grêmios estudantis então do Colégio Agrícola Celeste Gobato, mais a Escola

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em : <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1527/depoimento-airton-antonio-castagna>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Normal, mais o técnico em contabilidade (que eu não me lembro o nome da escola). Bom, e aí veio a participação no primeiro congresso da UGES, em Uruguaiana, em que o Trajano, que era o presidente da UMES, que reencontrei lá no Rio como secretário do Brizola, foi o candidato da esquerda, e o Luís André Favero foi o candidato “teoricamente” da direita. Na verdade era um submarino infiltrado que ninguém sabia. Aí quando ele ganhou a eleição eu falei “bom, estamos derrotados, paciência”. Nos retiramos, e aí no ano seguinte eu, por razões de estar muito marcado em Palmeira, não é, duas coisas: eu tinha 13 anos e recebi o primeiro convite para ir depor na delegacia por conta do Grêmio Estudantil Castro Alves. Depois com 14 foram três chamadas do Capitão Valdo Marques da Silva para ir depor. Uma situação horrorosa, ao arrepio de todo e qualquer preceito jurídico, mas as coisas funcionavam assim. E no meu primeiro científico, o Luís Pinto, irmão do Deputado Aldo Pinto, candidato a governador também, meu amigo particular, eu tinha uma marcação terrível. Era professor de literatura. Eu tinha 9 e 10 em quase todas as outras cadeiras, e na dele (literatura) era 5,5. E ele era também boêmio, e com o perdão da palavra, mas era assim que se dizia lá na Palmeira, era também muito “chineiro”, e fanfarrão: gostava de jogos, gostava de apostas. E aí eu usei tudo isso para logrã-lo, porque foi a única matéria que eu não passei por média. E aí eu falei “professor, eu estou precisando de 6,5 pra passar com o senhor, e faço uma aposta, e eu passo.” “Qual é a aposta?”, disse o professor. “Vale uma caixa de cerveja lá na (inaudível). que era um dos cabarés da cidade. “Você não tem dinheiro para pagar”, disse o professor. “Tenho sim e está aqui o dinheiro”, eu disse, pois eu vendia folhinhas (calendários de final de ano), e tinha recebido a comissão e estava cheio da grana. Piá novo sempre é besta, estava com todo o dinheiro no bolso. Tirei o dinheiro e disse “está aqui o dinheiro”, e apostamos. E eu sabia que ele gostava de (inaudível), e ele me deu 5,9. Ele era muito desorganizado e não levava livros com as notas dos alunos, e me deu 5,9 e falou que quem precisasse de até meio ponto era só lhe pedir que daria, e falou “Castanha, mesmo com a nossa aposta, se você abrir mão da aposta, eu te dou 0,6. Eu disse “não professor, aposta é aposta; e nota é nota. E o senhor só dá meio ponto, o meu é 0,6, não tem problema, entrega as notas, pode entregar que está sacramentado”. E aí ele pe-

gou e assinou o diário com raiva e atirou-o para a secretária. Eu disse “bom, então tá, então eu pago metade da caixa e você paga a metade, porque passar eu passei, mas eu não precisava de 6,5, eu precisava de 4,5”. Então eu disse bom, Palmeira já deu o que tinha que dar, deixa eu fugir daqui e vim para Porto Alegre. Passei no concurso de admissão do Julinho e fiquei. E aí logo que cheguei aqui me juntei com boas companhias, o Luiz Eurico Teixeira Lisboa, o Carlos Claudio Gutierrez, o “Minhoca” (o Luís Goulart, Luizinho), o Horácio, o Brito, e aí “pronto”. E fecharam o grêmio do Julinho, aí nós criamos o grêmio livre, aí colocamos uma barraquinha ali na frente do Julinho, no meio das palmeiras. Aí o diretor (inaudível), chamou o DOPS e acabou com o grêmio livre. Aí criaram um centro de estudos, aí nós colocamos o Luís de candidato, daí o Luís ganhou do Brito, aí fizeram novas regras, e eu era o vice do Luís. Só podia votar presidentes de sala de aula que tivessem frequência, aí o Brito ganhou, e nós perdemos. E na passeata que teve (do movimento que teve em 1968 no mundo todo), e a morte do Edson Luís no Rio, teve uma passeata em Porto Alegre que foi mais ou menos memorável. Eu me lembro que tinha os bondes que saíam da Rua Riachuelo e entravam na Borges, aí quando estava saindo da Riachuelo para entrar na Borges um pegou o “rabicho” e cortou, e o bonde ficou ali, soltando faíscas e bloqueando o trânsito. E foi muita gente naquela passeata. Nós forçamos o Brito para levar o pessoal dele na passeata, e ele começou a chorar lá no...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Desculpe interromper, mas não foi nessa ocasião que ele [o Brito], o Luizinho e o Minhoca foram presos, num abrigo do bonde, parece que o Luizinho contava que era a primeira prisão dele, panfletando... parece que levaram o Brito.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: ...o Luís e o Minhoca foram, mas não nessa passeata, na seguinte. Nessa quem foi preso fui eu, porque eu não conhecia a “estudantada” de Porto Alegre. Mas isso foi na passeata seguinte, quando eles estavam panfletando, ele e o Minhoca (Carlos Alberto Tejera). Nessa passeata eu fui preso por bobagem, porque lá no interior quando se dizia “vamos” todo mundo ia, e aqui estava o brigadiano batendo no cara e eu disse “vamos lá”. Os caras disseram “vamos”, e eu fui, só que quando eu avancei, eu

avancei sozinho, e tinha uns trinta brigadianos! Levei meia dúzia de cassetadas e fui preso. Nós éramos uns cinquenta naquele pelotão e eu falei “vamos tirar o cara de lá”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas isso era 1968?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Isso era 1968.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Te levaram para onde?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Ai eu fui para o quartel da brigada na Praia de Belas. E eu estava bem arrebetado, eu estava sangrando por vários lados. E aí chegou um parente do meu avô, que era um coronel da brigada, o Olavo Castanha, e disse “me falaram que tem um Castanha aqui. Quem é?” Eu disse “sou eu”, e pensei que por ser meu parente eu estava salvo. Ele disse “pode quebrar no pau que esse é sem vergonha”. E aí o que eu ia fazer? Mas lá não houve. Bateram muito quando estavam nos trazendo até aqui [no quartel da Praia de Belas] dentro do camburão, quer dizer, no ônibus, pois nós viemos num ônibus, e ali só tinha piazada, não tinha ninguém maior de idade. Mas aqui no quartel não, aqui no quartel não houve nada. Mas aí foi a primeira prisão, depois teve mais duas outras passeatas que acabaram lá no DOPS. Mas era assim, saía no dia seguinte, e tal, e também não adiantava, pois para quem é que você ia reclamar? Não tinha aonde se queixar. Já tinha havido o 477 e o ato institucional n.º 5, e você não tinha mais aonde recorrer.

E ao longo dessa militância, e desse pessoal, que ficou conhecido como o Exército Branco pelas organizações mais sérias, porque nós éramos um pouco avessos a organizações muito rígidas. Tinha passado aquele filme “O incrível exército branco” e nós ficamos conhecidos como o “Exército Branco”. E aí passou um certo tempo e eu me aproximei do POC (Partido Operário Comunista), que foi um partido que surgiu da antiga POLOP que fundiu com a dissidência leninista daqui e a de São Paulo, duas dissidências do partidão e criaram o POC. De operários tinha muito pouco, mas era um partido intelectual, que trouxe toda uma tradição intelectual da POLOP. E aí nós recebemos uma boa formação teórica, como era tradição da POLOP, mas era um partido que ficava nas grandes

discussões, e tal. Meus contatos lá dentro eram o Flávio Koutzii e a Maria Regina Pilla, e a gente tinha uma ânsia quase que por ver as coisas acontecendo, e nos parecia que aquela posição do partido era uma posição muito refratária a qualquer tipo de ação. E nós dizíamos “olha, com esse ato institucional não tem jeito de você fazer política contra o governo, e a única possibilidade é a via armada”. E aí o Ladislau Doubor, o nosso polaco que criou a teoria das ações exemplares, que se você fizesse a população por si iria aprendendo e iria fazendo também; nós tínhamos uma espécie de geração espontânea, meio lamarquiana, na revolução, e nós embarcamos nessa. Fizemos uma opção altamente ideológica, eu estou falando eu e o meu grupo, grupo do qual eu fazia parte, não que eu fosse o líder mas do grupo que eu fazia parte, que era o João Carlos Bonna Garcia, que hoje é juiz do Tribunal Militar do Rio Grande do Sul; o Reinoldo Amadeu Klenet; o Antônio Carlos Araújo Chagas; o Horácio Goulart, e outros lá de Passo Fundo, que eram contatos do “Bonna”, o Bruno Piola e outros que eu não recordo o nome. Nós estávamos em contato com a VAR-Palmares e com a VPR, que já haviam decidido. A VPR original fundiu-se com a Colina (Comando de Libertação Nacional) e deu origem a VAR-Palmares, e tempos depois separaram em duas, então ficou a VAR-Palmares de um lado e VPR de outro. Nós estávamos em contato com as duas quando o Fernando Pimentel, o nosso ex-prefeito de Belo Horizonte e agora Ministro da Indústria e Comércio, chegou e disse “nós temos 56 (inaudível), aquele fuzil automático leve, e mais não sei quantas metralhadoras, não sei quantas granadas, não sei quantas caixas de munição... nós optamos pela VPR. Foi uma opção altamente ideológica [risos].

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só para esclarecer, o Pimentel nessa época estava morando em Porto Alegre...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: ...morando em Porto Alegre, militar daqui. Da mesma maneira que na VAR-Palmares você tem figuras célebres, o Carlos Franklin Paixão de Araújo, com eu convivi na cadeia, ex marido da nossa Presidenta; o Rui Falcão, atual presidente nacional do PT, que estava preso a duas celas de distância. Enfim, nossa opção foi pela VPR. Logo que eu ingressei na VPR

houve uma onda de prisões muito grande no Estado, em que vários companheiros foram presos.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Perdão te interromper. Pode situar no tempo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Início de 1970. Eu tinha ingresado em 1969 (julho ou agosto de 1969) na VPR. E aí houve uma grande prisão, ato contínuo, mais ou menos, na sequência da tentativa de sequestro do Cônsul Americano, que aliás foi a minha primeira grande divergência dentro da VPR. Quando do planejamento eles colocaram um fusca para bloquear uma (inaudível) com 310 HP eu dizia “não é possível. Se o cara acelerar ele joga o fusca no terceiro andar do prédio ao lado. Não tem como. Tem que ser um *aero willys*, um cinca, uma rural – que eram os carros da época. Uma Kombi? Eu falei “uma Kombi não adianta, ele joga a Kombi longe”, que foi mais ou menos o que aconteceu. Tudo o que eu obtive com a minha pertinaz insistência foi ser retirado da ação e ficar no chamado “carro de cobertura”, que dava cobertura à ação, que foi o primeiro carro que disparou e eu tive que depois sair de carona do lugar, com uma metralhadora, coisa relativamente fácil de fazer. Bom, mas depois da tentativa frustrada de sequestro do cônsul americano houve essa série de prisões e seria bom que eu relatasse do que participei e do que não participei, ou isso aí é de menor importância?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas tu não foi preso nessa série de prisões?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Ali foi o Félix, o Egeu, o Menegom, a Martinha, o Gustavo Buarque Schiller, o próprio Carlos Araújo, a Dilma, essa turma toda foi naquela leva.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim, mas eles lá em São Paulo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Foi todo mundo daqui e de lá, pois a coisa veio pegando em...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas eu digo da ação, só pra situar bem... dessa ação do cônsul.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, dessa ação do cônsul não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Dessa ação do cônsul tu conseguiu escapar?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim. Nenhum de nós foi preso na ação. Foram todos presos depois. O Grégorio, inclusive, foi bem depois, já lá em São Paulo, o Gregório Mendonça, do sindicato dos rodoviários ou dos caminhoneiros, agora não me lembro mais. Ele era de um sindicato. E aí veio o Félix, o Egeu, o João, o Menegom... mas eu nunca entendi aquela reportagem que o Félix participou aqui da Zero Hora, que “ele fez sozinho o sequestro, não tinha mais ninguém com ele?!” Uma operação que envolveu 23 pessoas. Ele conta ali que foi sozinho! Bom, mas enfim... eu acho que cada um dá a sua versão das coisas, não é... mas achei interessante. Bom, antes disso eu participei também de uma ação de expropriação, e eu gostaria de frisar essa questão da ação de expropriação. Por que? Porque nós nos considerávamos um governo revolucionário. Em toda a ação contra banco de confisco, ou contra uma instituição bancária, ou mesmo industrial, nós sempre mandamos por correio o recibo da importância confiscada. Nunca ficou sem recibo. Havia um recibo do governo revolucionário do Brasil, etc. e tal, na pessoa do comandante fulano de tal, certificando que tantos mil cruzeiros haviam sido confiscados pelo comando tal. Esses recibos, que provavelmente nunca vieram à luz, porque misteriosamente os valores que apareciam na imprensa eram muito superiores àqueles que haviam sido verdadeiramente confiscados. E eu sei porque várias vezes eu contei esse dinheiro. Quem contou esse dinheiro fui eu. E eu sabia, porque era quem preenchia todos os termos, datilografava os termos do recibo de confisco, era eu. E só permite uma suposição que alguém lucrava com isso: ou os funcionários do banco, ou o pessoal da polícia, ou o pessoal da própria repressão. O pessoal do banco, porque iria receber mais dinheiro do seguro, e talvez algum funcionário também aproveitasse para pegar algum pra ele, sei lá, não sei, mas esses recibos nunca vieram à tona. Então eu sei, eu falo, e continuo insistindo nessas ações de expropriação, porque essas ações tinham um recibo, que pode não ter o seu valor legal reconhecido, mas para nós tinha um valor legal, uma vez que nós nos admitíamos, digamos assim, em guerra revolucionária.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês mantinham cópias desses recibos com vocês?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Mantínhamos.

ARAMIS NASSIF: E não temos como acessar essas cópias?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Olha, o detentor dessas cópias aqui no Rio Grande do Sul era o Comandante Estadual da Regional Sul, o Reinoldo Amadeu (inaudível), que eu não sei se ele chegou a guardar esse material, porque cerca de oito meses depois da minha prisão e da leva de mais de 70 prisioneiros, eu fui o 56º a ser preso, o Reinoldo se entregou para a polícia e foi para a televisão aconselhar a juventude brasileira a trabalhar na transamazônica, e dizer que as organizações de esquerda eram uma angústia, um vício, e que ele já tinha namorada interna. E ele foi liberado três dias depois e foi trabalhar na PrefSul, e eu não sei mais dele. Não tenho ideia onde foram parar esses documentos. Os documentos que estavam em meu poder, eu os queimei todos, porque... eu vou chegar lá. Mas quando eu fui preso, eu não pertencia mais a VPR.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Essa ação foi depois da ação do cônsul? Essa ação de banco...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, não. Antes. Ali no Menino Deus foi...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só para situar no tempo.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, foi depois do cônsul. A do Menino Deus foi depois da do cônsul. A da Souza Cruz também depois da do cônsul. A frustrada lá do Banco do Brasil em Gramado também foi depois do cônsul. A do Banrisul em Canoas foi antes do cônsul.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas nesse período tu vivia na clandestinidade?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Tinha uma vida dupla em Lajeado, que era como eu me sustentava. Eu fazia trabalhos de topografia.

Eu fui treinado e qualificado pelo topógrafo Leopoldo Pedro Feldens, meu amigo particular e simpatizante da causa, mas não militante, e lá eu ganhava o meu dinheiro para sobreviver. Então eu ia para lá fazer meus trabalhos e voltava para Porto Alegre.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E aqui sim a vida era meio...?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Aqui eu me tornava o Valdemar Liderar. Eu tinha toda uma documentação falsa: era funcionário da Petrobrás, tinha carteira assinada da Petrobrás, tinha carteira de identidade, tinha até passaporte como Valdemar Liderar. E aqui eu vivia clandestino, sempre mudando: pensão, apartamento, quarto alugado, de um para outro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E teus companheiros foram caindo, o Chagas foi preso nessa época...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: O Chagas foi o primeiro a ser preso da nossa turma, da nossa leva de prisões foi o Antônio Carlos Chagas. E, na ocasião, o Antônio Carlos Chagas era um garoto como nós...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era menor de idade, não tinha 18 anos?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: É. Eu tinha 18, ele tinha mais ou menos a minha idade, eram todos maduros, etc. e tal. Mas ele foi o primeiro a ser preso, e ele não resistiu bem a prisão e acabou desenhando o esquema da organização, e falou o nome de várias pessoas, e de algumas que não sabia ele disse que sabia o nome. Ali foi uma perda grande para a organização. Então ele é um sem vergonha, traidor? Não, cada um tem uma capacidade de resistir, uns mais, outros menos. Bom, voltando um pouco à militância, aconteceu o seguinte: nós estávamos cada vez mais restritos. A nossa capacidade de angariar novos quadros era cada vez menor. Cada vez mais a população em vez do apoio que nós esperávamos, se tornava hostil. Eram os anos do milagre brasileiro. Eu fui chamado a São Paulo, eu e o (inau-

dível). Ele era ex oficial da brigada e esteve exilado no Uruguai. Nós fomos chamados a São Paulo e o Lamarca nos pediu que fôssemos até o Uruguai conversar com o Brizola para conseguir o apoio dele.

CÉLI PINTO: Só uma perguntinha: vocês eram todos muito jovens nessa época, não é?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim. Absurdamente jovens.

CÉLI PINTO: E na liderança também eram absurdamente jovens, porque em 70...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim. Veja bem: depois que o Félix foi preso quem assumiu foi o Reinoldo, e o Reinoldo era dois anos mais velho que eu. Tinha 20 anos...

CÉLI PINTO: É impressionante isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O próprio Félix era jovem...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Duas coisas me tiraram da VPR. Uma foi que eu fui escondido a Palmeira, e o meu pai, falando comigo, “pensa só no seguinte, se você fosse prefeito de Palmeira, o que que você iria fazer?” Eu não soube que resposta dar, porque eu tinha grandes teorias na cabeça, mas se eu pegasse o governo na mão, eu acho que eu iria dar uma da Pancho Villa, (inaudível), porque eu não sabia o que eu iria fazer. Realmente, a gente não tinha a menor ideia do que era administrar alguma coisa. Nós éramos um bando de sonhadores, com um sonho certo, talvez, mas nós éramos um bando de sonhadores, incapazes de realizar aquilo que nós nos propúnhamos a fazer.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era um protesto sem proposta...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, nós tínhamos. Aquela história das grandes ideias. Agora, como é que você faz acontecer a grande ideia ninguém tinha a menor noção de como aquilo ali poderia acontecer. Isso aí me deixou muito abalado, e daí depois essa viagem ao Uruguai... nós ficamos lá no apartamento do Brizola uns

quatro dias. Ao final do quarto dia o Brizola disse o seguinte: eu não acredito na proposta de vocês, mas eu vou fazer uma proposta pra vocês: me provem que vocês são capazes de resistir militarmente, não falo nem politicamente porque eu já sei que vocês não conseguem. Mas se vocês são capazes de resistir militarmente mais seis meses que eu volto pro Brasil nem que seja para carregar as malas do Lamarca. Nós não duramos seis meses.

JACQUES ALFONSIN: A gente está notando em todos os depoimentos... a gente fica muito impressionado com o que vocês contam, e tal, mas uma das coisas que nós temos mais dificuldade atualmente é... tu disse que queimou tudo né... onde é que a gente poderia conseguir, por exemplo, a documentação... houve algum documento, alguma coisa, relacionada com estas prisões de vocês onde a gente pudesse ver se foi aberto algum inquérito policial preliminar, alguma coisa assim...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, perfeitamente. Aqui na auditoria de guerra. Fica na Duque de Caxias. É na Duque de Caxias esquina com a Rua General Coutinho, eu acho.

CÉLI PINTO: A gente mencionando o teu nome lá pode encontrar esses dados?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sem dúvida. O próprio DOPS, porque eu fui um dos poucos presos a ter registro da prisão. Todos os demais não tiveram. Eu tive. Por que? Porque eu fui preso lá em Palmeira das Missões por um delegado absolutamente legalista, chamado Mario Roque Von Diene. E me entregou aqui no DOPS mas exigiu recibo do preso, e quando os caras disseram não ele puxou o revólver e disse “então o preso vai de volta comigo. Se não dão recibo o preso vai de volta comigo. Eu não entrego preso sem recibo”. E engatilhou o revólver.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E como é que foi essa prisão lá?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Lá em Palmeira...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim, mas tu já estavas temendo aqui e foi pra lá? Foi na volta de Montevideo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Veja bem. Eu voltei de Montevideo, fui a São Paulo, comuniquei ao Lamarca, e depois comuniquei aqui ao Comando do Regional Sul eu que estava saindo da organização. Fizemos um acordo em relação a saída. Eu teria três meses para sair do País. Então saí, já tinha alugado, assinado contrato de um apartamento, assumi o apartamento em três meses lá em Santiago, já estava pré-inscrito na escola de medicina lá em Santiago, e estava me mudando de armas e bagagens para Santiago. E durante esses três meses se alguém da organização fosse preso não poderia me entregar. Mas se por acaso eu fosse preso (entregue, delatado) eu seria prioritário nas listas de troca de prisioneiros por embaixadores. Não aconteceu nada do acordo. O Reinoldo inclusive mandou o “Uísco” me matar. O “Uísco” e o irmão do Minhoca, que eu não conhecia, foram os dois lá e fizeram aquelas coisas babacas, me levaram pro barranco (a churrascaria) e disseram “você pode se considerar um cara morto”. Eu falei “eu posso até morrer, mas vocês vão morrer antes de mim, que a minha (inaudível), está aqui embaixo da mesa e está apontando bem para os teus “colhões” (risos). Você se mexe aí e eu te queimo. Vocês estão pensando o que? Que eu ocupei o serviço de formação todo esse tempo para cair numa “esparrela” dessas? De vocês me trazerem para uma churrascaria e eu achar que vocês são meus amigos? Ah mas que legal, que coisa mais sensacional... Deixa eu só avisar uma coisa pra vocês”... E aí eu ‘tasquei’ uma grande mentira “eu tenho dez croquis da organização com nome, endereço, forma de ação, codinome e de que ação participaram. Então se durante dois dias eu não telefonar para uma dessas pessoas, isso aí já está em envelope selado para chegar lá no DOPS. Então parem de me encher o saco, porque isso é um acordo e eu vou cumprir a minha parte no acordo. Eu já estou saindo, estou indo embora, etc e tal”. E aí um dia eu estou entrando no consulado do Chile, questão de visto, etc e tal, e o Minhoca me enxerga com o cônsul chileno me trazendo até o portão. E aí fala para o pessoal da organização, e ali aliviou um pouco a pressão contra mim. E aí aconteceu o seguinte: eu tinha que sair do país mesmo, a coisa estava “enfeando” bastante, e eu decidi sair lá por Santana do Livramento, eu deixava o carro lá pelo meu tio, e depois

o meu tio se encarregava de devolver o carro pro meu pai. E eu saí de Porto Alegre para ir para Santana com o nome de Valdemar Literar, carteira de motorista de Valdemar Liberar... e aí me deu um negócio que até hoje eu não sei o que, como, mas talvez psicologicamente eu estivesse querendo ser preso. Eu resolvi ir para Santa Maria, que era o julgamento do meu pai lá na auditoria de guerra de Santa Maria. E eu fui até lá, entrei na auditoria... meu nome já estava em rodoviária, aeroporto, “procura-se/perigoso/terrorista”, etc e tal, muito embora a gente nunca tenha usado o terror como arma nós éramos terroristas... e não contente em ter entrado na auditoria, ter assistido o julgamento, assistido a absolvição, eu saí com eles e fui até Palmeira, e participei do churrasco da absolvição lá em Palmeira, e aí a minha mãe e o meu pai “vai embora, vai embora”. Eu falei não vou, vou lá pra piscina, vou tomar uns banhos depois eu vou sair. Aí quando eu estava saindo pra piscina me prenderam. Acho que eu pedi tanto até que me atenderam! Na época eu não pensava assim, mas hoje, com o branqueamento dos cabelos, eu acho que eu procurei essa prisão... porque a tensão de você não pertencer mais a nenhuma organização e estar sendo procurado, estar sendo cassado pelos dois lados é uma sensação muito ruim. É muito pesada pra dizer a verdade. Eu acho que a cadeia naquela ocasião me pareceu mais leve. E quem me prendeu lá em Palmeira por ordem do DOPS daqui foi o Degelado Roque Von Diene, que era um sujeito extremamente legalista. Ele, aqui em Porto Alegre, só me entregou com recibo. Quando os caras não quiseram dar recibo ele puxou o revólver e engatilhou. “Sem recibo eu não entrego o preso”. Se eu estou vivo é por duas pessoas: por esse cara extremamente legalista e por causa do meu tio. Onde esse cara foi, me matar ficaria uma coisa complicada, pois havia o recibo da minha prisão. Não podiam negar a minha prisão. Tinha um papel, tinha testemunhas lá de Palmeira, tinha a citação... por isso eu posso dizer que houve registro da minha prisão. A minha prisão não foi escondida. Eu acho que é possível encontrar isso, tanto no DOPS quanto na auditoria de guerra, porque três dias depois que eu fui preso chegou lá no DOPS o meu decreto de prisão preventiva sem data para expirar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Já estava ocorrendo à revelia um processo contra ti?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Já tinha processo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Já tinha processo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Por essas ações...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Por essas ações, por participação, aí tinha aquela coisa, participar de uma organização terrorista e tal... veja bem, quando eu fui preso...

CÉLI PINTO: Foi em 1970 isso?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Em 1970, dia 12 de dezembro de 1970. Eu fui preso dia 11, mas cheguei aqui no DOPS dia 12. Di 12 de dezembro de 1970, quando eu cheguei lá no DOPS, eu “bestamente” achei que era o primeiro a estar sendo preso, que eu ia ter uma conversa inicial e tal, e eu já tinha tudo montado, porque pelo interrogatório do próprio delegado de Palmeira eu já sabia tudo o que eles sabiam a meu respeito. Então eles sabiam que meu carro tinha estado lá nessa ação de Gramado; sabiam que eu tinha arma em casa... eu falei “bom, até aí eu posso ser um simpatizante ativo e escapo com um ou dois anos de cadeia, saio fora e pronto. Só que eu não era, eu fui o 56º a ser preso e foram vinte e tantos depois até conseguir estancar as prisões. E quando eu entrei não teve conversa...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quando tu fala 56º, é 56º da VPR ou de todas essas prisões?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, geral. Mas ali basicamente as prisões foram da VPR e do MCR (Movimento Comunista Revolucionário).

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu está falando das prisões daqui de Porto Alegre?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Só das prisões daqui de Porto Alegre. Eu fui o 56º dessas duas organizações, VPR e MCR no final de 1970... que chegaram a setenta e alguma coisa. Não teve conversa.

Já entrei e já fui de capuz, “já tira a roupa”, o pau já começou ali no corredor. Quando eu cheguei lá na “fossa”, que era o apelido da sala de tortura, eu já tinha levado soco, pontapé, cassetadas eu já tinha perdido a conta...

JACQUES ALFONSIN: Nós estamos tendo uma dificuldade tremenda na identificação dos nomes dos responsáveis por essas atrocidades...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Bom, a pessoa que me recebeu e falou “e ai Bruno, como vai” foi o Pedro Seelig de um lado e um outro cara que se apresentava como Capitão Malhães. Se ele era do Exército ou não era do Exército

CÉLI PINTO: Ele era carioca né, e veio pra cá?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim.

CÉLI PINTO: Ele era um carioca e veio para cá ensinar a tortura científica...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Bom, era ele que mandava parar. Comigo era o “Malhães”...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Estava o Pedro Seelig junto?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: É. Eu fiquei muito interessado quando li aquele livro *Memórias de uma guerra suja*. Eu não sei se vocês leram, mas é interessante porque revela ali muita coisa que a gente suspeitava que havia, mas não tinha, e eu acho que agora com isso... e ele fala de um Malhães lá. Se era o mesmo ou não eu não sei. Era um sujeito de cabelo ondulado, preto, fortão, bem musculoso...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse era a grande cabeça da repressão...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Se era o mesmo ou não era isso eu não tenho condições de dizer, mas quem mandava parar a tortura era ele “agora para, dá um tempo e tal”, aí você era tirado dali, era recuperado, e depois era ele quem mandava recomeçar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Pedro Seelig, por que que tu sabia que era o Pedro Seelig?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não... na hora eu não sabia quem era. Veio aquele cara, me surpreendeu porque sem camisa, com o revólver no coldre, e chamou a atenção porque ele tinha um negócio pra dentro, aqui, debaixo das costelas... era uma espécie de furo, assim, pra dentro, que era natural... e eu não sabia quem era, depois que eu vim a saber que era o Pedro Seelig. Mas ali na hora eu vi aquele cara, e vi o outro...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E quem é que te tratou como Bruno?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: O Pedro Seelig. Que era meu nome de guerra. E aí eu fui apanhando até lá, e dentro da fossa enquanto me amarraram pra me botar no pau de arara ele perguntou “quando você atirou no brigadiano ali na Caixa Econômica no Menino Deus você atirou com uma Lumière ou você atirou com o Jeco? (que era um (inaudível), 38 cano longo que eu tinha, que eu chamava ele de jeco). O cara sabe até o apelido do revólver... O fato concreto é que já há cinco ou seis dias vinham prendendo gente, e um fala uma coisa, outro fala outra coisa, os caras... se o Malhões era o mesmo lá do Rio, que era o cara que entendia do negócio, o cara montava o quadro rapidinho. “Quando você saiu, que o motorista se mijou nas calças e o cara da segurança pegou ele e você saiu dirigindo o carro da ação o Braga deu o tiro que atorou a tua orelha...?” Eu falei “não, não foi a orelha”... “ah não foi a orelha, então foi o couro cabeludo, porque deu o tiro ali atrás e furou o carro... o que que o Benito fez? Você não ficou chamando ele de cagão, que ele chacoalhava o casaco e dizia ‘não levei nenhum tiro’...”. Como se chacoalhando o casaco ele iria tirar as balas... Foi muito sério, o Braga se assustou, deu o tiro ali atrás, a bala passou aqui... Braga era o Luís Carlos Dameto. E a bala cortou, como a cabeça tem muitos vazinhos, mas foi um “tirinho”, um tiro de raspão, mas fez um sangue e assustou muito o pessoal do carro. E os caras estavam assim, eles estavam nesse padrão de informação. Então a maior dificuldade era você, no meio da tortura, saber até aonde os caras sabiam para não

abrir nada além, porque qualquer coisa além do que eles sabiam você sabia que iria desencadear mais um lote de prisões. Então apesar de todas as torturas e da raiva, da impotência, e da humilhação de você estar ali, e da dor, você tem que estar com a cabeça fria pra saber até aonde os caras estão sabendo para ver o que eu posso falar para não desencadear mais prisões, porque qual é o objetivo? Vamos restringir, vamos limitar os danos. As torturas se sucediam. Havia um médico que acompanhava.

CÉLI PINTO: Você tem o nome?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Eu não tenho o nome dele. Eu seria capaz de identificá-lo, porque eu o vi duas ou três vezes quando o capuz caiu...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E dá pra descrever como é que ele é?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Olha, ele não é muito alto, ele deve ter 1m60cm ou 1m65cm, já era careca na época, sempre com a barba por fazer, com óculos reto em cima e arredondado embaixo, sempre de jalequinho, com estetoscópio pendurado, a malinha ali do lado... e era o Malhães ou ele. Normalmente era o Malhães que comandava a parada... mandava parar.

CÉLI PINTO: E era moço esse médico?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Ele já tinha barba meio sal com pimenta. Ele estava sempre com a barba por fazer. Eu nunca vi ele barbeado. Bem careca, ele só tinha cabelos dos lados. Porque normalmente quando você entrava, era safanão, tapa, e às vezes o capuz saía da cabeça. Então quando o capuz saía da cabeça se via quem é que estava ali. E inclusive deu pra ver quem torturava e quem não torturava da turma do DOPS, que não eram todos que participavam da tortura.

JACQUES ALFONSIN: E teria mais alguns nomes, por exemplo, esse cara que assinou a tua prisão preventiva, do Tribunal Militar, tu não ficou com cópia disso?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Posso perguntar a meus pais se eles têm alguma cópia disso aí. O meu advogado foi o Werner Becker. É outro que pode ter algum papel dessa época...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O juiz que determinou foi o Dorvalino Tonin...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Que era civil...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E morreu a pouco tempo... O juiz auditor é sempre civil.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Ah é? Porque tinha outros juizes militares...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eles aproveitavam a estrutura da justiça privada pra... a estrutura da justiça militar eles determinaram a competência, mas a estrutura era a mesma que tinha antes e a que é até hoje, tem um juiz auditor, e esse juiz auditor é um juiz togado, é concursado, que era o Dorvalino Tonin, é quem conduz os processos. Na hora dos julgamentos eles convocam, tem um conselho permanente e os concelhos provisórios, os permanentes é pra quando é oficiais, generais... no caso de vocês era os conselhos provisórios. Então a cada três meses ou a cada seis meses se convocava um coronel pra presidir a sessão de julgamento e as audiências, e mais três oficiais, que era major, capitão ou tenente. Então esses quatro oficiais, o presidente do júri, vamos dizer que era um coronel, ou um tenente coronel, mais três oficiais e mais o juiz auditor. Quem fazia a acusação era o promotor, que se chamava auditor militar. Era a mesma estrutura para julgar os crimes militares, pra julgar os militares que praticavam crimes militares, e que eles aproveitavam pra julgar. Nessa época quem era o juiz auditor era o Dorvalino Tonin. E uma das coisas que deixa, por exemplo só para entender a indignação do nosso amigo Lousada, aquele dia lá na faculdade, é que o advogado de ofício que funcionou muito tempo lá, que defendeu muita gente porque era advogado de ofício, ele defendia os soldadinhos que eram processados, que era o Doutor Luís Dariano, depois o Luís Dariano fez concurso e virou juiz auditor... quando o Tonin se aposentou.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, mas o advogado de ofício não tem envolvimento nenhum nessa história...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas é que o Lousada ficava muito indignado porque quem o defendeu depois era juiz lá...

JACQUES ALFONSIN: Quando tempo tu ficou, mais ou menos, Castagna...?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Somando... porque várias idas e vindas... há um momento dado, o meu tio que é militar, o Clóvis Jacibur, voltou da Alemanha, onde ele estava fazendo curso de especialização... era irmão da minha mãe. Foi com ele, foi o inicial que ficou de deixar a minha carta de recomendação e não deixou, ele se sentia em parte responsável pelo rumo que eu tinha tomado, e a pedido a minha mãe ele fez uma coisa que foi de grande valia, que foi intervir no caso. E ele era uma pessoa muito respeitada dentro do Exército, o próprio Figueiredo, que era então ministro-chefe do SNI tinha muito apreço e carinho por ele. E ele esteve aqui no Rio Grande do Sul e foi lá no DOPS falando que queria me ver, e o pessoal esculachou com ele, xingaram, e o alemão “embrabeceu”, veio lá e falou pra minha mãe Laureci, passa a minha farda que eles vão ver com quem eles estão lidando”. Aí foi lá no 3º Exército, ligou pra Brasília e pra não sei aonde, e o major (inaudível), tirou os caras de combate lá da Serraria e cercaram o DOPS, e ele entrou lá dentro e “agora vamos lá, agora vocês vão ver com quem é que vocês estão lidando”. E aí foi um fuzuê danado... e aí ele conseguiu que fosse prometida a minha liberação para que eu passasse a responder o processo em liberdade. Só que a tal liberação, que foi mandada inclusive pelo próprio Figueiredo, ficou tramitando a passos de carga, e aí ele veio de novo a Porto Alegre e pediu pra minha mãe que viesse e aí finalmente eu fui liberado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo tu ficou no DOPS ao todo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: No DOPS, a primeira vez, de dezembro até junho. Em junho eu fui transferido de madrugada para o quartel do 6º DE, em São Gabriel, 6º Batalhão de Engenharia de Combate. Lá em São Gabriel porque eles não queriam que a minha família soubesse onde eu estava. Depois...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Perdão, eu te interrompi. E lá tu ficou só preso?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Só preso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Lá não houve tortura?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, tortura não. A única coisa, nós ficamos três meses sem sol.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foram outros presos também?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Foram eu e o Grilo Canites Suzuki, um japonês que estava preso comigo que era do MCR. Ficamos eu e ele numa cela. Daí o comandante lá do quartel era o Tenente-Coronel Pastuqui, e o S2 do quartel era o Major Coelho, que era metido a John Wayne – “eu vou entrar e dar um pau em vocês”. Eu olhei pra ele e disse “sozinho”? Ele falou “é”. E eu “então vem”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas não foi?!

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Provocação... Só que eu estava na seguinte situação, veja bem: eu tinha, na época, quatro centímetros a mais do que eu tenho hoje. E durante essa prisão e principalmente durante a segunda leva de tortura que foi depois que o Reinaldo se entregou, eu estou agora aqui, diante de vocês com 95kg. Então vocês tentem me imaginar com essa estrutura com 58kg, que era como eu estava lá. Eu estava cadavérico, mas acho que mesmo cadavérico eu acho que eu dava um pau neles, pela raiva né... Porque ele vinha lá e o discurso dele era “quando vocês saírem daqui tudo o que vai sobrar pra vocês é se tornarem marginais, não sei o que, não sei o que, não sei o que”...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse Coelho que você falou... o S2 é o oficial responsável por informações. Cada unidade militar tem o QG, o S1 é operações e o S2 é informações. Os de informações geralmente pertenciam à comunidade de informações, então eles eram escolhidos a dedo. Eventualmente podia ser um quartel que não tivesse muita importância o cara...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, não foi à toa que nos levaram pra lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então essas provocações eram meio...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Outros que foram levados para Alegrete, etc e tal, tiveram outro tratamento, muito mais digno que o nosso. O nosso o cara emparedou as grades da janela pra que a gente não visse o sol, que não tivesse nada, né... Banho era só frio.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chamava Coelho, ele era capitão?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Era major. E era assim, quando ele vinha entregar a bandeja de comida pra nós, que passava por baixo da porta, ele sempre dava uma “cuspidinha” antes... a gente procurava ver onde ele tinha acertado o cuspe pra não comer dali, né! E fome, você não tinha mais o que passar, imagina com 58kg como é que eu estaria...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E aqui no DOPS como é que era?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Aqui no DOPS era uma coisa absolutamente ambígua. Ou você comida podendo escolher o que comia, as opções lá da cantina, tinha alguma coisa lá no DOPS que você tinha opção, tinha frango, tinha bife, carne assada... ou você comia desse jeito, com suquinho, etc e tal. Ou você não comia e ficava no pau. E uma das coisas que você sabia de antemão que iria apanhar era se não vinha comida pra ti. Não veio comida, pode saber que você está na lista de hoje... Porque a gente só apanhava de noite. 16h30min, 17h... até 08h30min ou 9h do dia seguinte. A gente não apanhava de dia. Não me pergunte por que, talvez por causa do barulho, pra não ter gritos ouvidos por quem frequentava ali a casa de polícia, ou coisa parecida. A gente só apanhava de noite. Então se não vinha a janta você sabia que você já estava na lista daquela noite. Era o pior de tudo, porque você aí já ficava tenso antes de começar a apanhar né...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E essas seções de tortura, depois eles levavam pra máquina, como diz, depois levavam pra tentar o depoimento, como é que era?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, o depoimento era ali, no pau. Era ali que você tinha que entregar. Não tinha depoimento *a posteriori*. Era no pau. Depois o que que faziam, te davam um monte de folhas de papel, quatro ou cinco lápis e borracha para você escrever... eu nunca escrevi tão devagar como naquela circunstância!

JACQUES ALFONSIN: Esses papéis que vocês escreveram, será que esse Werner Becker não tem alguma coisa disso?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: É possível que ele tenha, porque ele leu todos os papéis que eu escrevi. Eu não sei se ele tirou cópia disso e guardou, porque esse era documento do processo, lá da auditoria, que ele tinha autorização para xerocar, e ele provavelmente xerocou...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Fazendo um parêntese aqui, é uma das pessoas que eu quero fazer depor aqui, eu tento contato com ele, ele tem escritório em Brasília, mora lá, mas ele também tem residência aqui. E o meu filho inclusive que está fazendo trabalho de doutorado, o doutorado do Dante é todos os advogados que trabalhavam nessa época... então o Dante já fez contato com ele e ele se presta sim, acho, o que ele tem ele nos coloca à disposição...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não sei, ele me parecia ser um cara muito simpático, digamos assim, a esquerda... e depois fez parte lá da turma do pato macho, junto com os jornalistas alternativos... e o Luís Fernando Veríssimo, e outros... e ele conversando comigo sempre ele se mostrava simpático... e se elegeu vereador aqui pelo PMDB, até recebeu um comentário do LF Veríssimo que eu achei justo, que graças a Deus ele se elegeu, porque assim se alivia o bolso dos amigos... e graças a Deus foi o último a se eleger pra não ficar muito topetudo...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Depois desse período, lá de São Gabriel, quanto tempo tu ficou lá?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Olha...

JACQUES ALFONSIN: Somando todas as tuas prisões?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Mais ou menos dois anos, dois anos e meio.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Parece que essa segunda estadia no DOPS ela é pior...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Foi bem pior.

CÉLI PINTO: Tu foi solto depois?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, não. Eu estava no quartel, e aí vim direto do quartel né, e os sem-vergonha que estavam me trazendo “não, tu vai ser solto, tu vai ser solto”... Eu cheguei todo alegre aqui em Porto Alegre, nem senti a viagem, “tu vai ali atrás, no camburão”, algemado, sacudindo, pulando pra lá e pra cá. Os caras não te deixam nem ir no banheiro nem nada... mas eu estava feliz da vida, “vão me soltar”. Quando eu cheguei aqui foi capuz de novo e pau e pau.

JACQUES ALFONSIN: Essa segunda foi por causa do Reinoldo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Do Reinoldo. Ele se entregou para a polícia, aí ele revelou o visível e o invisível da organização. Até então eu era apenas um militante que inclusive já estava fora da organização. O que era verdade. Eu já não pertencia mais a organização. Como é que eu participei de uma ação depois de ter saído? Eu negocieei com o pessoal da organização o seguinte: eu queria incluir dois nomes na lista do embaixador alemão. E eles precisavam de alguém que soubesse usar a Thompson, que era aquelas metralhadoras antigas... pra fazer cobertura pro sequestro do alemão lá no Rio. E eu fui. Mas eu disse “eu quero os dois na lista, quero o Bonna Garcia e quero o Pimentel na lista de saída”. Que eram os meus companheiros mais próximos que estavam presos e que eu já sabia de antemão que não faziam parte da lista. Fui pra lá, participei, o carro da cobertura nem entrou na ação, porque a ação funcionou às mil maravilhas, não houve tiro, não houve nada. E aí hoje eu sei que eu fiquei lá em Vila

Isabel, porque uma noite depois de eu encher o saco dizendo “eu não aguento mais ficar fechado, me deixem sair respirar um pouco, comprar um maço de Continental” porque eu fumava muito na época... e eles me deixaram sair. E eu entrei no bar, pedi três maços de Continental e estava passando o Jornal Nacional... e os caras “ah devia matar, devia matar”... e aí eu espichei o ouvido e falei “pô, mas tá todo mundo a nosso favor”... e aí o cara continuou a conversa e falou assim “tinha que matar todos esses terroristas sem vergonha”... a torcida era pro outro lado. No início eu me iludi... mas aí vi que o negócio era baixar as armas e sair fora. “Não há o que fazer”. Mas aí voltei, acho que 12 dias depois eu fui autorizado, saí, voltei pro Rio Grande, e devia continuar a minha ida pro Chile quando aconteceu isso. Mas voltando lá de São Gabriel, como ele desenhava a parte visível e a parte invisível, e aí disse “olha, o responsável pelo setor de informações é o Bruno, e ele não é militante, ele é comandante”. E quem estava trazendo o caminhão de armas da Bolívia, quem me deixou o caminhão de armas que estava trazendo pro Brasil foi ele... mas eu consegui negar. Eu disse que eu peguei o dinheiro pra mim. “Não, eu inventei o caminhão, peguei o dinheiro pra mim, não tem caminhão, nunca houve caminhão, o caminhão não entrou em terras brasileiras”... porque senão eu ia ter que entregar o coitado que deixou a gente enterrar, enrolar as armas e munição em plástico e enterrar lá na fazenda dele, no Mato Grosso... e eu não podia fazer isso com o cara. E as armas eu acho que estão lá até hoje... eu nunca mais voltei pra olhar! Nunca fui conferir. E também não tive porquê, né... mas eu consegui com base nessa desculpa que eu tinha embolsado o dinheiro... e aí começou “cadê o dinheiro”??? e eu falei “já gastei”. “Mas gastou aonde, comprou o que”? “eu gastei em putaria” “gastei com o chinaredo”. Aí me lembrei do Nilo dizendo “bom, pelo menos tá bem gasto”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse Nilo Havelha era...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Esse, particularmente, esse cara era um doente mental. Esse cara era um sujeito que sentia prazer em torturar, em estuprar... porque ali as mulheres, era muito pior que a gente.

JACQUES ALFONSIN: Ele ainda vive, esse cara?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Esse o dia que morreu teve festa no inferno pra recebê-lo dignamente. As mulheres eram estupradas quase que 100%, era uma coisa impressionante. Conosco eles ameaçavam... mas comigo o máximo que foi feito, enfiaram uma barra de ferro no ânus e aí ligaram na tomada, e aí você pula ali naquele pau de arara, parece que você não tem apoio, você pula desesperadamente. E as torturas eram as mais variadas... era o pau de arara, era a maricota (que era aquela maquininha que dava choque mas não tem amperagem)... porque essa da tomada ela queima, né. A outra, da Maricota, ela não queima, só ali aonde pega o fio. E tinha o submarino, tinha o submarino seco, o submarino molhado, o submarino turbinado, como eles diziam... submarino era mergulhar a cabeça no num balde/lata grande... e o seco era o saco plástico. E o turbinado eles enchiam de merda e mijo e mergulhavam. Quando você caía... porque por exemplo, lá no pau de arara, a pauleira era demais, e você acabava afrouxando o esfíncter... e aí urinava, defecava... e aí eles pegavam e te atiravam em cima daquilo, pisavam em cima, me chutavam, diziam “vou te fazer comer isso”... nunca fizeram ninguém comer, mas ameaçavam, pegavam pelo cabelo... e aí nessas horas, pra você ver o que que era tiravam o capuz, e você via quem é que estava.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que pessoas tu pode dizer que participavam seguramente?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Pedro Seelig. O próprio Pedro participava pessoalmente. O Nilo participava pessoalmente. O Boto-mé participava. Não sei qual é que era o cargo dele, mas ele participava. O Cardoso participava.

JACQUES ALFONSIN: Cardoso... o nome todo tu não tem?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. O Malhões, que se fazia chamar por Capitão Malhões participava. O Átila Rohrsetzer, que era do exército participava. Esse uma vez me pegou, me levou lá pro terceiro andar, que o DOPS era no segundo... mas ele passou a noite inteira batendo em mim, porque ele queria que eu entregasse as filhas

do Major Ilos... que eu só tinha ouvido falar, eu não conhecia nenhuma delas. E ele botou na cabeça que eu era namorado de uma delas. E eu não conhecia as meninas. Eu já tinha ouvido falar nelas. Se eu passasse por elas na rua eu não sabia por quem eu estava passando. Eu nunca namorei nenhuma delas. Nunca as vi de verdade, nunca estive próximo a elas. E eu não sei por que cargas d'água o desgraçado chegou a conclusão de que eu era o namorado secreto de uma delas. E eu não sei quem são, então não tinha como ser namorado de quem eu nem sei quem é.

JACQUES ALFONSIN: Deixa eu interromper um pouquinho porque isso é importante... esse Átila não era da polícia militar, era do exército?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Era do exército.

JACQUES ALFONSIN: Então havia uma certa combinação entre polícia militar e exército...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, total. Quem comandava o processo não era nem o comando do terceiro exército, nem o comando da brigada, nem o comando da polícia. Era uma comunidade de informações. Eles eram uma estrutura a parte.

JACQUES ALFONSIN: Tu não tem o nome todo do Átila?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Átila Rohrsetzer... as organizações de esquerda não eram, assim, uma coisa monolítica, as organizações de esquerda também não eram uma coisa monolítica. Você tinha ali desde os chamados socialistas democráticos, do quais eu fazia parte, até a chamada linha Pequim, que era aquele stalinismo mais puro... e com frequência a gente fazia aliança com o pessoal do antigo trabalhismo e mesmo de outros partidos, não é... e mais raramente, porque o PC tinha uma verdadeira ojeriza da nossa prática, porque eles diziam que era fortalecer a reação, o que não deixava de ter lá a sua razão. Mas na época isso para nós era uma ofensa mortal. Enfim, mas voltando ao DOPS...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Só se tu puder identificar mais alguns nomes...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Olha, nome de gente que esteve preso comigo lembro de muita gente, e de torturadores...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: De torturadores, especialmente.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Bom, de torturadores, veja bem, alguns você via... nem todos, pois tem uns lá que eu nunca consegui identificar... que eu ouvi dizer que tinham participado... e eu tenho medo de falar o nome do cara porque eu não vi. Esses que eu falei eu vi.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Posso perguntar algum nome, assim, se tu pode confirmar ou não?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Pode, perfeitamente.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Delegado Barbetto?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não ouvi falar desse cara. Veja bem, também tinha outra coisa, vários deles usavam codinomes.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Delegado Cabral?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Cabral sim, atuava junto com o Malhães. Tinha um Cabral que atuava junto com o Malhães, sempre os dois juntos. Mas não sei se é esse delegado Cabral. Vinha um Cabral que atuava junto com o Malhães... agora se era o delegado Cabral ou não eu não sei.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu chegou a ver este?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Cabral eu não cheguei a ver; Malhães eu vi. O Cabral eu não cheguei a ver, mas você escutava um chamando o outro. Nomes eu ouvi vários ali, mas que eu vi não... porque não era toda a tortura que o capuz caía, então as vezes você apanhava a noite inteira e não via quem bateu. Você escutava um nome ou outro, né. Tinha um que de vez em quando eu escutava, de tempos em tempos, que era o tal do Rosa, que eu não sei até hoje quem é. Mas tinha alguém que era chamado de Rosa. E não era mu-

lher, era homem. Provavelmente sobrenome. Mas que eu nunca vi, escutei. Nome, codinome, não sei.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Me diga uma coisa... essa segunda temporada, vamos chamar assim, essa demorou mais tempo? Dois, três, quatro, cinco meses?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Eu fiquei daí quatro meses e meio lá no DOPS. Claro que não foram os quatro meses e meio de tortura. Tortura, os primeiros dois meses.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas isso aí consumiu o resto do ano de 71, é isso?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim. E aí eu fui pra ilha.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foi pra ilha quando?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Acho que em março de 72.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E lá na ilha?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Lá não tinha tortura. Lá era uma cadeia normal. Mas quando você era convidado a pegar o barco podia saber que era pra apanhar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E isso nunca aconteceu contigo? Nunca te trouxeram de lá?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Três vezes, por causa do caminhão de armas. Eles queriam por que queriam o caminhão... Eu comprei um carregamento de Kalashnikov e aquelas Uzi israelenses, que podem atirar dentro d'água, atirar na lama... era um armamento muito bom.

JACQUES ALFONSIN: Mas por que que isso ficou lá?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: O contato que eu tinha em terras brasileiras não apareceu... e aí tem gente sendo presa, eu vou garantir as armas e depois eu vou buscar o ponto de recuperação em São Paulo. Aí escondi as armas e viajei pra São Paulo. Cheguei em

São Paulo, o primeiro ponto de recuperação não apareceu. Eu falei bom, caiu São Paulo inteiro, não é. E aí fui indo, e só no terceiro ponto de recuperação que eu encontrei o (inaudível), e só peguei porque era uma mulher que eu já conhecia do tempo da militância estudantil aqui de POA. Eu falei “vem cá, tu está lembrada de mim, né”? “Ah você é o alemão, né”? Eu falei “sim, e você é a polaca né? Vamos conversar, o que que você tá fazendo aqui”?

CÉLI PINTO: Sabe dizer o nome dela?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Astrid Erika Werner. “Não sou eu mas eu tenho contato com alguém que conhece alguém que vai te levar”. “Tu faz isso porque eu estou com urgência urgentíssima em fazer contato”. Ali tinha perdido o contato... E aí quando eu cheguei em POA era o Reinoldo e o Beto Chagas a querer saber das armas. “As armas estão tranquilas, deixei numa fazenda lá na Bolívia”. “Você está louco”? “Sim, estou louco, mas o que que eu ia fazer? Cheguei lá na fronteira, não tinha contato, mandei o caminhão voltar”. Recarregamos, o barco deu meia volta, fui embora.

JACQUES ALFONSIN: Tu atribui essa falta de contato a uma desconfiança que o grupo já tinha contigo?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Na época não. Houve as quedas em São Paulo. E foram batendo até o camarada lá da fronteira [...] que me pegaram lá no Mato Grosso, que era o meu contato, que ia me guiar até São Paulo, a gente indo por estradas secundárias, que eu estava com o caminhão carregado com nota de soja. Meio o fraco o disfarce... então tinha que andar por estradas secundárias, que não tinha risco de ser parado por uma blitz mais instrumentada. E quando o contato não estava lá o que que eu fiz? Eu fui até o camarada lá que eu conhecia, expliquei a situação...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas era alguém da organização?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, era um simpatizante... um amigo meu do Sul pra quem eu tinha feito um serviço de topografia, que me conhecia, me queria bem. Mas era trabalhista, antigo... e o

pessoal daqui veio com tanta sede ao pote, que queria saber onde é que estava, que eu resolvi dizer que tinha ficado numa fazenda lá na Bolívia.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E essa informação, com pau ou sem pau, nunca conseguiram de ti aqui?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Agora, depois de 40 anos, isso já deve ter virado ferrugem...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas era a coisa que eles queriam, por isso te buscavam na ilha?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim. Porque imagine, isso aí, entre outras coisas, ia instrumentar toda a repressão se eu entregasse. Não só eu iria arrebentar a vida do fazendeiro que me deu guarida, mas aí iria instrumentar toda a repressão, porque eles tinham dificuldade pra conseguir armas. As armas deles não vinham legalmente, eles pegavam tudo de contrabando, com um dinheiro tão ilimitado que eles me ofereceram dinheiro para eu entregar as armas. Ofereceram liberdade e dinheiro. A liberdade obviamente não iam dar, o dinheiro também não...

JACQUES ALFONSIN: Essa preocupação nossa com documentação... será que tu não podia preparar um pouco o terreno pra pedir pro Werner depor aqui? Dizer pra ele que a gente precisa desses papéis todos...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Eu posso, eu só não tenho contato com ele há muitos anos. Eu deixo os meus contatos, todas as minhas coordenadas aqui. Eu autorizo ele a abrir o que quiser, sem problema nenhum. “ah, porque você entregou a mulher do Reinoldo...” Eu entreguei, e entreguei de propósito, fiz questão absoluta de entregá-la... porque foi ele que mandou o “Uísco” e o irmão do Minhoca me matarem lá no Barranco. Babacas! E depois mandar dois caras que eu conhecia cada gesto que eles faziam... imagina se os caras iam conseguir me matar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu acho que eles queriam te dar um traguinho e te levar pra algum lugar...

JACQUES ALFONSIN: Ainda vive o Reinoldo esse?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Vive.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o irmão do Minhoca também vive...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: É?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O César Augusto Tejeira de Ré...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Eu conheci ele aqui do DOPS, depois nunca mais eu vi... a irmã do Minhoca que casou com um alemão que era da Var-Palmares morreu com ele num desastre agora há pouco tempo...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E aí na ilha tu ficaste quanto tempo? Até o fim da...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Até passar a responder o processo em liberdade. E quando foi isso?...

JACQUES ALFONSIN: E nesse último processo foi o Werner também que te defendeu?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sempre, sempre ele.

JACQUES ALFONSIN: Ele deve ter cópia disso tudo... ele deve ter cópia dos votos para a gente dar uma olhada...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: E todo mundo foi julgado comigo. Nós tivemos dois julgamentos. Um que começou e foi suspenso e o segundo que começou e foi até o fim, e foi onde eu fui condenado a dois anos e dois meses, e eu já tinha cumprido. E assim mesmo fizeram um cálculo lá que eu não sei qual foi e eu fiquei mais quatro meses no DOPS, mas aí já condenado. E aí eu fiquei junto com o Diógenes Sobrosa de Souza, na mesma cela que ele, ficamos nós dois lá no DOPS.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Completou a pena no DOPS...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: E aí saí de lá no dia 24 de dezembro a meia noite e quinze de 1972. Em 1973 eu já comecei agronomia.

CÉLI PINTO: Aqui?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Aqui. Quem fez isso tudo foi o meu tio, não foi o Werner... o Werner, também, coitado. Não joga também tanta responsabilidade pro coitado do advogado porque primeiro, só pra assumir a causa já tinha que ter coragem pra caramba. Teu pai era um dos que assumia. Mas teu pai devia estar defendendo uns cinquenta. O Otávio Caruso da Rocha, outros cinquenta...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Depois do pai quem mais defendeu foi o Werner... e o próprio Luis Dariano defendeu alguns também.

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Você defender um cara como eu, por exemplo, que era réu confesso... então tu vai me defender como? É jovem, é impetuoso... Por exemplo, o sequestro do alemão lá no Rio eu não admiti... outra lá contra a Castrol também não... ali contra o quartel do terceiro exército também não...

CÉLI PINTO: E aí tu ficou solto e foi fazer faculdade de agronomia?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, aqui na federal. Eu saí no dia 24 de dezembro e prestei vestibular no dia 06 de janeiro, acho que foi 06 ou 08 de janeiro. Até passei em segundo lugar.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Fez vestibular em 73, junto com a Zé então...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Sim, junto com a Zé nós entramos juntos.

CÉLI PINTO: E não tinha mais perseguição, e mesmo com o grupo anterior, o grupo que tu tinha rompido antes, nada disso? Tu conseguiu ter uma vida legal, assim?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não. Eu me formei e não podia assinar projeto. A minha assinatura no projeto queria dizer que o projeto não estava aprovado.

JACQUES ALFONSIN: Era uma censura implícita...

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Eu fiz concurso pra Embrapa, três cruzeiros, ali de Bagé. Eu posso dizer uma coisa, eu tenho certeza absoluta que eu passei naquele concurso. Mas eu fui o último colocado. Por isso que eu terminei indo para a França. Porque eu tinha um acordo com o meu tio... ele disse “olha, eu vou te tirar da cadeia, mas você só sai do Brasil com a minha autorização”. Aí eu falei “olha, não dá, todo o projeto que eu faço eu tenho que pagar para alguém assinar por mim, quando o cara é muito companheiro ele me cobra 10%, mas tem gente que me cobra 25%... como é que tu quer que eu viva?” Aí eu sei que ele me autorizou e foi comigo até o Galeão, e ficou lá no Galeão até o piloto avisar que estava fora do espaço aéreo brasileiro... que ele também tinha medo. Não era só eu que estava com medo nessa saída. Que eu saí pelo Galeão, só que o passaporte ficou.

CÉLI PINTO: Ah é, eles seguraram o teu passaporte?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Ah, o cara fez um gesto ainda pra ficar bem simbólico...ele pegou aquelas guilhotinas de cortar papel e cortou, assim, na diagonal o passaporte. Pra ficar bem claro: você vai, mas não volta.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E lá na França como tu fez com os documentos?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Ah, lá tinha o pessoal do Comitê Brasileiro de Anistia me esperando... eu quase que já desci com a carteirinha de refugiado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aí tu foi pra lá era 1977?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: 1978. E aí lá eu trabalhei um pouco...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu foi direto morar com a ZÉ?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, veja bem. Quando eu cheguei fui morar com a ZÉ, mas já vi tudo, daqueles que você abre a porta e vê tudo... que até o vaso sanitário era uma cortina que fazia a

volta... Lá em (inaudível), fui eu que peguei o apartamento do Bonna Garcia que estava voltando para o Brasil, porque tinha saído a Lei de Anistia e aí eu falei “ah, eu não volto... vou fazer o que lá no Brasil? Já estava estudando, já estava fazendo doutorado... já tinha bolsa do Instituto Nacional de (inaudível), pela performance que eu tinha tido no mestrado, já tinha trabalho publicado, eu provavelmente já seria candidato pra próxima vaga pra professor que tinha aberto lá”... Que não é professor, você começa como assistente ensino, depois auxiliar de ensino, depois conferencista, depois mestre de conferências, depois você vira professor. Isso aí é mais ou menos o nosso cate-drático aqui. O antigo catedrático, que hoje não existe mais. Eu sabia que na primeira brecha de auxiliar de ensino eu era forte candidato. Então “o que que eu vou fazer no Brasil? Não volto mais. Só vou lá a passeio, quando eu decidir”. Mas aí fiquei lá e voltei pra cá em 1982, aí peguei a reta final da campanha do Brizola aqui, aí duas semanas antes do final... me mandou lá pro Rio Grande do Sul ajudar o Collares, aí ajudei o Collares... já não tinha mais o que fazer, né. Já estava rifado. Ia ser Simon, só que ele jogou a toalha antes do tempo e deu Jair. Mas enfim...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Essa aproximação com o Brizola, com o PDT, foi lá?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu foi direto morar com a Ze?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Lá em Paris eu me aproximei do partido socialista... e via partido socialista, cheguei na internacional socialista e me tornei secretário adjunto dos assuntos da América Latina. A secretária titular era a Nicole (inaudível), e eu era o secretário adjunto dela. Mais porque eu estava disponível, porque eu não cobrava salário, porque eu falava espanhol, falava português, conhecia uma boa parte do pessoal daqui... e aí o Brizola foi pra lá... eu já conhecia o Brizola, por ligações de família e tal, mas não era brizolista. O Brizola foi pra lá pra ir pra um congresso na Espanha, um congresso da internacional, um encontro da internacional... e meu pai telefonou pedindo pra eu, “se o senhor nomear” e tal, que era o primeiro encontro que ele estava indo, o PDT recém estava entrando

na internacional... e que era pra eu fazer as honras da casa pra ele. E eu me dava bem com ele, não tinha nada contra... e eu fui lá, peguei ele, fui apresentando ele a fulano, beltrano, que eu tinha muito acesso pela posição que eu usava, que eu desfrutava... e alguns incidentes... eu perguntei pra ele “e ai quer falar com o futuro presidente da França”? E ele perguntou “por que, você se dá bem com o Rocard E eu falei “sim, me dou bem com Rocard o mas não é o Rocard “... o futuro presidente da França é o velho professor do socialismo Mitterrand. Ele falou “tá brincando, todos os jornais dizem que é o Rocard aí eu falei “pois é, mais os jornais não sabem do que eu sei”. E aí, o Mitterrand, Rocard, pra onde é que eu ia tinha fotógrafo, imprensa, todo mundo badaladíssimo, e aquele bando de “puxa-saco” ali em volta dele, e o Mitterrand errando sozinho ali pelos cantos, e eu botei (inaudível), o Mitterrand para falar quase quatro horas seguidas...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Brizola falou e o Mitterrand ouviu...(risos)

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Não, enquanto ele estava falando, o amigo aquele não sabe, ele fica quieto, tem duas condições para o Brizola, pra ele ficar quieto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ta mas não tinha um tradutor?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Era eu. Mas eu não consigo fazer tradução simultânea. Então ele falava, traduzia, falava, traduzia. Eu não consigo, não tenho essa habilidade em fazer simultânea. Ou quando ele está comendo, essas são as duas horas que você consegue falar com ele. Sustentado pela organização, eu me sustentei na clandestinidade com o meu trabalho. Porque não adiantava o Sr. Castagna mandar dinheiro, porque o Airton Castagna estava cheio de “retrato”, na rodoviária, no aeroporto, na delegacia de polícia e em qualquer órgão público. E agora, lá na tal Comissão de Anistia, os caras falaram: “não você era estudante”, “meu querido amigo, eu era estudante, todo mundo se apresentava como estudante para ser considerado um jovem (inaudível), não um guerrilheiro terrível e perigoso”. Não, você era estudante, você não exercia nenhuma atividade remunerada...mas ele exercia

JACQUES ALFONSIN: Quem era o relator?

AIRTON ANTÔNIO CASTAGNA: Foi um camarada aqui da PUC.

JACQUES ALFONSIN: José Carlos (inaudível), eu posso lhe garantir.

TESTEMUNHO – ADÃO DOMINGOS¹

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Antes do senhor começar a falar, eu gostaria de explicar qual é o nosso objetivo nesta comissão: essa não é uma comissão de indenização, não é comissão de anistia, aqui a nossa comissão existe para contar a verdade que eles tanto tentam esconder. Então, o nosso interesse aqui é saber a sua história, porque a sua história vai ser contada junto com a história de todas as pessoas que neste período foram processadas, que foram vítimas de violência, prisão e no final nós vamos relatar essa história para a Comissão Nacional da Verdade que vai publicar, isso vai ficar contado, vai ficar... não é assim não é uma comissão especial de indenização

ADÃO DOMINGOS: Não isso não....eu sei, eu sei....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então eu estou sempre explicando, o papel da Comissão da Verdade nem sempre as pessoas entendem

ADÃO DOMINGOS: Em primeiro lugar, eu quero deixar bem claro para o senhor: eu não sou uma vítima, eu não sou uma vítima. Eu sou um vencedor.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tá mas na época o senhor foi preso

ADÃO DOMINGOS: Sim mas.....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E nos interessa que o senhor nos conte as circunstâncias da sua prisão, por que que o senhor foi preso, como é que era a sua militância, e o que que aconteceu...se o senhor foi vítima de violência, se eles lhe torturaram....

ADÃO DOMINGOS: Ah isso quase todos que estavam na época....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Nesse sentido é que o senhor é vítima, entendeu? Vítima de violações aos direitos humanos praticados pelos agentes da repressão.

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1526/depoimento-de-adao-domingos>>. Acesso em: abr./maio 2015.

ADÃO DOMINGOS: Como eu tava contando.....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então eu vou pedir para o senhor começar dizendo o seu nome, a sua idade, onde o senhor morava, onde mora,

ADÃO DOMINGOS: Não, onde eu morava....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Exatamente...

ADÃO DOMINGOS: Meu nome é Adão Domingos dos Santos, estou com 77 anos, mas eu quero lhe dizer que...eu atuei sempre sozinho, porque eu conhecia todo o pessoal de esquerda e não era muito, como se diz, fiéis na época. Porque eles...havia controvérsias...então eu fazia um trabalho mais eleitoral, Niterói–Canoas....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Canoas, não era Viamão?

ADÃO DOMINGOS: Não em Viamão. Niterói-Canoas e toda a época de eleição eu era procurado pelo candidato a vereador, prefeito, isto pelo MDB, isto porque eu trabalhava como sapateiro em uma fábrica de calçados na Rua dos Andradas, na “rua do Gil”e, após um ano de trabalho eu fui...fundamos um sindicato dos sapateiros e eu era o 2º tesoureiro do sindicato dos sapateiros

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso em que época seu Adão, o senhor me desculpa eu lhe interromper....

ADÃO DOMINGOS: 1966. E eu trabalhava como sapateiro e como eu era muito rápido para trabalhar, eu tinha aprendido...eu vinha lá de Novo Hamburgo, minha infância eu fiz lá no meio dos imigrante alemão, poloneses e russos que vieram da leva da Europa, vieram fugidos do nazismo pra cá, então eu fui aprendiz de sapateiro dos alemães, dos russos, dos ucranianos, etecétera, etecétera, né? Que vinham para trabalhar em São Leopoldo e Novo Hamburgo. Então quando eu vim trabalhar nessa fábrica do Silvino Zancan, eu já tinha trabalhado na Joãoficinas na Rua Zamenhoff

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tudo isso em Canoas

ADÃO DOMINGOS: Eu morando em Niterói,

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas o trabalho era em Porto Alegre?

ADÃO DOMINGOS: Era em Porto Alegre, eu vinha de bicicleta... tá...vinha de bicicleta e sempre tive atuação nas eleições municipais de Canoas, Niterói, Canoas...isso antes até de 64 pelo PTB. Fazia pelo PTB. Tá, e o nosso grande adversário na época lá era a UDN que era de Canoas também, muito invejosa, então, havia muita briga, até brigas campais na época das eleições e....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E depois tu passou para o MDB?

ADÃO DOMINGOS: Passei para o MDB, porque o segundo tesoureiro do sindicato

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O sindicato era de Porto Alegre

ADÃO DOMINGOS: De Porto Alegre. Sindicato dos Sapateiros de Porto Alegre e eu era o segundo tesoureiro, e aí em 66 houve uma grande modificação na política nacional brasileira, a repressão começou a funcionar muito forte e começou lá por Canoas, Niterói, então eu tinha um time de futebol dentro La do território da base aérea de (inaudível) o comandante fechou porque não podia mais entrar, aquela coisa toda, então nós fomos jogar em outros campos. Fizemos outros campos, e aí começou a briga do MDB, nós do MDB contra a ARENA lá e eu era presidente de um clube de futebol, o Operário Futebol Clube, que eu fundei lá com outros, com o Alemão, seu Pedro, e outros lá e tinha esse ARENA, tinha o Antoninho que era policial, tinha o Pedro Seelig que jogava no Paraná com o Nilo Havelha e outros, Joaquim...tudo nós conhecia, o Pedro Seelig, como o motorista de ônibus lá em Niterói, diz que era guarda Civil, Jorge Fischer, tudo polícia lá em Niterói...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Jorge Fischer que depois aparece nesse...

ADÃO DOMINGOS: Sim, então o Jorge Fischer era guarda civil, tudo isso em Niterói. Tá, eu conhecia todos do campo de futebol, havia brigas lá, o juiz roubava pra um, pra outro, então esse Antoninho, Antoninho Rangel era metido a policial e um braço de guerra da ARENA pra amedrontar o pessoal do MDB. Um leão-de-chácara da ARENA lá. Então quando vinha as candidaturas haviam muita briga lá, enfrentamento, então como era baixo o nível se pegava até no pau. Tá, e isto foi acumulando, depois em 66 pra 67 apareceu os estudantes lá porque tinha fábrica ali, de Adubos Trevo e um dos filhos do dono da Adubos Trevo se revoltou contra o pai então ficou na esquerda e o pai era da direita, então começaram a nos visitar nos domingos porque tinha uma moça que dava palestra lá para os trabalhadores junto com nós, mais eu e outro, que eles dizem que era a Dilma né? Tá, e aí foi crescendo dentro desse plano aí eleitoreiro, aí de repente apareceu o presidente de um time de futebol também que fazia trabalhos também eleitores pro MDB, só que era no outro setor lá em Niterói perto da divisa de Zeca Barreto, Djalma Alves de Oliveira que era presidente do Santos Dumont....tá? e esse....esse...ninguém falava nem em esquerda nem em direita, e quem era de esquerda lá em Canoas que se conhecia perfeitamente era o Ramon Pacheco que vendia tribuna, que aos domingos saía...vou vender um fuzil, aquela coisa...a tribuna vale mais que um fuzil, aquela coisa pra vender...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse Djalma era Djalma....

ADÃO DOMINGOS: Djalma Alves de Oliveira

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ah, não é o Djalma José Pereira....

ADÃO DOMINGOS: Não, não, então juntamos todo esse grupo pra fase eleitoreira, aí se falava muito nos guerrilheiros, nos guerrilheiros, nas coisas que estavam acontecendo no país, aí quando foi um dia, o Djalma se apresentou com o Edmur Péricles de Camargo lá em Canoas, e eu como vendia calçados avulso e vendia para as lojas de Canoas, vendia muito calçado avulso na doca. Aí conheci o Miguel Marques o KGB que também tinha expressão duvidosa, eles achavam que ele trabalhava para a polícia, trabalhava pra não sei quem,

e muitos dos operários do porto não chegavam nele, e tinham desconfiança.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Miguel era estivador nessa época?

ADÃO DOMINGOS: Ele nunca trabalhou como estivador. Ficava ali, ficava por ali, lendo jornal, essa coisa toda. E esse Miguel vendia calçado ali e tal e ele se considerava um achacador, que não trabalhava, que ficava ali, chamando lúpia, entre eles, ta...esse Miguel nos dias de jogo lá em Niterói, que eu jogava no Boa Vontade nessa época, ia lá pra casa e depois ele ia pro campo de jogo, aquele coisa toda e depois ficava lá quando não tinha....domingo não tinha nada ali no porto e ele apareceu com o Edemur com propostas lá de guerrilhas

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que época era isso?

ADÃO DOMINGOS: 67. E havia um outro companheiro meu de infância chamado Ildo Copri, um fotógrafo, que tinha divergência com o Djalma que achava que o Djalma era também um dedo-duro, então havia muita desconfiança entre as pessoas, e agente era caçado pra todas, a gente ia para a guarda noturna de Niterói, assim, em grande quantidade, vendia calçado para as lojas de Canoas, vendia avulso também e comecei a ganhar dinheiro. Aí comprei uma casa, um terreninho em Niterói lá e saí dos aluguéis e fui para propriedade minha e isso muita gente não gostou, família da ex mulher que eu tinha a Nelci Broto dos Santos e aí eu tinha um galpão lá, uma fábrica abandonada que nós alugamos para fazer a sede do Operário Futebol Clube e nós fazíamos muita reunião ali eleitoreira né? Porque era uma reunião aberta a todos, mas esse Miguel...ele falava muito em guerrilha abertamente e isso a gente...conspirar, fazer uma guerrilha, isso é uma coisa muito séria e aquilo era abertamente, então toda a população dali que ia assistir os nossos jogos, nossa reunião ficava sabendo que havia grupo guerrilheiro, aí veio o pessoal do POC que era esse....o filho do dono dos Adubos Trevo lá de Niterói, ele dava o nome de José, nunca deu o nome certo pra nós e o outro era André

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Do POC, o senhor sabia que era do POC

ADÃO DOMINGOS: Do POC, sabia que era do POC

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não veio saber o nome...

ADÃO DOMINGOS: Não, não, nem fiz essas perguntas

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sabia que era filho do dono do Adubos Trevo

ADÃO DOMINGOS: Sabia que era o filho porque o pai dele tinha corrido ele, fazia reunião lá, aí ele veio para minha sede, fazer reunião lá, conversar de eleição, quem ele ia puxar para o lado dele, o grupo que estava lá era um grupo de operário, então gente muito autêntica, muitos...achavam que aquilo, o projeto dos guris era passageiro que eles iam fazer aquilo ali e que depois iam ser ricos, iam ser advogados, ser médicos e nem iam mais olhar para nós lá no cantão de Niterói. Então a gente recebia eles, eram muito educados, mas não entrávamos no projeto deles porque o projeto deles era meio suicida e eu como soldado tinha feito toda a guerrilha no 18º Batalhão e tinha ido pra rua também na morte do Getúlio e outras coisas, sabia que o exército brasileiro é muito bom, venceu quase todas as guerras, não era um grupo aqui que ia vencer o exército brasileiro. O projeto deles era vencer o exército brasileiro que era impossível sem que houvesse um racha. E esse Djalma teve uma briga com essa moça, essa moça que eles dizem que é a Dilma, A Dilma chamava ele de “viado” ele chamava ela não sei do que, de “machorra” aquela coisa toda e aí era muito dividido o grupo

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele dizia que ela não tava aqui na época

ADÃO DOMINGOS: Em 66,67....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não

ADÃO DOMINGOS: Não estava? Então quem era?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não sei....eu que lhe pergunto.

ADÃO DOMINGOS: Então também não sei. Mas o Ildo Cotri jura que...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Davam esse nome de Dilma?

ADÃO DOMINGOS: Não, tinha outro nome. Mas o Ildo lá em uma reunião de empresários de Canoas no ano passado, ela perguntou por mim que eu era conhecido como Fedato, jogador de bola, isso não é nome de guerra, nunca tive nome de guerra e, então havia uma divisão, o Djalma era contra os estudantes, os estudantes eram contra o Djalma, porque os estudantes desconfiavam do Djalma que ele era dedo-duro porque ele se dava muito bem com o pessoal lá da delegacia de Canoas, do centro de Canoas, o Cândido, e andavam sempre junto e se sabia, toda a Canoas sabia dessa relação do Djalma com o pessoal lá de Canoas e aí aquela briga continuava, continuava lá no meu local de viver....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que era lá na Niterói?

ADÃO DOMINGOS: Na Niterói, no cantão, tudo no cantão. E eu jogava futebol ali, morava numa sede, fazia um time até para um capitão da brigada que era um timezinho de verão, queria me lembrar o nome do time até....um timezinho qualquer, tá, e a mulher dele era muito violenta, muito raivosa contra as pessoas e acabou o time não funcionando e aí fechou o time. Um timezinho, que não era do campeonato, só para jogar no verão, e também fazia eleição a nosso favor, ele era do MDB, era um ponderado, e o Antoninho esse que era policial, que se dizia policial, fazia um trabalho por conta própria, meu adversário ferrenho, e o time dele chamava-se Clemente Pinto, um timezinho, o capitão Arlindo que era presidente desse clube, me botou como treinador para mim treinar essa equipe pra funcionar, mas não funcionou que a dona Arlinda não gostava de....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim mas vamos seguir mais pra questão da militância

ADÃO DOMINGOS: Tah e eu fazia esse trabalho pro MDB na época lá

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E que o senhor teve contato com esse pessoal

ADÃO DOMINGOS: Com esse pessoal que se dizia à favor da guerrilha, mas achava que era impossível de fazer guerrilha num país em que tem escola militar, formação de pilotos com alta tecnologia e armamentos modernos e eles com pistolinha, com coisinhas assim, era impossível, então havia piada pra essas pessoas, aí o Djalma apareceu com o Edmur junto com o motorista e chamava-se Ângelo, junto com o Airton Miller que era motorista também desse cidadão do Edmur Camargo que assaltava banco, sozinho, com ficha, e nunca aconteceu nada....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E ele já tinha feito algum assalto?

ADÃO DOMINGOS: Já tinham feito em Cachoeirinha, por conta deles lá

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ainda era 67 ou era mais adiante?

ADÃO DOMINGOS: 68...

E então o senhor conheceu o Péricles

ADÃO DOMINGOS: Lá, aí conheci o Péricles, vulgo gauchão, um tipo muito bem asseado, limpo, né? Caprichoso, e que falava muito bem

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mulato, negrão?

ADÃO DOMINGOS: Negro, alto, forte, magro

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Falava bem

ADÃO DOMINGOS: Falava bem, claro...o Ângelo era motorista, apático, quieto, no seu canto, jovem e o Airton acompanhava mas não se manifestava

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Airton Miller Rodrigues?

ADÃO DOMINGOS: Isso, e tinha o Batista - o Rito lá de Viamão, que vinha também junto, o João Batista Rito, que vinha junto com eles num carrinho pequeno pra fazer reunião com o Djalma

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor se lembra também do Fischer, era o Jorge Fischer?

ADÃO DOMINGOS: Jorge Fischer, o Jorge eu fui até empregado dele, ele tinha uma empresa de vendas desse negócio pra restaurante, ele fazia em casa, pra vender para restaurante era cominho, era pimenta, coisas assim, temperos...ele tinha uma firma de temperos e eu vendia pra ele em toda a extensão quando eu tinha folga.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas isso o senhor sempre morando em Niterói

ADÃO DOMINGOS: Em Niterói

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Em Niterói, não em Viamão...

ADÃO DOMINGOS: Não em Viamão.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas o senhor nunca chegou a morar em Viamão?

ADÃO DOMINGOS: Não, nunca morei. E aí apareceu o Edmur com propostas.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quais eram as propostas?

ADÃO DOMINGOS: Assaltar banco. Tah, o Djalma que era antes contra os assaltos a banco, quando falavam e tal tava junto com ele. Tava junto com ele. E aí eles foram fazer um assalto lá em uma...eu não sabia disto, e quando foi um dia de manhã, eles apareceram lá na minha casa antes de eu sair pro meu trabalho para assaltar umas empresas de petróleo ali, no cantão, ali na Rio Branco, tinham umas empresas de petróleo, eu acho que era a Ipiranga, a Schell, era tudo junto, Ipiranga, Schell, e tinha escritório. Aí eles chegaram de manhã, eu estava tomando café pra sair e eles chegaram (inaudível) querendo assaltar. Aí eu olhei pro Fischer: “- Mas Fischer, o que tu vai assaltar

o quê?” As empresas aí dos petróleos que ali na avenida Rio Branco, neh? Na rua principal, e tinha jogado nos frigoríficos nacionais conhecidíssimos ali naquele canto e tinha ido pescar em uma noite anterior no rio Gravataí, baixando a ponte ali, dava muito pintado ali, ia sempre pescar ali, e quando eu saí da pescaria às nove horas da noite, entrou um pelotão ali da brigada atrás do, que ficou atrás do... que ficou dentro de um galpãozinho que tinha atrás dos escritórios da Ipiranga, da Schell...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Por que tinham feito o assalto?

ADÃO DOMINGOS: Não...quando eu saí, eu fui pescar, ta e quando eu saí estava chegando aquele pelotão armado e eu estranhei “engraçado”, nunca chegou um pelotão aqui fardado e armado, e até contei em casa, “engraçado, depois que eu saí da pescaria lá, estava limpando os pintados e engraçado que chegou um pelotão aí, que será que vai...que tinha ali?” Aí quando era de manhã, naquela noite anterior eu tinha assistido aquela cena, fiquei curioso porque nunca apareceu aqueles caras há mais de dez anos ali, aí eles queriam assaltar, o Edmur, o Fischer, Catarina (que chamavam), tava o Ângelo...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E tu (inaudível) pra todos eles que os brigadianos estavam lá?

ADÃO DOMINGOS: Eu contei pro Fischer, ele não acreditou...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso foi sinal de que alguém tinha....

ADÃO DOMINGOS: Dedurado. Alguém tinha dedurado o plano deles

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eles tinham abortado o plano, não fizeram a ação....

ADÃO DOMINGOS: Não fizeram porque eu disse, os homens estão com mosquetão lá, eu conheço mosquetão, servi, aí eles não fizeram, o plano deles foi abortado, da vila Rio Branco. Tá, daí uma semana depois eu soube que quem tinha, o suspeito que não foi no ponto foi

o Djalma. Djalma Alves de Oliveira, e aí caiu por cima dele a suspeita. A suspeita de.....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: De ter dedurado.

ADÃO DOMINGOS: Dedurado. Tá, muito bem, aí aconteceu o pior: o Edmur ficou furioso com o Djalma por causa desse plano aí uma outra vez quando eu vi, apareceu o Edmur na minha casa, de manhã, assustado. Que eles tinham ido lá pra Caxias, pra pegar o Banco do Brasil de Caxias, e também foi abortado lá, não deu certo lá e tinha sido o tal do Djalma quem tinha feito o levantamento segundo a conversa do Edmur pra mim. Conversamos lá “Bah, não dá pra confiar nele” aí eu levei o Edmur rapidamente, não ia levar ele pra minha casa, levei ele pra casa da minha mãe, do meu pai, e fui buscar um táxi pra ele ir embora, pra sair dali o mais rápido possível....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E essa casa era na Arthur Bernardo 106?

ADÃO DOMINGOS: Não, não (inaudível) Barreto. Casa do meu pai e da minha mãe...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Pergunta (inaudível)

ADÃO DOMINGOS: Ta a reunião era na sede do Operário Futebol Clube, devia ser na Arthur Bernardes...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A acusação que tinha contra o senhor nesse processo era de ter proporcionado...aqui proporcionou igualmente os meios para Edmur continuar a estruturação de seu grupo transportando até a residência de Jerônimo Fado, para os necessários contatos e articulação de movimento, e a partir de junho de 69 foi desfechado por aquela organização....a acusação nesse processo é que o senhor trouxe ele para essa casa..então não era casa, era isso? Era na verdade onde o senhor está dizendo era um galpão...

ADÃO DOMINGOS: Galpão, isto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isto era em Porto Alegre...

ADÃO DOMINGOS: Niterói

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aqui ele diz “nesta cidade de Porto Alegre...”

ADÃO DOMINGOS: Ta, eles dizem muita coisa. Aí eu levei o Edmur para a minha casa e pedi para ele ficar ali um pouquinho porque eu ia buscar um táxi pra ele ir embora aí trouxe o táxi, ele me deu, não me lembro, dez reis, dez mil réis na época, que eu paguei o táxi e nem utilizei e perguntei pra falecida minha mãe: e o seu Edmur? Eu não tinha (inaudível) pegou o ônibus e foi embora, ta, acabou. Aí não soube mais do Edmur, encerrou ali e aí começou as brigas do Miguel contra o Djalma, um querendo denunciar o outro, aquela coisa toda...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor mantinha contato com eles como, lá no porto...

ADÃO DOMINGOS: Não, eu mantinha contato mais com o Miguel no porto porque vendia calçado, na doca.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Djalma....

ADÃO DOMINGOS: O Djalma muito esporádico, muito esporádico, ele era presidente do Santos Dumont, era um time da quase da (inaudível) Barreto, e eu jogava no da Boa Vontade, que era o Paim, que não gostava dele, então eu jogava em time de confronto. Aí quando foi um dia, o Djalma passou, isso foi uns dois anos depois, fazia uma eleição, fizemos uma eleição e perdemos a eleição pra um candidato lá, o Davi Lanner, eu fiz pro Davi Lanner que era um médico, que também estava em uma lista aí, uma grande lista aí que...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aí já era em 69?

ADÃO DOMINGOS: Não 70.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Começo de 70?

ADÃO DOMINGOS: Começo de 70. É, março de 70, e isto o Djalma passou na minha casa, um sábado de tarde eu estava trocando

os pneus da bicicleta, e ele me disse: “eu quero ver (inaudível) lá em casa, agora. Eu digo “que reunião?” ele disse: “é tem uma lista de sessenta nomes na delegacia de Niterói”. Sessenta é, ele me falou. Aí eu sabia onde ele morava, ele morava lá na rua Santos Dumont, quase perto da base aérea, aí eu fui na casa dele, tava....ele tinha....a delegacia de Niterói havia expedido, ele sabia que a delegacia de Niterói tinha sessenta nomes de pessoas de Canoas, ali da minha redondeza, envolvidas nesse processo de denúncia. Carta-denúncia. Tá aí....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o seu nome estaria?

ADÃO DOMINGOS: Estaria, o dele, e outros nomes também, bastante, né? De Niterói tinha o Nilton Maria Leal que era diretor do teatro, nunca foi na minha casa, é Ilgo Copri, que foi umas duas vezes porque ele tinha um barco, nós íamos pescar....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Nilton era funcionário...

ADÃO DOMINGOS: Ah ele tinha um escritório de contabilidade...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chegou a ser preso?

ADÃO DOMINGOS: Chegou. Não no primeiro momento, o Mariluz que vendia pra ele, vendia terreno pra ele lá na praia, e tinha também o nome de um chefe, de um comandante lá da guarda civil lá de Niterói que comprava calçado que eu vendia, Manuel Euríques que morava na Boa Saúde, eu sei que dos que eu conhecia, Geraldo Morro que tinha uma loja de calçados, que eu vendia pra ele, que também fazia política partidária, tudo nós fazíamos política partidária em Niterói, né? E nós tínhamos no meio daquele ano, 68-69, a gente perdeu dois, que até jogavam, o Toco e um outro lá, que se meteram a ir lá pro Pará lá, e desapareceram no Pará lá. Era um dono de uma relojoaria lá, o Chile e o Toco, os dois irmãos, aí quando nos falaram eu disse: “mas o que vocês vão fazer lá afinal” “nós vamos fazer um foco” “mas tu é louco rapaz, fazer um foco em lugar que tu não conhece, que tu nem conhece o clima lá” Tá, e jogava até no meu time, meus dois zagueiros, e a gente ficou muito impressionado com aquilo e não quem ele levou também, né? Nós nunca soubemos daquele sumiço daqueles dois, que eram lá do centro de Canoas, que era o Toco e o

Chile, dois irmãos que jogavam no meu time, eram dois zagueiros, e nunca mais se viu falar neles. Até hoje, quando pergunto pra minha irmã que mora lá, que eu me dou bem com ela, nunca mais. E aí essa lista, estavam todos os nossos nomes....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas quem é que conseguiu os nomes?

ADÃO DOMINGOS: O Djalma.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele tinha uma cópia dela?

ADÃO DOMINGOS: Claro. Ele tinha cópia porque ele se dava com um polícia, se dava com um polícia chamado Cândido, que passava as informações pra ele.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele ele não passava informação?

ADÃO DOMINGOS: Certamente, certamente

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então o Edmur tinha razão de desconfiar dele.

ADÃO DOMINGOS: Ta mas daí tem outro caso do Edmur, vou lhe narrar. Aí o Djalma fez uma seguinte proposta pra mim: tu vai pra São Leopoldo e não fica em Niterói. Mas daí eu disse “eu tenho um grande jogo para decidir, era Boa Vontade e Iraí, contra aquele time que era do presidente, aquele que fazia prisão em Niterói, não era polícia mas fazia, tinha um grupo dele que fazia, que era o Salgadinho, o Cardosinho que mais tarde foi pro DOPS. Aí eu fui para São Leopoldo e lembrei “mas eu tinha que voltar, o Miguel vai lá em casa, porque ele vai pro jogo”

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele pediu para o senhor se mudar para São Leopoldo?

ADÃO DOMINGOS: Pra ir pra casa do irmão dele lá, na vila Campina, deixar passar a poeira. Aí eu fui e voltei para minha casa porque eu queria salvar o Miguel de qualquer controvérsia porque a casa

estava vigiada segunda a informação do Djalma. Aí quando eu cheguei de São Leopoldo, né? Que entrei, era quase meio-dia, eu vi o Miguel conversando com a Nelci, minha ex mulher, um grande papo, né? Eu digo “engraçado, a Nelci não fala assim com as pessoas, ela é (inaudível)”. Aí fizemos um almoço, almoçamos, e aquele dia eu desconfiei muito. A Nelci nunca ofereceu sobremesa, aí “ah, fica aí mais um pouquinho e tal que eu vou fazer uma sobremesa”. Aí fez uma sobremesa lá, um creme, enquanto isso, a minha filha, eu saí, eu morava em um bangalozinho pequeninho, a Matilde estava levando um bilhete para o Antoninho que morava nos fundos da minha casa, que era o algoz....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O seu adversário?

ADÃO DOMINGOS: É, e que um dia me atacou na rua e me disse: “vem cá, quem é a tua sogra, ou a tua mulher, a tua cunhada” eu digo: “ué, eles não moram aqui, eles moram.....a minha cunhada mora em Porto Alegre a minha sogra também”. “mas que belas figuras o senhor tem hein seu Adão...se cuida com elas” (o Antoninho). Isso um mês antes dos acontecimentos. Aí eu disse, elas sempre brigaram comigo, a minha sogra sempre teve divergência comigo, a minha cunhada, sempre tiveram...e terminou o assunto ali. Aí naquele dia tinha aquele jogo contra o Iraí e o Boa Vontade para decidir a chave de Niterói, e eu não podia falta aquele jogo. Aí vim e vi a Nelci, minha mulher, fazendo um....

Guazzelli: Sim aí já contou, ela tava fazendo uma sobremesa, aí o senhor olhou e estava saindo a sua guria para ir levar...

ADÃO DOMINGOS: Um bilhete lá pro Antoninho. Aí pesquei logo o assunto e disse “não, isso aqui não está certo, o Djalma contou uma história, o Miguel quer ficar aqui, não quer sair, e eu forçando o Miguel, aí eu agarrei as chuteiras, as duas chuteiras que eu ia jogar, uma chuteira especial e um guarda-chuva, estava chovendo, pra sair, tive que sair puxando o Miguel. E aí ia por uma rua que não tinha trânsito, que era impossível, que era um beco, eu ia sair, mas o Miguel queria ir pela rua, pela faixa, eu digo “não, vamos por aqui” Eu acho que o Miguel não sabia da história, mas ele estava na lista também. Aí forçou “vamos por aqui” disse ele, eu disse: não vamos pelo beco,

que eu queria sair do outro lado da vila Rio Branco, que eu já vi que quando a minha filha entregou o bilhete para o Antoninho, e aí estavam me segurando para ficar na sobremesa, não estava certo, aquilo não era comum com a minha vida.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Elas estavam fazendo armadilha para o senhor também ou só para o Miguel?

ADÃO DOMINGOS: Não, pra mim também.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: A sua mulher e a sua filha?

ADÃO DOMINGOS: Isto. Não sei por que circunstância, a minha filha tinha onze anos, claro, foi pela mãe. Aí ela segurando nós ali e eu quis sair rápido.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor não quis abrir o jogo com o Miguel

ADÃO DOMINGOS: Não, porque estava tudo ali.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não mas eu digo, quando estavam saindo pelo beco?

ADÃO DOMINGOS: Não eu quis sair...quis sair pela faixa e de frente a farmácia, o Antoninho esse com um grupo nos pegou. Nos pegou e nos prendeu com um grupo de paisanos. Não era polícia, eles fizeram por conta própria. Eu penso assim ó “eles tiveram do Pedro Seelig pra fazer isso”. Aí já foram nos amarrando com corda, coisas assim, e o Antoninho já queria o prêmio do sete mil, que tinha um prêmio para pegar o Edmur, ganhava sete mil, e o Antoninho não sabia se aquele ali era o Edmur, não sabia quem era, mas estava achando que era o Edmur. Já estavam dividindo o dinheiro entre eles na vinda pra cá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vieram em um camburão?

ADÃO DOMINGOS: Não, viemos num Mercur, no carro do Antoninho. Amarrado. Amarram com umas cordas

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Paisano?

ADÃO DOMINGOS: Paisano. Tudo paisano. Aí...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor conhecia a vizinhança?

ADÃO DOMINGOS: Claro que sim. Tudo vizinho.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso era?

ADÃO DOMINGOS: 70. Dia quinze de março de setenta. Ta, aí já vinham querendo dividir o dinheiro entre os quatro que nos pegaram para receber o sete mil que era o prêmio que tinha pra pegar o Edmur. Aí quando nos entregaram no DOPS, o Antoninho esse já queria o dinheiro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Entregaram pro Pedro Sellic?

ADÃO DOMINGOS: Não, entregaram em um domingo, não tinha ninguém lá. Aí o pessoal do plantão do DOPS ficou rindo: “mas isso aí, quem é essa gente afinal?” “esses aí são assaltantes de banco” disse o Antoninho, “mas assaltante de banco com chuteira e guarda-chuva, domingo, que não tem banco aberto, como assaltante de banco?”. Começaram a rir. O plantão do DOPS lá. Aí ficamos lá, aí o Antoninho já queria a divisão do dinheiro ali na hora já.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não bateram em vocês, nada?

ADÃO DOMINGOS: Não, não bateram nada. Ta. Aí ficamos o domingo todo ali e tal, aí de noite trouxeram um camarões lá pra nós comer, lá e tal, o plantão que estava lá. Aí no outro dia, o Pedro See-
lig, velho conhecido em Niterói,

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele já era delegado?

ADÃO DOMINGOS: Já era delegado lá do DOPS, eu nem sabia que ele era do DOPS. Eu tinha confronto lá em Niterói, ele era da delegacia de Niterói. Aí ele queria saber coisas do Djalma, comigo era com o Djalma, no Miguel nem tocaram nada.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E ele já conhecia o Miguel?

ADÃO DOMINGOS: Não. Ele devia conhecer mas...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Demonstrou reconhecer?

ADÃO DOMINGOS: Não. Ele achou que era...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor, ele reconheceu?

ADÃO DOMINGOS: Não ele me conhecia de Niterói, dos campos de futebol....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas e aí, o que é que ele lhe disse, “você estava metido nisso”?

ADÃO DOMINGOS: Não, não fez nenhuma acusação. Ele começou pelo Miguel, aí o Miguel disse pra ele que o Miguel não era polícia pra estar cuidando de ataque a banco. Que polícia era ele, ele é quem tinha que fazer. Disse pro Pedro Seelig. Na cara. Aí quando o Pedro Seelig veio pra me mostrar a lista que estava todos os nossos nomes, eu conheci a letra.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era a letra do Djalma...

ADÃO DOMINGOS: Não, era a letra da Nelci. A letra dela.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era da sua senhora?

ADÃO DOMINGOS: É, da Nelci. Da mulher que era casada comigo. Ta, aí eu conheci, mas eu disse “seu delegado, seu Pedro, mas essa letra eu conheço, isso aqui é uma carta-denúncia e tal”. Aí o Pedro já tinha prendido já naquela segunda-feira toda a Niterói. Veio em um ônibus. Era muita gente. Prendeu quase toda Canoas.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ela dedou toda essa atividade de vocês, política partidária?

ADÃO DOMINGOS: E loja de calçado e Edmur e etcetera, etcetera numa carta. Então veio chefe de guarda civil, guarda civil de Niterói...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Dormindo com o inimigo...

ADÃO DOMINGOS: Sim, dono de loja, prefeito, candidato a prefeito, aí entrou esse Favero, que não era nem do partido não era nada. Fazia também as campanhas eleitoreiras em Canoas lá...aí veio toda a Canoas, mais o Amarluz, que era dono de uma praia, veio o Milton Maria Leal, veio todo o (inaudível), tiveram que botar um ônibus porque era muita gente. E vieram tudo para o DOPS. Aí foi eu constatar....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso em março de 70?

ADÃO DOMINGOS: 15 de março de 70, não....foi dia 16. 15 foi o Miguel. Dia 16 eles prenderam todas essas pessoas

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor seguiu preso lá?

ADÃO DOMINGOS: Eu segui preso. E aí, essas pessoas contaram histórias lá e tal, e saíram no mesmo dia. Eram apenas fregueses de calçados meu...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor continuou?

ADÃO DOMINGOS: Eu continuei. Eu continuei preso, eu e o Miguel.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E que deve ter originado essa acusação...essa denúncia que o senhor estava ajudando o M3G, e eles nunca tinham ouvido falar no M3G?

ADÃO DOMINGOS: Não. Nunca tinham ouvido falar no M3G...O M3G esse...nem o Fischer que se dava bem comigo, que eu vendia os temperos para ele, nunca falou disso pra mim e, até quando ele esteve preso em 65 e eu sabia, nós ajudávamos ele com rancho, coisas assim, e o Fischer também não tinha confiança...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Edmur quando falava com vocês não falava no M3G?

ADÃO DOMINGOS: Não

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Dizia que os assaltos era por conta dele? Ele não dizia o nome da organização dele?

ADÃO DOMINGOS: Não. Nunca disse. Pra mim nunca disse. Aí, seguimos presos, e eles começaram a me tirar na noite. Eles me tiravam na noite, a equipe do Pedro para ir a Canoas, achar o Djalma. Aí eles me torturavam. Me queimavam com cigarro....um tal de “Cardosão”, “Salgadinho” que tinha raiva de mim, lá de Niterói; “Cardosinho”....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor se lembra do nome completo dessas pessoas?

ADÃO DOMINGOS: Não....Nilo Havelha, um tal de....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Nilo Havelha o senhor conheceu no DOPS ou já conhecia antes?

ADÃO DOMINGOS: O Nilo eu conheci quando ele jogava no....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Nilo era de Canoas?

ADÃO DOMINGOS: Não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu conhecia ele de jogar na várzea, de jogar bola?

ADÃO DOMINGOS: Jogava na várzea também, lá em Caí, eu joguei no Riachuelo e ele jogava no time do João, um polícia, junto com o Mauro “barrilzinho de pólvora”, que eu tenho uma história no futebol né?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mauro do Cruzeiro?

ADÃO DOMINGOS: Do Cruzeiro. E tinha começado na infância comigo no Guanabara.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu vi o Mauro jogar, era guri....

ADÃO DOMINGOS: Tá, e eu só joguei nos profissionais porque eles não pagavam. Eu tinha bom emprego porque eu era sapateiro, trabalhava por peça, né? E antes eu tinha sido confeitiro, mas pagavam muito pouco. Aí esse (inaudível) me tirava todas as noites lá da cela do DOPS e me torturava na viatura indo para Canoas.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E lá queriam....

ADÃO DOMINGOS: Achar o Djalma.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas o Djalma fazia jogo duro, ou não fazia?

ADÃO DOMINGOS: Não sei porque ele disse que morava em Canoas sem nenhum problema.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então ele era protegido por uns, por outros não...como é que era? E eles queriam levar o senhor nos lugares onde ele poderia estar?

ADÃO DOMINGOS: Isto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o que eles faziam? Lhe davam socos, pontapés?

ADÃO DOMINGOS: Me queimavam com cigarro, me davam soco, pontapé. Tipo faroeste. Não tinha touca, não tinha nada. E botavam na “maricota” de noite lá, junto com o “Bicho” que estava sendo preso também.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E se eu lhe perguntar quem estava lá que o senhor viu? O senhor ia na tal da fossa?

ADÃO DOMINGOS: É o tanque de afogamento...eu tava na fossa.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Essa que eles torturavam... quem mais estava na fossa?

ADÃO DOMINGOS: Ali estava o “Bicho”, estava eu, e o Miguel.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Come que era o “bicho”, bem jovenzinho?

ADÃO DOMINGOS: Um garoto. Magrinho.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Diz que ele estava muito judiado...

ADÃO DOMINGOS: Muito judiado, porque eles botaram ele no “pau-de-arara”, quando nós estávamos na cela assim, e atiraram ele por cima, ele caiu e foi nós que juntamos ele, aí foi que nós descobrimos que, ele conversou com nós, sobre a atividade dele, né? Aí o Pedrão não me inquiriu mais, mas todas as noites eles saiam comigo para ...dizendo “onde é que está o Djalma?”. E o Djalma estava em Canoas, mas onde? Eu não sabia também, nem queria saber, porque eu não tinha vidade, não tinha particularidade com o Djalma, o Djalma era lá da Chácara Barreto, eu morava no cantão de Niterói. Só ia à eleição.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas alguma relação com ele o senhor tinha e eles sabiam.

ADÃO DOMINGOS: Sim. Sabiam que eu tinha relação com ele.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor ficou muito tempo preso no DOPS neste período?

ADÃO DOMINGOS: Não, aí eles tiraram nós, e o Miguel...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quanto tempo o senhor ficou preso ali?

ADÃO DOMINGOS: Eu fiquei preso ali, acho que 01 mês, depois eles mandaram pro 18 Regimento de Infantaria.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quando o senhor estava preso, o “Bicho” não estava ainda? O “Bicho” chegou depois?

ADÃO DOMINGOS: Chegou depois que eu estava preso. Eu e o Miguel fomos primeiro. 15 de março.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas o senhor se lembra, quem chegou depois, além do “Bicho”.

ADÃO DOMINGOS: Chegou o João Carlos Bonna Gracia, o Rui Falcão, Fernando da Mata Pimentel, o “Paco”, o Jorge Fischer...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Pelo jeito o senhor não conhecia essas aí?

ADÃO DOMINGOS: Não, esses aí eu não conhecia. O Índio Vargas também não conhecia. O Airton Müller que eu vi uma vez em Canoas, o João Batista Rita que eu vi uma vez em Canoas.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aí já era o pessoal da Canoas, e o resto do pessoal do assalto do banco de Viamão....

ADÃO DOMINGOS: É, Dario Vianna dos Reis. O chacreiro que disse que se matou, que se suicidou....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como é que era o chacreiro?

ADÃO DOMINGOS: O chacreiro era um homem simples, um trabalhador....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E era um home já velho?

ADÃO DOMINGOS: Já velho né, com a idade...depois começou a aparecer muita gente antiga....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que eram os moradores da Lomba, decerto...

ADÃO DOMINGOS: É, os vizinhos, que eles prendiam os vizinhos também. Aí prenderam um motorista de taxi, o “Ligeirinho” também que era vizinho dessa gente lá....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Que não é o Ângelo?

ADÃO DOMINGOS: Não era o Ângelo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Ângelo apareceu depois lá?

ADÃO DOMINGOS: Apareceu depois.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Chegou a ver o Ângelo?

ADÃO DOMINGOS: Cheguei. Cheguei a ver o Ângelo. Eu tive no presídio....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim mas, no DOPS, o senhor chegou a ver o Ângelo?

ADÃO DOMINGOS: Vi, muito mutilado. Muito mutilado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E eles sabiam que o senhor conhecia ele?

ADÃO DOMINGOS: Não. O Edmur...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Depois vamos chegar lá no Edmur, bem ligeiro, o senhor me desculpe eu ir lhe perguntando e as moças, o senhor viu as senhoras/

ADÃO DOMINGOS: Não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: As mulheres...

ADÃO DOMINGOS: Não, não vi nenhuma.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ficavam separados?

ADÃO DOMINGOS: Ficavam separados.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Edmur? Que dia chegou o Edmur?

ADÃO DOMINGOS: Ta, deixa eu lhe contar. Aí nós fomos lá para o 18. Eu fiquei na solitária.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Então esse primeiro período no DOPS, o Edmur não apareceu?

ADÃO DOMINGOS: Não apareceu. Aí eu fui para a solitária lá, e o Miguel ficou junto com os outros presos que tinha lá. Lá no 18.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor separado?

ADÃO DOMINGOS: Eles me botaram na solitária.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que que queriam só o senhor? Só o Djalma?

ADÃO DOMINGOS: É, só o Djalma, só o Djalma. Aí juntou aquela turma no 18 batalhão, eu não fui torturado nem nada. Fiquei na soli-

tária e o Tenente Ferreira me chamou e me disse “aqui o senhor não vai ser torturado. O senhor é preso de guerra aqui conosco. Aqui é a convenção de Genebra que está funcionando.”

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor tinha servido no 18?

ADÃO DOMINGOS: Sim. Tinha sido arrancado pelo (inaudível) tinha sido melhor soldado pelo....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Anos antes?

ADÃO DOMINGOS: Anos antes eu era responsável pela reserva de arma e munição né? Nunca faltou um cartucho né? E soldado de primeira né? Eu era responsável por uma peça lá. Muito bem. Aí esse tenente me chamou e me disse: “aqui o senhor é prisioneiro de guerra, ninguém vai lhe tocar em nada”. Tá, aí eu não me lembro quanto tempo eu fiquei, mas segundo o soldado Renato, disse que eu fiquei meses lá dentro. Eu não me lembro. Eu só me lembro que (inaudível) um tijolinho de banana por baixo. Aí anos depois eu fui descobrir que quem botava era um soldado, e dizia, esse soldado dizia que eu era o mais perigoso de todos. Aí eu comecei a raciocinar “eu digo ta, então eu sou o perigoso porque eu sou um cidadão brasileiro e não sou de ideologia. Eu sou difícil de eles me botarem em algum artigo”. Eu não tinha assaltado banco, não tinha falado mal do governo, eu estava só pela carta-denúncia. Aí quando foi um dia, o inspetor Jarbas... não... tiraram eu da solitária e me levaram no comandante do 18, Coronel Klein (verificar). Aí ele me disse que não tinha nada contra mim. Não temos nada contra o senhor, seu Adão. É lá com o DOPS.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E lhe devolveram pro DOPS?

ADÃO DOMINGOS: Devolveram. Aí quando no meio do caminho, o Jarbas foi me contando a história.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Jarbas era esse inspetor?

ADÃO DOMINGOS: Inspetor. Que estava terrível lá no DOPS. Aí quando eu cheguei no DOPS, havia uma festa. O (inaudível) Ma-

riante batendo com uma tranca no Índio Vargas, que eu fui conhecer depois, estava o Félix preso, o Frank, o Gê....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tudo gente que o senhor não conhecia?

ADÃO DOMINGOS: Não, não conhecia ninguém.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o próprio Janio Mariava batia?

ADÃO DOMINGOS: No Índio, com uma tranca de porta.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Índio era mais velho que os outros, um pouco. Batia?

ADÃO DOMINGOS: Batia, batia....eu cheguei lá estava aquele re-buliço lá dentro, né? Mas já fui avisado no meio do caminho pelo inspetor que havia uma festa deles lá, que tinham prendido todos lá. “Putá merda” – disse eu. Tá, mas eu não conhecia, o meu problema com o DOPS era o Djalma, só né? Tá, aí no outro dia apareceu mais torturadores lá, apareceu um tal major Malhães. Bandido. Junto com o Pedro Seelig. Disse “esse aí é Zé-pingola, esse aí não está no meio deles aí” tirou fora, e um tal de Rochester (Rohrsetzer) também...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era militar?

ADÃO DOMINGOS: Militar. Batendo. Muito bem.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Batia também? O major Átilla?

ADÃO DOMINGOS: Isto. Batia à vontade.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Malhães não era daqui?

ADÃO DOMINGOS: É, essa gente era diferente. Essa eu não conhecia....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E tinha...não tinha um sargento também? Não tinha um outro? O Malhães era carioca, não tinha um outro carioca também?

ADÃO DOMINGOS: Eu acho que era o...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não era o Átila, o Átila era daqui...não tinha um outro? Cabral?

ADÃO DOMINGOS: Ah o Cabral! Cabral, bandido! Bandido também. Ta, aí eles me tiraram fora daquela leva ali, me chamaram de “Zé-pingola” e tal, porque eu não era assaltante de banco e tal né? Pra eles, eles queriam assaltante...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eles tinham peixe maior agora...

ADÃO DOMINGOS: Sim, eles queriam assaltante de banco. Ele disse pra mim: “eu não quero vocês, vocês não valem nada pra mim. Você são de eleição, de papo-furado”...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quem lhe disse isso?

ADÃO DOMINGOS: O Malhães.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É, já tinham pego gente mais graúda para eles....

ADÃO DOMINGOS: Sim! Aquilo era uma festa pra eles! Ta, e o Pedrão gostava de dizer que ele tinha conquistado mais comunista com rabo-de-tatu, batendo, do que o partido com 50 anos.. coisas assim... né? Pedrão... e mais coisas que ele dizia que nos operários, iam matar a pau porque não vão ser nada mesmo, e os estudantes ele cuidava, não batia tanto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Como é que dos operários?

ADÃO DOMINGOS: Ele mata a pau, porque não vão ser nada, e nos outros, nos estudantes, podem ser alguma coisa. Ta, isso era conversa dele. Ta?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Do Pedro Seelig?

ADÃO DOMINGOS: Do Pedro Seelig.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele não lembrava de quem ele conhecia?

ADÃO DOMINGOS: Não, ele me conhecia sim, me chamava de “Fedato” que era apelido de futebol né? Aí...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E ele lhe aliviava por causa disso?

ADÃO DOMINGOS: Não, não... não. O incrível é que ele nunca me bateu. Só mandava os outros.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas ele tinha tipo de coisa: “não pensa que porque nós jogamos bola juntos...”

ADÃO DOMINGOS: Não, não... nunca fez isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas ele se lembrou...

ADÃO DOMINGOS: Sim, sabia. Ele me conhecia bem. Ele me conhecia bem. Tá, e aí aquela festa toda lá, deixaram nós de lado... muito bem, aí após uns dias, eles nos mandaram para a penitenciária, lá no Partenon. Aí o que fizeram: antes disso, antes da penitenciária, eles me algemaram junto com o Edmur.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ta, daí o senhor foi pro presídio?

ADÃO DOMINGOS: Ta, antes de ir para o presídio, no DOPS, eles me algemaram com o Edmur...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Daí que o senhor viu o Edmur no DOPS. O senhor teve no DOPS, depois foi para o 18, depois voltou para o DOPS?

ADÃO DOMINGOS: Isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Foi nessa volta para o DOPS, que o senhor viu o Edmur?

ADÃO DOMINGOS: Isto...tá...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aí lhe algemaram junto?

ADÃO DOMINGOS: Junto....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eles queriam alguma coisa junto?

ADÃO DOMINGOS: Não sei o que que eles queriam, mas o Edmur queria que eu entregasse o depósito de armas. Que é o que eles queriam de mim. Que depósito de armas?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Edmur?

ADÃO DOMINGOS: Queria que eu entregasse o pessoal de Canoas, o depósito de armas...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas o Edmur lhe disse?

ADÃO DOMINGOS: Isto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Vocês estavam sozinhos ou....

ADÃO DOMINGOS: Não! Estava sozinho lá. E o Pedrão tratava muito bem o Edmur, nunca tocou nele, chamava sempre de “seu Edmur”, nós estávamos numa suíte, eu e ele. Lá no DOPS...tinha tudo, tinha um ventilador para nós dormir...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Algemado?

ADÃO DOMINGOS: Algemado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: No depoimento que eu tenho aqui, diz que o Edmur ficava separado do senhor.

ADÃO DOMINGOS: Sim!, ta....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas ninguém viu como é que ele ficava... teve com ele um tratamento especial?

ADÃO DOMINGOS: Um tratamento especial. E o seu Pedrão trazia uma batida de maçã pra ele todos os dias à noite, ta? E tratava do seu Edmur. Um dia estragou o relógio do Edmur, um tanque, e o seu

Pedro levou lá na Masson para o concerto. O meu, um Citizen de primeira, o Nilo roubou. O Nilo hervelha me roubou. Botou no pulso, disse que aquilo era tão (inaudível) que não precisava trocar e ficou com ele. Ta? O seu Edmur tinha tratamento especial. Ta? Algemado aqui ele queria que eu entregasse o depósito de arma. Eu disse: “mas que depósito de armas?” quem disse que eu tinha um depósito de armas? “ah, as pessoas” Eu digo: “não”. “Mas entrega todo mundo” “Mas se eu vou entregar os conhecidos, se alguém se encontra (inaudível) em Canoas, eu boto toda a Canoas aqui, já veio toda a Canoas aqui, pra cá, numa carta-denúncia”. Ta, e aí algemados, nós fomos para a ilha. Eu e o Edmur. Saímos do presídio e fomos para a ilha.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas aí do DOPS, o senhor foi para o presídio primeiro....

ADÃO DOMINGOS: Isto. Depois do presídio, fomos para a ilha. Ta.....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Neste depoimento foi dito que o senhor ficou de 14 de maio a 14 de julho de 73 no Presídio Central. E ficou bastante tempo no DOPS hein? Ah!, e no 18º RU o senhor ficou bastante tempo.

ADÃO DOMINGOS: Eu fiquei na solitária, nem me lembro quanto tempo fiquei. Dizem o soldado que eu fiquei 8 meses. Fiquei 8 meses.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso aqui é assim ó: diz que..... lá na Comissão isso é com base no que o senhor levou lá pra eles. De 15 de março de 70 a 20 de maio de 70, no DOPS. Primeira prisão.

ADÃO DOMINGOS: Sim!

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Daí, de 20 de maio de 70 a 11 de janeiro de 72 no 18º. Que são meses mesmo.

ADÃO DOMINGOS: Então foi 8 meses que eu fiquei naquela droga lá. Nem me lembro de tanto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não, mais...um ano e

ADÃO DOMINGOS: Dentro da solitária!

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ó, preso de 20 de maio de 70 a 11 de janeiro de 72, quer dizer todo o ano de 71, maio, sete meses...

ADÃO DOMINGOS: Então o soldado tem razão, né?

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Claro.....daí o senhor voltou pro presídio, voltou pro Presídio Central, de 14 de maio de 73 a 14 de julho de 73, no Presídio Central, ficou daí dois meses no Presídio Central. Daí, aqui não fala da Ilha....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ta, mas daí nós fomos alge-
mados para ir pra Ilha...

ADÃO DOMINGOS: Ta. E na Ilha, começou a dar confusão, de briga lá. De facções. Então, ninguém se acertava lá dentro. Aí, já tava maduro, passei por tudo, aí tomei uma posição. Agora é o seguinte: tem uns brigando aqui dentro por um maço de cigarro, que o Araújo não queria dar cigarro pra um, não queria dar pra outro. O Índio cita isso no livro. Eu digo: que socialismo é esse de vocês aí? Né? Como eu não tinha visita de ninguém, ninguém me visitava, aí ninguém me conhecia, eu era um tipo muito suspeito também lá dentro. Porque ninguém me conhecia, eu não tinha militância com eles, né? Era atirador solitário, sozinho. Estava pela carta-denúncia e pela maldade do Pedrão. Aí me levaram pra Ilha e eu comecei a encenar lá na Ilha, mais forte ainda, até porque eu era melhor do que eles fisicamente, né? Se tivesse que sair no braço, saía..sem problemas, ou com arma, com qualquer coisa. Que eu já brigava lá em Niterói, dentro dos campos de futebol, que não era coisa fácil. E aí, quando foi um dia, a barca parou lá e me trouxeram pro DOPS. Aí, cheguei no DOPS “o senhor tem uma conversa aí”. Aí eu cheguei, tava o major do exercito lá: “seu Adão, nós vamos lhe tirar da Ilha porque há um plano pra lhe matar”. Eu digo: “um plano pra me matar?”. “É”.aí ele me disse “o senhor não tem mais condições de trabalhar em empresa nenhuma, o senhor tem que botar uma empresa por sua conta daqui pra frente”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Ele já estava lhe liberando?

ADÃO DOMINGOS: Ele disse: “eu vou lhe soltar, porque o senhor não tem nada a não ser, só suspeita aqui conosco. Eu sou do Exército”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E lá na auditoria não tinham lhe chamado pra audiência no....

ADÃO DOMINGOS: Ah! Isso foi depois. Foi depois. Aí me soltaram, mas...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E ainda lhe deu um conselho de que fosse trabalhar por conta própria....

ADÃO DOMINGOS: Isto. Mas eu não tinha mais casa, não tinha mais nada., né? De Niterói, se sumiu. E ele me disse mais....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O que, a mulher aquela?

ADÃO DOMINGOS: Sumiu. Ta...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas a casa tava lá?

ADÃO DOMINGOS: Não, a casa já não era mais, quando eu cheguei lá já estava vendida. Não tinha mais nada. Mas, nesse meio tempo, num dia que eu fui pra pegar os meus pertences, eu tinha que subir lá em cima, o major me liberou e o Pedro....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Esse major, o senhor lembra quem era?

ADÃO DOMINGOS: Não lembro.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não era o Átila?

ADÃO DOMINGOS: Não, um major do exército que me recebeu educadamente e me disse: “o senhor tem que se esquecer disso que aconteceu com o senhor”. Eu digo: “como, né? Eu fui torturado no pau-de-arara, no choque elétrico, me queimaram de cigarro, fiquei tempo dentro da solitária, e o senhor quer que eu esqueça? Não tenho emprego, mas”... “ah, por isso o senhor vai trabalhar por sua conta”. Ta, aí quando eu subi lá em cima para pegar meu guarda-chuva e a chuteira, o Pedro me botou a boca: “eu não te soltaria nunca mais!”

Eu digo: “o major mandou” “Eu sei” – disse ele. Aí, o major até... ainda pedi o dinheiro da passagem pra ele, porque eu tinha deixado dinheiro e eles tinham ficado com 5 mil réis, uma coisa...aí ele me deu o dinheiro da passagem pra vir embora.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O major?

ADÃO DOMINGOS: Não, o Pedro. Porque eles tinham... eu tinha deixado o relógio que se sumiu, desapareceu, e o dinheiro sumiu também há muito tempo né? Aí eu fiquei só com a chuteira e o guarda-chuva. O Pedro disse que não me soltaria nunca mais. “Tu vai ser solto, porque o major te liberou”. Tá, aí eu vim, eu vim... saí... eu digo “bah, mas e agora?” Tá, aí fiquei uns tempos morando com um amigo de infância, o Ilgo Copri, que também tinha sido preso pela carta-denúncia, mas tinha sido solto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Aí o senhor procurou ele...

ADÃO DOMINGOS: Procurei ele né? e ainda fiquei trabalhando de sapateiro, mas não era a mesma coisa, porque aí já tinha mudado o dono e tudo né? e...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu conseguiu ir para aquele primeiro emprego ainda?

ADÃO DOMINGOS: Consegui, mas aí não agüentei mais porque a pressão era muito grande lá dentro, dos empregados mesmo, e eu tava muito machucado, aí saí e fui trabalhar de representante comercial. Fui trabalhar de representante comercial

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sempre morando na casa desse seu amigo?

ADÃO DOMINGOS: Morando na casa do Corpri por aquele momento, porque eu não tinha onde ficar. E aí, vendendo calçado pro Galicia (conferir) uma fábrica ali do Sarandi, vendendo calçado, arrumei uma outra fonte de ganhar dinheiro com calçado “semeador” (conferir) que tinha um posto aqui na Assis Brasil, e era um coronel chamado Joelcísio Bandeira Moura (conferir), o dono. Aí eu contei a história pra ele, ele disse: “Muito bem, tu vai pra escola agora. Vai

tirar carteira de motorista, tem papel?” eu disse: “não, não.”” Então tu vai pra escola, junto com os meus filhos e vai tirar a carteira de motorista.” Aí eu fui pra escola da carteira de motorista, e fui pra escola de....para representantes comerciais, na faculdade, comunicação social. Aí eu fiquei, por conta do coronel Joelsício Bandeira Moura. Isto pra mim vai trazer, vai (inaudível), então já levava mercadoria na hora, até peruca....

Segunda parte:

ADÃO DOMINGOS: No negócio de Caxias, eu fiz Bandeira Moura, que é o único que apostou em mim né? Fiz todo o trabalho de escolaridade, pra comunicação social, e tirei a carteira de motorista com ele, mas não era o motorista da...”só pra mim, particular”. Ele me botou de motorista, à minha disposição. Eu comecei a ganhar dinheiro com ele, vendendo né? Me esqueci da política e daquelas pessoas, né? Muito marcado. Aí quando eu estava trabalhando em Caxias, fui procurar a Ivani lá, uma conhecida lá de Canoas que era a segunda mulher do Djalma, né? Tinha até me esquecido do Djalma né? Porque o Djalma andava por Canoas, conversei com ele lá em Canoas, ele não deu muita bola, disse: “ah! Eles tavam me procurando, eu não tenho nada contra ninguém”. E aí terminou o papo. Eu conversei com ele no centro de Canoas, ele tava caminhando, e ele sabia que eu tava preso. “ora, te soltaram” eu disse “bah! Até que um dia”, eu disse pra ele. Eu tava trabalhando em canoas, vendendo até quando eu encontrei ele. Aí fui pra Caxias, e fui procurar a mulher do Djalma, Ivoni, que não era a outra, já tinha se separado, e quando eu vi, fui preso em Caxias. Preso em Caxias, pra dizer onde é que estava o Djalma.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Quem é que lhe prendeu?

ADÃO DOMINGOS: A DOPS de Caxias, um delegado chamado Pedro.....não, Paulo Machado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor estava morando em Caxias?

ADÃO DOMINGOS: Não. Estava morando em Niterói, na casa do Ilgo na rua Tamoio. Ilgo Copri. Mas tava trabalhando pro....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas eles sabiam do senhor, foram lhe prender lá em Caxias?

ADÃO DOMINGOS: Me prenderam com as camisas, com tudo isso, e eu fiquei à disposição do DOPS em Caxias, um monte de dias lá e aí o...até que um dia, o delegado Paulo Machado, me chamou e me disse: “eu não tenho nada contra o senhor aqui, o senhor não fez nada aqui em Caxias”. Eu digo “eu sei, eu vim trabalhar aqui, eu vim vender as camisas Michigan, né?” Umas pilhas de camisas assim né? A Kombi desapareceu também, foi embora..aí

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o senhor não conseguiu avisar o seu patrão

ADÃO DOMINGOS: Não, eles vieram...a polícia de Caxias veio e “chacou” um dinheiro pra mim em Caxias, porque o coronel tinha pedido para levar um dinheiro pra mim lá, um tal de Miller, inspetor Miller, e este dinheiro nunca chegou na minha mão lá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E as camisas?

ADÃO DOMINGOS: As camisas então eu perdi.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E a Kombi?

ADÃO DOMINGOS: A Kombi se sumiu.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o coronel?

ADÃO DOMINGOS: O coronel era um homem muito rico, era o dono da casa. Não quis tocar pra frente o assunto.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim mas não lhe botou....

ADÃO DOMINGOS: Não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O senhor não perdeu o emprego?

ADÃO DOMINGOS: Com o coronel não. Saiu e me chamou, e me disse “Tu tem que ter (inaudível). Tu não pode sair por aí da forma

que tu saiu sem me avisar... que tu vai, né?”. Nessas alturas, eu já tinha pegado o meu diploma como representante comercial. Um lindo diploma, que o coronel havia pagado pra mim. Carteira de motorista e tudo. E pra mim seguir, por que eu estava perdido. E aí peguei essa prisão em Caxias, e o delegado Paulo Machado me chamou. Até aconteceu um fato no dia, o inspetor que estava lá cuidando dos presos lá, eu ficava.... eu ficava caminhando lá por dentro, eu não ficava na cela e ele teve que levar um preso machucado para o hospital Pompeia e me deixou sozinho ali. Não sei se aquilo ali era uma armadilha, não sei. Deixou ali na portaria, eu digo: “mas como! Eu vou ficar aqui, se vier alguém aqui e me ver assim, pode até me matar”. Disse ele: “não, aqui não entra gente para te matar, né?”. Aí ele foi levar o preso machucado lá pra....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não ficou nenhum outro polícia?

ADÃO DOMINGOS: Não, era só ele, e ele me deixou no lugar dele. Não sei se era uma armadilha, mas eu não entrei nessa. Fiquei no meu lugar. Né? Eu ficava ali, junto com eles ali e tal, só ia dormir na cela de noite. Aí achei aquilo estranho “engraçado né?”. Aí quando foi uns dois dias antes de eu vir para Porto Alegre, eles fizeram uma festa para mim lá. Um advogado de lá, de Caxias, queria me defender. Mas o (inaudível) um barbeiro que me conhecia, também de campo de futebol, que descobriu através da Ivani, a Ivani eu não cheguei a conversar com ela lá. Só soube que eu tinha sido preso na entrada da casa dela, então depois comunicou esse barbeiro que fez uma comunicação lá pra esse advogado, e esse advogado veio lá, queria me defender. Eu disse: “acho que não precisa, o senhor descer lá pra Porto Alegre comigo, porque eu não tenho nada a ver com os fatos. Eu vim vender camisas aqui, o senhor está vendo, né? E eu acho que não...”. “Não! Vamos lhe defender”. Um delegado famoso lá de Caxias, né? Que era amigo do Segalla lá...tá.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Segalla que era do Partido?

ADÃO DOMINGOS: Isto. Isso era tudo companheirada deles lá, mas eu não era do partido até porque nunca ninguém me....diziam

que o Djalma era do partido, mas o Djalma era meio controverso, ta. Nunca conversei com ninguém que fosse do partido.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o Miguel?

ADÃO DOMINGOS: O Miguel não era do partido.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas aqui diz que era....

ADÃO DOMINGOS: Tá, mas dizer é uma coisa....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Sim claro, o senhor não era da...não era direto do partido, mas tinha conhecidos...

ADÃO DOMINGOS: Tinha conhecidos.....

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: (inaudível) Quem era esse advogado?

ADÃO DOMINGOS: Eu não me....era um baixinho! Um baixinho, era um caladão até....ele: “não mas eu vou com o senhor!” Eu digo: “não, mas eu não preciso”.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Prestes né?

ADÃO DOMINGOS: Não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Não era o Régis Prestes?

ADÃO DOMINGOS: Não... (inaudível) era mandado do Segalla. Eu sei que era do Bruno Segalla, eu me lembro o nome.

TESTEMUNHO – ARAKEN VAZ GALVÃO

AUDIÊNCIA PÚBLICA: “O CASO DAS MÃOS AMARRADAS”¹

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Nosso depoente de hoje integra o Conselho Estadual de Cultura da Bahia, é escritor, com obras publicadas. Um brasileiro que lutou dentro e fora do país na resistência à ditadura militar, comparece aqui porque ele foi companheiro de farda, de caserna, de lutas antes ainda do golpe militar e depois dele, de Manoel Raymundo Soares a vítima do chamado “caso das mãos amarradas”. Esse personagem fascinante sobre o qual o Araken deporá aqui. Bem como sobre sua militância comum, militância deles ainda quando sargentos do Exército Brasileiro, ainda antes do golpe militar. Depois que foram cassados, sua luta na clandestinidade no Brasil, no processo de exílio, de prisão e de exílio que o próprio Araken passou, inclusive na chamada “Ilha das Pedras Brancas”, o presídio ali improvisado e que o Araken estreou como ele vai nos contar agora, um ano antes do Manoel Raymundo Soares. Eu queria antes de passar a palavra a ele agradecer publicamente a disponibilidade desse cidadão em comparecer aqui ao estado do Rio Grande do Sul para prestar de viva voz esse depoimento. Ele já nos mandou um relato escrito sobre “Soares e a História”, que é um capítulo inédito de um livro do Araken sobre o movimento sargentos no Brasil que ele não conseguiu publicar ainda. E mesmo assim se prontificou a vir de viva voz prestar esse relato que com a sua prosa mansa de baiano certamente vai nos comover a todos aqui. Quero agradecer à Casa Civil, à Secretaria de Comunicação, à nossa assessoria, à Cíntia, às pessoas todas que permitiram aqui no Palácio a realização desse ato. Agradecer de modo muito especial as pessoas dos comitês locais de memória verdade e justiça, os batalhadores pelos direitos humanos, pela luta pela cidadania aqui presente. Saudar na pessoa do companheiro Carlos Henrique Kaiper, Procurador Geral do Estado, toda a estrutura do governo que tem nos possibilitado atuar nas nossas atividades. Gostaria então de passar a palavra ao Araken Vaz Galvão para fazer o seu relato, após o que os meus companheiros de comis-

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. <http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1523/depoimentos-?--audiencia-publica->

são e as pessoas do plenário poderão fazer as perguntas, as colocações que entenderem pertinentes.

ARAKEN: Boa tarde. Eu retorno ao Rio Grande do Sul e sinto-me muito honrado não só em estar frente a pessoas ilustres como o procurador do estado, e vários outros aqui que eu não sei nominar porque não tem ainda a lista de nomes, etc. inclusive o meu amigo e velho companheiro, velho no sentido duplo porque ele é mais velho do que eu, Wilson que está ali sentado. O meu jovem amigo poeta Jean Charlau que já estava lá na Bahia em Valença. Uma pessoa muito curiosa porque ele tem além de ser poeta ele tem um problema com a noite, quando ela chega ele sai, entende? Então eu quero dizer da minha satisfação e dizer que lá em Valença a minha esposa disse “Fale naturalmente, procure falar algo que aproxima mais nossos estados já que a Bahia e o Rio Grande do Sul têm vários episódios históricos ligados e tal.”, eu estava comentando aqui em roda e tal. Aí eu me lembrei que essa sala aqui é o anexo à sala Negrinho do Pastoreio que é uma figura do folclore, chamamos assim no populário gaúcho. E isso me fez lembrar de uma coisa que é muito forte no nordeste todo que é a história em cordel. E tem uma história em cordel que começa assim, “Eu vou lhe contar um fato que há cinco séculos se deu de um grande capitalista do continente Europeu, fortuna como aquela ainda não apareceu. Pedro Cem era o mais rico que nasceu em Portugal, seu fama corria o mundo, seu nome andava em geral. Só não casou com rainha por não ter sangue real.” Quando eu estava aqui no Rio Grande do Sul com toda essa ligação minha com a cultura popular eu aprendi uns versos que é digamos irmãos siamês do cordel que é a poesia gauchesca que tem um verso que tem um certo parentesco que diz “Quem visse Tio Anastácio num bolicho de campanha golpeando um trago de canha oitavado no balcão tinha logo a impressão que aquele gaúcho sério era o Rio Grande gaudério fugindo da evolução.” Esses dois versos unem também a Bahia e o Rio Grande do Sul pela cultura popular. Dito isso, eu posso começar a falar. Foi com muita honra e com tristeza também que eu recebi o convite para falar na Comissão da Verdade do Rio Grande do Sul. A tristeza nasceu porque eu vou falar de um dos mais brilhantes companheiros nossos o sargento **Manoel Raymundo Soares** barbaramente assassinado nessa cidade de quem eu fui amigo íntimo. E de

um certo modo ele foi meu professor já que foi ele que me fez apresentação dessa música mais erudita que nós chamamos de clássica e que às vezes ela é romântica, etc. E que sempre me dizia que eu deveria estudar, e estudar e estudar. E isso eu tenho feito toda a minha vida. E o conhecimento que eu tenho amalhado nessa luta de estudos eu quero, tenho colocado a serviço da sua memória, eu com a minha esposa nós criamos uma fundação em Valença, uma pequena fundação já que eu não tenho grandes recursos e que a biblioteca tem o nome “Biblioteca Sargento Manuel Raimundo Soares”. Nós temos dois mil e poucos livros e atendemos à comunidade lá. É uma cidade pequena, Valença a cidade mesmo deve ter uns quarenta, cinquenta mil habitantes. Fica próximo de Salvador, e fica sobre o litoral. Eu sou sertanejo, fui morar em Valença porque a cidade que eu nasci é muito quente e eu tenho problema de saúde não podia viver lá porque a minha ideia era voltar para a cidade onde eu nasci. Bom, Soares que era um autodidata, um homem muito preocupado com detalhe, uma das coisas que sempre me recordo que ele dizia “Quando você for preso nunca abaixe a cabeça”. E quem consultar os possíveis jornais que ainda tem a foto minha no momento em que fui preso vai ver sempre que eu estou com a cabeça levantada. Porque perde-se uma batalha, mas não se perde a luta e a nossa luta é pela dignidade. Eu disse antes que não conhecia as pessoas assim normalmente não gravei, etc, mas lembrei agora de um verso de Castro Alves que ele diz que são irmãos dos heróis os filhos, ainda que filhos de diversos povos. Então gaúcho ou baiano quando nós abraçamos a causa, liberdade a democracia e fundamentalmente do diálogo. Porque não é preciso confundir democracia com padrão de opinião. Pode haver divergência e na diversidade está um dos caminhos. Mas é importante que saibamos divergir para mais adiante convergir. Então **Soares** foi um dos líderes daquilo que foi convencionado chamar “movimento dos sargentos”. Que no Rio de Janeiro teve como nomes principais Amadeu Felipe, Soares, Gessi Correia, os irmãos Dorneles, o Antonio Garcia Filho, que foi deputado. É que pela primeira vez na história do Brasil um sargento, ele era segundo sargento, foi eleito para a Câmara Federal e ele foi o quarto mais votado do *Partido Trabalhista Brasileiro* do Rio de Janeiro, ele recebeu vinte mil votos, na época era uma coisa expressiva. Foi fruto do trabalho de um grupo de sargen-

tos que procurou um espaço na história, inserido no movimento político brasileiro e que todos os segmentos tivessem voz. Então o Soares fez parte disso, e por outro lado, embora uma parcela expressiva das Forças Armadas Brasileiras não contem com a simpatia do povo, devido aos crimes praticados durante aquele nefasto período iniciado em 64, eu penso que é preciso aterrar o fosso que foi construído entre a sociedade civil e as suas Forças Armadas. E o caminho de aterrar esse espaço é colocar as Forças Armadas atuais a serviço da defesa da Amazônia, do pré-sal e de outras riquezas nossas, passa pela Comissão da Verdade. Não é o esquecimento de crimes que vai solidificar nossa história, eu acredito que o país precisa, a sociedade civil precisa se encontrar com suas Forças Armadas, mas para isso os criminosos que nela existem têm que ser expurgados e pagar de alguma forma. Não é possível perdoar essa dívida. E então daí a importância da Comissão Verdade, daí eu ter feito questão em vir aqui, eu não gozo de boa saúde, aliás eu gozo de uma péssima saúde. Eu não posso subir escada, sou cardíaco, câncer, toda uma série de coisas. Mas há uma expressão aqui gauchesca da fronteira “Não está morto quem peleia.”, então não estou morto ainda e estou, continuo pelejando ou pelejando como se diz em português. Estive muito tempo na América Hispânica e tenho certa intimidade com o espanhol e isso me facilita também ter a intimidade com o linguajar do gaúcho, que já está em fase de extinção. O gaúcho hoje ele existe no coração de muitos rio-grandenses, mas é um grupo social que está em extinção por uma coisa muito simples, o mundo em que o gaúcho viveu desapareceu. Aliás tem um autor, tem uma matéria que eu lendo, eu escrevi um ensaio sobre isso até sobre a origem do termo gaúcho, etc. E eu, ele fala o seguinte, o sustentáculo do gaúcho era a ligação que existia na estância, no galpão da estância, entre o estancieiro sua família e o peão. À medida que esse estancieiro se mudou para a cidade e que seus filhos foram para as universidades desapareceram e que as fazendas se transformaram o gaúcho desapareceu. Tem até um autor daqui que tem um livro até uma trilogia aí eu esqueci o nome dele agora, ah, Ciro Martins. Eu estou com uns livros dele, ele faz uma análise muito interessante sobre isso. Mas o desaparecimento de tipos físicos, tipos humanos não significa que seus ideias e suas glórias sejam esquecidas. Nós estamos aqui na Comissão Verdade pensando

justamente em não esquecer o passado. De maneiras que para eu fale do Soares, fale da nossa luta por aquele chamado *Movimento dos Sargentos* e tal, talvez fosse melhor que o senhores me perguntassem. Porque eu fico até sem saber por onde começar. E além do mais não é muito agradável falar de si próprio, “Ah, eu fiz isso, eu fiz aquilo.” Eu fiz o que deveria fazer, eu fiz o que, tem uma moça uma senhorita aqui acho que é Laura, ela estava aqui, ah sim, ela falou que assistiu o documentário que fizeram sobre a *Guerrilha do Caparaó* e que ficou assim interessada pelo que eu falei e etc, etc. Eu disse que nossa geração não seria digna de si próprio se não tivesse tomado a atitude que tomou. Em um momento nós achávamos ou pensávamos que 14 homens iam derrotar a ditadura. Mas nós sabíamos que alguém em algum lugar tinha que começar um protesto. Há um episódio na história brasileira glorificado, inclusive pelos militares que deram o golpe, e alguns deles ajudaram o golpe, que chama Os Dezoito do Forte. Os Dezoito do Forte, que não eram dezoito, eram onze, mas isso não interessa, foi popularizado como Os Dezoito do Forte, surgiu de movimento chamado Movimento dos Tenentes. E foi onde os tenentes foram mais longe. O movimento dos sargentos onde foi mais longe foi na tentativa de *guerrilha do Caparaó*. Eu tive a honra de pertencer a esse movimento, Soares participou de toda sua fase organizativa foi preso antes. E ali foi o ponto máximo que nós chegamos. Não gosto de comparações, mas seria digamos o nosso Dezoito de Forte foram Os Catorze de Caparaó. Soares dizia com muita propriedade sobre qual precedente histórico falando sobre disciplina, sobre trabalho coletivo, se tomar uma decisão e ir em frente. Ele disse “Olha se discute até esgotar o tema. Uma vez que toma a decisão é preciso colocar em prática.” E contava a história de um revolucionário que na prisão a comida era muito ruim e disseram “Não, quando o carcereiro vier aqui com essa bandeja, esse balde de lixo vamos jogar na cara dele.” Ele disse “Não, o carcereiro não tem culpa.” Discutiu, discutiu, discutiu, no final foi voto vencido, o único voto a favor de jogar a bandeja de comida ou o balde de comida na cara do carcereiro. Quando o carcereiro chegou ficou um olhando para o outro, ninguém tomou atitude, ele pegou o balde e jogou. Aí disseram “Mas como você foi contra?”, ele disse “Não, eu fui contra, tomou a decisão a maioria tomou a decisão então é preciso cumpri-la.” Então são coisas que eu

não trouxe apontamento, confio na memória, que me vem sobre a visão do homem Soares, como ele via as coisas. Nunca abaixe a cabeça quando for preso, você está defendendo uma causa nobre, mantenha o olhar firme, olhe seu carcereiro nos olhos. E normalmente quando se olha o carcereiro, o cara que executa a prisão no olho ele ficava numa situação muito incômoda, ele terminava desviando o olhar. Mesmo dentro da cela você olhava o sujeito assim serio, ele terminava desviando. E ele tinha uma maneira fácil de desviar que era sair da frente da cela e passar para uma outra. Isso me ocorreu várias vezes. Eu digo aos amigos que eu tive o duvidoso privilégio de eu digo reinaugurar o presídio da Ilha. Que as pessoas chamavam de *Ilha da Pólvora*, hoje tem um nome mais bonito, das *Pedras Brancas*, mais poético. Realmente é um lugar muito bonito. E quando eu cheguei naquele presídio eu procurei assim por informações e tal ver se sabiam alguma coisa, mas os guardas que era uma *Guarda Civil* que tinha aqui em Porto Alegre, era eles que tomavam conta, tinha um fiscal e parece que seis soldados ou guardas. Eles passavam uma semana lá e depois eram substituídos por outro grupo, eram três grupos, então duas semanas de descanso e uma lá. Eu contava para o doutor Guazzelli que nessa época só tinha eu de preso, eu fiquei lá quase que, eu fiquei um ano lá, um ano mais ou menos. Somente eu de preso. E surgiu, entre eu e os guardas, não digo uma relação de amizade, mas uma relação de respeito, eu me fazia respeitar e respeitava-os. E nesse período apareceu um guarda condenado, tinha sido condenado a quatro anos, tinha recorrido, etc, que ele tinha participado de um crime que as pessoas mais idosas aqui devem se lembrar, dos pés cortados. Eles pegavam mendigos aqui, levaram para Santa Catarina e tiravam o couro do pé para o mendigo não voltar. Isso fez parte da ideologia da direita, da UDN que Lacerda mandou afogar os mendigos lá no Rio da Guarda no Rio de Janeiro, certo? E ele tinha esperança de ser absolvido no (trecho incompreensível) do processo. E ele então me disse “Oh, o senhor se prepare aí que vai chegar mais presos aí”, eu disse “Por quê?”, “O coronel Bermudez, parece que chama assim, Washington Bermudez, e o major Rieth, creio que era assim que pronunciava o nome daquele canalha, eles criaram isso aqui para botar o senhor, mas vai servir para eles de outra coisa. Quando eles quiserem achacar uma pessoa eles trazem para cá e até chegar no

arrego.” O arrego era o seguinte, você fez isso, fez aquilo eu quero tanto para te soltar. O primeiro desses que foi um cidadão que eu não me lembro o nome que era do IBC, um antigo Instituto Brasileiro do Café. O cara contrabandeava café para o Paraguai e etc. e o cara ficou lá até que eles sabiam quanto o cara tinha tirado dos cofres públicos e disse “É tanto.” Teve um português muito engraçado, especialista em anedotas de português, a pessoa que ri de si próprio, ele sabia mil e tal. E tinha um prostíbulo aqui em Porto Alegre, que chamava A Casa dos Espelhos se não me engano, ele era amante da dona desse prostíbulo. E o arrego dele foi 500 mil e ela pagou porque ele era um escroque, ele tinha feito problemas em Portugal, ele tinha problemas em Portugal. Então o seguinte, se você não arrumar o dinheiro a gente devolve para a PID, a famosa polícia portuguesa. E ele saiu várias vezes para falar com o Bermudez e o Rieth. E ele me contava, mas eu... Então toda roubalheira que aqueles canalhas fizeram eu terminei sabendo por vias transversas. Teve também um ladrão de carro um dos sujeitos mais inteligentes que eu conheci, o cara era brilhante, a primeira coisa que ele fez foi fazer amizade comigo. Um dia ele me chama e disse “Olha, sargento, o senhor vai sair daqui primeiro que eu, eu estou sabendo que a sua família está tentando habeas corpus no Superior Tribunal Militar.” Aí ele fez um desenho lá na beira lá mostrou disse “Eu moro aqui, repete esse desenho aqui quatro vezes.” Eu repeti ele disse “Olha, o senhor sai daqui, procura minha família, traz minha família aqui para me tirar e eu boto o senhor no Uruguai.” E eu saí realmente, a minha mãe foi lá e tal. E um advogado um criminalista famoso que o Brasil já teve chamado Romero Neto que esteve acho que ele defendeu ou acusou o tenente Bandeira no famoso crime do Sacopã que deve fazer parte da literatura jurídica do Brasil pelo menos do Rio de Janeiro. E minha mãe conseguiu o habeas corpus, ainda tinha habeas corpus. Aí ela disse, ele disse para ela “Diz para ele ir embora que eu não vou conseguir outro habeas corpus para ele não. A vida do habeas corpus aqui no Superior Tribunal tem os dias contados”. Eu saí, procurei a casa do sujeito, dei o recado, expliquei, fiz um croqui da ilha, eu expliquei tudo para ele, mas não fui, eu não podia me envolver com o crime como esse. Se desse algo errado eu estaria entre aspas desmoralizado. Ainda que eu saiba que o crime político tem supremacia sobre outros tipos de crime ou pelo

menos eu acreditava nisso. Mas eu não queria me envolver com aquilo que eu achava que não era esse o caminho para se lutar contra a ditadura. Expliquei tudo e tal e fui embora para o Uruguai por outros caminhos. Tem algumas coisas que são anedóticas. Tinha um árabe, árabe palestino e contava umas histórias muito interessantes, ele tinha viajado o mundo todo e eu perguntava assim, “Mas vem cá, como é Singapura?”, ele dizia “As prisões de Singapura são terríveis.” “E a Bélgica?”, “A prisão da Bélgica boa, boa, interessante a prisão Bélgica.” “E Paris?”, “Horrrível.” “Os Estados Unidos?”, “Nem me deixaram entrar, me pegaram no navio me deram um soco na cara e me devolveram.” Aí eu escrevi uma crônica que está na revista O lobo www.olobo.net e que se chama “A Volta ao Mundo em 80 Prisões”, ele conhecia o mundo, as prisões do mundo todo, ele não lembrava de uma praça, de um jardim, nada, entendeu? Então tinha os argentinos que falavam muito das passeatas, uns pregos que eles faziam que chamavam “miguelitos”, que jogavam para furar o pneu dos carros, mil coisas. Um franciscano que escrevia poesias, tem umas poesias bonitas, que chamava, ele assinava como Odilon Tupinambá, e esse homem resultou depois numa grande decepção minha, levei 40 anos para tentar localizá-lo, quando localizei ele não quis saber nada comigo. Então, senhores, creio que são essas histórias assim um pouco de memória que eu tenho sobre a ilha e minha passagem por Porto Alegre. Nos apartamentos que chamávamos de “aparelho”, na época que eu morei eu já não sei o lugar. A rua mesmo porque a gente não gravava os endereços (trecho incompreensível) não olhar muito para depois se eles apertassem a gente (trecho incompreensível). Uma das coisas mais importantes que nós fizemos aqui nessa região foi que nós fizemos a tentativa primeiro de montar um foco guerrilheiro em Criciúma, na região de Criciúma onde tem umas minas de carvão. E aí ocorreu um fato curiosíssimo, nós tínhamos colocado na região uma companheira e dois companheiros, ela passava por esposa de um e o outro era irmão dela. Mas eles chamaram atenção por uma coisa prosaica, eles tinham dinheiro, não muito dinheiro, mas as notas que eles tinham eram novas e na região só tinha dinheiro velho. Para você ver como, isso é um pouco da clandestinidade. Então houve um assalto na região que tinha uma mulher e dois homens, a polícia foi para lá e disse “Aí tem um casal, uma mulher e dois homens e

eles tem dinheiro novo.” A polícia bateu no sítio e não pegou os três porque um tinha vindo a Porto Alegre. Quer dizer, todo cuidado é pouco nessa luta. Mas nós tínhamos muito material, Porto Alegre e outros objetos ligados à criação de um foco guerrilheiro que estava em três ou quatro apartamentos aqui. E esse material deveria ser trasladado para a Serra do Caparaó. E coube a mim organizar esse traslado com a ajuda de outros companheiros. Então nós compramos umas malas, desmontava os fuzis e tudo e botava tudo ali dentro. Ficava um pouco pesado. Em contatos com o pessoal do PC do B aqui, eles nos apresentaram militantes, até modestos, que recebiam a missão de levar panfletos do Brizola para o Rio de Janeiro, era o armamento desmontado. Então era marcado um encontro desses emissários comigo em um bar para eles saberem que eu ia entregar na rodoviária duas malas para eles levarem e a passagem. Só que numa outra mesa estava outro companheiro que estava olhando para a cara deles. Aí eu dizia, “Olha, você vai pegar o ônibus amanhã cinco horas da manhã com essas duas malas e vai saltar no ponto tal. Quando você chegar lá uma pessoa que te conhece vai te abordar e vai você vai entregar as malas para ele, com essa senha entrega a mala.” A pessoa estava na outra mesa, ele não sabia. E assim nós transportamos duas toneladas e meia de armamento de ônibus de Porto Alegre, colocamos no Rio, do Rio foi trasladado para o Caparaó porque era mais fácil que podia ir até de carro. Então são histórias curiosas. Eu volto a repetir se vocês gostariam de fazer alguma pergunta.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Aproveitar aqui só para dar um gancho. O Araken e o Manoel Raymundo Soares – só porque talvez nem todos saibam – eles já tinham sido colocados de castigo pela sua atividade política em Campo Grande. Quando houve o golpe eles já sabiam que ia sair ordem de prisão, eles foram cassados no primeiro Ato que se chamava *Ato Institucional*, não tinha número ainda. E entraram na clandestinidade antes que chegasse a prisão, é isso, não é? Aqui que eles vieram para Porto Alegre para preparar esse levante, essa insurgência ligada ao Brizola. Que é quando acontece essa primeira prisão dele, em que ele estava baleado, foi preso, só estou resumindo aqui para chegar a um ponto, para ler uma questão aqui para ele, daí quem sabe se ele parte daí em diante. Ele esteve no Pronto Socorro, no Hospital Militar, depois numa prisão aqui.

Quando ele estava melhor que eles prepararam a Ilha da Pólvora – eu também morava ali perto, sempre se chamou Ilha da Pólvora – como presídio. E ele fica preso lá, essa prisão dele é um ano antes da prisão do Manoel Raymundo Soares, que quando é preso em 66 ele já tinha saído, mercê do habeas corpus e estava na clandestinidade de novo. Bom, quando o Manoel Raymundo Soares aparece morto e é feita uma CPI, cujo relator era o Rosa Flores, que ainda é vivo. A CPI vai ao presídio, à Ilha, e vai inclusive um representante da Ordem dos Advogados, e do Instituto dos Advogados, eles colheram vários depoimentos. E colheram um depoimento aqui que eu vou ler uns trechos aqui. Porque as condições da ilha lá eram sub humanas. Depois que o Manoel Raymundo esteve lá e saiu a CPI, ela só encontrou lá pessoas marginalizadas, só estavam lá menores delinquentes, mendigos em condições absurdas. Era inverno, inverno rigorosíssimo, as pessoas não tinham roupa, não tinham nada. Os guardas lá disseram: “Não, mas aqui não tem médico, mas tem um termômetro aqui, tem um guarda que sabe tirar a febre.” Então daí, eles dizem aqui: “Provas testemunhais constantes dos autos...” – já na CPI – “...dão conta de que os prisioneiros não recebiam roupa para troca, é um funcionário que diz, abre aspas ‘Que o presídio da Ilha não dispõe de roupas para a distribuição entre os presos. Que periodicamente não vai médico ao presídio da ilha, mas que lá existe um termômetro utilizado por um guardar que conhece princípios de enfermagem.’ Aí diz a CPI: “...Nem mesmo a existência do termômetro é verdadeira, e quanto à assistência médica...aos esqualidos seres que na Ilha viviam, podem ser aferidas pelo que informou o Frei Odilon (folha 64), quando afirmou que o sargento Araken, um dos prisioneiros, com um balaço no ventre, não recebeu qualquer assistência médica. No caso, cirúrgica, isso 60 dias depois que foi baleado.” Então, podia nos contar essa passagem.

ARAKEN: Veja bem, eu tenho tido alguma dificuldade em relatar esses fatos porque há um momento crucial na História, que é a História Geral dos povos, em que a lenda começa a prevalecer. Quando eu estive em Caparaó de volta acompanhando a equipe técnica que fez o documentário eu pedi que não dissesse quem eu era e tal. Alguns lá desconfiaram. Mas eu ouvi depoimentos de pessoas dizerem assim “Não, eu me lembro dos guerrilheiros. Eu era menino, meu pai

ia lá em cima levar ajuda e eu ia junto, nós fomos várias vezes”. Aí eu fazia várias perguntas e os caras, quantos será, tinha muitos, era mais de cem”. Então eu mandei essa informação para o Amadeu Felipe dizendo assim “É terrível se transformar em lenda ainda vivo”, entendeu? Na região do Caparaó um grupo de motoqueiros tem um clube de motociclismo que na minha juventude a gente considerava juventude alienada que se chama Os Guerrilheiros do Caparaó. E agora recentemente eles descobriram manuscritos de poemas que eu escrevi lá, entendeu? Então eu continuo dizendo que é terrível você virar lenda estando vivo, entendeu? Porque depois que eu estiver morto o sujeito pode dizer qualquer coisa, vão aparecer namoradas minhas lá e tal, capaz de aparecer algum filho e pronto. Bom, na realidade os prazos não batem, não foram seis meses e tal. E eu recebi, eu tanto me incomodei, usando uma expressão popular, eu tanto enchi o saco deles que eles me mandaram para o Hospital da Brigada. Me tiraram sem dizer nada, no peito e na raça, levaram lá. Chego lá de tarde me aparece um médico, um capitão médico dizendo “Você vai ser operado”, eu falei “Não, quem que disse, eu não pedi para ser operado, para mim ser operado eu quero um familiar meu aqui.” Aí começo ou uma grande discussão e quando você chega num hospital a primeira coisa que eles fazem é enfiar soro, essas coisas todas e sabe deus ou o diabo o que é que vem dentro de um soro. E eu discutindo com eles. Aí eu comecei a sentir grogue, aí eu arranquei aquele negócio do braço. Quando eu arranquei o sangue espirrou e aí ele disse que eu não tinha, ele não tinha condições, digamos, para me operar e me devolveram no outro dia. Então me disseram que eu não podia reclamar por assistência médica, que eles me deram assistência médica, mas que eu recusei. Eu quero ser justo com eles, não tem porque ser injusto com eles. Na realidade houve esse episódio, queriam me operar em segredo, como é que eu ia saber se haveria um incidente durante o processo de operação e eles lamentavam muito que eu tivesse, entende? Agora nunca foi médico lá, nunca houve assistência de nada, entendeu? Essa é uma verdade. Quando eu fui baleado, no episódio bastante desagradável que eu prefiro não comentar em detalhes, e não fui baleado pelo Exército nem pelas Forças Armadas e tal. Eu consegui chegar ao Pronto Socorro, cheguei lá eu dei o nome falso, eu tinha uma carteira de trabalho com o nome falso eu dei

aquele nome. E estava de plantão, era cinco horas da manhã, por aí assim, e estava de plantão um médico de nome árabe. E que estava fumando um charuto grande e tal, pedaço de cinza, essas coisas ficam muito gravadas na gente, os detalhes. E ele disse e eu assim “Oi, oi.” A bala tinha passado, ultrapassado o fígado, o estomago e o pulmão. Que por sinal ela está aqui até hoje entre uma costela e outra, infelizmente (trecho incompreensível). E que eu sobrevivi porque era muito jovem, tinha muita vontade de viver. Até ele disse aqui esse (trecho incompreensível), mais ou menos isso, “Esse cara chega logo no final do meu plantão e agora eu vou ter que ficar aí e operar esse cara e tal”. Mas aí examinou e disse “Não vai precisar não porque ele não vai viver nem mais meia hora”. Aí eu, injustamente por arroubos da juventude, botei a mãe dele no meio: “Seu filho disso, você vai me operar agora, cumpra sua obrigação, não sei o que e tal”. “Olha, o cara está vivo, o cara está vivo”, ele levando na galhofa. “Leva ele para...” – já tinha botado aquelas coisas, aquelas mangueirinhas com soro, esses troços – “...leva ele para tirar chapa, tirar radiografia”. Aí chego na radiografia, o rapaz da sala era o protótipo do que o povo pensa que é o funcionário público. Já estava em fim de plantão e tal ele disse “Ah, não vai dar não, a mesa está quebrada, só da para tirar radiografia com ele em pé e o cara não aguenta aí, o cara já está quase morrendo”. Eu arranquei – eu já tinha prática de arrancar agulha da veia – arranquei, levantei, disse: “Cumpra sua obrigação, rapaz, tire.” Aí levantei, encostei, fiz um esforço muito grande para fazer assim porque eu sei como é que tira. A enfermeira que acompanhou o doutor, a enfermeira era uma jovem muito bonita, e eu era jovem, caramba, não era nenhum santo. Eu era galanteador, namorador como todo jovem deve ser, todo jovem deve ser. Aí eu tinha dito a ela, era uma morena bonita, estava o nome aqui bordadinho em azul, eu nunca esqueci aquele azul, Isa, eu deitado na maca disse assim “Isa, quando eu sair daqui eu vou te convidar para jantar, você aceita?” “O senhor sabe que está mal e está pensando nisso, meu Deus do céu e tal.” Quando ela me viu levantar, arrancar o negócio, levantar e encostar lá, ela disse “Ai meu Deus.” Aí começou a me elogiar, “O senhor é muito corajoso, não sei o que”, e eu digo: “Eu estou com medo de morrer, por isso que eu estou fazendo isso.” A partir daí, quando eu tirei e voltei para a maca me levaram, aí eu já não me lembro mais

de nada. Quando eu acordei, eu estava, eu passei a mão assim na barriga como um reflexo, e eu senti que eles tinham me cortado ao meio porque eu não sentia a parte de baixo. Eu disse: “Ih, me dividiram em dois”, primeira coisa que eu pensei. Parece bravata, mas não é bravata de velho, é que a gente é jovem e os jovens são assim mesmo, entendeu? Quando eu abro o olho assim e olho para o lado tinha dois guardas. “Sargento, como é que o senhor está?” “Estou bem na medida do possível.” Não passou meia hora e apareceu o famoso Bermudez, que eu só o vi aí nessa vez. Chegou, deu uma série de ordens, me olhou, não sei o que. “Nós já estivemos em tua casa, já sabemos de tudo, não sei o que e tal, você vai ser transferido daqui a pouco”, não disse para onde. E eu olho e está toda a Enfermaria cheia de cara armado e tal. E era uma Enfermaria imensa. E logo depois se manifestou a solidariedade, acho que tinha outros presos, os caras me dizendo “Tem um bilhete aí que a gente dá para todos os amigos, não sei o que.” Podia ser verdade, podia ser mentira. Falei “Não, não tem ninguém para mandar bilhete.” E a Isa foi lá me ver. E eu disse “Olha, Isa, eu vou te convidar para jantar.” Se algum dia esse programa for para o ar aqui, eu quero pedir desculpas à Isa, eu não esqueci dela e ainda espero poder convidá-la para jantar, entendeu? Está bem que ela está avó, mas eu também estou avô. Porque não houve condições, foram prisões, exílios e tal, e tal, e tal. Mas até hoje eu tenho essa dívida e guardo remorso de não ter levado Isa. Agora os olhos negros de Isa eu não esqueci nunca, quando eu era mais jovem, ainda, eu escrevi um poema com esse título, os “Olhos de Isa”, que tive o cuidado de jogar fora para não macular a imagem de Isa, entendeu? Daí me levaram para o Hospital Militar, eu seguindo o conselho de Soares saí de cabeça em pé, tinha quatro ou cinco jipes de gente armado na ambulância que levaram. E lá deu um problema sério que eles disseram que foi falha na assepsia, parece que não limparam direito e tal e inflamou, saía pus de uma coisa, botaram um dreno e uma freira, entende, encostava assim uma cubazinha daquela, mas eu não aguentava o mau cheiro, disse vou morrer aqui nesse dia, não tem jeito. Estava podre. Mas, jovem com muita vontade de viver, eu não morri. Mas comeu o músculo todo, então ficou só a pele. Quando eu estava melhor, que eu levantava a barriga saltava, tinha que se fazer um enxerto. E eu passei toda a prisão lá com esse problema. Quando

eu saí com habeas corpus eu me hospedei eu tinha o endereço do advogado. Eu fui ao gabinete dele, ele disse “Olha, tome aqui.”, digamos que com o dinheiro de hoje cinquenta reais, mais ou menos isso, “E vá para o hotel Everest.”, eu acho que ainda existe ali em cima da ponte e tal, “Que seus amigos vão lhe procurar.” Eu fiquei no hotel, tinha depois eu soube que tinha um cara lá do hotel que era simpaticante com a causa, etc, compreenda-se por causa Brizola. E eu saí e procurei um restaurante e comi filé de peixe, depois tomei uma garrafa de vinho branco. Pedi isso numa janta só, pedi um filé de boi e uma garrafa de vinho tinto e pedi para um táxi me levar no hotel. Entendeu? Foi minha grande...No outro dia meus amigos me tiraram de lá e sumiram comigo e eu fui para Montevidéu. Quando eu cheguei em Montevidéu no dia que eu cheguei eu tive uma crise de apendicite, antes de consertar a barriga tive que tirar o apêndice. Depois que me recuperei, aí eu fui, voltei ao hospital e foi feito um implante, eu tenho até hoje aqui essa parte muito endurecida porque foram os músculos que ficam entre uma costela e outra que foram tirados e colocados feito essa coisa aqui. Agora um último episódio relacionado com Porto Alegre, é que eu respondi a um processo aqui em Porto Alegre feito em 64, por algo que até hoje não sei bem por que. E eu já tinha voltado do exílio, da ida a Montevidéu, eu fui para Montevidéu com documento falso, com nome de Jaques, tem várias pessoas no Uruguai que me chamam até hoje de Jaques. Quando eu volto vou fazer a Guerrilha do Caparaó, sou preso novamente e nesse momento apareceu um processo aqui no Rio Grande do Sul. E me trouxeram, isso acho que é muito importante constar aqui em Porto Alegre no depoimento, e eu fui levado para a Companhia de Polícia do Exército, que parece que não é mais no mesmo lugar porque eu procurei, procurei, procurei com um amigo e não localizei, não está mais ali.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): (trecho incompreensível)

ARAKEN: É, a PE.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Não é mais ali, hoje é uma praça.

ARAKEN: Uma praça, pois é. E tinha escrito na porta assim: *Si vis pacem para bellum*, na porta lá. Quando eu fui colocado ali e ali ti-

nha uma prisão chamada *Boi Preto*, e eu fui colocado nessa prisão. É, eles dizem assim, diziam assim “Olha, você quando sentir fome você pode.” Eu disse comigo “Não, esses caras não vão me enrolar.” Eu tinha até uma expressão muito bonita das prisões, que chama cadeiairo, eu era cadeiairo velho, eu disse “Não vão me pegar nessa.” Quando eu bati na porta pedi comida era duas horas da manhã mais ou menos. Eu perdi totalmente a noção do tempo, totalmente escuro. Mas ali eu fiquei somente três ou quatro dias, a audiência na auditoria que era na terceira, deve ter documento meu nessa Auditoria. Eles, eu fui levado de volta para o Rio de Janeiro. Então esse episódio do Boi Preto eu acho que devia contar.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): ... foi só para esse depoimento na Auditoria, e depois foi levado de volta? Estavas preso lá na época? De lá é que foges?

ARAKEN: (trecho incompreensível)... mesmo. Eu já gostava de História, já tinha pretensões, quando você nasceu, nós íamos ser colegas... o nome do teu filho como é?

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Dante.

ARAKEN: ...Dante, nós íamos ser colegas, Dante. É que depois eu estudei História no Uruguai. Na Fortaleza de Santa Cruz que naquela época estava transformado em presídio militar, tinham passado várias das grandes figuras históricas do Brasil. Inclusive Marechal Lott, etc. Aí eu pedi para ir para lá. “Eu quero pisar naquele chão que os grandes patriotas brasileiros pisaram.”, aí que está a bravata. Bom, fui para lá. Quando eu cheguei tinha outros amigos lá, tinha inclusive o famoso tenente Nilo, Nilo da Silveira, a pessoa ligada a Brizola que matou um coronel aqui e tal, num caso que teve muita repercussão e que teve como advogado parece que um advogado famoso aqui, chamado Lia Pires, já não deve ser vivo. Pouquíssimo tempo. Então quando eu cheguei conversando com os colegas, os mais íntimos, que eu sabia que podia falar, eu disse “Olha, eu pedi para vir para aqui porque eu queria pisar nesse chão que grandes vultos históricos pisaram.” Aí os companheiros disseram “Mas você é muito burro, daqui nunca fugiu ninguém. Só tem um caso de um cara que fugiu daqui a nado, que era campeão de natação da Escola Militar, parece

que chamava Ermenegildo de Assis Brasil, era irmão do general Assis Brasil e morreu na Guerra Civil Espanhola. Eu fiquei, fiquei, fiquei, mas eu não sabia nadar para atravessar a Baía da Guanabara. Esse Ermenegildo atravessou a Bahia de Guanabara, quando chegou lá na praia do Flamengo estava cheio de namorado sentado na murada, ele então com medo de ser denunciado ele voltou e saiu num saco em São Francisco e Niterói. Então é um herói, esse é um herói. Mas eu fui apenas um pouco inteligente, fiz uma armadilha lá e tal, precisava ir ao médico e eles me encaminharam a um médico no Rio de Janeiro. E já sabia quais médicos não tinha em Niterói e eu fui para a Policlínica do Rio de Janeiro, que fica ao lado do Campo de Santana, quem conhece o Rio, a Rua Moncovo Filho. Eu fui a primeira vez, a segunda vez, a terceira vez, na terceira vez eu fugi da rua e entrei na embaixada do Uruguai. E fiquei um ano na embaixada do Uruguai porque o governo não dava o salvo conduto, estão fazendo a maior onda aí com o salvo conduto do senador boliviano e tal, eu fiquei um ano e não me deram salvo conduto. Depois de um ano eu fui para o Uruguai, aí eu já tinha convicção de que a luta armada não era o caminho certo ou pelo menos nós não poderíamos derrotá-los. Aí eu entrei para a universidade e com muita vontade de estudar, eu fazia à noite Belas Artes, de manhã eu estudava História, e aos domingos eu estudava cinema, eu fiz três Faculdades ao mesmo tempo. Acho que isso sobre a minha vida chega, não é? Já falei demais e tomei muito o tempo de vocês.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Eu queria lhe perguntar sobre esse **Frei Odilon Tupinambá**, esse aí falado. Apesar dele sempre, na nossa pesquisa, ele surgiu que isso era um pseudônimo usado para pessoa não identificada. Esteve preso na Ilha...

ARAKEN: Veja bem, ele escreveu um livro chamado “Santo Antonio Sobe a Lomba”, era um bonde que tinha aqui em Porto Alegre que ia para um lugar lá, Santo Antonio, e que subia a lomba, a ladeirazinha lá e tal. E tinha, ele era meio modernista, e tal, concretista, e tinha um poema que dizia o seguinte “Todos reunidos na Praça Marechal Deodoro, não sei o que lá, viva o Brasil. Autoridades civis eclesiásticas e tal e militares e a bandeira chega ao topo do mastro.”, eu estou dizendo assim as palavras que eu lembro do poema. “Onde nem o

vento faz caso dela. Ah, Brasil dos discursos, Brasil das passeatas, Brasil das palmadinhas no ombro, não sei o que, tal, tal, tal. Brasil até quando?” a síntese do poema é essa. Ele foi preso, levado ao DOPS, o poema foi considerado subversivo e deram um papel, um rolo de papel higiênico para ele escrever um poema, para mostrar que ele sabia escrever poema que não foi nenhum comunista que fez para ele. E ele foi mandado para a Ilha. Esse homem deu uma influência muito grande porque aquela educação humanística dos padres e tal, a gente conversava. Naquele tempo eu achava que poderia um dia escrever poema também. Marcou minha vida. E nos anos seguintes eu passei 40 anos tentando localizá-lo. Quando eu estive aqui, o meu amigo Jean Charlau fez um esforço pela internet e descobriu pelo Vaticano, a informação veio de Roma.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): (trecho incompreensível)

ARAKEN: Que ele tinha abandonado a batina e tinha se casado e dava aula na cidade de Farroupilha, não é? Não é isso? E com o telefone. Eu ligo para ele, ele não quis saber de conversa, eu não conversei com subversivo. Eu fiquei terrivelmente chocado, cheguei em Valença fiz uma carta a ele pedindo desculpa por incomodá-lo em seu sossego e tal. Mas que a figura dele eu não podia esquecer, nunca o calor humano que ele me prestou lá, etc, etc. Aí recebo duas cartas, uma dele e da mulher. A mulher dizendo que foi ela que proibiu que ele falasse comigo, porque como é que eu saio 40 anos depois, eu surjo do nada lembrando do passado que ela só queria esquecer? Ele era frei naquela época, ele não tinha nada com ela, ou imagino que não tivesse, entendeu? A gente nunca sabe, como diz o vulgo, o que se esconde no coração humano. Então, mas que eu perdoasse o marido e tal, que realmente ela tinha entendido, entende? E eu ia e vinha a carta dele. Dizia que nunca mais escreveu, tinha feito uns poemas, mas estava na gaveta e tal. Eu não sou cristão, eu não tenho que perdoar ninguém. Ele me decepcionou profundamente, eu não respondi a carta dele, está lá em casa guardada. Eu não quero amizade com a pessoa, todo mundo sente medo, mas o medo não deve transformar ninguém em canalha. Aquela atitude dele foi uma atitude no mínimo calhorda. Esqueci dele, um episódio ultrapassado, entendeu?

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Então ele não tinha uma maior militância assim?

ARAKEN: Que eu saiba não, mas tem que deixar registrado uma coisa, em prisão política não se pergunta, o Wilson está ali ninguém pergunta nada. Quando o cara pergunta muito a gente fica com o pé atrás e quando o cara fala muito a gente também fica com o pé atrás, “Esse cara está falando para ver se eu falo para ele.” Você fala sobre o trivial ligeiro. Eu não sei se ele teve ou não, talvez até a reação da mulher dele assim agressiva é porque ele tivesse alguma coisa. Nunca perguntei, não vou saber nunca.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Não, não, só esses nomes dessas pessoas que estiveram na ilha.

ARAKEN: Agora, o Jean sabe o nome dele. Sabe mais não? Mas se for relevante eu posso ver.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Acho que não, foi só pela curiosidade porque ele na CPI cita o episódio esse da falta de tratamento. Tu referiste também Nilo de Almeida Fernandes, pode ser essa pessoa?

ARAKEN: Nilo?

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Não falaste num Nilo que esteve preso lá?

ARAKEN: Não, é Nilo da Silveira.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Tá, Nilo da Silveira. É que algumas pessoas que eu olhei ali na...

ARAKEN: Nilo matou uma pessoa, matou um coronel, matou.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): É outro.

ARAKEN: Foi absolvido e depois foi condenado em segunda instância. Ele foi absolvido aqui e condenado em segunda instância, no Superior Tribunal. E condenado a uma lei muito dura, uma lei do tempo do Império parece. Depois ele se envolve com Brizola, ele já era brizolista e trabalhista e tal, e tal. Nilo é uma figura, uma figura,

era uma figura. Eu recebi uma carta da segunda esposa dele e da filha dele que eu conheci menina, falando sobre ele, como é que ele morreu, etc, etc. Eu inclusive nessa revista eletrônica está a carta dela falando dele e tal.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mais alguma coisa?

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Não, não. Eu disse esses nomes porque essas pessoas apareceram na CPI do *caso das mãos amarradas*. A minha curiosidade, ainda tem só um ponto que eu acho que é importante, talvez, falar, que é essa missão terrível que tocou agora, aqui, que foi a de trazer a Elizabeth Clallup Soares...

ARAKEN: Eu estava no Rio na época e tinha contato com o Amadeu Felipe, com o Daltro, com o Gelsi, etc. Então recebo uma notícia lacônica: “O baixinho foi assassinado, traz Dona Betinha, mas não fala nada a ela no caminho, e tal. Quando chegarem Porto Alegre você avisa aí, e tal. E você vai chegarem Porto Alegre, ligar para tal telefone e uma pessoa vai buscá-lo”. E eu trouxe, quando saltamos, pegamos um táxi e fomos para o ponto marcado, eu disse olha, eu já tinha dito que ele estava numa situação difícil e tal, eu disse “Olha, na realidade ele foi assassinado, parece que é ele que está morto aí, você vai ter que identificar”. Ela começou a chorar, a pessoa chegou e tal e saiu com ela, e eu não tive mais contato com ela. Eu vi mais ou menos, soube do enterro dele, como é que foi e tal. E só depois de muitos anos, quando ela já estava próximo da morte, que eu não sabia, eu consegui o telefone dela e liguei dizendo que tinha inaugurado uma biblioteca com o nome do marido dela. Isso é tudo que eu posso... Ela era uma pessoa maravilhosa, gostava muito dela, a gente brincava. Inclusive ela tem muito bom humor, a gente brincava muito, entende? Eu falei com ela por telefone, acho que dois, três meses depois eu soube que ela tinha falecido. Ela morava em Cascadura, nesse período de viúva, ela já tinha recebido a pensão.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Bom, eu não sei se os meus colegas querem fazer mais algum... (trecho incompreensível)... capitão, é tenente a essa altura? O senhor para nós é um marechal...

CAPITÃO WILSON: Em respeito à memória dele, que eu acho que não podemos perder, deixar de registrar, pelo menos eu faço questão. Houve a borrasca de 64 e muitos mais valentes continuaram aqui lutando. Alguns mais covardes, ou com a vida ameaçada tiveram que sair do país, muitos deles foram para o Uruguai, onde eu fui, fiquei sete anos lá. E lá se encontraram companheiros saindo da situação. Eu me encontrei em seguida com o Brizola lá, e começamos – eu estou ajudando o Araken, a intenção é esta. E com o Brizola entusiasmado, abatido, mas entusiasmado procurando dar uma resposta ao golpe. A gente trabalhou muito na clandestinidade para articular um possível levante aqui no sul, com os companheiros que haviam restado nas Forças Armadas, o Brizola tinha muita liderança na Brigada Militar. Então no sul nós tínhamos, vamos dizer assim, uma possível, uma possibilidade de uma resposta ao golpe, sonhando o havido em 61. E tínhamos muitos companheiros, muitos companheiros em Rio em São Paulo, especialmente Rio. Então como engajar esse pessoal de lá? Depois de vários meses, vários meses de trabalho, procuramos, eu sei por que eu estava junto com o Brizola, eu, o Betinho e o Aldo Arantes, especialmente. Apesar de termos lá uma centena de companheiros. Então foram deslocados aquelas pessoas que se consideravam mais importantes, eficazes, capazes de tomar atitudes do Rio de Janeiro para cá. Esse pessoal deslocou do Rio de Janeiro para cá, neste pessoal estava um grupo de 21 sargentos, um deles aqui presente, que faziam parte da liderança dos sargentos politizados do Rio de Janeiro. Então o Araken, se não sabe de tudo, mas ele tem notícia perfeita, estavam clandestinos em Porto Alegre 21 sargentos do exército, todas as lideranças. Quando o Raymundo, nosso companheiro Raymundo Soares foi preso. Então o Raymundo Soares morreu para não denunciar, para não dizer onde estavam, o que abriria um leque de prisões. Não só os demais companheiros que estavam clandestinos, como as casas também onde estavam abrigados. Então Raymundo defendeu, livrou da prisão, da tortura e morte algumas dezenas de companheiros. Este é o grande mérito, é um dos grandes méritos do Raymundo Soares. Certo ou não, Araken?

ARAKEN: É verdade, você fez muito bem em lembrar e já vou acrescentar o seguinte, o trabalho que nos deu a prisão dele para retirar esses companheiros daqui, que não podia ser uma revoada, tinha que

ser um hoje, o outro amanhã e tal, esses que estavam aqui. Foi um trabalho muito grande e muito perigoso, e é a mais pura verdade.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Isso. Muito oportuna a observação feita pelo tenente Wilson sobre para frisar bem a figura, a importância da figura do Manoel Raymundo Soares. Não por acaso nós trouxemos aqui o Araken para falar sobre ele. Quando nós, até tive a oportunidade de dizer ali para a imprensa, esse é um caso muito conhecido, é um caso icônico, vamos dizer assim, emblemático o caso das mãos amarradas. Mas por mais conhecido que ele seja, objeto de CPI na própria época da ditadura, ele foi denunciado nos jornais mesmo com censura, o caso, pela sua brutalidade, impôs-se de tal forma que o enterro dele foi um fato político da maior relevância. Ele foi levado por quilômetros pela Redenção, por milhares de pessoas. O coronel Pedro Alvarez fazendo discursos inflamado contra a ditadura. Bom, houve uma CPI na época que apontou inclusive os responsáveis, vamos lembrar, coronel Lauro Rieth, major Mena Barreto, os delegados Domingos e o outro delegado, depois vou dizer o nome, do DOPS. Esse caso é extraordinário porque ele já revela, ele já desmente uma versão que procura justificar a violência do sistema repressivo dizendo que ela foi a reação aos terroristas dos anos 69, 70, uma mentira. Em 1966 já estava implantado, dentro do DOPS, sob comando militar, essa estrutura que praticou uma brutalidade, como os cinco meses de tortura, o martírio desse homem. Mas quando a gente começou a reunir..., então nós não podíamos, não podemos fazer um relato circunstanciado das graves violações a direitos humanos, no Rio Grande do Sul, sem retomar o *caso das mãos amarradas*. Por isso nós procuramos trazer algum elemento novo, o brilho do Araken, que com ele militou tantos anos, ainda não quartel no movimento sargento isso que foi muito bem lembrado pelo tenente Wilson. E entre a documentação reunida nós trouxemos, a nossa assessoria, a Laura trouxe a sentença do juiz federal, e o acórdão que confirma, mesmo depois de vinte anos de luta judicial, a condenação da União, reconhecendo tudo, tudo que fizeram. E a juíza faz uma observação ali, a juíza hoje é desembargadora federal, ainda trabalha, a Vânia Hack. Ela faz uma observação que é exatamente, aquela que qualquer pessoas que estudar o *caso das mãos amarradas* faz, a gente faz lá pelas tantas. As cartas do sargento Manoel Raymundo Soares

à sua esposa Elizabeth são lancinantes e reveladoras. São reveladoras de um homem que tinha alto domínio da língua portuguesa, era um autodidata, um homem extremamente inteligente, lido, que era aquilo que eu aprendi com meu pai, que é um culto, não um erudito. É um homem que identifica nos elementos da cultura aquilo que se integra na vida e na realidade. E não o erudito, que é um homem que usa a cultura como um elemento decorativo, meramente por prazer e exibicionismo. Este homem, as cartas deste homem são lancinantes, porque se sabe agora o que aconteceu. A descrição que os deputados fazem, que o representante da OAB faz dos locais onde ele passou o seu martírio, não só na Ilha da Pólvora, como também as três celas de tortura já montadas no DOPS na época. Tudo isso faz com que a juíza, a juíza diz que há momentos em que ela, e ela estava só julgando o recurso, que ela tinha que parar, porque não dá para prosseguir sem chorar... Mas ela diz assim lá pelas tantas, “Porque Manoel Raymundo Soares?” Então ela disse assim, evidentemente nada justifica o que ele passou, “Mas o que explica isso?”. Ele não foi torturado cinco meses, martirizado, morto da forma que foi, seja acidente de trabalho ou não, por acaso, era porque eles sabiam que ele era um homem extremamente importante na organização desse levante militar. É por isso que hoje, inclusive, até seria importante que o Araken desse, expusesse mais isso porque hoje, por exemplo, no almoço, ele me confirmou isso. Quer dizer, eles sabiam, não foi à toa que foi ele o mártir que ele foi, porque eles sabiam que ele sabia muito mais, e ele não entregou nada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível)... na imprensa uma manifestação, os guerrilheiros e a tortura, tortura é consequência dos guerrilheiros diz a imprensa do PIG. Os guerrilheiros procuram se justificar, mas tudo isso foi possível depois que fizeram a limpeza dos órgãos do estado, a partir de 64 fizeram uma limpeza a todos os adversários e possíveis adversários. Então militares, órgãos da polícia, funcionários do Estado, do Judiciário, todos homens com pensamento ou com comportamento democrático foram afastados de suas funções. Quando o Estado ficou então nas mãos deles, quando caiu na mão da reação, quando o Estado passou a ficar dominado é que puderam aprofundar. E graças a essa limpeza puderam aprofundar a tortura e a morte. Porque até então, enquanto

não houve a limpeza do aparelho de Estado não havia sido possível aprofundar a segunda etapa, essa é a observação que eu gostaria de fazer, obrigado.

ARAKEN: Eu queria fazer um apelo, eu pediria particularmente ao doutor, mas talvez seria através da Cintia. Que ela ligasse, viu, Cintia, viu Cintia? Cintia, por favor, eu aqui com a permissão do doutor, eu queria que você ligasse para as jornalistas as três que me entrevistaram e corrigisse um dado. Eu falei que o cara que mandou torturar Soares, que eu dei o nome de Canabrava, não é, é Mena Barreto, pedi para corrigir, tá? É Mena Barreto que era o dono da *Dopizinha*. Por favor, porque é preciso ser justo até com os canalhas, entendeu? Porque a nossa arma é a verdade. Eu lembrei agora já que comecei falando de poesia, de um verso de José Martí, líder revolucionário cubano que diz, aqui todo mundo conhece espanhol, eu vou dizer em espanhol, gaúcho tem fama de saber espanhol. “Cultivo uma rosa branca, em julho como em janeiro para o amigo sincero, que me dê sua mão franca. Para o cruel que me arranca o coração com que vivo, cardos me ortiga cultivo, cultivo uma rosa branca”. E digo isso porque era minha intenção de colocar, eu soube que tem um monumento aqui “As mãos amarradas”, algo assim, não é isso? Eu era minha intenção colocar uma coroa de folhas lá, não vai dar porque eu vou embora amanhã cedo. Então eu pediria a todos presentes aqui que quando passar por ali jogue uma rosa branca em meu nome para o Soares. Muito obrigado.

(aplausos)

NILCE AZEVEDO CARDOSO: Eu só queria lembrar que a tese, nós temos uma tese da *Unicamp* que é sobre o terrorismo de estado no estado do Rio Grande do Sul no Rio Grande do Sul, de Susel Oliveira da Rosa. Então... que conta todo esse episódio que o Wilson lembrou bem e que eu acho que poderia assim ser uma referência do tipo de perguntas que a gente poderia ainda se fazer. Porque acho que esclarecido sim que ele foi torturado, barbaramente torturado dessa maneira porque tinha os companheiros que sabiam e ele não disse. E lá neste livro é que eu não estou conseguindo me lembrar o nome agora, mas é a tese dela. Mas ela relata inclusive tem todas as

cartas que ele recebeu lá que também realmente elucidada essa questão. O Raul Ellwanger, que é muito bom de memória, você não lembra o nome do livro? É? “A vida Nua”, é? Anh? Bom, mas aí depois eu mando para a Comissão para poder, eu acho que é uma referência para a gente poder pegar, porque tem toda a documentação do caso. E eu tenho impressão que seria interessante também ele conhecer.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Todo elemento é bom, obrigado, Nilce. Até quero referir, não sei se eu já falei aqui de passagem, só referir que o Araken nos mandou, nós estamos anexando ao nosso relatório sobre o *caso das mãos amarradas*, um ou dois capítulos inéditos desse livro dele sobre o movimento do sargento, onde ele cita também uma obra específica, do José Caldas Costa, ele pode falar sobre isso, companheiro dele chamado, não, o capítulo é que é: “Morte no Guaíba”, se puderes falar...

ARAKEN: Bom, antes de falar sobre isso eu gostaria de reafirmar o seguinte, para um homem pegar em arma basta um pouco de destemor, um pouco de renúncia da vida, da possibilidade de perder a vida. Agora convencer aos homens a pegar em arma para lutar contra uma tirania depende disso. Corroborando com o doutor Wilson, Soares tinha que ser assassinado porque ele pensava. Não é matar o homem que empunha arma, é o homem que explica porque se deve empunhar armas. De maneiras que isso eu quero deixar registrado, gostaria também que esse livro que a senhora citou, mandando para a Comissão da Verdade, a Comissão me passe. Se bem que o meu e-mail é muito fácil, arakenvaz, fácil, araken com N e Vaz com Z, @gmail.com, isso é facilimo. Agradeço qualquer pessoa que quiser mandar uma mensagem. José Caldas é um jornalista capixaba que tinha cinco anos quando as tropas foram mandadas para Caparaó. Ele estava na mão da mãe e ia atravessar a rua, passaram os tanques ele ficou, imagina um menino de cinco anos, aquilo que se via em cinema. Ele se prometeu a escrever um livro, “Caparaó, a Primeira Guerrilha Contra a Ditadura”, etc, editada pela Boi Tempo, Editora Boi Tempo. É um livro muito interessante, eu até sugeri que ele escreve a história do livro porque ele passou três ou quatro anos para conseguir localizar todos os sobreviventes do Caparaó. E não sei por que, talvez porque eu tenha um pouco mais de facilidade de falar, de

me expressar, nós nos tornamos amigos, até hoje somos amigos e tal e tal. O livro, falar do capítulo em si, não vejo assim, digamos a oportunidade agora, é muito longa e não me lembro assim. Mas eu acho da maior importância que esse livro seja lido. Não ao esquecimento, a Comissão da Verdade é para que o grande sacrifício que vários brasileiros fizeram não seja esquecido. Principalmente aqueles que foram sacrificados, que deram sua vida. Muito obrigado.

CARLOS GUAZZELLI (CEVRS): Acho que podemos encerrar porque o nosso depoente venceu quilômetros, venceu a fadiga e nos deu um belíssimo depoimento enriquecido aqui pelas oportunas observações do tenente Wilson, da Nilce. E realmente este é um episódio que não pode deixar de ser narrado que mostra sempre facetas novas, e inclusive a faceta extraordinária deste grande mártir da democracia brasileira, que foi torturado e morto da maneira infame que foi. Muito obrigado a todos, a Comissão da Verdade agradece. (aplausos)

CASO DAS MÃOS AMARRADAS

<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1446/o-caso-das-maos-amarradas>



O Caso das Mãos Amarradas - Foto: Divulgação

O episódio da morte de Manoel Raymundo Soares, sargento do Exército Brasileiro cassado após o golpe militar, e que apareceu morto, em 24 de agosto de 1966, boiando no Guaíba, com as mãos amarradas às costas, é bem conhecido.

O fato foi objeto de grande cobertura da imprensa na época; houve uma “Comissão Parlamentar de Inquérito” (CPI), instalada na Assembleia Legislativa do Estado, e um inquérito independente, conduzido sob supervisão de um Promotor de Justiça, que o investigaram – e, mesmo em plena ditadura, apontaram as provas e evidências de tortura e homicídio, inclusive os veementes indícios de sua autoria.

Ademais, o acontecimento causou grande comoção popular: o enterro da infeliz vítima, reunindo milhares de pessoas, que levaram o féretro desde o necrotério antigo até o cemitério, ao longo do Parque Farroupilha e da Avenida Azenha, transformou-se em grande ato público contrário à ditadura implantada pouco mais de dois anos antes.

Mas, mesmo conhecida, esta ocorrência, seja por sua inegável relevância histórica, seja pela extrema brutalidade intrínseca, não pode

deixar de figurar no relato circunstanciado das mais graves violações a direitos humanos praticadas em nosso estado – consistindo na primeira evidência da implantação, dentro do aparelho estatal gaúcho, do sistema montado para reprimir os oponentes, reais ou imaginários do governo ditatorial.

Por isso, a Comissão Estadual da Verdade tratou desde logo de reunir farta documentação sobre as circunstâncias que cercaram a prisão, torturas e morte de Manoel Raymundo Soares, desde o relatório oficial da CPI acima referida, até peças da ação judicial em que foi reconhecida a responsabilidade civil da União Federal pelo evento, com a consequente condenação à reparação dos danos, materiais e morais, infligidos à sua viúva.

Também buscou a Comissão colher alguns novos depoimentos acerca do acontecido, sendo de destacar a audiência pública que realizou para ouvir o relato de Araken Vaz Galvão, companheiro de farda e militância da vítima, com quem foi cassado imediatamente após o golpe, ingressando juntos na clandestinidade desde então, e passando a militar contra o regime imposto.

Nos anos anteriores a 64, Manoel Raymundo já vinha exercendo intensa atuação política, em especial no chamado “movimento dos sargentos”, movimento este que foi um dos pretextos invocados para a deflagração do golpe de estado, pelo alegado risco que acarretaria à hierarquia e à disciplina.

Em virtude desta militância, Manoel Raymundo e Araken foram punidos, pouco antes do golpe, com sua transferência a Campo Grande, à época no estado de Mato Grosso, onde serviam quando de sua eclosão. Logo a 30 de julho daquele ano, foram cassados pelo primeiro Ato Institucional, sendo expedidas ordens de prisão contra eles e os demais líderes do movimento dos sargentos. Data de então, o ingresso de ambos na clandestinidade.

Em 1966, Manoel Raymundo, com identidade falsa, vivia em Porto Alegre, e aqui atuava, juntamente com cerca de mais vinte ex-graduados das Forças Armadas, na preparação de insurreição armada, reunindo armamentos, munições e, até mesmo, fardamentos.

Delatado por um agente da repressão infiltrado, ele foi preso no dia 11 de março daquele ano, às 16,30 horas, em frente ao Auditório Araújo Vianna, portando panfletos que preparara para serem distribuídos durante a visita do primeiro ditador militar, Castello Branco, agendada para dali a alguns dias.

Primeiro, foi levado ao quartel da 6ª Cia. de Polícia do Exército, que era localizado no que hoje é a Praça Argentina, no centro da capital, onde sofreu as primeiras torturas, e de lá o transferiram para a sede do DOPS estadual, na Avenida João Pessoa, onde permaneceu por oito dias, sendo torturado sistematicamente.

A 19 de março seguinte, foi levado para o presídio improvisado na Ilha das Pedras Brancas, local também utilizado naquele tempo para segregar moradores de rua, mendigos e menores delinqüentes, ali mantidos em condições subumanas – como relatado pela CPI ao depois instaurada para investigar sua morte.

Através dos agentes da Guarda Civil (hoje extinta) que ali trabalhavam como carcereiros, Manoel Raymundo conseguiu remeter cartas a sua esposa, Elizabeth, nas quais descreveu as torturas por ele sofridas no quartel da Polícia do Exército e na sede DOPS. Seguindo as instruções dadas nestas missivas, ela procurou advogado, no Rio de Janeiro, que impetrou três habeas corpus em seu favor, perante o Superior Tribunal Militar (1).

Por cruel ironia do destino, a 13 de agosto seguinte, após aquela Corte ter pedido informações, na terceira ordem impetrada em seu favor – em mandado no qual já se anunciava sua iminente concessão – ele foi levado da Ilha para a sede do DOPS, onde foi simulada sua soltura, quando, na verdade, permaneceu ali a noite, em cela individual, mantido incomunicável.

Seus algozes colocaram-no, então, em um jipe, e o transportaram pela Travessia Getúlio Vargas, em direção às ilhas do Guaíba – próximo às quais seu corpo foi encontrado, boiando, com as mãos atadas às costas, no dia 24 daquele mês.

Como bem registrado na sentença que condenou civilmente a União Federal pela morte de Manoel Raymundo, “...os agentes do DOPS tinham motivo para perseguir, prender, torturar, violentar e até mes-

mo assumir o risco de matar o perigoso ‘subversivo’ Manoel Raimundo Soares...” (2).

Eram procedentes as suspeitas de que ele tinha importantes informações a revelar – pagando com a vida pelo silêncio que manteve a respeito, apesar dos cinco meses de incessantes suplícios e privações a que foi submetido.

De fato, ele participava então, ativamente, na preparação de insurgência preparada e financiada desde Montevideú, ajudando “...a fazer as roupas, a juntar os primeiros armamentos, e começou a escrever o decálogo do guerrilheiro, que iria servir de referencial teórico para quem partiria para guerrilha...” (3).

Muitos de seus companheiros do movimento de sargentos viviam ou vinham frequentemente a Porto Alegre, dedicados àqueles preparativos. Assim, “...havia vários aparelhos montados e Soares tinha as chaves de todos eles, cheios de munição e armamentos. Todos no Centro, perto da Borges de Medeiros, do Palácio Piratini e da Assembleia Legislativa...” (3).

Por isso, enquanto ele resistia às torturas na sua primeira passagem pela sede estadual do DOPS, Amadeu Felipe e Daltro Dornellas, dois dos remanescentes da insurreição, que aqui estavam clandestinamente, “...esvaziavam os aparelhos. Esse material foi transportado, primeiro, para Viamão, num sítio de Dario Coelho, um tenente que já morreu, e posteriormente foi levado para Caparaó...” (3).

A propósito, cabe a correção: tratava-se da chácara de Dario Vianna dos Reis, o tenente reformado do Exército Brasileiro, que seria preso, alguns anos depois, envolvido em acontecimentos que constituem objeto de outra apuração da Comissão, intitulada “Porto Alegre: anos de chumbo”, relacionados à repressão desencadeada contra os grupos clandestinos formados no final dos anos 1960.

Isto explica – jamais justifica, é claro! – sua longa permanência no cárcere, sempre negada por seus algozes; e a insistência em torturá-lo – mesmo na iminência de ser concedido o terceiro habeas corpus impetrado em seu favor.

Vale a pena, aliás, reproduzir a indignada advertência feita pelo relator do mesmo, no Superior Tribunal Militar, depois da informação

de que o paciente aparecera morto, com indisfarçáveis indícios das torturas por que passara:

“...Verificou-se, assim, que **as autoridades policiais do Rio Grande do Sul prestaram, a este Tribunal, informações que não correspondiam à verdade**, evidenciando-se, por igual, que **ditas autoridades conheciam perfeitamente o que se passava com o paciente, desde a prisão até o trucidamento**, nada revelando até que o cadáver apareceu e foi identificado...” (2); (nossos os grifos).

Neste passo, deve-se indicar aqui os responsáveis indiretos, como mandantes, pelo sequestro, prisão ilegal e torturas de Manoel Raymundo Soares, segundo restou comprovado durante as investigações procedidas pela mencionada CPI da Assembleia Legislativa do Estado, bem como pelo chamado Relatório Tovo, que concluiu o inquérito policial supervisionado Promotor de Justiça Paulo Cláudio Tovo. São eles: Washington Bermudez, Lauro Melchades Rieth e Luiz Carlos Menna Barreto, que eram então, respectivamente, coronel, tenente-coronel e major do Exército Brasileiro; o primeiro era Secretário de Segurança Pública, o segundo Superintendente dos Serviços Policiais, e o terceiro exercia a chefia do DOPS estadual à época dos acontecimentos aqui relatados.

Já os Delegados de Polícia do estado, Itamar Fernandes de Souza e José Morsch, participaram pessoalmente das sessões de torturas a que a vítima foi ali submetida. E o citado Luiz Carlos Menna Barreto, juntamente com José Morsch, foram indiciados como autores mediatos (mandantes) da morte do desditoso sargento.

Convém registrar que a apuração das circunstâncias que revestiram estes crimes permitiu evidenciar a existência, já em 1.966, da estrutura montada para reprimir os dissidentes do regime ditatorial, centralizada, em nosso estado, no DOPS estadual, sob direção e comando direto de oficiais do Exército Brasileiro.

Tratavam-se, estes, dos integrantes da área de segurança e informação, a chamada 2ª Seção (também conhecida como S-2) do IIIº Exército, a quem os policiais se referiam, genericamente, como Dopinha (ou ainda, Dopinho), e que atuavam sob as ordens diretas do já referido Luiz Carlos Mena Barreto (4).

A respeito, transcreve-se elucidativa observação feita na sentença antes referida, louvada no relatório da CPI instaurada sobre os fatos aqui examinados:

“...Ainda, para que fique perfeitamente evidenciada a vinculação que existia entre os agentes do DOPS e a União Federal, é de mencionar um detalhe...Na visita realizada pela CPI da Assembleia até a Ilha do Presídio e ao DOPS, em 02 de setembro de 1966, o Diretor do DOPS, Delegado Domingos, quando da visita, solicitou autorização prévia à autoridade militar responsável: ‘Sr. Deputado, em que pese o respeito que os Srs. merecem, inicialmente gostaria de informar a Secretaria de Segurança. **O DOPS está ligado diretamente ao exército. Toda atuação aqui é exercida, digo, é executada em consonância com o mesmo, portanto, as execuções aqui tomadas são imediatamente comunicadas. Isto é feito através da pessoa do Cel. Menna Barreto...?(2)**” (citação no original, grifos nossos).

Esta comprovada subordinação do aparato repressivo político estadual às autoridades militares federais, integrantes da chamada comunidade de segurança e informação – nos moldes preconizados pela ideologia da segurança nacional, que inspirou as ações por ela implantadas paulatinamente, desde a instauração da ditadura – acarretou, justamente, o reconhecimento da responsabilidade civil da União Federal pelos danos, morais e materiais, decorrentes da tortura e morte de Manoel Raymundo Soares.

Foi a mando das referidas autoridades que este último, depois da primeira temporada de torturas na sede do DOPS estadual, foi remetido ao presídio improvisado na “Ilha das Pedras Brancas” (também chamada, à época, “Ilha da Pólvora”).

As terríveis condições do lugar foram assim registradas pelo representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul (IARGS), que acompanhou a visita realizada ao local logo após a morte da vítima, em 14 de setembro de 1.966:

“...Nas celas vistas do corredor, nenhum dos beliches revelava utilização, pela existência de colchão ou coberta, apresentando-se nus. Na cela grande, onde estavam concentrados os detentos, não havia uma

única cama, colchão, qualquer forro ou coberta...” (reproduzido na sentença referida) (2).

Observe-se que, quando da mencionada inspeção dos deputados, já não havia na ilha prisioneiros políticos, apenas moradores de rua, mendigos e menores, pequenos delinquentes, reduzidos a andrajos, mal alimentados, praticamente abandonados à sua própria sorte.

Talvez seja mais impressionante ainda o relato do representante da OAB e do IARGS sobre a visita, também feita à época, às dependências da sede estadual do DOPS, onde Manoel Raymundo também viveu seu martírio fatal:

“...Vale ressaltar a existência de três celas especiais localizadas no 2º andar do chamado ‘Palácio da Polícia’. Construção relativamente moderna, em amplo edifício adaptado ao serviço público, custa crer, nelas se possam deparar com autênticos calabouços medievais, que nada mais são as citadas celas especiais, muito além do calabouço definido pelos léxicos, pois não são apenas ‘lugares sombrios’, senão que de negrura total absoluta. Encontramo-las de portas abertas, ao fundo do corredor, prontas para a inspeção. Estavam iluminadas por lâmpadas de ‘luz solar’, embutidas em nichos quadrangulares e situados no alto. Pintadas de cinza azulado, limpas, batidas pela forte iluminação artificial, nada apresentavam de anormal à primeira vista, a não ser por seis pequenos orifícios, de mais ou menos polegada e meia, cada um, localizados no alto da parede lateral de cada cubículo. Tais furos servem para canalização de ar e uma vez interrompida a corrente elétrica (cujo interruptor se encontra do lado de fora, no corredor), faz-se a escuridão mais completa, como tivemos a oportunidade de testar. É que os canos condutores do ar, através das citadas perfurações, são torcidos na parte externa das paredes, de sorte que, **entra o ar, de forma precária, é verdade, mas de luz, nem o menor raio, uma fímbria, o menor ponto ou partícula sequer...**” (idem, grifamos) (2).

Prossegue o relatório, registrando a esclarecedora explicação dada pelos responsáveis acerca das tais “celas especiais”:

“...Informou um militar que nos foi apresentado como Coronel Rieth, Superintendente do Departamento, que a escuridão das ce-

las se destina à ação psicológica sobre os detento se o ‘engenho’ de sua montagem foi a resultante de orientação traçada por técnicos do Federal Bureau of Investigation, o famoso F.B.I...As três celas são de dimensões reduzidas, uma delas servindo de passagem à outra, com piso totalmente de cerâmica. Apresentavam-se nuas, à exceção da intermediária, onde existia um colchão. Informou também o citado Superintendente que não havia ninguém no Departamento, explicando, outrossim, **que colocada a polícia ante a necessidade de obter a confissão, deveria optar pelo uso da violência ou o emprego de meios psicológicos, tendo seu Departamento optado pelos últimos: as células seriam eficientes instrumentos desta natureza...**” (ibidem, grifamos)(2).

Como se constata pela desfaçatez cínica dessa confissão, já fora montada, sequer passados dois anos do golpe de estado, a estrutura repressiva que seria aperfeiçoada e ampliada ao longo das décadas de 60 e 70 do século passado, característica do chamado terrorismo de estado – marcado por sequestros e torturas, desaparecimentos e mortes, em ações sistemáticas dirigidas, não apenas contra os oponentes do regime, mas também contra seus familiares, conhecidos e até mesmo meros suspeitos.

O caso das mãos amarradas prestou-se para denunciar, ainda em pleno período ditatorial, a existência desta máquina burocrática criminosa, institucionalizada no Poder Público – motivo mais do que suficiente para figurar, obrigatoriamente, no relatório a ser apresentado ao país sobre os crimes praticados durante os governos ditatoriais contra a cidadania brasileira.

Além do mais, ao revelar as bárbaras ações praticadas ao longo dos meses contra indefeso cidadão – preso ilegalmente, torturado e morto por policiais e militares, com o emprego de instalações e equipamentos públicos – o episódio traz outra notável contribuição para a reconstituição histórica do período.

É que ele desmente certa versão – não menos cínica do que a declaração acima lembrada – de que os governos ditatoriais apenas teriam “reagido” à ação dos “terroristas”, na década de 1970, quando é certo que, tão logo instaurada a ditadura, seus dirigentes trataram de implantar e fazer funcionar um sistema, organizado de forma quase

autônoma, dentro e à sombra do Estado, para reprimir os setores sociais real ou potencialmente resistentes ao regime.

Referências Bibliográficas

- (1) GALVÃO, Araken Vaz; “Soares e a História”, capítulo do livro inédito “Os Sargentos na História do Brasil”.
- (2) TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 4ª REGIÃO, acórdão proferido na Apelação Cível n.º 2001.04.01.085202-9/RS, Relatora Juíza Vânia Hack de Almeida.
- (3) COSTA, José Caldas; “Morte no Guaíba”, capítulo de livro ainda inédito.
- (4) “Relatório Tovo”, in “O Direito na História – o caso das mãos amarradas”, publicação do TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 4ª REGIÃO, Porto Alegre, setembro, 2008.

TESTEMUNHO – ELIANA LORENTZ CHAVES¹

AUDIÊNCIA PÚBLICA MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Boa noite, gostaria de chamar os meus colegas. Dr. Jacques, Dr. Aramis. Já adianto que por compromisso previamente tomado o reitor Oneide Bobsin não poderá estar aqui neste terceiro e último momento do nosso evento e pediu que justificasse a sua ausência. Antes de começar propriamente dito o terceiro momento, que vai ser pra colher o depoimento da terceira depoente nossa, eu gostaria de oportunizar a Mariluci Cardoso de Vargas, está aqui presente, dois ou três minutos que ela nos divulgue aqui, pode vir aqui, Mariluci, ela representa a Comissão de Direitos Humanos de Pelotas e Região, o Comitê, perdão, o avançado estado de putrefação mental em que se encontra esta coordenação. Repetindo, o Comitê pela Memória, Verdade e Justiça de Pelotas e Região. Mariluci com a palavra.

MARILUCI: Boa noite então, em especial a todas às mulheres que estão aqui justamente para demarcar esse momento de memória, da resistência feminina, por tanto tempo ignorada e que agora, de uns tempos pra cá, a gente vem então reescrevendo a história do ponto de vista que as mulheres tiveram sim, e têm, um papel importante nessa resistência. Bom, eu sou Mariluci Vargas então, venho de Pelotas, a gente em Pelotas vem constituindo um grupo que se chama então Comitê pela Memória, Verdade e Justiça de Pelotas e Região. É grande, né? Mas a gente tem tanta coisa pra ver e trabalhar que é bom que seja grande mesmo pra chamar a atenção. A gente vem trabalhando desde o ano passado, quando começou a surgir a oportunidade da Comissão Nacional da Verdade se constituir. Um grupo então de professores, eu sou professora de História, né, e sou dessa região, e um grupo de professores acompanhado do Instituto Mário Alves, que é um Instituto de estudos políticos constituído já na cidade de

1 Depoimento à Comissão Estadual da Verdade, RS. Disponível em: <<http://www.comissaoдавerdade.rs.gov.br/conteudo/1520/depoimentos?--audiencia-publica-mulheres-na-resistencia-a-ditadura---eliana-lorentz-chaves>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Pelotas há 10 anos, que homenageia esse militante, Mário Alves, que tanto deixou de história pra que a gente de fato chegasse, alcançasse a verdade, né, numa hora histórica. Então a gente tem esse grupo lá que atua desde maio do ano passado e que lançou pra sociedade pelotense, em julho, o seu trabalho de reconstituição da resistência da história da repressão em Pelotas. Na verdade a gente tem esse nome Pelotas e Região porque a gente pretende alcançar cidades que também sofreram muito no período ditatorial, como Rio Grande, como Bagé, como Jaguarão, pontos assim importantes dentro da própria fuga da resistência. Um trajeto aí muito fronteiriço, né, que fez com que muitas pessoas conseguissem ir pro Uruguai e outros lugares em função dessa rota de fuga. Então Pelotas tem na sua história opressão constituída, tanto no movimento estudantil como no movimento operário, até então estava muito localizado ao Instituto Mário Alves essa busca pela verdade e a questão da Academia, que tanto se empenha para fazer uma pesquisa e trazer elementos que muitas vezes a sociedade não tem acesso. Então, pra além da Academia, pra além do Instituto Mário Alves, a gente pretende então que a sociedade civil seja protagonista desse momento que a gente está vivendo. Que esse momento seja de fato, que se amplie essa história para além da resistência, para além de parentes, familiares de mortos e desaparecidos, pra além da Academia. Que essa história seja uma história de todos os cidadãos brasileiros. Então eu venho para representar e para disponibilizar aí qualquer trabalho que a Comissão Estadual porventura precise, né, de nossa parte, de nossa região, com certeza a gente está empenhado para fazer isso. Então muito obrigado e um bom evento para todo mundo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu que agradeço, Mariluci, é reconfortante saber, já sabíamos que lá em Pelotas havia um Comitê e há outro também se organizando ou já organizado em Santa Maria. Nós lá na Comissão Estadual da Verdade já recebemos os dois comitês aqui de Porto Alegre, o Comitê Carlos de Ré esteve aqui, está aqui ainda conosco, o Comitê Popular Memória Verdade e Justiça e recebemos também a Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, que é também um organismo da sociedade civil dedicado à luta pelos direitos humanos e também o resgate da memória. Eles nos levaram o Padre Arnildo Fritzen, que fez um belíssimo depoimento sobre a

repressão à Encruzilhada Natalino. Porque infelizmente a história de violações a direitos humanos que nós temos que investigar é muito maior, né? Já não bastassem os crimes dos anos 70, essa repressão criminosa continuou até os estertores do regime, na década de 80. Nós vamos receber agora a terceira depoimento, outra brava mulher, resistente e gaúcha, que lutou contra a Ditadura e sofreu violências aos seus direitos humanos mais elementares em função dessa sua bravura e dessa sua ousadia. Nós vamos receber a Dra. Eliana Lorence Chaves, que é psicóloga, que é psicóloga clínica e psicanalista, é doutora em psicologia, mestre em teoria psicanalítica e era militante da VAR PALMARES, Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, da VPR, Vanguarda Popular Revolucionária, organizações que lutaram contra a Ditadura e foi presa em 10 de abril de 1970. A palavra está contigo Eliane.

ELIANA: Em primeiro lugar eu queria agradecer muito essa oportunidade de estar aqui e de falar essa história que na realidade eu nunca falei para ninguém. Meu filho não conhece. Meu primeiro marido, pai do meu filho, não conhece, o meu atual marido não conhece porque é muito difícil falar de prisão, tortura, humilhação. Então eu vou trazer essa história para vocês e eu me permiti prever, porque eu fiquei com medo, de abusar demais do tempo de vocês, de me perder em detalhes, então eu escrevi aqui um certo roteiro e vou pedir desculpas por isso, porque às vezes um texto lido é mais chato, mas, enfim, vou recorrer a isso. E eu vou ter um auxílio aqui que vou recorrer, vocês devem conhecer é claro, uma dissertação de uma moça, de uma historiadora, que se chama Caroline Silveira Bauer. É uma historiadora, a Suzana conhece, claro, e ela tem exatamente esse Avenida João Pessoa 2050, onde eu encontrei alguns trechos, até um trecho do Bonna Garcia que ela recolhe, a dissertação dela fala muito aqui de algumas cenas, enfim. Bem, dentro do que a Comissão me pediu, para relatar o início da minha militância, eu tenho atualmente 61 anos, então eu tinha 12 pra 13 anos no Golpe de 64. E a minha família não tinha nenhuma situação política relevante, mas tinham uma admiração pelo Brizola. Meu início na militância tem a ver com meu namoro com Raul Elwanger e com a relação do Raul e do Carlos Franklin Paixão de Araújo. Foi quando se inseriu toda uma questão dos advogados trabalhistas com os operários, etc. Obviamente veio o

AI-5 que impossibilitou esse tipo de trabalho e as opções foram ficando cada vez mais relacionada às organizações de resistência armada. Eu tinha 17 anos no AI-5, então a minha militância inclusive terminou em uma mudança na minha orientação acadêmica. Sempre fui das Ciências Humanas e nesse período quando fui optar pela universidade que eu ia seguir, eu escolhi Ciência Econômicas. Então ingressei em Ciência Econômicas para entender todas essas teorias. Em termos de organização propriamente dita a minha militância foi na VAR-PALMARES. Quando houve a separação, o racha, VAR e VPR, eu fiquei na VPR. E fiquei na VPR integrando uma célula que era composta pelo Félix Silveira Rosa Neto, o Frank, e o Fernando Pimentel que era o Chico. Meu contato básico era com essas duas pessoas. Naquele tempo, quer dizer, não havia nenhuma razão para que eu passasse à clandestinidade, então eu continuei fazendo música, continuei na faculdade, continuei com a minha vida normal e com a militância. Foi no início dos anos 70 que vocês sabem houve aquele, não bem-sucedido sequestro do cônsul norte-americano aqui em Porto Alegre. Esse sequestro, ele foi onde algumas articulações, fundamentalmente essa minha célula, tanto que o Fernando foi atropelado, vocês todos têm ciência desses fatos, o Fernando foi atropelado e o Félix atirou no ombro do cônsul para que a questão não fosse mais grave. Esse episódio que eu entendo que determinou um rompimento enorme da repressão no Rio Grande do Sul. Deixaram aqui os *experts* do resto do País, especialmente o coronel, hoje coronel da reserva Paulo Malhões. Na época ele era capitão. Então como é que eu fui presa. Eu fui presa no final da tarde do dia 10 de abril. Em geral os meus companheiros quando relatam põem dia 11, porque no dia 11 eu faltei o primeiro ponto. Então eles acham que eu fui presa naquele dia, mas não. Eu já estava presa quando comecei a faltar. E eu fui presa quando chegava na minha casa perto da tarde de 10 de abril. Os agentes do DOPS já estavam na minha casa com a minha mãe e já tinham vasculhado meu quarto, minhas coisas. E eles me levaram direto para sede da Avenida João Pessoa e a minha mãe foi atrás de carro. Quando cheguei lá eu fui colocada numa sala onde tinham vários agentes e foi trazido um rapaz, um juvenzinho que eu reconheci como um, desculpem, eu não falei um episódio, quer dizer, eu tinha ido em companhia do Frank armas com elementos de outra

organização. Então essa cena aí que é bastante importante. Então quando cheguei no DOPS foi trazido um rapaz que eu reconheci como um dos militantes que havia entregue essas armas. Eu não sei se eu devo nomeá-lo, era o Bicho. O Bicho tinha praticamente a minha idade. Era um menino. Gustavo Buarque Schüller. E o Bicho estava num estado deplorável. Muito machucado, estava muito magro, olhos vermelhos, aparência de quem estava..., estava péssimo. Outra coisa que eu quero pedir desculpas é que de vez em quando eu vou dizer algum palavrão aqui, quando eu reproduzo uma cena às vezes não dá para não ser com palavrão. Então um dos agentes já saiu perguntando se tinha sido essa vagabunda que tinha ido com o Frank receber as armas. E o Bicho muito constrangido disse que sim. E nesse momento eu tive uma reação, que acho que é uma reação de sobrevivência, e eu comecei a dizer: “armas, de que armas vocês estão falando?. Vocês estão falando de umas malas que estavam comigo e com o Frank, e que uns amigos dele que iam viajar pegaram? Eu digo, não estou sabendo de arma nenhuma, só vi uma entrega de malas”. E o Bicho, imediatamente, assim mesmo arrasado como ele estava e eu sou profundamente grata a ele, e infelizmente não pude dizer isso a ele enquanto ele viveu, o Bicho disse: “é verdade, ninguém abriu mala nenhuma, era de dia, um lugar público, ela podia muito bem não saber o que tinha dentro da mala”. Então todo mundo que foi preso, vocês que estão ouvindo esses relatos podem ter ideia da importância dessa confirmação do meu companheiro. Por que aí o que ele fez? Ele acirrou a dúvida. Ou incrementou a dúvida sobre se eu era uma militante, uma simpatizante ou uma simples inocente útil. Como eles gostavam de dizer na época. E essa dúvida plantada me dava o mínimo de garantia. Me matar acho que eles não vão. Vai ser difícil de explicar como que eles vão matar uma inocente útil que está lá do lado de fora. E o mesmo raciocínio eu fiz em relação ao estupro. Porque acho assim, dos temores eram morte, estupro, tortura a gente sabia que vinha, que aconteceu, não só com mulheres mas com homens. Então, quer dizer esse apoio, essa ajuda que o Bicho me deu foi muito importante para me manter mais íntegra, me proteger internamente. Aí depois desse reconhecimento, alguns agentes me levaram para outra sala e aí começaram as ofensas, as ameaças, vou mandar tirar a roupa, aí eles chamavam outros agentes para olhar o meu cor-

po. Faziam comentário. Eu tinha 18 anos. Faziam comentários do tipo: “fulano vai gostar muito de amassar esses peitinhos”. Isso aí era o mais leve. Eu não vejo necessidade de detalhar. Um pouco mais tarde, quando a noite caiu, isso aí ainda foi antes de descer ao subsolo, quando a noite caiu eles me levaram para uma sala que ficava no subsolo. Foi aí que começou a tortura física. Para falar dessas coisas às vezes eu acho que é melhor falar com as palavras de outras pessoas. Então tem um trecho do Bonna citado nessa dissertação que diz assim: “havia um gerador elétrico manual (chamado graciosamente de maricota) para dar choques elétricos. Conforme a velocidade da manivela, a voltagem ia subindo. A primeira vez dá uma sensação terrível, com o choque nas orelhas se perde a visão e na hora fica tudo escuro. O pessoal da Polícia ficava à volta enlouquecido gritando de prazer”. E é interessante porque o Bonna pega aqui exatamente o aspecto central da patologia do torturador que é o sadismo, não é? O sadismo patológico, não esse sadismo de piadinha que a gente vê hoje em dia. Bom, o principal encarregado do meu interrogatório, que evidentemente é quem comandava tudo era o então capitão, hoje coronel da reserva Paulo Malhões. Vocês devem ter visto uma entrevista que ele deu há pouco tempo na Globo, onde ele vaidosamente chama para ele os méritos de ter sido o organizador da Casa da Morte de Petrópolis. E ainda tem a desfaçatez de dizer que ele convencia as pessoas a colaborarem com ele, como se as pessoas ignorassem que ninguém saiu vivo daquela casa. A única exceção foi a Inês Etienne. Quando ela começou a prestar depoimentos há alguns anos, sofreu um atentado. Ela diz que foi um acidente, que ela não lembra, não se sabe se foi um acidente, e a deixou com lesão cerebral. Voltando ao Malhões. O outro, que eles trabalhavam em dupla, eu acredito que era o Nilo Hervalha. Mas eu não tenho certeza disso. E como eu tinha alguma garantia de que a informação mais importante que tinham sobre mim era a do episódio da entrega das armas, que ficaram em inocentes malas, eu realmente me apeguei ao personagem inocente útil. Então me desprendi totalmente do vocabulário que se usava na militância, eu fingi quando eles me perguntavam: “quem são seus companheiros?” Eu respondia: “companheiros de quem? Da faculdade?” Eu me desprendia dessa especificidade. Agora um dos aspectos que me surpreendeu bastante nessas primeiras horas, porque

eu acho que a gente tinha uma certa tendência a depreciar um pouco o trabalho de Inteligência da Repressão, foi que eles estavam muito bem informados sobre mim. Eles sabiam do meu namoro com Raul da faculdade, das minhas participações nos festivais de música, dos shows que eu havia feito no último semestre. Eles sabiam praticamente a minha vida toda. Eles perguntaram muito sobre o Raul e outros amigos nossos. Mas a maior carga de perguntas era sobre o Frank, que aparência ele tinha, como eu o tinha conhecido, onde a gente se encontrava, onde ele morava, etc. Queriam saber da camionete que foi usada nessa troca. Nesse recolhimento de armas. E essa primeira noite foi muito difícil, porque eles evidentemente queriam essas informações o mais rápido possível. Quando amanheceu as torturas físicas pararam porque o DOPS era uma instituição pública, então eles não podiam se arriscar que o público ouvisse gritos, não é, mas as psicológicas continuaram. Aí vinham outros agentes, passavam a mão em mim e diziam: “gritou bastante, né, sua”...e lá vai. Quando eu pedia para ir ao banheiro vinham vários, ficavam olhando, falando coisas de ordem sexual, nojenta. Entre eles estava o delegado Pedro Seelig. Eu o vi há uns sete ou oito anos no Rio de Janeiro. Depois que amanheceu fui levada para a sala do major Átila, cujo sobrenome é impronunciável, mas é Rohrsetzer, está aqui escrito, que começou a me interrogar mas me deixou horas de pé, aquela coisa. Só que pela luz da sala eu poderia ter ideia da hora e assim, o que eu pensava e me dava energia é que eu já furei mais de um ponto, não apareci no aparelho, o Félix e o Fernando já sabem que eu estou presa. Em relação a isso, a gente tinha deixado mais ou menos entendido que esses pontos deveriam ser da nossa despedida. Porque desde o sequestro malsucedido a organização estava em perigo e a gente ia dissolver a célula. E a ideia era que o Frank saísse de Porto Alegre levando o Fernando. O mais rápido possível. Depois dessas horas na sala do major Átila me levaram para uma sala maior, onde estavam presas outras mulheres, para as quais praticamente eu nem olhei, porque além de ser míope, eu não queria olhar para ninguém, porque eu tinha medo de reconhecer alguém e não queria falar com ninguém. Eu caí numa cama e dormi. Novamente, logo que anoiteceu, fui levada para a sala da fossa ou da maricota e, nessa segunda noite, além de choques eles me deram vários comprimidos que eles disse-

ram ser o soro da verdade. O único efeito dessas drogas que eu percebi na hora foi que eu fiquei muito mais lenta, sem forças para me mover. Enquanto eu repetia as minhas histórias de inocente útil lá eu pensava: “nessas horas o Frank e o Chico, que era o Fernando, já saíram da cidade”, e isso me dava um novo gás. O dia seguinte foi semelhante ao anterior, com horas de interrogatório na sala do major Átila, algumas horas de sono na sala das mulheres prisioneiras. Ao cair da terceira noite eu fui novamente para o subsolo e apesar das drogas e dos choques eu podia perceber que eles estavam mais exaltados do que nas noites anteriores. Entravam muitos outros agentes e perguntavam sobre a aparência do Frank e sobre a camionete. Paradoxalmente, internamente eu estava mais tranquila porque eu acreditava que o Fernando e o Félix já estavam bem longe e qualquer informação que eles pudessem arrancar de mim já não ia ter utilidade. Só que o que eu acreditava lá dentro não era exatamente o que ocorria lá fora. No dia que se seguiu essa terceira noite o Frank foi preso, ainda em Porto Alegre, e um pouco mais tarde o Fernando, em circunstâncias que eles já devem ter relatado. Pois felizmente ambos sobreviveram para contar a história. Depois da prisão deles aí caiu o aparelho que a gente compartilhava de alguma maneira, acho que dois ou três dias depois, e começaram a aparecer evidências da minha militância. E aí o ódio dos torturadores com relação a mim cresceu bastante. O Malhães só me chamava de cobra coral, dizia que eu era bonitinha por fora e venenosa por dentro. E ele aproveitou todas as chances para uma espécie de vitória do orgulho ferido. E eu acho que como eu tinha 18 anos na época e ele é um vaidoso patológico, a entrevista dele na Globo mostra isso, ele deve ter ficado bem invocado de ter sido meio que enrolado por uma menina, não é? Já que ele inclusive fez questão de chamar para si os méritos de convencer pessoas. Mas depois dessa prisão dos dois companheiros que eu tinha contado, eu senti que aquela energia que me segurava, que eu tinha perdido. Aí eu não mantive o meu personagem de militante útil, se me perguntavam se eu era militante eu dizia. E eles cobravam por escrito as minhas atividades e eu escrevia o que eu achava que poderia comprometer apenas a mim. Então devem ter relatos lá escritos. E alguns dias mais tarde, acho que de 10 dias mais tarde, eu fui posta em liberdade tendo assinado um documento declarando que eu não havia

sofrido tortura. Foi nessa ocasião que comecei a perceber mais nitidamente os efeitos da tortura. Não sei se foram efeitos de ordem puramente psicológica ou se também relativos aos choques, às drogas que me fizeram ingerir. O que eu percebia, porque aí eu não podia sair da cidade, obviamente, eu voltei a minha vida normal, voltei para a faculdade, mas eu me percebia totalmente apática, não conseguia prestar a atenção em nada, não conseguia gravar absolutamente nada do que lia ou ouvia. Começava a ouvir e viajava, ia para outros lados. E o problema com a leitura persistiu por vários anos. Ela só começou a se atenuar na época em que a gente estava exilado na Argentina. Esse meu período de liberdade bastante vigiada foi bem curto. Quando prenderam a direção nacional da VPR em São Paulo, Rio de Janeiro, e começaram a aparecer mais informações sobre mim. Prenderam-me novamente. E dessa vez a passagem pelo DOPS não foi muito longa, dias depois me mandaram para a Penitenciária Feminina Madre Pelletier. E agora o Malhães fazia questão de dizer que eu ia apodrecer na penitenciária. Nessa ocasião a minha família já tinha providenciado um advogado e eu fui novamente posta em liberdade depois de mais ou menos um mês para aguardar julgamento. No meu caso, ocorreram duas denúncias ao Ministério Público Militar. Uma foi em 13 de julho de 70 e a outra foi em 9 de dezembro do mesmo ano. O primeiro julgamento aconteceu no dia de 13 de abril de 71 e o segundo no dia 21 de junho de 71. Depois dessa data, eu estava oficialmente liberada para fazer o que eu quisesse. E eu vi que eu não tinha condições de continuar em Porto Alegre. Então eu mudei para São Paulo. Lá quando eu consegui reunir coragem necessária, eu tirei novos documentos, identidade nova, paulista, e um tempo depois eu consegui tirar passaporte. Morrendo de medo, mas entrei lá, pedi e tirei. Então já com passaporte e com algum dinheiro que eu vinha guardando, em São Paulo eu trabalhava compulsivamente, trabalhava durante a semana, trabalhava de noite produzindo um programa de televisão, trabalhava final de semana produzindo o choro, uma coisa assim compulsiva. Então eu guardei dinheiro, nem tinha tempo pra gastar. E aí tendo passaporte e esse dinheiro, tive condições de reencontrar o Raul que estava no Chile. Eu cheguei ao Chile, não lembro exatamente, acho que foi no final de 72, finalzinho e nós permanecemos lá até um mês depois do Golpe que vitimou o presidente

Allende. A través dos contatos do Raul nós conseguimos sair legalmente do Chile, graças a uma grande mulher que nos acolheu e era dona de um cartório, conhecia muitos advogados, a Cuca, maravilhosa que já faleceu. E nós fomos para a Argentina. Em Buenos Aires, eu tentei retomar meus estudos, nós dois ingressamos no Conservatório Municipal de Buenos Aires. Eu ingressei na Faculdade de Filosofia e Letras, aí voltando ao meu rumo, que eram as Humanas. Só que aí fecharam essa faculdade antes do final do ano, a Argentina já estava complicada. No ano seguinte eu entrei numa universidade particular e no início de 77 eu engravidei. E a situação na Argentina estava bravíssima, o Raul queria que eu voltasse para o Brasil, mas ele ficar lá seria inviável, então fomos negociando a volta dele também, advogados aqui, etc. E quando chegamos a Porto Alegre o Raul foi preso e eu tive a ocasião de me defrontar novamente com o Pedro Seelig. A primeira visita que fui fazer pra saber do Raul ele me olhou feio, mas não falou nada. Na segunda ele, delicadamente, disse que se eu aparecesse novamente eu ia ficar presa também. Como eu já estava em estado adiantado de gravidez, os pais do Raul insistiram que eu não fosse. Aí o Raul depois de um tempo foi solto. Nós tentamos reiniciar nossa vida com o nosso querido filho. A vida deu muitas voltas, eu e o Raul separamos e há muitos anos eu moro no Rio de Janeiro casada novamente. Eu entrei na faculdade com 18 anos e com 35, finalmente, consegui me formar. Dei andamento a minha vida profissional com todos os prejuízos decorrentes desse ato de tempo, mas em muitos sentidos eu não tenho muitas reclamações, quanto a isso. Eu sou psicóloga, então meu trabalho clínico eu adoro e consigo sobreviver disso. Mas onde eu sinto que esse período pegou foi na Área Acadêmica. Não tinha intenções de ser professora, não, mas o meu doutorado foi exatamente eu investiguei o problema da violência e da agressividade dentro da questão de gênero. Investigando exatamente a violência masculina sobre a mulher. E isso, seguramente, se eu tivesse mais gás, eu daria continuidade, um pós-doutorado, porque acho esse assunto muito importante, mas ainda tem muita coisa pra gente entender a respeito disso. E pra encerrar essa fala, porque acho que todo mundo já deve estar bem cansado, eu queria falar a respeito da perseguição. Porque a perseguição foi gravíssima naquele período, mas a perseguição não se encerrou. Ao contrário,

eu percebo que ela tem se agravado nos últimos tempos. O que eu observo? Que esses senhores, pra não dizer outra coisa, que fizeram tudo pra calar qualquer manifestação popular, pra calar a voz de qualquer pessoa que tivesse anseio de liberdade, se utilizam cada vez mais das liberdades que eles lutaram para que não houvesse, pra poder caluniar, pra poder, enfim, destruir, ou tentar pelo menos destruir a imagem de certas pessoas. Então o que eu vejo com a evolução dos meios de comunicação, vocês devem ter observado o crescimento significativo de sites do tipo “ternuma”, “a verdade sufocada”, todos sites da Repressão. Eu não sei se vocês têm essa experiência, mas eu com os meus clientes, tenho muitos clientes advogados que investigam as pessoas, então eles já utilizam hoje em dia o verbo “googlar”, ou seja, procurar no Google, investigar no Google. Então há alguns anos eu resolvi me “googlar”. E eu fiquei pasma, porque tinham inúmeras referências a minha vida profissional, acadêmica, etc., artigo, isso e aquilo e a coisa que mais se repetia eram frases desses sites, “ternuma”, “a verdade sufocada”, etc., que me colocavam até como tendo assaltado um banco em São Paulo. Se eu tivesse assaltado banco em São Paulo, não ia ter nenhum problema com isso, tudo bem, fiz, mas não, é uma coisa assim de caluniar, difamar e a gente vê, não sei se vocês viram, aquela capa do Lula aparecendo “PT rouba 500 bilhões”. Então, quer dizer, essa produção de calúnia, isso é uma forma de guerra que eu acho bastante grave. Então nesse sentido, pra que esse tipo de coisa não se dissemine impunemente é que eu acho tão importante o trabalho dessa Comissão, o trabalho de trazer à luz a verdade, as histórias e tantas pessoas, né, morreram pra que esse mundo de liberdade que a gente está vivendo pudesse acontecer. Então a minha gratidão a vocês pelo convite.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu gostaria de dizer ao contrário, Helena. A gente é que agradecemos a mais essa lição aqui. Que com voz suave e contida tu nos deste aqui sobre esse período tão difícil da tua vida, tão difícil da vida de nosso País e que felizmente foi ultrapassado. Espero que o País possa se recuperar e superar esse trauma e, para isso, acho que modestamente nosso trabalho pode contribuir um pouquinho. As três grandes mulheres que nós ouvimos aqui hoje se recuperaram. Eu gostaria de só complementar alguns dados da, não que não estivessem claros, mas que fiquem bem

ênfatisados, três pontos, do teu depoimento. Eu vou me prevalecer da condição de coordenador aqui para fazer. O primeiro é em relação ao major Átila. Tu referias que ele te levava para a fossa era o lugar este?

ELIANA: Não, não. Existia uma sistemática que depois eu entendi que era bem nítida. No calabouço, na fossa, na sala da maricota, era o Paulo Malhões. A noite inteira, acho que era o Nilo Havelha, mas acho que se turnavam. Tinha outro também que eu não sei o nome.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Lá embaixo a turma da fossa era a turma do Malhões?

ELIANA: Turma do choque, das drogas, etc. Quando amanhecia e eles não podiam mais se arriscar que o público ouvisse gritos, etc., aí eu subia para a sala desse major Átila, que me deixava parada em pé horas a fio e interrogando e perguntando, mas ele nunca tocou em mim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Isso ficou bem claro. O que eu gostaria era isso, lá embaixo era a turma da fossa, que era do Malhões, do Havelha, tu te lembras de alguém mais que tu possas identificar?

ELIANA: Do nome não.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O Seelig tu nunca identificaste lá embaixo?

ELIANE: Ah, o Seelig sim. O Seelig entrava, saía, gritava, berrava. Teve uma noite que ele tão raivoso que ele apertou o próprio dedo na porta, ainda bem que foi o dele não foi o meu.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas ele participava também das torturas ou só comandava?

ELIANA: Não. Ele entrava e saía, gritava, etc., mas os dois eram o Malhões e o Havelha. Acho que era o Havelha. Porque eles mudavam ali o segundo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu podes descrever esse que

tu achas que era o Havelha?

ELIANA: Um moreno assim meio baixinho.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Eu já derivei aqui, tu me perdoas. Mas o que eu queria era ver assim, em relação, por causa dessa tua subida diurna à sala do major Átila dava para perceber que tinha algum comando, alguma ascendência, que ele era uma figura mais forte na estrutura que os outros? Ou não?

ELIANA: Olha, acho que nesse momento o comando era o Malhães. Eu acho que o Malhães chegou do Rio de Janeiro investido de todo o poder. Eu não percebi assim, nem o próprio Seelig, eu percebia que estivesse na mão dele. Não. Pelo menos em relação a mim. Tava na mão do Malhães.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Era o chefe operacional, vamos dizer?

ELIANA: Sim.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E o local, que eu queria que fosse bem precisado era isso.

ELIANA: Acho que era um subsolo.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: O subsolo do DOPS?

ELIANA: Isso.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: E durante o dia ficavam no segundo ou terceiro andar?

ELIANA: Daí eu já não me lembro. No térreo acho que era parte de atendimento ao público.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Bom eu gostaria de perguntar também, tu foste duas vezes a julgamento na Auditoria Militar. Foram dois processos diferentes? Um era o do cônsul?

ELIANA: Não, não. Veja bem, isso aí até peguei no documento oficial

do julgamento. Pessoalmente, eu só fui a um. O outro acho que foi um recurso que eu nem precisei comparecer. Foi só o meu advogado.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mas a tua denúncia foi no caso da tentativa de sequestro?

ELIANA: No caso da tentativa de sequestro e por militância da...

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Tu foste condenada ou absolvida?

ELIANA: Fui absolvida.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: É, provavelmente o segundo julgamento deve ter sido do recurso. O Félix com certeza recorreu e se tu foste absolvida aqui é possível que o Ministério Público Militar tenha recorrido também. Mais alguma pergunta que meus colegas queiram fazer aqui?

CÉLI PINTO: Prazer, meu nome é Céli, acho que tem uma coisa que tu colocaste na tua fala que me preocupa muito atualmente. E que acho muito importante a gente que está reunida aqui poder sair daqui falando muito isto, que é nós não estamos falando sobre uma história que se passou. Estamos falando numa história que está se passando. Eu acho que isso faz toda a diferença para as pessoas que estão fora daqui, não nós, porque nós somos um grupo que está envolvido nisso. Estamos falando numa história que está se passando e está se passando porque cada vez mais tem grupos nas redes sociais, mas está se passando porque temos um cerco de mídia nesse país. Estamos cercados de mídia nesse país. E isso é muito grave. Nós não temos mais por onde sair. Esta é uma questão muito violenta, e mais, tortura é a falta de respeito com o cidadão que continua todos os dias em cada delegacia deste país. Então acho importante no depoimento de vocês é que vocês estão falando numa coisa que está acontecendo. Não tão falando numa história que se passou e isso é muito importante porque a gente tem que ter compromisso com isso, a gente não pode simplesmente dizer que sabemos que se passou. Não, não, está se passando. Estamos ficando cercados, inclusive, por uma mídia que está impedindo a manifestação que a gente pretende fazer.

Então acho que esse dia que passamos aqui é historicamente muito importante. O depoimento de cada uma de vocês tem uma dimensão que vai muito além do depoimento. É um depoimento que acontece nesse país que nós temos que continuar lutando. Não podemos continuar achanado que vivemos numa democracia e que não tem mais nada pra se lutar. Era isso.

ASSUNCIÓN: Boa noite a todas e todos. Meu nome é Assunción, sou médica psiquiátrica feminista e o que eu queria perguntar a ti, se não for difícil responder, é o tempo que tu passaste no Madre Pelletier, como era a relação no tratamento de vocês, da madre superiora no Pelletier.

ELIANA: Até eu já, teve uma ocasião aí que vocês organizaram aqui uma denúncia, né, o Madre Pelletier, até mandei um depoimento que falei para as companheiras que podia ser paradoxal, porque as circunstâncias que fui pro Pelletier foi saindo do DOPS. Saindo do DOPS, da fossa, da sala da maricota, qualquer lugar parece bom. A gente foi para as celas que eram as celas das solitárias que hoje são o canil. A gente foi para essas celas que tinham aquelas fossas turcas no chão e a luz ficava 24 horas por dia acesa, tinham as janelinhas que os soldadinhos olhavam pra você, se você tava nua, se você tava usando a privada pouco importava, mas aquilo era o de menos dentro daquelas circunstâncias. Como nós ficamos isoladas, nós não tivemos qualquer contato, eu pelo menos não tive, com presa comum, eu tava separada no canil, e, eu pelo menos não tive qualquer contato com as freiras. Então, obviamente, elas deveriam saber do que estava acontecendo. Eu não tive nenhum contato pessoal. Nessa época eu não lembro, já tava meio lesadinha do DOPS, então eu não lembro de muitos detalhes. Não sei se a comida era horrorosa, se não era. Eu sei que a gente saía, tinha uma hora de sol, mas só. Lembro que a gente ficava muito fechada na solitária mesmo. Mas não lembro mais qualquer outro detalhe. Contato com presa comum nada e com freira também nada. Nada, nada.

CARLOS FREDERICO GUAZZELLI: Mais alguma pergunta para a Eliana? Bom, então eu tentava dizer como o Dom Vicente Scherer, só me resta abençoar os presentes. Mas não vou dizer. É o contrário,

quero dizer que nós somos abençoados aqui por três depoimentos muito esclarecedores, impactantes, comoventes, mas, sobretudo, muito lúcidos, e acho que a Céli fez o resumo do significado histórico que tiveram o depoimento de vocês três, da Eliana, da Nilce, da Martinha ou da Inês. Gostaria também de registrar a oportunidade do comparecimento aqui do Paulo de Tarso, à tarde, gostaria de manter o compromisso com ele e com a Helena também que me foi indicada já pelo Raul, com o Losada. Com o Raul Elwanger. Com a Susana, embora esses falem bastante. Todos vocês vão passar não pela sala da maricota seguramente, mas contribuir mais ainda, além do que tem contribuído, é o caso do Raul, da Susana, mas todos vocês, porque cada fala acrescenta alguma coisa. A respeito, por exemplo, de um malfadado personagem, que a Celi referiu há pouco, ao final do ano, quando nós tivermos umas 30 ou 40 ou 50 referências sobre esse cidadão, ou sobre esses cidadãos, nós podemos daí com tranquilidade apontá-lo publicamente como responsável pelas barbaridades que fez. Sem que por isso vá ser processado, mas ele não poderá processar ninguém por isso como ele já fez com o Losada. Então a Comissão Estadual da Verdade teve nessa audiência pública a oportunidade de prestar contas ao público ao qual se destina mais diretamente o seu trabalho, que são as pessoas que nos cobram, que são as instituições que nos cobram, com razão, e nós não realizaríamos este ato sem o apoio destas instituições, destas pessoas, destes comitês, também dos organismos dentro do Governo que nos ajudaram hoje pela manhã. E eu gostaria muito de agradecer, além das três depoentes aos meus colegas por terem permitido que este evento com o qual eu estou deitando e dormindo no travesseiro há três semanas, foi realmente recompensador, ele vai ficar filmado, registrado em multimídia, acompanhará o nosso relatório ao final que tenho certeza que engordará um pouco o relatório nacional a fim de que, quem sabe, a partir do trabalho da Comissão Nacional, das comissões estaduais, dos comitês da sociedade civil se possa remover o óbice vergonhoso da decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a Lei da Anistia. E na pior, na pior das hipóteses que a gente possa botar na luz da chamada opinião pública ou o que seja, essa história que já vem sendo contada nos livros, na academia, nos jornais e cuja memória não há de se perder, para que nunca mais se esqueça, para que nunca mais aconteça.

DEPOIMENTO – PAULO MALHÃES

A MEMÓRIA DO TERROR

A Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, constituída pela Lei Estadual nº 6335/2012, tem por finalidade elucidar os fatos e as circunstâncias das graves violações de direitos humanos praticadas no período de 1946 a 1988, promovendo, em particular, o esclarecimento circunstanciado dos casos de torturas, mortes, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáver e sua autoria. Entre várias atribuições, deve identificar e tornar públicas as estruturas, os locais, as instituições, bem como suas eventuais ramificações nos diversos aparelhos estatais e suas ramificações civis, relacionadas à prática de violações de direitos humanos. Os trabalhos também auxiliam à Comissão Nacional da Verdade, contribuindo, para a efetivação do direito à memória e à verdade histórica.

No dia 08 de maio de 2013, a Comissão da Verdade do Rio iniciou seus trabalhos com uma solenidade pública, realizada na sede da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, para a posse de seus sete membros: Wadih Damous, na condição de Presidente e os demais integrantes, Álvaro Caldas, Eny Moreira, João Ricardo Dornelles, Geraldo Cândido, Marcelo Cerqueira e Nadine Borges.

O esforço inaugural em criar um Fórum de Participação permanente com a sociedade civil com encontros mensais foi determinante, após um ano de trabalho, para consolidar e identificar o que pode significar a verdade, nesse ambiente de Testemunhos da Verdade, e a dimensão de sua expressão diante, por exemplo, da narrativa de um torturador.

É nesse cenário que a Comissão da Verdade do Rio torna pública a revelação do Coronel Reformado, Paulo Malhães, um torturador confesso que integrou o Centro de Inteligência do Exército (CIE).

Em depoimentos à esta Comissão assumiu: sua participação como um dos mentores da Casa da Morte de Petrópolis, considerada por ele um “laboratório” clandestino fora dos espaços militares, que permitia uma atuação mais livre e mais violenta em seu aspecto psicológico. Segundo ele “era para ser um lugar calmo, tranquilo e despercebido. Petrópolis só foi alcaguetado pelo filho do dono do prédio. Senão ninguém saberia dele. A Inês diz que tinha estado em Petrô-

polis e localizou a casa, pelo telefone, pelo número do telefone, mas, ela localizou depois que o garoto já tinha alcaguetado”.

Ele reconheceu que o Exército adotou uma política de desaparecimento com uma técnica de ocultação de cadáveres em que retirava a arcada dentária, as pontas dos dedos e cortava o ventre das vítimas antes de colocá-las em sacos impermeáveis e lançá-las em um rio na região serrana do Rio de Janeiro, tornando impossível sua localização e identificação; o desenterro dos restos mortais do Deputado Rubens Paiva; o assassinato de Onofre Pinto no massacre de Medianeira em Foz do Iguaçu e o destino dado ao seu corpo, com a mesma técnica de desaparecimento; a participação durante a Guerrilha do Araguaia, como repórter infiltrado da Presidência, na região, e a posterior atuação na Operação Limpeza que desenterrou e lançou no Rio Araguaia os restos mortais dos guerrilheiros. Para Malhães era “apenas um trabalho científico, adquirido em cursos de aperfeiçoamento”. Em suas próprias palavras:

“Quando o troço virou guerra, guerra mesmo, é que as coisas mudaram. Porque a gente também foi aprender fora, alguma coisa. Aí os perfis das prisões daqui mudaram; a forma de contato com os presos mudaram; surgiu a necessidade de aparelhos; porque – isso foi uma grande lição que eu aprendi – o que causa maior pavor, não é você matar a pessoa. É você fazer ela desaparecer. O destino fica incerto. O seu destino como... fica incerto. O que aconteceu, o que irá acontecer comigo? Eu vou morrer? Não vou morrer? Entendeu? O pavor é muito maior com o desaparecimento do que com a morte. Já quando você desaparece – isso é ensinamento estrangeiro – quando você desaparece, você causa um impacto muito mais violento no grupo. Cadê o fulano? Não sei, ninguém viu, ninguém sabe. Como? O cara sumiu como?”

Os relatos anteriormente descritos são apenas fragmentos de um depoimento que retira das entranhas do período da ditadura militar fatos [*que foram*] transformados artificialmente em verdade oficial. No entanto, a verdade não é algo que se alcance facilmente, nem que se demonstre de modo inequívoco, justamente por ser um conceito aberto e suscetível de diferentes abordagens.

As revelações do Coronel Malhães demonstraram aspectos parciais de uma “guerra”, em que ele se apresentou como um dos principais

personagens de eliminação dos inimigos e adversários *do regime de exceção* que só desapareceriam com a morte psicológica. É temerário ler esse depoimento sem imaginar a possibilidade de uma armadilha, uma vez que, por mais verossimilhança que tenham, estas informações podem ter uma dimensão exagerada e, dessa forma, se prestariam para almejar um determinado resultado gerando um registro histórico que ele, o torturador, não conseguiria sozinho.

Sua atuação passa pela definição lógica de que as violações previstas na lei que criou a Comissão da Verdade são *exclusivamente* as praticadas pelos agentes do Estado. No caso de Malhões, ele aparece como o grande personagem dessas ações e violações sistemáticas como política de Estado. É imprescindível atentar ao fato de que os particulares, diferentemente dos agentes do Estado, não praticam violação de direitos humanos e sim crimes comuns, já previstos em lei.

Dar publicidade ao depoimento de Malhões, antes do término do relatório final, significa promover um debate público a respeito da urgência de se tratar esses sofrimentos com novas lentes. Mesmo que se comprove a verdade dos fatos descritos pelo torturador confesso, o que só será possível com a abertura dos arquivos das Forças Armadas, o que se busca é dar conhecimento e lutar para o esclarecimento desses [*destes*] fatos. Trata-se, nesse momento, de permitir que a sociedade possa delimitar e qualificar as responsabilidades institucionais, sociais e políticas daquele período, a fim de transformar um paradigma que nos acompanha até hoje, quando o Estado, por meio de seus agentes, mantém sua prerrogativa de promover matanças sem qualquer responsabilização.

A divulgação do aparato repressivo montado naquele momento, com detalhes de seu funcionamento, revela ao longo de toda a narrativa a estratégia ideológica dos órgãos de repressão de destruição não apenas física, através da morte, da tortura, do desaparecimento forçado, da ocultação de cadáver, praticados no exercício da atividade estatal, mas também a psicológica, daqueles que eram considerados subversivos. É a apuração dessas violações, com definição da autoria e instituições envolvidas até o mais alto comando das Forças Armadas do período, que pode ser considerada a matéria prima da produção da verdade que almejamos em nosso trabalho.

O caso Malhães, na condição de agente do Estado que exercia o monopólio da força em circunstâncias especiais, acaba encobrendo outro monopólio, menos explícito, mas inaceitável, que é o monopólio da produção da verdade. O desafio colocado é enfrentar exatamente esse poder de produção da verdade exercido de tal forma que não permite contestação, já que o Coronel Malhães reporta os fatos atendendo aos seus interesses e reveste a narrativa com versões que reforçam o estigma dos adversários pela responsabilidade dos atos de “terrorismo” e, ao mesmo tempo, justifica pelo caráter de “guerra” instalado no período.

É por isso que a apuração da verdade, em rigor, equivale a fazer despir da versão oficial as vestimentas inverídicas e impor no discurso oficial também os elementos recolhidos da versão e da memória dos vencidos, à exemplo das atividades públicas denominadas Testemunhos da Verdade, realizadas pela Comissão da Verdade do Rio. Soma-se aos testemunhos a coleta de informações e documentos públicos (sigilosos ou não) que reportem os acontecimentos. Nesse caso, cabe referir a recente abertura de uma ação penal proposta pelo Ministério Público Federal, contra os acusados de terem matado e desaparecido com o deputado Rubens Paiva. A denúncia também foi subsidiada com documentos encontrados na casa do torturador após sua morte em 24 de abril de 2014.

A verdade histórica que nos desafia é também a reconstrução da versão real ou a mais aproximada do fato acontecido na convergência dos depoimentos. A verdade histórica, nessa linha, passa a ser a versão dominada pelos fatos e não pelas partes, desprezando as projeções subjetivas de qualquer delas. Portanto, não se pode, em hipótese alguma, confirmar a veracidade da narrativa de um torturador de forma absoluta.

Ao ler o depoimento, o leitor deve encará-lo como uma versão capaz de recuperar uma verdade histórica, mas não pode prescindir dessa dimensão relativa da própria verdade, imprevista na leitura reta dos depoimentos ou da documentação existente sobre o período.

Os casos pessoais e particulares sempre importantes, não se prestam a reconstituir com rigor a verdade histórica, senão na dimensão individual e limitada, a qual raras vezes alcança patamar capaz de

mostrar a visão integral da verdade. Por isso, a investigação pormenorizada de alguns casos como o de Rubens Paiva, o de Inês Etienne (única sobrevivente da Casa da Morte de Petrópolis) e tantos outros, assume importância ao traduzir uma época que influi decisivamente na reconstrução da verdade histórica do Brasil.

É nesse contexto que as declarações do Coronel Reformado Paulo Malhões, torturador confesso que reportou as condutas e comportamentos dos agentes do Centro de Inteligência do Exército – CIE, cujos detalhes interessam menos pelos fatos narrados, mas por reproduzirem um momento histórico, como por exemplo, o reconhecimento de sua autoria no desenterro dos restos mortais do Deputado Rubens Paiva. Vejamos:

“O Rubens Paiva, eu calculo, ninguém me disse, morreu por um erro. Alguém cometeu um erro para ele morrer. Não era para ele morrer. Então, esse alguém tinha que arranjar um jeito de dar sumiço no corpo. Contar este negócio de sequestro, não sei o quê, inventar uma história.(...) Então, aí tiraram ele (*do Recreio dos Bandeirantes*) e deram um destino certo para ele. Ninguém nunca mais acha.”

O importante neste depoimento também foi a admissão da existência de uma verdade paralela de poder, sem registro, permitindo mais liberdade aos agentes ideológicos, integrados a uma estrutura extra-oficial, contudo, submetida ao topo da cadeia de comando. Leia-se presidente da República e ministro da Guerra ou do Exército. Nesse caso, o exemplo de sua proximidade com o “presidente” Médici fala por si. Conforme Malhões disse:

“Teve um presidente da República que era muito amigo meu. Se tornou por coincidência. Eu fui segurança quando foram escolher ele para presidente. Eu fui segurança dele, não sei o que, pê, pê, pê.... Aí voltei, ele se tornou íntimo comigo, eu tomava conta da casa em que ele ficou, que foi do ministro da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Aí passei a jogar, ele viu eu jogando buraco com o meu pessoal, ele disse ‘adoro jogar isto. Você vai jogar contra eu e minha mulher. Trás o seu parceiro aí, vamos jogar’. Médici. Então o Médici, acontecia problemas, o Médici mandava me chamar. Eu ia lá no palácio. Já almocei do lado dele. Ele perguntava, ‘e aí? Eu dizia, ‘O senhor quer que eu resolva? Eu resolvo’. ‘Então está, Malhões, resolve’, descreveu.

O próprio “presidente” Geisel admitiu expressamente o uso da tortura como técnica de repressão em nome do Estado, assim como outros militares, direta ou indiretamente o fizeram em depoimentos para diversas obras de reconstituição.

A escolha do método de utilização em casas, sítios, apartamentos, isto é, em lugares fora dos espaços militares para torturar e matar, era a garantia de uma atuação mais livre e autônoma, embora sempre comunicada aos superiores hierárquicos. Essa técnica usada na Casa da Morte e em tantos outros locais eliminava o resquício de qualquer esperança, pois os presos estavam nas mãos de uma repressão que sequer os registrava e, conseqüentemente, sabiam que dificilmente haveria alguma apuração dessas violações.

Pode-se afirmar como pontos relevantes no depoimento de Malhões: a atualidade das afirmações; a consciência da importância das revelações e certa temeridade manifesta em sua resistência em nomear agentes da repressão ainda vivos.

O resultado, praticamente previsto por ele mesmo, mostrou-se fatal um mês depois de sua aparição em uma audiência pública, quando foi encontrado morto em sua casa. As circunstâncias da morte estão sendo investigadas pela Polícia Civil e acompanhadas pela Polícia Federal, mas as autoridades desse processo que corre em segredo de Justiça apontam para a hipótese de latrocínio em um cenário ainda pouco esclarecido e que não afasta a hipótese de possível eliminação.

Paulo Malhões pode ser um exemplo da condição humana e real de um agente que, ao manipular a história e a memória por ele apropriada, é capaz de jogar de forma perversa com aqueles que não têm acesso ao passado, já que os arquivos da ditadura continuam nos porões.

O desafio da Comissão da Verdade do Rio e de todos que lutam pelo direito à verdade, à memória e à justiça, é descortinar esse passado que não passa e que se perpetua, transformando torturadores em contraventores, em homicidas, em matadores, em milicianos, em criminosos comuns, em corruptos, a revelar que a verdade só se tem transformado ao longo do tempo sem perder sua essência de ilicitude.

Fragmentos dessa ilicitude são elucidados em um dos trechos destacados por Malhões: “O Zamith entrava aqui na Baixada de chicote e

quando encontrava um vagabundo, ele dava uma surra. Porque tudo é você ter amizade. Você demonstra ser um cara bom, dá porrada, dá... No time que dá porrada, você passa a integrar o time automaticamente.”

O que Malhães fez foi romper a verdade oficial, expondo visivelmente as entranhas da máquina de produção de violência e sofrimento mediante o reconhecimento da autoria dessas graves violações de direitos humanos.

Ao reconhecer as violações, o agente rompeu os limites da verdade de formal oficial.

Levando em consideração que muitos personagens dessa história de violações silenciada ainda estão vivos, por algum tempo ainda teremos testemunhas às quais desejamos coragem para enfrentar os fantasmas e a violência que nos rondam até hoje.

A verdade, por fim, é que ninguém poderá sempre fugir da verdade, porque ninguém pode fugir de si mesmo, de modo que efetivar o direito à verdade histórica, além de dever pessoal de cada um, é obrigação comum da sociedade, e nesse momento histórico também da Comissão da Verdade do Rio. Sem isso, os algozes de ontem, protegidos equivocadamente pela Lei da Anistia, continuarão *impedindo a* cidadania de construir a história do nosso país, inspiradora de ações democráticas, para que os crimes da ditadura nunca mais se repitam.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 2014.

Wadih Damous

Presidente da Comissão da Verdade do Rio Álvaro Caldas

Membro da Comissão da Verdade do Rio Eny Moreira

Membro da Comissão da Verdade do Rio Geraldo Cândido

Membro da Comissão da Verdade do Rio João Ricardo Dornelles

Membro da Comissão da Verdade do Rio Marcelo Cerqueira

Membro da Comissão da Verdade do Rio Nadine Borges

Membro da Comissão da Verdade do Rio

1ª- Conversa Com PAULO MALHÃES:

18 de fevereiro de 2014 Parte 1

PAULO MALHÃES: até procurei aonde, desde garoto

CEV-RJ - Coronel, qual a sua formação, quando o senhor acabou o colégio, antes de ingressar no serviço?

PAULO MALHÃES: Eu lia muito sobre isto.

CEV-RJ - O senhor sempre teve esse interesse, desde menino.

PAULO MALHÃES: Desde menino. Eu lia muito...

CEV-RJ - Isto faz diferença, né?

PAULO MALHÃES: Eu lia muito, lia um livro que até os comunas mandam os caras lerem para se desenvolver...

CEV-RJ - Qual o livro, coronel?

PAULO MALHÃES: Deixa eu me lembrar, daqui a pouco já me lembro...

CEV-RJ - Mas, isto já menino? O senhor começava

PAULO MALHÃES: Menino não, já ginásio para científico. Aí eu já tinha ideia das coisas. Menino não tem muita noção. Mas, como eu gostava de História, gostava de Lia muita História e tal, eu gostava de raciocinar em termo disto. Aprendi a ter um raciocínio, jogava muito bem Xadrez, também, desculpe em dizer muito bem.... Então eu desenvolvi na minha cabeça um processo de raciocínio. E este processo de raciocínio me foi muito útil. Da pesquisa, da...

Depois eu me formei em psicologia. Aí eu melhorei mais ainda. Foi por causa disto que, no final, eu me tornei condutor dos infiltrados e até de fazer infiltrados.

CEV-RJ - Mas, o senhor aprendeu isto não foi de um dia para o outro....

PAULO MALHÃES: Não, levou tempo. Então eu terminei, então quando em terminei, quando eu vim embora, eu tratava dos infiltra-

dos. Os infiltrados que eu tinha feito e às vezes alguns que eu herdava que, por um motivo ou outro, o sujeito saía do Sistema. Então, meu papel era este...

CEV-RJ - Foram muito?

PAULO MALHÃES: Han?

CEV-RJ - Foram muitos?

CEV-RJ - E esta rede, coronel ela alcançava aonde?

PAULO MALHÃES: Nós destruimos todas as organizações subversivas porque nós acabamos com a cabeça delas..

CEV-RJ - Os líderes?

PAULO MALHÃES: É. Quando você corta a cabeça de uma cobra você acaba com a cobra. Então, este foi o nosso trabalho.

CEV-RJ - Mas, o senhor conseguiu chefiar isto porque sempre se dedicou a este trabalho de inteligência?

PAULO MALHÃES: Eu acabei sendo, porque eu conseguia conversar com os infil..... muito, com o pessoal, para transformá-los em infiltrados. Eu passei 30 dias em uma cela para poder convencer um sujeito a trabalhar para a gente.

CEV-RJ - Conseguiu?

PAULO MALHÃES: Consegui. Ele era, vou lhe dizer a ocupação dele. Era do comando central do PCdoB. Então praticamente, daí pra frente, nós anulamos o PCdoB. Depois teve do PCB, PCBR..

CEV-RJ - PCdoB foi aquela operação em São Paulo.

PAULO MALHÃES: . Não.

CEV-RJ - Não teve uma operação grande, em São Paulo, na Lapa?

PAULO MALHÃES: Teve, mas não...

CEV-RJ - que estouraram uma reunião do Comitê Central?

PAULO MALHÃES: Mas, isto porque nós sabíamos quem eles iam. Nós não adivinhamos.

CEV-RJ - Sim. Mas, ali foi o senhor com o Fleury ou foi o senhor sozinho?

PAULO MALHÃES: Não, eu dei a direção. Eu sabia aonde era, que horas que ia ser, tá, tá, tá, tá, tá tá... Não cabia a mim decidir se eu... difícil... eu comecei fazendo tudo: interrogando, prendendo, é um grupo de combate, eu comecei assim. E terminei eu analisando e dava para o meu chefe.

CEV-RJ - Este mapa, assim....

PAULO MALHÃES: O que ia acontecer. Quando eu voltava de viagem, porque eu viajava ... conheci o Brasil todo, Graças a Deus... quando eu viajava, marcava um ponto, igualzinho... Funcionava igualzinho funciona uma organização subversiva.

CEV-RJ - Os senhores copiaram o modelo ou eles que copiaram dos senhores?

PAULO MALHÃES: Não, é uma tendência normal. Para poder fazer o trabalho. Nós tínhamos aparelhos, eles tinham aparelhos. Porque quando você entra com um preso, por exemplo, dentro da PE, fica ali registrado que ele é preso. Para ele, depois, se transformar em infiltrado fica difícil. Os caras dizem 'mas, você foi preso'. Mas, quando você sequestra o cara e não leva para a prisão, leva para um aparelho e ali trabalha ele....

CEV-RJ - E não faz registro?

PAULO MALHÃES: Não há registro.

CEV-RJ - Deixa eu voltar um pouco atrás. Quando o senhor entra na área de inteligência, logo após se formar na Academia?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor se forma na Academia quando?

PAULO MALHÃES: Eu me formo em 60.

CEV-RJ - Nestes primeiros anos de 60 o senhor lidou com isto, com inteligência?

PAULO MALHÃES: Eu comecei a trabalhar neste ramo, coronel... eu fui trabalhar... Nós fomos, como aspirante e tenente, eu cheguei a ser contra a posse ... quer dizer, eu não fui por ideologia, nem ... Fui porque o meu comandante foi, contra a posse do Jango.

CEV-RJ - O senhor estava aonde?

PAULO MALHÃES: Eu estava em (demora a lembrar) São Paulo.... desculpe estes lapsos..... eu estava servindo, em Pirassununga, no 17º RC. Então, eu era de Pirassununga. Meu comandante foi contra a posse. Meu comandante dava aulas às vezes... Chegamos quatro aspirantes, como eu fui o primeiro da turma eu fui o mais antigo. Então tinha função de capitão liberada e eu fui ser capitão. Embora aspirante, assumia um esquadrão.

CEV-RJ - Mas, isto ali pelos anos de 1962, início de 60.

PAULO MALHÃES: Por aí, 1961. Eu saí da Academia e fui para Pirassununga. Dali eu fui trabalhando. Eu era comandante de Esquadrão, então quando ocorreu o Jango toma posse, não toma posse, uma parte do Exército foi a favor e outra parte foi contra, eu fui contra. Não fui contrapor minha vontade...

CEV-RJ - O senhor ficou contra.

PAULO MALHÃES: Então eu fiquei contra. Fui para São Paulo para ser contra a posse do Jango. Mas, o Jango virou e tomou posse, em consequência meu quartel foi desfeito. Foi uma solução que eles fizeram, o quartel contra ...

CEV-RJ - Isto, uma questão interna do Exército, ou chegou à presidência da República?

PAULO MALHÃES: Do Exército. Não, do Exército.

CEV-RJ - Desmantelou, assim.

PAULO MALHÃES: O Exército transferiu não sei quem para cá e eu, por ser comandante do Esquadrão de apetrechos pesados, quer dizer o que levava as metralhadoras, foi escolhido o quartel mais comunista que existia, foi escolhido para mim.

CEV-RJ - De propósito

PAULO MALHÃES: De propósito

CEV-RJ - Qual era?

PAULO MALHÃES: Foi o 3º BCC

CEV-RJ - Onde?

PAULO MALHÃES: Em Realengo.

CEV-RJ - E era, realmente...

PAULO MALHÃES: Era. O pessoal todo ali era

CEV-RJ - Janguista?

PAULO MALHÃES: Não eram comunistas, mas eram governistas. Janguistas.

CEV-RJ - Estavam do outro lado.

PAULO MALHÃES: Estavam do outro lado que eu fui. Então, quando eu cheguei lá, eu vim marcado na paleta, como se diz, não é? Este cara é contra. Então, tudo de ruim que tinha no quartel, caía na minha mão. Aí fui me revoltando com aquilo e passei a ser contra, passei a ser de direita. Embora não existe esquerda, direita, não existe.

CEV-RJ - Mas, o senhor não concordava

PAULO MALHÃES: Não concordava com o meu tratamento. Então, em consequência, eu fui contra. Certo? (09:50)

(começa uma explicação sobre esquerda e direita após a Revolução francesa)

CEV-RJ - (10:58) Mas, lá em Realengo. Quando o Sr. chegou, como o senhor falou, já estava marcado..

PAULO MALHÃES: Marcado. Fui mal recebido e por sorte minha, isto foi sorte, eu era instrutor do curso de sargento, dava aula aos sargentos sobre , a parte ... eu estudei blindados bem, fiquei bem em blindados, aí eu fiquei... mas trabalhava enquanto todo mundo coçava, eu estava trabalhando. Isto até doi a causa da minha primeira separação, da primeira esposa que eu tive. Eu às vezes saía do quartel sete ou oito horas da noite. E tinha que estar no quartel sete horas da manhã, antes dos meus soldados e meus sargentos acordarem. Então fui maltratado. Eu me considero hoje maltratado. Então, eu era contra eles.

CEV-RJ - Mas, tinha mais gente junto com o senhor...?

PAULO MALHÃES: Não, não.

CEV-RJ - ... que o senhor fosse se aproximando, ou não?

PAULO MALHÃES: Depois é que alguns tenentes ficaram a meu favor.

CEV-RJ - E o senhor fez a cabeça destes seus alunos, quando o senhor dava o curso?

PAULO MALHÃES: Exatamente. Então aconteceu, quando houve a revolução, eu tinha o meu quartel, o quartel era meu, não era do comandante.

CEV-RJ - O senhor foi ganhando...

CEV-RJ - Ganhando na sala de aula. Cabos, sargentos...

PAULO MALHÃES: Quando o coronel Frota chegou lá para assumir a minha unidade, ele procurou a mim. 'Quero falar com o tenente' – eu era tenente – 'com o tenente Malhães.' Aí pergunto: 'você me dá posse no seu quartel? Eu disse, dou, o senhor pode entrar que o senhor é o comandante.

CEV-RJ - Quem era o comandante que caiu?

PAULO MALHÃES: Ah, nem me lembro. Não vamos falar em nomes. Tem nomes que a gente pode falar, tem nomes que a gente deve esquecer. O coronel até levava mulher para o quartel, era uma bagunça danada. Mas, aí o coronel caiu, o coronel assumiu, acabou assumindo a Divisão Blindada, foi a general rápido, né? E assumiu a Divisão Blindada e eu passei a ser o maior peixe do mundo do coronel. E fui peixe dele até morrer.

CEV-RJ - O Fróes?

PAULO MALHÃES: O Frota.

CEV-RJ - Era o Sylvio Frota.

PAULO MALHÃES: Era. Até morrer nós éramos amigos.

CEV-RJ - Ele morava ali no Grajaú

PAULO MALHÃES: No Grajaú, eu também depois morei no Grajaú.

CEV-RJ - Mas, assim, nesta época, quando teve a revolução, ele reconhecia o seu trabalho...

PAULO MALHÃES: É, porque eu já era do MAC – Movimento Anticomunista.

CEV-RJ - Já existia?

PAULO MALHÃES: Já existia. Eu era um dos membros do MAC. Andei botando umas bombinhas por aí.... Nunca matou ninguém, mas andou, né?

CEV-RJ - Assustando.

PAULO MALHÃES: ...o Diário de Notícias, que era o jornal....

CEV-RJ - A relação destas bombas está nesta denúncia nova no caso do Riocentro

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não, mas isto é depois.

PAULO MALHÃES: Isto é depois.

CEV-RJ - Mas, eles não relacionam ao MAC, mas ao grupo Secreta.

PAULO MALHÃES: Isso é depois,,,,,

CEV-RJ - Mas, após 64, o senhor continuou lá em Realengo.

PAULO MALHÃES: É, continuei um certo tempo. (15:16) Aí eu fui tirar. criaram o primeiro curso de informações no Exército. Aí o Frota me pegou e me botou para tirar. Aí, praticamente eu saí do BCC. No Rio. Saí do BCC, 3º Batalhão de carros de Combate. Saí e fui trabalhar na 2ª Seção do Exército. Aí já fui para o Exército, 2ª Seção do Exército

CEV-RJ - O então Comando do Primeiro Exército.

PAULO MALHÃES: Então Primeiro Exército.

CEV-RJ - Mas, ainda como tenente, ou não?

PAULO MALHÃES: Não, aí eu fui promovido a capitão e fiquei lá. Como fui o primeiro lugar no curso também, me chamaram para lá e eu fiquei lá. E lá, aí é que eu comecei a desenvolver já a mentalidade de informações. Por que o coronel que era o E2 do Exército, já me pegava e me botava para estudar certos problemas, antagonismo, que havia contra o governo, esta coisa toda. Aí eu comecei a trabalhar mais... me botaram para ouvir loucos, uns troços gozados à beça, mas vamos lá. O cara que via disco voador, né?

CEV-RJ - O senhor tinha um time junto com o senhor?

PAULO MALHÃES: Eu sempre procurei fazer o meu time. Eu não ganhava de graça o time, não. Comecei a pegar o sargento que eu achava mais inteligente, melhor, e tal, não sei o que, e fazia, então, o grupo...

CEV-RJ - que se destacava...

PAULO MALHÃES: Então, nós íamos para a rua, pra acompanhar os movimentos dos estudantes. Aí, na época, já começou, porque começou lá foram, na Holanda, na Alemanha...

CEV-RJ - Isto ainda não era 68, era 60 o quê? Era Castelo, era Costa e Silva?

PAULO MALHÃES: Não, acho que era Castelo.

CEV-RJ - Mas, logo no início?

PAULO MALHÃES: Era Cstelo

CEV-RJ - Só tinha ainda os tradicionais PCB e PCdoB...

PAULO MALHÃES: Não, ainda não.

CEV-RJ - Ainda não tinha o PCdoB?

PAULO MALHÃES: Não, ainda não. Quem tinha.... já existia, pelos meus estudos, o PCB. Porque o PCB é muito antigo.

CEV-RJ - Só para não perder. Ai nestas passeatas de estudantes o senhor já tinha a sua equipe?

PAULO MALHÃES: A gente já se infiltrava...

CEV-RJ - Mapeando...

PAULO MALHÃES: Já procurava conhecer quem era os líderes. Então ai começou o trabalho, este. Mas não tinha ainda o infiltrado.

CEV-RJ - Mas, esta tática de já ir identificando os líderes, isto já passava pela sua cabeça?

PAULO MALHÃES: Não, já tinha. Passava. Então, nós procurávamos, por exemplo, um lugar bom para observar... aquela missa que foi feita pelo...

CEV-RJ - Edson?

PAULO MALHÃES: É, que foi assassinado pelos próprios comunistas, né?

CEV-RJ - Do Calabouço?

PAULO MALHÃES: Foi

CEV-RJ - Não, esta historia eu não sei.

PAULO MALHÃES: Era um cara que não tinha família, que estava encostado, que vivia no calabouço, que comia e dormia no calabouço, então não tinha ninguém para reclamar dele. E em uma destas fugas da polícia, um próprio cara do... que era.. já nem podia dizer que era comunista , um próprio cara atirou nele e botou a culpa na polícia.

CEV-RJ - Mas, é porque era alguém que não iria ter ninguém que reclamasse?

PAULO MALHÃES: Reclamasse por ele.

CEV-RJ - Mas, aí já era 68?

PAULO MALHÃES: 68. Aí nós vamos

CEV-RJ - Aí já estava efervescendo.

PAULO MALHÃES: Estava efervescente.

CEV-RJ - Já tinha o Ai-5.? Não, ele veio depois.

PAULO MALHÃES: Logo depois. Aí nós provocamos praticamente o AI-5.

CEV-RJ - Como assim?

PAULO MALHÃES: Por ações, destas, de botar... por exemplo, o Diário de Notícias era um jornal que era contra... era a favor do governo, aí botava uma bombinha no jornal de Notícias. No dia, não fazia mal a ninguém, mas ...

CEV-RJ - Mas, dava o susto?

PAULO MALHÃES: Entendeu? Então o cara, baseado neste esquema, o presidente da República resolveu baixar o AI-5.

CEV-RJ - Mas, para segurar os senhores ou para segurar a esquerda que se movimentava via estudantes?

PAULO MALHÃES: É, uma era motivação para a outra. Era só você botar a culpa naquilo, simples...

CEV-RJ - Os senhores jogavam a culpa na esquerda?

CEV-RJ - Era também o jeito de ganhar o apoio da sociedade, porque as pessoas não queriam ver baderna, bagunça, bomba?

PAULO MALHÃES: Se assemelha muito à situação atual. Só que a esquerda bobeou. O esquerdista, em vez de ser um cara oculto, que caminhasse nas sombras igual a gente, todo mundo sabia que o cara era comunista.

CEV-RJ - Não bastava ser, tinha que dizer que era.

PAULO MALHÃES: Que era...

CEV-RJ - Era mais fácil para vocês identificar?

PAULO MALHÃES: E a gente só nas sombras em que eles estavam aparecendo.

CEV-RJ - Os senhores eram muitos, nesta época?

PAULO MALHÃES: Não. Sempre foi um grupo pequeno. No máximo de 25 homens.

CEV-RJ - Só no Rio?

PAULO MALHÃES: Só no Rio. Depois é que se fez nos estados, eu não posso dizer em.. eu vou julgar os outros, eu não gosto de julgar. Se bem ...

CEV-RJ - montados ou não?

PAULO MALHÃES: ... montados ou não. Mas, nós tínhamos no Rio já, no Exército, um grupo bem formado.

CEV-RJ - Uma boa estrutura.

PAULO MALHÃES: Tanto é que logo assim que isto virou o AI-5 nós fomos convidados então para fundar o CIE, o Centro de Infor-

mações do Exército. Já tinha os oficiais, que eram todos coronéis, entramos nós....

CEV-RJ - Quem eram estes coronéis? Eles já morreram?

PAULO MALHÃES: Alguns, eu posso dizer para você. Tinha sujeitos notáveis. Adyr Fiúza de Castro, já escutou falar?

CEV-RJ - Já.

PAULO MALHÃES: Exímio jogador de xadrez.

CEV-RJ - Inteligente?

PAULO MALHÃES: Inteligente.

CEV-RJ - Sobre ele, a gente conversa depois que eu tenho uma história que me contaram dele.

PAULO MALHÃES: Fantástico. Um cara superinteligente. Eu jogava muito xadrez com ele, jogavam sempre pelo empate, porque eu nunca podia tentar ganhar ele, só ganhei dele uma vez. Então, eu jogava sempre para o empate.

CEV-RJ - Ele ainda era coronel, nesta época?

PAULO MALHÃES: Era coronel

CEV-RJ - E este Centro, o CIE, foi montado no Rio? No primeiro Exército?

PAULO MALHÃES: No primeiro Exército. Lá em cima, aí já foi no 23º andar, que já era do gabinete do ministro. O CIE não era mais do Exército, o CIE era do ministro.

CEV-RJ - Sim, tanto que se a gente pega a estrutura da época era ligado direto ao gabinete

CEV-RJ - O ministro era o?

PAULO MALHÃES: Como é que era? Um cara que fumava charuto.

Não vou lembrar o nome dele.¹ Eu não me lembro. Ele fumava charuto, eu achava gozado.

CEV-RJ - O CIE garantiu a capilaridade, esta estrutura?

PAULO MALHÃES: Aí nos fomos... nós fomos para a seção, existia a seção de operações, a seção de informações e a seção de contrainformações.

CEV-RJ - Isto os senhores copiaram de quem? Dos Estados Unidos?

PAULO MALHÃES: É mais da Inglaterra do que dos Estados Unidos.

CEV-RJ - O modelo é mais parecido mesmo.

PAULO MALHÃES: Mais da Inglaterra do que dos Estados Unidos. Porque, inclusive ...

CEV-RJ - Mas, na Escola das Américas, o senhor teve formação para isto?

PAULO MALHÃES: Tive. Mas, aí já era para guerrilha rural.

CEV-RJ - Sim, outro foco.

PAULO MALHÃES: Outro foco. Então, nós começamos a trabalhar. Estudar, todo mundo gostava. Era uma condição “sine qua non” para você ir para lá. Então, todo mundo estudava, conversava, discutia, pá, pá pá. ‘ Não, vamos fazer isto.’ ‘ Não, isto nós não vamos fazer porque está errado. Nós temos que... Não podemos esquecer que somos membros do gabinete do ministro.’

CEV-RJ - E o ministro acompanhava, coronel? Ele sabia passo a passo? Os senhores tinham esta obrigação de estar sempre...

1 Provavelmente Aurélio de Lira Tavares, que foi ministro de 15 de março 1967 a 30 de outubro de 1969, no governo Costa e Silva. Com o ministro o da Aeronáutica, Marcio de Souza Mello e o ministro da Marinha, Augusto Rademaker, participou da Junta Militar que substituiu Costa e Silva entre 31 de agosto e 30 de outubro de 1969;

PAULO MALHÃES: Ele era sempre informado.

CEV-RJ - Vocês não faziam nada.... poderia até não estar junto mas ele estava sabendo?

PAULO MALHÃES: Estava sabendo. E o ministro faz – quem faz isto é o presidente, mas o ministro também faz o dele – os EEI – os Elementos Essenciais de Informações que ele precisa, sobre o Exército, em especial, e normalmente sobre o envolvimento do governo.... Então, através destes EEI, eles sabiam tudo. Relatórios eram feitos. Nós fazíamos relatórios, passavam pelo chefe da seção. Eles se ligava mais aos chefes das seções. Eu tive oportunidade de me ligar a ele algumas vezes por uns contratempos que houve. Então ele mandou me chamar, eu expliquei o que tinha acontecido, ele me deu razão e então ficou por isto mesmo.

CEV-RJ - Nestas três linhas, o senhor atuava mais forte em qual? Ou eram nas três?

PAULO MALHÃES: Eu comecei como Operações.

CEV-RJ - De captar informações na rua?

PAULO MALHÃES: Na rua, no grampo telefônico.

CEV-RJ - Já tinha, nesta época?

CEV-RJ - Mas aí vem aquela coisa que o senhor falou no início, que o foco era mapear as lideranças, a cabeça da cobra?

PAULO MALHÃES: É, e com isto nós formamos, já começamos a fazer as famosas “Aranhas”. O que é uma “aranha”? Você faz uma bolinha, bota o nome do cara que você tem e começa a seguir ele, escutar ele, para ver a quem ele era ligado. Assim você vai expandindo isto. Aí você descobre fácil o que é o chefe. Por causa das linhas que as “aranhas” vão traçando. Uma “aranha” significa isto. Era o estudo que você fazia. Eu tinha uma parede quase toda minha, em que eu fazia isto, as bolinhas...isto eu fiz durante toda a vida

CEV-RJ - Naquela época não era muito fácil de gravar um telefonema, era? Os senhores gravavam na Telerj, não é?

PAULO MALHÃES: Era direto de lá. Ai vinha um ramal, no gabinete. Este gabinete tinha os gravadores e cada um, dependendo do nível, cada um era obrigado a estudar...

CEV-RJ - Sim, da sua investigação...

PAULO MALHÃES: ... da sua investigação. (28:29) Ou seja, estudava ali. Até é interessante porque você passa a conhecer a vida...

CEV-RJ - pessoal da...

PAULO MALHÃES: ...pessoal da ... E tem coisas interessantíssimas, né?

CEV-RJ - Devia ter muita história....

PAULO MALHÃES: Às vezes você ri muito.... Então

CEV-RJ - Mas, tinha limitação do numero de telefonemas?

PAULO MALHÃES: Ah, tinha.

CEV-RJ - Porque houve uma época em que no Brasil se dizia que todo mundo estava grampeado

PAULO MALHÃES: Não. Como dizem hoje que os Estados Unidos fez. Os Estados Unidos não grampeou todo mundo. Os EUA grampearam os elementos principais do governo. Certo? E, provavelmente, do contrário ao governo, o principal. Grava. Para que ele possa fazer este mesmo serviço que nós fizemos. Ah, porque os EUA espionava o Brasil. Não espionava o Brasil, espionava o presidente da República, aonde ele enfiava o dinheiro dele que a gente sabe que é lá no Caribe, né? Isso, depois eu entro neste detalhe... Bom, então, nós estamos naquela história, né?

CEV-RJ - Mas aí, coronel, neste momento das operações, nesta coisa da Aranha que o senhor começa a, a partir do momento que vocês identificavam a ideia já era pegar estes elementos ou vocês esperavam para avançar mais?

PAULO MALHÃES: Não. Nós não tínhamos ordem para prender ninguém.

CEV-RJ – Identificando?

PAULO MALHÃES: Só identificando. Normalmente identificando...

CEV-RJ - E aí apresentavam isto, conforme ia fechando...

PAULO MALHÃES: Apresentava o resultado, ‘acompanha. Continua acompanhando’.

CEV-RJ - E o tempo, coronel? Demorava muito?

PAULO MALHÃES: Não. Aí depois de um certo tempo você tinha mais prática. Sua análise era mais rápida. Mas isto demorou na evolução na sua mente. Tinha que evoluir dentro da cabeça da gente. Trabalhar em informações você leva anos e anos aprendendo. Porque cada trabalho que você faz, ele é feito de uma forma. Então, não adianta você querer pegar um cara que não conhece nada, botar ali e diz ‘você vai fazer isto’. Porque ele não vai fazer. Ele precisa ter uma certa experiência. Então, foi isto que aconteceu. Nós fomos criando experiência, criando experiência, criando experiência e chegamos. O tempo foi evoluindo, as condições de antagonismos foram aumentando, até chegar ao momento em que não era mais suportável aceitar quanto ao antagonismo do comunismo em relação ao governo. Porque eles se diziam, e está provado que é mentira, que eles queriam a libertação, que eles queriam transformar o país em um país comunista. Isto era impossível transformar o Brasil em um país comunista. Se quiserem depois eu explico para vocês. Então, mas eles diziam isto, que iam transformar o Brasil em um país comunista. Eles na realidade queriam, a maioria dos líderes, é uma boca para poder roubar. Isto você está vendo hoje. O governo é comunista hoje. Você sabe disso, né? E você só vê roubo. Eles não atravessam o passo para transformar o país em um país comunista porque eles sabem que o Brasil não aceitará isto, do brasileiro, a formação cultural do brasileiro, ele não aceitará. Aí eu vou dizer para vocês o que eu aprendi com o Adyr Fiuza de Castro. O comunismo é um inseto, é a vida da abelha, a vida da formiga, tudo certinho, você nasce mas já está direcionado para ser aquilo, você não pode mudar, não pode galgar um grau superior, você já nasce conectado com aquela direção, então você vive em função da colmeia, ou do kibutz ou da comuna, tanto

faz. Já o homem, a natureza do homem, ele é um animal. Então já é mais parecido com o lobo. O que o lobo faz? O lobo vive a vida dele e cada lobo vive a sua vida. Quando chega o inverno, o lobo se reúne em uma alcateia para poder vencer, favorecer e caçar os animais e estas coisas todas, para dividir entre o grupo. Só que se um lobo encontrar sozinho uma presa e ele conseguir, ele leva para a casa dele, não divide com os outros. Isto é do animal. E nós somos assim. Não somos formiga, nem abelha. Não aceitamos esta igualdade, certo? Que eles querem imprimir no comunismo. Você não tem casa, você não tem nada. Tudo é do governo. Você não pode ter religião, você não pode ter isto, ter aquilo. O comunista não pode. Então nós não temos, no Brasil condições de mais de aplicar isto. Isto foi possível aplicar em um país como a Rússia. Por quê? Porque o cara disse que acabou com um terço da população. Assim disse Lenin. Matei um terço... Stalin, aliás. um terço da população para poder transformar em um país comunista. Ele alega até isto, na época em que ele governava, que isto seria aplicado em um país capitalista. Você teria que exterminar pelo menos um terço da população, porque senão você não conseguia enquadrar dentro do comunismo.

CEV-RJ - Pelo o que o senhor falou, vocês conseguiram eliminar as organizações, não é que tenha sido fácil, mas vocês fizeram um trabalho que deu para identificar?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Quando é que é o up grade? Quando é que os senhores param de levantar só informações e começam a .. É em 70?

PAULO MALHÃES: É. É 70, 71.

CEV-RJ - É quando surge o DOI?

PAULO MALHÃES: É, surge o

CEV-RJ - Mas isto era pensado, coronel? Ter uma estrutura para dar uma sustentação?

PAULO MALHÃES: Era, Era o sistema de informações funcionando.

CEV-RJ - E o senhor vê isto como êxito, porque esta experiência do Rio, pelo pouco que eu sei da história, ela foi... nem sempre foi bem replicada, mas tentaram reproduzir em outros estados, inclusive na América Latina, enfim...

PAULO MALHÃES: São Paulo, também não foi 100% aplicada, houve furos. Então, é...

CEV-RJ - O senhor acha que aqui foi melhor? Foi mais bem organizado? O senhor acredita nisto?

PAULO MALHÃES: Não. Acredito que só existiu uma organização bem organizada, que aqui era o CIE. Na Marinha era o Cenimar e na Aeronáutica era o CISA...

CEV-RJ - Eles copiaram dos senhores? Os senhores foram os pioneiros?

PAULO MALHÃES: Eu ajudei a fundar o CISA

CEV-RJ - E o Cenimar?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, o Cenimar é depois do CIE?

PAULO MALHÃES: É, depois. Como é ...

CEV-RJ - O Exército foi o primeiro?

PAULO MALHÃES: Foi o primeiro. Como é que foi o do CISA. Do CISA era o brigadeiro Burnier, chefe de gabinete do ministro da Aeronáutica...

CEV-RJ - O Mello²

PAULO MALHÃES: É. O Mello maluco. Então, ele queria fundar o CISA...

2 Márcio de Souza Mello foi ministro da Aeronáutica de 1964 a 1965 e de 1967 a 1971. Com o ministro do Exército, Aurélio de Lira Tavares e o ministro da Marinha, Augusto Rademaker, participou da Junta Militar que substituiu Costa e Silva entre 31 de agosto e 30 de outubro de 1969.

CEV-RJ - Mas, já partindo que a experiência do CIE estava tendo êxito?

PAULO MALHÃES: Então, ele chamou eu e um colega...

CEV-RJ - nesta época o Perdigão já estava com o senhor?

PAULO MALHÃES: Já, Perdigão...

CEV-RJ - O Paim Sampaio também?

PAULO MALHÃES: O Paim Sampaio...

CEV-RJ - O outro também, o ...

CEV-RJ - Brant

PAULO MALHÃES: O Brant, o Branzinho

CEV-RJ - Quem mais?

PAULO MALHÃES: Ah, tinha.... vamos deixar isto de nome de lado....Mas, cada um tinha a sua função, cada um era.... Éramos todos amigos...

CEV-RJ - Mas este grupo ajudou também o Cenimar e o CISA? Ou foi só o senhor?

PAULO MALHÃES: Não, Cenimar fui eu e o Brant. O Burnier chamou a gente e disse... **CEV-RJ** – CISA?

PAULO MALHÃES: ... ‘eu preciso fundar o CISA. Mas, não encontro como mostrar ao ministro que isto funciona’.

CEV-RJ - Vocês não eram a prova de que isto funcionava?

PAULO MALHÃES: Não, mas o ministro não reconhecia muito isto. ‘Então eu quero que vocês façam o seguinte. Eu tenho um problema no ITA. Eu quero que vocês vão para lá, entre como faxineiro, vamos arranjar um jeito de colocar vocês lá dentro. E quero que vocês mostrem quem é que faz... vamos dizer, o problema ao contrário, procura prejudicar as ações do ITA’. Aí nós fomos, levantamos tudo direitinho. Era um major da Aeronáutica. E levamos para ele...,

CEV-RJ - Mas tinha ligações políticas?

PAULO MALHÃES: Ele era esquerdista.

CEV-RJ - Mas, sem ligações com partidos?

PAULO MALHÃES: Deveria ter... PCB.. não era guerreiro.

CEV-RJ - Não era um Lamarca?

PAULO MALHÃES: Eu digo que o PCB não é guerreiro. Tanto é que foi o ultimo que tivemos que derrubar foi o partido, porque não tínhamos mais nada a fazer e derrubamos o coitado do Partidão. Né? Porque são mais velhos pensadores. Eles são comunistas, eles acham que é o ideal....

CEV-RJ - Não pegaram em armas.

PAULO MALHÃES: Não. Nem tentaram...

CEV-RJ - Mas, isto no ITA teve sucesso?

PAULO MALHÃES: Teve sucesso. Ai levamos para o Burnier. O Burnier mostrou para o ministro 'Poxa que troço, ah, então funciona assim, eles descobrem. Ele disse é, então funda o CISA'. Aí ele fundou o CISA. Tanto é que eu e o Brant temos uma medalha de Mérito da Aeronáutica. Nós ganhamos, o Burnier fez nós recebermos esta medalha.

CEV-RJ - Reconhecendo o trabalho de vocês.

PAULO MALHÃES: Eu até me senti muito orgulhoso, foi o dia em que eu fiquei mais vaidoso.

CEV-RJ - Isto foi em 69? Por que o CISA já existia em janeiro de 70 quando cai o Rubens Paiva. Já foi um trabalho do CISA a prisão daquelas moças que desceram do Chile com as cartas. Então isto era 19 de janeiro.

PAULO MALHÃES: É já existia

CEV-RJ - Então 69?

PAULO MALHÃES: 68, por aí. Não lembro muito as datas não. Mas aí passou o CISA e o nosso relacionamento com o CISA sempre foi ótimo, por causa disto.

CEV-RJ - E com o Cenimar, havia disputa?

PAULO MALHÃES: Eu, por exemplo, não era disputa. Eu, por exemplo, não concordava com muitas coisas que eles faziam.

CEV-RJ - Tipo, assim?

PAULO MALHÃES: É você... eles prenderem seu informante...

CEV-RJ - Informante da outra força?

PAULO MALHÃES: Nosso informante. Eles prendiam e dava sumiço, embora a gente protestasse pela prisão do cara...

CEV-RJ - Mas, que ainda podiam ser úteis?

PAULO MALHÃES: É. Ele era um informante. Fazer um informante não era fácil..

CEV-RJ - Mas, eles faziam isto para impedir o trabalho dos senhores e aparecerem mais?

PAULO MALHÃES: Não, eles faziam isto por ideia deles mesmo...

CEV-RJ - Estratégia equivocada?

PAULO MALHÃES: ... não interessava quem era. Nem que ninguém (inaudível). Então, quando eu tive oportunidade, eu fiz a mesma coisa com eles. Daí nós começamos a entrar em choque. Eu chiei, quando fizeram comigo e eles chiaram quando fizeram com eles. Então, daí para a frente nós vivemos em choque, eterno choque. Tanto é que eu não tenho medalha nenhuma da Marinha. Entendeu? Todo mundo ganhou, era uma medalha jogada para o alto. E eu não tenho, nunca me deram. Eu nunca fui convidado para visitar o Cenimar. Nem sei aonde que era, sei que era ali pela Ilha das Cobras, por ali, mas nunca fui lá. Já o CISA não, eu ia constantemente. Nós precisávamos de um avião, para ir a qualquer lugar...

CEV-RJ - Coronel, o senhor estava ficando conhecido por isto. Aí o senhor começou a sair do Rio de Janeiro? Tinha um papel de formação? O senhor ia levar adiante este papel?

PAULO MALHÃES: Eu comecei, eu ia.... Foi feita uma prisão grande no Ceará. Aí eu pedia para ir para o Ceará para tentar captar informantes. Eu geralmente captava um, dois. Embora um não soubesse que o outro era. Isto vai explicar muito a Casa de Petrópolis, aí eu vou explicar a vocês a Casa de Petrópolis. Por que um infiltrado não pode saber que o outro é. Por que um toma conta do outro, é obrigado, né? Sem ele saber que o outro é, ele toma conta. Então, para você é o ideal. Aí eu corri praticamente o Brasil inteiro coletando informantes. Então eu viajava muito.

CEV-RJ - Porque tem algumas coisas em que o nome do senhor aparece em um período em que o senhor esteve em Porto Alegre, depois tem lá em Foz do Iguaçu também...

PAULO MALHÃES: Em Santa Catarina

CEV-RJ - Aparece isto, depois, mais tarde, um pouco mais para a frente, foi lá no Araguaia?

PAULO MALHÃES: No Araguaia foi aonde nós transformamos a tropa fardada em tropa a paisana... Porque um soldado correndo no meio do mato você escuta a três quilômetros de distância. Sacode o cantil, sacode aquele bando de bagulho que ele leva, então não tinha como combater os guerrilheiros.. ali já eram guerrilheiros... Porque o importante de tudo..

CEV-RJ - O senhor ia nestes lugares?

PAULO MALHÃES: Ganhava alguns. Então, o importante disto tudo era vocês entenderem o principio. Nós nunca prendemos garotinho jogando bola de gude, nem garotinho soltando pipa na rua. Nós prendíamos guerrilheiros. O que são guerrilheiros? Eles se diziam guerrilheiros, podia ser quer não fossem. Mas, eles se diziam guerrilheiros. Guerrilheiro é quem guerreia. É preciso entender isto, é muito importante a gente entender... 'Ah vocês pegaram deram su-

miço no X, no Y, no H, no C, no D..? O que eles eram? Eram guerrilheiros.... Não foi... Não pegaram ela porque ela estava passeando lá, como ela disse que conheceu lá...

CEV-RJ - No rio Araguaia...

PAULO MALHÃES: ... no rio Araguaia, ela estava passeando e pegamos ela e... Não. Ela não era guerrilheira. A gente já tinha identificado todos os guerrilheiros que estavam lá.

CEV-RJ - Os senhores, CIE?

PAULO MALHÃES: É. Então, a primeira tropa que foi, foi a paraquedista, para lá. Depois foi a tropa regional mesmo para lá e não deu certo. Foi um fracasso. Aí entramos as zebras, que eram formadas por 13 homens e um campeiro, um cara da região que conhecesse a terra.

CEV-RJ - Um mateiro, como eles chamam?

PAULO MALHÃES: É, um mateiro. O cara que soubesse como era a região. E aí sim, o troço começou a dar certo. O mateiro me ensinou uma coisa importantíssima. Ele olhava. Eu perguntava, 'pô passou alguém por aqui? Ele disse, 'passou.

Faz quatro horas que eles passaram por aqui'. Eu pensava, maluco, como é que ele sabe? 'Passou alguém por aqui?' 'Passou. Faz dois dias que gente passou por aqui. Eles andam e voltam aqui, é só esperar eles passarem de volta. Vamos esperar eles passarem de volta'. Aí eu perguntei para ele. "Ué, meu amigo. Estou abismado com você. Como você sabe que passou três horas, vai voltar?". Ele disse, pelo mato. Aí fui olhar com ele. 'Está vendo estes mosquitinhos, que dão na folha? É porque a folha está com suor. Então, tem que ter passado um ser humano por aqui para deixar suor na folha'. Então, a quantidade de mosquitinhos indicava o tempo... Como é que a gente ia saber disto? Se a gente fosse cru iria ficar procurando em zigue-zague...

CEV-RJ - E os índios, coronel, eles fizeram também... porque este tipo de conhecimento para eles também é muito presente?

PAULO MALHÃES: É, mas os índios não interferiram não. Interferiram mesmo os mateiros, campeiros. Eles é que nos ajudaram, nos ensinara, inclusive.

CEV-RJ - Para o senhor, para este trabalho que os senhores faziam lá, era muito difícil chegar nos mateiros ou os mateiros mesmo sentiam segurança?

PAULO MALHÃES: Quando nós chegamos lá, os comunistas já tinham mexido na região...

CEV-RJ - Isto é o que se fala, que eles foram para lá e ajudaram a fazer parto, ajudaram a dar remédio para as pessoas.

PAULO MALHÃES: Se aproximaram da população...

CEV-RJ - E como foi isto, de vocês conseguirem?.

PAULO MALHÃES: Quando nós chegamos, eles nos chamavam de a Força. Não tinha nome porque não sabiam se era Exército, Marinha, Aeronáutica.

CEV-RJ - Os moradores ou os guerrilheiros?

PAULO MALHÃES: Os moradores. Chegou a Força. Então víamos quem era o campeiro, perguntávamos se o campeiro queria trabalhar, pagava ao campeiro, ele era remunerado, é logico, e ele passava a trabalhar em uma destas zebras. E foi o que acabou com eles lá.

CEV-RJ - Os senhores montaram quantas zebras?

PAULO MALHÃES: Ah, era variável à beça...

CEV-RJ - Mas, apesar do lugar, a técnica é muito similar com o que o senhor já vinha acumulando com conhecimento, mapeamento?

PAULO MALHÃES: Mas, ali era procurar o guerrilheiro, não queria saber quem era. Se ali passava guerrilheiro, nós íamos pegar o guerrilheiro ali.

CEV-RJ - Mas, este apoio local, o senhor acha que isto foi uma bota tática que vocês usaram?

PAULO MALHÃES: Foi a melhor coisa que nós descobrimos na vida para guerrear no mato. Você conheceu a selva amazônica, você sabe que o dia vai clarear às 10hs da manhã, se clarear um pouquinho, vai escurecer antes das quatro da tarde, aquelas árvores gigantescas fecham. Você anda de lama até aqui...né? Se você andou no meio do mato

CEV-RJ - Andei lá, tudo.

PAULO MALHÃES: Você sabe que anda de lama de folha. Não é lama de terra, é lama das folhas que caem, apodrecem e faz uma lama. Então, é difícil. A guerrilha, tanto é que o americano perdeu na guerrilha. Perdeu porque o americano, como perde em tudo quanto é país que ele ocupa, ele erra em um princípio básico e aí porque ele quer fazer daquele lugar que ele ocupa o mesmo estilo de vida que o americano tem nos Estados Unidos. Ele jamais vai conseguir convencer aquela população a aceitar aquele estilo de vida. Então foi o grande erro deles.

CEV-RJ - O senhor não ficou muito tempo lá, não é?

PAULO MALHÃES: Não, eu ia de vez em quando.

CEV-RJ - Já no final, meados de 70?

PAULO MALHÃES: Depois da passagem das tropas. Logo depois vieram as zebras. Aí eu já estava começando as zebras. Porque o general Bandeira, que era o comandante da região, no caso, comandante de guerra da região, era também meu chapa. Porque tudo é amizade que você vai fazendo. Vão gostando do seu trabalho, o cara passa admirar você, embora seja coronel, seja general...

CEV-RJ - E foram lhe dando espaço?

PAULO MALHÃES: ... então, ele passa a acreditar no seu trabalho. Então, o general Bandeira era muito meu amigo, era amigo do Curió...

CEV-RJ - O senhor tinha relação boa com o Curió também?

PAULO MALHÃES: Tinha. Eu sacaneava muito o Curió. Brincava muito com ele. Por que o Curió era muito fantasioso. Não sei se ainda é. Ele era muito fantasioso. Ele fazia grandiosidade de bobo. Quando a gente ia ver na realidade, não era nada daquilo. Eu sacaneava muito ele, brincava muito com ele. Mas ele era trabalhador.

CEV-RJ - Ele tem este traquejo da política..

PAULO MALHÃES: É, ele já é mais político. A queda dele foi uma burrice dele. Os garimpeiros, ele dominava os garimpeiros. Porque ele é quem foi tomar conta de Serra Pelada, então ele dominava os garimpeiros. Os garimpeiros iam fazer uma marcha até Brasília, contra o término do garimpo, este troço todo e o Figueiredo pediu a ele que não deixasse isto acontecer. Ele disse, 'presidente, eu não posso. Estou do lado deles'. Aquilo praticamente terminou... porque ele era muito peixe do Figueiredo.. Aquilo praticamente terminou com o comando dele em Serra Pelada. (55:26)

CEV-RJ - Vamos voltar um pouco atrás. O senhor estava falando da criação do CIE e nós íamos falar no upgrade. Antes vamos perguntar, o SNI nasce e se dá bem com o CIE?

PAULO MALHÃES: A maioria do pessoal do SNI era do Exército. Muitos deles nascidos junto com a gente. Pelo menos a parte operacional.

CEV-RJ - E como era esta aproximação para puxar para o SNI, como era a definição de quem ficava no CIE?

PAULO MALHÃES: Bom, eu fui puxado para o SNI, mas o CIE negou me ceder ao SNI, então fiquei no CIE.

CEV-RJ - Mas, o senhor tinha uma relação...

PAULO MALHÃES: Boa, até com o chefe da seção de operações. Tinha trabalhado comigo, e tudo.

CEV-RJ - O Perdigão foi para o SNI.

PAULO MALHÃES: Depois, bem depois. O pessoal preferiu ir para o SNI. Eu também preferia, ganhava mais.

CEV-RJ - Mas, tinha uma coisa de status, coronel? O senhor acha que rolava isto?

PAULO MALHÃES: Não, informações não tem status. Não tem status. Eu não me vangloriava pelo o que eu fazia, eu fazia e pronto. Os outros também não se vangloriavam pelo que faziam. A diferença do Curió era esta, por causa disto é que a gente perturbava muito ele. Era esta. Ele, não. Ele era político. Tanto é que depois ele foi eleito deputado.

CEV-RJ - E quando nasceu a estrutura DOI-CODI?

PAULO MALHÃES: O DOI-CODI nasce...

CEV-RJ - da necessidade do CIE ter um braço operacional?

PAULO MALHÃES: Não. Eu acho que foi mais o orgulho ferido dos comandantes do Exército de não ter um órgão de informações nas mãos dele. Quando todo mundo descobriu que a informação realmente funciona, que ela realmente trás dados para você analisar, todo mundo quis ter um CIE na vida. Aí nasce a estrutura que chama-se Sistema de Defesa..

CEV-RJ - Não, começa com Departamento de Operações e Informações...

PAULO MALHÃES: É mas chama-se Sistema de Defesa Interna. Porque..

CEV-RJ - Aqui no rio foi o Sizen Sarmento..

PAULO MALHÃES: Porque o DOI só trabalha dentro da região da área dele, certo? Então é Sistema de Defesa Interno. Aí surgiram.. o CODI não tem nada a ver, o CODI é uma falsa união entre o Exército, a Polícia Militar, a Polícia Civil, todos os órgãos repressores. Aí tem o CODI, entendeu? Aí você tem o CODI, que é uma coisa falsa.

CEV-RJ - Mas como espaço, coronel, é uma coisa falsa? Como espaço físico para que aquelas pessoas identificadas fossem presas e levadas para estes espaços?

PAULO MALHÃES: Não, cada um trazia um pouco de informações, facilitava às vezes na busca de informações. Mas, só teve um oficial, até o apelido dele – o nome dele eu não lembro - era Jacaré Engomado, que tinha a concepção da informação, tanto é que ele foi ser E2 da Polícia Militar, que tinha esta concepção. Os outros não, os outros tiraram cursos, eu fui instrutor deles, e você via que eles não estavam muito interessados naquilo.

CEV-RJ - Mas o senhor acreditava nesta estrutura, o senhor acha que foi bom ter montado esta estrutura dos CODIs dos DOI, neste período aí?

PAULO MALHÃES: É, aliviou muito a gente.

CEV-RJ - Esta questão de ser dentro de uma estrutura do Exército, isto não era complicado, por que quando a gente fala destes outros aparelhos – e aí o senhor falou lá de Petrópolis, em que momento foi necessário pensar isto assim, de não ser só dentro do espaço oficial?

PAULO MALHÃES: Não. Eu acho até que, em alguns casos, os DOIs, de alguns Exércitos, foram peças tão falhas que se você for estudar isto, você vai dizer até que foram peças corruptas.

CEV-RJ - Aqui no Rio aconteceu muito disso.

PAULO MALHÃES: Entendeu? Ele está dizendo uma verdade, não está dizendo uma mentira.

CEV-RJ - Nós temos um depoimento...o senhor conheceu o Riscala Corbage, da PM, que funcionou no DOI?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Ele está mal, agora, parece que está internado. Ele nos deu um depoimento por telefone em que ele fal que o DOI só tinha a escória do Exército. Pessoas que iam ser expulsas do Exército.

PAULO MALHÃES: Não, isto é mentira.

CEV-RJ - É exagero?

PAULO MALHÃES: É exagero. Vou dizer pra você que não tinha a nata, não era... Mas, tinha pessoas qualificadas. Acho que, infelizmente, quando você tem o poder na mão, você... é o que acontece no governo hoje, a primeira coisa que você pensa é se locupletar. Não é gerir aquele cargo que você tem, não interessa muito. Foi a falha do DOI do primeiro Exército.

CEV-RJ - Mas o senhor acha que esta estrutura foi mal pensada?

PAULO MALHÃES: Ou mal estruturada...

CEV-RJ - A estrutura era boa, ou as pessoas que corromperam a estrutura?

PAULO MALHÃES: As pessoas é que erram.

CEV-RJ - Faltou comando?

CEV-RJ - Mas porque criar outras estruturas, coronel? Por que pensarem em lugares que não eram dentro das unidades, embaixo da saia de vocês. Tá aqui, aqui a gente cuida, a gente sabe quem entra, o que acontece. Pensar em lugares alternativos? Isso era uma estratégia?

CEV-RJ - Como a Casa de Petrópolis, São Conrado..? Foi porque estava enfraquecida a estrutura dos...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Por quê?

PAULO MALHÃES: Eu já disse, foi o orgulho dos comandantes do Exército de ter um instrumento de informações dentro do comando dele. Porque o comando era dele. Nós não tínhamos, não podíamos interferir em muito. Às vezes até interferíamos, mas isto dava umas faisquinhas, né? Às vezes a gente interferia. Eu mesmo trabalhei no DOI. Cheguei a trabalhar no DOI. Então, eu acho que depende de quem esteja...

CEV-RJ - O DOI surge depois da OBAN.

PAULO MALHÃES: É, também depois da OBAN. Mais ou menos parecido.

CEV-RJ - Mas, os aparelhos que os senhores montaram surgem antes da OBAN e do DOI, ou surgem depois? Petrópolis foi depois?

PAULO MALHÃES: Não sei se foi muito depois, não.

CEV-RJ - Qual foi o primeiro? São Conrado?

PAULO MALHÃES: Não. O primeiro foi Petrópolis

CEV-RJ - O primeiro foi Petrópolis? Foi 69/70?

PAULO MALHÃES: Ah, não me lembro.

CEV-RJ - Coronel, por que Petrópolis? Era para ser bem reservado?

PAULO MALHÃES: Era para ser um lugar calmo, tranquilo, e despercebido. Como era Petrópolis. Petrópolis só foi alcaguetado pelo filho do dono do prédio. Senão ninguém não saberia dele.

CEV-RJ - Não. Foi pela Inês, não?

PAULO MALHÃES: A Inês diz que tinha em Petrópolis.

CEV-RJ - E localizou a casa, pelo telefone, pelo número do telefone.

PAULO MALHÃES: Mas, ela localizou depois que o garoto já tinha alcaguetado.

CEV-RJ - Se ele tivesse negado? se ele nunca tivesse falado nada?

PAULO MALHÃES: Vocês não saberiam. Porque a Inês., entenda bem, eu não tinha nada a ver com a Inês, tanto é que ela não me conhece. Porque ela era produto de outro operador. Até um cara que se achava o máximo, e tal. E foi um grande fracasso. Mas, a Inês também não bate bem da ... Pelo que eu soube da Inês, na época, ela não bate bem das bolas não. Ela diz que teve gente... Ela alcagueta oito pessoas, né? Que estiveram presos em Petrópolis. É totalmente mentira dela. Ela não podia ter visto este pessoal.

CEV-RJ - Não, ela não diz que viu. Ela diz que ouviu falarem. Falaram isto...

CEV-RJ - Mas, coronel, voltando, esta coisa lá de Petrópolis, esta ideia de montar a estrutura tem muito a ver com esta questão de ser um lugar calmo, despercebido

PAULO MALHÃES: Despercebido..

CEV-RJ - Mas, aí, coronel, por que São Conrado. Era por que era mais rápido, mais fácil?

PAULO MALHÃES: São Conrado não era nosso.

CEV-RJ - Era Cenimar?

PAULO MALHÃES: É Cenimar, meio DOI, nós fomos para ..

CEV-RJ - O senhor esteve lá em São Conrado?

PAULO MALHÃES: Não. Nunca tive lá. Eu tinha muito trabalho só com Petrópolis.

CEV-RJ - Petrópolis durou muitos anos?

PAULO MALHÃES: Durou. E nós não tínhamos só um em Petrópolis. Nós tínhamos outros mais desviados. Nós queríamos um lugar que fosse tranquilo, que fosse calmo. E a casa de Petrópolis era o ideal. Atrás tinha um alemão. Morava um alemão, com a irmã dele, com a mãe, que ganhavam dinheiro graças ao pai que aplicou dinheiro no Banco do Brasil, então ganhavam dinheiro, não precisavam trabalhar. E tinha um relacionamento com a gente maravilhoso e nunca viram nada. Se você chegar perto deles – não sei se já morreram – se vocês chegarem perto dele e perguntarem eles vão dizer, ‘não é possível. Nós nunca vimos nada.’ E eles, inclusive entravam na casa, quer dizer, chegavam na casa.

CEV-RJ - A Inês disse que ele a viu.

PAULO MALHÃES: Eu estou achando que... eu não acredito muito nas histórias da Inês não. A Inês, para mim, ela quer aparecer, então

ela diz muita coisa que eu acho que, realmente. Porque o trabalho é muito compartimentado. Se você está trabalhando aqui, nenhum outro vem aonde você está. Nenhum outro membro do Exército vem aonde você está.

CEV-RJ - A Inês não sabia do senhor e o senhor não sabia dela?

PAULO MALHÃES: ..não sabia da Inês. Era um trabalho compartimentado.

CEV-RJ - O senhor cuidava dos seus?

CEV-RJ - Mas, o senhor esteve lá enquanto a Inês estava lá?

PAULO MALHÃES: Eu devo ter estado, devo ter estado. Não uma vez não, várias vezes. Devo ter ficado até na casa com a Inês lá.

CEV-RJ - Sem ela saber que o senhor estava lá?

PAULO MALHÃES: Lógico, era uma compartimentação.

CEV-RJ - Coronel, não eram muitas pessoas, como dizem, que os senhores levaram para lá?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Era bem selecionado?

PAULO MALHÃES: Era.você tem que ver o tamanho da casa e ver quantas pessoas podem ser ocupadas em um lugar só.

CEV-RJ - Simultaneamente.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - E a casa funcionou durante anos?

PAULO MALHÃES: Tu tem, vamos dizer, não me lembro agora quantos quartos tem a casa. Mas, vamos supor que tenha seis quartos. Seis pessoas podem ter estado lá..

CEV-RJ - Mas, vocês tinham isto na...

PAULO MALHÃES: Isto era obrigado a ser cumprido. Mesmo que eu tivesse um elemento para entrar lá, eu entraria ... por causa disto é que foi criada outra casa.

CEV-RJ - Lá em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Entendeu? Porque aí ficou uma...

CEV-RJ - Como se fosse uma fila de espera?

PAULO MALHÃES: É. Senão não dá. Eu ganhei um cara do PCdoB, artista, ele era artista. Quero levá-lo para um lugar, para poder... achei que ele é frouxo e dá para trabalhar com ele. Aonde eu vou levar ele? Aí alugaram uma casa correndo e tal, não sei o que... esta era bem mais isolada.

CEV-RJ - Lá, também?

PAULO MALHÃES: Em Petrópolis. Aí, lá fui eu, com o cara, fiquei com o cara 12 horas, uma noite e soltei o cara de manhã. Nem senti-ram falta dele.

CEV-RJ - Precisou usar de rigidez com ele?

PAULO MALHÃES: Sempre você começa meio rígido. Mas, rigidez não é porrada não. Vou lhe ensinar uma grande coisa que eu aprendi: um homem que apanha na cara, não fala mais nada para você.

CEV-RJ - Mas, o senhor demorou a aprender isto?

PAULO MALHÃES: Um pouquinho. Não foi muito tempo não. Um homem que apanha na cara, você dá uma bofetada nele, ele se tranca, você passa a ser o maior ofensor dele e o maior inimigo dele. A rigidez é o volume de voz, apertar ele psicologicamente, sobre o que ele é, quais são as consequências. Isto sim. Dele ser aquilo, o que pode acontecer a ele, tudo isto é psicológico. Principalmente quando houve outros casos, né? Fulano foi preso e sumiu. Ele quando é preso... Não é preso em uma unidade militar, ele vai para um lugar completamente estranho, civil, vamos dizer assim, uma casa...

CEV-RJ - Ele sabe que não tem registro. É isso?.

PAULO MALHÃES: É. Ninguém sabe que ele está lá. Tudo isto é coação psicológica

CEV-RJ - Mas, a maioria dessas pessoas que o senhor conseguia ter oportunidade de trabalhar, o senhor adotava como estratégia levá-los diretamente para estes lugares ou elas sempre passavam por uma unidade militar antes?

PAULO MALHÃES: Não, nunca passavam.

CEV-RJ - Então, esta construção é falsa, dizer ah, eles saíram do DOI-CODI e foram para a casa de Petrópolis, para o sítio de não sei aonde? Isto não tem sentido?

PAULO MALHÃES: Não. Que vinham da OBAN para a casa da Petrópolis. Não existe isto.

CEV-RJ - O sentido era outro?

PAULO MALHÃES: O sentido era outro. Então, você sabe o que vai te acontecer se você não aceitar, e tal. Há vários processos de coação. Mas, como você já sentia que o cara era fraco de personalidade, era mais fácil. Você podia fazer qualquer tom de ameaça para ele. Mas, bater, não.

CEV-RJ - Coronel, desculpa a sinceridade mas, sem desmentir o senhor e desacreditar o senhor. Pela sua conversa, então não houve tortura em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: A meu ver. A meu ver, não.

CEV-RJ - Então não desapareceu ninguém lá?

PAULO MALHÃES: Ah, isto eu não sei. Não sei se desapareceu, desapareceu, se desapareceu é desaparecido. Mas, não venha me perguntar isto porque eu não posso responder a você.

CEV-RJ - Algum dos seus desapareceu? Foi obrigado a desaparecer com ele?

PAULO MALHÃES: Também não posso te responder isto.

CEV-RJ - Coronel, quando o senhor fala como esse exemplo, tem alguém com o senhor, passa a noite lá e aí o senhor depois de 12 viu que...

PAULO MALHÃES: Viu que o cara era frouxo e então pode soltar

CEV-RJ - E se o cara não fosse frouxo?

PAULO MALHÃES: Aí não, aí ele podia ficar mais tempo preso para se tentar conversar, se não conseguisse...

CEV-RJ - Mas, este convencimento era possível? Coronel, isto acontecia mesmo? Por que as pessoas falam tanta coisa disso....o senhor conseguia ganhar as pessoas?

PAULO MALHÃES: É. O problema é o seguinte...,

CEV-RJ - E isto ajudava?

PAULO MALHÃES: O problema é o seguinte, o comunista brasileiro nunca foi nem comunista. Tinha um, isto aconteceu em Recife. Tinha um menino preso lá, também em um aparelho em Recife, que eu queria convencer ele a trabalhar com a gente, que eu tinha uma dificuldade, que eu tive que..., eu já tinha estudado o comunismo, mas tive que voltar a estudar o comunismo, ler a Veja no avião quando ia para lá, para preparar para discutir com ele. Porque ele botava em questão vários itens, e eu tinha que rebater os itens que ele botava. Custei e acabaram botando o menino notícia de jornal e ele era do comando nacional do PCdoB. Mas um chefe meu resolveu ir visitá-lo comigo e conhecê-lo. Ficou admirado de ter ganho ele. Então levou com ele um sargento para gravar e tal. Eu raramente gravava, procurava guardar na cabeça. Mas, ele levou, gravou na frente do infiltrado no encontro que nós tivemos, aí não era aparelho, era uma casa alugada para estes encontros.

CEV-RJ - Não é aquela Chácara de São Bento, em Olinda?

PAULO MALHÃES: Era. Então, nós aí, mostrei, apresentei, disse o codinome do meu chefe. Quando ... Eu fiquei e ele voltou para Bra-

sília. A primeira vez que eu voltei para falar com ele, ele disse ‘nunca pensei que você fosse fazer isto comigo. Primeiro me apresentar a outra pessoa. Segundo eu vi que estavam gravando o que a gente estava conversando. Já pensou se isto caísse nas mãos dos meus parceiros?’. Eu até tomei uma bronca do cara e aí procurei minimizar e tal, não sei o que. E este sargento, alguns anos atrás, o coronel se matou, por problema de mulheres. Tinha mulher, era casado, depois tinha outra mulher que ele arrumou, uma confusão dos diabos...

CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome do coronel, se ele já morreu.

PAULO MALHÃES: Ele comandou o quartel de... se matou no comando.. o codinome eu me lembro, o nome já é mais difícil. (01:19:00)

CEV-RJ - Qual é o codinome?

PAULO MALHÃES: Bom, mas vamos lá, ele se matou e o sargento que era peixe, por ser peixe caiu em desgraça. Aí teve que pedir baixa do Exército, já tinha tempo, pediu baixa e foi morar lá no Espírito Santo. E lá ele contou o nome do infiltrado para os jornalistas. Eu não sei o que aconteceu com este menino. Ele era deputado estadual naquela época. Lá em Pernambuco. Você vê que há incoerência nisto tudo. Eu quase saí do CIE por causa disto.

CEV-RJ - (01:19:53) Mas coronel, o senhor está contando a história de um infiltrado que voltou para a vida normal e passou a dar informações sem ninguém saber. Agora temos uma relação de nomes, de pessoas, que não voltaram a circular mais, que sumiram, desapareceram...

CEV-RJ - E que eram líderes.

PAULO MALHÃES: E o que eu posso fazer?

CEV-RJ - Então, ali, a Casa da Morte teve caso que desapareceram?

PAULO MALHÃES: Eu conversei isto com o meu amigo, ou ex-amigo, e disse para ele que era uma casa de conveniência, não era um lugar de morte. Era uma casa de conveniência.

CEV-RJ - Mas ocorreram mortes. O senhor admite que ocorreram mortes?

PAULO MALHÃES: Eu não posso falar isto, certo? Porque eu aí eu vou estar condenado vários amigos meus. Não sei o que houve.

CEV-RJ - Coronel, mas os nomes dessas pessoas, obviamente o senhor sabe, circulam por aí. Tem gente que fala 'ah, mais de 20, mais ou menos uns 30'. Eram muitas pessoas? O senhor vendo esta lista, o senhor acha que é uma construção falsa, ou aquelas pessoas – independentemente do destino dela, que é isso que o senhor falou, o senhor não vai reconhecer se morreu ou não morreu, isto não interessa – mas, assim, o senhor ao ver este nomes, o senhor poderia, por exemplo, dizer 'não estas pessoas, isto eu garanto, nunca pisaram em Petrópolis'?. Este tipo de coisa. Porque estas pessoas, alguns deles desapareceram e parte do nosso trabalho é a gente tentar, e aí independente do desfecho final disto, pode ser eternamente um desaparecido, mas não dá para a gente, no final do nosso trabalho, e isto é uma preocupação muito séria que eu tenho com o meu trabalho, assim como o senhor tinha com o seu. Dez pessoas me dizem, 'ah, não, o Rubens Paiva foi para a Casa de Petrópolis, para o aparelho de Petrópolis, para o centro de conveniência, como o senhor está falando...

PAULO MALHÃES: Eu acho difícil.

CEV-RJ - .aí eu ouço dez pessoas dizerem isto. Aí eu vou lá e escrevo. Embora não tenha prova documental e tal, mas tudo indica que ele foi para lá.

PAULO MALHÃES: É difícil.

CEV-RJ - O que eu não quero coronel, no final do nosso trabalho, e por isto que eu vim conversar com o senhor e estou sendo muito sincera com o senhor, é a gente mais uma vez na história deste país, e isto desde que ele existe, desde 1500, é mais uma vez o estado, seja o Estado de hoje, o Estado de ontem ou o Estado de amanhã, botar um carimbo em cima de histórias que não são verdadeiras.

CEV-RJ - Falsas verdades...

CEV-RJ - Aí o senhor, por exemplo, pode aparecer em uma nota de rodapé que oito pessoas, por qualquer razão, dizem ‘não, o Paulo Malhães estava em Montevideo, o Paulo Malhães’, entendeu? Aí eu vou dizer que isto é verdade, mas eu estou tendo a oportunidade de ouvir o senhor dizer ‘eu nunca pisei em Montevideo, então não poderia ter sido eu.’ Este tipo de coisa, coronel, estas pessoas passaram por lá, ou não passaram por lá?

PAULO MALHÃES: Eu não sei todo mundo que passou por lá....

CEV-RJ - Mas o caso, por exemplo, que nem o do Rubens Paiva, que o senhor sabe que é um caso que gera ...

PAULO MALHÃES: Eu sei

CEV-RJ - ... gera uma comoção, né?...

PAULO MALHÃES Sei..

CEV-RJ - Tem uns que aparecem mais, tem outros que aparecem menos..

CEV-RJ - O senhor deve ter acompanhado que nós conseguimos um depoimento do coronel Raimundo dizendo que aquele sequestro foi um falso sequestro do Rubens Paiva. Aquela operação em que ele teria sido sequestrado, no Alto da Boa Vista, de madrugada, não sei o que, e levado e daí sumiu..

CEV-RJ - Isto é uma história, coronel, que vem desde 78...

CEV-RJ - Não, desde 71,

CEV-RJ - Não, em 71 ele desapareceu, mas desde 78 outro jornalista começou. Tem um cara que eu vou falar o nome para o senhor, que esteve preso na Fortaleza de Santa Cruz, um cabo, Severino Manoel Ciriaco, o senhor lembra este nome?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Nem de jeito nenhum, não diz nada para o senhor?

PAULO MALHÃES: Eu não lidava com cabo. Entendeu? Mesmo que eu fosse ao DOI, eu me dava.... o meu contato não era nem com sargento, eu não gostava muito disto. Eu tive um sargento que ameaçou, por circunstâncias próprias, querer mudar até de lado. E até hoje ele diz que ele ia ser morto por mim. Então, não sei se é verdade ou não, mas ele realmente saiu fora. Porque, o nível..., o nível cultural tem uma influência muito grande, o nível de conhecimento, o nível cultural tem influência muito grande. O cara assimilar o que ele está fazendo, a importância daquilo que ele está fazendo, tem oficial que não entende isto. Então, o nível cultural, vamos dizer, de conhecimento também, do problema, é difícil. Você quando escolhe, quando você conhece um cara e acha que ele dá para trabalhar no seu sistema, fala com seu comandante, com seu chefe, no caso nós não temos comandante, temos chefe, que pode trazer o capitão tal, o major tal para trabalhar coma gente, a sua responsabilidade é muito grande. Porque você está trazendo um cara que pode te causar problema. (01:26:10)

CEV-RJ - Coronel, só para não perder. O senhor falou do Rubens Paiva. Esse caso, caso do Rubens Paiva, que todos conhecem... tem pessoas que dizem que ele esteve em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Eu acho que ele nunca saiu do DOI-CODI

CEV-RJ - com vida.

PAULO MALHÃES: certo?

CEV-RJ - Então, alimentar esta ideia de que

PAULO MALHÃES: Que ele tenha ido...

CEV-RJ - E iria fazer o quê? Se a ideia era trabalhar as pessoas. É neste sentido?

PAULO MALHÃES: Não tem lógica você pegar o Rubens Paiva e levar ele para tentar fazer a cabeça dele. O nível, do Rubens Paiva, você estudava a vida dele, era um nível elevado. Já você cortava de saída. Rubens Paiva para mim...

CEV-RJ - Mas, coronel, como a gente explica as pessoas falarem do Carlos Alberto Soares de Freitas, que a Inês diz que – entendendo o que o senhor está falando, que eu peguei sua ideia –

CEV-RJ - O Breno.

CEV-RJ - É, o Breno, que ele .. também é um outro, que pelo que a gente sabe, tinha um nível...

PAULO MALHÃES: E ele veio também do DOI-CODI?

CEV-RJ - Não. O senhor, na sua conversa com o Chico Otávio, disse que o Breno o senhor lembrava que poderia ter passado por lá. (lendo depoimento de Inês Etienne) ‘ter ouvido de Mariano Joaquim e que soube, pelos carcereiros, que ele foi morto. Não faz referência dele por Petrópolis, mas em seu depoimento consta que o carcereiro contou ainda que Maria Helena Vilas Boas estivera também naquela casa e que fora, com Carlos Alberto Soares de Freitas, condenados à morte e executada. Amílcar Lobo disse ter tratado dele no DOI-CODI’.

PAULO MALHÃES: Então, você tem que puxar pela origem. Se ele esteve no DOI-CODI, dificilmente ele esteve na casa de Petrópolis. Já estava preso, já estava fichado, já estava amarrado, dificilmente ele iria.

CEV-RJ - Coronel, mas uma coisa anula a outra?

PAULO MALHÃES: Uma coisa anula a outra. A OBAN uma vez quis levar um cara para Petrópolis, estava preso na OBAN e eles queriam levar o cara para Petrópolis. Nós não deixamos.

CEV-RJ - A OBAN não tinha aparelhos deste tipo?

PAULO MALHÃES: Não. Que eu saiba, não.

CEV-RJ - Coronel, como é que vocês tinham esta agilidade, esta rapidez, para poder fazer este filtro e não errar?

PAULO MALHÃES: Porque, talvez seja experiência. Com um pouquinho de noção de psicologia... aí você prende oficialmente o cara

(01:29:51). Pode ser uma solução. Que tenha outras soluções, pode ser que tenha. Não posso dizer para você que não tenha...

CEV-RJ - O senhor acha que tem gente que saiu deste centro, que até hoje estão quietos? Pessoas que o senhor teve oportunidade de trabalhar mas que ...

PAULO MALHÃES: Ah, tem.

CEV-RJ - E vão morrer quietas?

PAULO MALHÃES: pelo menos, eu chamei eles, quando eu vi que ia terminar tudo, eu fui ao encontro de um por um,

CEV-RJ - Eram muitos?

PAULO MALHÃES: Eram, bastante.

CEV-RJ - Quantos?

CEV-RJ - Mais ou menos?

PAULO MALHÃES: Voce não vai acreditar

CEV-RJ - Pode falar.

PAULO MALHÃES: Trezentos. Mais ou menos.

CEV-RJ - Não todos deste lugar lá, de diferentes, ou tudo de Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não, tudo. Do Brasil inteiro.

CEV-RJ - Mas, por Petrópolis o senhor levou quantos?

PAULO MALHÃES: Uns trinta ou quarenta.

CEV-RJ - O senhor, só.

PAULO MALHÃES: Só

CEV-RJ - Mas, trezentos, o senhor diz destes trabalhados.

PAULO MALHÃES: E eu fui a um por um e disse, a partir de hoje, que era um compromisso que o cara assumia contigo e você assumia com ele (...) eu fui a um por um e disse 'a partir de hoje nosso compromisso está no fim. Você que sabe o que você vai fazer da sua vida. Prometo a você que nunca direi seu nome, nem direi que você trabalhou para mim'. Porque eles tinham muito isto, eles achavam que trabalhavam para o dr. Pablo.

CEV-RJ - Uma relação pessoal.

PAULO MALHÃES: Uma relação pessoal. A gente fazia amizade, eu fui convidado para ser padrinho de vários filhos, meu Deus! Era amizade mesmo

CEV-RJ - Mas, o senhor tem orgulho disto, coronel? De ter conseguido isto?

PAULO MALHÃES: Tenho. É uma ligação que fica íntima. O cara às vezes trazia os problemas dele para você, para ver se você ajuda ele nos problemas dele, tal, não sei o que, pé, pé, pé... Com o tempo se tornou uma relação. Mas, eu fui a um por um e disse que eles estavam livres. Que nunca os nomes deles sairiam em lugar nenhum. Eu nunca falaria os nomes deles. E se eles quisessem se expor, o problema era deles.

CEV-RJ - Em algum momento o senhor viu algum destes se expor?

PAULO MALHÃES: Não. Eu vi um ser queimado por este sargento que acompanhou o coronel comigo na visita do Recife. Só foi este queimado. E um que mataram.

CEV-RJ - Mas, mataram sabendo?

PAULO MALHÃES: Descobriram que ele trabalhava, ele deve ter dado uma bobeadinha qualquer, foi em Foz do Iguaçu. Então mataram ele, enfiaram dois tocos de pau no olho dele, cortaram a língua dele fora, cortaram as orelhas. Mostraram para mim – eles não sabiam que estava mostrando – que eles sabiam que ele era um infiltrado.

CEV-RJ - Eu tinha dois nomes aqui para perguntar ao senhor, do Otavio e do Alberi, lá de Foz do Iguaçu.

PAULO MALHÃES: O Alberi foi o que eles mataram. O Alberi foi morto assim. Você pegou.

CEV-RJ - Me diz uma coisa, então estes todos que a Inês Etienne disse que viu lá...

PAULO MALHÃES: Eu acho difícil. Não vou dizer que é impossível.

CEV-RJ - Mas não tem lógica, é isso que o senhor quer dizer?

PAULO MALHÃES: Não tem lógica.

CEV-RJ - Por exemplo, teve gente que foi levado direto. Mariano Joaquim da Silva.

PAULO MALHÃES: Nem sei quem era.

CEV-RJ - Tinha um “Dr. Teixeira”

PAULO MALHÃES: Tinha

CEV-RJ - Ela disse que, ‘em principio de junho, o carcereiro conhecido como Dr. Teixeira disse que Mariano fora executado porque pertencia ao comando da Var-Palmares’.

PAULO MALHÃES: É provável. Se ele foi executado ou não, não sei. Mas ele pertencia ao comando da Var-Palmares.

CEV-RJ - Marilena Vilas Boas Pinto. Etienne diz que foi a segunda presa a passar por Petrópolis e que segundo o carcereiro ela, Etienne, usou a mesma cama de campanha em que a Marilena foi morta.

PAULO MALHÃES: Isto eu não sei.

CEV-RJ - Aluisio Palhano

PAULO MALHÃES: Escutei falar.

CEV-RJ - Mas não era um que passou pelo senhor, mas escutou falar.

CEV-RJ - Que esteve lá.

PAULO MALHÃES: Que esteve;

CEV-RJ - Walter Ribeiro Novas

PAULO MALHÃES: Não escutei falar

CEV-RJ - Heleni Guariba

PAULO MALHÃES: Esta muito menos

CEV-RJ - Este Walter Ribeiro dizem que ele era um ex-salva-vidas de Copacabana, que esteve entre 8 e 14 de julho na Casa da Morte e que um dos repressores, Marcio, falou que o mataram e que houve, inclusive, ruidosa comemoração. A Heleni Guariba, segundo o depoimento de Etienne, ela foi a segunda militante da VPR, o primeiro foi o Walter Ribeiro, levada à Casa da Morte no mês de julho. Foi barbaramente torturada, durante tres dias, inclusive com choques elétricos na vagina.

PAULO MALHÃES: Choque elétrico é mentira

CEV-RJ - Não tinha choque lá?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Paulo de Tarso Celestino da Silva, da ALN.

PAULO MALHÃES: Conheço por nome.

CEV-RJ - Passou por lá?

PAULO MALHÃES: este eu não sei.

CEV-RJ - Ai vem um outro que ela faz referência...

PAULO MALHÃES: este que falou, o Márcio, realmente existia um sargento Márcio, existia com este codinome. Estou dizendo isto, existia um carcereiro Márcio com este codinome.

CEV-RJ - Ai, a Etienne fala de Ivan Motta Dias, mas ela declarou ter ouvido do carcereiro, Dr. Guilherme, que Ivan iria ser preso e, posteriormente, o mesmo agente lhe disse que Ivan teria sido morto. Não

faz referência à sua passagem na Casa da Morte. Fala que lá na Casa da Morte, lá no aparelho, soube que o Ivan teria sido morto. Mas, depois ele aparece na relação da revista Época, muito tempo depois.

PAULO MALHÃES: O Dr. Guilherme existe, né?

CEV-RJ - Existiu.

PAULO MALHÃES: Existe, deve estar vivo ainda. Dr. Guilherme existe.

CEV-RJ - Era oficial?

PAULO MALHÃES: Era oficial.

CEV-RJ - Esse Márcio, o senhor não sabe se está vivo ou não?

PAULO MALHÃES: Isto eu não sei. O Dr. Guilherme eu sei quem é. Ele também tinha infiltrado. Até era um cara de respeito, também nesta atividade. Agora, acho difícil que a Ines Etienne ter conhecido ele.

CEV-RJ - Por que? Era de outro grupo?

PAULO MALHÃES: Não, porque o Dr. Guilherme era um sujeito que eu reputo que trabalhava inteligentemente. Ela só pode ter sabido da existência dele porque ele era muito colado com o cara que era o tutor da Etienne.

CEV-RJ - O tutor da Etienne não era o Perdigão?

PAULO MALHÃES: Não. Perdigão tinha muito pouco trabalho na Casa da Morte. Perdigão não era destas, Perdigão gostava muito de rua, porrada, de tiro. Agora, só se foi isto. Era o único jeito dela ter conhecido o Guilherme, era através do contato com o tutor dela – vou chamar de tutor – o cara encarregado de fazer a cabeça dela, que errou, completamente, o controle dela. Vou lhe explicar o que aconteceu.

CEV-RJ - Ele vive ainda? (01:40:22)

PAULO MALHÃES: Não sei. O problema é que, a gente quando começou a fazer infiltrado, todos os oficiais do Centro ficaram muito entusiasmados com esta ideia e alguns tentaram se aproximar da Casa da Morte. Para tentar, vou pegar um lá, mas foram proibidos disso. Não foi permitido.

CEV-RJ - Vocês mesmo que proibiram? Quem mandava? Quem tinha autorização para proibir ou para autorizar?

PAULO MALHÃES: Uma das pessoas era eu.

CEV-RJ - O senhor fazia este filtro, 'aqui não!'

CEV-RJ - Mas, o senhor sozinho podia tomar esta decisão?

PAULO MALHÃES: Não, eu comunicava ao meu chefe, ao chefe do CIE que aquilo era impossível de acontecer.

CEV-RJ - Então o senhor diria que o aparelho de Petrópolis, embora clandestino, não era um aparelho fora da estrutura do CIE.

PAULO MALHÃES: Não, ele tinha controle.

CEV-RJ - O CIE tinha controle daquilo?

PAULO MALHÃES: Tinha controle.

CEV-RJ - Sabia o que se passava por ali?

PAULO MALHÃES: Sabia, lógico.

CEV-RJ - O seu chefe, que era chefe dos outros, era informado de todas as pessoas que eram levadas lá?

PAULO MALHÃES: Era.

CEV-RJ - Mas, coronel, tinha registro disso?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Era ordem não ter registro?.

PAULO MALHÃES: Você, quando... Vou fazer um relatório de você que se tornou infiltrada. Eu vou criar um codinome para você e vou fazer um relatório. Quando eu for entregar ao meu chefe o seu relatório – seu nome é Rosa. Aqui é da Rosa.

CEV-RJ - Seu chefe não sabia que Rosa era fulana?

PAULO MALHÃES: Ele passava a saber que Rosa era fulana. CEV-RJ – Mas, só na hora de entregar?

PAULO MALHÃES: Aí, se ele anotava, não anotava, eu não sei. Eu sei que entregava o relatório dizendo que ela havia sido transformada em filtro, passava a ser uma infiltrada. Então, isto se fazia. O CIE tinha o controle. Embora às vezes não nominal, mas tinha um controle de quantos filtros tinham, mais ou menos quem eram os filtros.

CEV-RJ - Isto dava certo no país inteiro, coronel? Ou o senhor acha que aqui em Petrópolis os senhores tiveram mais êxito?

PAULO MALHÃES: Que eu saiba, em outro lugar nenhum houve infiltrado.

CEV-RJ - Só no Rio?

PAULO MALHÃES: Não, só no Rio, não. Eu tive no Maranhão, tive em outros....

CEV-RJ - Mas, com casas, assim, montadas?

PAULO MALHÃES: Não. Tive até dentro do DOI do lugar

CEV-RJ - O Cenimar, a casa de São Conrado deu o mesmo resultado?

PAULO MALHÃES: Acredito que tenha. Tem resultado e tem não resultado.

CEV-RJ - O que é não resultado?

PAULO MALHÃES: É quando você não tem um infiltrado que não é um infiltrado verdadeiro em você. Verdadeiro.

CEV-RJ - Não passava as informações certas?

PAULO MALHÃES: Ele quer ganhar o dinheiro. Porque todo o infiltrado ganhava dinheiro, não era assim no amor não.

CEV-RJ - E era um dinheiro que valia a pena, coronel? Tinha diferença entre o dinheiro?

PAULO MALHÃES: Tinha. Lógico que um cara do comando ganhava mais do que um pé de chinelo, né? Então, eles, por exemplo, para mim, o contato que eu tive com o infiltrado deles foi completamente furado. O cara me mostrou um lugar que tinha subversivo, na realidade não tinha. Se eu tomasse uma ação de invadir, ia ser o caos.

CEV-RJ - O senhor credita isto à esperteza do infiltrado ou a inoperância dos seus colegas?

PAULO MALHÃES: É uma mistura. Primeiro que eu nunca dei para ninguém, para órgão nenhum, Cenimar, CISA, o que meu infiltrado disse ou não disse. Nem nunca mandei meu infiltrado encontrar em um local X o cara de outra unidade militar. Não aconteceu comigo, tenho certeza. Mas havia troca. Eu não gostava, mas cada um tinha... se foi ele quem cantou, ele tinha responsabilidade. É o caso da Ines Etienne.

CEV-RJ - Que troca que foi com a Inês Etienne?

PAULO MALHÃES: A Inês Etienne foi de um coronel chefe de uma seção, 'se estes meninos fazem infiltrado, eu vou fazer também'.

CEV-RJ - Chefe de seção é chefe de quê? chefe do DOI-CODI? de onde?

PAULO MALHÃES: Não, de dentro do CIE. E ele foi, fez o trabalho e soltou a Inês Etienne. E a Inês Etienne chegou lá fora e colocou a boca no trombone.

CEV-RJ - Fez mal o trabalho?

PAULO MALHÃES: Eu não sei nem como é que foi o trabalho feito por ele, mas porque eu sabia que ele estava cuidando da Inês Etienne

e não me interessou. Ela disse que nunca me viu, eu nem passar por lá eu passava. Aliás, eu não gostava deste coronel.

CEV-RJ - Mas, coronel, uma coisa só para entender. Tinha esta coisa de cada um cuidando da sua vida. O senhor sabia da Inês Etienne, o senhor também sabia de outros, embora não estivesse sob a sua.. o senhor tinha esta obrigação pelo comando que o senhor exercia? Desde que o senhor não se envolvesse, o senhor mais ou menos sabia?

PAULO MALHÃES: Eu sabia, mais ou menos.

CEV-RJ - Era mais ou menos, ou era tudo?

PAULO MALHÃES: Não, tudo não. Quando eu conhecia quem era o cara que estava trabalhando, e eram excelentes, eram excelentes, como este Dr. Guilherme, um senhor trabalhador em infiltrado..

CEV-RJ - Ele era da mesma patente que o senhor, major?

PAULO MALHÃES: Era. Então ele ficava na dele e eu ficava na minha. Mas eu gostava do trabalho dele. Mas, quando este coronel entrou para fazer o trabalho da Etienne eu fiquei preocupado. Aí quis saber quem ele estava trabalhando. Aí me disseram, Inês Etienne. Aí eu fiquei na minha. Eu não conhecia Inês Etienne, não sei nem porque ela foi presa. Então ele estava trabalhando, trabalhou. Vai soltar a Inês Etienne, o problema é dele. A Inês Etienne fala no nome dele³.

CEV-RJ - Fala? No depoimento?

PAULO MALHÃES: Fala, no codinome dele.

CEV-RJ - Codinome.

3 Inês Etienne em seu depoimento fala em Dr. Bruno – “baixo, meio gordo, tipo sírio libanês. Pareceu-me o mais graduado do grupo (coronel). Defendeu tese na Escola Superior de Guerra, segundo me contou. É gaúcho”. Entre outros codinomes cita: Dr. César; Dr. Pepe (acho que é Orlando Rangel); Dr. Teixeira (é oficial); Dr. Roberto (Freddie Perdigão Pereira); Dr. Guilherme (baixo, magro); Dr. Carneiro (o médico Amílcar Lobo); Dr. César (baixo, meio gordo. É oficial);

PAULO MALHÃES: Nome não, ela não tinha conhecimento de nomes. Dr. Guilherme, Márcio, são pessoas fictícias, são nomes fictícios.

CEV-RJ - Aliás, Dr. Pablo vem de onde?

PAULO MALHÃES: De Paulo em espanhol.

CEV-RJ - Não tem nada a ver com sua ligação com o Chile? Com o pessoal da DINA? Eu li alguma coisa sobre isto.

PAULO MALHÃES: Tem ligação com o mundo que fala espanhol, não é só com o Chile. (01:49:13)

CEV-RJ - Eu só queria voltar um pouquinho atrás. Quando os senhores resolvem criar o aparelho de Petrópolis, quem tem a ideia, o senhor, o Brant, o Perdigão ou um oficial do CIE acima dos senhores?

PAULO MALHÃES: Nós, eu Brant, Perdigão, Sampaio conversamos. Não fui só eu, cada um deu uma ideia, nós discutimos - eu gostava muito disso, gosto muito de discutir, não discutir brigando, discutir um assunto, porque da discussão nasce a luz. Não fui eu quem falou isto não, isto já é famoso. Então, nós discutimos e chegamos a conclusão que isto teria que ser realidade, nós teríamos que ter um aparelho. Eu disse da minha dificuldade em fazer isto, outro também falou da dificuldade de fazer aquilo, (inaudível por conta dos latidos do cachorro)... Então, como é que nós vamos fazer? Montar ele clandestino, sem ninguém do CIE saber? A ideia inicial era esta. Vamos montar um troço altamente clandestino. Eu fui contra isto. Isto é uma traição à confiança que nós temos aos nossos chefes. Realmente, existia uma confiança muito grande do nosso chefe.

CEV-RJ - O senhor pode dizer quem era o chefe nesta época?

PAULO MALHÃES: Não, porque ele é general de Exército.

CEV-RJ - Está vivo, ainda?

PAULO MALHÃES: Está. Aí eu disse para ele... aí nós fomos lá e ele 'como meninos, vocês já viram o problema que vai dar? Não sei o quê', (inaudível) arranjamos o caseiro, vamos lá resolver o problema...

CEV-RJ - E a casa surgiu?

PAULO MALHÃES: A casa surgiu de um contato de um coronel com aquele advogado, o filho dele é que era advogado ...

CEV-RJ - Fernando Aires da Mota, o ex-interventor.

PAULO MALHÃES: Ele é que arranjou a casa...

CEV-RJ - O coronel é que tinha esta relação

PAULO MALHÃES: É.

PAULO MALHÃES: Aí consegui para nós a casa. Aí nós fomos lá, estudamos a casa, fizemos contato, demos festa na casa. Eu, por exemplo, em Petrópolis era conhecido como fazendeiro de Mato Grosso, fazendeiro rico de Mato Grosso. Eu frequentava a nata da sociedade de Petrópolis.

CEV-RJ - Aí tem uma segunda pergunta relacionada a isto. O senhor mesmo falou... a casa foi emprestada, não sei o que, mas o senhor tinha caseiro, o senhor pagava salário aos informantes. Quem financiava? De onde saía este dinheiro?

PAULO MALHÃES: Do próprio CIE.

CEV-RJ - Mas o CIE tinha fundos oficiais do orçamento para isto ou recebia doações de empresários?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - ...como a OBAN tinha. **PAULO MALHÃES:** Não.

CEV-RJ - A Operação Bandeirantes teve a ajuda de empresários.

PAULO MALHÃES: Nós não tínhamos.

CEV-RJ - No Rio não teve isto?

PAULO MALHÃES: Não, não tínhamos. Era do dinheiro do Exército mesmo.

CEV-RJ - Nem doação? Coronel, lá na casa do Molina, que morreu em Porto Alegre... o senhor conheceu ele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas o senhor sabe de quem eu estou falando? Dentre os documentos, tinha o que comprovava a entrada do Rubens Paiva, a folha dizendo que ele tinha uma caneta BIC no bolso e tinha também outro documento, que era uma espécie de planilha de doações da Volkswagen para as delegacias, inclusive tinha a de Nova Iguaçu, como é que era um nome? Tinha um delegado, na época...

CEV-RJ - Mauro Magalhães...

CEV-RJ - Não, não, não. Não era o... era ... Eu tinha anotado o nome aqui. Luiz Claudio, pode ser?

PAULO MALHÃES: Luiz Claudio nunca esteve em delegacia.

CEV-RJ - Não. Enfim, mas aí tinha esta tabela, uma tabelinha assim, Volkswagen chassi, Kombi, Fusca, aí era de doações para toda esta estrutura assim. O senhor lembra disso? Tinha esta coisa dos carros que vocês usavam, assim?

PAULO MALHÃES: Não. Não. Eu fui um dos que fui buscar os Volks que o Exército comprou...

CEV-RJ - Mas isto, tudo legal?

PAULO MALHÃES: É legal.

CEV-RJ - Tinha orçamento para isto. Aqueles do DOI eram legais? Do Exército?

PAULO MALHÃES: Acredito que sim, porque os nossos eram.

CEV-RJ - Era tudo da estrutura das Forças? Não tinha doação das empresas?

PAULO MALHÃES: Não. Inclusive, eu levei um documento de pagamento do Exército, lógico que os carros saíram bem mais baratos,

saíram a 33% a 40% do valor real deles. Só isto. Mas tinha lá o pagamento dois oito carros que nós fomos buscar. Cada um trouxe um. Então, quando chegou lá eu fui e paguei. Eu entrei lá na Volks e tal, fomos muito bem recebidos, serviram almoço para a gente, mas eu fui lá aonde tinha que pagar, pagar

CEV-RJ - Em São Bernardo?

PAULO MALHÃES: Fui lá em São Bernardo buscar os carros. Não tinha doação, nós não tínhamos. Só teve um comandante do CIE, mas isto já na modernidade, que tinha contato com empresários, mas isto ele fazia em proveito dele mesmo. Nós não tínhamos nada a ver com isto.

CEV-RJ - O senhor ainda estava lá?

PAULO MALHÃES: Estava lá.

CEV-RJ - Coronel, mas lá em Petrópolis,,

PAULO MALHÃES: Chamava ele de caçador e pescador...

CEV-RJ - Mas, coronel, por exemplo, lá em Petrópolis, o senhor ... a casa era emprestada ou vocês pagavam aluguel?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não, era emprestada mesmo, com este contato lá do prefeito...

CEV-RJ - Com a família Lodders...

CEV-RJ - E as pessoas que trabalhavam na casa? Não estou falando vocês, obvio, estou falando ..

PAULO MALHÃES: Só tinha um, este caseiro, mas saiu do Exército mesmo. Paraquedista, até.

CEV-RJ - Não houve uma mudança do caseiro por lá?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - E os vizinhos, coronel, ninguém percebia? Vocês eram muito cautelosos nisto? Não tinha quase ninguém...

PAULO MALHÃES: Eu não... não permitíamos nenhum movimento muito grande de carros. Quando tínhamos que fazer um movimento muito grande de carros, nós dávamos uma festa na casa. Certo? Movimento grande de carros, aí a gente tinha umas meninas, um pessoal lá em Petrópolis, que a gente convidava e iam para a festa, um churrasco, uma feijoada, quem fazia era até um menino, um sargento, que cozinha muito bem. Ele que fazia e tal, não sei o que, pé, pé, pé e nós dávamos uma festa...

CEV-RJ - Mas, as pessoas que vocês estavam trabalhando, elas ficavam lá e estas pessoas sequer percebiam ... era algo muito..

PAULO MALHÃES: Sequer percebiam, era..

CEV-RJ - Ficavam no quarto? Ficavam trancadas em quartos? Não andavam livremente pela casa?

PAULO MALHÃES: Não. Ninguém andava livremente, Deus me livre...

CEV-RJ - Qual era o tempo de permanência de uma pessoa destas, o máximo que podia ficar? Que o senhor lembra que ficou mais tempo.

PAULO MALHÃES: Vamos raciocinar?

CEV-RJ - A Inês fala que ficou cinco meses...

PAULO MALHÃES: É mentira. Vamos raciocinar. Você extrai, você vê que é cabeça, você extrai um cara do seu meio ambiente, das ligações que ele tem. Você pode ficar com ele cinco meses e mandar de volta para ser um infiltrado. Como ele vai justificar estes cinco meses que esteve fora?

CEV-RJ - Para a mãe, para a tia?

PAULO MALHÃES: Não. Para o partido.

CEV-RJ - É, é. Mas eu digo não só para a organização, mas para a própria família, se não tomar cuidado...

PAULO MALHÃES: Para o partido.

CEV-RJ - A família, às vezes ele estava afastados da própria família...

CEV-RJ - Mas sumiu, como é que a pessoa some e depois de cinco meses

PAULO MALHÃES: Volta para o partido? Não pode.

CEV-RJ - Então era o quê? Eram dias?

PAULO MALHÃES: Eram dias. Se pudesse, até, eram horas. Eu disse para vocês que em uma noite ...

CEV-RJ - 12 horas, o senhor falou aqui.

PAULO MALHÃES: ... eu cantei um cara e o cara topou e eu botei na rua e ele foi cobrir... Porque, o primeiro passo do infiltrado era cumprir um ponto comigo. Por exemplo, o meu infiltrado era cumprir um ponto comigo, aí eu sabia que realmente ele se tornou infiltrado. Eu dizia assim 'oh, você está saindo hoje, amanhã em tal hora, em tal lugar você vai me encontrar. Vai lá, vai me dizer como é que foi que você foi recebido'. Então, não podia ser cinco meses.

Ninguém aguentava nem tratar do infiltrado cinco meses. Pera aí.(01:59:12)

CEV-RJ - Mas a casa funcionou pelo menos quatro anos, não é?

PAULO MALHÃES: É. Mas...

CEV-RJ - De 70 a 74?

CEV-RJ - Mais coronel? Tem gente que diz que funcionou até 78, o senhor comprova isto?

PAULO MALHÃES: Não.... Ai eu tenho que ver....

CEV-RJ - Mas, pelo tempo, bem depois do Araguaia, destas coisas.

PAULO MALHÃES: Ih. Bota tempo nisto.

CEV-RJ - Então pode ser, o Araguaia o senhor esteve lá em 75...

PAULO MALHÃES: Pode ser. Eu já perdi as datas...

CEV-RJ - Não, mas mais ou menos, pensa aqui, eu ajudando o senhor, vamos pensar na Anistia ali, em 79, quando o pessoal começa a voltar....

PAULO MALHÃES: Já não funcionava mais.

CEV-RJ - - Mas, foi até perto disto?

PAULO MALHÃES: Foi até perto disto.

CEV-RJ - É, porque isto aí que...

PAULO MALHÃES: A volta dos anjos e dos arcanjos?

CEV-RJ - É

PAULO MALHÃES: Que o Golbery prometeu e cumpriu.

CEV-RJ - O Golbery sabia da casa?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O ministro do Exército sabia?

PAULO MALHÃES: Sabia.

CEV-RJ - Todos, enquanto ela existiu?

PAULO MALHÃES: Não, todos, assim de ele chegar e saber na hora que ele chegar, não. Você aguardava para ver qual a atitude dele.

CEV-RJ - Walter Pires já é Figueiredo e vem depois..

PAULO MALHÃES: Vem depois. A casa já não funcionava..

CEV-RJ - Você tinha ali Sylvio Frota, no Geisel, que depois caiu e entrou o Dilermano, não. Dilermano era segundo Exército. (02:01:00)

PAULO MALHÃES: Bethlem⁴.

CEV-RJ - Estes souberam?

PAULO MALHÃES: Souberam.

CEV-RJ - Coronel, e tinha muita gente de fora do Rio?

PAULO MALHÃES: Tinha.

CEV-RJ - Valia fazer isto assim?

PAULO MALHÃES: Tinha..

CEV-RJ - Trazer lá de Porto Alegre para ficar quatro dias em Petrópolis? Valia a pena fazer isto?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O máximo era São Paulo? O senhor lembra disso assim?

PAULO MALHÃES: Nem a São Paulo cabia. São praticamente, de carro...

CEV-RJ - Teve algum caso de São Paulo, o senhor lembra. Porque, é aquilo que o senhor falou, a OBAN...

PAULO MALHÃES: A OBAN tentou

CEV-RJ - ... queria mandar para cá?

PAULO MALHÃES: ... queria mandar. Não, porque não adianta.

CEV-RJ - Mas era gente daqui. Não tinha gente de fora?

PAULO MALHÃES: Era gente daqui mesmo.

4 Ministros do Exército pós 64: Governo Castelo Branco - Costa e Silva (4/04/64 a 30/06/66); Ademar de Queirós (01/07/66 a 15/03/67); Governo Costa e Silva – Aurélio Lyra Tavares (15/03/67 a 30/10/69); Governo Médici – Orlando Geisel (30/10/69 a 15/03/74); Governo Geisel – Vicente de Paulo Dale Coutinho (15/03/75 a 27/05/74); Sylvio Frota (27/05/74 a 12/10/77); Fernando Belfort Bethlem (12/10/77 a 15/03/79); Governo Figueiredo – Walter Pires de Carvalho Albuquerque (15/03/79 a 15/03/85);

CEV-RJ - Mas, por exemplo, o Fernando Santa Cruz, que veio de Pernambuco. O senhor ouviu falar dele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Cujo filho hoje é o presidente da OAB-RJ.

CEV-RJ - O Honestino Guimarães, que era um outro que era de Brasília?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - David Capistrano

PAULO MALHÃES: O David Caspitrano foi preso aqui.

CEV-RJ - Passou lá.

PAULO MALHÃES: Não estou dizendo que ele passou lá, estou dizendo que ele foi preso aqui.

CEV-RJ - Ajuda a gente aí, coronel?

CEV-RJ - Eu estou perguntando se passou lá? O que aconteceu depois, o senhor não precisa dizer...

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Aqui eu tenho o Paulo Stuart Wright, que é o irmão daquele pastor, James Wright...

CEV-RJ - Que é de Santa Catarina...

PAULO MALHÃES: Não me lembro dele.

CEV-RJ - Mata Machado, que era de Belo Horizonte, José Carlos Novaes Mata Machado, filho do Edgar Mata Machado?

PAULO MALHÃES: Ai eu não sei. Não posso te precisar. Posso precisar os que passaram por mim e eu convenci.

CEV-RJ - O senhor já falou que o Santa Cruz não, Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira e o Eduardo Collier Filho? Veio de Pernambuco.

PAULO MALHÃES: Não conheço.

CEV-RJ - David Caspitrano, José Roman, que era do partidão?

PAULO MALHÃES: Não, partidão não passou lá.

CEV-RJ - Não passou lá? João Macena Melo?

PAULO MALHÃES: Partidão não passou lá.

CEV-RJ - Aí tem Luiz Inácio Maranhão Filho, é partidão.

PAULO MALHÃES: É partidão.

CEV-RJ - Esses não passaram lá?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor teve contato com eles fora de lá?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Então vamos aqui, tem Ana Rosa Kucinski da ALN, que foi presa com o marido dela, Wilson Silva?

CEV-RJ - Professora de Química. Lembra dela? Ela era da USP.

PAULO MALHÃES: É um caso da USP mesmo.

CEV-RJ - Vou falar uma coisa desta Ana Rosa..

CEV-RJ - Isto significa o quê? Um caso da USP?

PAULO MALHÃES: Que ela foi presa, foi julgada e foi executada, não sei, ou foi eliminada, não sei, se tornou um dos elos perdidos aí, não sei. Mas que não tem nada a ver com a gente,

CEV-RJ - Coisa da esquerda?

PAULO MALHÃES: Não. Também não vou acusar a esquerda disto.

CEV-RJ - Coisa da direita, de militares.

PAULO MALHÃES: É coisa do Serviço.

CEV-RJ - Do Serviço. E não passou por Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor tem certeza disso. Coronel, vou lhe falar uma coisa, tem um cara, que o senhor já deve ter ouvido falar dele, estava preso, em Porto Alegre, inclusive fugiu para a Argentina agora, que era aquele Mario Mena Barreto, que diz que ele participou, supostamente, de envenenamento do Jango, o senhor lembra desta história? Ele estava preso em Porto Alegre, 15 anos, por estelionato, o cara fez de tudo. Montou empresa falsa. O senhor lembra desta história, né? Este cara, eu tive com ele no presídio lá, ele fala que na época, em Montevideo, quando ele trabalhava no serviço de inteligência em Montevideo, o senhor esteve em Montevideo?

PAULO MALHÃES: Conheço Montevideo. (02:04:57)

CEV-RJ - Mas, a possibilidade de alguém ter parado em Montevideo e lá ter ...é possível isto? (...)

PAULO MALHÃES: É, o pessoal... quando eles roubaram o cofre da amante do Ademar de Barros, que tinha cinco milhões de dólares, eles foram para o Rio Grande do Sul. E lá, eles começaram a estabelecer uma área de guerrilha. Então havia necessidade de trocar estes dólares por cruzeiros, ou pelo peso argentino para depois voltar para o cruzeiro, para não causar espécie aqui no Brasil de o cara chegar com milhões de dólares. Eles tinham gente inteligente também. Então eles mandaram casais, que era mais disfarçado, atravessar a fronteira, tanto do Uruguai, como da Argentina, que iriam trocar este dinheiro. Muitos não voltaram. Tinham uma quantia relativamente alta em dólares e procuraram um outro meio de vida e sumiram com os dólares. (02:07:35)

CEV-RJ - E não voltaram mais para o Brasil?

PAULO MALHÃES: Que eu saiba, não. Então, é possível que isto tenha acontecido assim, este relacionamento.

CEV-RJ - Mas vocês conseguiram, com os adidos, aí não só o serviço do CIE, mas com apoio do CIEx também, vocês conseguiram identificar alguns destes que estavam fazendo isto e aí chegar neles em Buenos Aires e em Montevideo?

PAULO MALHÃES: Conseguimos. Daí o nosso relacionamento ótimo com o Uruguai e a Argentina.

CEV-RJ - Estes foram presos ou viraram infiltrados?

PAULO MALHÃES: Não viram infiltrados, nem foram presos.

CEV-RJ - Foram eliminados?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Pode ter havido aquele pessoal com desvio de honestidade de dentro do serviço de inteligência que eliminou e ficou com o dinheiro?

PAULO MALHÃES: Não sei. Sei que presos eles não foram...

CEV-RJ - Oficialmente.

PAULO MALHÃES: Oficialmente, não constou para nós eles como presos. Constou eles como desaparecidos mesmo, tendo entrado pelo país adentro com os dólares *demontado hacienda* (????), hacienda ...

CEV-RJ - Mas que depois foram localizados pelos...

PAULO MALHÃES: Foram localizados, mas não sei se levaram eles, se eles conseguiram, ou os próprios uruguaios e argentinos...

CEV-RJ - Mas, para o Brasil não voltaram, não é coronel?

PAULO MALHÃES: Não. ... os próprios argentinos e uruguaios resolveram...

CEV-RJ - Sem participação brasileira?

PAULO MALHÃES: Não, pode ser até com participação brasileira, isto eu não posso lhe dar porque...

CEV-RJ - Mas vocês tinham uma boa relação, deu certo isso, vocês conseguiram mapear este caminho deles, isto que o senhor falou, do Rio Grande do Sul, esta coisa da troca do dinheiro, isto tudo vocês foram..

PAULO MALHÃES: Eu tinha um bom relacionamento com o Exército argentino... com o exército uruguaio....

CEV-RJ - Chileno?

PAULO MALHÃES: Mais ou menos.

CEV-RJ - Disseram que o senhor participou de interrogatórios lá no Estádio Nacional

PAULO MALHÃES: Mas, isto não quer dizer que eu tenha bom relacionamento.

CEV-RJ - Mas, o senhor chegou a participar?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Interrogou brasileiros lá?

PAULO MALHÃES: Não vou lhe dizer que sim porque você vai botar que eu fui interrogador lá no Chile...

CEV-RJ - Não, não vou dizer nada, só estou perguntando. Mas isto já consta na internet. Se o senhor pegar os arquivos na internet... (02:10:04)

PAULO MALHÃES: Pois é, mas se você confirmar está confirmado. Enquanto constar nos arquivos da internet estou pouco me incomodando.

CEV-RJ - Coronel, mas o senhor andava hein? .

PAULO MALHÃES: É, porque eu fui um que descobriu a Junta de Coordenação Revolucionária que se instalou na Venezuela. Você soube disto? Da Junta Coordenadora Revolucionária?

CEV-RJ - Não. Envolvia vários países?

PAULO MALHÃES: Envolvia Brasil, Uruguai, Chile, envolvia quase toda a América do Sul.

CEV-RJ - Diversas organizações, ou cada país uma organização?

PAULO MALHÃES: Não, diversas organizações. Eles davam apoio. Tanto monetário como de ensinar, de fazer. No curso de Cuba teve gente à beça, da ALN com curso em Cuba...

CEV-RJ - Para tudo, para passaporte, para a vida, material..

PAULO MALHÃES: Curso em Cuba. Deram azar que nós pegamos o caminho e quando eles voltaram a gente pegava eles.

CEV-RJ - Qual era o caminho?

PAULO MALHÃES: É pelo Rio Grande do Sul e pelo Paraná também, Foz do Iguaçu. Pelo Rio Grande do Sul lá por cima...

CEV-RJ - Três Passos?

PAULO MALHÃES: É, Três Passos, isto mesmo. A área de guerrilha era ali, dali até Santa Catarina, passando pela estrada que leva a Porto Alegre. E eles fizeram grupos, nas cidades todas, que tinham unidades militares. E este grupo, a função deles era impedir que o Exército se deslocasse dali para a área. Faziam uma certa de ações, de modo que o Exército ficasse embargado de ir. Tinha que ficar ali para proteger e tal. Graças a Deus, nós pegamos o regional, que tinha montado isto, o Lamarca, e o regional abriu e nós conseguimos desmontar isto tudo. Ai esta região não foi declarada como Guerrilha, como foi a de São Paulo, Registro. Então esta nós conseguimos abafar no nascimento dela.

CEV-RJ - Mas tinha mais gente, além do senhor que descobriu este desenho, tinha muito mais gente que sabia disto, ou vocês eram muito poucos que ..

PAULO MALHÃES: Não, até o Exército local soube disto.

CEV-RJ - Eu lhe perguntei isto por esta coisa, o senhor ia para o Maranhão, daqui a pouco tinha que estar no Araguaia...

PAULO MALHÃES: No Rio Grande do Sul, então, foi fácil, porque quando eu cheguei lá o Exército não se interessou no que fui fazer lá. Quando eu disse que vim porque havia uma tentativa de sequestro do cônsul americano lá, inclusive o cônsul foi baleado e tudo isto... eu disse, 'eu vim aqui para ver se descubro quem...'

CEV-RJ - Isto foi em 70, 71 ou 72?

PAULO MALHÃES: Nem me lembro descobri quem são os elementos daqui que estão fazendo isto. Aí eu procurei um apoio no Exército. Negativo. E fiquei meio sem pai e sem mãe. Aí eu disse 'vou procurar o DOPS daqui'. E fui lá conversar no DOPS com o diretor do DOPS da época se eu podia..

CEV-RJ - O DOPS, aquele que era uma casa lá em Porto Alegre, na rua Santo Antônio?

PAULO MALHÃES: Era uma casa. Aí eu fui lá e graças a Deus encontrei um grande amigo lá, que foi quem me ajudou. Também eu fiz ele passar de delegado de 3ª, para 2ª e para 1ª. Porque o secretário de segurança disse, fulano de tal eu faço delegado de segunda, fulano de tal eu faço delegado de primeira e eu peguei os caras todos, mas não era eu quem pegava, eu pegava, chamava o delegado e dizia 'leva ele e apresenta ao secretário de segurança que ele vai te promover'. Esse cara todo mundo sabe quem é, ele ganhou medalha de Pacificador (02:15:20) Pegaram Medalha de Pacificador e tudo

CEV-RJ - Delegado do DOPS lá do Sul? Não é o Pedro Seelig, não?

PAULO MALHÃES: É o Pedro Seelig, este mesmo. Grande amigo.

CEV-RJ - Já era ou ficou naquele tempo?

PAULO MALHÃES: Não, ficou quando eu fui lá. Quando eu pedi socorro ao DOPS. Aí eu me tornei, eu tive o Rio Grande do Sul na minha mão. Pedi mais quatro sargentos... para me ajudarem, já que não tinha oficial disponível, pedi quatro sargentos, vieram quatro sargentos mais o pessoal do DOPS..

CEV-RJ - Mas, lá do Exército do Sul mesmo?

PAULO MALHÃES: Não. Lá do CIE, vieram quatro sargentos se juntamos aos inspetores do DOPS, fizemos uma mistura lá, não muito homogênea, mas .. e que funcionou.

CEV-RJ - Ficaram muito tempo lá?

PAULO MALHÃES: Não, não foi preciso. Cheguei em Três Passos e em dois dias eu prendi todo mundo, botei, todo mundo à disposição do DOPS. Lá eu não tive infiltrado. Não podia nem falar isto.

CEV-RJ - Mas o senhor já chegou sabendo?

PAULO MALHÃES: Já cheguei sabendo. Que era o bicho, que era o sobrinho da amante do Ademar de barros que tinha contado ao Lamarca que a tia dele tinha um cofre com quatro milhões de dólares que era do Ademar. Eu sei até para o que foi, era uma vacina que o Ademar não comprou, guardou os quatro milhões de dólares para ele e deu uma vacina de água em todo mundo em São Paulo. E o Lamarca conseguiu roubar este cofre. Fez uma operação, o Lamarca com o pessoal dele, era ...

CEV-RJ - Em Santa Teresa.

PAULO MALHÃES: Era, vamos dizer assim, a organização mais perigosa, era do Lamarca. Era a única que eu vi com capacidade de combate, porque as outras todas não tinham. Os nossos guerrilheiros eram frouxos. Eu tenho experiência. Se você lidasse com guerrilheiro argentino é completamente diferente de você lidar com guerrilheiro brasileiro. Era de uma convicção padrão. Eu aprendi isto também através disto. O chileno era fraquinho também. Mas, o argentino era de uma convicção... você não conseguia transformar um argentino em informante. Eu tentei, tentei, tentei e dei com os burros n'água, tamanha era a convicção do argentino, ERP (Exército Revolucionário do Povo). Era uma coisa assim, de eu me espantar. Porque eu lidava com os brasileiros, então quando eu cheguei, quando eu tive que lidar com ele, eu achei uma novidade.

CEV-RJ - E os uruguaios, coronel?

PAULO MALHÃES: Mais ou menos.

CEV-RJ - Estava mais perto do Brasil?

PAULO MALHÃES: Mais ou menos. Mas, o argentino me surpreendeu. Tanto é que eles causaram um terror na Argentina. O pessoal do Exército andava com a carteira de identidade dentro do sapato. Ninguém andava com a identidade no bolso, porque de repente eles cercavam o quartirão e identificavam todo mundo. Quem fosse do Exército ia para o cacete. Atacam quartéis...(02:20:06)

CEV-RJ - O senhor sofreu alguma ameaça?

PAULO MALHÃES: Muitas.

CEV-RJ - Mas teve alguma tentativa? Atentado?

PAULO MALHÃES: Não. Eu sofri uma traição.

CEV-RJ - Como assim?

PAULO MALHÃES: Um caso muito particular, mas vou te dar uma dica ... Vamos lá, estamos conversando... É um caso particular. Eu tive uma namorada, quando era rapaz, que era do Instituto de Educação e eu era do Colégio militar e nós fomos namorar. Há bastante tempo. Mas eu, por natureza, sou pulador de cerca. Agora não, com 72 anos não consigo pular a cerca. Mas, na época, era novinho...

CEV-RJ - Pelo jeito o senhor teve várias mulheres....

PAULO MALHÃES: Várias. Juntas, assim, são cinco. Com filhos. Então eu namorei uma menina da mesma sala dela, aquilo ficou em segredo entre a menina e eu e um dia a menina abriu para ela. 'Também namoro o Paulo'.

CEV-RJ - Duas na mesma sala.

PAULO MALHÃES: Duas na mesma sala.

CEV-RJ - Simultaneamente ..

PAULO MALHÃES: Um absurdo...

CEV-RJ - Mas, aí, seu serviço de infiltrado falhou... **PAULO MALHÃES:** Não, mas eu nem pensava nisto...

CEV-RJ - Sábado com uma, domingo com outra..

PAULO MALHÃES: Ai, quando eu fui expulso pelas duas, não é? Eu disse 'agora vou namorar a turma toda' (ri) Saí fazendo isto. A menina eu não vi mais. Eu soube depois que ela tinha casado,

CEV-RJ - Mas isto passaram anos...

PAULO MALHÃES: Passando anos, eu encontrei com ela, estava casada, tinha três filhos, e tal, não sei o que... resolvemos sair juntos. Só que eu não sabia que ela era comunista...

CEV-RJ - E ela sabia que o senhor...

PAULO MALHÃES: mais ou menos. Aí, ficamos... mas, alguma coisa na minha cabeça me chamou a atenção. Eu grampeei o telefone dela. Aí eu ouvi ela combinando a minha morte, com o grupo dela..

CEV-RJ - Ainda por conta da traição quando rapaz, ou por conta das atividades como militar?

PAULO MALHÃES: Não sei. Então eu fiz uma contrapartida, eu preparei o inverso. Uma emboscada para ela e para o time dela, que era PCdoB.

CEV-RJ - Caíram todos?

PAULO MALHÃES: Todo mundo. Lógico. Nossa superioridade numérica e de fogo...

CEV-RJ - Sobrou alguém para contar história ainda?

PAULO MALHÃES: Eu acho que, não sei, não me lembro. Um processo qualquer na minha cabeça me desfez desta época. Então, ficou resolvido o problema. Mas foi uma traição. Então, só isto que eu sofri. Eu até fiz de gozação. Uma traição por amor. O codinome dela era Sabiá.

CEV-RJ - Coronel, o que o senhor acha do Marival Dias Chaves, aquele que veio a público e contou um monte de histórias da Casa da Morte, do Aparelho de Petrópolis? Deu várias entrevistas, depoimento à Comissão Nacional da Verdade agora recentemente... O senhor o conheceu pessoalmente?

PAULO MALHÃES: Não. Mas não quer dizer que ele não saiba.

CEV-RJ - Mas, na época, o senhor sabia quem ele era, mesmo sem ter contato com ele, de nome ou coisa assim?

PAULO MALHÃES: Não. Não tinha contato nenhum

CEV-RJ - Ele fala de um cabo Félix Freire Dias. Este nome diz alguma coisa para o senhor?

PAULO MALHÃES: O Félix é um personagem que trabalhou no sistema, não aqui no Rio, em Pernambuco, ele é de Pernambuco e foi acabar na Serra Pelada. Ele trabalhou na Serra Pelada, o Curió levou ele para lá, ele ficou trabalhando lá e parece que mataram ele lá, ou mataram depois. Sei que ele sumiu também.

CEV-RJ - Mas, ele não esteve em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas ele não passou por aqui? Por que, segundo as histórias, ele seria o cara que retalhava corpos....

PAULO MALHÃES: Não havia necessidade disto.

CEV-RJ - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, um jogo, dentro da honestidade até quando o senhor puder. Se alguém morresse em Petrópolis, qual era a possibilidade maior: enterrar no fundo do quintal?

PAULO MALHÃES: Nunca

CEV-RJ - No cemitério como indigente?

PAULO MALHÃES: Nunca

CEV-RJ - Queimar nos fornos da Usina Cambahyba?

PAULO MALHÃES: Ih, nunca, nem tinha conhecimento disto.

CEV-RJ - Uma vala comum na estrada?

PAULO MALHÃES: Teve casos, que não são nossos, que são até do DOI, que o cara foi enterrado na beira da estrada, um foi enterrado na praia, outro foi enterrado não sei aonde. O DOI teve. (02:26:59)

CEV-RJ – Mas, fazia o quê, coronel? Nós temos informação de que ninguém saía, nenhum corpo saía do DOI, sem uma autorização do CIE.

PAULO MALHÃES: É provável.

CEV-RJ - Mas, coronel, fazia o quê?

PAULO MALHÃES: Aí não dá para explicar.

CEV-RJ - Mas nada destas coisas faz sentido para o senhor, o senhor acha que é tudo invenção? Quando o senhor ouve do Claudio Guerra, a Usina Cambahyba, isto para o senhor parece uma piada?

PAULO MALHÃES: É piada. É piada. Isto é mentira.

CEV-RJ - Por que ele inventaria isto?

PAULO MALHÃES: Porque ele é um inventor.

CEV-RJ - Ele quer encontrar o senhor. O senhor toparia conversar com ele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor chegou a conviver com ele, coronel?

PAULO MALHÃES: Cheguei a entrar em contato com ele..

CEV-RJ - Mas, isto, na época?

PAULO MALHÃES: Pois é, aí, quando eu vi que ele era um falador, eu descolei dele. Não tive mais contato com ele.

CEV-RJ - Mas, ele era ligado ao Perdigão.

PAULO MALHÃES: Depois, eu acho que depois ele se tornou. Não sei bem, não conheço bem a história da ligação do Perdigão com ele..

CEV-RJ - Ele disse que conheceu o senhor no escritório do CIE na Petrobrás. Tinha alguma coisa na Petrobrás, o senhor trabalhou lá na Petrobrás?

PAULO MALHÃES: Tinha

CEV-RJ - Mas era do SNI, não era coronel?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Do CIE? Vocês se reuniam lá.

CEV-RJ - Ele disse que conheceu o senhor lá. Ele mandou um recado aqui (...) 'da equipe do Perdigão fazia parte um delegado capixaba', o senhor falou isto para o Chico Otávio. O Guerra falando, 'sei que ele deve negar outros fatos para se defender, se acareado com ele eu topo, em juízo'. Diz que este delegado capixaba era ele.

PAULO MALHÃES: Não era ele. Ligado a mim, não era ele.

CEV-RJ - Não, ao Perdigão.

PAULO MALHÃES: Ao Perdigão não sei.

CEV-RJ - Coronel, e estas histórias... o senhor já ouviu falar um pouco das histórias dele. Esta coisa que ele fala da irmandade, isto da usina. Tudo isto o senhor acha que não tem sentido?

PAULO MALHÃES: Eu acho impossível o Perdigão ter mandado alguém ser queimado em uma usina.

CEV-RJ - Por ser o que ele era?

PAULO MALHÃES: Por ser o que ele era. Acho impossível.

CEV-RJ - Ele faria o quê?

PAULO MALHÃES: Ele usaria o nosso processo. Entendeu? Então, eu acho que isto é falso. Ele é metido, eu larguei ele justamente por causa disto, porque ele é metido a falador, é metido a .. entendeu? (02.29:47)

CEV-RJ - Coronel, e o Perdigão. O senhor teve contato com ele até quando?

PAULO MALHÃES: Perdigão foi um cara que foi muito amigo meu.

CEV-RJ - Vocês continuaram, mesmo depois que vocês...

PAULO MALHÃES: Não. Eu não continuei amigo de ninguém.

CEV-RJ - Mas, isto foi um pacto entre vocês, ou não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Sem dizer, mas todo mundo acabou agindo da mesma forma.

PAULO MALHÃES: Foi um pacto comigo mesmo, entendeu? Eu quero me afastar, não quero saber novidade, não quero saber. Tanto é que tem alguns sargentos que de vez em quando me telefonam, vêm me visitar, assim, mas eu procuro não tratar tão bem como deveria ter tratado para o cara se mancar e .. Porque eu tinha um plano para o nosso, a nossa força não ser exterminada...

CEV-RJ - Mas, que o senhor considerava que era um plano para o país, ou era mais uma coisa para o grupo mesmo?

PAULO MALHÃES: Para o grupo, de impedir que isto acontecesse. Nós tínhamos como fazer uma revolução. Seria uma revolução que é chamada na França de Coup, assim coisa pequena, mas no estafe grande. Nós pegaríamos o estafe grande e desmontaríamos o estafe grande, a nação cairia e nós poderíamos colocar no lugar quem a gente quisesse. Mas, infelizmente, isto não foi possível. Muitos não concordaram, outros tiveram medo, foi por aí fora. Então, quando eu me afastei, você vê, um homem acostumado a ter que raciocinar muito, um homem acostumado a viver de um mundo para o outro,

de repente tudo isto ser tirado da sua cabeça, meu cérebro não suportou, meu cérebro não aceitou que eu parasse de pensar. Então eu comecei a estudar outras coisas, comecei a criar pássaros, comecei a criar animais. Hoje me dedico às orquídeas, estudando as orquídeas e outras plantas. Descobri um lugar que tem outras plantas, então.., eu e minha mulher discutimos as outras plantas. Vai por ai afora. Isto amenizou o problema do meu cérebro parar de trabalhar. Hoje não, hoje coitadinho está mais retraído, tem...

CEV-RJ - Está funcionando bem ainda...

PAULO MALHÃES: Eu podia lhe contar muito mais se o meu cérebro permitisse dizer certas pessoas que você me pergunta, que eu não me lembro. Pode ser um lapso de memória meu, eu não posso dizer que não seja. Então, hoje ele já tem lapso de memória, já tem....

CEV-RJ - Coronel, quando eu lhe perguntei do Perdigão, o senhor disse que era amigo dele.

PAULO MALHÃES: Eu ajudei a salvar a vida dele. Foi baleado,

CEV-RJ - Na Lagoa, não é?

PAULO MALHÃES: É. Por um pessoal do MR-8, deu uma de otário.

CEV-RJ - Por que de otário, foi lá sozinho?

PAULO MALHÃES: É, porque fez sinal para o cara parar, o cara parou e ele achou que não tinha nada e foi, um carro bem suspeito, tinha tudo, inclusive com furo de bala, o carro em que os caras estavam, então ele tinha que ter, ele tinha quatro sargentos na mão dele, então era fácil ele fazer a abordagem de um carro, e não, ele foi de peito aberto. Quando chego perto o cara sacou um revólver, ele se jogou no chão, o cara deu dois tiros nele, um entrou aqui (mostra o ombro) e parou do lado do coração. O outro quase matou ele porque cortou a veia, cortou esta veia (mostra na perna).

CEV-RJ - Como o senhor ajudou ele?

PAULO MALHÃES: Porque eles chamaram pelo rádio e eu estava pertinho. Então, eu cheguei com o carro, botei no carro – o que nin-

guém tinha feito até aquela hora – e saí com ele disparado e o primeiro hospital que eu vi lá eu encostei, entrei com o carro e quase ... de pistola na mão.. eu quero um socorro para um companheiro que está ferido, arranjaram logo uma sala de cirurgia, o médico entendia de artérias e veias e operaram ele.

CEV-RJ - Ele lhe agradeceu para o resto da vida...

PAULO MALHÃES: Aí nós ficamos muito amigos. Ficamos mais amigos, nós já éramos amigos.

CEV-RJ - Faz jus, assim, tem muita gente que fala da atuação dele, o próprio Claudio Guerra, de quem estávamos falando, ele tinha esta influência, como o senhor tinha, ou se inventa muita coisa sobre o nome do Perdigão, independentemente da veracidade do que as pessoas falam, ele tinha um papel importante?

PAULO MALHÃES: Tinha, ele era um menino inteligente – desculpa eu chamar de menino.

CEV-RJ - Menino, por que ele era mais novo que o senhor?

PAULO MALHÃES: Não, porque nós éramos todos meninos. Ele era um menino, inteligente, capaz, era um cara de peito. Então ele, realmente produziu muito. Talvez mais, um pouco mais agressivo e violento do que eu.

CEV-RJ - Mas isto era do comportamento dele, do jeito que ele era?

PAULO MALHÃES: Era do comportamento dele, do jeito que ele era, ninguém pode ir contra.

CEV-RJ - Tem uma história, que eu não sei se confere, que o Amílcar Lobo teria ido ao hospital no dia deste acidente que o senhor levou ele lá, o senhor confirmaria isto?

PAULO MALHÃES: Pode ter ido.

CEV-RJ - Por que ele foi chamado lá.

PAULO MALHÃES: Pode ter ido.

CEV-RJ - O senhor conheceu o Amílcar Lobo?

PAULO MALHÃES: Conheci. Não gostava dele.

CEV-RJ - O senhor tinha um pé atrás com ele?

PAULO MALHÃES: Tinha um pé atrás com ele.

CEV-RJ - Por quê?

PAULO MALHÃES: Porque o jeito dele de ser.

CEV-RJ - Garganta, assim?

PAULO MALHÃES: Não, o jeito próprio. Eu digo que é uma afinidade de de santo. Desculpe eu usar esta impressão.

CEV-RJ - Entendi, bate ou não bate.

PAULO MALHÃES: Meu santo bate, ou meu santo não bate. Eu aqui crio dois meninos, que trabalham e moram aqui, uma mãe tem dez filhos, a outra tem... então não dá para criar o menino, então eu arranjei um emprego para os meninos de grupo, emprego de grupo, varrer, limpar os canis e tal. Primeiro para ajudar, para eles não virarem vagabundos, no tempo ocioso deles. Eles vão à escola, tudo direitinho e vêm para cá para trabalhar. Eles gostam, porque no fim de semana eles ganham e tal... Então meu jeito nunca foi este, agressivo, às vezes quando eu bebo eu até me torno agressivo, por causa disto eu parei de beber. Eu, bêbado, sou meio agressivo, já fechei boate em Copacabana...

CEV-RJ - Mas, o Amílcar Lobo o senhor tinha..

PAULO MALHÃES: Tinha um pé atrás com ele.

CEV-RJ - Ele se dava bem com o Perdigão, o senhor lembra disto?

PAULO MALHÃES: Dava. Ele se dava bem quase com todo mundo.

CEV-RJ - O senhor leu o livro dele? As histórias que ele conta?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - E ele ajudava a vocês lá em Petrópolis?

CEV-RJ - Ele disse que foi levado à Petrópolis duas vezes.

CEV-RJ - O senhor lembra disto?

PAULO MALHÃES: Eu acho que ele foi levado uma vez. Escutei falar.

CEV-RJ - Pelo Paim Sampaio?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - O caso do Grego?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Ele conta esta história no livro dele...

CEV-RJ - O que o senhor lembra de escutar falar? De ele ter ido lá na casa em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Eu achei errado.. Já tinha este pé atrás com ele.

CEV-RJ - Mas ele disse que foi também ver a Etienne lá.

PAULO MALHÃES: Não sei se foi...

CEV-RJ - No caso do Paim Sampaio ele conta que foi atender um infiltrado, Grego⁵, que era esquizofrênico.

PAULO MALHÃES: Ai pode ser um infiltrado do Paim Sampaio.

CEV-RJ - Infiltrado do Paim Sampaio, que era um Grego, Papadeo, que ao chegar lá ele falou para o Paim Sampaio, 'olha, esta cara está em crise de esquizofrenia. Tão cedo o senhor não vai poder contar com ele'. E que ai o Paim Sampaio deu um tiro, na cabeça do rapaz,

5 O ex-cabo do Exército Vitor Luiz Papandreu, militante de esquerda, Vitor Papandreu foi morto na "Casa de Petrópolis" (RJ) em 71, conforme sugeriu em livro o médico militar Amílcar Lobo. Em setembro de 2001, transformou-se no primeiro caso em que a Justiça acolheu um pedido de indenização recusado pela Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos.

na frente dele, na varanda da casa. Pode ser? O Paim Sampaio era desses arrojos?

PAULO MALHÃES: Que eu saiba, também não. (02:39:58) Não quero dizer que o Paim Sampaio era santo, nem estou dizendo que eu era santo. Ninguém é santo lá. Mas, há os mais intempestivos e há os menos. Perdigão, por exemplo, era a intempestividade em pessoa.

CEV-RJ - Era estourado.

CEV-RJ - Se esta historia fosse com o Perdigão o senhor acreditaria?

PAULO MALHÃES: Não teria dúvida.

CEV-RJ - Mas, coronel, isto o que o senhor falou que o senhor lembra do Amílcar Lobo assim, a memória que do senhor de que ele teria passado por lá, como o senhor tinha um pé atrás.

PAULO MALHÃES: Eu já não participava muito da onde ele estava. Ele reunia com o pessoal, quando a gente ia lá na PE e não sei o quê, o Amílcar Lobo, o Amílcar Lobo, e eu ...

CEV-RJ - Mas tinha outros médicos com os quais o senhor não tinha o pé atrás.

PAULO MALHÃES: Não, médico só tinha o Amílcar Lobo.

CEV-RJ - O Agnesi?

PAULO MALHÃES: Vê o nome dele ai...

CEV-RJ - Sabe o que é, coronel, uma coisa que precisamos entender são alguns médicos que hoje dizem que não, mas que de certa forma podiam ajudar pela função de médico a, quando dava alguma coisa errada, nas próprias certidões de óbito, aquele papel do perito... Isto era uma rede ou era mais uma circunstância? Vocês tinham isto organizado? A ocasião faz a situação, está ali vai ter que ajudar a gente, era isso?

PAULO MALHÃES: Não. Eu nunca tive problema de certificado de óbito, tá? Nunca tive Para ninguém.

CEV-RJ - O senhor não precisou, ou não teve problema em tirar?

PAULO MALHÃES: Não, não precisei. Entendeu?

CEV-RJ - Ricardo Agnesi Fayad, era o médico da PE....

PAULO MALHÃES: Todo médico da PE...

CEV-RJ - ...que dizem que ia à casa de Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não, a Petrópolis o Fayed não foi não.

CEV-RJ - O senhor lembra do Amílcar ter ido.

PAULO MALHÃES: Pode ter ido, também não...

CEV-RJ - Como o senhor falou, se foi, foi uma vez, não vivia lá.

PAULO MALHÃES: Não vivia lá. Mas ele pode ter ido.

CEV-RJ - E o Fayad?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas ele atendia ao pessoal lá no..

PAULO MALHÃES: Podia atender, lá no DOI-CODI. Podia atender.

CEV-RJ - E o senhor conheceu os irmãos Ochesendorf?

PAULO MALHÃES: Conheci.

CEV-RJ - Sargentos Jacy e Jurandir? Trabalhou com eles?

PAULO MALHÃES: Um tempo, trabalhei. Quando eu estava em Brasília eu trabalhei com eles, com os dois.

CEV-RJ - Porque eles estão na história do Rubens Paiva, no tal sequestro. O coronel que falou com a gente, o coronel Raymundo,

CEV-RJ - Diz que foi ele dirigindo o carro e os dois atrás..

CEV-RJ - Não, não. Foi um dos sargentos dirigindo o carro e disse que só trabalhou uma vez com eles, não reconheceria eles hoje.

PAULO MALHÃES: Nem eu reconheceria eles hoje.

CEV-RJ - O Jacy é carequinha, fortão, queimado de praia e mora em Angra dos Reis, eu tive com ele e ele não quis falar. O Jurandir mora em Brasília.

PAULO MALHÃES: Eles não eram maus sargentos, não.

CEV-RJ - Mas eu ouvi falar que tinham fama de violentos. Malhães – É. Violento todo mundo é.

CEV-RJ - Trabalhavam bem?

PAULO MALHÃES: Mas trabalhavam bem. Guerra..., você tem que entender que guerra é guerra. Você não pode querer hoje dizer que eles não estavam em guerra com a gente, que eles não usavam armas, que eles não atiravam na gente, que eles não sequestraram embaixador, que eles não matavam... guerra é guerra.

CEV-RJ - Está neste livro que lhe trouxe.

CEV-RJ - Coronel, o senhor perdeu gente da sua equipe?

PAULO MALHÃES: Não, o único cara amigo meu que foi ferido foi o Perdigão. Os meus homens, nunca, nenhum deles foi ferido. Primeiro que nós trabalhávamos com infiltrados. Já não era muito trabalho deles, eles tinham também obrigação de... Eu trabalhei muito tempo em operações. Por exemplo, eu montei, eu capturava... A minha história começou assim. Eu capturava... Tinha um ponto marcado entre um elemento do comando, do comitê central do PCdoB e um infiltrado meu. Certo? A ordem foi o seguinte, como este cara tinha sido oficial do Exército – Lincoln Cordeiro Oest⁶

6 Segundo o livro Brasil Nunca Mais, Lincoln Cordeiro Oest foi preso no dia 20 de dezembro de 1972. A versão oficial de morte por tentativa de fuga foi desmentida pelos depoimentos dos presos políticos José Auri Pinheiro e José Francisco dos Santos Rufino, prestados à época em auditorias militares. Segundo eles, Lincoln foi torturado no DOI- CODI/RJ, onde estava preso.

CEV-RJ - Era o infiltrado?

PAULO MALHÃES: Não, era o..

CEV-RJ - Membro do comitê?

PAULO MALHÃES: Membro do comitê do PCdoB e um dos diretores da guerrilha do Araguaia.

CEV-RJ - É, eu sei quem é.

PAULO MALHÃES: Aí, 'Ah, ninguém consegue prender ele não. Ele é muito esperto, já tentaram, já tiveram outra chance e perderam ele'. 'Bom, então eu posso tentar?'. 'Podê'. 'O infiltrado é meu, estou trazendo a notícia, mas eu vou tentar'. 'Mas não vai dar certo, não. Ele é esperto para burro'. Tá bem. Na véspera eu mandei correrem os rendez-vous e pegarem as meninas mais novas que tinham e trazerem para um local, presas.

CEV-RJ - Presas?

PAULO MALHÃES: Presas, como se fossem presas. Peguei uns agentes de polícia, todo mundo que tinha cara de garoto, mais ou menos novo – eu tinha 60 agentes da Polícia Federal comigo – então peguei os que tinham caras mais novas e disse 'vocês, cada um escolhe um par para ser um casal'. Vamos comprar livros, para eles terem debaixo do braço, porque tinha um colégio perto, e vamos preparar a cena de estudantes. 'Vocês serão estudantes'.

Expliquei para as prostitutas o que elas iam fazer, 'vocês vão ajudar a prender um cara, assim, assim'.

CEV-RJ - E elas não recusaram?

Tanto Auri, quanto Rufino ouviram de um policial torturador que Lincoln teria sido "eliminado em suas mãos". O exame cadavérico demonstrou que o ex-deputado foi morto com grande número de tiros (pelo menos nove), em várias partes do corpo. A necropsia, realizada por Adib Elias e Eduardo Bruno, confirmou a versão oficial de morte em tiroteio, A Aeronáutica divulgou que ele morreu em um tiroteio na Rua Itapemirim, no Rio.

PAULO MALHÃES: Não, gostaram até da ideia. ‘Então nós não estamos presas?’ ‘Não, ninguém está presa, é que preciso de vocês para fazerem este trabalho.’ Ficou tudo em família, demos almoço,

CEV-RJ - Elas arranjaram alguns clientes ali?

PAULO MALHÃES: Não. Aí eu não sei. Eu sei que não entrei na história.

CEV-RJ - Mas deu certa a cena?

PAULO MALHÃES: Deu certa a cena.

CEV-RJ - Isto foi em que bairro?

PAULO MALHÃES: Foi ali na Piedade. Aí, montei a partir de 11hs vocês vão para lá, eu vou estar em um poste, trepado em uma escada, em um poste. Então, fulano, fulano e fulano vão receber rádio. Eu vou dizer o que vocês vão fazer, se está acontecendo alguma coisa e vocês me dizem se virem alguma coisa. Fiquei no poste, com roupa da Light e tal. Entrou uma Kombi, deu uma volta devagarzinho, botei o infiltrado no lugar do ponto, entrou uma Kombi, passou devagarzinho, aí me notificaram, ‘olha, tem uma Kombi aqui que passou muito devagar’. Está bem, continua todo mundo na posição, deixa o barco correr. O infiltrado também... acho que o infiltrado sabia que era ele. O infiltrado não falou. O infiltrado ficou na dele, mas se assustou quando viu a Kombi.

CEV-RJ - Havia um ponto marcado?

PAULO MALHÃES: Um ponto, um lugar que eles marcam e se encontram, bem destacado, e tal, dentro do cinema, eles se encontram, em qualquer lugar. A Kombi deu a segunda volta, parou e ele soltou. Quem prendeu ele foi uma puta, que correu e disse ‘o senhor está preso’. Aí ele quis, mas já era tarde, foi abafado e foi preso.

CEV-RJ - Ele estava sozinho?

PAULO MALHÃES: Estava. Aquilo ficou, ‘ah que eu fazia ponto de Hollywood, uma sacanagem danada por causa daquilo’..

CEV-RJ - Fez fama?

PAULO MALHÃES: É. Aí eu fiz outros pontos mais ou menos parecidos, diferentes, mas eu fazia os pontos, então, às vezes eu trabalhava nisto também. Eu gostava de fazer isto. O problema é você gostar e imaginar como você vai fazer. O cara foi preso, mas o cara não ficou comigo. O Frota era o comandante do primeiro Exército. E eu tinha pego uns caras do DOI, também. Aí o Frota esteve no DOI quando eu tive e disse, ‘Malhães, eu quero ele vivo, porque ele foi meu colega de escola, do Exército. Então eu quero ele vivo para conversar com ele’. ‘Tudo bem, mas não depende muito de mim, mas se eu puder trazê-lo vivo’.

CEV-RJ - Isto antes de o senhor prendê-lo?

PAULO MALHÃES: Antes, antes. Aí, eu passei a mão nele, comuniquei ao DOI que eu tinha prendido o cara – o cara ia mais ou menos para o DOI – e eles comunicaram o Exército. Aí vieram dois – não vou dizer o nome deles, porque você até citou o nome deles, mas eu não falei – dois membros da contrainformação vieram para mim e disseram ‘Malhães, a ordem do ministro é você passar o preso para nós’. Eu disse ‘pô, eu prendi o cara e vocês vão me levar o preso?’ ‘É a ordem, se você quiser falar com o Coelho Neto, você liga para o Coelho Neto que ele vai te confirmar’.

CEV-RJ - Coelho Neto era chefe-de-gabinete do Ministro?

PAULO MALHÃES: Era.

CEV-RJ - O Frota era ministro ou comandante do primeiro Exército?

PAULO MALHÃES: Comandante do primeiro Exército. Aí, ‘se você quiser falar com o Coelho Neto ligue para o Coelho Neto que ele vai te dizer a mesma coisa que estamos dizendo’. ‘Ah, tudo bem. Não vou duvidar de vocês. Não tenho motivo para duvidar de você. Todo mundo sabe que eu já prendi o cara. Quer dizer, agora’. Entreguei eles para os caras. Os caras levaram ele para um aparelho, que eu não sabia que a contrainformação tinha, e amassaram ele de porrada. Aí não tinha jeito de apresentar ele como preso. O que os caras fizeram, forjaram uma fuga, botaram uma granada nele...

CEV-RJ - Botaram o quê nele?

PAULO MALHÃES: Uma granada, para explodir, para desfazer o estrago das porradas. Eu soube disso depois. Aí ele morreu. Quando eu cheguei lá, no Frota...

CEV-RJ - Que queria ele vivo.

PAULO MALHÃES: ‘Cadê o seu preso?’ O meu preso não ficou sendo meu preso e está morto. ‘Você é um assassino, você é não sei o que, foi você é quem matou.’ Pintou e bordou comigo. ‘Só não vou te mandar embora porque eu sei que preciso de você lá no gabinete, senão eu ia lá no ministro’. Não adiantava falar com o ministro, porque muita gente ia fazer queixa com o ministro e o ministro não me mandava embora.

CEV-RJ - Essa época o ministro era?

PAULO MALHÃES: Era o Bethlem, Não, era o que fumava charuto e que eu não me lembro o nome dele⁷. O Frota ia visita, o cara morreu, tentando fugir, isto é problema lá de quem fez a operação. Aí me perguntaram como foi.... (inaudível) da contrainformação..

CEV-RJ - Contrainformação do CIE?

PAULO MALHÃES: Do CIE. A contrainformação mandou os caras lá dizerem que era ordem do chefe do CIE, não posso fazer nada. ‘Não, foi ordem mesmo daqui, para entregar aos caras, porque resolveram que o cara tem que morrer, não podia ficar vivo, porque iam sequestrar, a gente...’

CEV-RJ - Mas a ordem veio do ministro ou veio do CIE?

PAULO MALHÃES: Ah, eu não sei, aí eu não sei.

CEV-RJ - Passando por cima do comando do primeiro Exército...

PAULO MALHÃES: Passando por cima do comando do primeiro Exército passou, porque eu que segurei a descarga... Eu que segurei a

7 Em dezembro de 1972 o ministro do Exército era Orlando Geisel.

descarga. O Frota era muito meu amigo, eu contei a história, ele passava por mim, ‘Bom dia general’, ele nem respondia. Dava a mão para todo mundo para cumprimentar, para mim ele não dava. Aí aconteceu, logo em seguida, o sequestro do Elbrick, que exigiu a troca dos presos pela liberação do Elbrick⁸ e o governo aceitou esta troca. Então uma porção de caras que estavam presos, importantes, tudo caras importantes, foram enviados para fora e alguém disse para o Frota, ‘se o Malhães não tivesse matado o cara, o cara já tinha voado, nesta de libertação dos presos’. E o Frota, acho que botou aquilo na cabeça, e na primeira vez que passou por mim me chamou ‘vem cá garoto, aperta minha mão aqui. Você me desculpa o que eu fiz com você’. ‘Tudo bem general, somos amigos, além disto’. Mas eu segurei esta descarga. (02:55:57)

CEV-RJ - Deixa eu lhe fazer uma pergunta. Eu lhe falei do Riscala Corbage, agora estou me lembrando. O Riscala Corbage tem umas mágoas, ou pelo menos falou para mim que tinha esta mágoa, porque ele tinha o codinome de Dr. Nagib, o mesmo do Perdigão. E ele diz que paga o pato por aquilo que o Perdigão fez.

PAULO MALHÃES: O codinome do Perdigão não era o Nagib. Não tem nada com Nagib.

CEV-RJ - Todo mundo fala que Dr. Nagib era o Perdigão.

PAULO MALHÃES: Que eu saiba, não. Só se o Perdigão trocou de codinome...

CEV-RJ - Qual era?

PAULO MALHÃES: Não sei, mas não era este não.

8 O embaixador americano Charles Burke Elbrick foi sequestrado em setembro de 1969. No dia 7 de dezembro de 1970, entretanto, houve o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher; O sequestro durou até 13 de janeiro de 1971 com a liberação de 70 presos. A primeira lista de presos apresentadas foi modificada em 31 nomes pois da inicial, o governo recusou-se a soltar 13 militantes presos por crimes de sangue e outros 18 se recusaram a deixar o país, como consta do livro “A Ditadura Escancarada” de Élio Gaspari.

CEV-RJ - Não, o senhor sabe, o senhor não quer lembrar.

PAULO MALHÃES: Tenho lapso de memória..

CEV-RJ - Aí contam que o Dr. Nagib, Riscala Corbage, diz que estava no DOI por um acordo da Polícia Militar fornecer elementos para o DOI. Que ele não queria ficar, mas ninguém queria ir. Que a Inspeção das Polícias Militares mandava sempre gente para o DOI. Ele conta que saiu de lá no seguinte episódio. Prenderam uma parente, sobrinha, do Fiuza de Castro, junto com um grupo e o Sylvio Frota foi lá e mandou soltar a menina. Aí o Riscala disse, se soltar uma tem que soltar todos. Acabaram soltando todos;

PAULO MALHÃES: Eu acredito nisto. Que o Frota tenha feito isto. Isto eu escutei falar.

CEV-RJ - Soltaram todos e mandaram dar uma prisão no Riscala Corbage na PM aí ele se viu afastado do DOI-CODI. Isto é o que ele me contou.

PAULO MALHÃES: Não sei. Aí, esta parte... eu não conheço ele. Ele não deve me conhecer.

CEV-RJ - Não sei se ele lhe conhece, não lembro se perguntei a ele.

PAULO MALHÃES: Não deve me conhecer porque eu não conheço ele. Já é outro ...

CEV-RJ - Mas o senhor ouvi esta história da sobrinha do...

PAULO MALHÃES: Sobrinha do... Eu sei até quem é...

CEV-RJ - De que organização ela era?

PAULO MALHÃES: Era PCB.

CEV-RJ - Partidão.

PAULO MALHÃES: Partidão.

CEV-RJ - E era uma menina nova?

PAULO MALHÃES: Era. Mocinha. Os jovens ...

CEV-RJ - Era todos muito jovens, não é?

PAULO MALHÃES:os jovens, entram nisso com muita facilidade... Você vai ser um herói, você vai ser o salvador, você vai ter orgulho de ter lutado contra esta ditadura. Todo jovem entra nisto. Que o contrário ele também entrava. Então ele entra nisto. Todo jovem é inconsequente, é aguerrido, é... Só que o brasileiro... Deixa eu contra uma coisa, o brasileiro, para mim, é o comunista mais frouxo do mundo. Ele é isto que está na presidência da República. Roubam. O Genoíno... Sabe quem é o Genoíno? É o chefe da guerrilha do Araguaia. Era o cara mais comunista que tinha do PCdoB. Era chefe da guerrilha do Araguaia. O que ele é hoje? Um ladrão. Você discutia às vezes com o cara preso e eles não sabiam nem o que era comunismo, marxismo- leninismo. Nem passava por ... E medrosos. É o que eu digo para você, há uma diferença de cultura. A cultura brasileira é muito mal feita, o cara prefere dez vezes ser vagabundo do que ser... Você sabe disso hoje. Eu não sei o que será desta geração, você não vai saber, nem eu, não vai dar tempo, mas esta geração de jovens o que vai ser no futuro? Aí, eles podiam estar armados, mas não reagiam. Eles matavam na covardia. A não ser o MR-8 e a do...

CEV-RJ - ALN do Lamarca?

PAULO MALHÃES: Não, também não era grande coisa...

CEV-RJ - Marighela?

PAULO MALHÃES: Não. Tinha duas boas, PCBR, que nós acabamos e o chefe dela ainda deve ainda estar em Marseille tomando vinho francês... Esse eu fiz questão de soltar.

CEV-RJ - Mário Alves, o senhor lembra dele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Por que o senhor fez questão de soltar?

PAULO MALHÃES: Porque achei-o homem.

CEV-RJ - Quem é ele?

PAULO MALHÃES: Ah, eu tenho que ver o nome do cara que foi chefe do PCBR.

CEV-RJ - Quando o senhor soltou? Logo no início?

PAULO MALHÃES: Foi. Achei um cara homem.

CEV-RJ - Ele fugiu.

PAULO MALHÃES: Não, nós mantivemos contato, mas ele não era infiltrado. Mas, a história dele é uma história assim impressionante de vida. Você passa a admirar o cara. Ele foi expulso do Exército brasileiro, aí foi para a Europa. Na Europa ele entrou no Exército que era contra aquele ditador de Portugal....

CEV-RJ - Salazar.

PAULO MALHÃES: Salazar. E ele disse ‘eu entrei como cabo atirador de peça e saí como general de divisão, comandante de artilharia.’

CEV-RJ - Não era o Apolônio não?

PAULO MALHÃES: Apolônio de Carvalho⁹

CEV-RJ - Não, ele está morto. O Apolônio de Carvalho está morto.

PAULO MALHÃES: Mas, morreu aonde?

CEV-RJ - Aqui no Rio.

CEV-RJ - Aqui.

CEV-RJ - Ele morou no Brasil.

9 Apolônio de Carvalho, como declarou em entrevista a O Pasquim, edições 87 e 88 (Novembro de 2003) foi preso em 13 de janeiro de 1970, levado para o DOI-CODI da Barão de Mesquita, sofreu diversos tipos de tortura, inclusive pau-de-arara, chegando a ficar sem sentidos. Depois, foi transferido para o quartel do Batalhão de Comunicações da Vila Militar de onde saiu, em 15 de junho de 1970, deportado para a Argélia, em troca do embaixador alemão.

PAULO MALHÃES: Ele voltou para o Brasil?

CEV-RJ - Morou, claro.

PAULO MALHÃES: Eu perdi contato com ele.

CEV-RJ - Ele trabalhou, ele foi... Lutou contra a ditadura espanhola e contra a ditadura de Hitler. Entrou na resistência francesa.

PAULO MALHÃES: De Hitler. Na resistência francesa, exatamente.

CEV-RJ - E foi na ditadura espanhola, não na de Salazar. Foi contra Franco.

PAULO MALHÃES: E ele... E ele foi quem ensinou a subversão a assaltar banco. Por que lá eles assaltavam os postos de distribuição de alimentos que o alemão fazia para a população. E ele é que ensinou o assalto a banco.

CEV-RJ - Coronel, o senhor foi contra a abertura política do Geisel?

PAULO MALHÃES: Fui.

CEV-RJ - E o senhor participou do grupo de militares que tentou boicotar isso?

PAULO MALHÃES: Participei.

CEV-RJ - Soltou bombinhas, de brincadeira, em bancas de jornal?

PAULO MALHÃES: Não. Isto quem fazia era o DOI.

CEV-RJ - Era o tal grupo Segredo...

PAULO MALHÃES: Mas, isto quem fazia era o DOI.

CEV-RJ - Que era a turma que jogou no Riocentro.

PAULO MALHÃES: É, mesma turma que jogou no Riocentro.

CEV-RJ - E foi a turma que jogou na OAB?

PAULO MALHÃES: Não sei. Da OAB, não sei.

CEV-RJ - Coronel, isto, para a gente, é muito importante pelo nosso trabalho. Porque, tem algumas histórias que elas se encontram aí, da bomba da OAB que foi um ano antes da do Riocentro. Alguns agentes e tal. O senhor acha que pela prática, pelo momento, pós-Anistia, ali, isto estava orquestrado, estava pensado em conjunto?

PAULO MALHÃES: Não. Eu nem escutei falar nisto. Das bancas de jornais eu escutei lá e fui contra. Disse lá no DOI. 'Isto que vocês estão fazendo é besteira. Não vai levar a nada'.

CEV-RJ - Mas, o Perdigão era do CIE e o Perdigão estava ligado à bomba do Riocentro.

PAULO MALHÃES: Porque o Perdigão tinha muita ligação com o DOI.

CEV-RJ - Mas, coronel, o SNI, pelo que a gente sabe, tanto lá da bomba da OAB quanto... Eles ainda tinham, junto à Polícia Federal uma influência muito grande na investigação de não deixar, mesmo após a abertura, deixar a investigação fluir... o senhor acompanhou isto, ainda nesta época, 80, 82?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, se o senhor era contra a abertura e boicotava, que tipo de boicote o senhor fazia?

PAULO MALHÃES: Não boicotava, eu pregava contra.

CEV-RJ - De se organizar mesmo.

PAULO MALHÃES: Tentei.

CEV-RJ - Mas não participava destes grupos

PAULO MALHÃES: Não. Não.

CEV-RJ - Por exemplo? O senhor trabalhou com o Zamith?

PAULO MALHÃES: Não, conheci o Zamith.

CEV-RJ - O Zamith é acusado de ter sido quem sequestrou o bispo de Nova Iguaçu.

PAULO MALHÃES: Pode ter sido mesmo, ele era pirado mesmo.

CEV-RJ - Depois pintou todo de vermelho...

PAULO MALHÃES: É isto mesmo. Foi ele mesmo (ri).

CEV-RJ - E ele é acusado de ter botado a bomba na casa do Roberto Marinho para disfarçar...

PAULO MALHÃES: Pode ter sido também

CEV-RJ - Aquela bomba, o senhor chegou a saber detalhes?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Porque foi na mesma época da OAB e da bomba na ABI.

PAULO MALHÃES: Eu conheço o Zamith como um cara extremamente violento. Ele entrava aqui na Baixada de chicote e quando encontrava um vagabundo, ele dava uma surra.

CEV-RJ - Ele nunca esteve em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, ele era ligado ao Guimarães.

PAULO MALHÃES: Eram....

CEV-RJ - Porque eles eram do pelotão da PE da Vila Militar. **PAULO MALHÃES:** É.

CEV-RJ - Não era do DOI. Malhães – Não.

CEV-RJ - Mas, ele andava no DOI.

PAULO MALHÃES: É por estas ações que ele fazia aqui na Baixada, o DOI... os caras que eram amigos, achavam que ele... Por que tudo é você ter amizade, você demonstra ser um cara bom, dá porrada, dá... No time que dá porrada, você passa a integrar o time automaticamente.

CEV-RJ - Acho que a gente não vai ficar muito, porque acho que o senhor também está...

CEV-RJ - Deixa eu só fazer mais duas questões...

CEV-RJ - O que eu queria perguntar .. eu estava pensando..

CEV-RJ - Eu queria saber, o Guimarães também entrou em Petrópolis, não? Por que alguém falou que o Guimarães ia a Petrópolis.

PAULO MALHÃES: (falando com a mulher) Cris, trás água pra gente, água e café...

CEV-RJ - Então, coronel o que eu estava pensando aqui, na cabeça do senhor, esta relação do Riocentro com a OAB, eu acredito que tenha, porque é um período muito próximo, então eram aquelas pessoas que estavam na linha de frente...

PAULO MALHÃES: Eu acho que pode ser que não..

CEV-RJ - Mas isto que eu queria assim, o senhor acha que não...

PAULO MALHÃES: Eu não tenho nem noção do porquê de jo... por que tudo tem que ter um por quê,? Você procura o porquê das coisas..

CEV-RJ - O senhor não vê de... OAB com Riocentro, para o senhor...

PAULO MALHÃES: Já não tem, para mim já não tem ligações. Mas, por quê fizeram aquilo contra a OAB? Tem que ter um por quê?. Aí você chega a fazer uma estima de quem poderia ter sido feito. Então, você estuda o porquê. Por que mandariam uma carta bomba para a OAB? O que a OAB tem a ver com isto? Hoje tem muita coisa, mas naquela época não tinha. Por quê?

CEV-RJ - Mas, coronel, a Inês Etienne, por exemplo, quando explodiu a carta, ela já tinha dado o depoimento na OAB.

PAULO MALHÃES: Não sei. Mas eu acho que não, não. Por isso não.

CEV-RJ - Não tinha este peso?

PAULO MALHÃES: Não. Não...

CEV-RJ - O senhor ia falar.

PAULO MALHÃES: Ia.

CEV-RJ - ... E segurou na hora H. Pode soltar.

PAULO MALHÃES: Bom, vamos lá. A Inês Etienne ... Foi decretada a morte dela, mas com fins políticos. Tinha que ser um membro do gabinete do ministro do Exército a fazer, matar ela, para eles tornarem – os próprios caras que tiveram a ideia -, mandarem, tornarem isto público, o ministro cair e subir outro general de Exército que levaria um time todo grande a ser general. Então, é o que digo para você, a Inês Etienne era alvo de ser morta. Só que, este plano falhou porque há gente que não é infiel a seu chefe. Então, quando ele recebe uma ordem absurda, esta, ‘você vai matar a Inês Etienne, pode. Você pode’. Está bem. ‘Todo mundo sabe disto, ah, o seu chefe sabe, o ministro sabe, todo mundo sabe’. Tá bem. ‘E os meios?’ ‘A, você pode pedir o que você quiser para mim que eu te dou os meios’. Aí eu disse, pô, tem alguma coisa errada nesta história...

CEV-RJ - Esta ordem foi para o senhor?

PAULO MALHÃES: O Perdigão ficou bravo porque – o Perdigão estava do meu lado – ‘é, quem vai fazer sou eu’. ‘Não, você não, quem vai fazer é ele’. Eu digo, pô deveria deixar o Perdigão fazer, o Perdigão está com vontade de fazer, eu não estou com vontade de fazer, por que eu? Perdigão já tinha saído do SNI¹⁰, inclusive, estava no SNI. Por quê eu? Tá bem. Me preparei soube aonde ela estava, a casa, estudei a casa, fiz toda a preparação...

CEV-RJ - Isto foi antes dela ser presa?

PAULO MALHÃES: Não, foi depois, foi quando ela estava aí zanzando, falando pra cacete...

CEV-RJ - Foi quando entraram na casa dela lá, não?

10 Aqui ele fez confusão. O Perdigão tinha saído do CIE e estava na Agência do SNI do Rio.

PAULO MALHÃES: Aí, eu disse, ‘tem alguma coisa errada nisso’. Aí peguei o telefone, liguei para Brasília, chamei meu chefe, ‘O senhor está sabendo’... (a mulher chega com o café e a água)

CEV-RJ - O senhor está sabendo?

PAULO MALHÃES: ‘Que a Inês Etienne vai ser morta e que eu recebi esta missão?’ (03:12:10)

CEV-RJ - Seu chefe, no caso, era o Sylvio Frota?

PAULO MALHÃES: Não, o chefe na época, era o último ministro do Exército, sem ser o ...

CEV-RJ - Isto em 80, já?

CEV-RJ - Leônidas?

PAULO MALHÃES: Não, sem ser... antes do Leônidas.

CEV-RJ - Walter Pires?

PAULO MALHÃES: Walter Pires. Aí, ele disse ‘não, não sei disso não. Não consta nada aqui’. ‘O senhor pode perguntar ao ministro se o ministro sabe?’ ‘Vou perguntar. Eu ligo para você. Você vai ficar aí no aparelho?’ ‘Vou’. Aí, telefonou ‘olha, o ministro não sabe de nada. O que aconteceu?’ Aí eu contei para ele, ‘o coronel fulano, que é E2 do primeiro Exército, me chamou e disse que tinha chegado para mim esta missão’. ‘Malhães, vai no aeroporto, tira uma passagem e vem para Brasília’. Aí eu fui, tirei uma passagem e fui para Brasília. Cheguei lá, tinha um carro me esperando, até me assustei, entrei dentro do carro aí fui, em vez de ir para o CIE fui para o ministério do Exército. Aí estava lá meu chefe, o chefe do CIE e o ministro. Aí eu contei a história. Chamaram e me disseram isso, isso, isso e isso e que todo mundo aqui sabia...

CEV-RJ - Isto, então, anos 80?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Governo Figueiredo.

PAULO MALHÃES: Aí eles me chamaram, ‘conta a história para o ministro’. Aí eu contei para o ministro. Aí, o ministro foi e disse assim ‘se você faz isto...’

CEV-RJ - Mas, o senhor já contou sabendo do esquema, ou não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor não sabia.

PAULO MALHÃES: Eu não sabia. Aí, deu aquele bafafá, eles discutiram lá entre eles, não sei o quê, pê, pê, pê, pê, pê, pê... Aí desce-mos. Aí o meu chefe disse para mim. ‘A história era para derrubar o ministro. Você matava, ele sabia que você ia matar e ele denunciava você por outros meios à imprensa, isto ia cair no ombro do ministro, tiraria o ministro’, que à época era do outro lado, né? Já começava a ser para o outro lado. Aí eu não fiz.

CEV-RJ - Do outro lado, que o senhor diz, é pela distensão.

PAULO MALHÃES: Pelo andar da carruagem... É... sacaneava esta época atual. Por que foi progressiva a caminhada, mas houve.

CEV-RJ - Embora o Walter Pires, ao que parece, não era muito favorável também...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas aí?

PAULO MALHÃES: Aí veio procurar. ‘Pô Malhães, foi lá?’. ‘Não, não vou lá não. O senhor está querendo que o Miltinho¹¹ assuma o ministério do Exército para o senhor sair general. Eu vou lhe dizer uma coisa, nem o senhor, nem o seu irmão – o irmão dele já era general de

11 Miltinho era o general Milton Tavares de Souza, também conhecido como “Caveirinha”. Foi diretor do Centro de Informações do Exército enquanto Orlando Geisel era Ministro do Exército, durante o governo Médici. Nessa função, foi responsável pela política de eliminação física dos inimigos do regime. Foi ainda responsável em 1969 pela organização dos DOI-CODI em todo o Brasil e das operações Bandeirantes e Marajoara, que prepararam o terreno para os desmantelamento da Guerrilha do Araguaia.

brigada, ele ia ser promovido a general de Brigada¹² – o senhor não sairá general e seu irmão não sairá promovido a general de Divisão. Porque, eu ainda tenho, ainda vou lhe compensar, de não lhe agredir, porque o senhor trabalhou comigo, por ser oficial superior, eu vou ... eu deveria matar é o senhor e não a Inês’.

CEV-RJ - Este era um coronel?

PAULO MALHÃES: Era um coronel.

CEV-RJ - Que tinha irmão general?

PAULO MALHÃES: Que tinha um irmão general.

CEV-RJ - E o coronel queria chegar a general de Divisão?

PAULO MALHÃES: Não, ele queria ser promovido a coronel...

CEV-RJ - Não, a general...

PAULO MALHÃES: ... e o general ... a general, e o irmão dele a general de Divisão.

CEV-RJ - Esta é uma boa história... uma história que nunca veio à tona.

CEV-RJ - Mas, coronel, a Inês Etienne sofreu um ... teve um assalto na casa dela. O senhor tem conhecimento disso?

PAULO MALHÃES: Isto pode ter sido o próprio coronel...

CEV-RJ - Porque isto faz sentido agora, com a sua história, antes eu achava que não fazia muito sentido, mas..

PAULO MALHÃES: Isto o próprio coronel pode ter tentado, por outros meios, ou com o Perdigão, ou com não sei quem, e não ter conseguido. Não sei.

CEV-RJ - O Perdigão era favorável a matar ela.

12 General de Brigada, duas estrelas; General de Divisão, três estrelas; General de Exército, quatro estrelas.

PAULO MALHÃES: O Perdigão era. O Perdigão tinha uma sede nela terrível. Todo mundo tinha uma sede nela, eu não tinha. Eu achava que a culpa não era dela...

CEV-RJ - Era do tutor.

PAULO MALHÃES: Era do tutor.

CEV-RJ - O tutor dela está vivo?

PAULO MALHÃES: Está, deve estar.

CEV-RJ - Deve estar vivo.

CEV-RJ - Coronel, de casos aí, o do Rubens Paiva o senhor ajudou quando o senhor falou que pela lógica não teria sentido ele ir para Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não teria sentido.

CEV-RJ - Parou no DOI-CODI.

PAULO MALHÃES: Muita gente que sumiu parou no DOI-CODI.

CEV-RJ - E não... e assim, a ligação com o Hospital Central do Exército também não era muito... os que sobreviviam sim..

PAULO MALHÃES: Não, eles tinham ligação com o Hospital Central do Exército. Era Primeiro Exército, então eles tinham ligação com o primeiro Exército.

CEV-RJ - O senhor leu a série de livros do Élio Gaspari?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O Élio Gaspari conta o seguinte, como é o nome daquele preso que nós agora fomos visitar o comando do Exército na Vila Militar, a história dele... Teve um preso que apanhou na companhia da PE da Vila Militar, foi para o Exército, já morto e ali deram um atestado de óbito...

PAULO MALHÃES: É provável.

CEV-RJ - Deram um atestado de óbito justificando a morte sem falar em tortura. Neste atestado, inclusive, aparece o nome de um médico que agora veio dizer para gente que ‘eu nunca fiz atestado de óbito na minha vida.’

CEV-RJ - Disse que era pediatra, na época..

CEV-RJ - Era pediatra na época. Mas, logo em seguida, houve a morte de um outro preso e levaram para o HCE. Quando chegou no HCE, o HCE disse, mas este cara já está morto, não tem que vir para cá. E aí o HCE teve um comportamento diferente e fez um laudo confirmando as torturas. Este caso é o segundo caso, não lembro o nome agora. A partir daí o HCE tomou outra postura. O senhor soube disto?

PAULO MALHÃES: É chegou esta história, esta primeira...

CEV-RJ - É, assim, ‘não dá para vocês escreverem este tipo de coisa.’

PAULO MALHÃES: Esta primeira. Esta primeira eu soube.

CEV-RJ - Saiu na Veja, na época. Deu um escândalo.

PAULO MALHÃES: É. Mas, o segundo eu já não soube....

CEV-RJ - Não me lembro o nome agora...

CEV-RJ - Mas a informação que se tem era esta, do Hospital Central do Exército. Eu lhe perguntei isto, coronel, voltando, aquilo que o senhor falou do Rubens Paiva, que isto não tem sentido, eu acho que tem outro que também não tem muito sentido associar à Casa de Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Tem uma porção de gente que disse que passou pela Casa da Morte, até que a outra viu, que é mentira, isto eu garanto a você que é mentira. Ela não viu ninguém. A, o meu....

CEV-RJ - Não, tem um que ela diz que conviveu com o cara, logo no início.

PAULO MALHÃES: Deve ser mentira dela. Aquela que o carcereiro dela falou para ela, até pode ser verdade. Eu não vou dizer que isto pode ser mentira. Eu não posso dizer. Que, pelo nome do carcereiro, eu tenho cá minhas dúvidas.

CEV-RJ - Mas, e outros casos assim, por exemplo, casos que também, até hoje as pessoas..., que tiveram mais repercussão, o caso do Stuart Angel, por exemplo.

CEV-RJ - Que foi no CISA, que o senhor conhece bem o CISA. Aquele da boca no ...

CEV-RJ - estas coisas elas fazem sentido? a história foi...

CEV-RJ - na boca do.. o senhor lembra esta história?

CEV-RJ - ... do cano de descarga, inclusive, no pátio

CEV-RJ - do cano de descarga?

CEV-RJ - Isso tem sentido?

PAULO MALHÃES: Muita coisa que ela fala não. Eu acredito, por exemplo, que um carcereiro me contou. Pode ter acontecido.

CEV-RJ - Mas, o caso do Stuart Angel...

CEV-RJ - Que não tem nada a ver com Inês Etienne...

CEV-RJ - O senhor lembra alguma coisa? Que não tem a ver com ela

CEV-RJ - O senhor ouviu, na época, esta história?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Dos seus amigos do CISA...

CEV-RJ - Da Base Aérea do Galeão..

PAULO MALHÃES: Eles tinham os processos deles. É até fácil de vocês saberem os processos deles. Se raciocinar um pouquinho você ve que eles têm um meio muito mais fácil de desaparecer com alguém, tá?

CEV-RJ - Helicóptero?

PAULO MALHÃES: Helicóptero, avião, mar à dentro. Aí dispensa lá dentro.

CEV-RJ - Sim. Mas estas coisas eram compartimentadas? Por exemplo, acontecia no CISA, o senhor do CIE ficava sabendo?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Nem o pessoal do SNI?

PAULO MALHÃES: Não. O pessoal do SNI menos ainda.

CEV-RJ - Mas, por exemplo, no caso do Stuart Angel, depois houve toda a campanha da mãe dele e houve aquele acidente em que ela morreu, que dizem que foi provocado...

PAULO MALHÃES: (silêncio) Eu não entrei nesta história.

CEV-RJ - O senhor não entrou, o senhor não aparece, mas o senhor fica sabendo de muita coisa lá dentro.

PAULO MALHÃES: É, fica.

CEV-RJ - O senhor soube?

PAULO MALHÃES: Do acidente dela, não. Eu nem sabia que ela tinha morrido.

CEV-RJ - Lá no túnel Zuzu Angel, um Puma que ela dirigia, que caiu de cima do viaduto na saída do túnel Dois Irmãos ali, em frente a Rocinha..

PAULO MALHÃES: (silêncio) Ao meu conhecimento não chegou, nem o dele. O próprio CISA que fez, só pode ter sido o próprio CISA. Cada um arcar as consequências com as suas rebarbas...

CEV-RJ - Cada um cuida dos seus?

PAULO MALHÃES: É o caso da Inês Etienne. Inês Etienne é um erro.

CEV-RJ - De quem?

PAULO MALHÃES: Hein?

CEV-RJ - De quem?

PAULO MALHÃES: Do mesmo cara que insistiu em me mandar matar ela.

CEV-RJ - Que foi a coronel antes do senhor

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - O senhor já era coronel também?

PAULO MALHÃES: Não. Ele foi coronel na minha frente.

CEV-RJ - Quem é?

PAULO MALHÃES: Não posso falar, eu também se eu falar o cara vai dizer que quem falou só pode ter sido o Malhães.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Entendeu?

CEV-RJ - O senhor acha que o ... o senhor admitiu para mim que um morto do DOI-CODI só sairia de lá com alguma autorização do CIE. O seu colega Paim Sampaio....

PAULO MALHÃES: Não posso...

CEV-RJ - ... pode ... ter participado da ajuda para esconder o corpo do Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Eu não posso dizer isto com certeza, porque, por exemplo, o meu grupo...

CEV-RJ - O Marival, coronel, este, ele vai por aí..

PAULO MALHÃES: ... o meu grupo fez muita coisa que o CIE nem sabe.

CEV-RJ - Mas o senhor sabia.

PAULO MALHÃES: O meu grupo. Outros grupos podem ter feito mil coisas que você nunca vai saber. O problema é o grupo.

CEV-RJ - mas, o senhor tinha amizade com o Perdigão. Tinha a mesma amizade com o Paim Sampaio?

PAULO MALHÃES: Tinha.

CEV-RJ - Ele contava as coisas para o senhor?

PAULO MALHÃES: Não. Absolutamente só o que é necessário.

CEV-RJ - Esta coisa, se ele ajudou a esconder o Rubens Paiva, ele jamais contaria para o senhor?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, o Rubens Paiva, na época, virou história entre vocês, assim, tinha um...

PAULO MALHÃES: Mas..., eu sabia que era o DOI. O problema tinha sido do DOI.

CEV-RJ - O senhor conheceu o Belham?

PAULO MALHÃES: Conheci.

CEV-RJ - E o Avólio?

PAULO MALHÃES: Conheci o Belham bem.

CEV-RJ - Violento?

PAULO MALHÃES: Não, ele era chefe.

CEV-RJ - O Belham correu a apresentar à Comissão Nacional da Verdade um documento do Exército, para provar que, em janeiro de 1971, quando morreu o Rubens Paiva ele estava de férias..

CEV-RJ - Ele estava de férias..

CEV-RJ - Ao lerem este documento repararam que justo no período em que o Rubens Paiva foi preso as férias dele foram suspensas e ele voltou ao quartel.

PAULO MALHÃES: Ele tem outra história triste. Ele era adido militar no Uruguai, ganhou isto como prêmio. Aí, uma comissão, não sei de lá das quantas, de deputados, senadores, foi lá e entre estes elementos...

CEV-RJ - Ah, a atriz, aquela... **PAULO MALHÃES:** ... havia gente presa.

CEV-RJ - Não foi o Belham, não.

PAULO MALHÃES: Foi o Ustra¹³

CEV-RJ - Foi o Ustra.

CEV-RJ - da Beth Mendes

CEV-RJ - da Beth Mendes, foi da Beth mendes.

PAULO MALHÃES: Mas, o Belham tem um caso parecido. O Belham era muito amigo, mas ele não queria saber muito o que estava errado e nem participava, embora fosse chefe. 'Vocês lá tomem a decisão que vocês quiserem'. Tudo bem. Ele não era muito... a gente não achava ele muito coerente, com a posição que ele ocupava. Tinha isto também.

CEV-RJ - O senhor acredita quando o Amílcar diz que foi chamado em casa para atender o Rubens Paiva? De madrugada.

13 Em agosto de 1985, o coronel Brillhante Ustra era adido militar da embaixada em Montevidéu e aguardava no aeroporto de Carrasco o então presidente da República, José Sarney, em visita oficial ao Uruguai. Foi quando a ex-deputada Bete Mendes, ex-presa política, denunciou Ustra como seu torturador no DOI-CODI, em 1970. Sarney se apressou em anunciar à torturada que o coronel fora removido naquele mês da embaixada. Não era verdade. O próprio Ustra provou, em seu livro, Rompendo o Silêncio (1987), que o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, segurou seu emprego no Uruguai até dezembro de 1985, contrariando a palavra do presidente Sarney.

PAULO MALHÃES: Pode ter sido.

CEV-RJ - O senhor conheceu o Tenente Avólio?

PAULO MALHÃES: Conheci, do PIC da PE. Tenente do PIC da PE.

CEV-RJ - Ele não tinha influência junto ao DOI-CODI?

PAULO MALHÃES: Tinha. Tinha.

CEV-RJ - É possível ele ter visto alguém torturando o Rubens Paiva e ter comunicado ao Belham e o Belham não ter feito nada?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - É possível ele ter comunicado isto ao comandante da PE, a quem era subordinado? Ney Fernandes, na época, eu acho.

PAULO MALHÃES: Não conheci muito bem, não. Não sei, eu me omito por não conhecer.

CEV-RJ - O senhor conheceu o chefe do Avólio, imediato, que era o S2 da PE, o Ronald Leão.

PAULO MALHÃES: Foi o que deixou os subversivos saberem o meu codinome.

CEV-RJ - Como assim?

PAULO MALHÃES: É outra história. As filhas do governador do Estado do Rio foram presas, no sequestro do Elbrick...

CEV-RJ - Ex-governador do Estado do Rio, Raimundo Padilha ou o outro, pai do Roberto Silveira?

PAULO MALHÃES: Roberto Silveira.

CEV-RJ - Pai do Roberto Silveira.

PAULO MALHÃES: Foram presas duas meninas, duas moças. E as duas moças tinham uma série de regalias que o cara arranjou...

CEV-RJ - Estavam no DOI?

PAULO MALHÃES: Estavam presas no DOI. Não sei quem arrumou para elas terem uma série de regalias...

CEV-RJ - O senhor está falando do sequestro do embaixador americano, o Elbrick? (...) (...)

CEV-RJ - Ele (capitão Leão) foi removido de cativo para Manaus?

PAULO MALHÃES: Foi. Um cara

CEV-RJ - Por conta de envolvimento com contrabando?

PAULO MALHÃES: Não sei, isto eu não sei. Envolvimento com contrabando que eu sei é o ..

CEV-RJ - Guimarães

PAULO MALHÃES: Guimarães.

CEV-RJ - Parece que ele fez a mesma coisa. Isso me falaram.

PAULO MALHÃES: Isso eu conheço as histórias de trás para a frente, de frente para trás, do Guimarães.

CEV-RJ - E o senhor conhece muita gente que, como o Guimarães, pulou de lado, largou da farda para ir para o bicho?

CEV-RJ - E se deu bem nisto?

PAULO MALHÃES: Os auxiliares deles todos, dele todos largaram e hoje estão bem. **CEV-RJ -** Não, tem um que parece que está mal, lá em Juiz de Fora o que era sargento, corpulento, gordo, forte, negro, depois eu lembro...em outra oportunidade eu lembro ..

PAULO MALHÃES: Então, ele, esperto, Tio Patinhas que era o maior contrabandista que tinha e que ele arrepiou, a gente chama de arrepio, né? Quando você rouba um contrabando você está arrepiando. Foi o cara que ele mais arrepiou foi o Tio Patinhas, e o Tio Patinhas procurou ele e chegou um acordo com ele, dava uma grana para ele, por mês, e ele não arrepiava o Tio Patinhas, ele arrepiava só os outros e ele concordou. Quando ele saiu do Exército, expulso, ele foi ao Tio Patinhas. Tio Patinhas deu emprego para ele. Você vai ali para Nite-

rói, tem um ponto de bicho lá, este ponto de bicho fica sendo seu. Ele topou. Só que ele foi o que ele sempre foi, esperto. Ele saiu matando os bicheiros todos do lado e foi tomando os pontos de bicho e hoje é dono de Niterói....

CEV-RJ - Dizem que ele resolveu também um sequestro de um parente do Tio Patinhas que quem tinha mandado sequestrar era o pai do Maninho, o ...

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Como era o nome dele, que morreu depois do Maninho, pai dele...

PAULO MALHÃES: O pai dele, sei quem é.

CEV-RJ - Dizem que o Guimarães resolveu um sequestro também.

PAULO MALHÃES: Eu sei que o negócio aí foi este, hoje ele está... vive preso, de vez em quando prendem ele, de vez em quando soltam ele. Eu não tive mais contato com ele. Agora o Perdigão teve contato com ele.

CEV-RJ - Dizem que o Perdigão era muito ligado a ele e ao Anísio.

PAULO MALHÃES: Não acho tanto ao Anísio, não. Ligado ao Anísio era eu. Não como bicheiro, porque ele era irmão da mulher do Luizinho, este policial que vocês dizem que ele..

CEV-RJ - O Luiz Claudio Azeredo?

CEV-RJ - O Luizinho esteve na...?

PAULO MALHÃES: O Luiz Claudio Azeredo.

CEV-RJ - Aquele que era um policial civil da Delegacia de Petrópolis.

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Mas, o Luizinho...

CEV-RJ - E que frequentou o aparelho de Petrópolis?.

PAULO MALHÃES: Ele não frequentou, ele era um dos ocupantes do aparelho. CEV-RJ – Não. O Luizinho trabalhava na casa?

PAULO MALHÃES: O Luizinho...

CEV-RJ - Trabalhava com que equipe? Com o Perdigão?

PAULO MALHÃES: Com o Perdigão. E às vezes também trabalhou comigo, mas comigo foi muito pouco. Ele não gostava muito... Meu amigo, mas era meu amigo de fé. Tanto é que hoje eu moro aqui graças a ele. O sítio dele era este aqui do lado.

CEV-RJ - O senhor comprou também?

PAULO MALHÃES: Eu comprei, acabei comprando. Quando ele quis vender quem comprou fui eu. Ele ia fazer um clube, porra. O cara queria fazer um clube, eu ia ter um clube do lado da minha casa?

CEV-RJ - Voltando ao Leão. Eu soube da seguinte história. Em 78, o senhor deve lembrar, o Jornal do Brasil, uma dupla de repórteres, que já faleceu, Fritz Utzeri e Heraldo Dias, fez um Caderno Especial com três páginas mostrando que a história do sequestro do Rubens Paiva era inverídica, improvável. Eles não podiam dizer, como dissemos hoje, é uma farsa, pois eles não tinham ninguém falando, mas mostraram que um homem daquele tamanho não poderia sair do banco detrás de um fusca...

CEV-RJ - Sair correndo pela fresta, escapar...

CEV-RJ - ... correndo, tiros, não sei, não sei o que lá. Ali, o Jornal do Brasil começou a correr atrás do corpo do Rubens Paiva. Um oficial do Exército, que foi do DOI, procurou o Fritz. Segundo informações que eu tenho, foi o Leão, dizendo que sabia aonde estava o corpo do Rubens Paiva e cobrando um dinheiro do jornal. Fritz morreu, eu soube disso depois dele morrer, ele não pode me confirmar, mas familiares dele me confirmaram que era o Leão. O editor do jornal na época não lembra de ter recebido nome algum do Fritz, mas lembra que o Fritz pediu um dinheiro para pagar um oficial. Parece que este Leão também pediu dinheiro à família do Rubens Paiva, cunhado do Rubens Paiva, tio do Marcelo, e levou um dinheiro. A história que o

ex-editor do JB me conta é que aí o Walter Pires, então comandante do primeiro Exército, Walter Pires foi comandante do primeiro Exército¹⁴?

PAULO MALHÃES: Não. Foi ministro.

CEV-RJ - Então pode ser Walter Pires já ministro, porque era governo Figueiredo.

PAULO MALHÃES: Provável.

CEV-RJ - ligou dizendo, olha aqui, tem um oficial corrupto,...

CEV-RJ - É um pilantra,

CEV-RJ - ... pilantra, que está tentando tirar dinheiro de vocês, dizendo que sabe aonde está o Rubens Paiva. Ai o ex-diretor do jornal disse, 'bom, ministro. Então o senhor sabe aonde está'. E ele respondeu 'eu não sei, ninguém sabe, nem ninguém saberá'. Esta história pode bater?

PAULO MALHÃES: Pode

CEV-RJ - O Ronald Leão tinha esta fama?

PAULO MALHÃES: Não é tinha esta fama. São oportunidades, certo? Eu tive dois milhões de dólares na minha mão, deste que foram roubados..

CEV-RJ - do cofre?

PAULO MALHÃES: do cofre. Sozinho, vasculhando o apartamento que o cara morava, eu achei dois milhões de dólares.

CEV-RJ - Do Bom Burguês?

14 Os comandantes do Primeiro Exército foram: Sizeno Sarmiento (de maio de 1968 a 1971); Silvio Frota (1971/74) Chefe do Estado Maior do Exército (1974); Reynaldo Mello de Almeida (de março de 1974 a 02/12/1976); José Pinto de Araújo Rabelo – Comandante do I Exército de 02 de dezembro de 1976 a abril de 1979); Gentil Marcondes Filho – de 26 de abril de 1979 a, pelo menos, até 1981 (Caso Riocentro)

PAULO MALHÃES: Não, do Ademar de Barros. Eu podia ter ficado com este dinheiro. Só eu tinha achado, estava sozinho no apartamento do cara, era noite... Eu podia ter ficado com este dinheiro. Tranquilo. Na época era grana à beça.

CEV-RJ - Hoje ainda é.

PAULO MALHÃES: Eu peguei os dois milhões de dólares, guardei comigo. Voltei para onde eu dormia, eu tinha um hotel, mas não dormia no hotel, dormia no DOPS e no dia seguinte telefonei para o CIE e disse que precisava que um oficial superior do sistema de informações seja, o coronel Iris, venha ao Rio Grande do Sul.

CEV-RJ - Isto foi lá no sul.

PAULO MALHÃES: ‘Mas por que, Malhães, o que houve?’ ‘Eu tenho um troço importante para dizer para ele’. Este coronel veio,

CEV-RJ - Lá de Brasília, ou ele era do Rio?

PAULO MALHÃES: De Brasília. Trabalhava no CIE de Brasília e eu também. Eu encontrei com ele e disse, ‘coronel estou lhe entregando dois milhões – eu contei o dinheiro – tem dois milhões de dólares aqui. O senhor, por favor, faça a entrega ao chefe do CIE’. ‘Por que você me escolheu?’ ‘Porque eu acho que o senhor é honesto. Conheço o senhor desde o tempo de cadete, fui seu cadete. É um cara que eu tenho confiança de levar este dinheiro’. Entreguei, dois milhões de dólares. Esta história está escrita lá no CIE: que eu entreguei dois milhões de dólares

CEV-RJ - E este dinheiro não se perdeu?

PAULO MALHÃES: Não. Foi comprado equipamento, ainda falei isso, ‘aproveita e compra os equipamentos que a gente precisa’ que era máquina para fotografar à distância, era rádio, uma porção de coisa que a gente precisava. Uma parte foi comprada, outra parte o ministro gastou. Gastou na viagem a Buenos Aires.

CEV-RJ - Então, a história do Leão pode ter acontecido?

PAULO MALHÃES: Pode ter acontecido. É oportunidade. Eu poderia ter ficado com o dinheiro. Até hoje, eu pergunto para mim, depois das desilusões todas que eu tive, porque eu não usei...

CEV-RJ - Qual foi a maior desilusão que o senhor teve?

PAULO MALHÃES: O cara desfazer o sistema assim numa boa.

CEV-RJ - Coronel, o senhor acha que hoje não se trabalha mais desta forma?

PAULO MALHÃES: Não. Não existe mais equipe capaz de trabalhar em informações. Não é só nesta forma em que eu trabalho não. Aquilo é um cabide de emprego. Tanto é que o Genoíno era membro da ABIN.

CEV-RJ - Como membro da ABIN?

PAULO MALHÃES: Ele trabalhava.

CEV-RJ - Agora, no ministério ...

CEV-RJ - Deixa eu lhe perguntar uma coisa, puxar pela sua memória também? O Sr. lembra o momento em que decidiram fechar o aparelho de Petrópolis?

Como é que foi o final? O aparelho de Petrópolis foi transferido?. Ele não foi...

CEV-RJ - desativado, totalmente..

PAULO MALHÃES: Ele foi desativado.

CEV-RJ - Desativado lá, mas não deixou de existir.

PAULO MALHÃES: Ai foi para um que era mais afastado de Petrópolis.

CEV-RJ - Por que tem um sítio de Petrópolis. Teresópolis (eu me atrapalho ali na....)

PAULO MALHÃES: Teresópolis não. É tudo Petrópolis.

CEV-RJ - Itaipava

PAULO MALHÃES: Pode chegar a Itaipava

CEV-RJ - Itaipava

PAULO MALHÃES: É uma casa até bonita, na beira do rio.

CEV-RJ - Ainda existe?

PAULO MALHÃES: Deve existir. Uma casa na beira do Rio.

CEV-RJ - Depois disso, virou o quê? E ele funcionou quanto tempo lá?

PAULO MALHÃES: Não funcionou muito tempo não, aí já estava esse negócio de vai não vai, fica não fica, o melhor é apagar isso do mapa.

CEV-RJ - E era uma casa alugada, uma casa doada?

PAULO MALHÃES: Alugada. Essa era alugada.

CEV-RJ - Pelo Exército ou por algum dos senhores?

PAULO MALHÃES: Por algum de nós, mas com outro nome.

CEV-RJ - Sim, laranja. Mas de laranja?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Mas, coronel, a decisão de desativar uma e manter mais um pouco na outra, até porque, como o senhor falou, eu imagino que ali em Petrópolis os senhores tenham ficado até mais ou menos 78, além disso, porque tem diferentes versões, que o senhor não precisa confirmar, mas quero que o senhor escute, do que aconteceu com as pessoas que não viraram infiltrados da Casa da Morte, por circunstâncias várias, eventualmente podem ter morrido lá. Tem gente que fala, que o senhor discordou aqui, esta coisa da usina, de queimar corpos, como uma maluquice...

PAULO MALHÃES: É uma história...

CEV-RJ - sem pé nem cabeça, pelo que entendi.

PAULO MALHÃES: Sem pé nem cabeça. Não tinha nem gente para prender, na época em que o Perdigão fez isto,

CEV-RJ - Aí, depois, uma tática, que isto foi usada em São Paulo, a gente sabe que foi, de enterrar as pessoas como indigente, porque ninguém vai reclamar mesmo e ...

PAULO MALHÃES: É, esta ideia existiu.

CEV-RJ - E isso não é uma coisa, isso é até fácil. Porque, se hoje em dia é fácil fazer isto, imagina ...

PAULO MALHÃES: É, tanto é que eles rebuscaram o cemitério de ...

CEV-RJ - Perus

PAULO MALHÃES: ... O cemitério ali de Petrópolis e acho que até hoje estão examinando lá a (inaudível) de Petrópolis, não vão encontrar nada.

CEV-RJ - Não vão encontrar?

CEV-RJ - No o cemitério de Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Aí, isto é uma das coisas que falam ...

CEV-RJ - Enterrar atrás da casa o senhor descartou esta possibilidade.

PAULO MALHÃES: Nenhuma. Isso é maior burrice do mundo.

CEV-RJ - Mas, não é ao contrário, coronel, é tão burro que pode parecer que... não pode ter isto? Não.

PAULO MALHÃES: Completamente fora de ...

CEV-RJ - Tipo filme daí assim...

PAULO MALHÃES: É. Já escavaram lá, então..

CEV-RJ - É, é sim, logo, em 83...

PAULO MALHÃES: Encontraram um sapatinho de ...

CEV-RJ - Verdade

PAULO MALHÃES: Viu o que eles encontraram? Um sapatinho de neném.

CEV-RJ - Vamos lá no Araguaia, agora, de Petrópolis ao Araguaia, eu imagino, qualquer mato destes aí, nunca mais. Nunca mais se acha. Mas, aí tem esta coisa assim, de... têm umas pessoas que acham que se construiu em Petrópolis, durante este período, esta coisa de mapear, mapear não, de falsear, não sei se falsear seria a palavra certa, como assim, ah, possíveis atropelamentos, sabe estas coisas assim para justificar..

PAULO MALHÃES: Não, isso quem fazia era o DOI de São Paulo.

CEV-RJ - Aqui o senhor não...

PAULO MALHÃES: Quem fazia isto era o DOI de São Paulo. O DOI de São Paulo tinha uma empresa, o empresário ajudava eles, então quando eles queriam matar alguém eles botavam um ônibus para passar por cima.

CEV-RJ - Atropelou.

PAULO MALHÃES: Atropelou.

CEV-RJ - Para justificar.

PAULO MALHÃES: Aqui, não.

CEV-RJ - Aqui, qual era a solução?

PAULO MALHÃES: (silêncio)

CEV-RJ - Mas, passa pelo mais óbvio, coronel? Pelo mais lógico, assim?

CEV-RJ - Alto da Boa Vista? Floresta da Tijuca?

PAULO MALHÃES: Nunca se (cala-se)

CEV-RJ - O quê?

PAULO MALHÃES: Nada.

CEV-RJ - Fala.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Completa, coronel!

CEV-RJ - (inaudível) eu fico assim, porque é que tanta gente, que inventa tanta coisa que eu acho sem pé nem cabeça, coronel.

PAULO MALHÃES: Jamais se enterra um cara que você matou. Até agora, se eu matar um cara, eu não enterro, tenho solução para mandar ele embora. Até agora. Aqui, neste lugar.

CEV-RJ - Queima?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Mas, coronel...

CEV-RJ - Joga no mar?

PAULO MALHÃES: Não. No mar era a Aeronáutica, jogava. O único corpo que jogaram no mar, foi o Perdigão, foi uma cagada.

CEV-RJ - Perdigão? Perdigão fez?

PAULO MALHÃES: Foi, aquela do cara que escrevia no Cruzeiro, que revisou ...

CEV-RJ - Von Baumgarten¹⁵

15 Alexandre Von Baumgarten, dono da revista O Cruzeiro, saiu para uma pescaria no dia 13 de outubro com sua mulher, Janete Hansen e o barqueiro. Seu corpo foi encontrado 12 dias depois, 25 de outubro, boiando na praia da macumba, com marca de três tiros. Dias depois, outros dois corpos

PAULO MALHÃES: Von Baumgarten.

CEV-RJ - Ali foi o Perdigão?

PAULO MALHÃES: Ali foi o Perdigão.

CEV-RJ - Com o general Nini por trás.

PAULO MALHÃES: É. Foi o que bolou um combate de caravelas, né? Aí, é, ele fez o combate, né? Dois na..., um saiu para pescar e ele saiu atrás, os dois barcos se encontraram, eles atiraram aí mataram o cara a tiros. Aí, queriam simular que tinham matado – já é..., você vê a falta de raciocínio – já é, ‘vamos afogar ele, vamos meter ele na água e a gente pode soltar ele que vão pensar que ele morreu afogado’. Como é que um cara cheio de tiros vai morrer afogado? Se você quer matar um cara, ele morrendo afogado, você pega o cara e enfia dentro d’água, espera ele morrer e solta ele. Morreu afogado, realmente. Aí afundaram o barco, pintaram e bordaram, mas...

CEV-RJ - Isso foi o Perdigão.

PAULO MALHÃES: Isso foi o Perdigão.

CEV-RJ - Então, o Perdigão não era tão inteligente como o senhor falou?

PAULO MALHÃES: Não, o cara fica.... é a história do menino lá de Brasília, do Curió, o cara fica embevecido. Entendeu: O cara fica embevecido, ‘pô, eu vou fazer uma ação...’

CEV-RJ - Tá certo. Se não foi este método, este método era da Aeronáutica, qual o método do Exército?

PAULO MALHÃES: Não, não quero dizer que este não tenha sido também...

carbonizados, apontados como sendo de Janete e do barqueiro, foram encontrados em Teresópolis. No livro Ditadura Encurralada, Elio Gaspari. Às pág.115, descrevendo o crime diz: “A lancha em que ia com a mulher e um barqueiro se encontrou com outra, na qual Baumgarten reconheceu alguns amigos. Recebeu-os a bordo e foi metralhado”. O autor cita como sua fonte a informação de um oficial, cujo nome preservou, repassada em janeiro de 2002.

CEV-RJ - Um dos....

PAULO MALHÃES: A água tem uma vantagem. Quando você sabe fazer, você joga aqui e o corpo vai parar, se parar...

CEV-RJ - Se não for comido pelo peixe antes.

PAULO MALHÃES: ... vai parar na..., vai sair pelo mar, vai chegar no desaguadouro do rio e vai embora.

CEV-RJ - Coronel, assim, tudo...

PAULO MALHÃES: Você tem que usar..., por exemplo, você fala no corpo enterrado do Rubens Paiva. Foi. E se eu te disser que o Rubens Paiva foi enterrado na beira da praia?

CEV-RJ - Na Barra da Tijuca.

PAULO MALHÃES: Na Barra da Tijuca.

CEV-RJ - Já fizeram várias buscas e depois parece que foram lá tirar.

PAULO MALHÃES: Não vai achar nunca mais.

CEV-RJ - Não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não tiraram de lá?

PAULO MALHÃES: Não é não tiraram de lá. Ele não está mais lá.

CEV-RJ - Porque, beira da praia...

PAULO MALHÃES: Porque é beira da praia, não. Nós não temos nada a ver com isto, eu só fui co... o CIE só foi cobrir uma cagada, quando soube que o cara tinha feito com ele.

CEV-RJ - Que o cara tinha feito de botar o corpo lá ou que o cara tinha feito de matar?

PAULO MALHÃES: Não, que o cara tinha feito de matar e de botar o corpo lá.

CEV-RJ - Na Barra. E aí, qual foi a cobertura que o CIE deu?

PAULO MALHÃES: Foi tirar o corpo de lá.

CEV-RJ - Se está na beira da praia, aonde é que você vai colocar?

CEV-RJ - E aí levaram para aonde?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - Levaram para aonde?

PAULO MALHÃES: Aí, método, nosso método tradicional.

CEV-RJ - Qual é?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - O senhor sabe. Queimaram?

PAULO MALHÃES: Não. Nada de deixar vestígio.

CEV-RJ - Jogar no mar, coronel.

PAULO MALHÃES: Não existem vestígios.

CEV-RJ - O que não deixa vestígio?

PAULO MALHÃES: Você tem que imaginar, botar na sua cabeça, como eu descobri o que não deixa vestígio. Fica esta noite raciocinando...

CEV-RJ - Produto químico?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - Produtos químicos? Não.

PAULO MALHÃES: Não, não tem nada..

CEV-RJ - Jogar no mar.

PAULO MALHÃES: Jogar no mar, depende da onde você esteja. Você imagina o seguinte, eu uma vez peguei um argentino aqui e queriam, os argentinos queriam levar ele para a Argentina. Tá bem, não tem problema. Vamos num carro motel, carro casa e tal. Não, nada disto. Vocês tragam um médico para cá...

CEV-RJ - Alguém de lá, deles?

PAULO MALHÃES: Um médico da Argentina para cá, nós vamos engessar ele todo, o médico vai dar uma injeção para ele estar dormindo, e vocês vão embarcar em um avião de carreira e vão levar, com um médico, com atestado de que foi acidentado. Pronto, o cara foi. Qual é o risco de se levar um cara de carro daqui para a Argentina? Porrada, um guarda cismar, tem uma porção de desvantagem. Já o avião de carreira, não, se ele entrar, pronto. Muito mais fácil, muito mais barato.

CEV-RJ - Sim, mas e no caso do Rubens Paiva já não era mais fácil?

PAULO MALHÃES: Já não era porque ele estava em decomposição. A umidade...

CEV-RJ - E aí?

PAULO MALHÃES: E aí, é a mesma coisa. O corpo em decomposição é a mesma coisa que um corpo inteiro.

CEV-RJ - Enterra como indigente?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Também não é válido esta, o senhor falou.

PAULO MALHÃES: Não. Eu conheço situações...

CEV-RJ - Que fizeram isto.

PAULO MALHÃES: ... em que fizeram isto.

CEV-RJ - Mas não foi este o método para ele.

PAULO MALHÃES: Não. Fizeram isto, sei até..., acho que não sei quem é o cara só. Mas sei quem foi que fez, onde foi enterrado, esse troço todo.

CEV-RJ - No Rio?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - No Rio?

PAULO MALHÃES: No Rio.

CEV-RJ - Em Perus teve isto, em São Paulo

CEV-RJ - Naquele cemitério lá de Ricardo Albuquerque teve também.

PAULO MALHÃES: Os caras enterraram o cara como indigente.

CEV-RJ - Em qual deles? De Ricardo Albuquerque ou na Ilha?

CEV-RJ - Não, teve no de...

PAULO MALHÃES: Foi aqui no centro do Rio mesmo.

CEV-RJ - Caju, então.

Malhões. É. Enterraram o cara, como indigente...

CEV-RJ - Um outro preso?

PAULO MALHÃES: Um outro preso, não era nem nosso, nós não tínhamos nada com isto.

CEV-RJ - Foi do DOI?

PAULO MALHÃES: Foi do DOI. O cara morreu no DOI. Aí o general de Exército, que tinha sonhos de ser presidente, quase desmaiou, quando contaram para ele, 'tem um cara morto no DOI'. Tinha acabado de morrer um cara no DOI de São Paulo, o ...

CEV-RJ - Herzog

PAULO MALHÃES: ... O presidente da República tinha deposto o comandante do Exército. Se lembra disso, não?

CEV-RJ - Isto foi então Manoel Fiel Filho¹⁶¹⁷, depois do Manoel Fiel Filho.

PAULO MALHÃES: Então, logo em seguida morre um cara no DOI. O general pediu para ir embora, queria não sei o que. Aí disseram para ele, 'não, calma, dá

para resolver'. Aí, eu não tenho nada a ver com isto, só me contaram a história. Eu arranjei uma sepultura vazia e enterrei o cara como indigente. O cara era da polícia, enterrou o cara como indigente.

CEV-RJ - O cara era da polícia?

PAULO MALHÃES: É, o que fez o acerto foi ele. Enterrou. Mas isto eu sei de um caso ou outro, muito raro.

CEV-RJ - Então, não foi o caso do Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Não. O Rubens Paiva, eu calculo, ninguém me disse, morreu por um erro, alguém cometeu um erro para ele morrer. Não era para ele morrer. Então, esse alguém tinha que arranjar um jeito de dar sumiço no corpo. Contar este negócio de sequestro, não sei o que, inventar uma história.

CEV-RJ - Inventaram a história do sequestro. Esta foi o Demiurgo quem mandou.

PAULO MALHÃES: É, eles tinham que...

CEV-RJ - Dar um jeito.

PAULO MALHÃES: Dar um jeito. Só que o cara pegou, primeiro enterrou na estrada que vai para o Alto da Boa Vista.

16 Manuel Fiel Filho morreu no DOI-CODI do II Exército em 17 de janeiro de 1976, provocando com sua morte a queda do comandante, o então general Ednardo d'Ávila Mello, substituído pelo general Dilermano Gomes Monteiro; em 23 de janeiro de 1976. Na época o comandante do I Exército era o general Reynaldo Melo de Almeida;

CEV-RJ - Atrás da delegacia?

PAULO MALHÃES: Não, em uma estrada mesmo. Aí os caras estavam fazendo a beirada da estrada, cimentando, e o cara viu que eles iam passar por cima do corpo.

CEV-RJ - Aí foi lá e tirou.

CEV-RJ - Pouco tempo depois ou muito tempo depois?

PAULO MALHÃES: Pouco tempo depois...

CEV-RJ - Aí foi lá e tirou.

PAULO MALHÃES: Aí foram lá e tiraram. Aí resolveram enterrar na beira da praia.

CEV-RJ - Na Barra?

PAULO MALHÃES: Na Barra.

CEV-RJ - Ou do Recreio? Do Recreio.

PAULO MALHÃES: Não, foi Barra mesmo. Na Barra

CEV-RJ - Em uma época em que a Barra era vazia.

CEV-RJ - E aí, coronel?

PAULO MALHÃES: Aí, acharam que tinha sido outra cagada. Desculpe eu estar falando cagada, você..

CEV-RJ - Não, não, não.

CEV-RJ - Mas, acharam imediatamente após ou algum tempo depois?

PAULO MALHÃES: Algum tempo depois.

CEV-RJ - Anos?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Meses?

CEV-RJ - Não, o corpo em decomposição...

PAULO MALHÃES: Aí tiveram que pegar ele. 'O que vamos fazer com ele?' Não sabiam o que fazer com ele. Aí o cara disse, 'vamos enterrar na praia.' Aí enterraram ele na praia, fizeram um buraco e enterraram ele.

CEV-RJ - Aí?

PAULO MALHÃES: Aí, tiraram ele...

CEV-RJ - Por que? Suspeitaram que seria descoberto?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Foi antes daquelas escavações todas?

PAULO MALHÃES: É, antes das escavações todas.

CEV-RJ - Sim, mas esta ideia de que assim...

PAULO MALHÃES: Se ele tivesse lá eles teriam achado o cara.

CEV-RJ - Sim, mais uma coisa errada..

PAULO MALHÃES: Você soube, no lugar que encontraram uma perna de vaca?

CEV-RJ - É

PAULO MALHÃES: Ele estava lá.

CEV-RJ - Tíbia de vaca. Isto foi em 1986 já, governo Brizola, Nilo Batista secretário de Segurança.

PAULO MALHÃES: Ele estava lá, teriam achado ele.

CEV-RJ - Aí tiraram de lá e levaram para?

PAULO MALHÃES: Aí deram o fim mais consciente e mais...

CEV-RJ - Inteligente.

PAULO MALHÃES: Inteligente.

CEV-RJ - Mas, coronel, mas não foi tão... foi muito tempo depois, foram muitos anos depois?

PAULO MALHÃES: Que tiraram ele?

CEV-RJ - É, porque a morte....,

CEV-RJ - A morte foi em 1971.

CEV-RJ - Ele morre em 71, coronel.

CEV-RJ - Isso se deu quando?

PAULO MALHÃES: Não, não foi tanto tempo depois não.

CEV-RJ - isso se deu quando?

PAULO MALHÃES: Ele ainda tava ... ele estava em decomposição.

CEV-RJ - Mas era só osso?

PAULO MALHÃES: Não, tinha...

CEV-RJ - Ainda tinha tecido?

PAULO MALHÃES: Ainda tinha tecido, tanto é que tinha um mau cheiro danado.

CEV-RJ - Ergh!

PAULO MALHÃES: Aquilo estava um mau cheiro que eu vou te contar. Morto, enterrado, dá um mau cheiro que eu vou te contar. Então, aí tiraram ele e deram um destino certo para ele. Ninguém nunca mais acha.

CEV-RJ - O que é um destino certo?

PAULO MALHÃES: Esse é que é o mistério do problema.

CEV-RJ - O senhor sabe disto, o senhor ouviu falar. Ajuda a gente.

CEV-RJ - Coronel, mas o tempo não está ...

FIM DA 1ª PARTE DESTA PRIMEIRA ENTREVISTA.
A CONVERSA CONTINUOU COM O GRAVADOR DESLIGADO

(Nesta quase meia-hora de gravador desligado, continuou-se tentando descobrir o destino do corpo de Rubens Paiva, ou a chamada “solução inteligente” que teria sido dada. Isto, o coronel considerou “a cereja” do bolo, mas recusou-se a dá-la.

Nesta oportunidade, sem gravação, ele explicou como retiraram o corpo de Rubens Paiva que estava enterrado na Barra da Tijuca. Montaram uma cena como se fosse um piquenique que tinha uma barraca. Enquanto uns ficavam do lado de fora como se estivesse “se divertindo” outros, dentro da barraca, cavavam e desenterravam o corpo que ainda tinha tecido e cheirava muito mal. Os restos mortais, como será explicado adiante, foram colocados em um saco. O destino dado ao saco continua um mistério.

Depois, entre outras coisas menos importantes ele falou de um grupo que se intitulou guerrilheiros, na Baixada Fluminense, a mando do Brizola, filhos de Manes Leitão, quando então voltamos a gravar).

2ª PARTE DA PRIMEIRA ENTREVISTA,
APÓS UM TEMPO COM O GRAVADOR DESLIGADO....

PAULO MALHÃES: seus filhos lá, fazerem uma arruaça lá, por Nova Iguaçu, não sei o que.

CEV-RJ - O Manes Leitão era o quê? Político também?

PAULO MALHÃES: Não. Eu acho que... não sei se era político, eu nem conhecia ele e nunca tinha escutado falar. Nem em Nova Iguaçu eu conhecia. Aí, os caras fizeram, botaram umas bombas, em cinemas daqui, fizeram umas operações aqui.

CEV-RJ - Sem ligação com partidos?

PAULO MALHÃES: Sem ligação com partidos nenhum. Por conta e risco. Aí, se diziam um grupo de guerrilheiros, também se diziam, né? (...) Aí o cara fez as bombas e tal, fez uma arruaça aqui em Nova Iguaçu. Aí nós viemos para cá e descobrimos os caras. São os filhos dele, que fugiram. Aí prendemos ele e mandamos ele para PE. Ele

sofreu processo e tudo, por causa disso. Aí saímos catando os filhos dele. Fomos achando um por um. Um estava lá no presídio da Ilha Grande, era amante da...

CEV-RJ - Preso? Não.

PAULO MALHÃES: Não, ele se escondeu lá, era amante daquela Madame Satã. Então ele foi para lá ficar com a Madame Satã. E alguém alcaguetou ele, lá no presídio mesmo. Isto chegou para nós, fomos lá no presídio.... só sei que eu rodei esta baía de Sepetiba toda de lancha – eu sei que nós prendemos os caras e não sei nem que fim levou isto. Mas estes os caras foram presos, responderam a inquérito, não sei se os caras foram condenados ou não foram. Foi o primeiro grupo de guerrilheiros...

CEV-RJ - Teoricamente guerrilheiros?

PAULO MALHÃES: Supostamente guerrilheiros. (02:08)

CEV-RJ - O senhor fez uma prisão... o senhor também trabalhava e não tinha nem feriado... No dia 24 de dezembro de 70, o senhor foi a Porto Alegre de avião e trouxe para cá um médico, Edson Medeiros, e levou para o DOI. Lembra isso?

PAULO MALHÃES: Hum, hum. (concordando)

CEV-RJ - Esse médico disse que o senhor o torturou bastante. Vai ver que foi aquela fase em que o senhor ainda não tinha descoberto que dar tapa na cara das pessoas não...

PAULO MALHÃES: Eu tenho que aprender. Eu era um torturador. Eu tinha um aparelhinho de choque especial.

CEV-RJ - Ele falou que levou muito choque do senhor. Lá, e na Piedade¹⁷.

PAULO MALHÃES: Eu tinha um aparelhinho de choque especial. Então, ainda raciocinava...

17 Houve um equívoco, não era Piedade, mas Pilares, onde funcionava a Delegacia de Roubos e Furtos da Polícia Civil.

CEV-RJ - Mão e braço...

CEV-RJ - Quanto tempo este aparelho funcionou? Muitos anos?

PAULO MALHÃES: Não. Eu vim evoluir rápido. Mas levei algum tempo para evoluir.

CEV-RJ - Esse Édson Medeiros ficou sabendo que o Dr. Pablo era Paulo Malhães. Sabe quem falou para ele?

PAULO MALHÃES: Quem?

CEV-RJ - Na cadeia de Piedade. Lúcio Flávio Vilar Lório.

PAULO MALHÃES: Hun, foi preso meu.

CEV-RJ - Também foi preso seu? Então. Ele, antes da moça, entregou... porque o Edson foi solto em janeiro e segundo ele não respondeu sequer a processo porque nunca teve ligação nenhuma com nenhuma organização de esquerda.

PAULO MALHÃES: Mas, às vezes os caras mandam prender....

CEV-RJ - É verdade isso?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei. Não me lembro.

CEV-RJ - Ele disse que alguém o denunciou como médico que estaria ajudando ao pessoal da VPR por conta do sequestro do (embai-xador) suíço. O senhor lembra desta história?

PAULO MALHÃES: Lembro.

CEV-RJ - Aí, hoje ele diz assim, 'será que ele tem dor na consciência de ter prendido um inocente?'

PAULO MALHÃES: Não. Nenhuma.

CEV-RJ - O Lúcio Flavio foi preso seu?

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - Por quê? assalto a banco?

PAULO MALHÃES: É. Roubo de carro.

CEV-RJ - Mas não foi a Polícia Civil que estava cuidando disso?

PAULO MALHÃES: Não, era a polícia civil que estava cuidando...

CEV-RJ - E como o senhor, do CIE, entra nisso?

PAULO MALHÃES: Eu tinha um amigo, que se chama Borges Fortes...

CEV-RJ - Do DOPS. O famoso Borges Fortes, prendeu...

PAULO MALHÃES: O famoso Borges Fortes... Ele era muito meu amigo, inclusive, era meu advogado, nas minhas separações e tal. O filho dele é que era, mas na realidade era ele. Eu tinha feito já três divórcios, três separações já...

CEV-RJ - A fila andou rápida aí, hein?

PAULO MALHÃES: Então, eu recebi uma praga da primeira mulher que não ficaria sete anos, sete meses e sete dias com a mesma mulher. Isso, realmente, passou a acontecer.

CEV-RJ - Com a Cristina já chegou a isto ou não?

PAULO MALHÃES: Não. Com a Cristina já tem anos pra burro. A Cristina já ultrapassou isso. Então, ela sabe até dessa praga, de vez em quando eu sacaneio, digo oh, você já passou do seu tempo oh... Então, eu era muito amigo dele, então de vez em quando eu estava em casa, não estava fazendo nada, ele ia lá em casa tomar uísque comigo e tal, não sei o quê. Ia ele, outro cara da PM, uns poucos que iam lá em casa. Eu morava no Grajaú nesta época. Ele aí... eu tinha me separado da primeira esposa, aí morei sozinho no Grajau, depois arranjei outra, fiquei com outra, é uma história comprida. Mas, aí, ele de vez em quando ele me chamava, 'vem acompanhar uma diligência aqui. Me dá umas babadas, umas babadas na minha diligência'. E eu fui com ele e, por sorte minha, o lugar onde eu entrei era onde estava o Lúcio Flávio. Cada um entrou em um lugar e o lugar que eu entrei estava o Lúcio Flávio.

CEV-RJ - Aonde isso?

PAULO MALHÃES: Lá em Bonsucesso. Aí, ele estava desarmado, não tinha nada que matar ele, era preso do Borges Fortes, não era meu. Então, rendi ele... Eu não gosto muito de render não, eu tenho um medo de render danado, depois que... você que disse que foi lá conhecer o coronel que levou o tiro...

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: então foi o..

CEV-RJ - Chico

PAULO MALHÃES: Chico. Então, aí eu fui lá, prendi o cara e entreguei a ele e ele meteu o cara... o cara não foi para o DOI, não foi para lugar nenhum...

CEV-RJ - Estava lá em Pilares.

PAULO MALHÃES: Foi para a delegacia mesmo.

CEV-RJ - Foi a última prisão do Lúcio?

PAULO MALHÃES: Acho que foi. Foi nas Roubos e Furtos.

CEV-RJ - É, ali era a Roubos e Furtos, em Pilares.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Então, ele foi o primeiro a identificar o Paulo Malhães como o Dr. Pablo.

PAULO MALHÃES: porque aquela coisa que existia ali, como se chama? Pilares?

CEV-RJ - Pilares –

PAULO MALHÃES: Em Pilares, aquilo ali também era escritório meu.

CEV-RJ - Ali também?

PAULO MALHÃES: Também.

CEV-RJ - E aqui na Baixada, quem é que fez um aparelho? Se não me engano em São João de Meriti....

CEV-RJ - Tinha isso, coronel? Um sítio aqui.? Disseram que tinha um sítio aqui? Um sítio aqui em São João, o senhor lembra disso?

PAULO MALHÃES: Conheci....

CEV-RJ - O senhor conheceu só São Conrado e Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Conheci São Conrado, Petrópolis e outras casas que nós fizemos.

CEV-RJ - Jacarepaguá?

PAULO MALHÃES: Jacarepaguá, ela sabe, viu? Jacarepaguá.

CEV-RJ - Alugada, também?

PAULO MALHÃES: Não, aí foi o dono que emprestava. Que é um oficial da PM reformado.

CEV-RJ - Que funcionava igual a Petrópolis? Ou tinha outras finalidades?

PAULO MALHÃES: Não, não funcionava igual a Petrópolis. Não tinha permanência.

CEV-RJ - Era só para interrogar?

PAULO MALHÃES: Era só para interrogar. Você prendia ...

CEV-RJ - Sem oficializar.

PAULO MALHÃES: Prendia, interrogava e mandava para o DOI ou mandava ... Normalmente mandava para o DOI. Quando não te interessava ...

MARCELO: Qual o interesse em fazer isso em uma casa e não em uma própria unidade militar?

PAULO MALHÃES: Porque você causa pavor ao interrogado. Ele vê que você está sendo...

CEV-RJ - Ele acha que vai morrer?

PAULO MALHÃES: Quando o cara entra no quartel ele sabe que está seguro. Ele acha que está seguro, que ninguém vai matar ele dentro do quartel. Quando você prende ele em uma casa, 'por que me trouxeram para cá e não me levaram para o quartel?'

CEV-RJ - Aí é o pavor.

PAULO MALHÃES: 'Se estão me trazendo aqui é porque vão me levar para outro lugar'. E a gente ameaçava com isto, né? 'Você já viu que você está preso, mas não está preso no quartel. Você está preso em uma casa. Daqui você pode ir para qualquer lugar. Aqui você não está inscrito em nada. Que tal, vamos conversar, entrar em um acordo? (inaudível) papo. A casa é para isso. A gente fazia no sítio dele, em Jacarepaguá.

CEV-RJ - Era afastado?

PAULO MALHÃES: Não, não era tão afastado assim não.

CEV-RJ - Um sítio, poderia ser aqui...

PAULO MALHÃES: Um sítio era dele, eu posso trazer para cá.

CEV-RJ - Este sítio existe ainda hoje?

PAULO MALHÃES: Ah., não sei. Sei que o cara, o dono, morreu.

CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome dele.

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - Então o senhor pode dar o nome dele, já morreu.

PAULO MALHÃES: Não, era um major da PM que se recusou a bater continência para o Leonel Brizola e aí mandaram ele embora. Ele ai ficou contra...

CEV-RJ - Ah, então isso já é década de 80.

PAULO MALHÃES: É. Já é década de 80.

CEV-RJ - Mas já tinha ainda prisões políticas nesta época?

PAULO MALHÃES: Já.

CEV-RJ - Ainda tinha? Por que já não tinha mais nada, os senhores já tinham acabado com todas as organizações.

PAULO MALHÃES: Não. Tinha o PCB. O PCB é o partido de maior contingente. Todo mundo é comunista, por causa do PCB.

CEV-RJ - Ele emprestou esta casa depois desta história do Brizola ou ele emprestou antes?

PAULO MALHÃES: Não, emprestou depois da história do Brizola.

CEV-RJ - Então não foi na época dura, da briga, dos dois lados se digladiando? Porque o PCB não digladiava.

PAULO MALHÃES: O PCB coitadinho, não digladiava mesmo. Mas a gente tinha que arranjar infiltrado. Infiltrado era uma necessidade ...

CEV-RJ - Permanente.

PAULO MALHÃES: Permanente. Você olha para o cara e vê o cara trabalhando para você. Ainda mais quando você está acostumado, você aprende, começa a dar lucro para você, o cara chega e te conta, ‘você estão atrás de fulano?...’

CEV-RJ - Tem retorno.

PAULO MALHÃES: ...Eu sei aonde fulano está. Está em um lugar, assim, assim. Ninguém sabe que o cara está lá, só você. E você chega e diz ‘olha, vamos sair daqui para prender fulano’. ‘Como é que você sabe?’ ‘Meu infiltrado falou’. Aí fica célebre esta história. O infiltrado, quem usa muito é o americano. O americano é mestre. O inglês é quem ensinou.

CEV-RJ - O senhor falou para mim que o aparelho foi uma ideia da Inglaterra.

PAULO MALHÃES: Foi uma ideia da Inglaterra. Aquelas prisões do DOI serem de porta fechada e você poder modificar o calor, a luz, tudo dentro da prisão, aquilo veio da Inglaterra. Alguém tirou um curso na Inglaterra e ...

CEV-RJ - Não foi o senhor, não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor só fez curso nos Estados Unidos?

PAULO MALHÃES: (ri) Deixa isso pra lá. E aí...

CEV-RJ - escola das Américas o senhor fez em 59, não foi?

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - O senhor fez Escola das Américas em que ano?

PAULO MALHÃES: Ah, nem me lembro.

CEV-RJ - Foi antes...

PAULO MALHÃES: Bem antes, nem se falava em subversão. Ai eu fui até a CIA, aprendi alguma coisa, mas aí eu estava o CIE. Aí voltei...

CEV-RJ - Deu instruções.

PAULO MALHÃES: É. Comecei a conversar com o pessoal como é que eles faziam. Esta da Inglaterra foi muito rápida. Mas aí o M-15 é um senhor serviço de informações. Quem tem o melhor serviço de informações...

CEV-RJ - O senhor conheceu lá também?

PAULO MALHÃES: É conheci. Quem tem o melhor serviço de informações é o japonês e o chinês. O chinês é a chamada mala Preta, o melhor serviço de informações que existe, foram o de Israel. O de Israel tem uma grande vantagem, os israelitas se dispersaram pelo mundo, após os romanos tomarem Israel – destruíram a fortaleza que os israelitas tinham, então os israelitas foram obrigados a se espalharem pelo mundo, mas continuaram ligados à religião e o modo de viver de Israel. Então Israel tem informantes em

CEV-RJ - E faz com que essa prática...

PAULO MALHÃES: ...em todo o lugar do mundo. Israel é interessante, eu conversei muito com israelense que faz parte do sistema de informações que disse 'nós temos infiltrados em todo lugar do mundo. Em qualquer lugar que você for você tem israelita'.

CEV-RJ - O senhor esteve em outro país sem ser na Europa e nos Estados Unidos, além da América Latina? Chegou a ir à China, assim

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Só na Europa, Estados Unidos e aqui.

PAULO MALHÃES: Não sei se eu fui lá...

CEV-RJ - Inglaterra, Estados Unidos

PAULO MALHÃES: Não sei se eu fui.

CEV-RJ - Se não foi, o senhor devia ter ido.

PAULO MALHÃES: É, devia ter ido.

CEV-RJ - Foi, na CIA, o senhor falou que esteve na CIA. Escorregou agora.

PAULO MALHÃES: É, mas na CIA pode ter sido... aqui no Brasil tem CIA.(15:20)

CEV-RJ - Sim, sim. Não tem problema

CEV-RJ - Está bom, tá.

PAULO MALHÃES: A CIA, eu só acho o americano...

CEV-RJ - África, o senhor esteve?

PAULO MALHÃES: Não. Eu tive em Angola. Tive, em Angola. Tive em Angola, conheci a África do Sul...

CEV-RJ - A rádio?

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - A rádio de Angola? A rádio de Angola lhe diz alguma coisa?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Cláudio Guerra conta uma historia destas, não?

PAULO MALHÃES: Eu tive em Angola, antes de os portugueses perderem Angola. Depois, alguns angolanos...

CEV-RJ - Mas o senhor esteve a serviço?

PAULO MALHÃES: Estive em serviço. Depois alguns angolanos vieram ao Brasil e me procuraram para estabelecer um relacionamento e troca de informações com Angola. Foi de Angola e da África do Sul. E a gente fazia troca de informações. Mas não era eu, quem fazia era o SNI. Aí eu passava a bola para o SNI. A Operação Condor, Condôr, Condor que eles falam, é uma besteira. Porque, por baixo...

CEV-RJ - Mas, por quê, coronel?

PAULO MALHÃES: Porque, a operação verdadeira que existiu entre os países era a Arco Iris o nome. Não sei porque eles chamam..., dão tanta atenção assim à Operação Condor, entre presidentes, e tal.

CEV-RJ - Conversa do Nixon e tal. Tem alguns telegramas algumas coisas que deram assim..

PAULO MALHÃES: Existia uma operação realmente entre países, mas era a Arco Iris...

CEV-RJ - Mas, não eram países só do continente?

PAULO MALHÃES: Não, aí era do mundo todo.

CEV-RJ - Mas, essas suas viagens tem a ver com esta estrutura, com este apoio?

PAULO MALHÃES: Hum, Hum (concordando)

CEV-RJ - O senhor esteve aonde na África do Sul?

PAULO MALHÃES: Em Angola mesmo.

CEV-RJ - O senhor não lembra a data, mais ou menos? Este período.

PAULO MALHÃES: Não, foi logo no começo.

CEV-RJ – Mas, o senhor estava neste processo de formação mesmo, de aprendizado?

PAULO MALHÃES: De aprendizado.

CEV-RJ - Mas, foi antes ...

PAULO MALHÃES: Mas fui ensinar a eles.

CEV-RJ - Mas, foi antes de montar o CIE?

PAULO MALHÃES: Não, o CIE já estava montado.

CEV-RJ - Já tinha.

PAULO MALHÃES: Foi para ensinar a eles.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Porque, até os argentinos..

CEV-RJ - Tiveram que aprender.

PAULO MALHÃES: Tiveram que aprender.

CEV-RJ - Aqui começou bem antes, não é coronel?

PAULO MALHÃES: Eu quando conheci eles...

CEV-RJ - O senhor já tinha dez anos de ...

PAULO MALHÃES: Eles me trouxeram um papel com a estrutura dos Montoneros. Aí eles tinham uma porção dos quadradinhos e nestes quadradinhos tinham os nomes dos caras e quando o cara morria eles botavam um X vermelho no quadradinho. Mas eu olhei o papel e disse a eles, ‘vem cá, tem tanta coisa vaga aqui, vocês prenderam tanta gente e não conseguiram preencher isto?’

CEV-RJ - Os quadradinhos em branco.

PAULO MALHÃES: Eles disseram, 'não'. 'E por quê?' 'Porque nós prendemos e matamos'. 'Vocês não acham que isto é errado, vocês têm que prender e interrogar para poder preencher os outros quadradinhos'. 'Ah, nós não sabemos fazer isto'. 'Então vamos conversar, vamos aprender a fazer isto'. Aí ensinei a aranhazinha para eles. Ele acabaram com os Motoneros, acabaram com ERP, acabaram com tudo.

CEV-RJ - Tupamaros

PAULO MALHÃES: É uma coisa fácil, o serviço secreto não pode... um americano eu acho meio, o serviço secreto americano acredita em muita bobagem. O interpretativo deles, a tal informações dele, é muito, sei lá, eu acho fraca. Eles acreditam, eles chegam às vezes com notícias pra gente de absurdos. 'Isso não pode acontecer'. 'Não veio lá dos Estados Unidos, está aqui'. 'Eu sei que veio de lá, mas isto é uma interpretação falsa. Não sei em que se basearam para vocês dizerem isso'. É um defeito que eu acho neles. Já o inglês é mais sério. Os outros são mais sérios. Os americanos mesmo que só acredita... agora, ele tem um poder de captar as coisas, através de elementos eletrônicos que você cai duro para trás. Eles aqui vigiam, se eles quiserem, os telefones de todo mundo.

CEV-RJ - Fico pensando, às vezes, nestes serviços que os senhores faziam e como trabalhariam com os recursos tecnológico que tem hoje?

PAULO MALHÃES: Tinha primeiro...

CEV-RJ - O senhor conheceu o sistema que a Polícia Federal desenvolveu, o guardião, que rastreia os telefonemas e cruza dados e dá tudo de mão beijada?

PAULO MALHÃES: Conheci. Sei qual é o aparelho.

CEV-RJ - Chegou a conhecer, de curiosidade?

PAULO MALHÃES: É um scan. Nós tivemos quase comprando um destes, mas acabaram não comprando.

CEV-RJ - Do exterior, na época. Por que agora é feito aqui.

PAULO MALHÃES: Eu acho ele maravilhoso, o scan. O scan você deixa no ar...(22:07)

CEV-RJ - Pega tudo.

PAULO MALHÃES: ... e ele fica pesquisando telefonemas. Se você disser uma palavra, 'vamos assaltar', ele já para no seu telefone. O telefone já fica em uma linha com ela presa. Ai alguém vai, anota o telefone e passa a botar no scan para o scan fiscalizar aquela linha. É sensacional a ação dele. Do americano, né? Desse nacional não sei como é que é.

CEV-RJ - na sua época, todo mundo falava que se grampeava muito e aí todo mundo tinha medo de falar ao telefone, como é que eles conseguiam grampear tanta gente assim?

PAULO MALHÃES: Não, é mentira. Era muito limitado.

CEV-RJ - Mas, até hoje é um pouco assim. Se sabe o que se quer.

PAULO MALHÃES: Eu, por exemplo, não falo nada pelo telefone. Eu não falo. Porque eu devo estar na lista dos grampeados. Eu tenho esta impressão. Não é porque eu trabalhei no serviço secreto, não é por nada disso. É porque eles sabem que eu sou contra este estado de coisas que está aí. Eu já deixei bem claro para um cara deles que veio conversar comigo, que eu sou contra. Eu não concordo com isto. Acho que o Brasil merece alguma coisa melhor. Embora o nosso povo escolha mal, a gente não pode... né? É o nosso povo que escolhe, mas ...

CEV-RJ - me tira uma outra dúvida, a solução encontrada foi made in Brasil, ou made no exterior?

PAULO MALHÃES: Não, made in Brasil. Nacional. Que eu saiba é, né?

CEV-RJ - A solução do caso, como resolveu?

PAULO MALHÃES: É, é. Não sei como é ..., nunca nenhum outro governo me disse como é que eles faziam. Isso aí existe no mundo todo. Isso não é uma particularidade do Brasil. (24:42)

CEV-RJ - Coronel, lá no Araguaia, aquela coisa lá das cabeças...

PAULO MALHÃES: O quê?

CEV-RJ - Aquela coisa de cortar as cabeças dos guerrilheiros. Saíram de lá com alguma parte destas pessoas? O senhor acredita nisso, o senhor lembra disso?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Porque eu acho isto a coisa mais absurda.

PAULO MALHÃES: Isso é absurdo, os caras inventam o absurdo. Quem vai sair com uma cabeça de recordação? Por quê? Se fossem aqueles índios do norte da Colômbia que encolhem a cabeça e transformam elas em pequenininha, aí dá para você levar de presente, eu trouxe algumas cabeças de lá, embalsamada e ... meus empregados na época tinham pavor daquilo, aí eu andei distribuindo. Eu trouxe algumas.

CEV-RJ - O senhor trouxe os jacarés também, não é?

PAULO MALHÃES: Tem os jacarés, o Pata, o Pita, o Po.. como é que é? Pato, Peto, Pito, Poto e Joãozinho.

CEV-RJ - Que estavam lá no DOI?

PAULO MALHÃES: Eram meus. A Miriam também era minha.

CEV-RJ - A cobra.

PAULO MALHÃES: A cobra

CEV-RJ - Apavorou muita gente?

PAULO MALHÃES: A cobra sempre apavorava, o jacarezinho também. O jacarezinho faz um barulho com os dentes, tec, tec, tec, tec ... A cobra foi um presente, eu trouxe ela.

CEV-RJ - O senhor trouxe de onde, lá de Xambioá?

PAULO MALHÃES: É, trouxe de Xambioá. Ela enrolava no meu braço e ficava. Nunca me fez mal, Primeiro que ela não tem veneno, ela só morde, até deixa os dentes na mordida dela. Ela se dava comigo maravilhosamente bem. O jacarezinho não posso dizer o mesmo porque o jacarezinho era muito assustado. Eu dei todos para o jardim zoológico, ali na Quinta da Boa Vista.

CEV-RJ - Coronel, mas nestas casas aí, não na estrutura do DOI, os senhores usavam alguma coisa assim...era mais... me diz uma coisa...

CEV-RJ - Ou era só o aparelhinho de choque?

CEV-RJ - ... O tal do aparelhinho, joelho e mão? Confere, ou não? Mais..

PAULO MALHÃES: Pode ser qualquer duas partes do corpo.

CEV-RJ - Pega duas partes do corpo?

PAULO MALHÃES: É isso, porque tem positivo e negativo, então pega duas partes do corpo. O melhor era as orelhas. O cara entra em parafuso.

CEV-RJ - Em São Paulo ficou famoso o caso de uma madre que foi presa e acabou engravidada dentro da prisão por militares ou policiais que a prenderam. Aqui no Rio aconteceu isto?

PAULO MALHÃES: Que eu saiba não. Tem o caso da... dessa que você gosta tanto dela...

CEV-RJ - Lúcia?

PAULO MALHÃES: que foi estuprada lá no aparelho...

CEV-RJ - A Inês?

PAULO MALHÃES: A Inês Etienne.

CEV-RJ - Que foi estuprada por um dos rapazes lá, não é isso?

PAULO MALHÃES: É. Eu cá tenho minhas dúvidas, não vou dizer que a Inês esteja errada...

CEV-RJ - Mas isto era comum, coronel?

PAULO MALHÃES: Não era. Não vou dizer...

CEV-RJ - Mas, sevícias em órgãos genitais femininos?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Cabo de vassoura, estas coisas?

PAULO MALHÃES: Não. Nunca.

CEV-RJ - Nem no DOI?

PAULO MALHÃES: Aí, no DOI eu não sei. Eu não participei... eu não fiz.

CEV-RJ - O senhor chegou a usar o pau de arara?

PAULO MALHÃES: Não, o pau de arara é normal. É tão antigo, pertence à antiguidade, Roma ainda...

CEV-RJ - Mas era mais o choque?

PAULO MALHÃES: É. Eu gostava do choque. O choque era mais rápido. Ou então você fazer o cara ..

CEV-RJ - Afogamento?

PAULO MALHÃES: Não. (fazer o cara) ... entrar em contradição com ele mesmo. Eu te interrogo e te faço uma pergunta. Você me responde, eu guardo a sua resposta e daqui a meia hora, após a gente fazer uma porção de outras coisas, eu te pergunto a mesma coisa. Você, dificilmente repetirá a mesma história... se for mentira, se você me contou uma mentira, você dificilmente repetirá a mesma história que você me disse. Se for verdade, não. Porque a história, para ser verdadeira, ela tem que ser vivida por todos os teus sentido. É uma história verdadeira. E a falsa, você só tem ela no cérebro. Então, passado um certo tempo, se eu pedir para você repetir, você vai me contar diferente. Aí eu digo, mas não foi isso que você me disse...

CEV-RJ - O senhor encontrou muita gente que manteve a mesma história? Ou seja, que não estava mentindo e não estava envolvido?

PAULO MALHÃES: Não. Não estava envolvido, não. Nunca interroguei ninguém que não estava envolvido.

CEV-RJ - Não, eu lhe dei o caso do Edson que não tinha nada a ver com nada.

PAULO MALHÃES: Mas, constava que ele tinha.

CEV-RJ - Sim, constava que ele tinha, mas isso que eu digo, como esse caso dele, pessoas que chegaram lá por terem sido denunciadas e depois o senhor confirmou que elas não tinham a ver..

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Sempre tinha,

PAULO MALHÃES: Elas não voltaram para dizer que era inocente e que eu interroguei erradamente. Porque, você tem que pensar também no estado em que você está quando vai interrogar uma pessoa.

CEV-RJ - Mas, o senhor sempre estava calmo, ou não?

PAULO MALHÃES: Na maioria das vezes.

CEV-RJ - Mas, o senhor fazia este esforço, para estar calmo, ou não?

PAULO MALHÃES: Mas, o ambiente era de tensão. Não é um diálogo como nós estamos tendo aqui.

CEV-RJ - Disseram que aquilo ali era um formigueiro, o DOI-CODI, que tinha gente de tudo quanto é lado, circulando muito.

PAULO MALHÃES: É. Quando você arranjava uma vaga na sala de interrogatório, era um problema.

CEV-RJ - Era difícil? Tinha fila?

PAULO MALHÃES: Era um problema. ‘Malhães, só depois que eu acabar esse aqui’. Pô quando é que o cara vai acabar isso aqui?

CEV-RJ - Coronel, eu lembrei agora, eu tinha anotado aqui, um casal, eles falam seu nome, a mulher diz que levou choques elétricos – isto foi em janeiro de 69 – Maria Cela Manes,

PAULO MALHÃES: Manes, é a mulher do filho do Manes..

CEV-RJ - O caso dos tais que eram ligados ao Brizola. Ela foi presa, também?

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - Ela foi presa em 69.

PAULO MALHÃES: Mas, foi presa de araque, foi presa porque estava junto do marido, Sérgio Ubiratan, e tal..

CEV-RJ - Mas, presa de araque, mas levou choque.

PAULO MALHÃES: Eu acho que não. Meu não levou. Porque a gente viu logo, pelo menos eu percebi logo – ela pode dizer até que levou choque meu, tal, isso eu já soube que ela disse...

CEV-RJ - É, ela disse

PAULO MALHÃES: ... que até o filho nasceu surdo, não foi? Não tem esta história?

CEV-RJ - Essa eu não sei. Mas era porque ela estava grávida, ela estava grávida, é.

PAULO MALHÃES: Mentira dela que eu dei choque nela. Ela não tinha nada a ver com isto. Quem tinha eram os garotos, junto com o pai. O que você falou?

CEV-RJ - Não, era isso, esta questão. Você falou um Sérgio Ubiratan aí....

CEV-RJ - era o marido dela.

PAULO MALHÃES: Ele foi interrogado.

CEV-RJ - Ele preso, foi interrogado pelo senhor.

CEV-RJ - Nós vamos voltar aqui,

PAULO MALHÃES: Não faça isto.

CEV-RJ - Claro, o senhor gostou da conversa.

CEV-RJ - Coronel, vou lhe perguntar uma coisa, a Comissão Nacional da Verdade já procurou o senhor?

PAULO MALHÃES: Não. Eu vou me recusar a ir.

CEV-RJ - Eles convocam, o senhor vai receber uma convocação da Polícia Federal. Ai o senhor não vai. E a segunda vez o senhor não vai. Na terceira vez a Polícia federal pode vir buscar o senhor. Se for assim, o senhor vai?

PAULO MALHÃES: Não, vou reagir. E juro que vou morrer neste dia. Porque a hora que o cara chegar aqui 'não, nós vamos levar você preso' eu vou sacar de uma arma e vou sentar tiro nele. Mas, eu acho, um absurdo eles virem me prender, porque eu estou anistiado. Tem que se lembrar disso, estou anistiado, como eles estão anistiados. Se for o caso eu vou dizer gente do governo que deve estar em cana e foi anistiado como eu fui. Porque os criminosos eram eles, eles que assaltavam, eles que sequestrava, eles é que eram criminosos. Esta história de ter a Comissão da Verdade e ela só vê um lado, ela perde a moral comigo. Primeiro que eu não vejo na Constituição, nem vi o Congresso vota, o poder da presidente criar a Comissão da Verdade.

CEV-RJ - Não, mas foi votada. Há uma lei

PAULO MALHÃES: É uma lei?

CEV-RJ - É, uma lei federal.

CEV-RJ - Uma lei federal que passou pelo Congresso.

CEV-RJ - É, uma lei federal que foi aprovada pelo Congresso.

PAULO MALHÃES: Então consta na Constituição?

CEV-RJ - Não, na Constituição não. Não foi uma emenda constitucional, foi uma lei.

CEV-RJ - Não, mas ela tem força, é uma lei como, sei lá, a lei de execução penal, a lei de ... é uma lei.

PAULO MALHÃES: Então você já está me ensinando a ir ser preso. Pronto.

CEV-RJ - Não, não é isso. O que eu estou pensando alto aqui é que assim, talvez eles nem procure o senhor, não estou dizendo que vão. Mas, assim, o que eu acho deste nosso trabalho é que é um trabalho muito curto para tentar esclarecer coisas que já faz muitos anos, que não necessariamente, tem gente que já morreu, tem gente que não vai falar. Coronel, o que eu acho pior nisso é que estas histórias sejam contadas e mantenham-se mentiras. O senhor entende? Isto que eu acho. E aí, independentemente de quem é o governo, acho que o Estado não pode este direito de ... e é muito ruim, por exemplo, não é o seu caso, aliás pode ser o seu caso, o seu nome aparecer como o senhor disse que apareceu em um livro lá entre torturados e torturadores, chega ano que vem vai estar lá, sei lá.....

PAULO MALHÃES: Não, depois que o Chico fez aquela reportagem e criaram a Casa da Morte, porque foram eles que criaram o nome...

CEV-RJ - Não, já existia. Não foi o Chico, o senhor está dando ao Chico um mérito que ele não tem. A Casa da Morte já vem de 1986...

PAULO MALHÃES: Não,

CEV-RJ - Lá é enigmático. Lá ficou um símbolo.

PAULO MALHÃES: É porque é mais fácil, né?

CEV-RJ - Não, porque veio a história toda, em 86, foram lá os deputados...

PAULO MALHÃES: Então, aí, Paulo Malhães, isto aqui meus amigos aqui dizem, passou a ser o dono da Casa da Morte.

CEV-RJ - Proprietário

PAULO MALHÃES: Embora não tenha sido até muito mentira, não. Mas passou a ser o dono da Casa da Morte.

CEV-RJ - O senhor foi muito procurado depois daquela reportagem por outros jornalistas

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Chegaram até ao senhor?

PAULO MALHÃES: Não, ninguém veio. Tentou vir um da televisão, veio com televisão e tudo para filmar ...

CEV-RJ - Mas, o senhor nunca deu...

CEV-RJ - Achou o senhor?

PAULO MALHÃES: Achou, o Chico ... você achou fácil.

CEV-RJ - (40:50) Coronel, deixa eu pedir uma coisa para o senhor, aqui. Isto que eu lhe falei dessa minha preocupação de se escrever as coisas e agente, depois de tanto tempo, ainda correr o risco de continuar dizendo o que pessoas fizeram e não fizeram. Mais adiante, não é agora, já, porque eu também não vou abusar de sua paciência, reunindo mais informações, isso é mais para o final do ano, eu acho, a gente está em janeiro, fevereiro, agora, é mais para o final do ano, já para combinar com o senhor, o senhor aceitaria eu lhe mostrar minimamente, porque eu tenho algumas coisas que eu ajudei a 'pensar sobre o Araguaia, não é de graça que eu falei para o senhor, de Três Passos, tem coisas que não é de hoje também, faz muitos anos. Sou uma pessoa muito séria e acho que a pior coisa que uma pessoa pode fazer é escrever algo que ela não tenha certeza de que seja verdade, saber se eu posso contar com o senhor para eventualmente quando...

PAULO MALHÃES: Pode.

CEV-RJ - Tirar dúvidas

CEV-RJ - Que nem que o senhor me diga assim, o senhor pode até não me dizer a verdade, mas o senhor pode me dizer quando não for verdade, porque acho que este risco a gente não deve correr. É irresponsável fazer isto, porque amanhã eu posso não estar aqui, o senhor pode não estar aqui, na vida, a gente tem fim, mas estas coisas ficam escritas para daqui a cem anos, daqui a duzentos anos..

PAULO MALHÃES: Não, eu não tenho problema de falar sobre os fatos. O que é verdade é verdade, você não pode ocultar a verdade.

CEV-RJ - Pode não falar tudo, mas o que for falado não pode ser mentira.

PAULO MALHÃES: É o que eu estou dizendo, o que eu digo para ele, eu não posso falar é que todo mundo que trabalhou e que ainda está vivo vai saber que fui eu que falei.

CEV-RJ - Coronel, mas tem colegas do senhor que estão abrindo, o senhor sabe disso.

PAULO MALHÃES: É, mas vão abrir conceitos, do contexto geral, eles abrem muito pouco. O conhecimento deles não é tão amplo como é o meu.

CEV-RJ - Pelo tipo de serviço que o senhor fazia.

PAULO MALHÃES: Então.

CEV-RJ - mas, o senhor acha que compromete alguém, por exemplo, o senhor esclarecer o que aconteceu com o Rubens Paiva depois de todo este tempo? Compromete a quem, se o senhor não está dando o nome de ninguém que esteve lá?

PAULO MALHÃES: Ninguém.

CEV-RJ - O senhor, ao que parece, participou, viu, discutiu. Compromete a quem?

PAULO MALHÃES: Ninguém.

CEV-RJ - E não seria, de bom tom, que esta história fosse esclarecida de uma vez por todas?

PAULO MALHÃES: É. Pelo menos parariam de falar.

CEV-RJ - por que não podemos esclarecer?

PAULO MALHÃES: Vocês podem esclarecer.

CEV-RJ - Por que o senhor não nos ajuda a esclarecer?

PAULO MALHÃES: Eu esclareci a história.

CEV-RJ - Só falta a cereja.

PAULO MALHÃES: Não, a cereja não, porque a cereja não pertence só ao Rubens Paiva, pertence...

CEV-RJ - É a cereja de muitos bolos.

PAULO MALHÃES: É de muitos outros.

CEV-RJ - mesmo assim, se o senhor contar a cereja, o senhor estará comprometendo alguém?

PAULO MALHÃES: Estou. Estou me comprometendo. Aí todo mundo vai dizer que os desaparecidos todos são meus. O que não é verdade.

CEV-RJ - Vai aumentar a conta.

PAULO MALHÃES: Aumenta muito a conta. Já dizem que eu sumi com 200.

CEV-RJ - Não, eu não ouvi este número.

PAULO MALHÃES: Isto é mentira.

CEV-RJ - Só dizem que sumiram 20 na Casa da Morte. Mas esta Casa da Morte, pelo o que o senhor está mostrando, alguns destes 20 nem estiveram lá?

PAULO MALHÃES: Mas, é, é...

CEV-RJ - E o senhor diz que passaram 30 só levados pelo senhor. Eu já estou assustado, porque não soube apurar direito esta história de quantos passaram por lá realmente.

PAULO MALHÃES: Não, 30 transformados em informantes.

CEV-RJ - Não, uma coisa é quem passou e nunca mais foi visto, outra coisa é quem passou e está por aí, tu vai no mercado e não sabe quem é, nem nunca vai saber.

PAULO MALHÃES: Nem nunca vai saber. Este você não vai saber. Este compromisso é um compromisso de honra meu.

CEV-RJ - E eu respeito ele, respeito ele. Agora, a cereja do bolo não vai quebrar nenhum compromisso que o senhor assumiu no passado.

PAULO MALHÃES: Não, mas vai aumentar minha conta.

CEV-RJ - Não vai aumentar. Que conta?

PAULO MALHÃES: Vai aumentar minha conta. Porque aí, outros, como eu falei nisso, terão o direito de dizer que ele é responsável por todos os que desapareceram, para sair fora da jogada. E eu não sou responsável ...

CEV-RJ - Eu sei que o senhor não é responsável por todos os que desapareceram.

PAULO MALHÃES: Seria impossível, não é? Era um troço... Que muita gente que desapareceu, na realidade não foi desaparecido. Eles podem... Cuidado que eles podem estar em outros países, em outros lugares...

CEV-RJ - O senhor acredita nisso, mesmo?

CEV-RJ - Com outras identidades?

PAULO MALHÃES: Eu dei identidade para muita gente.

CEV-RJ - O senhor deu?

PAULO MALHÃES: Dei.

CEV-RJ - E é isso que o senhor falou, nunca mais, ninguém vai saber.

PAULO MALHÃES: Então, não é bem assim que as coisas funcionam, é mais complicado um pouquinho. Não é com a simplicidade que o jornalista quer noticiar.

CEV-RJ - Não, eu não quero noticiar. Eu quero contar história. Eu aqui estou mais como contador de história do que como jornalista. É isso que eu falei para o senhor. Nós temos uma historia para recontar. E eu estou participando desta equipe tentando botar os pingos nos iiis...

PAULO MALHÃES: Hoje já soube

CEV-RJ - Cheguei ao ponto em que consegui conversar com o Cel. Raimundo, durante onze meses e ele disse assim, eu vou contar pela primeira vez o que aconteceu, contou a história, admitiu, pela primeira vez, que foi tudo uma farsa.

CEV-RJ - Pegou o carro, jogou fogo, jogou gasolina.

CEV-RJ - Agora, ele disse eu não sei por que eu nem vi o Rubens Paiva na minha frente.

PAULO MALHÃES: Eu também não. Vivo não.

CEV-RJ - Vivo não. O senhor viu, já cheirando mal.

PAULO MALHÃES: Eu nem sabia da existência deste Rubens Paiva.

CEV-RJ - Ele fala a mesma coisa, que só soube do Rubens Paiva quando voltou da história do sequestro. Mas aí o senhor foi saber como?

PAULO MALHÃES: Eu fui saber pelo noticiário de vocês. Notícias na imprensa.

CEV-RJ - Na época?

PAULO MALHÃES: Na época

CEV-RJ - O noticiário dando conta de que o preso fugiu.

PAULO MALHÃES: Isso. Eu disse, 'quem é ele, o que este Rubens Paiva fez na vida'. É um cara que, o que ele fez?

CEV-RJ - Recebeu carta de exilados brasileiros no Chile.

PAULO MALHÃES: Só isso?

CEV-RJ - Ele ia repassar as cartas para alguém do MR-8 que era o Muniz, que foi vice-prefeito do Rio?

PAULO MALHÃES: Só isso?

CEV-RJ - Ele não fez nada e mesmo assim, ele não está mais aí?

PAULO MALHÃES: Ele não morreria se fosse comigo.

CEV-RJ - Deu azar.

PAULO MALHÃES: É, aconteceu alguma coisa que a gente não sabe o que foi, eu mais ou menos calculo, que... Na natureza humana existem aqueles que se aproveitam de uma situação para extravasar seus extintos do mal. Certo? Isso é psicologia pura. Se você olhar para o indivíduo você não sabe do que realmente esse indivíduo é capaz. Então, ele foi interrogado por gente que gostava de dar porrada. Isso eu conheci vários. Tive, não auxiliares meus que fizessem isso, os meus não faziam, mas auxiliares que eu até fui fazer queixa dos caras. O cara exagerava naquilo que fazia. Tirar sangue dos caras. Não tem necessidade disso. Mas, os caras ficavam satisfeitos, sorridentes, tirou sangue dos caras, deu porrada nos caras. Eu acredito que isso aconteceu com Rubens Paiva, alguém, deram tanta porrada nele que quando foram ver ele já estava morto. Ai ficou o abacaxi, o que fazer? Nós vamos enterrar ele. Morto se faz o que com o morto? Se enterra.

CEV-RJ - Morto se enterra, enterraram errado.

PAULO MALHÃES: 'Aonde vamos enterrar?' 'Ah, enterra por aí mesmo, ali do lado'.

CEV-RJ - E a coisa tomou uma proporção maior do que ...

PAULO MALHÃES: 'E a coisa tomou uma proporção... Eu não sei porque este Rubens Paiva se tornou tão famoso?

CEV-RJ - Porque era deputado, cassado, famoso, conhecido, morava no Leblon, na beira da praia. Família bem situada, não era ligado a nenhum movimento de esquerda. Ele era um político de esquerda, mas não ligado a nenhum movimento.

PAULO MALHÃES: Porque, quando eu vi isto virar um tumulto, eu não sabia de nada. Nem que ele tinha sido preso, nem por onde tinha passado, eu estava completamente por fora. Ai procurei me informar, mais ou menos, soube que ele foi preso no DOI, que ele tinha levado bastante porrada no DOI e tal e que tinha morrido. Mas disse, 'porra, por que estão batendo? Teve gente bem antes dele que aconteceu a mesma coisa. E devem estar enterrado em qualquer lugar por aí. Eu não duvido que um dia se ache alguém enterrado, isso é o que eu digo, para você, é o medo que eu tenho. Porque você hoje tem o DNA, O cara pode estar só em osso, o cara vai examinar e vai examinar o DNA da família e vai descobrir que ele pertence à família. No meu tempo não tinha isso, mas eu já pensava que não devia

CEV-RJ - Não devia deixar...

PAULO MALHÃES: Em lugar nenhum, nunca se enterrar. Também tive essa ideia, vamos enterrar, vamos queimar, vamos botar no ácido. No ácido o cara desaparece, você sabe disso, né?

CEV-RJ - Por isso que eu lhe perguntei, produtos químicos?

PAULO MALHÃES: Tudo isso passou pela minha cabeça...

CEV-RJ - Mas ?

PAULO MALHÃES: 'Mas, as dificuldades encontradas para fazer isso, já eram outras, Aí eu disse, não, nada disso, vamos pensar, cada um tenha uma ideia aí, vamos pensar, vamos resolver esse problema, de modo que, não deixe rastro. Aí surgiu essa ideia, nos discutimos a ideia e achamos que era a ideia mais viável.

CEV-RJ - Mais de uma pessoa sabe disso, do que foi discutido?

PAULO MALHÃES: Sabe.

CEV-RJ - Se vier a publico não vão poder dizer que foi o senhor quem falou?

CEV-RJ - Mas, coronel, não foi em tudo o que é lugar que fizeram deste mesmo jeito?.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Tanto que tem lá, em São Paulo, faziam aquilo que o senhor falou do atropelamento, não sei, inventavam...

PAULO MALHÃES: inventavam.

CEV-RJ - Vala comum...

CEV-RJ - mas, se várias pessoas discutiram isto, a revelação não poderá ser identificada como sendo sua.

PAULO MALHÃES: Eu não sei quantas pessoas têm vivas que discutiram isso. (55:07)

CEV-RJ - Mas não são muitas, coronel.

PAULO MALHÃES: Não devem ser muitas.

CEV-RJ - Mas também não deve ser uma ou duas. É a turma do CIE. Porque o CIE veio para resolver o problema que o DOI-CODI criou.

PAULO MALHÃES: Então...

CEV-RJ - É isso, o CIE veio resolver um problema que o DOI-CODI criou, porque o DOI é que enterrou onde não devia.

PAULO MALHÃES: É, o DOI, eu trabalhei no DOI, o DOI é um grau abaixo. Quando o cara entra no DOI, tem gente que nem quis entrar, chorou para não entrar no DOI, tem oficial que não quis trabalhar no DOI. Então, o DOI é o primeiro degrau. Você entra ali, voando, qual é a minha função? O que eu vou fazer? Que função é esta? E tal, pê, pê, pê, pê, pê, pê. Ah, é um sistema de, eles dizem, informação. É um sistema de inteligência, o nome certo é inteligência. Aqui no Brasil é que criaram esse negócio de informações. Aí, você se brutaliza, você passa a ser igual aos outros, aí depois você vai raciocinando, vai pensando, vai se estruturando, vai criando outras..., como ela disse, o choque... O choque foi uma mudança da porrada para o choque. Você pode dizer, foi uma mudança ruim. Foi não, não deixava trauma, quer dizer, não deixava trauma, não deixava marca, não deixava nada.

CEV-RJ - Mais rápido.

PAULO MALHÃES: Já foi uma evolução. Ai você vai aprendendo, vai caminhando, aprende de outros lugares, também. De outros países, como é feita a coisa. Então, você se torna um outro personagem, um outro cara e por causa disto, você é guindado, por ser um cara diferente, agir diferente, você é guindado a um órgão superior. Aí você tem muito mais amplitude, tem um universo muito maior aí você se torna um expert em informações...

CEV-RJ - E vai resolver os problemas que os outros criaram.

PAULO MALHÃES: É, isso aí

CEV-RJ - Voltamos ao ponto inicial. Um grupo resolveu esse problema.

PAULO MALHÃES: Um grupo resolveu esse problema, senão, hoje, teríamos um escândalo muito maior.

CEV-RJ - Hoje, não. Alguns anos atrás.

PAULO MALHÃES: Teríamos um escândalo muito maior.

CEV-RJ - Quando desenterrasse da praia ou quando a reforma da calçada descobrisse o corpo.

PAULO MALHÃES: teríamos um escândalo muito maior. Encontramos os restos, então alguém matou, onde esteve ele, aonde estava ele? Exército ia ter que responde a isto.

CEV-RJ - Mas todo mundo sempre suspeitava que foi no DOI-CODI, porque a versão do sequestro, o senhor sabe, nunca colou.

PAULO MALHÃES: É, mas eles tiveram que inventar isto para dizer que o cara sumiu.

CEV-RJ - Esse, quem inventou, já morreu.

PAULO MALHÃES: Acredito que sim.

CEV-RJ - Foi o Demiurgo. Não sei se a mando do Belham ou não.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, o Ronaldo conta que a ordem partiu do Demiurgo.

PAULO MALHÃES: Deve ter sido do Demiurgo mesmo. Não acredito que o Belham tenha feito isso não. O Belham era um cara... (interrompe a frase)

CEV-RJ - Agora, e o enterrar em qualquer lugar, deve ter sido do Demiurgo também?

PAULO MALHÃES: Não, isto deve ter partido daqueles que ... do grupo que assassinou ele, vamos falar em termos claro.

CEV-RJ - As equipes lá eram três equipes 24 por 48. Uma delas era o Belham, que estava no dia 20. Outra delas era o Demiurgo, que estava no dia 21. E ele morreu do dia 20 para o dia 21. A terceira, do dia 22, era o Ney Mendes, que também já morreu.

PAULO MALHÃES: mas, aquilo, o chefe da equipe que fez a morte do Rubens Paiva, pode ter chegado o chefe dele – eu cansei de fazer isso – ‘eu resolvo o problema, não precisa o senhor se preocupar. Eu tenho a solução do problema.’ Teve um presidente da República que era muito amigo meu. Se tornou por coincidência, eu fui segurança quando foram escolher ele para presidente eu fui segurança dele, não sei o que, pê, pê, pê.. Aí voltei, ele se tornou íntimo comigo, eu tomava conta da casa em que ele ficou, que foi do ministro da Aeronáutica no Rio de Janeiro, aí passei a jogar, ele viu eu jogando buraco com o meu pessoal, ele disse ‘adoro jogar isto. Você vai jogar contra eu e minha mulher. Trás o seu parceiro aí, vamos jogar’. Médici. Então o Médici, acontecia problemas, o Médici mandava me chamar. Eu ia lá no palácio. Já almocei do lado dele. Ele perguntava, ‘é aí?’. Eu dizia, ‘O senhor quer que eu resolva? Eu resolvo’. ‘Então está, Malhães, resolve. Você diz que a partir de agora você está trabalhando para o presidente da República.’ ‘Sim senhor!’. Ou quando acontecia, ele me encontrava e dizia ‘O Malhães fez uma cagada’

CEV-RJ - Eram problemas deste tipo?

PAULO MALHÃES: Eram. ‘Malhães fez uma cagada. Pegou um argentino e mandou de volta para a Argentina. O cara era um Montonero importante lá, não sei o que, pê, pê, pê.. e o pessoal sabe que o cara estava no Brasil, veio ao Brasil, não sei o quê. Aí ele mandou me chamar. ‘Senhor presidente, não precisa se preocupar, o cara está na Venezuela.’ ‘Mas disseram que você... que o cara está na Argentina.’ Eu disse, ‘realmente o cara está na Argentina, mas um doble dele embarcou em um avião, aqui do Rio, às tantas horas, com destino em Caracas. Foi para a Venezuela. Com passaporte dele, com tudo dele. Ele deve ter dado entrada na Venezuela. Os Argentinos me garantiram que ele deu entrada na Venezuela como sendo.’ Nunca mais... A imprensa chegou a querer se mexer, os caras da Argentina reclamaram, e o cara nunca se comunicou da Venezuela com a Argentina (irônico). Aí o Brasil disse, não, tem a passagem dele por aqui. Passou, realmente, por aqui. Mas embarcou para a Venezuela. Se sumiu, sumiu na Venezuela, no Brasil não foi’. Então, a gente tinha... dava assim um estalo e você dava a solução para o problema.

CEV-RJ - esse foi aquele do gesso?

PAULO MALHÃES: É. Mas esse foi o nosso trabalho. Aí o presidente me chamou ‘Malhães qual foi a cagada que você fez aí, sequestrou um argentino importante?’ ‘Eu Sequestrei, eu realmente sequestrei. Mande de volta para a Argentina.’

CEV-RJ - O senhor tinha pegado ele aonde?

PAULO MALHÃES: Aqui, saindo do aeroporto. Eles lá sabiam em que avião ele estava.

CEV-RJ - Mas, ele vinha de onde?

PAULO MALHÃES: Vinha de Buenos Aires.

CEV-RJ - Fugido?

PAULO MALHÃES: Não é bem fugido. Ele vinha a um encontro da tal Junta de Coordenação Revolucionária, na Venezuela.

CEV-RJ - Ah, ele estava de passagem para a Venezuela.

PAULO MALHÃES: De qualquer maneira ele ia para a Venezuela, por causa disso é que eu mandei ele para a Venezuela.

CEV-RJ - Deu tudo certo.

PAULO MALHÃES: Deu tudo certo. Se ele sumiu ou não sumiu, sumiu na Venezuela. Aí ficaram, os argentinos vieram para cá, desesperados. 'Como é que vamos levar esse homem? Vamos levar em um...' 'Vamos levar em um avião de carreira.' 'Como?'. Trás um médico para cá. Eu conheci até um médico bom, o cara me deu uma porção de frasquinhos, fazem mágicas aqueles frasquinhos. Eles já perderam a validade, né? Mas eu guardei os frasquinhos que o médico me deu com as finalidades dos frasquinhos. Esses frasquinhos foram até usado pelo SNI, um cara me pediu uma ampola e tal. Maravilhosos os frasquinhos (rindo). Então...

CEV-RJ - Serviam para?

PAULO MALHÃES: Serviam para várias coisas, fazer tu ter um AVC..

CEV-RJ - Temporário.

PAULO MALHÃES: Não, temporário não.

CEV-RJ - Definitivo.

CEV-RJ - Mas, criava uma justificativa de uma doença.

PAULO MALHÃES: Tinha um que só fazia o cara dormir.

CEV-RJ - Que foi o usado.

PAULO MALHÃES: Que foi usado. Eu, por exemplo, usei, para prender um cara...

CEV-RJ - Não, eu digo que no caso do argentino foi esse o usado.

PAULO MALHÃES: Foi esse usado..

CEV-RJ - Ele foi dormindo todo engessado.

PAULO MALHÃES: Botou o cara dormir engessado. Ele como médico, se apresentou como médico ao piloto. Tudo direitinho. Todas as formalidades cumpridas.

CEV-RJ - Foi na maca?

PAULO MALHÃES: Todas as finalidades..

CEV-RJ - Foi na maca.

PAULO MALHÃES: Foi na maca. O consulado argentino aqui tratou de acertar tudo.

CEV-RJ - Mas, coronel, o destino que deram nele na Argentina?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - O senhor sabe que ele foi para a Venezuela.

PAULO MALHÃES: Só sei que ele foi para a Venezuela, exatamente. Os argentinos gostavam muito de mim. Embora eu nunca tenha ido a Buenos Aires.

CEV-RJ - Essa foi uma solução, qual a outra solução que o senhor deu para o presidente Médici?

PAULO MALHÃES: Foi essa. O presidente Médici foi... a outra, mas esta é internacional. Foi de um embaixador, e eu fui quebrar o galho.

CEV-RJ - Qual dos embaixadores?

PAULO MALHÃES: Deixa isso pra lá...

CEV-RJ - Um embaixador brasileiro no exterior, é isso?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Que estava envolvido com alguma coisa?

PAULO MALHÃES: É. Você tem.... Há coisas que acontecem que você não acredita que aconteceu.

CEV-RJ - Essa, para mim, se me contassem que enterraram no lugar reformando o passeio e tiveram que desenterrar correndo, se me contasse meu diria que é história do Aguinaldo Silva na novela... Que depois puseram na praia e viram que.

PAULO MALHÃES: Não, eles não vira mais nada. Eles enterraram na praia e ficou na praia.

CEV-RJ - E aí ainda foi o pessoal do DOI.

PAULO MALHÃES: O pessoal do DOI é quem fez.

CEV-RJ - Primeiro no passeio e depois na praia.

CEV-RJ - Mas, coronel, na hora em que vocês tiveram que... Assim, na praia não, entendeu?

PAULO MALHÃES: Na praia eles vão achar. O DOI todo sabia em que lugar da praia tinha posto o cara.

CEV-RJ - Não podia ficar lá. **PAULO MALHÃES:** E agora?

CEV-RJ - O medo era que vazasse ou o medo era que a maré baixasse e aparecesse.

PAULO MALHÃES: Não, ele estava bem enterradinho. É que a umidade penetra, passa por baixo e deteriora a carne muito rápida. Mas todo mundo... enterrado direitinho.

CEV-RJ - Não seria descoberto pela natureza.

PAULO MALHÃES: Não. Podia ser construindo um edifício e você ...

CEV-RJ - Sim, uma escavação, anos depois...

PAULO MALHÃES: É. Isso acontece muito.

CEV-RJ - Na praia, que o senhor fala, é beira-mar ou terreno próximo?

PAULO MALHÃES: Não, mais para dentro. Bem mais para dentro.

CEV-RJ - Duna

PAULO MALHÃES: 'Bem mais para dentro.

CEV-RJ - Ali perto, entre a antiga Sernambetiba, a antiga Sernambetiba para dentro,

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - ... onde eram só terrenos vazios?

PAULO MALHÃES: vazios.

CEV-RJ - Lá para o lado da... o senhor disse que é Barra mesmo.

PAULO MALHÃES: É Barra mesmo.

CEV-RJ - mas deve ser quase chegando lá na Reserva?

PAULO MALHÃES: Nem me lembro mais. Mas, eu sei que eu fui lá... Eu fui lá (tenta consertar) alguém foi lá e tirou ele ... e deu a solução final. Todo mundo ficou, 'e agora, o que a gente faz'. Nós fomos e fizemos. Bota ele num saco, não tem o quê?, não. O que não existe.

CEV-RJ - Bota em um saco ? Malhães – E, faz a finalização normal.

CEV-RJ - Enterra.

PAULO MALHÃES: Não, enterra não, nunca mais. Nunca mais. Eu não enterro ninguém nunca mais.

CEV-RJ - Sim, e aí? Deixa no saco aonde?.

PAULO MALHÃES: Aí, aonde é que não posso dizer. Eu quase disse, porque no saco.

CEV-RJ - No mar. Não, o senhor disse que não jogou no mar.

PAULO MALHÃES: Pode ser até que você diga que jogou no mar, mas para isso você tem que estar perto do mar.

CEV-RJ - Na Lagoa.

PAULO MALHÃES: Não, você tem que... tem outra proposta aí.

CEV-RJ - No Araguaia não tem mar. Não é coronel?

CEV-RJ - Mas eu estou falando da Barra da Tijuca. Rio? Mar? Lagoa?

PAULO MALHÃES: Lagoa não, nada fechado, nada que o cara possa chegar, ir lá no meio e encontrar. Tem que ser um troço aberto.

CEV-RJ - Rio?

PAULO MALHÃES: É alguma coisa que..

CEV-RJ - No Rio Paraíba. Em um rio caudaloso.

PAULO MALHÃES: Então é.. por exemplo, se eu matar alguém aqui. Vamos dizer que um cara invade meu quintal, eu dou tiro nele. Não vou chamar a polícia. Vou preparar ele, botar no carro, sair e jogar ele fora. Isso já foi feito.

CEV-RJ - Pode ser em um lixão.

PAULO MALHÃES: Nada de lixão. Lixão o cara pode ser encontrado, vai feder e nego vai dizer porra que cheiro é este.

CEV-RJ - Mas o cheiro do lixão....

PAULO MALHÃES: Não, não supera o da carne humana, putrefata.

CEV-RJ - Então é um rio.

PAULO MALHÃES: se você acha que é?

CEV-RJ - Não, Não sei. Tô chutando.

PAULO MALHÃES: Se você acha que é.

CEV-RJ - Eu estou chutando.

CEV-RJ - O senhor conhece Marambaia, coronel?

PAULO MALHÃES: Conheço. Mas, Marambaia é muito longe, não pode ser na Marambaia. Eu não gosto do mar. Porque o mar tanto leva como trás.

CEV-RJ - Tudo o que vai, volta.

PAULO MALHÃES: Não vê o assassinato do ...

CEV-RJ - O rio só leva.

PAULO MALHÃES: O assassinato do Baumgarten. Mataram ele e jogaram no mar e o cara pensou que o mar ia levar e em vez de levar o mar trouxe para a praia. Acharam. Levaram para, como é que é, onde levam o morto...

CEV-RJ - Necrotério.

PAULO MALHÃES: Necrotério. Chegaram lá, os caras mais burros ainda, tentaram troca a etiqueta que fica no dedão do cara de um morto para o outro. Aí chegaram a conclusão que só podia ser o CIE ou... Aí chegaram a conclusão que deveria ser o SNI. E foi daí que surgiu a história.

CEV-RJ - E aquele Polila que disse que viu Nilton Cruz lá, lembra?

PAULO MALHÃES: Não, aquilo é viado, aquilo é... Não acredito muito em história de viado não. Eu até disse, ele pode estar segurando.. ele disse que estava pescando, né?, Com uma vara de pesca, ele podia estar segurando uma vara, mas não era de pesca.

CEV-RJ - Na Praça XV, na antiga Praça XV.

PAULO MALHÃES: Na Praça XV. Então, coitado do Nini, pior que teve um oficial que morreu de ataque cardíaco por causa disso. De ser acusado e ser...

CEV-RJ - Sem culpa no cartório?

PAULO MALHÃES: Sem culpa no cartório.

CEV-RJ - A culpa era do seu colega Perdigão, a mando do Nini?

PAULO MALHÃES: Nini mandou ele fazer bem feito. E eu disse que ele resolveu fazer à moda dos piratas, né? Com embarcação, ataca a outra, dá tiros na outra. Sacaneei ele para burro.

CEV-RJ - Sim, afogado com tiro.

PAULO MALHÃES: Rapaz, aonde ...

PAULO MALHÃES: (falando para a mulher) Cris!

CRISTINA – Sim.

PAULO MALHÃES: outra rodada de água e café.

CEV-RJ - Não, nós já vamos embora.

CEV-RJ - Nós temos que ir embora, coronel.

PAULO MALHÃES: É a despedida.

CEV-RJ - Tá bom. A despedida pode ser contando aonde foi parar o saco.

CEV-RJ - O saco não será mais achado?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - mas então nós podemos saber aonde ele foi colocado, escondido.

PAULO MALHÃES: Ele não foi escondido em lugar nenhum

CEV-RJ - Não.

CEV-RJ - Se fosse escondido dava para achar, não é?

PAULO MALHÃES: Tudo o que é escondido dá para achar, rapaz. Por coincidência, você bota em um lugar e eu pego uma coisa aqui e vou guardar na minha casa aqui para ninguém achar. E, por coincidência, as pessoas acham

CEV-RJ - Quando menos se espera, acha.

CEV-RJ - O senhor leia o livro do meu amigo Cid Benjamim. Um jornalista.

PAULO MALHÃES: Vou dar uma olhada.

CEV-RJ - Ele participou do sequestro do Elbrick. Ele narra, inclusive as bobagens que fizeram.

CEV-RJ - Mas isso que o senhor falou de escrever, vale a pena, sabe?

CEV-RJ - Acho que está na hora do senhor escrever.

PAULO MALHÃES: Não, eu tentei... Mas, eu tenho que armar uma sequência na minha cabeça. Para mim poder sequenciar os fatos.

CEV-RJ - A melhor sequência, a principio, é a cronológica.

PAULO MALHÃES: Mas é difícil.

CEV-RJ - Não, o senhor vai escrevendo o que for lembrando e vai colocando cronologicamente em ordem. À medida em que o senhor for lendo o senhor vai lembrando detalhes daquelas outras coisas. Entende? Na medida em que o senhor for falando e for escrever...

PAULO MALHÃES: Escrever é difícil, eu gosto mais de falar.

CEV-RJ - Falando, vai anotando assim tal dia..

PAULO MALHÃES: Eu gosto mais de falar.

CEV-RJ - Então fala e só anota o índice de suas falas, caso ... Caso do Riocentro, aí o senhor está falando do Riocentro. Aliás, qual foi o grande erro do Riocentro?

PAULO MALHÃES: O absurdo de terem feito aquela operação.

CEV-RJ - Que já tinham tentado fazer um ano antes.

PAULO MALHÃES: Foi um absurdo.

CEV-RJ - Seu colega Perdigão...

PAULO MALHÃES: Mas foi um absurdo.

CEV-RJ - Continua sendo um absurdo...

CEV-RJ - Estou achando que ele não era tão inteligente como o senhor falou que era, não.

PAULO MALHÃES: Não, não. Mas ele era aquele 'vamos fazer isto?', 'vamos!'. Agora, porque a ideia foi do DOI.

CEV-RJ - Um ano antes já tinham dado essa ideia.

PAULO MALHÃES: Então, foi um absurdo. Sem treinamento, feita no grito, a operação, sem apoio, im (inaudível), que dizer, pega o cara, tá aqui, você vai montar a bomba na hora em que ele precisar. O cara foi montar a bomba e errou.

CEV-RJ - Ele foi montar ali? Não levou montada, não?

PAULO MALHÃES: Foi montar ali. Foi. Não, foi montar ali, aí ele bateu com a corrente que segurava o relógio, que é aquela metálica, ele bateu nos contatos e a bomba explodiu... pronto, só isso.

CEV-RJ - Amadorismo.

CEV-RJ - Como é que chegaram a esta conclusão? Que foi assim?

PAULO MALHÃES: Porque o capitão viveu.

CEV-RJ - E contou isso internamente?

PAULO MALHÃES: Contou. Como é que foi que a bomba explodiu.

CEV-RJ - E novamente o Nini estava metido no meio?

PAULO MALHÃES: Não acredito, não.

CEV-RJ - Estava sabendo.

PAULO MALHÃES: Podia estar sabendo.

CEV-RJ - E não mandou parar. Deixou rolar. Por isso o procurador está denunciando ele.

PAULO MALHÃES: Mas, foi mandado para eles pararem. Eles tiveram a ordem de basta! Chega!

CEV-RJ - Das bombinhas.

PAULO MALHÃES: Tudo.

CEV-RJ - Não no dia.

PAULO MALHÃES: No dia eles tiveram um basta!

CEV-RJ - De quem?

PAULO MALHÃES: Não pode fazer.

CEV-RJ - Foi no dia que trocou o comando no dia.

CEV-RJ - Não, trocou o comando da PM.

CEV-RJ - Sim.

CEV-RJ - Mas, de quem?

PAULO MALHÃES: Do próprio ministro.

CEV-RJ - Do Exército?

PAULO MALHÃES: Do Exército.

CEV-RJ - Leonidas¹⁸

PAULO MALHÃES: Leonidas. Não pode fazer.

CEV-RJ - Mas, o Nini?

PAULO MALHÃES: O Nini, pelo certo, não optaria em nada.

CEV-RJ - Nini não comunicou nem ao ministro do SNI, o Otávio.

PAULO MALHÃES: Eu conheço o Nini, me dava com ele, muito extemporâneo, mas me dava. O Nini também é outro porra-louca.

CEV-RJ - Isso não precisava conhecê-lo para saber, né?

PAULO MALHÃES: É. Mas, eles fizeram assim, vamos fazer a bomba, vamos, vamos vamos. Pega lá, tem um – era um cara mestre em fazer bomba o cara que morreu...

CEV-RJ - Guilherme.

PAULO MALHÃES: Era mestre, ...

CEV-RJ - O senhor conheceu ele?

18 Na verdade, o ministro do Exército na época do Riocentro era o Walter Pires.

PAULO MALHÃES: ...era bombeiro oficial. Então, o cara montou, já tinha preparado dentro lá do DOI as partes da bomba era só juntar e acionar elas. Então, eles pegaram a bomba – você vê que a bomba estava no colo do cara. E foram. Entraram dentro ‘é aqui...’ ainda escolheram o lugar lá para colocar a bomba. E o cara foi, ‘monta a bomba’, e o cara foi montar a bomba e errou.

CEV-RJ - Com a pulseira do relógio.

PAULO MALHÃES: (inaudível) tocou fechou o cara. Com a pulseira do relógio ele fechou a descarga da bomba. Em consequência a bomba explodiu e virou ele ao meio. Tanto é que a bomba divide ele ao meio e atinge um lado do capitão. O capitão escapou por causa disso, porque ela só atingiu um lado dele. Então, foi isso. Apoio eles não tinham nenhum. Não tinha ninguém nem que socorresse eles.

CEV-RJ - Foi socorrido pela irmã do

CEV-RJ - Filha do Tancredo.

CEV-RJ - Neta do Tancredo..

CEV-RJ - Neta do Tancredo.

CEV-RJ - A irmã do Aécio.

CEV-RJ - Que estava passando na hora foi igual ...

PAULO MALHÃES: Então você vê que absurdo.

CEV-RJ - ... foi igual ao Perdigão, que o senhor estava perto, assim. É isso, não tinha.

PAULO MALHÃES: Você ...

CEV-RJ - Não, Perdigão ainda tinha uma equipe que chamou, né?

PAULO MALHÃES: Você tinha uma equipe de ... eu sempre disse, tem que ter uma equipe tática, de apoio tático, uma equipe de apoio estratégico. Tem que ter as duas equipes. Você vai fazer a campana de um cara, de carro, você tem a equipe de seguir o carro, tem a equipe

tática, que vai próximo a esta equipe que está seguindo o carro do cara e tem uma equipe estratégica que está em um local estacionado. O cara queimou a primeira viatura, o cara sentiu alguma coisa na primeira viatura. A primeira viatura sai fora.

CEV-RJ - Aí a segunda vem.

PAULO MALHÃES: A segunda fica. São três viaturas. O cara está sentindo que está sendo seguido, sai fora, sai fora. Vai um da tática, que é completamente diferente e uma da estratégica sai para entrar no lugar desta que saiu da tática. Você não perde ninguém, nunca. Assim também é seguir uma pessoa. Eu fazia treinamento em campo de futebol, ensinava a eles em campo de futebol. Como é que se faz isto. Porque o americano faz o A,B,C,D. Eu sou contra o A,B,C,D, que é um aqui, um aqui, um aqui e um aqui (demonstra com os dedos, formando uma espécie de círculo em torno do alvo) Troca de posição só. Eu acho muito simples.

CEV-RJ - A sua tática, qual é?

PAULO MALHÃES: A minha não tem nome.

CEV-RJ - Mas é o quê?

PAULO MALHÃES: É tática e estratégica, fazer uma reserva estratégica e fazer uma reserva tática. Só isso, não tem nome.

CEV-RJ - Queimou um, vai o outro.

PAULO MALHÃES: Tem sempre alguém para substituir alguém. Não pode perder é a campana. Sentiu que o cara parou, é fácil, não é?. Se parou em uma vitrine de vidro, ele parou, olhou, quando ele parar na outra, se o mesmo cara estiver atrás dele, ele vai sentir que está sendo seguido. Eu sei que estou sendo seguido. Eu faço isso, quando eu ando à pé.

CEV-RJ - Agora, se for outro cara.

PAULO MALHÃES: Se for outro cara, não for ninguém conhecido, ele desliga. Carro a mesma coisa. Vou fazer..., em vez de dobrar à esquerda, vou fazer uma volta no quarteirão. Se essa volta no quar-

teirão, o mesmo carro que eu suspeito que está me seguindo, fizer a mesma volta no quarteirão, eu estou sendo seguido. Então, isto eles também aprendem. Os subversivos também aprendem.

CEV-RJ - Mas, naquele dia lá, os seus colegas do DOI não fizeram nada disso. Tinha várias equipes para fazerem outras atividades, ninguém dando apoio a ninguém.

PAULO MALHÃES: Então, não tem como você fazer. O que acontece é isso, o Perdigão foi baleado, se eu não estou perto, dando apoio à ação que eles estavam fazendo.

CEV-RJ - Mas, o senhor estava para dar apoio?

PAULO MALHÃES: Estava, estava para dar apoio a eles. Estava fazendo outra coisa..

CEV-RJ - O senhor estava fazendo outra coisa...

PAULO MALHÃES: Mas, tinha condições de dar apoio a ele.

CEV-RJ - Sabia que ele estava ali naquela hora fazendo uma operação.

PAULO MALHÃES: Aí, quando o cara gritou pelo rádio que o Perdigão tinha sido baleado, eu imediatamente peguei meu carro e fui para lá. Aí peguei o Perdigão, botei no carro e saí que nem doido. Primeiro hospital que eu vi, eu entrei. Não sei nem que hospital era, ela sabe.

CEV-RJ - Não, eu falei que era o Miguel Couto, mas porque era Lagoa.

PAULO MALHÃES: Era na Lagoa.

CEV-RJ - Era hospital público, não era?

PAULO MALHÃES: Era.

CEV-RJ - O senhor foi para o Miguel Couto. Era que altura da Lagoa que foi isto.

PAULO MALHÃES: Ah. Foi em uma estrada. Por que fizeram essa operação na estrada?

CEV-RJ - Uma estrada?

PAULO MALHÃES: Era, uma rua que eu digo. Mas ela não tem edifícios dos dois lados, não.

CEV-RJ - Era ali na entrada do túnel Zuzu Angel?

PAULO MALHÃES: Deve ser.

CEV-RJ - Do túnel Dois Irmãos, que naquela época não tinha... era uma área...

PAULO MALHÃES: O carro tinha marca de uma bala.

CEV-RJ - O carro em que o Perdigão estava.

PAULO MALHÃES: Não, o carro ..

CEV-RJ - O carro dos caras.

PAULO MALHÃES: Aí o Perdigão mandou o carro parar. O cara foi, tinha três dentro do carro...

CEV-RJ - E o Perdigão sozinho?

PAULO MALHÃES: O Perdigão, sozinho, os dois sargentos dentro do carro. Foi lá e mandou o cara parar. O cara parou. Aí ele foi em direção ao cara. Quando ele chegou a uma distância que o cara achava que estava bom, o cara sentou o dedo nele. Ele se jogou no chão, mas não adiantou mais nada. Aí nós levamos ele para o hospital. Chegamos e demos sorte porque um cara ia fazer uma cirurgia na perna de uma mulher, assim um troço parecido com o que tinha acontecido com ele. Aí nós falamos com ele, ele foi e operou o Perdigão e salvou a vida do Perdigão, porque o Perdigão estava por minutos para morrer. Ele salvou a vida dele. Mas, imagina se eu não estou perto. Até o sargento raciocinar ele tinha que pegar ele, botar dentro do carro e levar para o hospital.

CEV-RJ - Tinha morrido.

PAULO MALHÃES: Tinha morrido. A femural.

CEV-RJ - Vamos? A femural. Femural.

CEV-RJ - Eu volto para trazer a foto (01:30:14)

FINAL DA 2ª PARTE DA PRIMEIRA ENTREVISTA EM 18/02/2014

2ª Entrevista – 11.03.2014 1ª Parte

PAULO MALHÃES: (...) Não, de maneira nenhuma. Agora, acho que ainda dá Assim como nós encontramos a situação, na época, em que as crianças queriam fazer uma revolução, nós hoje estaríamos como a Síria, como teve a... entendeu? Porque seriam várias frentes de combate. O brasileiro gosta de ser cacique. Então você vê, quantas organizações subversivas nós tivemos.

CEV-RJ - Não muitas, não é?

PAULO MALHÃES: Uma infinidade delas. Todo mundo queria ser cacique

CEV-RJ - Os senhores chegaram a mapear todas?

PAULO MALHÃES: Chegamos. Tudo começou por isso. Tudo começou por aí. Nosso trabalho começou por aí. Nós quando começamos a estudar esse processo ainda não tinha começado. Nós aprendemos muitos. Ah, você vai dizer, 'Ah, vocês mataram'. Era necessário. Lenin disse que para tornar um país capitalista em um país comunista você teria que matar 30% da população. Nós não matamos, sumimos ou lá o que seja, 1% ou 2% da população. Tem que explicar o que é uma guerra.

CEV-RJ - O que é uma guerra? Pra gente começar.

PAULO MALHÃES: Pode ser ideológica, que é quando tem ideologias opostas, pode ser por interesses outros, certo? Grana. Porque nós vimos que, na realidade, a guerra deles era por interesses econô-

micos. Porque eles hoje... o país pode ser chamado de comunista. Pode. Daí os Estados Unidos observarem... O Brasil é um continente, não é um paizinho que você possa da noite para o dia transformar em alguma coisa. É um continente. Em virtude disso, o estudo é amplo. Você vê, nós temos quantas áreas de registros (de guerrilha) vocês têm registrado? Eu não sei, mas eu conheço quase todas elas. O que é área de guerrilha? É uma área em que vai-se tentar em combate para derrubar a instituição ou o governo que existe e aquela instituição. É difícil. Eu acho que, hoje, o pessoal... é lógico, hoje quem se lembra da guerra? Nós que guerreamos, os mais velhos. Os novos não sabem disso de guerra. Graças a Deus nós conseguimos dar para eles uma juventude em que irmão não mata irmão. Você já apreciou isso? Que dá... do fim da guerra com os subversivos, até hoje, irmão não matou irmão, ninguém mais desapareceu, ninguém mais morreu, não tivemos mais nenhuma sacudidela na nossa sociedade. Vamos ter agora.

CEV-RJ - Quando?

PAULO MALHÃES: Quando a presidente perder a moral, que ela já está quase perdendo.

CEV-RJ - E aí o senhor acha que acontece?

PAULO MALHÃES: Acontece. Nós chegamos a um ponto tal que..., não sei quem planejou isso, mas foi planejado, alguém achou que os generais teriam que ser formados de outra forma. Certo? Então entrou o que a gente chamava de oficiais de ensino. Quem hoje comanda o Exército, Marinha e Aeronáutica são os oficiais da linha de ensino. Nunca participaram de nada, só estudos.

CEV-RJ - Só livros.

PAULO MALHÃES: Só livros. Eu sei porque fiz dois cursos no Exército, você combate com um exército imaginário, que é aquele exército...

CEV-RJ - Esse pessoal da linha de ensino, nunca atuou na base, no quartel?

PAULO MALHÃES: É, eles passaram, mas passaram caminhando para esse problema de ensino. Não são oficiais combatentes. Você pode ver que você... Tem um general que brigue por alguma coisa? Porque o Exército está ficando pobre. O pessoal do Exército, os militares, estão ficando pobres. Isso não será uma forma de amortizar as Forças Armadas para que possa haver um golpe em cima? Para que que fizeram a ..a... como é que é? Essa tropa que criaram...

CEV-RJ - Força Nacional?

PAULO MALHÃES: Para quê?

CEV-RJ - Dizem que é para atuar na área de segurança e não fazer o Exército atuar nessa área.

PAULO MALHÃES: Mas, quem acaba atuando sempre é o Exército. Ela quando está se sentindo que o negócio está indo muito... ela chama o Exército. Mas o Exército está perdendo o seu poder.

CEV-RJ - Mas, por que, coronel?

PAULO MALHÃES: Porque ele não é renovado, ele está sendo mal instruído. Na minha época, eu me lembro, o juramento nosso era relevante. A salvaguarda das instituições. A permanência do Brasil como potência. Nós íamos lutar contra aqueles que tentassem invadir o nosso país ou que tentassem se sublevar contra o sistema existente. E foi ditadura? Você pode dizer 'foi porque o presidente foi militar'. Mas, funcionou Congresso, funcionaram os juízes, os juízes foram – um dos erros também nosso, né? – os juízes foram inamovíveis, ninguém quis tocar na Justiça. Então, eu quero saber aonde está..., comparado com os países que a gente vê na televisão, em que há ditadura militar, até comunista, como aquele maluco da Coreia do Norte que mandou o tio dele ser comido pelos cachorros, né? Até ali, você vê, ali é uma ditadura, realmente. O cara é um deus. E aqui nós não tivemos nenhum militar deus. É que, eu concordo que, a presidência do país podia ter sido antecipada e entregue até aos civis, mas civis escolhidos.

CEV-RJ - Não pelo voto.

PAULO MALHÃES: Não pelo voto. Essa menina, Dilma Rousseff, não perde eleição nenhuma mais. Ela comprou o voto do povo e ninguém diz que ela está comprando o voto. Quando ela fez Bolsa Família, bolsa não sei o que, bolsa distração, bolsa, não é? Ela está comprando o voto. Eu escuto na rua, 'ah. Nós temos que eleger ela porque ela que deu dinheiro pra gente.' Então, não é ela que é a melhor, han? Nós temos bons candidatos. Não conheço, mas li alguma coisa sobre ele no passado, sobre esse Aécio Neves aí. Não é ruim. Como será ruim como presidente? Marina da Silva, essa coisa, não. Isso é extemporâneo, né? São figuras que surgem na história, é durante os altos e baixos aparecem essas figuras. Mas, como é que ficará essa República? Eu disse não precisava a Dilma Rousseff distribuir dinheiro para o povo, basta ela fazer como fazem na Suécia. Você tem carteira de cidadão? Tem. Estou me sentindo mal, ali está escrito Doutor. Tu entra ali, 'doutor!' Anota seu nome, tudo seu, você será atendido. Gratuitamente. Isto será cobrado ao governo. Como aqui não dá certo? Tem um amigo meu que era dono de uma clinica aqui, o tal Dr. Luiz, é amigo meu, que minha filha, como médica, trabalhou na clinica dele, ela disse 'papai eu assino 40 a 50 fichas, que eu nem sei quem é, por dia. Só para ele receber dinheiro do.'

CEV-RJ - Do SUS.

PAULO MALHÃES: Então, isso é uma brincadeira. O brasileiro ainda não encaixou na Suécia. O governo, dá comida para o povo....

CEV-RJ - Mas, coronel, teve alguma época em que foi diferente isso no Brasil?

PAULO MALHÃES: Eu acho que não. Desde que você começa a colocar, primeira população do Brasil são os degradados, os ladrões, os corruptos, você começa uma colonização diferente. Quais foram os primeiros que os portugueses mandaram para cá? Então, tudo já começa errado. Você vê a colonização inglesa, um país de colonização inglesa, como é diferente. Está os Estados Unidos, maior potência do mundo, é colonização inglesa.

CEV-RJ - Não, mas teve diferença no tempo. Eu sei que sempre foi mais ou menos igual. Mas, na sua opinião, essa guerra que o senhor estava nela, ali nos anos 60, na sua opinião ela foi a mais forte?

PAULO MALHÃES: Foi. De subversão, foi. Essas ideias começam a entrar no Brasil em 23, 1923, né? As ideias vêm do tal comunismo. E foi um judeu expulso, não é?, de ser judeu, que pegou o sionismo e transformou ele em comunismo. A grande verdade é essa. Estuda a história, meu Deus. Você vai ver que Marx nada fez do que transformar o que era sionismo em comunismo e tentou implantar isso como um modo de vida de qualquer nação. Quem são as comunas? São Kibutz. Não há grande diferença. Então, ele... aí ficou aquela, 'não, contra a guerra. Os trabalhadores unidos e não'. Aí o esperto do Stalin, como não havia forma de governo dele colocar na Rússia que vinha do imperialismo daquele brabo, né? Czarismo, vamos dizer assim, brabo, ele resolveu adotar o comunismo, que é o regime mais forte que você tem. O povo brasileiro, se você apertar o comunismo, ele vai se revoltar. O brasileiro já nasceu... Você dando dinheiro, eu vejo aqui... Tem um cara que teve dez filhos para ganhar R\$ 1.000,00. Ele não trabalha. Para arranjar mão de obra para aqui foi um custo. Todo mundo aqui ganha Bolsa Família, Bolsa Estudo, Bolsa não sei o que, Bolsa não sei o que. Ninguém quer trabalhar. Aí você diz, 'Ah é tudo encaminhado para as crianças'. Não vejo muito isso. São os princípios que são errados. Então, o nosso mo... o meu momento de entrar na história foi um momento duro. Nós caminhávamos para a esculhambação estudantil, aquele negócio todo. E já tinha tido, também, repercussão da Europa e tal, o Brasil era uma macaquice, né? A história da macaquice do brasileiro, não é? Então, aquilo estava mexendo. Por sorte ou azar meu, me pegaram e me incumbiram de estudar isso. De ver o que estava acontecendo. E eu fui estudando, aquilo foi evoluindo, nós fomos evoluindo, nós fomos evoluindo, fomos aprendendo, a duras penas. 'Ah, vocês não tiveram ninguém morto'. Tivemos. Assassinados tivemos, como não? Só consultar a história que você vai ver isso. Então é nesse momento, eu entrei, eu era garoto, garoto não, já era rapaz, era tão idealista como foram muitos dos que entraram para o outro lado... Porque o idealismo mexe muito com você. Vem de dentro de você. E o jovem tem isso por natureza. Você dizer que o cara era comunista, porque ser comunista é ser irmão, comunista é ser..., o Estado é dono de tudo, então distribui tudo igualmente, tudo... Esqueceram das datchas, das residências dos russos lá na beira do Mar Negro. Então, eu acho isso. Eu entrei na história nesse pedaço. E aí eu fui seguindo. Em nenhum momento eu

pensei em me prevalecer daquela situação. Tanto que, o que eu tenho hoje, é fruto da minha mãe e do meu pai. E de algum dinheiro que eu ganhei viajando, é lógico. Eu ganhei dinheiro viajando, eu ganhava em dólar, ganhava diária, ganhava não sei o que, mas isso foi pelo meu..., pela minha, pela minha condição.

CEV-RJ - Sim, mas ainda que o senhor fale, que a gente admita que, naquela época, a grande maioria, principalmente dos militares, pensava como o senhor e tinham um ideal e não estavam ali para se locupletarem, houve um bom grupo....

PAULO MALHÃES: Mas isso ...

CEV-RJ - ...tanto no governo, como dentro das Forças Armadas

PAULO MALHÃES: Mas, como...

CEV-RJ - como no meio político, também. No meio político, principalmente...

PAULO MALHÃES: Mas, é...

CEV-RJ - Não é uma novidade...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - .. isso que existe hoje.

PAULO MALHÃES: Não. Gente ruim existe em qualquer grupo.

CEV-RJ - Em qualquer época.

PAULO MALHÃES: Em qualquer época. Se você pegar os crentes, que hoje pregam, que... agora mesmo, eu estava conversando com a minha vizinha que é crente, que eu ajudei ela, e tal, isso é besteira ... Mas, ela estava dizendo para mim, existe crentes bons, como também existe crentes ruins. A minha cunhada, que me deu um trambique, que eu peguei, disse, quando eu apertei ela, ela disse para mim, 'não, porque lá na igreja só existe prostituta, estuprador, viciado, todos querendo se recuperar'. É o povo da igreja. Você vê. Um lugar que você acredita que só exista pureza, por amor a Deus e amor a Cristo.

Eu não sou contra não. Eu não professo porque não faz parte do meu ser. Eu estudei quase todas as religiões, no trabalho, porque, quando começou aquele negócio no Oriente Médio, das religiões que passaram a criar sociedades religiosas, uma presidência religiosa, eles criaram o tal socialismo religioso, que eles pregaram muito no Brasil, mas também nunca fizeram. Os padres socialistas, que são os franciscanos, os beneditinos os... Por que eles? Porque eles fizeram um estudo lá no convento deles e descobriram que a única coisa que era piramidal fora do governo, era a igreja. A igreja era piramidal. Começa desde o pároco até o papa. Ela é piramidal. Existe os níveis de comando, né? Ela é piramidal. Então eles acharam que eles podiam fazer da igreja o governo. E se associaram, muitos deles, se associaram ao comunismo, porque era força emergente naquela época em luta. Eles acharam que eles depois convenceriam eles a serem... não serem mais comunistas, serem progressistas, o clero progressista e tal... E o padre não po... Todo mundo pode ser comunista, menos o padre. Por quê?

CEV-RJ - Se falava, naquela época, na terceira via, não é?

PAULO MALHÃES: Por que, o padre não pode ser comunista? Porque o padre tem como religião a peça básica dele. E o comunismo não aceita religião.

CEV-RJ - Coronel, o senhor nasceu em que ano?

PAULO MALHÃES: 1938.

CEV-RJ - 22 anos quando o senhor se formou na Academia..

PAULO MALHÃES: Na Academia

CEV-RJ - O senhor começou a se preparar... porque aquele dia o senhor falou para nós da escola, que acho que foi em 59, 60 não me lembro agora, depois o senhor foi para São Paulo, antes da ...

PAULO MALHÃES: Até aí eu estou separado de problemas políticos. São coisas...

CEV-RJ - Mesmo depois de estudar nos Estados Unidos?

PAULO MALHÃES: Separado

CEV-RJ - Lá não teve nenhuma doutrinação?.

PAULO MALHÃES: Não. Lá nós fomos tratados... Depois houve, acho bem que ... me desculpe, mas acho o americano ingênuo demais.

CEV-RJ - O senhor já falou isso dá outra vez.

PAULO MALHÃES: O americano é difícil dele botar dois... Por causa disso que ele perdeu a guerra do Vietnã, pela sua ingenuidade. Como é que eu posso admitir que o meu país está em guerra e que vou ter jornalista, como vocês, - citar o exemplo, que está na minha frente - que vão ser contra o meu país? Como é que você pode admitir isso? Ele não é americano, igual ao outro, não é patriota igual ao outro, tudo mas... A doutrina comunista teve.., ela mexeu muito com os povos. Aqui no Brasil nem tanto. Mas, por outros lugares aonde ela passou, ela mexeu com os povos. Porque tinha... a comunista, aquele que eu até admiro, como é que é? Da Rosa de Luxemburgo? É, graças a Deus, não. Como é que é? Aquele que foram dois italianos presos?

CEV-RJ - Anarquistas, graças a Deus.

PAULO MALHÃES: Anarquistas, Graças a Deus. Não é? Então, até isso surgiu...

CEV-RJ - Coronel, o senhor jovem, ideológico, ali no início da guerra. O senhor não tinha, como o senhor falou, esse envolvimento político, o senhor estava servindo...

PAULO MALHÃES: Na minha função de militar. Dar instrução, eu era de cavalaria, naquela época, servia no Regimento de Cavalaria. Gostava muito de jogar Pólo, gostava muito de salto de cavalo, fui campeão em São Paulo, uma vez, já faz séculos isso. Por causa disso que eu chamo você de neta....Porque a nossa diferença de idade é tão grande que você podia... eu tenho uma neta da sua idade e parecida com você, por incrível que pareça. É a minha neta mais nova. Menina, é a mais nova. Então, ele mexeu. Houve umas pessoas que tenderam, acharam, 'não, o comunismo será ótimo, porque um é irmão do

outro, todo mundo faz o que aquela ministra da Fazenda tentou fazer no governo Collor,

CEV-RJ - Zélia.

PAULO MALHÃES: ... todo mundo sai com 250 Reais. Impossível. Isso não é da natureza humana. Aquela historia que eu te contei do Lobo. A classificação do homem, não será nunca um inseto, será sempre um animal. E o animal tem os instintos do animal. Ele não tem... nós não descendemos da formiga, nem da abelha. O nosso ramo de estrutura parece que veio do macaco, não é? Assim cada um diz, até aparecer o homem de de Neandertal, essa teoria não é válida, mas quando aparecer, essa teoria passa a ser válida. Então, nós somos animais. Então, nossa tendência não é isso. Nossa tendência é pegar nossos filhos, botar embaixo das asas, abrir as asas o mais que você puder e sair andando carregado com eles. Entendeu?

CEV-RJ - Coronel, quando é que lhe deu, assim na sua... o senhor era bem novo nessa época, bem jovem, né? o senhor já estava servindo. Pirassununga, não?

PAULO MALHÃES: Não, quando foi... eu servi em Pirassununga. Em Pirassununga houve aquele movimento do Jango... Aí, o meu quartel foi contra a posse do Jango. Meu comandante foi contra a posse do Jango. Eu era comandante do esquadrão de apetrechos pesados, aquele que carrega as armas pesadas, o esquadrão de cavalaria, então nós fomos para a guerra, para impedir a posse do Jango, porque o jango... também, um troço assim meio ficcioso, hoje eu acho meio ficcioso, porque o Jango tinha ido para a China, então tinha virado comunista. Isso foi uma ficção que criaram...

CEV-RJ - Mas, em que momento deu esse click no senhor, que o senhor passou a entender isso como um trabalho político? Que o senhor tinha um compromisso ideológico com isso.

PAULO MALHÃES: Foi quando em comecei a ser perseguido pelos comunistas.

CEV-RJ - Isso, ainda lá em São Paulo?

PAULO MALHÃES: Não, já aqui no Rio..

CEV-RJ - Na Vila Militar.

PAULO MALHÃES: Na Vila Militar.

CEV-RJ - Não, mas eu estava pensando antes disso, eu estava pensando antes de o senhor vir para cá.

PAULO MALHÃES: Não. Não tinha... a minha única coisa que eu tinha é que eu era vibrador, eu vibrava.

CEV-RJ - Jovem.

PAULO MALHÃES: Jovem. Eu vibrava com o Exército. Meus soldados tinham que ser os melhores do quartel. Quando nós íamos disputar com outros esquadrões, no caso da cavalaria ir, nós íamos disputar com outros esquadrões, eu tinha que... meu esquadrão tinha que vencer.

CEV-RJ - Mas, foi nessa época, ainda lá em São Paulo, ou logo que o senhor veio para cá, em 64, que se interessou pelo serviço de inteligência?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ou alguém alertou o senhor e disse olha...

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - ...vamos te formar,

PAULO MALHÃES: Não,

CEV-RJ - ...vamos te dar instrução...

PAULO MALHÃES: Não. Ninguém me formou.

CEV-RJ - O senhor foi... Como é que foi isso, na sua vida assim? Malhães – Eu expliquei a você. Eu comecei a ser perseguido pelos comunistas.

CEV-RJ - Aqui?

PAULO MALHÃES: Aqui. Eu disse, porra, mas o que é isso? Eu segui a... obedeci os regulamentos do Exército, segui meu coronel. Eu não estou dizendo que sou contra eles. Por que eles estão dizendo que são contra mim? Aí eu via o major S4 lá, ele mandava um bilhete para o sargento e o sargento ganhava uma casa.

CEV-RJ - S4 é o que, hein?

PAULO MALHÃES: É o que cuida de aprovisionamento, vamos dizer, do material.

CEV-RJ - Almoхарife?

PAULO MALHÃES: Não. São chega a ser um almoхарife, é mais do que um almoхарife um pouquinho.

CEV-RJ - Ai ele ganhava uma casa.

PAULO MALHÃES: Aí ele ganhava uma casa. Ele mandava para outro, ganhava um crédito. Eu disse, 'porra, que esculhambação é essa. Por que o quartel todo não tem direito a isso?' Ninguém me explicava o porque. Major Norosvaldo, eu lembro dele até hoje. Era o S4 do batalhão.

CEV-RJ - Mas, eles todos tinham uma hierarquia superior ao senhor na época?

PAULO MALHÃES: Tudo superior. Eu era, na época, eu era, eu era de... primeiro tenente. Aí, vim a ganhar um esquadrão para comandar. Eu gostava, já em Pirassununga eu comandava um esquadrão como aspirante.

CEV-RJ - Aqui o senhor ganhou esse poder de comando?

PAULO MALHÃES: Não. Já tinha ganho lá em Pirassununga. Aí, aqui eu fiquei comandante de um esquadrão e eles começaram a ver que eu tinha jeito para instrução, que eu tinha jeito para formar gente, mas não..., filosoficamente nunca formei ninguém lá. Depois, não. Depois em vim a formar. Mas, lá, não. Então, tudo quanto era curso eles me davam para fazer. Aí, mal ou bem...

CEV-RJ - Mas, o senhor, o senhor, de certa forma, o senhor dobrava eles? Por que eles não percebiam? O senhor percebia esse jogo do...

PAULO MALHÃES: Não, eu percebia e achava errado. Mas, eles não perceberam a minha atuação, o jogo inverso. Eles resolveram, ‘joga tudo nas costas dele, joga tudo nas costas dele, joga tudo nas costas dele que ele não vai aguentar’. Eu quis mostrar que aguentava. Certo? Aí conheci, fora do quartel, por vizinhança, por... um pessoal que era de direita realmente. Um tinha se negado a prestar continência para o Brizola – tem essas histórias complicadas que surgem - então foi mandado..., foi reformado da Polícia Militar.

CEV-RJ - Isso é bem mais tarde.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Mas, o senhor foi, assim, se aproximando daquelas pessoas que tinham a mesma visão do senhor?

PAULO MALHÃES: Mesma visão que eu.

CEV-RJ - Que era a turma do MAC, que o senhor falou?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Mas, coronel, tá, isso ali antes de 64, antes, pouco antes disso aí?

PAULO MALHÃES: Pouco antes. Na época da revolução...

CEV-RJ - Mas era como se o senhor meio que estivesse na geladeira, ou não?

PAULO MALHÃES: É, é.

CEV-RJ - Mas, o senhor estava se...

PAULO MALHÃES: A... o dia..., na época da revolução eu ainda estava nesse batalhão. Estava em Realengo, coitado, eu vou me apresentar todo ano, olho para o quartel e a minha mulher diz que eu choro. ‘As lágrimas estão descendo dos seus olhos’. ‘Não liga para isso não, isso é besteira minha’. Porque eu me recordo ali da minha vida de tenente. A guerra que eu fiz para botar aqueles carros para andar, a guerra que eu fiz para ensinar o pessoal. Então, eu chorava..., eu cho-

ro quando eu entro lá. Vai chegar agora, em abril, eu sei que eu vou chorar. Quando vejo aquilo tudo esbodegado, aquilo tudo um em cima do outro, aquilo tudo acabado e terminado. Porque ali eu tenho uma parte da minha vida, e ver, de repente, você olha assim e vê...

CEV-RJ - Mas, o senhor, nesse momento, já conseguiu identificar pessoas que tinham pensamento parecido com o senhor?

PAULO MALHÃES: Aí começamos a conversar.

CEV-RJ - Não deve ter sido fácil, não é coronel?

PAULO MALHÃES: Não. Até aí eu também não era muito é..., vamos dizer assim, atirado contra o outro lado.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Eu não aceitava a atuação do outro lado, mas... como o problema não era meu, era do comandante, eu...

CEV-RJ - Mas, aí, quando virou?

PAULO MALHÃES: Aí, quando veio a revolução..., eu já tinha tirado... o primeiro curso de informações que eu tirei foi no PIC da PE... Ali teve um pouquinho de... naquela época

CEV-RJ - Em 64?

PAULO MALHÃES: Antes de 64. Ali já teve um pouquinho de tereré no pé do ouvido. Aí, eu fui tirar informações, fui primeiro lugar no curso de informações do PIC da PE, na época. Aí quando voltei para o quartel me tiraram... me botaram de S2. O homem de informações do quartel...

CEV-RJ - Lá na Vila.

PAULO MALHÃES: Lá na Vila. Aí eu passei a trabalhar em informações.

CEV-RJ - Mas, já com o Frota?

PAULO MALHÃES: Já com o Frota.

CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor, quis fazer isso? O senhor percebeu também que estavam vendo esse potencial do senhor?

PAULO MALHÃES: É. Tanto é que no dia..., vou lhe contar um fato interessante. Então, o meu esquadrão, fazia muito combate simulado, e tal, não sei o que, nós prendíamos, fazíamos um grupo prender o outro, aquele troço todo, é interrogatório, já tinha interrogatório, 'aonde é que está tal unidade?', e tal., não sei o quê. Aquela brincadeira, era uma brincadeira aquilo que eu fazia. Mas, eu era um oficial, vamos dizer assim, como é que eu vou dizer para você, era atirado? Não. Já era violento, nas coisas que eu fazia. Eu fazia treinamento com guerra..., com tiro real. Que, o meu quartel quase desmoronou porque eu tinha um soldado que não conseguia acertar o alvo, nem que ele quisesse. Eu fui, (ele) deitado, atirando deitado, dei três passos da boca do fuzil dele, abri as pernas e disse 'o que você está vendo?' 'O alvo'. 'Então atira agora, quero ver se você erra agora. Se você errar, você vai me acertar'. Então, isso teve uma repercussão assim... Mas, eu fiz naturalmente, eu não fiz aquilo com a intenção de que fosse ter essa repercussão. Eu era um vibrador, é o que eu digo, eu..., essa vez... eu, no outro dia estava pensando, se hoje eu fosse um traficante, o tráfico já teria tomado essa cidade e, talvez até o Brasil. Porque ele não faz isso, por quê? Porque ele é como os subversivos, se dividiram em várias facções. Então, uma andorinha ...

CEV-RJ - Não há nada de crime organizado nisso.

PAULO MALHÃES: Não existe crime organizado. Existe um crime organizado de grupinhos. Embora tendo até a aula de revolução de Régis Debray, né? Pequenos grupos armados, né? Enfrentando a autoridade, desmoralizando a autoridade. Isso aconteceu na Nicarágua. Na Nicarágua foi assim que o cara derrubou o governo, pequenos grupos armados, que o povo, por medo ou por achar também que o governante não prestava, aderiram a esses grupos armados. Então, quando se viu, tinha uma revolução. O certo... grande ... a chamada teoria do foco, de Régis Debray. Então, isso também eu estudei. O maoísmo já é diferente. É você esmagar a cidade pelo campo. O campo esmagar a cidade. Isso que é o maoísmo. Daí todo mundo querer fazer área de guerrilha. Porque era o campo que tinha que esmagar a cidade. Já não era mais a cidade que

se levantaria. E através do campo viriam hordas e hordas e hordas de comunistas, invadiriam as cidades, né? São as duas grandes correntes do comunismo. Quem não é Régis Debray, é maoista, né?

CEV-RJ - Coronel, eu estava pensando aqui, coronel, neste tempo entre São Paulo e aqui.....

PAULO MALHÃES: Eu poderia ser ganho pelo outro lado. (37:23)

CEV-RJ - Mas, o senhor... quando o senhor fez esse curso de informação, o senhor era jovem, e ainda era antes, de 64. O senhor sabia já que tinham pessoas prestando atenção no senhor, o senhor também estava prestando atenção, o senhor...

PAULO MALHÃES: Isso é normal.

CEV-RJ - ... o senhor falou que vibrava com isso. O senhor achou que esse tempo foi muito longo ou o senhor estava esperando mesmo...?

PAULO MALHÃES: Não, eu nem sonhava com revolução.

CEV-RJ - Isso não passava, não era uma....

PAULO MALHÃES: Nem... Posso dizer a você que eu nem entendia direito o que era isso. Que podia haver um golpe de estado. Eu conhecia como golpe de estado, mas nos outros países, certo? Mas, no Brasil, eu nunca esperei a revolução. (38:24)

CEV-RJ - Mas, como o senhor estava se interessando por informações, no momento em que aconteceu, o senhor sentiu que podia contribuir com isso?

PAULO MALHÃES: Senti.

CEV-RJ - O senhor buscou isso, o senhor?

PAULO MALHÃES: Ai...

CEV-RJ - Principalmente na coisa do serviço de inteligência porque isso é, é

PAULO MALHÃES: Também fui pego meio de surpresa...

CEV-RJ - mas viram que o senhor tinha...

PAULO MALHÃES: Tinha.

CEV-RJ - ... jeito para a coisa.

PAULO MALHÃES: Tinha por... eu até digo a você, porque meio foi. Nós éramos de Realengo. Perdidos lá no fundo do subúrbio. A Divisão Blindada era ali no Palácio do Exército. Então, quando houve aqueles movimentos estudantis, aquelas passeatas, aquela série de coisas menores do que estão acontecendo agora, que são esses protestos, aí já são coisas mais complexas. Então, eu tinha me infiltrado, foi quando surgiu a história, acendeu a lâmpada de infiltrado. Eu peguei um garoto, um rapaz, disse para ele 'vem cá rapaz. Você não que ir para o Rio. Eu te pago, o quartel tem dinheiro para isso. Você participa e de lá você vai me informando de tudo o que você acha que é importante, que está acontecendo. Eles vão fazer isso, vão fazer aquilo, vão fazer aquilo outro'. E ele fazia isso, ele pegava o telefone, ligava do Rio de Janeiro para Realengo e eu ligava de Realengo para a Segunda Seção da Divisão Blindada. Aí, realmente, eles sentiram que eu tinha, pelo menos, um início de capacidade.

CEV-RJ - Isso foi o quê? 67? 68?

PAULO MALHÃES: É, o movimento estudantil foi mais ou menos nessa época. Depois é que eles se tornam mais direcionado para o comunismo, 69, 70...

CEV-RJ - E o senhor pensou isso sozinho, coronel? O senhor tinha certeza, isso vai dar certo, isso tem que dar certo.

PAULO MALHÃES: Não, eu tinha .. eu achava que ia dar, mas eu tinha que testar. É o que eu falo para minha mulher, sempre, a gente nunca sabe se uma coisa que a gente pretende fazer vai dar certo. Você tem que tentar para ver se isso vai dar certo.

CEV-RJ - Mas, essa ideia do infiltrado funcionou.

PAULO MALHÃES: Funcionou.

CEV-RJ - O senhor estava vendo que estava funcionando.

PAULO MALHÃES: Funcionou.

CEV-RJ - Mas, isso vem então antes de qualquer, qualquer orientação inglesa? O senhor falou que os infiltrados foram orientação inglesa.

PAULO MALHÃES: Não, eles...

CEV-RJ - Isso foi uma orientação sua. Um estalo de cabeça seu.

PAULO MALHÃES: Não, nessa época... por que ninguém sabia também se falar que era infiltrado. Eu dizia que eu tinha posto um cara lá que me passava informações... (41:48)

CEV-RJ - Informante.

PAULO MALHÃES: Informante. Nem...eu acho que nem esse termo existia de informante.

CEV-RJ - Um olheiro, sei lá, qualquer coisa.

PAULO MALHÃES: Não, um olheiro, Mais típico de olheiro. Deu certo, aí sim, aí eu fui ser caçado para ir subindo de posição.

CEV-RJ - Essa época o senhor já tinha feito psicologia?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Quando é que o senhor vai fazer psicologia, só para eu me situar?

PAULO MALHÃES: Mais em Brasília.

CEV-RJ - Então, vamos voltar, aí o senhor foi caçado para subir...

PAULO MALHÃES: Aí eu fui caçado para tirar.... a revolução criou um curso de informações no CEP, que era o Centro de Estudos de Pessoal, que existia ali no Leme, no quartel do Leme. Então, eu fui... recebi a notícia do meu comandante, até muito chateado, disse 'pô

Malhões, mandaram você se apresentar no Leme, na semana que vem, na segunda-feira. Para você se aprontar para ir para lá. Você vai tirar um curso de informações. Você peruou?’ Eu disse, ‘eu, não.’ ‘Pô, porque eu não queria perder você aqui, não sei o que.’ Eles sempre têm esse papo, né?’. Você trabalha muito, então todo mundo quer você perto, porque... de você, né? Eu fazia uma série de ações, por exemplo, eu fazia teatrinho, no campo. Instrução noturna. Eu fazia teatrinho, fazia os carros de combate, posicionava eles de modo que eles iluminassem uma área e ali eu treinava com os meninos durante o dia, com teatrinho, soldado que dorme quando deveria ficar acordado para tomar conta do grupo dele, quais as consequências, o cara chegava, metralhava todo mundo. Isso eu fazia. Todo mundo achava aquilo espetacular.

CEV-RJ - Mas, o senhor sentiu como um reconhecimento ser convidado para ir para o Leme para esse curso?

PAULO MALHÃES: É. Não muito. Eu fiquei meio cabreiro. Aí eu cheguei no Leme, eu estava me separando da minha primeira esposa, cheguei lá no Leme, aí a primeira coisa, exame físico, exame de não sei o que, não sei o que, exame de psicotécnico. Aí eu fiz o exame. Mas, eu estava com a minha cabeça ainda meio tumultuada. Mas, fiz o psicotécnico. Aí, quando saiu o resultado do psicotécnico, o psicólogo que estava no quartel, que era um coronel, mandou me chamar e disse: ‘Malhões, pelo o que eu observei, você será o primeiro aluno desse curso’.

CEV-RJ - Primeiro???

PAULO MALHÃES: Tirará em primeiro lugar. Eu digo, ‘coronel, eu acho difícil. Eu tenho uma situação pessoal meio complicada. Estou em um estágio, assim, meio, não sei o que eu faço com meus filhos, não sei o que eu faço com minha mulher. Então, a minha cabeça não está voltada para isso’. Ele disse, ‘não, mas pelo diagnóstico dos testes, você tem o QI mais alto. Você será o primeiro do curso’.

CEV-RJ - Foi o que aconteceu?

PAULO MALHÃES: Foi o que aconteceu. Aí eu resolvi lá a minha situação com a minha mulher, nos separamos, problemas das crianças, ih, um rolo danado. Problema da minha mãe, com a mãe dela, com ela ih... Mas, aí eu fui tirar o curso. Aí, no curso, não. O curso já era mais direcionado. Mostrando as coisas erradas do comunismo, mostrando esses exemplos que a gente hoje vê na televisão. Naquela época não tinha televisão. (inaudível) Mas, falando sobre isso e eu fui escutando. Ainda não tinha a história do lobo, das formigas e das abelhas não. Bom, aí fui, tirei o primeiro lugar realmente no curso, aí o general do Exército saí de S2 de um batalhão e passei a S2 de um Exército, E2 do Exército, para trabalhar na Seção de Operações. Aí tinha um coronel muito bom, quando eu cheguei lá, disse, 'olha, você foi o primeiro aluno e tal, então, aqui não tem nada formado. Você sabe que uma Seção de Informações tem atividades de informações, atividades de operações, atividades de contrainformações. Isso tudo você aprendeu?'. 'Aprendi, sim senhor'. Então eu quero que você monte isso aqui, no meu bolicho aqui. Isso aqui é um bolicho.

CEV-RJ - Isso era ali no Primeiro Exército?

PAULO MALHÃES: Ali, no Palácio do Exército.

CEV-RJ - Ali funcionava o Primeiro Exército,

PAULO MALHÃES: Primeiro Exército.

CEV-RJ - Não funcionava mais o ministério do Exército. Já tinha mudado para Brasília?

PAULO MALHÃES: Não...já. Não, o Exército ainda funcionava ali.

CEV-RJ - Ainda funcionava ali.

PAULO MALHÃES: Foi por causa disso que eu dou o pulo seguinte.

CEV-RJ - E, na hora, o senhor não vacilou?...

PAULO MALHÃES: Não. 'Vou tentar', nunca digo vou fazer. 'Vou tentar'...

CEV-RJ - Não, mas o ir para informações lhe agradou? Pessoalmente, no íntimo?

PAULO MALHÃES: Agradou.

CEV-RJ - Porque o senhor falou que quando o senhor foi chamado para o curso o senhor ficou meio cabreiro.

PAULO MALHÃES: Mas, quando eu tirei o curso..

CEV-RJ - O senhor viu que tinha capacidade?

PAULO MALHÃES: Vi. Eu não tinha nem noção de como funcionava uma seção de informações, de grandes informações, final. Porque tinha a seção de informações pequenas dentro do... são aqueles que recebem os dados... aí eu tenho que dar uma aula de informações para vocês. Os informes são verdadeiros, os informes são falsos, a classificação dos informes que você dá: A1, A2, A3, FX. Sabe o que quer dizer FX? É o noticiário da imprensa. A gente classifica sempre a informação dada pela imprensa FX, idoneidade desconhecida, veracidade não identificada.

CEV-RJ - FX?

PAULO MALHÃES: FX. Tudo quanto é informação que vem da imprensa você põe e você que classifica o seu informe. Então você põe. Eu tirei do jornal isso, então vou botar FX.

CEV-RJ - O senhor foi para lá e já assumiu um papel de chefia.

PAULO MALHÃES: É. A seção de operações. Mas podendo meter a butuca na seção como um todo. Aí eu fui arrumando aquilo devagarzinho...

CEV-RJ - E vocês prestavam serviço ao gabinete do ministro ou ao...

PAULO MALHÃES: Ao comandante do primeiro Exército.

CEV-RJ - Primeiro Exército.

PAULO MALHÃES: Não tinha nada de gabinete do ministro.

CEV-RJ - Certo.

PAULO MALHÃES: Aí recrudescceu o movimento estudantil. O movimento estudantil levou um salto. Começaram as passeatas dos cem mil, duzentos mil, trezentos mil, e a gente ia à paisana, com carro civil, que era até... imitava que era da Rádio Globo, né? Tinha um negocinho da rádio Globo e tal. Entrava no meio, para não ter o carro destruído, né? a gente entrava no meio e estava informando à Rádio Globo o que estava acontecendo. Nada disso. Nós estávamos ligados ao Exército. Então aí começou... Aí acontece aquela missa...

CEV-RJ - Do Edson

PAULO MALHÃES: ... na Candelária...

CEV-RJ - Do Edson Luís¹⁹.

PAULO MALHÃES: Do Edson Luís. Aí, eu disse, 'ficar aqui embaixo é a maior besteira do mundo. Então, vamos escolher um prédio desses, vamos escalar o prédio e vamos – escalar, no sentido de escolher – e vamos subir no prédio, ficar do alto'. Justamente era atrás, é bem atrás, em uma diagonal em frente à porta da igreja. Aí subi com a... tô trabalhando para o Exército. Aí, o rádio nosso era o mesmo que era do ministro, o rádio era a mesma frequência. Então nós começamos a controlar... e o meu chefe de seção, depois veio a ser o meu general, ele era um tenente-coronel na época, ele era muito caxias, muito exigente, vamos dizer assim. Então, nós estávamos lá em cima, aí passou um helicóptero da Aeronáutica e aí achou que a gente era subversivos. Aí resolvera atacar a gente. Aí eu botei a boca no trombone. Mas isso também foi ouvido no gabinete do ministro. Aí o meu chefe disse assim: 'Não quero saber de história. Qual o efetivo de PM

19 Edson Luís de Lima Souto (Belém, 24 de fevereiro de 1950 — Rio de Janeiro, 28 de março de 1968) foi um estudante secundarista brasileiro assassinado por policiais militares, durante um confronto no restaurante Calabouço, centro do Rio de Janeiro. Na manhã de 4 de abril foi realizada uma missa na Igreja da Candelária em memória de Edson. Após o término da missa, as pessoas que deixavam a igreja foram cercadas e atacadas pela cavalaria da Polícia militar com golpes de sabre. Dezenas de pessoas ficaram feridas. Outra missa seria realizada na noite do mesmo dia. O governo militar proibiu a realização dessa missa, mas o vigário-geral do Rio de Janeiro, D. Castro Pinto, insistiu em realizá-la. A missa foi celebrada com cerca de 600 pessoas.

que está aí? O efetivo, quantos homens você acha que tem de rapazes, estudantes? Deixa esse negócio de que vão te atacar para depois'. Eu fiz até uma palhaçada, mas levei um esporro. ... Tava vendo (????) que nessa altura eu..... Aí eu dei os efetivos: tem uma companhia reforçada, isso eu sabia dos tempos dos meus estudos no Exército; Companhia Refe, aí dei, tudo em termos militares. O pessoal calculado – não 100 mil pessoas, na Igreja não tinha 100 mil pessoas, se tivesse 1.500 ou 2.000 tinha muito, porque você olhava e dúzia 'na porta da igreja não tem ninguém na porta da igreja'. Se tivesse sufocado teria gente na porta da igreja.

CEV-RJ - E tinha gente embaixo coronel, ou os senhores estavam só em cima?

PAULO MALHÃES: Estava só em cima. Tinha gente embaixo...

CEV-RJ - Modelo Realengo?

PAULO MALHÃES: É. Modelo Realengo. Não, modelo Realengo tinha. Mas aí eles falavam direto com a Seção, não me atrapalhava, pelo menos. O informante às vezes atrapalha. Aí quando acabou aquilo e tal, eu informei, a polícia entrou, botou...

CEV-RJ - A cavalaria ...

PAULO MALHÃES: os estudantes para correr. Entrou a cavalaria, espadada nos garotos, e tal.... E o troço abriu. Aí, depois, os padres saíram na frente, né? Houve aquela movimentação, eu acompanhei os padres até aonde eu pude ver de onde eu estava. Aí, acabou aquele dia, encerrado, já tarde da noite – tarde não, mais ou menos. Eu fui, voltei para o quartel, para o Primeiro Exército, e lá chegando estava o comandante do Primeiro Exército, junto com o meu chefe. Aí eu fui chamado no gabinete dele. Eu fui para a Seção, guardar equipamento, rádio, o troço todo, binóculo, máquina fotográfica à distância, o que nós tínhamos levado. 'Aí, Malhães. Tu está sendo chamado lá no gabinete do comandante do Primeiro Exército'. Digo, 'já sei que foi aquela porra do helicóptero. Eu devo levar um esporro daquele (inaudível)'. Aí chegou lá, o cara foi bem ao contrário, 'Meus parabéns, nunca tinha visto um trabalho desses'. Aí eu me senti mais orgulhoso ainda, não tinha levado esporro, né? Eu me senti melhor. Aí,

no dia seguinte, o coronel deu um dia de folga, dois dias de folga, eu sei que nós fomos para casa...

CEV-RJ - O comando nessa época era o Sizen Sarmento, já?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - 68, 69?

PAULO MALHÃES: É, o Sizen Sarmento. Eu vou me perder um pouco na identificação das pessoas. Ainda estou com lapso...

CEV-RJ - O ministro do cachimbo...

PAULO MALHÃES: Do charuto... Era o Lyra Tavares. Do charutão, era o Lyra Tavares. Fumava um charuto que não tinha mais tamanho.

CEV-RJ - Aí, o senhor teve folga e depois?

PAULO MALHÃES: Quando eu cheguei, o coronel me chamou e disse, 'lamentavelmente eu vou perder você'. 'Mas, outra vez? Para aonde vão me mandar agora? Para a Amazônia, de castigo?' 'Não, você vai se apresentar no CIE. O CIE está em formação e eles escutaram.. Tudo o que você falou, tudo o que você fez, tudo o que você mandou fazer, tudo que... e resolveram te transferir para lá. Foi a primeira vez que eu entrei no gabinete de um ministro.

CEV-RJ - Aí, era o Adyr Fiúza de Castro ou era o Milton?

PAULO MALHÃES: Não. Não. O Adyr foi ser chefe do CIE.

CEV-RJ - Então. Estou dizendo, chefe do CIE era o Adyr.

PAULO MALHÃES: O Adyr. Aí eu fui para lá, me apresentei a ele, e tal, não sei o que...

CEV-RJ - Coronel, mas quando o senhor foi, o senhor carregava essa vibração?

PAULO MALHÃES: É, Mas, toda vez que você muda de chefe, a situação é inesperada...

CEV-RJ - É uma provação, né?

PAULO MALHÃES: É. A situação é inesperada. Aí, cheguei lá, me apresentei ao Adyr Fiuza de Castro. Ele: 'tem ótimas informações suas, o ministro me recomendou você pessoalmente e eu queria que você trabalhasse no gabinete'. Ainda era D-2 do ministro. Não era ainda CIE.

CEV-RJ - Muitos, junto com o senhor, coronel?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Nessa mesma função?

PAULO MALHÃES: Fui só eu. Fui só eu, nessa época fui só eu. Tinha pouca gente lá, como sempre teve. Lá não era lugar... Brasília é que ela cresceu muito, mas, aqui era pouca gente.

CEV-RJ - Mas, os seus colegas Perdigão, Paim, não sei quem mais já estavam lá ou eles entram depois?

PAULO MALHÃES: Aí..., Não. Eles entram depois. Quem estava lá, que eu me lembre...

CEV-RJ - Brant. O Brant?

PAULO MALHÃES: O Branzinho já estava lá.

CEV-RJ - Quem mais estava lá?

PAULO MALHÃES: Eu acho que o Sampaio já estava lá.

CEV-RJ - Paim Sampaio?

PAULO MALHÃES: É. Aí eu entrei lá. 'Oi, Malhães, seja bem-vindo, e tal'. Os caras..., o ambiente ficou bom. Aí, o cara da contrainformação, que era o coronel mais antigo...

CEV-RJ - Quem era?

PAULO MALHÃES: Ah, não me lembro o nome. Já morreu, há muitos anos. Mas, esse era de direita...

CEV-RJ - Vacinado.

PAULO MALHÃES: ...Vacinado. De sangue azul...

CEV-RJ - Da realeza.

PAULO MALHÃES: ...da realeza. Esse era. Aí, o chefe do serviço de contrainformações falou para mim, 'Malhães pediram para você fazer um estágio lá na contrainformações'. Eu já sabia que era para eu ficar lá. Aí, fui eu para lá, ele me explicou a ideia dele qual era fazer da seção, não sei o que, e tal.

CEV-RJ - Isso o senhor ainda era tenente ou já era capitão?

PAULO MALHÃES: Já era capitão.

CEV-RJ - O senhor chegou a capitão quando?

PAULO MALHÃES: Só lendo nas alterações...

CEV-RJ - Coronel, mas aí ele puxou o senhor para lá, para a contrainformação.

PAULO MALHÃES: Para lá. Aí eu fiquei lá. E lá eu desempenhei várias funções. De contrapropaganda, fiz tudo que a contra fazia. Fiz propaganda, contrapropaganda. Aprendi a fazer panfleto, sem querer acabei com a candidatura de um general à presidência do Clube Militar.

CEV-RJ - Acabou o quê? Não entendi.

PAULO MALHÃES: Acabei com a candidatura de um presidente porque, aí foi que começou o grampo telefônico. Coitadinho, tinha dois grampos só.

CEV-RJ - Hein?

PAULO MALHÃES: Só tinha duas linhas telefônicas. Então, eu não tinha nada com a escolha das linhas. As linhas, quem escolhia, eu não sei quem era, se era o coronel, era o general. E eles escutaram... tinha um advogado, que ficou sendo ouvido porque ele era o principal articulador do outro general à presidência do Clube Militar. Não me

pergunta nomes, porque eu não me lembro. Aí eu fiquei escutando. Aí, o cara tinha mil e uma amantes, né? O cara era um ganhão.....

CEV-RJ - O advogado ou o general?

PAULO MALHÃES: O advogado. E era muito gozado né? Eu achava gozado o papo dele e tal....

CEV-RJ - Foi muito tempo, coronel? Essa sua formação lá na contrainformação?

PAULO MALHÃES: Não, o trabalho não foi muito tempo não. Aí, estava essa candidatura, brigando, um general querendo ser, e o general, aí da revolução, querendo ser também. Os dois disputando. Aí, um dia, o cara arranjava tanta mulher, que um dia eu resolvi sacanear ele. Assim, por conta própria. Telefonei para ele e comecei a dizer., ‘você vai comer os bolinhos hoje que a fulana fez? Vai fazer isso que a sicrana fez?’ Fiquei sacaneando ele. O cara ficou...

CEV-RJ - Sem se apresentar.

PAULO MALHÃES: Sem se apresentar. O cara ficou apavoradíssimo e descobriu que estávamos escutando ele. Em consequência ele forçou o general – ele já sabia que eu ia levantar podres dele que não tinha mais tamanho - aí forçou o general a renunciar. Eu fui até... fui acompanhando o coronel da contrainformação, para prender ele, na saída do Clube Militar. Ainda vim sacaneando ele no carro. Aí, o coronel disse ‘Malhães, o que você fez?’ Eu disse, ‘só isso. Telefonei para ele, não me identifiquei, e mostrei que conhecia a vida dele de trás para frente e de frente para trás.’ ‘Você acabou de salvar uma guerra. Porque ninguém sabia como tirar o general de candidato a ...’ ‘Eu sei que cometi um erro, né? ‘Não. Não cometeu erro, não.’

CEV-RJ - Foi um acerto.

PAULO MALHÃES: Foi um sucesso. Aí passou a ser sucesso. Era um erro, mas passou a ser sucesso. Aí que meu cartaz subiu mais ainda. Aí o cara de operações disse, ‘Não, esse garoto é comigo’

CEV-RJ - E o outro general ganhou o Clube Militar?

PAULO MALHÃES: Ganhou.

CEV-RJ - Quem era ele, o senhor lembra?

PAULO MALHÃES: Ah, não.

CEV-RJ - Isso foi pós 68. Depois da missa.

PAULO MALHÃES: É, depois de 68.

CEV-RJ - Ainda Costa e Silva, já estava no Médici, ou estava a Junta? Porque o Aurelio participou da Junta Militar, né?

PAULO MALHÃES: Não, mas eu acho que ainda estava a.. estava a Junta.

CEV-RJ - Estava a Junta.

CEV-RJ - Coronel, essa coisa aí da sua experiência na contrainformação. Estavam apostando muito no senhor, né? E em alguns outros também. O senhor falou que não eram muitos, mas ... É... quando o senhor falou aquela ideia que o senhor disse lá de Realengo, que eu falei aqui modelo Realengo, ah, quando que o senhor conseguiu dar execução prática, não no modelo de infil... de.. de infiltrado mas, aquela ideia da teia, né? como o senhor começou a identificar..., esse serviço de contrainformação foi o que...

PAULO MALHÃES: Foi, mais ou menos...

CEV-RJ - ... a entrada para o senhor começar a ver que..

PAULO MALHÃES: Foi, eu aprendi...

CEV-RJ - Porque, o senhor falou, identificou as organizações, como é que, como é... ... foi depois disso que o senhor tava, agora 'eu estou preparado'.

PAULO MALHÃES: Foi. Porque logo depois vem...

CEV-RJ - Ou teve outros cursos, enfim, só para ...

PAULO MALHÃES: Não. Logo depois veio o movimento estudantil, não. Aí, já o movimento comunista propriamente dito. Foi nessa época que ele falou...

CEV-RJ - Pós junta.

PAULO MALHÃES: Pós junta. Que a junta todo mundo foi até contra. Porque achava que a junta não devia ter trocado os presos pelo embaixador...

CEV-RJ - Mas isso aí já é 70. O primeiro sequestro é dezembro²⁰

PAULO MALHÃES: Mas é a junta....

CEV-RJ - dezembro de 70, de sessenta e... É a junta

PAULO MALHÃES: É a junta militar

CEV-RJ - Que no segundo sequestro, endurece.

PAULO MALHÃES: Então, nós tínhamos um plano, aí já começa o MAC a entrar em ação. Esse chefe da minha contrainformação, que eu disse para você que tinha sangue azul na veia, é que montou o MAC. Ele pegou eu..., vou dizer só o meu nome. Pegou eu e outros membros da seção de operações, contrainformação cresceu, aí ele criou o caso de a gente se opor às atividades subversivas como guerrilheiro. Aí eu fui guerrilheiro. Aí que eu estava falando para ela, no começo. Saber qual é a guerra? como é a guerra? é importante.

CEV-RJ - Mas, o senhor foi ser guerrilheiro à parte do trabalho...

20 O primeiro sequestro, na verdade, ocorreu em setembro de 1969, tendo como vítima o embaixador americano no Brasil Charles Burke Elbrick. Desde agosto o país era governado pela Junta Militar que aceitou trocar o embaixador por 15 presos políticos: Luís Travassos, José Dirceu e Vladimir Palmeira, líderes estudantis; José Ibrahim, líder sindical operário; Flávio Tavares, jornalista; Gregório Bezerra, dirigente do PCB em Pernambuco e um dos primeiros presos após o golpe militar; Onofre Pinto, dirigente da VPR e ex-militar; Ricardo Vilas Boas, músico e integrante da Dissidência/MR-8; Ricardo Zaratini, engenheiro ligado a movimentos sindicais do Nordeste; Rolando Fratti, do PCB; Agonalto Pacheco, da ALN; Mário Zanconato, do COLINA; Ivens Marchetti, do MR-8; Leonardo Rocha, da ALN e a única mulher do grupo, Maria Augusta Carneiro, do MR-8 e da Dissidência.

PAULO MALHÃES: À parte do trabalho. Guerrilheiro a gente levantava onde os subversivos iam se reunir, onde iam e bagunçava o correto deles...

CEV-RJ - Com bombas...

PAULO MALHÃES: Com bombas, fogo, a gente botava fogo também. Faziam aqueles cartazes grandes, a gente botava fogo naqueles cartazes... Fazia um auêzinho...

CEV-RJ - Desses auês, qual o maior que o senhor lembra?

PAULO MALHÃES: A bomba da exposição Russa²¹.

CEV-RJ - Vocês puseram uma bomba na exposição russa para ..

PAULO MALHÃES: É, não chegou a explodir, né? Mas a bomba foi colocada.

CEV-RJ - São Cristóvão, né?

PAULO MALHÃES: É. Por que aí...

CEV-RJ - Mas e aí, quando o senhor falou assim, vou falar de mim de mim, mas que, naquele momento ali da formação do MAC, já havia a necessidade de começar a mapear as organizações?.

PAULO MALHÃES: Já...

CEV-RJ - Vocês já tinham isso?.

PAULO MALHÃES: É aí que a gente aprende a fazer a famosa teia. A aranha. Que é as bolinhas.

CEV-RJ - Mas, o senhor saiu da contrainformação já... logo em seguida o senhor...

PAULO MALHÃES: Com isso na cabeça.

CEV-RJ - ... começou a colocar em prática.

21 A bomba na Exposição Russa, promovida pela embaixada daquele país no Rio de Janeiro, ocorreu em 1962, portanto mais de seis anos antes dos fatos relatados aqui pelo Coronel Malhães.

PAULO MALHÃES: Começou a colocar em prática. Então, ele foi utilizado não com muita importância. O pessoal não dava ... Então é... não com tanta intensidade como foi depois...

CEV-RJ - Mas já estava ...

PAULO MALHÃES: O mapeamento já era feito, porque a gente raciocinava do seguinte jeito; a gente mapeava, pegava um chefe, dois chefes, que a gente pegasse no arco (???? - som ruim) né? Então a gente escolhia, não vamos derrubar todo mundo. Vamos derrubar um pedaço da estrutura. Aí prendia um pedaço da estrutura. O resto continuava funcionando, aí é que eles corriam mais e pega o pato... juntava mais gente ainda. E foi, desta forma, até o fim, que foi se derrubando as organizações profissionais (???? Som muito baixo)..

CEV-RJ - Mas, este prender parte da estrutura, coronel, o senhor pode falar quais foram as organizações que o senhor conseguiu identificar. O senhor e os seus colegas na época. Tem essas mais famosas, mais conhecidas. Mas..., também não eram tantas assim. Não eram tantas. Isso o senhor mesmo reconhece. Mas se o senhor pega metade da estrutura, o senhor prende eles, o senhor me falou dos motoneros e tal, dessa prática de prender, que não dava para prender todo mundo. Mas, a prisão, era nessas estruturas oficiais, no primeiro momento?

PAULO MALHÃES: Ah, era.

CEV-RJ - Susto no DOI-CODI, susto no CISA...

PAULO MALHÃES: Tudo, não tinha...

CEV-RJ - Ainda não tinha nada daquelas ...

PAULO MALHÃES: Não, não.

CEV-RJ - Plano Serra.

PAULO MALHÃES: Não. Nós não tínhamos... Aí que nós fomos aprender fora...

CEV-RJ - Mas é isso.. Prende parte, dá uma enfraquecida,

PAULO MALHÃES: e deixa eles continuarem...

CEV-RJ - Mas, como estratégia?

PAULO MALHÃES: Como estratégia. A tática era derrubar parte. E a estratégia era deixar continuar... Era como se você pegasse uma co-meia de abelha, tirasse um pedaço dela, como agente tira, eu já criei abelha, você tira, para pegar o mel, né? e deixa o resto para a rainha ir formando nova estrutura de abelha para suportar o peso daquela perda. Então nós começamos a fazer isso. Até aí.... Mas, até aí, a gente, nem era a gente que prendia. E por incrível que..

CEV-RJ - Era a PM, o DOPS, essa turma, não?

PAULO MALHÃES: Era O DOI. Aí já era o DOI. O DOPS, se fosse o caso. Porque, por incrível que pareça...

CEV-RJ - Mas, a polícia. Polícia

PAULO MALHÃES: Polícia. E eles iam responder inquérito. Isso eu sempre fiz. Eu achava que o cara tinha que ser encaminhado para responder o seu inquérito. Quando o troço virou guerra, guerra mesmo, é que as coisas mudaram. Porque a gente também foi aprender fora, alguma coisa. Aí os perfis das prisões daqui mudaram; a forma de contato com os presos mudaram; surgiu a necessidade de aparelhos; porque – isso foi uma grande lição que eu aprendi – o que causa maior pavor, não é você matar a pessoa. É você fazer ela desaparecer. O destino fica incerto. O seu destino como... fica incerto. O que aconteceu, o que irá acontecer comigo? Eu vou morrer? Não vou morrer? Entendeu? O pavor é muito maior com o desaparecimento do que com a morte. A morte, não você vê o cadáver do cara, o cara ali, acabou, acabou. Não tem mais... mais o que pensar nele. O meu destino, se eu falhar, vai ser esse. Já quando você desaparece – isso é ensinamento estrangeiro – quando você desaparece, você causa um impacto muito mais violento no grupo. Cadê o fulano? Não sei, ninguém viu, ninguém sabe. Como? O cara sumiu como?

CEV-RJ - O senhor lembra o primeiro, coronel, que deu....?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor não precisa dizer nomes, assim. Se o senhor não lembrar nomes, mas ...

PAULO MALHÃES: Não, mas não me lembro mesmo.

CEV-RJ - Organização?

PAULO MALHÃES: Organização, se não me engano, foi o PCdoB. Apesar que tinha vários, VPR, tinha a VAR, tinha organizações até mais agressivas do que o PCdoB.

CEV-RJ - E por que foi o PCdoB?

CEV-RJ - Mas, é isso, coronel, prende, era DOI-CODI, DOPS e a polícia prende.

PAULO MALHÃES: Aí, vai responder inquérito.

CEV-RJ - Mas em um trabalho combinado com os senhores?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ou o DOI-CODI prendia porque estava atrás?

PAULO MALHÃES: Não. O DOI-CODI fazia as operações internas. Para isso era Departamento de Operações Internas.

CEV-RJ - O DOI só funcionava como DOI no primeiro momento.

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Mas, coronel, os interrogatório, as informações, arrancadas dos presos isso interessava muito para o senhor, ou não?

PAULO MALHÃES: Interessava, isso vinha pra gente.

CEV-RJ - Mas, vinha

PAULO MALHÃES: Escrito .

CEV-RJ - Não era de boca?

PAULO MALHÃES: Não. Tanto é que você fala muito no Rubens Paiva – você, não, ele – e eu nem conhecia o Rubens Paiva.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Eu estava tentando me lembrar, vem cá esse cara apareceu aonde? Ele fez o quê? Porque eu nem me lembrava do Rubens Paiva. Quando ele disse, ‘não, a Inês Etienne disse que ele estava lá. Isso é impossível. Seu ele estivesse tido lá eu teria sabido²². Porque a Ines Etienne chutou muita coisa, né?. Se aproveitou da situação dela e saiu... Não, quando é que um carcereiro vai entregar para ela quem esteve ou quem não esteve. É um troço fora do propósito, né. Então aquilo que ela fala, ‘não, eu vi fulano tudo’, aquilo tudo é....

CEV-RJ - Da mesma forma que o Ronald Leão entregou o senhor para a outra.

PAULO MALHÃES: É, mas aí, aí é normal. Também acho normal. Nós somos totalmente desestruturados, até hoje. E se jogou fora uma estrutura que estava nascendo. É isso que eu não concordo.

CEV-RJ - Coronel, mas o modelo prisão, ele serviu? Balança metade da estrutura, e deixa eles tomarem um fôlego, acharem que eles estão...

PAULO MALHÃES: Deixa eles começarem a se mexer, porque você toma, derruba um bocado, todo mundo some. Você passa a abiscoitar os caras que sobraram, eles ficam todo mundo quietinho, em seus casulinhos...

CEV-RJ - Mas, essas prisões, é isso que eu preciso entender, coronel, estou dispostas a fazer perguntas aqui que o senhor vai achar que eu não estou ligada.

PAULO MALHÃES: Não. Pode

CEV-RJ - Mas aí, as prisões elas ajudavam essa parte. As informações arrancadas desses presos, ajudavam a identificar os soltos?

22 “Isso é impossível. Se ele estivesse tido lá eu teria sabido”. Essa frase é um forte indício de que ele sabia de todos que passaram pela casa da Morte.

PAULO MALHÃES: Ajudavam.,,

CEV-RJ - E aí, a estratégia do senhor não era prendê-los?

PAULO MALHÃES: Não. Era aproveitar a importância deles, se fosse declarado, 'ah fulano é regional', um exemplo. Então, a função daquele regional que está em uma bolinha lá, apagada, apagada, triste... Ninguém dava bola para aquela bolinha. Ela crescia de importância, passava-se a acompanhar o personagem, para ver, já que ele era regional, qual era o elo de ligação dele. Que era mais importante, do que acompanhar de um pé de chinelo. Certo? Eu falo pé de chinelo parece uma expressão, mas não é...

CEV-RJ - Mas, nesse período que não tinha os infiltrados, essas informações eram tiradas na base do pau?

PAULO MALHÃES: É, deviam ser. É o que eu digo para você, tem que entender o que é guerra. Você sabia como é que os japoneses interrogavam os americanos?

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: Eles têm ou usam, alguns deles, umas facas afiadíssimas, então eles iam cortando a pele do cara. Não cortavam fundo não, cortavam só...

CEV-RJ - Escalpando.

PAULO MALHÃES: ... a quantidade de dor que você sente, pela quantidade de nervozinhos atingidos por aquele corte é um troço surpreendente. Tanto é que quando eles entravam onde estavam os americanos que tinham sofrido isso e não tinham morrido, os americanos gritavam e pediam pelo amor de Deus para eles matarem eles. De qualquer maneira ele iam morrer. Porque se você fizer isso em mais de 70% do seu corpo, você morre.

CEV-RJ - Essa técnica foi usada aqui?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Coronel, mas nessas prisões assim...

PAULO MALHÃES: Isso é do japonês. Enfiar um bambu queimando na unha. Isso é técnica do japonês, não tem nada a ver com a gente.

CEV-RJ - Não foi usado isso aqui. Coronel, nesses interrogatórios das prisões, era importante às vezes, ter gente da equipe de vocês ou não era necessário, o pessoal do DOI, eles estavam preparados e a polícia...?

CEV-RJ - Não, às vezes a gente descia.

CEV-RJ - Mas, aí... a seleção era assim, a importância do preso?

PAULO MALHÃES: A importância do preso. O que eu falei para você, pé de chinelo, ficava o DOI.

CEV-RJ - Quando é que o CIE prendia, quando é que o DOI prendia? Como é que vocês faziam essa diferença?

PAULO MALHÃES: O CIE dificilmente prendia. O CIE passou a prender quando a quantidade de informações era tão grande que foi preciso criar uma equipe de combate. Porque nós não tínhamos uma equipe de combate. Nós tínhamos equipe de informações, que aprenderam a manipular informações. Não a entrar em combate. Mas quando foi preciso a gente entrou em combate.

CEV-RJ - Na linha do tempo, o senhor determina isso mais ou menos? Governo Médici, Orlando Geisel, governo..., início do governo Médici?

PAULO MALHÃES: Não, no meio do governo Médici, foi quando a ditadura – para usar a sua expressão – foi a mais violenta que pode existir.

CEV-RJ - Coronel, tudo isso aí que o senhor está falando é antes da ideia...

CEV-RJ - Do aparelho?

PAULO MALHÃES: É aí...

CEV-RJ - Dos disfarces, do...

PAULO MALHÃES: Aí surgem a ideia, que vem de fora, a ideia dos aparelhos...

CEV-RJ - Mas isso, era porque, assim, do jeito que estava sendo feito...

PAULO MALHÃES: Não dava saída. Entupiu o tubo. Nós não tínhamos ...

CEV-RJ - Leva todo mundo para o DOI-CODI da Barão de Mesquita, bota quinze lá... sei lá.

PAULO MALHÃES: Aí, os cara saíam cobrindo de porrada, nego de ponta a ponta, porque eles não tinham tempo. A porrada também foi muito provocada por causa disso....

CEV-RJ - Porque era ...

PAULO MALHÃES: Que inventam que tinha cadeira do dragão, pau de arara... Pau de arara existe porque a polícia faz até hoje, o pau de arara.

CEV-RJ - Cadeira do dragão, não? Tem gente que sentou nela.

PAULO MALHÃES: (silêncio) A cadeira do dragão é o lugar aonde o cara toma choque...

CEV-RJ - É

PAULO MALHÃES: Então, não existe cadeira do dragão.

CEV-RJ - Mas, aí coronel, a ideia vem um pouco disso, não dava vazão. Tinham os presos que vocês conseguiram tirar algumas coisas, teve outros que não deu para arrancar nada?

PAULO MALHÃES: Mas, aí ficava por conta do encarregado do inquérito.

CEV-RJ - - E aí teve uns que...

PAULO MALHÃES: É, aí até por incompetência. Pelo que ele me contou do Rubens Paiva, eu não conhecia muita coisa, não conhecia

porque nunca me interessei, isso foi um problema do DOI que aconteceu, eu tive uma participação, a participação então....

CEV-RJ - Mas, depois, não foi...

PAULO MALHÃES: ... É muito fora. Não tinha nada a ver com Rubens Paiva. Eu não me lembrava desse nome. Eu dizia Rubens Paiva? O que esse cara fez? Nunca passou esse nome, passou nos meus papéis. Por quê? O que aconteceu? Por que foram acabar matando ele? Antes eu não tinha me interessado muito. Aí, ele era um deputado...

CEV-RJ - Cassado

PAULO MALHÃES: Cassado. E ele participava de apoio às organizações comunistas, era isso?

CEV-RJ - Tinha contatos, não sei que tipo de participação ele tinha.

PAULO MALHÃES: É, esse tinha contatos é muito relativo. Eu conheci uma porção de gente que ‘tinha contatos’, eu ‘tinha contatos’ (ironizando). Tinha contatos, mas na realidade ele participava.

CEV-RJ - Não, não sei se ele participava.

PAULO MALHÃES: Também não sei.

CEV-RJ - As informações que eu tenho é que não, ele tinha contatos.

PAULO MALHÃES: Porque, aí... então, eu, se o que você diz é verdade, eu achei uma estupidez o que fizeram com ele.

CEV-RJ - Um acidente, coronel? Erraram a mão?

PAULO MALHÃES: Não. Não é bem isso.

CEV-RJ - O que é?

PAULO MALHÃES: É, o cara está desgastado demais, ou o cara naquele dia – desculpe a expressão -, a mulher dele dormiu de calça, ou o cara teve um outro problema qualquer. Então, naquele dia, ele entrou no quartel soltando fâisca pelos olhos, jogando brasa pela boca. Então ele não tem a medida certa. Nem interessa muito que o cara fale muito...

CEV-RJ - Isso o senhor está falando do

PAULO MALHÃES: Do interrogador. Que nem sempre quem prende é quem interroga. Raramente não é. É uma equipe especialista em interrogatório, dita especialista em interrogatório. E a equipe dita especialista em prisão. São dois tipos. Então o cara prende...

CEV-RJ - Leva..

PAULO MALHÃES: Leva e entrega ao interrogatório. O DOI então isso era bem dividido. O DOI tinha as salas de interrogatório e a operação acho que funcionava lá na frente.

CEV-RJ - Coronel, mas nesse caso dele ai, que o senhor estava falando, por que foi o CISA que prendeu o deputado e depois entregou para o DOI-CODI?

PAULO MALHÃES: Porque o CISA não tinha estrutura ...

CEV-RJ - Não tinha lá no Galeão, na Base Aérea?

PAULO MALHÃES: Mas não era uma estrutura de especialistas, Porque o CISA não formou muita gente em informações. A Marinha, não. A Marinha formou. A Marinha tinha bons caras de trabalho. O CISA tinha bons amigos. Eu tinha amigões no CISA.

CEV-RJ - E aí vinha uma outra pergunta. O senhor mesmo falou que o CISA o senhor ajudou a criar e o senhor fala que o DOI era uma estrutura abaixo. O DOI era Primeiro Exército e os senhores eram gabinete de ministro. Por que o CISA entrega ao DOI e não ao CIE?

CEV-RJ - Porque o CIE não deve ter querido, não ter aceitado ele, por algum motivo que eu não sei qual foi...

CEV-RJ - Sim, mas foi direto lá para a a Barão de Mesquita?

PAULO MALHÃES: É o que eu digo pra você, eu gostaria profundamente de conhecer a história desse deputado, para mim saber, o que que realmente, o que que ele devia tanto?

CEV-RJ - Mas, o senhor sabe qual era a importância dele para o regime? Do que ele estava sendo acusado?

PAULO MALHÃES: Não, não.

CEV-RJ - O senhor lembra disso, da época?

PAULO MALHÃES: Não. Eu não dava muita bola para quem era preso pelo DOI nem o que o DOI fazia. Já tinha havido alguns atritos, alguns disse me disse. Fizeram queixa do DOI para o CIE, fizeram queixa do CODI para o Primeiro Exército, então isso..., no ministro, então isso... Tanto é que esse Walter, o outro Pires,...o segundo Pires...

CEV-RJ - Walter Pires

PAULO MALHÃES: ... ele, abriu uma coisa interessante. Ele teve a iniciativa de dar 50 mil pratas a um preso para levar até a reunião em São Paulo, e nós não sabíamos.

CEV-RJ - Que Walter Pires é esse?

PAULO MALHÃES: São dois Walter Pires.

CEV-RJ - Um que foi ministro.

CEV-RJ - Mas, depois..

PAULO MALHÃES: Os dois foram ministros. Um já foi ministro do reviravolta, que é o último.

CEV-RJ - Do Fernando... do Figueiredo.

PAULO MALHÃES: Não, do Figueiredo era barra pesada. O Walter Pires outro, os dois tem sobrenome diferentes. É Walter Pires alguma coisa, Walter Pires e alguma coisa. Mas os dois o nome é Walter Pires. O Walter Pires, Walter Pires, o primeiro Walter Pires, era um homem duro. Mas, ele também julgava muito. Era um homem mais sensato. O segundo Walter Pires é um idiota. Digo isso na cara dele, e já disse. Já disse uma vez. Em uma reunião no Comando do Segundo Exército, com uns cem oficiais reunidos. Eu disse isso. Foi por causa disso que a primeira coisa que ele fez foi me mandar embora. Lembrou

todas as datas que eu entrei em choque com ele, que eu nem me lembrava mais. Eu entrei várias vezes em choque com ele e por ultimo eu o chamei de idiota.

CEV-RJ - Eu não estou lembrando que outro ministro foi esse sem ser o do João Figueiredo.

PAULO MALHÃES: É o... Leônidas Pires Gonçalves.

CEV-RJ - Ah, então é Leônidas Pires Gonçalves, ministro...

PAULO MALHÃES: Perdão, perdão...

CEV-RJ - ministro do Sarney.

PAULO MALHÃES: Ministro do Sarney. Me perdoe.

CEV-RJ - É Pires, também, mas não é Walter.

PAULO MALHÃES: Ele era Pires. Lapso de memória eu misturei os dois Pires.

CEV-RJ - Perfeito, agora está consertado

PAULO MALHÃES: Então, esse Leônidas Pires foi o iniciador do fim do Serviço Secreto. CEV-RJ – Mas, isso já lá na Nova República...

PAULO MALHÃES: Lá no final. Nova República.

CEV-RJ - Mas, coronel, voltando ali para o que o senhor falou. Quer dizer, a polícia prendia, levava para o DOI, enfim. Não era quem prendia quem necessariamente interrogava, eventualmente, coronel, vocês poderiam ter uma atuação no momento do interrogatório. Mas, vocês esperavam as informações. Isso era praxe coronel?

PAULO MALHÃES: É. Porque a sala de...

CEV-RJ - Era comum a entrada no DOI-CODI, não?

PAULO MALHÃES: Não, a gente podia entrar tranquilo lá, não tinha grandes problemas não. Porque a sala de interrogatório, por exemplo, era aquele quarto, e o quarto de cá era o controle do inter-

rogatório. Tem um vidro de visão única, você só via daqui para lá e não vê de lá para cá, em que você escutava o que estava acontecendo. Então você acompanhava, né? Você acompanhava, às vezes dava um palpite para o interrogador, porque o interrogador tinha um fone no ouvido. ‘Pergunta isso assim, assim a ele’. Mandava um pitacozinho. Mas, aí quando você assumia o preso, aí sim, você era o interrogador. Podia até depois largar ele lá mesmo, que ficava lá mesmo, sendo interrogado lá mesmo. Você podia assumir o preso. Mas, era porrada, esse troços todos... eu, por exemplo, não era fã. Eu dava. Meu começo da minha vida foi de interrogador que todo mundo foi. E como serão os futuros.

CEV-RJ - Mas, o senhor foi aprendendo que tinha técnicas melhor?

PAULO MALHÃES: Mas, a gente vai crescendo e aprendendo. Não foi assim desde pequenininho que você começou? Então, existia técnicas melhores. Mas, a porrada cantava.

CEV-RJ - No caso, se o CISA tivesse entregue o Rubens Paiva ao CIE o senhor teria sabido na época?

PAULO MALHÃES: Ah, teria.

CEV-RJ - O senhor acompanha noticiário, hoje, de jornal, por televisão e por jornal.

PAULO MALHÃES: Mais...

CEV-RJ - O senhor lê o Globo do Chico Otávio, ainda?

PAULO MALHÃES: Não leio não. Nem sei as ultimas reportagens que ele fez.

CEV-RJ - Não, as últimas que eles fizeram é que seu amigo Ronald Leão antes de morrer, mandou uma carta, dizendo que ao ver o Rubens Paiva e se aproximar dele no quartel, estavam lá seus colegas Paim e Perdigão e disseram ‘não, esse é preso importante do CIE’.

PAULO MALHÃES: Não. Não acredito nisso não. Ele podia não gostar do Paim.... (dá uma pausa pensando) Como é que eu vou te

dizer qual era personalidade do Ronald Leão? Era um sujeito fraco de personalidade. Ele era muito não me toque, muito fresco. A minha definição dele era muito fresco. Porque tudo era ele que fazia, era ele que... então, eu achava ele muito fresco. Mas, não sei se eu estaria lá no lugar. Porque eu tinha os aparelhos para tomar conta. Né? Eu tinha meus presos para tomar conta. E assim mesmo ocorriam furos. Não de fuga, nem de nada. Furo de porrada, furo disso, furo daquilo. Então, eu já tinha muita coisa na minha cabeça. Então, podia ser... ou fosse o Perdigão, ou fosse o Paim. Porque tudo se resume em cinco oficiais. Eu vou botar mais dois, sete onde nasceu o resto. São sete oficiais só.

CEV-RJ - Do CIE?

PAULO MALHÃES: Do CIE, onde nasceu...

CEV-RJ - A gente já conhece Perdigão....

CEV-RJ - Eram poucos? Esses setes?

PAULO MALHÃES: Muito poucos para o contingente que tinha.

CEV-RJ - Mas, quem eram esses setes?

PAULO MALHÃES: Vai dizendo.

CEV-RJ - Perdigão, Brant...

PAULO MALHÃES: Brant

CEV-RJ - Malhães

PAULO MALHÃES: Malhães

CEV-RJ - Paim

PAULO MALHÃES: Paim. Falta um.

CEV-RJ - Pois é esse um ...

PAULO MALHÃES: Então fica sem saber quem é esse um.

CEV-RJ - Então, o senhor pode contar. Tá vivo, ainda?

PAULO MALHÃES: Acho que não.

CEV-RJ - Não, deve estar morto.

CEV-RJ - Então, conta logo.

PAULO MALHÃES: não

CEV-RJ - E o co.. todos eram capitães?

PAULO MALHÃES: É, o Paim já era major. O resto era tudo capitão.

CEV-RJ - E quem era o coronel?

PAULO MALHÃES: Que comandava?

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: Era um cara super-inteligente, que também já deve ter morrido.

CEV-RJ - Quem era? Já morreu.

PAULO MALHÃES: Não sei se morreu.

CEV-RJ - Mas a gente vê se morreu.

PAULO MALHÃES: Não. Aí, porque se ele vê...depois da reportagem do Chico Otávio, que você vê, aparecer no jornal e não tiver... tiver uma pista de que foi alguém que deu, esse alguém fui eu.

CEV-RJ - Não, porque agora surgiram outros dando.

CEV-RJ - Vamos voltar aqui.. o senhor estava falando das prisões, da estratégia de prender as pessoas e tirar as informação, algumas pessoas informavam, outras não, outras o interrogatório era pesado e as pessoas não, não, não aguentavam. Tem todas essas histórias.

PAULO MALHÃES: Não. Os que não aguentavam, os que foram presos e foram interrogados em órgãos oficiais e morreram, vocês sabem quase todos.

CEV-RJ - Tem muitos desaparecidos.

PAULO MALHÃES: Os desaparecidos já não.

CEV-RJ - Não, eu digo os mortos. Tipo assim, Mario Alves, coronel? O senhor soube dessa prisão?.

PAULO MALHÃES: Soube.

CEV-RJ - Esse entrou, coronel, ele entrou no DOI-CODI e morreu no DOI-CODI.

PAULO MALHÃES: Tá. Aí nós não temos nada a ver com isso.

CEV-RJ - Mas, o senhor soube da prisão. Porque esse era uma figura importante na organização.

PAULO MALHÃES: Na organização.

CEV-RJ - Os senhores acompanhavam Mario Alves na organização?

PAULO MALHÃES: Acompanhava.

CEV-RJ - E a morte dele foi acidente?

PAULO MALHÃES: Não sei. Posso até julgar que foi, mas acho difícil. Eu mesmo acho difícil.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Eu não sei porque que mataram Rubens Paiva. Sou sincero pra você. Você me deixou grilado. Eu tentei... é, 'Pô tô tendo um lapso de memória, não estou me lembrando do Rubens Paiva, tem alguma coisa errada. Se mataram ele no DOI-CODI...,' Porque a gente não procurava ver, no tempo que agente trabalhava, a gente não procurava ver lógica nas coisas que aconteciam, não. Aconteceu, aconteceu. Dá jeito, resolve o problema. Mas, eu não me lembrava do Rubens Paiva.

CEV-RJ - Coronel, quando que o senhor soube dele?

PAULO MALHÃES: Eu soube pelo noticiário do jornal.

CEV-RJ - Sim, mas aí, o senhor tem ideia de cabeça de quando o corpo dele foi tirado do DOI-CODI e levado para o Alto da Boa Vista?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei..

CEV-RJ - Foi de imediato, tem que dar um jeito?

PAULO MALHÃES: Deve ter sido.

CEV-RJ - Por que essa foi a primeira – com perdão da expressão – primeira cagada que o senhor disse que fizeram.

PAULO MALHÃES: Isso foi, de qualquer jeito

CEV-RJ - E o senhor soube logo que isso aconteceu ou demorou a saber?

PAULO MALHÃES: Não. Demorei, só vim a saber no resgate.

CEV-RJ - Esse resgate foram meses depois?

PAULO MALHÃES: Ih, acho que tem mais de meses.

CEV-RJ - Mais de mês?

PAULO MALHÃES: Mais de meses....

CEV-RJ - Mais de meses, ano?

PAULO MALHÃES: Mais ou menos.

CEV-RJ - Mesmo para encontrar putrefato ainda?

CEV-RJ - Coronel, mas o primeiro resgate ou o segundo, lá na Barra? Qual que o senhor está falando?

PAULO MALHÃES: O segundo, na Barra.

CEV-RJ - O do primeiro o senhor nem soube?

PAULO MALHÃES: Nem soube...

CEV-RJ - Só soube da segunda cagada?

PAULO MALHÃES: Eu soube da história da beirada da estrada que ia passar aonde o corpo dele estava enterrado.

CEV-RJ - Tubulação.

PAULO MALHÃES: Aí eu soube.

CEV-RJ - Isso, o senhor soube quando foi fazer o da Barra, ou bem antes?

PAULO MALHÃES: Um pouquinho antes. Mas, não me passou pela cabeça perguntar quem era Rubens Paiva?

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Entendeu? Estava morto.

CEV-RJ - Mas, o senhor sabia que era Rubens Paiva.

PAULO MALHÃES: Tava morto, tava morto. Desencarnou. Então, é, é ... A repressão – vocês que chamam de repressão, eu digo combate – ele assume uma forma violenta quando as coisas politicamente começam a ficar violentas.

CEV-RJ - hun, hun.

PAULO MALHÃES: Eu vou só fazer uma pergunta para vocês? Saiu no recorte, eu acho que foi no Dia até, em letra deste tamanhinho (indicou com os dedos) que eu preciso de uma lupa para ler porque eu não enxergo muito bem de perto, que o filho do Fleury havia dito que o presidente, antecessor da Dilma...

CEV-RJ - Lula.

CEV-RJ - Lula

PAULO MALHÃES: ... tinha trabalhado para o pai dele. Você leu isso?

CEV-RJ - Li, eu li.

CEV-RJ - Não, não foi o filho do Fleury, foi o filho do Tuma. Num livro...

PAULO MALHÃES: Saiu em letra desse tamanhinho. Que o cara, ele disse que o.., que o... , seu presidente, deu uma função para ele, para ele perseguir - porque ele fazia relatórios, né? - para perseguir os comunistas que podiam fazer frente ao Lula. Então ele fazia processos, disse 'eu nunca fiz tanto processo na minha vida.' Ele fala isso, está no rodapé.

CEV-RJ - Filho do Fleury? Não li isso não. O que o filho do Fleury é? É delegado?

PAULO MALHÃES: Não, filho do Fleury. Agora, o Lula botou ele como assessor de não sei de que, de não sei de que...

CEV-RJ - Desconheço.

PAULO MALHÃES: e ele disse, o dinheiro do mensalão saiu de onde está os resto, das Ilhas Cayman. Está escrito no jornal...

CEV-RJ - Eu acho que o senhor está fazendo confusão, mas....

PAULO MALHÃES: No entanto, nin... todo mundo ... ninguém, como você não viu, a maioria da população não viu. Isso no rodapé. Agora, imagina a importância que isso tem. Por que o jornal não deu a ênfase que devia dar a isso? Conclusão óbvia, os jornais estão comprados. Conclusão óbvia, as televisões estão compradas. Agora, ficamos nós três remando contra a correnteza....

CEV-RJ - Não, ninguém está remando contra a correnteza, nós estamos remando a favor da correnteza.

CEV-RJ - Coronel, eu ainda estou lá em 1970. Lá no DOI-CODI.

PAULO MALHÃES: Tá, eu já volto lá. Eu não entendi isso.

CEV-RJ - Nem eu, nem estou entendendo. Eu vou procurar essa informação para eu descobrir e assim que eu...

PAULO MALHÃES: Porque que eles publicaram... eles publicaram... Eles publicaram, mas publicaram em letras minúsculas. Eu só prestei a atenção porque...

CEV-RJ - Eu li isso.

PAULO MALHÃES: ...a Cristina enxerga bem...

CEV-RJ - Eu li isso, li isso.

PAULO MALHÃES: ... e tudo que dá de repressão ela me chama. 'É, tão falando aqui'. E ela leu. Aí me chamou, 'aqui, tem uma notícia gozada aqui. Lula foi agente de vocês?' 'Ele foi. Mas está noticiado no jornal?' 'Está. 'Então, deve estar em uma página?' 'Não, está aqui'. Rodapezinho.... Vocês querem que eu seja verdadeiro e diga nomes de pessoas. Vocês vêm o perigo que nós corremos.

CEV-RJ - Não.

CEV-RJ - Não corremos não, coronel.

CEV-RJ - Não corremos perigo não.

PAULO MALHÃES: Não, que vocês não correm. Mas, eu corro.

CEV-RJ - Não, eu acho que não.

CEV-RJ - Coronel, o senhor não corre perigo nenhum. O senhor sabe que não. Ah. Eu posso voltar?

PAULO MALHÃES: Pode. Vou lhe dar duas 45 e duas 9 mm que estão...(inaudível). Tô brincando, minha neta.

CEV-RJ - Prende metade do povo, deixa os outros soltos, alguns caem, outros não caem, outros falam, outros não falam, e a vida segue.

PAULO MALHÃES: Hun.

CEV-RJ - O senhor tinha esse trabalho de identificar as organizações e identificar esses líderes, porque eram eles que interessavam. Pé de chinelo, eventualmente sim, mas..

PAULO MALHÃES: Só quando ele podia trazer uma informação acima.

CEV-RJ - Tá, mas aí, coronel, teve um momento em que o senhor mesmo falou 'não dava mais vazão'. A mudança de estratégia, ...quando que o senhor teve essa ousadia de virar?

PAULO MALHÃES: Por casualidade também. Tudo na vida é.. existe ... eu não vou dizer que é casualidade, porque na vida não existe nada casual, existe tudo causal, existe uma causa para tudo na vida. Então..., é..., eu prendi um grupo do PCBR...

CEV-RJ - Mário Alves, por exemplo, um deles?

PAULO MALHÃES: Han?

CEV-RJ - O Mario Alves um deles? O Apolônio?

PAULO MALHÃES: Não, não. O Apolônio foi preso depois. Mas eu prendi um grupo, que era mais ou menos....

CEV-RJ - O senhor lembra de algum nome dessa turma? Esses nomes o senhor pode dizer porque é o nome dos....

PAULO MALHÃES: O mais importante era até uma menina, menina que eu digo era uma mocinha, tenho que me lembrar o nome dela – ela morreu – Eu só..., porque eu fiquei com um bando de presos nos carros, sem ter para aonde levar. Eu queria prosseguir aquela operação do PCBR até chegar ao Apolônio. Era minha intenção. Aí eu tinha um grande amigo meu, que tinha sido meu amigo no MAC. E ele tinha um sítio. Meu xará, até.

CEV-RJ - Aquele que nós falamos da outra vez, ou não?

PAULO MALHÃES: Qual?

CEV-RJ - Aquele sítio?

PAULO MALHÃES: Qual sítio?

CEV-RJ - No sentido da Linha Amarela? Aí, não.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Outro.

PAULO MALHÃES: Outro. Até ele foi até identificado uma vez até por um desenho que ele tem no fundo da piscina. E..., eu ficava naquela bananosa. Ai eu liguei lá para a chefia lá e disse. ‘oh, estou com uns presos aqui e não sei pra onde... eu não posso levar para o DOI’...

CEV-RJ - Mas, não pode por que não tinha mais espaço?

PAULO MALHÃES: Não tinha mais espaço e nós íamos perder muitas informações. ‘Eu tenho que levar eles para algum lugar’. ‘Se virá’. ‘Eu vou me virar como? Eu vou levar eles para o campo, amarrar cada um atrás de uma árvore e vou interrogando.’ Aí eu me lembrei desse meu amigo que, por acaso, se chama Paulo, também. Aí liguei para ele e ‘disse Paulo, tô com um problema’. ‘Qual o problema que você está?’ ‘Eu tenho alguns presos...’

CEV-RJ - Quantos eram, coronel?

PAULO MALHÃES: Uns oito. ‘...e não tenho para aonde levar. Não quero levar para o DOI, nem dar de presente para ninguém, porque vai atrapalhar o restante do trabalho...’

CEV-RJ - E eram quentes, assim...eram...?

PAULO MALHÃES: Quentes. Aí, ele disse ‘Por que você não leva lá para o meu sítio?’. ‘Porra, não é que você se lembrou... eu me lembrei desse seu sítio, mas não quis te falar e tal...’ Eu fui lá, muitas vezes, comer churrasco. ‘Leva para lá. Eu aviso à família para ninguém ir lá e você fica lá o tempo que você precisar, não tenho pressa não’. ‘Tá bem’. Foi quando surgiu...

CEV-RJ - Era aonde, aqui no Rio?

PAULO MALHÃES: Era no Rio, Jacarepaguá. Aí eu levei pra lá. E lá nós tivemos que fazer uma adaptação, demos sorte, porque o...

CEV-RJ - E eles estavam um vendo o outro ou estavam..

PAULO MALHÃES: Não, estava todo mundo aberto.

CEV-RJ - Cara limpa.

PAULO MALHÃES: E eu disse, ele... a sorte é que ele tinha preparado o sítio para ser um mini-hospital do filho dele que ia sair médico. O filho acabou não saindo médico. Foi tocar viola em um conjunto aí.. aí... estava no sexto ano de medicina quando largou para tocar viola e cheirar pó num, num.. numa banda dessas da vida. Aí, é..., os quartos eram todos feitos certinhos para ser... né?

CEV-RJ - Uma clínica.

PAULO MALHÃES: Uma clínica. Tinha tubulação de oxigênio, tinha tudo já. Ele preparou o sitio todo... Aí eu botei eles lá e nós passamos a trabalhar lá.

CEV-RJ - E o senhor e a sua equipe, eram muitos?

PAULO MALHÃES: Não. Era eu, dois sargentos e um cabo. O cabo era motorista e eu e os dois sargentos é que éramos... apesar de que o motorista funcionava bem... Então, aí, interrogamos eles lá. Quando a gente achou que já tínhamos extraído tudo deles, aí eu resolvi entregar eles. Eu não podia ficar ocupando um sítio de um amigo meu a vida toda... Ele já tinha me feito...

CEV-RJ - um favor

PAULO MALHÃES: ... É porque ele também era de direita, vamos dizer assim. Ele integrava o MAC. Então ele era um cara de direita. Ai eu peguei os presos, interroguei... os mais importantes nós sacamos fora e levei os outros para o DOI e entreguei ao DOI.

CEV-RJ - E os mais importantes foram para aonde?

PAULO MALHÃES: Ficaram passeando... Aí...

CEV-RJ - E voltaram um dia do passeio?

PAULO MALHÃES: Que eu saiba, até agora não. Mas não posso...

CEV-RJ - Mas aí, coronel?

PAULO MALHÃES: não posso dizer.... Aí... Foi aí que nós chegamos ao Apolônio. O Apolônio até disse uma coisa muito interessante para mim. Foi praticamente o que me cativou nele. Quando agarraram

ele, deram uns tabefes nele, e tal, aquela história toda, ele disse 'Épa, épa, sou general do outro lado. Sou general do lado de vocês...

CEV-RJ - Hierarquia.

PAULO MALHÃES: É. ... e sou general do outro lado' Então, quero um tratamento de general'. Eu disse, 'tudo bem, o senhor vai ter um tratamento de general. Não posso lhe dar uma suíte presidencial... as pessoas que vão conversar com o senhor não vão saber que o senhor é general e tal, o troço pode ficar mais pesado'. E, realmente ficou, e aí é que esse homem foi crescendo na minha..., dentro de mim. Porque ele levava uma sessão de porrada. Largavam ele, largado na cela como morto....

CEV-RJ - E aí?

PAULO MALHÃES: E três horas depois, se você passasse na cela dele, ele estava fazendo educação física. Então eu..., eu realmente disse 'pela primeira vez que eu encontrei um homem'. No meu trato com os comunas, era a primeira vez que eu tinha encontrado um homem.

CEV-RJ - E os outros colegas dele que..., do PCBR?

PAULO MALHÃES: Não., nós prendemos... o PCBR era pequenininho, fazia muita azuada, era eles que assaltavam bancos, era eles que...

CEV-RJ - Mas esses que foram para o DOI-CODI, o senhor lembra de nome de algum ou não?

PAULO MALHÃES: Não. Não me peça nomes...

CEV-RJ - Mas, a sua seleção foi essa, os mais fracos vão para o DOI-CODI?

CEV-RJ - Os mais importantes viraram seus primeiros informantes? seus primeiros infiltrados?

PAULO MALHÃES: Alguns deles. Tanto é que eu cheguei ao...

CEV-RJ - Apolônio.

PAULO MALHÃES: ...ao Apolônio, graças a um infiltrado. Que me deu lugar, hora, minuto, segundo, qual era o tempo, se ia chover, se ia fazer sol...

CEV-RJ - Tudo.

PAULO MALHÃES: ... no dia em que...

CEV-RJ - E os outros?

PAULO MALHÃES: Os outros, que não se tornaram informantes, havia uma lei clássica.

CEV-RJ - Já existia o bolo da cere... a cereja do bolo, aí?

CEV-RJ - Qual era a lei, coronel?

PAULO MALHÃES: Hum? A cereja do bolo não existia.

CEV-RJ - Qual era a lei, coronel?

PAULO MALHÃES: É que, já que você não tem proveito nenhum, e sabe de tudo. É o que eu estou dizendo que é guerra... Não vai atrapa-lhar. É o que eu disse para vocês que tem que mostrar... que foi uma guerra. Ah, a guerra é suja. Toda guerra é suja.

CEV-RJ - Mas, isso..., mas, isso, foi denunciado, coronel, porque as organizações iam...

PAULO MALHÃES: Mixando... até que chegamos a limpar praticamente o cenário nacional. Quando o idiota do João Figueiredo passou o comando de presidente. Ele passou o Brasil praticamente limpo. Eu disse isso para ele. 'Ah, mas eu tenho... aflorou em mim recordações, porque meu pai também foi exilado, foi preso, foi exilado então passou recordações para mim.' 'Presidente, aquela era uma época. Essa já é outra época. O senhor está pensando que o senhor é presidente da República por quê? Por que seu pai foi exilado?' Ele era de cavalaria, igual a mim. Já tinha servido comigo.

CEV-RJ - O senhor era mais novo que ele?

PAULO MALHÃES: Muito mais novo (estala os dedos). Então eu disse para ele, isso. ‘Eu não posso admitir que o senhor faça isso’.

CEV-RJ - O senhor falou isso no Planalto ou em outro lugar?

PAULO MALHÃES: Não. Em um lugar reservado.

CEV-RJ - Para o Figueiredo?

CEV-RJ - Para o Figueiredo.

CEV-RJ - Coronel, mas o senhor lá, lá no sítio de Jacarepaguá, aí o senhor ... o senhor viu a utilidade disso? .

PAULO MALHÃES: Isso. Aí, eu fiz....

CEV-RJ - E o senhor conseguiu convencer as outras pessoas da utilidade disso?

PAULO MALHÃES: Consegui fazer propaganda desse negócio. ‘Vamos criar aparelhos, gente. Olha o americano, o inglês. Todo mundo cria aparelho’.

CEV-RJ - Que logo em seguida o senhor conseguiu capturar o Apolônio? Foi... assim, o senhor viu, o negócio funciona e é rápido?

PAULO MALHÃES: Funciona e rápido. Funciona e rápido. Quando o informante é bom funciona e rápido. E o Apolônio também estava curioso para saber o que aconteceu com ele e com os outros. Então, ele foi ao encontro.. marcou um encontro com ele e..

CEV-RJ - Fatal.

PAULO MALHÃES: Fatal. O encontro com o Apolônio foi fatal. Depois eu me arrependi de uma porção de coisa mas, aí já era tarde. Eu gosto de ver um homem. Um homem de palavra, um homem que honra.

CEV-RJ - E o senhor acompanhou ele depois? O senhor sabia da prisão dele, como ele saiu da prisão, o senhor lembra disso?

PAULO MALHÃES: Não, eu me lembro que ele foi trocado. Depois eu soube que ele estava em Paris, tomando vinho com os antigos maquis, franceses, amigos dele. Aí ele já me disse que ele está de volta.

CEV-RJ - Não, ele morreu.

NADINE - Ele morreu, já.

PAULO MALHÃES: Morreu.

CEV-RJ - Isso que o senhor falou, PCBR não era muito grande. Mas, da outras organizações daquela época, foi muito rápido. Quando o senhor se deu conta, da estratégia essa do sítio, o senhor convenceu os superiores disso. E o senhor teve aval para isso aí?

PAULO MALHÃES: Tive. E não foi só eu que briguei por essa ideia, não. O que eu disse para você, nós éramos cinco, sete. Sete contando com o coronel e um outro major. Nós éramos sete. Esse coronel também era um cara muito inteligente. E este coronel argumentou, junto comigo, da necessidade de ter uma operação dado certo e isso tinha sido ensinado no exterior, a problema do aparelho. O americano usa muito, embora perca... eu achei, aqui no Brasil, uns cinco infiltrados americanos desertores. E o americano que era meu contato....

CEV-RJ - O senhor lembra como é que foi a prisão do Apolônio?

PAULO MALHÃES: Ah, mais ou menos. Eu sei que ele disse que já que ele tinha caído a organização dele não tinha valor nenhum. Ele disse isso. Mas, ..

CEV-RJ - Que ele não podia cair, né?

PAULO MALHÃES: Ele não podia cair.

CEV-RJ - mas, o senhor prendeu ele, como? Ele ia num encontro, em um ponto, numa reunião?

PAULO MALHÃES: Ele ia num encontro, num ponto.

CEV-RJ - Num encontro?

PAULO MALHÃES: Num encontro, um ponto²³.

CEV-RJ - Com aqueles que o senhor tinha prendido?

PAULO MALHÃES: Porque, ele..., ele já que tinha aparecido um cara solto, um cara que não tinha... solto, um cara que disse que fugiu, hun? O cara conseguiu fugir dele, tinha fugido nada, nós tínhamos soltado mesmo... e então ele queria saber o que tinha acontecido.

CEV-RJ - Com os outros

PAULO MALHÃES: Como é que os caras tinham sido presos, como é que, por que foi? Quem foi? Como foi? E tal. Então, ele marcou um ponto com o cara. Só que quem estava cobrindo o ponto não era o cara, era eu. Eu não. Tinha muito mais gente. Aí surgiu a historia dos aparelhos. Até a gente conseguir equilibrar... porque o aparelho é uma coisa muito complicada. Primeiro você tem que ter um guarda, um caseiro, de absoluta confiança. Esse que a Inês Etienne diz que estu... deflorou ela.

CEV-RJ - O Camarão? O Camarão era o caseiro?

PAULO MALHÃES: Era. Então, tinha que ter isso. Tinha que ter uma estrutura para apoiar aquilo. Dinheiro, não é? Em disfarçar o aparelho. O de Petrópolis, como era a minha paixão, primeiro assim que eu fui ocupar..

CEV-RJ - Mas, depois do sítio, o senhor já idealizou Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não, não idealizei Petrópolis, idealizei aparelhos. Aí como ele sabe, o dono da casa de Petrópolis é amigo de um general. O general Coelho Neto foi lá, falou com ele. Ele disse, 'eu tenho uma casa vazia, assim, assim, assim'. 'Ah, deve servir'. Aí, nós fomos lá e dissemos, serve.

23 Aqui há uma contradição com o que o próprio Apolônio descreveu sobre a sua prisão na entrevista dada ao Pasquim. Ele, na verdade, segundo me lembro, teria ido a um ponto e mesmo sem que o contato tivesse aparecido, descuidando da segurança, como admitiu, foi a um aparelho que tinha sido descoberto. No aparelho ou pouco antes de chegar ao mesmo, ele foi cercado e preso.

CEV-RJ - Nessa época o Coelho Neto era o chefe de gabinete do Silvio Frota?

PAULO MALHÃES: Não, ele era chefe de gabinete do Milton Tavares.

CEV-RJ - O Milton Tavares ...

PAULO MALHÃES: Era o chefe do CIE.

CEV-RJ - CIE.

CEV-RJ - Aí tá, monta a ideia dos aparelhos, vingou.

PAULO MALHÃES: Vingou. E daí em diante foi sempre a mesma coisa.

CEV-RJ - E essa estrutura. Porque, precisa do guarda, precisa de dinheiro, precisa ser um lugar discreto...

PAULO MALHÃES: Tudo isso a gente estudava.

CEV-RJ - Mas, vocês tinham dinheiro para isso. Estrutura do Exército para bancar isso. Isso não era um problema?

PAULO MALHÃES: Não era problema. Embora reclamassem até um pouco, mas não era problema. Eu tinha um cartão de crédito que eu podia tirar quanto eu quisesse. Um cartão de crédito sem limite. Então, não era problema.

CEV-RJ - E eram pessoas que o senhor preparava para isso, não?

PAULO MALHÃES: Para ocupar os aparelhos?

CEV-RJ - É, para estar lá, tipo o guarda?...

PAULO MALHÃES: É, preparava ... a gente aproveitava a mão de obra que a gente tinha, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a gente, pela própria mão de obra que a gente tinha, a gente sabia de outras pessoas que poderiam exercer esta função. Às vezes com acerto e às vezes com erros, nós escolhemos. Eu não posso dizer para você, 'Ah,

foi uma maravilha, acertamos todas que nós ...? Não, com acertos e com erros, nós... não tem jeito. Você lidar com o ser humano é a pior coisa do mundo.

CEV-RJ - Mas, a ideia dessas casas, apartamentos, que o senhor falou..., ah, sei lá, Olinda, a chácara, o sítio...

PAULO MALHÃES: Não. Você tem que entender o seguinte, nunca podia ser um lugar muito movimentado, nem podia ter vizinho... Por exemplo, deixa eu te contar uma história. O de Petrópolis, atrás, no de Petrópolis, morava um alemão e uma alemoa, que era a irmã dele, e morava a mãe, que era louca. Ele vivia até de renda que o pai dele deixou no Banco do Brasil. Então ele se tornou, acabou se tornou amigo nosso. Ele..., eu conseguia, ele conseguia entrar no prédio, na casa que era do lado da casa dele e não ver ninguém. Tanto que se hoje você chegar e perguntar dele, mas sua casa vivia cheia, acho que até perguntaram a ele, quando ele estava vivo, não sei se ele morreu, 'é o senhor nunca viu nada?' 'Nunca vi nada. Eu vi muita festa, aqui. Davam muita festa eles'. Eu dava festas...

NADINE - Mas, coronel, quais foram as outras organizações que o senhor conseguiu, naquele período, porque foi um período muito curto de tempo, se a gente pensar cinco anos, seis anos....

PAULO MALHÃES: É, por aí

CEV-RJ - ... quais as que o senhor conseguiu ter êxito, assim? Porque PCBR teve êxito. PCBR foi uma organização que, como disse o próprio Apolônio, 'eu cai, vocês acabaram com agente'.

PAULO MALHÃES: Não, 'acabou a minha organização'. (02:01:18)

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: 'Um general não pode cair na frente do seu Exército'.

CEV-RJ - Da tropa. Mas, que outros, coronel, desse período. Molipo, por exemplo, teve? A VAR... quais que para o senhor, que eu sei que era no país inteiro, mas que o senhor..

PAULO MALHÃES: A VAR não era muito forte no Rio de Janeiro.

CEV-RJ - Mas, aqui, o que tinha mais peso aqui, para o senhor assim?

PAULO MALHÃES: Era o PCBR,... a ALN, o PCdoB..., o partidão, mas o partidão a gente só atacou no fim, quando não tinha mais ninguém para atacar. Deixa eu ver quem mais..... é, MR-8, tinha grupo de fogo. Tinha outras organizações. A AP, por exemplo, a AP, já que você fala tanto no DOI, a AP ficou quase na mão do DOI. Quem derrubou a AP, foi o DOI. Não fomos nós. Nós não queríamos nem escutar falar em AP.

CEV-RJ - Mas destas que estavam com o senhor, qual foi o resultado, coronel, prático?

PAULO MALHÃES: Ah, não. Ai foi.... Não foi trabalho só aqui em Petrópolis, foi trabalho no Brasil inteiro.

CEV-RJ - Mas, é aquilo, a representação regional mapeia, o senhor mantendo essa estratégia?

PAULO MALHÃES: Mapeia, a gente pegava a organização regional, aí descobriam um cara em São Paulo. Isso a gente, não tinha nada ...

CEV-RJ - Mas o senhor tinha gente lá ou o senhor, ia até lá.

PAULO MALHÃES: Aí eu ia para lá. Porque a OBAN lá era muito ciumenta. A OBAN, você entrava lá a OBAN dava cada pulo desse tamanho. Então eu ia para lá...

CEV-RJ - O senhor tinha autonomia também para isso.

PAULO MALHÃES: Tinha. Total. Então, eu ia para lá, levava uma equipe comigo, como levei para Santa Catarina, para o Paraná, para o Rio Grande do Sul, para aonde mais? Para Mato Grosso, para o nordeste quase inteiro, Goiás....

CEV-RJ - Mas era por organização, coronel?

PAULO MALHÃES: Não. Caía na rede. A rede era lançada, aí de repente surgia a notícia, 'oh, um cara do comando central do PCdoB

está em Pernambuco, ele já está identificado, o infiltrado identificou ele, sabe onde ele mora..

CEV-RJ - Mas, o infiltrado era do PCdoB?

PAULO MALHÃES: O infiltrado era no PCdoB.

CEV-RJ - Mas, peraí. Mas era alguém do PCdoB que o senhor tinha virado?

PAULO MALHÃES: Já tinha virado, aqui no Rio.

CEV-RJ - Aí estava lá?

PAULO MALHÃES: Estava lá. O cara para... Porque você ainda tem que programar a saída, do cara. O cara é preso, eu já disse, em um dia fizemos um cara em doze horas, dez horas, sei lá. Mas, normalmente, você... o cara estava preso, tinha desaparecido um período de tempo, você tinha que dar a razão dele reaparecer. Então, normalmente ele não reaparecia no mesmo estado em que ele tinha sido preso. Ele ia reaparecer em outro, ele ia dizer que não conseguiu..., que fugiu, entendeu?

CEV-RJ - Criava uma..

PAULO MALHÃES: Contava uma história, e tal, a gente ensinava ele a contar história de que estava em outro estado e lá ele era, normalmente, convocado pelos caras do partido para contar a história. Todo mundo é curioso, todo mundo quer saber 'qual foi a sua história, como é que foi?'. Então, aí a gente pulava de estado em estado.

CEV-RJ - E dava certo?

PAULO MALHÃES: E dava certo.

CEV-RJ - E era assim, o senhor só saía quando o senhor cumpria a sua tarefa?

PAULO MALHÃES: Eu fiquei 30 dias preso...

CEV-RJ - Aonde?

PAULO MALHÃES: Em Pernambuco. Para ganhar um infiltrado.

CEV-RJ - De que organização?

PAULO MALHÃES: PCdoB.

CEV-RJ - Olinda?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - E o senhor se passou como o quê para ficar preso?

PAULO MALHÃES: Preso.

CEV-RJ - Mas, preso por conta do quê?

PAULO MALHÃES: Político.

CEV-RJ - De que organização o senhor?

PAULO MALHÃES: PCB, partidão, o mais fácil. Discutir partidão é a coisa mais fácil do mundo.

CEV-RJ - E o cara caiu?

PAULO MALHÃES: E o cara foi, foi indo, foi indo, foi indo...

CEV-RJ - Em unidade militar?

PAULO MALHÃES: Não, presídio mesmo. Ai o cara foi indo, foi indo, foi indo até que eu propus um trabalho a ele. Ele aceitou. Aí eu fiz ele ir rápido para a Auditoria, na Auditoria ele ser absolvido por falta de provas. Aí, ele caiu no mundo. Aí eu comecei a acompanhar ele. Aí é que você vai ver se deu certa a sua cantada.

CEV-RJ - E deu?

PAULO MALHÃES: E deu.

CEV-RJ - O senhor acompanhou ele no Rio, ou lá em Pernambuco?

PAULO MALHÃES: Não, lá em Pernambuco.

CEV-RJ - A rede de influência dele era lá, coronel?

PAULO MALHÃES: A rede dele era lá. Eu prendi o comando nacional lá.

CEV-RJ - Logo em seguida?

PAULO MALHÃES: Não tão em seguida. Até ele se readaptar, passaram a aceitar ele como não infiltrado. E a esquerda também acordou para isso, né?

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Lógico que a esquerda ia acordar.

CEV-RJ - Esse cara está vivo até hoje, ou ele foi descoberto?

PAULO MALHÃES: Ele foi descoberto. Não foi descoberto. Ele foi acalguetado, por um sargento. O chefe da OBAN...

CEV-RJ - Ele está vivo ou morreu?

PAULO MALHÃES: O chefe da OBAN?

CEV-RJ - Não, esse que...

PAULO MALHÃES: Esse sargento eu acho que ainda está vivo, ainda saiu uma notícia dele em um jornal, não tem muito tempo não. Esse menino da OBAN... o coronel não, o coronel²⁴ se matou quando soube que ele tinha contado quem era o infiltrado.

CEV-RJ - Esse é aquele que o senhor levou o seu chefe lá para conversar com ele, o infiltrado?

PAULO MALHÃES: O infiltrado..., é que veio o meu chefe, mais esse sargento, que eu não entendi para que – acho que o sargento era cupincha dele – e, ele veio para ir..., para me encontrar, provar para

24 Trata-se do coronel, Ênio Pimentel Silveira, ex-chefe da OBAN, que se matou no quartel, como o Malhães identificará mais adiante..

ele, que eu tinha um infiltrado daquele nível no PCdoB. Ele era um chefe novo...,

CEV-RJ - O tal que se matou por conta de mulher?

PAULO MALHÃES: Ele, ele acreditava muito na OBAN. Foi chefe da OBAN.

CEV-RJ - Em São Paulo?

PAULO MALHÃES: Em São Paulo. Então ele disse, 'Malhães, eu não posso aceitar que você tenha um infiltrado nesse nível'.

CEV-RJ - Mas por que, coronel?

PAULO MALHÃES: 'O senhor agora é meu chefe'..

CEV-RJ - Ele era chefe do CIE, geral?

PAULO MALHÃES: Não. Era chefe da seção de operações.

CEV-RJ - Mas, por que, coronel? O que ele quis dizer com isso para o senhor?

PAULO MALHÃES: Que.... eles dá OBAN é que eram os maiores.

CEV-RJ - Concorrência.

PAULO MALHÃES: Então ele achou que se eles da OBAN não tinham um infiltrado a esse alto nível, eu também não poderia ter.

CEV-RJ - Como é que o senhor saiu dessa?

PAULO MALHÃES: Eu levei ele.

CEV-RJ - Foi o tal que o infiltrado depois reclamou com o senhor?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - E que o sargento, depois que o coronel morreu, entregou ele?

PAULO MALHÃES: É, isso mesmo.

CEV-RJ - E o infiltrado, morreu?

PAULO MALHÃES: Não sei se o PCdoB matou ele. Acho que não. Ele era deputado estadual. Ele é médico, agora vocês vão identificar ele. Ele é médico, foi deputado estadual por Recife, na época em que aquele comuna foi governador.

CEV-RJ - Miguel Arraes?

PAULO MALHÃES: Miguel Arraes foi governador e ele estava muito bem no PCdoB. Ai esse sargento, como o peixe dele morreu, o coronel morreu....

CEV-RJ - Lá em Brasília?

PAULO MALHÃES: Não, ele se matou foi em Santos, em um quartel de artilharia.

CEV-RJ - Dentro do quartel?

PAULO MALHÃES: Matou dentro do quartel.

CEV-RJ - Tornou-se público isso?

PAULO MALHÃES: Tornou-se público. Então, ele... ele ficou desamparado, porque ele não era muito bem quisto. Por ser colado com o coronel chefe, ele ficou mal- quisto. E, em represália, ele abriu quem era o cara. Pelo menos, foi o único cara em que ele foi comigo,... não sei se ele foi com mais alguém. Eu perdi....

CEV-RJ - Ele abriu para a imprensa?

PAULO MALHÃES: Não, não ... Ele abriu para a imprensa. Fulano de tal é infiltrado.

CEV-RJ - Coronel, mas isso das organizações... o PCdoB, o senhor conseguiu no país inteiro ou eram algumas coisas locais?

PAULO MALHÃES: Não, quase no país inteiro.

CEV-RJ - O PCdoB, das outras, não?

PAULO MALHÃES: Não, não posso dizer que foi tudo PCdoB, era meio variado.

CEV-RJ - Não, do PCdoB, em que estados o senhor conseguiu?

PAULO MALHÃES: São Paulo, Rio de Janeiro, esse caso, mas não eram regionais, não. Era o comando.

CEV-RJ - Tinha uma liderança nacional.

CEV-RJ - Pois é, esse de São Paulo foi que lhe deu a dica para a queda do pessoal da Lapa?

PAULO MALHÃES: Não, foi outro.

CEV-RJ - E foi o senhor que ajudou o Fleury a derrubar a Lapa, ou o Fleury levantou isso sozinho?

PAULO MALHÃES: Não. O Fleury era um excelente cara. Eu gostava dele. Mas, tinha muita coisa que a gente entregava para ele. Faz. Preso, mata, faz o que você quiser, eles são teus. Eu nem me metia.

CEV-RJ - Mas, por que não, se isso daria prestígio ao seu serviço, inclusive, internamente?

PAULO MALHÃES: O meu serviço...

CEV-RJ - ...derrubar a cúpula do partido PCdoB?

PAULO MALHÃES: Eles não chegaram a derrubar a cúpula.

CEV-RJ - Coronel, mas do PCdoB, a... o senhor falou...

PAULO MALHÃES: Não chegaram a derrubar a cúpula.

CEV-RJ - Mas pegaram gente importante na Lapa.

CEV-RJ - O senhor falou lá de Olinda, falou do Rio, São Paulo. O senhor conseguiu infiltrar alguém lá no Araguaia?

PAULO MALHÃES: Lá no Araguaia sim, e não tinha um só não. Tu já imaginou..., vou fazer a conta pra você. Conhece o estado do Pará, né? É entre...

CEV-RJ - Mas, o senhor teve que ir lá ou o senhor fez isso daqui: O senhor foi lá naquela coisa dos mateiros, foi lá que o senhor fez?

PAULO MALHÃES: Não, fiz aqui.

CEV-RJ - E mandou para lá.

PAULO MALHÃES: Eu não mandei, quem mandaram foram eles.

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Né?

CEV-RJ - Mas, como é que o senhor escolheu alguém que seria mandado para lá?

PAULO MALHÃES: Pelas escutas.

CEV-RJ - Sim, mas aí o senhor fez aqui. Aí mandaram para lá.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Vamos lá, o Estado do Pará, me conta.

PAULO MALHÃES: Até era gozado, porque o general uma vez perguntou, 'Malhães, como é que você marca pontos com eles, atrás de uma árvore, situado e tal?' Lá não tem lugar para marcar ponto. Eu disse, 'numa cidade. Escolhe uma cidade, distante daonde ele está atuando, e vai se encontrar nessa cidade, em um bar, em um pu.. , num rendez-vous'. Eu gostava muito de marcar encontro em rendez-vous, porque ninguém está ligado em ninguém, todo mundo geralmente, né?

CEV-RJ - Sim

PAULO MALHÃES: Então... e o ponto mais reconhecido da cidade, qual é? Se você chegar lá na cidade, você não conhecia nada na cidade,

CEV-RJ - Eram todos homens, coronel?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - Esses lá do Araguaia, era todos homens?

PAULO MALHÃES: É. Mulheres eu tive muito poucas. Eu não gostava ... são duas... eu sou homofóbico, né? já por natureza. Mas tem dois tipos de gente que eu não suporto nem interrogar. Eu, homofóbico, é viado, gay e mulher. Eu acho a mulher muito difícil de ser interrogada. Porque ou você fica com vontade e bota logo o focinho dela para dentro, ou então você para e desiste. Ela chega a ser às vezes, gozativa conversando com você. Ela brinca com você. A mulher, o sentimento de amor dela para com o macho dela - macho eu falo marido, amante, seja lá o que for - é muito grande. O mais difícil é você fazer uma mulher entregar o marido dela. O marido dela entrega ela em cinco, dez minutos. Mas, ela entregar o marido?

CEV-RJ - Morre e não entrega.

PAULO MALHÃES: E o viado é a mesma coisa. Então, geralmente quando era mulher, todo mundo queria interrogar mulher, (inaudível) não, pode interrogar...

CEV-RJ - Mas, coronel, vamos voltar lá para a selva.

CEV-RJ - O senhor estava falando do estado do Pará. Para se entender o estado do Pará ...

CEV-RJ - o senhor esteve lá. O senhor esteve lá durante e o senhor esteve lá depois que acabou a guerrilha também.

PAULO MALHÃES: É provável. (02:16:10)

CEV-RJ - ... os cara estiveram lá três anos. Foram bem antes, foram em 69, 70 já estavam lá ...

PAULO MALHÃES: é o Lincoln Cordeiro Orest

CEV-RJ - Oswaldão...

PAULO MALHÃES: foi implantando gente lá. Porque...

CEV-RJ - Eles começaram ir para lá, em 68, 69 já tinha gente lá, mas quando eles assumiram foi em 72..

PAULO MALHÃES: E, e, e há uma razão de ser, porque deles estarem lá ... porque onde há mais litígio entre posseiros, grileiros e donos de fazenda, então o ambiente é propício...

CEV-RJ - Não, toda aquela região do bico do papagaio ali era....

PAULO MALHÃES: ... todo, todo ... é propício a você incrementar um germenzinho, né? para que ele se multiplique, né?... o germe se multiplica com uma velocidade muito grande. Então ..

CEV-RJ - Coronel, esse pessoal que o senhor infiltrou e foi daqui, eles foram... já tinha gente lá. O senhor já sabia ...

PAULO MALHÃES: Já tinha gente lá.

CEV-RJ - ... eles foram... mas isto, o quê? 70. Já tinha Petrópolis também? A técnica o senhor já estava usando...

PAULO MALHÃES: Petrópolis já.

CEV-RJ - Mas, foram quantos, coronel? Não precisa me dizer quem foi. Foram muitos? Dez? Cinco?

PAULO MALHÃES: Mais ou menos. De dez a quinze.

CEV-RJ - E o senhor dividiu pelos destacamentos? Deles lá, por aquelas regiões que eles tinham lá.

PAULO MALHÃES: Não, isso era sorte. Porque eles é que distribuíam...

CEV-RJ - Ah, não tinha como o senhor interferir?

PAULO MALHÃES: Não tinha como eu interferir.

CEV-RJ - E lá, como é que o senhor fazia lá?

PAULO MALHÃES: Aí é o que eu te digo, é marcar o ponto. Você tem uma forma de mandar um telegrama, uma forma de mandar

uma carta, com um endereço não suposto. Suposto que é da sua prima, com um ponto. Não fica tão difícil assim. É demorado...

CEV-RJ - O senhor esteve lá quantas vezes?

PAULO MALHÃES: A, uma porção. Porque também não se dava muita precisão de como atuar ali. Você tinha noção de aonde eles estavam mais forte. Aí, então, ali você entrava com as zebras.

CEV-RJ - É, o senhor falou.

PAULO MALHÃES: Porque não existe – outro erro do americano – não existe uma tropa fardada combatendo a tropa guerrilheira.

CEV-RJ - Eu só não entendi esse marcar ponto. O senhor mandava carta para quem?

PAULO MALHÃES: Ele mandava carta para o Rio de Janeiro com endereço que seria de uma prima dele.

CEV-RJ - Da família, de alguém da família...

CEV-RJ - Ele é quem mandava

PAULO MALHÃES: Ele é que mandava (02:18:54)

CEV-RJ - Com endereço seu.

PAULO MALHÃES: Com endereço meu. Aí eu sabia que dia era o ponto, que horas...

CEV-RJ - Então, ele é que marcava o ponto.

PAULO MALHÃES: Só podia ser ele.

CEV-RJ - E se ele sumisse? Aconteceu de algum deles sumir?

PAULO MALHÃES: Aconteceu.

CEV-RJ - Sumiu por que fugiu? Sumiu por que foi preso por outro grupo?

PAULO MALHÃES: Sumiu até porque descobriram que ele era infiltrado. Eu tenho um caso anotado que é uma grande perda para mim. É o caso do Paraná.

CEV-RJ - Sim. Mas eu estou falando lá no Araguaia. Alguém foi descoberto?

PAULO MALHÃES: Deve ter sido.

CEV-RJ - O senhor teve infiltrados que sumiram, lá no Araguaia?

PAULO MALHÃES: Tive.

CEV-RJ - Morreram?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Os que não sumiram, que ajudaram, sobreviveram?

PAULO MALHÃES: Sobreviveram.

CEV-RJ - E aparecem hoje como ex-guerrilheiros do Araguaia.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas o PCdoB sabe quem são os ex-guerrilheiros.

PAULO MALHÃES: Não, eles podem saber, mas eles aparecerem.... Porque o PCdoB na parte de estru... porque não tem só o PCdoB. Não vamos ... Você está discutindo PCdoB não vou eu também veranejar por aí. Ele... Eles não pretendem montar mais outra área de guerrilha, então os caras estão mais ou menos dentro do partido, podendo ser chamados a qualquer hora para vir trabalhar para a gente. Quer dizer, eu posso chamar a qualquer hora para trabalhar para mim. Para isso eu preservei eles e preservo. Não sei, eu vou morrer, né? Estou perto do meu fim. 76 anos, já... Já é uma idade relevante, posso considerar ela minha neta sem que ela ache que isso seja uma cantada para ela. Pelo amor de Deus, não pense nunca nisso.

CEV-RJ - Eu sei, é verdade, o senhor tem idade para ser meu avô (02:20:58)

CEV-RJ - Me tira uma dúvida. Acabou a guerrilha. O senhor liberou os ...

PAULO MALHÃES: Todo mundo.

CEV-RJ - ... os seus informantes. Eles foram fazer o que da vida?

PAULO MALHÃES: Fazer o que eles faziam normalmente, já. Ninguém é informante e fica com carteirinha de informante passeando.

CEV-RJ - Coronel, mas, eu não queria perder o negócio do Araguaia.

CEV-RJ - Então volta.

CEV-RJ - Se o senhor me bota lá...o senhor falou, mais ou menos uns dez, aquele tempo até... até ser considerado, 75, que foi a última operação lá, que aí se considerou que se desmantelou mesmo, se acabou com a guerrilha, a... o senhor acompanhou isso até o final?

PAULO MALHÃES: Até o final.

CEV-RJ - Mas, assim..., naquele momento assim, vocês achavam que aquilo podia vingar?

PAULO MALHÃES: Não. Quando nós chegamos, quando se tivemos notícia a primeira vez que havia uma área preparada no rio Araguaia, no Pará....

CEV-RJ - Isso que eu queria saber, o que foi o Araguaia para o senhor? O que foi aquilo, assim, na história? Quando o senhor chegou lá.. como é que o senhor entendia isso, assim?

PAULO MALHÃES: Entendia ...

CEV-RJ - Eram tão poucos, coronel?

PAULO MALHÃES: Entendia como um movimento buscando seguir o maoísmo. Como tinha... não quis falar, mas tinha a guerrilha do Araguaia, a guerrilha de Caparaó, tinha a guerrilha de Três Passos, tinha a guerrilha Daqui de São Paulo, do Vale da Ribeira, tinha ... guerrilha mais aonde, meu Deus?

CEV-RJ - Lá no Maranhão, teve uma tentativa.

PAULO MALHÃES: Não, no Maranhão era a subida do PCdoB. Eles pretendiam... nós chamávamos de Operação Fogueira, porque a gente botava uma fogueirazinha em cada lugar que a gente tinha achado eles. A gente botava, na aranha, em vez de ser uma bolinha com nome, era uma fogueirinha significando que ali tinha gente, tinha naquela área gente em atuação. Porque é difícil...

CEV-RJ - Mas, olhando para o passado, que a a guerrilha do Araguaia, ela teve uma visibilidade muito grande....

PAULO MALHÃES: Era notificada pelo exterior, pelos países comunistas, da Europa comunista..

CEV-RJ - Mas, aí, quando acabou, coronel, lá? O destino lá, entendeu? Tem essa coisa da, da... da cagada do Alto da Boa Vista, a cagada da, da, do Recreio, da Barra. Isso aconteceu também no Araguaia? De o senhor ter que ser chamado para ...

PAULO MALHÃES: (fica pensando) Isso acontece sempre. Acontece sempre. Registro, aconteceu.

CEV-RJ - Foram muitos, lá no Araguaia?

PAULO MALHÃES: É, tinha bastante gente. Encontrável foram relativamente muitos. Encontrável, não quer dizer que nós encontramos todo mundo.

CEV-RJ - Teve uns que???

PAULO MALHÃES: Se perdeu, no tempo e no espaço, né? Mas, encontráveis foi rela... eles eram 147, não é isso?

CEV-RJ - O que as famílias falam, que as famílias reconheceram, é em torno de 70.

PAULO MALHÃES: É, mas eram 147. Né? Mais ou menos. Vamos dizer, com dois que foram salvos. Não chegaram a entrar na guerrilha, saíram antes de entrar. Porque, era um absurdo aquelas crianças

estarem, sem conhecer a mata, criadas em São Paulo, no asfalto, você mandar uma criança dessas, para o meio do mato, para enfrentar uma guerra. Né? Então, eu graças a Deus tive essa oportunidade de tirar um. De ter pensado que, realmente, estava errado. Eu encontrei um garoto, garoto, chorando na beira do rio, com vestimentas que não são normais no lugar, quando era sabido que tinha chegado uma comitiva do PCdoB em tal ci.. em Aragarina, para ser lançado, eu só podia saber que ele era guerrilheiro.

CEV-RJ - E o senhor conversou com ele?

PAULO MALHÃES: Então, eu tive aquela celebre dúvida. Mato ou não mato? Aí, ele olhou para mim, eu de arma na mão, ele de cócoras, assim chorando. Eu disse, ‘rapaz, o que você está fazendo aqui?’ ‘Ah, me mandaram para cá. Eu não sei o que eu vim fazer aqui. Não conheço nada disso.’ (relata imitando voz chorosa) E aquela zoadada de helicópteros passando para baixo, para cima...

CEV-RJ - Foi um contingente muito grande, né?

PAULO MALHÃES: É. Nós tínhamos um contingente de aeronaves grande. Helicóptero passando, fazendo aquela zoadada. Aí que o garoto aloprou mesmo. Aí eu conversei com ele. ‘O que você veio fazer aqui?’ ‘Ah, eu fui ... mandaram eu vir para cá para brigar com os militares.’ ‘Meu filho, o que você entende, o por que isso?’. O garoto não tinha formação nenhuma, não tinha qualificação nenhuma. Não tinha nada. ‘Você quer voltar para casa?’ Ele disse, ‘quero’ “Você não vai mais voltar para brigar com os militares?’ Ele disse, ‘não’. Então eu vou te mandar para casa.

CEV-RJ - E o senhor acreditou?

PAULO MALHÃES: Acreditei. Peguei ele, levei ele pro puteiro, entreguei lá à puta que eu conhecia. ‘Toma conta desse garoto, não deixa ele sair, não deixa nada, até eu voltar’. Aí, fui continuar o resto, e tal. E alguém mais tinha feito isso com outro garoto.

CEV-RJ - Esse garoto tinha quantos anos?

PAULO MALHÃES: Ah, devia ter uns 14 anos.

CEV-RJ - Só?

PAULO MALHÃES: Só. Tinha cara de garoto.

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Eu só não atirei por causa disso. Ele tinha cara de garoto.

CEV-RJ - Menino.

PAULO MALHÃES: Se eu olhasse..., eu olhasse e era você chorando na beira do rio, na certa que você tinha levado um tiro. Mas, ele não. Chorando.

CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor falou assim, 'é certo que dava um tiro', por que é assim, a ordem lá, essa coisa de infiltrar, isso aí não, porque isso era (inaudível)

PAULO MALHÃES: Não tinha

CEV-RJ - Lá, era encontrar e matar.

PAULO MALHÃES: É, lá não tinha... lá, eu aprendi muito. Eu, por exemplo, hoje talvez eu não saiba mais. Eu sei a que horas, quantas horas passou um cara por aqui, por esse lugar..

CEV-RJ - O senhor falou, que os mateiros...

PAULO MALHÃES: ...por causa dos mosquitinhos. O suor, seu,

CEV-RJ - É, o senhor falou

PAULO MALHÃES: ... larga nas folhas e os mosquitinhos ficam lá...

CEV-RJ - Mas, o garoto voltou para a terra dele?

PAULO MALHÃES: Voltou.

CEV-RJ - De ônibus, de avião, de carro, de quê?

PAULO MALHÃES: (inaudível)

CEV-RJ - O senhor despachou ele como?

PAULO MALHÃES: Voltou de avião.

CEV-RJ - Dos senhores?

PAULO MALHÃES: Não, avião de carreira normal.

CEV-RJ - E ele... o senhor se encontrou com ele depois?

PAULO MALHÃES: Encontrei.

CEV-RJ - O que ele fez da vida dele?

PAULO MALHÃES: Foi seguir os estudos dele normais. Deixou de ser herói.

CEV-RJ - E aí, o senhor lembra que carreira ele seguiu?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ele te agradeceu. Como é que foi?

PAULO MALHÃES: Pois é, me agradeceu, disse para mim, 'o senhor me tirou de uma fria. Fui combater os militares e os militares acabam não me combatendo'.

CEV-RJ - Coronel, mas por que demorou tanto, lá, coronel? Lá no Araguaia?

PAULO MALHÃES: Porque, é aquilo que eu te disse, a esta....., a extensão quilométrica. Olhar para o Pará e dizer, 'olha, acharam seten... - você disse setenta? 'Acharam setenta pessoas aqui', você vai dizer, 'é mentira'.

CEV-RJ - Sim, não tem como.

PAULO MALHÃES: Não tem como achar 70 pessoas lá.

CEV-RJ - Coronel, o senhor lembra a última vez que o senhor voltou lá, depois que acabou a guerrilha?

PAULO MALHÃES: Não. As recordações terríveis eu não gosto de lembrar. Mas, .. (02:31:32)

CEV-RJ - Lá o senhor fez desenterro, também?

PAULO MALHÃES: Não sei, provavelmente.

CEV-RJ - E levou para aonde?

PAULO MALHÃES: Não tem pra onde levar. Vai levar para aonde? Enterrar em outro lugar lá no meio do mato?

CEV-RJ - Voltamos à conversa inicial.

PAULO MALHÃES: Não, não sairemos dela.

CEV-RJ - Tá, então tá, a gente deu uma passeada, como o senhor disse, uma passeada pelo PCdoB...,

CEV-RJ - Eu queria, aqui, voltar no tempo.

CEV-RJ - Pelo PCBR,

CEV-RJ - ...voltar no tempo. PCBR, ainda no Mario Alves. O Mario Alves o senhor disse que acompanhou, soube que ele foi preso e ele morreu. No Mario Alves ainda não tinha o bolo da cereja. Os senhores não tinham discutido como fazer sem deixar rastros. O que vieram alguns meses, ou muitos meses – o senhor não especificou se alguns ou muitos – depois do Rubens Paiva, que foi um ano após o Mario Alves.

PAULO MALHÃES: Mas, o Rubens Paiva é um fator extemporâneo.

CEV-RJ - Extemporâneo, mas ali os senhores descobriram o bolo da cereja, a cereja do bolo.

PAULO MALHÃES: Não, a gente já tinha descoberto a cereja do bolo.

CEV-RJ - O Mario Alves, o que que foi ...O DOI que cuidou do corpo?

PAULO MALHÃES: (Há um murmúrio que parece ser) Também.

CEV-RJ - O senhor sabe que fim, coronel, que deram com ele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Foi vala comum? foi...

PAULO MALHÃES: Para mim, a mania que eles tinham, era enter-
rar.

CEV-RJ - No meio do mato?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Na floresta da Tijuca? E por que floresta?

PAULO MALHÃES: Porque fica mais difícil você achar.

CEV-RJ - Mas, se foi... na beira da estrada?

PAULO MALHÃES: Não, na beira da estrada foi uma besta.

CEV-RJ - Foi um erro, né?

PAULO MALHÃES: Foi um erro. O próprio reconheceu. Mas ele
disse que estava afobado.

CEV-RJ - Coronel, o senhor conhece o Gargaglione²⁵?

PAULO MALHÃES: Conheço. Conheci. Agora...

CEV-RJ - Gargaglione era uma besta?

PAULO MALHÃES: É. Quadrada.

CEV-RJ - E foi quem fez a besteira do Alto da Boa Vista?

PAULO MALHÃES: Eu não sei, porque ele não era meu amigo. Nós
não éramos amigos, nós nos conhecíamos, no relacionamento...

CEV-RJ - Mas, na primeira vez, lá, quando tiraram ele do DOI-CO-
DI?

25 Trata-se do detetive civil Fernando Próspero Gargaglione de Pinho, envolvido com a repressão política, cumpriu pena acusado de alguns crimes e já faleceu.

PAULO MALHÃES: (murmúrio...)

CEV-RJ - Mas, ele participou disso?

PAULO MALHÃES: Ele participava muito por causa do do capitão, já era capitão?

MARCELO – Quem?

PAULO MALHÃES: O Avólio.

CEV-RJ - Não, era tenente, ainda.

CEV-RJ - Sim, mas assim, eles eram da mesma turma.

PAULO MALHÃES: Eles se davam. Então eles viviam juntos, faziam far... eu trabalhei, eu disse a vocês que eu trabalhei um pedacinho no DOI.

CEV-RJ - Então, me conta, como é que era a estrutura do DOI? Tinha um coronel? Quem era o coronel que comandava o DOI? Não era o comandante da PE.

PAULO MALHÃES: Não, saiu no jornal, outro dia, o nome de um.

CEV-RJ - Qual era o coronel?

PAULO MALHÃES: Tem o Belham...

CEV-RJ - Não, mas o Belham era major, naquela época, não era coronel. Acima do Belham tinha alguém?

PAULO MALHÃES: Na época em que o Belham foi, não. Ele foi chefe.

CEV-RJ - Porque todo mundo me diz que tinha um coronel acima do Belham. Belham, Demirugo e Nei Mendes, estavam no mesmo nível de hierarquia?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não? Belham era acima dos dois, embora os três fossem major?

PAULO MALHÃES: Não. Belham era abaixo.

CEV-RJ - Abaixo do Demiurgo e do Nei Mendes? Então o Belham era chefe como?

PAULO MALHÃES: Ele era chefe da parte de operações.

CEV-RJ - Mas, o coronel Raimundo, que deu depoimento pra gente, diz que o Demiurgo era chefe da Operações no plantão dele. Era um chefe das operação por plantão?

PAULO MALHÃES: Podia ser naquela época. Podia ser naquela época.

CEV-RJ - E eles três se reportavam diretamente ao Primeiro Exército, ou tinha um coronel intermediário?

PAULO MALHÃES: Não, tinha um coronel chefe do DOI. Tinha um coronel chefe do CODI.

CEV-RJ - Que funcionava dentro do quartel da PE?

PAULO MALHÃES: Não. Funcionava...

CEV-RJ - Não, em 70 não tinha, 70, 71 não tinha CODI ainda, só tinha DOI.

PAULO MALHÃES: Então.

CEV-RJ - Coronel, quem era o Gargaglione, assim? Quem era ele assim?

PAULO MALHÃES: Era um policial, corrupto, fanfarrão, deixa eu ver se descubro mais algumas características dele...

CEV-RJ - Foi do Esquadrão da Morte.

PAULO MALHÃES: É. Isso eu também fui. Mas eu fui membro honorário, eu não fui membro efetivo. Eu era conselheiro porque me chamaram lá e me deram 'Oh, vou dar o escudinho do DOI para você botar.' Eu usava no meu carro. Não escondia isso não. Mas, não tinha qualquer ligação com negócio de morte de vagabundo, não tinha não. Não era comigo.

CEV-RJ - Mas, ele era isso, coronel, um fanfarrão e tal, um cara ...

PAULO MALHÃES: Como era... Para mim ele não era confiável. Mas, para outras pessoas ele poderia ser confiável. Ele tinha um aparelho de graça, que podia não ter o nome de aparelho ainda, porque não se conhecia isso, que era, lá o comando dele, o destacamento lá em cima do Alto

CEV-RJ - A delegacia, lá.

PAULO MALHÃES: Alto da Boa Vista.

CEV-RJ - Onde hoje é o corpo de bombeiros.

PAULO MALHÃES: Eu tive um aparelho na Polícia. Né? Eu tive um aparelho na polícia, mas o aparelho na polícia não era usado assim, não. O aparelho da polícia até era bom porque era usado quando a gente prendia militar, por algum outro motivo...

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: A gente botava no aparelho da Polícia.

CEV-RJ - Pilares.

PAULO MALHÃES: Conhece Pilares?

CEV-RJ - Nós falamos de Pilares aqui.

PAULO MALHÃES: É, conhece Pilares?

CEV-RJ - Conheço. Eu tive nessa delegacia a trabalho. Mas nunca fui preso lá não.

PAULO MALHÃES: Era Pilares. O meu era Pilares.

CEV-RJ - E o dele era esse lá no Alto da Boa Vista.

PAULO MALHÃES: Mas, o meu eu não prendia subversivo. Nós, uma vez quase saímos em um tiroteio entre nós, nosoutros e la marina, porque nós prendemos um sargento de Marinha. E a mulher dele é que botou a boca no trombone.

CEV-RJ - O que ele fez?

PAULO MALHÃES: Era um negócio de assalto. Aí a Marinha veio e cercou Pilares. Não via adiantar. Vai ter tiro. Eles têm arma pesada, nós também temos. Então vamos trocar tiros. Entrar aqui, eles não vão entrar. Aí, telefonei para o CIE avisei a história, aí se ligaram lá entre eles, aí acabou tudo bem, o comandante do..., que era um capitão também, do Corpo de Fuzileiros Navais, que era o que nos cercou, veio falar comigo, 'olha, não sabíamos que o problema era esse, e tal'. Tá tudo bem. Mas, Pilares. Mas, Pilares para preso político...

CEV-RJ - E o do Gargaglione, era lá. E o que ele fazia lá?

PAULO MALHÃES: Fazia. Fazia o que se faz em aparelho. O que se faz em aparelho? Prende preso, interroga.

CEV-RJ - Mas o interesse dele era financeiro, sempre. Não era ideológico.

PAULO MALHÃES: Não, mas não era... Não era nem financeiro, era ele ter cartaz na polícia.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Eu tenho...

CEV-RJ - Coronel, mas nessa época lá, do Rubens Paiva, ele que fez a cagada? se ele era um fanfarrão?

PAULO MALHÃES: Aí eu vou te dizer, eu não sei. Eu como disse, eu estranhei quando ele falou Rubens Paiva.

CEV-RJ - Mas assim, se disserem para o senhor que foi ele, isso para o senhor soa como algo..., por ser ele quem é, por isso que eu lhe perguntei quem era, que tipo de pessoa ... o senhor não faria isso, o senhor faria isso?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor entendeu a minha pergunta?

PAULO MALHÃES: Mas, o, o, o tenente faria.

CEV-RJ - O Avólio?

PAULO MALHÃES: Faria, tranquilamente. É um piroca doido.

CEV-RJ - Por que o Avólio ia se meter nisso?

PAULO MALHÃES: Porque o Avólio gostava de movimento, o Avólio era um cara que gostava de dar porrada.

CEV-RJ - Ele era bem, bem....,

PAULO MALHÃES: Pode, pode..., vamos dizer, 50% dizerem que levou porrada minha, mas não levou muito tempo, nem até desmaiar, cair morto, nem nada disso. Até eu aprender, era aquela arma que todo mundo usava.

CEV-RJ - Coronel?

PAULO MALHÃES: Guerra é guerra.

CEV-RJ - Mas o Avólio?

PAULO MALHÃES: O que que tem?

CEV-RJ - O senhor diz que o senhor aprendeu.

PAULO MALHÃES: Ele não..

CEV-RJ - Cada um ...

PAULO MALHÃES: Ele se perdeu antes disso. Ele se acabou antes disso. Não sei o que ele fez, mas ele se acabou antes disso continuar. Tanto é que ele não subiu, nunca foi para a segunda seção do Exército, nunca...

CEV-RJ - Saiu?

PAULO MALHÃES: Saiu. Simplesmente, um dia, ele deve ter feito uma cagada grande lá..

CEV-RJ - Ele disse que pediu transferência.

PAULO MALHÃES: Ah, transferiram ele.

CEV-RJ - Transferiram... coronel, mas lá no Alto da Boa Vista, se o Gargaglione, o Avólio ou seja lá quem for, tá? Essa equipe que estava lá no dia que fez a burrice, esse lugar, lá no Alto da Boa Vista, que é a delegacia, perto, é o mesmo lugar do sequestro forjado do Rubens Paiva? Porque, a gente teve a informação, há um tempo atrás do Raimundo, que estava de serviço no dia, que ele recebeu orientação, do Demiurgo, de forjar um sequestro, de levar o carro para o Alto da Boa Vista. É o mesmo lugar? Por que, eu estou pensando agora, coronel? Que, essa versão do sequestro, ela pode ser a farsa da farsa. Que não teve sequestro. Que o sequestro foi o enterro, o senhor entende? Não sei se é muita loucura pensar isso...

PAULO MALHÃES: É, é, extremar. Eles não..., eles sequestraram para saber alguma coisa dele. Se ele..

CEV-RJ - Não, eles inventaram.

CEV-RJ - Não, não, não, coronel, eleja estava morto.

CEV-RJ - Eles inventaram um sequestro para dizer que ele sumiu

CEV-RJ - Ele já estava morto. Segundo esse depoimento, que ele assinou embaixo, o Raimundo, esse que estava trabalhando de serviço, como ele já estava morto, eles inventaram que tinham saído com ele do DOI-CODI...

CEV-RJ - Em uma diligência ...

CEV-RJ - Forjaram o sequestro...e disseram, olha, os terroristas vieram...

CEV-RJ - .. e levaram ele.

CEV-RJ - ... e roubaram ele...

PAULO MALHÃES: É, isso é provável.

CEV-RJ - ...e aí nós perdemos ele...

PAULO MALHÃES: Isso é provável.

CEV-RJ - Lá no Alto da Boa Vista.

PAULO MALHÃES: Isso é provável.

CEV-RJ - Mas, é o mesmo lugar do enterro, coronel?

PAULO MALHÃES: Acho que não.

CEV-RJ - O enterro não era atrás da delegacia?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - perto da delegacia

PAULO MALHÃES: Acho que foi escolhido até a esmo.

CEV-RJ - E aí, depois teve o negócio da tubulação.

PAULO MALHÃES: Eles vinham andando, 'aqui tá bom', entendeu?

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: 'aqui está bom'.

CEV-RJ - O sequestro também foi escolhido assim.

PAULO MALHÃES: Mas, o, o, o sequestro, essa fuga, era feito, feita por dois motivos. Quando quando você queria dar sumiço no cara, ou quando você ia por ele em liberdade.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Os dois caminhos eram válidos. Porque, se ele foi sequestrado pelo próprio grupo dele, se ele morreu quem matou foi o grupo dele. Ou se ele saiu porque conseguiu fugir, ou ajudaram ele a fugir, aí não. O troço é meio... eu vou dizer para você que varia muito do momento. Você tem que estar muito atento ao que está acontecendo à tua volta para você não se deixar levar pelos acontecimentos, você que tem que levar os acontecimentos.

CEV-RJ - hun, hun.

PAULO MALHÃES: Ali eu não sei quem poderia levar os acontecimentos, a maioria acontecia por acontecer. Eu acho que mataram ele errado. Mas, adianta eu dizer isso para você? Não.

CEV-RJ - Mas, considerando que foi um acidente de trabalho, que não era para ...

PAULO MALHÃES: Eu não sei se acidente. Aí que eu fico na dúvida, se acidente de trabalho dá para matar não. Só se o cara estourou o fígado do cara...

CEV-RJ - Estourou o fígado do cara.

PAULO MALHÃES: Ele morreu por causa disso?

CEV-RJ - Segundo o Amílcar Lobo, ele estava com o abdômen em tábua.

CEV-RJ - Assim, alguma coisa assim, porrada demais...

CEV-RJ - Tinha uma hemorragia interna no fígado, por isso tinha que ir para o hospital.

PAULO MALHÃES: Pode ser. Não leva muito em consideração o que o Amílcar Lobo fala, não.

CEV-RJ - Hun, hun.

PAULO MALHÃES: Cuidado com o Amílcar Lobo.

CEV-RJ - Pode deixar, coronel.

CEV-RJ - Mas, nesse caso parece que ele falou certo.

PAULO MALHÃES: Amílcar Lobo é faca de dois gumes.

CEV-RJ - Hun, hun.

CEV-RJ - Era, né?

CEV-RJ - Sim, mas o que ele falou..

PAULO MALHÃES: A gente..., é o caso da Inês Etienne, que eu vou brigar a vida toda com você, ela falou que viu tanta gente e ela não deve ter visto ninguém.

CEV-RJ - Coronel, mas esse Gargaglione, pelo tipo de personalidade dele, ele pode ter feito essa coisa sem muita consequência de enterrar na beira da estrada mesmo, e aqui tá bom, e vamos continuar..

PAULO MALHÃES: É, vamos agora tomar uma cerveja, vamos ...

CEV-RJ - E o senhor tem na memória do senhor, antes da Barra, quando o senhor foi chamado, aí era o erro do erro?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Foi o mesmo grupo que tirou ele do Alto da Boa Vista e levou para a Barra, não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Já foi alguém para limpar... e o senhor tinha, o senhor tinha..

CEV-RJ - Mas, do DOI?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - Mas, o pessoal do DOI, ainda?.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Quem levou para a Barra?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, aí já foram vocês. Do CIE.

CEV-RJ - mas, o senhor falou pra gente que saiu da Barra porque o DOI inteiro sabia que estava na Barra.

PAULO MALHÃES: Pois é. Não, na Barra também não, na Barra não.

CEV-RJ - No Alto da Boa Vista.

PAULO MALHÃES: Todo mundo sabia aonde estava.

CEV-RJ - Que aí tiraram porque começaram a reformar a estrada.

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Aí levaram para a Barra.

PAULO MALHÃES: Barra.

CEV-RJ - Mas, quem levou para a Barra, não era o DOI?

PAULO MALHÃES: Eu não tenho certeza disso na época.

CEV-RJ - O que o senhor disse; ‘nós precisávamos tirar da Barra porque o DOI inteiro sabia aonde estava’.

PAULO MALHÃES: É, não digo o DOI inteiro,... **CEV-RJ** – Não.

PAULO MALHÃES: ... mas tinha gente que sabia aonde provavelmente ele estaria, porque até nós tivemos dificuldade de achar.

CEV-RJ - Tiveram dificuldade?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Vocês escavaram em muitos lugares?

PAULO MALHÃES: É ali, é ali, é ali.. e é normal. Porque, o cara não presta atenção...

CEV-RJ - Mas, distâncias longas ou distâncias

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - ... próximas?

PAULO MALHÃES: Próximas. Por exemplo, amanhã ela vai perguntar para mim, ‘mas aonde jogaram os ossos?’ Ou ‘aonde botaram os ossos?’. Eu sei aonde foi, quer dizer, o que foi ..foi,,,

CEV-RJ - Feito

PAULO MALHÃES: ...feito.

CEV-RJ - Hum. Hum.

PAULO MALHÃES: Mas, aonde foi...

CEV-RJ - Então, o senhor pode dizer o que foi feito?

PAULO MALHÃES: Não. Aí você pergunta (rindo) para mim, foi a cinco metros da árvore, amendoeira à direita, da goiabeira, que fica à esquerda do coqueiro? Aí é difícil.

CEV-RJ - Me explica uma coisa, qual é a história da tibia? Da vaca.

PAULO MALHÃES: Uma sacanagem.

CEV-RJ - Quem teve a ideia de fazer a sacanagem, foi o senhor, coronel?

PAULO MALHÃES: Não. Mas,....

CEV-RJ - Quem foi com o senhor, era só grupo de oficiais, ou tinha sargentos, e cabos e soldados que...

PAULO MALHÃES: Não, foi só oficial.

CEV-RJ - Só oficial. Tudo do CIE.

CEV-RJ - O senhor pode dizer quem teve a ideia da tibia, coronel?

CEV-RJ - Tudo do CIE?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Não lembra?

CEV-RJ - Todos do CIE?

PAULO MALHÃES: Só eram oficiais.

CEV-RJ - Não eram só do CIE.

PAULO MALHÃES: Não eram só do CIE, mas todos eram oficiais.

CEV-RJ - Porque o senhor disse que era um grupo considerável, que armaram uma barraca, enquanto uns escavavam e outros ficavam fora em uma...

PAULO MALHÃES: É...

CEV-RJ - ...imitação de churrasco, piquenique, sei lá o que.

PAULO MALHÃES: É, ...

CEV-RJ - Muito tempo, coronel, ou foi rápido?

PAULO MALHÃES: Levamos umas mulheres para ficar...

CEV-RJ - Tinha mulher, também?

PAULO MALHÃES: Tinha, para ficar ná. Todo, toda ..

CEV-RJ - Cenário, cenário.

PAULO MALHÃES: ... todo, todo cenário teu, para ter validade. Não pode ter só macho.

CEV-RJ - Demorou uma noite, demorou um dia, demorou....?

PAULO MALHÃES: Há, demorou uma semana.

CEV-RJ - Uma semana para achar?

PAULO MALHÃES: (silêncio)

CEV-RJ - O senhor falou Barra – o senhor não vai conseguir ler isso aqui. A tibia encontrada (lendo uma reportagem da época) *‘uma tibia, muito provavelmente carcomida, foi encontrada ontem à tarde pelos operários do Departamento de Estradas e Rodagem que faziam a escavação no quilômetro 17,5 da Avenida Sernambetiba, em busca dos ossos do ex-deputado Rubens Paiva. Estava acompanhando os trabalhos de escavação do diretor do Departamento de Investigações Especial – DIE, Elson Campelo’*. Esse o senhor conheceu...

PAULO MALHÃES: Conheci.

CEV-RJ - ... porque esse era outro... da pá-virada, também.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - E trabalhava junto com os senhores, não?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - (voltando a ler) ‘*o novo buraco fica perto da reserva biológica da Barra da Tijuca*’.

PAULO MALHÃES: Tá certo.

CEV-RJ - (continua a leitura) “*o secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, que foi ao local de helicóptero levou a tibia para o seu gabinete no qual convocou o chefe do Serviço de Necropsia do Instituto Médico Legal, o legista Nauraliane Adebii (??) para o exame superficial do osso. Ela disse que a tibia parece mesmo ser de um ser humano, mas ressaltou que isso só será confirmado com o exame his to patológico*’. (...) Histopatológico, ‘*Em que o osso é cortado em pedaços microscópicos*’... Isso foi em 87... O lugar é esse, não é coronel?

PAULO MALHÃES: É provável.

CEV-RJ - Porque os senhores deixaram uma tibia de vaca lá.

PAULO MALHÃES: Deixaram uma tibia de vaca.

CEV-RJ - E depois veio a informação de que a tibia era de vaca.

CEV-RJ - Coronel, o senhor que o Rubens Paiva... o senhor mal sabia quem era?

PAULO MALHÃES: Não, pelo certo, eu nem sabia quem era. Nem me interessei em perguntar. Porque, quem sabe demais – é o seu caso, é o caso dele – acaba sofrendo as consequências, de saber demais. Então, eu usava isso como norma, também.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Pega o fulano, e joga de avião a cinco mil metros no paralelo tal, meridiano tal, que a corrente de mar lá leva para a África. Eu vou lá e faço. ‘Quem está aí?’ Sei lá quem é. Quando chegar lá tu abre o compartimento de bomba, ele desce, a gente fecha e vai embora para o alvo. Quer dizer, não era muito... cômodo. Você às vezes causava mal estar... Mas, ‘o que que eu vou fazer?’, Quem é esse personagem? O que que ele fez?’ Não tem este tipo de pergunta.

CEV-RJ - Coronel, porque o...

CEV-RJ - Mas, quando os senhores foram desenterrar, os senhores sabiam quem estavam desenterrando.

PAULO MALHÃES: Sabia

CEV-RJ - Mas, coronel, no caso do Rubens Paiva, só para o senhor... porque, assim, como a gente falou aqui, Apolônio de Carvalho, esse outro cara do PCdoB que o senhor falou que era uma liderança, quer dizer, quando o senhor é.....usou esta técnica, né? de virar, dentro das organizações, essas pessoas elas cumpriam uma função de liderança nas suas organizações e tal...salvo engano, o Rubens Paiva, ele não era comunista...

PAULO MALHÃES: Mas é o que eu estou te falando...

CEV-RJ - ... Não era um líder de uma organização, ele era um cara, assim, um pai de família, estava na casa dele...

CEV-RJ - De esquerda

PAULO MALHÃES: É, é, é o que eu te falo. Eu nunca escutei falar nele. Quando ele falou nele, eu fiquei, Rubens Paiva, Rubens Paiva...

CEV-RJ - mas, aí o senhor lembrou dessa coisa da Barra?

Nalhães – Lembrei. Rubens Paiva, Rubens Paiva... só sei o negócio da Barra. Agora, por que ele morreu? Por que mataram ele? O que que ele fez? Eu até pensei, será que ele não participou do sequestro do Elbrick?

CEV-RJ - Não, nada.

CEV-RJ - O Elbrick foi antes.

PAULO MALHÃES: Pois é, mas eu fiquei elocubrando na minha cabeça, né? O Elbrick foi só político, né? É a família daquele que foi governador do Estado do Rio, toda... Então, eu fico perdido. Muita coisa eu não perguntava. Tinha coisa que eu não queria nem ver, se eu pudesse estar fora dali, eu estava fora dali. É que eu não podia. Porque, eu gostava muito do que eu fazia...

PAULO MALHÃES: Então, eu gostava muito do que eu fazia. Então eu estou perseguindo esse objetivo então vamos trabalhar ...

CEV-RJ - Hum, hum.

PAULO MALHÃES: ... nesse objetivo. Agora, se entrasse um outro, atravessasse um avião no meu caminho, eu não me interessava...

CEV-RJ - O senhor conheceu, foi seu colega de Academia, talvez, porque tem a mesma patente, tinha a mesma patente naquela época, do senhor, o capitão Anselmo, que trabalhava na PE?

PAULO MALHÃES: Olha, eu escutei falar, mas ele não trabalhava em negócio de informações, não?

CEV-RJ - Não, da PE. Foi ele quem foi buscar o Amílcar em casa para atender o Rubens Paiva. Foi ele, dirigindo um carro. Isso pelo livro do Amílcar.

PAULO MALHÃES: É aí que eu pasmo. Se queriam matar o cara, se o cara já estava morrendo, pra que foram buscar médico e tudo isso, né? E depois,

CEV-RJ - Isso aqui é um primeiro presente para o senhor

CEV-RJ - Não era para matar, né?

CEV-RJ - ...É o livro do Amílcar Lobo. É a xerox do livro do Amílcar Lobo.

PAULO MALHÃES: Não gosto dele.

CEV-RJ - Mas, o senhor vai querer ler.

PAULO MALHÃES: Vou.

CEV-RJ - O senhor leu o outro, do Cid?

PAULO MALHÃES: Ainda não. Mas, eu não gostava do Amílcar Lobo.

CEV-RJ - Isso o senhor falou. Mas, o senhor estava explicando do Rubens Paiva.

PAULO MALHÃES: É, então eu fiquei naquela, digo....

CEV-RJ - Pra que isso? Pra que buscar em casa? Pra que buscar médico?

PAULO MALHÃES: Pra quê?

CEV-RJ - Não faz sentido, né?

CEV-RJ - Dizem que buscaram médico porque telefonaram de Brasília porque era um cara muito importante que estava ali. Era um deputado. Veio um pedido de Brasília para ver o que estava acontecendo.

PAULO MALHÃES: É, mas até aí também morreu neves afogado no mar de cuspe (?????- som ruim). Porque, se o cara estava com o cara na mão, morrendo, como é que vai dar informação de que.. 'não, vamos tentar então salvar'. Não tem....

CEV-RJ - É, não tem lógica.

PAULO MALHÃES: Pô, meu chefe....

CEV-RJ - Não sabiam que estava morrendo, dizem que chamaram o médico para saber se podia dar mais porrada.

PAULO MALHÃES: 'Pô meu chefe. Já tá a caminho. Já está batendo lá na porta do céu, do inferno. Já vai entrar. Não dá para fazer mais nada'

CEV-RJ - Na quinta-feira antes do carnaval, o senhor não deve ter lido, saiu essa seguinte reportagem. (Lendo): *‘Em depoimento à Comissão Nacional da Verdade – nós somos da Estadual, não tem nada a ver com a gente -, o coronel da reserva Armando Avólio Filho, ex-integrante do Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército (PIC da PE), revelou ter visto, por uma porta entreaberta, em janeiro de 1971, um tenente identificado como Antônio Fernando Hughes de Carvalho’....*

CEV-RJ - O senhor lembra dele?

CEV-RJ - Um de olhos verdes.

PAULO MALHÃES: De nome, me lembro.

CEV-RJ - (continuando a leitura) *...‘Hughes de Carvalho torturando um preso político. Carvalho pulava sobre o corpo do preso. A cena, acompanhado’ – peraí, deixa eu botar o óculos que tá ficando escuro aqui – ‘a cena aconteceu na carceragem do Destacamento de Operações de Informações do 1º Exército, na Rua Barão de Mesquita, Tijuca (DOI-I). Tempos depois, ao tomar conhecimento do desaparecimento do ex-deputado Rubens Paiva, associou-o à vítima torturada por Hughes, pois as características físicas seriam semelhantes — homem descrito como branco e gordo. Paiva foi preso em casa, no Leblon, dia 20 de janeiro de 1971, por uma equipe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (Cisa), e desde então é considerado desaparecido. A data, segundo o depoimento, coincide com a cena do espancamento. Avólio, que também era tenente, disse que, logo após testemunhá-la, chamou seu chefe imediato, o então major Ronald José Baptista de Leão, e levou o caso ao comandante do DOI, o também major José Antônio Nogueira Belham, e ao comandante da PE, coronel Ney Fernandes Antunes. Em carta à Comissão, Leão confirmou o episódio. No início deste ano, Leão faleceu. Hughes, também já falecido, era um oficial egresso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Foi descrito no depoimento de Avólio como um “militar loiro”. Documentos obtidos no banco de dados digital do projeto Brasil Nunca Mais confirmam que Hughes participava de ações da repressão contra a esquerda armada atuando em parceria com militares do Cisa. Por conta desse envolvimento, ele ganhou em 1971 a Medalha do Pacifi-*

cador, distinção dada a militares posteriormente acusados de tortura. O depoimento de Avólio foi tomado, no ano passado, pelo ex-procurador geral da República Cláudio Fontelles, então membro da comissão. Fontelles também ouviu o general reformado José Antônio Nogueira Belham, que afirmou estar de férias no período da prisão e desaparecimento de Paiva, sendo substituído pelo major Francisco Demiurgo Santos Cardoso. Porém, um documento que o próprio general apresentou à CNV informa que, em determinados dias de janeiro de 1971, ele teve as férias suspensas para o cumprimento de missão especial, pela qual chegou a receber diárias'.. (parando a leitura) Segundo me consta, o pessoal do DOI recebia diária de alimentação porque o Ney Fernandes não deixava eles almoçarem e jantarem na caserna, porque eles andavam à paisana. O senhor tem essa informação?

PAULO MALHÃES: (sinaliza que não)

CEV-RJ - (retornando à leitura) *'Na época, Paiva era acusado de manter correspondência com exilados políticos'. Aí, mais embaixo vem uma parte (continua a leitura) 'em depoimento dado na época em que foi denunciado pela ex-presença política...'. Não. (procurando no jornal) Han, comissão, o caso... então major... bababa..., montagem. E aí vem a tal frase do Leão de que ele teria visto o preso no dia 20, na porta, com o seu colega Paim e com o Perdigão. Aonde é que está isso aqui? Tá aqui, oh: 'Os depoimentos de Avólio e Leão foram ouvidos ano passado pelo ex-procurador-geral da República, Cláudio Fontelles, na época integrante da CNV. Leão, que morreu no início deste ano, revelou que Paiva chegou ao DOI pela porta dos fundos do quartel, levado por uma equipe do Centro de Informações do Exército (CIE). Ao tentar se aproximar da cela, teria sido impedido pelo major Rubens Paim Sampaio e pelo capitão Freddie Perdigão Pereira, sob a alegação de que era um preso importante. Sampaio e Freddie, já falecido, eram do CIE e tiveram os nomes envolvidos no desaparecimento de presos na Casa da Morte de Petrópolis'. O que o senhor acha disso tudo?*

PAULO MALHÃES: Eu já parto uma coisa importante aí. Pela abertura de uma porta você já ver um cara pulando em cima do outro já é difícil, né?. Se a porta tivesse aberta, tudo bem. Pela abertura de uma porta, você ver um cara pulando em cima do outro é difícil. Se

você identificar o que está sendo pulado e o que tá pulando.. o que tá pulando eu até... é colega dele de quartel, podia ele ter facilidade de identificar, mas, sei lá. Agora, Freddie Perdigão Pereira, famoso Pernetag, tá nessa história e o Sampaio também tá nessa história, não falaram nada comigo. Então eu não sei onde eu estava nessa época.

CEV-RJ - Vinte de janeiro, era um feriado, de 1971.

PAULO MALHÃES: Eu devia estar, eu devia estar em algum outro lugar.

CEV-RJ - Araguaia, talvez.

PAULO MALHÃES: Em algum outro lugar eu tava. Não me lembro, mas em algum outro....

CEV-RJ - Não, não, 71, pelo que eu sei já, eu acho, o senhor não estava no Rio Grande do Sul nessa época?

PAULO MALHÃES: Eu devia estar no Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul foi meu grande maná. Eu derrubei tudo quanto é organização. Acabei com as organizações do Rio Grande do Sul, acabou. Porque eles usavam um sistema familiar, quer dizer, um conhecia o outro da outra organização. E assim eles fecharam o círculo.

CEV-RJ - O senhor sabe os nomes, coronel, das organizações? O senhor lembra?

PAULO MALHÃES: Ah, tem POR, PORT..., PORT, POR, Partido Operário Revolucionário, partido, como é que é o PORT?, Revolucionário Trabalhista. Tem uns nomes diferentes lá, não me lembro de todos não.

CEV-RJ - Mas tudo isso se...

PAULO MALHÃES: Se.. Acabou. Até aconteceu um fato interessantíssimo. Tinha uma... em uma (inaudível) foi presa uma menina, nem eu estava na operação. Em uma das operações desencadeadas pela Central, foi presa uma menina. Aí essa menina chegou lá: 'eu sou filha do coronel fulano', comandante do SMEC de lá. Aí me cha-

maram. ‘Oh, tem a filha de um coronel, aí. ‘Aonde vocês prenderam?’ ‘Ah, prendemos dentro de um aparelho’ Então, tá em cana, pode ser filha até do presidente da República. Tá em cana. Tem problema não.’ Aí o cara apareceu lá. Ela era namorada do comandante regional da VPR que tinha tentado matar o cônsul americano’. Certo? Aí... ela me deu o apartamento em que eles estavam, o apartamento que eles ocupavam. Os dois ocupavam. Que era a sede do comando. Aí eu fui lá. Lá eu peguei documentos em que ela ensinava como entrar no quartel do pai, mostrava o diagrama das defesas do quartel do pai, ela mostrava tudo isso. Então quando o pai dela chegou pra chiar perto de mim, eu digo, ‘aqui, oh, sua própria filha. Então ela não vai ser solta. Ela vai responder inquérito como todos os outros que estão aí. E tinha gente pululando no DOI, tinha preso solto na área porque não tinha mais onde botar. (...)

PAULO MALHÃES: Aí... você vê, aí saímos derrubando todo mundo. Eu jogava xadrez com os presos. Porque eu não tinha onde ficar. Então, o Exército não me queria lá, então eu fiquei dentro do DOI. Do DOI, do DOPS. Quem trazia comida pra mim era o Pedro Seelig. Trazia comida, refeição, arranjou lá uma cama de lona pra mim dormir. Eu vivia lá no meio deles. Porque...

CEV-RJ - O senhor lembra de algum preso daquela época, coronel?

PAULO MALHÃES: Ah, não. Aí vai ser difícil, era muita gente. Tem o bicho, da VAR, da... da VAR-Palmares. Foi quem deu o cofre da amante do Ademar. Você procurando por esse codinome Bicho, da VAR, vai achar quem é.

CEV-RJ - Tá vivo ainda?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei.

CEV-RJ - O senhor não lembra de mais nenhum codinome?

PAULO MALHÃES: Ah, não. Ali então tocou barata voa. Ali eu peguei um tal de Edmur Péricles que era também um cobraão. Esse que fez promover o Pedro Seelig de terceira pra primeira.

CEV-RJ - Esse foi o que foi pro Uruguai, né?

PAULO MALHÃES: É. Que levou o Pedro.... Eu prendi ele e fiquei com ele preso. Eu prendi de madrugada em um hotel. Eu fiquei com ele preso, quando o Seelig chegou eu disse: 'oh, o secretário prometeu te promover se tu prendesse ele. Tá aqui ele, tá preso, leva pro secretário e diz que você que prendeu, tá tudo certo.'

CEV-RJ - Fechou...

PAULO MALHÃES: Tinha uns lances bacanas nesse negócio.

CEV-RJ - Coronel, aqui diz que o Belham foi convocado pra depor novamente e não quis depor.

PAULO MALHÃES: Eu acho que o Belham não devia depor.

CEV-RJ - Não vai depor. Aí sabe o que eles querem fazer? Provocar uma...

PAULO MALHÃES: Abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para .

CEV-RJ - Comissão Parlamentar. Aí vão acabar convocando todo mundo.

PAULO MALHÃES: Eu não vou.

CEV-RJ - O senhor já falou.

CEV-RJ - Na CPI? Numa CPI?

PAULO MALHÃES: Em lugar nenhum. Só se eles me levarem preso. E assim mesmo se eu não resolver trocar tiro. Morro aqui, pronto. Vou ter que morrer uma hora, né?

CEV-RJ - Não é mais fácil a gente esclarecer logo isso?

PAULO MALHÃES: Não, não tem o que esclarecer.

CEV-RJ - Só o que que foi feito, não é aonde puseram.

PAULO MALHÃES: Não, não é isso.

CEV-RJ - O que que foi feito? Tiraram....

PAULO MALHÃES: É que eu acho...

CEV-RJ - Tiraram..o senhor já admitiu que tiraram, estava em estado de putrefação ainda, puseram num saco.

PAULO MALHÃES: Pois é, agora vem cá.. você me imagina...

CEV-RJ - Se a gente não disser que foi o senhor que falou? Acabou.

PAULO MALHÃES: que tem, que tem...você imagina eu olhar pra cara de um cara, que deve ser um tremendo merda de um político a vir me interrogar. Eu não vou aceitar isso.

CEV-RJ - Então, eu estou dizendo pra resolver aqui...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - ... se o senhor contar pra gente....

PAULO MALHÃES: Não..

CEV-RJ - O que foi feito com o saco, coronel?

PAULO MALHÃES: Não, aí não.

CEV-RJ - É tão difícil assim?

PAULO MALHÃES: É, porque ai vão dizer que só pode ter sido eu que contei.

CEV-RJ - Não! Não pode.

PAULO MALHÃES: Pode, pode, pode. Se você soubesse que eu estou na maioria desses casos, você ia saber que pode. Quem era o responsável por isso assim, assim, assim? O Belham pode dizer.

CEV-RJ - O Belham tava lá? Na, no...

PAULO MALHÃES: O Belham foi chefe de sessão de operações do CIE.

CEV-RJ - Nessa época do ...

PAULO MALHÃES: Depois.

CEV-RJ - Mas o Belham participou do acampamento?

PAULO MALHÃES: Não. O Belham foi ser chefe da sessão de operações do CIE em Brasília.

CEV-RJ - E soube do fim dado ao corpo de Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Não sei, eu não contei. Te juro que não contei, ele também não me perguntou.

CEV-RJ - O senhor trabalhou junto com ele?

PAULO MALHÃES: Ele era meu chefe... Me considerava muito, não tenho nada que dizer dele. Até coisas inexplicáveis eu expliquei pra ele.

CEV-RJ - O que é uma coisa inexplicável?

PAULO MALHÃES: Eu querer explicar pro cara que os argentinos estão reclamando que um cara foi sequestrado no Brasil. Que até entrada no Brasil eles têm. E eu dizer, 'não, o cara não tá no Brasil'. 'Mas como? Tá aqui, a passagem dele aqui, o registro dele, o desembarque no aeroporto'. 'Procura ver se dois dias depois não tem o registro de embarque dele no mermo aeroporto'.

CEV-RJ - Pra Venezuela...

PAULO MALHÃES: Pra Venezuela de volta.

CEV-RJ - De volta não, seguindo viagem...

PAULO MALHÃES: É, de volta... É um cara muito parecido com ele, com o passaporte dele.. E aí?

CEV-RJ - Coronel, tem um argentino, conheço o filho dele, conheci, em um momento da vida, li um livro, na verdade, Norberto Habegger, esse nome diz alguma coisa para o senhor?

PAULO MALHÃES: Não... Norberto...?

CEV-RJ - Habegger. Esse era o nome dele, não era o codinome. O codinome eu não me lembro agora. Ele veio do México pra cá.

PAULO MALHÃES: Mas, foi preso aonde?

CEV-RJ - Aqui no Rio. Ele saiu do Galeão, ele ia encontrar com o pessoal – isso é a história que eu sei, pode não ser verdade –, ele ia encontrar com o pessoal no Flamengo e ele foi preso depois que saiu do aeroporto do Galeão.

PAULO MALHÃES: Pode ter sido preso até pela gente. Ele era ligado a quem, ao ERP, ao... ?

CEV-RJ - Ele era do mo... ele era secretário geral de comunicação dos Montoneros, na Argentina.

PAULO MALHÃES: Então provavelmente foi. Tá lá, foi pra Argentina.

CEV-RJ - Mandaram para a Argentina?

CEV-RJ - Mas, ele, mas ele... Não, porque o que eu sei, porque eu também não sei se o que eu sei, né? O que eu sei dele é que aí ele chegou aqui e foi esse mesmo esquema. Ele teve entrada, tem documento da Polícia Federal que comprova a entrada dele.

PAULO MALHÃES: E tem que ter a saída.

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: Tem a saída? (silêncio) Então ele saiu. (silêncio) Não?

CEV-RJ - Não tem saída, coronel.

PAULO MALHÃES: Então ele pulou de helicóptero, de paraquedas do avião....

CEV-RJ - O senhor não lembra desse caso, mesmo?

PAULO MALHÃES: Não. Eu podia.. eu posso até ter sido eu, certo?

CEV-RJ - Mas num caso assim de estrangeiro... que uma coisa são os caras das organizações daqui. A técnica é a mesma, coronel? Ou não?

PAULO MALHÃES: No fim entrou uma sarambada de tudo. O que aconteceu é, é uns troços que eu digo: a sorte é uma coisa. Eu quando tava investigando aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, descobri que tinha uma porção de argentino voando, dentro do Rio de Janeiro. Aproveitando..., se aproveitando da vida do Rio de Janeiro. Uns exilados políticos, pela ONU, outros não. Aí eu mandei fotografar todo mundo. 'Eu quero que vocês saíam, tirem fotos de todo mundo. Eu quero esses caras todos fotografados. Eu não sei quem eles são, não quero que vocês saibam quem eles são. Eu só quero fotografia deles'. Ai foi tirada a fotografia deles todos. Os argentinos souberam... que... a parte da chefia do ERP, os tupamaros..., os caras de operações dessas organizações, tinham estado no Brasil, ou estavam no Brasil. E que eles queriam que fosse verificado. Ai eu peguei meu álbum de fotografia e disse: 'mostra pra eles. Vê se tem algum aqui'. 'Ah, esse é fulano, esse é beltrano, esse é sicrano, esse é não sei quem, esse é o cara que matou não sei quem... você sabe onde ele está?' 'Mais ou menos, sei que eles estão no Rio de Janeiro e mais ou menos a localidade que eles frequentam'. Então aí foi outra operação. Isso foi uma coincidência, foi uma sorte minha. Fiquei famosíssimo na Argentina por causa disso, me deram medalha da Argentina.

CEV-RJ - Esse caso que eu falei pro senhor até mandaram três policiais argentinos pra cá.

PAULO MALHÃES: Não, eu soube de um. Mas os outros dois eu nem tenho isso clandestinamente. Eu soube de um. Mas, oficiais do Exército argentino, do 601, tiveram vários aqui. Então, aí por causa dessa história, eu fiquei célebre na Argentina. Eu tinha todo mundo fotografado. Eu... Me deu na telha aquilo, eu não tinha nada a ver com a Argentina. Mas resolvi fotografar os caras, achei estranho aquele movimento. 'Fotografa todo mundo e guarda'. No dia que o (inaudível) apareceu eu disse: 'apanha aquelas fotografias, faz um álbum direitinho, eu vou dar aos caras e ver se eles acham os caras'. Eles acharam todo mundo. Aí foi fácil.

CEV-RJ - E levaram?

PAULO MALHÃES: E levaram.

CEV-RJ - Vivos?

PAULO MALHÃES: Vivos.

CEV-RJ - Presos?

PAULO MALHÃES: Presos.

CEV-RJ - Oficialmente presos? Saíram....

PAULO MALHÃES: Oficialmente presos, não. Oficialmente presos não tem ninguém. Isso é uma guerra. Guerra de guerrilha.

CEV-RJ - Coronel...

PAULO MALHÃES: É preciso que você... Não é uma guerra que dois exércitos fardados se enfrentam, cada um...aqui tá a divisa da minha Nação, aqui tá a divisa da sua, a mesma divisa. Eu ataco você, fardado. Com o meu armamento eu ataco você e você defende o seu lado. Fardado. Tanto é que nós não estamos sujeitos às Leis de Genebra. O guerrilheiro não está sujeito às Leis de Genebra.

CEV-RJ - Não?

PAULO MALHÃES: Não. Porque o guerrilheiro não está identificado. O guerrilheiro não está identificado. É onde guerra se transforma em guerra. O guerrilheiro é guerrilheiro.

CEV-RJ - Coronel, me diz uma coisa. O senhor falou que no governo Médici, ele lhe chamou e lhe pediu para ajudar..., uma ajuda com relação a um embaixador. O caso de um embaixador. Que era um embaixador brasileiro. O senhor lembra o nome? Chama-se José Jobim?

PAULO MALHÃES: Não posso te dizer isso.

CEV-RJ - Foi embaixador do Vaticano?

PAULO MALHÃES: Não posso te dizer isso. Aí eu vou envolver...

CEV-RJ - Porque José Jobim apareceu morto, enforcado, anos depois, no Itanhangá em um crime que até hoje não se esclareceu e a família acha que foi perseguição política.

PAULO MALHÃES: Não sei se foi perseguição política. Os terroristas, o próprio Rubens Paiva, que eu não conheci e nem estudei a vida dele, não tive esse felicidade, ele também tinha outras mulheres, não tinha?

CEV-RJ - Não sei se o Rubens tinha outras mulheres.

PAULO MALHÃES: Porque você tem que levar em consideração uma porção de fatores. Entendeu? Porque, ah,... o seu amigo que é jornalista disse pra mim: 'ah, você trocou o nome de muita gente'. Não sei se eu troquei o nome de muita gente. 'Eu já soube que muito desaparecido não está desaparecido, você trocou o nome e mandou embora daqui'. Não sei se eu fiz isso.

CEV-RJ - Não, o senhor falou pra mim que deu identidade pra muita gente.

PAULO MALHÃES: Então, mas não sei se... entendeu? Não disse pra ele que não sabia. Porque ele veio com afirmativa. Se ele vem perguntando eu talvez até respondesse a ele. Mas como ele já veio com 'você deu?... Então... recebeu uma resposta...

CEV-RJ - Mas, no caso do embaixador?

PAULO MALHÃES: Não sei. Não acho que foi perseguição política, não. Por que perseguição política?

CEV-RJ - Tinha uma participação lá em 64, na questão de Itaipu.

PAULO MALHÃES: Não tem razão de ser não.

CEV-RJ - Tava tentando investigar o acordo bilateral com Itaipu.

PAULO MALHÃES: Então foi crime econômico.

CEV-RJ - O quê?

PAULO MALHÃES: Crime econômico.

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: Alguém que ele fosse prejudicar... Esse outro que morreu aí, que era pra morrer afogado, mas morreu baleado.

CEV-RJ - Baumgarten?

PAULO MALHÃES: Baumgarten. O crime dele é econômico. Não é político.

CEV-RJ - Não, ele estava ameaçando contar as histórias todas.

PAULO MALHÃES: Histórias de quê? De falcatrua. Só queque ele conhecia. Por que que deram Cruzeiro pra ele, pra renascer? O que que ele fez da revista Cruzeiro? Por que as tais torres lá em Copacabana, na Barra, que iam sair e não saíram as outras três torres. E nego podia contar essas histórias todas. Mas político? Não...

CEV-RJ - Havia uma preocupação dos senhores, do CIE, mesmo aqueles que não estavam envolvidos em falcatrua, de não deixarem vim à tona os casos...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - ... de corrupção do governo?

PAULO MALHÃES: Não. Eu até badalava muito uma. Tinha um ajudante de ordens do Figueiredo, que de repente ficou rico. Aí eu perguntei pra ele: 'vem cá, como é que tu ficou rico?' Ele disse: 'vendendo cavalo. Eu pego o cavalo, passo os cavalos, transformo em cavalo de salto e vendo'. 'Porra, mas dá pra ganhar tanto dinheiro assim? Se eu soubesse disso já tava criando cavalo de salto há muito tempo'. 'Isso dá pra ganhar dinheiro'. Tinha nada a ver com isso. O filho do Figueiredo...

CEV-RJ - Jonhy²⁶?

26 O Presidente João Figueiredo e sua mulher, Dulce, tiveram dois filhos: Paulo Roberto e João Batista Figueiredo Filho.

PAULO MALHÃES: ...foi o que forçou a barra em São Paulo pra fazer um... com o Maluf. E o Maluf não deixou. Ele veio e fez queixa ao pai dele. O pai dele prometeu ao Maluf que ele não seria presidente da República. E realmente foi ele que fez o Maluf não ser presidente da República.

CEV-RJ - O que o filho queria com o Maluf?

PAULO MALHÃES: Era um trambique lá grande. O trambique deles é trambique de milhões.

CEV-RJ - Mas o Maluf governador?

PAULO MALHÃES: Maluf governador.

CEV-RJ - Não permitiu?

PAULO MALHÃES: Não permitiu.

CEV-RJ - Não permitiu porque o Maluf era honesto ou não permitiu porque ficou de olho no.... na negociata?

PAULO MALHÃES: Eu acho que o Maluf até certo ponto deve ser honesto. Ele tem muito dinheiro pra ser desonesto. Eu sigo muito o conselho, quem me deu esse conselho foi o ministro da Fazenda, Delfim Netto. Uma vez, eu sentado, eu fui fazer a segurança do Delfim Netto num encontro X, negócio econômico, mas que tinha... podia surgir algum embaraço, aí eu tive tempo de conversar com ele. Aí ele me ensinou também uma porção de coisa econômica. 'Nunca dê um cargo importante a um duro. Se dê um cargo importante a um cara que tenha dinheiro'. Aí eu disse: 'por quê?'. 'Porque o duro vai querer roubar pra ficar com dinheiro e o que tem dinheiro já vai querer

CEV-RJ - Ser atendido.

PAULO MALHÃES: se segurar mais um pouquinho, porque já tem dinheiro e não precisa de mais dinheiro'. Explicação do Delfim Netto, eu aprendi. Você nunca dê um cargo importante, que vai mexer com dinheiro.... Isso a Dilma Rousseff já deveria ter aprendido.

CEV-RJ - Só pra encerrar essa história do embaixador. Se não há uma conotação política... Se não há uma conotação política, porque

que não pode ser esclarecido o crime e apareceu como suicídio o que não era suicídio?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei. Aí tem o meandros da República. Porque, eu sou, eu sou um grão de areia.

CEV-RJ - E esse grão de areia teve alguma história com José Jobim, pelo que eu notei aqui.

PAULO MALHÃES: José Jobim?

CEV-RJ - É, o embaixador.

PAULO MALHÃES: Ham, e qual foi a história que eu tive?

CEV-RJ - Não sei, o senhor tá dizendo que teve uma história com um embaixador e eu já achei que era com o José Jobim, não?

PAULO MALHÃES: Pode não ter sido com o José Jobim.

CEV-RJ - Que o Médici lhe encarregou de ver uma história com um embaixador...

PAULO MALHÃES: É, mas não era. Não tinha esse fundo não. (...) Mas eu não tenho nada...

CEV-RJ - Nada de...

PAULO MALHÃES: ...os meandros... é... é que você não viveu a experiência, mas há experiências fantásticas pra gente viver. Uma é no meio dos altos poderes aquisitivos. Você vai ver cada história que você cai duro para trás. E outra nos meandros políticos. O Lula mandou matar dois por ...

(...)

CEV-RJ - O Lula mandou matar?

PAULO MALHÃES: Dois. Que na ordem de chegada pra ser presidente do sindicato estavam na frente dele.

CEV-RJ - Quem são, o senhor sabe os nomes?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - A outra história que o senhor me contou, o senhor falou aí das filhas do governador... do ex-governador do Estado do Rio, que teriam sido presas, as duas. Só que eu fui atrás,

PAULO MALHÃES: E não achou?

CEV-RJ -... e as filhas do Roberto Silveira....

PAULO MALHÃES: É dele mesmo.

CEV-RJ - Na época tinham 15 e 09 anos.

PAULO MALHÃES: Então é não era dele, era de outro governador.

CEV-RJ - Não foi por participação no sequestro do Elbrick?

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - O sequestro do Elbrick foi em dezembro de 70. Foi em..eu isso anotei isso aqui.

(...)

CEV-RJ - Mas eu quero voltar aqui, nas coisas. A gente vai embora, quem sabe a gente vai embora já.

CEV-RJ - Por mim, em conversa agradável eu fico. Eu estou tentando achar aqui o nome dela. (Lendo): O embaixador americano Charles Elbrick foi sequestrado em setembro de 69. No dia 07 de dezembro de 70, entretanto, houve o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. O sequestro durou 13 dias... até 13 de janeiro. Não, tá aqui, oh...(lendo) “As duas filhas de Roberto Silveira, Maria Auxiliadora, a Dora, e Márcia Saad Silveira, eram pequenas nessa época. Márcia tinha quatro anos em 64, nove anos em 69. Dora é um pouco mais velha, mas no máximo tinha 15 anos na época do sequestro do embaixador Elbrick.

PAULO MALHÃES: Não, não. Eram duas moças.

CEV-RJ - (continuando a leitura) A filha, porém, era ligada a Bocayuva Cunha.

CEV-RJ - Ele já disse que não eram essas.

CEV-RJ - Não eram essas. Então quem era o ex-governador.

PAULO MALHÃES: Eu também gostaria de me lembrar o nome dele.

CEV-RJ - Raimundo Padilha?

PAULO MALHÃES: Porque não pega o sequestro do Elbrick e tá lá o nome das duas?

CEV-RJ - Tá no nome com... soltaram? Foram soltas pelo sequestro?

PAULO MALHÃES: Foram. Responderam... Tanto elas foram que para mim foram elas que me alcaguetaram...

CEV-RJ - E seu nome entrou no livro.

CEV-RJ - Elas foram soltas no sequestro do Elbrick? Duas irmãs?

PAULO MALHÃES: Duas irmãs.

CEV-RJ - Tá bom, vou procurar isso. (...)

CEV-RJ - Coronel, eu tenho alguns ...umas perguntas que eu queria fazer pro senhor, mas não preciso fazer hoje, posso fazer outra hora. O mundo não vai acabar, né?

PAULO MALHÃES: Mas, faça.

CEV-RJ - Ah.., eu estou lá ainda nas prisões, em como o senhor prende o pessoal, pensando nisso. É, é.. O senhor conseguiu...o senhor reconhece hoje, assim, olhando pra aquela época, o senhor conseguiu pelo menos mexer um pouquinho em todas as organizações? Não teve nenhuma que o senhor não....

PAULO MALHÃES: Não, tem umas localizadas..

CEV-RJ - Mas quais que o senhor conseguiu infiltrar mais gentes?

PAULO MALHÃES: No PCdoB.

CEV-RJ - E depois do PCdoB?

PAULO MALHÃES: Aí varia.

CEV-RJ - Mais aqui no Rio? Mais...

PAULO MALHÃES: Não, no Rio Grande do Sul não precisou infiltrar ninguém, todo mundo falava tudo.

CEV-RJ - Que lá eles se.... a rede familiar, o senhor já me falou.

PAULO MALHÃES: ALN...; VAR-Palmares...; VPR...; Pecebão, partidão. Partidão eu tinha tanto infiltrado que chegava a cansar. Escutar as mesmas histórias ao mesmo tempo (inaudível) dele, mas... E o partidão eu encontrava em um escritório que eu tinha aqui no centro da cidade. Tinha até escritório pra encontro.

CEV-RJ - Onde ficava?

PAULO MALHÃES: Ali no centro perto da estação de Metrô, em um edifício que tem ali.

CEV-RJ - Na Uruguaiana?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Carioca?

PAULO MALHÃES: Na Carioca.

CEV-RJ - Edifício Central?

PAULO MALHÃES: Não, não é o Edifício Central. É um escritório, uma série de escritorzinhos, de advogados... encontrava ali.

CEV-RJ - Quais outras, coronel?

PAULO MALHÃES: VAR, VPR, ALN.

CEV-RJ - MR-8, o senhor tinha falado.

PAULO MALHÃES: MR-8.

CEV-RJ - MOLIPO, o senhor lembra?

PAULO MALHÃES: Nem me lembro, acho que não.

CEV-RJ - POLOP? Lembra?

PAULO MALHÃES: Não. Não tinha. Com certeza não tinha. (silêncio) Às vezes você tem um informante ocasional, que um interrogador te dá ele. Mas, assim, de marcar ponto, cobrir ponto..

CEV-RJ - Não, mas eu digo dos virados, sabe coronel? Dos que o senhor..

PAULO MALHÃES: ... pra discutir... porque, eu quando eu viajava pro Norte, eu tinha que ir lendo antes a revista Veja. Porque a revista Veja naquela época abordava os temas discutíveis na República. Então eu lia pra poder responder às perguntas dos meus infiltrados. Eu tinha essa obrigação. Ia a viagem toda lendo. Então, PCdoB...

CEV-RJ - Foi o mais forte?

PAULO MALHÃES: O quê?

CEV-RJ - O PCdoB foi o que o senhor mais...

PAULO MALHÃES: É, foi o que eu mais procurei também, né?.

CEV-RJ - Mas vocês dividiam isso, coronel? Porque os outros oficiais que faziam esse tipo de trabalho com o senhor ou o senhor tem essa função como a mais forte?

PAULO MALHÃES: Eu tinha como função mais forte.

CEV-RJ - Principal? Porque o senhor não se envolvia muito com operações, com....

PAULO MALHÃES: Quando eu podia, né? Porque às vezes eu era mandado. Eu era de ope..., na realidade eu era de operações. Aí de-

pois, essa de infiltrado passou pra contrainformações. Aí a gente ficou mais aliviado. Um chefe, até muito genioso, assim meio....., mas muito bom também, muito inteligente. Mas depois nós voltamos... Ele começou a fazer muita prosopopeia, porque ele era o chefe dos infiltrados, e tal...

CEV-RJ - Quem era, coronel, na época?

PAULO MALHÃES: Esse deve estar vivo.

CEV-RJ - Ah, tá. Então deixa, deixa ele.

PAULO MALHÃES: É um dos Etchegoyen. Já escutou falar nos Etchegoyen?

CEV-RJ - Etchegoyen? Os dois, coronel e general. O que têm eles? É o tal do coronel que o senhor falou?

PAULO MALHÃES: Qual?

CEV-RJ - Do... que foi o tutor da Etienne?

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - Mas eles eram de São Paulo?

PAULO MALHÃES: Que de São Paulo...

CEV-RJ - Não eram do Segundo Exército?

PAULO MALHÃES: O general era, mas o coronel não era.

CEV-RJ - O coronel foi o que propôs o assassinato da Etienne?

PAULO MALHÃES: Calma... fica calmo, porque senão você vai ter um infarto..

CEV-RJ - Por que esses..., eu fui pesquisar esses nomes, fiquei um tempão... eu fiquei um tempão pesquisando esses nomes, mas bati nos dois que eram do Segundo Exército.

PAULO MALHÃES: Não. Um era general ..

CEV-RJ - De Divisão....de Brigada. Malhães -..era do Segundo Exército...

CEV-RJ - de Brigada.

PAULO MALHÃES: E o outro, não. O outro era chefe da contrainformação do CIE. É o que eu digo pra você...

CEV-RJ - E ele é que foi o tutor...

PAULO MALHÃES: Ele era um homem inteligente, mas por demais vaidoso. Então a vaidade fez com que ele se perdesse. Depois ele quis arrumar história. Aí armou uma cilada. Queria que alguém do gabinete do Exército, do ministro do Exército, na época ...

CEV-RJ - Walter Pires.

PAULO MALHÃES:matasse a Inês Etienne, pra que a culpa caísse nesse oficial que era do gabinete do ministro, para que o Milton pudesse assumir o cargo de Ministro do Exército. Aí promovia o irmão dele a Exército e promovia ele a brigada.

CEV-RJ - Milton estava no CIE? Chefe do CIE?

PAULO MALHÃES: Não, estava no comando do Segundo Exército.

CEV-RJ - Comando do Segundo Exército.

CEV-RJ - Coronel, entre esse trabalho dos infiltrados e a contrainformação, que volta, o senhor falou agora que seu chefe, na época, retomou isso, eu acho essa técnica que o senhor usou, ela... destoa de tudo o que a gente... enfim, do que está escrito nos livros, que as pessoas falam, né? O senhor sabe que tinha, claro, tinha desavença dentro da esquerda, dentro dos ... até hoje eles usam.....

PAULO MALHÃES: Todo mundo quer ser chefe.

CEV-RJ - ...então, alguns acusam os outros e tal.

PAULO MALHÃES: Todo mundo quer ser chefe.

CEV-RJ - O senhor falou que quando acabou..., quando teve a abertura enfim, que, meio que... tanto o senhor quanto essas pessoas se... se afastaram, o senhor meio que as liberou, e a 'gente não tem mais nada a ver um com o outro'.

PAULO MALHÃES: Acabou.

CEV-RJ - Acabou. Como é que essas pe.... essas pessoas viveram, coronel? Mas, assim, até a abertura, essas pessoas elas viviam como, coronel? Porque o senhor me falou que cada um tinha, era tipo, cada um tinha um preço, dependendo da situação que ocupavam.

PAULO MALHÃES: Ué, ganhavam dinheiro.

CEV-RJ - Mas assim, esse dinheiro vinha do Exército?

PAULO MALHÃES: Do Exército.

CEV-RJ - E depois? Depois, o que aconteceu com essas pessoas?

PAULO MALHÃES: Depois rolou.. Algumas tinham, através desse tempo que elas... encontrado lugares pra trabalhar. Porque elas tinham que justificar o dinheiro que elas tinham.

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Então elas tinham que procurar lugar pra trabalhar. Algumas tinham, dependendo da sua capacidade, da sua inteligência...

CEV-RJ - Todos eram inteligentes, senão não tavam...

PAULO MALHÃES: Então, eles voltaram à sua vida normal.

CEV-RJ - Mas essas pessoas chegaram a assumir funções políticas?

PAULO MALHÃES: Ah, assumiram.

CEV-RJ - Cargos públicos...

PAULO MALHÃES: Ah... tanto os amigos, quanto os inimigos. Às vezes até eles estão no mesmo partido, no mesmo..... Só que... você

tem que entender o seguinte, que os que escaparam com vida, estão tranquilos, não há dúvidas sobre eles pela outra parte. Então eles estão numa boa. Eles vão ganhar prêmios como vão ganhar prêmios os que não eram infiltrados. Entendeu? Então, a vida continua. Tem um aqui em Nova Iguaçu, foi o que me entregou aquele médico daqui que queria me matar... deixa isso pra lá, isso é outra história. Então, a... a igualdade..., alguns receberam, uns pediram, para ir embora para fora.

CEV-RJ - Mas eles recebiam uma bolada só ou o senhor tinha que está num ...

PAULO MALHÃES: Todo mês...

CEV-RJ - uma quantia de salário?

PAULO MALHÃES: Todo mês eles tinham o seu salário.

CEV-RJ - E era a maneira do senhor controlar também?

PAULO MALHÃES: Também. Se eu desse tudo, desse o dinheiro todo, o cara embarcava e ia embora. E todos eles tinham o seu dinheiro. E alguns trocavam pela não denúncia deles, pela função política que eles tinham.

CEV-RJ - Chamada delação premiada de hoje.

PAULO MALHÃES: É... É... Não é muito fácil. Você tem que viver uma experiência dessas pra você poder entender ela na sua totalidade. Eu tô falando: a guerra é guerra. Você dizer hoje que no passado se torturou, se matou, se não sei o que e tê, tê, tê.. 'Mas porque?' 'Por que os caras eram comunistas?' 'Mas o que é esse negócio de comunista?' Não vai dar nada. Mas se os caras vivessem naquela época, realmente todo mundo entenderia. O Brasil nunca se desenvolveu tanto como na era Médici. Eles hoje contestam isso, mas é a grande verdade.

CEV-RJ - Mas aí, coronel, quando acaba... essas pessoas (infiltrados), elas conseguiram conquistar um padrão de vida razoável pra elas tocarem a vida?

PAULO MALHÃES: Conseguiram. Ou foram embora..., foram trabalhar em outro país com emprego arrumado, foram pra outro estado trabalhar, com emprego arrumado...

CEV-RJ - Essas pessoas ocuparam... eu falei para o senhor de cargos públicos, né? Até pela liderança política que exerciam, era até natural que essas pessoas ocupassem cargos públicos. Também viraram lideranças partidárias?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei. Eu não... hoje eu não escuto...

CEV-RJ - Na época, não sei se hoje. Mas tipo assim, ali da década de 80, 82, 85...

PAULO MALHÃES: Tinham deputados. Tinham. Mataram.... É por causa disso que eu estou estranhando, ainda vou bater nesse caso, mataram o deputado dele... Eu não entendo porque

CEV-RJ - Rubens Paiva não era meu deputado, eu nem conheci ele.

PAULO MALHÃES: Não, mas eu estou dizendo, o deputado que você fala. Eu tô dizendo que eu não entendo por quê? Se era mais fácil até fazê-lo... você achava que ele era comunista e te representava... porque ele representava, ele era um deputado...

CEV-RJ - Não, foi. Foi deputado do PTB.

CEV-RJ - Mas, coronel, mas aí é... as pessoas, né? estavam trabalhando, as pessoas estavam trabalhando com o senhor. Eram da sua equipe, como os outros, ...o senhor era chefe desse trabalho. Ah... depois o senhor realmente deixou de ter contato com essas pessoas.

PAULO MALHÃES: Deixei. Cruze com eles no meio do camin..no meio da rua e finjo que não conheço.

CEV-RJ - Tá. O senhor falaria ou não o nome dessas pessoas?

PAULO MALHÃES: Não, nunca. ... Eu digo: 'porra, eu estou me aporrinhando, estou viajando pra cacete, trabalhando pra cacete, só vou em área inóspita. Não vou pra Porto Alegre'... Porto Alegre é uma maravilha, você vai para aquele Cassino dos Espelhos, você deve ter

escutado falar, né? lá em Porto Alegre, uma maravilha aquilo. Então, tô deixando de ir para lugares maravilhosos, que eu posso ir e tenho amigos que me... que tem entrada livre lá. Posso ir pra São Paulo, também tenho entrada livre em várias boates lá. E, em vez disso, fiquei eu me metendo no meio do mato, forjando uma área de guerrilha – eu forjei uma a..., montei uma área de guerrilha -, para atrair os brasileiros que estão lá fora para cá. Pra mostrar pra eles, então eles vêm ver que realmente... Eu trazia um deles pra vim ver se realmente existe uma área de guerrilha aqui. Eu mostrava pra eles uma área de guerrilha. E porra, passo 20, 30 dias, capoto com o carro, quase que morro... pra quê? Para na hora H o cara chegar aqui..., e a história chegar aqui diferente? Não vale tanto a pena esse risco não. Mas pra azar meu eu tinha capotado, caído de uma ribanceira, não morri por sorte, capotei com o carro, imprudência minha, mas eu estava (na buzina????), então...

CEV-RJ - Isso na Medianeira?

PAULO MALHÃES: É, lá. Então, eu daí pra frente pisei leve no acelerador. Eu queria o que os outros queriam. Ir pra capitais. Porto Alegre, por exemplo. Porto Alegre eu tenho o Pedro Seelig que era meu amigo. São Paulo, eu tinha o dono de uma boate famosa na época, que era meu amigo. Então eu preferi cobrir ponto. Ficar gozando. Eu adoro Fortaleza, porque eu como lagosta no café da manhã, no almoço, no jantar e na noite também. Então, eu preferi ficar nessa e largar um pouco esse negócio de ir pro meio do mato, um frio desgraçado, a gente toma.. tomava leite com uma.... (grita para a mulher Cristina) como é o nome daquele negócio que a gente mistura com o leite, que esquentam? Cris? Aquele negócio que mistura com leite, que a gente toma, como é o nome?

CEV-RJ - Nescou?

PAULO MALHÃES: Não, aquele mato.

CRISTINA – Masturço?

PAULO MALHÃES: Masturço.

CEV-RJ - Como é que é?

PAULO MALHÃES: Masturço. É uma erva...

CEV-RJ - Esquenta.

PAULO MALHÃES: ... que você mistura no leite, esquenta, você não pode beber né, então mistura no leite, esquenta. E você toma e ela te esquenta realmente.

CEV-RJ - Você bebe a erva, não? Só o leite?

PAULO MALHÃES: Não, bebe a erva com leite com tudo. Então passava a noite, para poder aguentar a noite, tomava aquilo e não conseguia dormir quase à noite por causa do frio. Eu me sacrifiquei à beça pra conseguir trazer os caras. Eu trouxe, Não trouxe um, nem dois, nem três, nem quatro. Eu dei entrada em uma porção de gente. Não só brasileiro não, argentino...

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Venezuelano... e pra quê? Pra no fim...

CEV-RJ - E eles viraram, infiltrados?

PAULO MALHÃES: Não, esses eram presos comuns. É pé de chinelo que vinha e que eu entregava até pra polícia local. Foi o meu erro no caso do..(...)

CEV-RJ - Coronel, esse número de..., de..., o senhor falou aquele dia em torno de 300.

PAULO MALHÃES: De que?

CEV-RJ - De infiltrados.

PAULO MALHÃES: É. Mas aí varia muito de grau. Tinha grau que você tinha dez. Tinha grau que você tinha um e assim mesmo com sacrifício danado. Dependia muito da escala hierárquica., entendeu?

CEV-RJ - O senhor sabe que uma informação como esta, ela... ela muda a história, né?

PAULO MALHÃES: Muda.

CEV-RJ - O senhor tem esta dimensão, né? Porque eu estava pensando assim, no caso lá de Petrópolis, tá? Posso estar interpretando errado, mas me parece que foi, pelo menos para o senhor, não sei, o mais importante, assim. Não sei se era geograficamente mais perto, era...

PAULO MALHÃES: Não, foi que foi o primeiro passo.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Entendeu? Então a importância dele cresce por ele ter sido o primeiro passo. Do teste, se a gente conseguia... se a gente podia, tem que dar certo. Então, era um teste. Daí Petrópolis tem importância muito grande nessa história, porque ele foi o laboratório inicial.

CEV-RJ - Provar a qualidade e a competência do trabalho?

PAULO MALHÃES: Do trabalho. Para mostrar que era possível se fazer isso. E não ter essa experiência do coitado do americano que perde mais infiltrado do que outra coisa.

CEV-RJ - Coronel, e aí nesse momento de teste,...porque, assim, o senhor tem um número X de nomes que o senhor tem que interrogar... Quais os critérios, naquele momento, que era um momento inicial, para levar as pessoas para lá?

PAULO MALHÃES: A personalidade fraca. Vulnerabilidade de tudo quanto é tipo: econômicas, amorosas, vulnerabilidades, né? Convicções. Eu sou um comunista convicto, ninguém vai me mudar. Vamos dizer outro critério. Capacidade de diálogo, você para poder conversar com uma pessoa, essa pessoa tem que ter capacidade de diálogo. Tem que ter competência de responder à altura, de perguntar à altura, tudo... porque senão você vai classificando ela... você pode até ganhar ela, mas vai ganhar ela para baixo. Certo? Por mais alto grau que ela atinge, ela será sempre um infiltrado fraco. Mais ou menos isso, qualidades básicas da personalidade. (04:05:56)

CEV-RJ - Comunista convicto é que eu não entendi. Por quê?

PAULO MALHÃES: Porque, quando o cara.... Apolônio de Carvalho, já que você falou no Apolônio, é um comunista convicto.

CEV-RJ - O senhor levaria ele para Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Por isso?

CEV-RJ - Ah, essas qualidades é que não levariam?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ah, está certo. Eu estou entendendo o contrário, que levariam.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Entendi, coronel. Entendi.

PAULO MALHÃES: Levaria para ...

CEV-RJ - Para conquistá-lo, para mudá-lo?

PAULO MALHÃES: Não. Ele conversou comigo, ele contou, eu sei a vida dele, desde que ele fez a Revolução ali na Praia Vermelha, que foi expulso do Exército, foi para a Europa, foi para a Espanha, aí se transformou em um homem famoso. Famoso, para nós não...

CEV-RJ - Mas, coronel, o senhor, no caso, essa, eu perguntei, né? Eu perguntei para o senhor dos critérios, porque era sempre muito rápido. Tinha que ser rápido, para o senhor conseguir virar?

PAULO MALHÃES: Nem sempre.

CEV-RJ - Quanto mais rápido, melhor?

PAULO MALHÃES: É, quanto mais rápido, melhor. Mas você pegar um cara de alto nível, com alto grau de instrução, querer virar ele da noite para o dia, não tinha condições. Às vezes você podia levar um mês. Porque você tinha que ter confiança. Eu vou soltar ele, e daqui a.... Vou marcar um ponto com ele para daqui a 30 dias, e ele irá a

esse ponto, encontrar comigo. Ele irá a esse encontro. Se ele não for a esse encontro, acabou.

CEV-RJ - Mas, vamos voltar a Petrópolis. O senhor leva, saí do Rio, para Petrópolis, uma dessas pessoas, com o objetivo de virá-las. Elas eram viradas e eram infiltradas.

PAULO MALHÃES: Re..

CEV-RJ - Re... Reinseridas...

PAULO MALHÃES: Reinfiltradas.

CEV-RJ - Reinseridas.

PAULO MALHÃES: Reinseridas no contexto da..

CEV-RJ - Na sua organização, na sua...

PAULO MALHÃES: Mas, aí, você tinha... Ela tinha que ter capacidade... Você dava as barbadadas, vai ter que justificar você estar tanto tempo fora, se passaram tantos dias, porque às vezes ela não tinha noção de quantos dias tinha ficado, nem sempre que ela via a luz do sol todo dia. Então, passaram-se tantos dias. Agora vamos arranjar, nós dois vamos conversar uma história para que você justifique porque você passou trinta dias sem cobrir ponto. Vamos lá, o que você acha que você vai dizer? 'Ah, eu posso dizer que fiquei doente, e tal'. Mas, ninguém sabe... ninguém da organização sabe onde tu mora? "Não, sabe". Essa história já não dá. Então, vamos arranjar outra. Aí ficava-se discutindo, até arranjar uma história plausível de pingue-pongue. Estava aqui, foi para lá,... e a organização ia, à medida da importância do cara, ia abrindo mais a perna, e abrindo mais a boca, para trazer ele de volta. Então, era um jogo. Essa de dez horas foi engraçadíssima...

CEV-RJ - Um recorde....

PAULO MALHÃES: Foi recorde. Mas, foi engraçadíssima.

CEV-RJ - PCdoB, né? O senhor falou.

PAULO MALHÃES: Foi engraçadíssima, foi até uma coisa engraçada.

CEV-RJ - Por que foi engraçada?

PAULO MALHÃES: Porque, foi ... Eu nem sabia que ia levar esse tempo. Foi que nós cometemos um erro. Um erro que deu certo. Entendeu?

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: Aconteceu um lance, que não estava previsto, durante o interrogatório dele. Então... que nós nunca nem pensamos em fazer aquilo. E ele sentiu tanto pavor com aquele lance que aconteceu com ele, que quando já voltou, ele já voltou disposto a trabalhar. E não foi nenhum tapa, nem nada.

CEV-RJ - Sofreu alguma coisa?

PAULO MALHÃES: Sem querer, mas sofreu.

CEV-RJ - Desmaiou?

PAULO MALHÃES: Não. Nós amarramos... Vou te contar, você é curioso. Nós amarramos ele em uma corda e tinha um poço, no porão da casa. E tinha uma roldana.

CEV-RJ - Em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Em Petrópolis. Mas, já não é nesse aparelho, não. Já no nov (ia fala, novo, mas muda) .. Já em outro aparelho.

CEV-RJ - Lá em Itaipava?

PAULO MALHÃES: Em outro aparelho. Já está curioso demais. Aí, quando nós estávamos dando linha na corda... Mas, não era para deixar ele mergulhar mesmo, só para ele ver...

CEV-RJ - A corda ruiu.

PAULO MALHÃES: A corda rompeu.

CEV-RJ - Com roldana, com roldana, coronel?

CEV-RJ - E ele mergulhou.

PAULO MALHÃES: Hun, Hun. Não, a corda rompeu....

CEV-RJ - Roldana? Roldana, assim?

PAULO MALHÃES: É. A corda rompeu

CEV-RJ - E ele mergulhou.

PAULO MALHÃES: E ele mergulhou. E eu tive que mergulhar também para buscar ele lá embaixo.

CEV-RJ - O senhor mergulhou amarrado?

PAULO MALHÃES: Eu mergulhei amarrado e trouxe ele de volta. Aquilo bastou para que ele pensasse que tinha sido proposital e aceitasse trabalhar. Mas, foi meramente casual. Ninguém ia fazer ele mergulhar na... nem eu queria ir mergulhar naquela água gelada que aquela terra lá tem uma água gelada que Deus me livre. Entendeu? Mas, não ia deixar o cara morrer sem...

CEV-RJ - Lá embaixo o senhor achou ele fácil?

PAULO MALHÃES: Foi fácil. Um poço é uma coisa fácil de achar. O cara só pode estar naquele buraco, não tem outro para entrar.

CEV-RJ - Mas, poço, poço, desses de...?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - de, de.. reservatório de água.

PAULO MALHÃES: Poço. Não. Cavado na rocha.

CEV-RJ - Ah, sei.

PAULO MALHÃES: O dono da casa, mandou, como ele sabia que ali tinha uma mina

CEV-RJ - Um poço artesiano só que..

PAULO MALHÃES: Só que... Ali era uma mina e ele mandou cavar justamente para puxar água para a casa que não tinha água perto. A água era tirada daquela mina. Então, eu acho gozado por causa disso...

CEV-RJ - A ocasião...

PAULO MALHÃES: A ocasião.

CEV-RJ - Coronel, mas olha só, para eu entender, ai tá, tem um perfil de pessoas que valeriam a pena levar para esses...

PAULO MALHÃES: Para serem...

CEV-RJ - Virados. Só tem sentido virar para infiltrar depois. Mas, quem vai para lá? Esses, porque muita gente passou por lá, muito mais do que se fala. E aí os que desapareceram?

PAULO MALHÃES: Desapareceram.

CEV-RJ - Não, não estou falando dos.....

PAULO MALHÃES: É aquilo que eu estava falando para você, guerra é guerra. Então, existiam certas leis. Não vou dizer lei...

CEV-RJ - Condutas.

PAULO MALHÃES: Certas condutas que eram aceitáveis por todos. Então, se o cara não serve, ele não pode voltar para o meio dele. Porque, senão, ele vai contar o que aconteceu com ele. Então, encerrou o papo aí. Como? Se você leva.... É o que eu digo para você que a Inês Etienne mente. Primeiro a compartimentação, por esse motivo, era muito grande. Um não sabia da existência do outro, chama-se compartimentação. Segundo, que nenhum carcereiro ia contar quem teve ...

CEV-RJ - Nem o Camarão?

PAULO MALHÃES: Nem o Camarão contaria a ela..., mesmo porque o Camarão nem sabia quem era. Muitas vezes o cara nem sabia quem era.

CEV-RJ - Coronel, continua.

PAULO MALHÃES: É. Então, a gente tinha liberdade total de ação. Por exemplo, o erro da Inês Etienne, um erro clássico. A Inês Etienne é meio piroca da cabeça. Já começa por aí. Então ela não diz muito coisa com coisa, ela não... Ela nem me conheceu. Mas, eu sei disso porque, a gente sai jantando às vezes e comenta. Então, nunca que ela podia ser solta. O máximo que você podia fazer com ela, era fazer ele uma infiltrada amarrada.

CEV-RJ - O que quer dizer isso?

PAULO MALHÃES: Isto é, jogar ela, num casal, num casal, e ela ter sempre a companhia...

CEV-RJ - De um outro infiltrado.

PAULO MALHÃES: De um outro que não fosse infiltrado, fosse elemento de serviço, que aí controlaria ela. E por certo, ela tentaria fugir do cara, ou qualquer coisa dessas, então poderia ser até que ela não viesse a falar.

CEV-RJ - Quando ela diz que serviu de cozinheira, ficou na cozinha, não sei o que, é mentira?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Coronel, mas assim, desses.. assim, voltando aí, a pessoa infiltrada, né? Fica em contato com o senhor, alguns continuaram. Os que demonstraram que esta relação de confiança não estava estabelecida, desapareceram. Como regra, coronel, desapareceram mesmo?

PAULO MALHÃES: Pode ter desapa...

CEV-RJ - Porque só funciona...o senhor me falou mais ou menos umas..., o senhor falou sei lá, 40, 50 pessoas que o senhor lembra de ter...

PAULO MALHÃES: É, porque...

CEV-RJ - ...levado para lá.

PAULO MALHÃES: Então, os que eu não levei.... os que eu levei pra lá, cantei, e não aceitaram, que eu escolhi e não aceitaram, eles devem estar voando por aí. Não tem... Esse trabalho de infiltrados...

CEV-RJ - Mas, eles desapareceram?

PAULO MALHÃES: Desapareceram.

CEV-RJ - Mas, desapareceram por conta própria ou desapareceram lá?

PAULO MALHÃES: Alguns desapareceram por conta própria. Outros não desapare.... Não é lá que desaparecem não. Desapareceram.

CEV-RJ - Mas este trabalho tem o quê? o senhor estava falando....

PAULO MALHÃES: O quê?

CEV-RJ - Não, o senhor estava falando..

PAULO MALHÃES: Este trabalho você tem que julgar muito. Não sei.... Você tem que... pra... Você um dia sequestra alguém, um grupo que te interesse, ou manda sequestrar, e tenta fazer a cabeça do cara para você ver o seu problema que é. E aí eu poderia explicar para você. Porque, sem esta experiência, não há explicação. Por que o cara sumiu? Pô, que instinto mal tem esse cara de fazer sumir as pessoas. Não é bem assim, não. É uma questão de serviço. Isto o francês faz, o inglês faz, o americano faz, o chinês faz, o japonês faz, o israelita faz, o palestino faz. Quem mais você quer?

CEV-RJ - Todo mundo.

CEV-RJ - Coronel, eu queria saber o seguinte... o senhor tenta fazer alguém infiltrado. Se convence que esse alguém é infiltrado, solta. Mas, ele não passa a trabalhar para o senhor. O que acontece com ele?

PAULO MALHÃES: Provavelmente ele será recapturado e seguirá destino.

CEV-RJ - Há pessoas que... fizeram... Há pessoas que conseguiram sobreviver? Voltando para a organização?

PAULO MALHÃES: Deve ter. Os que contaram que foram cantados. Todos aqueles que contaram que foram cantados, que não são poucos....

CEV-RJ - Os senhores não conseguiram recapturar, é isso?

PAULO MALHÃES: Não. Não tinha nada para contar. A pessoa foi cantada. É o caso da Inês Etienne. Ela contou, contou uma porção de besteira, disse uma porção de mentira, e ficou aí. Não adianta eu, agora, que errei, querer me redimir matando.... mandando matar essa pessoa. Não foi ele que errou, quem errou fui eu. Porque eu pensei que ele tivesse convencido e ele não tinha se convencido. Você conhece a história do cara que fuma droga? O cara fuma droga, você leva um ano com ele numa clínica, leva mais um ano com ele em uma fazenda. Aí, você mora em Indaiatuba, aí quando o médico diz 'oh, está tranquilo, está bom', você pega e trás para Indaiatuba, o que vai acontecer com ele? Ele vai voltar a fumar, porque a rede de amigos dele é a mesma, não vai mudar. Ele vai entrar outra vez na rede de quem fuma, de quem cheira. A mesma coisa é o cantado. Ele vai voltar, só se ele tiver medo de que ele dizendo para os amigos dele que ele é infiltrado, os amigos dele matem ele. Como já aconteceu, eu li em uma reportagem também, escrita – essa não foi do meu amigo, não – essa veio de São Paulo. Que..., os caras lá, de uma organização lá paulista, o cara veio, da cidade dele, foram na cidade vizinha matar o cara que eles achavam que era infiltrado. Você não leu não?

CEV-RJ - Não, não me lembro.

PAULO MALHÃES: Foi pouco depois de sair a história da Casa da Morte. Também saiu essa história. O cara confessando que ele tinha achado que o cara era infiltrado, tinha reunido um grupo e saído da cidade dele e matado. Ainda disse isso é um exemplo para aqueles outros que fizeram isso também.

CEV-RJ - Justicamento.

PAULO MALHÃES: Você leu? Também, não. Leu? Então, é a história. Eu leio pouco O Globo, mas sempre algum amigo me informa.

CEV-RJ - Coronel. Eram quatro equipes, né?

PAULO MALHÃES: Aonde?

CEV-RJ - Em Petrópolis. Eram quatro ou tinham mais equipes?

PAULO MALHÃES: São sete equipes.

CEV-RJ - Mas, em todas as casas as sete ou dependendo da casa as sete atuavam?

PAULO MALHÃES: Dependendo de qual você fosse utilizar, poderia ser até você sozinha.

CEV-RJ - Mas, nesse caso lá da Casa de Petrópolis, e não sei quantas mais tinham na região...

PAULO MALHÃES: Tinham sete equipes.

CEV-RJ - Mas, lá em Petrópolis, na... O senhor exercia uma função de chefia, assim, nessa de Petrópolis, essa que era, que foi o início de tudo, assim?

PAULO MALHÃES: Não, ninguém se julgava chefe. É o que eu te digo, entre nós não havia hierarquia.

CEV-RJ - Entre os sete?

PAULO MALHÃES: É. Embora existisse até um coronel. A gente discutia o assunto e a maioria prevalecia no seu parecer.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: 'Ah, eu sou...' 'Vamos fazer isso' – eu já vi isso acontecer – 'Vamos fazer isso, porque eu sou coronel'. 'Vamos fazer isso porque você é capitão'. 'Vamos fazer isso por quê...' Não. Isso é um trabalho... Você lá, passava a ser um agente da contrainformação,

ou um agente de fazer infiltrados. Era tratado como agente. Porque, eu disse para eles, não era guerra. Guerra é que tem, né? Capitão, coronel, tenente-coronel..., capitão, major, tenente-coronel e assim vai. Para a nossa guerra isso não valia. Eu podia chegar perto dele e dizer ora, esse camarada que você está lidando com ele, eu passei lá, dei – a gente tinha essa liberdade – ‘dei uma conversada com ele e não gostei da atitude dele. Então você toma cuidado. Era natural’. O cara podia ser coronel, podia ser...

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Só que na Inês Etienne ninguém aceitou palpite de nada.

CEV-RJ - Mas, no caso dela, assim...

PAULO MALHÃES: A Inês...

CEV-RJ - O que aconteceu com ela? Por que ela ficou tanto tempo lá? Porque, não tem sentido ela ter ficado tanto tempo lá.

PAULO MALHÃES: Porque ela ...

CEV-RJ - Os outros ficaram tanto tempo que nem ela?

PAULO MALHÃES: Não. É que o cara cantava, cantava, cantava e ela não concordava. Aí, o cara achava que se cantasse mais ela ... O negócio dele é que ele tinha que fazer um infiltrado. Ele nunca tinha feito.

CEV-RJ - O Perdigão ajudou ele, não?

CEV-RJ - Então, coronel, e aí?

PAULO MALHÃES: Aí, ele nunca tinha feito. Aí eu tinha, uma porção. O Brant tinha. O sexto tinha. O sétimo... O sétimo era ele. O sétimo não tinha. Então, ele é que teoricamente ele seria o chefe. Então ele achou que ele como chefe tinha direito a fazer um infiltrado. Embora todo mundo fosse contra, ele dizia ‘eu sei o que estou fazendo’. ‘Meus parabéns. Só não quero que venha dizer depois que fui eu que cantei ela. Mas, meus parabéns’. É uma vida, eu acho excitante.

Eu gosto de ter adrenalina no sangue. Agora, não, estou velho. Se eu botar muita adrenalina, meu coração para com adrenalina demais. Mas, eu gostava de botar adrenalina no sangue.

CEV-RJ - Quantos meses? O senhor lembra?

PAULO MALHÃES: O quê?

CEV-RJ - Ela foi a que ficou mais tempo lá? Ou não?

PAULO MALHÃES: Eu acho que eu fui viajar quando ela saiu, teve alguma coisa comigo...

CEV-RJ - Ela fala que ficou de 5 de maio a 11 de agosto.

CEV-RJ - Três meses e pouco... Mas, isso é muito tempo, coronel?

PAULO MALHÃES: É, tempo demais...

CEV-RJ - Para o tempo que vocês queriam é muito tempo.

PAULO MALHÃES: Tempo demais.

CEV-RJ - E o senhor acha que ela foi vítima de um atentado? Isso que... Sabe como ela está hoje, não?

PAULO MALHÃES: Não, não tenho nem noção.

CEV-RJ - Mas, o senhor soube que teve um assalto, um coisa assim? O senhor acha que isso pode ter sido um atentado?

PAULO MALHÃES: Não. Se fosse atentado ela estava morta.

CEV-RJ - Depois do... depois que ela fez a denúncia lá na OAB, isso o senhor já contou pra gente eu não vou.. não vou repetir, né? Que ela, enfim, o que ela falou, aquela discussão com o ministro do Exército e tal... Quem não era virado? Morria.

PAULO MALHÃES: Sumia. Desaparecia. O que não é 2% da população da época.

CEV-RJ - Entendi.

PAULO MALHÃES: Entendeu?

CEV-RJ - Entendi, entendi.

PAULO MALHÃES: Para quem tinha que mudar 30% da população, não foi 2% da população da época. 'Ah, foi um massacre'. Que massacre? Eu não sei por que eles acham que matar eles é crime, matar a gente não era crime.

CEV-RJ - E o que foi feito deles, coronel?

PAULO MALHÃES: Hun

CEV-RJ - O que foi feito deles? Desses sumidos?

PAULO MALHÃES: Aí é um grande mistério da vida. Eu quando morrer deixo por escrito, tá? Para vocês.

CEV-RJ - O senhor já pensou em uma coisa..., me ocorre isso agora, uma forma jurídica, de repente, alguma coisa assim, de o senhor poder fazer um registro disso, já que o senhor não se dispõe... O senhor não se dispõe a falar publicamente sobre isso?

PAULO MALHÃES: Nem publicamente, nem com uma autoridade como aqui, como representante, da ...né? estadual

CEV-RJ - Ela que é...

CEV-RJ - Alguma forma, coronel, de o senhor poder fazer um registro disso? **PAULO MALHÃES:** Não

CEV-RJ - Jurídica.

PAULO MALHÃES: Acho melhor não.

CEV-RJ - Condicionada...

PAULO MALHÃES: É melhor as coisas ficarem como estão. O tempo...

CEV-RJ - Mas, como assim, o tempo?

PAULO MALHÃES: O tempo. Deve ter o quê? Eu e mais uns dez vivos da época.

CEV-RJ - Se muito.

PAULO MALHÃES: Se tiver isso tudo.

CEV-RJ - Se muito.

PAULO MALHÃES: Então, quando nós todos formos, o mistério estará descoberto. Tenha certeza disso. Se ele ainda está retido, é porque nós estamos vivos.

CEV-RJ - É, coronel, mas quem vai dar conta de contar essa história?

PAULO MALHÃES: Vai aparecer alguém pra contar.

CEV-RJ - O senhor já falou com muitas pessoas?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Conversas que nem esta que a gente está tendo, ao longo da sua vida, assim. Depois do período?

PAULO MALHÃES: Não. Mas tem gente que sabe, que é mais nova, bem mais nova do que eu.

CEV-RJ - Sabe, de ouvir falar ou sabe por que participou?

PAULO MALHÃES: Sabe por que participou.

CEV-RJ - Quantos participaram lá, na Barra?

PAULO MALHÃES: Não, na Barra não. Na Barra, não. Na Barra não sei quantos têm vivos.

CEV-RJ - Teve um grupo.

PAULO MALHÃES: Mas, um grupo relativamente pequeno e só de oficiais. E oficiais de capitão para cima. Então, mais ou menos, emparelha comigo.

CEV-RJ - São os sete?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - São os sete?

PAULO MALHÃES: Devem estar morrendo, também.

CEV-RJ - São os sete? Aqueles mesmos sete?

PAULO MALHÃES: É, mais ou menos. Também não foram os sete.

CEV-RJ - O coronel também estava nessa?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não. Então, como é que esse grupo ficou sabendo, se não participou na Barra? Soube, por participar lá dentro da discussão?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Antes? Essa discussão foi travada lá dentro com mais gente do que aqueles que foram à Barra?

PAULO MALHÃES: Foi. A solução veio de coronel a general.

CEV-RJ - O ministro sabia?

PAULO MALHÃES: Em?

CEV-RJ - O ministro sabia?

PAULO MALHÃES: O ministro sabia. Não sabia de muita coisa não, mas sabia de alguma coisa.

CEV-RJ - O destino final, soube? O Walter Pires?

PAULO MALHÃES: O Walter Pires era o mais enfrinhado. O Walter Pires era homem de dar soco na mesa

CEV-RJ - Não, mas o Walter Pires não era ministro, quando os senhores fizeram isso. Era?

PAULO MALHÃES: Não. Mas o Walter Pires, como ministro, e até como general, era homem de dar soco na mesa de o Palácio do Planalto tremer. É o que eu digo para vocês os generais de antes e os generais de agora. Os Generais tinham uma ... eram combatentes. Porque você pra... já mostrei, provei para vocês que eu fui escolhido pelo tempo e pelo vento.

CEV-RJ - E pelo QI, mas o QI...

PAULO MALHÃES: Mas, eu não me arrependo não. Tudo o que eu fiz eu acho que fiz porque tinha razão de fazer. Eu racionalizei o meu problema. É uma figura da psicologia. Eu racionalizei o problema. Não tenho traumas..(inaudível) 'Ah, porque'. Não. É coisa normal de trabalho. Era uma guerra. Ou a gente fazia com eles, ou se eles continuassem no crescimento que eles estavam, em poucos anos mais à frente eles estariam fazendo conosco.

CEV-RJ - Coronel, o senhor falou que o ministro sabia. O ministro, no caso, era o Orlando Geisel. Ministro do Exército do governo Médici. Isso significa que o presidente Ernesto Geisel ficou sabendo?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor acha que o Orlando Geisel não passou isso para o irmão?

PAULO MALHÃES: Não. Vou te contar a história dos dois Geisel. Você precisa saber disso. Os dois Geisel viveram a vida sempre assim, dois super cabeças. Tanto é que eles não tiravam nenhuma escola ao mesmo tempo. Tiravam sempre separados, porque eles diziam que a escola não tinha dois primeiros lugares. Aí tu vê a capacidade deles. E quando havia uma revolução, um entrava de um lado e outro entrava do outro. Conforme o lado que ganhasse, o que ganhasse trazia o outro. O Ernesto Geisel era antirrevolucionário e o Orlando salvou ele de ser cassado. Era só isso, um jogo. Eu não tenho um irmão para estar hoje escondendo no meio do mato como subversivo. Não tenho nem irmão, sou filho único. Então, eu acho que... mas os Geisel foram assim, a vida toda. Todas as revoluções que ocorreram no Brasil quando os dois eram oficiais, um salvou o outro. Tanto é que quando o Ernesto Geisel foi assumir, o Orlando chegou perto do

Médici e disse, ‘meu irmão quer ter uma entrevista com o senhor’. O presidente da República ‘pode marcar’. ‘Não, já está marcada. Marquei para amanhã’. E aí o Ernesto saiu presidente da República. Como o Ernesto tinha a obrigação de colocar o Figueiredo.

CEV-RJ - Por quê?

PAULO MALHÃES: Compromisso que ele assumiu com o ... o para trás.

CEV-RJ - Médici.

PAULO MALHÃES: O Médici. Porque o Figueiredo tinha sido ajudante de ordem dele. O que aconteceu? O Frota Pegaram o Frota, botaram uma bucha no rabo do Frota, acenderam e começaram a abanar. E o Frota resolveu ser presidente.

CEV-RJ - Quem fez isso, a comunidade de inteligência?

PAULO MALHÃES: Não. A própria corriola dele. A gente até sacaneava. ‘Já sei, vocês querem, quanto mais alto o boi, maior é a sombra que o boi faz’. Concorda comigo, não?

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: Então. Tanto é que tinha um oficial dele, que de presente ele tinha mandado para os Estados Unidos, para ser lá da comissão lá dos Estados Unidos, do Exército americano, e eu liguei para esse e disse para ele ‘volta. O senhor quer fazer o favor de voltar’. ‘Mas, por que Malhães?’ ‘Ou o senhor volta ou o presiden....o nosso general vai cair do cavalo’. ‘Ah, eu vou resolver aqui e tal’..

CEV-RJ - E não voltou.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Por que o senhor acha que ele voltando... ele tinha influência direta?

PAULO MALHÃES: Ele tinha influência e podia fazer o Frota desistir da candidatura dele. Porque eu tinha como infiltrado – agora vou te dizer – um compadre do Ernesto Geisel.

CEV-RJ - Infiltrado aonde?

PAULO MALHÃES: No... no grupo...

CEV-RJ - No Palácio?

Malhães. No palácio, no grupo. E ele me avisou. Ele pegou, chegou perto de mim e disse 'Malhães, diz ao seu general que se ele não parar com esse negócio de deputados frotistas, de não sei o quê, não sei o quê, ele vai cair do cavalo. O Geisel já está prontinho para remover ele. Eu fui..., foi gozado. Porque eu fui ao meu chefe, que era general também, 'general, eu queria que o senhor avisasse ao general Frota que ele ou desiste de ser presidente ou ele vai cair de ministro'. Ele disse 'Malhães eu não vou lá dizer isso para ele não. Vou levar você para você dizer. Você diz, lá na cara dele?' 'Pode me levar que eu vou, eu digo'.

CEV-RJ - Quem era o chefe do CIE nessa época? Era governo...?

PAULO MALHÃES: Era um gordinho, que a gente chamava ele de caçador e pescador, depois eu lembro do nome dele, era uma figura sem importância. Aí, eu fui. Aí, chegou lá ele disse 'O Malhães quer conversar com o senhor'. 'Oh, meu amigo, entra aí, senta aí'. Eu era amigo dele, era tratado como amigo dele.

CEV-RJ - Desde aquela época de 64 que o senhor...

PAULO MALHÃES: Aí,

CEV-RJ - ...passou o comando ao quartel.

PAULO MALHÃES: Aí, 'O que foi?' 'General, o senhor quer terminar ministro? Quando o governo estiver para acabar, quando estiver nas vésperas de acabar, o senhor entra com a sua candidatura que o senhor é eleito. Porque, se o senhor ficar agora insistindo com esse negócio de deputado frotista, fazendo pose de presidente da República, o senhor vai cair do cavalo'. 'Ah, Malhães, mas eu não posso fazer isso, eu já assumi certos compromissos, não sei o que'. Eu disse, 'não, estou lhe dizendo o que eu soube. Que o presidente está pronto para retirá-lo do poder. Se o senhor insistir nessa história. Então, se eu

fosse o senhor, parava com isso. Aguardava o final do governo e no final do governo o senhor aparecia como candidato. Aí ele não tem mais o que fazer com o senhor. Não pode nem lhe tirar de ministro. 'Ah, mas os generais de Exército são muito meus amigos, todos eles vão me acompanhar'. 'General, não vim aqui discutir com o senhor. Vim aqui lhe dizer o que o compadre dele me contou, que é meu infiltrado. Vive lá na corriola deles'. 'Ah, tá, eu vou ver, vou pensar'. Alguém disse para ele 'ih, não é de (???) porra nenhuma' e ele continua. O Geisel, um dia.... Ele estava tão perdido, tão perdido, tão perdido, que depois ele me contou que ele vinha... foi chamado, de repente, para ir para o Ministério do Exército, e que vinha passando e viu a bandeira do Comandante do Planalto, sinal de que o comandante do Planalto estava no comando dele, estava o quartel dele, ele ficou pensando, 'pô, o que o general fulano veio fazer aqui hoje?'. Era um domingo.

CEV-RJ - Não, um feriado²⁷

PAULO MALHÃES: Um feriado. Ele aí, quando chegou lá, no ministério, recebeu a triste notícia que ele estava dispensado.

CEV-RJ - É aquele dia em que ele tentou reunir o alto-comando todo, chamou a Brasília os generais e aí o Geisel mandou uma turma no aeroporto fazer os generais passarem primeiro pelo Planalto e só depois irem para o Forte Apache.

PAULO MALHÃES: E os motoristas nos carros....

CEV-RJ - Não é isso? E que o Brillante Ustra ainda tentou levar alguns generais direto para o Forte.

PAULO MALHÃES: Alguns generais, não. Tentou levar alguns trouxas (rindo)

CEV-RJ - Agora, é, nesse mesmo período, a história que o senhor contou do preso que teria sido enterrado como indigente no Caju, o comandante do I Exército era o Reynaldo Mello de Almeida. Era esse que tinha pretensões, falava-se que podia ser na sucessão...

²⁷ O general Sylvio Frota caiu do cargo de ministro no dia 12 de outubro de 1977, feriado por ser dia de Nossa Senhora Aparecida.

PAULO MALHÃES: Filho do José Américo.

CEV-RJ - Filho do José Américo Almeida. Foi ele que quase que... 'vou entregar o cargo, não sei o quê?' Porque tinha caído o Ednardo por conta da morte do Manoel Fiel Filho. Depois da ...

PAULO MALHÃES: Lá em São Paulo...

CEV-RJ - ... morte do Herzog. Porque primeiro morreu o Herzog, depois morreu o Manoel Fiel Filho, aí o Geisel derrubou o Ednardo e botou o Dilermano.

PAULO MALHÃES: Aí encontraram a solução para o problema dele.

CEV-RJ - O preso que tinha morrido no DOI.

PAULO MALHÃES: Aí, encontraram a solução para o problema dele e ele ficou na dele e ficou no....

CEV-RJ - E Brasília nem ficou sabendo?

PAULO MALHÃES: Nem ficou sabendo.

CEV-RJ - Isto foi antes da queda do Frota.

PAULO MALHÃES: Aí..

CEV-RJ - E era um preso de importância?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Era de que partido?

PAULO MALHÃES: Nem sei. Eu sei que era uma história...

CEV-RJ - O senhor disse que tinha um policial civil no meio e que estava trabalhando no CODI, é isso.

PAULO MALHÃES: Um troço idiota, idiota. Mas, o Frota caiu porque quis. Quando o Ustra chegou perto de mim 'Malhães, vamos pegar nas armas?' 'Eu não. Não vou pegar em armas nenhuma.' 'A gente vai lá, sequestra os generais, leva tudo lá para falar com o Frota.' 'Eu não vou...'

CEV-RJ - O Ustra chegou a propor isso?

PAULO MALHÃES: Nós não vamos conseguir não.

CEV-RJ - E ele, conseguiu algum dos senhores? Alguém foi?

PAULO MALHÃES: Primeiro que ele também não era muito confiável. Mas, vamos lá. Aí, ele...Não, se ele foi avisado, sabia que ia acontecer, você se achar... Eu, quando eu ia levar alguma sacanagem, eu sabia, eu me defendia antes. Que a minha vida também não era um mar de rosas não. Inventar que tinha acontecido isso comigo, que tinha acontecido aquilo comigo, e, tô te dizendo isso. O presidente me chamou para perguntar que historia é essa do argentino que tinha sido sequestrado no Brasil? Quem me alcaguetou? Só pode ser alguém da minha cadeia de chefia.

CEV-RJ - Voltando a Petrópolis,

PAULO MALHÃES: Ih, Petrópolis.

CEV-RJ - ...me explica, o senhor falou que a Ana Kuncisk não foi em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Que foi um caso da USP.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Que houve um julgamento. O que é um julgamento? Julgamento por quem? Que tipo? Era comum essa coisa?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Foi uma excepcionalidade?

PAULO MALHÃES: Hun, hun (confirmando)

CEV-RJ - E que excepcionalidade foi esta?

PAULO MALHÃES: Ah, não sei.

CEV-RJ - Alguma coisa o senhor sabe. Foi julgada por quem? Pelo pessoal do serviço.

PAULO MALHÃES: Eu acho que não.

CEV-RJ - O senhor disse que foi a turma do serviço.

PAULO MALHÃES: Eu acho que não.

CEV-RJ - Que não foi a esquerda.

PAULO MALHÃES: Por que a turma do serviço faria isso?

CEV-RJ - Não sei. Eu perguntei, foi a esquerda? O senhor disse 'Não. Não vou creditar isso à esquerda, foi...

PAULO MALHÃES: Não vou creditar isso à esquerda.

CEV-RJ - .. foi do serviço?

PAULO MALHÃES: ...eu também... Eu não tinha certeza que tenha sido a direita. Porque muita coisa eu tenho que me lembrar. Você vê, você me embananou aí uma temporada grande com esse teu amigo que faleceu...

CEV-RJ - Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Rubens Paiva.

CEV-RJ - Não embananei nada.

PAULO MALHÃES: Eu fiquei, eu fiquei encucado. Eu digo, porra, quem é esse cara? Eu não devia estar aqui, quando Rubens Paiva morreu.

CEV-RJ - Mas, estava quando Rubens Paiva foi desenterrado.

PAULO MALHÃES: Aí.

CEV-RJ - Chegou a um ano depois, isso?

PAULO MALHÃES: Eu acho que chegou, mais ou menos isso.

CEV-RJ - Mas esse da Ana Kuncisk, o senhor, me pareceu que sabia mais coisa. Porque o senhor falou que a Ana Kuncisk 'foi um caso uspiano'. Nós até perguntamos o que é um caso uspiano, coisa assim. O senho disse assim, 'não, houve um julgamento' – (mexendo nas anotações) eu estou tentando achar aqui, aonde está isso, olha aqui (lendo as declarações anteriores): 'Ana Kuncisk, professora de química, lembra disso. Ela era da USP', eu falei. O senhor falou: 'é um caso da USP mesmo'. Aí eu disse: 'Isso significa o quê, um caso da USP?' 'Que ela foi presa, foi julgada e foi executada. Não sei. Ou foi eliminada. Não sei. Se tornou um dos elos perdidos, aí eu não sei. Mas que não tem nada a ver com a gente.' 'Coisa da esquerda?' 'Não. Também não vou acusar a esquerda disso.' 'Coisa da direita, dos militares?' 'É coisa do serviço.' 'Do serviço? E não passou em Petrópolis?' – riso – Não. O senhor disse, não, não passou em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não passou em Petrópolis, não.

CEV-RJ - O quê? Não foi, mas o senhor disse que foi coisa do serviço.

PAULO MALHÃES: Eu tenho que me lembrar desse caso direito.

CEV-RJ - A professora ...

CEV-RJ - Coronel, foto ajuda o senhor? Não?

PAULO MALHÃES: Eu sempre tive uma memória fotográfica boa.

CEV-RJ - Por isso que eu perguntei.

PAULO MALHÃES: Eu olhava assim para ele e não perdia ele nem entre mil...(inaudível). Entendeu?

CEV-RJ - Não, porque eu digo, desses casos que a gente também não sabe direito, que não sabe...

PAULO MALHÃES: É uspiana (????? – inaudível)

CEV-RJ - O que nós não queremos, coronel, é dizer que passou ou não passou em Petrópolis e amanhã ser desmentido, entende?

CEV-RJ - O senhor sabe qual é o meu dever, igual o senhor já teve muitos na vida? Eu tenho que escrever, para apresentar em abril do ano que vem, o relatório da Comissão da Verdade. Eu não quero, coronel, escrever mais uma vez na história, mentiras. Está cheio. Antes do senhor. Nós falamos aqui, já disse, o senhor meu deu uma aula de história sobre isso. E aí, eu já falei isso para o senhor, né? O senhor pode até não me falar, detalhar algumas informações. Mas, o senhor pode me ajudar a não mentir, pelo menos. Porque têm acusações contra o senhor, pessoas que... Inês Etienne e tantas outras pessoas que falaram coisas e o seu nome apareceu, que não tem sentido eu considerar isso verdade se eu tive oportunidade de perguntar para o senhor e o senhor me disser , não, isso não...

PAULO MALHÃES: Mas a, a a, ... ela no jornal disse que não me conhecia.

CEV-RJ - É

CEV-RJ - Não, dela estou dando um exemplo aleatório. Mas, ela falou várias coisas, de várias pessoas, o ideal seria que eu pudesse chegar nessas pessoas e perguntar sim ou não? E aí eu posso considerar isso. Porque eu acho que a pior coisa vai ser escrever..., porque, assim, o nosso trabalho, coronel, diferentemente de... ele não é, entendeu?, eu não vou..., eu não vou fazer uma reportagem, eu não vou escrever um livro, eu não vou ganhar um prêmio de jornalismo, não tem isso. Eu tenho que dar um sentido ao que eu vou fazer com estas informações que o senhor está me passando. Eu posso dizer que foi o senhor quem falou isso?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: Pelo menos foi o compromisso que você assumiu comigo²⁸.

28 Esse compromisso de não revelar o autor das informações contidas nestes entrevistas acabou sendo quebrado, em parte, quando o próprio Malhães,

CEV-RJ - Sim. Aí, agora, eu faço o quê, com isso? Eu tenho pensado muito nisso, mas além de pensar nisso, mas além de pensar nisso, o que eu vou fazer?

PAULO MALHÃES: Eu acho...

CEV-RJ - Daqui a um ano, quando eu for escrever?.

PAULO MALHÃES: Eu acho, que você devia começar essa história com a que eu comecei hoje: guerra é guerra. Há um rei Ostrogodo, que quando dominou Roma ele cobrou um pedágio, tanto quilos em ouro, para que Roma fosse desocupada. Aí ele botou os pesos na balança e os romanos começaram a botar ouro. Tantos quilos. Aí os romanos foram a ele e disseram 'essa sua balança está com o peso errado. Não está certo'. Ele puxou da espada, jogou em cima da balança, onde estavam os pesos dele e disse, 'Aí dos vencidos!'. Então, eu acho que o que aconteceu foi o seguinte, eles... pode ser, você vai dizer, 'não, mas eles venceram agora'. Eu acho que não, porque não há uma unanimidade de consenso deles. Senão eles..., teríamos ai... precisamos de um Lenine, um Stálin, alguém de poder para poder formalizar este vencimento deles. Mas, nós vencemos a nossa etapa. Então, o que eu acho que você devia começar este livro, contando uma coisa que o pessoal de hoje não sabe, o que é uma guerra? Uma guerra, sem rosto, que a nossa guerra é uma guerra sem rosto, uma guerra sem farda e sem rosto. Porque não existe rosto. Então, uma guerra em que vale tudo. O que eu racionalizei foi isso. Eu disputei uma guerra em que valia tudo. Que não foi disputada só aqui no Brasil, não. Não foi só nós brasileiros que tivemos a honra (frisa a palavra) de fazer uma guerra sem rosto, não. Os Estados Unidos perdeu uma guerra porque quis lutar com rosto com quem estava sem rosto. O Comando Vermelho dos traficantes surgiu porque os comunistas que estavam presos juntos dos assaltantes de banco - foi um troço errado que se

após garantir que não conversaria com mais ninguém a respeito desses assuntos, saiu dando entrevistas para o jornal O Globo (em 16 de março, ainda sem revelar seu nome) na edição de O DIA, já indentificando-se e no dia 21 de março, novamente em O Globo, agora com a identificação e citações deste depoimento à CEV-RJ. No dia 25 de março ele compareceu à CNV e repetiu, em parte, o que disseram nos depoimentos anteriores.

fez, fomos juntar... assaltante de banco é assaltante de banco, só que juntaram os comunistas assaltante de banco com ladrões, marginais assaltantes de banco, aí surgiu o Comando Vermelho. Porque os comunistas descobriram que eles tinham errado. Porque eles não tinham o povo, ninguém do povo para lutar com eles. Todos eles eram marcados. E o traficante não, ele se imiscui no meio da população e é um guerrilheiro. O que hoje o tráfico faz no Brasil, é uma guerrilha urbana, completa. Não tem que tirar nem por. Se você chegar e ler um livro sobre guerrilha urbana, vai dizer o tráfico no Brasil fez – fez só no Brasil, não, fez no México e em outros países – é uma guerrilha urbana, em que eles atacam aonde eles querem, quando eles querem e com meios mais vantajosos. Então, acabou. Isso é uma guerrilha. Para se opor a uma guerrilha, aí botam policiais fardados, com não sei o quê, que podem ser corrompidos facilmente, despreparados, para combater o tráfico. Aqui mesmo, eles me respeitam, meu quadrado aqui, mas é que de vez em quando eu sento bala neles. Não duvida muito não porque eu vou, mesmo capengando assim, eu vou lá pra cima e sento bala neles. Anteontem, mesmo, eu dei uns tiros aqui. Porque eu não vou aceitar que o cara entre na minha casa sem perguntar para mim se pode entrar. ‘Ah, mas nós somos do Movimento’. Movimento de que? De dá isso, de dá aquilo...(???) Fiquei sacaneando eles. Comigo não. Comigo, ou vocês me respeitam ou me matem. Têm duas alternativas. Mas, enquanto eu for vivo, me sacanear, não. Então é isso que eu queria que você...

CEV-RJ - Coronel, é guerra. Mas quando acaba a guerra?

PAULO MALHÃES: A guerra acaba quando o adversário é derrotado, né? Isso é normal. Ou quando não existe mais força militar desse adversário para fazer frente, ele é.. é o que a gente diz, as organizações revolucionárias acabaram. Não tinha mais nenhuma organizada. A gente cortou a cabeça de todo mundo, era só cabeça, pé de chinelo dificilmente entrava. Não sei o que, comando central, comando regional, vai. Assaltou, matou, assaltou banco, matou gente, sequestrou, vai. Então acabamos com a cabeça. Como..., hoje você diz, ‘não, mas subversivo’, eles hoje fizeram uma ...

CEV-RJ - Coronel, mas ai tá... desculpe, eu interrompi o senhor...

PAULO MALHÃES: Fala.

MADINE – Acabaram as cabeças. Teve a abertura. Alguns políticos voltaram para o país, conseguiram exílio???? (inaudível) o senhor procurou as pessoas que o senhor tinha relação...

PAULO MALHÃES: E suspendi.

CEV-RJ - Tchau, era isso. Mas, aí, coronel, um caso que nem o Rio-centro? Ainda era necessário?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Para que uma bomba na OAB, coronel? Na OAB? O que a OAB?... Aí tá, tudo bem, a Inês Etienne foi lá na OAB... é, é, é... quem era a Inês Etienne? ela tinha essa força para justificar uma bomba na OAB?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ou foi por outra coisa?

PAULO MALHÃES: Mas aí..., aí você tem que entender que nem todo mundo entende as coisas e sabe fazer as coisas.

CEV-RJ - Porque, recentemente, saiu no Fantástico uma matéria enorme, saiu na Globo uma matéria sobre o Riocentro. O senhor viu?

PAULO MALHÃES: Vi.

CEV-RJ - Tem muita coisa errada ali, coronel, pelo o que o senhor lembra? Mal..., entendeu?

PAULO MALHÃES: O Riocentro foi uma coisa simples. Eles decidiram fazer o Riocentro. Vamos mostrar que nós a ... já tinha dito que havia paz, estava todo mundo tranquilo. Vamos mostrar que ainda existe guerra. ‘Bom, como é que nós vamos mostrar?’ ‘Vamos fazer um atentado ao Riocentro. Pega um carro, pega umas bombas, põe dentro do carro, vai com sargento fulano, que é especialista de carro, vai no carro do capitão fulano, e vocês vão lá e jogam uma bomba lá.’ O cara não fez levantamento do local..

CEV-RJ - Amador .

PAULO MALHÃES: O cara não fez nada. O cara foi lá à Bangu. Aí o sargento que tinha que levar a bomba pronta, foi montar a bomba dentro de um carro estreito e tocou com a correia do relógio dele – você não usa relógio...

CEV-RJ - Eu uso, meu relógio está no conserto e não me devolveram.

CEV-RJ - Eu não uso esse aí não.

PAULO MALHÃES: Não, esse aí não funciona.

CEV-RJ - Tem que ser aquele de corrente..

PAULO MALHÃES: Aquele de corrente. Foi, encostou no contato e a bomba explodiu.

CEV-RJ - Isso é uma maneira simplista de falar, por que por trás disso tem outras coisas. Tem gente que sabia, que ajudou a organizar... O senhor mesmo falou que o ministro na hora mandou não fazer. O ministro era o Walter Pires.

PAULO MALHÃES: É, mandou não fazer.

CEV-RJ - Mas o Nini sabia. E fez. E deixou rolar.

PAULO MALHÃES: Não foi bem o Nini que fez...

CEV-RJ - Deixou rolar.

PAULO MALHÃES: Talvez ele também não tivesse poder de comando para dizer para.

CEV-RJ - Ou seja, a tese de que se criou uma comunidade de informação que ficou sem comando não é uma mentira?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - A mesma comunidade que quis ser contra a abertura.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não é a mesma.

PAULO MALHÃES: Não, contra a abertura até eu fui.

CEV-RJ - Mas, muitos foram.

CEV-RJ - A comunidade toda era.

PAULO MALHÃES: Eu só não concordei em assassinar presidente da República, general de Exército, não concordei com isso.

CEV-RJ - Que rolou na época a tentativa, a proposta...

PAULO MALHÃES: Para que outro general... Fazer, mais ou menos, o que a Dilma Rousseff fez agora. Condenaram o mensalão, pá, pá, pá, ela trocou quatro ministros, está querendo empurrar o Joaquim para fora, para ela trocar o STF todo e rever tudo, inocentar tudo, e tá tudo zero a zero, tá tudo igual. É a mesma coisa.

CEV-RJ - Mas, isso não foi feito. Nem... Não adiantava fazer o que ela...

PAULO MALHÃES: Não, ninguém topou. E eles resolveram fazer no peito.

CEV-RJ - Aquela matéria da Globo, o senhor viu, eu vi também no Fantástico. Aquilo ali está completo? Se eu tivesse que, assim, escrever sobre o episódio do Riocentro...

PAULO MALHÃES: Na moda jornalística que é obter sensacionalismo, está. O jornalista – desculpe o meu amigo – ele não visa muito a verdade ou a mentira, não.

CEV-RJ - Discordo do senhor. Discordo plenamente do senhor.

PAULO MALHÃES: Ele visa, se a matéria dele vai vender jornal ou não, e vai ser sensacional e ele vai ganhar por causa disso, ou prestígio, ou lá o que seja.

CEV-RJ - Reconhecimento.

CEV-RJ - Desde que seja verdadeiro.

CEV-RJ - Não necessariamente, mas enfim. Não vamos discutir.

PAULO MALHÃES: O meu problema ...

CEV-RJ - Não se fosse assim eu ligaria a televisão e acreditaria no que tá, e não é verdade. Eu leio o jornal todo dia e não é verdade o que está escrito ali.

PAULO MALHÃES: Eu também,

CEV-RJ - É, por aí, entendeu? Não necessariamente

PAULO MALHÃES: Eu concordo com você, eu também... nem leio mais jornal

CEV-RJ - Eu leio, desconfiando.

PAULO MALHÃES: Minha mulher adora ver telejornal, eu não gosto. Porque eu acho que muita coisa ali é feito, é imaginável. Por exemplo, dá o nome da casa de Petrópolis, de Casa da Morte, sem explicar o que é, dar até a minha explicação. Era uma casa de conveniência, não tem nada a ver com casa da morte.

CEV-RJ - Sim, mas este é um nome que foi dado lá em 86...

PAULO MALHÃES: Se todo mundo que morresse passasse por lá, eu até concordo... eu acho que

CEV-RJ - Porque, na verdade, a morte lá – peraí – a morte lá era exceção?

PAULO MALHÃES: Era exceção. E a maioria dos que morreram não tem nada a ver com Petrópolis.

CEV-RJ - E a maioria de quem passou por lá... se ela tinha um objetivo, que era virar as pessoas que passavam?

PAULO MALHÃES: Então, por quê? Ele disse, 'Ah, foram meus editores que fizeram isso. Eu digo, eu não posso acreditar.

CEV-RJ - A culpa não é do Chico Otávio.

PAULO MALHÃES: É dos editores, mesmo?

CEV-RJ - Dá para acreditar nisso, coronel.

CEV-RJ - Dos editores e do fato de que em 86..., desde 81 se chama Petrópolis como Casa da Morte.

CEV-RJ - Mas, enfim.

CEV-RJ - Desde 81, quando Inês Etienne apareceu e falou, aqui foi feito uma casa, um centro de tortura, depois apareceu como Casa da Morte, começaram a surgir nomes de pessoas que teriam morrido lá.

CEV-RJ - O senhor diz assim não é a melhor forma de denominar

PAULO MALHÃES: Não é a melhor forma de denominar. É um aparelho. Os subversivos mataram quanta gente dentro de aparelhos? Eles também tinham aparelhos.

CEV-RJ - Posso lhe fazer uma pergunta? Há quantos jornalistas o senhor falou que aquilo não é Casa da Morte, é um aparelho?

PAULO MALHÃES: Só a ele, e aos senhores, agora.

CEV-RJ - E os seus colegas?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Nenhum. Por que não apareceu a versão do Exército, fosse pelos senhores ou pelo Exército, dizendo assim, 'não, aquilo ali era um centro de conveniência'?

PAULO MALHÃES: Porque, eu vou dizer a você, eu já te falei, os generais são generais de ensino. Eles não são generais de combate. Então eles não sabem nem o que é aparelho, nem o que é casa de interrogatório, ou lá o que seja. Eles não sabem o que é isso. Eles sabem que um Batalhão tem que ter quatro companhias, um regimento tem que ter três batalhões, o armamento e como se ataca e como se defende. Eu sei porque fiz a ESAO. Eu dizia muito simples, quando o cara dava a prova, 'vamos para a guerra de papel'. Porque não existia um Regimento de Cavalaria, de Carros de Combate, pronto,

no Brasil. E eu, comandava lá, uma Divisão de Carros de Combate. Tinha que ter pelo menos três batalhões de carros de combate contra o inimigo fictício, lá, que tinha ocupado uma região tal e eu tinha como obrigação montar um planejamento para tirar ele de lá. Tem até um caso gozado comigo, de um ataque, nós estávamos trepados em um morro aqui em cima, logo aqui, e o cara era capitão, o cara me chamou, e disse assim: “Malhães, como é que você atacaria dessa região para aquela região?” Eu digo, ‘frontal. Pela proximidade, pelas vias de acesso’. Ele disse, ‘Você não pode’. ‘Por que não posso?’ ‘Porque você está dando flanco para o inimigo’. Eu digo, ‘mas eu tenho um esquadrão de apetrecho pesado, que eu já comandi, vamos fazer uma cortina de fogo à direita e passar’. ‘Não, está errado’. Tudo bem. Ai lá pelas folhas 14, ele foi mostrar um ataque lá em que ele também passou no flanco do adversário. Ai eu perguntei, ‘coronel, o senhor está errando’. ‘Por quê?’ ‘O senhor está dando o flanco para o seu inimigo. E o senhor de Infantaria não tem o esquadrão de apetrecho pesado. O senhor tem que arranjar a fumaça, no mesmo lugar que o senhor arrumou para mim, um esquadrão de apetrecho de cavalaria’. Ai, ficou todo mundo rindo olhando para a cara dele. Porque, o cara de combate, de escola é outra coisa. O cara vive outro mundo. Infelizmente, eu abri outro dia uma revista, estava lá no Exército, quando fui me apresentar, leio quem era o chefe do estado Maior, quem era o chefe do estado maior geral, era tudo cara com aquela barrinha de livro na (lapela) . Porra e o combatente? Aonde estão os combatentes? Ai o ministro do Exército, aceita ser..., deixa de ser ministro, quer dizer, ele deixa de ter uma situação política invejável, de participar da vida política do país, para ser comandante-chefe e botar como ministro da defesa um cara que nunca viu nem um revólver, ou então um guerrilheiro.

CEV-RJ - O senhor já ouviu falar no Élio Gaspari, já?

CEV-RJ - Do Riocentro eu entendi o que o senhor falou, essa coisa aí. Por que o senhor acha que teve uma bomba na OAB nesse período?

PAULO MALHÃES: Não tenho nem ideia.

CEV-RJ - Na época, isso não lhe...

PAULO MALHÃES: Isso pode ter sido uma ação individual, que a bomba da O... O ataque do Riocentro exigiu um grupo, mas a bomba do Riocentro (quis falar OAB) não, exige uma pessoa só.

CEV-RJ - O senhor sabe do inquérito da OAB?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - O senhor sabe... porque, assim, tudo faz crer que o inquérito foi uma farsa. Na época, o delegado, tinha uma influência do SNI muito grande junto à Polícia Federal, que estava coordenando. Acusaram o Ronald Walters que era o mesmo lá da ... do Campo de São Cristóvão, que o senhor falou da..., ele que foi acusado de ter colocado a bomba, mas depois disso se comprovou que não tinha sido ele. Então, assim, tem muita farsa nesse inquérito, é uma coisa..., é muito fácil, a pessoa não precisa ser muito inteligente para começar a ler aquilo e ver que é uma farsa. Só que isso foi em 80. Aí, destas coisas, eu mexendo aqui, conversando com um e com outro, vendo quem é quem na época, porque isso é mais recente, a gente tá falando de coisa aqui de 65, 70. Isso é 80. Tem muita gente que ainda lembra disso, que estava lá, no prédio, e coisa assim. O agente Guarany, o senhor sabe quem é?

PAULO MALHÃES: Sei.

CEV-RJ - Ele pode ter colocado essa bomba lá, na época?

PAULO MALHÃES: Aí eu não sei. Eu conheço o Guarany. Pode até ter sido enviado por alguém para colocar essa bomba. Ser, partir dele, não. Partir dele...

CEV-RJ - Mas ele teria condições de fazer um serviço desses?

PAULO MALHÃES: Teria. Pela prática, pelo exercício, pela...

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: ...pela iniciativa dele, por certas características dele, teria. Agora, não seria nunca iniciativa dele. Poderia estar cumprindo missão para alguém.

CEV-RJ - O senhor soube dessa reunião que esse Guarany teria tido com o Nini, após a bomba do Riocentro, em um hotel?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Coronel, mas essa coisa lá da OAB ainda, voltando aqui, o que tem, é muito... é isso o que a gente estava falando aqui, a gente não pode acreditar em tudo o que a gente lê, a gente vê assim, ele, eu também acho que ele poderia...

PAULO MALHÃES: Mas que não por ordem... não por iniciativa própria.

CEV-RJ - Mas não é, não é..., isso, mas assim, na sua cabeça, por mais que isso possa parecer estranho, a gente pode pensar, pela época, pelos agentes, quem estava no SNI, quem estava na Polícia Federal aqui no Rio, isso em 80, 81, 82, ali, nesse período. Com tudo que já estava a caminho de envolvimento de ...

CEV-RJ - Abertura política.

CEV-RJ - Não, não só da abertura, mas também da contravenção, coisa que a gente sabe que já estava acontecendo nesse período aqui no Rio, isso aí todo mundo sabe e não é novidade, dá fim de pensar em criar alguma relação entre a OAB e o Riocentro?

PAULO MALHÃES: Pode. Só não vou achar muita motivação. Eu sou como um detetive que inspeciona o crime: qual foi a motivação que o cara teve para matar fulano. Tem que ter uma motivação. A gente tem que ver primeiro qual foi o motivo que levou os caras a levarem essa bomba para o Rioce.....

CEV-RJ - Para a OAB.

PAULO MALHÃES: Para a OAB. Para o Riocentro eu sei. Foi aquela, 'não, não é bem assim', que o traficante fala hoje, 'tudo é comigo mesmo, eu é que sou'. Mais ou menos isso.

CEV-RJ - E na OAB?

PAULO MALHÃES: Então, ..

CEV-RJ - Se o senhor souber que o Perdigão estava atento a todos os passos da investigação feita pela Polícia Federal, na bomba da OAB, o senhor admite que o elo entre o Riocentro e a OAB possa ser o seu colega Fred Perdigão?

PAULO MALHÃES: (silêncio)

CEV-RJ - Que estava no SNI, estava estourado... era estourado e

PAULO MALHÃES: Mas, será que não foi alguém que mandou ele acompanhar? Por que o Fred teria intenção de mandar uma bomba contra a OAB? Eu não tenho nada contra a OAB. Eu, por exemplo, não tenho nada.

CEV-RJ - Sim, mas é por isso que eu lhe perguntei, coronel, por que uma bomba na OAB, justamente naquele período?

CEV-RJ - Para tumultuar?

PAULO MALHÃES: E aí, tumultuar?. E o que interessava tumultuar?

CEV-RJ - Perturbar, mostrar que a comunidade de informação ainda tinha serviço a ser feito. Os senhores não jogavam bombas no Diário de Notícias, em 64....

PAULO MALHÃES: Hum, hum (concordando)

CEV-RJ - ... para dizer que era a esquerda que estava atuando?

PAULO MALHÃES: Não. Para dizer que era a esquerda, não. A gente escrevia MAC. Você pode procurar as fotografias daquela época que existia o nome MAC.

CEV-RJ - Sequestro do dom Adriano, bomba na casa do Roberto Marinho, bomba nas bancas de jornal, bomba no Riocentro, bomba na OAB.

PAULO MALHÃES: pode

CEV-RJ - Na ABI.

PAULO MALHÃES: Pode.

CEV-RJ - Na Câmara dos Vereadores, no gabinete de um vereador que era... que foi partidão

PAULO MALHÃES: Pode.

CEV-RJ - Não é tudo no mesmo contexto? A OAB não entra nesse contexto?

PAULO MALHÃES: Pode entrar.

CEV-RJ - Coronel, mas isso é depois da.. da, tudo isso é depois de 79, né?

PAULO MALHÃES: Pode.

CEV-RJ - Não é a comunidade de informação querendo mostrar que ela.. que não pode haver a abertura?

PAULO MALHÃES: Eu acho que a abertura vem (estala os dedos) bem antes...

CEV-RJ - Sim, vem do Geisel. Começam os primeiros sinais no Geisel.

PAULO MALHÃES: Então, já não tinha mais razões de ser evitada.

CEV-RJ - Não tem isso também.

PAULO MALHÃES: Não tem mais razão de ser evitada.

CEV-RJ - O que o senhor acha que é, coronel? Nesse período aí. Hoje, assim, olhando para trás

PAULO MALHÃES: Pode, até certo ponto, ser isso que ele falou. Um grupo achar que quer mostrar a força da comunidade de informações. Sendo que não seria assim, nunca, que a comunidade de informações mostraria a sua força. Então, a comunidade de informações mostraria a sua força se, se revoltasse e tomasse o Palácio, muito

bem, aí eu ía. Se você dissesse, nós agora vamos mostrar que essa abertura está errada, nós vamos nos armar e vamos bolar um ataque ao Palácio do Planalto. Eu ia, porque aí era troço de homem. Chegava lá depunha o presidente e nomeava um presidente que quisesse. Tão fácil tomar o Palácio do Planalto. Você acha que algum daqueles guardinhas ia atirar ao ver o poder de fogo maior que o deles? Nunca. Você tem que imaginar que aqueles guardinhas são pequenos enfeites. Os Bobs, são enfeites americanos, né, ingleses, né? O bobão, com aquele chapelão, nem pisca. E a mesma coisa, os Bobs brasileiros são aqueles lá.

CEV-RJ - Na nossa conversa anterior o senhor falou que foi contra a abertura e que até propôs que se fizesse alguma coisa contra. Mas, o senhor falou também que quando começaram a jogar bombinha o senhor disse que essa história não levava a nada...

PAULO MALHÃES: Como não levou.

CEV-RJ - O que o senhor imaginava fazer?

PAULO MALHÃES: Isso.

CEV-RJ - Tomar o poder?

PAULO MALHÃES: O Ustra, chegou a pensar nisso.

CEV-RJ - E chegou a articular?

PAULO MALHÃES: Não. Não teve articulação. Porque tudo, você para ter uma base forte, você não pode deixar um micróbio entrar. Se você deixar um micróbio entrar, ele vai se repro... o micróbio se reproduz em uma velocidade muito grande, quando você olhar o teu queijo está tudo bichado. Então, ali nós já estávamos... a reação era bem antes. Bem antes. Você vai dizer, 'ah, o Golbery'. O Golbery foi um dos maiores traidores que houve da revolução. E agora? Tudo porque arranjou uma amante de esquerda.

CEV-RJ - Quem era a amante de esquerda?

PAULO MALHÃES: Ah, sei lá quem era. Eu sei que é uma amante de esquerda. Os filhos são de esquerda, a mulher é de esquerda. Aí co-

meçou a falar dos arcanjos que vão voltar, se lembra disso? Foi quando ele falou que os caras vinham do exterior, voltar para o Brasil, os asilados. Então, o troço já estava bichado. Não existia mais força no contexto. Você apertava e ela escorria por entre os teus dedos. Você podia sim, montar um grupo – mas tinha que ser um senhor grupo – e tomar o Palácio do Planalto. Era o troço mais tranquilo do mundo.

CEV-RJ - Mas precisava ter um senhor grupo.

PAULO MALHÃES: Não tão assim, um armamento...

CEV-RJ - Mas, àquela altura, teria respaldo da população?

PAULO MALHÃES: Não sei, nós vamos ver. Normalmente tem. A população, tu bota um... aqueles caminhões que transportam carro de combate, no meio da rua, saí todo mundo correndo. Não precisa ter carro de combate não. Isso eu assisti. Tinha que ter alguém, um general, sim, um general era essencial, que reunisse..., que já tivesse uma tropa na mão. Né, por ser general. Que tivesse um exército na mão. Essa ideia, vou te dizer a ideia mãe de muito antes de acabar a revolução, só que os generais que nós escolhemos, nenhum deles foi eleito general de Exército. Um personagem seria de general de Exército, nosso. Ele teria um exército, influência – general de Exército é homem de influência – e o resto a gente faria. Desde que esse general se pronunciasse, com o exército dele, contra aquele estado de coisas. Isso o grupo já fazendo guerrilha (pausa) fazendo guerrilha. Se não desse sucesso na primeira investida, fazia uma guerrilha. Seguiu a teoria do foco de Regis Debret, vem cá ela é válida para o lado de cá, é válida para o lado de lá, pô. O maoísmo já é mais difícil, pegar o campo e levantar contra as cidades, aqui no Brasil é difícil, né? Existe região que tem meio habitante por quilômetro quadrado, então, é difícil. Mas...

CEV-RJ - Até aonde chegou a conversa?

PAULO MALHÃES: Assim, a nível de bate papo. Tentamos promover o general...

CEV-RJ - Seria o?

PAULO MALHÃES: Deixa isso para lá. Tentamos, não conseguimos. Todos os nossos generais de Divisão não saíram Exército. Mesmo os que não tinham Exército, nós não conseguimos general de Exército. Eles continuaram, foram cortados e iam embora para casa, então, acabou a história. Ainda assim eu insisti, vamos tomar o Palácio do Planalto. General... Getúlio fez general, à cavalo, na estrada do Rio Grande do Sul para cá. Nomeado capitão-general. Então, esse negócio de fazer general é bobagem. Foram grandes generais, até, os gauchinhos lá, seus compatriotas. Então, isso é bobagem. Você toma, faz o que Trótski fez, fecha as comunicações - vou te dizer o exemplo da Revolução Russa, hein? -, fecha as comunicações, ninguém mais fala com ninguém, telefone, televisão, rádio, não tem mais nada. Saiu do ar o país. E faz as ações, derruba o Kzar, faz tudo.

CEV-RJ - Ação de?

PAULO MALHÃES: De guerrilha. Toma tudo. Aí quando a nação acorda no dia seguinte, no nosso caso, porque eles lá não tinham televisão, bota o rádio, os correios para funcionar, já é o novo governo.

CEV-RJ - Falar, eu acho que é fácil.

PAULO MALHÃES: Não é difícil, não.

CEV-RJ - Tanto era, que não fizeram.

PAULO MALHÃES: Não, não fizemos porque não tinha... É o que eu digo para você, tudo é questão de oportunidade. Se teve esta oportunidade, no governo Geisel.

CEV-RJ - Mas se desperdiçou.

CEV-RJ - O Hugo Abreu? O Hugo Abreu apoiaria?

PAULO MALHÃES: Apoiaria. Mas, não seria só o Hugo Abreu não.

CEV-RJ - O próprio Frota.

PAULO MALHÃES: Havia um contingente muito grande.

CEV-RJ - Que foi esvaziado.

PAULO MALHÃES: Mas, o Frota ficou sonhando que ele era o candidato do sonho dos deputados. Os outros ficaram esperando o sol nascer. E a oportunidade foi perdida.

CEV-RJ - (mexendo em papéis) Coronel, estou fazendo barulho aqui porque eu estou querendo encerrar aqui.

CEV-RJ - Eu ainda acho que precisava esclarecer alguns nomes de lá da Casa da morte.. da casa.. do aparelho de Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Se eles se transformaram, justificariam o nome de Casa da Morte ou não. Se morreram lá, ou não?

PAULO MALHÃES: Ninguém morreu lá. Lá dentro da casa, ninguém. Lá não era lugar de matar ninguém.

CEV-RJ - Por isso que o senhor diz que o outro mentiu ao dizer que pegou corpo lá?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Se alguém tivesse que desaparecer, não desapareceria ali.

PAULO MALHÃES: Dali.

CEV-RJ - Ali. Desapareceria dali.

PAULO MALHÃES: É, mas não. Por causa disso que eu digo, Casa da Morte é uma sacanagem. Por que Casa da Morte? Quem é que diz que morreu lá? Ninguém, né? Lógico, né. Quem é... a não ser a maluca, quem é que diz que viu outros que morreram lá? Porque eu vou dizer na cara dele 'é mentira, você não viu nada.' Aquilo era compartimentado. Sabe o que é compartimentação? É um troço fechado.

CEV-RJ - Não tem como um ver o outro.

PAULO MALHÃES: Não tem como um ver o outro. Seríamos uns idiotas....

CEV-RJ - (falando para Cristina) - Me arranja um copinho d'água.

PAULO MALHÃES: nós seríamos uns idiotas se permitíssemos que um visse o outro. Que o carcereiro conversasse com... Não tem.

CEV-RJ - Coronel, quanto tempo... o senhor lembra de cabeça até que ano funcionou lá em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Ih, não. De cabeça, não. Mas nós fechamos lá...

CEV-RJ - Depois do Araguaia...

PAULO MALHÃES: E fomos para um outro também bonzinho...

CEV-RJ - Em Itaipava

PAULO MALHÃES: Em Itaipava.

CEV-RJ - Perto de um rio, o senhor falou.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - O senhor saberia reconhecer... é, o senhor saberia aonde é este lugar?

PAULO MALHÃES: O de Petrópolis todo mundo sabe, né?

CEV-RJ - Mas, assim, o saberia dizer aonde é este outro lugar?

PAULO MALHÃES: Acho que seu eu fosse andando lá, conheceria.

CEV-RJ - Iria com a gente?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Passear em Itaipava.

CEV-RJ - Mas, com um mapa, hein coronel. Com mapa, com foto da região, mais ou menos assim.

PAULO MALHÃES: Primeiro, que...

CEV-RJ - Não para o senhor ir, mas para o senhor dizer...

PAULO MALHÃES: Primeiro, que ocorre uma coisa que vocês não estão pensando. Se você viesse aqui há vinte anos atrás, você hoje chegasse aqui, não achava esse sítio. Certo? Então, o tempo passa...

CEV-RJ - Muda tudo.

PAULO MALHÃES: E os lugares mudam rapidamente.

CEV-RJ - O lugar onde eu era criança, hoje é outro lugar.

PAULO MALHÃES: Então, eu acho difícil eu chegar lá e achar. Eu posso me lembrar do rio, me lembrar das coisas que tinham...

CEV-RJ - mais ou menos .

PAULO MALHÃES: ... agora, chegar à casa, isso é impossível.

CEV-RJ - O sítio lá de Jacarepaguá, também. O senhor acha que pode ser que já mudou totalmente, ou é possível a gente...

PAULO MALHÃES: Não sei, porque o dono do sítio já morreu. Antes de morrer ele tinha vendido o sítio.

CEV-RJ - Quem era, hein? Esse oficial da PM que eu tentei descobrir que não bateu continência. Eu soube de um almirante que não bateu continência para o Brizola.

PAULO MALHÃES: Ele foi um oficial da PM que também não bateu. Disse que não bateria continência para o Brizola.

CEV-RJ - Se ele já morreu, o senhor poderia lembrar o nome dele, né?

PAULO MALHÃES: Paulo Cardoso.

CEV-RJ - Paulo Cardoso.

PAULO MALHÃES: Famoso Paulo Peito de Aço.

CEV-RJ - Paulo Cardoso. Paulo Peito de Aço²⁹.

29 Segundo o deputado Paulo Ramos, Paulo Cardoso era conhecido como Paulo Peitaço;

CEV-RJ - Coronel, mas este sítio aí, o senhor acha que ainda está lá?.

PAULO MALHÃES: Não sei, aí com esta mobilização imobiliária, se você chegasse aqui há 20 anos atrás, há vinte não, há 10 anos atrás só encontrava esse sítio aqui, o resto tudo era mato. Agora há um conjunto ali, estão fazendo outro.

CEV-RJ - O senhor chegou a usar outra casa em Petrópolis, ou não?

PAULO MALHÃES: (inaudível)

CEV-RJ - Mas, a que durou mais tempo foi essa que todo mundo conhece, ou não? (05:31:15)

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - E essas outras foi mais para o fim...

PAULO MALHÃES: Por necessidade. Mas essas eram alugadas.

CEV-RJ - Alguma tinha alguma construção especial?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, era sempre nesse modelo que o senhor falou. Um lugar mais afastado, no mato.

PAULO MALHÃES: Afastado, muito mato.

CEV-RJ - Mas, lugares isolados, fora da casa. Por que alguém me falou de uma outra casa, que ela vez foi alugar e parecia um lugar que tinha lugares isolados fora da casa para manter pessoas isoladas.

PAULO MALHÃES: Não. Nunca seria do lado de fora da casa.

CEV-RJ - o quê?

PAULO MALHÃES: Nunca seria do lado de fora da casa. Você tem que admitir sempre que quando o troço era escolhido, era escolhido não pelo olhar crítico de uma pessoa, pelo olhar crítico de várias pessoas, que conheciam o assunto. Por exemplo, essa casa que você fala que é perto do rio, não sei o quê. Ela tinha um porão.

CEV-RJ - Tinha um?

PAULO MALHÃES: Porão. Maravilhoso. Foi só repartir o porão que você tinha cela. É aonde tinha o tal poço. Não posso lembrar que eu rio até hoje.

CEV-RJ - Coronel, e nos outros lugares do país, o senhor teve também outros aparelhos assim?

PAULO MALHÃES: Tivemos.

CEV-RJ - Mas, o senhor acha que aqui foi....

PAULO MALHÃES: O centro foi aqui. Aqui e São Paulo. São Paulo também tinha uns aparelhos bons, mas não eram mais da OBAN do que nossos. Nós podíamos usar, mas eram da OBAN.

CEV-RJ - E nas outras cidades?

PAULO MALHÃES: Nas outras cidades eram, praticamente, aparelhos de temporada.

CEV-RJ - Apartamentos, casas?

PAULO MALHÃES: Casas de temporada. Desculpa eu falar em apartamento. Casa de campo de temporada.

CEV-RJ - Sítiozinho, coisa assim.

PAULO MALHÃES: Sítiozinho de temporada. Passar uma temporada, quero alugar 30 dias e tal. Não era nada fixo.

CEV-RJ - E as cidades que tinha isso, coronel, o senhor lembra?

PAULO MALHÃES: Porto Alegre, Três Passos, as cidades quase todas que tinham unidades no Rio Grande do Sul, unidades militar.

CEV-RJ - Uruguaiana. Santa Maria, São Leopoldo...

CEV-RJ - Alegrete.

PAULO MALHÃES: Alegrete.

CEV-RJ - No Alegrete também?

PAULO MALHÃES: Regimento de cavalaria. Tem.

CEV-RJ - Mas tinha também estes aparelhos.

PAULO MALHÃES: Também.

CEV-RJ - São Borja.

PAULO MALHÃES: São Borja. Porque..., foi como nós desmontamos a guerrilha do meu amigo, meu capitão e meu amigo, Lamarca. Organizou...

CEV-RJ - Foi colega de escola do senhor?

PAULO MALHÃES: Foi colega de escola. Eu sei até porque ele passou para o comunismo.

CEV-RJ - É?

PAULO MALHÃES: Sei. Se você quiser eu te conto.

CEV-RJ - Quero...

PAULO MALHÃES: Essa eu posso contar. Aí...

CEV-RJ - Essa eu quero.

PAULO MALHÃES: Aí, a gente teve que montar uma contraguerrilha, nessas cidades e fomos... Eu até te conto um fato interessante lá do Rio Grande do Sul. Nós entramos na primeira cidade, mais ou menos meio-dia, almoçamos na estrada, entramos meio-dia. Tínhamos que prender cinco pessoas nessa cidade. Só prendemos uma.

CEV-RJ - Só prenderam?

CEV-RJ - Só prenderam quantas?

PAULO MALHÃES: Uma. Quando nós prendemos a primeira a notícia chegou para a quarta lá. Porque a notícia lá vai com uma velocidade que parece até radar... Avisaram 'tão prendendo gente, tão

prendendo gente'. O cara ó (sinal de que fugiu). Então nós descobrimos – você vê que tudo era experiência – que o negócio era chegar de madrugada, duas três horas manhã, e sair prendendo todo mundo. Aí, não tinha tempo de passar. Então, nós tivemos que desmobilizar esse esquema para o Lamarca nem tentar dar a partida na área dele. Como nós tínhamos prendido o chefe regional dele, ele ficou de pé e mãos atadas e teve que abandonar o projeto ali. Porque ali era o antigo caminho que o Gérson Cardin Osório seguiu, Três Passos, Foz do Iguaçu... Então, já tinha muita gente sensível à guerrilha na área, então nós tivemos que acabar antes que ela começasse. Graças a Deus, uma estrela deve ter iluminado a cabeça do general e o general concordou com a gente que, embora não tivesse começado a área de guerrilha, nós podíamos acabar com ela.

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Porque é difícil você convencer. 'Mas não tem nada lá. Não deram um tiro lá.' 'Mas vai ser lá, o projeto é lá. Já está sendo montado. Vamos desmontar antes que eles montem.' Era difícil. Registro...

CEV-RJ - Registro, em São Paulo.

PAULO MALHÃES: São Paulo, outra área de guerrilha...

CEV-RJ - Mas, lá no Rio Grande do Sul o senhor conseguiu...

PAULO MALHÃES: Conseguimos.

CEV-RJ - Em Três Passos

PAULO MALHÃES: Conseguimos acabar com tudo. Lá foi ...

CEV-RJ - E o Lamarca sabia?

PAULO MALHÃES: De quê? Dessa... tipo de organização que eles fizeram?

CEV-RJ - Não, ele, porque assim..., como o senhor conhecer ele...Porque eu fiquei curiosa com isso aí. Ele sabia do senhor e o senhor sabia dele?

PAULO MALHÃES: Sabíamos.

CEV-RJ - Ele sabia que era o senhor que estava atrás dele?

PAULO MALHÃES: Sabia. Tanto que ele fez um comentário que ele ia me matar. Ele atirava muito bem.

CEV-RJ - Como é que o senhor via isso, coronel, de militares como o senhor estarem...

PAULO MALHÃES: Mas, era o futuro do nosso país, como é o futuro da Síria, como é o futuro desses países todos. É irmão contra irmão. Não tem jeito. Essa é a solução do momento. Irmão contra irmão.

CEV-RJ - O Cabo Anselmo, coronel?

PAULO MALHÃES: O Cabo Anselmo era infiltrado...

CEV-RJ - De quem, hein?

PAULO MALHÃES: Nosso.

CEV-RJ - Do Exército?

PAULO MALHÃES: É. Por incrível que pareça.

CEV-RJ - Não, isso é público...

CEV-RJ - Não, ele, ele, enfim, deixa o senhor falar.

CEV-RJ - Isso já é domínio público.

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - Mas quem fez esse trabalho.

PAULO MALHÃES: Não fui eu. Eu já peguei... eu fui o controlador dele.

CEV-RJ - Hum, hum.

PAULO MALHÃES: ... mas não fui eu que.. ele já vem cantado, eu

acho que ele já foi infiltrado. Ele não foi feito filtro depois de estar no esquema, ele já...

CEV-RJ - Ele já participou do comício como...

PAULO MALHÃES: Já como infiltrado

CEV-RJ - E a partir de que momento o senhor controlou ele?

PAULO MALHÃES: Da fuga dele do presídio.

CEV-RJ - Que foi armada?

PAULO MALHÃES: Foi, lógico, né?

CEV-RJ - Mas, então, o Lamarca sabia.

PAULO MALHÃES: O negócio do Lamarca foi o seguinte. O Lamarca, a família dele era muito pobre, o pai dele era sapateiro, desses que tem sapataria, e ele tinha uma irmã de criação que morava, que o pai dele criava, a família dele criava, a mãe criava, a mãe morreu, mas o pai ficou criando a menina. Ele, como cadete, em uma dessas viagens de licença que a gente tinha, ele transou com a menina, engravidou a menina, o pai dele achou aquilo um absurdo e fez ele casar com a menina. Ele casaria quando saísse oficial. Mas eles fizeram tudo o que foi possível, chá, enfiaram a vara, não sei, enfiaram tudo o que era possível para ver se ela abortava o neném para que..., mas ela não abortou. Mas, em compensação o filho nasceu profundamente doente. Então o Lamarca gastava todo o dinheiro que ele tinha para a criança. E aí, o Lamarca estava no quartel, 4º RI, lá em São Paulo, que tinha um sargento que era do Marighella, que trabalhava no quartel. Aí, o Lamarca, com dificuldade financeira, aquele troço todo, pede um empréstimo ao Exército. O Exército nega esse empréstimo. O sargento, vendo isso, vai ao chefe e explica que tem um capitão perto de servir (??? – inaudível), é só ele dar o dinheiro que o cara precisa. O cara dá o dinheiro. O sargento chega lá e canta, canta o Lamarca e dá o dinheiro ao Lamarca. Aí o Lamarca ficou ligado a ele.

CEV-RJ - Ao Marighella.

PAULO MALHÃES: Aí o Marighella queria o armamento que existia no 4º RI. Então eles montaram um plano para invadir o quar... o Lamarca seria o oficial de dia, e ele facilitaria a invasão do quartel para ser roubado o armamento para o Marighella. O Marighella até prometeu que ele seria o general do Exército dele, aquele negócio todo. Então está tudo... o esquema todo montado. Só que eles precisavam de um caminhão pintado da cor do Exército, para entrar e poder apanhar o armamento...

CEV-RJ - Para ninguém suspeitar.

PAULO MALHÃES: Então, eles foram pra uma ... em Itapecerica da Serra, eles foram lá, em uma oficina, para pintar o caminhão. Os caras começaram a pintar o caminhão. Uns garotinhos que brincavam na oficina, a oficina estava vazia, esse troço todo, começaram a brincar lá e o cara disse 'porra, esses garotos vão ver fazer isso, dá umas porradas nesses garotos e manda esses garotos embora'. Os caras deram uns cascudos nos garotos e os garotos foram embora. Os garotos chegaram lá, na casa da mãe deles e abriram a boca. 'Mamãe tem uns caras pintando um caminhão lá que deram porrada na gente, não sei o que'. E a mãe deles foi na delegacia. A delegacia foi lá ver o que era e para a surpresa do delegado ou sei lá de quem foi, viu um quar..., um carro sendo pintado da cor do Exército. Aí botou a boca no trombone: 'estão pintando um carro aqui da cor do Exército e tal'. Aí, movimentaram gente para ir para o 4º RI. Conclusão, o plano do Lamarca, ele só fugiu com o armamento que tinha na Companhia que ele comandava. Ele só conseguiu fugir com ele, no próprio caminhão do quartel. Daí pra frente ele passou a ser um desertor. E foi assim que surgiu o capitão Lamarca.

CEV-RJ - E o senhor soube dessa história na época, já?

PAULO MALHÃES: Já, um pouco depois. Um pouco depois.

CEV-RJ - Vocês eram jovens.

PAULO MALHÃES: Não, nós éramos até amigos não muito perto.

CEV-RJ - Mas, essa coisa de São Paulo, isso foi bem antes da sua ida lá para o Rio Grande do Sul

PAULO MALHÃES: Muito antes.

CEV-RJ - Mas, o senhor andava no rastro dele?

PAULO MALHÃES: Não, daí pra frente é que eu passei a andar no rastro dele. Aí ele arranjou, nessa de ficar na esquerda, ele assaltou banco, matou PM em São Paulo, pintou e bordou. Ele arranjou uma namorada, Iara Iavelberg, e se sentiu muito pressionado em São Paulo, fugiram para a Bahia. Ela ficou em Salvador e ele ficou no interior da Bahia, na região do agreste baiano e mineiro, organizando uma guerrilha. Aí dado vai, dado vem, dado vai, dado vem, se descobriu essa área. Alguém delatou essa área dele, que o Lamarca estava montando na Bahia. Nós fomos para lá. (Tem uma frase inaudível) Essas histórias. Aí chegamos lá encontramos o pessoal dele, houve um tiroteio, todo mundo dele foi pro cacete, mas ele (estala os dedos) ...

CEV-RJ - conseguiu ...

PAULO MALHÃES:fugiu. Aí tem um garoto, que é chamado até de menino, da organização, que é o que leva recado. Aí, o garoto ficou com a Iara Iavelberg, qualquer coisa que vai dizer ao Lamarca.

CEV-RJ - Isso, de Salvador.

PAULO MALHÃES: De Salvador. Aí nós descobrimos aonde era o apartamento da Iara e matamos a Iara³⁰. Aí ele soube que aconteceu

30 O jornalista Elio Gaspari, em seu livro *As Ilusões Armadas, A Ditadura Escancarada* (2002) relata em detalhes o que seriam os momentos de cerco e morte de Iara, por suicídio. Ela e Lamarca fugiram para a Bahia em julho de 1971, após o sequestro do embaixador Bucher e a desarticulação da organização guerrilheira. Iara (codinome “Clara”) separou-se dele em Feira de Santana, depois indo para Salvador, enquanto Lamarca seguia para o interior baiano. Com a prisão de um dos integrantes da organização na capital baiana, sabedor do paradeiro do casal e que, após duas semanas de tortura, passou informações à repressão, na manhã de 20 de agosto dezenas de agentes dirigiram-se a um prédio na rua Minas Gerais, na Pituba, onde esperavam encontrar Lamarca. Lá quem estava era Iara. O prédio e o apartamento indicados, 201, foram envolvidos por bombas de gás lacrimogênio e após a invasão, dele saíram os policiais com três presos, uma empregada e dois menores. Um menino morador do apartamento vizinho, porém, quando os policiais se retiravam, descobriu Iara agachada, de arma na mão, no vão entre

alguma coisa com a Iara. Ele aí veio em direção a Salvador, nós soubemos, pegamos o garoto, trazendo mensagem, e o garoto disse ‘ele está vindo aí’. Aí nós cercamos Salvador. Aí encontramos ele – ele estava doente à beça, tinha bebido água...

CEV-RJ - O senhor estava junto, na hora?

PAULO MALHÃES: ... tinha bebido água, dessas águas podres, né?

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Então estava com desarranjo intestinal danado, estava fraco, postado lá em uma árvore...

CEV-RJ - Ele já sabia da morte dela, ou não?

os dois apartamentos, e chamou a polícia de volta. Encurralada num quarto cheio de gás lacrimogêneo, ela matou-se com um tiro que trespassou o coração e o pulmão. O cadáver foi levado ao IML de Salvador e somente algumas horas depois descobriu-se que aquela era a mulher de Carlos Lamarca. Seu corpo foi deixado por mais de mês numa gaveta do necrotério, como isca para Lamarca. Nilda Cunha, a adolescente secundarista de 17 anos capturada na batida ao apartamento, era integrante do MR-8 e lá morava sozinha com o namorado, também militante, até receber ordens da direção da organização para hospedar Iara. Torturada pelos militares num quartel e obrigada a tocar no cadáver da guerrilheira, enlouqueceu, teve cegueira e foi internada várias vezes, morrendo numa de suas crises, com um prosaico “edema cerebral a esclarecer” como seu atestado de óbito. Meses depois, sua mãe, Esmeraldina Cunha, suicidou-se, enforcando-se com o fio de uma máquina de calcular elétrica. A certidão de óbito dá a morte de Iara, oficialmente, como 20 de agosto de 1971, assinada pelo legista Dr. Charles Pittex, informando ainda que ela foi sepultada pela família no Cemitério Israelense de São Paulo. Seu corpo foi entregue à família em caixão lacrado, com a proibição explícita de que fosse aberto. Carlos Lamarca morreria menos de um mês depois, em 17 de setembro, em Pintada, no sertão da Bahia. Exumação - Em 2003, após anos de negativas, através de um mandado judicial do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, os familiares de Iara, inconformados com a versão oficial da morte dela por suicídio, conseguiram que a Federação Israelita de São Paulo fizesse a exumação do corpo da guerrilheira, que havia sido entregue à família em caixão lacrado. O resultado da nova autópsia descobriu que Iara tinha sido morta com vários tiros. Os restos mortais da guerrilheira puderam assim, mais de trinta anos depois, ser removidos da ala de suicidas, onde tinham sido enterrados, para perto do túmulo de seus pais, em outra área do cemitério judeu

PAULO MALHÃES: Não. Sabia que tinha acontecido alguma coisa, não sabia da morte.

CEV-RJ - O senhor estava com o general Nilton Cerqueira³¹?

PAULO MALHÃES: É, Nini.

CEV-RJ - E aí, coronel?

PAULO MALHÃES: Aí... foi o fim dele.

CEV-RJ - Na chegada da cidade...

PAULO MALHÃES: É, chegando à cidade. Mas ainda faltava alguma coisa.

CEV-RJ - Mas, na rua, assim, coronel? Na estrada?

PAULO MALHÃES: No meio do mato, no meio do mato.

CEV-RJ - Tem uma foto, famosa, dele debaixo de uma árvore.

PAULO MALHÃES: Só que ele morreu a facada³².

31 Na época, Nilton Cerqueira era major, comandante do DOI-CODI baiano e chefe da 2ª Seção do Estado-Maior da 6ª Região Militar;

32 O destino de Lamarca começa a ser traçado em 21 de agosto, quando o guerrilheiro César Benjamin, fugindo de um cerco policial em Ipanema, no Rio de Janeiro, deixa no carro que ocupava um diário de Lamarca e cartas dele para Iara, descobertas pela polícia. Cruzando os dados de topografia e vegetação descritos nelas, junto com informações conseguidas com militantes do MR-8 capturados na Bahia, os militares identificam a área de Buriti Cristalino como o provável esconderijo do ex-capitão. Um dia antes, 20 de agosto, informações extraídas de um guerrilheiro capturado em Salvador, José Carlos de Souza, permitiram aos agentes localizarem Iara Iavelberg num apartamento no bairro da Pituba, na capital. A mulher de Lamarca é morta a tiros escondida num quarto cheio de gás lacrimogênio, após a invasão do local pelas forças de segurança. A versão oficial de sua morte, suicídio, só seria desmentida mais de trinta anos depois, quando seus restos mortais foram exumados em São Paulo. Os dois – Lamarca e José Campos Barreto, o Zequinha, ex-metalúrgico organizador de várias greves no ABC Paulista em 1968 - fugiram por trezentos quilômetros durante vinte dias até chegarem à localidade de Pintada, um povoado no meio do nada com apenas cinquenta casas, no distrito de Ibipetum. Um menino viu os dois homens

CEV-RJ - Por quê?

PAULO MALHÃES: Não sei, foi o Nilton Nini é que resolveu na hora: ‘com faca’. Aí matou ele a facada. Quem matou mesmo foi o Nilton.

CEV-RJ - Mas, vocês arrancaram alguma coisa dele na hora ou não fez diferença?

PAULO MALHÃES: Não, só matamos. Aí acabou o que a gente chamava de vergonha do Exército. Porque a vergonha do Exército era ter um traidor. Embora tivesse sargentos, isso tudo a gente conseguiu pegar. Mas, um capitão, do Exército, como tinha um coronel, também, que era traidor Passarinheiro (??? Inaudível), também foi embora. Então, a história do Lamarca que ficou famoso porque ele montou várias áreas de guerrilha. Um militar, experiente, fez vários projetos, alguns deram certos, outros não, e foi em um desses projetos lá de São Paulo que o Leônidas... como é mesmo o nome do cara? Não é Leônidas...

CEV-RJ - Leônidas Pires Gonçalves?

PAULO MALHÃES: Não. Esse é o.....

CEV-RJ - Waldir Pires (erra o nome Walter Pires)?

PAULO MALHÃES: Leônidas Pires Gonçalves deixou ele fugir...

CEV-RJ - Quem?

PAULO MALHÃES: O Lamarca, do cerco.

deitados descansando sob uma baraúna e em pouco tempo a notícia chegou aos perseguidores. As três horas da tarde de 17 de setembro, os homens de Cerqueira chegaram ao local e surpreenderam a dupla. Zequinha, ouvindo o barulho de um galho estalado, avisou o chefe e tentou correr, sendo morto por uma rajada de metralhadora. Lamarca foi morto com sete tiros quando tentava se levantar. Um dos tiros atravessou-lhe o coração e os dois pulmões. Seu corpo foi pendurado num pau e levado até uma camionete, de onde foi transportado à Baraúna e de lá para a base aérea de Salvador, onde os corpos foram fotografados no chão de cimento. Lamarca ainda tinha os olhos abertos.

CEV-RJ - Aonde? Em São Paulo?

PAULO MALHÃES: Em São Paulo. Depois quis culpar o sargento que era que dirigia a viatura.

CEV-RJ - Mas ele, uma coisa dessas, uma coisa de vocês, ele andou lá no Rio Grande do Sul na mesma época que o senhor.

PAULO MALHÃES: É. Não peguei ele lá por pouco. Eu estourei a VPR de Porto Alegre, depois é que eu fui para Três Passos.

CEV-RJ - E o senhor esteve em quais outras cidades lá, coronel, além de Três Passos. Porque em Três Passos o senhor fez a

PAULO MALHÃES: A, Medianeira... Tive naquelas cidades ...Cidades onde tinha unidade militar eu estive em todas elas.

CEV-RJ - O senhor esteve no presídio da ilha, lá em Porto Alegre?

PAULO MALHÃES: Não. Lá não. Tive, na sua terra quase.... Você nasceu aonde?

CEV-RJ - Canoas.

PAULO MALHÃES: Não. Canoas não tem unidade militar.

CEV-RJ - Tem base aérea, né?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Santa Maria?

PAULO MALHÃES: Santa Maria eu estive.

CEV-RJ - Em todas essas cidades, mesmo que por pouco tempo, é...

PAULO MALHÃES: Era prender três, quatro, cinco pessoas. Porque ele tinha preparado isso. Porque ele fez um plano útil. Ele ia fazer uma guerrilha de Três Passos até Tubarão em Santa Catarina. Seria a guerrilha dele. Então, em cada unidade militar, nesse trajeto, ou perto desse trajeto, ele colocou um grupo para provocar explosão, dar tiro, fazer, para as unidades militares não poderem sair das ci-

dades em que elas estavam, porque era um absurdo largar a cidade e ir em direção à área..., ao traçado que ele ia fazer. Então, por causa disso, a gente, primeiro, teve que acabar com os caras das cidades, né? Porque, aí, as unidades podiam se deslocar à vontade. Quer dizer, o trabalho nosso foi ao contrário do que ele fez.

CEV-RJ - Mas eram sempre poucos, coronel?

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - Eram poucos? Numericamente.

PAULO MALHÃES: Eram poucos, cinco, seis, sete pessoas. Teve uma unidade que era um sargento, que fornecia munição para eles. Foi Santa Maria? Não. Uruguaiana.

CEV-RJ - Uruguaiana.

PAULO MALHÃES: Até foi gozado, porque eu cheguei lá e fui falar com o coronel comandante da unidade e disse para ele, 'coronel eu vim comunicar que nós vamos vir aqui na sua unidade prender um sargento seu que é responsável pelo paiol de munição'. 'Meu sargento do paiol de munição?' 'É'. 'Por quê?' 'Porque ele está roubando munição do quartel e está vendendo para o pessoal do Lamarca, subversivos'. 'Ah, meu sargento eu duvido, ih, vocês estão completamente enganados. Meu sargento é homem da minha confiança'. 'Nós vamos prender ele'. 'Tá bem, pode prender'.

CEV-RJ - Isso em Uruguaiana?

PAULO MALHÃES: É. Aí nós fomos, prendemos o cara, apertamos o cara, e o cara confessou que realmente ele saía com uma saca do que ele comprava no quartel, de alface, essas coisas assim e no meio ele levava munição. Aí o coronel quase caiu duro para trás.

CEV-RJ - O Ceveda³³ (o nome certo é Cerveira) também não era desertor?

33 Joaquim Pires Cerveira, gaúcho, major do Exército, militou na Frente de Libertação Nacional (FLN) e é dado como desaparecido desde que foi preso, possivelmente na Argentina, em dezembro de 1973.

PAULO MALHÃES: Era.

CEV-RJ - Coronel, também?

CEV-RJ - É de Pelotas, não? O senhor teve em Pelotas?

CEV-RJ - Aí, com ele foi o quê? Ele esteve nessa do Lamarca? Ele estava junto...

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ele estava montando o quê? Ele estava montando algo também.

PAULO MALHÃES: Acho que ele nem chegou a montar, ele pensou em montar.

CEV-RJ - Mas ele foi infiltrado, não é, coronel?

PAULO MALHÃES: Por isso que eu estou dizendo, ele pensou em montar.

CEV-RJ - É ele não tem como.

PAULO MALHÃES: Ele era o passarinho. Né?

CEV-RJ - Junto a que grupo?

PAULO MALHÃES: Hum?

CEV-RJ - Junto a que grupo?

PAULO MALHÃES: Não era nem o do Lamarca.... O principal, não, mas o dele eu acho que era em São Paulo. São Paulo tem de tudo.

CEV-RJ - E por que ele precisou ser desaparecido?

PAULO MALHÃES: Ah, não foi preso meu.

CEV-RJ - Mas foi do CIE.

PAULO MALHÃES: Ou foi do primeiro Exército.

CEV-RJ - Foi do Primeiro Exército?

PAULO MALHÃES: Foi. Do Primeiro Exército, general mesmo.

CEV-RJ - Hum, hum.

CEV-RJ - Frota, não.

PAULO MALHÃES: Não, não é o Frota não

CEV-RJ - Sizeno.

PAULO MALHÃES: Sizeno. Por causa de uma história de que ele era ligado ao Sizeno e o Sizeno estaria dando cobertura a ele, facilidades a ele, aí o Sizeno mandou segurar ele. O Sizeno eu acho até sabia onde ele estava..

CEV-RJ - Sizeno o quê? Até sabia..

PAULO MALHÃES: Acho que sabia. Mandou segurar ele e mandar ele embora. Mas foi o próprio Sizeno.

CEV-RJ - Sem participação em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Sem participação em lugar nenhum.

CEV-RJ - DOI-CODI, DOI?

PAULO MALHÃES: Talvez o DOI. Se não foi o pessoal da segunda mesmo. (2ª Seção do Primeiro Exército).

CEV-RJ - Pode ter sido da segunda?

PAULO MALHÃES: Pode. A segunda, lá, era boazinha.

CEV-RJ - Era boazinha?

PAULO MALHÃES: Era. Teve um grande chefe, né?

CEV-RJ - Miltinho? Quem, Milton?

PAULO MALHÃES: Não, o chefe da segunda teve....

CEV-RJ - Ednardo?

PAULO MALHÃES: Não, estou de sacanagem. Teve um grande chefe lá que organizou a segunda.

CEV-RJ - Paulo Malhães.

PAULO MALHÃES: Paulo Malhães. Estou brincando com vocês, dizendo que teve um grande chefe...

CEV-RJ - O senhor organizou lá?

PAULO MALHÃES: A segunda do Primeiro Exército fui eu quem organizei.

CEV-RJ - Ah, a segunda do Primeiro Exército. Estou entendendo Segundo Exército.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Um bom chefe.

PAULO MALHÃES: Teve um bom chefe. Então tinha um pessoal também aguerrido.

CEV-RJ - Com ele tinha outro, né? Foi pego outro com ele.

PAULO MALHÃES: É. Nem me lembro. Isso, o comandante de Exército mesmo, resolveu por ele.

CEV-RJ - Coronel, desses nomes que eu lhe falei aí, ele estava entre eles, né? Eu tenho uns outros aí, mas eu não tenho muita...

PAULO MALHÃES: Eu acho que ele não participou da Casa da Morte, não. Ele foi direto.

CEV-RJ - Não passou por lá.

PAULO MALHÃES: Não. Ele foi direto. Porque eu também tinha tempo em que eu estava lá e tinha tempo em que eu não estava lá.

CEV-RJ - É, porque o senhor viajava muito. Mas, aqueles ali que eu falei para o senhor que viraram, que esses eu sei que viraram.

PAULO MALHÃES: É, provavelmente estão vivos.

CEV-RJ - Não, a maioria já morreu. Ali, a maioria já morreu.

CEV-RJ - Viraram lá?

PAULO MALHÃES: Aonde?

CEV-RJ - Não, viraram em Petrópolis, coronel?

PAULO MALHÃES: Foi.

CEV-RJ - Estes todos ai que ela falou?

PAULO MALHÃES: Não, alguns dos que ela falou. Todos que ela falou, não. Tem gente que eu nem conheço.

CEV-RJ - É, tem gente que o senhor não conhecia.

CEV-RJ - Mas dos que o senhor conhece, que prestou serviço, foi lá no aparelho de Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Na casa de Petrópolis. Eles tem o ...

CEV-RJ - Menos o do Paraná?

PAULO MALHÃES: Não, do Paraná, não. Do Paraná ficou lá, dava muito trabalho trazer os caras do Paraná para o Rio de Janeiro. Você também inventa cada uma.

CEV-RJ - O senhor gosta de viajar.

PAULO MALHÃES: Paraná, com o Parque Nacional ali, Foz do Iguaçu

CEV-RJ - Cataratas

CEV-RJ - O senhor tinha aparelho lá?

PAULO MALHÃES: Não. Montei um acampamento.

CEV-RJ - Dentro do Parque Nacional, não é coronel?

PAULO MALHÃES: Sendo que o acampamento era uma área de guerrilha dis, quer dizer, disfarçada.

CEV-RJ - Coronel, todos eles ficaram lá?

PAULO MALHÃES: Ficaram.

CEV-RJ - É que lá não tinha nenhum sentido fazer outro... deram para os bichos comer, coronel?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Dar para os bichos é uma solução?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Por que não?

PAULO MALHÃES: Porque...

CEV-RJ - Não foi a solução que o goleiro Bruno achou para..., os cães Rottweiler.

PAULO MALHÃES: (rindo) Eu não sei se foi essa não. Não está certa que foi essa, não.

CEV-RJ - Do Bruno?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - Por que não era uma solução, como o senhor ia falar?

PAULO MALHÃES: Porque fica resto. Amanhã pode.., pode estar passando um pessoal... o que você pensa que está escondidinho, não está escondido. De vez em quando passa uma pessoa no local, sem que você espere.

CEV-RJ - Isso também valeu para não enterrar de novo.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Não, não, mas lá no parque foi enterrado, não é coronel? Lá no Parque Iguaçu?

PAULO MALHÃES: Não foi bem enterrado...

CEV-RJ - Pelas Cataratas?

PAULO MALHÃES: Foi despachado.

CEV-RJ - Despacho se faz com água...

PAULO MALHÃES: Normalmente é, para Iemanjá...

CEV-RJ - Iemanjá, junto à água.

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - É isso?

PAULO MALHÃES: Pode ter sido.

CEV-RJ - A Usina estava pronta, já, não é?

CEV-RJ - Lago da Usina. Mas, na Barra da Tijuca não tinha usina nem lago.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Tem lagoa.

PAULO MALHÃES: Não, mas na Barra da Tijuca foi levado para outro lugar, completamente diferente.

CEV-RJ - Foi? Mas o senhor disse que não podia ser distante.

PAULO MALHÃES: Não, podia. Não podia ser daqui a Salvador, mas daqui até...

CEV-RJ - Itaipava, por exemplo...

PAULO MALHÃES: ...ao Estado do Rio de Janeiro podia.

CEV-RJ - Campos?

PAULO MALHÃES: Não, especificamente, Campos não.

CEV-RJ - Rio Paraíba.

PAULO MALHÃES: É um nome bonito.

CEV-RJ - Rio Paraíba....

PAULO MALHÃES: Eu conheço o rio.

CEV-RJ - Porque cidade o senhor gosta mais de ver o rio Paraíba?

PAULO MALHÃES: É ali no caminho mesmo..., você saindo de Petrópolis e indo para.... tem uma porção de ponte que você atravessa..

CEV-RJ - Passando por Itaipava...

PAULO MALHÃES: Tem uma porção de ponte...

CEV-RJ - Mas, ali não passa o Rio Paraíba.

PAULO MALHÃES: Passa não?

CEV-RJ - O rio Paraíba passa mais lá em cima.

PAULO MALHÃES: Então é mais lá em cima....

CEV-RJ - Três Rios. Não, é Três Rios? É pela Rio-Teresópolis, subindo pela Rio Bahia. Você vai cruzar ela pela Rio Bahia³⁴, não?

PAULO MALHÃES: Não é tão longe assim não. Então o Rio Paraíba eu não conheço, conheço um outro rio, talvez menor que o rio Paraíba³⁵.

CEV-RJ - Como é que é o nome? Não, agora é sério. Como é o nome daquele que passa em Itaipava, ali? Tem um que passa ali...

CEV-RJ - Não, mas ali é pequeno...

CEV-RJ - Não, mas é um...

CEV-RJ - ... deságua em... tem que um de... um que leve, que desague no mar, não é isso?

PAULO MALHÃES: É, de preferência. Não quer dizer que não pode ser um que desaguem em um, que desague no mar, que leve a desaguar... Você joga no outro rio e vai desaguar no mar.. Pode ser.

34 É possível se chegar ao Paraíba pela BR-040 (Rio-Belo Horizonte), justamente no município de Três Rios;

35 O Rio Piabanha desce beirando a BR-040 (Rio-Belo Horizonte) e a Estrada União Indústria e deságua no rio Paraíba em Pilões, no município de Três Rios.

CEV-RJ - Porque rio corre.... Malhães - Hum?

CEV-RJ - O rio corre.

PAULO MALHÃES: É, ainda mais... eu vou te ensinar depois como é que você faz isso.

CEV-RJ - No saco, com muita pedra, não?

PAULO MALHÃES: Não. Com muita não, contrabalançada. Tem que ser proporcional ao peso do adversário para que ele não afunde, nem suba.

CEV-RJ - Como proporcional? Juntos, somar o peso para que não...

PAULO MALHÃES: É uma proporcionalidade. Depois lhe dou umas aulas, como é o nome dele? O das águas? É um professor das águas, químico das águas. Como é o nome dele? Que tem aquele esquema de água, depois te ensino...

CEV-RJ - E não é em qualquer saco.

PAULO MALHÃES: Não. É proporcional. Proporcional de modo que o cara nem afunde, nem vá para o fundo...

CEV-RJ - Nem fique boiando.

PAULO MALHÃES: Nem fique boiando. Vai caminhando com o Rio.

CEV-RJ - Por baixo d'água.

PAULO MALHÃES: Por baixo d'água. Aí ele pode ser solto, por exemplo, vou citar um exemplo, em Foz do Iguaçu e você esperar ele lá na foz do rio Uruguai.

CEV-RJ - Lá no rio da Prata, em Montevideu.

PAULO MALHÃES: Em Montevideu. Aqui, você joga aqui e vai para o estuário dele lá e está assim de presuntos.

CEV-RJ - Assim de?

PAULO MALHÃES: Presuntos.

CEV-RJ - Aqui, qual? O Guandu?

PAULO MALHÃES: É. Mas são os caras aí que matam e jogam dentro do rio. Não tem nada a ver comigo não.

CEV-RJ - O senhor gostava mais da serra.

PAULO MALHÃES: Não. Não era gostar. Era contingência do destino. (silêncio) Não é você gostar..

CEV-RJ - Mas, eu imagino que uma viagem com o corpo fedendo não deve ter sido nada agradável.

PAULO MALHÃES: É. Ossos do ofício.

CEV-RJ - Coronel, aqueles sacos verde oliva, do Exército? Aquele tipo de tecido?

PAULO MALHÃES: Hun?

CEV-RJ - Aqueles sacos verde oliva/ aquele tipo de tecido?

PAULO MALHÃES: Não, mais impermeável.

CEV-RJ - Mais lona?

PAULO MALHÃES: Mais impermeável.

CEV-RJ - Aquilo é tecido mesmo.

PAULO MALHÃES: Para não ...para que não molhe, entre água e afunde.

CEV-RJ - Ah, o saco era impermeável porque se entrasse água...

CEV-RJ - Coronel, e lá no Araguaia, a mesma trabalhadeira?

PAULO MALHÃES: Sim senhora. Porque que não? Amanhã, o meu sargento chega aqui, chega aqui, olha aqui, senhora, eu estive aqui

com o coronel e nós jogamos aqui'. Dá um azar de o cara estar lá no fundo do rio e a senhora vai dar um show de reportagem.

CEV-RJ - Ela não é jornalista.

CEV-RJ - Não sou jornalista.

CEV-RJ - Ela é historiadora.

CEV-RJ - Não sou historiadora.

PAULO MALHÃES: Você daria, não é?

CEV-RJ - Eu daria. Uma bela reportagem. Mas, de qualquer maneira...

CEV-RJ - Mas não vai dar. Não vai dar

CEV-RJ - de qualquer maneira, nós estamos fazendo um trabalho que não é para dar jornal, é para apresentar à sociedade.

CEV-RJ - Não é para fazer reportagem

PAULO MALHÃES: É o que eu digo para ela, vai ser difícil o povo entender o que se viveu naquela época.

CEV-RJ - Sabe o que é difícil, coronel? Falando seriamente. Vamos pegar um caso. O senhor pegar o Lamarca em um choque, morreu, aí é guerra, um de um lado e outro do outro. Agora, o senhor prender o Lamarca. Está preso, levou para o quartel...

PAULO MALHÃES: Não, mas ele não chegou a ir para o quartel...

CEV-RJ - Não, estou supondo. Levou para o quartel e ele morreu lá dentro apanhando para abrir a boca. Aí, as pessoas começam a dizer que é exagero.

PAULO MALHÃES: Mas, porque não viveram na época. Porque na época, na época mesmo dos fatos, em que assaltavam bancos, faziam uma série de coisas, ninguém dizia que era feio, todo mundo queria que aquilo acabasse.

CEV-RJ - A própria sociedade.

PAULO MALHÃES: A própria sociedade queria que aquilo acabasse. É diferente. Você hoje condena Hitler por ter queimado os judeus, condena?

CEV-RJ - Sim.

PAULO MALHÃES: Mas, você sabe por que ele fez isso?

CEV-RJ - Por quê?

PAULO MALHÃES: Então você não pode...

CEV-RJ - Porque ele não queria

PAULO MALHÃES: Nada disso. É porque você não sabe o por quê?

CEV-RJ - O senhor sabe?

PAULO MALHÃES: Sei, felizmente, sei. Porque quando Hitler quis transformar a Alemanha...

CEV-RJ - E com o apoio de quase toda a Alemanha, ele fez isso.

PAULO MALHÃES: Com o apoio de toda a Alemanha, de toda a nação Alemã..

CEV-RJ - De todo o povo.

PAULO MALHÃES: Ele mandou chamar os representantes de cada nacionalidade que estavam lá. E disse para os caras: 'olha, nós vamos desenvolver um trabalho. Uma fábrica de detergente vai se trabalhar em uma fábrica de gás, uma fábrica de sabão vai se transformar uma fábrica disso, então nós vamos preparara assim. Todos concordam?' O israelense levantou a mão: 'Eu não. Eu não sou alemão.' 'Você não é alemão? Você não nasceu na Alemanha?' 'Nasci'. 'Você não construiu sua fortuna na Alemanha?' 'Construí'. 'Como é que você diz que não é alemão?' 'Não, eu sou judeu. Judeu é judeu. Por enquanto nós não temos pátria, mas somos judeus pelo mundo todo. Judeus. Judeus não têm nada a ver com a sua guerra. O senhor faça a sua guerra mas, apoio, das minhas empresas, dos meus negócios, não.' 'Ah, quer dizer que vocês estão na Alemanha, ganharam dinheiro na Alema-

nha e não são alemães, são judeus?'. 'É'. Está bem'. Ele quis provar que quem estava na Alemanha tinha que ser alemão, não podia ser judeu. Então, a história tem....As pessoas dizem 'pô! Matou dois milhões de judeus, não sei o que, pê, pê, pê'. Por que ele fez isso? Vamos procurar saber o por quê? Porque ele queria uma raça ariana pura? Ele não precisava fazer isso. Fez por causa disso. Porque o cara disse que não era alemão, era judeu.

CEV-RJ - Coronel, o senhor leu aquele livro do Elias, Os Alemães?

PAULO MALHÃES: Não. Conta essa história? Ainda bem que alguém...

CEV-RJ - Mas, coronel, me diz uma coisa agora. A guerra. Voltamos ao nosso deputado. Como é que eu posso chegar, coronel, hoje...

PAULO MALHÃES: Você não vai justificar nunca.

CEV-RJ - Não, como é que eu posso chegar hoje, pensando em uma coisa bem pessoal, assim... Eu conheço os filhos dele... Eu fico imaginando na vida da gente mesmo, independente da guerra, da política, mas assim, chegar hoje, na frente deles e dizer assim, olha, saiu no jornal que o Avólio viu pela porta, não sei o que, o fulano estava pulando em cima, ele foi morto, ele saiu do DOI-CODI, foi enterrado no Alto da Boa Vista, lá não era um bom lugar, tiraram o corpo de lá, levaram para a Barra da Tijuca, tiraram da Barra da Tijuca, porque lá também iam descobrir, tanto que depois foram lá e encontraram a tibia, tudo isso que eles já sabem, nessa história contada, aí pegaram os...

CEV-RJ - O saco

CEV-RJ - ...os ossos, os restos do pai de vocês ..

CEV-RJ - Puseram em um saco.

CEV-RJ - ... botaram em um saco e jogaram no Rio e assim acaba a história. Boa Noite. É isso, coronel?

PAULO MALHÃES: Mas, é...

CEV-RJ - Mas, o senhor entende isso assim. Não estou nem falando... O senhor entende, isso assim, dar esse...

PAULO MALHÃES: Eu entendo.

CEV-RJ - ...dar esse fim para essa história, para as pessoas, para um filho ouvir isso, às vezes é melhor nem ouvir, coronel.

PAULO MALHÃES: É melhor nem ouvir. Eu concordo com você. Porque ..

CEV-RJ - Ou é melhor ouvir?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - É melhor por um ponto final nessa história.

PAULO MALHÃES: Eu acho que não.

CEV-RJ - O que o senhor acha? Sabe, estou lhe perguntando assim porque o senhor...

PAULO MALHÃES: Porque, é...

CEV-RJ - Como é que eu chego para uma pessoa e digo isso?

PAULO MALHÃES: Me diz uma coisa, como é que uma criança, vamos dizer que ele tenha um filho mais novo...

CEV-RJ - Não, tudo adulto.

PAULO MALHÃES: ... vai engolir?

CEV-RJ - Não engole.

CEV-RJ - Com tudo o que ele já passou na vida? Ter o pai desaparecido de casa,,,

CEV-RJ - Não, mas é diferente, deixa assim coronel?

PAULO MALHÃES: Como é que ele vai entender isso?

CEV-RJ - Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, no âmbito familiar? Seus filhos têm quantos anos? O senhor tem filho em que faixa etária?

PAULO MALHÃES: Ah, ...

CEV-RJ - O mais novo?

PAULO MALHÃES: O mais velho 50 ..

CEV-RJ - E o mais novo?

PAULO MALHÃES: O mais novo... deve ter uns vinte e pouco.

CEV-RJ - Eles já lhe questionaram sobre suas atividades?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Nem sabem do que o senhor fez ou deixou de fazer?

PAULO MALHÃES: Alguns sabem. Porque alguns são até inquiridos no próprio lugar em que trabalham, meus filhos mais velhos. Eu tenho uma filha de 50 anos...

CEV-RJ - Nenhum deles é militar?

PAULO MALHÃES: Não. E essa minha filha foi questionada. ‘Você é filha do Malhães?’ ‘Sou.’ ‘Seu pai...’ ‘Isso é problema do meu pai.’

CEV-RJ - Coronel, mas isso ai que eu falei para o senhor, da família...

CEV-RJ - Se fosse com seus filhos? Como é que o senhor acha que deveriam tratar eles?

CEV-RJ - Como é que contam uma história assim para alguém, coronel?

CEV-RJ - O senhor gostaria que eles não soubessem nunca como é que o pai desapareceu?

PAULO MALHÃES: Gostaria. Preferia do que saber que o pai sumiu. Isso é psicológico. Você pode criar um trauma neles de que ele nunca mais volta.

CEV-RJ - Depois de tudo o que eles passaram? Conviver com a ausência; não ter atestado de óbito; demorar a reconhecer que foi morto; ser filho de pai desaparecido, mas não dado como morto; Isso tudo, não teria muito mais chances – e o senhor sabe o que aconteceu com o filho dele, ou o senhor não sabe?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Um belo dia, jovem de 18, 19 anos, mergulha em um rio com a turma de amigos, bate com a cabeça na pedra..

CEV-RJ - Tetraplégico.

CEV-RJ - Tetraplégico. E virou um dos grandes escritores deste país. Anda de cadeira de roda....

CEV-RJ - Mas, enfim, coronel, é melhor...

PAULO MALHÃES: Eu acho. Eu acho. Eu não causaria o impacto dessa notícia a um filho de um amigo meu, nunca. Eu não causaria esse impacto. Porque eu posso provocar uma reação em cadeia no corpo dele. Tem uma menina aqui, que ela adorava o irmão dela. O nome dele era até Paulo. A Ruth. Aí, o irmão dela, de repente, teve um câncer de pulmão e rápido, em uma velocidade, ele atinge o cérebro logo então mata de uma vez. Ela parou de andar.

CEV-RJ - De trauma.

PAULO MALHÃES: Tem que tomar muito cuidado com isso. Eu não estou dizendo que quem fez está certo. Eu acho que está errado. Mas não tem...

CEV-RJ - Agora, não tem...

PAULO MALHÃES: ...não tem retorno. Certo? Se dissesse, não, o pai dele ainda está enclausurado, lá na Fortaleza de Santa Cruz, vão libertar ele e ele vai... Foi o que aconteceu com o filho de um recente, que pegaram, aí deram o atestado de óbito, provaram que ele esteve no DOI, deram o atestado de óbito dele, aí o jornalista chegou 'está aqui meu filho, a certidão de morte do seu pai'. Esta história quem conta é meu amigo, seu amigo também.

CEV-RJ - Não sei, esta história. Você lembra?

CEV-RJ - Do Drumond, o senhor está falando?

PAULO MALHÃES: Não me lembro quem foi.

CEV-RJ - Não me lembro, pode ser que...

PAULO MALHÃES: Quando mataram aquele tenente coronel, Molinas, pegaram na casa do Molinas um registro de permanência do pai...

CEV-RJ - É do Rubens Paiva.

PAULO MALHÃES: Do Rubens Paiva?

CEV-RJ - É, da permanência do Rubens Paiva.

PAULO MALHÃES: Aí, chegaram à conclusão de que ele tinha realmente passado pelo DOI e tinha morrido.

CEV-RJ - Sim, mas isso os filhos já sabiam, da passagem dele pelo DOI. Só o Doi que não admitia. O Exército não ... porque foi...

CEV-RJ - Não, mas para os filhos, pros filhos foi uma informação nova.

PAULO MALHÃES: Eu também acho que foi, pelo o que eu li, foi.

CEV-RJ - Foi. Eles não sabiam disso. Eles não tinham uma prova, um documento, que tivesse uma assinatura.

CEV-RJ - Tinham,...

CEV-RJ - ...um carimbo

CEV-RJ - ... levou o recibo do carro.

CEV-RJ - Sim, mas assim, ali, dizendo assim, o que o seu pai tinha no bolso, uma caneta Bic.

CEV-RJ - Ali era o material apreendido.

CEV-RJ - Isso, assim, é quase um atestado de óbito para a pessoa, saber que...

PAULO MALHÃES: Eu acho que óbito nunca vai existir. Quem que vai dar atestado de óbito?

CEV-RJ - Mas, coronel, essas famílias, de alguns casos, né, desses que a gente está falando aqui., tem gente, coronel, que está há - o senhor sabe disso – há 30 anos e eles..., e é uma..., parece assim, quanto o sentido da vida deles é essa busca.

PAULO MALHÃES: É essa busca.

CEV-RJ - O sentido da ...

PAULO MALHÃES: Eu já senti isso

CEV-RJ - O sentido da vida. Não é uma coisa,, não é um trabalho, como eu estou fazendo de investigar, de esclarecer. É o sentido da vida, é uma coisa quase metafísica, assim. Para a gente é muito difícil entender isso. Quem não sofreu esse tipo de coisa, é difícil entender. E aí, como chegar para essas pessoas, coronel?

PAULO MALHÃES: Não tem como você contar.

CEV-RJ - O senhor acha que é melhor..., é isso assim, é melhor não....

PAULO MALHÃES: É deixar ele nessa meta... enquanto ele estiver nessa metafísica ele tem uma finalidade para estar recebendo todos os hormônios do corpo dele. O dia em que você acabar com isso, você paralisa ele.

CEV-RJ - Mas, como o senhor me falou que, não agora, mas daqui a uns anos...

PAULO MALHÃES: Isso vai vir a público

CEV-RJ - ...essa história vai vir à tona...

PAULO MALHÃES: Mas, aí, nem os filhos dele estarão mais vivos.

CEV-RJ - Quem contaria essa história, traria essa história à tona se não forem os partícipes dela e os partícipes dela já estão em idade muito mais avançada?

PAULO MALHÃES: Eu acho que essa ... todas as histórias dessa República sempre vieram a público.

CEV-RJ - Cedo ou tarde.

PAULO MALHÃES: É o único país que não tem segredo absoluto. É o Brasil. Então, eu acho que, por que causar um trauma agora?

CEV-RJ - Mas, a gente empurra esse trauma para ir adiante? Deixa que o futuro...

CEV-RJ - Só que a gente não pode... Eu, por exemplo, coronel, a gente, quando eu tiver que escrever um relatório e apresentar isso daqui a um ano, mais uma vez na história vai estar tendo uma lacuna, entendeu? Porque vai ser..., vai falar um pouco de alguns casos, mas...

CEV-RJ - O nosso papel, nesse caso, é esclarecer o caso.

PAULO MALHÃES: Então, esclareça.

CEV-RJ - Mas, o senhor acha que o custo disso é muito alto?

PAULO MALHÃES: Acho que o custo vai ser alto. Mas, vocês têm o direito de esclarecer. Acho que o custo vai ser alto. É só vocês procurarem saber em casos, não semelhantes, porque não existem semelhantes, mas em caso de gente que na vida normal não sabia onde estavam os filhos, ou não sabia onde estava o esposo, e descobre, de repente, que ele morreu.

CEV-RJ - Mas, esse é diferente. Porque esse sabe que morreu. Não tem a presença física e nem a expectativa de vê-lo vivo. Há muito tempo, em um primeiro momento eles poderiam ainda ter esperança de que o pai aparecesse....

PAULO MALHÃES: Então, esses que você está falando que não pode falar, também não têm esperança que o pai esta vivo.

CEV-RJ - Esses, não.

PAULO MALHÃES: Então.

CEV-RJ - Esses já estão convivendo com a morte do pai.

PAULO MALHÃES: Então, não há novidade nenhuma.

CEV-RJ - A novidade é saber o que aconteceu com o pai. Eles não sabem que fim foi dado ao pai.

PAULO MALHÃES: Não sei se isso é tão importante como saber se ele está vivo ou está morto.

CEV-RJ - Morto eles já sabem que está, e a ...

PAULO MALHÃES: Então

CEV-RJ - ...e a Justiça já reconheceu.

PAULO MALHÃES: ... então, acabou o problema.

CEV-RJ - Mas, coronel, independente da religião da gente, da..., da crença que cada um tem, isso é, né..., tem um., o senhor diz, tem uma..., tem um ritual de despedida. Tem uma coisa, sei lá, na minha família, tem enterro, tem missa de sétimo dia, tem a missa de 30 dias e depois tem a missa de um ano. E aí são meios que a gente aprende a conviver com o luto e vai se preparando para essas despedidas na vida. Essas pessoas ela..., estão há, como se fosse há 40 anos, em algo que não é bem um luto, porque elas não viram o defunto na frente delas....

PAULO MALHÃES: E vão ver?

CEV-RJ - Não. Não sei. Algum saco desses já voltou à tona?

PAULO MALHÃES: Eu não sei nem se tem saco e se tem que voltar à tona. Mas, que eu saiba não.

CEV-RJ - Mas, é isso coronel, se elas não vão ver...

PAULO MALHÃES: Lógico que não.

CEV-RJ - Do jeito que é, não volta à tona?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Não existe a possibilidade de elas terem essa... matéria?

PAULO MALHÃES: Há quantos anos sucedeu-se isso?

CEV-RJ - Sim, há 31 anos³⁶, isso.

PAULO MALHÃES: Acabou.

CEV-RJ - Mais, 32...

CEV-RJ - 40

PAULO MALHÃES: Acabou.

CEV-RJ - Mas, nesse meio tempo, nunca voltou à tona?

PAULO MALHÃES: Não. Acabou.

CEV-RJ - Nem, lá no Araguaia, que o rio é mais longe do desembo-
car no mar?

PAULO MALHÃES: Não. Acabou.

CEV-RJ - Coronel, como é que o senhor vê todo esse investimen-
to do estado, do governo, desde o Fernando Henrique Cardoso, de
começar buscas pelos mortos e desaparecidos políticos, de fazer ex-
pedições, de Cada vez que o senhor via isso, qual a reação que o
senhor tinha?

PAULO MALHÃES: É uma tentativa - o chinês usa muito - de dar
ópio ao povo. O chinês usa muito isso. Porque, o mundo já girou não
sei quantas voltas sobre o seu próprio eixo, o céu, estrelas já explodi-
ram, estrelas já nasceram, constelações já desapareceram, então é um
troço muito... Eu não acredito que, em sua consciência, alguém ainda
pense em achar um corpo...

CEV-RJ - Mas, lá no Araguaia, coronel, em 80, quando as primeiras
famílias começaram...

CEV-RJ - As pessoas correram atrás achando que estavam enterra-
dos...

CEV-RJ - ...sabe, coronel, quando as primeiras famílias foram lá, em
80 isso, depois em 92, encontraram, lá no cemitério de Xambioá, eu
já estive lá não sei contar as vezes, aí encontraram, perto, de um, era

36 O cálculo certo é 43 anos.

tipo um.... – como é que chama isso, das velas, assim? – Cruzeiro, aí encontraram... porque na..., os primeiros – isso é a informação que se tem – os primeiros que morreram, que ainda não sabiam muito bem o que fazer – depois enterraram na floresta, limpavam, trocaram de lugar – mas, esses primeiros foram enterrados no cemitério, alguns dos primeiros. E eles encontraram umas ossadas. Aí levaram lá para Brasília, ficou um tempão em laboratório, foi para Campinas e tal. A Polícia Federal identificou por DNA. Isso o senhor sabe?

PAULO MALHÃES: Hum, hum (consentindo)

CEV-RJ - Eu tenho dois que foram. Um é o Bergson Gurjão que era um dos guerrilheiros, lá do Araguaia e a Maria Lucia Petit, que acho que foi pela... mas tudo isso ainda, os que tinham arcada dentária, porque depois nada disso mais teve. Então, isso gerou para algumas família ...

CEV-RJ - A expectativa...

CEV-RJ - ah, se aqueles lá, daquela família, encontraram, nós não vamos desistir nunca. E aí, o senhor acha que o ópio responde a isso? O ópio ao povo, é essa a ...

PAULO MALHÃES: É uma tentativa de mostrar.... Por exemplo, a nossa presidenta andou dando umas escorregadinhas, algum tempo atrás, a primeira coisa que ela botou no ar é que iam punir os...

CEV-RJ - Responsáveis .

PAULO MALHÃES: repressores. Que não adiantava esse negócio de anistia, já era... Então, é só acontecer o fato político qualquer que precise de um ouro para atrair a atenção pública, que eles colocam isso no ar. Agora, eu pergunto a você, eu tenho um filho, meu filho chega perto de mim ‘vou ser guerrilheiro’. Deve ter chegado perto da mãe ou do pai e ter dito isso. ‘Vou para Goiás, lá para o raio que o parta’. O pai não disse nada para ele: ‘não vai, meu filho, porque é perigosos, você corre o risco de morrer’. Agora, você quer botar a culpa em quem lutou para impedir que eles fizessem besteira? Não. Está errado. Meu filho, ‘quero cheirar pó’. ‘Não, você não vai.... – gra-

ças a Deus nunca tive esse problema – você não vai cheirar, porque cheirar faz mal, vai te trazer problemas mais tarde, pode trazer a tua morte’. Agora, se ele quiser cheirar, o que eu posso fazer? Nada. Eu, pai, é que tenho que impedir que ele cheire. Agora, eu hoje, vivendo a expectativa, muitas vezes falsas, se você analisar e tal - não estou dizendo que é o caso dos meninos que você conhece – você vai dizer que não são falsas, são verdadeiras. Mas, se você analisar bem, se a nossa Dilma Rousseff resolver dar R\$ 50 mil para cada um, todo mundo esquece. A história não é bem...

CEV-RJ - Mas, eles todos já receberam dinheiro, coronel.

PAULO MALHÃES: Então querem mais. Eu receberia dinheiro – vou me colocar no caso deles, vou inverter minha posição – eu tenho um filho que foi guerrilheiro. Ele morreu, desapareceu, ninguém acha ele. Aí o governo vem ‘ah, por causa disso você vai receber R\$ 20 mil’. Eu digo, ‘eu não quero. Não é isso que eu estou procurando. Não é R\$ 20 mil que vão trazer o meu filho de volta.’

CEV-RJ - Algumas famílias fizeram isso. Exatamente isso que o senhor está falando.

PAULO MALHÃES: Então, eu acho que tudo tem um contrabalanceio. O mundo, infelizmente, não é aquele paraíso que a gente... Os sentimentos humanos são uma coisa muito difícil de você ter, levar em consideração. Você vê aí, os caras matam, os caras roubam, fuma, cheiram e tal aí a polícia vai mata ‘meu filho, meu filho era estudante. Meu filho vivia dentro de casa. Vão matar o meu filho?’. Não estou te botando em uma encruzilhada não. É que você tem os argumentos para adiantar o seu lado. Para pensar na sua vida. Estou botando os opositores a estes instrumentos. Não é porque eu queira me defender não. Estou anistiado, tenho mais três ou quatro anos de vida, se Deus deixar.

CEV-RJ - Mais.

PAULO MALHÃES: Não, não acredito. Não acredito. Meu organismo já está muito... só a não recuperação desse problema que eu tive...

CEV-RJ - Já é um sinal...

PAULO MALHÃES: ... Já é sinal de que eu estou deficiente, senão eu já devia ter me recuperado. Então é um problema que eu já sei que é uma deficiência.

CEV-RJ - Tem colegas seus que estão com outras deficiências.

CEV-RJ - Mas, coronel, na sua opinião é isso, então? O melhor é ..

PAULO MALHÃES: Deixar.... isso..., quem é que está correndo atrás, que você diz que está desesperado, que leva invocação isso sempre? De buscar...

CEV-RJ - Eles estão...

PAULO MALHÃES: Eles quem?

CEV-RJ - Não, tem uns que estão mais, outros não.

CEV-RJ - Tem uns que estão mais outros menos.

CEV-RJ - Tem uns que estão mais, outros menos

PAULO MALHÃES: Então, é um sinal que não é bem assim.

CEV-RJ - Mas, esses que estão mais, o que o senhor acha?

PAULO MALHÃES: Tem que,, você tem que se tornar uma pessoa fria e analisar o fato. Ver se eles realmente estão mais. Se realmente estiverem mais....

CEV-RJ - Deixa eu puxar só um fio de meada aqui para colocar uma ordem cronológica na coisa. Na última.., na vez que estivemos aqui passada, o senhor deixou claro que os senhores foram chamados para consertar uma cagada. E aí se reuniram. Por conta desta cagada que tiveram que consertar, ou esta reunião foi anterior e esta não foi a primeira vez que vocês usaram esse método. A discussão desse método do saco, aconteceu pela primeira vez quando tiveram que resolver o caso Rubens Paiva, ou ... porque o senhor disse que acabou usando esse método para outras...

PAULO MALHÃES: Esse método do saco, talvez seja o mais antigo da história. Então, não tem novidade nenhuma. Isso foi usado por gregos, romanos, chineses.

CEV-RJ - Mas, no caso de vocês do CIE?

PAULO MALHÃES: Lá no CIE foi uma conjuntura.

CEV-RJ - Essa conjuntura se deu no momento do Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Não. Não é do Rubens Paiva

CEV-RJ - Então por que houve dez discutindo e dez sabendo que iam desenterrar?

PAULO MALHÃES: Porque precisava dos dez. Ou você acha que é fácil..., você...foi por aqui?..

CEV-RJ - Não. Eu digo, antes, na discussão. O senhor disse que houve uma discussão em que participaram mais do que os que participaram do desenterro.

CEV-RJ - Não, para encontrar não era fácil. É isso.

PAULO MALHÃES: (inaudível) não era fácil.

CEV-RJ - Precisava ter gente de alto nível.

PAULO MALHÃES: Não era fácil. Eu queria nunca ter encontrado. O espetáculo que eu vi e que eu cheirei, eu vomitava. Eu botei um pano no meu nariz eu vomitava dentro do pano.

CEV-RJ - Foi o senhor quem foi levar também?

PAULO MALHÃES: Não. Eu ajudei.

CEV-RJ - Coronel, além dele, outro caso, desse jeito, assim?

PAULO MALHÃES: Não, é difícil.

CEV-RJ - Ou esse é o que veio na sua cabeça, assim, como o mais...

PAULO MALHÃES: É. É difícil. Porque eu acho que...

CEV-RJ - Coronel, o que faziam com os outros? Que morriam lá dentro do DOI- CODI.

PAULO MALHÃES: Eles davam o destino deles. Eles também não comentavam com a gente não.

CEV-RJ - Mas este método, eles sabiam?

PAULO MALHÃES: Não, completo não.

CEV-RJ - No caso, por exemplo, do Stuart, coronel. Do CISA. Que é um caso... o senhor sabe qual é o caso.

PAULO MALHÃES: Aí eu não sei. Quem fez pode ter levantado voo...

CEV-RJ - Hum, hum.

PAULO MALHÃES: Voado quatro, cinco, seis quilômetros a dentro e aberta a comporta das bombas e descia quantos cadáveres você quisesse. Isso eles ofereceram.

CEV-RJ - Eles ofereceram?

PAULO MALHÃES: É, lógico.

CEV-RJ - Para os senhores?

PAULO MALHÃES: É.

CEV-RJ - E por que...

PAULO MALHÃES: Devia ser..

CEV-RJ - não aceitaram?

PAULO MALHÃES: Porque você ia dividir ... segredos.

CEV-RJ - Ou seja, eles não ofereceram em um caso específico, ofereceram genericamente?

PAULO MALHÃES: É, e você ia dividir...

CEV-RJ - Segredos.

PAULO MALHÃES: ... ia ter que dizer quem estava ali, esse troço todo. O cara chegou 'mas, conta pra mim, e aí? quem é?' Então. Mea culpa, minha máxima culpa ...

CEV-RJ - Minha única culpa.

PAULO MALHÃES: ... minha única culpa. (silêncio) Eu digo tem... são três casos, o outro, terceiro, eu vou me esquecer...

CEV-RJ - Qual o segundo?

PAULO MALHÃES: Ladrão só, puta só, falta um... que eu acho que são as coisas que você tem que fazer sozinho. Você não tem que ...

CEV-RJ - Hum, hum.

CEV-RJ - Formar quadrilha, nem frequentar ...

PAULO MALHÃES: E matador só. O último é matador. Só.

CEV-RJ - deixa eu lhe fazer outra pergunta sobre o Rio Grande do Sul.

PAULO MALHÃES: Faz

CEV-RJ - O senhor participou da busca dos freis que davam fuga pela divisa do Uruguai lé?

PAULO MALHÃES: Não, aquilo foi operação do Rio Grande do Sul mesmo.

CEV-RJ - Vamos?

PAULO MALHÃES: Ela está pensando.

PAULO MALHÃES: Eu vou lhe ensinar o seguinte. Você pense e decida o que está no seu coração. A melhor coisa que a gente faz na vida é decidir aquilo que vai dentro do nosso coração. Você vai pensar, vai julgar, vai analisar, vai... e no fim, quem vai responder é o teu próprio coração. Eu sempre fui a favor disso. Eu, nas minhas crises, nos meus

momentos em que estou envolvido em briga de família, essas coisas todas, eu sigo o que o meu coração... pode não agradar nenhum dos meus filhos, não faço.... Já disse para eles, 'pode esquecer porque eu não faço questão de agradar a ninguém. Quero decidir o que vai no meu coração. Então meu coração, já que vocês não querem falar comigo, eu também não quero falar com vocês.' 'Ah, mas nós agora queremos falar com você.' Não, agora é tarde. Vocês passaram tantos anos desligados de mim, agora querem voltar, porque eu estou para morrer, vocês estão de olho na minha herança, e tal, não sei o quê. Negativo. Continuamos... meu coração me disse isso. Continuamos distante um do outro, cada um vivendo a sua vida. Porque eu começava a interferir na vida deles... eu tenho um genro cafetão. Então, a minha filha seria uma excelente médica, mas ele obrigou minha filha fazer aborto, obrigou minha filha a vender esta dispensa de trabalho... O negócio dele é grana. Ele quer um carro do ano, mesmo que seja taxista, para ele namorar e sair, dar uma cheiradinha também. Dar uma cheiradinha. E eu não concordei com aquilo. Então, cheguei perto da minha filha e conversei com ela. Você está jogando sua carreira fora e como é que vai ser? E o trabalho que eu tive, o meu esforço, o meu dinheiro, que eu apliquei em você? Para onde vai? 'Ah, mas eu sou apaixonada por ele.' Acabou. Não temos mais o que conversar. Outro meu filho saiu médico também, mas é um vagabundo. É diferente. Ele é que é vagabundo. Não quer nada, faz dívidas, pinta e borda. Só a mim ele deu umas três ou quatro pipocadas. Também falei com ele, encerramos o assunto. Não me peça nada, trabalhe que você vai ter alguma coisa. Você estudou, eu te dei condições de você estudar, botei você na faculdade, dei condições de estudar e você não desemboca nem... por quê? A terceira é uma mulher muito bonita. Mas só arranja vagabundo. É, um tocador de violão, da banda, que ela vai assistir o baile, aí eu cheguei perto dela e disse 'peraí. Tu vai...' é advogada, mas não quer estudar mais, prometeu para mim que ia sair juíza quando se formasse e tal. Paguei faculdade, fiz, fez pós-graduação e tá, né? com a banda do marido dela. O que você quer que eu faça? Falei com ela, 'Ah, não. Eu gosto dele.' Então, cada um...

CEV-RJ - É, não tem mais o que o senhor fazer.

PAULO MALHÃES: Agora, também não quero vocês perto de mim.

Vocês só sabem menti... telefonar para mim para pedir. Vocês acham que eu vou fazer o quê? Então, eu me isolei da vida. Dou graças a Deus por isso.

CEV-RJ - O senhor tem netos, coronel?

PAULO MALHÃES: Tenho.

CEV-RJ - E o senhor não sente vontade de conviver mais com eles?

PAULO MALHÃES: Por causa dos pais, não. Eu, realmente, a primeira neta é você. Eu te chamei de neta, estou de brincadeira mas, é porque eu admirei você então resolvi fazer de você minha neta. Não quero ofender seus avós, de maneira nenhuma. Eu tenho filhas de amigos meus que me chama de pai eu chamo ela de filha, uma médica também. Ela veio aqui, salvou minha vida. Eu tive uma crise de hipertensão, ela que salvou minha vida. Então, eu tenho mais carinho dos estrangeiros, dos que não são sangue do meu sangue, como diz o outro, do que do sangue do meu sangue. Então, é difícil. A vida é difícil. O coração... aí eu vivo aqui tranquilo, estou com vontade de me mudar daqui para aonde eu sempre quis ir.

CEV-RJ - São três filhos, só?

PAULO MALHÃES: Não, são cinco.

CEV-RJ - Mas, se mudar daqui para aonde coronel? O senhor está tão bem aqui.

PAULO MALHÃES: É, como é o nome do lugar, meu Deus? É aqui para cima, é pertinho. (chama a mulher) Cris!. Cris!

CEV-RJ - Ela também quer?

CEV-RJ - Mendes?

PAULO MALHÃES: Não. (Pergunta alto à mulher) Qual o lugar que nós queremos nos mudar

CRISTINA - É o quê?

PAULO MALHÃES: Qual o lugar que nós queremos nos mudar?

CRISTINA - Não sei. Você falava Paulo de Frontin.

CEV-RJ - Mendes, Paulo de Frontin, é ali do lado. Um do lado do outro. Lugar sossegado.

PAULO MALHÃES: Aqui eu já cansei. Eu aqui...

CEV-RJ - Mas faz muitos anos que o senhor mora aqui!

PAULO MALHÃES: Moro. Também sou muito conhecido. Aí eu conheci garotinho desse tamanho que hoje passa por mim e já é um homem.

CEV-RJ - Já é um marmanjo.

PAULO MALHÃES: Diz. 'Oh, coronel, como é que vai o senhor'. Eu digo, 'Oi, como é que vai?' Aí eu digo pra ela 'quem é?' Ela diz, 'eu não sei'. Eu também não, vamos tocando.

CEV-RJ - Vamos embora?

PAULO MALHÃES: (fala se referindo à Cristina) Aí você vai reclamar que eu arranjei uma mulher nova para ..

CEV-RJ - Não. O amor não vê idade.

PAULO MALHÃES: Pra me casar.

CEV-RJ - O amor não vê idade.

CEV-RJ - Quanto tempo vocês estão juntos?

Cristina - Já perdeu as contas.

PAULO MALHÃES: (pensa um pouco) Vinte e.... vinte e sete anos. Então..

CEV-RJ - Léo e Ciro Et (soletrando) E tch goy

PAULO MALHÃES: Etchegoyen

CEV-RJ - Etchegoyer, que fala?

PAULO MALHÃES: Etchegoyen. ... (voltando ao assunto) Porque é assim, eu fico velho e ela pode cuidar de mim, porque ela ainda está nova. Se nós dois fossemos dois velhos...

CEV-RJ - Ia estar um agarrado no outro...

PAULO MALHÃES: Ia estar um pendurado no outro. Aí, ela está novinha... apesar de

CEV-RJ - mas, quando ela precisa de ajudar, o senhor ajuda.

PAULO MALHÃES: Eu ajudo. Aí ela tem que me carregar, mas já caiu comigo e tudo. Diz que com 80 quilos é assassinato.

CEV-RJ - Bom coronel, foi uma ótima conversa, igual a outra.

PAULO MALHÃES: Tá bem, quando vocês quiserem...

CEV-RJ - Vamos voltar, se precisar.

PAULO MALHÃES: Deixa ela resolver os problemas íntimos dela, de conta, não conta, fala, não fala. Já está com a cereja no bolo.

(FINAL DA PRIMEIRA PARTE DA 2ª ENTREVISTA)

INÍCIO DA 2ª PARTE DA SEGUNDA ENTREVISTA NO DIA 11/03/2014

CEV-RJ - (continuando a gravação) mesmo assim ainda tem muita história para contar.

PAULO MALHÃES: Seu amigo fez uma força para arrancar esta cereja, danada e..

CEV-RJ - Ele soube do Rubens Paiva? Não. Ele comentou com o senhor sobre Rubens Paiva?

PAULO MALHÃES: Não, ele não falava do Rubens Paiva,

CEV-RJ - Ele falou só em....

PAULO MALHÃES: ... ele fala em...

CEV-RJ - Sim, o que o senhor fazia com as pessoas depois da Casa da Morte, tipo

PAULO MALHÃES: É. Ele perguntou sobre Petrópolis, aí eu contei...

CEV-RJ - Se continuar perguntando eu vou fazer contigo, eu teria respondido assim...

PAULO MALHÃES: ... eu contei a história de Petrópolis para ele, que era uma casa de conveniência e nós fazíamos infiltrados, e tal. Ele disse também que era OFF, que nem você disse. É OFF é OFF.

CEV-RJ - Não.

PAULO MALHÃES: Uma semana depois estava uma reportagem.

CEV-RJ - No início o senhor falou que poderíamos conversar à vontade. Mas, tudo bem, a gente... O senhor não quer que apareça seu nome?

PAULO MALHÃES: Não, não gostaria. Depois que eu morrer você pode até botar à vontade. Um ano que ela vai fazer o programa dela, quando ela fizer o programa dela pode ser que eu tenha morrido.

CEV-RJ - Não.

CEV-RJ - (rindo) Eu vou fazer... Eu vou esperar o senhor morrer então, vamos fazer assim.

PAULO MALHÃES: Aí... eu não...

CEV-RJ - Mas vai se eu morro antes, aí ferrou, né?

PAULO MALHÃES: É. Que nada, você é uma menina nova.

CEV-RJ - Aí, sim. O senhor vai sentir remorsos. O senhor vai dizer ah... o senhor vai lá no meu enterro;

PAULO MALHÃES: Mas, ...

CEV-RJ - A gente brinca, mas a gente nunca sabe, né?

PAULO MALHÃES: É a vida, a gente bate um bom papo, você foi puxando, puxando, puxando e foi saindo a cereja. Aí um dia eu te explico, a relação...

CEV-RJ - A relação peso do corpo... a proporcionalidade peso do corpo com o peso que tem que ser posto no saco.

PAULO MALHÃES: Você tem que se lembrar o seguinte. Um estudo de anatomia.

CEV-RJ - Hum...

PAULO MALHÃES: Que todo mundo que mergulha na água, fica na água, ele quando morre tende a subir...

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: Porque...

CEV-RJ - Inchação

CEV-RJ - Incha..

PAULO MALHÃES: Incha, aqui se enche de gás (mostra no próprio corpo a barriga)

CEV-RJ - Forma-se uma boia.

PAULO MALHÃES: Então, de qualquer maneira você tem que abrir a barriga, quer você queira, quer não. Não é? Então, é o primeiro princípio. Depois, o resto, é mais fácil.

CEV-RJ - Não precisa decapitar?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Vai inteiro.

PAULO MALHÃES: Vai inteiro. Eu gosto de decapitar, mas é bandido aqui.

CEV-RJ - Sem vergonha.

CEV-RJ - Mas, no caso, quando o senhor encontrou, ainda estava inteiro?

PAULO MALHÃES: Estava inteiro, mas estava bem...

CEV-RJ - Quer dizer, estava de... mas já.... sem membros, essas coisas?

PAULO MALHÃES: Estava todo deteriorado.

CEV-RJ - É tão ruim o cheiro...

PAULO MALHÃES: Eu tenho... aconteceu um fato gozado. Tem um...

CEV-RJ - O senhor cavou? Foi o senhor quem cavou ali?

PAULO MALHÃES: (parece que ele diz 'um deles' ou 'ajudei', mas o som está ruim)... Tem um major, que tomava conta da segunda casa, lá em Petrópolis. Então, tinha um jogo do Brasil, uma Copa, uns oito anos, uns doze anos atrás...)

CEV-RJ - É mais...

PAULO MALHÃES: ... e ele tinha... ele queria ver o jogo. Em Petrópolis não passava. Então o que ele fez, ele abriu um buraco, enterrou o cara e encheu de cal virgem na sepultura do cara. E fechou. Aí ele me contou...

CEV-RJ - Cal, cal, de...?

CEV-RJ - Cal, cal

PAULO MALHÃES: Cal virgem. Mas, do virgem, aquele que queima. Aí, ele me contou. 'Pô, mas não pode fazer isso. Nós combinamos, discutimos.' 'Ah, mas eu tenho que ver o jogo do Brasil'. Me leva lá. Eu abri a sepultura e o cara estava inteirinho no cal virgem.

CEV-RJ - Preserva.

PAULO MALHÃES: Preservado. Né? 'Oh, o que tu fez? Agora nós vamos ter que partir em pedacinho...,' porque virou pedra...

CEV-RJ - Calcifica.

PAULO MALHÃES: ... para mandar a destino. Já pensou se... porque, naquela casa de Petrópolis eles cavucaram ela toda, você soube disso, né?

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: Porque para todos os efeitos nós tínhamos enterrado alguém lá. Ninguém enterrou ninguém. Vou te dizer, lá não era a casa da morte, talvez por causa disso não tenha ninguém enterrado lá. Mas, você viu que o cara deixou um furo porque queria ver o jogo.

CEV-RJ - Na outra casa?

PAULO MALHÃES: Na outra casa. Também não era casa da morte.

CEV-RJ - Mas, houve morte;

PAULO MALHÃES: Sempre há. A guerra, é o que eu falei para ela, ela tem que tentar, ou talvez até...

CEV-RJ - Contextualizar...

PAULO MALHÃES: Vou, vou... eu talvez não, porque eu estou cansado. Mas eu talvez preparasse para você uma introdução sobre a guerra. Só sobre isso. O que é a guerra? Os meandros da guerra? Por que o fulano fez isso, o beltrano fez aquilo. (Barulho do gravador sendo mudado de lado) ... ele não conhecia. Pensou que o cara matou Hitler porque ele queria a raça ariana pura. Não tem nada disso. O cara matou os judeus porque os judeus não quiseram trabalhar na reformulação da nova Alemanha. Então, citava umas historias assim, embora eu achasse que o povo não fosse compreender, mas, talvez, os mais cultos entendessem. Porque, esta história para o povo não tem finalidade.

CEV-RJ - Não, mas o senhor tem que pensar coronel, é que o povo vinha..., as pessoas, se a gente sair na rua... primeiro que as pessoas não estão nem querendo saber disso. O senhor sai agora e pergun-

ta.... Agora, por exemplo, quem ensina, quem é professor, né? Quem ensina história, então, eu acho que este cuidado a gente deve ter assim, para não... pra gente não ficar reproduzindo... eu acho que isso é meio que uma responsabilidade, assim, sabe? O ideal seria que as pessoas assistissem essa aula e entendessem isso. Mas é isso que não acontece. As pessoas não sabem. Não sabem. Os jovens de hoje não fazem a mínima ideia.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - A mínima ideia. Nem do que o senhor viveu, nem do que aconteceu antes...

PAULO MALHÃES: É uma pena.

CEV-RJ - E não sabem, não adianta achar que sabe. Acho que nós vamos tentar.

PAULO MALHÃES: Acho que nós vamos tentar, não é? Eu vou entrar para o tráfico e vou fazer uma nova revolução.

CEV-RJ - Que nada. Próxima vez eu vou lhe trazer um livro que escrevi sobre facções criminosas. Analisei várias histórias.

PAULO MALHÃES: Que bom, vou aprender alguma coisa.

CEV-RJ - Bom, vamos?

CEV-RJ - É cedo ainda.

CEV-RJ - (rindo) É cedo ainda.... sabe que horas são? Nove e pouco da noite...

PAULO MALHÃES: Ela chegou aqui eram cinco horas.

CEV-RJ - Não, chegamos duas e pouco. O que está faltando ainda?

PAULO MALHÃES: Pergunta. (Falando para Cristina: Põe um café lá). Quer café?

CEV-RJ - Se aparecer... eu tomo. Se aparecer eu tomo.

CEV-RJ - Sabe coronel, eu fico, fico impressionada com essas coisas. Mas, assim, como é que o senhor se vê nisso? Porque o senhor teve um papel muito importante. São poucos os que tiveram o papel que o senhor teve?

PAULO MALHÃES: É tudo uma questão da... Eu podia nunca estar metido nisso. Eu podia ser hoje... Hoje não, hoje eu estaria em casa, mas teria sido... Seria um general de Exército....

CEV-RJ - Mas é isso, coronel. Quantos, como o senhor....

PAULO MALHÃES: Mas, eu desisti de ser general de Exército.

CEV-RJ - Forraram (inaudível), o senhor sabe disso.

CEV-RJ - Em que momento?

PAULO MALHÃES: Hein?

CEV-RJ - Em que momento? Na hora de ir para a escola

PAULO MALHÃES: No momento em que eu decidi trabalhar em informações, eu sabia que não ia sair general de Exército. É o ciclo da história. É uma senoide a história. A história é uma senoide. Se você pegar, desde a antiguidade você vai descobrir que a história é uma senoide. Que talvez nós estejamos perto do fim desta senoide. A nossa civilização está bem perto do fim. Porque não há mais desregramento que possa... todos os impérios, Império Romano, Império Grego, os impérios que detiveram poder no mundo, perderam quando eles desregraram. Então, um cara dizer que ... Apresentar na televisão um diálogo de viados, um cantando o outro. O que está passando para quem está vendo? Um viado beijar o outro na boca. Me dá nojo. Uma mulher beijar a outra na boca. A mulher eu ainda aceito, mais ou menos...

CEV-RJ - (rindo) Aí é o machismo, né?

PAULO MALHÃES: Não, mas eu acho que, o homem..., não sei... O homem é uma figura mais impar, mais... né? a mulher é mais feminina, sente por todos os sentidos, como me disse uma mulher uma vez. É que eu entendo uma mulher melhor do que você. Vai ser difícil,

you understand better than I. Because a part of my life I studied about sex, in the Kama Sutra, in the Arabs, in ... I studied... I studied. Then...

CEV-RJ - Sabe isso.

PAULO MALHÃES: Eu hoje me acho, com 76 anos, uma potência sexual. Já que ela tem aqui (fala, referindo-se à Cristina, que está ao seu lado) eu posso perguntar a ela se isso é mentira. É mentira?

CRISTINA – (meio que envergonhada) Não.

CEV-RJ - Também.

CEV-RJ - Agora, coronel, voltando ao que a ela estava falando do seu papel...

CEV-RJ - O senhor fez..., o senhor fez uma escolha ideológica.

CEV-RJ - Uma escolha ideológica. O senhor já se arrependeu, em algum momento, do caminho que seguiu?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Perdeu noite de sono, com dor de consciência?

PAULO MALHÃES: Poxa, não. Até... é... perdi noite de sono estudando. Até hoje eu estudo, expliquei isso para vocês.

CEV-RJ - O senhor usa internet, aqui?

PAULO MALHÃES: Uso. Compro as coisas pela internet. Tenho três computadores na minha sala de computadores. Então, não. Eu acho que não fiz uma escolha ideológica. A vida me levou até aquela posição X, dali pra frente quem decidiu fui eu. Mas a vida me levou até....

CEV-RJ - Coronel, quando é que o senhor decidiu, se preservar mais, ficar mais reservado...

CEV-RJ - Se retrair...

CEV-RJ - ...ficar mais reservado, tocar a sua vida, cuidar das suas plantas?

PAULO MALHÃES: Quando o meu mundo começou a virar. Quando eu fui sentindo que nós, que tínhamos lutado, que tínhamos... nós – digo nós, mas não fomos tantos assim – mas nós, estávamos perdendo poder.

CEV-RJ - Isso foi no governo Sarney ou foi depois do governo Sarney?

PAULO MALHÃES: É mais ou menos no governo Sarney.

CEV-RJ - O senhor não chegou a estar trabalhando com o governo Collor?

PAULO MALHÃES: Não. Em tão eu cheguei a esta conclusão. Digo, nós caímos. Eu já tinha chegado a conclusão de que íamos cair há bastante tempo. Mas nós caímos. Então, não tem mais. Posso aproveitar essa minha inteligência? Ou a minha capacidade? Não digo inteligência, mas a minha capacidade? Posso. Entro para uma organização criminosa dessas, reúno ...

CEV-RJ - Mas, o senhor aproveitou de outra forma, o senhor ...

PAULO MALHÃES: Reúno eles, transformo eles em vez de ser em várias organizações, em uma só...

MARCELO – Mas, isso, quem tentou não conseguiu, foi o Fernandinho Beira- Mar...

PAULO MALHÃES: A gente tenta.

CEV-RJ - Ficaram brigando entre eles e se mataram um ao outro.

PAULO MALHÃES: Nem que a gente tenha que eliminar os concorrentes. Mas, a gente tenta. Consegue. E aí, escrever uma outra história.

CEV-RJ - Agora, acho bom o senhor se aquietar. O senhor não tem que estar tendo essas ideias aí.

PAULO MALHÃES: É. É uma vida.

CEV-RJ - Mas, coronel, eu falei com o senhor o negócio das famílias, né? Da cereja. Isso aí a gente já venceu. Agora, o senhor sabe que

tem um peso muito forte isso que o senhor falou dos infiltrados, na história. O senhor sabe disso. Mais pra frente a gente faz o que com uma informação dessas?

PAULO MALHÃES: Vocês é que vão escolher. O que o coração de vocês disser.

CEV-RJ - Mas, essa aí não dá para ser só com... essa aí tem... eu vou precisar de uma racionalidade. O senhor entende? eu não posso chegar e falar uma coisa dessas, não digo agora, daqui a um ano, daqui a dez anos... Eu não posso simplesmente falar uma coisa dessas, porque é muito leviano eu falar isso. Eu falar isso. Como, algum dia, na história, alguém me falou isso, mesmo sem...

CEV-RJ - Alguém nos falou isso, sem revelar...

CEV-RJ - ... mesmo sem que o senhor nunca apareça.

CEV-RJ - ...e nós não podemos dizer quem nos falou isso.

CEV-RJ - Independente disso. A história em si ela... Embora tenha muita gente dentro da esquerda, das organizações, que acuse isso, que fale que isso acontecia, e tal, é sempre...

CEV-RJ - Nós, como Comissão não podemos...

CEV-RJ - ...é sempre um pessoal se esquivando, né? 'Existia, mas eu não sei'. É sempre assim. Fazer o quê com isso?

CEV-RJ - Uma coisa seria, por exemplo, um dia o coronel Paulo Malhães estar diante de uma comissão e numa troca de conversa pública ou não, falar, 'não, aconteceu isso'. Outra coisa é nós ouvimos de um depoimento, de uma pessoa que nós não podemos revelar, que fulano, fulano e fulano, trabalharam infiltrados. Entendeu?

PAULO MALHÃES: Não...

CEV-RJ - Eu teria muita dificuldade em dizer assim, 'eu ouvi, de uma fonte minha, que fizeram isso com o corpo', é uma coisa. Agora, 'eu ouvi de uma fonte minha que Joaquim José aceitou ser infiltrado', é uma acusação muito pesada...

PAULO MALHÃES: Mas, você não sabe o nome de todos os infiltrados.

CEV-RJ - Não, não, não é isso não. Mas a minha questão não são os nomes, coronel. Minha pergunta não é em relação aos nomes. É em relação à técnica. (16:35)

CEV-RJ - A técnica.

CEV-RJ - Porque, talvez, aí pensando pra frente, não hoje, então, pra gente pensar, ir com o dever de casa de pensar nisso, assim, é..., talvez o senhor possa ajudar, sem se comprometer, não é uma questão de o senhor... a autoria disso ou não, assim, as organizações eram essas. Eu perguntei quais eram? Praticamente todas o senhor teve... E assim, a consequência disso, por exemplo, na ALN, ao fazer isso, em..... mesmo que o senhor não precisa precisar a data, mas se desmantelou. Porque isso é importante para a história. Porque a História ela é feita de pessoas, mas a gente também não pode achar que as pessoas – aí eu vou, eu não posso dizer que a culpa de uma organização é porque o José da Silva era infiltrado e ele é o responsável pela... Não é isso, não foi isso que aconteceu. O que interessa é que a organização se desmantelou por causa de uma técnica que vocês tiveram um trabalho de inteligência, foi ... Isso é importante para a História. Como foi importante na Alemanha o que o Hitler fez. Para a história, isto é que é importante. O senhor sabe disso. Só que não pode ser leviano. Eu não posso... eu acho que isso vale a pena, coronel, a gente pensar, entendeu? Como tratar essa informação do ponto de vista de registro histórico.

PAULO MALHÃES: A infiltração...

CEV-RJ - Não é uma técnica só daqui, não é uma coisa

PAULO MALHÃES: ...ela é mais antiga que o Império Chinês. Sun Tzu³⁷, que é o pai das informações, foi quem fez o decálogo das informações. Não me lembro de todos os itens. Mas ele é que cria 'não há fortaleza mais forte que eu não possa entrar com um burro carregado de Ouro'. Isso é um dos itens. Então, faz parte da própria his-

37 Sun Tzu (544 a.C. – 456 a.C.), estrategista chinês

toria da China - daí o sistema de informações deles ser para mim o mais importante do mundo, a tal de Mala Preta -, eles aplicaram isso tudo. Aplicam até hoje. O israelense, como condição de sobrevivência, o israelense (Israel) é um país que você com uma atiradeira travessa de lado a lado com uma pedra. Como é que ele sobrevive, naquele cercado de inimigos? O inglês. O americano já... O russo. São serviços de informações que pesam. O que eu acho, que foi jogado fora – podiam até querer punir a gente, e tal – mas, o que eu acho que foi jogado fora, foi a experiência adquirida. Foi feita uma experiência. O Brasil adquiriu uma experiência. Como é a exploração de petróleo. O Brasil hoje é experiente em exploração de petróleo. Mas, por quê? Ele foi adquirindo experiência. A experiência adquirida foi jogada fora. Não precisava me dar general de Exército, me dava a função de instrutor que eu dava aula de informações, sempre dei. Graças a Deus, ainda devo me lembrar de tudo de informações que se estuda em uma escola. Então, essa experiência que eu acho... Primeiro, que eles não querem que essa experiência... já pensou se um jornal publica com letras deste tamanho que o seu presidente é infiltrado, ou foi infiltrado. Ele é infiltrado. Não, o jornal publicou (faz sinal com os dedos de pequeno) ... porque... Aí ela fala, ‘não, mas, o povo tem que saber’. Mas, o povo vai saber o que a mídia quer mostrar. Não é a realidade.

CEV-RJ - Hoje em dia, com a internet, nem tanto.

CEV-RJ - Coronel, e os outros colegas seus, da época, né? Que tinham mais ou menos a mesma hierarquia na época, o senhor acha – tem uns que já morreram – mas, o senhor acha que eles tem uma visão parecida com a do senhor hoje?

PAULO MALHÃES: Não. Há uma revolta muito grande. Essa história que eu brinco de entrar para o crime, é da maioria deles também;

CEV-RJ - Que alguns entraram...

PAULO MALHÃES: Alguns entraram. Se deram bem.

CEV-RJ - Mas já entraram na época, não é? Não foi depois. Já desde aquela época...

PAULO MALHÃES: Mas, hoje não seria tão difícil, assim não.

CEV-RJ - Sim, nada seria tão difícil. Mas estou dizendo que estes 'alguns' não foi por uma questão político-ideológica,

PAULO MALHÃES: Foi uma questão....

CEV-RJ - ...Nem de desgosto. Foi uma questão de oportunismo e ...

PAULO MALHÃES: Roubo.

CEV-RJ - ... e roubo, mesmo.

CEV-RJ - Mas, e aí, coronel?

PAULO MALHÃES: Então eu acho que hoje não seria difícil. Os paulistas queriam que a gente organizasse um sistema de informações para trabalhar para eles. Eu não gostei das teorias do serviço de informações deles, eu desisti e a maior parte desistiu e acabou não havendo. O americano já me cantou umas dez vezes para mim montar um esquema de informações para eles, no Brasil e em outros países. Eu disse que no meu país eu não trabalho contra o meu país. Então, também não quero. E não me agrada o estilo americano. Então, aí eu parei no tempo. Eu tenho uma reserva em dinheiro. Tô ganhando pouco, agora, estou né? A Dilma resolveu acabar com os milicos mesmo. Mas, isso vai parar um dia. Eu acredito que o comandante supremo das Forças Armadas, o comandante supremo do Exército, um dia grite. 'Não, peraí. Você dá 35 para eles e dá 8% pra gente?' Acredito que um dia aconteça. Pode ser que nunca aconteça mas, aquela historia da expectativa, também vivo das expectativas. Mas, dá para mim sobreviver. Eu não vivo em boates, eu não vivo em altos jantares, a gente raramente almoça fora. Então, dá para viver. Bem. Eu não vivo mal, tenho uma piscina aqui, com 60 mil litros de água, é água pra cacete.

CEV-RJ - Seus netos vêm muito aí?

PAULO MALHÃES: Vêm. Os netos. Os netos vêm.

CEV-RJ - Sem os filhos.

PAULO MALHÃES: Sem os filhos. Os filhos vêm, largam eles aí, eu fico tomando conta 'Ah, vou apanha segunda-feira'. Tudo bem, pode deixar aí. Então, não é grandes problemas. Não tenho grandes ambições

CEV-RJ - Mas o senhor sente, coronel, de ter tido um papel como o senhor teve e ... o senhor gostaria de hoje ter um reconhecimento maior, dos seus colegas, não digo do Estado...

PAULO MALHÃES: Não, porque eu não vou ter. A maioria dos meus colegas, já que quem hoje comanda o Exército é a outra classe, não é dos combatentes, é dos... Nós não deveríamos ter feito o que fizemos. Eles resolveriam pelo livro, não sei como, mas resolveriam. Então, eu acho, eu não estou desesperado, não estou contra ninguém, não estou contra. Guardei esse segredo porque ninguém sentou aqui um dia para conversar comigo.

CEV-RJ - E o que passa para o senhor nessa conversa toda? Assim, a medida em que a gente foi conversando, a primeira vez que eu vim aqui, o senhor pareceu receoso, não não quero falar, no telefone...

PAULO MALHÃES: Não, porque, eu, eu, a minha religião é Espírita.

CEV-RJ - O senhor é Espírita.

PAULO MALHÃES: Espiritismo não aquele espiritismo branco, espiritismo...

CEV-RJ - De terreiro.

PAULO MALHÃES: É. Então eu digo que o meu santo...

CRISTINA - Bateu.

CEV-RJ - Bateu?

PAULO MALHÃES: Bateu. O que eu posso fazer?

CEV-RJ - Com o meu ou com o dela?

PAULO MALHÃES: Com os dois. Não posso falar que é só com o dela... eu chamo ela de minha nora...

CEV-RJ - De minha neta ..

PAULO MALHÃES: De minha neta, porra.

CEV-RJ - Minha nora, se é esses filhos aí que o senhor está falando... (rindo)

PAULO MALHÃES: A minha neta, por causa disso. Eu tenho o hábito de chamar as pessoas de filha e neta. Tenho esse hábito.

CEV-RJ - Sim, mas o que o senhor, durante... depois da conversa, da nossa primeira conversa, quando o senhor ficou sozinho aí..

PAULO MALHÃES: Eu fico matutando.

CEV-RJ - E aí matutou o quê?

PAULO MALHÃES: Que.. primeiro que eu estava correndo um grande risco. Segundo...

CEV-RJ - O senhor achou que ia aparecer tudo no jornal no dia seguinte?

PAULO MALHÃES: podia ser. Porque, porque... Porque foi a experiência que eu tive com o seu amigo particular.

CEV-RJ - Meu amigo particular.

PAULO MALHÃES: Eu conversei com ele....

CEV-RJ - Veio ele e a Juliana aí, ao que parece. Juliana, não?

PAULO MALHÃES: Acho que é. Não me lembro o nome da menina, não. Veio, conversou comigo, ele é um sujeito simpático, agradável, mas eu não toquei em nada de importante com ele. Só falei da Casa de Petrópolis. Perguntou 'Ah, consta que o senhor foi... trabalhou na Casa de Petrópolis'. Eu disse tá, não tem nada demais trabalhar na Casa de Petrópolis, qual é o problema? Casa de Petrópolis é uma casa de conveniência. Porque eles devem ter um certo receio de eu abrir a boca e dizer como o filho do de São Paulo fez, 'fulano, fulano, fulano e fulano foram meu infiltrados. Pergunta a eles, bota eles na minha cara e pergunta a elas se não foram?' E eu (VOU???) dar uma cacetada nessa República. Entendeu?

CEV-RJ - Coronel, quando aparece aquela matéria lá, da Casa. Colocando o nome do senhor, o senhor acha que os seus colegas...

CEV-RJ - Protestaram?

CEV-RJ - Não, quando eles viram aquilo, ele, eu imagino que eles tenham se retraído, no sentido assim, se alguém chegar perto deles para perguntar alguma coisa, eles vão ficar...

PAULO MALHÃES: Vão.

CEV-RJ - que aquilo...

CEV-RJ - Alguém ligou, para reclamar?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Mas, o senhor acha que isso é natural que tenha acontecido...

PAULO MALHÃES: Única pessoa que ligou para reclamar foi a minha filha.

CEV-RJ - Sim

PAULO MALHÃES: Devem ter sacaneado ela no serviço dela e ela disse 'fica você com os pecebezinhos'. Tá bem.

CEV-RJ - Mas, o senhor acha isso, assim, que os...

PAULO MALHÃES: Não. O Camarão me procurou, mas acho que ele estava mais morto do que vivo.

CEV-RJ - Camarão era patente alta?

PAULO MALHÃES: Não. Camarão era soldado.

CEV-RJ - Mas e aí, ele procurou o senhor...

PAULO MALHÃES: Mas nós não chegamos a conversar.

CEV-RJ - Mas, ele ficou meio tenso, achou que podia dar problema. Nesse sentido?

PAULO MALHÃES: Não sei, ele veio, eu estava de saída para ir ao médico. Aí ele veio eu disse 'olha, você vem outro dia, porque hoje eu não posso porque estou indo ao médico e tal'. (30:15) Eu estava ali no meio da estrada. Também não estava muito a fim de conversar. Foi um cara que eu protegi muito. Tanto é que ele é meu compadre. Mas, que me decepcionou muito. Depois eu vim saber de umas besteiras que ele fez, e tal, não sei o que. Então aquilo me causou uma decepção muito grande. Então... O meu problema não é eu me olhar no espelho. É eu olhar para a cara dos outros e ver que aquele pessoal que eu achava que era um cara trabalhador, decente, honesto, integro e dedicado ao problema, realmente não era. Só isso. Agora eu estou meio baleado, quer dizer, não estou nem ligando muito para isso, não.

CEV-RJ - Coronel, o senhor não quer, o senhor já pediu, né, o senhor não quer que a gente divulgue isso como sendo informações dadas pelo senhor. Independente de quando for, se for agora, for daqui a seis meses, daqui a um ano. Por enquanto você não quer?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - E eu também não quero o contrário. O senhor entendeu, né?

PAULO MALHÃES: Eu dizer que disse para vocês. Não, você não corre esse risco. Tá?

CEV-RJ - Não agora.

PAULO MALHÃES: Não, não corre esse risco.

CEV-RJ - Não, eu digo porque assim, eu estou fazendo o meu trabalho, coronel, que sempre fiz, de uma forma muito séria. E a pior coisa que tem é, o senhor sabe? A ciumeira, como o senhor falou. Sabe o significado disso? Tem muita gente que... então, por enquanto, acho é bom assim a gente ... acho que é melhor para todos nós. Porque... têm diferentes versões, entendeu? Têm pessoas que falam coisas diferentes do que o senhor está falando, desse período. O Cláudio Guerra da vida entre outros.

PAULO MALHÃES: É, mas o Cláudio Guerra é um débil mental. Sempre foi. Ele se aproximou da gente, não foi só de mim. Mas eu relaxei, ele... já achei ele meio.. O Perdigão é que ficou colado com ele. Não tenho nada com isso. Problema do Perdigão e... coitado, já até morreu, foi um bom amigo, nós tínhamos um bom relacionamento, mas, se eu vê o Cláudio Guerra eu nem conheço.

CEV-RJ - Coronel, o que o senhor acha, por exemplo, de um cara que nem o Avólio – o senhor conviveu com ele – porque ele está falando as coisas agora? Qual o interesse dele de começar a falar, de falar para a Comissão, e falar para jornal? Por que ele está falando?

PAULO MALHÃES: Aparecer.

CEV-RJ - Só isso?

CEV-RJ - Mas, antes ele foi no Ministério Público e negou tudo do Mário Alves, por exemplo.

PAULO MALHÃES: Mas, ele agora quer aparecer. Ele queria alguma coisa. Pediu a alguém alguma coisa, para ficar calado, e não ganhou. Eu não pedi nada a ninguém para ficar calado.

CEV-RJ - Mas, é por aí, coronel?

CEV-RJ - Ele é do estilo do Ronald Leão? De querer aproveitar para ter interesses pessoais?

PAULO MALHÃES: É. São vinhos da mesma pipa.

CEV-RJ - E o Belham?

PAULO MALHÃES: Não. O Belham é um homem sério.

CEV-RJ - O senhor acha que ele não vai mais falar? Da forma que o Avólio falou, de dar nomes, de dizer....

PAULO MALHÃES: Acho que não. Acho que o Belham não fala não.

CEV-RJ - E o Paim?

PAULO MALHÃES: Paim Sampaio se afastou da gente há muitos anos. Paim escolheu uma mineradora lá no alto do Amazonas. No alto não, no médio Amazonas, para ser chefe de segurança. Aí se aproveitou de estar ali próximo a Manaus e começou a fazer um contrabando, de Manaus para cá. Aí deu um rolo...

CEV-RJ - Deu rolo?

PAULO MALHÃES: Deu. Ele saiu da... Aí nunca mais eu tive contato com ele.

CEV-RJ - Mora em Resende, hoje.

PAULO MALHÃES: É, ele tem um... ele tem um sítio lá. Ele queria fazer lá um hotel, uma coisa dessas.

CEV-RJ - Ele, o senhor acha que ele fala?

PAULO MALHÃES: Acho que não. O Paim Sampaio também não sabe de tanta coisa assim não.

CEV-RJ - Mas, se ele falar, ele vai falar coisas muito mais importantes que o senhor.

PAULO MALHÃES: Não acredito...

CEV-RJ - Não, digo menos. Ele sabe muito menos.

PAULO MALHÃES: Ele sabe muito menos.

CEV-RJ - O Brant, coronel?

PAULO MALHÃES: O Branzinho, é difícil de o Branzinho falar. Só se o Branzinho estiver sendo sacaneado.

CEV-RJ - O senhor acha que tem alguém, ainda hoje, controlando isso, se vocês estão falando ou não estão falando?

PAULO MALHÃES: Não sei. Mas pode ter. Eu, por exemplo, não falo no telefone tudo aquilo que eu penso.

CEV-RJ - Na dúvida.

PAULO MALHÃES: Na dúvida.

CEV-RJ - Dos se...

CEV-RJ - No e-mail, o senhor escreve?

PAULO MALHÃES: Nem pensar.

CEV-RJ - Nada disso.

PAULO MALHÃES: Nada.

CEV-RJ - Depois que o Obama está vigiando lá.

CEV-RJ - Não, mas eu digo assim, o senhor... eu entendi

CEV-RJ - Dos sete, quem mais está vivo. Brant, Paim, o senhor, o
Ciro e o Leo ainda estão vivos?

PAULO MALHÃES: O Cirro...o Léo eu disse para você que não tra-
balhou lá.

CEV-RJ - O Léo era o general.

PAULO MALHÃES: O Cirro é que trabalhou lá.

CEV-RJ - E o Cirro, está vivo?

PAULO MALHÃES: Não sei.

CEV-RJ - Ele é de São Paulo?

PAULO MALHÃES: Não, ele é do Rio. Os outros dois você me falou
o nome.

CEV-RJ - Quatro. Eu falei quatro, mais o Perdigão, cinco e tem mais
dois.

PAULO MALHÃES: Você me falou o nome deles.

CEV-RJ - Nome ou ...

PAULO MALHÃES: Codinome.

CEV-RJ - Eu falei o codinome de vários. Um é o que o senhor me falou que era próximo do Ciro e por isso a Inês deve ter conhecido, que era o Guilherme, não é isso?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Tá vivo?

PAULO MALHÃES: Não sei;

CEV-RJ - O senhor não vai contar para nós o nome dele?

PAULO MALHÃES: Nem eu sei.

CEV-RJ - Nome?

PAULO MALHÃES: Nome, nem eu sei.

CEV-RJ - Nem o nome de guerra?

PAULO MALHÃES: Era esse que você falou.

CEV-RJ - Não. Esse é codinome. Nome de guerra é o nome oficial.

PAULO MALHÃES: Vou tentar me lembrar e depois eu falo. Tem o.... E falou o nome do outro.

CEV-RJ - Codinome.

PAULO MALHÃES: Codinome

CEV-RJ - Codinome eu tenho um monte, coronel. Codinome, a gente fez uma lista,.... Nem é tão grande, mostra, eu falo pro senhor, olha só os nomes.

CEV-RJ - Aqui, olha.

CEV-RJ - Aqui ó. Quem trabalhou lá que aparece aqui, Amílcar Lobo, falecido.

PAULO MALHÃES: Nunca trabalhou no CIE.

CEV-RJ - Não, no CIE, não. Estou dizendo lá em Petrópolis, que esteve em Petrópolis;

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Antônio Freitas da Silva, o Baiano.

PAULO MALHÃES: Até você me surpreende, com certos nomes. Mas, vai.

CEV-RJ - Éber Teixeira Pinto

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Dr. Bruno. Um coronel da Aeronáutica. Teve lá?

PAULO MALHÃES: Não me lembro.

CEV-RJ - Félix Freires Dias, o senhor já disse que não. Dr. Magno ou Dr. Magro.

PAULO MALHÃES: Não, o Magro trabalhou em Serra Pelada.

CEV-RJ - Serra Pelada

CEV-RJ - No Araguaia ele esteve lá.

CEV-RJ - Freddie Perdigão Pereira que era Roberto ou Nagib. Jacy Ochsendorf de Souza

PAULO MALHÃES: Traba... não trabalhou não, o Jacy Ochsendorf é de Brasília.

CEV-RJ - O Jacy ou o Jurandir que é de Brasília? O Jurandir.

PAULO MALHÃES: É um dos dois, é o Jurandir

CEV-RJ - Eram dois irmãos

CEV-RJ - O Jacy é o baixinho gordinho, não esteve em Petrópolis?

PAULO MALHÃES: Esteve.

CEV-RJ - É..., um que já morreu, que era PM, Jarbas Fontes, Pardal.

PAULO MALHÃES: Hum, Hum (consentindo)

CEV-RJ - José Brant Teixeira

PAULO MALHÃES: É o Branzinho

CEV-RJ - Que é o Branzinho, Dr. Cesar.

PAULO MALHÃES: Ou Zoinho.

CEV-RJ - Ou?

CEV-RJ - Zoinho

PAULO MALHÃES: Zoinho

CEV-RJ - Zoinho.

PAULO MALHÃES: É que ele é vesgo;

CEV-RJ - Jurandir Ochsendorf de Souza, esse é o de Brasília e não teve em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Luiz Carlos Azeredo Viana.

CEV-RJ - É o Luizinho

PAULO MALHÃES: É o Luizinho.

CEV-RJ - É o Luizinho, ou Laurindo.

PAULO MALHÃES: É o Luizinho

CEV-RJ - Mas, Laurindo, o codinome.

PAULO MALHÃES: Cabo Laurinho

CEV-RJ - Cabo Laurinho?

PAULO MALHÃES: Era de sacanagem.

CEV-RJ - Luiz Timóteo de Lima, agente da polícia civil, do DOPS. É o Timóteo.

PAULO MALHÃES: Não, lá em cima não.

CEV-RJ - Não? Mas, ele era do DOI. É... Orlando de Souza Rangel, parece que era Dr. Pepe, delegado de Polícia Federal.

PAULO MALHÃES: Não era delegado de polícia.

CEV-RJ - O quê?

PAULO MALHÃES: Não era delegado de polícia.

CEV-RJ - Ele era o quê?

PAULO MALHÃES: Ele era tenente-coronel, como eu.

CEV-RJ - O quê?

CEV-RJ - Coronel.

PAULO MALHÃES: Tenente-coronel do Exército.

CEV-RJ - Esse é um... é o sexto?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Está falecido, esse.

PAULO MALHÃES: Faleceu?

CEV-RJ - Faleceu. Paulo Malhães, Ricardo Agnesi Fayad não foi lá em cima, como o senhor falou.

PAULO MALHÃES: Não. Quer dizer, comigo.

CEV-RJ - Com o senhor.

PAULO MALHÃES: Durante a minha.

CEV-RJ - O senhor não tem notícias dele lá em cima.

PAULO MALHÃES: Dele lá em cima.

CEV-RJ - Riscalá Corbage.

PAULO MALHÃES: Não sei nem que é.

CEV-RJ - É o da PM, que foi S-2 da PM depois que saiu do DOI-CODI.

CEV-RJ - Tinha um codinome.

CEV-RJ - Dr. Nagib

PAULO MALHÃES: Também nunca foi lá em cima.

CEV-RJ - Rubens Marins de Souza, Leacato ou Larcato Bezerra

PAULO MALHÃES: É sargento.

CEV-RJ - É sargento. Foi? Teve lá?

PAULO MALHÃES: Tô pensando aqui.... eu acho que não.

CEV-RJ - Rubens Paim Sampaio.

PAULO MALHÃES: Foi

CEV-RJ - Dr. Teixeira. Severo, o Raul

PAULO MALHÃES: Sargento.

CEV-RJ - Sargento? É o Severo Ciríaco, não?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Ciríaco é um outro.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Severo Ciríaco

PAULO MALHÃES: É, mas este também não foi lá em cima.

CEV-RJ - Não foi lá em cima. Este é cabo?

PAULO MALHÃES: Deve ser cabo ou sargento...

CEV-RJ - Mas, era do CIE?

PAULO MALHÃES: Deve ser. Deve ter sido.

CEV-RJ - Ubirajara Ribeiro de Souza

PAULO MALHÃES: Sargento.

CEV-RJ - Sargento, que virou advogado.

PAULO MALHÃES: Não foi

CEV-RJ - O quê?

PAULO MALHÃES: Não esteve lá em cima.

CEV-RJ - Ele não esteve lá em Petrópolis?

CEV-RJ - Ué, este esteve, parece que ele era jogador de basquete com o Breno.

CEV-RJ - É de Minas

CEV-RJ - Foi de Minas

CEV-RJ - O senhor lembra dele? O senhor sabe quem ele é?

PAULO MALHÃES: Sei...

CEV-RJ - O Bira, mora na Tijuca.

PAULO MALHÃES: Então ele... então não esteve no meu tempo.

CEV-RJ - Mas, não esteve mesmo?

CEV-RJ - Porque dizem que o Breno o reconheceu como... porque o Breno jogou basquete com ele, em Minas.

PAULO MALHÃES: Não conheço ele, não. Repete o nome dele.

CEV-RJ - Ubirajara Ribeiro de Souza, Zé Gomes ou Zezão.

PAULO MALHÃES: Existe.

CEV-RJ - Lá em cima.

PAULO MALHÃES: Como Zezão.

CEV-RJ - Zezão. Wantuil ou Wantuir. Wantuir ou Wantuil, Camarão.

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - É um sargento, que o senhor falou?

PAULO MALHÃES: Não, é um soldado.

CEV-RJ - Soldado. Ai vem, Dr. Guilherme. Que a gente não sabe o nome. Márcio, que o senhor falou que é um sargento.

PAULO MALHÃES: Sargento.

CEV-RJ - Do Exército?

PAULO MALHÃES: Não. É.

CEV-RJ - Do Exército. José de Ribamar Zamith não esteve lá em cima.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Ailton Guimarães Jorge não esteve lá em cima.

PAULO MALHÃES: Não esteve lá em cima.

CEV-RJ - Marcelo, militar do Exército.

PAULO MALHÃES: Se não me engano foi o que morreu salvando o comandante lá na Amazônia. Se lembra dessa história? Que um cabo enlouqueceu porque o comandante não quis dar o tempo integral de serviço dele, aí o cabo partiu para cima do coronel com um revólver e ele entrou no meio do coronel...

CEV-RJ - Não sei.

PAULO MALHÃES: ...foi baleado, acho que é este. Morreu.

CEV-RJ - Disse que ele era parente até do Carlos Heitor Cony?

PAULO MALHÃES: Não sei. Não sei.

CEV-RJ - Otávio, codinome. André? Depois tem aqui, Dr. Ney, Ênio Pimentel Silveira....

PAULO MALHÃES: Foi o que se matou no quartel³⁸...

CEV-RJ - É o coronel?

PAULO MALHÃES: Mas ele é chefe da OBAN.

CEV-RJ - É o quê?

PAULO MALHÃES: Chefe da OBAN.

CEV-RJ - E ele esteve lá.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Esse é o que esteve em Pernambuco?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Mas não esteve em Petrópolis.

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - General Everaldo José da Silva, esteve visitando a Etienne em Belo Horizonte. É do ID4, comandante do ID-4. O que é ID.

PAULO MALHÃES: É Divisão de Exército. Mas, ID-4 é Minas.

CEV-RJ - É.

PAULO MALHÃES: É Minas.

CEV-RJ - Foi quando a Etienne esteve internada em Minas.

PAULO MALHÃES: Mas ele foi fazer o que lá?

CEV-RJ - Depois que ela foi solta.

PAULO MALHÃES: Mas o que ele foi fazer lá?

CEV-RJ - Ele esteve visitando ela lá, porque parece que estavam pensando que ela fosse ser infiltrada. Ela conta isso no relatório dela.

38 O caso do coronel Ênio Pimentel Silveira foi citado anteriormente.

PAULO MALHÃES: É, pode ser.

CEV-RJ - Major Bofla?

PAULO MALHÃES: Não

CEV-RJ - Major Orlando.

PAULO MALHÃES: Se você tiver outro nome você me diz.

CEV-RJ - Não. Não, esse é do ID-4 também. E o Francisco Homem de Carvalho, que era o coronel da PE.

PAULO MALHÃES: Da PE.

CEV-RJ - Nunca foi lá em cima?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Quer dizer, só está faltando aqui saber o ..

CEV-RJ - O Guilherme

CEV-RJ - ... o Guilherme

PAULO MALHÃES: Só o nome do Guilherme que eu não me lembro.

CEV-RJ - O Guilherme é aqui do Rio, coronel?

PAULO MALHÃES: É. Acho que morreu, esse rapaz também.

CEV-RJ - Guilherme?

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - Se o senhor lembrar o nome eu vou saber se ele morreu ou não.

PAULO MALHÃES: Aí você vai ter que esperar, para mim entrar em contato...

CEV-RJ -- Entrar em contato?

PAULO MALHÃES: Pra mim levantar o nome do Guilherme. Ou eu me lembrar.

CEV-RJ - Não. Se o senhor lembrar, depois....eu ligo para o senhor, aí o senhor diz, lembrei, aí eu venho aqui já que o senhor não quer falar por telefone.

PAULO MALHÃES: Mas, eu posso dizer, o nome daquele passarinho é fulano de tal. Entendeu como é que é.

CEV-RJ - Agora, tinham mais, além destes?

PAULO MALHÃES: Não, na Casa não tinha não.

CEV-RJ - Não?

PAULO MALHÃES: Tem gente aí que foi só de visitante. Ou foi uma vez.

CEV-RJ - Por exemplo.

PAULO MALHÃES: Agora eu não...

CEV-RJ - O Amílcar Lobo diz que foi duas ou três vezes...

PAULO MALHÃES: Eu nunca vi o Amílcar Lobo lá

CEV-RJ - Eu vou lhe ler um texto aqui, sobre a casa. O senhor conhece o Élio Gaspari,?

PAULO MALHÃES: Hun.

CEV-RJ - Jornalista. O Élio Gaspari recebeu os arquivos do Golbery, todo o arquivo pessoal do Golbery. Por isso o Élio Gaspari fez uma trilogia sobre o período militar: A ditadura escancarada, A ditadura encurralada, ditadura não sei o quê... Aí ele começa o texto assim (procurando no livro). Aqui é da Comunidade de Informações que outra hora eu vou ler para o senhor isso. Mas tem um... deixa eu ver se é aqui....

CEV-RJ - (começando a leitura do livro na pág.) *“Era a segunda vez, que o major Rubens Paim Sampaio recorria ao tenente Amílcar*

Lobo.... (ao se referir a um atentado a bomba de que participou Perdigão, dou a explicação) Aí ele fala aqui que este é um dado fornecido por José Amaral Argolo e outros “*A Direita explosiva do Brasil, trata-se da explosão do depósito de papel do Jornal do Brasil no Rio de Janeiro*”. Houve está bomba, não?

PAULO MALHÃES: (concorda com a cabeça sem nada falar).

CEV-RJ - (continua a leitura) “*Anexado ao DOI carioca, passara a interrogar e torturar presos*”. Depoimento de Sérgio Ubiranta Manes e Tânia Chal, no Projeto Brasil Nunca Mais”. O Ubiratan, também... o Manes, o Perdigão participou, ou foi o senhor?

PAULO MALHÃES: Não, eu não.

CEV-RJ - Não é o cara aqui... o Manes, aqui da família Manes?

PAULO MALHÃES: Foi. Esse é o Manes, é?

CEV-RJ - É, está falando, que depoimento de Sérgio Ubiratan Manes denunciando o Perdigão como interrogador e torturador... (continua a leitura) “*passara a interrogar e torturar presos. Passara a mancar de uma perna, desde que o terrorista lhe dera dois tiros durante uma batida*”

PAULO MALHÃES: É verdade.

CEV-RJ - É o Fayal, né? O cara que ...

PAULO MALHÃES: É

CEV-RJ - E o Fayal está vivo?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - Depois vocês foram atrás e pegaram ele? E aí virou desaparecido?

PAULO MALHÃES: Eu acho que... não sei não.. mas, eu acho, que na época... (nota: Fayal está vivo. Foi trocado pelo embaixador alemão)

CEV-RJ - Foi o próprio Perdigão que correu atrás ou os colegas dele?

PAULO MALHÃES: Os amigos dele.

CEV-RJ - (continua a leitura) “*De acordo com as normas da casa, Lobo fora rebatizado e tornara-se Carneiro.... assim como procedera em 69*”... – No caso do preso que eu não lembrei da Vila Militar, era Chael Charles Schreier ...

PAULO MALHÃES: Hum.

CEV-RJ - (continuando a leitura) *o hospital central do Exército divorciou-se do porão*”. Porque, no caso do Chael, eles deram um laudo confirmando que ele tinha sido torturado.

CEV-RJ - O senhor lembra disso, não é coronel?

PAULO MALHÃES: (confirma com a cabeça)

CEV-RJ - O senhor fez a prisão dele?

PAULO MALHÃES: Não.

CEV-RJ - (continuando a leitura) *‘transferiram-na para o Hospital Carlos Chagas e de lá para a Casa de Petrópolis*”. Depois que o HCE não deixou interrogar lá. (continuando a leitura) “*Carneiro suturou os ferimentos da presa durante duas horas e voltou para o Rio de Janeiro com Teixeira. No caminho, o major do CIE contou-lhe a história da casa*”. Olha as versões que correm, esse livro aqui foi editado, só para o senhor ter noção, em 2011, mas acho que a primeira edição dele é de 2002.

CEV-RJ - É anterior.

CEV-RJ - É de 2002. A versão que já corria. (volta à leitura) “*Segundo as memórias de Amílcar Lobo, publicadas 18 anos depois...*”, - (aponta a xerox do Livro de Lobo que foi levada) Está nesse livro – (volta à leitura) “*...o ministro Orlando Geisel ordenara a morte dos prisioneiros banidos que regressassem ao país*”.

PAULO MALHÃES: Tá.

CEV-RJ - Isso é verdade?

PAULO MALHÃES: (concorda com a cabeça)

CEV-RJ - É. Seis, Amílcar Lobo a Hora do Lobo, a Hora do Carneiro, página 35 deste livro que lhe dei. “volta à leitura) “*A casa, Rua Artur Barbosa, 668, funcionaria como um aparelho de torturas e de assassinatos*”. Esta versão a referência é a Isto É, fevereiro tal...

PAULO MALHÃES: Isso?

CEV-RJ - Isso já é o Elio Gaspari falando. O Amílcar Lobo só diz que ouviu.. Eu não sei se é o Elio Gaspari falando ou o Elio Gaspari transcrevendo o que o Amílcar Lobo falou que teria ouvido do Paim Sampaio. “*O aparelho de Petrópolis, codinome de Codão...*” Tinha esse codinome?

PAULO MALHÃES: (Concorda com a cabeça)

CEV-RJ - (voltando à leitura) “*era uma base do Centro de Inteligência*” Neste ponto o gravador desliga por falta de memória. Sem gravação, Malhães acaba lembrando da passagem de Inês Etienne por Petrópolis que, anteriormente ele disse que não tinha visto. Admite que a viu por lá, sem ser visto por ela. Desmente que ela tenha trabalhado na cozinha e garante que ela não tentou suicido se jogando contra um ônibus, mas que o acidente ocorreu quando os militares tentaram matá-la. Primeiro, pensaram em jogá-la da passarela sobre a linha do trem para que fosse atropelada pelo mesmo. Depois, resolveram jogá-la na frente de um ônibus, o que contraria a versão oficial de Etienne.

RELATÓRIOS DA REPRESSÃO

Locais de Repressão e Detenção citados nos depoimentos à CEV/RS:

<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1539/locais-de-repressao-e-detencao-citados-nos-depoimentos-a-cev/rs:>

RIO GRANDE DO SUL:

- QUARTEL DA BRIGADA MILITAR DE TRÊS PASSOS/RS*
- PRESÍDIO DE SANTA MARIA/RS**
- 8ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE PORTO ALEGRE/RS**
- 19º REGIMENTO DE INFANTARIA – SÃO LEOPOLDO/RS**
- QUARTEL DO EXÉRCITO DE CAXIAS DO SUL/RS**
- GRUPO DE ARTILHARIA DE SÃO BORJA/RS*
- 2º REGIMENTO DE CAVALARIA DE SÃO BORJA/RS*
- 6º BATALHÃO DE INFANTARIA DE SANTA MARIA/RS**
- 7º REGIMENTO DE CAVALARIA DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RS**
- PENITENCIÁRIA FEMININA MADRE PELLETIER**
- 18º REGIMENTO DE INFANTARIA DE PORTO ALEGRE/RS***
- PENITENCIÁRIA ESTADUAL DO JACUÍ – CHARQUEADAS/RS**
- SEDE DO DOI-CODI (1975) – RUA LUIZ AFONSO, 55 - BAIRRO CIDADE BAIXA – PORTO ALEGRE/RS*
- REGIMENTO DE CAVALARIA DE GUARDAS DE PORTO ALEGRE/RS**
- 6º CIA DE POLICIA DO EXÉRCITO - P.E – PORTO ALEGRE/RS* - ***
- DOPINHA – PORTO ALEGRE/RS – RUA SANTO ANTONIO, 600.*- ***
- POLÍCIA FEDERAL – PORTO ALEGRE/RS – AVENIDA PARANÁ, 900.*- ***

- CAPITANIA DOS PORTOS DE RIO GRANDE/RS**
- NAVIO CANOPUS – PORTO DE RIO GRANDE/RS**
- 6º BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR – RIO GRANDE/RS**
- SEDE DA GUARDA CIVIL DE PORTO ALEGRE/RS – AVENIDA MAUÁ*-.**
- SESME/RS (ATUAL FASE)**
- QUARTEL DA BRIGADA MILITAR DE PASSO FUNDO/RS**
- 12º REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADA – POA/RS*-.**
- DELEGACIA DE POLÍCIA DE VIAMÃO/RS*
- DELEGACIA DE POLICIA DE CAXIAS DO SUL/RS*
- DELEGACIA DE POLÍCIA DE TRES PASSOS/RS*
- DOPS/RS – PORTO ALEGRE/RS*
- PRESIDIO CENTRAL – PORTO ALEGRE/RS**
- DELEGACIA DE POLICIA DE FREDERICO WESTPHALEN/RS*
- QUARTEL DA BRIGADA MILITAR – PRAIA DE BELAS/PORTO ALEGRE/RS**
- DELEGACIA DE POLÍCIA DE PALMEIRA DAS MISSOES/RS*
- 6º BATALHÃO DE ENGENHARIA E COMBATE DE SÃO GABRIEL/RS**
- ILHA DO PRESÍDIO (ILHA DAS PEDRAS BRANCAS) – PORTO ALEGRE/RS**
- BASE AÉREA DE CANOAS/RS – BACO**
- V COMAR – CANOAS/RS*

A repressão aos militares legalistas¹



Coronel Alfeu Alcântara Machado

Tão logo instalados no poder, imediatamente após o golpe de estado de 1964, as novas autoridades desencadearam, em todo o país, uma série de ações repressivas – no que ficou conhecido como “operação limpeza” – dirigidas contra pessoas e segmentos sociais que, de alguma forma, se identificassem com o governo deposto.

As famigeradas *CGI's* (“comissões gerais de inquérito”) foram instauradas, em todos os níveis do serviço público – demitindo, cassando, aposentando compulsoriamente e indicando à cassação milhares de brasileiros e brasileiras. E dentre os setores do funcionalismo público mais atingidos, nesta primeira fase da repressão ditatorial, figuram os militares leais aos governantes ilegitimamente derrubados.

Segundo documento entregue pelos movimentos de anistiados às *Comissões da Verdade – Nacional e Estadual* – em audiência pública por elas realizada em conjunto, mais de sete mil (7.000) integrantes das *Forças Armadas* foram perseguidos, desde a deflagração do *putsch*. Incluem-se neste total, oficiais e praças, do *Exército Brasileiro*, da *Marinha do Brasil*, da *Força Aérea Brasileira* e das *Forças Públicas* dos Estados (no caso gaúcho, da *Brigada Militar do Estado*).

Estes militares foram sequestrados, presos ilegalmente, torturados e, até mesmo, alguns deles, mortos; e também reformados compulsoriamente, expurgados, cassados, expulsos, deportados e

¹ Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1449/a-repressao-aos-militares-legalistas>>. Acesso em: abr./maio 2015.

exilados – além daqueles que, permanecendo nas carreiras, foram prejudicados, vítimas de perseguições, não raro aviltantes.

Por tudo isso, o *Grupo de Trabalho dos Militares Perseguidos (GT-Militares)* da **Comissão Nacional da Verdade** estima que eles constituem a categoria profissional mais atingida pela repressão política, em número de vítimas, durante o período ditatorial.

Há alguns motivos que – longe de justificá-lo – explicam este fenômeno. Talvez o principal deles seja a forte politização da caserna na década anterior à instauração da ditadura. Com efeito, já desde antes da crise que culminou no suicídio de **Getúlio Vargas**, em 1954, a crescente polarização política do país – em torno, de um lado, do projeto nacional-desenvolvimentista iniciado por aquele, e continuado por **Juscelino** e **Jango**; e de outro, pela direita golpista, representada pela *União Democrática Nacional (UDN)* e seus aliados – tomou conta também dos quartéis.

Assim, enquanto a parcela maior do oficialato tendia a se enquadrar com os conservadores e reacionários, os militares subalternos, em sua grande maioria alinhava-se com os partidos, sindicatos e movimentos sociais de centro esquerda. No início dos anos 1960, o chamado movimento dos sargentos – que além destes, reunia subtenentes, suboficiais e até mesmo cabos e soldados – atuava abertamente, inclusive durante a crise deflagrada com a renúncia de **Jânio Quadros**, quando seus líderes e participantes empenharam-se para garantir a posse de seu legítimo sucessor, o Vice Presidente **João Goulart**, no memorável episódio conhecido como campanha da legalidade.

E durante o governo deste último, apoiaram ativamente seu programa de reformas de base, o que provocava crescente tensão no meio militar, onde eram acusados de por em risco a hierarquia e disciplina – base da instituição castrense.

O Rio Grande do Sul era um dos palcos principais deste panorama conflituoso, pelo fato de que o *III Exército*, aqui sediado, abrigava o maior efetivo, além disso, o mais bem armado daquela *Força* – o que se devia à sua singular situação geopolítica, com extensa fronteira com a Argentina.

Não por outra razão, desembocando a disputa política na quartelada que, em 1º de abril de 1964, instalou os golpistas no po-

der, nos primeiros dias que se seguiram já começaram as prisões dos militares – das *Três Forças* e da *Brigada Militar* – leais ao governo trabalhista então derrubado.

E nos anos que se seguiram, eles e seus familiares foram vítimas de graves violações, que a *Comissão Estadual da Verdade*, em conjunto com a *Comissão Nacional da Verdade*, buscou resgatar, em evento no qual foram colhidos depoimentos e documentos sobre fatos de grande relevância histórica – entre os quais, a morte do coronel aviador **Alfeu Alcântara Machado**, em homicídio praticado por outro coronel da *Aeronáutica*, nas dependências da *Base Aérea de Canoas*, logo a 4 de abril de 1964, neste que é, provavelmente, o primeiro crime fatal praticado pelos agentes repressivos do governo ditatorial recém instalado.

Seja pela brutalidade das violências cometidas contra servidores militares que apenas honravam seu compromisso de defesa da democracia; seja pela importância dos fatos reportados pelos depoentes naquela audiência – quase todos eles com mais de oitenta anos de idade – cabe reproduzir adiante a síntese dos testemunhos por eles então prestados.

Carlos Frederico Barcellos Guazzelli

Coordenador da *Comissão Estadual da Verdade*/RS

Anexo - Resumo dos depoimentos prestados à *Comissão Estadual da Verdade* e à *Comissão Nacional da Verdade*, em audiência pública (15/09/2014)

- O primeiro a depor, foi o hoje capitão reformado do *Exército Brasileiro*, **José Wilson da Silva**, que na década de 1960 era tenente e que, mercê de sua ativa participação no movimento político dos graduados das Forças Armadas, havia sido eleito Vereador, em Porto Alegre, pelo *Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)*, extinto na ditadura. Em seu relato, ele abordou a forte polarização então vivida no país entre as forças políticas progressistas, de um lado, apoiando o governo de **João Goulart**; e reacionárias de outro, em permanente conspiração contra este. Mostrou como esta disputa se reproduzia e ampliava na caserna, opondo principalmente os graduados – sargentos e suboficiais –, adeptos da ideologia nacionalista e desenvolvimentista; e os oficiais superiores, cuja maioria era composta por conservadores.

Em seu depoimento, o “tenente vermelho”, como era chamado à época, revelou os últimos momentos do governo de **Jango**, já aqui em Porto Alegre, especialmente suas hesitações e, finalmente, a recusa em resistir aos golpistas, exilando-se no Uruguai. O depoente, ele próprio, teve de entrar na clandestinidade após a instalação da ditadura, indo a seguir para o exílio naquele país, de onde retornou apenas em 1971. Mesmo tendo sido preso e condenado pela *Justiça Militar*, negociou sua volta, pois temia que com o endurecimento do regime uruguaio pudesse ser sequestrado e morto. A negociação do retorno foi feita com os policiais do *DOPS*, já que receava por sua vida caso se apresentasse diretamente às autoridades militares. Faziam parte do acordo suas pretensões em cumprir a pena no sul, poder ler e receber visitas.

Ao voltar, ficou preso aproximadamente um mês na sede do *DOPS* estadual, nesta cidade, em uma sala no 3º andar do prédio, onde não foi maltratado. Dali foi levado para Curitiba, onde ficou aproximadamente dois meses, pois a *Justiça Militar* naquela cidade desejava esclarecimentos seus sobre o episódio conhecido como “guerrilha de Três Passos”. Retornando a Porto Alegre, foi levado às dependências do *Regimento de Cavalaria Mecanizada (RCMec)*, onde passou a receber toda sorte de provocações, humilhações e ameaças,

feitas especialmente, sempre à frente de tropa armada, de parte de uma verdadeira “besta humana”, um tenente do *Exército* chamado **Walter**.

Como soubera do que se passara com um tenente da *Brigada Militar*, chamado **Isko**, e que por reagir às provocações foi praticamente massacrado, o depoente decidiu resistir em silêncio.

Além do mais, ele fez greve de fome, e por intermédio de sua esposa, fez saber ao Presidente da *Câmara de Vereadores*, ao Juiz-Auditor da 3ª *Auditoria Militar* e ao Coronel-Ajudante da 3ª *Região Militar*, que provavelmente não sairia vivo daquele quartel, dali saindo ou para o hospital, ou para o cemitério.

Ao fim de uma semana, foi levado para o quartel do 19º *Regimento de Infantaria (19 RI)*, em São Leopoldo, onde o depoente informa que, em geral, foi tratado “como gente”, especialmente pelo comandante, major **Waldir Frois**, que se comportava como um democrata. A exceção era um tenente R2, chamado **Hélio Borba**, que frequentemente buscava provocá-lo ou humilhá-lo.

Informou ainda que respondeu a quatro processos, e entre condenações, absolvições e reduções de pena, o *Superior Tribunal Militar* terminou reunindo suas penas, fixadas no total de um ano e dois meses de reclusão, que cumpriu integralmente.

Depois de solto, passou por sérias dificuldades, assim como ocorria com a maioria de seus pares, perseguidos políticos da ditadura, proibidos de trabalhar em órgãos da Administração Direta e Indireta, e até mesmo na iniciativa privada, por força do artigo 48 do Decreto-lei n.º 314, editado por **Castelo Branco**. Ainda antes da redemocratização do país, ele passou a lutar pela anistia, não apenas dos militares, mas dos perseguidos políticos em geral, em movimento do qual ainda hoje é uma das principais lideranças.

- A seguir, falou **Almoré Zoch Cavalheiro**, hoje também capitão reformado do *Exército*, que entregou às Comissões exemplares de seu livro “*A Legalidade, o golpe militar e a Rebelião dos Sargentos*”. Em sua manifestação, marcada por momentos de emoção, ele narrou o episódio de sua eleição a Deputado Estadual em nosso estado, em 1962, ainda como sargento, e graças a liminar obtida na *Justiça Eleitoral* – uma vez que, à época, embora fossem obrigados a votar, os graduados das Forças Armadas não podiam ser eleitos. Em memorável campanha, desprovida de maiores recursos e sustentada apenas pelo

ativo movimento dos sargentos, ele logrou ser eleito pela bancada trabalhista, mas em 1963 teve sua candidatura cassada em decisão do *Supremo Tribunal Federal* – o que provocou a chamada “rebelião dos sargentos”, em Brasília, quando os insurretos chegaram a deter autoridades, em protesto.

Em virtude de sua participação política e, sobretudo, destes acontecimentos, já mesmo antes do golpe passou a sofrer todo tipo de perseguições, vindo a ser condenado pela *Justiça Militar* a quatro anos de reclusão. Em abril de 1964, estava “desterrado” em Porto Murтинho, no Mato Grosso, fronteira com o Paraguai, de onde foi levado para Corumbá, depois para São Paulo. Foi cassado pelo primeiro *Ato Institucional*, tendo cumprido pena até o final daquele ano, retornando a Porto Alegre.

Aqui, continuaram as violências: foi assaltado em sua casa e levado preso para local conhecido como “toca”, “a pior masmorra de todas as que passou”, no dizer do depoente, que ali passou mais de oitenta dias, acusado por seus algozes de ter participado de uma tal “guerrilha de Ipanema”, da qual nunca ouvira falar.

Depois de solto, tentou trabalhar no *GBOEx*, empresa de previdência privada de militares, mas foi demitido, por sua militância pretérita. Fixou residência em Passo Fundo, onde se formou em Direito, sendo escolhido orador de turma por seus colegas; nesta oportunidade, as autoridades militares locais o ameaçaram por eventuais ataques que fizesse em seu discurso ao regime ditatorial.

Ao final de seu pronunciamento, o depoente fez sugestões às Comissões da Verdade: a instituição de cotas sociais e étnicas para as Escolas Militares; e a alteração dos regulamentos e regimentos destas instituições de ensino, permitindo o estudo de disciplinas de direitos humanos e de história do país.

- Em seguida depôs **Constantino José Sommer**, hoje capitão reformado do *Exército* e que, como sargento, nas décadas de 1950 e 1960, teve ativa participação no movimento dos graduados. Relatou ele que sua primeira prisão disciplinar ocorreu já em 1954, quando se recusou a reprimir os populares que, revoltados pelo suicídio de **Getúlio Vargas**, ameaçavam destruir as instalações do jornal *Correio do Povo*, em virtude de sua participação na conspiração que visava à derrubada de seu governo.

Em 1961, servia no *19 RI*, em São Leopoldo onde com vários companheiros participava do chamado “movimento dos sargentos”; formaram ali um “grupo de onze”, e em 1961 chegaram a prender o então coronel **Ibá Ilha Moreira**, impedindo-o de aderir à tentativa golpista em curso após a renúncia de **Jânio**; além disso, o depoente retomou os estudos (até então só tinha o primário), integrando-se também ao movimento estudantil.

O depoente passou a discorrer então sobre as condições distintas com que se apresentavam as forças políticas em disputa na época, ressaltando o amplo apoio popular ao governo de **Jango**, e a seu programa de reformas de base. Diante disso, o lado “entreguista” tratou de habilmente construir o que o depoente chamou de “inimigos forjados”, e os sargentos e seu movimento foram os primeiros a serem apresentados como tal à opinião pública.

Na sua visão, assim que obteve parcial sustentação nos setores médios, a direita pôde então desfechar seu golpe, para cujo sucesso, na opinião do depoente, contribuiu o que chamou de “covardia” de **João Goulart**, que podendo fazê-lo, na sua opinião, não se teria disposto a liderar a resistência aos golpistas.

Após o *putsch*, ele foi preso por aproximadamente sessenta dias, em Caxias do Sul. Nestes dias, no quartel do *19 RI*, foi morto o sargento **Venaldino Pereira Peres**, que era um dos colegas de grupo de onze do depoente. Este último sofreu na prisão ameaças e pressão psicológica, e resultou expulso do *Exército*, ainda em 1964, e cassado depois pelo *Ato Institucional n.º 07*, em 1968.

Teve de reconstruir sua vida, com muito trabalho e estudo, vindo a se formar em Medicina em Pelotas, no ano de 1976, passando a exercer a profissão depois no interior de Santa Catarina, em Jaraguá do Sul. Ali ainda foi perseguido, com a pecha de comunista, respondendo inclusive a uma “comissão política” instituída pelo governador nomeado pela ditadura, **Antônio Carlos Konder Reis**.

Além de entregar relato escrito sobre os fatos narrados, o depoente ainda leu partes de documento que chamou de “adendo”, escrito à mão, no qual entre outras coisas listou o nome de oficiais do *Exército* que, no quartel do *19 RI*, participaram da conspiração golpista, e que já antes vigiavam e perseguiam os que ali integravam o movimento dos sargentos.

Dentre estes nomes, destacou os dos então capitães **Pedro Américo Leal**, que durante a ditadura foi Chefe de Polícia e exerceu vários cargos políticos; e **Átila Rohrsetzer**, que ainda na década de 1960 atuou pelo *Centro de Informação do Exército (CIE)* no DOPS estadual.

- O próximo depoente, **Avelino Capitani**, à época do golpe soldado da *Marinha do Brasil*, preferiu entregar documento escrito às Comissões, no qual detalha diversos episódios de graves violações a direitos humanos de que foi vítima e testemunha. Em apertada síntese, narra ele ali ter participado da chamada “revolta dos marinheiros”, em virtude do que foi preso e torturado após a instauração da ditadura. Tratava-se de pequeno grupo de marinheiros que se dispuseram a tomar em armas contra o regime ditatorial implantado no país em 1964, composto em sua maioria por pessoas oriundas de Minas Gerais. Já vinham recolhendo armamentos, explosivos e outros materiais bélicos, quando foram detectados e logo presos por agentes do *Centro de Informações da Marinha*, o *CENIMAR*, órgão de vigilância e repressão muito eficiente, integrado que era por oficiais e graduados já vinham sendo preparados há tempos, treinados inicialmente na escola chamada *Ponto 4*, no estado norte-americano da Carolina do Norte, e posteriormente na *Escola das Américas*, no Panamá.

O informante conta que passou temporada inicial recolhido com seus companheiros na *Ilha das Cobras*, no litoral fluminense, em ambiente úmido e insalubre, o que lhe provocou a contração de tuberculose.

Dali foram levados para a sede do *Ministério da Marinha*, no Rio de Janeiro, onde funcionava, no quinto andar do edifício, o serviço secreto e as salas de tortura. Neste local, foram muito torturados, esclarecendo que os torturadores não se satisfaziam com as informações obtidas pois, em termos práticos, não tinham como aferir sua veracidade, o que os levava a prosseguir sempre com as sevícias.

Por vezes, “...os torturadores pareciam entrar numa espécie de transe. Ficavam enlouquecidos. Batiam tanto que podiam até matar o prisioneiro. São momentos que o prisioneiro corre perigo, ficavam possessos e perdiam o controle...” (*sic*).

O informante foi levado depois para o *DOPS*, no Rio de Janeiro, cujos agentes não se conformavam quando as prisões eram efetuadas por outros organismos de repressão, e também queriam obter informações dos prisioneiros. Graças à pressão da imprensa, a *Marinha* foi forçada a constituir uma comissão para averiguar as denúncias de torturas infligidas aos prisioneiros políticos e, em função disso, o informante e seus companheiros, naquela ocasião, não foram torturados no *DOPS*.

Dali foram levados para uma cadeia improvisada em delegacia abandonada, situada no *Alto da Boa Vista*, ainda no Rio de Janeiro, onde estavam presos outros marinheiros, bem como alguns fuzileiros navais e civis.

Foi neste local que o informante começou a preparar a fuga espetacular que ele e seus companheiros empreenderam, pouco tempo depois, praticamente de dentro da *1ª Auditoria da Marinha*, fato que esta última nunca pôde admitir. Depois de período na clandestinidade, quando veio para o Rio Grande do Sul, o informante exilou-se no Uruguai e, antes de completar um ano, viajou a Cuba, onde passou por treinamento de guerrilha.

No retorno, participou da frustrada insurreição de *Caparaó*, onde após sete meses embrenhados nas montanhas e florestas, em condições muito precárias, ele e seus companheiros foram presos e, já de saída, muito torturados. Em consequência, foi julgado e condenado pela *Justiça Militar*, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde cumpriu pena.

Cabe ressaltar que o relatório por ele entregue descreve os tormentos pelos quais passaram o autor e seus companheiros de cárcere, entre os quais a aplicação de choques elétricos, queimaduras e espancamentos. O informante chegou a ficar amarrado em uma cadeira por três dias, período no qual era torturado a intervalos.

Outra tortura consistia em fornecer aos presos comida saborosa, como estrogonofê, mas à qual era administrada quantidade enorme de sal, a fim de submetê-los a sede insuportável, negando-lhes água.

Entre os torturadores da *Marinha* por ele apontados, figuram o então capitão **Suzano**, filho do conhecido Almirante **Suzano**, homem considerado honesto e justo; e também outro capitão, **Boa-**

nesque Solimar, o qual se comprazia especialmente em torturar marinheiros. Ambos eram membros do *CENIMAR*, e haviam seguido os cursos de aperfeiçoamento em tortura no exterior.

Além do informante, o documento em questão aponta como torturados seu colegas de farda e movimento, **Geraldo**, conhecido também por *Neguinho*, e **Raul**.

- Foi a vez então de **Avelino Iost**, tenente-coronel reformado da *Aeronáutica*, prestar seu depoimento, igualmente acompanhado de relatório escrito, fartamente documentado, que entregou na ocasião às Comissões. Inicialmente, relatou episódio em que foi vítima de perseguições naquela Força, por motivos políticos, ainda antes da deflagração do golpe de estado. Em 1959 cursava o último ano da *Escola de Oficiais Especialistas*, já estando praticamente aprovado em todas as disciplinas, quando os alunos escolheram como paraninfo da turma, por ampla maioria, o então Presidente da República, **Juscelino Kubitschek**. Isto desgostou profundamente alguns oficiais, então envolvidos nas conspirações desencadeadas contra o governo deste último, adeptos, inclusive, das rebeliões de *Jacareacanga* e *Aragarças*. O depoente fora escalado para redigir a ata de votação, e foi pressionado para modificá-la – o quer recusou fazer, energicamente.

Em virtude disso, foi reprovado arbitrariamente em uma cadeira, e graças a recurso administrativo que interpôs, conseguiu ao menos ser mantido no curso, sendo obrigado a repetir todas as disciplinas em que antes já fora aprovado. Finalmente, conseguiu se formar no final de 1960, escolhendo para servir a *Base Aérea de Canoas (BACO)*, onde ficou subordinado a um oficial, o então major **Rabiço**, que depois de fazer-lhe provocações com motivação política, passou a persegui-lo continuamente.

O depoente foi preso logo após o golpe, na noite de 04 de abril de 1964, quase ao mesmo tempo em que o coronel **Alfeu de Alcântara Monteiro** foi morto, fato narrado por ele mais adiante. Escortado por oficiais e soldados armados até os dentes, ele e outros companheiros foram mantidos presos na *BACO* até a manhã do dia seguinte, quando foram transportados em avião da Força até a *Base Aérea do Galeão*, no Rio de Janeiro, onde permaneceram por mais dois dias.

Na chegada a esta organização militar, os prisioneiros foram advertidos pessoalmente por seu comandante, o coronel gaúcho **Alfredo Correa**, de que, em caso de fuga, seriam fuzilados sumariamente.

Aliás, desde sua prisão em Canoas, dizia-se que eles seriam fuzilados, ameaças que os presos consideraram a sério, uma vez que, antes de viajar, foi-lhes oportunizado despedir-se de seus familiares, levados à *BACO* especialmente para isso. Do Galeão foram transportados para o navio *Princesa Leopoldina*, fundeado na Baía da Guanabara, cercado por inúmeras embarcações de guerra, local onde permaneceram presos, juntamente com dezenas de outros militares, encerrados em camarotes, sob condições degradantes, severamente vigiados por fuzileiros navais armados, sempre sob ameaças de fuzilamento em caso de tentativa de fuga.

Em 02 de maio daquele ano, o depoente e seus companheiros foram trazidos de volta à *BACO*, sempre mantidos em incomunicabilidade, impedidos de serem visitados por seus familiares, e submetidos a *inquérito policial militar (IPM)*. Somente depois de ter sido ouvido, passados quase dois meses de sua prisão, foi quebrada a incomunicabilidade, recebendo então a visita de sua esposa. E como o *IPM* não concluiu pela prática, de sua parte, de qualquer crime ou transgressão disciplinar, foi finalmente libertado em 09 de junho de 1964, "...ficando entretanto impedido de se afastar da Guarnição de Porto Alegre..." (*sic*).

O informante foi submetido a várias punições, todas arbitrárias, pois nunca foi acusado diretamente de qualquer delito: inicialmente transferido compulsoriamente para a reserva (*Ato Institucional* de 09/04/1964), em setembro daquele ano foi demitido do *Quadro de Oficiais da Aeronáutica*, ficando proibido de voar, inclusive em empresas aéreas civis, além de ser expulso do *Clube da Aeronáutica*.

Ele frisou que tais sanções não se limitaram à sua pessoa, extensivas que foram também a seus três filhos homens, os quais, embora tendo demonstrado aptidão física e psicológica a tanto, foram impedidos de seguir carreira na *Força Aérea*. Piores ainda foram as restrições de trabalho a ele impostas por sua condição de militar cassado: despejado da casa em que a família vivia, na Vila Militar, em

Canoas, o informante não pôde obter emprego público ou privado, sendo obrigado a sobreviver como vendedor autônomo de calçados.

No relatório escrito que entregou às Comissões, o depoente relata também as circunstâncias que cercaram a morte do coronel **Alfeu de Alcântara Monteiro**, em dependências da *BACO*, ao anoitecer do dia 04 de abril de 1964. Ele lembrou que o mencionado oficial, na ausência de seu comandante (que “desapareceu”), assumiu o comando daquela organização militar, em agosto de 1961, durante a crise que se seguiu à deflagração da campanha da *Legalidade*, quando os sargentos e suboficiais que ali serviam impediram o bombardeio da sede do governo gaúcho, ordenada pela Junta Militar que tentava impedir a assunção de **João Goulart** à Presidência da República.

Por isso, tão logo a ditadura se consolidou, foi enviado à *BACO*, para assumir o comando, o Brigadeiro **Nelson Lavanieri Wanderley**, que veio acompanhado do coronel **Roberto Hipólito da Costa**, publicamente apontado, no início da década de 1950, como torturador de militares e civis, em episódios fartamente documentados – a que o relatório em tela alude, e reproduz. Este último teria vindo, ao que se dizia, “...para segurar o Alcântara...”

O então tenente **Iost** foi das últimas pessoas que falou com o coronel **Alfeu**, com quem tomou um café, ainda antes de ser preso. Em seu relato escrito, ele conta que, depois de tranquilizá-lo quanto ao destino que lhes seria dado pelas novas autoridades, o coronel dirigiu-se ao gabinete do novo comandante.

Pela porta entreaberta, viu-se que **Alfeu** estava de frente para a mesa do brigadeiro, quando o coronel **Hipólito** saiu da sala do Oficial Ajudante de Ordens, ao lado daquela em que aquele estava, e disparou a rajada de metralhadora que veio a matá-lo, não imediatamente, mas a caminho do Hospital de Pronto Socorro, em Porto Alegre.

Além dos já citados, o informante apontou também os nomes de dois outros oficiais da *Força Aérea* responsáveis por ameaças, provocações e humilhações de que foi vítima: o então capitão **Antônio José Pirrho de Andrade**, e o major **Roberto Ivan Machado Pereira** – sobre quem também pesavam acusações de práticas de torturas, infligidas no ano de 1952, na *Base Aérea de Natal*, contra sargentos que se encontravam ali presos.

Ao final de seu depoimento, assim como ocorreu com outros depoentes, o informante fez questão de registrar sua inconformidade com as reparações incompletas que recebeu, entregando às Comissões cópias de documentos comprobatórios dos direitos que entende não terem sido plenamente atendidos pela **Comissão de Anistia do Ministério da Justiça**.

- Também convidado a depor, o capitão reformado da *Aeronáutica*, **Melquisedec Abrão Lopes Medeiros**, preferiu entregar relatório escrito, no qual narra, pormenorizadamente, os acontecimentos que se deram no interior da *Base Aérea de Canoas (BACO)*, nas três semanas que se seguiram, em agosto de 1961, à renúncia de **Jânio Quadros** à Presidência da República, e à tentativa de impedir a posse de seu legítimo sucessor, o Vice Presidente **João Goulart**.

Em apertada síntese, consta no referido documento que, inicialmente, o efetivo da *BACO* foi colocado em prontidão, diante do boato de que o então governador gaúcho, **Leonel Brizola**, que desencadeara a memorável *campanha da Legalidade*, pretendia invadi-la. Depois disso, os sargentos e suboficiais guardaram as armas em seus alojamentos.

Passados alguns dias, instalou-se grande tensão entre os militares da base: de um lado, os oficiais pretendiam que os graduados preparassem as aeronaves para deslocamento a São Paulo; e de outra parte, estes últimos recusavam-se a fazê-lo.

Em determinado momento, vários oficiais armados mantinham um grupo de suboficiais, sargentos, cabos e soldados, todos desarmados, dentro de um hangar, tentando sem êxito obrigá-los, sob ameaças, a embarcar nos aviões e rumar para a capital paulista. Diante disso, o informante e outros companheiros, já sabedores de que havia ordens do centro do país para bombardear o Palácio Piratini, resolveram armar-se, retornando ao hangar onde estavam os outros subalternos.

Os oficiais buscaram dissuadi-los, mas era tarde, a rebelião já estava instalada na *BACO*: os demais graduados, cabos e soldados foram armados, distribuídas munições a todos; o pessoal do *Esquadrão de Caças* neutralizou (deu pane) nos sistemas bélicos dos aviões; os mecânicos esvaziaram um pouco os pneus das aeronaves; e foram

dispostos obstáculos na pista de decolagem, inclusive os caminhões do *Corpo de Bombeiros* da base.

A seguir, a tropa rebelada, constituída inclusive da maioria dos soldados do quartel, instalou-se em um bosque de eucaliptos fronteiro à pista de estacionamento, na qual estavam todos os aviões, de forma que ninguém poderia se aproximar dos mesmos sem ser por eles avistados.

Já os oficiais tomaram posição no referido hangar do esquadrão, e durante a noite quase houve tiroteio – mas, diante da firme resistência de seus oponentes, desistiram do confronto e abandonaram o hangar.

Como o impasse persistia, os revoltosos enviaram comissão a Porto Alegre, para pedir que o Comando do *III Exército*, que a esta altura já havia aderido ao movimento liderado pelo governador **Bri-zola**, enviasse tropa para ocupar e pacificar a *BACO*.

O Comandante, General **Machado Lopes**, determinou então que uma tropa, oriunda de Quaraí, que estava em Porto Alegre para o desfile do Dia da Pátria, acompanhasse até a base o major aviador **Mário Oliveira**, indicado para o comando pelos membros da comissão, o que foi feito na madrugada do dia 29 de agosto.

O que não se esperava, então, aconteceu: o major **Léo Etchegoyen**, alinhado com os golpistas – e que depois do golpe ocuparia cargos no sistema repressivo instalado pela ditadura – aproveitou que a tropa da base já se havia desarmado, e deteve, mantendo-os em forma, sob ameaça de soldados armados, os cerca de duzentos e vinte sargentos e suboficiais que se haviam rebelado.

Enquanto isso, os oficiais da base, auxiliados por cabos e soldados, retiraram as bombas dos aviões e decolaram para São Paulo – não sem antes fazerem voo rasante sobre o informante e seus companheiros, ainda perfilados e calçados pela tropa do *Exército*, a fim de humilhá-los e intimidá-los.

Os detidos foram a seguir recolhidos aos alojamentos da base, sempre sob a guarda da tropa do *Exército*, situação que permaneceu ao longo de todo o dia 30 de agosto, até que o coronel **Alfeu de Alcântara Monteiro**, diante da debandada para São Paulo e Rio de Janeiro dos demais oficiais, inclusive o comandante da *5ª Zona Aérea*, assumiu o comando desta última, foi à *BACO* e determinou a

soltura dos suboficiais e sargentos, inclusive com a retirada da tropa do *Exército* que até então ali se encontrava.

O relato termina referindo as punições sofridas pelo informante, após a instauração do regime ditatorial, que o reformou compulsoriamente em outubro de 1964, com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço, justamente quando ele se preparava para tentar cursar a *Escola de Oficiais Especialistas*. Além de perder o cargo e ser impedido de exercer a carreira que escolhera, ele se viu ainda impedido de trabalhar no ramo em que se especializara (mecânico de vôo), mesmo para empresas aéreas civis, por força das *Portarias Reservadas* do **Ministério da Aeronáutica** (S-50-GM-5, de 19/06/1964; e S-285-GM-5, de 05/09/1966).

Graças a muito esforço pessoal, ao trabalho de sua esposa e à ajuda de terceiros, e apesar das dificuldades iniciais, ele conseguiu sobreviver com dignidade, trabalhando como técnico em contabilidade. Em virtude da edição da *Lei de Anistia*, foi promovido a 1º Sargento, com vencimento integral e cômputo do tempo de serviço, e em 1983, por efeito de decisão judicial, foi elevado ao posto de capitão.

- O último a depor, sargento reformado da *Aeronáutica*, **Alfredo Daudt Júnior**, leu documento, a seguir entregue às Comissões, no qual narra as perseguições infligidas durante a ditadura a seu pai, **Alfredo Daudt**, capitão aviador à época do golpe, bem como a ele próprio, que naquele tempo era cadete da *Força Aérea*. Em anexo ao relatório lido, o depoente entregou também cópia do “Histórico Profissional” de seu pai, juntado no processo apresentado pela família à *Comissão de Anistia* do Ministério da Justiça.

Em resumo, o então capitão aviador **Alfredo Ribeiro Daudt** foi preso, logo após o golpe de estado, pela postura que adotou, durante a crise da *Legalidade*, em agosto de 1961, quando servia no 5º *Comando Aéreo* (5º *COMAR*), em apoio aos suboficiais e sargentos lotados na *Base Aérea* daquela cidade, que impediram o bombardeio do Palácio Piratini, ordenado pelos golpistas desde o centro do país.

Ele foi até mesmo submetido a torturas no quartel que abrigava, à época, a *Polícia do Exército*, no centro de Porto Alegre, de onde empreendeu sensacional fuga, ainda em 1964, exilando-se a seguir no Uruguai, de onde retornou após a redemocratização do país.

O governo ditatorial impôs-lhe uma série de punições arbitrárias, chegando ao extremo de retirar-lhe as condecorações que ganhara, em virtude de ações realizadas como piloto da *Força Aérea Brasileira*, na II Guerra Mundial, em 1945, e também em missões que cumprira pela *Organização das Nações Unidas (ONU)*, na África, em 1962.

Assim é que, já em 09 de abril de 1964, foi transferido para a reserva pelo primeiro *Ato Institucional*, e em seguida foi desligado e excluído do efetivo da *Força Aérea*, além de ter seus direitos políticos cassados, por dez anos.

Além disso, foi suspenso do *Clube da Aeronáutica*, e proibido de ingressar em qualquer organização militar. Não bastasse isso, ele restou impedido de trabalhar no serviço público, e mesmo de exercer a licença de voo a que tinha direito, como piloto, em empresa civil, por força das famigeradas *Portarias Reservadas n.º S-50-GM-5*, de 19/06/1964; e *S-285-GM*, de 05/09/1966, editadas, respectivamente, pelos Ministros da Aeronáutica **Nélson Lavanieri Wanderley** e **Eduardo Gomes**.

Seu filho homônimo, o depoente **Alfredo Daudt Júnior**, que cursava, à época do golpe, a *Escola Preparatória de Cadetes do Ar*, em Barbacena, Minas Gerais, passou a sofrer pressões de todo gênero, incluindo ameaças e “aconselhamentos” para deixar o curso, tudo devido à sua condição de filho de militar cassado e exilado. Ao fim de dois anos, sem qualquer fundamento legal, foi rebaixado e excluído da *Força Aérea*, “a bem da disciplina”; e embora tenha conseguido trabalhar como piloto civil, sua carreira acabou abreviada, como decorrência daquelas perseguições.

Com o fim da ditadura e a implantação da democracia, pai e filho foram anistiados, e tiveram parcialmente reparados os danos sofridos, aquele promovido a coronel, e este a sargento, ambos reformados da *Aeronáutica*.

No entanto, até hoje não foi atendido seu pleito no sentido da plena reparação, inclusive como profissionais da aviação, motivo pelo qual o depoente também deixou consignado, ao final de sua manifestação, protesto contra os governos recentes do país, que ao mesmo tempo em que não atenderam integralmente os reclamos de milhares de militares perseguidos durante o período ditatorial, nada

fizeram ainda contra os responsáveis pelos crimes então cometidos a mando de seus governantes, os quais permanecem “...intocáveis pelo direito e pela justiça...” (*sic*).

O cerco militar ao acampamento da Encruzilhada Natalino¹



O cerco militar ao acampamento da Encruzilhada Natalino.

Foto: Divulgação

A *Comissão Estadual da Verdade*, logo que começou seus trabalhos, recebeu a visita do Padre **Arnildo Fritzen**, o qual prestou testemunho sobre fato de grande relevância histórica – e que, apesar de bastante divulgado pela imprensa, à época, permanece ainda pouco conhecido dos estudiosos do período ditatorial.

Trata-se do sítio militar imposto, em julho e agosto de 1981, ao acampamento dos trabalhadores rurais sem terra, iniciado no ano anterior, e situado na localidade conhecida como *Encruzilhada Natalino* – entre os municípios de Sarandi e Ronda Alta, na região do Planalto Médio gaúcho.

Cabe recordar que o referido acampamento originou-se das tentativas de ocupação, por colonos sem terra, originários da região, das fazendas *Macali* e *Brilhante*, de propriedade do Estado do Rio Grande do Sul, e arrendadas a particulares. Diante da inação das autoridades estaduais em atender às pretensões de assentamento dos agricultores, cerca de seiscentas famílias, no total, acamparam nas proximidades daquelas propriedades, à beira da estrada, no referido local, onde permaneceram por mais de um ano, cercados, inicialmente pela *Brigada Militar*.

1 Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1450/o-cerco-militar-ao-acampamento-da-encruzilhada-natalino>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Malgrado o país ainda vivesse sob o regime de força instaurado em 1964, o fato ganhou destaque na mídia, e diversas entidades da sociedade civil, dentre elas a *Ordem dos Advogados do Brasil* e sindicatos, apoiavam publicamente o movimento camponês, mantendo a pressão sobre os governos, federal e estadual.

Em resposta, estes últimos, em vez de atenderem à justa demanda dos agricultores, apelaram para a solução repressiva. Assim é que foi chamado, e veio ao estado o então major do *Exército*, **Sebastião Rodrigues de Moura**, conhecido como *Curió* – notório agente da repressão política, que participara, entre outras ações repressivas, da campanha militar contra a chamada “guerrilha do Araguaia”, no início da década anterior.

Ele chegou à *Encruzilhada Natalino* no final de julho de 1981, e desde logo instalou, com os agentes do *Centro de Informações do Exército* sob seu comando, o cerco militar da área, não permitindo o retorno ao local a quem dele saísse; e tampouco, o ingresso no acampamento a quem nele já não estivesse.

A única exceção foi aberta para o padre **Arnildo Fritzen** e para a **Irmã Aurélia**, que como religiosos da paróquia podiam entrar no acampamento pela manhã, e sair à tardinha – mas sempre acompanhados e seguidos pelo pessoal de *Curió*. Este último, aliás, dispunha de vários espiões entre os acampados.

Em seu depoimento à Comissão – que acompanha o presente relatório – o aludido sacerdote refere-se ao cerco imposto às famílias acampadas como verdadeiro “campo de concentração”; isto porque, durante todo o mês de agosto daquele ano, os camponeses foram submetidos às mais diversas técnicas de tortura moral e psicológica – que incluíam ameaças, ruídos noturnos produzidos em aparelhagem de som, poluição das fontes de águas e promessas de recompensas aos que se dispusessem a abandonar o movimento.

Ao fim daquele mês, devido às contínuas pressões exercidas, cerca de cem famílias saíram do acampamento, a fim de serem assentadas no estado de Mato Grosso – onde, ao que consta, parte delas ainda viveriam. Malgrado isso, a maioria dos agricultores acampados resistiram e, somente ao cabo de algum tempo depois do levantamento do cerco, foram abandonando o acampamento e terminaram assentadas em outros locais.

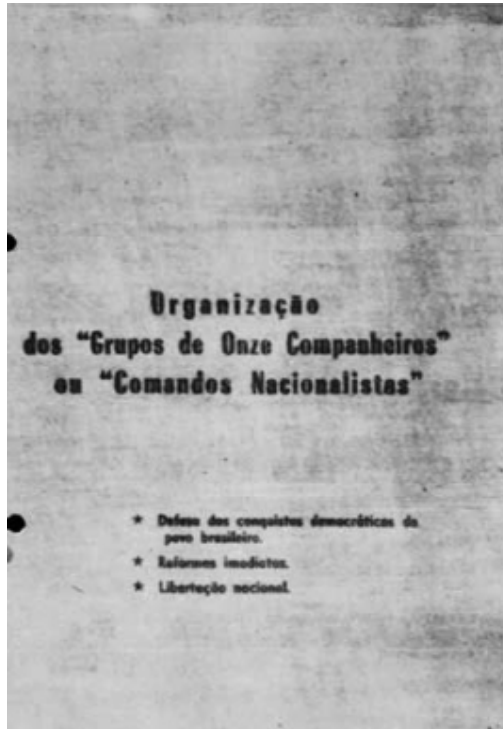
Este episódio reveste-se de grande importância histórica, pois se trata de manifestação, aparentemente tardia, do sistema repressivo montado pelos governos ditatoriais, dirigido contra os adversários do regime, neles incluídos os movimentos sociais organizados – sistema este representado pela figura de militar especialmente treinado, inclusive no exterior, em técnicas de repressão, já bem conhecido por sua participação em outras ações do gênero.

Da mesma forma, o relato prestado sobre estes fatos – emanado de pessoa que participou ativamente da luta para manter, a duras penas, a dignidade dos acampados e a preservação do movimento justo em que estavam empenhados – constitui mais uma interessante contribuição da *Comissão Estadual da Verdade* para a reconstituição da verdade sobre o período.

Carlos Frederico Barcellos Guazzelli

Coordenador da *Comissão Estadual da Verdade*/RS

A repressão aos integrantes dos Grupos de Onze¹



A repressão aos integrantes dos Grupos de Onze - Foto: Divulgação

Ao contrário de certa versão falaciosa – difundida pelos defensores da ditadura instaurada após o golpe de estado de 1964 – tão logo as novas autoridades se instalaram no poder, já começaram a se dedicar à tarefa de reprimir, em todos os quadrantes do país, os segmentos da população identificados, de qualquer forma, ao governo deposto.

Assim é que, já nos primeiros dias de abril daquele ano, foi desencadeada a “operação limpeza”, como foi chamado o conjunto de inquéritos e atos administrativos destinados a extirpar do serviço público e das empresas estatais, das universidades e escolas, os servidores, funcionários, professores e estudantes ligados ou, até mesmo, simples simpatizantes dos governantes afastados.

1 Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1448/a-repressao-aos-integrantes-dos-grupos-de-onze>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Era o tempo das temíveis *CGI's*, as todo poderosas *comissões gerais de inquérito*, que ao arrepio da lei, demitiram, expulsaram, aposentaram compulsoriamente e indicaram à cassação milhares de brasileiros e brasileiras, acusados de “subversão”.

A “caça à bruxas” estendeu-se à iniciativa privada, atingindo também o mundo artístico e cultural do país. Na verdade, a perseguição política afetou, nesta primeira fase repressiva, todos os setores da vida social – e o alvo preferencial eram os trabalhistas, os comunistas, os sindicalistas e os trabalhadores, inclusive, os camponeses.

No Rio Grande do Sul, em especial na sua região noroeste, e também no oeste catarinense e paranaense, ocorreram episódios repressivos dirigidos, especialmente, a trabalhadores rurais que, nos anos imediatamente anteriores ao golpe, participaram dos chamados *grupos de onze companheiros* – mais conhecidos, simplesmente, por *grupos de onze*.

A dimensão destes fatos, que traumatizaram milhares de famílias, até hoje abaladas pela série de prisões – e, sobretudo, pelas torturas infligidas a muitos de seus integrantes – fez com que a *Comissão da Estadual da Verdade* dedicasse especial atenção ao tema, que foi abordado, inclusive, em audiência pública destinada a tratá-lo.

Os *grupos de onze*, criados por inspiração de **Leonel Brizola**, consistiam em associações de cidadãos, reunidos para defender a reforma agrária; durante a crise política que antecedeu o *putsch*, seus membros passaram a defender, de forma mais ampla, o programa de “reformas de base”, proposto e sustentado pelo governo de **João Goulart**. Deve-se desde logo dizer que, ao contrário do que foi invocado como pretexto para reprimi-los, tratavam-se de grupos de discussão política, e não foi registrada qualquer ação armada de sua parte.

Sua origem é a *Legalidade*, memorável campanha desencadeada e liderada por **Brizola**, em agosto de 1961, quando era Governador do Rio Grande – e graças à qual, mobilizada a ampla maioria da população do estado, foi possível iniciar o movimento que barrou o “golpe branco” que a direita pretendia desfechar, após a renúncia de **Jânio Quadros**, impedindo o Vice-Presidente eleito, legitimamente, de assumir o cargo vago.

Como se recorda, o acordo feito na ocasião para superar a crise, permitindo a posse de **Jango** – com a instituição do parlamentarismo, o que, na prática, lhe retirava os poderes de Presidente da República – desagradou muito a **Brizola**. De qualquer sorte, este último percebeu, então, que somente a mobilização popular poderia deter uma nova tentativa golpista, sobretudo depois que, mediante plebiscito convocado em 1963, **Jango** recuperou plenamente as prerrogativas presidenciais, passando à iniciativa na disputa política, com seu programa de reformas – educacional, política, fiscal e agrária.

Foi por isso que **Brizola**, já então Deputado Federal, eleito pelo Estado da Guanabara com consagradora votação (até hoje insuperada, guardadas as proporções dos eleitorados), iniciou a execução de ambicioso plano, destinado a manter a população trabalhadora, em especial a camponesa, permanentemente mobilizada em prol da reforma agrária.

Para tanto, foi adquirida a rádio *Mayrink Veiga* e, por meio de palestras semanais (nas noites de sexta feira), o líder trabalhista incentivava os ouvintes a criarem os *grupos de onze*, principal instrumento para a organização popular em torno dos objetivos reformistas. Seus participantes eram instados a registrar em atas as reuniões e, para tanto, a rádio lhes enviava modelos; posteriormente, os integrantes dos grupos reuniam-se, registravam as reuniões em atas e as remetiam para a rádio – que divulgavam regularmente as listas de participantes.

A rapidez na formação dos grupos foi extraordinária – e assustadora, para a direita reacionária, que via (ou fingia ver) no projeto de reformas do governo, por eles defendido, o caminho para a revolução comunista. Assim, em apenas três meses, contabilizaram-se 5.304 grupos, com um total de 58.344 membros, apenas nos estados do Rio Grande do Sul, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Os grupos eram formados, em sua maioria, por semialfabetizados ou analfabetos, pessoas simples, que identificavam em **Brizola** um líder, e na reforma agrária a condição para superar a miséria em que viviam. Cabe recordar, até mesmo para entender a violência que lhes foi dirigida, após a instauração da ditadura, que o país era, então, predominantemente agrário, e a maioria da população era constituída de trabalhadores rurais.

O Alto Uruguai foi a região onde mais se concentraram os *grupos de onze*, em nosso estado. Por isso, logo após a deflagração do golpe, o governo estadual enviou para lá um destacamento formado por mais cem policiais militares, os quais espalharam pavor entre os moradores. “O comércio paralisou e os pacatos colonos não mais se dirigem à sede de seus municípios pelo temor de serem detidos”, publicou o jornal *Correio do Povo* – que, aliás, apoiava a ditadura – em 19 de maio de 1964.

As prisões, maus-tratos e, em muitos casos, a tortura de centenas de ex-integrantes daqueles grupos, causaram sérios danos psicológicos às suas vítimas, as quais eram publicamente tratadas como bandidos e acusadas de professar o comunismo – acusação terrível, em se tratando, aquele, de região colonial, de profunda influência cristã, habitada por descendentes de alemães e italianos.

Os sobrevivente lembram esse passado com muito pesar, e preferem que seus nomes não sejam revelados. “Sofri muita discriminação, tanto na igreja como no comércio, por ter sido preso”; “Me chamavam de comunista porque meu pai tinha sido preso”; “Meu pai ficou muito abalado depois da prisão, ele nunca mais ficou bom, deu depressão, deu úlcera... e morreu”; “Meu pai, depois que saiu da prisão, ficou muito triste, depressivo, ficava horas sem falar nada, sem se mexer” – estas são algumas das frases recolhidas pelos pesquisadores, junto a antigos membros dos *grupos de onze*, ou seus familiares.

Atenta à importância histórica dos fatos relacionados à formação daqueles agrupamentos, e à ação repressiva direcionada contra seus participantes, a *Comissão Estadual da Verdade*, em conjunto com a *Comissão de Anistia* do Ministério da Justiça, realizou audiência pública, na cidade de **Três Passos**, situada no noroeste do estado.

Na primeira parte do evento foram ouvidos **Abrão Antônio Dorneles, Adão Martins, Valdetar Dorneles e Arnildo Schwinger**, todos cidadãos com mais de oitenta anos de idade, os quais, na sua juventude, participaram na região dos *grupos de onze* – em virtude do que, após o golpe de estado de '64, foram presos ou perseguidos pelas autoridades policiais e militares do regime recém instaurado.

Os depoimentos prestados na oportunidade foram muito esclarecedores, em especial acerca da natureza e forma de constituição daqueles grupos; os depoentes narraram como os formavam,

registrando as reuniões em atas que seguiam modelo enviado, e reunindo-se semanalmente para ouvir as palestras radiofônicas de **Bri-zola** – inicialmente em emissoras locais, quando ainda era Governador do Estado, no Rio Grande; e depois de eleito deputado federal, pela rádio *Mayrink Veiga*, desde o Rio de Janeiro.

A apuração do tema em questão pela *Comissão Estadual a Verdade*, ajudou a revelar aspecto da repressão política dos governos ditatoriais que, embora conhecido, não recebe sempre o merecido destaque: trata-se do fato de que, em sua primeira fase, desde a deflagração do golpe até 1967, ela atingiu considerável contingente da população brasileira, muito provavelmente, bem maior do que aquele que foi por ela vitimado, ao final da década de 1960 e início da seguinte.

Com efeito, nesta primeira fase repressiva, em território gaúcho, foram presos e torturados milhares de pessoas – ao passo que, na segunda etapa (1968 a 1975), pode-se estimar em cerca de, no máximo, quinhentas pessoas diretamente reprimidas pelos agentes do sistema punitivo, montado já nos primeiros tempos de ditadura.

Como dito antes, estes últimos tinham por objetivo prender e castigar pessoas ligadas, ainda que indiretamente, aos partidos trabalhista e comunista, aos órgãos sindicais, aos setores estudantis e aos trabalhadores. E, dentre estes, de modo muito especial, os integrantes dos *grupos de onze* – pelo simples fato de que constituíam exemplo de organização e conscientização popular, que o novo regime não admitiria, em absoluto.

Carlos Frederico Barcellos Guazzelli

Coordenador da *Comissão Estadual da Verdade/RS*

Anexo – Casos de pessoas reprimidas por participarem de grupos de onze

(Acervo da *Comissão Especial de Indenização/RS* – Arquivo Público do Estado)

• **Caso Lusardo Moreira Siqueira (Rio Pardo):**

De acordo com o **processo nº 6671-1200/98-2**, relativo a indenização prevista na Lei nº 11.042/97, o senhor Lusardo Siqueira era bioquímico laboratorista em Rio Pardo e líder do PTB na comunidade, teve sua vida profissional e social prejudicada por ter sido perseguido preso e sofrido abusos por parte do governo, em razão de pertencer ao partido trabalhista e ao Grupo dos Onze.

Foi preso em 09/04/64, no “Café Central” em Rio Pardo, local onde vários intelectuais, políticos e estudantes se encontravam à época. Permaneceu preso por 12 dias na Central de Polícia de Porto Alegre, com outros 30 presos. O Delegado de Polícia era Elpídio Grawnder. Foi conduzido ao prédio do SESME, onde hoje é a Febem, para interrogatórios.

Sua vida profissional foi destruída, sendo que foi descredenciado dos convênios aos quais atendia e os clientes particulares não o procuravam mais por medo de serem vistos em sua companhia, já que foi rotulado de “perigoso” e “subversivo”. Foi preso novamente em 05.07.64 sendo solto em 13/10/64, dessa vez no Sindicato Rural de Rio Pardo. Não sofreu sevícias, mas maus-tratos. Foi expurgado da função pública e humilhado em sua comunidade.

Houve processo na justiça militar nº 78/65, no qual foi incurso nos arts. 11 e 24 da Lei 1802/53.

Testemunhas no processo:

→ Vilmar da Luz Santana: reside em Rio Pardo, na Av. Dos Ferroviários, nº 2280.

→ Ari Marcolla: residente a Rua dos Passos, 277, Rio Pardo.

→ Cedaio Sperb Schwerz: residente a rua Andrade Neves, 386, Rio Pardo.

• **Caso Osvaldo de Bastos (Rio Pardo):**

De acordo com o **processo nº 6670-1200/98-0**, relativo à indenização prevista na Lei nº 11.042/97, o senhor Osvaldo de Bastos

era agricultor na cidade de Rio Pardo em 1964, era também integrante do Grupo dos Onze, filiado ao PTB e representante dos trabalhadores sem-terra. Foi preso na localidade de Passo do Taquara. Foi preso mais de uma vez, a primeira prisão se deu quando voltava do Rio de Janeiro, onde participou, como representante dos trabalhadores sem-terra no comício de março de 64 no largo da Central do Brasil. Foi solto após 3 dias, nos quais sofreu ameaças e maus-tratos. Respondeu ao processo militar na 1ª Auditoria do 3º CJM, onde foi absolvido. Em consequência das prisões sofreu discriminação na sociedade, perdeu o trabalho pois ninguém o aceitava como empregado, por ser rotulado de “subversivo”.

Testemunhas:

→ Lusardo Moreira Siqueira:

→ Vilmar

→ Paulo

Pesquisa: **Laura Sartoretto.**

O caso do “Herzog gaúcho”: a morte de Ângelo Cardoso da Silva¹



O caso do “Herzog gaúcho”: a morte de Ângelo Cardoso da Silva

Foto: Divulgação

Durante as apurações realizadas pela *Comissão Estadual da Verdade*, acerca das prisões massivas de militantes políticos desencadeadas, em Porto Alegre, a partir de março de 1970, logo surgiram menções, em vários depoimentos e documentos por ela colhidos, à morte de um deles, pressurosamente atribuída a suicídio pelas autoridades policiais.

Tanto as circunstâncias que revestiram o óbito, até hoje ainda não esclarecidas, quanto fundadas suspeitas desde logo levantadas quanto à sua versão oficial, justificam plenamente o destaque que lhe foi dado pelo Colegiado – que tratou de ouvir pessoas e recolher documentação a seu respeito.

Trata-se, a vítima, de **Ângelo Cardoso da Silva**, encontrado morto no dia 22 de abril de 1970, na cela 38 do *Presídio Central de Porto Alegre*, ao qual estava recolhido, assim como outros prisioneiros políticos, por determinação dos agentes do sistema repressivo centralizado na sede estadual do *DOPS*.

1 Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1457/o-caso-do-herzog-gaucha-a-morte-de-angelo-cardoso-da-silva>>. Acesso em: abr./maio 2015.

Ele era membro do *M3G*, organização clandestina de oposição ao regime ditatorial, criada e liderada por **Edmur Péricles de Camargo**, a qual vinha realizando ataques armados, em Porto Alegre e na região metropolitana, desde meados ao ano anterior. Consistiam tais ações em assaltos a agências bancárias, estabelecimentos comerciais ou carros pagadores, as chamadas “expropriações”, por meio das quais os grupos clandestinos procuravam financiar suas atividades (1).

Ângelo, que ao morrer contava com apenas 26 anos, era taxista e residia em Viamão, na Vila Santa Isabel, vizinho e amigo de **Dario Vianna dos Reis** e **Jorge Fischer Nunes**, antigos militantes trabalhistas, o primeiro deles, tenente reformado do *Exército Brasileiro*, veterano da malograda “guerrilha de Caparaó”, episódio em razão do qual acabara de cumprir, em Juiz de Fora, Minas Gerais (2).

Por outro lado, desde que retornara ao Rio Grande, em maio de 1969, **Edmur** buscou aproximação com algumas lideranças locais ligadas a **Brizola**, em especial com o jornalista (e também, depois, advogado) **Índio Vargas**, quem por sua vez colocou aquele em contato com outros integrantes do autodenominado “grupo armado do PTB” – entre os quais, os já citados **tenente Dario** e **Jorge Fischer Nunes** (3-4).

Provavelmente devido à influência destes, **Ângelo** passou a participar das reuniões do grupo, frequentemente realizadas na chácara de **Dario**, localizada na Lomba do Pinheiro, reuniões durante as quais eram planejadas as ações armadas, iniciadas já em junho daquele ano, sob a liderança de **Edmur** (*idem*).

Pelo fato de possuir e dirigir um táxi, **Ângelo** logo passou a participar dos assaltos, o primeiro deles praticado contra a agência do *Banrisul*, no bairro da Tristeza, nesta capital, primeira ocasião em que foram deixados panfletos indicando a verdadeira natureza e finalidade do ataque – sendo que até então a polícia vinha tratando estes eventos como crimes comuns (1).

Ele atuou também, e decisivamente, na mais ousada expropriação até então realizada, tendo por alvo a agência do *Banco do Brasil* de Viamão, ocasião em que deu fuga em seu táxi a uma parte dos militantes envolvidos – que pertenciam ao *M3G*, à *VAR-Palmares* e à *FLN*. E foi em decorrência das investigações policiais instaura-

das devido a este roubo, que **Ângelo** foi preso, juntamente com mais de uma dezena de pessoas, no final de março de 1970 (*idem*).

Em seguida, no início de abril daquele ano, a mal sucedida tentativa de sequestro do cônsul norte-americano, em Porto Alegre, terminou acarretando a vinda ao estado de dois agentes do *Centro de Informações do Exército* (CIE), o então capitão **Paulo Malhães** e o sargento **Clodoaldo Cabral**, responsáveis pela introdução de técnicas novas de torturas, cujo uso intensivo ocasionou o paulatino desbaratamento de todos os grupos clandestinos, armados ou não, que agiam então no estado.

Diante da prisão de dezenas de pessoas – não apenas militantes, mas também de seus parentes, amigos e vizinhos, sequestrados e torturados para informar o paradeiro daqueles – as autoridades que chefiavam o DOPS, à época (o então major do *Exército*, **Átila Rohrsetzer**, e o delegado estadual **Pedro Seelig**), determinaram o recolhimento de vários prisioneiros ao *Presídio Central de Porto Alegre*.

Dentre eles, **Ângelo**, alegadamente achado morto, pelos carcereiros que lhe foram levar o café da tarde, na cela à qual estava recolhido, pelas 16 horas do dia 22 de abril de 1970.

O caso foi tratado, de imediato, como suicídio, em decorrência do que foi instaurado inquérito policial, no próprio dia do ocorrido. Data do dia seguinte a realização da necropsia, mas, estranhamente, o inquérito não andou durante mais de três anos e meio.

Com efeito, apenas em novembro de 1973 foram ouvidas duas testemunhas – os tais carcereiros que teriam encontrado o morto, e que eram, na verdade, agentes do DOPS que custodiavam os prisioneiros então remetidos ao *Presídio Central*. Em seguida, o expediente foi encaminhado à Justiça comum, que determinou seu arquivamento, diante da conclusão dos peritos, indicando suicídio como a causa da morte.

Cabe ressaltar, de saída, que a **própria realização deste inquérito constitui razão mais que suficiente para colocar sob suspeição esta apressada conclusão**. De fato, em se tratando de morte violenta de cidadão, investigado por suposta prática de *crime contra a segurança nacional*, preso em dependência pública, à qual fora recolhido por determinação dos responsáveis pelo sistema oficial de repressão política, comandado por militares federais – **não havia**

justificativa jurídica plausível para investigá-la inquérito policial, instaurado perante simples delegacia de bairro!

É evidente o propósito diversionista da manobra: **se a investigação da morte de Ângelo se desse no bojo do próprio inquérito policial militar**, instaurado contra ele e seus companheiros, para apurar os delitos políticos que lhes eram atribuídos, **terminaria desembocando na *Justiça Militar Federal*, onde causaria inevitável estrépito!**

Por este motivo, tão somente, ao arrepio da legislação vigente – à qual **Rosa Cardoso da Cunha** chama, com pertinência, de “legalidade autoritária” – o caso foi investigado pela *11ª Delegacia Distrital*, em expediente que esperou, sem pressa, o desdobrar dos acontecimentos, durante mais de três anos, para só então ser remetido à Justiça comum, a qual, como sói acontecia naqueles anos de arbítrio e medo, determinou de pronto seu arquivamento.

O fato só saiu do esquecimento ao qual fora condenado graças, em primeiro lugar, à memória dos companheiros da desditosa vítima. E, também, devido à diligência do professor **Henrique Padrós**, do *Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*, e de dois de seus alunos – **Graziane Ortiz Righi** e **Davi dos Santos** – os quais realizavam pesquisa documental, sob a supervisão do primeiro, no acervo do *Arquivo Judicial do Estado*, trabalho destinado a selecionar processos ali arquivados, de eventual interesse histórico (5).

Foi assim que **Davi** deparou-se com os autos do inquérito em questão, o qual constava de lista adrede preparada, relativa a casos relevantes possivelmente arquivados naquela instituição. O processo encontrava-se em surpreendente bom estado, malgrado as lamentáveis condições do local em que foi achado, o que permitiu sua integral reprodução fotográfica, e uma cópia do mesmo, fornecida pelo *Tribunal de Justiça*, acompanha o presente relatório (6).

Já sua colega **Graziane** realizou interessante trabalho acadêmico, no qual examina aquele documento à luz do contexto histórico que envolveu a morte de **Ângelo**. Ao final do estudo, a autora submete a versão oficial de suicídio à crítica de um médico legista, e a pertinência das observações feitas por este último também merecem registro (7).

Segundo as tais testemunhas que teriam encontrado o corpo da vítima, “...o mesmo se encontrava **enforcado por um lençol, dependurado na janela basculante interna da cela**; que a vítima usou seu próprio lençol para enforçar-se; que Ângelo encontrava-se **de joelhos no piso, de frente para a parede, as mãos postas no peito...**” (6; nossos os grifos). Ainda segundo as mesmas, da janela à qual estava amarrado o lençol, até o piso da cela “...tinha mais ou menos um metro e trinta de altura...” (*idem*).

De acordo com o médico legista **Hélio Antônio Rossi de Castro**, consultado pela autora do trabalho acadêmico em questão, residem aí as primeiras contradições e inverossimilhanças da versão apresentada pelas ditas testemunhas. Antes de mais nada, porque a pouca altura existente entre a janela e o piso da cela, tornaria improvável a morte do paciente, por suspensão do corpo àquela atado; e, ademais, neste caso seus braços necessariamente deveriam pender ao longo do corpo – e não poderiam ficar no peito, e contra a parede, como mostrado nas fotografias que acompanham o inquérito.

Prossegue o perito, explicando que, constatada inequivocamente, como causa da morte da vítima, “asfixia mecânica”, a pesquisa deve concentrar-se na determinação da específica forma como esta teria ocorrido – em especial, considerando as hipóteses de “enforcamento” ou de “estrangulamento”.

No primeiro caso, a asfixia decorreria da ação do peso do corpo sobre o pescoço, redundando a morte de sua constrição. O médico, depois de minuciosa explicação, afasta esta possibilidade – uma vez que, em se tratando de enforcamento, necessariamente deveria restar disso um vestígio no pescoço da vítima, correspondente ao “nó” da corda (ou do lençol) usado para sua constrição.

No caso concreto, o sulco encontrado no pescoço da vítima é contínuo, inexistente a interrupção que seria causada pelo nó, **tudo a indicar que ela não foi enforcada – mas, isto sim, estrangulada, pela ação simultânea de constrição horizontal, ao mesmo tempo, das duas pontas do lençol encontrado ao redor dele**. E como o autoestrangulamento é impossível – dado que a constrição do pescoço causa desfalecimento e, com este, o afrouxamento daquela – **o legista conclui que, seguramente, Ângelo sofreu estrangulamento, mediante ação externa, produzida por outrem**.

Cabe reproduzir aqui a conclusão do estudo ora referido: **“...A ausência de interrupção do sulco do pescoço e a disposição do lençol observada na fotografia nº 8 levou o legista a concluir que não havia nó no instrumento causador da asfixia, isto é, no lençol. Poderia afirmar-se simplesmente que, se, no caso, não existe o mecanismo do nó, mas o do garroteamento para a constrição do pescoço e se esse garroteamento não pode causar a morte quando autoinfligido ou pela ação da força da gravidade, mas apenas se impulsionado por uma força externa e se essa força externa é, por definição, alheia à vítima, certamente a causa da morte foi o homicídio...”** (7; grifos nossos).

Como se verifica pelos elementos – testemunhais, documentais e periciais – coletados pela *Comissão Estadual da Verdade* gaúcha, há sobejas razões para, no mínimo, colocar sob suspeita a apressada, e cômoda versão apresentada para a morte de **Ângelo Cardoso da Silva**.

Portanto, atento aos sérios indícios de que ele foi vítima de homicídio, praticado por agentes do sistema repressivo político montado durante os governos ditatoriais, o Colegiado recomendará a abertura da investigação judicial das causas e circunstâncias que revestiram sua morte – encaminhando ao *Ministério Público Federal*, órgão competente para requisitá-la, as cópias integrais dos depoimentos colhidos e documentos reunidos a respeito do trágico episódio.

Por derradeiro, cabe considerar que, independentemente da necessária busca de responsabilização criminal pelo fato, é irretorquível a responsabilidade civil da **União Federal** pela produção do resultado mórbido – decorrente do fato indudioso de que o ofendido se encontrava recolhido, sob sua guarda, em estabelecimento carcerário, ao qual fora levado por ordem das autoridades militares federais que comandavam, então, o aparelho punitivo centralizado na sede estadual do *DOPS*.

Carlos Frederico Barcellos Guazzelli
Coordenador da *Comissão Estadual da Verdade/RS*

Referências Bibliográficas e Documentais

- (1) “*Porto Alegre, anos de chumbo*”, in **Relatório Final de Atividades da Comissão Estadual da Verdade - RS**;
- (2) “*O caso das mãos amarradas*”, in **Relatório Final de Atividades da Comissão Estadual da Verdade - RS**;
- (3) Ata da 28ª reunião ordinária da **Comissão Estadual da Verdade - RS**, relativa à audiência interna realizada para colher os depoimentos de **Lazica Reis** e **Rita Soares**, respectivamente, filhas de **Dario Viana dos Reis** e **Jorge Fischer Nunes**;
- (4) Ata da 34ª reunião ordinária da **Comissão Estadual da Verdade - RS**, relativa à audiência interna realizada para colher o depoimento de **Índio Vargas**;
- (5) Ata da 35ª sessão extraordinária da **Comissão Estadual da Verdade - RS**, relativa à audiência interna para colher os depoimentos de **Graziane Ortiz Righi** e **Davi dos Santos**;
- (6) Cópias integrais do inquérito instaurado para apurar a morte de **Ângelo Cardoso da Silva**;
- (7) Trabalho acadêmico realizado por **Graziane Ortiz Righi**, então aluna do Curso de História da UFRGS, intitulado “*Ângelo Cardoso da Silva: Herzog gaúcho*”.

Porto Alegre: os “anos de chumbo”¹



Porto Alegre: os “anos de chumbo” - Foto: Divulgação

Sob esta denominação, a *Comissão Estadual da Verdade* reuniu os fatos que constituíram objeto de uma das principais apurações a que se dedicou – isto, tanto pela indiscutível importância histórica dos episódios enfocados, quanto pela gravidade das violações a direitos humanos neles ocorridas.

Tratam-se das dezenas, na verdade centenas de prisões efetuadas, a partir do início e até meados da década de 1970, durante o processo de desbaratamento dos grupos clandestinos de resistência à ditadura militar que então atuavam, no estado e no país.

Cabe lembrar aqui o recrudescimento paulatino do regime ditatorial, desde sua instauração e ao longo da década anterior, com o fechamento gradual de todos os espaços de manifestação política – partidos e organizações sociais, serviço público e universidades, sindicatos e imprensa e, por fim, o movimento estudantil, última frente de protesto da sociedade civil.

Este processo de contínuo endurecimento ficou marcado, ao final de 1968, pela edição do famigerado *Ato Institucional n.º 05*, que permitia ao todo poderoso governo ditatorial a suspensão, quando não a supressão, pura e simples, de todas as liberdades públicas e garantias individuais.

Data deste período o surgimento da maioria das organizações que passaram a atuar, clandestinamente, na oposição ao governo

1 Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/conteudo/1447/porto-alegre:-os-?anos-de-chumbo?>>. Acesso em: abr./maio 2015.

ditatorial – nem todas, diga-se de passagem, mas apenas uma parte delas adotando a chamada “luta armada”.

Com efeito, criaram-se à época múltiplos grupos, alguns dos quais contavam com poucos integrantes, enquanto outros tinham vários militantes; uns poucos tinham existência apenas regional, ao passo que os demais atuavam em âmbito nacional. De origem e natureza variadas, tinham em comum o objetivo de resistir e opor-se ao regime ditatorial e, malgrado as divergências, ideológicas ou táticas, atuavam muitas vezes em conjunto, revelando seus membros grande solidariedade, especialmente diante da repressão brutal de que foram vítimas.

Pode-se classificá-los de acordo com suas quatro grandes vertentes, a saber:

(i) o *Partido Comunista Brasileiro* (o *PCB*, também conhecido como *Partidão*), fundado em 1922, e que depois de curta vida legal, foi posto na clandestinidade em 1947, e que pregava a resistência à ditadura dentro do partido legal de oposição (o *MDB*);

(ii) o *Partido Comunista do Brasil* (*PC do B*), dissidência do primeiro, surgida no final dos anos 1950 e, então, de tendência maoísta;

(iii) a esquerda católica, reunida na *Ação Popular* (*AP*), forte movimento social que reunia, desde clérigos, até profissionais liberais, dedicados ao trabalho político junto às camadas populares, exercendo forte influência entre os estudantes (*Juventude Estudantil Católica-JEC*, e *Juventude Universitária Católica-JUC*);

(iv) e, por fim, o *Partido Trabalhista Brasileiro* (*PTB*), a que pertenciam os governantes depostos pelo golpe de estado de ‘64, partido criado por **Getúlio Vargas**, de inspiração nacional-desenvolvimentista, com grande tradição e penetração em nosso estado.

Dentre as organizações do primeiro grupo, pode-se citar o *POC* (*Partido Operário Comunista*), resultado da fusão da dissidência leninista estadual com a *Organização Revolucionária Marxista/Política Operária* (*ORM-POLOP*), este último surgido, de uma dissidência do *PCB*, no início da década de 1.960.

E também o agrupamento criado, em Porto Alegre, por jovens estudantes do *Colégio Júlio de Castilhos*, ou dele egressos, denominado *MR-21* (*Movimento Revolucionário 21 de abril*), de curta

duração, ao qual foi dada a alcunha jocosa de “Guerrilha Branca-leone”, em alusão à famosa película de **Mário Monicelli**, que narra as trapalhadas de um insólito e maltrapilho exército medieval – e que é responsável pela primeira e isolada ação armada em nosso estado, a subtração de armas da casa de um coronel do *Exército Brasileiro* (1).

E ainda a *Aliança Libertadora Nacional* (ALN), dissidência do *Partidão* criada e liderada por **Carlos Marighella**, que pregava e praticava a guerrilha urbana como método de oposição à ditadura, à qual pertencia, inicialmente, o militante **Edmur Péricles Camargo**, quem desempenhou importante papel nas ações armadas praticadas no Rio Grande do Sul.

Pode-se referir, também, entre os grupos originados, direta ou indiretamente do PCB, aqueles de matriz trotsquista, como a *FBT* (*Frente Brasileira Trotsquista*) e o *PORT* (*Partido Operário Revolucionário Trotsquista*).

Já de inspiração maoísta, além do *PC do B*, havia a *Ala Vermelha*, ambos dedicados, no começo, ao trabalho político de base junto ao operariado urbano, inclusive pela “integração à produção”, processo mediante o qual os militantes ingressavam na vida operária, trabalhando e vivendo com, e como os trabalhadores da indústria.

Mercê dessa atuação política no meio operário urbano, houve uma aproximação, até certo ponto curiosa, entre os militantes do *PC do B*, que professavam o marxismo, e aqueles da *AP*, de extração católica. Com o passar do tempo, muitos membros desta última passam a integrar aquele (1).

Há, por fim, as organizações de tipo militarista, cuja influência ideológica varia, desde o nacionalismo desenvolvimentista, até a revolução cubana. Destaca-se dentre elas a *VPR* (*Vanguarda Popular Revolucionária*), agrupamento guerrilheiro criado e liderado por **Carlos Lamarca**, capitão do *Exército Brasileiro* que dele desertou, para se dedicar à preparação da guerrilha contra o regime ditatorial.

E também a *VAR-Palmares* (*Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares*), originada da fusão do *COLINA* (*Comando de Libertação Nacional*) com outros grupos. Um deles, criado no Rio Grande do Sul, que no momento de sua criação, ainda sem nome, se auto-denominava “O...” (“Ô-três pontinhos”), à espera de uma planejada

fusão entre a *VPR* e a *VAR-Palmares*, que terminou não ocorrendo, devido a episódio conhecido como o “racha da VAR”.

Tirantes poucas ações do *MR-21*, realizadas entre dezembro de 1967 e dezembro de 1968, não houve outros eventos do tipo no estado – ao contrário do que acontecia no centro do país, onde algumas organizações referidas fizeram ataques a alvos militares, ou “expropriações”, como eram denominados os roubos a bancos, e outros estabelecimentos comerciais ou industriais, destinados a obter recursos financeiros para mantê-las, e aos seus membros.

Isto se explica pela necessidade de manter o território gaúcho fora do foco principal da repressão, devido à sua posição geográfica, favorável a seu uso como corredor, seja para a fuga de militantes, seja para ingresso de armas e materiais, pela extensa fronteira com a Argentina e o Uruguai (1-2-3).

No entanto, a partir de 1969, com o recrudescimento da repressão aos seus militantes, no Rio de Janeiro e em São Paulo e Minas Gerais, os grupos clandestinos voltam os olhos para nosso estado. Data de maio daquele ano, o retorno do citado **Edmur Péricles Carmargo**. Atuando ainda pela *ALN*, ele criou depois seu próprio grupo, de atuação restrita ao âmbito estadual – e que receberia o nome de *M3G (Marx-Mao-Marighella-Guevara)*.

A partir de então, e até abril do ano seguinte, **Edmur** foi responsável por vários ataques a bancos, em Porto Alegre e na região metropolitana: assim, em 13 de junho, ocorre o assalto à agência da *Caixa Econômica Federal*, na rua José do Patrocínio; em 23 de julho, a agência Petrópolis do *Banco Industrial e Comercial do Sul* é assaltada por membros da *ALN* e do *POC*; em 02 de dezembro, é a vez da agência do *União dos Bancos* de Cachoeirinha; e no final de janeiro de 1970, ele e seu grupo, que agora respondem pelo novo nome, assaltam a agência do *Banrisul* no bairro da Tristeza.

A *VPR*, por sua vez, em março de 1970, ataca o carro-pagador do *Banco Brasul* e da *Ultragaz*, numa vila de Canoas (1).

Justamente naquele mês, e no seguinte, ocorreram as duas maiores ações armadas praticadas, à época, em nosso estado, as quais desencadearam respostas repressivas altamente intensificadas, e que constituíram, precisamente, o objeto especial das apurações procedidas pela *Comissão Estadual da Verdade*, reunidas sob o título acima indicado.

A primeira delas, ocorrida no dia 18 de março, consistiu no assalto à agência do *Banco do Brasil* de Viamão, cometida por integrantes de três organizações distintas – *M3G*, *VAR-Palmares* e *FLN* (*Frente de Libertação Nacional*).

Apesar do êxito inicial da operação – a qual envolveu, em sua preparação e execução, mais de duas dezenas de militantes – ao longo das investigações que se seguiram, o cerco policial começou a se fechar sobre seus participantes. Isto, sobretudo, após a descoberta das armas utilizadas no ataque, que estavam em uma chácara situada na Lomba do Pinheiro, de propriedade de **Dario Reis** – tenente reformado do *Exército Brasileiro*, de antiga atuação na resistência à ditadura, desde o golpe de estado, e que fora preso e cumprira pena por seu envolvimento no episódio conhecido como “guerrilha de Caparaó” (4).

Convém recordar que os primeiros assaltos a bancos, ocorridos no ano anterior, vinham sendo tratados pela polícia como crimes comuns; foi somente após o ataque do *M3G* contra a agência do *Banrisul* do bairro Tristeza – em que foi deixada uma “carta aberta”, criticando a política econômica do governo militar – que as autoridades militares e policiais deram-se conta de suas reais motivação e autoria (5).

Poucos dias depois da ação de Viamão, em 05 de abril de 1970 houve a tentativa malograda de sequestro do cônsul estadunidense, em Porto Alegre, encetada por militantes da *VPR* – naquele que é tido como o principal evento armado de insurgência em nosso estado, pois a partir dele a reação repressiva, desencadeada desde o *DOPS* gaúcho, depois do assalto de 18 de março, foi significativamente ampliada.

É que data de então a vinda de agentes do núcleo central do sistema repressivo, oriundos do *Centro de Informações do Exército* (*CIE*), que atuavam no Rio de Janeiro, agentes especialmente treinados, até mesmo em escolas militares do exterior.

Eles foram responsáveis pela introdução, no Rio Grande do Sul, de métodos ditos “científicos” de tortura, os quais, associados às tradicionais técnicas, usadas desde sempre pela polícia gaúcha, contra os suspeitos de crimes comuns, levou em pouco tempo ao completo desbaratamento de todos os grupos clandestinos de resistência ao regime ditatorial, que aqui atuavam (1-3-4-6).

Este objetivo foi atingido mediante os sequestros e prisões ilegais de dezenas de pessoas, ocorridos desde março daquele ano; os alvos destas ações eram, não apenas os militantes envolvidos, ou suspeitos de envolvimento nos fatos investigados, mas também seus parentes, vizinhos e amigos – pressionados, quando não torturados, para indicar o paradeiro daqueles.

Graças ao uso intensivo e associado dos meios de suplício, novos e tradicionais, em pouco tempo os integrantes das organizações antes mencionadas acabaram sendo presos, em sua maioria: com efeito, naqueles e nos meses seguintes de 1970, “caíram”, sistematicamente, os membros da *VAR-Palmares*, da *VPR*, da *ALN*, do *POC* e do *M3G*, além de militantes nacionalistas que se associaram àqueles grupos; e nos dois anos seguintes, os ativistas da *AP*, do *PC do Be* dos organismos trotsquistas – os quais, diga-se de passagem, sequer tinham optado, à época, pela luta armada.

Malgrado estes fatos já sejam razoavelmente conhecidos de historiadores e pesquisadores – além, é claro, dos próprios presos sobreviventes, e de seus familiares – a importância dos relatos colhidos pela Comissão reside, fundamentalmente, em confirmar sua existência, com impressionante riqueza de detalhes.

Assim é que, a partir de dezenas de depoimentos, colhidos em audiências públicas e internas, muitos dos quais acompanhados de documentação comprobatória, trazida pelos depoentes, foi possível reconstituir a forma de atuação das agências montadas, dentro e à sombra do Estado, para reprimir as organizações clandestinas de resistência e oposição ao regime ditatorial (7).

Inicialmente, houve dificuldade até mesmo para a identificação da natureza e finalidade dos ataques praticados, ao longo do ano de 1969, contra instituições bancárias, comerciais e industriais, visando à obtenção de recursos para financiar a luta contra a ditadura.

Lembre-se, neste passo, que o sistema repressivo político estava centralizado, em nosso estado, na sede do *DOPS*, órgão que, desde a instalação do primeiro governo ditatorial, já vinha sendo dirigido por oficiais do *Exército Brasileiro*, da área de segurança e informações (a temível “segunda sessão” do *III Exército*, também conhecida como S-2).

Seus agentes, imediatamente após o assalto ao *Banco do Brasil* de Viamão, começaram a investigá-lo e, passados alguns dias, devido a erros cometidos pelos militantes, procederam às primeiras prisões. Ao fazê-lo, sempre seguiam o método de atuação então padronizado: os suspeitos eram sequestrados, simplesmente, sem ordem judicial, e desde logo levados ao *DOPS*, onde as sessões de torturas começavam na chegada (quando não a caminho).

Mas, apesar do uso intenso das torturas “tradicionais” – espancamentos com porrete revestido de borracha de pneu (chamado de “pirelli”), além da submissão dos prisioneiros ao conhecido *pau de arara*, bem como a sessões de afogamento – seus agentes pouco avançaram, no primeiro momento, na tarefa de identificar todos os participantes daquela ação armada.

Ademais, embora eles soubessem que a mesma se relacionava, de alguma maneira, à tentativa de sequestro do cônsul norte-americano, ocorrida três semanas depois, tampouco conseguiam obter informações quanto à autoria deste último ato. Por isso, segundo ao menos três depoimentos prestados à Comissão, o próprio **Átila Rohrsetzer**, então major do *Exército Brasileiro*, e a quem cabia, à época, o comando das operações do *DOPS* gaúcho, encarregou-se de pedir, pessoalmente, a seus superiores, a vinda a Porto Alegre de “especialistas”.

Foi por isso que aqui acorreram, no início de abril de 1970, dois integrantes do *CIE*, organismo operacional da chamada “comunidade de segurança e informações”. Eram eles o capitão **Paulo Malhães** e o sargento **Clodoaldo Cabral** – ambos cariocas, treinados e experimentados na área, o primeiro, inclusive, com vários cursos seguidos fora do país, na famigerada *Escola das Américas*, situada no Panamá, e também na Argélia e na França.

Pelo que se pode hoje deduzir, a partir dos elementos, testemunhais e documentais, colhidos pela *Comissão Estadual da Verdade*, é muito provável que a vinda de **Malhães** se deva ao fato de que, no Rio de Janeiro, ele integrava a equipe do *CIE* que vinha investigando as ações da *VPR*. Assim, tendo participado, na capital fluminense, da prisão e das sessões de torturas infligidas a uma dirigente nacional daquela organização – **Maria do Carmo Brito** – ele já deveria saber que o sequestro frustrado do cônsul ianque, aqui em Porto

Alegre, tinha sido executado por membros da mesma, dos quais não sabia mais, entretanto, do que alguns codinomes.

De qualquer sorte, importa referir aqui que as informações reveladas, em doze depoimentos prestados ao Colegiado gaúcho, por pessoas torturadas, pessoalmente e/ou sob orientação direta de **Malhães**, conferem plenamente com o extenso e minucioso relato por ele prestado, ao longo de oito horas, à **Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro**, no mesmo sítio onde viria a ser morto, em circunstâncias ainda não bem esclarecidas, alguns meses depois.

Deve-se destacar, neste passo, que a descoberta mais importante, feita a partir daqueles testemunhos, refere-se à possível introdução em nosso estado, por Malhães e Cabral, na primeira quinzena de abril de 1970, do aparelho portátil, precipuamente destinado a infligir choques elétricos – conhecido como *maricota*.

Trata-se de engenho similar a telefone de campanha, dotado de gerador elétrico, acionado manualmente mediante o uso de uma manivela, o que transforma a energia cinética em elétrica. Por meio de fios ligados ao paciente, este passa a receber carga elétrica de voltagem significativa, mas com baixa amperagem – o que, na maioria dos casos, causa grande dor, desorganização cerebral, perturbação e até perda dos sentidos, mas raramente mata.

O emprego intermitente desta máquina de desferir choques elétricos, intercalado ou associado a outros métodos de tortura – como o *pau de arara* (com a vítima, nua e dependurada, recebendo as descargas) – foi o fator decisivo para a obtenção das informações que possibilitaram, naqueles meses de 1970, a prisão da grande maioria dos militantes das organizações aqui consideradas.

Malhães e **Cabral**, nas sessões de suplicio a que submetiam os presos – e as presas! – ministravam verdadeiras “aulas” aos agentes locais, sobre como e onde aplicar os choques elétricos nos corpos desnudos, pendurados no *pau de arara*, mostrando-lhes as zonas mais sensíveis: estas cenas medonhas foram narradas em muitos depoimentos, cabendo salientar, de modo muito especial, por sua coragem, os relatos das três bravas mulheres ouvidas na audiência pública realizada pela Comissão, no dia 08 de março de 2013 (8).

Houve mais de um registro, também, do uso coletivo da *maricota*, ou seja, sua aplicação simultânea em dois presos, unidos pelas

mãos, para que a descarga ministrada percorresse ambos os corpos – em processo batizado pelos carrascos, com o costumeiro humor negro, como *teste de São Tomé*.

Outra variedade deste terrível tormento – incorporado desde então ao arsenal repressivo ainda hoje usado no país, e amplamente, contra os presos comuns, nas delegacias de polícia, nos presídios e, até mesmo, nas casas de detenção de adolescentes – era usada na sede do *DOI-CODI* paulista, inicialmente conhecida como “*OBAN - Operação Bandeirante*”.

Trata-se da *cadeira do dragão*, denominação atribuída a uma tosca cadeira revestida de placas metálicas, sobre a qual era colocado, amarrado, o corpo nu do preso, que recebia então os choques elétricos sobre várias partes, inclusive os órgãos genitais.

Esta menção é feita porquanto oito cidadãos riograndenses, ou aqui residentes, que depuseram à *Comissão Estadual da Verdade*, foram supliciados naquele centro de tortura – o tenebroso “casarão da rua Tutóia”, hoje transformado em memorial da repressão política do período ditatorial.

Deles, três foram presos e torturados em São Paulo, na sede do *DOI-CODI*, e também no *DOPS* paulista: **Ubiratan de Souza** e **Diógenes Carvalho** (libertados em troca de diplomatas capturados pelas organizações guerrilheiras), e **Gregório Mendonça**, que cumpriu pena naquele estado.

Já outros dois – **Carlos Francklin Paixão Araújo** e **Raul Jorge Anglada Pont** – depois de terem sido presos e torturados naqueles núcleos de repressão, em São Paulo, conseguiram sua transferência para Porto Alegre, onde também eram processados, e terminaram de cumprir aqui suas penas, no *Presídio Central* e na cadeia improvisada na “*Ilha das Pedras Grandes*”, situada no lago Guaíba, em frente à cidade de mesmo nome.

Por sua vez, **Nilce Azevedo Cardoso**, **Bruno Mendonça Costa** e **Raul Kroeff Machado Carrion**, após serem sequestrados, mantidos presos e seviciados, no ano de 1971, na sede estadual do *DOPS*, em Porto Alegre – quando a ação repressiva se concentrava nos militantes da *AP* e do *PC do B* – foram enviados ao *DOI-CODI* do *II Exército*, na capital paulista, onde também passaram pelo hediondo tratamento acima descrito.

Tanto pelos vários depoimentos apresentados à *Comissão Estadual da Verdade*, quanto pelos documentos trazidos em seu apoio, pode-se constatar que o início da década de 1970 marca a consolidação, em nosso estado, do processo de institucionalização do aparato repressivo aqui montado, desde a eclosão do golpe de estado – aparato este centralizado no **DOPS estadual, sob o comando direto de militares do Centro de Informações do Exército (CIE)**.

Cabe destacar, uma vez mais, que esta estrutura já vinha sendo organizada desde 1964, como ficou perfeitamente caracterizado em outra apuração da Comissão (sobre o *caso das mãos amarradas*). Mas, por certo, a vinda ao Rio Grande de profissionais da repressão, especialmente treinados, implicou importante alteração qualitativa no cumprimento das tarefas da polícia política gaúcha.

A propósito, a equipe que atuava na sede do DOPS – os servidores da polícia gaúcha, dirigidos pelo delegado **Pedro Seelig**, mas também os militares que comandavam o CIE (à época **Átila Rohrschetter**) – manteve-se ocupado, nos anos de 1971 e 1972, na perseguição aos militantes da AP e do PC do B que se dedicavam, como dito acima, ao trabalho político junto à população trabalhadora, na periferia da capital e das cidades da região metropolitana.

Ainda ao longo de 1973, outros grupos clandestinos, de menor expressão – trotsquistas e, até mesmo, anarquistas – foram alvo da ação repressiva desencadeada desde a sede do DOPS. Mas, até o final do ano seguinte, não se registram atividades significativas do sistema repressivo montado em nosso estado, e esse arrefecimento deve-se, seguramente, ao fato de que, à época, as organizações clandestinas, formadas na segunda metade da década anterior, já estavam desmanteladas, seus membros presos, exilados ou, mesmo, mortos.

No entanto, a aparente ociosidade daquele formidável aparato punitivo – que desfrutava de verbas secretas, efetivo autônomo e poder garantido pela impunidade – logo seria substituída por nova vaga repressiva, desta feita dirigida contra os ativistas do *Partido Comunista Brasileiro*, os quais, depois das investidas sofridas nos primeiros anos após o golpe, não mais tinham sido perseguidos – até mesmo porque se opunham à luta armada, pregando a resistência pacífica dentro da oposição consentida, o MDB.

Com efeito, a partir da descoberta e “estouro” de gráficas do *Partidão*, no Rio e em São Paulo, em dezembro de 1974 e no começo do ano seguinte, seguiram-se prisões de centenas de seus dirigentes e militantes, nas principais cidades brasileiras. Aqui no estado, a partir de 18 de março de 1975, foram efetuadas as prisões – melhor seria dizer, os sequestros, de acordo com o habitual *modus operandi* dos agentes da repressão política – de cerca de vinte membros do partido.

Acusados de ações destinadas a fazê-lo funcionar – desde a preparação de esquema de fuga para a Argentina, até campanha de financiamento de suas atividades – eles foram sequestrados por agentes do *DOI-CODI* (*Destacamento de Operações e Informação do Centro de Operações de Defesa Interna*), baseados em ao menos duas organizações militares, ambas situadas nesta capital, na rua Luiz Afonso e nas proximidades da avenida Bento Gonçalves. Não restou esclarecido perfeitamente se seus agentes atuavam subordinados à estrutura do *III Exército*, ou se integravam alguma força tarefa comandada desde o centro do país.

O certo é que eles fizeram a maioria das prisões, mantiveram ilegalmente os presos durante alguns dias, em locais clandestinos, submetendo-os a torturas diversas e os entregando, a seguir, à *Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal*, então situada na avenida Paraná, zona norte da capital, cujo titular comunicou então a ocorrência à *1ª Auditoria da 3ª Circunscrição Judiciária Militar* (*3ª CJM*), e instaurou o inquérito policial.

Foram presos os seguintes cidadãos: os jornalistas **João Batista Aveline** e **Aníbal Bendatti**; os advogados **Honório Campos Peres**, **José Gay Cunha**, **Fernando Barcelos de Almeida** e **Júlio Teixeira**; os ex-líderes sindicais **Nilo Pacheco** e **Romeu Bortolini**; o funcionário público **Adair Moreira de Castilhos**; e ainda, **Samuel Dib**, **Kalil Dib**, **Marco Antônio Tavares Coelho**, **Dinardo Reis**, **Alacir Pelegrini**, **Walter José Afonso Guimarães**, **João Pessoa Giudice**, **João Polidoro Coutinho** e **Francisco Penha Rodrigues**.

A história das torturas infligidas a este último merece especial destaque, seja por sua desusada violência, seja pela conjunção extraordinária de circunstâncias que impediram sua morte. Senão, vejamos.

Na verdade, ele se chamava **Hilário Gonçalves Pinha**, e vivia com nome falso em Porto Alegre há algum tempo, participando das direções, estadual e nacional, do *PCB*. Sequestrado em sua casa, como a maioria dos acima citados, nos primeiros dias ele foi brutalmente torturado pelos agentes do *DOI-CODI*, em diferentes lugares, onde passou por sucessivas sessões de espancamentos, choques elétricos e, inclusive, simulacro de fuzilamento. Apesar das torturas infligidas, seus algozes não conseguiram obter a esperada confissão, de que ele se tratava, não apenas de simples militante – como admitia – mas de um dirigente da referida organização partidária clandestina.

Passada aproximadamente uma semana, foi levado à sede estadual da *Polícia Federal*, onde já estavam outros companheiros, e ali também passou por interrogatórios e, malgrado tenha sofrido ameaças, não foi torturado. Nesta repartição, foi procedido seu reconhecimento, no dia 07 de abril de 1975, com a presença de um irmão seu, militar da *Força Aérea*, e em consequência disso, esclarecida sua verdadeira identidade, como registrava condenação à revelia, em processo instaurado na capital paulista, por crime contra a segurança nacional, foi requisitado, no dia 16 daquele mês, pela Chefia do *Estado Maior do II Exército*.

Muito embora o encarregado do inquérito, delegado federal **Edgar Fuques**, em despacho proferido no dia seguinte, tenha atendido à requisição procedida, após a prorrogação da prisão preventiva e sua comunicação ao titular da *1ª Auditoria da 3ª CJM*, estranhamente informou ali, também, que **Hilário Pinha** estava, no momento “... recolhido nas dependências do DOPS/SSP/RS...” (*sic*).

Efetivamente, sem que se saiba exatamente porque – mas, imagina-se, porque seus agentes, inconformados por terem sido “furados” pelos concorrentes, também pretendessem obter informações de prisioneiro tão disputado – naquele mesmo dia 17 de abril de 1975, **Hilário** foi entregue a agentes do *DOPS* estadual, tudo de acordo com “declarações” e “recibos”, que documentaram minuciosamente o périplo por ele seguido, naquelas semanas, entre diferentes órgãos da *comunidade de segurança e informações*, e que integram o dossiê ora anexado sobre o episódio (9).

Durante toda a semana transcorrida desde seu recolhimento à sede estadual do *DOPS*, **Hilário** foi submetido a contínuas ses-

sões de torturas, caracterizadas por extrema violência, comandadas por um auto intitulado delegado de polícia, tratado pela alcunha de **Alemão** – mas das quais participaram, também, o delegado estadual **Cláudio Barbedo** e os inspetores de polícia **Nilo Havelha** e **Gallant**. Tão graves foram as sevícias a ele então infligidas, que em virtude delas resultaram fraturas de quatro arcos intercostais, das quais decorreram rompimento dos intestinos, fígado e outras vísceras.

Na madrugada de 24 de abril daquele ano, desfalecido, com o abdômen inchado pela mistura de seis quilos de sangue e fezes, **Hilário** foi levado pelos agentes do *DOPS* até a *Base Aérea de Canoas*, a fim de ser dali transportado a São Paulo, em atendimento à requisição feita pela *Justiça Militar* naquela cidade. Ele somente viajou depois que o oficial da *Força Aérea*, piloto da aeronave que o transportou, teve atendida sua exigência de prévia inspeção médica no paciente, inclusive com o acompanhamento de enfermeiro militar.

O lastimável estado em que estava, ao chegar, indicando iminência de morte, fez com que o a própria autoridade militar que demandara sua presença – o general de brigada **Antônio Ferreira Marques**, ninguém menos que o *Chefe do Estado Maior do II Exército* – fizesse registrar a chegada do prisioneiro em São Paulo, nestes termos: “...por volta de 13:00 horas, sendo conduzido diretamente para o DOI/CODI/II Ex. Em lá chegando, constatou-se que seu estado de saúde merecia cuidados especiais. Imediatamente foi examinado por um médico que aconselhou seu internamento. No mesmo dia, 24 de abril, às 17,30 horas, o paciente HILÁRIO deu entrada no Pronto Socorro do Hospital das Clínicas. Após os exames de praxe, chegou-se à conclusão que o paciente devia ser submetido à uma intervenção cirúrgica, o que ocorreu na manhã do dia seguinte. Como o estado pós operatório do paciente exigisse medidas de precaução, por prescrição médica as visitas foram proibidas...” (grifamos) (9).

Hilário não morreu, quase por milagre, graças às cinco cirurgias pelas quais passou, em menos de um mês, no *Hospital das Clínicas* da *USP*, a primeira delas, como referido acima, em 25 de abril de 1975; e as demais em 02, 10, 13 e 16 de maio seguinte. Como o local atingido registrava grande risco de contaminação – pois o paciente permaneceu, por horas, com a massa de sangue e fezes na

cavidade abdominal – foram necessárias as cinco laparotomias exploradoras realizadas naquele nosocômio.

E mesmo depois, já removido para Porto Alegre, em julho daquele ano, foi submetido a mais quatro procedimentos cirúrgicos, com a mesma finalidade, estes realizados no *Hospital Geral da Guarnição de Porto Alegre* – mais conhecido como *Hospital Militar*.

Hilário Pinha foi salvo, mas ao custo de perder grande parte dos intestinos – delgado e grosso – com redução notável da capacidade de assimilação dos alimentos, limitada a cerca de vinte por cento; desde então, foi obrigado a seguir dieta especial e severa; além disso, perdeu também a capacidade laboral, com grande prejuízo a si e à sua família (mulher e filha pequena), sendo sustentado por algum tempo pelos irmãos.

Em 1979, ingressou com *ação declaratória* contra a **União Federal**, visando a obter, e obtendo, a declaração da responsabilidade civil da ré pelos danos, físicos e morais, que lhe foram causados em virtude do martírio sofrido de parte dos agentes de seu sistema repressivo político.

A sentença proferida naquele feito é a primeira do gênero a transitar em julgado na Justiça brasileira, reconhecendo ainda em plena ditadura, a relação jurídica de responsabilidade da **União** pelos prejuízos acarretados às vítimas da ação dos membros da chamada *comunidade de segurança e informações*. Muito embora a demanda movida pela viúva e o filho de **Wladimir Herzog** – ele também, militante do *Partidão*, preso, torturado e morto na mesma época – tenha sido ajuizada antes e, inclusive, inspirado a ação aforada por **Hilário**, a decisão proferida nesta última tornou-se definitiva antes daquela.

Os acontecimentos de 1975, envolvendo as prisões dos membros do *PCB* ocorridas em nosso estado, como de resto nas principais cidades do país, são especialmente reveladores no que respeita à sobrevivência ativa, ainda nos primeiros meses da administração de **Ernesto Geisel** – o quarto ditador, que assumira sob a égide do processo de abertura, “lenta, gradual e consentida” – das agências de repressão política criadas pelos governos ditatoriais.

O paradoxo se explica: de um lado, a intensificação da ação repressiva destas últimas expressa o conflito interno vivido então no interior do regime, com o desafio proposto ao governo pela extrema

direita militar, representada pelo então ministro do Exército, **Sílvio Frota**, expoente da chamada “linha dura”. E de outra parte, a máquina de vigiar e punir do poder instituído precisava, continuamente, justificar-se e a os seus privilégios, corporativos e pessoais.

Apesar da maioria das vítimas destes episódios já estarem mortas, a *Comissão Estadual da Verdade* conseguiu colher os depoimentos de alguns protagonistas – como é o caso do advogado **Honório Campos Peres**, vítima na ocasião de sequestro, prisão ilegal e tortura; e também de **Ana Eni Machado Millan** e **Werner Becker**, que depuseram como testemunhas, tendo em vista sua atuação, à época como advogados de perseguidos políticos (10).

E para complementar as informações ali obtidas, a Comissão organizou dossiê específico, formado por peças dos inquéritos policiais e ações judiciais instaurados sobre aqueles fatos, acompanhadas de matérias jornalísticas a seu respeito, além do minucioso testemunho escrito, de autoria de **Hilário Gonçalves Pinha** (ele próprio já falecido) (texto incompreensível).

Esta é a síntese dos impressionantes relatos coletados por este Colegiado, acerca do processo massivo de encarceramento dos militantes dos grupos clandestinos de oposição ao regime militar, desencadeado em nossa capital a partir de março e abril de 1970, e que se desdobrou até pelo menos 1975, com as prisões dos membros do *PCB* ocorridas ao longo deste último ano.

Ao encerrar o presente relatório, cabe reproduzir a menção, feita por quase todas as pessoas que depuseram a esta Comissão, no sentido de que os terríveis suplícios físicos que lhes foram infligidos, mais do que arrancar-lhes confissões, ou obter informações, visavam à submissão, senão à destruição de suas personalidades – como homens e mulheres autônomos, cidadãos e cidadãs críticos, indivíduos ativos e independentes.

Finalidade esta que, felizmente, em relação a todos eles, malgrado os sofrimentos, passados e ainda presentes, não foi atingida!

Carlos Frederico Barcellos Guazzelli

Coordenador da *Comissão Estadual da Verdade*/RS

TABELA PARCIAL DAS VIOLAÇÕES – COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE RS¹

NOME/DEPOENTE	VÍTIMA/TESTEMUNHA	TIPO DE VIOLAÇÃO	LOCAL ESTRUTURA	ÉPOCA	ORGANIZAÇÃO	VIOLADORES	OUTRAS INFORMAÇÕES
Abraão Antônio Dorneles	Vítima/ Testemunha	Torturas; Perseguição Política	Delegacia de Polícia de Três Passos/RS	1964	Grupo dos Onze	Não foram informados nomes.	Citou outras pessoas que pertenciam ao Grupo dos Onze na localidade de Três Passos/RS, que também passaram por violações, entre elas seu irmão Valdeitar Dorneles.
Adão Domingos dos Santos	Vítima/ Testemunha	Prisão ilegal; Sequestro; Torturas; Perseguição Política	-DOPS Estadual/RS; -Presídio Central POA/RS -18º RI-POA/RS;	1970-1973	MDB; PTB Acusado de pertencer ao M3G	“Cabral”; “Cardosinho”; “Cardoso”; Nilo Hervalha”; Paulo Malhaes; Pedro Seelig	Citou outras três pessoas que passaram por violações: Leonel Maria Leal, Edmur Péricles Camargo; e Angelo Cardoso da Silva (taxista, morto em cela do Presídio Central de Porto Alegre, em maio de 1970, morte atribuída pelas autoridades como suicídio).
Adão Martins	Vítima	Prisão ilegal; Sequestro; Torturas; Perseguição Política	Delegacia de Polícia de Frederico Westphalen/RS	1964	Grupo dos Onze	Não citou nomes dos violadores	Não citou nomes de outras pessoas que sofreram violações.

1 Disponível em: <<http://www.comissaoda verdade.rs.gov.br/conteudo/1579/tabela-das-violacoes---comissao-estadual-da-verdade-rs>>. Acesso em: abr./maio 2015.

NOME/ DEPOENTE	VÍTIMA/ TESTEMUNHA	TIPO DE VIOLAÇÃO	LOCAL ESTRUTURA	ÉPOCA	ORGANIZA- ÇÃO	VIOLADORES	OUTRAS INFORMAÇÕES
Airton Antônio Castagna	Vítima/ Testemunha	Prisão ilegal; Sequestro; Perseguição política; Torturas; Violência sexual	-Quartel da BM- Praia de Belas/ POA (1968); -Delegacia de Polícia de Pal- meira das Mis- sões/RS (1970); -DOPS Estadual RS (1970-1971); -6º Batalhão de Engenharia e Combate de São Gabriel/RS (1970); -Ilha do Presí- dio/POA (1972)	1968; 12/12/1970 a 24/12/1972	VPR	Átila Rohrsetzer; "Botomé"; "Cabral"; "Cardoso"; Nilo Hervalha, Paulo Malhães; Pedro Seelig, "Rosa"	Citou outras doze pessoas que passaram por violações: Gregório Mendonça; Carlos de Ré ("Minhoca"); Antonio Carlos Chagas; Igeu Menegon; Félix Silveira da Rosa Neto; Igeuz Maria Serpa Ramminger; Gustavo Buarque Schiller; Grillo; Canites Suzuki; Carlos Araújo; Dilma Rouseff; Diógenes Sobrosa de Souza.
Alfredo Daudt Junior	Vítima/ Testemunha	Prisão ilegal; Sequestro; Tortura; Violência psicológica; Perseguição Política; Cassação; Exílio.	-Base Aérea de Canoas (BACO); -Vº Coman- do Aéreo (Vº COMAR; -Antiga sede da PE/POA.	1961 - 1964	-Aeronáutica.	Não foram indi- cados nomes de violadores.	O depoente citou as violações in- fligidas a seu pai, Alfredo Daudt , capitão da Força Aérea à época do golpe militar; e também narrou as perseguições que ele próprio sofreu na Escola de Cadetes do Ar em Barbacena/ MG.

TESTEMUNHAS DE UMA BARBÁRIE:

Uma perspectiva da injustiça a partir das vítimas do estado de exceção, Brasil 1964-1988

NOME/ DEPOENTE	VÍTIMA/ TESTEMUNHA	TIPO DE VIOLAÇÃO	LOCAL ESTRUTURA	ÉPOCA	ORGANIZA- ÇÃO	VIOLADORES	OUTRAS INFORMAÇÕES
Almoré Zoch Cavalheiro	Vítima/ Testemunha	Prisão ilegal; Sequestro; Torturas; Violência psicológica; Perseguição Política; Cassação.	-Local conhecido do como "toca" (antiga sede da PE/POA).	1964	-Exército Brasileiro; -Deputado Esta- dual/RS (cassa- do em 1963).	Não foram indi- cados nomes de violadores.	-Citou sua atuação política no movimento dos sargentos, sua eleição a deputado estadual e posterior cassação, o que causou a "revolta dos sargentos", em 1963.
Ana Eni Millan	Testemunha	Prisão ilegal; Torturas; Sequestro; Violência psicológica; Condenações	-Dopinha RS; -DOPS/RS -Polícia Federal (POA)	1970	Advogada	Não foram informados nomes.	Foi testemunha, como advogada, dos casos de violação sofridas por: Nilce Azevedo; Vítor Leti- cia; Vera Stringuini; Nara Helena Machado; Roaldo Machado; Inês de Castro; Guy Vallet.

TESTEMUNHOS E NARRATIVAS DA REPRESSÃO

TESTEMUNHO DE ANTÔNIO CECHIN

Fragmentos do testemunho gravado em vídeo.¹



(.....)

Eu sou irmão Antônio Checin, sou Marista. Trabalhava na coordenação da Pastoral da juventude da Igreja católica, principalmente no (JEC).

(.....)

Tudo isso iniciou no Brasil na homilia de dom Helder Câmara, grande historiador, um dos maiores bispos do Brasil. Quando ele fundou a CNBB, tinha um padre que se chamava padre Orestes Stragglioto (da Itália), trabalhava na evangelização da paróquia São José Murialdo, em 1963, trabalhou com os jovens e fundou o CECA (Centro de Evangelização da Catequese). Padre Orestes me colocou como responsável pela catequese. Junto com o padre Orestes, fundamos o CNBB sul três, que preparava a catequese libertadora, foi também o caminho à teologia da libertação com pauta na preferência pelos pobres baseada na teoria de Paulo Freire. Na teoria de Paulo Freire existe três pontos essenciais (*Educação prática à liberdade, pedagogia do oprimido e a pedagogia da indignação*).

(.....)

Voltamos da conferência de Medellín com a ideia das CEB's e pregávamos a revolução e mudanças radicais, porém a própria Igre-

1 Víde disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZWG50VaFzuE> ou como anexo no DVD.

ja estava cada vez mais fechada e colocava bispos (Dom Padim) para controlar os movimentos sociais e a juventude desses movimentos. Mas, em vez de mudar a cabeça dos jovens, os jovens les mudavam a cabeça do bispo. Essa juventude, no dia de 31 de março (1964), iniciou a revolução no Brasil. Aos poucos a ditadura foi dissolvendo tudo que era de movimento popular (destituíram os sindicatos...), e o único lugar que a ditadura não podia mudar era os ministérios da Igreja. A Igreja era o único espaço que a ditadura não podia mexer, nomear ou destituir. Houve, nesse período, 10.000 jovens na cadeia.

(.....)

Na época da ditadura, São Leopoldo era um epicentro muito forte de líderes religiosos (Frei Beto foi preso no CECREI em São Leopoldo).

O irmão provincial mandou me dizer que iria ser preso, pois junto com ele saímos de madrugada para ir na fronteira com Uruguai e fugir para o exterior.

Domingo de tarde, de repente bateram na porta perguntando pelo padre Cechin, a praça estava cheia de militares. Eles pegaram um dos padres e, quando viram que não era Cechin, entraram com metralhadora. Levantaram a metralhadora para mim e depois entraram no apartamento, examinaram toda a biblioteca e levaram mais de 100 livros. Passei a noite inteira preso, sentado no chão num frio de cão. Todo o interrogatório era sobre Carlos Alberto Libânio Cristo, o frei Beto, primo de Libânio, Jesuítas, visto como subversivo e estava sendo cassado pela polícia porque tinha um esquema de levar para fora do Brasil uma turma. Ele foi preso no mesmo dia do que eu. Nós tínhamos um movimento de AP (Ação Popular) de pessoas da Igreja e também como grande personagem tinha a Martha Heincker que teve doutorado em Marxismo, estudando na França com um grande professor Altusser (ideólogo do partido comunista francês). Ela escreveu mais do que trinta (30) livrinhos sobre o marxismo.

Na segunda vez que fui preso era no ano 1971-1972. Esta vez a prisão foi pela relação com os Tupamaros (grupo guerrilheiro do Uruguai) ...

Naquela época os uruguaios achavam que o Brasil iria invadir o Uruguai, já que nesse mesmo período o cônsul brasileiro foi sequestrado em Uruguai. Nós estávamos trabalhando nos municí-

pios da fronteira, Bagé e outro, com a fichas da catequese libertadora. Conosco estava um padre Uruguaio, Juan Rangel, que era amigo e tinha vínculos com os tupamaros. Ele era assistente espiritual em Bagé e morava na mesma casa que eu morava. Também havia outro companheiro, que se chamava Jhon Right, que faleceu na prisão e foi assassinado porque formava parte do sindicato em Santa Catarina, seu irmão foi morto na cadeia (Schneider Right), que escreveu "*Brazil nunca mais*". Esse amigo, Schneider Right, que morava comigo, dormiu um dia e saiu à noite. Ao sair deu a chave para um outro amigo para que ele a entregasse para nós. Ocorreu que esse amigo foi preso e pela chave chegaram no nosso apartamento.

Depois de algumas horas, chegaram a casa os militares. Penderam me e me torturam dando choques elétricos. Escutava os gritos de torturados. Deram também soros da verdade. O padre foi colocado no canto como testemunho para dizer que não foi torturado. A cada sessão de choques elétricos tinha um médico que segurava o pulso. Até hoje tenho tremor. Nesses momentos, a gente entra num momento inimaginável. Esses choques foram dados às vezes nas mãos, nas pernas, às vezes nos testículos. Um braço era controlado por alguém, eu acho que era médico ou psicólogo. Na segunda vez que fui preso, dom Vicente me ajudou. Fiquei um mês no centro de um sanatório de São José, pagou pelos maristas. Fiquei um mês descansando e depois minha irmã veio me pegar. Os torturadores eram funcionários públicos e no momento da tortura eles gozavam, tinham o maior prazer nisso. Depois da tortura eles deram papéis assinados para ir diretamente ao sanatório.

TESTEMUNHO DE BONNA GARCIA

Fragmentos do testemunho gravado em vídeo.¹



(.....)

Num debate na TVE, com uma pessoa convidada, quando terminou a entrevista, tinha uma jornalista que me passou uma pasta de documentos. E quando abri, você não tem ideia o que estava lá dentro, chamei a imprensa e divulguei. Tinha documentos que falavam sobre a morte de pessoas que tinham matado na fronteira com Argentina... etc. Tinha um documento sobre um padre que rezava missa na Igreja santa Cecília, a pessoa estava acusando o padre de ser comunista porque o padre estava fazendo um sermão sobre “é mais fácil que um rico entra no céu..”, e ele mandou para CNI (Comitê Nacional de Investigação), pois certamente é comunista. Éramos proibidos de transitar na calçada da rua do colégio. O comandante Grebeles era doente, paranoico, porque enxergava comunista em todo e qualquer lugar. A gente não queria conversa, queríamos uma mudança, uma revolução. A ditadura falhou muito ao não querer que a gente reunisse. Se tivesse cinco ou a mais pessoas reunidas, seriam comunistas ou eram contra o governo. A partir daí, a gente queria uma coisa nova. Nós criticávamos o partido comunista porque não tinha enfrentado a ditadura, não tinha uma reação contra o regime, era um pecado capital.

1 Víde disponível em <https://youtu.be/u3pMGsnRmOU> ou como anexo no DVD.

(.....)

Nós rompemos de forma radical e fundamos a unidade da Vanguarda Popular Revolucionária no Rio Grande do Sul (VPR-RS), ligado a Carlos Lamarca. A VPR praticava a luta armada e pretendia montar uma unidade de guerrilha. Compramos uma área perto do rio de Uruguai. Eu estava na incumbência de levar um caminhão frigorífico com peixe, porem dentro do peixe tinha armamento para a guerrilha, eram metralhadoras, revolveres etc. Nos comprávamos do próprio exército. De onde veio este dinheiro? Nós tínhamos a apropriação bancaria, conhecido em nome de (POMPOS). Fizemos intervenção no Rio Grande do Sul. Numa dessas ações armadas eu tinha um lugar preferido, como naquela época não tinha Motel, quando as pessoas namoravam em algum lugar no morro, nós íamos pegar os carros deles para fazer as ações. Mas o essencial era ter armas para montar a guerrilha.

(.....)

Naquela época nós tínhamos uma alta dose de romantismo. É como si o mundo girasse em torno de nós. Nós oferecíamos a nossa vida contra a ditadura, era a nossa vida. No final do julgamento, o juiz me deu um minuto, por se tinha algo para dizer. Daí falei que sim tivesse que fazer aquilo de novo, eu o faria. No dia que fui preso, a gente estava tentando sequestrar um cônsul em Porto Alegre para tirar colegas na prisão. Um dos nossos colegas não resistiu às torturas e deu o nosso endereço. A polícia chegou e fui apanhando muito: dando soco forte. Tinha uma chave na mão, quando caí a coloquei na gaveta para não descobrir onde morava. A gente tinha uma parte de fachada e todos nós tínhamos aparelho para fazer as ações.

Na cadeia, quando tiravam o capuz, percebia-se que o lugar era um matadouro, pelo tanto de sangue que tinha lá dentro. Na nossa sala tinha umas 20 pessoas, inclusive Rui Falcão que é o atual presidente do PT. Para o Rio Grande do Sul vieram, do Rio de Janeiro, dois especialistas em tortura: Cabral e Malhões. Esses torturavam com técnica e com a maior frieza. Tinha muitas alas, a cada momento se apanhava por todos pela mesma coisa, porque a informação era poder para os torturadores. As pessoas passam apanhando ou escutando outras pessoas apanhar o dia todo. Choque no testículos em todo e qualquer lugar, colocavam o fuzil na vagina da mulher, faziam

pressões psicológicas dizendo que iam te matar. Teve uma noite que alguém falou que quem levava as armas era Bonna Garcia, ai sofri tanto choque, que faíscas e fumaça saiam de mim. Botaram-me um fio no ouvido e outro fio no pé esquerdo, o choque era devastador. Quando voltei de fora (exílio) e entrei no Brasil, fiz questão de denunciá-lo, era o coronel Adila Locheld. Este coronel era psicologicamente doente, estava dando choque elétrico e escutando música clássica, falando com os filhos.

Estava lá um médico..... Este medico, me lembro bem que ele falou que podia me bater porque podia aguentar, mas eu não tinha nem mais força de falar. Vieram inspetores, Joaquim estava chorando de tão mal que a gente estava, com cheiro de queimado. Pedro enlouqueceu. Quando se está nesta situação, tem que inventar uma história e ficar sempre nesta história para não machucar ninguém e não perder a razão. Naquele dia eu arranquei os fios do meu cabelo, fui em cima de Pedro e disse: filho da puta eu vou te matar. Pedro escrevia o meu nome e colocava num papel. Quando disse para ele que a chave estava na sua gaveta ele parou de ficar enlouquecido. A tortura é um negócio muito difícil de descrever, depende de pessoa a pessoa.

Teve uma pessoa que não aguentou a tortura e os levou até a casa de um companheiro perto de **Caxias**. Os caras perguntaram par ele se reconhecia quem eu sou, respondeu que não, eles lhe pegaram nos testículos, lhe puxaram pelos testículos e amaram junto com o Jeep (**carro**) e o órgão fica deste tamanho. Mesmo assim ele não falou. Teve uma moça estudante de medicina, o nome dela era Maria Auxiliadora, mataram o marido, mas ela não falou. Traziam presos comuns **para se** masturbar em cima dela, enfiando o bico do **fuzil** na vagina dela. Ela não se aguentou, depois de sua saída e acabou se jogando debaixo de um trem na Alemanha. Eles mataram Cazelo do Danilo, mataram Calixto Camargo, o frei Tito não se aguentou e se enforcou. O Gustavo Chiller (Bicho) que era um rapaz, o quebraram, não se aguentou também e acabou se jogando do oitavo andar de um prédio do Rio de Janeiro. Na Tortura de Tito, o dominicano, eles se vestiam de religiosos e estavam falando em nome do papa. Os torturadores diziam que eram Cristo e que Tito não era padre, que era o demônio incorporado nele, que ele traiu Deus.

(.....)

Uma grande parte deles (torturadores) eram como cães rai-vosos. A excitação (dos torturadores) é uma coisa impressionante. A maioria dos torturadores chegavam ao orgasmo, eles gozavam somente com ver o sofrimento alheio. Isso mostra, a doença dessas pessoas que sentem prazer ao ver outras pessoas sofrendo. Por isso mencionei que são pessoas doentes. No esquadrão da morte falavam: nós temos a vida de vocês em nossas mãos, quando não queiramos mais nada com vocês, nós os mataremos. Quando alguém é preso na clandestinidade, nem a sua família sabe disso. Eles arrancaram tudo de você e depois falam que você for morto por suicídio ou algo assim. A tortura é algo que sempre existiu e continua existindo, olha o que aconteceu recentemente no Rio de Janeiro quando a PM tentou matar ou sufocar um preso com o saco plástico. O que eles fizeram com as pessoas casadas! Às vezes abusavam da companheira passando a mão, abusavam na frente do companheiro. No dia dos namorados, organizavam a tortura fazendo que a namorada fosse torturada na frente do companheiro e **vice-versa**. Nem o Dante conseguiria relatar, é o inferno! O choque é algo apavorante. A única coisa que se pode pensar é que se morrer a coisa vai acabar.

TESTEMUNHO DE JAIR KRISCHKE

Fragmentos do testemunho gravado em vídeo.¹



1 Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=unCdcqiQ3DU&feature=youtu.be> ou como anexo no DVD.

TESTEMUNHO DE NILZE CARDOSO

Fragmentos do testemunho gravado em vídeo.¹



(.....)

Eu era muito religiosa no interior de São Paulo, por isso participei na JUC (Juventude Universitária Cristã) que era coordenada por Taupe e tinha um pastor que fazia parte de um grupo ecumênico e o método era *Ver-Julgar-Agir*. Encontrei também o irmão Cechin que me contava sobre aquilo. Era um método de análise sobre a conjuntura da realidade. Teve um jovem que falava que era comunista, daí eu falei não! Depois ele começou a explicar o que é comunismo, porque no interior de São Paulo, na Igreja e na missa, falavam e contavam que o comunismo era contra a crença, e a minha mãe e o meu pai nem podiam saber disso.

(.....)

Trabalhei na fábrica. Nós montamos uma saída porque a gente tinha que largar a família e alguns laços. Meu primeiro casamento foi com Antônio Gomes Ramos e o padrinho foi Antônio Soligo, no Butantã, e ficamos um bom tempo fora. Vivemos como operários num bairro que tinha muita pobreza e aprendemos muito deles e com eles.

Muita gente da Ação Popular (AP) foi presa em 1973. Foi a maior queda do movimento. Mauro entregou todos os endereços e simpatizantes. Ele até disse para não entregar o Jaime, ele me entre-

¹ Vídeo disponível em <https://youtu.be/Nf6e1YKGY2A> ou como anexo no DVD.

gou. Foram pegando um por um. É um momento em que a pessoa não tem tempo mais, e o tempo do relógio não adianta mais. Eles me levaram no carro, jogaram me e colocaram o capuz. Quando enfiaram o capuz eu fiquei dura sem reação, estiquei, daí eles começavam a dar pontapé. Fui presa na Oscar Pereira, pelo DOPS, fui levada ao João Pessoa e a Ipiranga, onde encontra-se a Secretaria de Segurança Pública agora. Me deram mais pontapé, me empurravam e daí entrei direto para a sala de tortura. As pessoas torturadas eram reduzidas até destituí-la em nada, em nada corporal, nada psíquico, nada mesmo, e tudo estava escrito. Eu estava lá no meio de muitos homens que me mandaram tirar a roupa. Imagine você está lá nua. Fizeram para eu ouvir tudo que tinha que ouvir. Depois tiraram o capuz asseguraram meu cabelo e começaram a sopear, pontapé, soco e tudo mais. Até hoje eu sonho com isso. Ser torturado já basta, porque é uma quebra interior, é uma destruição indiscutível e horrível.

(.....)

Eu me pergunto, como este ser humano (o torturador) faz isso e como um ser humano chega a este ponto. Eu acho que são profissionais. Têm alguns que são perversos, são ávidos de ver o sangue, e gostam de ver o outro sofrer. É por isso tem que se recuperar essas coisas hoje. Se você for ver, hoje continua a tortura de muitas formas, até as mulheres são torturadas dentro de suas próprias casas quando sofrem violência por seus companheiros. Eles (torturadores) foram formados para isso. Dentro deles sentiam que tinham direito de fazer isso porque deviam que acabar com o comunismo que, supostamente, ia acabar com o nosso país. Eles tinham essa convicção..... Até os socos do cara ficaram marcados no meu corpo e até hoje eu estou fazendo ressonância magnética como tratamento.

Começavam os choques. Pegaram minha carteira de identidade e perguntaram meu nome. Cada vez que eu lembrava e falava o meu nome, eles me davam um choque a mais. Deram-me mais choques e mais socos até que eu esquecesse o meu próprio nome. Na luta armada dos movimentos, o objetivo era assegurar a informação 24h, depois pode abrir as informações. A nossa luta era assegurar as informações tudo quanto pudermos. As minhas informações eu guardei o tempo todo, não revelei nada porque sabia que seria morta de qualquer modo.

(.....)

Nesse período, a sala fica cheia de sangue e tudo mais. Alguns foram almoçar e depois voltaram e me colocaram no pau de arara. Foi uma coisa horrível. A pessoa ficava de cabeça para baixo, fica lucida porque o sangue circula, aí eles começavam a dar choque de maneira mais organizada parte por parte. De tempo em tempo, me tiravam e massageavam. Eu já tinha perdido os movimentos dos pés. Neste momento chegava outro almoço.

Outras pessoas falaram para mim que tinha que caminhar. Depois do almoço, eles voltaram com as perguntas. Eu me prometi a mim mesma que não iria responder nenhuma pergunta. Optei por ficar em silêncio para não falar a nenhuma das perguntas que me faziam, mas o meu silêncio incomodava muito a eles. Posteriormente, depois que fui libertada, a psiquiatra que me tratou falou-me deveria ter gritado, porque gritar traz outras consequências. Mas falei para ela que eu optei pelo silêncio como um meio de ser dona da minha verdade e dos meus pensamentos. Eles me deram pontapé na cabeça, no rosto e todo qualquer canto do corpo. Outras mulheres foram estupradas de outras formas, eu fui estuprada pelas mãos, porque eles me deram choques e colocaram o fios do material do choque dentro do meu útero e me queimava por dentro. Você imagina o cheiro que produz? Comecei a perder muito sangue e eles botaram um bacia debaixo e um jornal debaixo para enxugar o sangue. Teve um que entrou e disse: nós pegamos a mulher errada. Ele disse, você não ouviu quem é ela? Daí o choque foi mais intenso.

A condição humana submetida aos choques, com a perda de sangue, naquela situação, de repente, parece que a unidade do ser humano não existe mais e todo corpo está despedaçado para todo e qualquer canto. Parecia que queriam separar o corpo da alma, porque você não sabe quem é você. Eu não sentia o que eu era! É inimaginável o que um ser humano pode fazer contra um outro ser humano. Por exemplo, o frei Tito foi rompido, Sobroza foi rompido. Realmente a tentativa deles era fazer isso. Somente devem ficar algumas partes despedaçadas, alguns fragmentos desligados entre si. Este terror que sofri é indescritível. Em alguns momentos, cada vez eu me lembro do horror, me rompo com isso. Tentei me ajudar com a fisio, mas não me ajudou. Acho que tenho um psiquismo forte na família, o amor

e a alegria que a gente vivia eram muito importante para sobreviver. Pensei: aqui é a morte! Eu queria parar de respirar e morrer, mas ninguém consegue parar de respirar porque a sobrevivência é mais forte.

Consegui ficar em coma porque perdi muito sangue. Eles me davam, cada vez, um banho frio à noite e a cada momento choques. O médico falou: ela está viva, ela aguenta. O médico enfiava uma agulha para ver si eu estava sentindo algo. Ele botou uma luz no olho e viu que entrei em coma. Levaram-me ao hospital. Eu tinha todas as informações, conhecia todos os meus contatos porque convivia com todos eles no trabalho, nas casas deles e tudo mais. Por isso que deveria ser compartimentado o trabalho. Fiquei oito dias em coma e perdi 5 kg. Vi a recuperação humana, e quando me olhei no espelho toda peluda, pedi uma gilete. Eles achavam que iria me suicidar. Quando me deram a gilete, comecei a tirar os pelos de mim, debaixo dos meus braços e tudo mais. Eu estava quebrada, todo meu útero estava queimado. Ao voltar da sala, eles fizeram uma roda e me perguntavam se eu conhecia fulano, e tudo mais, e respondi que não. Uma dessas pessoas era o meu ex-marido. Voltei para a sala e pensei: vai ser para eu apanhar de novo.....

TESTEMUNHO DE RAUL PONT

Fragmentos do testemunho gravado em vídeo.¹



¹ Vídeo disponível em https://youtu.be/nYPa_LST5Y ou como anexo no DVD.



CASA LEIRIA
Rua do Parque, 470
São Leopoldo-RS Brasil
Telefone: (51)3589-5151
casaleiria@casaleiria.com.br



“O Brasil ainda precisa aprender a virar esta página. Não se termina um livro sem virar a última página. O problema é que nós não lemos porque ainda faltam pedaços. Muitas lágrimas já foram e nos atrapalharam na leitura, mas nós precisamos delas e talvez de mais ousadia e audácia, pois precisaremos de justiça.”

Nilze Azevedo Cardoso

ISBN 978-85-61598-99-0



9 788561 598990 >